SÉRIE

HUSH, HUSH

BECCA FITZPATRICK



BOX DIGITAL


You
Tube


intrínseca

Sumário

Trilogia Hush Hush Box Digital
Mídias sociais

Sussurro
- Folha de rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Epígrafe
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23

Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Agradecimentos

Crescendo
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25

Silêncio
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

Finale
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20

Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Epílogo
Agradecimentos

Sobre a autora


BECCA FITZPATRICK
sussurro
HUSH, HUSH

BECCA FITZPATRICK

sussurro

HUSH, HUSH

TRADUÇÃO DE LIVIA DE ALMEIDA



Copyright © 2009 Becca Ajoy Fitzpatrick

Foto da autora © Ali Eisenach

TÍTULO ORIGINAL
Hush, Hush

PREPARAÇÃO
Liciane Corrêa

REVISÃO
Ana Julia Cury
Marina Vargas

REVISÃO DE EPUB
Lilian Franco

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN: 978-85-8057-292-6

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA HEATHER, CHRISTIAN E MICHAEL.
NOSSA INFÂNCIA FOI PURA IMAGINAÇÃO.
E PARA JUSTIN. OBRIGADA POR NÃO TER ESCOLHIDO
A AULA DE CULINÁRIA JAPONESA — AMO VOCÊ.



…DEUS NÃO PERDOOU AOS ANJOS QUE PECARAM,
MAS OS LANÇOU AO INFERNO
E OS ENTREGOU ÀS CADEIAS DA ESCURIDÃO,
FICANDO RESERVADOS PARA O JUÍZO…
— 2 PEDRO 2:4



P R Ó L O G O



VALE DO LOIRE, FRANÇA
NOVEMBRO DE 1565

Chauncey estava com a filha de um lavrador na relva às margens do rio Loire quando a tempestade se aproximou. Por ter deixado sua montaria perambular pela campina, ele não tinha opção a não ser voltar para o castelo com os próprios pés. Arrancou uma fivela de prata do sapato, colocou-a na palma da mão da moça e observou enquanto ela se afastava correndo, a barra das saias imunda de barro. Em seguida, calçou as botas e partiu para casa.

A chuva desabava pelos campos cada vez mais escuros nos arredores do Château de Langeais. Chauncey caminhava com segurança sobre os túmulos afundados e as folhas podres do cemitério. Mesmo na neblina mais espessa ele conseguia achar o caminho de volta, e não tinha medo de se perder. Não havia neblina naquela noite, mas a escuridão e a crueldade da chuva já criavam dificuldades suficientes.

Chauncey captou um movimento com o canto do olho e voltou bruscamente a cabeça para a esquerda. O que à primeira vista parecera ser uma enorme estátua coroando uma sepultura próxima ergueu-se majestosamente. Não era feita nem de pedra, nem de mármore. O garoto tinha braços e pernas. O peito estava despido, os pés, descalços, e calças de camponês pendiam abaixo da cintura. Ele desceu da lápide com as pontas dos cabelos negros encharcados pela chuva pingando. As gotas desciam por seu rosto, que era tão moreno quanto o de um espanhol.

A mão de Chauncey dirigiu-se ao punho da espada.

— Quem está aí?

A boca do jovem esboçou um sorriso.

— Não brinqueis com o duque de Langeais — avisou Chauncey. — Perguntei seu nome. Dizei-o.

— Duque? — O rapaz apoiou-se no tronco sinuoso de um salgueiro. — Ou bastardo?

Chauncey desembainhou a espada.

— Retirai o que dissestes! Meu pai foi o duque de Langeais. Eu agora sou o duque de Langeais — acrescentou, amaldiçoando-se pela maneira desajeitada como dizia aquilo.

O jovem sacudiu a cabeça devagar.

— Vosso pai não era o velho duque.

Chauncey enfureceu-se diante de um insulto tão ultrajante.

— E *vosso* pai? — questionou, estendendo a espada. Ainda não conhecia todos os seus vassalos, mas estava aprendendo. Guardaria na memória o sobrenome do rapaz. — Vou perguntar mais uma vez — disse em voz baixa, passando a mão no rosto para tirar a água da chuva. — Quem sois vós?

O jovem aproximou-se e afastou a lâmina para o lado. Subitamente, parecia mais velho do que Chauncey supunha, talvez até mesmo um ou dois anos mais velho que o próprio Chauncey.

— Sou da prole do demônio — respondeu.

Chauncey sentiu uma onda de medo invadi-lo.

— Vós sois completamente lunático — disse entre dentes. — Saí de meu caminho.

O chão cedeu sob os pés de Chauncey. Chamas douradas e vermelhas apareceram diante de seus olhos. Encurvado, com as unhas fincadas nas coxas, ele elevou o olhar para observar o garoto, piscando e arfando, esforçando-se em compreender o que se passava. Sua mente vacilava como se não estivesse mais sob seu controle.

O rapaz agachou-se para que seus olhos ficassem na mesma altura dos de Chauncey.

— Escutai com atenção. Preciso de um favor vosso. Não partirei até consegui-lo. Vós me compreendeis?

Rangendo os dentes, Chauncey sacudiu a cabeça para exprimir descrença — e desafio. Tentou cuspir no jovem, mas a saliva escorreu pelo queixo. A língua recusava-se a obedecer-lhe.

O jovem envolveu as mãos de Chauncey nas suas. O calor era causticante e o duque soltou um grito.

— Preciso de vosso juramento de fidelidade — disse. — Ajoelhai e jurai ser meu servo.

Chauncey quis soltar uma gargalhada grosseira, mas sua garganta se fechou e o som foi sufocado. O joelho direito dobrou-se como se tivesse recebido um chute por trás, mas não havia mais ninguém ali. Chauncey desabou na lama. Virou-se de lado e vomitou.

— Jurai — repetiu o rapaz.

O calor queimava o pescoço de Chauncey. Ele precisou de toda a sua energia para cerrar levemente os punhos. Riu de si mesmo, mas não havia graça. Não sabia como era possível, mas a náusea e a fraqueza que o dominavam provinham do jovem. Não se livraria daquilo se não prestasse o juramento. Ele diria o que precisava dizer, mas jurou no fundo de seu coração destruir o jovem para se vingar da humilhação.

— Senhor, torno-me vosso servo — disse Chauncey, malignamente.

O rapaz pôs Chauncey de pé.

— Encontrai-me aqui no início do mês hebreu do Cheshvan. Precisarei de vossos serviços nas duas semanas entre a lua nova e a lua cheia.

— Quase uma… *quinzena*? — O corpo inteiro de Chauncey tremia sob peso de sua ira. — *Sou o duque de Langeais!*

— Vós sois um nefilim — disse o jovem com um meio sorriso.

Chauncey tinha um xingamento na ponta da língua, mas o engoliu. As palavras seguintes foram pronunciadas com fria perversidade.

— O que acabastes de dizer?

— Vós pertenceis à raça bíblica nefilim. Vosso verdadeiro pai foi um anjo expulso do céu. Metade de vosso sangue é mortal — os olhos escuros do rapaz se ergueram, encontrando os de Chauncey —, metade é de anjo caído.

Das profundezas de sua mente, Chauncey voltou a ouvir a voz de seu tutor, lendo trechos da Bíblia que falavam de uma raça degenerada, fruto da união carnal de anjos expulsos do céu e mulheres mortais. Uma raça temível e poderosa.

Um arrepio que não era inteiramente de repulsa atravessou Chauncey.

— Quem sois vós?

O rapaz se virou e começou a se afastar. Embora Chauncey quisesse segui-lo, não conseguiu obrigar as pernas a aguentar o próprio peso. Ajoelhado ali, com os olhos fustigados pela chuva, viu duas cicatrizes largas nas costas nuas do jovem. Elas se aproximavam, formando um V de cabeça para baixo.

— Vós sois… caído? — perguntou. — Tivestes as asas arrancadas, não?

O rapaz, anjo, seja lá quem fosse, não se virou. Chauncey não precisava de uma confirmação.

— O serviço que vos devo prestar — gritou —, exijo saber do que se trata! O riso grave do jovem ecoou pelo ar.

CAPÍTULO
1

COLDWATER, MAINE
NOS DIAS DE HOJE

Entrei no laboratório de Biologia e meu queixo caiu. Lá estava, misteriosamente grudada no quadro-negro, uma boneca Barbie. Devidamente acompanhada por Ken. Os dois tinham sido postos de braços dados e estariam completamente nus, não fossem as pequenas folhas artificiais colocadas em alguns lugares estratégicos. Rabiscado em giz cor-de-rosa, sobre as cabeças dos dois, lia-se:

BEM-VINDOS À REPRODUÇÃO HUMANA (SEXO)

— É por essas e outras que a escola proíbe celulares com câmeras — disse Vee Sky ao meu lado. — Bastariam umas fotos disso aí no eZine e eu conseguiria que o conselho de educação eliminasse a biologia do currículo. Aí a gente poderia ocupar o tempo com algo realmente útil, como ter aulas particulares com caras gatos das turmas mais avançadas.

— Como assim, Vee? — falei. — Podia jurar que você tinha passado o semestre inteiro doida para estudar essa matéria.

Vee apertou os cílios e abriu um sorriso perverso.

— Aqui ninguém vai me ensinar nada que eu já não saiba.

— Mas seu nome não começa com V… de virgem?

— Fale baixo.

Ela deu uma piscadela bem na hora em que o sinal tocou, obrigando-nos a ir para nossos lugares, que ficavam lado a lado em uma carteira dupla.

O técnico McConaughy agarrou o apito que pendia de uma corrente em seu pescoço e soprou.

— Equipe, sentar!

Para o técnico, ensinar biologia às turmas do ensino médio era um bico para complementar a renda de seu emprego como treinador de um time universitário de basquete. Todo mundo sabia disso.

— Talvez não tenha passado pela cabeça de vocês que o sexo é mais do que um passeio de 15 minutos no banco de trás de um carro. É uma ciência. E o que é ciência?

— Uma chatice! — exclamou um garoto no fundo da sala.

— A única matéria em que estou levando pau — disse outro.

Os olhos do técnico percorreram a primeira fila e pararam em mim.

— Nora?

— É o estudo de alguma coisa — falei.

Ele se aproximou e bateu com o indicador na mesa à minha frente.

— O que mais?

— É o conhecimento adquirido pela experimentação e pela observação.

Que beleza. Agora parecia que eu estava fazendo um teste para a versão em áudio do nosso livro escolar.

— Nas suas palavras.

Toquei meu lábio superior com a ponta da língua e tentei encontrar outras palavras.

— Ciência é uma investigação… — acabou soando como uma pergunta.

— Ciência é uma investigação — disse o técnico, esfregando as mãos. — A ciência exige que a gente se transforme em espiões.

Explicada dessa maneira, a ciência até parecia divertida. Mas eu já estava na turma do técnico havia tempo suficiente para não alimentar qualquer ilusão.

— É necessária muita prática para se realizar um bom trabalho de detetive — ele prosseguiu.

— O sexo também exige muita prática — comentou outro alguém do fundo da sala.

Todos tentamos conter o riso enquanto o técnico apontava um dedo de advertência na direção do malfeitor.

— Esse *não* vai ser o dever de casa de hoje. — O técnico voltou-se novamente para mim. — Nora, você se senta com Vee desde o início do ano.

Assenti com um gesto de cabeça, mas tinha um palpite ruim sobre o rumo que o assunto tomaria.

— Vocês duas trabalham no eZine da escola. — De novo fiz que sim com a cabeça. — Aposto que sabem muito uma sobre a outra.

Vee chutou-me embaixo da mesa. Sabia o que ela estava pensando: que ele não tinha a mínima ideia de quanto nos conhecíamos. E não estou falando apenas de segredos que enterramos em nossos diários. Vee é minha gêmea ao avesso. Tem olhos verdes, cabelo louro-acinzentado e uns quilinhos a mais do que o necessário para fazer o gênero gostosa. Eu sou morena de olhos cinza com um cabelão encaracolado que resiste até à mais poderosa das chapinhas. E tenho pernas compridas como as de um banco alto de bar. Mas existe um fio invisível que nos une. Nós duas podemos jurar que esse elo começou antes mesmo de nascermos. E podemos jurar que vai existir até o fim da vida.

O técnico contemplou a turma.

— Na verdade, aposto que cada um de vocês conhece bem demais a pessoa sentada ao lado. Vocês escolheram esses lugares por alguma razão, certo? Foi pela familiaridade. Que pena, pois os melhores detetives evitam a familiaridade. Ela embaça o instinto investigativo. E é por esse motivo que hoje vamos reorganizar seus lugares.

Abri a boca para protestar, mas Vee foi mais rápida.

— Como assim? Já estamos quase no fim do período letivo. Você não pode inventar esse tipo de coisa agora.

O técnico esboçou um sorriso.

— Posso fazer isso até no último dia de aula. E, se for reprovada na matéria, vai voltar para esse mesmo lugar e aguentar todas as

minhas novidades mais uma vez.

Vee olhou feio para ele. Ela é famosa por esse olhar. É um olhar que já diz tudo, ela nem precisa abrir a boca. Sem parecer se importar, o técnico levou o apito aos lábios — e nós entendemos a mensagem.

— Quem estiver sentado no lado esquerdo da mesa, isto é, à sua esquerda, deve avançar um lugar. Aqueles que estão na primeira fila, e isso inclui você, Vee, vão para o fundo da sala.

Vee jogou o caderno dentro da mochila e fechou o zíper com raiva. Mordi o lábio e dei um tchauzinho. Virei-me discretamente, observando o restante da sala. Sabia o nome de todos os alunos… menos o de um. O aluno novo. O técnico nunca se dirigia a ele, e ele parecia preferir que fosse assim. Estava jogado em uma carteira atrás de mim, os olhos negros e frios fixados num ponto adiante. Como sempre. Nunca acreditei por um momento sequer que ele simplesmente passasse o tempo todo sentado ali, dia após dia, fitando o vazio. Tinha de estar pensando em *algo*, mas o instinto me dizia que eu provavelmente não ia querer saber o que era.

Ele colocou o livro de biologia na mesa e deslizou para a antiga cadeira de Vee. Sorri.

— Oi. Sou Nora.

Seus olhos negros me atravessaram e os cantos de sua boca se ergueram. Meu coração parou por um segundo e, naquela pausa, um sentimento sinistro e desesperador pareceu me envolver como uma sombra. Passou depois de um segundo, mas eu continuava a encará-lo. O sorriso dele não era amistoso. Era um sorriso que queria dizer confusão. Confusão garantida.

Voltei minha atenção para o quadro-negro. Barbie e Ken me fitaram com aqueles sorrisos estranhamente animados.

— A reprodução humana pode ser um tema pegajoso… — o técnico disse.

— Eca! — disseram os alunos em coro.

— Exige tratamento maduro. E, como todas as ciências, a melhor abordagem para o aprendizado é a investigação. Até o final da aula, pratiquem essa técnica desvendando tudo o que conseguirem sobre

seu novo parceiro. Amanhã, tragam suas descobertas por escrito, e podem acreditar: vou checar a autenticidade das informações. Estamos falando de biologia, não de aula de redação, por isso nem pensem em inventar as respostas. Quero ver interação e trabalho de equipe de verdade.

Havia um “ou então” implícito ao final da frase.

Fiquei sentada, completamente imóvel. O passo seguinte deveria ser do colega — eu já tinha sorrido e de nada tinha adiantado. Funguei discretamente, tentando decifrar o cheiro dele. Não era de cigarros. Era de algo mais intenso e mais desagradável.

Charutos.

Olhei para o relógio na parede e bati meu lápis no ritmo do ponteiro dos segundos. Finquei o cotovelo na mesa e apoiei o queixo no punho. Soltei um suspiro.

Que beleza. Assim, eu seria reprovada.

Meus olhos estavam fixos à frente, mas escutei o suave deslizar da caneta dele. Ele estava escrevendo, e eu quis saber o quê. Dez minutos sentado ao meu lado não lhe davam o direito de presumir nada a meu respeito. Dei uma olhada à esquerda e vi que o texto já continha diversas linhas, e continuava a crescer.

— O que está escrevendo? — perguntei.

— E ela fala — disse ele enquanto continuava a rabiscar, em um movimento suave e descuidado.

Curvei-me, aproximando-me dele o máximo que minha ousadia permitia, tentando ler o que mais escrevera, mas ele dobrou a folha ao meio e escondeu o conteúdo.

— O que você escreveu? — exigi saber.

Ele alcançou minha folha de papel ainda em branco e a puxou para perto. Amassou-a até formar uma bola. Antes que eu pudesse reclamar, ele a lançou na lixeira que ficava ao lado da mesa do técnico. Cesta.

Fiquei contemplando a lixeira por um momento, dividida entre a descrença e a raiva. Então abri o caderno em uma folha nova.

— Qual é o seu nome? — perguntei, com a caneta a postos.

Levantei o olhar a tempo de ver outro sorriso sinistro. Este parecia me desafiar a conseguir qualquer informação sobre ele.

— Seu nome? — repeti, torcendo para que a vacilação em minha voz não passasse de fruto da minha imaginação.

— Me chame de Patch. Falo sério. *Me chame*.

Ele piscou ao falar e fiquei bem certa de que estava debochando de mim.

— O que faz em seu tempo livre? — perguntei

— Não tenho tempo livre.

— Estou partindo do princípio de que este trabalho vale nota, então colabore, por favor.

Ele recostou-se na cadeira, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Que tipo de colaboração?

Estava convencida de que ele estava sendo sarcástico, então tentei mudar de assunto.

— Tempo livre… — ele repetiu, pensativo. — Tiro fotos.

Escrevi *Fotografia* no papel.

— Ainda não acabei — disse ele. — Tenho uma bela coleção de uma colunista do eZine que acredita que é melhor comer alimentos orgânicos, que escreve poesia escondida e que treme diante da ideia de precisar escolher entre Stanford, Yale e… Qual é o nome da outra grande que começa com *H*?

Encarei-o por um momento, abalada — ele tinha acertado *na mosca*. Aquilo não parecia ter sido um chute. Ele *sabia*. E eu queria saber como era possível — imediatamente.

— Mas, no fim das contas, você não vai para nenhuma delas.

— Não vou? — perguntei sem pensar.

Ele enfiou os dedos debaixo do assento da minha cadeira, arrastando-a para mais perto. Sem saber bem se deveria me afastar e demonstrar medo ou não reagir e fingir tédio, preferi a segunda opção.

— Apesar de você poder se dar bem em qualquer uma das três, você as despreza por serem um clichê de sucesso — ele disse. — Fazer julgamentos apressados é sua terceira maior fraqueza.

— E a segunda? — falei, contendo a raiva.

Quem era aquele sujeito? Que tipo de piada sem graça ele pensava que estava fazendo?

— Você não sabe confiar. Quer dizer, não: você confia, mas só nas pessoas erradas.

— E a *primeira*? — questionei-o.

— Você leva a vida com rédeas curtas.

— E o que isso quer dizer?

— Que tem medo daquilo que não consegue controlar.

Senti um arrepio na nuca e a temperatura da sala pareceu cair. Em uma situação comum, eu teria ido direto à mesa do técnico e pedido para mudar de lugar. Mas me recusava a deixar que Patch pensasse que podia me intimidar ou me assustar. Senti uma necessidade irracional de me defender e decidi então que não recuaria antes dele.

— Você dorme nua? — perguntou.

Meu queixo quase caiu, mas eu o mantive no lugar.

— Você está longe de ser a pessoa a quem eu contaria isso.

— Já fez terapia?

— Não — menti.

A verdade era que eu estava sob aconselhamento do psicólogo da escola, o dr. Hendrickson. Não tinha sido por escolha própria e não era algo que eu gostasse de comentar.

— Já fez alguma coisa ilegal?

— Não. — Passar do limite de velocidade não contava. Pelo menos para ele.

— Por que você não me faz uma pergunta normal? Por exemplo… De que tipo de música eu gosto?

— Não vou perguntar o que posso deduzir.

— Você *não* sabe o tipo de música que eu escuto.

— Barroca. Com você, tudo tem a ver com ordem, controle. Aposto que toca… violoncelo? — Ele falou como se tivesse simplesmente adivinhado.

— Errado. — Outra mentira, mas essa fez com que um calafrio percorresse toda a minha pele.

Quem ele era *de verdade*? Se sabia que eu tocava violoncelo, o que mais poderia saber?

— O que é isso? — Patch perguntou, tocando com a caneta a parte interior do meu pulso. Instintivamente, recuei.

— Marca de nascença.

— Parece uma cicatriz. Já tentou o suicídio, Nora? — Nossos olhos se encontraram e eu podia *sentir* que ele estava rindo. — Pais casados ou divorciados?

— Moro com minha mãe.

— Onde está seu pai?

— Meu pai morreu no ano passado.

— Morreu como?

Eu me encolhi.

— Ele foi… assassinado. É um assunto particular, por favor.

Houve um minuto de silêncio, e a aspereza no olhar de Patch pareceu ceder minimamente.

— Deve ter sido difícil — disse ele, parecendo sincero.

O sinal tocou, e Patch levantou-se e caminhou até a porta.

— Espere — chamei. Ele não se virou. — Com licença! — Ele já estava saindo. — Patch! Não consegui saber nada sobre você.

Ele deu meia-volta e andou na minha direção. Pegou minha mão e escreveu nela alguma coisa antes que eu sequer pensasse em puxá-la.

Olhei para os números escritos em tinta vermelha na palma da minha mão. Cerrei o punho. Queria lhe dizer que não havia a menor chance de o telefone dele tocar naquela noite. Queria dizer que era culpa dele ter passado o tempo todo me fazendo perguntas. Queria muitas coisas, mas apenas fiquei ali sem fazer nada, como se tivesse me esquecido de como abrir a boca.

— Vou estar ocupada hoje à noite — finalmente disse.

— Eu também — ele respondeu, sorrindo, antes de partir.

Fiquei imóvel, tentando digerir o que havia acontecido. Será que ele tinha consumido todo o tempo com aquelas perguntas de propósito? Para que eu tirasse uma *nota ruim*? Será que ele achava que um sorriso sedutor seria o suficiente para redimi-lo? *Sim*, pensei. *Ele achava*.

— Não vou ligar! — gritei para ele. — Nunca!

— Já terminou sua coluna para o fechamento de amanhã? — dessa vez era Vee. Ela se aproximou de mim, fazendo anotações em um bloco que carregava para todos os lugares. — Estou pensando em escrever sobre a injustiça da mudança de lugares. Fiquei com uma menina que disse ter terminado um tratamento contra piolhos hoje de manhã.

— Meu novo parceiro — eu disse, apontando Patch no corredor.

Ele tinha um jeito de andar irritantemente confiante, do tipo que combina com camisetas velhas e um chapéu de vaqueiro. Patch não usava nenhum dos dois. Era um sujeito do tipo jeans Levi's escuro, camiseta escura e botas escuras.

— O aluno novo do último ano? Acho que ele não deve ter estudado muito na primeira vez. Ou na segunda. — Ela me lançou um olhar de quem já tinha entendido tudo. — A terceira é sempre melhor, não?

— Ele me dá calafrios. Sabia *minha* música preferida. Sem nenhuma dica ele disse "barroca". — Tentei imitar, sem sucesso, a voz baixa dele.

— Pode ter sido um palpite.

— Ele sabia… de outras coisas.

— Como o quê, por exemplo?

Suspirei. Ele sabia mais do que eu era capaz de encarar com tranquilidade.

— Ele sabia como encher meu saco — disse, finalmente. — Vou pedir ao técnico que nos mude de lugar de novo.

— Vá em frente. Poderia muito bem usar isso como gancho para meu próximo artigo no eZine. "Garota do segundo ano reage". Melhor: "Mudança de lugares leva um duro golpe". Hum, gostei disso.

No fim das contas, a única pessoa a receber um duro golpe havia sido eu. O técnico recusou meu pedido de que reconsiderasse as mudanças de lugar. Aparentemente, eu estava presa a Patch.

Por enquanto.

CAPÍTULO
2

Moro com minha mãe em uma antiga casa de fazenda do século XVIII, cheia de correntes de ar, afastada do centro de Coldwater. É a única residência em Hawthorne Lane e os vizinhos mais próximos estão a mais de um quilômetro e meio de distância. Às vezes me pergunto se o construtor teria percebido em algum momento que, de todos os lotes disponíveis, ele escolhera erguer a casa justamente no olho de uma misteriosa inversão atmosférica que parece sugar toda a neblina da costa do Maine e transplantá-la para o nosso quintal. Naquele momento, a casa estava envolta em sombras que faziam lembrar espíritos fugitivos perambulando.

Passei a noite plantada em uma banqueta da cozinha na companhia do dever de casa de álgebra e de Dorothea, nossa empregada. Mamãe trabalha para a empresa de leilões Hugo Renaldi, coordenando leilões de bens e antiguidades em toda a Costa Leste. Naquela semana, ela estava no norte do estado de Nova York. O trabalho exigia que viajasse muito e ela pagava Dorothea para cozinhar e limpar, mas eu tinha certeza de que as letrinhas miúdas do contrato de trabalho de Dorothea incluíam a função de manter um olhar vigilante e maternal sobre mim.

— Como foi a escola? — Dorothea perguntou, com um ligeiro sotaque alemão.

Ela estava diante da pia, tentando raspar os pedaços de lasanha grudados no fundo de uma travessa.

— Tenho um novo parceiro na turma de biologia.

— E isso é bom ou ruim?

— Vee era minha antiga parceira.

— Hum. — Mais esfregação vigorosa e a carne no braço de Dorothea sacolejou. — Então é ruim.

Concordei com um suspiro.

— Fale de sua nova parceira. Essa menina, como ela é?

— Ele é alto, moreno, desagradável.

E assustadoramente impenetrável. Os olhos de Patch eram como órbitas negras. Que absorviam tudo e não devolviam nada. Não que eu *quisesse* saber mais sobre ele. Se não gostei do que vi por fora, duvidava de que fosse gostar do que espreitava lá no fundo.

O único porém é que isso não era bem verdade. Eu *adorei* o que vi. Músculos longos e esguios nos braços, ombros largos, mas relaxados, e um sorriso que era meio debochado, meio sedutor. Estava difícil convencer a mim mesma de que deveria ignorar algo que já começava a parecer irresistível.

Às nove da noite, Dorothea terminou o trabalho e trancou a porta ao sair. Pisquei duas vezes as luzes da varanda para lhe dar um adeus. A claridade deve ter atravessado a neblina, pois ela tocou a buzina em resposta. Fiquei sozinha.

Comecei a examinar as sensações que tomavam conta de mim. Não estava com fome. Não estava cansada. Nem estava tão solitária. Mas *estava* um pouco ansiosa por conta do dever de biologia. Tinha dito a Patch que não ligaria, e seis horas antes era essa mesmo a intenção. Mas, agora, tudo em que eu conseguia pensar era que não queria uma nota ruim. Biologia, para mim, era a matéria mais difícil. Minhas notas variavam problematicamente entre A e B. Em minha cabeça, essa era a diferença entre uma bolsa integral e parcial no futuro.

Fui para a cozinha e peguei o telefone. Olhei para o que havia sobrado dos sete dígitos ainda marcados em minha mão. Secretamente, tinha esperanças de que Patch não atendesse minha chamada. Se não estivesse disponível ou se não quisesse colaborar com o trabalho, eu teria provas contra ele para convencer o técnico a mexer na distribuição dos lugares. Esperançosa, disquei o número.

Patch atendeu no terceiro toque.

— E aí?

— Estou ligando para ver se a gente poderia se encontrar hoje — disse em um tom de voz pretensamente natural. — Sei que você

comentou que estaria ocupado, mas…

— Nora — Patch pronunciou meu nome como se fosse o desfecho de uma piada —, achei que você não ligaria. Nunca.

Odiei ter de engolir minhas palavras. Odiei Patch por esfregar aquilo na minha cara. Odiei o técnico pelas mudanças na sala de aula. Abri a boca na esperança de que saísse alguma frase inteligente.

— E então? Podemos nos encontrar ou não?

— Pelo jeito, não vai dar.

— Não vai dar ou você não quer?

— Estou no meio de um jogo de sinuca — ouvi o sorriso implícito na voz dele —, um jogo de sinuca muito importante.

Pelo barulho ao fundo da ligação, achei que ele dizia a verdade — sobre o jogo de sinuca. Se era mais importante que o trabalho era algo discutível.

— Onde você está? — perguntei.

— No Fliperama do Bo. Não é o tipo de lugar que você costume frequentar.

— Então vamos fazer a entrevista por telefone. Tenho uma lista de perguntas bem…

Ele desligou na minha cara.

Fiquei olhando o telefone completamente atônita, então rasguei uma folha em branco do caderno e rabisquei *Babaca* na primeira linha. Na linha abaixo, acrescentei: *Fuma charutos. Vai morrer de câncer no pulmão. De preferência logo. Excelente forma física.*

Risquei imediatamente a última observação até ficar ilegível.

O relógio do micro-ondas indicava 21h05. Eu tinha duas opções. Ou inventava a entrevista com Patch ou dirigia até o Fliperama do Bo. A primeira opção seria tentadora se eu conseguisse esquecer o aviso do técnico de que checaria a autenticidade das informações. Não sabia o suficiente sobre Patch para blefar uma entrevista inteira. E a segunda opção? Não era nem remotamente tentadora.

Adiei a decisão a fim de ter tempo de ligar para minha mãe. Parte de nosso acordo por conta de seu trabalho e suas muitas viagens

era que eu me comprometia a agir com responsabilidade e não ser o tipo de filha que necessitasse de supervisão constante. Eu gostava da minha liberdade e não queria fazer nada que desse a mamãe motivos para se sujeitar a um salário menor em um emprego por perto só para ficar de olho em mim.

No quarto toque, a secretária eletrônica atendeu.

— Sou eu — falei. — Só para dizer que está tudo bem. Tenho dever de casa de biologia para terminar e depois vou para a cama. Se quiser, ligue amanhã na hora do almoço. Amo você.

Depois de desligar, encontrei uma moeda na gaveta da cozinha. Melhor deixar as decisões complicadas por conta do destino.

— *Cara*, eu vou — disse para o perfil de George Washington —, *coroa*, eu fico em casa.

Joguei a moeda no ar. Ela aterrissou na palma da minha mão e eu dei uma olhada. Meu coração acelerou por um segundo e disse a mim mesma que não estava certa do que isso queria dizer.

— Não está mais em minhas mãos — falei.

Determinada a resolver a situação o mais rápido possível, peguei um mapa pendurado na geladeira, apanhei minhas chaves e dei a ré no meu Fiat Spider. O carro provavelmente era bonito… em 1979. Eu não gostava tanto da pintura cor de chocolate, nem da ferrugem que se espalhava descontroladamente no para-choque traseiro, nem dos assentos de couro branco rachado.

O Fliperama do Bo era bem mais longe do que eu gostaria, próximo à costa, a trinta minutos de viagem. Com o mapa esticado sobre o volante, entrei com o Fiat em um estacionamento atrás de um prédio que lembrava um grande bloco cinza e tinha um letreiro luminoso que piscava FLIPERAMA DO BO, PAINTBALL DO MAD BLACK E SALÃO DE SINUCA DO OZZ. As paredes eram tomadas por pichações e guimbas de cigarro pontilhavam o chão. Com toda certeza o fliperama devia estar repleto de futuros estudantes das melhores universidades e cidadãos exemplares. Tentei ver aquilo com superioridade e indiferença, mas estava com um nó no estômago. Depois de verificar duas vezes que todas as portas do carro estavam trancadas, eu me dirigi à entrada.

Fiquei na fila, esperando para passar pelos cordões. Assim que o grupo à minha frente pagou a entrada, eu me espremi entre eles, caminhando na direção de um labirinto de sirenes estridentes e luzes que piscavam.

— Você acha que merece entrar de graça? — urrou uma voz áspera de tabaco. Virei e pisquei diante do caixa, um sujeito coberto de tatuagens.

— Não estou aqui para jogar. Estou procurando alguém.

Ele grunhiu.

— Se quiser passar por mim, precisa pagar.

O homem abriu a palma da mão no balcão, onde uma tabela de preços tinha sido colada com fita adesiva, mostrando que eu devia 15 dólares. Pagamento só em dinheiro.

Eu não tinha dinheiro. E, se tivesse, não o desperdiçaria com alguns minutos fazendo perguntas a Patch sobre sua vida particular. Senti uma onda de raiva pelas mudanças na sala de aula e, em especial, por ter de estar ali. Só precisava encontrar Patch e então poderíamos fazer a entrevista do lado de fora. Eu não tinha dirigido até ali para sair de mãos abanando.

— Se eu não voltar em dois minutos, pago os 15 dólares — disse.

Antes de pensar melhor no que estava fazendo ou de juntar um pouquinho mais de coragem, fiz algo completamente fora do habitual: passei por debaixo das cordas. E não parei por aí. Saí correndo pela sala de jogos à procura de Patch por toda parte. Dizia a mim mesma que não conseguia acreditar que estava fazendo aquilo, mas eu parecia uma bola de neve rolando ladeira abaixo, ganhando força e velocidade. Àquela altura, só queria encontrar Patch e sair dali.

— Ei, você! — o caixa me seguia gritando.

Convencida de que Patch não estava no andar principal, desci correndo, seguindo as indicações até o Salão de Sinuca do Ozz. No fim da escada, luzes fracas iluminavam diversas mesas de pôquer, todas ocupadas. A fumaça de charutos, quase tão densa quanto a neblina que envolvia minha casa, pairava no teto rebaixado.

Disposta entre as mesas de pôquer e o bar estava uma fileira de mesas de sinuca. Patch estava debruçado sobre a mais distante de mim, tentando uma jogada difícil.

— Patch! — exclamei.

Assim que falei, ele empurrou o taco, acertando-o no tampo da mesa. Virou a cabeça e me encarou com um ar que misturava surpresa e curiosidade.

O caixa desceu pesadamente os degraus atrás de mim, agarrando meu ombro com a mão.

— Para cima. Agora.

Na boca de Patch surgiu outro sorriso quase imperceptível. Era difícil dizer se era um sorriso simpático ou debochado.

— Ela está comigo.

Isso pareceu servir para o caixa, que afrouxou a pegada. Antes que ele pudesse mudar de ideia, soltei-me da mão dele e avancei por entre as mesas até chegar a Patch. Dei os primeiros passos bastante segura, mas descobri que minha confiança diminuía conforme eu chegava mais perto dele.

Na mesma hora, percebi que havia algo de diferente em Patch. Não sabia exatamente o quê, mas parecia uma espécie de eletricidade. Mais hostilidade?

Mais confiança.

Mais liberdade para ser ele mesmo. E aqueles olhos negros estavam me dando nos nervos. Eram como dois ímãs grudados em cada movimento meu. Engoli em seco discretamente e tentei ignorar o frio na barriga. Não sabia exatamente o que era, mas havia algo de errado em Patch. Algo nele não era normal. Algo não era… seguro.

— Desculpe-me por ter desligado — disse Patch, aproximando-se de mim. — O telefone não pega muito bem aqui embaixo.

Sim, claro.

Com um gesto de cabeça, Patch indicou aos outros que saíssem. Houve um silêncio desconfortável antes que alguém se mexesse. O primeiro cara esbarrou no meu ombro ao passar. Recuei um passo

para recuperar o equilíbrio e olhei para cima a tempo de ver a cara feia dos outros dois jogadores ao partirem.

Que beleza. Não era culpa *minha* Patch ser meu parceiro em biologia.

— Sinuca? — perguntei a ele, levantando as sobrancelhas e tentando parecer completamente segura, completamente à vontade. Talvez ele estivesse certo e o Fliperama do Bo não fosse mesmo um lugar para mim. Isso não queria dizer que eu iria sair correndo dali. — Em quanto estão as apostas?

Ele abriu o sorriso. Desta vez eu fiquei convencida de que estava rindo da minha cara.

— Não jogamos por dinheiro.

Coloquei minha bolsa na beirada da mesa.

— Que pena! Ia apostar todo o meu dinheiro contra você. — Segurei meu trabalho, com duas linhas já preenchidas. — Mais algumas perguntas e eu dou o fora.

— Babaca? — Patch leu em voz alta, apoiando-se no taco. — Câncer no pulmão? É para ser uma espécie de profecia?

Abanei o ar com o papel.

— Presumo que dê sua contribuição para esta atmosfera carregada. Quantos charutos por noite? Um? Dois?

— Eu não fumo. — Parecia sincero, mas não me convenceu.

— Hum, hum — disse eu, ajeitando o papel entre a bola preta e a vermelha.

Sem querer movi uma delas enquanto escrevia *fuma charutos, com certeza*, na terceira linha.

— Você está atrapalhando o jogo — disse Patch, ainda sorridente.

Olhei nos olhos dele e não consegui deixar de retribuir o sorriso — por pouco tempo.

— Tomara que não esteja ajudando você. Qual é o seu maior sonho?

Estava orgulhosa dessa pergunta porque sabia que ia desafiá-lo; exigiria que ele pensasse.

— Beijar você.

— Não tem graça — falei, olhando-o nos olhos, grata por não ter gaguejado.

— Não, mas você ficou vermelha.

Sentei-me na lateral da mesa, tentando parecer indiferente. Cruzei as pernas, usando o joelho como apoio para escrever.

— Você trabalha?

— Sirvo mesas no Borderline, o melhor mexicano da cidade.

— Religião?

Ele não pareceu surpreso com a pergunta, mas também não pareceu ter gostado.

— Achei que tivesse dito que eram algumas perguntas rápidas. Você já está na quarta.

— Religião? — perguntei com mais firmeza.

Patch passou a mão no queixo, pensativo.

— Não é religião… É um culto.

— Você pertence a um culto? — Percebi tarde demais que não deveria ter me surpreendido.

— Acontece que preciso de uma fêmea saudável para sacrifício. Tinha planejado ganhar a confiança dela primeiro e atraí-la, mas como você já está por aqui…

Se ainda havia qualquer sorriso em meu rosto, foi embora naquele momento.

— Você não está me impressionando.

— Ainda nem comecei.

Desci da mesa e fiquei de frente para ele. Ele era mais alto, uma cabeça de diferença.

— A Vee me disse que você é aluno do último ano. Quantas vezes foi reprovado em biologia? Uma vez? Duas?

— Vee não é minha porta-voz.

— Está dizendo que não foi reprovado?

— Estou dizendo que não frequentei a escola no ano passado.

Seus olhos me provocavam. Isso só me deixou mais determinada.

— Pulou o ano?

Patch pousou o taco sobre o tampo da mesa e fez um sinal com o dedo para que eu me aproximasse. Não me aproximei.

— Um segredo? — disse-me em tom confidencial. — Nunca fui à escola. Outro segredo? Não é tão chato quanto eu imaginava.

Ele estava mentindo. Todo mundo ia à escola. Existiam leis. Ele estava mentindo para tirar onda com a minha cara.

— Acha que eu estou mentindo — disse ele com um sorriso.

— Você nunca foi à escola, nunca? Se é verdade, e, você tem razão, não acho que seja, o que o levou a decidir frequentar as aulas este ano?

— Você.

O impulso de sentir medo me atravessou, mas disse a mim mesma que isso era exatamente o que Patch queria. Mantendo-me firme, tentei parecer apenas incomodada. Ainda assim, precisei de um momento para recuperar a voz.

— Essa não é uma resposta verdadeira.

Ele deve ter se aproximado, pois de repente nossos corpos não estavam separados por nada além de uma nesga de ar.

— Seus olhos, Nora. Esses olhos cinzentos, pálidos e frios são surpreendentemente irresistíveis. — Ele inclinou a cabeça para o lado, como se quisesse me examinar de um novo ângulo. — E essa boca carnuda, de matar.

Dei um passo para trás, desconcertada não tanto pelo comentário, mas por parte de mim reagir àquilo positivamente.

— É isso. Vou embora.

Mas assim que as palavras deixaram a minha boca, vi que não eram verdadeiras. Queria muito dizer mais. Examinando os pensamentos tortuosos que passavam por minha cabeça, tentei encontrar o que achava que devia dizer. Por que ele debochava tanto de mim e por que agia como se eu tivesse feito algo para merecer aquilo?

— Você parece saber muito sobre mim — soltei, dizendo a novidade do ano. — Mais do que deveria. Parece que sabe

exatamente o que dizer para eu me sentir mal.

— Você ajuda.

Uma fagulha de raiva percorreu meu corpo.

— Você admite que faz isso de propósito?

— Isso?

— Isso… me provocar.

— Diga “provocar” de novo. Sua boca fica provocante quando você diz isso.

— Chega. Termine seu jogo de sinuca.

Tirei o taco da mesa e empurrei-o para ele, que não pegou.

— Não gosto de sentar ao seu lado — falei. — Não gosto de ser sua parceira. Não gosto desse seu sorriso condescendente. — Meu queixo estremeceu, algo que só costuma acontecer quando eu minto. Fiquei pensando se estava mentindo naquele momento. Se estava, queria me matar. — Não gosto de você. — Disse da forma mais convincente que consegui e empurrei com força o taco contra o peito dele.

— Estou feliz que o técnico tenha nos colocado juntos — disse ele.

Percebi uma levíssima ironia na palavra “técnico”, mas não consegui entender o que isso poderia significar. Então ele pegou o taco.

— Estou tentando mudar isso — contra-ataquei.

Patch achou tão engraçado que chegou a mostrar os dentes quando sorriu. Estendeu a mão para mim e, antes que eu pudesse me mover, tirou alguma coisa do meu cabelo.

— Um pedacinho de papel — explicou, jogando-o no chão.

Quando ele estendeu a mão, percebi uma marca no lado interno de seu pulso. A princípio, achei que fosse uma tatuagem, mas, ao prestar atenção, percebi uma marca de nascimento marrom-avermelhada, ligeiramente em relevo. Tinha o formato de uma gota de tinta.

— Lugar infeliz para uma marca de nascença — falei, um tanto nervosa por notar que a posição fosse tão semelhante à da minha.

Patch fez um movimento casual, mas pude perceber que foi para puxar a manga da camisa e cobrir o pulso.

— Você preferiria que fosse em algum lugar mais íntimo?

— Não preferiria que fosse em lugar nenhum. — Eu não estava bem certa de como aquilo tinha soado e tentei de novo: — Não ligaria que você não a tivesse. — Tentei pela terceira vez: — Não ligo para sua marca de nascença. Ponto final.

— Mais alguma pergunta? Algum comentário? — ele disse.

— Não.

— Então até a aula de biologia.

Pensei em dizer a Patch que ele nunca mais iria me ver. Mas não ia engolir o que disse duas vezes no mesmo dia.

***

Mais tarde, naquela mesma noite, despertei com um barulho. Com o rosto apertado contra o travesseiro, fiquei quieta, todos os sentidos alertas. Minha mãe ficava fora da cidade pelo menos uma vez por mês, por causa do trabalho, e por isso eu estava acostumada a dormir sozinha. Já tinham se passado meses desde que eu imaginara ter ouvido o som de passos se arrastando pelo corredor rumo ao meu quarto. A verdade era que eu nunca me sentia completamente sozinha. Logo depois que meu pai foi morto a tiros em Portland, enquanto comprava um presente de aniversário para minha mãe, uma estranha presença surgiu em minha vida. Como se alguém estivesse orbitando em torno do meu mundo, observando-me a distância. A princípio a presença fantasmagórica me apavorava, mas, como nada de mau aconteceu, minha preocupação foi passando. Imaginava se havia naquilo algum sentido cósmico. Talvez fosse o espírito do meu pai por ali. O pensamento costumava ser reconfortante, mas naquela noite foi diferente. A presença era como gelo sobre a pele.

Virando a cabeça ligeiramente, vi uma sombra comprida no chão do quarto. Mudei de posição para olhar a janela. Os raios

embaçados do luar eram a única claridade no cômodo capaz de fazer sombra. Mas não havia nada ali. Apertei o travesseiro e disse a mim mesma que aquilo não passava de uma nuvem atravessando o céu. Ou um pedaço de lixo voando ao vento. De qualquer maneira, levou muitos minutos até que meu coração se acalmasse.

Quando reuni coragem para sair da cama, o quintal sob minha janela estava silencioso e imóvel. O único ruído vinha dos ramos das árvores, que esbarravam na casa, e do meu coração ressoando no peito.

C A P Í T U L O
3

o técnico McConaughy estava postado diante do quadro-negro no meio de uma lenga-lenga infinita sobre algum assunto, mas minha mente vagava bem distante das complexidades da ciência.

Eu estava ocupada em reunir motivos que justificassem por que Patch e eu não deveríamos mais nos sentar juntos e os anotava em uma lista no verso de um antigo questionário. Assim que a aula acabasse, eu apresentaria meus argumentos ao técnico. *Não coopera para a realização dos deveres*, escrevi. *Demonstra pouco interesse no trabalho de grupo*.

Mas eram as razões que *não* tinham sido listadas as que mais me incomodavam. Achei o local da marca de nascença de Patch assustador e estava apavorada com o incidente da janela na noite anterior. Não estava tão certa de que Patch estivesse me espionando, mas não podia deixar de ignorar a coincidência. Tinha praticamente certeza de que alguém ficara olhando pela minha janela apenas algumas horas depois de termos nos encontrado.

Ao pensar na possibilidade de Patch andar me espionando, retirei dois comprimidos de suplemento de ferro de um frasco dentro do bolso da frente de minha mochila e os engoli a seco. Eles ficaram presos na garganta por um momento, mas acabaram descendo.

Pelo canto do olho, percebi que Patch erguia as sobrancelhas.

Cogitei explicar a ele que eu era anêmica e que tinha de tomar comprimidos à base de ferro algumas vezes ao dia, especialmente quando estava sob pressão, mas mudei de ideia. A anemia não representava uma ameaça à minha vida… desde que eu tomasse doses regulares do remédio. Não estava tão paranoica a ponto de achar que Patch queria me fazer mal, mas, de qualquer forma, meu problema de saúde era uma vulnerabilidade e me pareceu melhor mantê-lo em segredo.

— Nora?

O técnico estava na frente da sala, com a mão estendida em um gesto que demonstrava que ele esperava alguma coisa: minha resposta. Senti o rosto lentamente começar a queimar.

— O senhor poderia repetir a pergunta? — pedi.

A turma caiu na gargalhada.

— Que qualidades atraem você em um possível parceiro? — disse o técnico, ligeiramente irritado.

— Possível parceiro?

— Vamos logo, não temos a tarde toda.

Eu podia ouvir Vee dando gargalhadas atrás de mim.

— O senhor quer que eu faça uma lista de características de um…? — Minha garganta pareceu se fechar.

— Possível parceiro, sim, ajudaria muito.

Sem querer, olhei para o lado, na direção de Patch. Ele estava recostado na cadeira, quase jogado, estudando-me com ar de satisfação. Abriu aquele sorriso de cafajeste e balbuciou: *Estamos esperando.*

Coloquei as mãos sobre a mesa, na esperança de parecer mais sob controle do que realmente estava.

— Nunca parei para pensar no assunto.

— Então pense rápido.

— Será que você poderia ouvir primeiro outra pessoa?

O técnico fez gestos impacientes para a minha esquerda.

— Você, Patch.

Ao contrário de mim, Patch falou com confiança. Na posição em que estava, seu corpo ficava ligeiramente virado na minha direção, nossos joelhos separados por apenas alguns centímetros.

— Inteligente. Atraente. Vulnerável.

O técnico ocupou-se em escrever os adjetivos no quadro.

— Vulnerável? — perguntou. — Por quê?

— Isso tem relação com a matéria? — interrompeu Vee. — Porque não consigo encontrar nada sobre as qualidades desejadas em um parceiro em nosso livro.

O técnico parou de escrever um instante, só para olhar por cima do ombro.

— Todos os animais do planeta atraem parceiros com o objetivo de se reproduzir. O corpo dos sapos incha. Os gorilas machos batem no peito. Já viu o macho da lagosta levantar nas pontas das patas e estalar as garras para atrair a atenção da fêmea? A atração é o primeiro elemento de toda a reprodução animal, inclusive da humana. Por que não nos apresenta sua lista, srta. Sky?

Vee mostrou os cinco dedos da mão.

— Deslumbrante, rico, generoso, altamente protetor e só um pouquinho perigoso. — A cada adjetivo, ela descia um dedo.

Patch soltou uma risada.

— O problema com a atração humana é você não saber se será correspondido.

— Muito bem pensado — disse o técnico.

— Os seres humanos são vulneráveis — prosseguiu Patch —, porque são capazes de sofrer.

Nesse momento, o joelho de Patch esbarrou no meu. Afastei-me, sem ousar pensar no que ele queria dizer com esse gesto.

O técnico assentiu com a cabeça.

— A complexidade da atração entre os seres humanos e da reprodução é uma das características que nos distinguem das outras espécies.

Pensei ter ouvido Patch bufar, mas foi tão baixo que não tive certeza.

— Desde a aurora dos tempos — prosseguiu o técnico —, as mulheres sentem atração por parceiros com mais habilidades ligadas à sobrevivência, como inteligência e força física, porque homens com tais qualidades têm mais chances de trazer comida para casa no final do dia. — Ele apontou os polegares para o alto e sorriu. — Comida é o mesmo que sobrevivência, equipe.

Ninguém riu.

— Da mesma forma — continuou —, os homens se sentem atraídos pela beleza porque é um indicativo de saúde e de

juventude. Não há sentido em acasalar com uma mulher doente que talvez mais tarde não esteja por perto para cuidar das crianças.

O técnico colocou os óculos na ponta do nariz e deu uma risadinha.

— Isso é tão machista — protestou Vee. — Diga algo que tenha a ver com uma mulher do século XXI.

— Se você abordar a reprodução sob a ótica da ciência, srta. Sky, verá que a prole é fundamental para a sobrevivência da espécie. E quanto mais filhos tiver, maior será a contribuição para o *pool* genético.

Eu podia praticamente ouvir Vee revirando os olhos:

— Acho que finalmente chegamos perto do assunto do dia. Sexo.

— Quase — disse o técnico, erguendo um dedo. — Antes do sexo vem a atração, mas antes da atração vem a linguagem corporal. É preciso comunicar ao possível parceiro que existe interesse sem usar palavras.

O técnico apontou para o meu lado.

— Muito bem, Patch. Digamos que você esteja numa festa. O lugar está cheio de garotas de todas as formas e tamanhos. Você encontra louras, morenas, ruivas, algumas meninas com cabelo preto. Umas são tagarelas, outras aparentam ser tímidas. Você encontrou uma garota que se encaixa em seu perfil: atraente, inteligente e vulnerável. Como mostra a ela que está interessado?

— Eu a escolho. Vou falar com ela.

— Muito bem. Agora é a hora da pergunta importante: como é que você sabe se ela está a fim ou se quer que você dê o fora?

— Eu a observo — disse Patch. — Descubro o que está pensando e sentindo. Ela não vai ser direta e me dizer, por isso preciso prestar atenção. Ela vira o corpo na minha direção? Olha nos meus olhos e então desvia o olhar? Morde o lábio e brinca com o cabelo, como Nora está fazendo bem agora?

A gargalhada tomou conta da sala. Deixei minhas mãos caírem no colo.

— Se é assim, está no papo — disse Patch, esbarrando de novo na minha perna. E eu ainda fiquei vermelha.

— Muito bom! Muito bom! — disse o técnico, com a voz animada, muito satisfeito com a atenção.

— Os vasos capilares do rosto de Nora estão se dilatando e a pele dela se aquece — disse Patch. — Ela sabe que está sendo avaliada. Gosta da atenção, mas não sabe muito bem como lidar com isso.

— *Não* estou corando.

— Está nervosa — disse Patch. — Passa a mão no braço a fim de desviar a atenção de seu rosto para o corpo, ou talvez para sua pele, ambos bastante atrativos.

Quase engasguei. *Ele está de gozação*, disse a mim mesma. Não, ele é *doido*. Eu não tinha experiência alguma em lidar com lunáticos, e isso estava na cara. Minha sensação era de que eu passava a maior parte do tempo olhando para Patch estarrecida e de boca aberta. Precisava de uma nova abordagem se queria manter qualquer ilusão de poder colocá-lo em seu lugar.

Apoiei as mãos na mesa, levantei o queixo e tentei demonstrar que ainda possuía alguma dignidade.

— Que ridículo!

Com muita dissimulação, Patch esticou o braço para as costas da minha cadeira.

Tive a estranha sensação de que era uma ameaça dirigida apenas a mim e que ele não tinha consciência ou se lixava para a forma como a turma encararia aquilo. Todos riram, mas ele não pareceu ouvir, prendendo meu olhar ao dele com tanta intensidade que eu quase acreditei que ele havia construído um pequeno mundo particular para nós dois, ao qual ninguém mais teria acesso.

Vulnerável, ele fez com os lábios.

Prendi meus tornozelos nos pés da cadeira e me inclinei para a frente, sentindo o peso do braço dele despencar no encosto. Eu *não* era vulnerável.

— E aí está! — exclamou o técnico. — A biologia em ação.

— Será que podemos falar sobre sexo agora? — perguntou Vee.

— Amanhã. Leiam o capítulo sete e estejam prontos para debater o assunto.

O sinal tocou e Patch empurrou a cadeira para trás.

— Foi divertido. Vamos repetir a dose um dia desses.

Antes que eu pudesse pensar em uma resposta mais contundente do que simplesmente *Não, obrigada*, ele se esgueirou por trás de mim e desapareceu porta afora.

— Vou passar um abaixo-assinado pedindo a demissão do técnico — disse Vee, aproximando-se da minha mesa. — O que aconteceu na aula de hoje? Foi quase pornografia. Ele praticamente colocou você e Patch sobre a mesa do laboratório, na horizontal, sem roupas, fazendo aquilo…

Lancei-lhe um olhar que dizia: *Não precisa me lembrar disso.*

— O.k., o.k. — disse Vee, dando um passo para trás.

— Preciso falar com o técnico. Encontro você em frente ao seu armário daqui a dez minutos.

— Tudo bem.

Fui até a mesa do técnico, que estava sentado, debruçado sobre um livro de jogadas de basquete. À primeira vista, todos aqueles “X” e “O” marcados no papel faziam parecer que ele estava brincando de jogo da velha.

— Olá, Nora — disse ele, sem levantar o olhar. — Em que posso ajudá-la?

— Vim lhe dizer que a mudança de lugares e seu plano de aulas estão me deixando constrangida.

O técnico inclinou-se para trás e cruzou as mãos por trás da cabeça.

— Gosto da mudança de lugares. Quase tanto quanto gosto da nova tática homem a homem que aplicarei no jogo de sábado.

Coloquei uma cópia do regulamento escolar e dos direitos dos alunos sobre o livro.

— Pela lei, nenhum estudante deve se sentir ameaçado enquanto estiver nas dependências da escola.

— Você se sente ameaçada?

— Eu me sinto constrangida. E gostaria de propor uma solução. — Como o técnico não me interrompeu, respirei fundo, confiante. — Eu me ofereço para monitorar qualquer aluno de qualquer uma de suas turmas de biologia… se deixar que eu volte a me sentar com a Vee.

— Patch bem que precisa de um monitor.

Resisti à vontade de ranger os dentes.

— Isso vai contra o que estou lhe pedindo.

— Você viu hoje? Ele participou da discussão. Passei o ano inteiro sem ouvilo dizer uma palavra, mas bastou colocá-lo ao seu lado e… Bingo! A nota dele vai melhorar.

— E a de Vee vai cair.

— É o que acontece quando não dá para olhar para o lado e copiar a resposta certa — disse ele secamente.

— O problema de Vee é a falta de dedicação. Eu posso monitorá-la.

— Nada disso — ele disse, olhando para o relógio. — Estou atrasado para uma reunião. Já acabamos?

Queimei o cérebro tentando encontrar mais um argumento, mas aparentemente eu estava sem inspiração.

— Vamos ver como ficam as mudanças daqui a algumas semanas. Ah, e eu estava falando sério sobre o fato de Patch precisar de um reforço. Conto com você.

O técnico não esperou resposta. Começou a assobiar e saiu.

***

Às sete da noite, o céu já se tingira de um azul muito escuro. Fechei o zíper do casaco para me proteger do frio. Vee e eu nos dirigíamos ao estacionamento do cinema, depois de assistir a *O Sacrifício*. Eu estava encarregada de fazer resenhas de filmes para o eZine e

como já havia visto tudo o que estava em cartaz, precisamos nos conformar em assistir ao mais novo filme de terror urbano.

— Esse foi o filme mais esquisito que eu já vi — disse Vee. — Vamos combinar que não devemos ver mais nada que lembre de longe um filme de terror.

Por mim, tudo bem. Considere que alguém andou espreitando a janela do meu quarto na noite anterior. Some a isso o fato de que acabamos de assistir à história de um maníaco perseguidor no cinema. Não era de espantar que eu estivesse começando a me sentir um pouco paranoica.

— Dá para imaginar? — disse Vee. — Passar a vida inteira sem ter noção de que você só continua viva para ser oferecida em sacrifício.

Nós duas trememos.

— E aquele altar? — prosseguiu ela, perturbadoramente alheia ao fato de que eu preferia falar sobre o ciclo de vida dos fungos a discutir o filme. — Por que o vilão esquenta a pedra no fogo antes de amarrar a garota? Eu cheguei a ouvir o chiado da carne queimando.

— O.k.! — praticamente gritei. — Para onde vamos?

— E, caramba, se *algum dia* um sujeito me beijar daquela forma, vou vomitar. Chamar aquela boca de repugnante é pouco. Era maquiagem, não era? Sério: ninguém tem uma boca daquelas na vida real…

— Preciso entregar a resenha até a meia-noite — interrompi.

— Ah. Certo. Vamos para a biblioteca, então? — Vee destrancou as portas de seu carro, um Dodge Neon 1995 roxo. — Você anda muito nervosinha, sabia?

Deslizei para o assento do carona.

— A culpa é do filme.

A culpa era do tarado que estava à minha janela na noite anterior.

— Não estou falando só de hoje. Eu percebi — disse ela, com um sorrisinho malicioso — que nos últimos dois dias você tem ficado bem rabugenta depois das aulas de biologia.

— Fácil. A culpa é do Patch.

O olhar de Vee se dirigiu ao espelho retrovisor. Ela o ajustou para poder olhar melhor a boca, passou a língua nos dentes e deu um sorriso ensaiado.

— Preciso admitir: o lado negro dele me atrai.

Não tinha desejo algum de admitir, mas Vee não era a única. Eu sentia uma atração por Patch que nunca havia sentido por ninguém. Havia um magnetismo sombrio entre nós. Perto dele, eu me sentia seduzida pelo perigo. A qualquer momento, parecia que ele poderia me fazer passar dos limites.

— Depois dessa, fiquei com vontade de…

Fiz uma pausa, tentando pensar exatamente o que eu me sentia tentada a fazer *mesmo* diante de nossa atração por Patch. Seria algo desagradável.

— Vai me dizer que não acha ele bonito? — provocou Vee. — Se disser, prometo nunca mais tocar no nome dele.

Liguei o rádio. Devia haver alguma coisa melhor a fazer com a nossa noite do que estragá-la convidando Patch, mesmo que virtualmente, a participar dela. Sentar ao lado dele durante uma hora por dia, cinco dias por semana, era bem mais do que eu podia suportar. Não ia dedicar a ele também as minhas noites.

— E aí? — insistiu Vee.

— Ele pode até ser bonito, mas eu seria a última saber. Meu julgamento não é imparcial. Sinto muito.

— O que você está querendo dizer?

— É que a personalidade dele me incomoda tanto que beleza alguma pode compensar.

— Não estamos falando de beleza. Ele é… agressivo. Sexy.

Revirei os olhos.

Vee buzinou e pisou no freio quando um carro cortou sua frente.

— O quê? Não concorda? Ou rude-e-rústico não é o seu tipo?

— Não tenho um tipo — disse. — Não sou uma pessoa tão limitada. Vee caiu na gargalhada.

— Você, meu bem, é muito mais do que limitada: é presa. Travada. Seu leque de possibilidades é tão amplo quanto um daqueles microrganismos do técnico. São pouquíssimos os meninos da escola para quem você daria mole. Se é que existe algum.

— Não é verdade — pronunciei as palavras de forma instintiva. Só depois de dizê-las me questionei quanto seriam verdadeiras. Nunca tinha me interessado seriamente por alguém. Isso é assim tão bizarro? — Não tem a ver com os caras. É o… amor. Ainda não encontrei.

— Não estamos falando de amor — disse Vee. — Estamos falando de diversão. Levantei as sobrancelhas, em dúvida.

— Beijar um cara que eu não conheço, por quem não sinto nada, isso é diversão?

— Você não prestou atenção às aulas de biologia? É muito mais do que beijar.

— Ah — disse com um tom cheio de sabedoria. — O *pool* genético já está bem desvirtuado sem a minha contribuição.

— Quer saber quem eu acho que deve ser gostoso de verdade?

— Gostoso?

— *Gostoso* — repetiu ela com um sorriso indecente.

— Acho que não.

— Seu parceiro.

— Não chame ele assim — disse. — “Parceiro” tem uma conotação positiva.

Vee espremeu o carro em uma vaga perto da entrada da biblioteca e desligou o motor.

— Você nunca imaginou como seria dar um beijo nele? Nunca deu uma olhada para o lado e imaginou se jogar nos braços de Patch e encostar sua boca na dele?

Encarei-a com um olhar que eu esperava que transmitisse quanto estava horrorizada.

— Você já?

Vee sorriu.

Tentei imaginar o que Patch faria se soubesse disso. Por menos que o conhecesse, percebia a aversão que nutria por Vee como algo tão concreto que poderia ser tocado.

— Ele não é bom o bastante para você — disse eu.

— Cuidado — ela gemeu. — Assim vou querer mais ainda.

Na biblioteca, escolhemos uma mesa no andar principal, perto das obras de ficção para adultos. Abri o laptop e digitei: *O Sacrifício*, *duas estrelas e meia*. Duas estrelas e meia era provavelmente uma nota um tanto baixa. Mas eu estava com a cabeça cheia demais e não me sentia particularmente justa.

Vee abriu um saco com chips de maçã desidratada.

— Quer?

— Não, obrigada.

Ela olhou dentro do saco.

— Se você não quiser, vou ter que comer. Eu realmente não queria fazer isso.

Vee estava fazendo a dieta das frutas, baseada em um quadro de cores. Três frutas vermelhas por dia. Duas roxas. Um punhado de verdes…

Ela pegou um chip de maçã e começou a examiná-lo.

— Qual é a cor? — perguntei.

— Verde asqueroso, eu acho.

Naquele momento, Marcie Millar — a única aluna da segunda série do ensino médio na história de Coldwater High a entrar para uma equipe universitária principal de líderes de torcida — sentou-se numa cadeira na beirada da nossa mesa. O cabelo ruivo estava arrumado em tranças finas e, como sempre, a pele escondida embaixo de meio vidro de base. Eu estava bem certa sobre a quantidade porque não havia sinal das sardas. Não via as sardas de Marcie desde a sétima série, o mesmo ano em que ela descobrira a maquiagem. Havia só um centímetro de saia cobrindo sua calcinha… se é que ela estava usando calcinha.

— Oi, Tamanho GG — disse Marcie para Vee.

— Oi, Sardenta Maluca — respondeu Vee.

— Mamãe está procurando modelos para trabalhar neste fim de semana. Paga nove dólares por hora. Achei que você poderia ter interesse.

A mãe de Marcie é gerente da loja de departamentos JCPenney na região e nos fins de semana coloca Marcie e as outras líderes de torcida usando biquínis nas vitrines que ficam de frente para a rua.

— Ela tem muita dificuldade de encontrar modelos para lingerie tamanho grande — disse Marcie.

— Tem comida nos seus dentes — disse Vee para Marcie. — Entre os dois dentes da frente. Parece aquele chocolate laxante…

Marcie passou a língua nos dentes e saiu de fininho. Enquanto ela se afastava rebolando, Vee colocou um dedo na boca, fazendo de conta que estava vomitando.

— Ela tem sorte de estarmos na biblioteca — falou Vee. — Tem sorte de a gente não ter esbarrado em algum beco escuro. Última chance: quer maçã?

— Dispenso.

Vee levantou-se para jogar fora o petisco. Minutos depois, voltou com um romance. Sentou-se ao meu lado, mostrou a capa e disse:

— Nós vamos ser como essa daí um dia desses. Violentadas por vaqueiros seminus. Como deve ser beijar lábios queimados pelo sol e cobertos de poeira?

— Uma sujeira — murmurei, sem parar de digitar.

— Por falar em sujeira… — o tom da voz dela subiu inesperadamente. — Olhe ali nosso homem.

Parei de digitar apenas pelo tempo suficiente para olhar por cima da tela do laptop. Meu coração deu um pulo. Patch estava do outro lado da sala, na fila de saída. Como se percebesse meu olhar, ele se virou. Ficamos nos encarando por um, dois, três segundos. Fui a primeira a desviar os olhos, não antes de receber um sorriso preguiçoso.

Meu coração batia descompassado e disse a mim mesma que precisava assumir o controle da situação. Eu *não* ia cair naquela. Não com Patch. A menos que eu estivesse ficando maluca.

— Vamos embora — falei para Vee.

Fechei o laptop e o coloquei na pasta. Joguei meus livros dentro da mochila, mas alguns acabaram caindo no chão.

— Estou tentando ler o título do livro que ele está segurando… — disse Vee. — Pera aí… *Como perseguir pessoas.*

— Ele *não* está pegando emprestado um livro com esse título. — Mas eu não estava tão certa assim.

— É esse ou então *Como ser sexy sem fazer força*.

— Shh!

— Fique fria, ele não pode nos ouvir. Está falando com a bibliotecária. Está finalizando o empréstimo.

Ao confirmar a informação com uma olhadela rápida, percebi que se saíssemos naquele momento provavelmente o encontraríamos na porta. E então eu teria de falar com ele. Retornei para a cadeira e comecei uma busca cuidadosa (por nada) nos bolsos da mochila, enquanto ele terminava de acertar o empréstimo.

— Você não acha esquisito que ele esteja aqui na mesma hora que a gente? — perguntou Vee.

— Você acha?

— Acho que ele está seguindo você.

— Acho que é coincidência.

Isso não era inteiramente verdade. Se precisasse fazer uma lista dos dez lugares mais prováveis para encontrar Patch numa noite qualquer, a biblioteca pública não estaria entre eles. Não estaria nem entre os cem primeiros. Então, o que ele estava fazendo ali?

A pergunta era particularmente perturbadora depois do que tinha acontecido na noite anterior. Não contei para Vee porque esperava que tudo perdesse a importância e desaparecesse da minha memória como se simplesmente não tivesse acontecido. Ponto final.

— *Patch*! — Vee fez de conta que estava sussurrando. — Você está perseguindo a Nora?

Tampei com a mão a boca de Vee.

— Pare com isso. Estou falando sério. — E fiz cara de zangada.

— Aposto que ele a está seguindo — disse Vee, afastando minha mão. — Aposto também que ele tem histórico de perseguir garotas. Aposto que está cumprindo alguma medida cautelar de afastamento. Poderíamos bisbilhotar na secretaria. Vamos encontrar tudo na ficha dele.

— *Não* vamos bisbilhotar na secretaria.

— Eu poderia desviar a atenção. Sou boa em chamar atenção. Ninguém veria você entrar. Poderíamos agir como espiãs.

— Não somos espiãs.

— Você sabe o sobrenome dele? — perguntou Vee.

— Não.

— Você sabe alguma coisa sobre ele?

— Não. E prefiro assim.

— Qual é? Você adora uma boa história de mistério, e não existem muitas histórias de mistério melhores por aí.

— As melhores histórias de mistério costumam incluir um cadáver. Não temos um cadáver.

— Não temos ainda! — Vee soltou um gritinho.

Peguei dois comprimidos de suplemento de ferro do frasco que estava na minha mochila e os engoli de uma só vez.

***

Vee parou o Neon na entrada da casa dela pouco depois das 21h30. Desligou o motor e balançou as chaves na minha cara.

— Você não vai me levar para casa? — perguntei. Desperdício de fôlego, porque eu sabia a resposta.

— Muita neblina.

— Em algumas “partches” do caminho.

Vee sorriu.

— Puxa vida. Você *não* tira ele da cabeça. Não a culpo, claro. Pessoalmente, espero sonhar com ele esta noite.

Eu, hein.

— E a neblina sempre piora perto da sua casa — prosseguiu Vee. — Fico apavorada lá depois que escurece.

Peguei as chaves.

— Muito obrigada.

— Não ponha a culpa em mim. Diga a sua mãe que se mude para mais perto. Diga a ela que existe um novo clube chamado civilização e que vocês duas deveriam se associar.

— Imagino que queira que eu passe para pegar você amanhã antes da escola?

— Sete e meia seria uma boa hora. O café da manhã é por minha conta.

— É melhor que seja um ótimo café da manhã.

— Seja boazinha com meu carrinho. — Ela deu tapinhas no carro. — Mas não tão boazinha. Não quero que ele pense que pode ter vida melhor em outro lugar.

No caminho para casa, permiti que meus pensamentos fizessem uma breve viagem até Patch. Vee estava certa: alguma coisa nele era extremamente atraente. E extremamente assustadora. Quanto mais pensava, mais me convencia de que havia algo nele… de errado. O fato de que ele gostava de me contrariar não era exatamente uma novidade, mas havia diferença entre implicar comigo na aula e *talvez* se dar o trabalho de me seguir até a biblioteca para levar a implicância adiante. Pouca gente faria isso… a não ser que tivesse bons motivos.

Na metade do caminho, começou a cair uma chuva fina das poucas nuvens de neblina que pairavam sobre a estrada. Dividindo a atenção entre a estrada e o controle do volante, tentei encontrar o comando dos limpadores de para-brisa.

A luz dos postes piscava lá no alto, e fiquei imaginando se uma tempestade estava se aproximando. Ali tão perto do oceano o clima mudava constantemente, e uma garoa podia rapidamente se transformar em uma enxurrada. Pisei no acelerador do Neon.

As lâmpadas vacilaram mais uma vez. Senti um calafrio na nuca e os pelos dos meus braços se eriçaram. Meu sexto sentido entrou em alerta máximo. Perguntei a mim mesma se achava que estava

sendo seguida. Não havia faróis no espelho retrovisor. Nem carros adiante. Eu estava sozinha. Não era um pensamento lá muito reconfortante. Acelerei até os 70 quilômetros por hora.

Encontrei o comando dos limpadores do para-brisa, mas mesmo na velocidade máxima eles não conseguiam dar conta da chuva forte. O sinal ficou amarelo, então diminuí até parar, verifiquei se vinha outro carro e atravessei o cruzamento.

Ouvi o impacto antes de registrar que um vulto negro deslizava pelo capô do carro.

Gritei e pisei fundo no freio. O vulto bateu contra o para-brisa e ouvi um barulho de vidro quebrado.

Por impulso, virei o volante para a direita. O Neon saiu de traseira e girou no cruzamento. O vulto rolou e desapareceu por trás do capô.

Prendendo a respiração e agarrada ao volante com tanta força que as duas mãos estavam quase dormentes, tirei os pés dos pedais. O carro deu um tranco e parou.

Ele estava agachado a alguns metros, observando-me. Não parecia nem um pouco… machucado.

Estava todo vestido de negro e se confundia com a noite, o que tornava difícil dizer qual era a sua aparência. A princípio não consegui distinguir os traços de seu rosto, mas então percebi que ele usava uma máscara de esquiador.

Ele ficou de pé e se aproximou. Espalmou as mãos contra a janela do lado do motorista. Nossos olhos se encontraram pelo orifício da máscara. Um sorriso letal parecia brotar de seus olhos.

Deu outro golpe. O vidro vibrava entre nós.

Liguei o carro. Tentei sincronizar as ações de passar a primeira marcha, pisar no acelerador e soltar a embreagem. O motor ligou, no entanto o carro mais uma vez deu um solavanco e morreu.

Dei a partida de novo, mas me distraí com um estranho ruído metálico. Observei aterrorizada que a porta começava a ceder. Ele a estava… arrancando.

Engatei a primeira marcha. Meus sapatos escorregavam nos pedais. O motor roncou, enquanto o conta-giros no painel avançava

para a zona vermelha.

O punho atravessou a janela com uma explosão de cacos de vidro. A mão tateou meu ombro e segurou meu braço. Dei um grito rouco, pisei fundo no acelerador e soltei a embreagem. O Neon cantou pneus ao entrar em movimento. Ele continuou pendurado, segurando meu braço, correndo ao lado do carro por muitos metros antes de me largar.

A adrenalina me fez avançar a toda a velocidade. Verifiquei o espelho retrovisor para ter certeza de que ele não estava me perseguindo e então afastei o espelho para o outro lado. Tive que apertar os lábios para não cair no choro.

CAPÍTULO
4

Descendo a Hawthorne a toda velocidade, passei pela minha casa, fiz o contorno, cortei pela Beech e me dirigi de volta ao centro de Coldwater. Usei a discagem rápida para ligar para Vee.

— Aconteceu uma coisa… eu… ele… do nada… o Neon…

— Não estou conseguindo entender. O que houve?

Sequei o nariz nas costas da mão. Estava tremendo da cabeça aos pés.

— Ele apareceu do nada.

— Quem?

— Ele… — Tentei organizar os pensamentos e transformá-los em palavras.

— Pulou na frente do carro.

— Caramba. Caramba, caramba. Você atropelou um *veado*? Está tudo bem com você? E o Bambi? — Ela meio que choramingava e resmungava. — O Neon?

Abri a boca, mas Vee me interrompeu.

— Deixe pra lá. Tenho seguro. Mas me diz que não tem pedaços de veado por todo o meu carrinho… Nenhum pedaço, certo?

A resposta que eu estava a ponto de dar desapareceu. Minha mente estava dois passos à frente. Um veado. Talvez eu pudesse fazer com que toda aquela história se tratasse do atropelamento de um veado. Eu queria confiar em Vee, mas também não queria parecer maluca. Como explicaria o fato de ter visto o cara que atropelei se levantar e começar a arrancar a porta do carro? Puxei a gola para observar meu ombro. Não havia sinal de marca vermelha na região em que ele me agarrara…

Voltei a mim com um susto. Eu estava mesmo considerando a hipótese de negar o que acontecera? Eu *sabia* o que tinha visto.

Não era minha imaginação.

— Que doideira — disse Vee. — Você não respondeu. O veado está preso no farol do carro, é isso? Você está dirigindo com ele preso na frente do carro como se fosse um trator de limpar neve.

— Posso dormir na sua casa?

Queria sair das ruas. Da escuridão. Com um suspiro repentino, percebi que, para chegar à casa de Vee, precisaria passar novamente pelo cruzamento onde o havia atropelado.

— Estou no meu quarto — disse Vee. — Entre quando chegar. Vejo você logo.

Segurando o volante com força, acelerei o Neon em meio à chuva, rezando para que o sinal estivesse verde para mim na Hawthorne. Estava, e voei pelo cruzamento, olhando fixamente para a frente, mas ao mesmo tempo tentando dar uma olhada nas sombras na lateral da pista. Não havia vestígio do cara com a máscara de esquiador.

Dez minutos depois, estacionei o Neon na garagem de Vee. A porta tinha sido tão danificada que precisei empurrá-la com os pés para abrir caminho e sair. Então fui correndo até a porta da frente, tranquei-a e desci depressa a escada até o subsolo.

Vee estava sentada na cama de pernas cruzadas, com o caderno apoiado nos joelhos, fones no ouvido e iPod ligado no volume máximo.

— Será que eu vou querer ver o prejuízo hoje à noite ou devo deixar para depois de pelo menos sete horas bem dormidas? — exclamou num volume mais alto que a música.

— Talvez a opção número 2.

Vee fechou o caderno com força e tirou os fones.

— Vamos lá.

Quando chegamos do lado de fora, fiquei olhando o Neon por um bom tempo. Não era uma noite quente, mas não foi a temperatura que causou os arrepios que eriçaram meus pelos dos braços. Não havia sinal de qualquer dano na janela do lado do motorista. Nenhum amassado na porta.

— Tem alguma coisa errada — disse eu. Mas Vee não estava ouvindo. Estava muito ocupada inspecionando cada centímetro quadrado do Neon.

Dei um passo à frente e apalpei a janela do motorista. O vidro estava intacto. Fechei os olhos. Quando os abri novamente, a janela continuava intacta.

Dei a volta até a traseira do carro. Tinha praticamente completado 360 graus quando parei subitamente.

Uma fenda fina dividia o para-brisas em duas partes.

Vee notou ao mesmo tempo.

— Tem certeza de que não foi um esquilo?

Voltei a ver em minha mente os olhos letais na máscara de esquiador. Eram tão negros que eu não conseguia distinguir a íris e as pupilas. Negros como… os olhos de Patch.

— Olhe pra mim. Estou chorando de alegria — disse Vee, jogando-se sobre o capô do Neon para um abraço. — Um arranhãozinho de nada. Só isso.

Forcei um sorriso, mas meu estômago estava embrulhado. Cinco minutos antes, a janela estava destroçada e a porta, amassada. Olhando para o carro naquele momento, parecia impossível. Não, parecia maluquice. Mas eu *vi* o punho socar o vidro e senti as unhas se cravarem em meu ombro.

Não foi?

Quanto mais tentava me lembrar do acidente, mais difícil se tornava. Pequenos lapsos de informação abriam-se em minha memória. Os detalhes estavam desaparecendo. Como ele era? Alto? Baixo? Magro? Forte? Disse alguma palavra?

Eu não conseguia lembrar. E isso era o mais assustador.

***

Na manhã seguinte Vee e eu saímos de casa às 7h15 e dirigimos até o Enzo’s Bistrô para tomar leite quente. Com as mãos em volta

da minha xícara de porcelana, tentei afastar o frio intenso que me consumia por dentro. Tinha tomado uma chuveirada, vestido uma camiseta e um cardigã de Vee e passado alguma maquiagem, mas mal me lembrava de ter feito isso.

— Não olhe agora — disse Vee —, mas o sr. Suéter Verde não para de olhar para cá, avaliando suas pernas compridas nesses jeans… Ih! Ele acabou de me fazer uma saudação. É sério. Uma saudação militar com dois dedos. Que gracinha.

Eu não estava escutando. Passara a noite revivendo o acidente da véspera, o que espantou qualquer possibilidade de sono. Meus pensamentos estavam enredados, meus olhos, secos e pesados. Não conseguia me concentrar.

— O sr. Suéter Verde parece normal, mas seu escudeiro tem jeito de ser um garoto bastante malcomportado — disse Vee. — Tem uma certa aura de “não mexa comigo”. Diga só se você não acha que ele parece filho do Drácula. Diga que é minha imaginação.

Levantando os olhos apenas o suficiente para espiar, sem dar pinta, observei o rosto bonito, de traços finos. O cabelo louro caía na altura dos ombros. Olhos cor de cromo. Barba por fazer. Impecavelmente vestido com uma jaqueta ajustada sobre o suéter verde e jeans escuros de marca.

— Você está imaginando coisas — eu disse.

— Não viu aqueles olhos fundos? O topete? O porte alto e esguio? Talvez ele seja alto o bastante para mim.

Vee está chegando perto de 1,80 metro de altura, mas tem fixação por saltos. Saltos altos. Também tem fixação por não sair com sujeitos mais baixos.

— Muito bem. O que há de errado? — Vee perguntou. — Você ficou incomunicável. Não tem a ver com o arranhão em meu para-brisa, tem? Qual é o problema de você ter batido em um bicho? Podia ter acontecido com qualquer um. É claro que as chances disso acontecer seriam bem menores se a sua mãe resolvesse sair do fim do mundo.

Contaria a Vee a verdade sobre o que havia acontecido. Logo. Só precisava de um tempinho para reconstituir alguns detalhes. O

problema era que eu não sabia como conseguiria fazer isso. Os únicos detalhes que sobraram eram vagos, na melhor das hipóteses. Era como se uma borracha tivesse apagado minhas lembranças. Rememorando, eu me lembrava da chuva pesada descendo pela janela do carro, deixando tudo mais indistinto. Será que eu realmente não havia atropelado um veado?

— Hum. Fique ligada — disse Vee. — O sr. Suéter Verde está se levantando da cadeira. Hum, aquele corpo frequenta a academia regularmente. Ele está vindo na nossa direção, com olhos em suas posses, ou melhor, com os olhos em você.

Menos de um segundo depois fomos saudadas com um “Olá” em tom baixo e agradável.

Vee e eu olhamos ao mesmo tempo. O sr. Suéter Verde estava em pé perto da nossa mesa, com os polegares escondidos nos bolsos dos jeans. Tinha olhos azuis, cabelos louros charmosamente desarrumados caindo na testa.

— Olá você — disse Vee. — Sou Vee. Essa é Nora Grey.

Fiz uma cara feia para Vee. Não gostei de ela ter acrescentado meu sobrenome, achei que violava um acordo tácito entre meninas, para não falar de melhores amigas, ao conhecer garotos desconhecidos. Acenei sem muita vontade e levei a xícara à boca, queimando a língua no mesmo momento.

Ele arrastou uma cadeira da mesa ao lado e sentou-se de costas, apoiando o braço no encosto. Estendeu a mão para mim e disse:

— Sou Elliot Saunders. — Apertei a mão dele, achando aquilo formal demais.

— E esse é Jules — acrescentou, projetando o queixo na direção do amigo, aquele que Vee havia subestimado muito ao chamar de “alto”.

Jules abaixou-se todo para se sentar ao lado de Vee, fazendo a cadeira parecer de brinquedo.

— Acho que você talvez seja o cara mais alto que já vi — ela disse para ele. — Fala sério, qual é sua altura?

— Dois metros e dez centímetros — balbuciou Jules, curvando-se no assento e cruzando os braços.

Elliot pigarreou.

— Será que eu poderia pedir alguma coisa para as senhoritas comerem?

— Eu estou satisfeita — disse, erguendo a xícara. — Já pedi.

Vee me chutou por debaixo da mesa.

— Ela vai querer um donut recheado com creme de baunilha. Peça dois.

— E a dieta vai para o ralo, é? — perguntei a Vee.

— Fica na sua. A fava da baunilha é uma fruta. Uma fruta marrom.

— É um legume.

— Tem certeza?

Eu não tinha.

Jules fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. Aparentemente, compartilhávamos o mesmo entusiasmo pela companhia um do outro.

Enquanto Elliot se dirigia ao balcão, deixei meus olhos o acompanharem. Com toda a certeza ele cursava o ensino médio, mas nunca o vira na Coldwater High School. Teria lembrado. Ele tinha uma personalidade atraente e extrovertida que se destacava. Se eu não estivesse tão abalada, poderia até mesmo ficar interessada. Em amizade, ou talvez em algo mais.

— Você mora por aqui? — perguntou Vee a Jules.

— Hum, hum.

— Vai para a escola?

— Kinghorn Prep. — Havia um tom de superioridade em sua voz.

— Nunca ouvi falar.

— Escola particular. Em Portland. As aulas começam às nove horas. — Ele arregaçou a manga e olhou o relógio.

Vee mergulhou o dedo na espuma do leite e lambeu.

— É cara?

Jules olhou diretamente para ela pela primeira vez. Os olhos se arregalaram, mostrando um pouco do branco.

— Você é rico? Aposto que é — disse ela.

Jules olhou para Vee como se ela tivesse acabado de matar uma mosca esmagando-a contra a testa dele. Arrastou a cadeira alguns centímetros, afastando-se de nós.

Elliot voltou com uma caixa de meia dúzia de donuts.

— Dois com recheio de creme de baunilha, para as moças — disse ele, empurrando a caixa na minha direção —, e quatro com glacê, para mim. É melhor que eu me abasteça, porque não sei como é o refeitório da Coldwater High.

Vee quase derramou o leite.

— Você estuda na CHS?

— A partir de hoje. Acabei de ser transferido para lá, da Kinghorn Prep.

— Eu e Nora estudamos na CHS — disse Vee. — Espero que você seja capaz de apreciar sua sorte. Qualquer coisa que queira saber, inclusive quem deve convidar para o Baile de Primavera, é só perguntar. Nora e eu, aliás, não temos acompanhantes… Por enquanto.

Decidi que estava na hora de ir embora. Jules estava obviamente entediado e nervoso, e estar em sua companhia não ajudava meu humor impaciente. Fiz uma grande cena ao olhar no relógio do celular e falei:

— Está na hora de irmos para a escola, Vee. Precisamos estudar para a prova de biologia. Elliot e Jules, muito prazer em conhecê-los.

— Nossa prova de biologia é só na sexta — disse Vee.

Fiz uma careta por dentro. Por fora, sorri entre os dentes.

— Isso. O que eu queria dizer é que tenho prova de *inglês*. Sobre as obras de… Geoffrey Chaucer.

Todo mundo sabia que eu estava mentindo. Fiquei um pouco incomodada por minha grosseria, especialmente porque Elliot nada tinha feito para merecer aquele tratamento. Mas eu não queria ficar mais naquele lugar. Queria continuar avançando, distanciando-me da noite anterior. Talvez não fosse tão ruim assim a perda da memória. Quanto mais rápido eu esquecesse o acidente, mais rápido minha vida retomaria o ritmo normal.

— Espero que você tenha um ótimo primeiro dia. Talvez nos encontremos na hora do almoço — disse para Elliot.

Então puxei Vee pelo cotovelo e a arrastei até a porta.

***

O horário de aulas estava quase encerrado. Só faltava a de biologia, e depois de passar rapidamente em meu armário para trocar os livros encaminhei-me para a sala. Vee e eu chegamos antes de Patch. Ela deslizou no assento vazio onde ele deveria estar, começou a mexer no interior da mochila até retirar uma caixa de jujubas.

— Hora de uma fruta vermelha — disse, oferecendo-me a caixa.

— Deixe ver… Canela é fruta? — Afastei a caixa.

— Você também não comeu nada no almoço — disse Vee fazendo uma cara feia.

— Não estou com fome.

— Mentirosa. Você sempre está com fome. Isso tem a ver com Patch? Você não está achando que ele tem mesmo seguido você, está? Porque, na noite passada, tudo aquilo que falei na biblioteca era gozação com a sua cara.

Massageei as têmporas em pequenos círculos. A dor sem fim que tinha se instalado atrás dos meus olhos intensificou-se diante da menção a Patch.

— Patch é a menor das minhas preocupações — disse.

Não era exatamente verdade.

— Meu lugar, com licença.

Vee e eu levantamos os olhos ao mesmo tempo ao ouvir o som da voz de Patch. Ele soou bastante educado, mas não parou de encarar Vee enquanto ela se levantava e pendurava a mochila no ombro. Parecia que ela não conseguia se mover rápido o bastante. Ele gesticulou para o corredor, convidando-a a sair do caminho.

— Linda como sempre — disse para mim ao sentar na cadeira.

Recostou-se, estendendo as pernas diante de si. Eu já percebera que ele era alto, mas nunca tinha pensado qual era a altura. Agora, ao observar a extensão de suas pernas, eu chutaria que ele tinha mais de 1,85 metro. Talvez 1,90 metro.

— Obrigada — respondi sem pensar.

Imediatamente, quis engolir minhas palavras. *Obrigada*? De tudo o que eu poderia ter dito, "obrigada" era o pior. Não queria que Patch achasse que eu apreciava seus elogios. Porque não apreciava… na maioria das vezes. Não era preciso ser muito esperta para perceber que ele era encrenca, e eu já tinha passado por encrenca o bastante na vida. Não precisava de mais. Talvez se eu o ignorasse, ele acabaria desistindo de puxar assunto. Então poderíamos nos sentar lado a lado em harmonia silenciosa, como todas as outras duplas na sala.

— Também está com um perfume gostoso — disse Patch.

— Chama-se chuveiro. — Eu estava com o olhar fixo para a frente. Como ele não respondeu, virei-me de lado. — Sabão. Xampu. Água quente.

— Nua. Sei como é.

Abri a boca para mudar de assunto quando o sinal me interrompeu.

— Guardem os livros — disse o técnico, sentado à mesa. — Vou entregar um questionário a fim de que vocês se preparem para o teste de sexta. — Ele parou diante de mim, lambendo o dedo enquanto tentava separar os exercícios. — Quero 15 minutos de silêncio enquanto vocês respondem as perguntas. Então discutiremos o capítulo sete. Boa sorte.

Passei pelas primeiras perguntas respondendo com um despejo rítmico de fatos memorizados. Pelo menos o exercício prendeu minha atenção, colocando em segundo plano o acidente da noite anterior e a voz no fundo da minha mente que questionava minha própria sanidade. Quando parei para descansar a mão que escrevia, senti Patch se curvar na minha direção.

— Você está com uma cara cansada. Noite ruim? — sussurrou.

— Vi você na biblioteca.

Fui cuidadosa em manter meu lápis deslizando sobre o exercício, aparentemente entretida com o trabalho.

— O ponto alto da minha noite.

— Você estava me seguindo?

Ele jogou a cabeça para trás e riu suavemente.

— Então o que estava fazendo ali? — Tentei uma abordagem diferente.

— Pegando um livro emprestado.

Senti os olhos do técnico sobre mim e mergulhei no exercício. Depois de responder a várias outras perguntas, dei uma olhada para a esquerda. Fiquei surpresa ao descobrir que Patch estava me observando. Ele sorriu.

Meu coração deu um pulo inesperado, aturdido com aquele sorriso estranhamente sedutor. Para meu horror, fiquei tão sem graça que deixei cair o lápis, que quicou no tampo da mesa algumas vezes antes de rolar da quina. Patch se curvou para pegá-lo. Segurou-o com a palma da mão, e precisei me concentrar para não tocar sua pele ao pegá-lo de volta.

— Depois da biblioteca — sussurrei —, aonde você foi?

— Por quê?

— Você me seguiu? — questionei em voz baixa.

— Você parece um pouco perturbada, Nora. O que aconteceu?

As sobrancelhas dele se ergueram com um ar de preocupação. Era tudo só fachada, pois havia um fulgor zombeteiro em seus olhos negros.

— Você *está* me seguindo?

— Por que eu ia querer seguir você?

— Responda a minha pergunta.

— Nora…

O tom ameaçador na voz do técnico me devolveu ao exercício, mas eu não parei de pensar em qual teria sido a resposta de Patch. Queria ir para o mais longe possível dele. Para o outro lado da sala. Para o outro lado do universo.

O técnico usou o apito.

— Acabou o tempo. Passem os questionários para a frente. Vocês encontrarão questões semelhantes nesta sexta-feira. E agora — ele disse batendo uma das mãos contra a outra, com um som que me fez tremer —, vamos cuidar da lição do dia. Srta. Sky, gostaria de apresentar nosso tema?

— S-e-x-o — anunciou Vee.

Assim que ela terminou de falar, saí do ar. Patch estava me seguindo? Seria dele o rosto escondido pela máscara de esquiador? Se é que havia mesmo um rosto atrás da máscara. O que ele queria? Cruzei os braços com força, subitamente sentindo muito frio. Queria que minha vida voltasse a ser como era antes de Patch aparecer em meu caminho.

No final da aula, não deixei que ele saísse.

— Será que nós poderíamos conversar?

Ele já estava de pé, por isso sentou-se na beirada da mesa.

— O que houve?

— Sei que você não quer sentar junto de mim mais do que eu quero sentar junto de você. Acho que o técnico talvez considere uma mudança de lugares se você falar com ele. Se explicar a situação…

— A situação?

— Não somos… compatíveis.

Ele passou a mão no queixo. Um gesto de avaliação que já se tornara familiar para mim depois de uns poucos dias.

— Não somos?

— Não estou dando nenhum furo de reportagem aqui.

— Quando o técnico me pediu uma lista de características desejáveis em uma parceira, descrevi você.

— Retire o que disse.

— Inteligente. Atraente. Vulnerável. Você discorda?

Ele estava fazendo aquilo com o único propósito de me provocar, e isso só me irritava mais.

— Você vai pedir ao técnico para mudar de lugar ou não?

— Negativo. Fiquei apegado.

O que eu deveria dizer diante aquilo? Obviamente ele estava tentando provocar em mim alguma reação. O que não era difícil, considerando que eu nunca sabia se ele estava brincando ou sendo sincero.

Tentei aplicar uma dose de compostura à minha voz.

— Acho que você ficaria bem melhor se sentasse com outra pessoa. Acho que você sabe disso. — Sorri, tensa, porém educada.

— Mas eu poderia acabar ao lado de Vee. — O sorriso parecia tão educado quanto o meu. — Não vou arriscar.

Vee apareceu junto a nossa mesa, olhando alternadamente para mim e para Patch.

— Estou interrompendo?

— Não — eu disse fechando bruscamente a mochila. — Estava perguntando a Patch quais páginas devemos ler hoje. Não conseguia me lembrar do que o técnico determinou.

— O dever está no quadro-negro, como sempre — Vee falou. — Como se você já não tivesse lido tudo.

Patch caiu na gargalhada, como se estivesse curtindo sozinho uma piadinha particular. Não foi a primeira vez que desejei saber em que ele estava pensando. Porque algumas vezes eu tinha certeza de que essas piadinhas tinham tudo a ver comigo.

— Algo mais, Nora? — perguntou.

— Não — respondi. — Até amanhã.

— Mal posso esperar. — Ele piscou. Piscou de verdade.

Quando Patch já não poderia ouvir, Vee agarrou meu braço.

— Boa notícia. *Cipriano*. É o sobrenome dele. Vi na lista de chamada do técnico.

— E isso é algo que deve me deixar feliz porque…?

— Todo mundo sabe que os alunos são obrigados a registrar medicamentos controlados na enfermaria. — Ela puxou o bolso dianteiro de minha mochila, no qual guardo os comprimidos de ferro. — Todo mundo sabe também que a enfermaria é localizada convenientemente dentro da secretaria, onde, por acaso, ficam guardadas as fichas dos alunos.

Com os olhos brilhando, Vee segurou meu braço e me empurrou na direção da porta.

— Está na hora de fazer uma investigação de verdade.

CAPÍTULO
5

Em que posso ser útil?

Obriguei-me a sorrir para a secretária, esperando não parecer tão desonesta quanto me sentia.

— Tem um medicamento que tomo diariamente na escola, e minha amiga… Minha voz falhou naquela palavra, e perguntei a mim mesma se, depois daquele dia, teria vontade de voltar a chamar Vee de amiga.

— *Minha amiga* me informou que devo registrar o medicamento com a enfermeira. A senhora saberia me dizer se isso está correto?

Não podia acreditar que estava ali com a intenção de fazer algo ilegal. Ultimamente, eu não andava me comportando como eu mesma. Primeiro, fui atrás de Patch até um fliperama de má reputação tarde da noite. Agora estava a ponto de bisbilhotar a ficha de um aluno. Qual era o meu problema? Não. Qual era o problema com Patch?, pois quando tinha a ver com ele eu não conseguia parar de tomar decisões erradas.

— Ah, sim — disse a secretária solenemente. — Todos os medicamentos precisam ser registrados. A sala da enfermeira é ali atrás, terceira porta à esquerda, em frente ao arquivo dos alunos. — Ela gesticulou para o corredor atrás dela. — Se a enfermeira não estiver lá, você pode se sentar na maca dentro da sala. Ela deve voltar a qualquer momento.

Fabriquei outro sorriso. Realmente não esperava que fosse tão fácil.

Andando pelo corredor mal iluminado, parei diversas vezes para olhar para trás. Ninguém vinha. O telefone na entrada da secretaria estava tocando, mas o som parecia estar vindo do outro lado do mundo. Eu estava sozinha, livre para fazer o que quisesse.

Parei diante da terceira porta à esquerda. Respirei fundo e bati, mas era óbvio, por causa do escuro do outro lado do vidro, que a sala estava vazia. Empurrei a porta. Ela se moveu com dificuldade, rangendo, e ao se abrir revelou uma sala compacta revestida de azulejos desgastados. Fiquei parada na porta por um instante, quase desejando que a enfermeira aparecesse para não ter escolha além de registrar meu suplemento de ferro e partir. Uma rápida olhada do outro lado do corredor revelou uma porta com uma janela de vidro onde estava escrito ARQUIVOS DOS ALUNOS. Estava escuro demais.

Voltei minha atenção para um pensamento incômodo no fundo da cabeça. Patch garantira que não frequentara a escola no ano anterior. Eu estava certa de que ele estava mentindo, mas, se não estivesse, será que ele teria ficha no arquivo? Precisava ter, pelo menos, um endereço residencial, raciocinei. E uma caderneta de vacinas, e as notas do último semestre. Até aquela data. Uma possível suspensão parecia ser um preço alto demais para dar uma olhada na caderneta de vacinas de Patch.

Apoiei um ombro contra a parede e olhei meu relógio. Vee me dissera para aguardar seu sinal. Disse que seria algo óbvio.

Que beleza.

O telefone da secretaria tocou de novo e a moça atendeu.

Mordendo os lábios, arrisquei uma segunda olhada na porta em que estava escrito ARQUIVOS DOS ALUNOS. Havia uma boa chance de que estivesse trancada. As pastas com a documentação provavelmente eram consideradas altamente confidenciais. Não importava o que Vee inventasse para desviar a atenção. Se a porta estivesse fechada, eu não poderia entrar.

Passei a mochila para o outro ombro. Mais um minuto se passou. Disse a mim mesma que talvez eu devesse sair dali…

Por outro lado, e se Vee estivesse certa e ele andasse me seguindo? Como sua parceira de biologia, mantendo contato regular com ele, eu poderia estar em perigo. Tinha responsabilidade pela minha própria proteção… não tinha?

Se a porta estivesse destrancada e as pastas em ordem alfabética, eu não teria dificuldade de localizar rapidamente a de Patch. Mais alguns segundos para examinar qualquer informação que chamasse atenção em sua ficha e talvez eu pudesse dar o fora em menos de um minuto. Tão rápido que nem pareceria que entrara lá.

Estava estranhamente silencioso na secretaria. Subitamente, Vee dobrou em um corredor. Ela avançou na minha direção, curvada, grudada à parede, olhando disfarçadamente sobre o ombro. Era o tipo de andar adotado pelos espiões em filmes antigos.

— Está tudo sob controle — sussurrou.

— O que aconteceu com a secretária?

— Precisou deixar a sala por um minuto.

— *Precisou?* Você não a deixou inválida, deixou?

— Não dessa vez.

Agradeci ao deus das pequenas bênçãos.

— Liguei do orelhão lá fora para dar alarme de bomba — disse Vee. — A secretária ligou para a polícia e então escapou para procurar o diretor.

— Vee!

Ela apontou para o pulso sucessivas vezes.

— O tempo está passando. Não queremos ser encontradas aqui quando a polícia chegar.

Claro que não.

Vee e eu avaliamos a porta para o arquivo.

— Saia daí — disse Vee me dando uma bundada.

Ela abaixou a manga até o punho e deu um soco na janela. Nada aconteceu.

— Esse foi só para pegar o jeito — disse ela e se preparou para dar outro soco. Eu segurei seu braço.

— Talvez não esteja trancada. — Virei a maçaneta e a porta se abriu.

— Não foi tão divertido — disse Vee.

Questão de gosto.

— Você entra — instruiu ela. — Vou ficar de guarda. Se tudo correr bem, nos encontramos em uma hora no restaurante mexicano na esquina das ruas Drake e Beech. — Ela mais uma vez abaixou-se próxima à parede para atravessar o corredor.

Eu fiquei meio dentro, meio fora do cômodo estreito e com as paredes repletas de arquivos. Antes que minha consciência me fizesse desistir, fechei a porta atrás de mim, empurrando-a com as costas.

Respirando fundo, livrei-me da mochila e avancei depressa, acompanhando com o dedo a frente das gavetas. Encontrei a gaveta que estava marcada com CAR-CUV.

Com um puxão, ela se abriu com estardalhaço. As etiquetas nas pastas tinham sido escritas à mão, e fiquei pensando se Coldwater High seria a última escola do país sem computador.

Meus olhos esbarraram no nome “Cipriano”.

Puxei a pasta com força da gaveta abarrotada. Segurei-a nas mãos por um momento, tentando me convencer de que não havia nada de *muito* errado com o que estava prestes a fazer. Qual era o problema se havia informações particulares ali? Como colega de Patch em biologia, eu tinha o direito de tomar conhecimento.

Do lado de fora, vozes invadiram o corredor.

Abri a pasta de forma desajeitada e imediatamente tomei um susto. Aquilo não fazia sentido.

As vozes se aproximavam.

Joguei a pasta em qualquer lugar dentro da gaveta e a empurrei, fechando o armário mais uma vez com estardalhaço. Ao virar, congelei. Do outro lado da janela, com o olhar grudado em mim, o diretor interrompeu o passo.

O que quer que ele estivesse dizendo ao grupo, que provavelmente consistia de todos os principais integrantes do corpo docente, ficou pela metade.

— Com licença — eu o ouvi dizer.

Os demais continuaram adiante. Ele ficou. Abriu a porta.

— O acesso a esta área é proibido aos estudantes.

Tentei fazer cara de indefesa.

— Sinto muito. Estava tentando encontrar a sala da enfermeira. A secretária me disse que era na terceira porta à direita, mas acho que me enganei. — Ergui as mãos para o alto. — Estou perdida.

Antes que ele pudesse reagir, abri o zíper da mochila.

— Parece que preciso fazer um registro disto aqui. Comprimidos à base de ferro — expliquei. — Tenho anemia.

Ele me estudou por um minuto, franzindo o cenho. Achei que podia vê-lo examinando as opções: ficar por ali e lidar comigo ou lidar com uma ameaça de bomba. Ele indicou a porta com o queixo.

— Você precisa sair do prédio imediatamente.

Ele abriu a porta até o canto, e passei por baixo do seu braço, meu sorriso desmoronando.

***

Uma hora depois, sentei-me no reservado em um canto do restaurante mexicano na esquina da Drake com a Beech. Um cáctus de cerâmica e um coiote empalhado estavam pendurados na parede acima de mim. Um homem com um sombreiro maior que ele saracoteou na minha direção. Dedilhando o violão, cantou para mim enquanto a recepcionista deixava os menus sobre a mesa. Franzi a testa quando vi o nome na capa do menu. Borderline. Nunca fora ali antes, mas algo naquele nome me soava levemente familiar.

Vee chegou por trás de mim e desmoronou no assento à minha frente. O garçom a seguia.

— Quatro *chimis* com creme azedo extra, uma porção de *nachos* e outra de feijão preto — disse ela, sem consultar o menu.

— Um burrito vermelho — disse eu.

— Contas separadas? — perguntou ele.

— Não vou pagar a dela — dissemos Vee e eu ao mesmo tempo. Quando nosso garçon partiu, eu disse:

— Quatro *chimis*. Estou louca para saber qual é a equivalência em frutas.

— Nem começa. Estou morrendo de fome. Não comi nada desde o almoço. — E completou após uma pausa: — Isso sem contar as jujubas, e eu não conto.

Vee é voluptuosa, clara como uma escandinava e, de uma forma pouco ortodoxa, incrivelmente sexy. Já houve dias em que nossa amizade era o único sentimento que barrava minha inveja. Perto de Vee, a única característica que eu tinha a meu favor eram as pernas. E talvez o metabolismo. Mas definitivamente o cabelo nem se comparava.

— É melhor que ele traga os *nachos* logo — disse Vee. — Vou ter um treco se não consumir alguma comida com sal nos próximos 45 segundos. E você sabe muito bem o que eu quero fazer com essa dieta.

— Fazem o molho com tomate — observei. — É vermelho. E abacate é uma fruta. Eu acho.

O rosto dela se iluminou.

— E vamos beber daiquiris de morango sem álcool.

Vee estava certa. Era bem fácil seguir aquela dieta.

— Já volto — disse ela saindo do reservado. — Tô naqueles dias. Depois quero saber de *tudo*.

Enquanto a esperava, comecei a prestar atenção ao ajudante de garçom que estava a algumas mesas de distância. Parecia bem ocupado, passando um pano sobre o tampo de uma mesa. Havia algo estranhamente familiar na forma como ele se movia, na forma como a camisa caía sobre o arco bem definido das costas. Quase como se suspeitasse estar sendo observado, ele ficou ereto e se virou. Seus olhos encontraram os meus no mesmo instante em que entendi o que era tão familiar naquele ajudante de garçom.

Patch.

Não podia acreditar. Tive vontade de me dar um tapinha na testa quando lembrei que ele dissera que trabalhava no Borderline.

Enxugando as mãos no avental, ele se aproximou, aparentemente adorando meu constrangimento enquanto eu olhava

para todos os lados, à procura de um jeito de escapar, e descobria que não havia saída além de me abaixar ali no reservado.

— Muito bem — disse ele. — Você não se contenta em ficar comigo cinco dias por semana? Também precisa me ver à noite?

— Peço desculpas pela infeliz coincidência.

Ele se acomodou no assento de Vee. Quando descansou os braços, notei que eram tão longos que atravessavam metade da mesa. Ele pegou meu copo e ficou girando-o nas mãos.

— Todos os assentos estão ocupados — eu disse. Como ele não respondeu, peguei o copo de volta e dei um gole, engolindo acidentalmente um cubo de gelo. Queimou toda a minha garganta. — Você não deveria estar trabalhando em vez de confraternizar com os clientes? — disse engasgada.

Ele sorriu.

— O que você vai fazer domingo à noite?

Minha respiração saiu com um ronco. Acidentalmente.

— Está me convidando para sair?

— Você está ficando atrevida. Gosto disso, Anjo.

— Não ligo para o que você gosta. Não vou sair com você. Não para ter um encontro. Sozinha. — Quis me bater por sentir calor ao imaginar como poderia ser uma noite sozinha com Patch. Provavelmente não era aquilo o que ele queria dizer. Muito provavelmente ele estava armando para cima de mim por motivos que só ele sabia. — Calma aí. Você acabou de me chamar de *Anjo*? — perguntei.

— E se chamei?

— Não gosto.

Ele sorriu.

— Continua sendo Anjo.

Ele se curvou sobre a mesa, levantou a mão até meu rosto e passou o polegar no canto da minha boca. Afastei-me tarde demais.

Ele esfregou o *gloss* no polegar e no indicador.

— Você ficaria melhor sem isso.

Tentei me lembrar do que estávamos falando, mas não tanto quanto tentei parecer inabalável diante do toque dele. Joguei o cabelo para trás do ombro e retomei a conversa anterior.

— De qualquer maneira, não posso sair na véspera de dias de aula.

— Que pena. Tem uma festa na praia. Achei que poderíamos ir.

Ele até parecia sincero.

Não conseguia entendê-lo. De forma alguma. O calor que eu sentira permanecia no sangue. Tomei outro longo gole, tentando refrescar meus sentimentos com uma dose de líquido gelado. Ficar sozinha com Patch seria fascinante e perigoso. Não sabia exatamente por quê, mas estava certa da minha intuição.

Fingi bocejar.

— Bem, como disse, no dia seguinte tem aula. — Com muita esperança de me convencer disso, acrescentei: — Se você se interessa pela tal festa, tenho quase certeza de que eu não me interessaria.

Perfeito. Pensei. *Caso encerrado*. Então, de repente, perguntei:

— Por que está me convidando?

Até então, vinha dizendo a mim mesma que não me importava com o que Patch pensava sobre mim. Mas, naquele momento, eu sabia que isso era uma mentira. Embora provavelmente fosse me arrepender depois, estava tão curiosa a respeito de Patch que iria com ele a praticamente qualquer lugar.

— Quero ficar sozinho com você — disse Patch. No mesmo momento, minhas defesas se reconstituíram.

— Olhe só, Patch, não quero ser grosseira, mas… — É claro que você quer ser.

— Bem, você começou! — Que bonito. Muito madura. — Não posso ir à tal festa. Final da história.

— Porque você não pode sair na véspera de um dia de aula ou porque tem medo de ficar sozinha comigo?

— Pelas duas razões. — A confissão simplesmente escapou.

— Você tem medo de todos os caras… ou só de mim?

Revirei os olhos como se quisesse dizer *não vou responder uma pergunta tão idiota.*

— Você não fica à vontade comigo?

A boca dele permaneceu uma linha neutra, mas detectei um sorriso curioso aprisionado ali.

Sim, para falar a verdade, ele me deixava pouco à vontade. Também tinha a tendência de eliminar todo pensamento lógico da minha cabeça.

— Sinto muito — disse. — Do que estávamos falando?

— De você.

— De mim?

— De sua vida pessoal.

Eu ri, insegura do que deveria responder.

— Se você vai falar de mim… Do sexo oposto… Descanse, porque a Vee já me fez esse discurso. Não preciso ouvi-lo duas vezes.

— E o que a sábia Vee disse?

Minhas mãos estavam agitadas e as tirei de vista.

— Não consigo entender por que está tão interessado.

Ele sacudiu a cabeça suavemente.

— Interessado? Estamos falando sobre você. Estou fascinado.

Ele sorriu, e era um sorriso fantástico. O resultado foi um descompasso — descompasso do *meu* coração.

— Acho que você deveria voltar ao trabalho — disse.

— Se quer minha opinião, gosto da ideia de que não haja na escola um cara que atenda suas expectativas.

— Esqueci que você é uma autoridade sobre as minhas pretensas expectativas — desdenhei.

Ele me examinou de uma forma que me fez sentir transparente.

— Você não é tão fechada, Nora. Nem tímida. Só precisa de uma boa razão para se dar o trabalho de conhecer alguém.

— Não quero mais falar sobre mim.

— Você acha que sabe tudo sobre todo mundo.

— Não é verdade — disse eu. — Por exemplo, bem, não sei muito sobre… você.

— Não está pronta para saber.

Não havia descontração alguma na forma como ele disse aquilo. Na realidade, a expressão dele estava afiada como uma lâmina.

— Olhei sua pasta nos arquivos de alunos da escola.

Minhas palavras pairaram no ar por um momento antes de os olhos de Patch se alinharem com os meus.

— Acredito que isso seja ilegal — ele disse calmamente.

— Sua pasta estava vazia. Não havia nada. Nem uma caderneta de vacinação.

Ele nem tentou fingir surpresa. Recostou-se no assento, com os olhos negros brilhando.

— Está me dizendo isso porque teme que eu provoque uma epidemia? Sarampo ou caxumba?

— Estou dizendo isso porque quero que saiba que eu sei que há algo de errado com você. Você não enganou todo mundo. Vou descobrir o que quer. Vou fazer você mostrar tudo.

— Estou ansioso por isso.

Corei, percebendo tarde demais o duplo sentido. Por cima da cabeça de Patch pude ver Vee abrindo caminho entre as mesas.

— Vee está chegando — eu disse. — Você precisa sair.

Ele ficou no lugar, olhando para mim com atenção, pensativo.

— Por que você está me olhando desse jeito? — provoquei-o.

Ele se inclinou para a frente, preparando-se para levantar.

— Porque você é cem por cento diferente do que eu esperava.

— Você também — retruquei. — É muito pior.

CAPÍTULO
6

Na manhã seguinte, fiquei surpresa em ver Elliot aparecer para o primeiro tempo de educação física quando o último sinal tocava. Estava vestido com shorts de basquete que iam até os joelhos e camiseta branca da Nike. Os tênis de cano longo pareciam novos e caros. Depois de entregar um papel para a srta. Sully, ele me viu. Acenou discretamente e se juntou a mim na arquibancada.

— Estava pensando quando a gente se esbarraria novamente — disse ele. — A secretaria percebeu que eu não tive educação física nos últimos dois anos. Não é uma disciplina obrigatória nas escolas particulares. Estão discutindo como vão incluir quatro anos de educação física nos próximos dois anos. E aqui estou eu. Tenho educação física no primeiro e no quarto tempos.

— Você não contou por que se transferiu para cá — disse.

— Perdi a bolsa, e meus pais não podiam bancar a mensalidade. A srta. Sully apitou.

— Imagino que o apito tenha algum significado — Elliot disse para mim.

— Dez voltas em torno da quadra sem cortar caminho. — Levantei da arquibancada. — Você é atleta?

Elliot deu um salto e girou nos calcanhares. Deu alguns socos e ganchos no ar. Terminou com um cruzado que parou bem perto de meu queixo. Sorridente, ele disse:

— Atleta? Até a alma.

— Então vai adorar o que a srta. Sully chama de diversão.

Elliot e eu corremos juntos as dez voltas e então nos dirigimos para fora, onde o ar estava impregnado por uma neblina fantasmagórica. Aquilo parecia entrar em meus pulmões, sufocando-me. Algumas gotas de chuva caíam do céu, que parecia querer desaguar uma tempestade na cidade de Coldwater. Olhei

para as portas do prédio, mas sabia que não adiantaria. A srta. Sully era durona.

— Preciso de dois capitães para o softball — urrou ela. — Vamos, ânimo! Quero ver algumas pessoas levantando a mão! Melhor que sejam voluntários ou serei eu quem vai escolher as equipes, e nem sempre jogo limpo.

Elliot ergueu a mão.

— Muito bem — disse a srta. Sully para ele. — Venha aqui, no lado do time da casa. E que tal… Marcie Millar como capitã do time vermelho?

Os olhos de Marcie examinaram Elliot de cima a baixo.

— Vamos lá.

— Elliot, vá em frente e escolha o primeiro — disse a srta. Sully.

Passando os dedos no queixo, Elliot examinou a turma, aparentemente procurando avaliar só pela aparência nossas habilidades em campo e com o bastão.

— Nora — disse ele.

Marcie jogou a cabeça para trás e riu.

— Obrigada — disse para Elliot, abrindo um sorriso venenoso que, por razões que eu desconhecia, fascinava o sexo oposto.

— Obrigada por quê? — perguntou Elliot.

— Por ter nos entregado o jogo. — Marcie apontou para mim. — Existe uma centena de razões que fazem com que eu seja líder de torcida e Nora não. *Coordenação motora* é a primeira da lista.

Estreitei os olhos numa careta para Marcie, e então me encaminhei para o lado de Elliot e vesti uma camiseta azul.

— Nora e eu somos amigos — Elliot disse calmamente para Marcie, quase com frieza.

Era um exagero, mas eu não ia corrigi-lo. Marcie parecia ter recebido um balde de água fria, e eu estava gostando daquilo.

— Só porque você ainda não conheceu ninguém melhor. Como eu.

Ela enrolou o cabelo no dedo.

— Marcie Millar. Logo vai saber tudo sobre mim.

Ou o olho dela tremeu, ou ela piscou para ele.

Elliot não demonstrou qualquer reação, e meu conceito sobre ele subiu alguns pontos. Um cara inferior teria se ajoelhado e implorado a Marcie por qualquer migalha de atenção que conviesse a ela lhe dispensar.

— Vamos ficar aqui a manhã toda, esperando a chuva cair, ou vamos resolver isso logo? — perguntou a srta. Sully.

Depois de organizar os times, Elliot levou o nosso para o banco e determinou a ordem dos rebatedores. Entregou-me o bastão e enfiou um capacete na minha cabeça.

— Você é a primeira. Tudo o que precisamos é alcançar uma base.

Ao ensaiar uma jogada, quase o atingi.

— Puxa, mas estava a fim de fazer um *home run* — eu disse em seguida.

— Também podemos cuidar disso.

Ele me mandou ir para a nossa base.

— Fique em posição e dê tudo de si.

Equilibrei o bastão no ombro, achando que talvez devesse ter prestado mais atenção aos jogos da World Series. Tudo bem, talvez eu devesse ter *assistido* à World Series. O capacete escorregou, cobrindo meus olhos, e eu o afastei, tentando calcular as distâncias do campo, que estava coberto por nuvens aterradoras de neblina.

Marcie Millar assumiu sua posição no montinho do arremessador. Estendeu a bola diante de si, e percebi que exibia o dedo do meio para mim. Abriu outro sorriso venenoso e lançou a bola na minha direção.

Cheguei a raspar nela, mandando-a para o chão no lado errado da linha de falta.

— Strike! — exclamou a srta. Sully de sua posição, entre a primeira e a segunda bases.

Elliot urrou do banco.

— Essa bola tinha muito efeito. Mande uma bola limpa para ela!

Precisei de um tempo para perceber que ele estava se dirigindo a Marcie e não a mim.

Mais uma vez a bola deixou a mão de Marcie desenhando um arco no céu carregado. Bati e perdi completamente.

— Segundo strike — disse Anthony Amowitz por trás da máscara de apanhador.

Olhei feio para ele.

Afastando-me da posição, dei algumas rebatidas no ar só para praticar. Não percebi que Elliot vinha por trás de mim. Ele pôs os braços à minha volta e posicionou as mãos no bastão, junto às minhas.

— Deixa eu lhe mostrar — disse ao pé do meu ouvido. — Assim. Percebe? Relaxe, agora use os quadris, está tudo nos quadris.

Eu sentia meu rosto aquecer com os olhares que a turma toda nos dirigia.

— Acho que entendi, obrigada.

— Vão para um quarto! — exclamou Marcie.

Os jogadores no campo interno caíram na gargalhada.

— Se você lançasse uma bola decente — respondeu Elliot —, ela devolveria.

— Estou pronta para arremessar.

— Ela está pronta para rebater. — Elliot baixou o tom de voz, falando só para mim: — Você para de olhar nos olhos dela no minuto em que ela soltar a bola. Os arremessos dela não são limpos, por isso você precisa se esforçar para rebater.

— Estamos prendendo a bola, pessoal! — exclamou a srta. Sully.

Nesse exato momento, algo no estacionamento, além do limite do banco, chamou minha atenção. Achei que tivesse ouvido meu nome. Virei e, logo em seguida, percebi que não tinham pronunciado meu nome em voz alta. O nome soara dentro de minha cabeça.

Nora.

Patch estava usando um boné de beisebol azul desbotado e agarrava com os dedos a malha da cerca, apoiando-se nela. Sem

casaco, apesar do tempo. Vestido de preto dos pés à cabeça. Os olhos eram opacos e impenetráveis enquanto ele me observava, mas suspeito que muitas ideias se passavam por trás deles.

Outra sequência de palavras passou pela minha cabeça.

Aulas de rebatida? Que boa… pegada.

Respirei fundo para recuperar o equilíbrio e disse a mim mesma que havia imaginado as palavras. Porque a alternativa seria a hipótese de que Patch tinha o poder de colocar pensamentos na minha mente. O que não podia acontecer. A menos que eu estivesse perdendo a cabeça. Aquilo me assustou mais do que a ideia de que ele dispensava os métodos normais de comunicação e podia, se quisesse, falar comigo sem sequer abrir a boca.

— Grey! Volte para o jogo.

Pisquei, voltando à vida a tempo de ver a bola voando pelos ares na minha direção. Preparava-me para rebater quando ouvi outras palavras.

Ainda… não.

Eu me detive, esperando que a bola se aproximasse. Quando ela perdeu altura, dei um passo adiante e bati com toda a minha força.

Uma forte pancada ecoou e o bastão vibrou nas minhas mãos. A bola foi na direção de Marcie, que caiu de costas no chão, passou entre o interbases e a segunda base e quicou na grama fora do campo.

— Corra! — gritou meu time, do banco. — Corra, Nora!

Corri.

— Solte o bastão! — eles gritaram.

Eu o larguei de lado.

— Fique na primeira base!

Não fiquei.

Passando pelo canto da primeira base, eu a contornei, avançando na direção da segunda. O jardineiro esquerdo estava com a bola agora, em posição para me botar para fora. Baixei a cabeça, estiquei os braços e tentei lembrar como os craques na

ESPN faziam para deslizar e atingir a base. Primeiro os pés? Primeiro a cabeça? Parar, cair e rolar?

A bola partiu na direção do segundo jogador de base, girando como um ponto branco em algum lugar no canto do meu campo de visão. Um refrão animado com a palavra “Escorrega!” vinha do banco, mas eu ainda não tinha decidido o que atingiria o chão primeiro — meus sapatos ou minhas mãos.

O segundo jogador de base capturou a bola no ar. Mergulhei de cabeça, com os braços esticados. A luva veio do nada, caindo em cima de mim. Atingiu meu rosto, com um cheiro forte de couro. Meu corpo se desmanchou no chão, enquanto um punhado de terra e areia dissolvia-se sob minha língua.

— *Strike out*! — gritou a srta. Sully.

Rolei para o lado, procurando examinar os danos. Minhas coxas queimavam com uma estranha mistura de calor e frio. Quando levantei o moletom, seria pouco dizer que parecia que dois gatos tinham brigado nas minhas coxas. Manquei de volta até o banco e desabei.

— Bonito — disse Elliot.

— A cena que armei ou minha perna machucada?

Encolhendo a perna junto ao peito, limpei com cuidado o máximo de sujeira possível.

Elliot inclinou-se e soprou meu joelho. Vários dos pedaços maiores de sujeira caíram no chão.

Seguiu-se um momento de silêncio constrangedor.

— Você consegue andar? — perguntou.

De pé, demonstrei que embora minha perna estivesse coberta de arranhões e sujeira, ainda tinha condições de funcionamento.

— Posso levá-la para a enfermaria, se quiser. Para fazer um curativo — disse ele.

— Juro, estou ótima.

Olhei de relance para a cerca onde vira Patch pela última vez. Ele não estava mais lá.

— Aquele junto da cerca era seu namorado? — perguntou Elliot.

Fiquei surpresa pelo fato de Elliot tê-lo notado. Ele havia ficado de costas para Patch.

— Não — respondi. — É só um amigo. Para falar a verdade, nem isso. É meu parceiro na aula de biologia.

— Você está corando.

— Provavelmente por causa da friagem.

A voz de Patch ainda ecoava na minha cabeça. Meu coração batia mais rápido, mas, pelo menos, meu sangue corria mais frio. Ele tinha falado diretamente com meus pensamentos? Havia algum tipo de elo inexplicável entre nós que permitia que isso acontecesse? Ou será que eu estava ficando maluca?

Elliot não parecia completamente convencido.

— Você tem certeza de que não há nada entre vocês dois? Não quero correr atrás de uma garota que não está disponível.

— Nada.

Ou nada que eu fosse deixar acontecer.

Calma aí. O que Elliot acabara de dizer?

— *O que foi?*

Ele sorriu.

— O Delphic Seaport reabre no sábado à noite. Jules e eu estamos pensando em dar um pulo lá. O tempo não deve estar muito ruim. Será que você e a Vee não gostariam de ir conosco?

Levei um momento para pensar sobre o convite. Eu estava bem convencida de que Vee me mataria se recusasse a oferta de Elliot. Além do mais, sair com Elliot parecia uma boa maneira de escapar de minha desconfortável atração por Patch.

— Combinado — eu disse.

CAPÍTULO
7

Era sábado à noite. Dorothea e eu estávamos na cozinha. Ela acabara de colocar uma travessa no forno e examinava a lista de tarefas que mamãe pendurara na geladeira com um ímã.

— Sua mãe ligou. Não vai voltar para casa antes de domingo à noite — disse Dorothea enquanto esfregava a pia da cozinha com Ajax com tanto vigor que eu sentia o meu próprio cotovelo doer. — Ela deixou um recado na secretária. Quer que você ligue para ela. Você tem ligado todas as noites antes de dormir?

Eu estava sentada em um banco, comendo um *bagel* com manteiga. Acabara de dar uma grande mordida, e Dorothea me olhava como se esperasse que eu lhe desse uma resposta.

— Mm-hmm — tentei dizer, acenando positivamente com a cabeça.

— Chegou uma carta da escola hoje. — Ela meneou o queixo na direção da pilha de correspondência sobre o balcão. — Você sabe do que se trata?

Dei de ombros com o ar mais inocente possível e falei:

— Não faço ideia.

Mas eu tinha uma boa noção do que a carta tratava. Doze meses antes, eu tinha aberto a porta da frente e me deparado com policiais. *Temos uma notícia ruim*, tinham dito. O enterro do meu pai foi uma semana depois. Desde então, todas as tardes de segunda-feira eu aparecia pontualmente para uma sessão com o dr. Hendrickson, o psicólogo da escola. Havia perdido as duas últimas e, se não compensasse naquela semana, estaria em encrenca. A carta, muito provavelmente, era uma advertência.

— Tem planos para hoje à noite? Você e Vee estão com alguma carta na manga? Talvez assistir a um filme em casa?

— Talvez. De verdade, Dorth: eu posso limpar a pia mais tarde. Sente aí… Quer a outra metade do meu *bagel*?

O coque cinza de Dorothea estava se desfazendo enquanto ela esfregava.

— Vou assistir a uma conferência amanhã — disse ela. — Em Portland. A dra. Melissa Sanchez vai falar. Ela diz que você pode usar o *pensamento* para se transformar em uma pessoa mais sexy. Os hormônios são poderosos. A menos que digamos a eles o que queremos, eles podem nos trair. Trabalham contra nós. — Dorothea voltou-se, apontando o frasco de Ajax para enfatizar seu ponto de vista. — Agora eu acordo de manhã, levo o batom vermelho para o espelho. "Sou sexy", escrevo. "Os homens me desejam." Hoje em dia, ter 65 anos é como ter 25 anos em outros tempos.

— Você acha que funciona? — perguntei, esforçando-me muito para não sorrir.

— Está funcionando — disse Dorothea em tom sério.

Lambi a manteiga da ponta dos dedos, procurando uma resposta adequada.

— Então você vai passar o fim de semana reinventando seu lado sexy.

— Toda mulher precisa reinventar seu lado sexy. Gosto disso. Minha filha colocou próteses de silicone. Disse que fez isso para ela, mas qual é a mulher que aumenta os peitos para satisfação própria? Eles são um transtorno. Ela aumentou os seios por causa de um homem. Espero que você não faça besteiras para agradar a um rapaz, Nora. — Ela sacudiu o dedo na minha cara.

— Pode acreditar, Dorth, não há garotos na minha vida.

Tudo bem, talvez houvesse dois espreitando nas margens, vigiando a distância, mas como eu não conhecia nenhum deles muito bem, e um deles me deixava completamente apavorada, parecia mais seguro fechar os olhos e fingir que não estavam ali.

— Isso é bom e ruim — disse Dorothea em tom de crítica. — Quando você encontra o garoto errado, está procurando encrenca. Se encontrar o garoto certo, encontra o amor. — A voz dela suavizou-se, cheia de lembranças. — Quando eu era uma garotinha

na Alemanha, precisei escolher entre dois rapazes. Um era muito perverso. O outro era o meu Henry. Estamos casados e felizes há 41 anos.

Hora de mudar de assunto.

— Como está, hum, seu afilhado… Lionel?

Os olhos dela se arregalaram.

— Você está interessada no jovem Lionel?

The cover art, which is also

— Nãããão.

— Posso dar um jeito…

— Não, Dorothea, falando sério. Muito obrigada, mas… estou realmente focada nas minhas notas nesse momento. Quero entrar em uma boa universidade.

— Se você quiser, no futuro…

— Pode deixar, eu aviso.

Terminei o *bagel* ao som da monótona tagarelice de Dorothea, introduzindo alguns acenos e monossílabos aqui e ali, nas ocasiões em que ela interrompia a conversa o suficiente para esperar pela minha resposta. Estava ocupada decidindo se queria mesmo me encontrar com Elliot à noite. Inicialmente, o encontro parecera uma ótima ideia. Quanto mais eu pensava no assunto, porém, mais dúvidas me invadiam. Para começar, eu conhecera Elliot havia apenas alguns dias. Além disso, não sabia ao certo o que minha mãe acharia da combinação. Estava ficando tarde, e Delphic ficava a pelo menos meia hora de carro. E, principalmente: nos fins de semana Delphic tinha a reputação de ser um lugar barra-pesada.

O telefone tocou, e o número de Vee apareceu no identificador de chamadas.

— Vamos fazer algo hoje à noite? — ela queria saber.

Abri a boca, calculando a resposta cuidadosamente. Assim que eu contasse para ela a proposta de Elliot, não haveria como recuar.

— Minha nossa! — Vee berrou. — Minha nossa, minha nossa, minha nossa. Acabei de derramar esmalte no sofá. Espere aí, vou

pegar papel. Você sabe se esmalte sai com água? — Um momento depois, ela voltou. — Acho que estraguei o sofá. Precisamos sair hoje à noite. Não quero estar por aqui quando descobrirem minha mais recente obra de arte acidental.

Dorothea tinha caminhado pelo corredor até o lavabo. Eu não estava com a menor vontade de passar o restante da noite ouvindo ela reclamar das louças e dos metais do banheiro enquanto limpava, por isso tomei uma decisão.

— Que tal irmos ao Delphic Seaport? Elliot e Jules vão. Querem encontrar com a gente.

— Você escondeu o jogo! Informação vital, Nora. Pego você em 15 minutos. — Em seguida a ouvi desligar o telefone.

Fui para o andar de cima e peguei um suéter branco de caxemira, bem confortável, jeans escuros e mocassins azul-marinho. Arrumei o cabelo emoldurando o rosto com os cachos definidos com o dedo — era esse o jeito de domar meus cachos naturais — e… *voilà*! Espirais quase decentes. Dei um passo para trás, para me examinar cuidadosamente no espelho, e concluí que estava uma mistura de despreocupada e *quase* sexy.

Exatamente 15 minutos depois, Vee jogou o Neon na entrada da garagem de casa e apertou a buzina em *staccato*. Eu costumava levar dez minutos para percorrer de carro a distância entre nossas casas, mas normalmente respeitava o limite de velocidade. Vee compreendia a palavra velocidade, mas limite não fazia parte do seu vocabulário.

— Vou ao Delphic Seaport com Vee — avisei a Dorothea. — Se a mamãe ligar, você diz isso a ela?

Dorothea saiu do lavabo.

— Vai até o Delphic? A essa hora?

— Aproveite a conferência! — disse eu, escapulindo pela porta antes que ela pudesse protestar ou ligar para minha mãe.

O cabelo louro de Vee estava arrumado em um rabo de cavalo alto, com grandes e voluptuosos cachos que se derramavam. Argolas douradas penduradas nas orelhas. Batom vermelho cereja. Rímel preto para alongar os cílios.

— Como é que você consegue? — perguntei. — Teve cinco minutos para se arrumar.

— Sempre alerta. — Vee abriu um sorriso. — Sou a garota dos sonhos de um escoteiro.

Ela fez uma avaliação crítica da minha produção.

— O que foi? — eu disse.

— Vamos nos encontrar com garotos esta noite.

— Até onde sei, vamos.

— Garotos gostam de garotas que parecem… garotas.

Levantei as sobrancelhas.

— E eu pareço o quê?

— Parece que acabou de sair do chuveiro e resolveu que isso bastava para estar apresentável. Não me leve a mal. As roupas são ótimas, o cabelo está direito, mas o resto… Olhe aqui. — Ela pôs a mão dentro da bolsa. — Como eu sou uma amigona, vou lhe emprestar o batom. E o rímel, mas só se você me jurar que não tem nenhuma doença contagiosa nos olhos.

— Eu não tenho nada nos olhos!

— Só para ter certeza.

— Não, obrigada.

Vee ficou de boca aberta, meio brincalhona, meio séria.

— Você vai se sentir nua sem maquiagem!

— Acho que você adoraria essa sensação — disse.

Para falar a verdade, eu estava meio em dúvida em relação a sair sem pintura. Não por me sentir *mesmo* nua, mas porque Patch me sugerira abolir a maquiagem. Em um esforço para me sentir melhor, disse a mim mesma que minha dignidade não estava em jogo. Nem meu orgulho. Recebi uma sugestão e tinha a cabeça aberta o suficiente para experimentar. O que eu não queria reconhecer era que eu escolhera testar a ideia justamente numa noite em que sabia que não veria Patch.

***

Meia hora depois, Vee atravessou os portões do Delphic Seaport. Fomos obrigadas a estacionar no ponto mais afastado do estacionamento por causa do grande movimento no fim de semana de abertura. Construído na costa, o Delphic não é conhecido pelo clima ameno. Um vento baixo ganhara força, varrendo nossos calcanhares com sacos de pipoca e embalagens de bala, enquanto nós duas íamos até a bilheteria. As árvores tinham perdido as folhagens havia muito, e os galhos pairavam sobre nós como dedos deformados. O Delphic Seaport ganhava vida durante o verão inteiro com um parque de diversões, festas à fantasia, cabines para leitura da sorte, músicos ciganos e um show de aberrações. Nunca soube muito bem se as deformidades humanas exibidas eram reais ou falsas.

— Uma inteira, por favor — disse para a mulher na bilheteria.

Ela pegou o dinheiro e passou uma pulseira pela janela. Então sorriu, deixando à mostra dentes de vampiro de plástico, manchados de batom vermelho.

— Divirta-se — ela disse com a voz afobada. — E não deixe de experimentar nossa atração recém-reformada. — Ela deu pancadinhas do lado de dentro do vidro, apontando na direção de uma pilha de mapas e um panfleto.

No panfleto estava escrito:

PARQUE DE DIVERSÕES DELPHIC
A NOVA SENSAÇÃO!
O ARCANJO
REFORMADO E RENOVADO!
CAIA EM DESGRAÇA COM
UM MERGULHO VERTICAL DE 30 METROS.

Vee leu o anúncio por cima do meu ombro. As unhas dela quase rasgaram a pele do meu braço.

— Precisamos andar nisso! — gritou.

— Por último — Prometi, esperando que ela se esquecesse daquilo depois de termos andado em todos os outros brinquedos.

Não sentia medo de altura havia anos, talvez por ter convenientemente evitado alturas. Eu não sabia se já estava pronta para descobrir se o tempo curara esse medo.

Depois de andarmos na roda-gigante, nos carrinhos de bate-bate, no tapete mágico e de passarmos por algumas barracas de jogos, Vee e eu decidimos que estava na hora de procurar Elliot e Jules.

— Hum — disse Vee olhando para os dois lados do caminho que atravessava todo o parque.

Ficamos em silêncio.

— O fliperama — disse eu, finalmente.

— Boa.

Tínhamos acabado de atravessar as portas do fliperama quando eu o vi. Não era Elliot. Nem Jules.

Patch.

Ele tirou os olhos do jogo. O mesmo boné de beisebol que usava quando eu o vira durante a educação física escondia a maior parte de seu rosto, mas eu tinha certeza de ter visto a ponta de um sorriso. À primeira vista, parecia amistoso, mas então me lembrei de como ele penetrara em meus pensamentos e fiquei completamente gelada.

Se eu estivesse com sorte, Vee não o teria visto. Eu a conduzi através da multidão, deixando Patch fora de vista. A última coisa de que eu precisava era que ela me sugerisse ir até ele e começar um papo.

— Lá estão eles! — disse Vee, acenando no alto. — Jules! Elliot! Aqui!

— Boa noite, senhoritas — disse Elliot, passando entre as pessoas. Jules o seguia, parecendo tão animado quanto um bolo de carne preparado três dias antes.

— Será que posso comprar uma Coca-Cola para vocês?

— Ótima ideia — disse Vee. Estava encarando Jules. — Aceito uma Zero.

Jules balbuciou qualquer frase sobre precisar ir ao banheiro e mergulhou de volta na multidão.

Cinco minutos depois, Elliot voltou com os refrigerantes. Depois de nos entregar, esfregou as mãos e observou a área.

— Por onde começamos?

— E Jules? — perguntou Vee.

— Ele nos encontra.

— Pelo Air Hockey — disse eu imediatamente.

O jogo ficava do outro lado do salão. Quanto mais longe de Patch, melhor. Disse para mim mesma que era uma coincidência que ele estivesse ali, mas meu instinto discordava.

— Puxa, vejam só! — exclamou Vee. — Totó! — Ela já ziguezagueava até a mesa desocupada. — Jules e eu contra vocês dois. Os perdedores pagam a pizza.

— Muito justo — disse Elliot.

Totó seria ótimo se a mesa não estivesse tão perto do lugar onde Patch estava jogando. Disse para mim mesma que deveria ignorá-lo. Se ficasse de costas, mal perceberia que ele estava lá. Talvez Vee também não notasse.

— Ei, Nora, aquele ali não é o Patch? — disse Vee.

— Hum? — perguntei com ar inocente.

Ela apontou.

— Ali. É ele, não é?

— Duvido. Elliot e eu estamos no time branco, certo?

— Patch é o parceiro de Nora na turma de biologia — Vee explicou para Elliot.

Ela piscou maldosamente para mim, mas fez cara de inocente na hora em que Elliot lhe deu atenção. Balancei a cabeça devagar, mas com firmeza, transmitindo uma mensagem silenciosa: “Pare com isso.”

— Ele fica olhando para cá — disse Vee em voz baixa. Ela se curvou sobre a mesa de totó, tentando fazer com que a conversa comigo parecesse particular, mas sussurrava em um tom alto o bastante para que Elliot não tivesse escolha senão ouvir. — Ele vai ficar pensando o que você está fazendo aqui com… — Ela inclinou a cabeça na direção de Elliot.

Fechei os olhos e me imaginei batendo a cabeça contra a parede.

— Patch deixou bem claro que gostaria de ser mais do que o parceiro de biologia de Nora — prosseguiu Vee. — Quem pode culpá-lo?

— Verdade? — disse Elliot me encarando com um olhar que dizia que ele não estava surpreso. Suspeitara daquilo o tempo todo. Percebi que ele deu um passo para se aproximar.

Vee me lançou um sorriso triunfante. *Agradeça mais tarde*, era o que parecia dizer.

— Não é bem assim — corrigi. — É…

— Muito pior do que parece — disse Vee. — Nora suspeita que ele anda seguindo ela. A polícia está prestes a entrar nessa história.

— Vamos jogar? — exclamei bem alto.

Soltei a bolinha no meio da mesa. Ninguém reparou.

— Você quer que eu fale com ele? — perguntou Elliot. — Vou explicar que não estamos procurando confusão. Vou dizer que você está comigo e que, se ele tiver algum problema, é melhor resolver comigo.

Não era o rumo que eu queria que a conversa tomasse. De maneira alguma.

— O que aconteceu com Jules? — perguntei. — Ele saiu há algum tempo.

— Ih, vai ver que caiu dentro do vaso — disse Vee.

— Deixe que eu fale com Patch — disse Elliot.

Embora eu apreciasse a preocupação, não gostava da ideia de um encontro cara a cara entre Elliot e Patch. Patch era uma caixinha de surpresas: intangível, assustador e desconhecido. Quem poderia dizer do que ele seria capaz? Elliot era legal demais para ser jogado contra Patch.

— Ele não me assusta — disse Elliot, como se para contrariar meus pensamentos. Obviamente discordávamos nesse ponto.

— Não é uma boa ideia — disse eu.

— Ó*tima* ideia — retorquiu Vee. — Senão, Patch pode se tornar… violento. Lembra-se da última vez?

Última vez?!, balbuciei.

Não tinha noção do que estava levando Vee a fazer aquilo, a não ser sua queda por tornar tudo tão dramático quanto possível. Sua concepção de drama era minha concepção de humilhação mórbida.

— Sem querer ofender ninguém, o sujeito é esquisito — disse Elliot. — Deixe eu conversar dois minutos com ele.

Ele começou a se encaminhar na direção de Patch.

— Não! — exclamei, puxando a manga de sua camisa para impedi-lo. — Ele… uh… Talvez fique violento de novo. Deixe que eu cuido disso. — Fiz cara feia para Vee.

— Você tem certeza? — perguntou Elliot. — Ficaria feliz em cuidar disso.

— Acho que é melhor que eu mesma resolva.

Esfreguei a palma das mãos no jeans e, depois de um suspiro profundo, comecei a diminuir a distância entre Patch e mim, que era de apenas alguns consoles de jogos. Não tinha ideia do que diria quando chegasse lá. Na melhor das hipóteses, apenas um cumprimento rápido. Então poderia voltar e garantir a Elliot e Vee que tudo estava sob controle.

Patch usava o figurino habitual: camisa preta, jeans pretos e um delicado cordão de prata que contrastava com sua figura escura. As mangas estavam dobradas nos antebraços, e eu via os músculos trabalharem conforme ele socava os botões. Era alto, esguio e musculoso, e eu não ficaria surpresa se, debaixo das roupas, ele escondesse diversas cicatrizes, lembranças de brigas de rua e de outras atitudes imprudentes. Não que eu quisesse olhar debaixo das roupas dele.

Quando cheguei no console ocupado por Patch, dei um tapinha na lateral para chamar sua atenção. Na voz mais calma do mundo, perguntei:

— É PacMan? Ou é Donkey Kong?

Para falar a verdade, parecia algo mais violento e militar. Um sorriso preguiçoso se abriu em seu rosto.

— Beisebol. Talvez você pudesse ficar atrás de mim e me dar uma ajudinha. Bombas explodiam na tela, corpos voavam pelo ar ao

som de gritos. Obviamente não era beisebol.

— Qual é o nome dele? — perguntou Patch, acenando de forma quase imperceptível na direção da mesa de totó.

— Elliot. Escute, preciso ser rápida. Estão esperando.

— Eu já o vi?

— Aluno novo. Acaba de ser transferido.

— Primeira semana na escola e já fez amigos. Cara de sorte. — Patch me lançou um olhar. — Pode ser que ele tenha um lado sinistro e perigoso que a gente ignore.

— Isso parece ser minha especialidade.

Esperei que entendesse a deixa, mas ele se limitou a dizer:

— Quer jogar?

Ele inclinou a cabeça na direção do fundo da sala. Por entre a multidão, com alguma dificuldade, percebi que havia mesas de sinuca.

— Nora! — Vee exclamou. — Volte aqui. Elliot está ganhando de mim!

— Não posso — disse a Patch.

— Se eu ganhar — disse ele, como se não tivesse a mínima intenção de aceitar uma recusa —, você diz para Elliot que aconteceu alguma coisa. Diz para ele que não está mais livre esta noite.

Não resisti. Ele era arrogante demais.

— E se *eu* ganhar? — perguntei.

Os olhos dele me examinaram da cabeça aos pés.

— Acho que não precisamos nos preocupar com isso.

Antes que eu pudesse me impedir, dei um soco leve no braço dele.

— Cuidado — ele falou baixo. — Podem achar que está rolando um clima.

Fiquei com vontade de bater em mim mesma, porque era exatamente o que estava acontecendo. Mas não era culpa minha — a culpa era de Patch. Quando estava perto dele, experimentava uma confusa duplicidade de desejos. Parte de mim queria sair

correndo, gritando *Fogo!*, a outra, mais irresponsável, ficava tentada a ver quanta proximidade eu suportaria sem… entrar em combustão.

— Uma partida de sinuca — provocou.

— Estou aqui com outra pessoa.

— Vá até as mesas de sinuca. Eu cuido do resto.

Cruzei os braços, esperando parecer séria e um tanto exasperada, mas ao mesmo tempo precisei morder os lábios para impedir uma demonstração ligeiramente mais positiva.

— O que você vai fazer? Brigar com Elliot?

— Se for necessário.

Eu tinha quase certeza de que ele estava brincando. Quase.

— Uma mesa de sinuca acabou de ficar livre. Vá pegá-la.

Eu… a… desafio.

Fiquei rígida.

— Como fez isso?

Como ele demorou a negar, fui tomada por uma onda de pânico. Era real. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Minhas mãos ficaram úmidas de suor.

— Como fez isso? — repeti.

Ele me lançou um sorriso dissimulado.

— Fiz o quê?

— Pare — ameacei. — Não finja que não fez.

Ele apoiou um ombro no console, baixou os olhos e me observou.

— Diga o que supostamente estou fazendo.

— Meus… pensamentos.

— Qual é o problema?

— Pare com isso, Patch.

Ele olhou em volta de forma teatral.

— Você não está querendo dizer… Que estou falando com sua mente? Você sabe que isso parece maluquice, não é?

Engolindo em seco, disse com a voz mais calma possível.

— Você me assusta, e não sei se me faz bem.

— Posso fazer você mudar de ideia.

— Noooora! — exclamou Vee, junto a um burburinho de vozes e bipes eletrônicos.

— Encontre comigo no Arcanjo — disse Patch.

Dei um passo para trás.

— Não — retruquei num impulso.

Patch passou por trás de mim e um calafrio subiu pela minha espinha.

— Vou esperar — disse em meu ouvido.

E desapareceu no fliperama.

CAPÍTULO 8

Voltei atordoada para a mesa de Totó. Elliot estava curvado sobre ela com o rosto concentrado, demonstrando competitividade. Vee dava gritinhos e ria. Jules continuava desaparecido.

Vee tirou os olhos do jogo.

— E aí? O que aconteceu? O que ele falou?

— Nada. Disse para ele não encher nosso saco. Ele foi embora. — Minha voz estava inexpressiva.

— Ele não parecia estar furioso quando foi embora — disse Elliot. — O que falou para ele deve ter funcionado.

— Que pena — disse Vee —, estava esperando que a noite tivesse alguma emoção.

— Estamos prontos para jogar? — perguntou Elliot. — Estou ficando com vontade de comer a pizza que vou ganhar.

— Claro, se Jules resolver voltar — disse Vee. — Estou começando a achar que ele não vai com a nossa cara. Fica sumindo. Estou começando a achar que é uma indireta.

— Está brincando? Ele adora vocês — disse Elliot com entusiasmo demais.

— Ele só demora a ficar à vontade com gente nova. Vou procurá-lo. Não saiam daqui.

— Sabe que eu vou matar você, não sabe? — falei assim que Vee e eu ficamos sozinhas.

Ela ergueu as mãos e deu um passo para trás.

— Estava lhe fazendo um favor. Elliot está doido por você. Depois que você saiu, contei para ele que uns dez caras têm ligado para você todas as noites. Devia ter visto a cara dele. Mal conteve o ciúme.

Grunhi.

— É a lei da oferta e da procura — falou Vee. — Quem ia imaginar que estudar economia poderia ser útil?

Olhei para a porta do fliperama.

— Preciso de alguma coisa.

— Você precisa de Elliot.

— Não, preciso de açúcar. De muito açúcar. Preciso de algodão-doce.

O que eu precisava mesmo era de uma borracha grande o suficiente para apagar todas as evidências da presença de Patch em minha vida. Particularmente, daquele negócio de falar dentro da minha cabeça. Tremi. Como ele fazia aquilo? E por que eu? A menos… Que eu tivesse imaginado aquilo. Como havia imaginado ter atropelado alguém com o Neon.

— Bem que eu também gostaria de um pouquinho de açúcar — disse Vee. — Vi um vendedor perto da entrada do parque, quando entramos. Vou ficar aqui para que Jules e Elliot não achem que a gente fugiu e você providencia o algodão-doce.

Lá fora, refiz o caminho até a entrada, mas, quando encontrei o vendedor de algodão-doce, distraí-me com algo que estava um pouco mais à frente. O Arcanjo aparecia acima da copa das árvores. Uma fileira de carros deslizou rapidamente sobre trilhos iluminados e então mergulhou para fora da vista. Fiquei pensando por que Patch queria se encontrar comigo. Senti uma pontada no estômago, e provavelmente deveria ter levado isso em consideração, mas, apesar de minhas boas intenções, peguei-me seguindo em frente, rumo ao Arcanjo.

Segui o fluxo da multidão, mantendo o olhar nos trilhos, que desenhavam círculos no céu. O vento havia mudado de frio para gelado, mas não era isso que fazia eu me sentir cada vez mais desconfortável. A sensação voltara. Aquela sensação gelada, perturbadora, de que alguém estava me observando.

Disfarçadamente, olhei para os dois lados. Nada de anormal na minha visão periférica. Girei 180 graus. Um pouco mais atrás, diante de uma pequena fileira de árvores, uma figura encapuzada se virou e desapareceu na escuridão.

Com o coração batendo mais rápido, ultrapassei um grupo grande de pedestres, afastando-me da clareira. Depois de muitos passos, voltei a olhar para trás. Ninguém parecia estar me seguindo.

Quando olhei para a frente novamente, esbarrei em alguém.

— Desculpe! — balbuciei, tentando recuperar o equilíbrio.

Patch sorriu.

— É difícil resistir a mim.

Pisquei.

— Me deixe em paz.

Tentei me esquivar, mas ele pegou meu cotovelo.

— O que aconteceu? Você parece a ponto de vomitar.

— É a reação que você provoca em mim — improvisei.

Ele riu. Senti vontade de lhe dar um chute na canela.

— Você está precisando de uma bebida.

Ele ainda segurava meu cotovelo e me puxou até o vendedor de limonada.

Finquei meus calcanhares no chão.

— Quer me ajudar? Fique longe de mim.

Ele afastou um cacho do meu rosto.

— Adoro o seu cabelo. Adoro quando está descontrolado. É como ver um lado seu que precisa aparecer com mais frequência.

Arrumei o cabelo enfurecidamente. Assim que percebi que parecia que eu estava tentando parecer mais apresentável para ele, disse:

— Preciso ir. Vee está esperando. — Pausa angustiada. — Acho que vejo você na aula, segunda-feira.

— Ande comigo no Arcanjo.

Ergui o pescoço para observar melhor a montanha-russa. Gritos agudos ecoavam enquanto os carros desciam os trilhos com um estrondo.

— Duas pessoas por carro. — O sorriso dele ganhara um ar preguiçoso e provocante.

— Não.

Nenhuma chance.

— Se você continuar fugindo de mim, nunca vai entender o que realmente está se passando.

O comentário, naquele momento, deveria ter me levado a sair correndo. Mas não foi isso o que aconteceu. Era quase como se Patch soubesse o que dizer para despertar minha curiosidade. Exatamente na hora certa.

— O que está havendo? — perguntei.

— Só tem um jeito de você descobrir.

— Não posso. Tenho medo de altura. Além do mais, Vee está esperando.

Só que, subitamente, a ideia de subir àquela altura não me assustava. Não mais.

De uma forma absurda, eu me sentia segura sabendo que estaria com Patch.

— Se você aguentar toda a viagem sem gritar, peço ao técnico para trocar de lugar.

— Já tentei. Ele não vai mudar de ideia.

— Talvez eu consiga ser mais convincente do que você.

Considerei o comentário um insulto pessoal.

— Eu não grito — disse. — Não por causa de uma montanha-russa. — E não por você.

No mesmo passo que Patch, percorri o caminho até o final da fila que conduzia ao Arcanjo. Uma onda de gritos encheu o ar e então desapareceu lá no alto do céu escuro.

— Nunca tinha visto você no Delphic — disse Patch.

— Você vem muito aqui?

Fiz uma anotação mental para não voltar a fazer visitas ao Delphic nos fins de semana.

— Tenho um passado neste lugar.

Avançávamos à medida que os carros se esvaziavam e um novo grupo de caçadores de emoções embarcava.

— Deixe-me adivinhar — eu disse. — Você matou aula aqui, em vez de ir à escola no ano passado.

Eu estava sendo sarcástica, mas Patch respondeu:

— Se eu respondesse essa pergunta, desvendaria o meu passado. E prefiro mantêlo envolto em sombras.

— Por quê? O que há de errado com o seu passado?

— Não acho que seja uma boa hora para falarmos disso. Meu passado pode assustá-la.

Tarde demais, pensei.

Ele se aproximou um passo, e nossos braços roçaram, provocando uma conexão que deixou os pelos de meu braço arrepiados.

— As coisas que tenho a confessar não são as do tipo que você contaria para sua petulante parceira de biologia — disse ele.

O vento gelado me envolveu e, quando inspirei, meus pulmões se encheram de frio. Mas não se comparava com o calafrio que as palavras de Patch tinham causado em mim.

Patch levantou o queixo na direção da rampa.

— Parece que é a nossa vez.

Passei pela porta giratória. Ao chegarmos na plataforma de embarque, os únicos carros vazios eram o primeiro e o último. Patch dirigiu-se para o primeiro da fila.

A estrutura da montanha-russa não me inspirava muita confiança, reformada ou não. Parecia ter mais de um século. Era feita de madeira e passava muito tempo exposta ao implacável clima do Maine. As pinturas nas laterais eram ainda menos inspiradoras.

O vagão que Patch escolheu tinha um conjunto de quatro pinturas. A primeira retratava um grupo de demônios chifrudos arrancando as asas de um anjo que gritava. A pintura seguinte mostrava o anjo sem asas pousado sobre uma sepultura, observando crianças brincando a distância. Na terceira, o anjo sem asas estava próximo das crianças, apontando o dedo para uma garotinha de olhos verdes. Na última, o anjo atravessava o corpo da menina como se fosse um fantasma. Os olhos dela estavam negros, não havia mais sorriso, e ela agora tinha chifres como os demônios na primeira pintura. Uma fatia de lua pairava sobre as pinturas.

Desviei o olhar e garanti para mim mesma que era a frieza do ar que fazia minhas pernas tremerem. Deslizei para dentro do vagão,

ao lado de Patch.

— Seu passado não me assustaria — eu disse, apertando o cinto de segurança em meu colo. — Muito provavelmente ficaria chocada.

— Chocada — ele repetiu.

O tom da voz me fez crer que ele aceitava a acusação. Era estranho, pois Patch nunca se diminuía.

Os carros foram para trás e então avançaram para a frente. De uma forma não muito suave, nós nos afastamos da plataforma, subindo progressivamente. Os odores de suor, ferrugem e água salgada enchiam o ar. Patch estava perto o bastante de mim, e eu sentia seu cheiro. Senti vestígios quase imperceptíveis de sabonete de hortelã.

— Você está pálida — disse ele, abaixando-se para que sua voz pudesse ser ouvida apesar do ruído dos trilhos.

Estava pálida, mas não dava o braço a torcer.

No alto de uma das colinas, os carros pararam um momento. Eu podia ver a quilômetros de distância dali; percebia onde o mato escuro se combinava com os pontos de luz dos subúrbios e gradualmente dava lugar às luzes de Portland. O vento parou por um instante, permitindo que o ar úmido envolvesse minha pele.

Sem querer, dei uma olhada em Patch. Senti um toque de conforto por estar ao lado dele. Ele então abriu um sorriso.

— Assustada, Anjo?

Agarrei com força a barra de metal colocada na frente do vagão à medida que senti meu peso pender para a frente. Deixei escapar uma risada vacilante.

Nosso carro voava, diabolicamente veloz. Meu cabelo tremulava atrás de mim. Virando para a esquerda e então para a direita, avançamos ruidosamente pelos trilhos. Sentia por dentro meus órgãos subirem e descerem com os movimentos da viagem. Olhei para baixo, tentando me concentrar em algo que não estivesse se mexendo.

Foi então que percebi que meu cinto estava desatado.

Tentei gritar para Patch, mas minha voz foi engolida pela corrente de ar. Senti meu estômago ficar gelado e soltei uma das mãos da barra de metal para tentar prender o cinto. O vagão disparou para a esquerda. Bati com o ombro em Patch com tamanha força que chegou a doer. O carro voltou a subir e eu o senti sair dos trilhos, não completamente preso a eles.

Mergulhamos. As luzes que brilhavam nas laterais me cegaram. Não consegui distinguir a direção dos trilhos no final do mergulho.

Era tarde demais. O carro se jogou para a direita. Senti uma onda de pânico, e então aconteceu. Meu ombro esquerdo bateu com força contra a porta do vagão, que se abriu, e fui jogada para fora enquanto o carro avançava pela montanha-russa sem mim. Rolei pelos trilhos e procurei agarrar em algo. Minhas mãos nada encontraram, e caí pela beirada dos trilhos, mergulhando direto no vazio negro. O chão se aproximava depressa. Abri a boca para soltar um berro.

Minha lembrança seguinte é do carro freando ruidosamente na plataforma de desembarque.

Meus braços doíam pela força com que Patch me segurava.

— Isso é o que eu chamo de gritar — disse, sorrindo para mim.

Atordoada, observei enquanto ele colocava uma das mãos sobre a orelha como se meu grito ainda ecoasse. Sem muita certeza do que tinha acontecido, olhei para a área do braço dele onde minhas unhas tinham deixado semicírculos tatuados em sua pele. Então meus olhos se dirigiram ao cinto de segurança. Estava preso em volta da minha cintura.

— Meu cinto de segurança… — comecei a dizer. — Pensei…

— Pensou o quê? — Patch perguntou, parecendo interessado de verdade.

— Pensei… que tivesse voado para fora do carro. Pensei literalmente que… eu ia morrer.

— Acho que o objetivo é esse.

Meus braços tremiam. Meus joelhos cederam ligeiramente ao peso do corpo.

— Acho que vamos continuar como parceiros — disse Patch.

Suspeitei ter ouvido uma ponta de vitória em sua voz. Eu estava atordoada demais para discutir.

— O Arcanjo — murmurei, olhando para trás, para a montanha-russa e os vagões que iniciavam uma nova subida.

— Significa anjo de uma categoria elevada. — Definitivamente havia presunção na voz dele. — Quanto mais alto, maior a queda.

Comecei a abrir a boca, querendo dizer que estava certa de ter deixado o carro por um momento e que forças além da minha capacidade de explicar haviam me devolvido à segurança e à proteção do cinto de segurança. Em vez disso, disse:

— Acho que sou uma garota que simpatiza mais com os anjos da guarda. Patch deu outro sorriso forçado. Conduzindo-me pelo caminho, ele disse:

— Vou levá-la de volta ao fliperama.

CAPÍTULO
9

Atravessei a multidão no interior do fliperama, passando pela lanchonete e pelos banheiros. Quando cheguei às mesas de totó, Vee não estava em nenhuma delas. Nem Elliot, nem Jules.

— Parece que foram embora — disse Patch. Os olhos dele talvez demonstrassem um brilho sutil de divertimento. Mas, de qualquer maneira, em se tratando de Patch, poderia muito bem ser qualquer outra emoção. — Acho que você precisa de uma carona.

— Vee não iria embora sem mim — falei, subindo na ponta dos pés para olhar por cima das pessoas. — Provavelmente estão jogando tênis de mesa.

Esgueirei-me pela multidão enquanto Patch me seguia, entornando uma lata de refrigerante que comprara no caminho. Ele havia se oferecido para comprar uma bebida para mim, mas, no estado em que me encontrava, eu não tinha certeza de poder segurar algo no estômago.

Não havia sinal de Vee nem de Elliot na área de tênis de mesa.

— Talvez estejam jogando *pinball* — sugeriu Patch.

Definitivamente, ele estava gozando da minha cara.

Senti que estava corando. *Onde estava Vee?*

Patch me ofereceu a latinha.

— Tem certeza de que não quer um gole?

Olhei para a lata e então para Patch. O fato de sentir o sangue ferver diante da ideia de colocar minha boca no mesmo lugar onde a dele havia estado não me obrigava a contar isso para ele.

Revirei a bolsa e peguei o celular. A tela estava escura e o aparelho se recusava a ligar. Não compreendi como a bateria podia ter acabado, pois eu a havia carregado pouco antes de sair. Apertei novamente o botão, mas nada aconteceu.

— Minha oferta ainda está de pé — disse Patch.

Pensei que talvez fosse mais seguro pedir carona a um desconhecido. Ainda estava abalada com o que havia acontecido no Arcanjo. Apesar de me esforçar para tirar aquilo da cabeça, a imagem da queda se repetia. Estava caindo… e então o passeio acabava. Bem assim. Era a situação mais aterradora pela qual eu já havia passado. A outra questão quase tão aterradora era que eu era a única pessoa que parecia ter notado. Nem mesmo Patch, que estava bem ao meu lado, percebera.

Bati a palma da mão contra a testa.

— O *carro* dela. Provavelmente ela está me esperando no estacionamento. Trinta minutos depois, eu havia esquadrinhado toda a área. O Neon não estava mais lá. Não conseguia acreditar que Vee tivesse ido embora sem mim. Talvez tivesse acontecido uma emergência. Não havia como saber, porque eu não podia verificar as mensagens no celular. Tentei manter minhas emoções sob controle. Mas ela *havia* me abandonado. Eu tinha um amplo suprimento de raiva fervilhando sob a superfície, pronto para transbordar.

— Acabaram as opções? — perguntou Patch.

Mordi os lábios, examinando as alternativas. Não havia nenhuma. Infelizmente, não tinha certeza de estar pronta para aceitar a oferta dele. Em qualquer dia comum, ele exalava perigo. Naquela noite, havia uma mistura potente de perigo, ameaça e mistério, tudo combinado.

Por fim, suspirei e rezei para não estar prestes a cometer um erro.

— Você vai me levar direto para casa — disse.

Pareceu mais uma pergunta do que uma ordem.

— Se é o que você quer.

Estava quase perguntando a Patch se ele havia percebido algo de estranho no Arcanjo quando me contive. Estava apavorada demais para perguntar. E se eu não tivesse caído? E se tivesse imaginado tudo? E se estivesse vendo coisas que não estavam acontecendo de verdade? Primeiro o cara com a máscara de

esquiador. Agora isso. Estava bem certa de que ouvir os pensamentos de Patch em minha mente era um fato, mas e o restante? Não tinha tanta certeza.

Patch passou por algumas vagas. Uma motocicleta preta e reluzente descansava no apoio. Ele montou e fez um sinal com a cabeça, na direção do assento do carona.

— Pode subir.

— Uau. Bela moto — afirmei.

O que era uma mentira. Parecia uma máquina mortífera brilhante. Eu jamais havia andado de motocicleta. Não tinha certeza de querer experimentar naquela noite.

— Adoro a sensação do vento no meu rosto — prossegui, esperando que minha pretensa coragem mascarasse o terror de me deslocar em velocidades superiores a 90 quilômetros por hora sem algo me protegendo da estrada.

Havia um capacete — negro, com o visor escurecido —, e ele me ofereceu.

Aceitei. Passei a perna sobre a moto e percebi como me sentia insegura com nada além de um assento estreito sob mim. Enfiei o capacete sobre os cachos e o prendi sob o queixo.

— É difícil de dirigir? — perguntei.

O que eu queria dizer na verdade era é *seguro?*

— Não — disse Patch, respondendo à pergunta formulada e à imaginada. Ele riu suavemente. — Você está tensa. Relaxe.

Quando ele começou a se afastar da vaga, a explosão de movimento me assustou. Estivera segurando de leve a camisa dele, apenas o suficiente para manter o equilíbrio. Agora eu o envolvia com os braços em uma espécie de abraço de urso pelas costas.

Patch acelerou para pegar a estrada. Minhas coxas o apertavam. Esperava ser a única a perceber.

Quando chegamos à minha casa, Patch foi com a moto até a entrada da garagem, desligou o motor e saltou. Tirei o capacete e o equilibrei cuidadosamente no banco à minha frente. Abri a boca para dizer algo do tipo *Obrigada pela carona, até segunda.*

As palavras se perderam à medida que Patch atravessou a entrada e se dirigiu aos degraus da varanda.

Não dava tempo de especular o que ele estava fazendo. Acompanhando-me até a porta? Altamente improvável. Então… o que era?

Subi os degraus da varanda atrás dele e o encontrei na porta. Observei, dividida entre a confusão e uma preocupação crescente, quando ele retirou do bolso um molho de chaves muito familiar e encaixou uma delas na fechadura.

Tirei a bolsa do ombro e abri o zíper do bolso em que guardava as chaves. Não estavam lá.

— Devolva minhas chaves — eu disse, desconcertada por não saber como elas tinham ido parar em suas mãos.

— Você as deixou cair no fliperama, quando estava procurando o celular — disse ele.

— Não quero saber onde caíram. Devolva.

Patch ergueu as mãos em sinal de inocência e se afastou da porta. Recostou-se no muro e observou enquanto eu me dirigia à fechadura. Tentei girar a chave. Ela não virou.

— Você prendeu a chave na fechadura — eu disse, tentando sacudi-la. Desci um degrau. — Vá em frente. Experimente. Está presa.

Ele deu a volta na chave, fazendo um sonoro *clique*. Com a mão na maçaneta, ergueu as sobrancelhas como se estivesse dizendo *Posso*?

Engoli em seco, tentando dominar uma onda de fascínio e intranquilidade.

— Entre. Você não vai encontrar ninguém. Estou sozinha em casa.

— A noite inteira?

Imediatamente, percebi que aquela não era exatamente a informação mais inteligente a dar.

— Dorothea vai chegar em breve. — Era mentira. Dorothea tinha ido embora havia muito tempo. Já era quase meia-noite.

— Dorothea?

— Nossa empregada. Ela é velha, mas é forte. Muito forte. — Tentei me espremer para passar por ele. Sem sucesso.

— Parece amedrontadora — disse ele, retirando a chave da fechadura e oferecendo-a para mim.

— Ela pode limpar uma privada por dentro e por fora em menos de um minuto. É aterrorizante.

Pegando a chave, fui tentando passar de fininho por ele. Minha intenção era trancar a porta entre nós, mas, quando me virei, Patch havia tomado conta do portal, no qual apoiava os braços.

— Você não vai me convidar para entrar? — perguntou.

Pisquei. Convidá-lo para entrar? Na minha casa? Sem outra pessoa lá?

— Está tarde — disse Patch. Seus olhos seguiam os meus de perto, refletindo um brilho incompreensível. — Você deve estar morrendo de fome.

— Não. Sim, quer dizer, sim, *mas…*

De repente ele estava lá dentro.

Dei três passos para trás. Ele empurrou a porta com o pé, para fechá-la.

— Você gosta de comida mexicana? — perguntou.

— Eu… — *gostaria de saber o que você está fazendo dentro da minha casa!*

— Tacos?

— Tacos? — repeti.

Ele parecia estar achando graça naquilo.

— Tomate, alface, queijo.

que é um taco!

Antes que pudesse impedi-lo, ele passou por mim e avançou casa adentro. No final do corredor, virou à esquerda. Na cozinha.

Foi até a pia e abriu a torneira, ensaboando metade dos braços. Depois, aparentemente já se sentindo à vontade, passou primeiro na despensa, então examinou a geladeira, pegando ingredientes

aqui e ali — molho, queijo, alface e tomate. Então revirou as gavetas até achar uma faca.

Suspeito que naquele momento me encontrava à beira do pânico, diante da imagem de Patch com uma faca na mão, quando outra coisa chamou minha atenção. Dei dois passos para a frente e vi meu reflexo em uma das frigideiras penduradas no suporte para panelas. Meu cabelo! Parecia que um amaranto gigante havia caído na minha cabeça. Tapei a boca.

Patch sorriu.

— Seu cabelo é naturalmente vermelho?

Encarei ele.

— Não tenho cabelo vermelho.

— Detesto ter que lhe dar a notícia, mas é vermelho. Dá para queimá-lo em uma fogueira e não ficará mais vermelho do que já está.

— É *castanho*. — Talvez eu tenha um mínimo, infinitesimal toque avermelhado no cabelo. Mas eles ainda eram castanhos.

— É a luz — eu disse.

— É, talvez sejam as lâmpadas. — Quando ele sorriu, erguendo os dois cantos da boca, apareceram covinhas.

— Já volto — eu disse, saindo com pressa da cozinha.

Fui para cima e prendi o cabelo em um rabo de cavalo. Com esse problema resolvido, tentei organizar meus pensamentos. Não estava completamente à vontade com a ideia de ter Patch vagando livremente pela minha casa — armado com uma faca. E minha mãe me mataria se descobrisse que eu tinha convidado ele para entrar sem que Dorothea estivesse por lá.

— Podemos fazer isso em outra ocasião? — perguntei, ao encontrá-lo ainda ocupado na cozinha, dois minutos depois. Coloquei a mão sobre o estômago para dar a entender que estava indisposta. — Estou enjoada — disse. — Acho que foi a viagem de volta para casa.

Ele parou de picar e levantou os olhos.

— Estou quase acabando.

Percebi que ele havia trocado a faca por outra, maior e mais afiada.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele levantou a faca e começou a examiná-la. A lâmina reluzia. Senti um aperto no estômago.

— Abaixe a faca — pedi com tranquilidade.

Patch olhou para mim, para a faca e para mim de novo. Depois de um minuto, ele a pousou à sua frente.

— Não vou machucá-la, Nora.

— Puxa… que alívio — consegui dizer, mas a garganta estava seca e apertada. Ele girou a faca, apontando na minha direção.

— Venha cá. Vou ensiná-la a fazer tacos.

Não me mexi. Havia um fulgor nos olhos de Patch que dizia que eu deveria ter medo dele… e eu tinha. Mas o medo também era atração. Era extremamente perturbador estar perto dele. Na sua presença, eu não confiava em mim mesma.

— Vamos fazer um… trato? — O rosto dele estava abaixado, na sombra, e ele me fitava através dos cílios. O quadro dava uma impressão de confiabilidade. — Ajude-me a fazer os tacos e respondo algumas das suas perguntas.

— Minhas perguntas?

— Acho que você sabe o que quero dizer.

Eu sabia perfeitamente o que ele queria dizer. Ia me fazer vislumbrar seu mundo particular. Um mundo onde ele podia falar dentro da minha cabeça. Mais uma vez, ele sabia exatamente o que dizer, no momento certo.

Sem dizer uma palavra, fui para seu lado. Ele colocou a tábua de cortar à minha frente.

— Primeiro — disse ele, vindo por trás de mim e colocando as mãos no balcão, bem próximas das minhas —, escolha o tomate. — Ele baixou a cabeça de modo que sua boca ficou na altura da minha orelha. Seu hálito era morno. Fazia cócegas. — Muito bem. Agora pegue a faca.

— O chefe de cozinha sempre fica assim, tão próximo dos auxiliares? — perguntei, incerta sobre gostar ou temer a agitação que a proximidade provocava em mim.

— Se ele estiver revelando segredos culinários, fica. Segure a faca com vontade.

— Estou segurando.

— Muito bem. — Dando um passo para trás, ele me observou com atenção, aparentemente procurando as falhas, seus olhos indo para cima e para baixo, para um lado e outro. Por um momento irritante, achei ter visto um sorriso disfarçado, de aprovação. — Não se pode ensinar ninguém a cozinhar — disse Patch. — É algo que nasce com você. Ou você sabe ou não sabe. É como a química. Você acha que está pronta para a química?

Finquei delicadamente a faca no tomate, que se dividiu em dois, as metades balançando suavemente sobre a tábua.

— Responda você. Estou pronta para a química?

Patch emitiu um som grave, que eu não consegui decifrar, e sorriu.

***

Depois do jantar, Patch levou os pratos para a pia.

— Eu lavo. Você seca.

Revirando as gavetas ao lado da pia, ele encontrou um pano de prato e o jogou para mim com ar brincalhão.

— Estou pronta para fazer as perguntas — disse eu. — Começando por aquela noite na biblioteca. Você me seguiu…?

Minha voz falhou. Patch estava apoiado preguiçosamente contra o balcão. Os cabelos negros escapavam do boné de beisebol. Um sorriso fazia sua boca se abrir. Meus pensamentos se dissolveram, e de um momento para outro, um novo pensamento aflorou em minha mente.

Eu queria beijá-lo. Bem ali.

Patch levantou as sobrancelhas.

— O quê?

— Ah… nada. Nada mesmo. Você lava. Eu seco.

Não levou muito tempo para lavarmos os pratos, e quando acabamos, percebemos que estávamos apertados no espaço próximo à pia. Patch avançou para tirar o pano de prato da minha mão, e nossos corpos se tocaram. Nenhum dos dois se mexeu, mantendo a frágil ligação que nos unia.

Fui a primeira a me afastar.

— Assustada? — ele murmurou.

— Não.

— Mentirosa.

Meu coração começou a bater mais rápido.

— Não tenho medo de você.

— Não?

Falei sem pensar.

— Talvez eu só tenha medo de… — Xinguei a mim mesma por ter sequer começado a frase. O que eu deveria dizer agora? Não ia admitir para Patch que tudo nele me assustava. Seria como lhe dar permissão para me provocar ainda mais. — Talvez eu só tenha medo de… de…

— Gostar de mim?

Aliviada por não precisar concluir minha própria frase, respondi automaticamente que sim. Percebi tarde demais o que havia acabado de confessar.

— Quer dizer, *não*! Definitivamente não. Era *não* que eu estava tentando dizer! Patch riu baixinho.

— A verdade é que parte de mim realmente não fica à vontade quando você está por perto — respondi.

— Mas?

Agarrei-me ao balcão atrás de mim para garantir o equilíbrio.

— Mas ao mesmo tempo sinto uma atração assustadora por você. Patch abriu o sorriso.

— Você é metido demais — eu disse, usando a mão para afastá-lo um pouco de mim.

Ele a segurou em seu peito e puxou a manga da minha blusa até o punho, cobrindo minha mão. Com igual rapidez, fez o mesmo com a outra manga. Segurava minha blusa pelos punhos, minhas mãos presas. Minha boca se abriu para protestar.

Puxou-me para mais perto e não parou até que eu estivesse bem diante dele. Subitamente, ele me levantou e me sentou no balcão. Meu rosto estava na mesma altura do dele. Lançou para mim um sorriso convidativo e sombrio. Foi então que percebi que esse momento vinha rondando minhas fantasias mais íntimas havia vários dias.

— Tire o boné — eu disse, despejando as palavras sem conseguir me conter. Ele virou o boné, deixando a aba para trás.

Deslizei para a ponta do balcão com as pernas balançando em volta dele. Algo dentro de mim me dizia para parar — mas varri aquela voz para o fundo da minha mente.

Ele abriu as mãos sobre o balcão bem na altura dos meus quadris. Curvando a cabeça para um lado, ele se aproximou. Seu cheiro me fazia lembrar terra úmida e escura e me dominava.

Inspirei fundo duas vezes. Não. Não estava certo. Isso não, não com Patch. Ele era assustador. De uma forma boa. Mas também de uma forma ruim. De uma forma muito ruim.

— Você precisa ir — suspirei. — Com toda certeza, precisa ir.

— Para cá? — A boca dele estava no meu ombro. — Ou para cá? — Dirigiu-se então para o meu pescoço.

Meu cérebro não conseguia produzir um único pensamento lógico. A boca de Patch avançava para cima, um pouco acima da mandíbula, pressionando os lábios suavemente na minha pele…

— Minhas pernas estão bambas — balbuciei.

Não era completamente mentira. Uma sensação de formigamento percorria todo o meu corpo, inclusive as pernas.

— Posso resolver esse problema. — As mãos de Patch agarraram meus quadris. De repente, o celular tocou. Pulei quando ele soou e procurei-o desajeitadamente em meu bolso.

— Olá, querida — disse mamãe em tom animado.

— Posso ligar para você daqui a pouco?

— Claro. O que está acontecendo?

Desliguei o telefone.

— Você precisa ir embora — disse para Patch. — Agora.

Ele virou de novo o boné. Sob a aba, só conseguia ver sua boca, desenhando um sorriso malicioso.

— Você não está usando maquiagem.

— Devo ter esquecido.

— Sonhe com os anjos.

— Claro, tudo bem.

O que ele tinha dito?

— Sobre aquela festa amanhã à noite…

— Vou pensar no assunto — foi tudo o que consegui dizer.

Patch enfiou um pedaço de papel no meu bolso. Seu toque me fez sentir um calor que desceu até minhas pernas.

— Aqui está o endereço. Vou esperar por você. Vá sozinha.

Um momento depois, ouvi a porta da frente se fechar. Um rubor quente subiu até o meu rosto. *Perto demais*, pensei. Não havia nada de errado com o fogo… desde que você não chegasse perto demais. Um lembrete.

Apoiei-me nos armários da cozinha, com a respiração agitada.

CAPÍTULO
10

Fui arrancada do sono pela campainha do meu telefone. Ainda perdida em sonhos, escondi a cabeça debaixo do travesseiro para tentar abafar o barulho. Mas o telefone tocou. E tocou.

A chamada caiu na secretária eletrônica. Cinco segundos depois, a campainha voltou a soar.

Estiquei o braço do lado da cama, tateei até encontrar meu jeans e tirei o celular do bolso.

— Alô? — disse bocejando, ainda de olhos fechados.

Alguém bufava raivosamente do outro lado da linha.

— O que aconteceu com você? O que aconteceu com o algodão-doce que você foi buscar? E já que estamos tocando no assunto, que tal me dizer onde você está para que eu possa estrangulá-la com minhas próprias mãos?

Bati com o punho na testa algumas vezes.

— Achei que você tivesse sido sequestrada! — prosseguiu Vee. — Achei que você tivesse sido abduzida! Achei que você tivesse sido *assassinada*!

Tentei encontrar o relógio na escuridão. Esbarrei em uma foto emoldurada sobre a mesa de cabeceira e todas as outras atrás dela caíram, como se fossem peças de dominó.

— Tive um imprevisto — eu disse. — Quando voltei para o fliperama, vocês já tinham ido embora.

— Imprevisto? Que tipo de desculpa é “imprevisto”?

Os números vermelhos do relógio entraram em foco. Eram duas e pouco da manhã.

— Rodei no estacionamento durante uma hora — disse Vee. — Elliot caminhou pelo parque mostrando a única foto que eu tinha de

você no meu celular. Tentei ligar para você um zilhão de vezes. Espera aí. Você está em casa? Como conseguiu chegar em casa?

Esfreguei o canto dos olhos.

— Patch.

— *Patch, o perseguidor*?

— Bem, eu não tinha muitas opções, tinha? — disse sucintamente. — Você foi embora sem mim.

— Você parece cansada. Cansada de verdade. Não, não é isso. Você parece agitada… aturdida… *excitada*. — Eu podia praticamente ver que os olhos dela se arregalavam. — Ele beijou você, não foi?

Nenhuma resposta.

— Ele beijou você! Eu sabia! Já reparei no jeito que ele olha para você. Já estava esperando. Já estava esperando por isso havia um tempão.

Eu não queria pensar no assunto.

— Como foi? — insistiu Vee. — Maçã ou salada mista?

— *Como*?

— Foi um estalinho? De boca aberta? Foi de língua? O.k., esqueça. Você não precisa responder. Patch não é o tipo de cara que perde tempo com preliminares. Teve língua. Com toda certeza.

Cobri o rosto com as mãos para tentar me esconder. Patch provavelmente pensava que eu não tinha autocontrole. Desmoronei nos braços dele. Virei manteiga derretida. Um momento antes de mandá-lo embora, eu tinha certeza de ter deixado escapar um som que era uma mistura de suspiro de felicidade e gemido de êxtase.

O que explicava aquele sorriso arrogante.

— Será que a gente poderia falar sobre isso mais tarde? — perguntei, apertando a ponte do nariz.

— Claro que não.

Suspirei.

— Estou morta de cansaço.

— Não posso acreditar que você pensa na hipótese de me deixar curiosa.

— Queria que você esquecesse o assunto.

— Nenhuma chance.

Tentei mentalizar o relaxamento dos músculos do meu pescoço, já prevendo a dor de cabeça que ameaçava se instalar.

— Ainda vamos sair para fazer compras?

— Pego você às quatro.

— Achei que não íamos nos encontrar antes das cinco.

— Mudança de planos. Posso sair ainda mais cedo se conseguir escapar de um encontro familiar. Minha mãe está à beira de um ataque de nervos. Ela acha que a culpa pelas minhas notas ruins é a falta de talento materno. Aparentemente, passar tempo juntas é a solução. Deseje-me boa sorte.

Desliguei o telefone e mergulhei nas profundezas da minha cama. Visualizei o sorriso malcomportado de Patch e seus reluzentes olhos negros. Depois de me revirar na cama por vários minutos, desisti da ideia de tentar me sentir confortável. A verdade era que, enquanto Patch estivesse na minha cabeça, conforto seria impossível.

Quando eu era pequena, Lionel, afilhado de Dorothea, quebrou um dos copos da cozinha. Varreu todos os cacos de vidro, mas deixou um e me desafiou a lambê-lo. Imaginei que me apaixonar por Patch seria um pouco como lamber o caco de vidro. Sabia que era uma estupidez. Sabia que terminaria me cortando. Depois de tantos anos, uma coisa ainda não havia mudado: eu me sentia atraída pelo perigo.

Subitamente sentei-me na cama e procurei o celular. Liguei o abajur.

A bateria parecia estar completamente carregada.

Senti um calafrio percorrer minha espinha. O celular supostamente estava descarregado. Então como minha mãe e Vee tinham conseguido ligar?

***

A chuva fustigava as marquises coloridas das lojas na beira do cais e se derramava pela calçada. Os antigos postes de iluminação a gás que se alinhavam dos dois lados da rua ganharam vida. Enquanto nossos guarda-chuvas se esbarravam, Vee e eu nos acotovelávamos pelas calçadas até chegar ao toldo listrado de rosa e branco da Victoria's Secret. Fechamos os guarda-chuvas em perfeita sincronia e os deixamos apoiados contra a parede, bem na entrada, do lado de fora.

Um trovão fez com que entrássemos correndo.

Bati os pés para tirar a água da chuva dos sapatos e senti um tremor de frio. Vários difusores de óleo queimavam num mostruário no meio da loja, cercando-nos com perfumes intensos e exóticos.

Uma mulher vestida com uma calça folgada e camiseta justa pretas deu um passo à frente. Tinha uma fita métrica enrolada no pescoço e fez menção de pegá-la.

— Será que as meninas não gostariam de tirar as medidas gratuitamente…?

— Guarde a porcaria dessa fita métrica — ordenou Vee. — Sei muito bem meu tamanho. Não preciso que fiquem me lembrando.

Dei um sorriso para a mulher que era em parte um pedido de desculpas, enquanto ia atrás de Vee rumo às prateleiras de liquidação, nos fundos da loja.

— Não precisa se envergonhar de usar tamanho grande — disse para Vee. Peguei um sutiã de cetim azul e comecei a procurar a etiqueta com o preço.

— Quem disse que eu tenho vergonha? — perguntou Vee. — Não tenho vergonha. Por que teria vergonha? A única garota de 16 anos que tem peitos do tamanho dos meus está cheia de silicone, e todo mundo sabe disso. Por que *eu* ficaria com vergonha? — Ela inspecionava furiosamente uma das prateleiras. — Você acha que eles vendem sutiãs capazes de diminuir meus melões?

— Chamam-se sutiãs esportivos e têm o desagradável efeito colateral de deixar os dois parecendo um só — falei com os olhos em uma peça de renda preta que estava em uma pilha.

Eu não deveria estar examinando *lingerie*. Naturalmente, aquilo me fez ter pensamentos sensuais. Como beijos. Como Patch.

Fechei os olhos e revi nossa noite juntos. O toque da mão de Patch em minha coxa, seus lábios em meu pescoço…

Vee me pegou desprevenida e jogou em meu peito uma calcinha turquesa com estampa de leopardo.

— Ficaria ótima em você — disse. — Só vai precisar de uma bunda do tamanho da minha.

Onde eu estava com a cabeça? Tinha chegado *tão perto* de beijar Patch. O mesmo Patch que podia estar invadindo meus pensamentos. O mesmo Patch que me salvara de despencar para a morte no Arcanjo — porque eu tinha certeza de que aquilo havia acontecido, embora não houvesse explicação lógica. Imaginei que ele talvez tivesse feito o tempo parar e tivesse me pegado durante a queda. Se era capaz de falar com meus pensamentos, talvez, quem sabe, tivesse outras habilidades.

Ou talvez, pensei com um arrepio, eu não pudesse mais confiar na minha mente.

Ainda tinha o pedaço de papel que Patch enfiara no meu bolso, mas não havia a menor chance de ir na tal festa naquela noite. Eu apreciava em segredo a atração que existia entre nós, mas o mistério e o medo falavam mais alto. Dali para a frente, eu apagaria Patch da minha vida — e dessa vez, estava falando sério. Seria como entrar em uma dieta de desintoxicação. O problema era que a única dieta que eu já tentara teve o efeito oposto. Uma vez, tentei passar um mês inteiro sem chocolate. Sem um pedacinho sequer. Ao final de duas semanas, não resisti e devorei mais chocolate do que teria comido em três meses.

Esperava que o fracasso da minha dieta sem chocolate não fosse uma prévia do que aconteceria se tentasse evitar Patch.

— O que está fazendo? — perguntei, com a atenção voltada agora para Vee.

— O que parece que estou fazendo? Estou descolando a etiqueta de preços de um desses sutiãs da liquidação e colando no que não

está com desconto. Assim, posso comprar um sutiã supersexy pelo preço de um qualquer.

— Não pode fazer isso. Ela vai ler o código de barras na hora de pagar. Vai perceber o que você fez.

— Código de barras? Eles não leem os códigos de barras. — Ela não parecia muito convencida.

— Leem, eu juro. Juro por Deus. — Achei que mentir para Vee era melhor do que vê-la atrás das grades.

— Puxa, parecia uma ideia tão boa…

— Você precisa dessa — eu disse para Vee, jogando para ela um retalho de seda, esperando desviar sua atenção.

Ela segurou a calcinha. Havia pequenos caranguejos vermelhos bordados no tecido.

— É a coisa mais ridícula que eu já vi. Por outro lado, gosto do sutiã preto que você está segurando. Acho que deveria comprá-lo. Vá pagar enquanto eu continuo a olhar.

Paguei. Então, achando que seria mais fácil me esquecer de Patch se estivesse ocupada com algum assunto mais inofensivo, perambulei até a parede em que ficavam os perfumes. Estava cheirando um vidro de Dream Angels quando senti uma presença familiar perto de mim. Era como se alguém tivesse deixado cair uma colher de sorvete nas minhas costas. O mesmo estremecimento que eu sentia quando Patch se aproximava.

Vee e eu ainda éramos as únicas clientes na loja, mas vi através da vitrine uma figura encapuzada se esconder sob um toldo do outro lado da rua. Desorientada, fiquei imóvel por um minuto inteiro antes de me recompor e ir atrás de Vee.

— Hora de irmos — disse.

Ela estava vasculhando uma arara de camisolas.

— Uau. Veja só, pijamas de flanela com 50% de desconto. Preciso de pijamas de flanela.

Mantive o olhar grudado na vitrine.

— Acho que tem alguém me seguindo.

A cabeça de Vee se levantou.

— Patch?

— Não. Olhe lá, do outro lado da rua.

Vee forçou a vista.

— Não vejo ninguém.

Nem eu via. Um carro havia passado, interrompendo minha linha de visão.

— Acho que entrou numa loja.

— Como você sabe que está sendo seguida?

— Tenho um pressentimento ruim.

— Parecia alguém conhecido? Por exemplo… Uma combinação de Píppi Meialonga com a Bruxa Má do Oeste resultaria naturalmente em Marcie Millar.

— Não era Marcie — disse, com os olhos ainda grudados do outro lado da rua. — Na noite passada, quando saí do fliperama para comprar algodão-doce, notei que alguém me vigiava. Acho que é a mesma pessoa.

— Isso é sério? Por que você só me contou isso agora? Quem é?

Eu não sabia. Era o que mais me assustava.

Procurei uma vendedora.

— Existe uma saída pelos fundos da loja?

Ela tirou os olhos da gaveta que estava arrumando.

— Apenas para funcionários.

— Você sabe dizer se a pessoa é homem ou mulher? — perguntou Vee.

— Não sei.

— Muito bem, por que você acha que está sendo seguida? O que querem?

— Querem me assustar. — Aquilo me parecia bastante razoável.

— Por que alguém iria querer assustá-la?

Mais uma vez, eu não sabia o que responder.

— Precisamos de algo para desviar a atenção — eu disse para Vee.

— Era exatamente o que eu estava pensando — exclamou ela. — E nós sabemos que sou muito boa nisso. Me dê sua jaqueta

jeans.

Eu a encarei.

— De jeito nenhum. Não sabemos nada sobre essa pessoa. Não vou deixar você sair por aí vestida com as minhas roupas. E se a pessoa estiver armada?

— Algumas vezes sua imaginação me assusta — disse Vee.

Devo admitir que a ideia de que alguém estivesse armado e com a intenção de me matar era um tanto absurda. Mas com tantos acontecimentos esquisitos ultimamente, eu não me culpava por estar tão tensa e imaginar o pior.

— Eu saio primeiro — disse Vee. — Se me seguirem, você vai atrás. Vou para a colina, na direção do cemitério. Então nós vamos encurralá-lo e conseguir algumas respostas.

Um minuto depois, Vee deixou a loja usando a jaqueta jeans. Pegou meu guarda-chuva vermelho, mantendo-o bem baixo, encobrindo sua cabeça. Descontando o fato de ela ser alguns centímetros mais alta do que eu e um tanto voluptuosa por causa daqueles quilinhos a mais, podia se passar por mim. Fiquei agachada atrás da arara de camisolas e observei a figura encapuzada deixar a loja do outro lado da rua e seguir Vee. Arrastei-me para ficar mais perto da vitrine. Embora o suéter largo e o jeans servissem para dar certo ar andrógino, o andar da figura era feminino. Com toda certeza, era feminino.

Vee e a garota dobraram a esquina, desaparecendo, e eu corri para a porta.

Lá fora, a chuva havia se transformado em aguaceiro. Agarrei o guarda-chuva de Vee e acelerei o passo, mantendo-me sob os toldos e evitando a chuva pesada. Podia sentir que a barra da minha calça jeans estava ficando úmida. Desejei estar calçando botas.

Atrás de mim, o cais dava lugar ao oceano cinza. À minha frente, a fileira de lojas terminava na base de uma encosta íngreme e coberta de grama. No alto da colina, eu mal distinguia a cerca de ferro do cemitério da região.

Destranquei o Neon, liguei o desembaçador no máximo e coloquei os limpadores de para-brisa funcionando a toda a

velocidade. Deixei o estacionamento e virei à esquerda, acelerando à medida que subia a colina sinuosa. As árvores do cemitério assomavam adiante, com galhos que, no rápido vaivém dos limpadores, davam a impressão de estar vivos. As sepulturas de mármore branco se destacavam na escuridão. As cinzentas se camuflavam na paisagem.

De repente, um objeto vermelho foi lançado contra o para-brisa. Estilhaçou o vidro bem diante dos meus olhos e então voou por cima do carro. Pisei no freio, e o Neon parou bruscamente na beira da estrada.

Abri a porta e saí. Corri até a traseira do carro, tentando descobrir o que havia me atingido.

Houve um momento de confusão enquanto minha mente tentava decifrar o que via. Meu guarda-chuva vermelho estava preso no mato. Estava quebrado, como seria de se esperar se tivesse sido lançado contra outro objeto mais resistente.

Ouvi um soluço abafado em meio à chuva inclemente.

— Vee? — chamei.

Atravessei a rua correndo, protegendo os olhos da chuva para observar ao redor.

Um corpo estava encolhido bem adiante. Corri mais rápido.

— Vee!

Caí de joelhos ao lado dela. Estava deitada de lado, com as pernas encolhidas junto ao peito. Gemia de dor.

— O que houve? Você está bem? Consegue se mover?

Joguei minha cabeça para trás, piscando por causa da chuva. *Pense!*, disse para mim mesma. O celular. No carro. Eu precisava ligar para a emergência.

— Vou chamar socorro — falei.

Ela gemeu e agarrou minha mão. Abaixei-me para me aproximar dela, segurando-a com força. Meus olhos ardiam com as lágrimas.

— O que aconteceu? Foi a pessoa que seguiu você? Ela fez isso com você? *O que* ela fez?

Vee murmurou alguma palavra incompreensível que talvez fosse “bolsa”. De fato, sua bolsa não estava ali.

— Você vai ficar bem. — Esforcei-me para manter a voz firme.

Um sentimento sombrio ameaçava tomar conta de mim, e eu tentava mantê-lo sob controle. Eu tinha certeza de que a pessoa que me observara no Delphic e que me seguira nas compras era a responsável. Mas me culpava por ter colocado Vee em perigo. Voltei correndo ao Neon e disquei o número da emergência no celular.

Tentei manter a voz sem vestígios de histeria enquanto dizia:

— Preciso de uma ambulância. Minha amiga acaba de ser assaltada e agredida.

CAPÍTULO 11

Passei a segunda-feira atordoada. Fui de aula em aula, à espera do sinal da saída no final do dia. Tinha ligado para o hospital antes de ir para a escola. Haviam me informado que Vee estava sendo conduzida para o centro cirúrgico. O braço esquerdo fora quebrado durante a agressão. Como o osso não estava no lugar, ela precisava de cirurgia. Eu queria vê-la, mas não seria possível até o final da tarde, quando passaria o efeito da anestesia e ela seria transferida para um quarto particular. Era especialmente importante que eu ouvisse sua versão do ataque antes que ela se esquecesse dos detalhes ou resolvesse caprichar neles. Qualquer lembrança poderia preencher as lacunas e me ajudar a compreender quem poderia ter feito aquilo.

Enquanto as horas avançavam lentamente e a manhã se transformava em tarde, parei de pensar em Vee e me concentrei na garota na porta da Victoria's Secret. Quem era ela? O que queria? Talvez fosse apenas uma coincidência perturbadora que Vee tivesse sido agredida minutos depois de eu ter visto a garota segui-la, mas meu instinto dizia que não. Eu queria ter mais detalhes sobre a aparência dela. O suéter volumoso com capuz e o jeans, combinados com a chuva, tinham colaborado para que ficasse bem disfarçada. Pelo que eu sabia, *poderia* ter sido Marcie Millar. Mas lá no fundo não me parecia que essa fosse a resposta certa.

Passei por meu armário para pegar o livro de biologia e em seguida me dirigi para a última aula do dia. Entrei na sala e logo percebi que a cadeira de Patch estava desocupada. Normalmente, ele chegava no último momento possível, junto com o último sinal, mas a campainha soou, o técnico assumiu posição diante do quadro-negro e começou a discorrer sobre o equilíbrio.

Fiquei pensando sobre a cadeira vazia de Patch. Uma vozinha no fundo da minha cabeça especulava que talvez sua ausência tivesse ligação com a agressão a Vee. Era um pouco estranho que ele faltasse à aula justo na manhã seguinte. E eu não conseguia me esquecer do calafrio gélido que sentira momentos antes de olhar para fora da loja e perceber que estava sendo vigiada. Todas as vezes em que havia sentido aquilo era porque estava perto de Patch.

A voz da razão rapidamente eximiu Patch de qualquer envolvimento. Ele podia estar resfriado. Ou ter ficado sem gasolina a caminho da escola e estar parado a quilômetros de distância. Ou talvez as apostas estivessem quentes no Fliperama do Bo e ele tivesse chegado à conclusão de que era mais proveitoso jogar sinuca do que passar uma tarde aprendendo as complexidades do corpo humano.

Ao final da aula, o técnico me abordou enquanto eu saía pela porta.

— Espere um minuto, Nora.

Virei-me e coloquei a mochila no ombro.

— Sim?

Ele me entregou uma folha de papel dobrada.

— A srta. Greene passou por aqui antes da aula e me pediu que lhe entregasse isso — disse ele.

Peguei o bilhete.

— Srta. Greene? — Não tinha professora alguma com esse nome.

— A nova psicóloga da escola. Ela acaba de substituir o dr. Hendrickson.

Desdobrei a folha e li o bilhete rabiscado nela.

Querida Nora,

Estou substituindo o dr. Hendrickson na função de psicóloga da escola. Reparei que você perdeu as duas últimas sessões com o dr. H. Por favor, venha logo me visitar para que possamos nos

conhecer. Já enviei uma carta para sua mãe, informando a mudança.

Atenciosamente,

Srta. Greene

— Obrigada — disse ao técnico, dobrando o papel até que ficasse pequeno o bastante para caber no bolso.

No corredor, misturei-me à multidão. Não adiantava protelar — precisava ir. Percorri os corredores que conduziam até a porta fechada da sala do doutor Hendrickson. De fato, havia uma nova placa com um novo nome. O metal polido reluzia na porta de carvalho sem graça: SRTA. D. GREENE, PSICÓLOGA.

Bati na porta, e um momento depois ela se abriu. A srta. Greene tinha uma pele impecavelmente pálida, olhos azuis como o mar, boca voluptuosa, cabelos louros, finos e lisos, que iam até os cotovelos e estavam partidos ao meio, e rosto ovalado. Na ponta do nariz, um óculos gatinha turquesa. Vestia-se com formalidade: saia lápis cinza e blusa de seda cor-de-rosa. A silhueta era esguia, mas feminina. Não podia ser mais do que cinco anos mais velha do que eu.

— Você deve ser Nora Grey. Parece muito com o retrato guardado em sua pasta — disse ela, apertando minha mão com firmeza. A voz era brusca, mas sem rudeza. Profissional.

Deu um passo para trás e fez um sinal para que eu entrasse na sala.

— Você quer tomar algo, suco, água? — perguntou.

— O que aconteceu com o dr. Hendrickson?

— Decidiu aposentar-se mais cedo. Eu estava de olho nesse emprego há algum tempo, e por isso não quis perder a oportunidade. Estudei na Florida State, mas cresci em Portland, e meus pais ainda moram por aqui. É bom estar perto da família novamente.

Examinei a pequena sala. Havia mudado drasticamente desde a última vez em que eu estivera ali, algumas semanas antes. As estantes que cobriam as paredes agora estavam repletas de livros de capa dura com temas acadêmicos, mas sem muita personalidade, todos encadernados em cores neutras e adornados com letras douradas. O dr. Hendrickson aproveitava as prateleiras para exibir retratos da família, mas não havia qualquer foto da vida particular da srta. Greene. A mesma samambaia pendia perto da janela, mas sob os cuidados do dr. Hendrickson ela era mais marrom do que verde. Bastaram alguns dias com a srta. Greene para que parecesse saudável e cheia de vida. Havia uma poltrona cor-de-rosa do outro lado da mesa e várias caixas empilhadas em um canto.

— Sexta foi meu primeiro dia — ela explicou, ao ver meus olhos pousarem sobre as caixas. — Ainda estou desempacotando. Sente-se, por favor.

Tirei a mochila e sentei na poltrona. Nada naquela pequena sala me dava qualquer indicação sobre a personalidade da srta. Greene. Havia uma pilha de pastas sobre a mesa — não muito organizada, mas nada bagunçada também — e uma caneca branca com o que parecia ser chá. Não havia vestígio de perfume ou de aromatizador de ambientes. A tela do computador estava apagada.

A srta. Greene agachou-se diante de um arquivo atrás da mesa, retirou de lá uma pasta novinha em folha e escreveu meu nome na aba com caneta hidrocor preta. Colocou a pasta sobre a mesa, próximo à antiga, que tinha algumas manchas de café da caneca do dr. Hendrickson.

— Passei o fim de semana inteiro examinando as fichas do meu colega. — disse ela. — Cá entre nós, a letra dele me deu enxaqueca. Por isso, vou copiar tudo. Fiquei impressionada por ele não usar computador para digitar as anotações. Quem ainda escreve à mão nos dias de hoje?

Ela se acomodou na cadeira giratória, cruzou as pernas e sorriu para mim educadamente.

— Bem, por que não me conta um pouquinho sobre seus encontros com o dr. Hendrickson? Mal pude decifrar as anotações dele. Ao que parece vocês dois andaram conversando sobre seus sentimentos em relação ao novo emprego de sua mãe.

— Não é tão novo assim. Ela trabalha há um ano.

— Ela costumava ser mãe em tempo integral, certo? E, depois do falecimento de seu pai, passou a trabalhar em tempo integral. — Ela forçou a vista para contemplar uma folha de papel guardada em minha pasta. — Ela trabalha para um leiloeiro, certo? Aparentemente, coordena leilões de bens em toda a costa. — A srta. Greene olhou para mim por cima dos óculos. — Isso deve exigir que ela passe muito tempo fora de casa.

— Nós queríamos permanecer em nossa casa de fazenda — eu disse, em um tom que beirava o defensivo —, mas não conseguiríamos arcar com a hipoteca se ela arranjasse um emprego na região. — Eu não costumava exatamente adorar minhas sessões com o dr. Hendrickson, mas me peguei ressentida por ele ter se aposentado e me abandonado nas mãos da srta. Greene. Ela estava começando a me dar nos nervos e parecia ser muito atenta aos detalhes. Senti que estava doida para cavucar os cantos mais obscuros da minha vida.

— Sim, mas você deve se sentir muito solitária lá.

— Temos uma empregada que fica comigo todos os dias até as nove ou dez da noite.

— Mas uma empregada não é o mesmo que sua mãe.

Fitei a porta. Nem tentei ser discreta.

— Você tem um grande amigo? Um namorado? Alguém com quem conversar nas situações em que sua empregada… não se enquadra?

Ela afundou um saquinho de chá na caneca e então a ergueu para dar um gole.

— Tenho uma grande amiga.

Decidi dizer o mínimo possível. Quanto menos falasse, mais curta seria a sessão. Quanto mais curta a sessão, mas rapidamente eu poderia visitar Vee.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Namorado?

— Não.

— Você é uma garota atraente. Imagino que deva despertar interesse no sexo oposto.

— Olhe só — disse com o máximo de paciência possível. — Eu aprecio muito o que está tentando fazer, mas eu tive exatamente a mesma conversa com o dr. Hendrickson há um ano, quando meu pai morreu. Reencená-la não ajuda. É como voltar no tempo e reviver tudo. Sim, foi uma situação trágica e horrível, e lido com ela todos os dias. Mas o que eu realmente preciso agora é virar a página.

O relógio na parede tiquetaqueava entre nós duas.

— Bem — disse a srta. Greene finalmente, forçando um sorriso. — É muito proveitoso conhecer seu ponto de vista, Nora. É isso o que estou tentando compreender o tempo todo. Vou fazer uma anotação sobre seus sentimentos na ficha. Há mais alguma informação que gostaria de me passar?

— Não.

Sorri, para confirmar que eu realmente estava indo bem.

Ela folheou mais algumas páginas da minha ficha. Eu não tinha a mínima ideia do que tratavam as observações que o dr. Hendrickson imortalizara ali, e não queria esperar para descobrir.

Tirei minha mochila do chão e escorreguei para a beirada da poltrona.

— Não queria interromper nada, mas preciso estar em outro lugar às quatro.

— É?

Não estava com a menor vontade de falar sobre a agressão a Vee para a srta. Greene.

— Preciso fazer uma pesquisa na biblioteca.

— Para qual matéria?

Respondi a primeira que me passou pela cabeça.

— Biologia.

— Falando de matérias, como estão indo seus estudos? Alguma preocupação nessa área?

— Não.

Ela virou mais algumas páginas.

— Excelentes notas — observou. — Aqui diz que você está monitorando seu colega de biologia Patch Cipriano.

Ela ergueu o olhar, querendo aparentemente que eu confirmasse a informação. Fiquei surpresa que a monitoria fosse tão importante que merecesse entrar nos registros da psicóloga da escola.

— Até agora, não tivemos nenhuma reunião. Desencontro de agendas. — Dei de ombros como se dissesse "*Sabe como é?".*

Ela pousou a pasta na mesa, arrumando todas as folhas de papel soltas até formarem uma pilha organizada, que em seguida inseriu na nova pasta com a etiqueta que escrevera.

— Para ser justa com você, vou falar com o sr. McConaughy e conversar sobre alguns parâmetros para essas aulas de reforço. Gostaria que todos os encontros acontecessem aqui na escola, sob a supervisão direta de um professor ou de outro membro do corpo docente. Não quero que você estude com Patch fora da escola. Principalmente, não quero que vocês dois se encontrem a sós.

Senti um calafrio.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Não posso falar sobre isso.

A única razão que eu podia imaginar para ela não querer que eu ficasse sozinha com Patch era porque ele era perigoso. *Meu passado pode assustá-la*, ele me dissera na plataforma de embarque do Arcanjo.

— Obrigada por aparecer. Não vou mais prendê-la — disse a srta. Greene.

Ela andou até a porta e a manteve aberta com a ajuda do quadril estreito. Abriu um sorriso de despedida, mas me pareceu forçado.

***

Depois de sair da sala da srta. Greene, liguei para o hospital. A cirurgia de Vee havia acabado, mas ela ainda estava na sala de recuperação e não poderia receber visitas até as sete da noite. Consultei o relógio do celular. Faltavam três horas. Encontrei o Fiat no estacionamento dos alunos e me joguei dentro dele, na esperança de que passar a tarde na biblioteca, debruçada sobre o dever de casa, tirasse da minha cabeça aquela longa espera.

Fiquei a tarde toda na biblioteca, e, antes que pudesse perceber, os ponteiros do relógio da parede haviam avançado silenciosamente. Já anoitecia. Meu estômago roncou no silêncio do ambiente. Lembrei-me da máquina de lanches que ficava logo na entrada. O final do dever de casa podia esperar um pouco, mas ainda havia um trabalho que exigia a ajuda dos equipamentos da biblioteca. Em casa, minha internet era discada e o meu computador, um IBM ultrapassado. Para não arrancar os cabelos desnecessariamente, eu preferia usar o computador do laboratório de informática da biblioteca. Precisava escrever uma resenha sobre a peça *Otelo* que deveria estar na mesa do editor do eZine às nove da noite. Combinei comigo mesma de ir procurar algo para comer depois de acabá-la.

Juntei meus pertences e me encaminhei ao elevador. Dentro da cabine, apertei o botão para fechar a porta, mas não indiquei de imediato o andar. Peguei o celular e liguei de novo para o hospital.

— Olá — saudei a enfermeira que atendeu o telefone. — Minha amiga está se recuperando de uma cirurgia, e quando liguei mais cedo disseram que ela voltaria para o quarto esta noite. O nome dela é Vee Sky.

Houve uma pausa e o ruído de teclas de computador.

— Parece que ela será levada para um quarto particular em uma hora.

— Quando termina o horário de visitas? — Às oito.

— Muito obrigada — desliguei e apertei o botão do terceiro andar, começando a subida.

No terceiro andar, segui a sinalização para as coleções de periódicos, na esperança de me inspirar depois de ler algumas

resenhas do jornal local.

— Com licença — dirigi-me para a bibliotecária na mesa das coleções.

— Estou tentando encontrar exemplares do *Portland Press Herald* do último ano. Em especial, a coluna de peças de teatro.

— Não mantemos nada tão atual nesta seção — explicou-me —, mas, se procurar na internet, acredito que encontrará no site do próprio *Portland Press Herald*. Vá em frente naquele corredor atrás de você e lá, à esquerda, encontrará o laboratório de mídia.

No laboratório, acessei um dos computadores. Estava a ponto de mergulhar na tarefa quando uma ideia passou pela minha cabeça. Como não havia pensado naquilo antes? Depois de confirmar que ninguém me observava, procurei no Google por “Patch Cipriano”. Talvez encontrasse alguma informação que pudesse lançar luz sobre o passado dele. Ou talvez ele mantivesse um blog. Os resultados da busca foram decepcionantes. Nada. Nada no Facebook, nada no MySpace, nenhum blog. Era como se ele não existisse.

— Qual é a sua história, Patch? — murmurei. — Quem é você, de verdade?

Meia hora mais tarde já tinha lido diversas resenhas teatrais, e meus olhos estavam cansados. Ampliei minha busca on-line para que incluísse todos os jornais do Maine. Surgiu um link para o jornal da escola Kinghorn Prep. Alguns segundos se passaram antes que eu percebesse de onde conhecia aquele nome. Elliot estudava em Kinghorn Prep antes de ser transferido. Por um capricho, resolvi visitar o link. Se a escola era tão importante quanto dizia Elliot, provavelmente tinha um jornal digno de respeito.

Cliquei no link. Rolei com o mouse pela página dos arquivos e escolhi aleatoriamente a data de 21 de março. Um segundo depois a manchete estava na tela:

ESTUDANTE SUBMETIDO A INTERROGATÓRIO PARA
ESCLARECER ASSASSINATO EM KINGHORN PREP

Aproximei minha cadeira do computador, atraída pela ideia de ler algo mais excitante do que resenhas de teatro.

> Foram retiradas as acusações contra o aluno de 16 anos da Kinghorn Preparatory que prestou depoimento no inquérito do que ficou conhecido como “O enforcamento de Kinghorn”. Depois que o corpo de Kjirsten Halverson, de 18 anos, foi encontrado pendurado em uma árvore no *campus* da escola, a polícia colocou sob suspeita o aluno do segundo ano Elliot Saunders, visto com a vítima na noite de sua morte.

Meu cérebro digeriu a informação lentamente. Elliot fora interrogado em uma investigação de assassinato?

> Kjirsten trabalhava como garçonete no Blind Joe’s. A polícia confirmou que a garota e Elliot foram vistos caminhando juntos pelo campus tarde da noite no sábado. O corpo de Kjirsten Halverson foi encontrado na manhã de domingo. Elliot Saunders foi liberado na segunda-feira, depois de ser encontrado um bilhete suicida no apartamento da vítima.

— Encontrou alguma informação interessante?

Dei um pulo ao ouvir a voz de Elliot atrás de mim. Girei na cadeira e o vi apoiado no batente da porta. Os olhos estavam ligeiramente apertados, a boca, sem expressão. Uma sensação gelada me invadiu, como se fosse um rubor, só que ao contrário.

Deslizei a cadeira de rodinhas ligeiramente para a direita, tentado me colocar diante do monitor do computador.

— Estou… estou acabando o dever de casa. E você? O que está fazendo? Não ouvi você entrar. Há quanto tempo está aí? — O ritmo das minhas palavras estava fora de controle.

Elliot afastou-se da porta e entrou no laboratório. Tateei cegamente em busca do botão que liga e desliga o monitor.

Falei:

— Estou tentando caprichar na inspiração para a resenha de uma peça que devo entregar para meu editor hoje, mais tarde.

Ainda estava falando rápido demais. Onde estava o botão?

Elliot olhou ao redor.

— Resenhas de teatro?

Meus dedos esbarraram em um botão, e ouvi o som do monitor desligando nas minhas costas.

— E aí, o que você está fazendo por aqui?

— Estava passando quando a vi. Algum problema? Você parece… apreensiva.

— Ah… hipoglicemia. — Coloquei meus papéis e livros em uma pilha e os empurrei para dentro da mochila. — Não como nada desde o almoço.

Elliot pegou uma cadeira próxima e a arrastou para perto da minha. Ele se sentou nela com o encosto para a frente, contra o qual se inclinava para ficar mais perto, invadindo meu espaço.

— Talvez eu possa ajudá-la a fazer a resenha.

Recuei.

— Puxa, você é muito legal, mas já estava encerrando por hoje. Está numa boa hora para parar.

— Deixe que eu pago o jantar — disse ele. — Não tem um restaurante bem na esquina?

— Muito obrigada, mas minha mãe estará me esperando. Ela ficou fora a semana inteira e volta hoje.

Fiquei em pé e tentei passar por ele. Ele estendeu o celular, que me atingiu no umbigo.

— Ligue para ela.

Baixei os olhos até o telefone e inventei uma desculpa.

— Não tenho permissão para sair em dia de aula.

— Existe uma coisa chamada mentira, Nora. Diga a ela que o dever de casa está demorando mais do que você esperava. Diga que precisa passar mais uma hora na biblioteca. Ela nem vai perceber.

A voz de Elliot tinha assumido um tom que eu nunca ouvira antes. Os olhos azuis transmitiam uma frieza que eu até então desconhecia. A boca parecia mais fina.

— Minha mãe não gosta que eu saia com garotos que ela não conhece — disse.

Elliot sorriu, mas não havia simpatia.

— Nós dois sabemos que você não liga muito para as regras da sua mãe, já que estava comigo no Delphic no sábado à noite.

Eu tinha pendurado a mochila no ombro e agarrava a alça. Não disse nada. Passei por Elliot e saí apressada do laboratório, lembrando que se ele ligasse o monitor veria o artigo. Mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Quando estava no meio do corredor, chegando na seção de coleções, ousei olhar para trás. As paredes de vidro revelavam que o laboratório estava vazio. Elliot tinha desaparecido. Voltei até o computador, alerta para o caso de ele reaparecer. Liguei o monitor, e a matéria sobre a investigação do assassinato ainda estava lá. Mandei uma cópia para a impressora mais próxima e depois a guardei dentro de meu fichário. Desliguei o computador e saí correndo.

C A P Í T U L O

12

o celular vibrou em meu bolso e, depois de confirmar que a bibliotecária não estava me olhando de cara feia, atendi.

— Mãe?

— Boas-novas — disse ela. — O leilão terminou cedo. Peguei a estrada uma hora antes do previsto e logo chegarei em casa. Onde você está?

— Oi! Só estava esperando você mais tarde. Estou saindo da biblioteca. Como estava o norte de Nova York?

— Cansativo. — Ela riu, mas parecia exausta. — Mal consigo esperar a hora de ver você.

Procurei um relógio. Queria parar no hospital e ver Vee antes de ir para casa.

— Só tem um problema — falei para minha mãe. — Preciso visitar Vee. Talvez me atrase uns minutinhos. Serei rápida, prometo.

— Claro. — Detectei um levíssimo desapontamento em sua voz. — Alguma novidade? Recebi seu recado de manhã falando da cirurgia.

— A cirurgia acabou. Vão levá-la para o quarto a qualquer momento.

— Nora. — Ouvi surgir uma nota de emoção. — Estou tão feliz que não tenha sido você. Não suportaria que qualquer coisa lhe acontecesse. Principalmente depois que seu pai… — Ela não conseguiu terminar a frase. — Estou aliviada porque nós duas estamos em segurança. Mande um beijo para Vee. Até logo, querida. Beijos e abraços.

— Eu amo você, mãe.

O Centro Médico de Coldwater fica em um prédio de tijolos vermelhos de três andares, com uma passarela coberta que conduz até a entrada principal. Passei pelas portas giratórias de vidro e

parei na recepção para perguntar por Vee. Fui informada de que ela havia sido transferida para o quarto meia hora antes e que as visitas se encerrariam dali a 15 minutos. Encontrei o elevador e apertei o botão para subir até o andar.

Empurrei a porta do quarto 207.

— Vee? — puxei atrás de mim um buquê balões de gás, atravessei um pequeno corredor e encontrei Vee recostada na cama com o braço esquerdo engessado repousando sobre o corpo. — Olá! — exclamei quando vi que ela estava acordada.

Vee soltou um suspiro profundo.

— Adoro drogas. Juro. São incríveis. Melhores do que um *cappuccino* do Enzo. Ei, ficou bonito. *Cappuccino* do Enzo. É um sinal. Meu destino é ser poeta. Quer ouvir mais? Sou boa em improvisos.

— Ah…

Uma enfermeira entrou rápida como um raio e ajeitou o soro de Vee.

— Está se sentindo bem? — perguntou a Vee.

— Deixe para lá essa história de poeta — disse Vee. — Meu destino é ser uma comediante. Toc, Toc.

— O que é isso? — perguntei.

A enfermeira revirou os olhos.

— Quem bate?

— Peggy — disse Vee.

— Que Peggy?

— Peggy a toalha que vamos para a praia!

— Talvez fosse melhor ela tomar um pouquinho menos de analgésicos — falei para a enfermeira.

— Tarde demais. Acabei de lhe dar outra dose. Espere para ver como ela vai estar daqui a dez minutos. — A mulher saiu tão rápido quanto entrou.

— E então? — perguntei a Vee. — Qual é o veredito?

— O veredito? Meu médico é um babaca. Parece muito com um Umpa-Lumpa. Não faça essa cara. Da última vez que passou por

aqui, começou a fazer a dança da galinha. E não para de comer chocolate. Principalmente bichinhos de chocolate. Sabe aqueles coelhos de chocolate que estão vendendo para a Páscoa? Foi o jantar do Umpa-Lumpa. Almoçou um pato de chocolate com uma guarnição de docinhos de *marshmallow* amarelo em formato de pintinhos.

— Estava falando sobre o veredito… — Apontei para toda a parafernália médica que a cercava.

— Ah. Um braço quebrado, concussão, cortes, hematomas e ferimentos variados. Graças a meus reflexos rápidos, consegui pular para longe antes que danos maiores fossem causados. Quando se trata de reflexos, sou como um gato. Sou a Mulher Gato. Sou invulnerável. Ele só me pegou por causa da chuva. Gatos não gostam de água. Ela nos prejudica. É nossa criptonita.

— Sinto tanto — disse para Vee com sinceridade. — Eu é que deveria estar num leito de hospital.

— E ficar com todas as drogas? Não, não. Nem pensar.

— A polícia encontrou alguma pista? — perguntei.

— Nadica de nada.

— Nenhuma testemunha?

— A gente estava no cemitério no meio da maior tempestade — argumentou Vee. — A maioria das pessoas normais estava entre quatro paredes.

Ela estava certa. A maioria das pessoas normais estava entre quatro paredes. Naturalmente, Vee e eu nos encontrávamos do lado de fora… junto com a misteriosa garota que seguiu Vee na saída da Victoria's Secret.

— Como foi que aconteceu? — indaguei.

— Eu estava caminhando para o cemitério, como tínhamos planejado, quando de repente ouvi passos se aproximando pelas minhas costas — explicou Vee. — Quando olhei para trás, foi tudo muito rápido. Vi um revólver de relance e o cara apontando a arma para mim. Como contei aos policiais, meu cérebro não estava exatamente me mandando registrar todos os detalhes da aparência dele. Estava pensando: "Caramba! Vou levar um tiro!" O sujeito

grunhiu, deu umas três ou quatro coronhadas em mim, pegou minha bolsa e saiu correndo.

Eu estava mais confusa do que nunca.

— Peraí, era um *cara?* Você viu o rosto dele?

— Claro que era um cara. Tinha olhos cinzentos… Como carvão. Mas foi tudo o que vi. Ele usava uma máscara de esquiador.

Quando ouvi a menção à máscara de esquiador, meu coração disparou. Era o mesmo sujeito que tinha pulado na frente do carro de Vee, eu tinha certeza. Eu não havia imaginado nada: Vee era a prova. Lembrei-me de como todos os sinais da batida haviam desaparecido. Talvez essa parte também não fosse imaginação. Esse cara, não importava quem fosse, era real. E estava lá fora. Mas se eu não havia imaginado as avarias do Neon, o que realmente acontecera naquela noite? Será que minha visão, ou minha memória, tinham sido alteradas de algum modo?

Depois de um momento, uma série de perguntas secundárias tomou conta da minha cabeça. O que ele queria dessa vez? Será que tinha ligação com a garota que estava do lado de fora da Victoria's Secret? Como sabia que eu ia fazer compras no cais? O fato de estar com uma máscara de esquiador indicava algum planejamento, isto é, ele sabia de antemão onde eu estaria. E não queria que eu reconhecesse seu rosto.

— Você contou para alguém que a gente ia fazer compras? — perguntei a Vee repentinamente.

Ela ajeitou um travesseiro atrás do pescoço, tentando ficar mais confortável.

— Contei para mamãe.

— Só para ela? Para mais ninguém?

— Posso ter mencionado para Elliot.

Subitamente, parecia que meu sangue tinha parado de circular.

— Você contou para Elliot?

— Qual é o problema?

— Tem algo que eu preciso contar para você — disse muito séria. — Lembra a noite em que eu dirigi o Neon até em casa e atropelei

um veado?

— Sim? — disse ela, franzindo o rosto.

— Não era um veado. Era um cara. Um cara com uma máscara de esquiador.

— Não brinca — sussurrou. — Está querendo me dizer que o ataque que eu sofri não foi aleatório? Quer dizer que esse sujeito quer alguma coisa de mim? Não, calma. Ele quer alguma coisa de *você*. Eu estava vestindo sua jaqueta. Ele pensou que eu fosse *você.*

Senti o corpo pesado como chumbo.

Depois de segundos em silêncio, ela disse:

— Você tem certeza de que não disse nada para Patch sobre as compras? Porque, pensando bem, acho que o cara tinha o jeito do Patch. Meio alto. Meio esguio. Meio forte. Meio sexy. Isso se descontarmos a agressão.

— Os olhos de Patch não são cinzentos como carvão. São pretos. — Destaquei, mas percebi com desconforto que *tinha* contado a Patch que íamos fazer compras no cais.

Vee levantou os ombros demonstrando indecisão.

— Talvez os olhos dele fossem pretos. Não consigo lembrar. Aconteceu muito rápido. Mas tenho certeza sobre o revólver — disse prestativa. — Estava apontado para mim. Bem para mim.

Mexi mentalmente com algumas peças daquele quebra-cabeça. Se Patch tivesse atacado Vee, ele devia tê-la visto saindo da loja com minha jaqueta e pensado que era eu. Quando descobriu que estava seguindo a garota errada, deu coronhadas em Vee por estar furioso e desapareceu. O único problema era que eu não conseguia imaginar Patch machucando Vee. Parecia fora do perfil dele. Além disso, ele supostamente passaria a noite inteira numa festa.

— O sujeito que a atacou parecia um pouco com Elliot? — perguntei. Observei Vee meditar sobre o assunto. Não sabia qual era a droga que ela estava tomando, mas seu raciocínio parecia mais lento. Dava para praticamente ouvir as engrenagens do cérebro entrando em ação.

— Tinha uns dez quilos a menos e uns dez centímetros a mais do que Elliot.

— A culpa é toda minha — disse. — Nunca deveria ter permitido que você saísse da loja com a minha jaqueta.

— Eu sei que você não vai querer ouvir isso — disse Vee, que parecia lutar contra um bocejo provocado pela medicação. — No entanto, quanto mais penso no assunto, mais semelhanças vejo entre Patch e o sujeito que me atacou. Mesmo corpo, mesmas pernas longas. Péssimo que não haja nada sobre ele na pasta do arquivo da escola. Precisamos de um endereço. Precisamos investigar a área. Precisamos encontrar uma vizinha velhinha e crédula que possa ser convencida a montar uma webcam na janela, apontada para a casa dele. Porque tem algo errado com Patch.

— Jura que acredita que Patch pode ter feito isso com você? — perguntei, ainda sem estar convencida.

Vee mordeu o lábio.

— Acho que ele está escondendo algo. Algum fato importante.

Eu não iria contradizê-la.

Vee se afundou no leito.

— Meu corpo está formigando. Estou me sentindo toda bem.

— Não temos um endereço — lembrei —, mas sabemos onde ele trabalha.

— Está pensando no mesmo que eu? — Vee perguntou, e seus olhos brilharam um instante, apesar da névoa de sedação química.

— Considerando as experiências anteriores, espero que não.

— A verdade é que precisamos exercitar nossos talentos de detetive — disse Vee. — Se a gente não pratica, perde a habilidade, é o que o técnico diz. Precisamos descobrir mais coisas sobre o passado de Patch. Ei, aposto que, se documentarmos tudo, o técnico vai nos dar pontos extras.

Muito duvidoso, porque se Vee estivesse envolvida a investigação muito provavelmente esbarraria em alguma ilegalidade. Sem falar que o trabalho em questão não tinha nenhuma relação com biologia. Nem a mais remota ligação.

O leve sorriso que Vee arrancara de mim desapareceu. Por mais divertido que fosse tentar manter o humor diante da situação, eu estava assustada. O cara com a máscara de esqui ainda estava lá fora, planejando o próximo ataque. Até que fazia algum sentido imaginar que Patch talvez soubesse o que estava acontecendo. O cara com a máscara pulou na frente do Neon um dia depois de Patch ter se tornado meu parceiro em biologia. Talvez não fosse coincidência.

Bem naquele momento a enfermeira apareceu na porta, somente a cabeça à vista.

— São oito horas — disse, batendo no relógio de pulso. — Acabou o horário de visita.

— Já vou sair — falei.

Logo que passos se afastaram pelo corredor, tranquei a porta do quarto de Vee. Queria privacidade antes de lhe contar sobre a investigação de assassinato que envolvia Elliot. Porém, quando voltei para a cama, estava claro que a medicação tinha surtido efeito.

— Lá vem — disse Vee com uma expressão de pura felicidade. — A onda da droga… a qualquer momento… uma onda de calor… Tchauzinho, sra. Dor…

— Vee…

— Toc, toc.

— Tenho uma coisa importante para dizer.

— *Toc, toc*.

— É sobre Elliot…

— Toc, toooooc — falou como se estivesse cantando.

Suspirei.

— Quem bate?

— Chu.

— Quem é Chu?

— Chu-if. Alguém chora, mas não sou eu! — Ela começou a gargalhar histericamente.

Percebi que era inútil insistir no assunto.

— Ligue para mim amanhã — eu disse —, depois que você tiver alta. — Abri o zíper da mochila. — Antes que eu esqueça, trouxe seu dever de casa. Onde quer que eu deixe?

Ela apontou a lixeira.

— Vai ficar muito bem guardado.

***

Estacionei o Fiat na garagem e pus as chaves no bolso. Não havia estrelas no céu no caminho de casa e, como era de se esperar, uma chuva fraca começou a cair. Puxei a porta da garagem, abaixando-a até o chão e trancando-a. Entrei pela cozinha. Uma luz estava acesa no andar de cima, e um minuto depois mamãe desceu a escada correndo e me abraçou.

Mamãe tem cabelos escuros e ondulados e olhos verdes. É mais baixa que eu uns dois centímetros, mas temos a mesma estrutura óssea. Ela sempre cheira ao perfume Love, de Ralph Lauren.

— Estou tão feliz que você esteja em segurança — disse, apertando-me com força.

Mais ou menos em segurança, pensei.

CAPÍTULO
13

Às sete da noite seguinte, o estacionamento do Borderline estava lotado. Depois de passar quase uma hora implorando, convencemos os pais de Vee de que precisávamos comemorar a primeira noite dela fora do hospital com pimentas recheadas e daiquiris de morango — sem álcool. Pelo menos, foi o que dissemos. Mas tínhamos outras motivações.

Espremi o Neon numa vaga apertada e desliguei o motor.

— Eca! — exclamou Vee quando tirei as chaves e meus dedos esbarraram nos dela. — Será que você poderia suar só um pouquinho mais?

— Estou nervosa.

— Puxa, eu nem imaginava.

Olhei sem querer para a porta.

— Sei no que você está pensando — disse Vee, apertando os lábios. — E a resposta é não. De jeito nenhum.

— Você não sabe no que estou pensando.

Vee beliscou meu braço.

— Ah, sei, sim.

— Eu não ia fugir — disse — Não eu.

— Mentirosa.

Terça-feira era dia de folga de Patch, e Vee me convenceu de que seria a ocasião perfeita para fazer perguntas aos colegas dele. Imaginei-me rebolando até o bar, lançando para o *barman* um olhar recatado à *la* Marcie Millar, e depois de alguma lenga-lenga desviando o assunto para Patch. Eu precisava do endereço residencial. Precisava saber se ele já tinha sido preso. Precisava saber se tinha alguma ligação com o cara com a máscara de esquiador, por mais tênue que fosse. E precisava descobrir qual era

a relação do cara com a máscara de esquiador e da garota misteriosa com a minha vida.

Olhei dentro da bolsa, verificando se a lista de perguntas que eu tinha preparado ainda estava comigo. Um dos lados do papel tinha perguntas sobre a vida pessoal de Patch. O outro, dicas de paquera. Só para garantir.

— Ei, ei, ei — exclamou Vee. — O que é *isso*?

— Nada — disse eu, dobrando a lista.

Vee tentou arrancar a folha da minha mão, mas fui mais rápida e a enfiei na bolsa antes que ela pudesse pegá-la.

— Regra número um — ensinou Vee. — Não se sai por aí com dicas de paquera.

— Toda regra tem uma exceção.

— E você não é essa exceção!

Vee pegou duas sacolas de supermercado do banco traseiro e saiu do carro. Logo que saltei, ela usou o braço bom para jogar para mim as duas sacolas, que estavam pousadas sobre o Neon.

— O que é isso? — perguntei, pegando as sacolas.

Alguém dera um nó nas alças e eu não conseguia ver o que havia dentro, mas a ponta inconfundível de um salto agulha ameaçava perfurar o plástico.

— Tamanho 38. Pele de tubarão. Fica mais fácil interpretar o papel quando se está vestida de acordo.

— Não consigo andar com saltos altos.

— Que bom que eles não são altos.

— Parecem altos — exclamei, observando o salto aparente.

— Quase 12 centímetros. Com mais de 10 centímetros, “alto” já não se aplica. Que beleza. Se eu não quebrasse meu pescoço, poderia me humilhar tentando seduzir os colegas de trabalho de Patch para que me contassem os segredos dele.

— Então — disse Vee enquanto caminhávamos pela calçada até a porta principal. — Eu meio que convidei algumas pessoas. Quanto mais, melhor, certo?

— Quem você convidou? — perguntei, sentindo meu estômago se apertar com maus pressentimentos.

— Jules e Elliot.

Antes que eu tivesse tempo de contar para Vee quanto eu achava a ideia ruim, ela me disse:

— Hora da verdade: andei saindo com Jules. Em segredo.

— O quê?

— Você precisa ver a casa dele. Deixa para trás até Bruce Wayne. Os pais dele devem ser chefões do tráfico na América do Sul ou então pertencem a uma família tradicional de milionários. Como ainda não os conheci, não sei.

Eu estava sem palavras. Minha boca abriu e fechou, mas nada saiu.

— Quando isso aconteceu? — finalmente consegui perguntar.

— Logo depois daquela fatídica manhã no Enzo.

— Fatídica? Vee, você nem imagina…

— Espero que eles tenham chegado primeiro e reservado uma mesa — disse Vee, esticando o pescoço ao observar a multidão aglomerada perto da porta. — Não quero esperar. Estou a dois minutinhos de morrer de fome.

Agarrei o cotovelo bom de Vee e a puxei para o canto.

— Tem uma coisa que eu preciso lhe contar…

— Sei, sei — disse ela. — Você acha que há uma chance mínima de Elliot ter me atacado no domingo à noite. Bem, você confundiu Elliot com Patch. E depois das investigações de hoje, os fatos vão me apoiar. Acredite em mim, quero saber tanto quanto você quem me atacou. Talvez mais. Virou um assunto pessoal. E enquanto estamos dando conselhos uma para a outra, deixe eu lhe dar um. Fique longe de Patch. Por segurança.

— Fico feliz por você ter chegado a essa conclusão — disse laconicamente. — Mas tem uma coisa. Encontrei uma matéria no jornal…

A porta do Borderline se abriu. Uma lufada de ar quente nos envolveu, trazendo o cheiro de limão e coentro e o som dos

mariachi nos alto-falantes.

— Bem-vindos ao Borderline — saudou a recepcionista. — São apenas dois lugares?

Elliot estava postado atrás dela, dentro do saguão à meia-luz. Nós nos vimos ao mesmo tempo. A boca dele abriu um sorriso, mas não pareceu sincero.

— Senhoritas — disse ele, esfregando as mãos enquanto se aproximava. — Maravilhosas como sempre.

Minha pele ficou arrepiada.

— Onde está seu cúmplice? — perguntou Vee, passando os olhos pelo saguão.

Lanternas de papel pendiam do teto, e um mural que retratava uma aldeia mexicana ocupava duas paredes. Todos os lugares estavam ocupados. Não havia sinal de Jules.

— Más notícias — disse Elliot. — O cara está doente. Terão de se contentar comigo.

— Doente? — quis saber Vee. — O que ele tem? Que tipo de desculpa é *essa*?

— Doente de uma forma que as coisas saem por uma ponta e outra.

Vee tampou o nariz.

— Excesso de informação.

Ainda estava com dificuldades para aceitar o fato de que estava acontecendo algo entre Vee e Jules. Jules parecia mal-humorado, introspectivo e completamente desinteressado na companhia de Vee ou de qualquer outra pessoa. Não me sentia minimamente à vontade com a ideia de que Vee ficasse a sós com Jules. Não necessariamente por ele ser desagradável ou pelo fato de saber pouco sobre ele, mas por causa da única informação que eu tinha: ele era muito amigo de Elliot.

A recepcionista retirou três cardápios de uma caixa e nos levou até um reservado tão próximo da cozinha que eu podia sentir o calor dos fornos atravessando as paredes. À nossa esquerda estava o bufê de molhos. À direita, portas de vidro umedecidas pela

condensação conduziam ao pátio interno. Minha blusa de algodão já grudava nas costas. O suor talvez fosse reação mais às notícias sobre Vee e Jules do que ao calor.

— Que tal? — perguntou a garçonete, gesticulando na direção do reservado.

— Está ótimo — disse Elliot, tirando a jaqueta de couro. — Adoro esse lugar. Se o ambiente não fizer você suar, a comida com certeza fará.

A recepcionista abriu um sorriso.

— Você já esteve aqui antes. Que tal começar com *chips* e o novíssimo molho com *jalapeño*? É o mais picante da casa.

— Eu gosto de tudo bem quente — disse Elliot.

Eu tinha quase certeza de que ele estava sendo ambíguo. Eu tinha sido generosa demais ao achar que ele não se nivelava com Marcie. Eu tinha sido generosa demais em relação ao seu caráter. Ponto. Principalmente agora que eu sabia que ele escondia no armário uma investigação criminosa e sabe-se lá quantos esqueletos.

A recepcionista o brindou com um olhar de avaliação.

— Volto já com *chips* e molho. A garçonete logo vai estar aqui para anotar seus pedidos.

Vee desabou primeiro no banco. Deslizei para junto dela e Elliot sentou-se à minha frente. Nossos olhares se encontraram, e havia algo de sinistro no dele. Provavelmente ressentimento. Talvez até hostilidade. Fiquei pensando se ele sabia que eu tinha visto a matéria.

— Púrpura é a sua cor, Nora — disse ele, acenando para meu cachecol enquanto eu o tirava do pescoço e o amarrava na alça da bolsa. — Deixa seus olhos mais brilhantes.

Vee cutucou meu pé. Ela realmente acreditava que ele estava fazendo um elogio.

— E aí — eu disse para Elliot com um sorriso artificial —, por que não nos conta sobre Kinghorn Prep?

— Sim — intrometeu-se Vee. — Existem sociedades secretas por lá? Como no cinema?

— Não há muito o que dizer — falou Elliot. — Ótima escola. Final da história. — Ele pegou o menu e o examinou. — Alguém está interessado em uma entrada? Por minha conta.

— Se é tão boa, por que você pediu transferência?

Mantive os olhos nos dele, sem recuar. Arqueei as sobrancelhas ligeiramente, em desafio.

Um músculo da mandíbula de Elliot saltou logo antes de ele abrir um sorriso.

— Pelas garotas. Ouvi dizer que as daqui eram bem mais legais. O boato se provou verdadeiro.

Ele piscou para mim, e uma sensação gelada percorreu meu corpo da cabeça aos pés.

— Por que Jules não pediu transferência também? — perguntou Vee. — Poderíamos nos tornar o Quarteto Fantástico, só que com mais poderes. O Quarteto *Fenomenal.*

— Os pais de Jules são obcecados pela educação dele. Chamar seus estudos de intensos seria pouco. Juro por Deus, ele vai direto para o topo. Ninguém pode segurá-lo. Quer dizer, confesso que sou bom aluno. Melhor do que a maioria. Mas ninguém barra Jules. Ele é o deus dos estudos.

O ar sonhador voltou a tomar conta dos olhos de Vee.

— Nunca me encontrei com os pais de Jules — disse ela. — Nas duas vezes em que fui até a casa dele, estavam fora da cidade ou trabalhando.

— Trabalham muito — anuiu Elliot, voltando a examinar o menu, dificultando que eu lesse qualquer coisa em seu olhar.

— Onde trabalham? — perguntei.

Elliot deu um longo gole no copo d’água. Parecia que estava ganhando tempo para pensar em uma resposta.

— Diamantes. Passam muito tempo na África e na Austrália.

— Não sabia que a Austrália era importante no negócio de diamantes — disse eu. — É. Nem eu — disse Vee.

De fato, eu tinha quase certeza de que na Austrália não havia diamantes. Ponto.

— Por que moram no Maine? — perguntei. — Por que não estão na África? Elliot estudou o menu com mais afinco.

— O que vão querer? Estou achando que as *fajitas* de carne parecem boas.

— Se os pais de Jules estão no ramo dos diamantes, aposto que sabem tudo sobre como escolher o anel de noivado perfeito — disse Vee. — Sempre quis um solitário com corte esmeralda.

Chutei Vee por debaixo da mesa. Ela me atacou com o garfo.

— *Aii*! — eu disse.

Nossa garçonete parou na ponta da mesa por tempo suficiente para perguntar se queríamos alguma bebida.

Elliot olhou por sobre o menu, primeiro para mim e depois para Vee.

— Coca diet — disse Vee.

— Água com rodelas de limão, por favor — disse eu.

A garçonete voltou surpreendentemente rápido com as bebidas. Sua volta foi minha deixa para sair da mesa e iniciar a primeira etapa do Plano, algo de que Vee fez questão de me lembrar com uma nova garfada, dessa vez debaixo da mesa.

— Vee — disse entre os dentes —, você gostaria de ir comigo até o banheiro? Subitamente, não queria ir adiante com o Plano. Não queria deixar Vee sozinha com Elliot. O que eu queria era arrastá-la dali, contar tudo sobre a investigação do assassinato e então encontrar alguma forma de fazer Elliot e Jules desaparecerem da nossa vida.

— Por que você não vai sozinha? — disse Vee. — Acho que seria o melhor *plano*.

Ela inclinou a cabeça na direção do bar e movimentou os lábios num *Vá* sem som, enquanto fazia gestos discretos debaixo da mesa.

— Eu *planejava* ir sozinha, mas realmente preferia que você viesse comigo.

— O que acontece com as garotas? — disse Elliot, sorrindo para nós duas. — Juro. Nunca conheci uma garota que pudesse ir sozinha ao banheiro. — Ele se curvou para a frente e deu um sorriso cúmplice. — Contem para mim o segredo. Falando sério, pago cinco dólares para cada uma. — Ele tateou o bolso traseiro. — Dez se eu puder ir junto e ver como é.

Vee abriu um sorriso maroto.

— Tarado. Não se esqueça disso aqui — ela exclamou, empurrando as sacolas de supermercado em meus braços.

As sobrancelhas de Elliot se levantaram.

— Lixo — explicou Vee com um toque de malícia. — Nossa lixeira está cheia. Minha mãe perguntou se eu poderia jogar isso fora, já que ia mesmo sair.

Elliot não parecia acreditar nela, e Vee não parecia se importar. Levantei com os braços carregados de adereços e engoli minha intensa frustração.

Desviando-me das mesas, peguei o corredor que conduzia até os banheiros. Era pintado com a cor da terracota e decorado com maracas, chapéus de palha e bonecos de madeira. Estava mais quente ali, então sequei a testa. O Plano agora era concluir tudo o mais rápido possível. Tão logo eu voltasse à mesa, inventaria uma desculpa para ir embora e arrastaria Vee. Com ou sem o consentimento dela.

Depois de olhar por baixo das três cabines do banheiro feminino e confirmar que eu estava sozinha, tranquei a porta principal e despejei o conteúdo das sacolas na bancada. Uma peruca loura platinada, um sutiã púrpura de sustentação, um tomara que caia preto, uma minissaia com lantejoulas, meias arrastão rosa-choque e um par de sapatos de salto agulha tamanho 38 de pele de tubarão.

Enfiei o sutiã, o tomara que caia e as meias de volta nas sacolas. Depois de tirar os jeans, vesti a minissaia. Escondi o cabelo sob a peruca e passei batom. Dei o toque final com uma generosa camada de *gloss* ultrabrilhante.

“Você consegue”, disse para meu reflexo no espelho, fechando a tampa do *gloss* e juntando os lábios para espalhar o brilho. “Você

consegue dar uma de Marcie Millar. Seduzir homens em troca de segredos. Não pode ser difícil."

Descalcei com os pés os mocassins, coloquei-os dentro de uma sacola com meus jeans e então empurrei a sacola para baixo da bancada, fora de vista.

"Além disso", prossegui, "não há nada de errado em sacrificar um pouquinho de orgulho em nome da inteligência. Se quisesse encarar a situação com morbidez, poderia até dizer que sua *vida* estará em risco se você não obtiver respostas. Porque tem alguém por aí querendo lhe fazer mal, goste da ideia ou não."

Balancei os sapatos diante dos olhos. Não eram a coisa mais feia que eu já tinha visto na vida. De fato, poderiam até ser considerados sexy. Uma versão de *Tubarão* em Coldwater, no Maine. Prendi as tiras e pratiquei caminhada com eles, dando várias voltas pelo banheiro.

Dois minutos depois, acomodei-me em uma banqueta no balcão do bar.

O *barman* me examinou.

— Dezesseis anos? — chutou. — Dezessete?

Parecia dez anos mais velho do que eu e tinha entradas no cabelo castanho, que mantinha bem raspado. Tinha uma argola de prata pendurada no lóbulo da orelha direita. Camiseta branca e jeans Levi's. Não era feio… também não era bonito.

— Não vim beber sem ter idade para isso — exclamei alto, para ser ouvida apesar da música e das conversas a nossa volta. — Estou esperando um amigo. Daqui tenho vista privilegiada para a porta. — Retirei a lista de perguntas da bolsa e disfarçadamente coloquei o papel embaixo do saleiro de vidro.

— O que é isso? — perguntou o *barman*, enxugando as mãos em uma toalha e acenando para a lista.

Escondi melhor a lista embaixo do saleiro.

— Nada — disse, com ar de inocência.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Decidi ser flexível com a verdade.

— É uma lista… de compras. Preciso passar no mercado e comprar uns itens para minha mãe no caminho para casa. — *O que houve com a história da paquera?* Perguntei para mim mesma. *O que aconteceu com Marcie Millar?*

Ele me examinou atentamente, fato que não considerei totalmente negativo.

— Depois de cinco anos neste emprego, fiquei muito bom em identificar mentirosos.

— Não sou uma mentirosa. Talvez estivesse mentindo há um momento, mas foi só uma mentirinha. Uma mentirinha não faz de mim uma mentirosa.

— Você parece uma repórter — disse ele.

— Trabalho para o eZine da minha escola. — Queria bater em mim mesma. Repórteres não costumam despertar a confiança das pessoas. As pessoas geralmente suspeitam de repórteres. — Mas não estou trabalhando hoje — emendei rapidamente. — Hoje é só diversão. Nenhum trabalho. Nenhum objetivo oculto. Absolutamente nada.

Depois de alguns segundos de silêncio, resolvi que a melhor saída era seguir com o plano. Limpei a garganta e disse:

— Há muitos alunos do ensino médio trabalhando no Borderline?

— Tem um bocado deles, sim. Recepcionistas e assistentes de garçom e vagas parecidas.

— Jura? — disse, fingindo surpresa. — Talvez eu conheça alguns deles. Diga os nomes, vamos lá.

O *barman* dirigiu o olhar para o teto e coçou a barba por fazer no queixo. A expressão vazia não me inspirava confiança. Sem falar que eu não tinha muito tempo. Elliot poderia derramar drogas letais no refrigerante diet de Vee.

— E Patch Cipriano? — perguntei. — Ele trabalha aqui?

— Patch? É. Ele trabalha aqui. Uma ou outra noite e nos fins de semana.

— Ele estava trabalhando no domingo à noite?

Tentei não parecer curiosa demais. Mas precisava saber se era possível que Patch estivesse no cais. Ele dissera que tinha uma festa na costa, mas talvez tivesse mudado de plano. Se alguém confirmasse que ele estava trabalhando na noite de domingo, eu poderia eliminar a possibilidade de ele estar envolvido na agressão a Vee.

— Domingo? — Mais coçadas no queixo. — As noites acabam se misturando. Tente as recepcionistas. Uma delas vai lembrar. Todas dão risinhos e ficam meio maluquinhas quando ele está por perto. — Ele sorriu como se, de algum modo, eu fosse me identificar com as moças.

— Você por acaso teria acesso à ficha dele? — perguntei. Em especial ao endereço residencial.

— A resposta seria *não*.

— Só por curiosidade. Você saberia me dizer se aqui contratam pessoas com ficha criminal?

— Ficha criminal? — Ele deu uma gargalhada. — Você está brincando?

— Tudo bem, talvez não por um crime, mas quem sabe por uma contravenção? Ele espalmou as mãos sobre o balcão e se inclinou para a frente.

— Não. — O tom mudou, e ele parecia insultado.

— Que bom. É muito bom saber.

Mudei de posição na banqueta e senti a pele das minhas coxas descolar do vinil.

Eu estava suando. Se a regra número 1 da paquera era não usar listas, eu estava bem certa de que a regra número 2 era não suar.

Consultei a lista.

— Você sabe se Patch já recebeu alguma ordem judicial? Se ele esteve envolvido em episódios de perseguição? — Suspeitei que o *barman* estava ficando cismado comigo e por isso resolvi derramar todas as perguntas de uma vez em um último esforço antes que ele resolvesse me mandar embora do bar, ou, ainda pior, me mandasse para fora do restaurante por perturbação da paz e comportamento suspeito. — Ele tem namorada? — balbuciei.

— Pergunte a ele — ele disse.

Pestanejei.

— Ele não está trabalhando hoje.

Meu estômago ficou embrulhado diante do sorriso do *barman*.

— Ele não está trabalhando hoje, está? — perguntei com a voz esganiçada. — Ele costuma ter folga às terças.

— É, normalmente. Mas está substituindo Benji. Benji foi para o hospital. Apêndice supurado.

— Você quer dizer que Patch está *aqui*? *Agora*? Olhei para trás, mexendo na peruca de modo a disfarçar meu perfil enquanto examinava o salão à procura dele.

— Ele entrou na cozinha há alguns minutos.

Eu já estava descendo da banqueta.

— Acho que deixei o motor do carro ligado. Mas foi ótimo conversar com você!

— Corri para o banheiro o mais rápido que pude.

Tranquei a porta assim que entrei, respirei fundo algumas vezes, as costas contra a porta. Em seguida, fui até a pia e joguei água fria no rosto. Patch descobriria que eu tinha tentado espioná-lo. Meu desempenho magnífico garantiria isso. À primeira vista parecia ruim, porque era bem humilhante. Mas ao pensar melhor sobre o assunto precisei considerar o fato de que Patch era uma pessoa muito reservada. Pessoas reservadas não gostavam que fuxicassem sua vida. Como reagiria quando descobrisse que eu estava examinando a vida dele com uma lupa?

E agora eu questionava a razão de ter ido ali, pois lá no fundo eu não acreditava que Patch fosse o cara com a máscara de esquiador. Talvez ele tivesse segredos sombrios e perturbadores, mas correr por aí vestido com uma máscara de esqui não estava em seu repertório.

Fechei a torneira e, quando olhei de volta para o espelho, o rosto de Patch estava refletido nele. Soltei um grito e me virei.

Ele não estava sorridente e não parecia estar se divertindo muito.

— O que você está fazendo aqui? — eu disse ofegante.

— Eu trabalho aqui.

— Eu quero dizer *aqui dentro*. Não sabe ler? Tem uma placa na porta…

— Estou começando a achar que você tem me seguido. Basta eu me virar e lá está você.

— Queria dar uma volta com Vee — expliquei. — Ela esteve internada no hospital. — Meu tom era defensivo. Estava certa de que isso só me fazia parecer mais culpada. — Nunca imaginei que o encontraria. Supostamente, essa é sua noite de folga. E que história é essa? "Basta eu me virar e lá está *você.*"

Os olhos de Patch eram penetrantes, intimidantes, devoradores. Calculavam o peso de cada uma das minhas palavras, de cada um de meus movimentos.

— Quer explicar o motivo desse cabelo brega? — disse ele.

Arranquei a peruca e a joguei na pia.

— Quer explicar por onde você andou? Perdeu os dois últimos dias de aula.

Eu tinha quase certeza de que Patch não revelaria o que andara fazendo, mas ele respondeu:

— Andei jogando *paintball*. E o que você estava fazendo no bar?

— Conversando com o *barman*. É crime?

Apoiei uma das mãos sobre a pia e levantei o pé para desafivelar o sapato. Curveime ligeiramente, e então a lista de perguntas escorregou do decote e caiu no chão.

Fiquei de joelhos para pegá-la, mas Patch foi mais rápido. Segurou-a sobre a cabeça enquanto eu pulava, tentando recuperá-la.

— Devolva! — gritei.

— Existem ordens judiciais contra Patch? — leu ele. — Patch é um criminoso?

— Devolva isso! — guinchei furiosamente.

Patch soltou uma gargalhada suave, e eu sabia que ele tinha visto a pergunta seguinte.

— Patch tem namorada?

Patch colocou o papel no bolso traseiro. Eu estava profundamente tentada a recuperá-lo, apesar da localização.

Ele se apoiou na pia e olhou em meus olhos.

— Se você está procurando informações, prefiro que faça as perguntas para mim.

— Essas perguntas — gesticulei na direção do lugar onde ele as havia guardado — eram uma piada. Vee as escreveu. — Acrescentei então com uma inspiração súbita: — É tudo culpa dela.

— Conheço sua letra, Nora.

— O.k., tudo bem.

Comecei a procurar uma resposta inteligente, mas levei tempo demais e perdi a chance.

— Nenhuma ordem judicial — disse ele. — Nenhum crime.

Levantei o queixo.

— Namorada?

Disse para mim mesma que não me importava com a resposta dele. Qualquer uma estava boa para mim.

— Não é da sua conta.

— Você tentou me beijar — lembrei a ele. — Passou a ser da minha conta.

O esboço de um sorriso travesso pairou no canto da boca dele. Tive a impressão de que ele estava se lembrando de todos os detalhes daquele quase beijo, inclusive do meu suspiro-barra-gemido.

— Tenho uma ex-namorada — disse ele, depois de um momento.

Senti um frio no estômago quando um pensamento subitamente invadiu minha mente. Será que a garota no Delphic Seaport e na Victoria's Secret era a ex-namorada de Patch? E se ela tivesse me visto conversando com Patch no fliperama e — *erradamente* — presumido que havia algo mais entre nós? Se ela ainda se sentisse atraída por Patch, faria sentido que tivesse ciúme suficiente para me seguir. Algumas peças do quebra-cabeça pareciam se encaixar…

E então Patch falou.

— Mas ela não está aqui.

— O que você quer dizer com isso?

— Ela se foi. Nunca mais vai voltar.

— Você está me dizendo… que ela morreu? — perguntei.

Patch não negou.

Meu estômago subitamente parecia pesado e embrulhado. Não esperava por aquilo. Patch teve uma namorada e ela estava morta.

A porta do banheiro feminino estremeceu com alguém tentando entrar. Eu tinha esquecido que trancara a porta. O que me fez pensar em como Patch conseguira entrar. Ou ele tinha uma chave ou havia outra explicação. Uma explicação que eu provavelmente não gostaria de saber, do tipo deslizar por baixo da porta como ar. Como fumaça.

— Preciso voltar ao trabalho — disse Patch. Ele me deu uma conferida que demorou um pouco abaixo dos quadris. — Saia de matar. Pernas de matar.

Antes que eu conseguisse formular um único pensamento coerente, ele já havia atravessado a porta.

A senhora que esperava para entrar olhou para mim e então para Patch, que desapareceu pelo corredor.

— Meu bem — disse ela —, ele parece ser escorregadio como sabão.

— Boa descrição — resmunguei.

Ela ajeitou o cabelo curto e grisalho.

— Uma garota bem que adoraria se ensaboar num sabão daqueles.

Depois de trocar de roupa, voltei para o reservado e me ajeitei ao lado de Vee. Elliot checou o relógio e levantou as sobrancelhas ao olhar para mim.

— Desculpem-me pela demora. Perdi alguma coisa?

— Não — disse Vee. — Tudo na mesma, tudo na mesma. — Ela bateu em meu joelho e a pergunta implícita era: *E aí?*

Antes que eu pudesse devolver a cutucada, Elliot disse:

— A garçonete passou por aqui. Pedi um burrito apimentado para você. — Um sorriso assustador abriu-se na sua boca.

Vi a oportunidade.

— Para falar a verdade, não sei se estou com fome. — Forcei uma cara de enjoo que não era tão falsa assim. — Acho que peguei a doença de Jules.

— Puxa vida — disse Vee. — Você está bem?

Balancei negativamente a cabeça.

— Vamos procurar a garçonete e pedir a comida para viagem — sugeriu Vee, procurando as chaves na bolsa.

— E eu? — disse Elliot, meio brincando, meio a sério.

— Fica para uma próxima? — disse Vee.

Bingo, pensei.

CAPÍTULO
14

Voltei para casa pouco antes das oito. Virei a chave na fechadura, agarrei a maçaneta e empurrei a porta com o quadril. Tinha ligado para minha mãe algumas horas antes do jantar. Ela estava no escritório, resolvendo alguns problemas, e não sabia muito bem quando chegaria. Eu esperava encontrar a casa silenciosa, escura e fria.

No terceiro empurrão, a porta se abriu, eu joguei a bolsa na escuridão e lutei com a chave que ainda estava presa na fechadura. Desde a noite em que Patch passara por lá, a fechadura andava de mau humor. Fiquei pensando se Dorothea já havia percebido isso.

— Me devolva… essa… porcaria… de chave — eu disse, até finalmente conseguir retirá-la.

O relógio de pêndulo no corredor deu a hora e oito batidas reverberaram no silêncio. Eu estava entrando na sala de estar para acender o fogo no aquecedor a lenha quando ouvi um farfalhar de tecido e um rangido baixo do outro lado do cômodo.

Berrei.

— Nora! — disse minha mãe, jogando para o lado um cobertor e ajeitando-se para ficar sentada no sofá. — O que está acontecendo?

Uma de minhas mãos estava sobre o coração, e a outra estava espalmada na parede, na qual me apoiei.

— Você me assustou.

— Eu adormeci. Se tivesse ouvido você entrar, teria dito alguma coisa. — Ela afastou o cabelo do rosto e piscou sonolenta. — Que horas são?

Desabei na poltrona mais próxima e tentei recuperar a frequência cardíaca normal. Minha imaginação havia enxergado um par de olhos cruéis atrás de uma máscara de esquiador. Agora que eu

tinha certeza de que ele não era invenção minha, sentia uma vontade avassaladora de contar tudo para minha mãe, do momento em que ele pulou diante do Neon até a agressão a Vee. Ele estava me perseguindo e era violento. Precisávamos de novas fechaduras nas portas. E parecia lógico envolver a polícia. Eu me sentiria muito mais segura com uma viatura estacionada na calçada.

— Estava esperando um pouco para tocar no assunto — disse mamãe, interrompendo minha sequência de pensamentos —, mas acho que não vai haver um momento perfeito para falar disso.

Franzi o cenho.

— O que está acontecendo?

Ela soltou um suspiro longo e preocupado.

— Estou pensando em colocar o casarão à venda.

— *O quê*? Por quê?

— Estamos batalhando há um ano, e não estou ganhando tanto quanto eu esperava. Já pensei em arranjar um segundo emprego, mas, honestamente, não sei se o dia tem tantas horas assim. — Ela riu sem nenhum vestígio de humor. — O salário de Dorothea é modesto, mas é um dinheiro a mais que não temos. A única alternativa que consigo conceber é a mudança para uma casa menor. Ou para um apartamento.

— Mas esta é a nossa casa.

Todas as lembranças estavam ali. As memórias do meu pai estavam ali. Não podia acreditar que ela não sentisse o mesmo. Eu faria o que fosse necessário para permanecer ali.

— Vou esperar mais três meses — disse ela. — Mas não quero alimentar esperanças.

Naquele momento, eu soube que não podia falar para minha mãe sobre o cara com a máscara de esquiador. Ela abandonaria o emprego no dia seguinte. Arranjaria um trabalho nas redondezas e não teríamos escolha senão vender a casa.

— Vamos falar de um assunto mais agradável — disse mamãe, forçando um sorriso. — Como foi o jantar?

— Ótimo — disse eu com má vontade.

— E Vee? Como ela está se recuperando?

— Ela vai poder voltar para a escola amanhã.

Mamãe sorriu ironicamente.

— Que bom que ela quebrou o braço esquerdo. Senão, não poderia fazer anotações em sala, e posso apenas imaginar como seria decepcionante para ela.

— Há! Há! — eu disse. — Vou preparar um chocolate quente. — Fiquei de pé e apontei para a cozinha, por cima do ombro. — Quer?

— Acho uma ótima ideia. Vou acender o fogo.

Depois de uma rápida ida à cozinha para juntar canecas, açúcar e a lata de chocolate, voltei e encontrei mamãe com a chaleira de água sobre o fogão a lenha. Sentei-me no braço do sofá e lhe entreguei a caneca.

— Como soube que estava apaixonada por papai? — perguntei, esforçando-me para empregar um tom casual.

Sempre havia a possibilidade, ao falar de papai, de começarmos uma grande choradeira, algo que eu pretendia evitar.

Mamãe acomodou-se no sofá e pousou os pés na mesa de centro.

— Não soube. Pelo menos até mais ou menos um ano depois de termos nos casado.

Não era essa a resposta que eu esperava.

— Então… por que você se casou com ele?

— Porque achava que estivesse apaixonada. E quando você acha que está apaixonada, fica disposta a insistir e a fazer dar certo até o que se tem virar amor de verdade.

— Você teve medo?

— De me casar com ele? — Ela riu. — Essa foi a parte divertida. Comprar o vestido, reservar a igreja, usar minha aliança de noivado.

Pensei no sorriso malicioso de Patch.

— Você nunca sentiu medo de papai?

— Sempre que o time dele perdia.

Quando os New England Patriots perdiam um jogo, meu pai ia para a garagem e descontava na serra elétrica. Dois outonos antes,

ele havia carregado a serra elétrica para o bosque atrás de nossa propriedade, derrubado dez árvores e cortado toda a madeira. Ainda tínhamos mais de metade daquela lenha para nos aquecer.

Mamãe deu batidinhas ao lado dela no sofá, e eu me aconcheguei ali, descansando a cabeça em seu ombro.

— Sinto falta dele — falei.

— Eu também.

— Tenho medo de esquecer como ele era. Não como ele era nos retratos, mas quando estava por aqui, sábado de manhã, de moletom, preparando ovos mexidos.

Mamãe entrelaçou os dedos dela nos meus.

— Você sempre foi muito parecida com ele. Desde pequena.

— Verdade? — Sentei-me ereta. — De que jeito?

— Ele era bom aluno, muito inteligente. Não era exibido nem extrovertido, mas as pessoas o respeitavam.

— Papai alguma vez se comportou… de forma misteriosa?

Mamãe pareceu pensar antes de responder.

— Pessoas misteriosas têm muitos segredos. Seu pai era muito transparente.

— Em algum momento ele foi rebelde?

Ela soltou uma gargalhada breve e surpresa.

— *Você* consegue imaginar isso? Harrison Grey, o contador mais ético do mundo… Um rebelde? — Ela fez uma cara de assombro exagerado. — Não mesmo! Ele até usou o cabelo comprido por uns tempos. Era ondulado e louro… parecida cabelo de surfista. É claro que os óculos com aro de tartaruga estragavam o *look*. Mas… posso perguntar como entramos nesse assunto?

Eu não tinha ideia de como explicar a minha mãe meus conflituosos sentimentos por Patch. Não tinha ideia de como explicar Patch, ponto. Minha mãe provavelmente esperaria uma descrição que incluísse o nome dos pais, a média acadêmica, os esportes que ele praticava e em quais universidades planejava estudar. Não queria alarmá-la dizendo que podia apostar meu cofre de porquinho que Patch tinha uma ficha criminal.

— Tem um cara — disse, incapaz de deixar de sorrir ao pensar nele. — A gente tem se visto muito ultimamente. Geralmente para assuntos da escola.

— Ah, um garoto — disse ela num tom de mistério. — E aí? Ele é do Clube de Xadrez? Do Conselho Estudantil? Da equipe de tênis?

— Nada — disse.

— Um nadador! E ele é bonitinho como o Michael Phelps? Naturalmente, sempre preferi o Ryan Lochte no quesito aparência.

Cogitei corrigir mamãe, mas, repensando, resolvi que seria melhor não tentar esclarecer. Nada, nadar… não tinha muita diferença, certo?

O telefone tocou, e mamãe se esticou no sofá para atendê-lo. Dez segundos de conversa depois ela despencou novamente no assento e bateu com a mão na testa.

— Não, não é um problema. Vou passar lá correndo, apanho tudo e levo amanhã bem cedo.

— Hugo? — perguntei, depois que ela desligou.

Hugo era o chefe de mamãe, e dizer que ele ligava o tempo *todo* era pouco. Uma vez, ele a chamou para trabalhar em um domingo porque não sabia mexer na copiadora.

— Ele deixou uma papelada por preencher no escritório e precisa que eu vá até lá. Tenho que fazer algumas cópias, mas não vou demorar mais do que uma hora. Já acabou o dever de casa?

— Ainda não.

— Então vou dizer a mim mesma que não íamos mesmo passar mais tempo juntas, ainda que eu pudesse ficar aqui. — Ela deu um suspiro e se levantou. — Até daqui a uma hora?

— Diga ao Hugo que ele precisa lhe pagar mais.

Ela riu.

— *Muito* mais.

Logo que fiquei sozinha em casa, tirei da mesa a louça do café da manhã e abri espaço para os livros. Inglês, história geral, biologia. Munida de um lápis número dois novinho em folha, abri o primeiro livro da pilha e comecei a trabalhar.

Quinze minutos depois, minha mente rebelou-se, recusando-se a digerir mais um parágrafo sequer sobre o sistema feudal europeu. Fiquei pensando no que Patch estaria fazendo depois de sair do trabalho. Dever de casa? Difícil de acreditar. Pizza e um jogo de basquete na televisão? Talvez, mas não parecia ser seu gênero. Sinuca e apostas no Fliperama do Bo? Parecia um bom palpite.

Tive uma vontade inexplicável de dirigir até o Fliperama e explicar a ele meu comportamento de mais cedo, mas caí na real bem rápido, pelo simples fato de que não havia tempo. Minha mãe voltaria para casa antes que eu concluísse a viagem de meia hora até lá. Sem falar que Patch não era o tipo de cara atrás de quem eu poderia ir assim, sem mais nem menos. Até então, nossos encontros haviam funcionado conforme a vontade dele, e não minha. Sempre.

Subi as escadas para trocar minhas roupas por outras mais confortáveis. Empurrei a porta do quarto e cheguei a dar três passos para dentro antes de parar bruscamente. As gavetas tinham sido arrancadas da cômoda. As roupas estavam jogadas pelo chão. A cama tinha sido revirada. As portas do armário estavam abertas, pendendo desajeitadamente das dobradiças. Livros e porta-retratos se amontoavam no piso.

Vi o reflexo de um movimento na janela do outro lado do quarto e me virei. Ele estava encostado na parede atrás de mim, vestido de negro dos pés à cabeça, usando a máscara de esquiador. Meu cérebro ficou nublado, tentando começar a dizer às pernas que corressem, quando a pessoa disparou para a janela, abriu-a e saltou para fora com grande agilidade.

Desci a escada pulando os degraus de três em três. Saltei por cima do corrimão, voei pelo corredor até a cozinha e disquei 911.

Quinze minutos depois, um carro de polícia chegou na entrada da minha casa. Trêmula, destranquei a porta e deixei que os dois policiais entrassem. O primeiro era baixo, atarracado, de cabelos grisalhos. O outro, alto e magro, tinha cabelos quase tão escuros quanto os de Patch, mas aparados na altura das orelhas. De uma

forma estranha, ele me lembrava um pouco Patch. Feições mediterrâneas, rosto simétrico, olhos observadores.

Eles se apresentaram. O policial de cabelos escuros era o detetive Basso. Seu parceiro, o detetive Holstijic.

— Você é Nora Grey? — perguntou Holstijic.

Fiz que sim com a cabeça.

— Seus pais estão em casa?

— Minha mãe saiu minutos antes do meu telefonema para o 911.

— Então está sozinha em casa?

Fiz que sim de novo.

— Por que não nos conta o que aconteceu? — perguntou, cruzando os braços e com os pés afastados, enquanto o detetive Basso caminhava um pouco pela casa para olhar.

— Cheguei às oito e fiz um pouco do dever de casa. Quando fui para o quarto, eu o vi. Estava tudo uma bagunça. Ele virou o quarto de cabeça para baixo.

— Você o reconheceu?

— Ele usava uma máscara de esquiador, e as luzes estavam apagadas.

— Algum sinal? Tatuagens?

— Não.

— Altura, peso?

Fiz um esforço para consultar minha memória. Não queria reviver o momento, mas era importante que eu me lembrasse de qualquer pista.

— Altura mediana, só que mais para alto. Mais ou menos a altura do detetive Basso.

— Ele disse alguma coisa?

Balancei a cabeça negativamente.

O detetive Basso reapareceu e disse “Tudo tranquilo” para o parceiro. Então foi para o segundo andar. O assoalho rangia no andar de cima à medida que ele caminhava pelo corredor, abrindo e fechando portas.

O detetive Holstijic abriu a porta da frente e abaixou-se para examinar a tranca.

— Essa porta estava destrancada ou quebrada quando você chegou em casa?

— Não. Usei minha chave para entrar. Minha mãe estava cochilando na sala de estar.

O detetive Basso apareceu no alto da escada.

— Você poderia nos mostrar o que foi danificado? — pediu.

O detetive Holstijic e eu subimos a escada juntos. Fui na frente até encontrar o detetive Basso parado na porta do meu quarto, com as mãos nos quadris, inspecionando o interior.

Fiquei completamente paralisada, sentindo um formigamento de medo tomar conta de mim. A cama estava arrumada. O pijama, dobrado sobre o travesseiro, do jeito que eu o deixara de manhã. As gavetas da cômoda estavam fechadas, e sobre ela, os porta-retratos cuidadosamente arranjados. O baú aos pés da cama estava fechado. O chão, limpo. As cortinas pendiam arrumadas, uma de cada lado da janela fechada.

— Você disse que viu um invasor — disse o detetive Basso.

Ele me fitava com uma dureza que não deixaria escapar nenhum detalhe. Com olhos especializados em flagrar mentiras.

Entrei no quarto, mas faltavam ali o conforto e a segurança. Havia um sinal de violação e ameaça implícito. Apontei para a janela, do outro lado do quarto, tentando manter a mão firme.

— Quando entrei, ele pulou pela janela.

O detetive Basso espiou para fora.

— Bem distante do chão — observou. Tentou abrir a janela. — Você a trancou depois que ele partiu?

— Não. Eu corri para o andar de baixo e telefonei.

— Alguém a trancou. — O detetive Basso ainda me observava com olhar cortante, a boca contraída em uma linha.

— Não sei bem se uma pessoa seria capaz de escapar após um salto desses — disse o detetive Holstijic ao se juntar ao parceiro na beira da janela. — Teria sorte se só quebrasse uma perna.

— Talvez ele não tenha pulado. Talvez tenha descido pela árvore — eu disse.

O detetive Basso virou a cabeça bruscamente.

— E aí? O que aconteceu, então? Ele desceu ou pulou? Poderia ter passado por você e saído pela porta. Esta seria a opção lógica. É o que eu teria feito. Vou lhe perguntar mais uma vez. Pense com cuidado. Você viu mesmo alguém em seu quarto esta noite?

Ele não acreditava em mim. Achava que eu tinha inventado tudo. Por um momento, senti-me tentada a concordar com ele. O que havia de errado comigo? Por que minha noção de realidade estava tão turbulenta? Por que a verdade nunca fazia sentido? Em nome da minha sanidade, disse a mim mesma que não era culpa minha. Era *ele*. O cara com a máscara de esquiador. Era ele quem estava fazendo aquilo. Eu não sabia como, mas a culpa era dele.

O detetive Holstijic rompeu aquele silêncio tenso.

— Quando seus pais estarão de volta?

— Moro com a minha mãe. Ela teve que dar uma passada no escritório.

— Precisamos fazer algumas perguntas às duas — ele prosseguiu. Fez um gesto para que eu me sentasse na cama, mas balancei a cabeça negativamente. — Você terminou com algum namorado recentemente?

— Não.

— E drogas? Faz ou já fez uso de drogas?

— Não.

— Você mencionou que mora com sua mãe. E seu pai? Onde está?

— Foi um erro — disse eu. — Sinto muito. Não deveria ter ligado.

Os dois policiais trocaram olhares. O detetive Holstijic fechou os olhos e massageou as têmporas. O outro, Basso, parecia ter decidido que já desperdiçara tempo demais e estava pronto para esquecer o assunto.

— Temos coisas a fazer — disse ele. — Você vai ficar bem, aqui sozinha, até sua mãe chegar?

Eu mal escutei. Não conseguia tirar os olhos da janela. Como ele fizera aquilo? Quinze minutos. Ele teve *quinze* minutos para dar um jeito de entrar novamente na casa e arrumar o quarto antes de a polícia chegar. E enquanto eu estava no andar inferior. Ao perceber que tínhamos ficado sozinhos na casa, juntos, eu estremeci.

O detetive Holstijic me estendeu um cartão de visitas.

— Você poderia pedir a sua mãe que ligue assim que chegar?

— Pode deixar que nós encontramos a saída — disse o detetive Basso, já quase no corredor.

CAPÍTULO
15

— Acha que Elliot assassinou alguém?

— Psiu! — chiei para Vee, observando as fileiras de mesas do laboratório para ter certeza de quem ninguém tinha ouvido.

— Sem querer ofender ninguém, querida, mas isso está começando a ficar ridículo. Primeiro, ele me agrediu. Agora, é um assassino. Pelo amor de Deus, *Elliot*? Assassino? Ele é um dos caras mais legais que já conheci. Quando foi a última vez que ele se esqueceu de abrir a porta para você passar? Hum… Isso mesmo… *nunca*.

Vee e eu estávamos na aula de biologia. Ela estava deitada de barriga para cima sobre a mesa. Estávamos fazendo exames de pressão sanguínea, e Vee deveria repousar silenciosamente durante cinco minutos. Normalmente, eu faria a atividade com Patch, mas o técnico nos concedeu um dia livre, o que queria dizer que podíamos escolher nossos parceiros. Vee e eu estávamos no fundo da sala. Patch estava ocupado com um atleta chamado Thomas Rookery na frente.

— Ele prestou depoimento como suspeito em uma investigação de assassinato — sussurrei, sentindo que os olhos do técnico se desviavam para nós duas. Rabisquei algumas anotações na ficha do laboratório. *A paciente está calma e relaxada. A paciente evitou falar por três minutos e meio.* — Obviamente, a polícia achou que ele tinha motivo e meios de fazer aquilo.

— Você tem certeza de que é o mesmo Elliot?

— Quantos Elliot Saunders estariam matriculados em Kinghorn em fevereiro? Vee tamborilou os dedos no abdômen.

— É que parece difícil de acreditar. De qualquer maneira, qual é o problema de ele ter sido interrogado? O importante é que ele foi descartado. Não acharam que era culpado.

— Porque a polícia encontrou um bilhete suicida escrito por Halverson.

— E quem é Halverson?

— Kjirsten Halverson — eu disse com impaciência. — A garota que supostamente teria se enforcado.

— Talvez ela tenha mesmo se enforcado. E se um belo dia ela acordou dizendo “Puxa, a vida é uma droga” e resolveu se amarrar em uma árvore? Isso acontece.

— Você não acha coincidência demais que o apartamento tivesse sinais de arrombamento quando o bilhete foi encontrado?

— Ela morava em Portland. Arrombamentos acontecem.

— Acho que alguém colocou o tal bilhete lá. Alguém que queria livrar a cara de Elliot.

— Quem ia querer livrar a cara de Elliot? — perguntou Vee.

Olhei para ela com meu melhor olhar de sarcasmo.

Vee se apoiou no cotovelo bom.

— Você então quer dizer que Elliot arrastou Kjirsten até uma árvore, amarrou uma corda no pescoço dela, pendurou num galho e depois arrombou o apartamento para plantar provas que indicassem o suicídio.

— Por que não?

Vee devolveu o olhar de sarcasmo.

— Porque os policiais já analisaram tudo. Se concluíram que foi suicídio, concordo com eles.

— E então, por que poucas semanas depois de ser liberado do inquérito, Elliot mudou de escola? Por que alguém sairia da Kinghorn Prep para estudar na CHS?

— Nisso você tem razão.

— Acho que ele está tentando fugir do passado. Acho que ficou desagradável assistir às aulas no mesmo lugar onde matou Kjirsten. Ele está com a consciência pesada. — Bati o lápis contra os lábios. — Preciso ir até Kinghorn e fazer umas perguntas. Ela morreu há dois meses. Todos ainda devem falar disso por lá.

— Não sei, Nora. Estou achando uma péssima ideia começar uma operação de espionagem em Kinghorn. Quer dizer, você vai lá fazer perguntas especificamente sobre Elliot? E se ele descobrir? O que vai pensar?

Olhei para ela.

— Ele só precisa se preocupar se for culpado.

— Então vai matar você para garantir seu silêncio. — Vee abriu um sorriso parecido com o do Gato Risonho. Eu não. — Quero descobrir quem me agrediu tanto quanto você — prosseguiu ela, em um tom mais sério —, mas juro pela minha vida que o cara não era Elliot. Revi minhas lembranças umas cem vezes. Não tem nada a ver. Nem chega perto. Pode acreditar.

— Muito bem. Talvez Elliot não seja o autor da agressão — disse eu, tentando satisfazer Vee, mas sem querer livrar a cara de Elliot. — Mas ainda existem muitos fatos contra ele. Para começar, esteve envolvido em uma investigação de assassinato. E depois, ele é bonzinho *demais*. Chega a assustar. E, em terceiro lugar, é amigo de Jules.

Vee franziu a testa.

— Jules? Qual é o problema com Jules?

— Você não acha esquisito que Jules desapareça sempre que estamos com os dois?

— O que isso quer dizer?

— Na noite em que fomos ao Delphic Seaport, Jules foi ao banheiro praticamente na hora em que chegamos. Quando foi que ele voltou? Depois que saí para comprar algodão-doce por acaso Elliot encontrou com ele?

— Não, mas eu deduzi que ele estivesse com algum problema de “vazamento”.

— Então, na noite passada, ele misteriosamente avisou que estava doente. — Esfreguei a borracha da ponta do lápis em meu nariz, pensando. — Ele parece ficar doente com *muita* frequência.

— Acho que você está exagerando. Talvez… talvez ele tenha SII.

— SII?

— Síndrome do Intestino Irritável.

Descartei a sugestão de Vee e fiquei tentando achar a explicação que estava logo ali, mas eu não enxergava. Kinghorn Prep ficava a pelo menos uma hora de distância de carro. Se a escola era tão exigente quanto Elliot alegava, como Jules tinha tanto tempo para dirigir até Coldwater e fazer visitas? Eu o via quase todas as manhãs, no caminho para a escola, no Enzo's Bistrô, na companhia de Elliot. Além disso, ele dava carona para Elliot depois das aulas. Era quase como se Elliot tivesse Jules na palma da mão.

Mas não era tudo. Esfreguei a borracha no nariz com mais força ainda. O que estava me escapando?

— Por que Elliot mataria Kjirsten? — pensei em voz alta. — Talvez ela tenha visto ele fazendo alguma coisa ilegal. E então a matou para garantir seu silêncio.

Vee deixou escapar um suspiro.

— Isso está começando a entrar no território das Coisas Que Não Fazem o Menor Sentido.

— Tem algo mais. Algum detalhe que não estamos vendo.

Vee me olhou como se minha lógica tivesse ido passear no espaço sideral.

— Acho que você está vendo demais. Parece até uma caça às bruxas.

E então, subitamente, eu sabia o que estava faltando. Aquilo tinha me incomodado o dia inteiro, gritava do fundo da minha mente, mas eu estava envolvida demais com tudo que acontecera para prestar atenção. O detetive Basso me perguntara se eu havia dado por falta de alguma coisa. Só agora eu percebia que algo desaparecera. Eu tinha deixado o artigo sobre Elliot em cima da cômoda na noite anterior. Mas naquela manhã — consultei a memória para ter certeza — não estava mais lá. Tinha sumido.

— Minha nossa! — exclamei. — Elliot entrou em minha casa na noite passada. Foi ele! Ele roubou o artigo.

Como o artigo estava bem à vista, era óbvio que Elliot revirara meu quarto para me aterrorizar, possivelmente para me punir por ter encontrado a tal matéria.

— O quê? — questionou Vee.

— Qual é o problema? — perguntou o técnico, parando bem ao meu lado.

— Sim, qual é o problema? — repetiu Vee. Ela apontou para mim e riu pelas costas do técnico.

— Hum. A paciente não parece ter pulso — eu disse, dando um beliscão forte em Vee.

Enquanto o técnico buscava o pulso de Vee, ela fez uma cena de desmaio e se abanou. O técnico grudou o olhar no meu, observando-me por cima dos óculos.

— Está bem aqui, Nora. Alto e forte. Tem certeza de que a paciente evitou qualquer atividade, até mesmo falar, por cinco minutos? O pulso não está tão lento quanto eu esperava.

— A paciente resistiu à etapa em que não deveria falar — interveio Vee. — E a paciente tem dificuldades em relaxar em uma mesa dura como pedra na sala de biologia. A paciente gostaria de propor trocar de lugar com Nora. — Vee usou a mão direita para me segurar e se levantar.

— Não faça com que eu me arrependa de ter deixado vocês escolherem seus parceiros — exclamou o técnico.

— Não faça com que eu me arrependa de ter vindo à escola hoje — disse Vee com doçura.

O técnico lançou-lhe um olhar de advertência, então pegou minha ficha do laboratório, passando os olhos pela folha praticamente em branco.

— A paciente acha a aula de biologia no laboratório o equivalente a sedativos de tarja preta — disse Vee.

O técnico apitou, e todos os olhares da turma se dirigiram para nós.

— Patch? — chamou. — Você se importa de vir para cá? Parece que nós temos um problema entre parceiras.

— Eu *só* estava brincando — disse Vee rapidamente. — Olhe, vou fazer a tarefa.

— Você deveria ter pensado nisso há quinze minutos — disse o técnico.

— Perdoe-me, por favor — pediu ela, piscando os olhos com ar angelical.

O técnico enfiou o caderno debaixo do braço bom de Vee.

— Não.

Sinto muito!, Vee fez com os lábios, olhando para trás, enquanto caminhava com relutância para a frente da sala.

Um momento depois, Patch sentou-se à mesa, ao meu lado. Deixou as mãos descansarem entre os joelhos e ficou me encarando.

— O que foi? — perguntei, um tanto nervosa com a intensidade do olhar. Ele sorriu.

— Estava me lembrando dos sapatos de tubarão. Da noite passada.

Senti o friozinho no estômago que Patch costumava provocar em mim e, como sempre, não sabia dizer se era uma sensação boa ou ruim.

— Como foi sua noite? — perguntei, com uma voz cuidadosamente casual, em uma tentativa de quebrar o gelo.

Minhas aventuras como espiã ainda pairavam entre nós de forma desagradável.

— Interessante. E a sua?

— Nem tanto.

— O dever de casa foi uma dureza, não é?

Ele estava rindo da minha cara.

— Não *peguei* no dever.

O sorriso dele era o de uma raposa.

— Então em quem você pegou?

Fiquei sem palavras por um instante. Ali, de pé, com a boca ligeiramente aberta.

— Isso foi uma indireta?

— Só estou curioso em saber quem é o meu concorrente.

— Cresça.

O sorriso dele aumentou.

— Relaxe.

— Já estou em uma situação delicada com o técnico, então me faça um favor e vamos nos concentrar no laboratório. Não estou no clima para bancar a cobaia, assim, se você não se importar… — Olhei claramente na direção da mesa.

— Não posso. Não tenho coração.

Disse a mim mesma que não era literalmente aquilo que ele queria dizer. Deitei-me na cama e coloquei as mãos sobre a barriga.

— Avise-me quando passarem os cinco minutos.

Cerrei os olhos, preferindo não observar os olhos negros de Patch me examinando.

Minutos depois, abri ligeiramente um dos olhos.

— Acabou o tempo — disse Patch.

Levantei o pulso para que ele pudesse verificar minha frequência cardíaca. Patch pegou minha mão, e uma onda de calor disparou pelo meu braço até terminar com um aperto no estômago.

— A frequência cardíaca da paciente se elevou com o contato — disse ele.

— Não escreva isso.

Era para soar indignada. No entanto, parecia mais que eu estava tentando não sorrir.

— O técnico quer que sejamos minuciosos.

— O que *você* quer? — perguntei.

Os olhos de Patch se fixaram nos meus. Por dentro, ele estava sorrindo. Eu sabia.

— Além *daquilo* — completei.

***

Depois das aulas, passei na sala da srta. Greene para nosso encontro marcado. Ao final do dia, o dr. Hendrickson sempre deixava a porta aberta, como um convite implícito para que os

alunos parassem por lá. Todas as vezes que passara por aquele trecho do corredor nos últimos tempos, a porta da srta. Greene estava fechada. Completamente fechada. *Não incomodem* era a mensagem implícita.

— Nora — disse ela, abrindo a porta depois que eu bati —, entre, por favor. Sente-se.

A sala estava sem caixas e completamente redecorada. Ela trouxera diversas plantas novas. Uma série de gravuras botânicas emolduradas estava arrumada na parede acima da mesa dela.

— Andei pensando muito sobre o que você me disse na semana passada — a srta. Greene falou. — Cheguei à óbvia conclusão de que nosso relacionamento precisa ser construído sobre bases de confiança e respeito. Não vamos falar sobre seu pai novamente, a não ser que você queira.

— Tudo bem — respondi com alguma preocupação: sobre o quê, então, a gente conversaria?

— Ouvi algumas notícias decepcionantes — disse ela. O sorriso desapareceu. Ela se inclinou para a frente, descansando os cotovelos sobre a mesa. Estava segurando uma caneta e a rolava entre as palmas. — Não tenho intenção de me intrometer em sua vida particular, Nora, mas achei que tinha deixado bem claro o que pensava sobre seu envolvimento com Patch.

Eu não tinha muita ideia de para onde aquilo se encaminhava.

— Não estudei com ele.

E por acaso isso era da conta dela?

— Na noite de sábado, Patch lhe deu uma carona para casa na saída do Delphic Seaport. E você o convidou para entrar.

Lutei para sufocar uma exclamação de protesto.

— Como sabe disso?

— Parte do meu trabalho como psicóloga da escola é lhe fornecer orientação — disse a srta. Greene. — Por favor, prometa que será muito, muito cuidadosa quando Patch estiver por perto. — Ela me encarava como se estivesse realmente esperando que eu prometesse aquilo.

— É uma história meio complicada — expliquei. — Eu me perdi da minha carona no Delphic. Não tive escolha. Não é como se eu estivesse à procura de oportunidades para ficar com Patch.

Bem, a não ser pela noite anterior, no Borderline. Em minha defesa, eu honestamente não esperava encontrar Patch, deveria ter sido a noite de folga dele.

— Estou feliz em ouvir isso — respondeu a srta. Greene, como se não estivesse completamente convencida da minha inocência. — Agora que encerramos esse assunto, há algo que você gostaria de me dizer hoje? Alguma coisa que esteja passando pela sua cabeça?

Eu não ia contar a ela que Elliot tinha entrado na minha casa. Não confiava na srta. Greene. Não sabia dizer por quê, mas algo nela me incomodava. E não gostava da forma como ela ficava insinuando que Patch era perigoso, sem me dizer o motivo. Era como se ela tivesse alguma intenção com isso.

Levantei minha mochila do chão e abri a porta.

— Não tenho, não — disse.

CAPÍTULO 16

Vee estava apoiada no meu armário, rabiscando no gesso com uma caneta hidrocor roxa.

— Oi — disse, quando não havia mais ninguém entre nós no corredor. — Por onde andou? Procurei você no laboratório do eZine e na biblioteca.

— Eu tinha um encontro com a srta. Greene, a nova psicóloga da escola — falei com muita naturalidade, mas por dentro carregava um sentimento de vazio e insegurança. Não conseguia parar de pensar que Elliot tinha invadido a minha casa. O que o impediria de repetir a dose? Ou de fazer algo pior?

— O que aconteceu? — perguntou Vee.

Usei a combinação para abrir a tranca do armário e troquei os livros.

— Você sabe quanto custa um bom sistema de alarme?

— Sem querer ofender, querida, ninguém vai querer roubar seu carro. Fuzilei Vee com um olhar zangado.

— Para a minha casa. Quero ter certeza de que Elliot não vai conseguir entrar de novo.

Vee olhou em volta e limpou a garganta.

— O que foi? — perguntei.

Ela ergueu as mãos.

— Nada. Nada mesmo. Se você ainda quer botar a culpa disso no Elliot… é um direito seu. Um direito maluco, mas, puxa vida, é um direito seu.

Bati com a porta do armário, e a pancada ecoou pelo corredor. Reprimi a vontade de dizer que, dentre todas as pessoas do mundo, era ela quem deveria acreditar em mim. Em vez disso falei:

— Vou para a biblioteca, e estou com um pouco de pressa.

Saímos do prédio e atravessamos o terreno que nos separava do estacionamento. Parei subitamente. Olhei em volta, em busca do Fiat, então lembrei que minha mãe havia me deixado na escola no caminho para o trabalho naquela manhã. E, com o braço quebrado, Vee não estava dirigindo.

— Droga — disse ela, lendo meus pensamentos. — Estamos sem carro.

Protegendo a vista do sol, estreitei os olhos para ver a rua.

— Acho que isso quer dizer que vamos ter que andar.

— Nós não, querida. Você. Eu até iria, mas meu limite de visitas à biblioteca é de uma vez por semana.

— Você ainda não foi à biblioteca esta semana — lembrei-a. — É. Mas talvez precise ir lá amanhã.

— Amanhã é quinta. Alguma vez na vida você já estudou em uma quinta-feira? Vee tamborilou com a ponta de uma unha no lábio, com uma expressão pensativa.

— Já estudei em alguma quarta?

— Não que eu lembre.

— Está vendo? Não posso ir. Seria quebrar uma tradição.

Trinta minutos depois, subi os degraus que levavam à porta principal da biblioteca. Lá dentro, coloquei o dever de casa de lado e fui diretamente ao laboratório de informática, onde vasculhei a internet na tentativa de encontrar mais informações sobre “O Enforcamento em Kinghorn”. Não achei muitas notícias. A princípio houve muito alarde, mas depois que o bilhete suicida apareceu e Elliot foi liberado, as notícias rarearam.

Estava na hora de fazer uma viagem a Portland. Eu não descobriria muito mais peneirando matérias jornalísticas em arquivos, mas talvez tivesse mais sorte fazendo trabalho de campo lá.

Desliguei o computador e liguei para minha mãe.

— Preciso chegar em casa hoje às nove da noite?

— Sim, por quê?

— Estava pensando em pegar um ônibus para Portland.

Ela deu uma daquelas risadas do tipo “Você deve estar pensando que eu enlouqueci”.

— Preciso entrevistar alguns alunos de Kinghorn Prep — disse. — É para um trabalho de pesquisa.

Não era mentira. Não chegava a ser. Naturalmente, seria bem mais fácil se eu não estivesse sentindo o peso da culpa de esconder dela o arrombamento e a visita policial que se seguira. Pensei em contar, mas todas as vezes em que abria a boca as palavras fugiam. Estávamos lutando para sobreviver. Precisávamos da renda de mamãe. Se eu lhe contasse sobre Elliot, ela abandonaria o emprego imediatamente.

— Você não pode ir sozinha à cidade. Tem aula amanhã, e logo vai escurecer. Além disso, quando você chegar lá os alunos já terão ido embora.

Soltei um suspiro.

— Tudo bem. Daqui a pouco eu chego em casa.

— Sei que lhe prometi uma carona, mas estou enrolada no escritório. — Ouvi o som de papéis sendo arrumados ao fundo e imaginei que ela estava com o telefone preso ao queixo e com o fio enrolado várias vezes em volta do corpo. — Seria demais lhe pedir para ir andando?

O tempo estava um tanto fresco. Eu estava de jaqueta jeans e tinha duas pernas. Podia caminhar. O plano parecia bem mais razoável na minha cabeça — na prática, a ideia de caminhar para casa me deixava deprimida. Mas, a não ser passar a noite na biblioteca, não havia outra saída.

Eu estava quase passando pela porta da biblioteca quando ouvi alguém chamar meu nome. Ao virar, vi Marcie Millar se aproximando.

— Ouvi falar sobre o que aconteceu com Vee — disse ela. — É muito triste. Quer dizer, quem ia querer agredi-la? A menos, você sabe, que fosse inevitável. Talvez tenha sido em legítima defesa. Ouvi dizer que estava escuro e que chovia. Seria fácil confundir Vee com um alce. Ou um urso, ou um búfalo. Realmente, poderia ser qualquer animal de grande porte.

— Puxa, foi ótimo falar com você, mas tem um monte de coisas que eu preferia estar fazendo agora, como colocar a mão dentro do triturador de lixo.

Fui em direção à saída.

— Espero que ela tenha evitado aquelas refeições no hospital — disse Marcie, seguindo-me. — Ouvi dizer que contêm muita gordura. Ela não pode ganhar ainda mais peso.

Virei-me.

— Chega. Mais uma palavra e eu vou… — Nós duas sabíamos que era uma ameaça vazia.

Marcie deu um sorriso de deboche.

— Você vai o quê?

— Vaca — disse eu.

— Nerd.

— Piranha.

— Esquisitona.

— Porca anoréxica.

— Uau — disse Marcie, cambaleando para trás de forma melodramática, com a mão apertada contra o coração. — Devo parecer ofendida? Deixe eu lhe contar uma coisa. Isso não é nenhuma novidade. Pelo menos eu sei como ter algum autocontrole.

O segurança na porta pigarreou.

— Muito bem, vamos parar. Resolvam isso lá fora ou vou levar as duas para o escritório e telefonar para seus pais.

— Fale com ela — disse Marcie, apontando um dedo para mim. — Eu estava tentando ser simpática. Ela me atacou verbalmente. Só ofereci minhas condolências à amiga dela.

— Eu disse para irem *lá para fora*.

— Você fica muito bem de uniforme — Marcie disse a ele, abrindo o sorriso venenoso, sua marca registrada.

Ele fez um sinal com a cabeça na direção da porta.

— Saiam daqui. — Mas já não parecia tão zangado.

Marcie rebolou até a porta.

— Você se importa de abrir para mim? Estou com as mãos ocupadas.

Ela segurava um livro. E não era nem de capa dura. O guarda apertou o botão para a passagem de cadeirantes e as portas automaticamente se abriram.

— Puxa, muito obrigada — disse Marcie, jogando-lhe um beijo.

Eu não a segui. Não estava certa do que poderia acontecer se eu fosse atrás dela, mas estava tão cheia de sentimentos negativos que poderia fazer alguma coisa da qual me arrependeria depois. Eu estava muito acima de atitudes como xingar e brigar. A não ser que estivesse lidando com Marcie Millar.

Dei meia-volta e entrei na biblioteca. Peguei o elevador e apertei o botão para o subsolo. Poderia ter esperado alguns minutos até que Marcie partisse, mas conhecia outro caminho e decidi tomá-lo. Cinco anos antes, o município havia aprovado a mudança da biblioteca pública para aquele prédio histórico bem no centro da parte antiga de Coldwater. A construção de tijolos vermelhos datava da década de 1850, e o prédio tinha uma cúpula de arquitetura romântica e uma sacada que permitia a observação dos veleiros que se aproximavam. Infelizmente, não havia estacionamento, e por isso um túnel foi construído para ligar a biblioteca à garagem subterrânea do fórum, do outro lado da rua. O espaço servia agora aos dois prédios.

O elevador chegou ao andar fazendo barulho e eu saí. O túnel estava iluminado por luzes fluorescentes que brilhavam com um tom púrpura pálido. Levei um momento para obrigar meus pés a iniciarem a caminhada. Fui assaltada pela súbita lembrança de meu pai na noite em que foi assassinado. Fiquei pensando se ele estava em uma rua tão remota e sombria quanto o túnel que se abria à minha frente.

Fique firme, disse para mim mesma. *Aquilo foi um ato aleatório de violência. Você passou o último ano paranoica em relação a todos os becos escuros, todos os quartos escuros, todos os armários escuros. Não pode passar o resto da vida apavorada pela perspectiva de ter um revólver apontado para você.*

Determinada a provar que o medo estava só na minha cabeça, eu me dirigi para o túnel, ouvindo o som dos meus passos no concreto. Enquanto mudava a posição da mochila para o ombro esquerdo, calculei quanto tempo demoraria para andar de volta para casa e se eu estava ou não disposta a encarar o atalho que cruzava os trilhos do trem, agora que já escurecera. Esperava que, ao manter os pensamentos positivos e ocupados, eu não tivesse tempo para me concentrar na crescente sensação de alarme.

O túnel terminou, e uma silhueta escura estava postada do outro lado.

Interrompi o passo e meu coração perdeu o ritmo. Patch vestia uma camiseta preta, jeans folgados e botas com bico de metal. Os olhos não pareciam nada bemcomportados. O sorriso era um tanto malicioso demais para oferecer conforto.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, afastando o cabelo do rosto e tentando ver, atrás dele, a saída de carros que conduzia até a superfície. Sabia que estava bem adiante, mas muitas das luzes fluorescentes no teto estavam queimadas, dificultando minha visão. Se estupro, assassinato ou outras atividades criminosas passavam pela cabeça de Patch, ele havia me encurralado no lugar perfeito.

Enquanto ele se movia na minha direção, eu recuava. Esbarrei em um carro e vi minha chance. Dei a volta e parei do lado oposto a Patch, com o carro entre nós dois.

Ele olhou por cima do carro, as sobrancelhas erguidas.

— Tenho perguntas — disparei. — Muitas.

— Sobre?

— Sobre tudo.

A boca dele estremeceu, e eu tive praticamente certeza de que ele tentava reprimir um sorriso.

— E se minhas respostas não a satisfizerem, você vai tentar chegar ali? — Gesticulou para a saída da garagem.

O plano era esse. Mais ou menos. Talvez com algumas falhas gritantes, como o fato de que Patch era bem mais rápido do que eu.

— Vamos ouvir essas perguntas — disse ele.

— Como você sabia que eu ia estar na biblioteca hoje?

— Achei que era um bom palpite.

Eu não acreditei por um segundo que Patch estivesse ali por conta de um palpite. Havia algo nele que era quase predatório. Se as forças armadas ouvissem falar dele, fariam de tudo para recrutá-lo.

Patch disparou para a esquerda. Eu fiz o movimento oposto, fugindo para trás do carro. Quando ele parou, eu também parei. Ele estava na frente do carro, e eu, na traseira.

— Onde esteve no domingo à tarde? — perguntei. — Você me seguiu enquanto eu fazia compras com Vee?

Patch talvez não fosse o cara da máscara de esquiador, mas isso não significava que ele não estivesse envolvido na recente série de eventos perturbadores. Estava escondendo algo de mim. Vinha escondendo algo desde o dia em que nos conhecemos. Seria uma coincidência que o último dia normal da minha vida tivesse sido a véspera daquele dia fatídico? Eu achava que não.

— Não. Como foi, aliás? Comprou alguma coisa?

— Talvez — disse eu, pega de surpresa.

— Como o quê?

Pensei de novo. Vee e eu só tínhamos passado na Victoria's Secret. Gastara trinta dólares em um sutiã preto de renda, mas eu não iria contar esse tipo de coisa. Em vez disso, relatei como tinha sido aquela noite, começando pela sensação de estar sendo seguida e terminando com Vee na beira da estrada, vítima de um assalto brutal.

— Então? — exigi saber quando acabei. — Você tem alguma coisa para dizer?

— Não.

— Você não tem a *mínima* ideia do que aconteceu com Vee?

— Também não

— Não acredito em você.

— É porque você tem dificuldade de confiar nas pessoas. — Ele colocou as mãos abertas sobre o carro, apoiando-se no capô. — Já

tivemos essa conversa.

Senti o sangue ferver. Patch tinha mudado o rumo da conversa mais uma vez. Em vez de iluminarem-no, os holofotes se voltavam para mim. E eu realmente não gostava de ser lembrada de que ele sabia todo tipo de informação a meu respeito. Coisas particulares. Como minha dificuldade em confiar nas pessoas.

Patch avançou no sentido horário. Fugi dele, parando quando ele parava. Estávamos mais uma vez em um impasse, o olhar dele fixado no meu, quase como se ele estivesse tentando ler nos meus olhos qual seria meu próximo movimento.

— O que aconteceu no Arcanjo? Você me salvou? — perguntei.

— Se eu tivesse salvado você, não estaríamos aqui tendo esta conversa.

— Você quer dizer que se *não* tivesse me salvado nós não estaríamos aqui. Eu teria morrido.

— Não foi o que eu disse.

Eu não tinha ideia do que ele queria dizer.

— Por que não estaríamos aqui?

— Você ainda estaria. — E fez uma pausa. — Mas eu provavelmente não.

Antes que eu pudesse entender o que Patch estava dizendo, ele disparou na minha direção mais uma vez, agora atacando pela direita. Fiquei confusa por um instante, deixei que a distância entre nós diminuísse. Em vez de parar, Patch deu uma volta completa em torno do carro. Tentei fugir, indo na direção do acesso à garagem.

Cheguei a passar por três carros antes que ele me segurasse pelo braço. Ele me virou e me jogou contra um pilar de concreto.

— O plano falhou — disse ele.

Olhei-o com raiva. Mas havia um bocado de pânico escondido atrás da raiva.

Ele mostrou um sorriso que transbordava intenções sombrias, confirmando que eu tinha todos os motivos para suar descontroladamente.

— O que está acontecendo? — exclamei, esforçando-me em parecer hostil. — Como é que eu posso jurar ouvir sua voz na minha cabeça? E por que você disse que veio para a escola por minha causa?

— Estava cansado de admirar suas pernas a distância.

— Quero a verdade. — Engoli em seco. — Mereço saber de tudo.

— Saber de tudo — ele repetiu, com um sorriso maldoso. — Será que tem alguma relação com a promessa que você fez de me desnudar? Sobre o que estamos falando?

Eu não conseguia me lembrar do que estávamos falando. Tudo o que eu sabia era que o olhar de Patch parecia queimar. Precisei parar de olhar nos olhos dele, então fitei minhas mãos. Elas brilhavam com o suor, por isso as escondi atrás de mim.

— Preciso ir embora — falei. — Tenho dever de casa.

— O que aconteceu lá? — Ele apontou o queixo na direção dos elevadores.

— Nada.

Antes que pudesse impedi-lo, ele apertou a palma da mão contra a minha, juntando nossas mãos. Deslizou os dedos entre os meus, prendendo-me.

— Os nós de seus dedos estão brancos — disse ele, passando os lábios sobre eles. — E você apareceu com uma expressão perturbada.

— Deixe. E eu não estou perturbada. Nem um pouco. Se me der licença, tenho dever de casa…

— Nora — Patch pronunciou meu nome suavemente, mas com toda intenção de obter o que queria.

— Tive uma briga com Marcie Millar. — Não sabia de onde saíra essa confissão. A última coisa que eu queria era dar a Patch mais uma janela para olhar dentro de mim. — Satisfeito? Vai me deixar ir agora?

— Marcie Millar?

Tentei soltar meus dedos, mas não era essa a intenção de Patch.

— Você não sabe quem é Marcie? — perguntei em tom de cinismo. — Difícil crer, em primeiro lugar, porque você frequenta Coldwater High. Em segundo lugar, porque você tem um cromossomo Y.

— Conte-me sobre a briga — disse ele.

— Ela chamou Vee de gorda.

— E?

— Eu a chamei de porca anoréxica.

Patch parecia estar fazendo um esforço enorme para não dar uma gargalhada.

— Foi só isso? Nada de socos? Nada de mordidas, arranhões ou puxões de cabelo?

Olhei para ele de cara feia.

— Vou ter que ensinar você a lutar, Anjo?

— Eu sei lutar. — Levantei o queixo, apesar da mentira.

Dessa vez ele não se deu o trabalho de reprimir o sorriso.

— Para falar a verdade, tive aulas de boxe. — Kick boxing. Na academia. Uma vez. Patch estendeu a mão, como se fosse um alvo.

— Pode bater. O mais forte que puder.

— Não sou… fã da violência gratuita.

— Estamos sozinhos aqui embaixo.

As botas de Patch estavam alinhadas com o bico dos meus sapatos.

— Um cara como eu poderia se aproveitar de uma garota como você. É melhor me mostrar que sabe se defender.

Dei um passo para trás, e a moto negra de Patch entrou em meu campo visual.

— Vou lhe dar uma carona — ofereceu ele.

— Vou a pé.

— Está tarde. E escuro.

Ele estava certo, gostasse eu ou não.

Mas por dentro eu estava envolvida em um feroz cabo de guerra. Era idiotice pensar em voltar a pé para casa, para começar, e agora

restavam duas opções ruins: ir de carona com Patch ou me arriscar a encontrar alguém ainda pior lá fora.

— Estou começando a pensar que a única razão para você me oferecer caronas é porque sabe como detesto essa coisa.

Soltei um suspiro nervoso, vesti o capacete e então pulei na garupa, atrás de Patch. Não foi inteiramente culpa minha o fato de ter ficado aconchegada tão perto dele. O assento não era exatamente espaçoso.

Patch parecia estar se divertindo.

— Consigo pensar em mais algumas razões.

Ele seguiu a toda pela rampa da garagem, rumo à saída. Uma cancela vermelha e branca e uma máquina de venda de bilhetes interrompiam a passagem. Eu estava justamente pensando se Patch ia diminuir a velocidade o suficiente para jogar dinheiro na máquina quando ele fez a moto parar suavemente, jogando-me ainda mais perto dele. Colocou as moedas e então dirigiu rua acima.

***

Patch embicou a moto na entrada da minha garagem. Eu me segurei nele para manter o equilíbrio enquanto descia. Entreguei-lhe o capacete.

— Obrigada pela carona — eu disse.

— O que você vai fazer no sábado à noite?

Momento de pausa.

— Tenho um encontro com meu par de sempre.

A frase pareceu despertar seu interesse.

— Par de sempre?

— Dever de casa.

— Cancele.

Eu estava me sentindo bem mais relaxada. Patch era quente, forte e tinha um perfume fantástico. Parecido com hortelã e terra úmida. Ninguém pulara sobre nós no caminho de casa e havia luz

em todas as janelas do andar térreo do casarão. Pela primeira vez no dia me senti segura.

A não ser por Patch ter me encurralado em um túnel escuro e, possivelmente, andar me seguindo.

Talvez eu não estivesse tão segura.

— Não saio com estranhos — retruquei.

— Sorte sua que eu saio. Pego você às cinco.

CAPÍTULO 17

Uma chuva fria caiu durante todo o sábado, e eu fiquei sentada próximo à janela, observando as poças no gramado aumentarem de tamanho. Eu tinha uma cópia muito usada de *Hamlet* no colo, uma caneta apoiada sobre a orelha e uma caneca vazia de chocolate quente aos pés. A folha com o questionário de interpretação de texto, na mesa lateral, continuava tão em branco como na ocasião em que a sra. Lemon a distribuíra, dois dias antes. O que não era bom.

Minha mãe tinha saído para a aula de ioga havia quase trinta minutos. Embora eu tivesse ensaiado diversas maneiras de contar sobre meu encontro com Patch, acabei deixando que ela passasse pela porta sem lhe dizer nada. Disse a mim mesma que não era um problema. Eu tinha 16 anos e podia decidir quando e por que sair de casa, mas a verdade era que eu deveria ter contado a ela que ia sair. Perfeito. Agora eu desfilaria por aí com minha culpa a noite inteira.

Quando o relógio de parede no corredor soou anunciando 16h30, fiquei satisfeita em deixar o livro de lado e subi correndo para o quarto. Tinha passado a maior parte do dia envolvida com dever de casa e tarefas domésticas, e isso tinha ajudado minha cabeça a não pensar sobre o encontro à noite. Mas agora que faltavam apenas os minutos finais, a ansiedade superava tudo. Não importava se eu queria ou não pensar no assunto, Patch e eu tínhamos questões mal resolvidas. Nosso último beijo fora interrompido. Mais cedo ou mais tarde, aquele beijo precisaria de um desfecho. Eu não tinha dúvidas de que queria o desfecho, só não tinha certeza de estar pronta naquela noite. Além do mais, não ajudava o fato de eu ficar me lembrando o tempo todo do aviso de Vee, como se fosse um alerta vermelho no fundo da minha mente. *Fique longe de Patch.*

Fui para a frente do espelho e comecei a me examinar. A maquiagem era mínima, apenas uma leve camada de rímel. Cabelo demais e fora de controle, mas qual era a novidade? Os lábios bem que precisavam de um pouco de *gloss*. Lambi o lábio inferior, que ganhou um brilho úmido. Aquilo me fez pensar mais sobre o "quase beijo" com Patch e, involuntariamente, senti uma onda de calor. Se um "quase beijo" era capaz de provocar aquilo, imaginei como seria um beijo inteiro. Meu reflexo no espelho sorriu.

"Não é nada demais", disse a mim mesma enquanto experimentava os brincos. O primeiro par era grande, cheio de aros, turquesa… Chamava muita atenção. Guardei-o e experimentei outro, com gotas de topázio. Melhor. Fiquei pensando no que Patch teria em mente. Jantar? Cinema?

"Isto é muito parecido com um encontro para estudar biologia", disse ao meu reflexo, com ar indiferente. "Só que não tem biologia nem estudos."

Vesti uma calça jeans justa e sapatilhas. Passei um lenço de seda azul em volta da cintura e amarrei as pontas atrás do pescoço para criar uma blusa de frente única. Ajeitei o cabelo e então ouvi uma batida na porta.

— Já estou indo! — gritei, enquanto descia a escada.

Dei mais uma olhada no espelho do corredor e então abri a porta da frente, onde encontrei dois homens com capa de chuva escura diante da varanda.

— Nora Grey — disse o detetive Basso, mostrando o distintivo policial. — Novamente nos encontramos.

Levei um momento para recuperar a voz.

— O que vocês estão fazendo aqui?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Você se lembra do meu parceiro, o detetive Holstijic. Importa-se que a gente entre e lhe faça algumas perguntas?

Ele não parecia estar pedindo permissão. Na verdade, o tom era quase ameaçador.

— O que houve? — perguntei, dividindo o olhar entre os dois.

— Sua mãe está em casa? — perguntou o detetive Basso.

— Está na aula de ioga. Por quê? O que aconteceu?

Os dois limparam os pés no tapete e entraram.

— Pode nos contar o que houve entre você e Marcie Millar na biblioteca, na noite de quarta? — perguntou o detetive Holstijic, desabando no sofá.

O detetive Basso continuou de pé, examinando as fotos de família distribuídas na prateleira sobre a lareira.

Precisei de um momento para entender. A biblioteca. Quarta à noite. Marcie Millar.

— Está tudo bem com Marcie? — perguntei.

Não era segredo para ninguém que eu não tinha um lugar especial para Marcie no meu coração. Mas isso não significava que eu a quisesse metida em encrenca ou, pior, correndo perigo. Principalmente se a encrenca aparentemente me envolvesse.

O detetive Basso pôs as mãos nos quadris.

— O que faz você pensar que ela não está bem?

— Eu não fiz nada com Marcie.

— Por que as duas estavam discutindo? — perguntou Holstijic. — O segurança da biblioteca disse que o clima entre vocês estava ficando pesado.

— Não foi bem assim.

— Como foi então?

— A gente trocou insultos — eu disse, esperando que isso bastasse.

— Que tipo de insultos?

— Grosserias estúpidas — disse, lembrando-me.

— Vou precisar ouvir essas grosserias, Nora.

— Eu a chamei de porca anoréxica.

Meu rosto ficou corado e minha voz deixou transparecer a humilhação. Se a situação não fosse tão séria, eu preferiria ter inventado algum xingamento mais cruel e insultante. Ou alguma coisa que fizesse mais sentido.

Os detetives se entreolharam.

— Você a ameaçou? — perguntou o detetive Holstijic.

— Não.

— Para onde foi depois de sair da biblioteca?

— Para casa.

— Você seguiu Marcie?

— Não. Como eu disse, vim para casa. Vai me dizer o que aconteceu com Marcie?

— Você tem alguma testemunha disso? — perguntou o detetive Basso.

— Meu colega de biologia. Ele me viu na biblioteca e me ofereceu carona.

Eu estava com o ombro apoiado na porta dupla que se abria para a sala. O detetive Basso se aproximou e ficou bem à minha frente, do outro lado do portal.

— Fale-me sobre esse colega de biologia.

— Que tipo de pergunta é essa?

Ele abriu as mãos.

— É uma pergunta bem simples. Mas se quiser que eu seja mais específico, posso ser. Quando eu estava no ensino médio, só oferecia carona para as garotas que me interessavam. Vamos um pouquinho adiante. Qual é o seu relacionamento com esse colega de biologia… fora da sala de aula?

— Você está brincando, não está?

Um canto da boca do detetive Basso se ergueu.

— Foi o que pensei. Você mandou seu namorado dar uma surra em Marcie Millar?

— Marcie levou uma surra?

Ele se afastou do portal e se colocou bem à minha frente, com os olhos penetrantes fixados em mim.

— Você queria mostrar a ela o que acontece com garotas que não ficam de boca fechada? Achou que ela merecia apanhar um pouquinho? Conheci garotas como Marcie quando estava na escola. Elas pedem por isso, não é? Marcie estava pedindo que isso

acontecesse, Nora? Alguém deu uma bela surra nela na noite de quarta, e acho que você sabe mais do que está dizendo.

Eu estava me esforçando muito para refrear os pensamentos, com medo que pudessem ser lidos em meu rosto. Talvez fosse apenas uma coincidência que eu tivesse me queixado de Marcie a Patch na mesma noite em que ela levou a surra. Mas, novamente, talvez não.

— Vamos precisar falar com seu namorado — disse o detetive Holstijic.

— Ele não é meu namorado. É meu colega de biologia.

— Ele está vindo para cá agora?

Eu sabia que deveria dizer tudo. Mas depois de refletir um pouco, não conseguia admitir que Patch pudesse machucar Marcie. Marcie não era a melhor pessoa do mundo e tinha conquistado mais que uma meia dúzia de inimigos. Alguns poderiam ser capazes daquela brutalidade, mas Patch não era um deles. Violência gratuita não era bem seu estilo.

— Não — falei.

O detetive Basso deu um sorriso sem graça.

— Toda arrumada para passar a noite de sábado em casa?

— Mais ou menos isso — disse no tom mais frio que ousei empregar.

O detetive Holstijic retirou um bloquinho do bolso do casaco, abriu-o e apertou a caneta.

— Vamos precisar do nome dele e do telefone.

Dez minutos depois de os detetives partirem, um Jeep Commander preto subiu na calçada. Patch correu na chuva até a varanda, vestido com jeans escuros, botas e uma camiseta cinza de mangas compridas.

— Carro novo? — perguntei, depois de abrir a porta.

Ele me deu um sorriso misterioso.

— Ganhei há algumas noites, na mesa de sinuca.

— Alguém apostou um *carro*?

— O cara não ficou muito feliz. Vou me manter longe de becos escuros por algum tempo.

— Você soube do que aconteceu com Marcie Millar? — soltei, esperando que ele se surpreendesse com a pergunta.

— Não, o que houve?

A resposta veio com naturalidade, e eu decidi que provavelmente isso queria dizer que ele estava sendo verdadeiro. Infelizmente, quando o assunto era mentir, Patch não me parecia um amador.

— Alguém deu uma surra nela.

— Que pena.

— Tem ideia de quem poderia fazer uma coisa dessas?

Se Patch percebeu a preocupação em minha voz, não demonstrou. Apoiou-se na grade da varanda e coçou o queixo, pensativo.

— Não.

Perguntei a mim mesma se ele estaria escondendo algo. Mas detectar mentiras não era um dos meus pontos fortes. Eu não tinha muita experiência. Normalmente eu me cercava de pessoas em que eu confiava… Normalmente.

***

Patch estacionou o Jeep atrás do Fliperama do Bo. Quando chegamos na frente da fila, o caixa pousou os olhos primeiro em Patch e depois em mim. E continuou nesse lá e cá, como se estivesse tentando entender aquilo.

— E aí? — disse Patch, e colocou três notas de dez sobre o balcão.

O caixa transferiu o olhar atento para mim. Tinha percebido que eu não conseguia parar de fitar as tatuagens verde-mofo que cobriam todos os centímetros possíveis de seus antebraços. Ele passou algo — chiclete? tabaco? — para o outro lado de seu lábio inferior e disse:

— Está vendo alguma coisa aqui?

— Gosto das suas tat… — comecei.

Ele deixou à mostra dentes caninos afiados.

— Não acho que ele goste de mim — sussurrei para Patch quando estávamos a uma distância segura.

— Bo não gosta de ninguém.

— Esse é que é o Bo, do Fliperama do Bo?

— Esse é o Bo Júnior, do Fliperama do Bo. O Bo "pai" morreu há alguns anos.

— Como? — indaguei.

— Briga de bar. Lá embaixo.

Senti um desejo avassalador de voltar correndo para o Jeep e dar o fora.

— Estamos em segurança? — perguntei.

Patch me lançou um olhar enviesado.

— Anjo.

— Só estou perguntando.

Lá embaixo, a sinuca parecia exatamente como na primeira noite em que eu passara por lá. Paredes de blocos de concreto pintadas de preto. Mesas de sinuca forradas de feltro vermelho no centro do cômodo. Mesas de pôquer espalhadas nas laterais. Trilhos de luz baixa atravessando o teto. O cheiro concentrado de fumaça de charuto poluindo o ar.

Patch escolheu a mesa mais distante da escada. Pegou dois 7Ups no bar e usou a beirada do balcão como abridor de garrafas.

— Nunca joguei sinuca — confessei.

— Escolha um taco.

Ele mostrou a prateleira com tacos pregada na parede. Tirei um e voltei para a mesa de sinuca. Patch colocou a mão na boca para esconder um sorriso.

— O que foi? — perguntei.

— Não tem *home run* no jogo de sinuca.

Fiz que sim com a cabeça.

— Sem *home runs*. Entendi.

O sorriso dele aumentou.

— Você está segurando o taco como se fosse um bastão de beisebol.

Olhei minhas mãos. Ele tinha razão. Eu *estava* segurando o taco como se fosse um bastão.

— É assim que fico mais à vontade.

Ele se moveu para trás de mim, pôs as mãos nos meus quadris e me colocou diante da mesa. Deslizou os braços à minha volta e segurou o taco.

— Assim — disse ele, conduzindo minha mão direita alguns centímetros para o alto do taco. — E… assim — ele prosseguiu, pegando minha mão esquerda e formando um círculo com meu polegar e meu indicador. Em seguida, plantou minha mão esquerda na mesa, como se fosse um tripé. Empurrou a ponta do taco de sinuca pelo círculo, por sobre o nó do meu dedo médio. — Incline o corpo.

Eu me curvei sobre a mesa de sinuca, sentindo a respiração de Patch aquecer meu pescoço. Ele deu um puxão para trás, e o taco deslizou por dentro do círculo.

— Qual é a bola que você quer acertar? — perguntou, referindo-se ao triângulo de bolas arrumado na outra ponta da mesa. — A amarela, na frente, é uma boa escolha.

— Vermelho é a minha cor favorita.

— Que seja a vermelha.

Patch fez o taco deslizar para a frente e para trás pelo círculo, mirando na bola, ensaiando a tacada.

Forcei a vista na direção da bola branca, e depois para enxergar o triângulo de bolas, mais distante na mesa.

— Você está um pouquinho fora de posição — disse eu.

Senti que ele sorria.

— Aposta quanto?

— Cinco dólares.

Senti que ele balançava suavemente a cabeça.

— Prefiro sua jaqueta.

— Você quer a minha jaqueta?

— Quero você sem ela.

Meu braço foi para a frente, e o taco deslizou por entre meus dedos, acertando a bola branca, que por sua vez avançou, atingiu a bola vermelha e desfez o triângulo. As bolas ricochetearam em todas as direções.

— Tudo bem — eu disse, tirando a jaqueta jeans —, talvez tenha conseguido me impressionar um pouquinho.

Patch examinou minha blusa frente única feita com o lenço. Os olhos estavam tão negros quanto o oceano à meia-noite, a expressão, contemplativa.

— Bonita — disse ele.

Em seguida andou pela mesa, examinando a disposição das bolas.

— Cinco dólares que você não consegue encaçapar a bola azul listrada — eu disse, escolhendo-a de propósito. Estava protegida da bola branca, no meio de um escudo de bolas coloridas.

— Não quero seu dinheiro — disse Patch.

Nossos olhares se encontraram e uma covinha mínima formou-se no rosto dele. Minha temperatura subiu mais um grau.

— *O que* você quer? — perguntei.

Patch abaixou o taco até a mesa, ensaiou uma vez a tacada e acertou com força a bola branca. Ela atingiu a verde lisa, que bateu na bola 8, que em seguida empurrou a bola azul listrada para dentro da caçapa.

Dei uma risada nervosa e tentei disfarçar estalando os dedos, um tique que eu *nunca* me permitia.

— Tudo bem, talvez agora eu esteja mais do que um pouquinho impressionada.

Patch ainda estava curvado sobre a mesa, e levantou o olhar na minha direção.

Aquilo esquentou minha pele.

— Não tínhamos combinado a aposta — disse eu, resistindo à tentação de mudar de posição.

O taco estava um tanto escorregadio na minha mão. Discretamente passei-a na coxa.

Como se eu já não estivesse suando o bastante, Patch disse:

— Você fica me devendo. Um dia vou cobrar.

Ri, mas sem muita convicção.

— Vai sonhando.

Passos ressoaram na escada do outro lado da sala. Um sujeito alto e esguio com nariz aquilino e cabelos pretos desgrenhados apareceu. Olhou primeiro para Patch e então se voltou para mim. Um sorriso vagaroso apareceu em seu rosto, ele se aproximou e deu um gole no refrigerante que eu tinha deixado na beirada da mesa de sinuca.

— Com licença, acho que… — comecei a falar.

— Você não contou que ela era tão agradável aos olhos — ele disse para Patch, enxugando a boca com a parte de trás da mão, e tinha um forte sotaque irlandês.

— Também não contei para ela como você é desagradável — devolveu Patch, com a boca relaxada antes de mostrar um sorriso.

O sujeito se apoiou ao meu lado na mesa de sinuca e estendeu a mão na minha direção.

— Meu nome é Rixon, querida.

Com relutância, apertei a mão dele.

— Nora.

— Será que estou interrompendo alguma coisa? — perguntou Rixon, lançando um olhar questionador para nós dois.

— Não — exclamei na mesma hora em que Patch disse “Sim”.

De repente, ele pulou sobre Patch, com ar brincalhão, e os dois caíram no chão, rolando e trocando socos. Houve o som de risadas, de punhos batendo contra a carne e de tecido sendo rasgado; as costas nuas de Patch apareceram diante dos meus olhos. Duas cicatrizes espessas as atravessavam. Começavam na altura dos rins e subiam até as escápulas, unindo-se para formar um V de cabeça para baixo. As marcas eram tão grotescas que quase engasguei de horror.

— Ei, saia de cima de mim! — urrou Rixon.

Patch saiu e, enquanto se levantava, a camisa rasgada se abriu. Ele a tirou e a jogou na lata de lixo, no canto.

— Sua camisa — ele disse para Rixon.

Rixon me lançou uma piscada mal-intencionada.

— O que você acha, Nora? Devemos dar uma camisa a ele?

Patch avançou sobre ele, brincalhão, e as mãos de Rixon voaram até seus ombros.

— Calminha — disse, recuando.

Ele tirou o suéter e o jogou para Patch, revelando uma camiseta branca justa por baixo.

Enquanto Patch enfiava o suéter sobre músculos abdominais tão definidos que me causaram um frio na barriga, Rixon se voltou para mim.

— Ele contou como ganhou o apelido?

— Como?

— Antes de nosso amigo Patch aqui se envolver com a sinuca, o rapaz gostava de boxe irlandês, sem luvas. Não era muito bom. — Rixon sacudiu a cabeça. — Para falar a verdade, era completamente patético. Passei muitas noites remendando o sujeito, que parecia uma colcha de retalhos, um *patchwork*, e logo depois todo mundo começou a chamá-lo de Patch. Disse para ele parar com o boxe, mas não me ouvia.

Olhei para Patch, que me deu um sorriso medalha de ouro em brigas de bar. O sorriso por si só já era bastante assustador, mas sob a fachada áspera guardava um tom de desejo. Mais do que um tom, para falar a verdade. Uma sinfonia inteira de desejo.

Patch inclinou a cabeça na direção da escada e estendeu a mão para mim.

— Vamos sair daqui — disse.

— Para onde vamos? — perguntei, com o estômago em polvorosa.

— Você vai ver.

Enquanto subíamos a escada, Rixon gritou para mim:

— Boa sorte com esse aí, querida!

CAPÍTULO 18

No caminho de volta, Patch pegou a saída em Topsham e estacionou perto da histórica fábrica de papel de Topsham, às margens do rio Androscoggin. No passado, a fábrica tinha sido usada para transformar polpa de árvores em papel. Agora se lia em uma placa grande ao lado do prédio: SEA DOG BREWING CO. O rio era largo e agitado, com árvores envelhecidas em ambas as margens.

Ainda chovia muito e a noite tinha baixado sobre nós. Eu devia chegar em casa antes da minha mãe. Não havia contado para ela que estava saindo porque… bem, a verdade era que Patch não era o tipo de cara que fazia as mães sorrirem. Ele era aquele tipo que fazia com que elas trocassem as fechaduras de casa.

— Podemos pedir para viagem? — perguntei.

Patch abriu a porta do motorista.

— Algum pedido?

— Um sanduíche de peru. Sem picles. Ah, e sem maionese.

Eu tinha certeza de que mereci um daqueles sorrisos que não chegavam completamente à superfície. Eu parecia provocar muitos sorrisos desse tipo. Dessa vez, eu não conseguia entender a graça.

— Verei o que posso fazer — disse ele, afastando-se.

Patch deixou as chaves na ignição e a calefação ligada. Nos primeiros minutos, revi nossa noite até aquele momento. Então me ocorreu que eu estava sozinha no Jeep de Patch. Seu espaço particular.

Se eu fosse Patch e quisesse esconder alguma coisa altamente secreta, não esconderia no quarto, no armário da escola, nem mesmo na mochila, que poderiam ser confiscados ou revistados sem qualquer aviso. Esconderia em meu reluzente Jeep negro com um sofisticado sistema de alarme.

Soltei o cinto de segurança e vistoriei a pilha de livros escolares que estava aos meus pés, sentindo um sorriso misterioso abrir-se em minha boca diante da ideia de descobrir algum dos segredos de Patch. Não estava esperando encontrar nada em particular. Ficaria satisfeita com a combinação do cofre de seu armário ou com o número do celular. Remexendo em antigos trabalhos escolares que se amontoavam sobre os tapetes, encontrei um purificador de ar com perfume de pinho usado, um CD do AC/DC — *Highway to Hell* —, pontas de lápis e uma nota fiscal de uma loja 7-Eleven de quarta às 22h18. Nada especialmente surpreendente ou revelador.

Abri o porta-luvas e vasculhei o manual de operações e outros documentos. Vislumbrei um reluzir cromado, e as pontas dos meus dedos esbarraram em metal. Extraí de lá de dentro uma lanterna de aço e a liguei, mas nada aconteceu. Desatarraxei a parte de baixo, pensando que a lanterna parecia um pouco leve. De fato, estava sem pilha. Fiquei pensando por que Patch guardava uma lanterna inútil no porta-luvas. Foi o último pensamento que tive antes que meus olhos batessem no líquido cor de ferrugem que secara em uma das pontas da lanterna.

Sangue.

Muito cuidadosamente, devolvi a lanterna ao porta-luvas e fechei a porta. Disse para mim mesma que havia um monte de situações em que se poderia manchar uma lanterna com sangue. Como segurá-la com uma mão machucada, usá-la para empurrar um animal morto para a beira da estrada… batê-la com força contra um corpo, repetidamente, até sangrar.

Com o coração aos pulos, precipitei-me a concluir a primeira ideia que me passou pela cabeça. Patch havia mentido. Tinha atacado Marcie. Tinha me deixado em casa na quarta à noite, trocado a moto pelo Jeep e partido para procurá-la. Ou talvez seus caminhos houvessem se cruzado por acaso e ele tivesse reagido por impulso. De uma forma ou de outra, Marcie estava ferida, havia policiais no meio e Patch era o culpado.

Racionalmente, eu sabia que se tratava de uma conclusão apressada e uma forçação de barra, mas do ponto de vista

emocional os riscos eram grandes demais para que eu me desse ao luxo de dar um passo atrás e pensar com cuidado. Patch tinha um passado assustador e muitos, muitos segredos. Se a violência insensata e brutal era um deles, eu não estava segura andando por aí com ele.

O brilho de um relâmpago distante iluminou o horizonte. Patch deixou o restaurante e atravessou o estacionamento correndo, segurando uma sacola parda em uma das mãos e dois refrigerantes na outra. Deu a volta até o lado do motorista e entrou no Jeep. Tirou o boné de beisebol para sacudir a chuva do cabelo. Ondas escuras se espalharam. Ele me entregou a sacola parda.

— Um sanduíche de peru, sem maionese nem picles, e alguma bebida para ajudar a engoli-lo.

— Você agrediu Marcie Millar? — perguntei calmamente. — Quero a verdade… agora.

Patch afastou o 7Up da boca. Os olhos dele penetraram nos meus.

— O quê?

— A lanterna no porta-luvas. Explique-a.

— Você foi fuxicar o porta-luvas? — Ele não parecia incomodado, mas também não parecia estar gostando daquilo.

— Tem sangue seco na lanterna. A polícia apareceu mais cedo na minha casa. Acham que estou envolvida. Marcie foi agredida na quarta à noite, logo depois que eu contei para você que não a suporto.

Patch soltou uma gargalhada seca, sem humor.

— Você acha que eu usei a lanterna para bater na Marcie?

Ele tateou atrás do banco e retirou uma grande arma. Gritei. Ele veio para a frente e tapou minha boca com a mão.

— Arma de *paintball* — disse ele.

Seu tom de voz tinha esfriado consideravelmente.

Meu olhar ia e vinha entre a arma e Patch, e sentia que meus olhos estavam muito arregalados.

— Joguei *paintball* no início desta semana — disse ele. — Achei que tínhamos falado sobre isso.

— N-não explica o sangue na lanterna.

— Não é sangue — disse ele —, é tinta. Estávamos disputando a captura da bandeira.

Meus olhos se voltaram para o porta-luvas onde estava guardada a lanterna. A lanterna era… a bandeira. Uma mistura de alívio, estupidez e culpa me invadiram por ter acusado Patch.

— Puxa — exclamei desajeitadamente. — Sinto muito.

Mas parecia tarde demais para lamentar.

Patch olhava fixamente o para-brisa, respirando fundo. Fiquei pensando se estaria usando o silêncio para esfriar a cabeça um pouquinho. Afinal, eu havia acabado de acusá-lo de agressão. Eu me sentia péssima, mas minha cabeça estava mexida demais para pedir desculpas adequadamente.

— Pelo que você falou da Marcie, provavelmente ela fez um monte de inimigos — disse ele.

— Tenho certeza de que Vee e eu encabeçamos a lista — eu disse, tentando amenizar os ânimos, mas aquilo também não era inteiramente uma brincadeira.

***

Patch se aproximou da casa de fazenda e desligou o motor. O boné cobria os olhos, mas agora a boca mantinha a sugestão de um sorriso. Os lábios pareciam macios e suaves, e eu estava tendo muito trabalho para não olhá-los. Acima de tudo, sentia-me grata por ele aparentemente ter me perdoado.

— Precisamos praticar mais sinuca, Anjo — disse Patch.

— Por falar em sinuca — limpei a garganta. — Queria saber quando e como você vai me cobrar… *aquilo* que eu fiquei devendo.

— Hoje não. — Os olhos dele observaram os meus detidamente, avaliando minha reação.

Eu oscilava entre o relaxamento e o desapontamento. Principalmente o desapontamento.

— Tenho uma coisa para você — disse Patch.

Ele procurou algum objeto debaixo do assento e retirou lá de baixo um saco de papel branco com pimentas vermelhas impressas. Um saco do Borderline. Ele colocou aquilo entre nós.

— O que é isso? — perguntei, procurando olhar dentro da saco, sem ter a menor ideia do que poderia haver ali.

— Abra.

Retirei do saco uma caixa de cartolina e levantei a tampa. Lá dentro havia um globo de vidro com uma miniatura do parque de diversões do Delphic Seaport. Aros de metal tinham sido transformados em círculo para representar a roda gigante, aros retorcidos eram a montanha-russa. Pequenos pedaços de metal manchado faziam as vezes de tapete mágico.

— É lindo — disse eu, um tanto estarrecida por Patch ter pensado em mim e ainda se dado o trabalho de me comprar um presente. — Muito obrigada. Eu juro. Adorei.

Ele tocou o vidro arredondado.

— Ali está o Arcanjo antes de ser remodelado.

Atrás da roda-gigante, um arame fino subia e descia formando as colinas e os vales do Arcanjo. Um anjo de asas quebradas estava no ponto mais alto, com a cabeça curvada, olhando para baixo sem olhos.

— O que realmente aconteceu naquela noite em que andamos juntos no Arcanjo? — perguntei.

— Você não quer saber.

— Se contar, vai ter que me matar? — eu disse meio jocosamente.

— Não estamos sozinhos — respondeu Patch, olhando pelo para-brisa.

Ergui a vista e vi minha mãe, de pé, diante da porta aberta. Para meu terror, ela saiu e encaminhou-se na direção do Jeep.

— Deixe que eu falo — disse, guardando o globo de vidro de volta na caixa. — Não diga uma palavra, nem uma palavra!

Patch saltou do carro e veio abrir minha porta. Encontramos com minha mãe na metade do caminho.

— Não sabia que você ia sair — disse ela com um sorriso nada descontraído. Era um sorriso que dizia *Vamos falar sobre isso mais tarde*.

— Decidimos na última hora — expliquei.

— Voltei para casa logo depois da ioga — disse ela.

O restante estava implícito: sorte a minha, azar o seu. Eu tinha imaginado que ela sairia para tomar suco com os amigos depois da aula. Era o que fazia nove entre dez vezes. Ela voltou a atenção para Patch.

— Estou feliz em finalmente conhecê-lo. Aparentemente minha filha é sua grande fã.

Abri a boca para fazer uma apresentação extremamente concisa e me despedir de Patch, mas mamãe foi mais rápida.

— Sou a mãe de Nora. Blythe Grey.

— Este é Patch — disse eu, vasculhando a cabeça à procura de algo para dizer que interrompesse bruscamente a troca de gentilezas. Mas minhas únicas ideias foram gritar *Fogo!* ou simular um enfarte. De alguma forma, ambas pareciam mais humilhantes do que encarar uma conversa entre Patch e minha mãe.

— Nora me contou que você nada — disse mamãe.

Senti que Patch estremecia com risadas atrás de mim.

— Nadador?

— Você faz parte da equipe de natação da escola ou da liga municipal?

— É uma atividade mais… recreativa — disse Patch, lançando-me um olhar questionador.

— Recreação também é bom — disse mamãe. — Onde você nada? No centro recreativo?

— Gosto mais de atividades ao ar livre. Rios e lagos.

— Mas não é muito frio? — ela perguntou.

Ao meu lado, Patch me deu um cutucão. Fiquei pensando qual parte da história eu tinha perdido. Nada na conversa parecia extraordinário. E eu precisava concordar com minha mãe naquele ponto. O Maine não era um lugar quente e tropical. Era muito frio para se nadar ao ar livre, mesmo durante o verão. Se Patch realmente nadasse ao ar livre, ele deveria ser maluco ou ter muita resistência à dor.

— Muito bem — eu disse, aproveitando-me da pausa. — Patch precisa ir embora.

— *Vá!*, articulei para ele.

— É um Jeep muito bonito — disse mamãe. — Seus pais o compraram para você?

— Eu mesmo comprei.

— Você deve ter um emprego e tanto.

— Sirvo mesas no Borderline.

Patch dizia o mínimo possível, mantendo-se cuidadosamente envolto em mistério. Fiquei pensando em como deveria ser sua vida quando não estava perto de mim. No fundo da minha mente, não conseguia parar de pensar em seu passado amedrontador. Todo aquele tempo eu havia fantasiado sobre a descoberta de seus segredos sombrios e profundos porque queria provar para mim mesma e para Patch que eu era capaz de sacar quem ele era. Mas agora eu queria saber seus segredos porque eram parte dele. E, apesar do fato de negar tudo repetidamente, eu nutria algum sentimento por ele. Quanto mais tempo passávamos juntos, mais eu sabia que esses sentimentos não desapareceriam.

Mamãe franziu a testa.

— Espero que o trabalho não atrapalhe seus estudos. Pessoalmente, não acredito que estudantes do ensino médio devam trabalhar durante o ano letivo. Vocês já têm muito que fazer.

Patch sorriu.

— Não tem sido um problema.

— Você se importa em me dizer qual é a média geral de suas notas? — perguntou mamãe. — Ou seria muito rude?

— Puxa, está ficando tarde — comecei a dizer alto, consultando um relógio de pulso imaginário.

Não podia acreditar que mamãe estivesse sendo tão pouco legal nessa questão. Era um mau sinal. Só podia querer dizer que a primeira impressão que ela teve de Patch era pior do que eu temia. Aquilo não era uma apresentação. Era uma entrevista.

— Dois ponto dois — disse Patch.

Mamãe olhava fixamente para ele.

— Ele está brincando — respondi depressa. Dei um empurrão discreto em Patch, na direção do Jeep. — Patch tem coisas para fazer. Lugares para ir. Sinuca para jogar… — Tapei a boca com a mão.

— Jogar? — perguntou minha mãe, parecendo confusa.

— Nora está se referindo ao Fliperama do Bo — explicou Patch. — Mas não estou indo para lá. Tenho alguns assuntos a resolver.

— Nunca estive no Fliperama — disse ela.

— Não é nada de empolgante — falei. — Você não perdeu nada.

— Espere aí — disse mamãe, como se um sinal de alerta tivesse se acendido em sua memória. — É lá na costa? Perto do Delphic Seaport? Não foi lá que houve um tiroteio há alguns anos?

— A situação anda mais calma do que costumava ser — respondeu Patch. Estreitei os olhos para ele. Ele tinha sido mais rápido. Eu planejara mentir descaradamente sobre qualquer história de violência acontecida no Fliperama do Bo.

— Você gostaria de entrar e tomar sorvete? — perguntou mamãe, parecendo desconcertada, dividida entre a vontade de ser educada e a de agir impulsivamente e me arrastar para dentro, trancando a porta. — Só temos sorvete de baunilha — acrescentou, para desencorajá-lo. — Foi comprado há algumas semanas.

Patch sacudiu a cabeça

— Preciso ir. Quem sabe na próxima vez. Foi bom conhecê-la, Blythe.

Tomei a interrupção como uma deixa para arrastar mamãe até a porta da frente, aliviada que a conversa não tivesse sido tão ruim

quanto poderia. De repente mamãe se virou para trás.

— O que vocês dois fizeram hoje à noite? — perguntou para Patch.

Patch olhou para mim e ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— Jantamos no Topsham — respondi rapidamente. — Sanduíches e refrigerante. Uma noite completamente inofensiva.

O problema era que meus sentimentos por Patch *não* eram nada inofensivos.

CAPÍTULO 19

Deixei o globo de vidro dentro da caixa e a guardei dentro do armário, atrás de uma pilha de suéteres xadrez que eu roubara do meu pai. Quando abri o presente na frente de Patch, o parque de diversões pareceu reluzente e belo, com a claridade se refletindo nos arames como um arco-íris. Sozinha no quarto, porém, ele parecia assombrado. Uma colônia de férias perfeita para espíritos desencarnados. E eu não estava completamente convencida de que não havia uma câmera escondida lá dentro.

Depois de trocar a roupa por uma camiseta e uma calça de pijamas de florzinhas, liguei para Vee.

— Bem? — disse ela. — Como foi? Obviamente, ele não matou você. O que é um bom começo.

— Jogamos sinuca.

— Você odeia sinuca.

— Ele me ensinou algumas técnicas. Agora que sei o que estou fazendo não é tão ruim.

— Aposto que ele poderia lhe ensinar algumas técnicas em outras áreas da sua vida.

— Hum.

Normalmente o comentário teria provocado algum rubor em mim, mas eu estava compenetrada demais. Estava dando duro, pensando.

— Sei que já disse isso antes, mas Patch não me inspira uma sensação profunda de conforto. — disse Vee. — Ainda tenho pesadelos com o cara da máscara de esquiador. Em um de meus pesadelos, ele arrancava a máscara. Adivinha quem estava lá? Patch. Pessoalmente, acho que você deveria tratá-lo como se fosse um revólver carregado. Tem alguma coisa anormal nele.

Era exatamente sobre isso que eu queria falar.

— O que poderia provocar uma cicatriz com o formato da letra V nas costas de alguém?

Houve um momento de silêncio.

— Bizarro — disse Vee com espanto. — Você o viu pelado? Onde aconteceu? No carro? Na casa dele? Em seu quarto?

— Eu não o vi pelado! Foi meio por acidente.

— Claro. Já ouvi essa desculpa antes — exclamou Vee.

— Ele tinha nas costas uma cicatriz enorme com a forma de um V de cabeça para baixo. Não é um pouco esquisito?

— Claro que é esquisito. Mas estamos falando de Patch. Ele tem alguns parafusos soltos. Vou chutar… Briga de gangues? Cicatrizes da cadeia? Marcas de atropelamento?

Metade do meu cérebro acompanhava a conversa com Vee, mas a outra, subconsciente, divagava. Minhas lembranças voltaram à noite em que Patch me desafiara a andar no Arcanjo. Revi as pinturas assustadoras e bizarras nas laterais dos carros. Lembrei-me das bestas com chifres arrancando as asas do anjo. Lembrei da marca negra em forma de V de cabeça para baixo no lugar em que costumavam ficar as asas.

Quase deixei o telefone cair.

— D-desculpe-me, o que foi? — perguntei a Vee quando percebi que ela levara a conversa adiante e esperava minha resposta.

— O quê. Aconteceu. Depois? — repetiu, pronunciando devagar cada palavra.

— Terra chama Nora. *Preciso* dos detalhes. Estou morrendo de curiosidade.

— Ele entrou numa briga e rasgou a camisa. Final da história. Nada além disso. Vee inspirou profundamente.

— Era sobre isso que eu estava falando. Vocês dois saem juntos… e ele entra numa briga? Qual é o problema dele? Talvez seja mais animal do que humano.

Dentro da minha cabeça, alternava a visão das cicatrizes do anjo na pintura e das cicatrizes de Patch. Ambas tinham a cor de alcaçuz negra, ambas iam das escápulas aos rins e ambas desenhavam

uma curva enquanto viajavam por suas costas. Disse para mim mesma que havia a possibilidade de que fosse apenas uma estranhíssima coincidência o fato de as pinturas no Arcanjo descreverem tão perfeitamente as cicatrizes de Patch. Briga de gangues, cicatrizes da cadeia, marcas de atropelamento — como Vee dissera. Infelizmente, todas as desculpas pareciam mentira. Era como se a verdade estivesse na minha cara, mas eu não tivesse coragem de encará-la.

— Ele foi um anjo? — perguntou Vee.

Levei um susto.

— *O quê*?

— Ele foi um anjo ou fez jus àquele jeitão de *bad-boy*? Porque, com toda a honestidade, não estou acreditando nessa história de que "ele não tentou nada".

— Vee, preciso ir. — Minha voz estava vacilante.

— Sei. Você quer desligar antes de me contar os detalhes do assunto principal.

— Não aconteceu nada durante o encontro, nem depois. Minha mãe nos encontrou na entrada.

— Fala sério!

— Acho que ela não gosta do Patch.

— Jura? — exclamou Vee. — Quem teria imaginado?

— Amanhã eu ligo para você, o.k.?

— Durma com os anjos, menina.

Sem chances, pensei.

Depois que desliguei o telefone, percorri o corredor até o escritório improvisado de mamãe e liguei o IBM, um calhambeque em forma de computador. O cômodo era pequeno, com teto inclinado, mais uma cumeeira do que propriamente um quarto. Uma janela suja com cortinas cor de laranja dos anos 1970 desbotadas contemplava o quintal. Eu não conseguia ficar ereta em 30% do cômodo. Nos 70% restantes, o alto da cabeça esbarrava nas vigas expostas. Havia uma única lâmpada nua pendurada. Dez minutos mais tarde, o computador conseguiu completar uma conexão

discada com a internet, e eu digitei “anjo asa cicatrizes” na barra de buscas do Google. Demorei um segundo antes de apertar a tecla *enter*, com medo. Se eu fosse adiante, precisava admitir que estava, na realidade, considerando a hipótese de Patch — bem — não ser humano.

Dei “enter” e cliquei no primeiro link antes que pudesse mudar de ideia.

ANJOS CAÍDOS: A VERDADE ATERRADORA

Quando o jardim do Éden foi criado, os anjos celestiais foram enviados para a Terra a fim de cuidar de Adão e Eva. Pouco depois, porém, alguns anjos puseram os olhos no mundo, além dos limites do jardim. Viram-se como os futuros governantes da população da Terra, desejando poder, dinheiro e até as mulheres humanas.

Juntos, tentaram e convenceram Eva a comer o fruto proibido, abrindo os portões que protegiam o Éden. Como punição para esse grave pecado e por terem abandonado suas obrigações, Deus tirou as asas desses anjos e os baniu eternamente para a Terra.

Rolei a tela para ler alguns parágrafos, o coração batendo desvairadamente.

Os anjos caídos são os mesmos espíritos perversos (ou demônios) que, segundo a Bíblia, tomam posse de corpos humanos. Vagam pela Terra procurando corpos humanos para molestar e controlar. Tentam os humanos a fazerem o mal ao comunicar pensamentos e imagens diretamente em suas mentes. Se um anjo caído tem sucesso em levar um humano a praticar o mal, ele pode entrar em seu corpo e influenciar suas ações e sua personalidade.

Um corpo humano, porém, só pode ser possuído por um anjo caído durante o mês do Cheshvan do calendário hebraico. Cheshvan, conhecido como “o mês amargo”, é o único mês sem qualquer feriado judaico ou jejum, o que o torna profano. Entre as luas nova e cheia do Cheshvan, hordas de anjos caídos invadem corpos de seres humanos.

Meu olhar permaneceu grudado no monitor por mais alguns minutos depois de concluir a leitura. Não pensava em nada. Nada. Só na complexidade das emoções que se agitavam dentro de mim. Espanto, pânico e pressentimentos sinistros entre elas.

Um arrepio involuntário me devolveu os sentidos. Lembrei-me das vezes em que estive convencida de que Patch havia rompido os limites da comunicação convencional e sussurrado diretamente na

minha cabeça, exatamente como estava escrito naquele artigo sobre anjos caídos. Comparando as informações com as cicatrizes de Patch, seria possível algo assim… Poderia Patch ser um anjo caído? Será que ele queria possuir o meu corpo?

Passei os olhos rapidamente no restante do artigo, diminuindo o ritmo quando li algo ainda mais bizarro.

> Anjos caídos que mantêm relações sexuais com humanas produzem filhos super-humanos denominados nefilins. A raça nefilim é perversa, degenerada e não deveria habitar a Terra. Embora muitos acreditem que o Grande Dilúvio dos tempos de Noé tivesse como objetivo limpar a Terra dos nefilins, não temos como saber se essa raça híbrida foi extinta ou se os anjos caídos continuam a se reproduzir com humanas desde então. Parece lógico que tenham continuado, o que significaria que a raça nefilim talvez permaneça na Terra até os dias de hoje.

Afastei-me da escrivaninha. Amontoei em uma pasta mental tudo que havia lido e arquivei. E pus um carimbo — ASSUSTADOR — fora da pasta. Eu não queria pensar naquilo no momento. Precisava examinar melhor mais tarde. Talvez.

O celular vibrou em meu bolso e me fez pular.

— Chegamos a decidir se o abacate é verde ou amarelo? — perguntou Vee. — Já preenchi a cota de frutas verdes do dia, mas se você me disser que o abacate é amarelo, estou dentro.

— Você acredita em super-heróis?

— Depois de ver Tobey Maguire em *Homem-Aranha*, sim. E então tem o Christian Bale. Mais velho, mas superatraente. Eu deixaria que ele me salvasse de espadachins ninjas.

— Estou falando sério.

— Eu também.

— Quando foi a última vez que você foi à igreja? — perguntei. Ouvi ela estourar uma bola de chiclete.

— No domingo.

— Você acha que a Bíblia é correta? Quer dizer, você acha que o que está ali é verdade?

— Acho que o pastor Calvin é gostoso. De um jeito quarentão. Isso meio que resume minhas convicções religiosas.

Depois de desligar, fui para o quarto e deslizei para debaixo das cobertas. Joguei um cobertor a mais na cama para afastar a súbita friagem. Não sabia se o quarto estava frio ou se aquela sensação gelada vinha de dentro de mim. Palavras assombrosas como “anjo caído”, “possessão humana” e “nefilim” embalaram meu sono.

CAPÍTULO
20

Rolei na cama a noite inteira. O vento batia nos campos abertos que circundavam o casarão, jogando detritos contra a janela. Acordei diversas vezes ao som de telhas arrancadas do telhado que rolavam até cair. Todos os pequenos barulhos, do bater das janelas ao rangido das molas da minha cama, faziam-me acordar assustada.

Por volta das seis horas, desisti. Arrastei-me para fora da cama e percorri o corredor em busca de um banho quente. Depois limpei o quarto — o guarda-roupa andava bem desfalcado e, de fato, enchi três vezes o cesto com roupas sujas. Estava subindo a escada com uma nova leva quando ouvi alguém batendo na porta da frente. Abri e encontrei Elliot postado na soleira.

Ele estava de jeans, camisa xadrez *vintage* com as mangas dobradas até o cotovelo, óculos escuros e um boné do Red Sox. Por fora, parecia ser um típico rapaz americano. Mas eu não me deixava enganar, e uma injeção de adrenalina era a confirmação.

— Nora Grey — disse Elliot em um tom condescendente. Ele se curvou e sorriu, e senti o bafo azedo de álcool no hálito dele. — Você vem me causando muitos problemas recentemente.

— O que está fazendo aqui?

Ele dirigiu o olhar por trás de mim, examinando a casa.

— O que você acha que estou fazendo? Quero conversar. Não posso entrar?

— Minha mãe está dormindo. Não quero acordá-la.

— Não conheci sua mãe.

Havia algo no seu jeito de falar que eriçou os pelos na minha nuca.

— Desculpe, você precisa de alguma coisa?

O sorriso era meio relaxado, meio de escárnio.

— Você não gosta de mim, não é, Nora Grey?

Em resposta, cruzei os braços sobre o peito.

Ele cambaleou um passo para trás com a mão apertada contra o coração.

— Puxa. Eu estou *aqui Nora*, em um último esforço para convencê-la de que sou um cara igual aos outros e que você pode confiar em mim. Não me desaponte.

— Escute, Elliot, tem uns assuntos que eu preciso…

Ele deu um soco na casa, batendo com os nós dos dedos contra a parede com força suficiente para soltar algumas lascas de tinta.

— Eu não acabei! — disse de forma ininteligível e em um tom agitado. De repente, ele jogou a cabeça para trás e riu suavemente. Curvou-se, colocou a mão ensanguentada entre os joelhos e gemeu. — Aposto dez dólares como vou me arrepender disso mais tarde.

A presença de Elliot me deixou arrepiada. Lembrei-me de alguns dias antes, quando realmente achava que ele era um sujeito bonito e charmoso. Fiquei pensando por que tinha sido tão idiota.

Estava considerando a hipótese de fechar a porta e trancá-la quando Elliot arrancou os óculos escuros, deixando à mostra olhos vermelhos. Pigarreou, e a voz veio clara.

— Vim aqui porque queria lhe contar que Jules anda sob muita pressão na escola. Provas, assuntos do grêmio, inscrições para bolsa, blá-blá-blá. Ele não está bem. Precisa se afastar por alguns dias. Nós quatro, Jules, eu, você e Vee, deveríamos acampar no feriadão. Partir amanhã para Powder Horn e voltar na terça à tarde. Isso vai dar a Jules a chance de relaxar. — Cada palavra que saía da sua boca parecia estranha e cuidadosamente ensaiada.

— Sinto muito, tenho outros planos.

— Deixe-me fazê-la mudar de ideia. Vou planejar toda a viagem. Arranjo as barracas, a comida. Vou mostrar a você que sou um sujeito legal. Vou fazer você se divertir.

— Acho que você deve ir embora.

Elliot apoiou a mão no batente da porta, inclinando-se na minha direção.

— Resposta errada.

Por um momento fugaz, o estupor embaçado de seus olhos desapareceu, coberto por algo perverso e sinistro. Involuntariamente, dei um passo para trás. Tinha quase certeza de que Elliot era capaz de matar. Tinha quase certeza de que era o culpado pela morte de Kjirsten.

— Saia ou eu chamarei um táxi — disse.

Elliot abriu a tela de proteção da porta com tanta força que ela bateu contra a parede. Agarrou a frente do meu roupão e me puxou para fora. Então me jogou contra a parede e me prendeu com seu corpo.

— Você vai acampar, querendo ou não.

— Me largue! — exclamei, tentando escapar dele.

— Ou o quê? O que você vai fazer?

Ele me segurou pelos ombros e me lançou de novo contra a casa; meus dentes rangeram.

— Vou chamar a polícia.

Não tinha ideia de como pude dizer aquilo com tanta coragem. Minha respiração estava rápida e curta, minhas mãos, úmidas.

— Você vai chamar a polícia gritando? Ninguém pode ouvi-la. A única maneira de escapar de mim é jurar que vai acampar.

— Nora?

Elliot e eu nos voltamos para a porta da frente, de onde vinha a voz de minha mãe. Elliot manteve as mãos sobre mim por mais um momento, em seguida fez um som de desagrado e me empurrou para longe. Na metade da descida dos degraus da varanda, ele olhou para trás.

— Isto ainda não acabou.

Corri para dentro e tranquei a porta. Meus olhos começaram a arder. Encostei na porta e me deixei cair, até ficar sentada no tapete da entrada, lutando para não chorar.

Minha mãe apareceu no alto da escada, amarrando o roupão na cintura.

— Nora? O que aconteceu? Quem estava na porta?

Pisquei para afastar as lágrimas apressadamente.

— Era um cara da escola. — Não consegui impedir que minha voz tremesse. — Ele… ele. — Eu já estava em uma bela encrenca por causa do encontro com Patch. Sabia que minha mãe planejava ir ao casamento da filha de um amigo do trabalho, mas se lhe dissesse o que Elliot tinha feito, não haveria jeito de ela querer ir. E era a última coisa que eu desejava, porque eu precisava dirigir até Portland e investigar Elliot. Mesmo a mínima prova incriminadora poderia ser o suficiente para levá-lo para trás das grades. E até que isso acontecesse, eu não me sentiria segura. Eu sentia que algo violento crescia dentro dele e não queria ver o que aconteceria se aquilo explodisse sem controle. — Ele queria as anotações que fiz sobre *Hamlet* — disse em tom inexpressivo. — Na semana passada, ele colou do meu questionário e aparentemente está tentando transformar isso em um hábito.

— Puxa, querida. — Ela sentou-se junto de mim, acariciando meu cabelo molhado, que havia ficado gelado desde o banho. — Posso entender por que você está tão perturbada. Posso ligar para os pais dele, se quiser.

Sacudi a cabeça em negativa.

— Então vou preparar o café da manhã — disse mamãe. — Termine de se vestir. Estará tudo pronto quando você descer.

Eu estava diante do armário quando o celular tocou.

— Você já está sabendo? Nós quatro vamos a-c-a-m-p-a-r no feriadão! — exclamou Vee, parecendo estranhamente animada.

— Vee — disse com a voz trêmula. — Elliot está planejando algo. Algo assustador. Ele só quer acampar para poder ficar sozinho conosco. Não vamos.

— O que você está querendo dizer? É uma piada, certo? Puxa, finalmente arranjamos algum programa interessante para fazer no feriadão e você diz que não? Você sabe que minha mãe nunca vai me deixar ir sozinha. Eu faço qualquer coisa. Juro. Faço seu dever

de casa durante uma semana. Qual é, Nora? Uma palavrinha. Diga. E a palavrinha começa com a letra S…

A mão que segurava o celular estremeceu. Usei a outra para ajudar a mantê-la firme.

— Elliot apareceu aqui em casa há 15 minutos, bêbado. Ele… ele me ameaçou fisicamente.

Ela ficou quieta por um momento.

— O que você quer dizer com “ameaçou fisicamente”?

— Ele me arrastou para fora de casa e me jogou contra a parede.

— Mas ele estava bêbado, não estava?

— E isso faz diferença? — retorqui.

— Bem, muita coisa aconteceu com ele. Você sabe, ele foi acusado injustamente de estar envolvido no suicídio de uma menina aí e foi obrigado a mudar de escola. Se ele tivesse machucado você, e, diga-se de passagem, não estou justificando o que ele fez, talvez precisasse apenas de… aconselhamento, sabe?

— *Se* ele tivesse me machucado?

— Ele estava mal. Talvez… talvez não soubesse o que estava fazendo. Amanhã vai estar se sentindo péssimo.

Abri e fechei a boca. Não podia acreditar que Vee estivesse do lado de Elliot.

— Preciso desligar — disse secamente. — Falo com você mais tarde.

— Posso ser completamente honesta, *baby*? Sei que você está preocupada com o cara da máscara de esquiador. Não me odeie, mas acho que a única razão para você se esforçar tanto para culpar Elliot é porque você não quer que seja o Patch. Está racionalizando tudo, e isso está me deixando assustada.

Fiquei sem palavras.

— Racionalizando? Patch não apareceu na minha casa esta manhã e me jogou contra a parede.

— Sabe do que mais? Eu não deveria ter tocado no assunto. Esquece, o.k.?

— Ótimo — eu disse em tom duro.

— Então… O que você vai fazer hoje?

Botei a cabeça para fora da porta, tentando ouvir minha mãe. O som do batedor de ovos em uma tigela vinha da cozinha. Parte de mim não via razão para contar qualquer outra coisa a Vee, mas outra parte estava ressentida e querendo briga. Ela queria saber quais eram meus planos? Muito bem. Não era problema meu se ela não gostasse deles.

— Vou dirigir até Portland assim que minha mãe sair para um casamento em Old Orchard Beach. — A cerimônia começava às quatro da tarde. Com a recepção depois, minha mãe não chegaria em casa antes das nove da noite. O que me dava tempo suficiente para passar o final da tarde em Portland e ainda chegar antes dela. — Para falar a verdade, eu estava pensando em pegar o Neon emprestado. Não quero que minha mãe veja a quilometragem do carro.

— Puxa, menina. Você vai espionar Elliot, não vai? Você vai xeretar em Kinghorn.

— Vou fazer umas comprinhas e jantar — disse, deslizando os cabides no suporte do armário.

Separei uma camiseta de mangas compridas e um gorro de listas cor-de-rosa e brancas que eu reservava para os dias em que o cabelo estava ruim e para os fins de semana.

— E jantar inclui uma parada em certo restaurante que fica a apenas alguns quarteirões de Kinghorn Prep? Um restaurante onde aquela Kjirsten-não-sei-dequê costumava trabalhar?

— Não é uma ideia ruim — disse. — Talvez.

— E você vai mesmo comer ou apenas interrogar os funcionários?

— Talvez eu faça algumas perguntas. Você me empresta ou não o Neon?

— Claro — disse ela. — Para que servem as melhores amigas? Vou até junto com você nessa roubada. Mas primeiro você precisa prometer que vai acampar.

— Esqueça. Vou de ônibus.

— Mais tarde falamos sobre o feriadão! — Vee exclamou antes que eu pudesse desligar.

***

Eu já havia estado em Portland em muitas ocasiões, mas não conhecia a cidade muito bem. Saltei do ônibus armada com celular, mapa e minha bússola interna. Os prédios eram de tijolos vermelhos, altos e estreitos, e bloqueavam a luz do pôr do sol, que reluzia atrás de um espesso grupo de nuvens de tempestade, vestindo as ruas com um véu de sombras. A fachada das lojas tinha varandas e placas antigas sobre as portas. As ruas eram iluminadas por luminárias que lembravam chapéus de bruxa negros. Depois de alguns quarteirões, as ruas congestionadas se abriram para uma área arborizada, e vi uma placa sinalizando Kinghorn Prep. Uma catedral, um campanário e a torre do relógio emergiam sobre a copa das árvores.

Fiquei na calçada e dobrei a esquina para pegar a 32nd Street. O cais estava a apenas alguns quarteirões. Vislumbrei barcos passando por trás das lojas enquanto se aproximavam do porto. Depois de descer metade da rua, vi uma placa do restaurante Blind Joe's. Tirei a lista de perguntas da bolsa e as li pela última vez. Não era para parecer que eu estava fazendo uma entrevista oficial. Esperava que ao mencionar casualmente o assunto "Kjirsten" para os funcionários, pudesse extrair deles alguma informação que um punhado de repórteres antes de mim deixara passar. Joguei a lista na lixeira mais próxima, torcendo para ter guardado todas as perguntas na memória.

Um sino soou quando eu entrei.

O chão era de cerâmica amarela e branca. Havia mesas em reservados com estofados azul-marinho e retratos do porto pendurados na parede. Sentei-me em um reservado perto da porta e tirei o casaco.

Uma garçonete com avental branco manchado apareceu ao meu lado.

— Meu nome é Whitney — disse em tom azedo. — Bem-vinda ao Blind Joe's. O especial do dia é o sanduíche de atum. A sopa do dia é o creme de lagosta. — A caneta estava pousada no bloco, esperando o pedido.

— Blind Joe's? — Franzi a testa e cutuquei o queixo. — Por que o nome me soa *tão* familiar?

— Você não lê jornal? Estivemos nos noticiários por uma semana inteira no mês passado. Os tais quinze minutos.

— Puxa! — exclamei, como se tivesse entendido tudo subitamente. — Eu lembro. Houve um assassinato, não foi? A garota trabalhava aqui?

— Kjirsten Halverson. — Ela tamborilou com a caneta, sem paciência. — Quer que eu traga logo uma tigela de sopa para começar?

Eu não queria tomar creme de lagosta. Para falar a verdade, não estava com fome.

— Deve ter sido difícil. Vocês duas eram amigas?

— Caramba, não. Vai fazer o pedido ou não vai? Vou lhe contar um segredinho. Se eu não trabalho, não ganho. Se eu não ganho, não pago o aluguel.

Subitamente, desejei que o garçom que estava do outro lado do salão me atendesse. Ele era baixo, careca até a linha das orelhas e com um corpo que lembrava os palitos de dente no paliteiro na ponta da mesa. Os olhos nunca se elevavam a mais de um metro do chão. Por mais patético que pudesse parecer depois, bastaria um sorriso simpático meu para fazer com que ele me contasse tudo sobre a vida de Kjirsten.

— Sinto muito — disse para Whitney. — Não consigo parar de pensar naquele assassinato. Claro que vocês já estão cansados disso. Devem ter aparecido muitos repórteres fazendo perguntas.

Ela me lançou um olhar penetrante.

— Vai precisar de mais alguns minutos para examinar o menu?

— Pessoalmente, acho que repórteres são irritantes.

Ela se curvou, apoiando uma das mãos no tampo da mesa.

— Acho irritantes fregueses que demoram demais a decidir.

Soltei um suspiro silencioso e abri o menu.

— O que você recomenda?

— Tudo é bom. Pergunte ao meu namorado. — Ela deu um sorriso tenso. — Ele é o cozinheiro.

— E por falar em namorados… a Kjirsten tinha namorado? — *Aproveitei bem a deixa*, pensei comigo mesma.

— Diga o que você quer — ordenou Whitney. — Você é da polícia? É advogada? Repórter?

— Apenas uma cidadã preocupada. — A frase pareceu uma pergunta.

— Certo, muito bem. Vou dizer uma coisa. Peça um milk-shake, batatas fritas, hambúrguer grande, uma tigela de sopa e me dê uma gorjeta de 25%. Aí eu conto para você o que eu falei para todo mundo.

Avaliei minhas opções: mesada ou respostas.

— Fechado.

— Kjirsten começou a andar com aquele garoto, Elliot Saunders. Aquele dos jornais. Ele estava aqui o tempo inteiro. Acompanhava ela de volta para o apartamento no final do turno.

— Você chegou a falar com Elliot?

— Eu não.

— Acha que Kjirsten cometeu suicídio?

— Como vou saber?

— Li no jornal que encontraram um bilhete no apartamento dela, mas também havia sinais de arrombamento.

— E daí?

— Você não acha isso um pouco… estranho?

— Se você quer saber se eu acho que Elliot poderia ter deixado o bilhete no apartamento, é claro que eu acho. Um garoto rico daqueles pode se livrar de qualquer coisa. Provavelmente contratou

alguém para deixar o bilhete lá. É como funciona quando se tem dinheiro.

— Não acho que Elliot tenha muito dinheiro. — Minha impressão sempre foi de que Jules era o rico. Vee nunca parava de delirar com a casa dele. — Acho que ele estudava em Kinghorn Prep como bolsista.

— Bolsista? — ela repetiu com um rosnado. — O que você andou bebendo? Se Elliot não fosse montado na grana, como ele teria comprado o apartamento para Kjirsten? Responda.

Lutei para não demonstrar surpresa.

— Ele comprou um *apartamento* para ela?

— Kjirsten não parava de falar naquilo e me deixava louca.

— Por que ele compraria um apartamento para ela?

Whitney me encarou, com as mãos nos quadris.

— Diga para mim que você não é burra de verdade.

Ah. Privacidade. Intimidade. Captei.

Eu falei:

— Você sabe por que Elliot saiu de Kinghorn?

— Não sabia disso.

Examinei mentalmente as respostas dela e as perguntas que ainda queria fazer, tentando recuperá-las na memória.

— Ele encontrou amigos aqui? Alguma pessoa além de Kjirsten?

— Como posso me lembrar disso? — Revirou os olhos. — Pareço uma daquelas pessoas com memória fotográfica?

— Um cara bem alto? Alto *mesmo*. Cabelo comprido, louro, boa pinta, roupas sob medida.

Ela roeu uma unha quebrada com os dentes da frente e deixou que caísse dentro do bolso do avental.

— Sim, eu me lembro desse cara. Difícil de esquecer. Todo mal-humorado e silencioso. Veio uma ou duas vezes. Foi há pouco tempo. Talvez na época em que Kjirsten morreu. Lembro porque estávamos servindo sanduíches de carne-seca para comemorar o dia de São Patrício e não consegui convencê-lo a pedir um. Só ficou olhando feio para mim, como se fosse atravessar a mesa e cortar

minha garganta se eu continuasse ali lendo a lista dos pratos do dia. Mas *acho* que me lembro de um papo entre eles. Não é que eu seja enxerida, mas tenho ouvidos. Às vezes a gente não consegue deixar de ouvir as conversas. Da última vez que o cara alto veio aqui com Elliot, eles ficaram curvados sobre uma mesa, falando de uma prova.

— Uma prova da escola?

— Como vou saber? Pelo que parecia, o cara alto não tinha passado numa prova, e Elliot não estava feliz com isso. Jogou a cadeira para o lado e saiu batendo a porta. Nem terminou de comer o sanduíche.

— Eles mencionaram Kjirsten?

— O cara alto entrou primeiro e perguntou se Kjirsten estava trabalhando. Eu disse que não estava e ele pegou o celular. Dez minutos depois, Elliot entrou. Kjirsten sempre atendia a mesa de Elliot, mas, como eu disse, ela não estava trabalhando, então fiquei com a mesa deles. Se falaram sobre Kjirsten, eu não ouvi. Mas me pareceu que o cara alto não a queria por perto.

— Você se lembra de mais algum detalhe?

— Depende. Você vai pedir sobremesa?

— Acho que vou querer uma fatia de torta.

— Torta? Eu estou lhe dando cinco minutos de meu precioso tempo e tudo o que você pede é torta. Acha que eu não tenho nada melhor para fazer do que jogar conversa fora com você?

Olhei o salão em volta. Estava vazio. Eu era a única cliente além de um homem debruçado sobre um jornal no balcão.

— Tudo bem… — Examinei o menu.

— Você vai querer um refresco de framboesa para acompanhar a torta. — Ela rabiscou no bloco. — E café para arrematar a refeição. — Mais rabiscos. — Não posso esperar a hora de somar a gorjeta a este valor. — Ela me alfinetou com um sorriso presunçoso, guardou o bloco no avental e rebolou de volta para a cozinha.

CAPÍTULO
21

Lá fora, o clima havia mudado e agora estava frio e chuvoso. Os postes emitiam uma luz pálida e lúgubre que não fazia muito efeito diante da neblina espessa que tomava conta das ruas. Saí correndo do Blind Joe's, feliz por ter consultado a previsão do tempo mais cedo e carregado o guarda-chuva. Enquanto passava diante da vitrine das lojas, vi multidões reunidas nos bares.

Eu estava a alguns quarteirões do ponto de ônibus quando aquela sensação gelada desceu pela minha nuca. Havia sentido aquilo na noite em que tive certeza de que alguém ficara espionando pela minha janela, no Delphic Seaport e novamente antes de Vee sair da Victoria's Secret usando meu casaco. Abaixei-me, fingindo amarrar os sapatos e observei à minha volta disfarçadamente. As calçadas dos dois lados da rua estavam vazias.

O sinal de pedestres abriu, e atravessei a rua. Andando mais rápido, coloquei a bolsa debaixo do braço e torci para que o ônibus não atrasasse. Cortei caminho por um beco atrás de um bar, passei por um punhado de fumantes e saí na outra rua. Andando rápido rua acima, entrei em outro beco e dei a volta no quarteirão. Verificava se estava sendo seguida a cada segundo.

Ouvi o ronco do ônibus, e logo em seguida ele virou a esquina, aparecendo no meio da neblina. Diminuiu a velocidade até se aproximar da calçada e eu entrei, rumo à minha casa. Eu era a única passageira.

Depois de escolher um assento algumas fileiras atrás do motorista, escorreguei no banco para não ser vista. Ele puxou a alavanca para fechar a porta e o ônibus ganhou a rua. Eu estava a ponto de soltar um suspiro de alívio quando recebi uma mensagem de texto de Vee.

ONDE VC TÁ?

PORTLAND, respondi. E VC?

EU TB. FESTA COM JULES E ELLIOT. VAMOS NOS ENCONTRAR.

O Q VC ESTÁ FAZENDO EM PORTLAND?!

Não esperei pela resposta. Liguei. Falar era mais rápido. E era urgente.

— Bem? O que me diz? — perguntou Vee. — Está com disposição de encarar uma festa?

— Sua mãe sabe que você está em uma festa em Portland com dois caras?

— Você está começando a parecer neurótica, querida.

— Não posso acreditar que você veio para Portland com Elliot! — Um pensamento desanimador me passou pela cabeça. — Ele sabe que você está comigo ao telefone?

— Para poder ir até aí matar você? Não, sinto muito. Ele e Jules foram correndo pegar alguma coisa em Kinghorn. Estou sozinha, relaxando. Bem que eu precisava de uma acompanhante. Ei! — Vee gritou ao fundo — Tire as mãos daí? T-i-r-e. Nora? Não estou exatamente no melhor lugar da cidade. O tempo urge.

— Onde você está?

— Peraí… Tudo bem, o prédio do outro lado da rua tem o número um-sete-dois-sete. A rua é Highsmith, tenho quase certeza.

— Chegarei aí o mais rápido possível. Mas não vou ficar. Vou para casa e você vai comigo. Pare o ônibus! — gritei para o motorista.

Ele pisou no freio. Fui jogada contra o assento à minha frente.

— Você poderia me dizer como chego à Highsmith? — perguntei assim que cheguei ao final do corredor.

Ele apontou para fora da janela do lado direito do ônibus.

— É a oeste daqui. Você planeja ir a pé? — Ele me examinou dos pés à cabeça. — Pois preciso lhe avisar. É um bairro complicado.

Que ótimo.

Andei apenas alguns quarteirões antes de constatar que o motorista de ônibus fizera bem em me avisar. A paisagem mudou

drasticamente. As fachadas curiosas deram lugar a prédios com pichações das gangues desenhadas a tinta spray. As vitrines eram escuras, com grades de ferro. As calçadas eram caminhos desoladores que se estendiam através da neblina.

Um som arrastado, chacoalhante, atravessou a névoa. Uma mulher empurrando um carrinho repleto de sacos de lixo apareceu à vista. Os olhos eram como passas, pequeninos, reluzentes e escuros, e estreitaram-se enquanto se aproximavam de mim numa avaliação quase predatória.

— O que temos aqui? — exclamou ela, deixando à mostra a gengiva sem dentes. Dei um discreto passo para trás e apertei a bolsa contra mim.

— Parece um casaco, luvas e um gorro de lã bem bonito — disse ela. — Sempre quis para mim um gorro de lã bem bonito. — Ela pronunciava *bu-ni-tu.*

— Olá — falei, limpando a garganta e tentando parecer amigável. — A senhora poderia me dizer se falta muito para chegar à Highsmith Street?

Ela gargalhou.

— O motorista de ônibus disse que eu deveria seguir nesta direção — disse com menos segurança.

— Ele disse que a Highsmith é por aqui — falou, parecendo irritada. — Sei o caminho para a Highsmith, e não é esse.

Esperei, mas ela não continuou.

— A senhora poderia me dizer como chego? — perguntei.

— Sei como chegar. — Ela tamborilou a cabeça com um dedo que lembrava muito um galho torto e cheio de nós. — Sei de tudo por aqui, eu sei.

— Qual é o caminho? — Tentei encorajá-la a explicar.

— Mas não posso lhe contar de graça — falou em um tom de reprovação. — Tem um preço. Uma moça precisa ganhar seu dinheiro. Ninguém nunca lhe disse que nada na vida é de graça?

— Não tenho dinheiro.

Pelo menos não tinha muito. Só o suficiente para a passagem de volta para casa.

— Você tem um bom casaco, bem quentinho.

Olhei para meu casaco acolchoado. Um vento gelado eriçou meu cabelo e a ideia de despir o agasalho me fez sentir calafrios nos braços.

— Acabei de ganhar o casaco no Natal.

— Meu traseiro está congelando aqui — retrucou. — Você quer saber o caminho ou não quer?

Não podia acreditar que estava ali. Não podia acreditar que estava negociando meu casaco com uma sem-teto. Vee estava tão em débito comigo que talvez nunca conseguisse me compensar.

Tirei o casaco e observei a mulher se vestir e fechar o zíper.

Minha respiração parecia fumaça. Abracei a mim mesma e bati os pés para conservar o calor corporal.

— Agora a senhora pode me dizer, por favor, qual é o caminho para a Highsmith?

— Você quer o caminho curto ou o comprido?

— O c-curto — disse com a voz entrecortada.

— Também vai custar. O caminho curto tem um preço adicional. Como disse, sempre quis ter um gorro de lã bem bonito.

Tirei o gorro cor-de-rosa e branco da cabeça.

— Highsmith? — perguntei, tentando manter o tom amigável enquanto eu o entregava.

— Você está vendo aquele beco? — disse ela, apontando atrás de mim. O beco estava a meio quarteirão de distância. — Você atravessa e do outro lado está Highsmith.

— É só isso? — disse com incredulidade. — Um quarteirão?

— A boa notícia é que você precisa andar pouco. A má notícia é que com um tempo desses nada vai parecer perto. Claro, agora estou bem quentinha com um casaco e um gorro bem bonitos. Dê as luvas para mim e eu acompanho você.

Olhei as luvas. Pelo menos as mãos estavam quentes.

— Eu me viro.

Ela deu de ombros e continuou a empurrar o carrinho até a próxima esquina, onde ficou parada, apoiada em uma parede de tijolos.

O beco estava escuro e entulhado com lixeiras, caixas de papelão manchadas e uma protuberância não identificável que poderia ser um aquecedor de água descartado. Também poderia facilmente ser um tapete enrolando um cadáver. Uma cerca alta de malha de aço acompanhava metade do caminho. Em um dia bom eu mal conseguiria escalar uma cerca de um metro de altura, quanto mais uma de três metros. Prédios de tijolos me ladeavam. Todas as janelas estavam sujas, oleosas, e eram gradeadas.

Pisando em caixotes e sacos de lixo, abri caminho pelo beco. Meus sapatos esmagavam cacos de vidro. Uma mancha branca correu entre as minhas pernas, deixando-me sem fôlego. Um gato. Só um gato. Ele desapareceu na escuridão à frente.

Procurei o celular no bolso, para mandar uma mensagem de texto para Vee, dizendo que eu estava próxima e que era para esperar por mim. Lembrei que tinha deixado o telefone no bolso do casaco. *Que ótimo!*, pensei. *Quais as chances de a mulher dos sacos de lixo me devolver o telefone?* Para ser precisa: de praticamente nenhuma a nenhuma.

Decidi que deveria tentar e, ao me virar, vi um sedã preto polido passar em velocidade diante da entrada do beco. Subitamente o brilho avermelhado das luzes dos freios se acendeu.

Por razões que eu não poderia explicar além de uma simples intuição, mergulhei nas sombras.

Uma porta de carro se abriu e ouvi o barulho de tiros. Dois. A porta bateu e o carro preto saiu cantando pneus. Podia ouvir o coração martelando dentro do meu peito, som que se fundiu com o de passos apressados. Percebi um momento depois que eram meus próprios passos e que eu corria até a entrada do beco. Virei a esquina e parei abruptamente.

O corpo da mulher dos sacos de lixo estava desmoronado na calçada. Corri e caí de joelhos ao seu lado.

— Você está bem? — disse freneticamente, virando seu corpo.

A boca estava aberta, e os olhos de passa, vazios. Um líquido escuro escorria do casaco acolchoado que eu usava três minutos antes.

Senti uma ânsia de pular para trás, mas me obriguei a procurar dentro do bolso do casaco. Precisava pedir ajuda. Mas o celular não estava ali.

Havia uma cabine telefônica na esquina, do outro lado da rua. Corri e disquei 911. Enquanto esperava que a telefonista atendesse, olhei de volta para o corpo da mulher dos sacos de lixo, e foi naquele momento que senti uma injeção de adrenalina gelada me atravessando. O corpo havia desaparecido.

Com as mãos trêmulas, desliguei. O som de passos que se aproximavam ecoou em meus ouvidos, mas não podia dizer se estavam perto ou distantes.

Toc, toc, toc

Ele está aqui, pensei. *O cara da máscara de esquiador.*

Joguei umas moedas no aparelho e agarrei o fone com as duas mãos. Tentei me lembrar do número do celular de Patch. Fechando os olhos com força, visualizei os sete algarismos que ele escrevera com tinta vermelha em minha mão no dia em que nos conhecemos. Antes de duvidar da minha própria memória, disquei o número.

— O que houve? — disse Patch.

Quase solucei ao ouvir o som de sua voz. Eu podia ouvir o estalar das bolas de sinuca colidindo na mesa, ao fundo, e sabia que ele estava no Fliperama do Bo. Ele poderia estar ali em quinze, talvez vinte minutos.

— Sou eu. — Não ousava falar mais alto do que um sussurro.

— Nora?

— Estou em P-Portland. Na esquina das ruas Hempshire e Nantucket. Você pode vir me pegar? É urgente.

***

Eu estava encolhida no chão da cabine telefônica, contando silenciosamente até cem, tentando permanecer calma, quando um Jeep Commander preto se aproximou lentamente da calçada. Patch abriu a porta da cabine e agachou-se.

Ele despiu o que usava por cima — uma camisa preta de mangas compridas —, ficando com outra também preta. Colocou a gola da camiseta sobre minha cabeça e um momento depois enfiou meus braços nas mangas. A camisa me engolia, as mangas penduradas bem abaixo da ponta dos meus dedos. Senti a combinação dos cheiros de tabaco, de água salgada e de sabonete de hortelã. Algo naquela mistura preenchia com um sentimento de segurança os vazios que eu carregava dentro de mim.

— Vou levá-la até o carro — disse Patch.

Ele me levantou. Envolvi o pescoço dele com meus braços e escondi meu rosto em seu peito.

— Acho que vou vomitar. — As palavras soavam vacilantes, assim como Patch.

— Preciso dos comprimidos de ferro.

— Psiu — disse ele, apertando-me contra si. — Tudo vai ficar bem. Estou aqui. Consegui dar um pequeno aceno com a cabeça.

— Vamos dar o fora daqui.

Outro aceno.

— Precisamos encontrar Vee — falei. — Ela está em uma festa a um quarteirão daqui.

Enquanto Patch dobrava a esquina com o Jeep, ouvi o som dos meus dentes batendo dentro da boca. Nunca na vida estivera tão assustada. Ver a mulher sem-teto morta me fez pensar no meu pai. Minha vista estava tingida de vermelho e, por mais que eu tentasse, não conseguia eliminar a imagem do sangue.

— Você estava no meio de um jogo de sinuca? — perguntei, lembrando do som das bolas colidindo ao fundo durante nossa breve conversa telefônica.

— Eu estava ganhando um apartamento em um condomínio.

— Um apartamento?

— Em um daqueles condomínios elegantes no lago. Eu teria odiado o lugar. Estamos na Highsmith. Você tem o número?

— Não consigo me lembrar — disse, erguendo-me para poder olhar melhor pelas janelas.

Todos os prédios pareciam abandonados. Não havia sinal de festa. Não havia sinal de vida. Ponto final.

— Você está com o celular? — perguntei a ele.

Ele tirou um Blackberry do bolso.

— A bateria está fraca. Não sei se você vai conseguir completar a chamada. Mandei uma mensagem de texto para Vee. ONDE ESTÁ VC?

MUDANÇA DE PLANOS, ela respondeu. ACHO Q J E E NÃO CONSEGUIRAM ENCONTRAR O Q PROCURAVAM. VAMOS PARA CASA.

A tela ficou negra.

— Apagou — disse para Patch. — Você tem um carregador?

— Não está comigo.

— Vee está voltando para Coldwater. Você poderia me deixar na casa dela?

Minutos depois estávamos na estrada costeira, dirigindo bem ao lado de um penhasco sobre o oceano. Eu já havia passado por ali antes, e quando o sol batia na água o resultado era um azul meio acinzentado, com manchas verde-escuras onde as árvores refletiam. Era noite, e o oceano parecia um veneno negro e liso.

— Você vai me contar o que aconteceu? — perguntou Patch.

O júri ainda não havia decidido o veredito. Eu não tinha certeza se deveria contar algo para Patch. Eu poderia dizer que a mulher dos sacos de lixo tinha levado tiros logo depois de ter me feito dar a ela meu casaco. Eu poderia dizer que achava que a bala era para mim. Então poderia tentar explicar que o corpo da mulher dos sacos havia desaparecido misteriosamente.

Lembrei-me do olhar enfurecido do detetive Basso quando lhe disse que alguém entrara em meu quarto. Eu não estava com vontade de ganhar olhares nem de me tornar motivo de piada novamente. Não com Patch. Não naquele momento.

— Eu me perdi e a mulher dos sacos me encurralou — disse eu. — Ela me fez tirar o casaco… — Sequei o nariz com as costas da mão e funguei. — Também ficou com meu gorro.

— O que você estava fazendo ali? — perguntou Patch.

— Ia encontrar com Vee em uma festa.

Estávamos na metade do caminho entre Portland e Coldwater, em um pedaço de estrada coberto de vegetação e despovoado, quando subitamente uma fumaça vazou do capô do Jeep. Patch freou, parando o carro na beira da estrada.

— Fique aí — disse ele, saindo do carro.

Abrindo o capô do Jeep, ele desapareceu de vista.

Um minuto depois, ele fechou o capô. Esfregando as mãos nas calças, aproximou-se de minha janela, gesticulando para que eu a abrisse.

— Más notícias. É o motor.

Tentei parecer bem-informada e inteligente, mas tinha a impressão de que minha expressão estava vazia.

Patch ergueu a sobrancelha e disse:

— Que descanse em paz.

— Não vai andar?

— Só se a gente empurrá-lo.

De todos os carros do mundo, ele tinha de ganhar um carro bichado.

— Onde está o seu celular? — perguntou.

— Eu perdi.

Ele abriu um sorriso.

— Deixe eu adivinhar. Estava no bolso do casaco. A mulher dos sacos de lixo se deu bem, não foi?

Ele examinou o horizonte.

— Duas opções. Podemos pegar uma carona ou andar até a próxima saída e encontrar um telefone.

Saltei do carro, batendo com força a porta atrás de mim. Chutei o pneu dianteiro do Jeep. Sabia que estava usando a raiva para

mascarar o medo que sentira naquele dia. Logo que estivesse completamente sozinha, cairia em prantos.

— Acho que tem um motel na próxima saída. Vou ch-chamar um táxi — eu disse com os dentes batendo mais forte. — V-v-você espera aqui com o Jeep.

Ele abriu um leve sorriso, mas não parecia estar se divertindo.

— Não vou deixar você sozinha. Está parecendo um pouco perturbada, Anjo. Vamos juntos.

Cruzando os braços, encarei ele de frente. De tênis, meus olhos ficavam na altura dos ombros dele. Fui obrigada a inclinar o pescoço para trás para olhá-lo nos olhos.

— Não vou a nenhum lugar que lembre um motel com você.

Era melhor parecer firme, para diminuir a probabilidade de mudar de ideia.

— Você acha que a combinação de nós dois e um motel sórdido seria perigosa?

— Para falar a verdade, acho.

Patch se apoiou no Jeep.

— Podemos ficar aqui e discutir o assunto. — Ele estreitou os olhos na direção do céu turbulento. — Mas essa tempestade está prestes a ganhar mais força.

Como se a Mãe Natureza quisesse dar sua contribuição para o veredito, o céu se abriu, e uma combinação densa de chuva e neve começou a desabar.

Lancei o olhar mais frio que pude para Patch e dei um suspiro zangado.

Como sempre, ele tinha razão.

CAPÍTULO
22

Vinte minutos depois, Patch e eu encharcávamos a entrada de um motel barato. Não dissera uma palavra a ele enquanto corríamos no meio da chuva gelada, nem agora. Eu não estava apenas empapada, mas também completamente… desesperada. A chuva desabava, e eu não acreditava que logo estaríamos de volta ao Jeep. O que fazia com que eu, Patch e um motel estivéssemos na mesma equação por tempo indeterminado.

Uma campainha soou quando entramos, e o recepcionista ergueu-se abruptamente, espanando farelos de Cheetos do colo.

— O que vai ser? — perguntou, lambendo os dedos para retirar as manchas laranja. — Só vocês dois?

— P-p-precisamos usar o telefone — disse, batendo os dentes, esperando que ele pudesse compreender meu pedido.

— Não vai dar. As linhas estão mudas. Culpa da tempestade.

— O que v-você quer dizer com as linhas estão m-mudas? Você tem um celular? O funcionário olhou para Patch.

— Ela quer um quarto para não fumantes — disse Patch.

Virei para encarar Patch, dizendo silenciosamente: *Você está ficando maluco?* O homem bateu em algumas teclas do computador.

— Parece que nós temos… Esperem aí… Bingo! Um quarto com cama *king size* para não fumantes.

— Ficamos com ele — disse Patch.

Ele me olhou de esguelha, e os cantos de sua boca se ergueram. Apertei os olhos.

Foi então que as luzes do teto se apagaram, mergulhando o saguão na escuridão. Ficamos todos em silêncio por um momento, até que o recepcionista tateou à volta e ligou uma lanterna enorme.

— Sou escoteiro — disse ele. — Como nos bons tempos: “Sempre alerta.”

— Então você d-d-deve ter um celular? — indaguei.

— Eu tinha. Até que não consegui mais pagar a conta. — Ele deu de ombros. — O que eu posso dizer? Mamãe é pão-duro.

A *mãe?* Ele devia ter uns 40 anos. Não que fosse da minha conta. Eu estava mais preocupada com o que *minha* mãe faria quando chegasse do casamento e descobrisse que eu não estava em casa.

— Como vão pagar? — perguntou o recepcionista.

— Em dinheiro — respondeu Patch.

O recepcionista deu uma risadinha, balançando com a cabeça para cima e para baixo.

— Costuma ser uma forma popular de pagamento por aqui. — Ele se curvou para a frente e falou em um tom confidencial. — Nós recebemos muita gente que não quer deixar rastros de suas atividades extracurriculares. Vocês me entendem.

A metade do meu cérebro que era lógica me dizia que eu não podia estar sequer considerando a possibilidade de passar a noite em um motel com Patch.

— É uma loucura — sussurrei para Patch.

— Eu sou louco. — Ele estava a ponto de sorrir novamente. — Por você. Quanto quer pela lanterna? — perguntou ao recepcionista.

O homem procurou algo embaixo da escrivaninha.

— Tenho uma coisa ainda melhor: velas tamanho gigante — disse ele, colocando duas na nossa frente. Riscando um fósforo, ele acendeu uma delas. — São de graça, não vão custar nada. Coloquem uma no banheiro e outra no quarto e nem vão perceber a diferença. Vou até deixar com vocês uma caixa de fósforos. No mínimo, será uma boa lembrancinha.

— Obrigado — disse Patch, pegando meu cotovelo e me levando pelo corredor.

No quarto 106, Patch trancou a porta atrás de nós. Colocou a vela na mesa de cabeceira e então acendeu a outra com ela. Levantando o boné de beisebol, ele sacudiu as pontas do cabelo como se fosse um cachorro molhado.

— Você precisa de um banho quente — falou. Deu alguns passos para trás e pôs a cabeça dentro do banheiro. — Parece que tem sabonete e duas toalhas.

Ergui ligeiramente o queixo.

— Você não p-pode me obrigar a ficar aqui.

Só tinha concordado em ir tão longe porque, em primeiro lugar, não queria ficar lá fora na enxurrada. E, em segundo lugar, tinha muita esperança de encontrar um telefone.

— Isso me pareceu mais uma pergunta do que uma afirmação — disse Patch.

— Então resp-p-onda.

O sorriso vadio insinuou-se.

— É difícil me concentrar nas respostas quando você está desse jeito.

Baixei o olhar e vi a camiseta preta de Patch molhada e grudada em meu corpo.

Esbarrei nele e fechei a porta do banheiro entre nós dois.

Abri a torneira de água quente até estar quase escaldante e tirei a camisa de Patch e minhas roupas. Um fio de cabelo negro e comprido estava preso na parede do chuveiro. Usei papel higiênico para capturá-lo e jogá-lo na privada. Então entrei atrás da cortina do chuveiro, observando minha pele ficar vermelha com o calor.

Passando sabonete nos músculos do pescoço e dos ombros, disse a mim mesma que poderia muito bem dormir no mesmo quarto que Patch. Não era o arranjo mais inteligente, nem o mais seguro, mas eu cuidaria pessoalmente para que nada acontecesse. Além disso, eu não tinha escolha… certo?

A metade imprudente do meu cérebro riu de mim. Eu sabia o que estava pensando. Anteriormente, eu me sentira atraída por Patch como se houvesse um misterioso campo de força entre nós. Agora

eu me sentia atraída por algo completamente diferente. Alguma sensação que causava muito calor. Seria inevitável um contato naquela noite. Em uma escala de um a dez, aquilo era um oito no quesito medo. E um nove no quesito excitação.

Fechei a água, saí do chuveiro e enxuguei a pele. Bastou uma olhada em minhas roupas ensopadas para saber que não tinha vontade de vesti-las. Talvez houvesse ali uma secadora de roupas que funcionasse com moedas… uma que não necessitasse de energia elétrica. Suspirei e vesti a blusa e as calcinhas, peças que haviam sobrevivido melhor à tempestade.

— Patch? — sussurrei pela porta.

— Acabou?

— Apague a vela.

— Feito — sussurrou em resposta, pela porta.

A risada dele também parecia tão suave que poderia ter sido sussurrada.

Depois de apagar a vela do banheiro, saí e encontrei a escuridão total. Podia ouvir a respiração de Patch bem diante de mim. Não queria pensar no que ele estava — ou não estava — vestindo. Sacudi a cabeça para afastar a imagem que se formava na minha mente.

— Minhas roupas estão ensopadas. Não tenho nada para vestir — eu disse.

Ouvi o som de tecidos molhados deslizando do corpo dele como se fossem um rodo.

— Sou um cara de sorte.

A camisa aterrissou formando uma pilha úmida aos nossos pés.

— Que situação embaraçosa — reclamei.

Eu podia *sentir* o sorriso dele. Ele estava perto, perto demais.

— Você deveria tomar um banho — exclamei. — Agora.

— Estou cheirando tão mal?

Para falar a verdade, ele cheirava *bem* demais. O odor de tabaco havia desaparecido; o de hortelã parecia mais intenso.

Patch desapareceu no banheiro. Tornou a acender a vela e manteve a porta encostada, deixando uma réstia de luz se espalhar pelo chão até a parede.

Deslizei parede abaixo, até estar sentada no chão, e então apoiei a cabeça contra a parede. Honestamente, eu não podia passar a noite ali. Precisava ir para casa. Era errado ficar ali sozinha com Patch, por mais que eu jurasse ser prudente. Eu devia notificar a polícia a respeito do corpo da mulher dos sacos de lixo. Devia mesmo? Como eu faria isso, com o corpo desaparecido? Que loucura! E era essa direção aterradora que meus pensamentos começavam a tomar, de qualquer forma.

Sem querer insistir na ideia de loucura, concentrei-me no ponto original. Eu não podia ficar ali sabendo que Vee estava com Elliot, em perigo, enquanto eu continuava em segurança.

Depois de pensar por um momento, decidi que precisava reorganizar aquela opinião. Segurança era uma questão de ponto de vista. Enquanto Patch estivesse por perto, eu estava longe do perigo, mas isso não queria dizer que eu achasse que ele agiria como se fosse meu anjo da guarda.

Naquele momento desejei não ter me lembrado daquela história de anjo da guarda. Recorri ao meu poder de persuasão e bani todos os pensamentos sobre anjos — da guarda, caídos e de todos os tipos — da minha cabeça. Disse para mim mesma que provavelmente *estava* mesmo ficando maluca. Que eu soubesse, tivera alucinações sobre a morte da mulher dos sacos. E alucinações sobre as cicatrizes de Patch.

A água parou de cair, e um momento depois Patch apareceu vestindo apenas a calça jeans ensopada, que pendia bem abaixo da linha da cintura. Deixou a vela do banheiro acesa e a porta aberta. Uma cor suave cintilava no quarto.

Bastou uma olhada para eu perceber que Patch passava muitas horas correndo e levantando pesos. Não era possível ter um corpo tão definido sem muito suor nem exercícios. De repente me senti um tanto constrangida. Para não dizer *flácida*.

— Que lado da cama você prefere? — ele perguntou.

— Ahn?

Um sorriso astuto de raposa.

— Está nervosa?

— Não — disse com tanta segurança quanto seria possível naquelas circunstâncias.

E as circunstâncias eram que eu estava mentindo descaradamente.

— Você não sabe mentir — disse ele, ainda sorridente. — É a pior mentirosa que eu já vi.

Pus as mãos nos quadris, querendo dizer *Como assim*?

— Venha cá — disse ele, levantando-me.

Senti que a promessa que fizera antes a mim mesma de resistir começava a se desfazer. Tão perto de Patch, em dez segundos minhas defesas se reduziriam a frangalhos.

Um espelho estava pendurado na parede atrás dele, e olhando sobre seu ombro eu vi as cicatrizes em forma de V de cabeça para baixo marcando sua pele com um traço negro.

Todo o meu corpo enrijeceu. Pisquei, para tentar fazer as cicatrizes desaparecerem, mas elas estavam ali de verdade.

Sem pensar, deslizei minhas mãos pelo peito dele e contornei as costas. A ponta de um dedo esbarrou na cicatriz à direita.

Patch ficou tenso com meu toque. Congelei. A ponta do meu dedo estremeceu sobre a cicatriz. Precisei de um momento para perceber que não era meu dedo que se movia. Era *eu*. Eu inteira.

Fui sugada por um redemoinho suave e turvo, e tudo escureceu.

CAPÍTULO
23

Eu estava no andar de baixo do Fliperama do Bo com as costas para a parede, observando diversos jogos de sinuca. As janelas haviam sido cobertas com tábuas, e eu não conseguia dizer se era dia ou noite. A voz de Stevie Nicks saía pelas caixas de som, cantando uma canção sobre um pombo de asas brancas e as dores de se estar à beira dos 17 anos. Ninguém pareceu surpreso com a minha súbita aparição.

Então lembrei que não estava vestindo nada além de uma blusa e calcinhas. Não sou tão vaidosa, mas ficar no meio de uma multidão composta inteiramente por membros do sexo oposto praticamente pelada e não ter ninguém olhando para mim? Alguma coisa estava… esquisita.

Belisquei a mim mesma. Estava perfeitamente viva até onde podia conferir.

Abanei a mão para afastar a nuvem de fumaça de charuto e avistei Patch do outro lado do salão. Ele estava sentado em uma mesa de pôquer, jogado para trás, segurando uma série de cartas junto ao peito.

Atravessei o salão descalça, com os braços cruzados no peito, tomando cuidado para me manter coberta.

— Podemos conversar? — sibilei no ouvido dele.

Havia algo estranho na minha voz. O que era compreensível, pois eu não tinha a mínima ideia de como fora parar no Fliperama. Em um momento eu estava no motel, no outro estava ali.

Patch juntou uma pequena pilha de fichas e a colocou sobre a pilha que estava no centro da mesa.

— Que tal *agora*? — disse eu. — É um tanto urgente…

Calei-me quando meu olhar esbarrou no calendário na parede. Era de oito meses antes. Mostrava agosto do ano anterior. Um

pouco antes de eu começar o segundo ano do ensino médio. Meses antes de conhecer Patch. Disse para mim mesma que aquilo era um erro, que a pessoa encarregada de arrancar as folhas andava atrasada, mas ao mesmo tempo considerei rapidamente, contrariada, a possibilidade de o calendário estar certo. Eu é que não estava.

Arrastei uma cadeira da mesa ao lado e me sentei perto de Patch.

— Ele está com um cinco de espadas, um nove de espadas, um ás de copas… Parei ao perceber que ninguém prestava atenção. Não, não era isso. Ninguém estava *me* vendo.

Passos ressoaram nos degraus do outro lado do salão, e o mesmo caixa que ameaçara me jogar na rua na primeira vez em que eu fui ali apareceu no pé da escada.

— Tem alguém lá em cima que quer dar uma palavra com você — falou para Patch.

Patch ergueu as sobrancelhas, transmitindo uma pergunta silenciosa.

— Ela não quis dizer o nome — respondeu o caixa, como se se desculpasse. — Perguntei algumas vezes. Disse que você estava no meio de um jogo, mas ela não quis ir embora. Posso expulsá-la, se quiser.

— Não, peça para ela descer.

Patch terminou de jogar sua mão, juntou as fichas e empurrou a cadeira.

— Estou fora.

Caminhou até a mesa de sinuca mais próxima da escada, na qual se recostou, e deslizou as mãos para dentro dos bolsos.

Eu o segui enquanto atravessava o salão. Estalei os dedos diante de seu rosto. Chutei suas botas. Cheguei a socar seu peito. Ele não reagiu, não se moveu.

Passos leves ressoaram na escada, ficando mais próximos, e quando a srta. Greene deixou a escadaria escurecida, experimentei um momento de confusão. O cabelo louro estava solto até a cintura e completamente liso. Ela usava jeans justíssimos, uma camiseta

cor-de-rosa de alças e estava descalça. Vestida daquele jeito parecia ainda mais da minha idade. Chupava um pirulito.

O rosto de Patch é sempre como uma máscara, e nunca consigo adivinhar no que ele está pensando. Mas assim que colocou os olhos na srta. Greene, eu sabia que ele estava surpreso. Recuperou-se rapidamente, as emoções desaparecendo enquanto o olhar tornava-se cauteloso e atento.

— Dabria?

Meu coração acelerou. Tentei organizar minhas ideias, mas meu único pensamento era que se realmente eu estava oito meses no passado, como então a srta. Greene e Patch se conheciam? Ela não trabalhava na escola ainda. E por que ele a chamava pelo primeiro nome?

— Como você está? — a srta. Greene/Dabria perguntou com um sorriso tímido, jogando o pirulito na lixeira.

— O que está fazendo aqui?

Os olhos de Patch ficaram ainda mais atentos, como se com Dabria valesse o ditado “nem tudo o que parece é”.

— Eu escapuli. — O sorriso apareceu de um lado só. — Precisava ver você de novo. Venho tentando há muito tempo, mas a segurança, bem, você sabe, não é exatamente frouxa. Os da sua espécie e os da minha… não devemos nos misturar. Mas você sabe disso.

— Foi uma péssima ideia vir até aqui.

— Sei que já faz muito tempo, mas eu esperava uma reação ligeiramente mais amistosa — disse ela, fazendo beicinho.

Patch não respondeu.

— Não parei de pensar em você. — Dabria baixou a voz para um tom suave e sexy e deu um passo para ficar mais próxima de Patch. — Não foi nada fácil descer até aqui. Lucianna está dando desculpas pela minha ausência. Estou arriscando o futuro dela e o meu também. Você não quer pelo menos ouvir o que tenho a dizer?

— Diga.

As palavras de Patch não demonstravam a mínima confiança.

— Não desisti de você. Depois de todo esse tempo… — Ela se interrompeu e piscou para conter um súbito acesso de lágrimas. Quando voltou a falar, a voz estava mais composta, porém ainda tinha uma nota trêmula. — Sei como você pode recuperar suas asas.

Ela sorriu para Patch, mas ele não lhe devolveu o sorriso.

— Assim que recuperá-las, você poderá voltar para casa. — falou, agora com mais segurança. — Tudo será como antes. Nada mudou. Não mudou *de verdade…*

— Qual é a armadilha?

— Não há armadilha. Você precisa salvar uma vida humana. Muito apropriado, considerando o crime pelo qual foi banido para cá, para começar.

— Qual será o meu posto?

Toda a segurança desapareceu dos olhos de Dabria, e tive a impressão de que ele perguntara aquilo que ela esperava evitar.

— Acabei de lhe dizer como pode recuperar suas asas — disse ela, parecendo um pouquinho condescendente. — Acho que mereço um *obrigado*.

— Responda à pergunta.

Mas o sorriso sombrio me dizia que ele já sabia. Ou tinha um bom palpite.

Qualquer que fosse a resposta de Dabria, ele não gostaria dela.

— Tudo bem. Você será um anjo da guarda, está bem?

Patch inclinou a cabeça para trás e riu suavemente.

— O que há de errado em ser um guardião? — Dabria exigiu saber. — Por que não é bom o bastante para você?

— Estou planejando algo melhor.

— Escute, Patch. Não há *nada* melhor. Você está se enganando. Qualquer outro anjo caído faria tudo para aproveitar a chance de recuperar as asas e se tornar um guardião. Por que não pode fazer o mesmo? — A voz dela parecia sufocada pelo espanto, pela irritação e pela rejeição.

Patch se afastou da mesa de sinuca.

— Foi bom vê-la de novo, Dabria. Faça uma boa viagem.

Inesperadamente, ela enfiou os dedos na camiseta dele, puxou-o para perto e o beijou com força na boca. Muito lentamente, o corpo de Patch se voltou para ela, a postura mais relaxada. Ele levantou as mãos e acariciou seus braços.

Engoli em seco, tentando ignorar a onda de ciúmes e de confusão em meu coração. Parte de mim queria virar as costas e chorar, parte queria atropelar os dois e sair gritando. Não que fizesse diferença. Eu estava invisível. Obviamente a srta. Greene… Dabria… quem quer que ela fosse… e Patch tinham um envolvimento romântico anterior. Será que ainda estavam juntos agora — no futuro? Será que ela havia se candidatado ao emprego em Coldwater High para ficar mais perto de Patch? Seria por isso que ela estava tão determinada a me afastar dele?

— Tenho que ir — disse Dabria, libertando-se. — Já fiquei tempo demais. Prometi para Lucianna que seria rápida. — Ela abaixou a cabeça contra o peito dele. — Sinto sua falta — sussurrou. — Salve a vida de um humano e você voltará a ter asas. Volte para mim — implorou. — Volte para casa. — Ela se afastou subitamente. — Preciso ir. Ninguém pode descobrir que estive aqui embaixo. Amo você.

Enquanto Dabria se afastava, a angústia desapareceu de seu rosto. Uma expressão astuta de segurança a substituiu. Era o rosto de alguém que havia blefado com uma composição de cartas bem complicada.

Sem aviso, Patch agarrou-a pelo pulso.

— Agora me conte por que mesmo você veio até aqui — exclamou.

Estremeci diante de um quê sombrio no tom de voz de Patch. Para um estranho, ele pareceria perfeitamente calmo. Mas era evidente para qualquer pessoa que o conhecesse minimamente. O olhar dele dizia a Dabria que ela havia ultrapassado os limites e que o melhor para ela seria recuar… naquele instante.

Patch a conduziu até o bar. Colocou-a em um dos bancos e deslizou para outro, ao lado. Ocupei um ao lado de Patch,

abaixando-me para ouvi-lo sem que a música atrapalhasse.

— O que você está querendo dizer? O que estou fazendo aqui? — gaguejou Dabria. — Eu lhe disse.

— Você está mentindo.

Ela ficou boquiaberta.

— Não posso acreditar… você acha…

— Quero a verdade. Agora — disse Patch.

Dabria hesitou. Lançou-lhe um olhar intenso e furioso. Então falou:

— Ótimo. Eu conheço seus planos.

Patch soltou uma gargalhada. Era uma gargalhada que dizia: *tenho muitos planos.*

A qual deles você está se referindo?

— Sei que ouviu boatos sobre *O livro de Enoque*. Também sei que você acha que pode fazer o mesmo, mas não pode.

Patch cruzou os braços sobre o balcão.

— Mandaram você aqui para me persuadir a escolher um caminho diferente, não foi? — Um sorriso despontou em seu olhar. — Se sou uma ameaça, os boatos devem ser verdadeiros.

— Não são. São apenas *boatos*.

— Se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo.

— Nunca aconteceu. Você sequer se deu o trabalho de ler *O livro de Enoque* antes da queda? — desafiou. — Sabe exatamente o que diz, palavra santa por palavra santa?

— Talvez você possa me emprestar um exemplar.

— Isso é blasfêmia! Você está *proibido* de ler — gritou. — Você traiu todos os anjos do céu quando caiu.

— Quantos deles sabem o que estou procurando? — perguntou. — Que tipo de ameaça eu represento?

Ela sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Não posso dizer. Já falei mais do que devia.

— Vão tentar me impedir?

— Os anjos vingadores vão.

Ele a encarou com intensidade.

— A não ser que pensem que você me convenceu do contrário.

— Não me olhe assim. — Parecia que ela estava reunindo toda a sua coragem para parecer firme. — Não vou mentir para protegê-lo. O que você está tentando fazer é errado. Não é natural.

— Dabria. — Patch pronunciou o nome dela como uma delicada ameaça.

Em vez disso, poderia muito bem ter agarrado o braço dela e o torcido nas costas.

— *Não posso* ajudar você — disse ela com tranquila convicção. — Não dessa forma. Tire isso da cabeça. Torne-se um anjo da guarda. Concentre-se nisso e esqueça *O livro de Enoque*.

Patch plantou os cotovelos no balcão, imerso em pensamentos. Falou depois de um momento:

— Diga a eles que nós conversamos e que eu demonstrei interesse em me tornar um guardião.

— Interesse? — questionou ela, um pouco de incrédula.

— Interesse — repetiu ele. — Diga que pedi um nome. Se vou salvar uma vida, preciso saber quem está no começo da lista das partidas. Sei que você, como anjo da morte, tem acesso privilegiado a essa informação.

— Essa informação é sagrada, restrita e imprevisível. Os acontecimentos mundanos se alteram a cada momento, dependendo das escolhas humanas…

— Um nome, Dabria.

— Prometa primeiro que você vai esquecer *O livro de Enoque*. Dê-me sua palavra.

— Você confiaria na minha palavra?

— Não — respondeu ela. — Não confiaria.

Patch riu com frieza e, depois de pegar um palito do paliteiro, caminhou em direção à escada.

— Patch, espere… — Ela saltou do banco do bar. — Patch, espere, por favor. Ele virou a cabeça.

— Nora Grey — disse ela, tapando a boca com as mãos imediatamente.

A expressão de Patch demonstrou um ligeiro abalo — fechou a cara, num misto de descrença e aborrecimento. O que não fazia o menor sentido se o mês do calendário estivesse correto, pois ainda não havíamos nos conhecido. Meu nome não deveria ser familiar.

— Como ela vai morrer? — perguntou.

— Alguém quer matá-la.

— Quem?

— Eu não sei — disse ela, tapando os ouvidos e sacudindo a cabeça. — Há muito ruído e confusão por aqui. As imagens se misturam. Tudo vem rápido demais. Não consigo enxergar com clareza. Preciso ir para casa. Preciso de paz e tranquilidade.

Patch ajeitou uma mecha do cabelo de Dabria atrás da orelha dela e lhe lançou um olhar persuasivo. Ela estremeceu com o toque, acenou a cabeça afirmativamente e então fechou os olhos.

— Não consigo… Não vejo nada… É inútil.

— Quem quer matar Nora Grey? — insistiu Patch.

— Espere, eu a vejo — disse Dabria. A voz dela ficou angustiada. — Há uma sombra atrás dela. É *ele*. Ele a segue. Ela não o vê… mas ele está bem *ali*. Por que ela não o vê? Por que ela não corre? Não consigo ver o rosto dele, está na sombra…

Os olhos de Dabria se arregalaram. De repente, ela respirou fundo.

— Quem é? — perguntou Patch.

Dabria pousou as mãos sobre a boca. Tremia quando levantou os olhos para encontrar os de Patch.

— É você — sussurrou.

***

Meu dedo deixou a cicatriz de Patch e a ligação se desfez. Precisei de um momento para me refazer e Patch me pegou desprevenida, atirando-me na cama no instante seguinte. Ele prendeu meus punhos sobre a minha cabeça.

— Não deveria ter feito isso. — Havia uma raiva controlada no rosto, sombrio e intenso. — O que você viu?

Levantei o joelho e chutei as costelas dele.

— Você… me… solte!

Ele prendeu meus quadris com as pernas, imobilizando-me. Com os braços ainda levantados sobre a cabeça e sob o peso dele, eu não podia fazer nada além de me contorcer.

— Solte… ou… vou começar a gritar!

— Você já está gritando. E nada vai acontecer num lugar desses. Isto aqui é mais um bordel do que um motel. — Ele deu um sorriso agressivo, cheio de letalidade. — Última chance, Nora. O que você viu?

Eu estava tentando não chorar. Meu corpo inteiro fora tomado por uma emoção tão estranha que eu não consegui sequer identificá-la.

— Você me enoja! — exclamei. — Quem é você? Quem é você, *de verdade*? A boca ficou ainda mais sombria.

— Estamos chegando mais perto.

— *Você quer me matar!*

O rosto de Patch nada dizia, mas os olhos ficaram mais frios.

— O Jeep não quebrou de verdade, não é? — disse eu. — Você mentiu. Trouxe-me aqui para poder me matar. É o que Dabria disse que você queria fazer. Bem, o que está esperando? — Eu não tinha a mínima ideia do que estava fazendo nem me importava. Estava cuspindo palavras em uma tentativa de manter meu pavor sob controle. — Você vem tentando me matar todo esse tempo. Desde o começo. Vai me matar agora?

Encarei-o com dureza, sem pestanejar, tentando impedir que as lágrimas se derramassem enquanto eu me lembrava do dia fatídico em que ele aparecera em minha vida.

— É tentador.

Eu me contorci. Tentei me virar para a direita, depois para a esquerda. Finalmente percebi que estava desperdiçando muita energia e parei. Patch voltou os olhos para mim. Estavam mais negros do que eu jamais os vira.

— Aposto que está gostando disso — disse eu.

— Seria uma aposta inteligente.

Senti meu coração reverberando até a ponta dos meus pés.

— Então faça logo! — exclamei, desafiadora.

— Matar você?

Fiz que sim com a cabeça.

— Mas primeiro preciso saber a razão. De todos os bilhões de pessoas no mundo, por que eu?

— Genes ruins.

— É isso? É a única explicação que vou receber?

— No momento, sim.

— O que isso quer dizer? — Minha voz se elevou novamente. — Só vou saber o restante da história depois que você perder o controle e me matar?

— Não preciso disso para matá-la. Se quisesse sua morte há cinco minutos, você teria morrido há cinco minutos.

Engoli em seco diante dessa informação não muito animadora.

Ele passou o polegar em minha marca de nascença. O toque era enganadoramente suave, o que tornava tudo ainda mais doloroso de suportar.

— E Dabria? — perguntei, ainda resfolegando. — Ela é a mesma coisa que você, não é? Vocês dois são… anjos. — Minha voz vacilou ao dizer aquilo.

Patch aliviou ligeiramente o peso sobre meus quadris, mas continuou prendendo meus punhos.

— Se eu soltar, você vai me ouvir?

Se ele me soltasse, eu sairia correndo para tentar alcançar a porta.

— E você se importaria se eu saísse correndo? Apenas me arrastaria de volta para cá.

— Verdade, mas causaria uma cena.

— Dabria é sua *namorada*?

Eu podia sentir meu peito subindo e descendo com a respiração entrecortada. Eu não tinha certeza de querer ouvir a resposta. Não

que importasse. Agora que eu sabia que Patch queria me matar, era ridículo me importar com aquilo.

— Ela foi. Há muito tempo, antes que eu fosse para o lado negro. — Ele deu um sorriso duro, tentando fazer graça. — Também foi um erro.

Ele se sentou nos calcanhares, soltando-me devagar, testando para ver se eu reagiria. Fiquei caída no colchão, respirando com dificuldade, apoiada nos cotovelos. Contei até três e me lancei sobre ele com toda a força que tinha.

Joguei-me contra seu peito, mas ele só balançou ligeiramente e não se moveu. Eu me contorci e comecei a bater nele com as mãos cerradas. Golpeei seu peito até meus pulsos começarem a doer.

— Acabou? — perguntou.

— Não! — Dei uma cotovelada na coxa dele. — Qual é o problema? Você não sente nada?

Levantei-me, equilibrando-me no colchão, e comecei a chutá-lo na barriga com toda a força.

— Você tem só mais um minuto — disse ele. — Ponha toda a raiva para fora. Então eu assumo.

Eu não sabia o que ele queria dizer com “eu assumo” e não queria descobrir. Dei um pulo para fora da cama, na direção da porta. Ele me agarrou ainda no ar e me jogou contra a parede. As pernas dele estavam apertadas contra as minhas, frente a frente, por toda a extensão das nossas coxas.

— Quero a verdade! — exclamei, lutando para não chorar. — Você foi para a escola para me matar? Era esse seu objetivo desde o início?

Um músculo do queixo de Patch se contraiu.

— Era.

Enxuguei uma lágrima que ousou escapulir.

— Você está se sentindo triunfante? Conseguiu o que queria, não foi? Me fez confiar em você para jogar isso depois na minha cara?

Eu sabia que estava tomada por uma ira irracional. Deveria estar aterrorizada e agitada. Deveria estar fazendo todo o possível para

fugir. A parte mais irracional de minha mente ainda não queria acreditar que ele me mataria, e, por mais que eu tentasse, não conseguia abafar esse pedacinho ilógico de confiança.

— Entendo que você esteja zangada… — disse Patch.

— Estou furiosa! — berrei.

As mãos dele deslizaram pelo meu pescoço, escaldantes. Ele apertou suavemente os polegares contra minha garganta e jogou minha cabeça para trás. Senti seus lábios pressionando os meus com tanta força que ele conseguiu silenciar qualquer xingamento que estivesse prestes a sair. As mãos dele desceram até meus ombros, escorregaram pelos meus braços e se detiveram no final das minhas costas. Pequenos calafrios de pânico e de prazer me atravessaram. Ele tentou me apertar contra si, mas eu mordi seu lábio.

Ele lambeu o lábio com a ponta da língua.

— Você me mordeu?

— Isso tudo é uma brincadeira para você? — perguntei.

Passou novamente a língua nos lábios.

— Nem tudo.

— O que não é?

— Você.

A noite toda parecia fora dos eixos. Era difícil confrontar alguém tão indiferente quanto Patch. Não, ele não era indiferente. Era perfeitamente controlado. Até a última célula de seu corpo.

Ouvi uma voz dentro da minha cabeça. *Relaxe. Confie em mim.*

— Minha nossa — exclamei com uma explosão de lucidez. — Você está fazendo aquilo de novo, não é? Confundindo minha cabeça. — Lembrei o artigo que encontrara na internet ao procurar por anjos caídos no Google. — Você pode colocar mais do que palavras em minha mente, não é? Pode colocar imagens, imagens muito realistas, lá dentro.

Ele não negou.

— O Arcanjo. — Eu finalmente compreendia. — Você tentou me matar naquela noite, não foi? Mas algo deu errado. Depois você me

fez pensar que o celular estava sem bateria para que eu não ligasse para Vee. Você estava planejando me matar durante a viagem para casa? Quero saber como me faz ver o que quer!

O rosto dele estava cuidadosamente sem expressão.

— Ponho palavras e imagens lá dentro, mas é você quem decide se acredita ou não. É um enigma. As imagens se sobrepõem à realidade, e você precisa decidir o que é real.

— Esse é um poder especial de anjo?

Ele balançou a cabeça.

— Poder de anjo caído. Nenhum outro tipo de anjo invadiria sua privacidade, embora pudesse.

Porque os outros anjos eram bons. E Patch não era.

Patch apoiou as mãos contra a parede atrás de mim, uma de cada lado da minha cabeça.

— Coloquei na cabeça do técnico a ideia de mudar a disposição dos lugares porque precisava ficar perto de você. Fiz você acreditar que tinha despencado do Arcanjo porque queria matá-la, mas não consegui ir adiante. Quase fiz isso, mas parei. Em vez disso, resolvi assustá-la. Então fiz com que você pensasse que seu celular estava sem bateria, porque queria lhe dar uma carona para casa. Quando entrei em sua casa, peguei uma faca. Queria matá-la naquele momento. — A voz dele se suavizou. — Você me fez mudar de ideia.

Respirei fundo.

— Não compreendo. Quando contei que meu pai tinha sido assassinado, você pareceu lamentar sinceramente. Quando você conheceu minha mãe, foi gentil.

— Gentil — repetiu Patch. — Vamos manter isso entre nós.

Minha cabeça girava cada vez mais rápido. Podia sentir uma pulsação nas têmporas. Já havia sentido esse pânico, essa aceleração do coração antes. Precisava dos meus comprimidos de ferro. Era isso, ou então Patch estava me fazendo acreditar que precisava deles.

Ergui o queixo e apertei os olhos.

— Saia da minha cabeça. *Agora!*

— Não estou na sua cabeça, Nora.

Curvei-me para a frente, apoiando as mãos nos joelhos, inspirando com força.

— Você está. Eu sinto. É isso o que vai fazer? Me sufocar?

Estalos suaves ecoavam em meus ouvidos, e manchas negras apareceram diante dos meus olhos. Tentei encher os pulmões, mas era como se o ar tivesse desaparecido. O mundo perdeu o foco. Patch saiu do meu campo visual. Apoiei a mão na parede para me equilibrar. Quanto mais eu tentava inspirar, mais apertada ficava minha garganta.

Patch avançou na minha direção, mas joguei a mão para a frente.

— Afaste-se!

Ele apoiou um ombro na parede e me encarou, com a boca apertada em sinal de preocupação.

— Afaste-se… de… mim! — balbuciei.

Ele não se afastou.

— Não… consigo… respirar! — disse engasgada, agarrando a parede com uma das mãos e a garganta com a outra.

De repente, Patch me levantou e me carregou até a cadeira do outro lado do quarto.

— Coloque a cabeça entre os joelhos — disse, empurrando minha cabeça para baixo.

Abaixei a cabeça, respirando rapidamente, tentando forçar o ar para dentro dos pulmões. Muito lentamente, senti o oxigênio de volta ao meu corpo.

— Está melhor? — perguntou Patch depois de um minuto.

Sacudi a cabeça afirmativamente uma vez.

— Você está com seus comprimidos de ferro?

Balancei a cabeça para os lados.

— Mantenha a cabeça baixa e inspire fundo e devagar.

Segui as instruções e senti o aperto em meu peito diminuir.

— Obrigada — disse baixinho.

— Ainda não confia nas minhas intenções?

— Se quer que eu confie em você, deixe-me tocar novamente nas cicatrizes. Patch me estudou silenciosamente durante um longo momento.

— Não é uma boa ideia.

— Por que não?

— Não posso controlar o que você vê.

— Mas a ideia é essa.

Ele esperou alguns segundos antes de responder. A voz era baixa, sem emoção.

— Você sabe que tenho segredos. — Havia uma pergunta naquela frase.

Sabia que Patch levava uma vida de portas fechadas e segredos. Não tinha a presunção de que nem metade desses segredos tivesse relação comigo. Patch levava uma vida diferente além daquela que compartilhava comigo. Mais de uma vez eu tinha especulado como seria essa outra vida. Tinha a impressão de que quanto menos soubesse, melhor seria.

Meus lábios tremeram.

— Dê uma razão para eu confiar em você.

Patch sentou-se em uma quina da cama, o colchão cedendo com seu peso. Curvou-se para a frente, descansando os antebraços nos joelhos. As cicatrizes estavam completamente à vista, e a luz das velas fazia com que sombras estranhas dançassem em torno de sua superfície. Os músculos das costas se tensionaram e depois relaxaram.

— Vá em frente — ele disse suavemente. — Não se esqueça de que as pessoas mudam, mas o passado, não.

De repente, não tinha tanta certeza de querer fazer aquilo. Patch me aterrorizava praticamente em todos os níveis. Mas bem no fundo eu não achava que ele me mataria. Se quisesse mesmo isso, já poderia ter feito. Observei as terríveis cicatrizes. Confiar em Patch parecia bem mais confortável do que tropeçar novamente em seu passado sem ter a menor ideia do que iria encontrar.

Mas, se eu recuasse agora, Patch saberia que eu tinha medo. Ele estava abrindo uma daquelas portas fechadas só para mim, e só porque eu havia pedido. Não podia fazer um pedido tão sério desses e simplesmente mudar de ideia.

— Não corro o risco de ficar presa lá para sempre, não é? — perguntei. Patch deu uma gargalhada curta.

— Não.

Reuni toda a coragem que tinha e sentei-me na cama ao seu lado. Pela segunda vez naquela noite, meu dedo esbarrou na protuberância da cicatriz. Minha visão foi tomada por uma névoa cinza que começava a surgir pelas beiradas. As luzes se apagaram.

CAPÍTULO
24

Eu estava deitada de costas. Minha blusa absorvia a umidade, a grama roçava a pele desnuda dos meus braços. A lua acima não era mais do que uma fatia fina, um sorriso caído na lateral. Além do estrondo de trovões distantes, tudo o mais estava quieto.

Pisquei várias vezes seguidas, apressando meus olhos a se adaptarem à pouca luz. Quando virei a cabeça para o lado, um arranjo simétrico de galhos curvos despontando do meio da grama apareceu diante dos meus olhos. Muito lentamente, levantei-me. Não conseguia tirar os olhos das duas órbitas negras que me encaravam sobre os gravetos recurvados. Minha mente se esforçou para reconhecer a imagem familiar. Em seguida, depois de um terrível momento de reconhecimento, eu entendi. Estava ao lado de um esqueleto humano.

Engatinhei para trás até chegar a uma cerca de ferro. Tentei entender como havia parado ali, naquela situação, e pensei em minha última lembrança. Eu havia tocado nas cicatrizes de Patch. Onde quer que eu estivesse, era em algum lugar dentro de sua memória.

Uma voz masculina vagamente familiar atravessou a escuridão cantando uma música em voz baixa. Virei-me na direção dele e vi um labirinto de lápides espalhadas como peças de dominó no meio da neblina. Patch estava agachado sobre uma delas. Usava apenas uma calça Levi's e uma camiseta azul-marinho, embora a noite não estivesse quente.

— Fazendo serão com os mortos? — perguntou a voz familiar.

Era áspera, densa, com sotaque irlandês. Rixon. Ele se acomodou em uma lápide diante de Patch, observando-o. Passou o polegar no lábio inferior.

— Deixe-me adivinhar. Você está decidido a possuir os mortos? Não sei, não — disse ele, balançando a cabeça. — Vermes saindo das órbitas… E de outros orifícios… Talvez isso seja ir longe demais.

— É por isso que continuo perto de você, Rixon. Você sempre vê o lado bom.

— Esta noite começa Cheshvan — disse Rixon. — O que você está fazendo aqui, no cemitério?

— Estou pensando.

— Pensando?

— É um processo no qual uso o cérebro para tomar decisões racionais. Os cantos da boca de Rixon se contraíram para baixo.

— Estou começando a me preocupar com você. Vamos. Hora de sair. Chauncey Langeais e Barnabé nos aguardam. A lua muda à meia-noite. Confesso que estou de olho em uma gatinha da cidade. — Ele soltou uma espécie de miado. — Sei que você gosta de ruivas, mas eu prefiro as louras e, assim que arranjar um corpo, pretendo resolver um assunto pendente com uma loura que andou dando em cima de mim recentemente.

Como Patch não se mexeu, Rixon falou:

— Você está maluco? Precisamos ir. O juramento de lealdade de Chauncey! Não está lembrado? Que tal essa? Você é um anjo caído. Nada pode sentir. Quer dizer, até hoje à noite. As próximas duas semanas serão um presente de Chauncey para você. Um presente entregue de má vontade, aliás — ele acrescentou com um sorriso cúmplice.

Patch olhou Rixon pelo canto do olho.

— O que você sabe sobre *O livro de Enoque*?

— Mais ou menos o mesmo que todo anjo caído sabe: praticamente nada.

— Contaram-me uma história do *Livro de Enoque*. Sobre um anjo caído que se transforma em humano.

Rixon dobrou-se de rir.

— Perdeu a cabeça, companheiro?

Ele juntou a beirada das palmas das mãos, imitando um livro aberto.

— *O livro de Enoque* é um conto de fadas. Dos bons, pelo que parece. Mandou você direto para o país dos sonhos.

— Eu quero um corpo humano.

— Você ficaria melhor com duas semanas no corpo de um nefilim. Metade de um humano é melhor do que nada. Chauncey não pode desfazer o que foi feito. Ele fez um juramento e deve obedecer. Como no ano passado, e no ano anterior…

— Duas semanas não são suficientes. Eu quero ser humano. Permanentemente. — Os olhos de Patch penetraram em Rixon, desafiando-o a rir de novo.

Rixon passou as mãos nos cabelos.

— *O livro de Enoque* é um conto de fadas. Somos anjos caídos, e não humanos. Nunca fomos humanos, nunca seremos. Final da história. Agora pare de perder tempo e me ajude a descobrir o caminho para Portland. — Ele jogou o pescoço para trás e observou o céu escuro.

Patch desceu da sepultura.

— Vou me tornar humano.

— Claro, companheiro, claro que vai.

— *O livro de Enoque* diz que preciso matar meu vassalo nefilim. Preciso matar Chauncey.

— Não, não precisa. — disse Rixon, com uma nota de impaciência na voz. — Você deve *possuí-lo*. Um processo que permite que você entre no corpo dele e o utilize como se fosse seu. Sem querer estragar sua ideia, você não pode matar Chauncey. Os nefilins não podem morrer. Já pensou nisso? Se você pudesse matá-lo, não poderia possuí-lo.

— Se matá-lo, me tornarei humano e não precisarei mais possuí-lo.

Rixon pressionou o canto dos olhos como se soubesse que seus argumentos estavam entrando por um ouvido e saindo pelo outro e aquilo estivesse lhe dando dor de cabeça.

— Se pudéssemos matar nefilins, já teríamos encontrado um jeito antes. Mas lamento dizer, rapaz, se eu não for parar nos braços daquela lourinha logo, meu cérebro vai derreter. E outras partes do meu…

— Duas opções — disse Patch.

— Ahn?

— Salvar a vida de um humano e se transformar em anjo da guarda ou matar seu vassalo nefilim e se tornar humano. Escolha.

— Isso é mais bobagem do *Livro de Enoque*?

— Dabria me fez uma visita.

Os olhos de Rixon se arregalaram e ele soltou uma gargalhada.

— Sua ex-namorada psicótica? O que ela anda fazendo aqui? Caiu? Perdeu as asas?

— Ela desceu para me contar que posso recuperar as asas se salvar a vida de um humano.

Os olhos de Rixon se arregalaram ainda mais.

— Se você confia nela, vá fundo. Não há nada de errado em ser um guardião. Passar os dias tirando os mortais do perigo… pode ser divertido, dependendo do mortal.

— Mas se você tivesse uma opção? — indagou Patch.

— O.k., bem, minha resposta depende de um detalhe importante. Estou bêbado como um gambá… ou fiquei completamente louco? — Quando Patch não riu, Rixon afirmou com seriedade. — Não há escolha. E vou dizer o porquê. Não acredito no livro. Se eu fosse você, correria atrás do posto de guardião. Eu mesmo estou pensando no caso. Uma pena que eu não saiba de humanos que estejam à beira da morte.

Houve um momento de silêncio. Depois, Patch pareceu desvencilhar-se de seus pensamentos.

— Quanto dinheiro podemos ganhar antes da meia-noite? — perguntou Patch.

— Com o baralho ou o boxe?

— O baralho.

Os olhos de Rixon reluziram.

— O que temos aqui? Um garotinho lindo? Venha cá que vou lhe dar uma bela sacudida.

Ele deu uma chave de braço em Patch, que o pegou pela cintura e o arrastou pela grama, onde os dois se revezaram numa troca de socos.

— Tudo bem, tudo bem! — berrou Rixon, erguendo as mãos para se render.

— Não é porque não sinto o sangue escorrer que vou querer passar o restante da noite desfilando com a boca ferida. — Ele piscou. — Isso não vai me ajudar com as mulheres.

— E um olho roxo, vai?

Rixon ergueu os dedos até os olhos, examinando.

— Você não fez isso! — ele exclamou, dando um soco em Patch.

***

Tirei o dedo das cicatrizes de Patch. A pele da minha nuca estava arrepiada e meu coração batia rápido demais. Patch me encarou com uma sombra de dúvida no olhar.

Fui forçada a aceitar que talvez aquela não fosse a hora de recorrer à metade lógica do meu cérebro. Talvez fosse uma daquelas ocasiões em que eu precisava passar dos limites. Parar de obedecer às regras do jogo. Aceitar o impossível.

— Então você não é mesmo humano — disse. — Você é mesmo um anjo caído. Um dos maus.

O comentário fez Patch deixar escapar um sorriso.

— Você acha que eu sou um sujeito mau?

— Você possui… o corpo de outras pessoas.

Ele aceitou a afirmativa com um aceno de cabeça.

— Você quer possuir meu corpo?

— Quero fazer muitas coisas com seu corpo, mas isso não.

— O que está errado com o corpo que você tem?

— Meu corpo se parece muito com um espelho. Real, mas se limita a uma camada exterior, refletindo o mundo à minha volta. Você me vê e me ouve e eu a vejo e a ouço. Quando você me toca, você sente. Não tenho a mesma experiência que você. Não consigo senti-la. Experimento tudo através de uma vidraça, e a única forma de vencer essa barreira é possuindo o corpo de um humano.

— Ou de alguém metade humano.

A fisionomia de Patch endureceu.

— Quando tocou minhas cicatrizes, viu Chauncey? — arriscou.

— Ouvi você conversar com Rixon. Ele disse que você possui o corpo de Chauncey durante duas semanas, todos os anos, durante o Cheshvan. Ele disse que Chauncey também não é humano. É um nefilim. — A palavra deixou minha língua como um sussurro.

— Chauncey nasceu da união entre um anjo caído e uma humana. É imortal como um anjo, mas possui todos os sentidos de um mortal. Um anjo caído que deseja ter sensações humanas pode fazê-lo por intermédio do corpo de um nefilim.

— Se você não consegue sentir nada, por que me beijou?

Patch passou o dedo em minha clavícula e então foi para baixo, parando em meu coração. Eu sentia minhas batidas através da pele.

— Porque sinto aqui, no meu coração — disse em tom suave. — Não perdi a capacidade de sentir emoções. — Ele me observou atentamente. — Vamos colocar desta maneira: nossa ligação emocional não é deficiente.

Não entre em pânico, pensei. Mas já respirava mais rápida e superficialmente.

— Você quer dizer que pode sentir felicidade, tristeza ou…

— Desejo. — Havia um quase sorriso.

Não pare, disse para mim mesma. Não dê tempo para que *suas* emoções a dominem. Trate delas mais tarde, após obter respostas.

— Por que você caiu?

Os olhos de Patch permaneceram nos meus por alguns segundos.

— Desejo.

Engoli em seco.

— Desejo por dinheiro?

Patch afagou o queixo. Só fazia aquilo quando queria esconder o que estava pensando. Era a boca que revelava seus pensamentos. Ele tentava suprimir um sorriso.

— E por outras coisas também. Pensava que me tornaria humano se caísse. Os anjos que tentaram Eva foram expulsos para a Terra, e havia boatos de que tinham perdido as asas e se tornado humanos. Quando deixaram o paraíso, não houve uma grande cerimônia para muitos convidados. Foi reservada. Não sabia que as asas lhe haviam sido arrancadas ou que tinham sido condenados a vagar pela Terra, consumidos pelo desejo de possuir corpos humanos. Naquele tempo, ninguém havia sequer ouvido falar em anjos caídos. Na minha cabeça, fazia sentido achar que, se eu caísse, perderia as asas e me tornaria humano. Na época, eu estava louco por uma garota humana, e parecia valer à pena.

— Dabria disse que você pode recuperar as asas se salvar uma vida humana. Ela disse que você se transformará em um anjo da guarda. Não quer isso?

Eu estava confusa pelo fato de ele parecer rejeitar tanto a ideia.

— Não é para mim. Quero ser humano. Quero isso mais do que qualquer outra coisa.

— E Dabria? Se vocês dois não estão mais juntos, por que ela ainda está por aqui? Pensei que ela fosse um anjo como os outros. Ela também quer se tornar humana?

Patch ficou mortalmente imóvel, com todos os músculos dos braços enrijecidos.

— Dabria ainda está na Terra?

— Ela arranjou um emprego na escola. É a nova psicóloga, a srta. Greene. Já me encontrei com ela algumas vezes. — Senti meu estômago revirar. — Depois do que vi em sua memória, achei que ela arranjara o emprego para ficar mais perto de você.

— O que ela lhe disse exatamente quando você a encontrou?

— Disse para eu ficar longe de você. Deu a entender que seu passado era sinistro e perigoso. — Fiz uma pausa. — Tem algo de

errado, não é? — perguntei, sentindo aqueles calafrios nefastos percorrerem minha espinha.

— Preciso levar você para casa. Depois vou para a escola para examinar os arquivos dela e ver se encontro alguma coisa de útil. Vou me sentir melhor se souber o que ela está planejando. — Patch tirou os lençóis da cama. — Enrole-se neles. — disse, entregando-me uma trouxa de lençóis secos.

Minha cabeça se esforçava para juntar os fragmentos de informação. De repente, minha boca ficou seca e grudenta.

— Ela tem sentimentos mal resolvidos por você. Talvez me queira fora de cena.

Nossos olhares se encontraram.

— Isso já passou pela minha cabeça — disse Patch.

Um pensamento perturbador e aterrorizante estivera martelando em minha mente nos últimos minutos, tentando chamar minha atenção. Agora ele praticamente gritava, dizendo-me que Dabria poderia ser o cara com a máscara de esquiador. Durante todo o tempo, pensei que a pessoa que eu havia atropelado com o Neon fosse um homem, assim como Vee pensava ter sido atacada por um homem. Àquela altura, não descartava a possibilidade de Dabria ter enganado nós duas.

Depois de uma ida ao banheiro, Patch apareceu vestido com a camiseta molhada.

— Vou pegar o Jeep — disse ele. — Vou parar na saída dos fundos em vinte minutos. Até lá, fique no motel.

CAPÍTULO
25

Depois que Patch saiu, tranquei a porta com a corrente. Arrastei a cadeira que estava do outro lado do quarto e com ela travei a maçaneta. Verifiquei se todas as janelas estavam trancadas. Não sabia se trincos funcionariam com Dabria — não sabia sequer se ela *estava mesmo* me perseguindo —, mas concluí que seria melhor me precaver. Depois de andar de um lado para o outro por alguns minutos, tentei usar o telefone que estava na mesa de cabeceira. Continuava mudo.

Minha mãe ia me matar.

Eu tinha escapulido enquanto ela não estava e partido para Portland. Como eu poderia explicar que tinha ficado em um motel com Patch? Teria sorte de não ficar de castigo até o final do ano. Não, eu teria sorte se ela não largasse o trabalho e se candidatasse a uma vaga de professora substituta até encontrar um emprego em tempo integral nas redondezas. Precisaríamos vender o casarão e eu perderia o único vínculo que ainda mantinha com meu pai.

Aproximadamente quinze minutos depois, olhei pelo olho mágico. Nada havia além de escuridão. Desobstruí a porta e, quando estava a ponto de abri-la, houve um piscar de luzes atrás de mim. Virei, praticamente esperando encontrar com Dabria. O quarto ainda estava quieto e vazio, mas a eletricidade havia voltado.

A porta se abriu com um estalo, e saí para o corredor. O carpete era vermelho-sangue, completamente gasto no meio, manchado com marcas escuras de natureza não identificada. As paredes tinham sido pintadas em cores neutras, mas a pintura era malfeita e estava lascada.

Acima, um letreiro de neon verde indicava o caminho para a saída. Segui a seta pelo corredor e dobrei uma esquina. O Jeep

freou do outro lado da porta dos fundos. Saí correndo e pulei no banco do carona.

Não havia luzes acesas quando Patch se aproximou do casarão. Experimentei um aperto culpado no estômago e pensei que minha mãe poderia estar dirigindo pela área, à minha procura. A chuva parara, e a neblina se acumulava junto às paredes e aos arbustos como se fosse enfeites de Natal. As árvores que pontilhavam o caminho de entrada tinham ficado permanentemente retorcidas e deformadas por sofrerem com frequência os rigores do vento norte. Todas as casas parecem pouco hospitaleiras quando estão com as luzes apagadas, após o anoitecer, mas o casarão parecia mal-assombrado, com as pequenas aberturas das janelas, o telhado curvo, a varanda e os arbustos selvagens.

— Vou olhar lá dentro — disse Patch, saltando do carro.

— Você acha que Dabria pode estar lá dentro?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Mas não custa checar.

Esperei no Jeep, e alguns minutos depois Patch saiu pela porta da frente.

— Está tudo bem — avisou. — Vou dirigir até a escola e volto assim que terminar de revistar a sala dela. Talvez tenha deixado alguma coisa de útil por lá. — Ele não parecia estar contando com isso.

Soltei o cinto de segurança e ordenei que minhas pernas me levassem rapidamente pelo caminho. Quando girei a maçaneta, ouvi Patch descendo pela saída. As tábuas da varanda rangeram sob meus pés, e subitamente me senti muito sozinha.

Mantive todas as luzes desligadas e me esgueirei pelo interior, vistoriando todos os cômodos, a partir do primeiro andar, e então subindo. Patch já examinara a casa, mas achei que não faria mal algum dar uma nova olhada. Depois que tive certeza de que ninguém estava escondido sob os móveis, atrás das cortinas do chuveiro ou nos armários, enfiei uma calça Levi's e um suéter preto com decote em V. Encontrei o celular de emergência que minha

mãe mantinha no estojo de primeiros socorros sob a pia do banheiro e disquei o número dela.

Ela atendeu no primeiro toque.

— Alô? Nora? É você? Onde você está? Estou morrendo de tanta preocupação! Respirei fundo, rezando a fim de encontrar as palavras certas para me livrar daquela situação.

— Aconteceu o seguinte… — comecei a falar com minha voz mais sincera e lamentosa.

— Cascade Road foi inundada e ficou fechada. Precisei voltar e pegar um quarto em Milliken Mills, que é onde estou agora. Tentei ligar para casa, mas aparentemente os telefones estão mudos. Tentei seu celular, mas você não atendeu.

— Peraí. Você estava em Milliken Mills o tempo todo?

— Onde você achou que eu estivesse?

Soltei um suspiro de alívio inaudível e me abaixei para sentar na beira da banheira.

— Eu não sabia — exclamei. — Também não conseguia falar com você.

— De que número você está chamando? — perguntou mamãe. — Não estou reconhecendo.

— Do celular de emergência.

— Onde está seu telefone?

— Perdi.

— O quê? Onde?

Cheguei à tortuosa conclusão de que a única alternativa era mentir por omissão.

Não queria alarmá-la. Também não queria ficar de castigo por tempo indeterminado.

— Não sei bem onde eu o deixei. Tenho certeza de que vai aparecer em algum lugar.

No cadáver de uma mulher.

— Ligo para você assim que abrirem a estrada — disse ela.

Em seguida, liguei para o celular de Vee. Depois de cinco toques, deixei um recado na secretária eletrônica.

— Onde você está? — falei. — Ligue para mim nesse número o mais rápido possível.

Fechei o telefone e o enfiei no bolso, tentando me convencer de que Vee estava ótima. Mas eu sabia que era uma mentira. O fio invisível que nos unia vinha me avisando havia horas que ela estava em perigo. Para falar a verdade, a sensação crescia a cada minuto.

Na cozinha, vi um frasco com comprimidos de ferro sobre a bancada e fui direto pegá-lo, abri a tampa e engoli dois com um copo de leite achocolatado. Fiquei quieta por um momento, esperando surtir efeito, sentindo a respiração se aprofundar e se acalmar. Eu estava devolvendo a caixa de leite à geladeira quando a vi postada no portal entre a cozinha e a lavanderia.

Um líquido frio escorreu pelos meus pés. Percebi que tinha derramado o leite.

— Dabria? — perguntei.

Ela inclinou a cabeça para um lado, demonstrando ligeiro ar de surpresa.

— Você sabe meu nome? — Fez uma pausa. — Ah. Patch.

Recuei até a pia, aumentando a distância entre nós. Dabria não se parecia nada com a srta. Greene da escola. O cabelo estava cacheado, nada liso, e os lábios, mais brilhantes, refletiam certa fome. Os olhos pareciam mais agressivos, com um toque negro dentro deles.

— O que você quer? — perguntei.

Ela riu, produzindo um som que lembrava o tilintar de cubos de gelo dentro de um copo.

— Quero Patch.

— Patch não está aqui.

Ela meneou a cabeça.

— Eu sei. Esperei lá fora antes de entrar, até que ele partisse. Mas não foi nisso que pensei quando disse que queria Patch.

O sangue latejando em minhas pernas retornou ao coração com efeito atordoante. Apoiei uma das mãos na bancada para me manter estável.

— Sei que você andou me espionando durante as sessões de aconselhamento. — É tudo o que você sabe sobre mim? — ela perguntou com olhos penetrantes. Lembrei-me da noite em que percebi que alguém andara olhando pela janela do meu quarto.

— Você também andou me espionando aqui — disse.

— É a primeira vez que venho à sua casa. — Ela passou o dedo vagarosamente na bancada que ficava no centro da cozinha, separando nós duas e se acomodou em uma banqueta. — Bela casa.

— Deixe-me refrescar sua memória — disse, esperando parecer corajosa. — Você andou olhando pela janela do meu quarto enquanto eu dormia.

O sorriso dela alargou-se.

— Não, mas segui você nas compras. Ataquei sua amiga e deixei sugestõezinhas na cabeça dela, fazendo com que ela pensasse que Patch era o culpado. Não foi um grande esforço. Para começar, ele não é exatamente inofensivo. Eu tinha todo o interesse em deixar você com muito medo dele.

— Para que eu me afastasse dele.

— Mas você não se afastou. Ainda está atrapalhando.

— Atrapalhando o quê?

— Vamos lá, Nora. Se você sabe quem eu sou, então sabe como funciona. Quero que ele recupere as asas. Ele não pertence à Terra. Pertence a mim. Cometeu um erro e eu vou consertá-lo.

Não havia um toque sequer de condescendência em sua voz. Ela desceu da banqueta e contornou a bancada, na minha direção.

Recuei para junto do outro lado da bancada, mantendo a distância entre nós. Fiz um esforço mental para imaginar um modo de distraí-la. Ou de escapar. Eu morava na casa havia 16 anos. Conhecia a planta. Sabia de todos os lugares secretos e dos esconderijos. Ordenei que meu cérebro concebesse um plano, algo impulsivo e brilhante. Minhas costas esbarraram no aparador.

— Enquanto você estiver por aí, Patch não vai voltar comigo — disse Dabria.

— Acho que você superestima os sentimentos dele por mim.

Parecia uma boa ideia menosprezar nosso relacionamento. A possessividade aparentemente era a força motriz de Dabria.

Um sorriso incrédulo apareceu em seu rosto.

— Você acha que ele tem *esse* tipo de sentimento por você? Todo esse tempo você pensou… — Ela interrompeu a frase, gargalhando. — Ele não vai ficar porque ama você. Ele quer matar você.

Sacudi a cabeça.

— Ele não vai me matar.

O sorriso de Dabria endureceu.

— Se é nisso que você acredita, então não passa de outra menina que ele seduziu para obter o que deseja. Ele tem talento para isso — acrescentou maliciosamente. — Afinal de contas, ele me seduziu para obter seu nome. Bastou um toque suave de Patch. Fiquei sob seu fascínio e lhe contei que a morte se aproximava de você.

Sabia do que ela estava falando. Eu testemunhara o momento exato a que ela se referia, dentro da memória de Patch.

— E agora ele está fazendo o mesmo com você — disse ela. — Dói ser traída, não é? Sacudi a cabeça lentamente.

— Não…

— Ele planeja usá-la como sacrifício — irrompeu. — Está vendo esta marca? — Ela colocou o dedo no meu pulso. — Significa que você é descendente de um nefilim. E não de qualquer nefilim: é descendente de Chauncey Langeais, o vassalo de Patch.

Olhei a cicatriz. Por um momento perturbador, cheguei a acreditar nela. Mas sabia que não devia confiar.

— Existe um livro sagrado, *O livro de Enoque* — ela explicou. — Nele, um anjo caído mata seu vassalo nefilim ao sacrificar uma de suas descendentes. Você não acha que Patch quer matá-la? O que mais ele quer? Ao sacrificá-la, ele se tornará humano. Terá tudo o que deseja. E não irá para casa comigo.

Ela pegou uma grande faca do suporte de madeira sobre a bancada.

— É por isso que quero me ver livre de você. Parece que, de uma forma ou de outra, minha premonição estava correta. Sua morte *está* próxima.

— Patch está voltando — exclamei, sentindo-me enjoada. — Você não quer conversar com ele sobre isso?

— Vai ser rápido — prosseguiu ela. — Sou um anjo da morte. Levo as almas para o outro mundo. Assim que acabar, carregarei sua alma através do véu. Não precisa ter medo.

Eu queria berrar, mas minha voz ficou presa na garganta. Contornei o aparador, deixando que a mesa da cozinha ficasse entre nós.

— Se você é mesmo um anjo, onde estão suas asas?

— Chega de perguntas. — A voz demonstrava impaciência. Ela começou a diminuir bastante a distância entre nós.

— Há quanto tempo você deixou o céu? — perguntei, tentando enrolar. — Você já está aqui há muitos meses, não é? Não acha que os outros anjos podem ter percebido sua ausência?

— Nem mais um passo — disse asperamente, erguendo a faca, a lâmina faiscando.

— Patch está lhe dando trabalho demais — exclamei, com a voz não totalmente desprovida de pânico, como eu queria. — Estou surpresa de você não ficar ressentida por ele usá-la quando é adequado aos objetivos dele. Fico surpresa por você querer que ele recupere as asas. Depois de tudo o que ele fez, você não está feliz por ele ter sido banido para cá?

— Ele me deixou por uma miserável garota humana — ela cuspiu, com os olhos azuis em chamas.

— Ele não a deixou. Não exatamente. Ele caiu…

— Ele caiu porque queria ser humano, como ela! Ele tinha a mim… Ele tinha a *mim*! — Ela soltou uma gargalhada de desprezo que não escondia nem a raiva nem a tristeza. — No início eu me senti ferida e zangada, e fiz tudo o que podia para esquecê-lo. Depois, quando os arcanjos compreenderam que ele estava

realmente tentando se tornar humano, enviaram-me aqui para fazê-lo mudar de ideia. *Disse* para mim mesma que não me apaixonaria por ele de novo, mas de que adiantou?

— Dabria… — comecei a dizer suavemente.

— Ele nem se importava com o fato de aquela garota ser feita com a *poeira da terra*! Você, todos vocês, são egoístas e preguiçosos! Seus corpos são selvagens e indisciplinados. Num momento encontram-se no auge da alegria, no seguinte estão à beira do desespero. É deplorável! Nenhum anjo aspira a tal condição! — Ela lançou o braço diante do rosto, em um gesto dramático, secando as lágrimas. — Olhe para mim! Mal posso me controlar! Fiquei tempo demais aqui, submersa na imundície humana.

Virei-me e saí correndo da cozinha, derrubando uma cadeira atrás de mim, para deixá-la no caminho de Dabria. Disparei pelo corredor, sabendo que estava entrando em um beco sem saída. A casa tinha dois acessos: a porta da frente, que poderia ser alcançada por Dabria antes de mim, cortando caminho pela sala de estar, e a porta dos fundos, na sala de jantar, que ela bloqueava.

Fui empurrada com força pelas costas e lançada para a frente. Derrapei pelo corredor, caindo de barriga para baixo. Virei-me. Dabria pairava a alguns metros sobre mim — *no ar* —, a pele e o cabelo banhados por uma brancura ofuscante. Apontava a faca na minha direção.

Não pensei. Dei um chute, com toda a força. Joguei-me para a frente, apoiando-me com a outra perna, e mirei seu antebraço. A faca caiu da mão dela. Enquanto eu me levantava, Dabria apontou para um abajur na mesinha da entrada e com um gesto do dedo fez com que ele voasse direto até mim. Rolei, sentindo sob mim os estilhaços da lâmpada espatifada no chão.

— *Mova-se*! — ordenou Dabria.

E o banco da entrada deslizou, criando uma barreira diante da porta da frente, bloqueando minha saída.

Arrastando-me para a frente, subi as escadas, de dois em dois degraus, usando o corrimão para ir mais rápido. Ouvi a risada de

Dabria no corredor. Joguei meu peso para trás, para evitar cair da beirada desprotegida. Depois de recuperar o equilíbrio, voei pelos últimos degraus. Ao chegar lá em cima, entrei no quarto da minha mãe e bati as portas duplas.

Corri até uma das janelas ao lado da lareira e olhei para o chão lá embaixo, que ficava a dois andares de distância. Havia três arbustos em um canteiro de pedras logo abaixo, sem folhagens desde o outono. Eu não sabia se conseguiria sobreviver à queda.

— *Abra!* — ordenou Dabria, do outro lado da porta.

A madeira rachou enquanto a porta era forçada contra o trinco. Não havia mais tempo.

Corri para a lareira e mergulhei no console. Tinha acabado de levantar os pés, firmando-os no interior da chaminé, quando as portas se abriram, batendo contra a parede. Ouvi os passos de Dabria seguirem até a janela.

— Nora! — chamou, com a voz delicada e aterrorizante. — Sei que você está por perto! Sinto sua presença. Você não pode correr, nem se esconder. Vou queimar a casa inteira, cômodo por cômodo, se for preciso para encontrá-la. E então vou abrir caminho queimando os campos em torno da casa. Não vou deixar você escapar viva!

O fulgor de uma luz forte e dourada ganhou vida do lado de fora da lareira, e junto o barulho do fogo se acendendo. As chamas produziam sombras que dançavam dentro da lareira, embaixo de mim. Ouvi o estalo e o estrépito do fogo — provavelmente consumindo os móveis e as tábuas de madeira do chão.

Fiquei escondida na chaminé. Meu coração palpitava, o suor escorria. Respirei profundamente várias vezes, soltando o ar lentamente, para administrar a dor dos músculos das pernas, intensamente contraídos. Patch tinha dito que ia até a escola. Quanto tempo levaria para voltar?

Sem saber se Dabria ainda estava no quarto, mas temendo ficar presa pelo fogo lá dentro se não saísse naquele instante, baixei uma perna dentro da lareira, e então a outra, e saí do esconderijo. Dabria

não estava por perto, mas as chamas subiam pelas paredes. A fumaça tomava conta de todo o quarto.

Corri pelo corredor, sem ousar descer. Imaginei que Dabria esperava que eu tentasse escapar por uma das portas. Abri a janela do meu quarto. A árvore lá fora estava próxima e era também robusta o bastante para permitir que eu a escalasse. Talvez a neblina me ocultasse atrás da casa. Os vizinhos mais próximos estavam a cerca de um quilômetro e meio de distância. Se eu corresse bem rápido, poderia chegar lá em sete minutos. Eu estava a ponto de colocar a perna para fora da janela quando ouvi um rangido no corredor.

Silenciosamente, tranquei-me no armário e disquei 911.

— Tem alguém na minha casa, tentando me matar — sussurrei para a telefonista. Tinha acabado de dar meu endereço quando a porta se abriu. Fiquei completamente imóvel.

Através das ripas de madeira da porta do armário, observei uma figura envolta em sombras entrar no quarto. Havia pouca luz, e meu ângulo de visão era ruim. Eu não conseguia distinguir nenhum detalhe. A figura afastou as cortinas das janelas e olhou para fora. Manuseou as meias e a roupa íntima na gaveta aberta. Pegou um pente de prata da cômoda, examinou e depois devolveu. Quando se voltou na direção do armário, eu sabia que estava em apuros.

Tateei o chão, buscando qualquer objeto que pudesse servir para me defender. Meu cotovelo esbarrou em uma pilha de caixas de sapato, que acabei derrubando. Xinguei silenciosamente. Os passos se aproximaram.

As portas do armário se abriram. Joguei um sapato. Peguei outro e também joguei.

Patch disse um palavrão em voz baixa, arrancou um terceiro sapato das minhas mãos e jogou-o para trás. Lutou para me retirar de dentro do armário. Antes que eu pudesse manifestar alívio ao descobrir que era ele, e não Dabria, a pessoa diante de mim, ele me apertou contra si e me envolveu em seus braços.

— Você está bem? — murmurou em meu ouvido.

— Dabria está aqui — disse, com os olhos cheios de lágrimas. Meus joelhos tremiam, o abraço de Patch era o que me mantinha de pé. — Ela está botando fogo na casa.

Patch me entregou um molho de chaves e apertou meus dedos em torno dele.

— O Jeep está estacionado na rua. Entre nele, tranque as portas, dirija até o Delphic Seaport e espere por mim. — Ele levantou meu queixo para que eu o encarasse. Deu um beijo rápido em meus lábios, o que bastou para que uma onda de calor me atravessasse.

— O que você vai fazer? — perguntei.

— Vou cuidar de Dabria.

— Como?

Ele me olhou com uma cara que dizia *Você quer mesmo saber dos detalhes?* Sirenes ressoavam a distância. Patch olhou para a janela.

— Você chamou a polícia?

— Pensei que você fosse Dabria.

Ele já se encaminhava para a porta.

— Vou atrás de Dabria. Leve o Jeep até o Delphic Seaport e espere por mim.

— E o incêndio?

— A polícia vai cuidar disso.

Apertei as chaves com mais força. A parte do meu cérebro que tomava decisões estava dividida, correndo em direções opostas. Queria sair da casa, ficar bem longe de Dabria e encontrar com Patch mais tarde, mas um pensamento perturbador martelava. Dabria dissera que Patch precisava me sacrificar para se tornar humano.

Ela não tinha dito aquilo de brincadeira, nem como provocação. Nem mesmo para me jogar contra ele. As palavras tinham saído com frieza e seriedade. Com seriedade suficiente para que ela tentasse me matar a fim de impedir que Patch me pegasse antes.

Encontrei o Jeep estacionado na rua, como Patch dissera. Pus a chave na ignição e saí a toda pela Hawthorne. Concluí que era inútil

tentar ligar novamente para o celular de Vee e, em vez disso, disquei para a casa dela.

— Olá, sra. Sky — falei, tentando transparecer que nada extraordinário estava acontecendo. — A Vee está?

— Oi, Nora! Ela saiu há algumas horas. Falou alguma coisa sobre uma festa em Portland. Achei que estivesse com você.

— Hum. Nós nos perdemos — menti. — Ela falou para onde ia depois da festa?

— Estava pensando em ver um filme. E não está atendendo o celular, por isso imagino que ela tenha desligado durante a sessão. Está tudo bem?

Não queria assustá-la, mas ao mesmo tempo não ia dizer que estava tudo bem. Nada parecia bem para mim. Na última vez que tivera notícias de Vee, ela estava com Elliot. E agora não atendia o celular.

— Acho que não — disse eu. — Vou procurá-la de carro. Vou começar pelo cinema. A senhora busca no calçadão?

C A P Í T U L O

26

Era a noite de domingo antes do feriadão, e o cinema estava lotado. Entrei na fila da bilheteria, sem parar de olhar para os lados e verificar se tinha sido seguida. Até então, nada havia de alarmante, e a multidão oferecia um bom esconderijo. Disse para mim mesma que Patch cuidaria de Dabria e que nada havia com que me preocupar, mas era melhor ficar atenta.

Naturalmente, dentro de mim, sabia que Dabria não era o meu maior problema. Mais cedo ou mais tarde Patch descobriria que eu não estava no Delphic Seaport. Levando em consideração as experiências anteriores, eu não tinha nenhuma ilusão sobre a possibilidade de me manter escondida dele por muito tempo. Ele me encontraria. E então eu seria obrigada a confrontá-lo com a pergunta que eu temia. Mais especificamente: o que eu temia era a resposta dele. Pois no fundo da minha mente havia a sombra de uma suspeita, sussurrando que Dabria falara a verdade ao mencionar o que seria necessário para que Patch tivesse um corpo humano.

Cheguei ao guichê. As sessões das nove e meia estavam começando.

— Uma entrada para *O Sacrifício* — disse sem pensar.

De imediato, achei o nome do filme terrivelmente irônico. Sem querer refletir mais sobre o assunto, fiz uma busca nos bolsos e juntei um monte de notas e de moedas. Coloquei dentro do guichê, rezando para que houvesse dinheiro suficiente.

— Minha nossa — exclamou a caixa, encarando as moedas que se esparramavam na abertura sob o vidro. Eu a reconheci da escola. Era uma veterana, e eu tinha quase certeza de que seu nome era Kaylie ou Kylie. — Muito obrigada — disse ela.

— Ainda bem que não há fila nem nada parecido.

Atrás de mim, ouvi o murmúrio coletivo de palavrões.

— Acabei de limpar meu cofrinho — disse eu, tentando ser sarcástica.

— Não brinca. Está tudo aqui? — perguntou, soltando um suspiro cansado enquanto arrumava as moedas em grupos de 25 centavos, 10 centavos, 5 centavos e 1 centavo.

— Claro.

— Dane-se. Não ganho o suficiente para passar por isso. — Ela jogou o dinheiro na gaveta do caixa e passou a entrada por baixo do vidro. — Tem uma coisa chamada cartão de crédito…

Agarrei a entrada.

— Por acaso você viu a Vee Sky por aqui hoje à noite?

— Bee do quê?

— *Vee* Sky. É do segundo ano. Estava com Elliot Saunders. Kaylie ou Kylie arregalou os olhos.

— Parece uma noite de pouco movimento? Parece que estou aqui sem fazer nada, só prestando atenção em cada rosto que passa?

— Deixe para lá — bufei, dirigindo-me para as portas de entrada.

O cinema de Coldwater tem duas salas de exibição, com portas dando nas laterais de uma lanchonete. Assim que o porteiro rasgou minha entrada ao meio, enfiei-me porta adentro na sala dois e mergulhei na escuridão. O filme tinha começado.

A sala estava praticamente cheia, a não ser por alguns lugares isolados. Desci o corredor procurando por Vee. No final, virei e caminhei pela frente da sala. Era difícil distinguir os rostos na escuridão, mas eu estava praticamente certa de que Vee não estava ali.

Saí da sala e me encaminhei para a outra. Não estava tão cheia. Fiz outra revista, mas também não encontrei Vee. Sentei em uma cadeira no fundo e tentei organizar os pensamentos.

Toda aquela noite se parecia com um conto de fadas sinistro no qual eu me perdera e não conseguia encontrar a saída. Um conto de fadas com anjos caídos, mestiços humanos e cerimônias de

sacrifício. Passei o polegar sobre minha marca de nascimento. Eu não queria, especialmente, pensar sobre a possibilidade de descender de um nefilim.

Tirei o celular de emergência da bolsa e verifiquei se havia alguma chamada perdida. Nenhuma.

Estava colocando o telefone no bolso quando um saco de pipocas se materializou à minha frente.

— Está com fome? — perguntou uma voz que vinha de trás. A voz era calma e não estava especialmente feliz. Tentei manter a respiração sob controle. — Levante e saia do cinema — disse Patch. — Estarei bem atrás de você.

Não me mexi.

— Saia — ele repetiu. — Precisamos conversar.

— Conversar sobre como você precisa me sacrificar para conseguir um corpo? — perguntei em tom de brincadeira, sentindo um enorme peso dentro de mim.

— Seria até engraçadinho se você realmente acreditasse nisso.

— Mas eu acredito!

Mais ou menos. Eu não parava de pensar: se Patch queria me matar, por que ainda não o fizera?

— *Psiu*! — disse o cara ao meu lado.

— Saia ou vou botar você para fora.

Virei.

— O quê?

— *Psiu*! — estrilou novamente o cara ao meu lado.

— A culpa é dele — eu disse para o sujeito, apontando para Patch. O cara jogou a cabeça para trás.

— Escute — disse ele, voltando a me encarar. — Se você não calar a boca, vou chamar os seguranças.

— Ótimo, chame os seguranças. Mandem tirar *ele* da sala — exclamei, apontando novamente para Patch. — Diga que ele quer me matar.

— *Eu* quero matar você — chiou a namorada do cara, curvando-se sobre ele para se dirigir a mim.

— Quem quer matar você? — perguntou o cara. Ele ainda estava olhando por cima do ombro, mas a expressão era confusa.

— Não tem ninguém *ali* — disse a namorada.

— Você está fazendo com que eles pensem que não podem ver você, não é? — eu disse para Patch, espantada com seu poder, embora o desprezasse por utilizá-lo daquela maneira.

Patch sorriu, mas era um sorriso tenso.

— Minha nossa! — exclamou a namorada, jogando as mãos para o alto. Revirou os olhos furiosamente para o namorado. — Faça alguma coisa.

— Preciso que você pare de falar — disse o cara. Fez gestos para a tela. — Veja o filme. Isso… fique com meu refrigerante.

Fui para o corredor. Senti Patch se movimentar atrás de mim, perturbadoramente próximo, mas sem me tocar. Ficou desse jeito até sairmos da sala.

Do lado de fora da porta, Patch enlaçou meu braço e me conduziu pelo saguão até o banheiro feminino.

— Qual é o seu problema com o banheiro das meninas? — indaguei.

Ele me levou para dentro, trancou a porta e se encostou nela. Os olhos dele voltaram-se inteiramente para mim. E demonstravam todos os sinais de desejarem me sacudir até a morte.

Eu estava acuada contra o balcão, com as mãos agarradas na beirada.

— Você está com raiva porque não fui para o Delphic Seaport — Levantei um ombro trêmulo. — Por que queria que eu fosse para lá, Patch? É domingo à noite. O Delphic Seaport vai fechar daqui a pouco. Havia alguma razão especial para que você quisesse que eu dirigisse até um parque de diversões sombrio, que logo estará vazio?

Ele caminhou na minha direção até estar tão próximo que eu podia ver os olhos negros sob a aba do boné.

— Dabria me contou que você precisa me sacrificar para obter um corpo humano — disse.

Patch ficou quieto por um momento.

— E você achou que eu levaria isso adiante?

Engoli em seco.

— Então é verdade?

Nossos olhares se encontraram.

— Precisa ser um sacrifício intencional. Não basta matar você.

— E você é a única pessoa que pode fazer isso?

— Não, mas sou provavelmente a única pessoa que sabe do resultado final e a única que tentaria isso. Foi por isso que fui para a escola. Precisava me aproximar de você. Eu precisava de você. Foi por essa razão que entrei em sua vida.

— Dabria me disse que você caiu por causa de uma garota. — Odiei a mim mesma por sentir as dores irracionais do ciúme. Não era hora de pensar em mim. Aquilo deveria ser um interrogatório. — O que aconteceu?

Eu queria desesperadamente que Patch deixasse transparecer qualquer sinal de seus pensamentos, mas os olhos eram negros e frios, as emoções, completamente ocultas.

— Ela envelheceu e morreu.

— Deve ter sido duro para você — retruquei.

Ele esperou que se passassem alguns segundos antes de responder. O tom de voz era tão baixo que cheguei a estremecer.

— Você quer que eu seja franco, então serei. Vou lhe contar tudo. Quem sou e o que fiz. Todos os detalhes. Vou revelar tudo, mas você vai ter que perguntar. Vai ter que querer saber. Você pode ver quem eu fui, ou pode ver quem sou agora. Não sou bom — disse ele, penetrando-me com aquele olhar que absorvia toda a luz e nada refletia —, mas já fui pior.

Ignorei o bolo no estômago e falei:

— Pode me contar.

— Na primeira vez que a vi, eu ainda era um anjo. Fui tomado imediatamente pelo desejo de possuí-la. Aquilo me deixou enlouquecido. Eu nada sabia sobre ela, a não ser que faria qualquer coisa para me aproximar. Observei-a por um tempo e então pus na

cabeça que se descesse à Terra e possuísse o corpo de um humano eu seria expulso do céu e me tornaria humano. O problema é que eu nada sabia sobre o Cheshvan. Desci em uma noite de agosto, mas não consegui possuir o corpo. Ao voltar para o céu, fui detido por uma hoste de anjos vingadores que me arrancou as asas. Jogaram-me do céu. Imediatamente soube que algo estava errado. Quando olhava para os humanos, tudo o que eu conseguia sentir era um desejo insaciável de estar dentro de seus corpos. Perdi todos os poderes, era uma criatura fraca e patética. Não era humano. Era apenas um decaído. Percebi que havia desistido de tudo assim, sem mais nem menos. Durante todo esse tempo, odiei-me por isso. Pensei que tivesse desistido de tudo por nada. — Seus olhos se concentraram estranhamente em mim, deixando-me com a sensação de estar transparente. — Mas se eu não tivesse caído, não a teria conhecido.

As emoções conflitantes pesavam tanto dentro do meu peito que achei que iam me sufocar. Lutando contra as lágrimas, fui adiante.

— Dabria disse que minha marca de nascença indica que sou parente de Chauncey. Isso é verdade?

— Você quer uma resposta?

Eu não sabia se queria. Todo o meu mundo parecia uma piada, e eu era a última a entender a graça. Eu não era Nora Grey, uma garota comum. Era descendente de alguém que nem sequer era humano. E meu coração estava sendo destroçado por outro não humano. Um anjo das trevas.

— De que lado da família? — perguntei finalmente.

— Paterno.

— Onde está Chauncey agora?

Embora fôssemos parentes, preferia pensar que ele estava distante. Muito distante. Distante o suficiente para que o elo entre nós parecesse irreal.

As botas de Patch estavam alinhadas com a ponta dos meus tênis.

— Não vou matá-la, Nora. Não mato pessoas que são importantes para mim. E você encabeça a lista.

Meu coração deu um salto. Minhas mãos estavam apertadas contra sua barriga, tão rígida que nem a pele cedia. Eu estava tentando manter uma barreira inútil entre nós, pois nem uma gigantesca cerca eletrificada me faria sentir protegida dele.

— Você está violando meu espaço — disse eu, esgueirando-me para trás.

Patch deu um sorriso quase imperceptível.

— Violando? Nora, você não está em uma prova de vestibular.

Ajeitei alguns fios de cabelo atrás das orelhas e dei um bom passo para o lado, contornando a pia.

— Você está me sufocando. Preciso… de espaço.

O que eu precisava era de limites. Precisava de força de vontade. Precisava ser enjaulada, pois mais uma vez demonstrava que não podia confiar em mim mesma na presença de Patch. Eu deveria estar correndo para a porta, mas… não estava. Tentei me convencer de que permanecia ali porque precisava de respostas, mas era apenas parte da história. O que eu não queria era pensar na outra parte. A parte emocional. A parte à qual era inútil resistir.

— Você está escondendo mais alguma informação de mim? — quis saber.

— Estou escondendo muitas informações de você.

Senti um aperto por dentro.

— Como o quê, por exemplo?

— A forma como me sinto ao ficar trancado aqui com você. — Patch apoiou uma das mãos no espelho atrás de mim, o peso dele se inclinando na minha direção. — Você não tem ideia do que faz comigo.

Sacudi a cabeça.

— Não. Não acho que seja uma boa ideia. Não está certo.

— Existem vários níveis de certo — murmurou ele. — Olhando por este ângulo, ainda estamos em segurança.

Eu tinha certeza de que a metade do meu cérebro responsável pela autopreservação estava berrando *Saia correndo!* Infelizmente,

o sangue me subiu à cabeça e eu não conseguia ouvir direito. Obviamente, também não estava pensando direito.

— Absolutamente certo. Geralmente certo — prosseguiu Patch. — Praticamente certo. Talvez certo.

— Talvez certo em outra ocasião.

Respirei fundo. Pelo canto do olho, percebi um alarme de incêndio preso à parede. Estava a uns três ou quatro metros. Se eu fosse rápida, poderia atravessar o cômodo e acioná-lo antes que Patch pudesse me impedir. A segurança chegaria correndo e eu estaria a salvo. Era o que eu queria… Não era?

— Não é uma boa ideia — disse Patch, balançando a cabeça suavemente.

De qualquer maneira, parti na direção do alarme. Meus dedos se fecharam em torno da alavanca e a abaixei para acioná-lo. Mas a alavanca não se mexeu. Tentei com toda a força, mas não consegui. Então senti a presença familiar de Patch em minha cabeça e entendi que era um jogo.

Virei-me para encará-lo.

— Saia da minha cabeça.

Irritada, empurrei seu peito com força. Patch deu um passo para trás, recuperando o equilíbrio.

— Por que você fez isso? — perguntou ele.

— Por causa dessa noite toda.

Por me fazer ficar louca por ele quando eu sabia que aquilo era errado. Ele era o *pior* tipo de erro. Era um erro tão grande que parecia certo, e aquilo me deixava completamente fora de controle.

Eu talvez me sentisse tentada a lhe dar um direto no queixo se ele não tivesse me pegado pelos ombros e me prendido contra a parede. Quase não havia espaço entre nós, apenas uma fina camada de ar, mas Patch logo eliminou o problema.

— Sejamos honestos, Nora. Você está caída por mim. — O olhar dele era profundo. — E eu estou caído por você. — Ele se abaixou e encostou a boca na minha. Aliás, encostou muitas partes dele em mim, para falar a verdade. Diversos pontos estratégicos do nosso

corpo estavam juntos, e precisei de muita força de vontade para me afastar.

Recuei.

— Ainda não acabei. O que aconteceu com Dabria?

— Tudo resolvido.

— O que isso significa exatamente?

— Ela não ficaria mesmo com as asas, depois de tramar sua morte. Assim que tentasse voltar para o céu, os anjos vingadores as arrancariam. Aconteceria mais cedo ou mais tarde. Só apressei os fatos.

— Então você… arrancou as asas dela.

— Estavam se deteriorando. As penas estavam quebradas e ralas. Se ficasse por mais tempo na Terra, ficaria evidente para qualquer outro anjo caído que ela também havia caído. Se eu não o fizesse, um deles faria.

Driblei outro de seus avanços.

— Ela vai fazer outra aparição indesejada na minha vida?

— É difícil dizer.

Mais rápido do que um raio, Patch agarrou a barra do meu suéter. Arrastou-me para junto de si. Os nós de seus dedos esbarraram no meu umbigo. Calor e frio me atravessaram simultaneamente.

— Você pode vencê-la, Anjo. Já vi as duas em ação e aposto em você. Não precisa de minha ajuda.

— *Por que* eu precisaria de você?

Ele riu. Não de forma abrupta, mas com um desejo contido. Os olhos tinham perdido a agressividade e estavam totalmente concentrados em mim. O sorriso era astuto como o de uma raposa… porém mais suave. Algo dentro de mim subiu e desceu.

— A porta está trancada — disse ele. — E temos assuntos pendentes.

Meu corpo parecia ter descartado a parte lógica do meu cérebro. Asfixiado, para ser mais exata. Deslizei as mãos pelo peito dele e enlacei seu pescoço. Patch me ergueu pelos quadris, e envolvi a cintura dele com as pernas. Meu coração estava disparado, mas

não me importei nem um pouco. Apertei minha boca contra a dele, desfrutando do êxtase de ter sua boca na minha, as mãos dele em mim, quase queimando minha pele…

O celular em meu bolso resolveu tocar. Afastei-me de Patch, suspirando fundo, e o telefone tocou de novo.

— Secretária eletrônica — disse Patch.

Nas profundezas ocultas da minha consciência, eu sabia que era importante atender ao telefone. Não conseguia me lembrar do motivo. Beijar Patch fazia evaporar toda e qualquer preocupação. Desvencilhei-me dele, dando as costas para que ele não percebesse o efeito causado por dez segundos de beijos. Por dentro, eu gritava de alegria.

— Alô? — atendi, resistindo à tentação de passar a mão na boca para limpar o *gloss* borrado.

— *Baby*! — exclamou Vee. A ligação estava ruim, com muito chiado se sobrepondo à voz. — Onde você está?

— Onde *você* está? Ainda está com Elliot e Jules? — Tapei a outra orelha para ouvir melhor.

— Estou na escola. Nós a invadimos — disse ela com uma voz perfeitamente travessa. — Queremos brincar de esconde-esconde, mas não temos duas pessoas em cada grupo. Então… você sabe de alguém que toparia brincar com a gente?

Uma voz incompreensível balbuciou ao fundo.

— Elliot quer que eu diga para você que se não vier fazer dupla com ele… peraí… o quê? — disse Vee ao fundo.

A voz de Elliot se fez ouvir.

— Nora? Venha brincar conosco. Se você não vier, tem uma árvore no pátio reservada para Vee.

Fiquei completamente gelada.

— Alô? — disse quase rouca. — Elliot? Vee? Vocês estão me ouvindo? Mas a ligação tinha caído.

C A P Í T U L O

27

— Quem era? — perguntou Patch.

Meu corpo estava eletrizado. Levei um momento para responder. — Vee invadiu a escola com Elliot e Jules. Querem que eu encontre com eles. Acho que Elliot vai machucar Vee se eu não for. — Olhei para Patch. — Acho que vai machucá-la mesmo se eu for para lá.

Ele cruzou os braços e franziu a testa.

— Elliot?

— Na semana passada, na biblioteca, encontrei uma reportagem que dizia que ele fora submetido a inquérito durante a investigação de um assassinato na sua antiga escola, Kinghorn Prep. Ele passou no laboratório de informática e viu o que eu estava lendo. Desde aquela noite, sinto uma vibração esquisita vindo dele. Muito esquisita. Acho que ele andou até invadindo meu quarto para recuperar a reportagem.

— Devo saber de mais algum fato?

— A garota assassinada era namorada de Elliot. Foi enforcada em uma árvore. Agora, ao telefone, ele disse: “Se você não vier, tem uma árvore no pátio reservada para Vee.”

— Já vi Elliot. Ele parece arrogante e um pouco agressivo, mas não me parece um assassino. — Ele enfiou a mão em meu bolso da frente e pegou as chaves do Jeep. — Eu dirijo e vejo o que está acontecendo. Não vou demorar.

— Acho que deveríamos chamar a polícia.

Ele balançou a cabeça.

***

— Você vai mandar a Vee para o reformatório por destruição de propriedade, arrombamento e invasão. Outra questão. Jules. Que é esse cara?

— É amigo de Elliot. Ele estava no fliperama na noite que encontramos com você.

Ele franziu mais ainda a testa.

— Se houvesse outro cara, eu me lembraria dele.

Ele abriu a porta e eu o segui. Um faxineiro de calças pretas e camisa de uniforme ocre varria restos de pipoca no saguão. Pareceu espantado ao ver Patch sair do banheiro feminino. Eu o reconheci da escola. Brandt Christensen. Estudávamos inglês na mesma turma. No semestre anterior, eu o ajudara a fazer um trabalho.

— Elliot está esperando por mim, não por você — falei. — Se eu não aparecer, quem sabe o que pode acontecer com Vee? É um risco que não vou correr.

— Se eu deixar que venha comigo, você vai ouvir minhas instruções e obedecê-las cuidadosamente?

— Vou.

— Se eu lhe disser para pular?

— Vou pular.

— Se eu lhe disser para ficar no carro?

— Vou ficar no carro. — Era praticamente verdade.

Lá fora, no estacionamento do cinema, Patch mirou o Jeep com as chaves e os faróis piscaram. De repente, ele parou e disse um palavrão entre os dentes.

— O que houve? — perguntei.

— Os pneus.

Baixei o olhar e vi que os dois pneus do lado do motorista estavam furados.

— Não acredito! — exclamei. — Passei em cima de dois pregos?

Patch agachou-se perto do pneu dianteiro, passando a mão na circunferência.

— Chave de fenda. Foi proposital.

Por um momento achei que pudesse ser outro truque mental. Talvez Patch tivesse as razões dele para não querer que eu fosse até a escola. Afinal de contas, não era segredo o que ele pensava de Vee. Mas havia algo errado. Eu não sentia Patch em nenhum lugar da minha cabeça. Se ele estivesse alterando meus pensamentos, havia conseguido outro jeito de fazê-lo, pois eu podia dizer que aquilo era mesmo real.

— Quem faria isso?

Ele ficou de pé.

— A lista é comprida.

— Você está tentando me dizer que tem muitos inimigos?

— Já deixei algumas pessoas zangadas. Muitas pessoas fazem apostas que não podem ganhar. Então me culpam por ficar com o carro delas e outros bens.

Patch caminhou até a outra vaga, onde estava um cupê, abriu a porta do motorista e sentou-se diante do volante. A mão desapareceu embaixo dele.

— O que você está fazendo? — perguntei, em pé diante da porta aberta.

Era desperdício de fôlego, pois eu sabia muito bem o que ele estava fazendo.

— Estou procurando a chave reserva. — A mão de Patch reapareceu, juntando dois fios azuis. Com alguma habilidade, ele removeu as pontas dos fios e os prendeu. O motor começou a funcionar e Patch olhou para mim. — Aperte o cinto.

— Não vou roubar um carro.

Ele deu de ombros.

— Precisamos dele agora. Eles não.

— Mas é *roubar*. É errado.

Patch não parecia nem um pouco preocupado. Para falar a verdade, parecia um pouco relaxado demais no banco do motorista. *Não é a primeira vez que ele faz isso*, pensei.

— A regra número um do roubo de carros — disse ele com um sorriso — é não permanecer na cena do crime por mais tempo do

que o necessário.

— Espere um minuto — disse eu, levantando o dedo.

Voltei correndo para o cinema. No caminho, as portas de vidro refletiam o estacionamento atrás de mim, e vi Patch saltando do carro.

— Oi, Brandt — disse para o garoto que ainda jogava pipocas dentro de uma pá de lixo de cabo comprido.

Brandt olhou em minha direção, mas logo sua atenção se voltou para trás de mim. Ouvi as portas da sala se abrirem e senti Patch atrás. Sua aproximação não era tão diferente assim de uma nuvem que esconde o sol, obscurecendo sutilmente a paisagem e sugerindo a chegada de uma tempestade.

— Tudo bem? — perguntou Brandt com certa insegurança.

— Estou com problemas com o carro — disse, mordendo os lábios e tentando fazer uma cara simpática. — Sei que estou deixando você em uma situação desagradável, mas como eu o ajudei com aquele trabalho sobre Shakespeare no semestre passado…

— Você quer meu carro emprestado.

— Para falar a verdade… é isso mesmo.

— É um lixo. Não é um Jeep Commander. — Olhou direto para Patch, como se estivesse pedindo desculpas.

— Funciona? — perguntei.

— Se você está perguntando se as rodas giram, sim, ele funciona. Mas não estou emprestando.

Patch abriu a carteira e entregou a ele o que pareciam ser três notas de cem dólares novinhas em folha. Mantive minha surpresa sob controle e decidi que o melhor a fazer era fingir que concordava.

— Mudei de ideia — exclamou Brandt, de olhos arregalados, embolsando o dinheiro. Vasculhou os bolsos e entregou a Patch um par de chaves.

— O modelo e a cor? — perguntou Patch, pegando as chaves.

— É difícil dizer. Metade Volkswagen, metade Chevette. Costumava ser azul.

Mas isso foi antes de enferrujar e ficar laranja. Você vai encher o tanque antes de devolver? — Brandt parecia estar cruzando os dedos atrás das costas, tentando a sorte.

Patch sacou outra nota, dessa vez de vinte dólares.

— Para o caso de a gente esquecer — disse ele, enfiando a nota no bolso da frente do uniforme de Brandt.

— Eu poderia tê-lo convencido a entregar as chaves — disse a Patch quando estávamos do lado de fora. — Só precisava de um pouco mais de tempo. Aliás, por que você trabalha como garçom no Borderline se é cheio da grana?

— Não sou. Ganhei o dinheiro na sinuca há algumas noites. — Ele enfiou a chave de Brandt na fechadura e abriu a porta do carona para mim. — O banco agora está fechado.

Patch dirigiu pelas ruas escuras e silenciosas da cidade. Não demorou muito para chegar à escola. Estacionou o carro de Brandt no lado leste do prédio e desligou o motor. O terreno era coberto de árvores, com galhos retorcidos e sinistros que nada sustentavam além da neblina. Atrás deles, erguia-se Coldwater High.

A parte original do prédio tinha sido construída no final do século XIX e depois do pôr do sol lembrava muito uma catedral. Cinzenta e ameaçadora. Muito sombria. Muito abandonada.

— Estou com um pressentimento muito ruim — disse eu, observando as janelas na escuridão.

— Fique no carro e mantenha-se escondida — disse Patch, entregando-me as chaves. — Se alguém sair do prédio, vá embora. — Ele saiu. Estava usando uma camiseta justa de gola redonda, jeans Levi’s escuros e botas. Com cabelo negro e pele morena, ficava difícil distingui-lo. Ele atravessou a rua e momentos depois se fundiu completamente com a noite.

CAPÍTULO 28

Cinco minutos se passaram. Dez minutos se transformaram em vinte. Lutei para ignorar a sensação aterrorizante de estar sendo vigiada. Observei a escuridão que envolvia a escola.

Por que Patch estava demorando tanto para voltar? Procurei desenvolver algumas teorias, sentindo-me mais inquieta a cada momento. E se Patch não conseguisse encontrar Vee? O que aconteceria quando ele encontrasse Elliot? Eu não acreditava que Elliot pudesse ganhar de Patch em uma briga, mas havia sempre uma possibilidade — se Elliot tivesse a seu favor o elemento surpresa.

O telefone tocou dentro de meu bolso e eu dei um pulo.

— Estou vendo você — disse Elliot quando atendi. — Está sentada no carro.

— Onde você está?

— Estou vendo você de uma das janelas do segundo andar. Estamos brincando aqui dentro.

— Não quero brincar.

Ele desligou.

Com o coração na garganta, saltei do carro. Olhei para as janelas escuras da escola.

Não achava que Elliot soubesse que Patch estava lá dentro. A voz dele parecia impaciente, ele não estava zangado nem irritado. Minha única esperança era que Patch tivesse um plano e não deixasse que nada acontecesse comigo ou com Vee. Uma nuvem escondeu a lua. Sob a sombra do medo, caminhei para a porta da ala leste.

Mergulhei na semiescuridão. Meus olhos levaram vários segundos para distinguir uma faixa de luz vinda da rua, que atravessava o vidro na metade superior da porta. A cerâmica do

piso refletia um brilho fosco. Os armários estavam alinhados nos dois lados do corredor como se fossem sonolentos soldados robôs. Em vez de uma sensação de paz e tranquilidade, os corredores irradiavam ameaças ocultas.

As luzes externas iluminavam alguns metros da passagem, mas depois disso eu não conseguia ver mais nada. Perto da porta, havia uma série de interruptores. Liguei todos, mas nada aconteceu.

Como havia energia do lado de fora, eu sabia que alguém desligara a eletricidade. Fiquei imaginando se isso era parte do plano de Elliot. Eu não podia vê-lo. Não podia ver Vee. Também não podia ver Patch. Precisaria tatear de sala em sala pela escola, em um lento jogo de eliminação, até encontrá-lo. E juntos encontraríamos Vee.

Guiei-me pela parede e me arrastei para a frente. Em qualquer dia de aula eu atravessava aquele trecho do corredor diversas vezes, mas na escuridão ele subitamente parecia desconhecido. E mais comprido. Muito mais comprido.

No primeiro cruzamento, fiz um reconhecimento mental da área. Para a esquerda, encontraria a sala da banda, a da orquestra e o refeitório. Para a direita, chegaria às salas da administração, bem como a uma escadaria dupla. Continuei em frente, penetrando no interior da escola, em direção às salas de aula.

Meu pé esbarrou em algo, e antes que eu pudesse reagir, caí de cara no chão. Quando a lua saiu detrás das nuvens, uma luz cinzenta e fraca atravessou uma claraboia que ficava bem acima, iluminando os traços do corpo no qual eu tropeçara. Jules estava deitado de barriga para cima com a expressão congelada e um olhar vazio. O longo cabelo louro estava emaranhado e jogado no rosto, as mãos descansavam frouxamente nas laterais.

Apoiei-me nos joelhos e tapei a boca, resfolegante. Minhas pernas tremiam com tanta adrenalina. Muito lentamente, pousei a palma da mão sobre o peito de Jules. Ele não respirava. Estava morto.

Dei um salto e abafei um berro. Queria chamar por Patch, mas Elliot ficaria sabendo onde eu estava — se é que já não sabia.

Percebi com um sobressalto que ele poderia estar a alguns metros de distância, observando-me enquanto seu jogo pervertido se desenrolava.

A luz que vinha do alto diminuiu, e olhei freneticamente ao redor. Mais corredores infindáveis se estendiam diante de mim. A biblioteca ficava à minha esquerda, depois de alguns degraus. As salas de aula começavam à direita. Levei uma fração de segundo para decidir pela biblioteca, e prossegui tateando na escuridão para me afastar do corpo de Jules. Meu nariz escorreu e percebi que estava chorando silenciosamente. Por que Jules estava morto? Quem o matara? Se Jules estava morto, será que Vee também estaria?

As portas da biblioteca estavam destrancadas. Fui em frente, apalpando o caminho. Depois das prateleiras, do outro lado da biblioteca, ficavam três pequenas salas de reunião. Eram à prova de som. Se Elliot quisesse isolar Vee, aquele era o lugar ideal para mantê-la.

Estava a ponto de seguir naquela direção quando escutei um gemido masculino atravessar a biblioteca. Fiquei parada.

As luzes do corredor ganharam vida e iluminaram a escuridão da biblioteca. O corpo de Elliot estava a poucos metros de distância, a boca entreaberta, a pele sem cor. Os olhos dele se reviraram e ele estendeu um braço para mim.

Soltei um grito ensurdecedor. Virei-me e corri para a porta da biblioteca, esbarrando e derrubando cadeiras no caminho. *Corra!*, ordenei a mim mesma. *Vá para a saída.*

Tropecei para fora, e quando isso aconteceu, as luzes do corredor se apagaram, enterrando tudo novamente na escuridão.

— Patch! — tentei gritar, mas minha voz não saiu e engasguei com seu nome.

Jules estava morto. Elliot estava quase morto. Quem os matara? Quem havia sobrado? Tentei entender o que estava acontecendo, mas toda a lógica havia me abandonado.

Um puxão por trás de mim me fez perder o equilíbrio. Outro puxão me fez voar para o lado. Minha cabeça bateu contra um dos

armários, deixando-me atordoada.

Um estreito facho de luz varreu minha visão, e um par de olhos escuros atrás de uma máscara de esquiador entrou em foco. A luz vinha de uma lanterna de mineiro presa à máscara.

Levantei-me e tentei correr. Um dos braços veio à frente, impedindo minha fuga. Ele levantou o outro braço, prendendo-me contra o armário.

— Você achou que eu tivesse morrido? — Eu podia ouvir um sorriso gelado e cheio de desprezo no tom daquela voz. — Não pude perder uma última chance de brincar com você. Foi divertido. Quem você pensava que fosse o sujeito malvado? Elliot? Ou passou pela sua cabeça que sua melhor amiga poderia ter feito isso? Está ficando quente, não é? O medo é assim. Faz surgir o que há de pior na gente.

— É você. — Minha voz vacilava.

Jules arrancou a lanterna e a máscara de esquiador.

— Em carne e osso.

— Como você fez isso? — perguntei com a voz ainda trêmula. — Eu vi você. Não estava respirando. Estava morto.

— Você está enchendo demais minha bola. Foi você o tempo inteiro, Nora. Se sua mente não fosse tão fraca, eu nada poderia ter feito. Estou fazendo você se sentir mal? Acharia desencorajador saber que de todas as mentes que eu já invadi a sua é, de longe, a mais fácil? E a mais divertida.

Passei a língua nos lábios. Minha boca era uma estranha combinação de seca e grudenta. Eu podia sentir o cheiro de medo em meu hálito.

— Onde está Vee?

Ele deu um tapa em meu rosto.

— Não mude de assunto. Você realmente deveria aprender a controlar o medo. O medo mina a lógica e abre todo tipo de porta para gente como eu.

Era um lado de Jules que eu nunca vira. Sempre fora tão silencioso, tão mal-humorado, irradiando uma completa falta de

interesse em todos que o cercavam. Ficava em segundo plano, chamando pouca atenção, levantando pouca suspeita. *Muito inteligente da parte dele*, pensei.

Ele agarrou meu braço e me jogou atrás dele.

Cravei as unhas nele e me contorci, tentando fugir. Ele me deu um soco no estômago. Tropecei para trás, lutando para inspirar o ar que se recusava a entrar em meus pulmões. Meu ombro se arrastou pelo armário até que acabei sentada, encolhida no chão. Um fio de ar desceu por minha garganta e eu engasguei.

Jules tocou as marcas que minhas unhas haviam deixado em seu antebraço.

— Você vai pagar por isso.

— Por que me trouxe até aqui? O que você quer? — Eu não conseguia evitar uma nota de histeria na voz.

Ele me puxou pelo braço e me arrastou pelo corredor. Abriu uma porta com um chute e me jogou lá dentro. Caí, e minhas mãos encontraram o chão duro. A porta bateu atrás de mim. A única luz provinha da lanterna que Jules segurava.

O ar guardava os cheiros familiares de poeira de giz e de produtos químicos envelhecidos. As paredes eram decoradas com cartazes que mostravam o corpo humano e cortes transversais de células humanas. Uma comprida bancada de granito negro com uma pia ficava na frente da sala, e diante dela, filas de mesas de laboratório também em granito. Estávamos dentro da sala de biologia do técnico McConaughy.

Um brilho metálico chamou minha atenção. Um bisturi estava jogado no chão, próximo à lixeira. Devia ter passado despercebido pelo técnico e pelo faxineiro. Guardei o bisturi na cintura da calça jeans instantes antes de Jules me colocar de pé.

— Cortei a eletricidade — disse ele, colocando a lanterna sobre a mesa mais próxima. — Não dá para brincar de esconde-esconde com luz.

Ele arrastou duas cadeiras para colocá-las frente a frente.

— Sente-se. — Não parecia um convite.

Meus olhos voaram para a série de janelas enfileiradas na parede oposta. Pensei se poderia abrir uma delas e fugir antes que Jules me pegasse. Entre outros milhares de pensamentos que tratavam da minha própria sobrevivência, disse para mim mesma que não deveria parecer amedrontada. De algum lugar do fundo da mente, veio a lembrança dos conselhos de um curso de autodefesa que eu fizera com minha mãe, depois da morte de papai. Olhe nos olhos… pareça confiante… use o bom senso… tudo fácil de dizer e difícil de fazer.

Jules me empurrou pelos ombros, obrigando-me a sentar na cadeira. Senti a frieza do metal atravessar minha calça jeans.

— Entregue-me seu celular — ordenou, estendendo a mão.

— Esqueci no carro.

Ele soltou uma gargalhada.

— Você quer realmente brincar comigo? Sua melhor amiga está trancada em algum lugar deste prédio. Se você começar a brincar comigo, ela vai se sentir esquecida. Terei que pensar em algum jogo superespecial para entretê-la.

Procurei o telefone e entreguei para ele.

Com força sobre-humana, ele dobrou o telefone em dois.

— Agora estamos sozinhos. — Ele afundou na cadeira diante da minha e esticou as pernas voluptuosamente. Um dos braços pendia atrás do banco. — Vamos conversar, Nora.

Pulei da cadeira. Jules me agarrou pela cintura antes que eu tivesse dado quatro passos e me jogou de volta no assento.

— Eu costumava criar cavalos. Há muito tempo, na França, eu tinha um estábulo cheio de lindos cavalos. Os espanhóis são meus favoritos. Eram capturados ainda selvagens e trazidos diretamente para mim. Em algumas semanas estavam domados. Mas havia sempre aquela exceção, o cavalo que se recusava a ser domado. Você sabe o que eu fiz com um cavalo desses?

Estremeci em resposta.

— Coopere e não precisará temer — disse ele.

Não acreditava nele por um momento sequer. O fulgor em seus olhos não guardava nenhuma sinceridade.

— Vi Elliot na biblioteca. — Fiquei surpresa com o tremor em minha voz. Eu não gostava de Elliot, nem confiava nele, mas não achava que merecesse uma morte lenta e dolorosa. — Você o feriu?

Ele curvou-se para a frente como se quisesse dividir um segredo.

— Se você vai cometer um crime, não deve deixar provas. Elliot foi parte de toda a história. Sabe demais.

— É por isso que estou aqui? Por causa da reportagem sobre Kjirsten Halverson que eu encontrei?

Jules sorriu.

— Elliot se esqueceu de mencionar que você sabia a respeito de Kjirsten.

— Foi ele quem a matou… ou foi você? — perguntei em um surto de inspiração.

— Eu precisava testar a lealdade de Elliot. Tomei o que era mais importante para ele. Elliot estava em Kinghorn graças a uma bolsa, e ninguém deixava que se esquecesse disso. Até que eu cheguei. Fui seu benfeitor. No final, era uma questão de escolher entre mim e Kjirsten. Objetivamente, entre dinheiro e amor. Aparentemente não há graça em ser um mendigo entre os príncipes. Eu o comprei, e foi então que soube que poderia confiar nele quando chegasse a hora de lidar com você.

— Por que eu?

— Ainda não entendeu? — A luz acentuava a dureza de seu rosto e criava a ilusão de que seus olhos adquiriam a cor de prata incandescente. — Andei brincando com você. Manipulando-a como se fosse uma marionete. Usando-a como bode expiatório, porque a pessoa que realmente quero ferir não pode ser ferida. Você sabe quem é essa pessoa?

Todas as sinapses do meu corpo pareciam ter se desfeito. Meus olhos perderam o foco. O rosto de Jules parecia uma pintura impressionista, manchado nas beiradas, sem detalhes. O sangue deixou minha cabeça, e senti que meu corpo começava a

escorregar pela cadeira. Já sentira aquilo antes e sabia que precisava dos comprimidos de ferro. Logo.

Ele deu outro tapa em meu rosto.

— Concentre-se. Sobre o que estamos falando?

— Não sei. — Não consegui elevar a voz além de um sussurro.

— Você sabe por que ele não pode ser ferido? Porque não tem um corpo humano. O corpo dele é desprovido de sensações físicas. Se eu o trancasse e o torturasse, de nada adiantaria. Ele não pode sentir a mínima dor. Com toda certeza, agora você já deve imaginar. Você anda passando muito tempo com essa pessoa. Por que está tão quieta, Nora? Não consegue adivinhar?

Uma gota de suor escorreu pelas minhas costas.

— Todos os anos, no início do mês hebraico do Cheshvan, ele assume o controle do meu corpo. Durante duas semanas inteiras. É a época em que perco o controle. Não tenho liberdade, nem opção. Não tenho o luxo de escapar durante essas duas semanas, emprestando meu corpo e voltando quando tudo está acabado. Então eu poderia ser capaz de me convencer de que nada disso realmente acontece. Mas permaneço aqui, um prisioneiro *do meu próprio corpo*, testemunhando todos os momentos — disse com um tom de voz implacável. — Você imagina como é isso? *Imagina*? — berrou.

Mantive a boca fechada, sabendo que seria perigoso falar. Jules soltou uma gargalhada, uma corrente de ar que passava pelos dentes. Era o som mais sinistro que eu jamais ouvira.

— Fiz um juramento — ele disse — em que permiti que ele assumisse meu corpo durante o Cheshvan. Eu tinha 16 anos. — Deu de ombros, mas era um movimento rígido. — Ele me torturou, para me obrigar a fazer o juramento. Quando acabou, disse que eu não era humano. Você acredita nisso? *Não era humano*. Contou que minha mãe, humana, havia se deitado com um anjo caído. — Ele abriu um sorriso cheio de ódio, o suor pingava de sua testa. — Por acaso mencionei que herdei algumas características do meu pai? Como ele, sou um enganador. Faço você ver mentiras. Faço você ouvir vozes.

Bem desse jeito. Está me ouvindo, Nora? Já está com medo? Ele bateu na minha testa.

— O que está acontecendo, Nora? Está muito quieta.

Jules era Chauncey. Ele era um nefilim. Lembrei-me da minha marca de nascença e do que Dabria me dissera. Jules e eu tínhamos o mesmo sangue. Em minhas veias corria o sangue de um monstro. Fechei os olhos e uma lágrima escapou.

— Lembra a noite em que nos encontramos pela primeira vez? Pulei na frente do carro que você dirigia. Estava escuro e havia neblina. Você já estava nervosa, o que facilitou muito a tarefa de enganá-la. Gostei de assustá-la. Peguei o gostinho naquela primeira noite.

— Eu saberia que era você — murmurei. — Não existem tantas pessoas por aí com sua altura.

— Você não está ouvindo. Posso fazer com que veja o que eu quero. Acha mesmo que eu esqueceria um detalhe tão importante quanto a minha altura? Você viu o que eu quis que visse. Viu um homem indefinível com uma máscara negra de esquiador.

Fiquei sentada ali, sentindo um mínimo de alívio no meio do meu pavor. Eu não estava maluca. Jules estava por trás de tudo. *Ele* era o maluco. Podia criar jogos mentais porque o pai era um anjo caído e ele herdara o poder.

— Você não revirou meu quarto — disse. — Só me fez pensar que isso tinha acontecido. Foi por isso que estava arrumado quando a polícia chegou.

Ele aplaudiu lenta e deliberadamente.

— Quer saber a melhor parte? Você poderia ter me bloqueado. Eu não poderia tocar sua mente sem permissão. Procurei alcançá-la e você nunca resistiu. Você foi fraca. Você foi fácil.

Tudo fazia sentido e, em vez de sentir um breve momento de alívio, percebi o quanto era suscetível. Estava escancaradamente despida. Nada impedia que Jules me envolvesse em seus jogos, a menos que eu aprendesse a bloqueá-lo.

— Imagine-se no meu lugar — disse Jules. — Com o corpo violado ano após ano. Imagine um ódio tão intenso que não pode

ser curado por nada além da vingança. Imagine gastar grandes doses de energia e de recursos para acompanhar de perto o objeto da sua vingança, aguardando pacientemente o momento em que o destino lhe apresentasse a oportunidade não apenas de um acerto de contas, mas de mudar o equilíbrio da balança a seu favor. — Seus olhos se fixaram nos meus.

— Você é essa oportunidade. Se ferir você, firo Patch.

— Você superestima meu valor para Patch — disse eu, sentindo o suor frio escorrer pela testa.

— Acompanho Patch de perto há séculos. No verão passado, ele fez a primeira visita à sua casa, embora você não tenha percebido. Ele a seguiu nas compras algumas vezes. De vez em quando, dava-se o trabalho de parar o que estava fazendo para encontrá-la. Então se matriculou na escola. Eu não conseguia parar de me perguntar o que havia de tão especial em você. Fiz um esforço para descobrir. Venho observando-a há algum tempo.

Um horror absoluto tomou conta de mim. Naquele momento, eu soube que não era a presença do meu pai que eu sentia, seguindo-me como um guardião fantasma. Era Jules. Sentia a mesma presença gelada e sobrenatural naquele momento, amplificada centenas de vezes.

— Eu não queria chamar a atenção de Patch e recuei — prosseguiu. — Foi quando Elliot entrou em cena. Não levou muito tempo para que ele me contasse aquilo que eu já imaginava. Patch está apaixonado por você.

Todas as peças estavam no lugar. Jules não tinha ficado doente no dia em que desaparecera no banheiro masculino no Delphic Seaport. Nem na noite em que fomos ao Borderline. Ele simplesmente precisava permanecer longe das vistas de Patch. No momento em que Patch o visse, tudo estaria perdido. Patch saberia que Jules — Chauncey — estava armando algum plano. Elliot era os olhos e os ouvidos de Jules e o alimentava com informações.

— O plano era matá-la durante o acampamento, mas Elliot fracassou em convencê-la a ir — disse Jules. — Hoje, mais cedo, segui você na saída do Blind Joe's e atirei. Imagine minha surpresa

quando descobri que tinha matado uma mulher com sacos de lixo, vestida com seu casaco. Mas tudo funcionou. — O tom relaxou. — Aqui estamos nós.

Mudei de posição no assento, e o bisturi entrou mais em minha calça jeans. Se não fosse cuidadosa, ficaria fora do meu alcance. Se Jules me forçasse a ficar de pé, talvez escorregasse pela perna da calça. E tudo estaria perdido.

— Deixe-me adivinhar no que você está pensando — disse Jules, erguendo-se e saracoteando para a frente da sala. — Você está começando a desejar nunca ter encontrado Patch. Preferiria que ele nunca tivesse caído de amores por você. Vá em frente. Ria da situação em que ele a colocou. Ria de suas próprias escolhas erradas.

Ao ouvir Jules falar sobre o amor de Patch, fui tomada por uma esperança irracional.

Apalpei, retirei o bisturi da calça e pulei do assento.

— Não se aproxime de mim ou vou golpeá-lo. Juro que vou!

Jules soltou um som gutural e lançou o braço contra a bancada na frente da sala.

Tubos de ensaio se espatifaram contra o quadro-negro, papéis voaram. Ele avançou na minha direção. Em pânico, segurei o bisturi com toda a força que tinha. Ele encontrou a palma da mão de Jules, rasgando a pele.

Jules gemeu e deu um passo para trás.

Sem esperar, enfiei o bisturi em sua coxa.

Jules espantou-se com o metal que se projetava de sua perna. Arrancou com as duas mãos, o rosto contraído de dor. Abriu as mãos e o bisturi caiu com estardalhaço.

Deu um passo vacilante na minha direção.

Gritei e me desviei, mas meu quadril bateu na quina de uma mesa. Perdi o equilíbrio e despenquei. O bisturi estava a vários metros de distância.

Jules virou-me de barriga para baixo e me prendeu com as pernas nas costas. Apertou meu rosto contra o chão, esmagando

meu nariz e abafando meus gritos.

— Brava tentativa — grunhiu. — Mas não vai conseguir me matar. Sou um nefilim. Sou imortal.

Tentei alcançar o bisturi, me arrastando no chão, buscando me esticar e ganhar aqueles centímetros tão vitais. Meus dedos tatearam o piso à sua procura. Estava quase lá, mas então Jules me arrastou.

Dei um chute com toda a força entre suas pernas. Ele gemeu e tropeçou para o lado. Consegui me levantar, mas Jules arrastou-se até a porta, ajoelhando-se entre ela e mim.

O cabelo pendia diante dos olhos. Gotículas de suor desciam por seu rosto. A boca estava torta para o lado, contraída de dor.

Todos os músculos do meu corpo estavam tensos, prontos para entrar em ação.

— Boa sorte com sua tentativa de fuga — disse ele com um sorriso cínico que parecia exigir muito esforço. — Você vai ver o que quero dizer.

Então tombou.

CAPÍTULO
29

Eu não tinha ideia de onde Vee estava. A estratégia óbvia era tentar pensar como Jules — onde eu prenderia Vee, se fosse ele?

Ele quer que seja difícil de fugir e difícil de encontrar, raciocinei.

Em minha cabeça, procurei reconstituir a planta do prédio, concentrando a atenção nos andares superiores. Provavelmente Vee estava no terceiro andar, o mais alto da escola — a não ser por um pequeno quarto piso que era mais um sótão do que qualquer outra coisa. Uma escadaria estreita, acessível apenas do terceiro andar, conduzia até lá. No alto, havia duas salas de aula no estilo bangalô: a de espanhol avançado e o laboratório do eZine.

Vee estava no laboratório. De repente eu sabia.

Movimentei-me na escuridão o mais rápido que pude. Subi tateando dois lances de escada. Depois de algumas tentativas e erros, descobri a escada estreita que conduzia ao laboratório do eZine. No alto, empurrei a porta.

— Vee? — chamei baixinho.

Ela deixou escapar um gemido suave.

— Sou eu — eu disse, dando cada passo com cuidado, enquanto manobrava em torno das fileiras de mesas, sem querer derrubar uma cadeira e entregar minha localização para Jules. — Você está ferida? Precisamos sair daqui. — Eu a encontrei encolhida na frente da sala, apertando os joelhos contra o peito.

— Jules me bateu na cabeça — disse ela, a voz ficando mais alta. — Acho que desmaiei. Agora não consigo ver nada. Não consigo ver nada.

— Escute. Jules cortou a eletricidade e as persianas estão abaixadas. Só está escuro. Segure minha mão. Precisamos descer agora.

— Acho que ele fez alguma coisa. Minha cabeça está latejando. Acho que estou mesmo cega.

— Você não está cega — sussurrei, sacudindo-a ligeiramente. — Também não consigo enxergar. Precisamos encontrar o caminho para baixo. Vamos sair pela porta da sala de atletismo.

— Ele acorrentou todas as portas.

Houve um momento de silêncio tenso entre nós. Lembrei que Jules tinha me desejado sorte na fuga e agora entendia o porquê. Um calafrio perceptível deixou o meu coração e atravessou o restante do meu corpo.

— Não acorrentou a porta por onde entrei — disse, finalmente. — A porta no canto leste está aberta.

— Deve ser a única. Eu estava com ele quando acorrentou as outras. Disse que ninguém ficaria tentado a sair enquanto brincássemos de esconde-esconde. Disse que era proibido ir lá fora.

— Se a porta leste é a única destrancada, ele vai tentar bloqueá-la. Vai esperar nós irmos até ele. Mas não vamos. Vamos sair por uma janela — eu disse, montando um plano na cabeça. — Do outro lado do prédio, deste lado. Você está com o celular?

— Jules o levou.

— Quando sairmos, devemos nos separar. Se Jules nos perseguir, precisará escolher a quem seguir. A outra vai buscar ajuda. — Eu já sabia quem ele escolheria. Vee não tinha outra serventia para Jules, além de me atrair para lá naquela noite.

— Corra o mais rápido que puder e encontre um telefone. Chame a polícia. Diga a eles que Elliot está na biblioteca.

— Está vivo? — Vee perguntou com a voz trêmula.

— Não sei.

Ficamos juntas, abraçadas, e senti que ela levantava a camisa para secar os olhos. — É tudo culpa minha.

— É culpa de Jules.

— Estou com medo.

— Vamos ficar bem — eu disse, tentando parecer otimista. — Golpeei Jules na perna, com um bisturi. Ele está sangrando muito.

Talvez desista de nos perseguir e vá procurar cuidados médicos.

Vee soltou um soluço. Nós duas sabíamos que eu estava mentindo. O desejo de vingança de Jules superava o ferimento. Superava tudo.

Vee e eu nos arrastamos escada abaixo, mantendo-nos próximas às paredes até chegarmos ao primeiro andar.

— Por aqui — murmurei em seu ouvido, segurando sua mão enquanto caminhávamos depressa pelo corredor, dirigindo-nos à extremidade oeste.

Não tínhamos andado muito quando um som gutural, não exatamente uma gargalhada, ecoou do túnel de escuridão à nossa frente.

— Muito bem, o que temos aqui? — exclamou Jules.

Não havia um rosto acompanhando a voz.

— Corra! — disse para Vee, apertando sua mão. — É a mim que ele quer. Chame a polícia. *Corra!*

Vee soltou minha mão e correu. Os passos desapareceram perturbadoramente rápidos. Pensei por um instante se Patch ainda estaria no prédio, mas foi praticamente um pensamento secundário. Estava concentrada em não desmaiar. Porque, mais uma vez, eu estava sozinha com Jules.

— Vai levar pelo menos vinte minutos para a polícia chegar — exclamou Jules, o som de seus passos cada vez mais perto. — Não preciso de vinte minutos.

Dei meia-volta e corri. Jules começou a correr atrás de mim.

Passando as mãos pelas paredes, virei à direita no primeiro cruzamento e corri por um corredor perpendicular. Obrigada a confiar nas paredes como guia, as mãos esbarravam nas quinas afiadas dos armários e dos umbrais, arranhando a pele. Entrei novamente à direita, correndo o máximo que pude até chegar às portas duplas do ginásio.

O único pensamento que atravessava minha cabeça era que eu poderia entrar no armário do vestiário a tempo de me trancar lá dentro. O vestiário feminino tinha todas as paredes cobertas com armários gigantes que iam até o teto. Levaria tempo para que Jules

arrombasse cada um deles. Se eu tivesse sorte, a polícia chegaria antes que ele me encontrasse.

Lancei-me no ginásio e corri para o vestiário feminino. Assim que coloquei a mão na maçaneta, fiquei congelada de terror. A porta estava trancada. Tentei abri-la de novo, mas não cedeu. Dei a volta e procurei freneticamente por outra saída, mas eu estava presa no ginásio. Apoiei-me contra a porta, fechei os olhos com força, para tentar não desmaiar, e ouvi minha respiração se acelerar.

Quando reabri os olhos, Jules estava caminhando para a névoa do luar que penetrava pelas claraboias. Amarrara a camisa em volta da coxa. Uma mancha de sangue embebia o tecido. Usava uma camiseta regata branca e calças de algodão. Um revólver estava enfiado na cintura da calça.

— Deixe-me ir embora, por favor — murmurei.

— Vee me contou um detalhe interessante sobre você. Você tem medo de altura. — Ele levantou o olhar para as vigas no alto do ginásio. Um sorriso se abriu em seu rosto.

O ar estagnado estava impregnado pelos odores de suor e de verniz de madeira. A calefação fora desligada durante o feriadão, e estava gelado. Sombras se estendiam para a frente e para trás no piso polido enquanto o luar despontava atrás das nuvens. Jules estava de costas para a arquibancada. Vi Patch se movimentar por trás dele.

— Você atacou Marcie Millar? — perguntei para Jules, obrigando-me a não reagir e denunciar Patch.

— Elliot me disse que vocês duas tinham problemas. Não gostei da ideia de dividir com outra pessoa o privilégio de atormentar minha garota.

— E a janela do meu quarto? Você andou me espionando enquanto eu dormia?

— Nada pessoal.

Jules enrijeceu. Subitamente deu um passo para a frente e puxou meu punho, fazendo-me girar na frente dele. Senti o que temia ser o revólver apertado contra minha nuca.

— Tire o boné — Jules ordenou a Patch. — Quero ver a expressão em seu rosto quando eu a matar. Você não pode fazer nada para salvá-la. Está tão impotente em relação a isso quanto eu em relação ao juramento que fiz.

Patch deu alguns passos adiante. Movimentava-se com tranquilidade, mas eu sentia sua cautela rigidamente controlada. O revólver afundou-se mais, e eu soltei um gemido.

— Mais um passo e ela morre — ameaçou Jules.

Patch observou a distância entre nós, calculando em quanto tempo poderia vencê-la. Jules também percebeu.

— Não tente — exclamou.

— Você não vai atirar nela, Chauncey.

— Não? — Jules apertou o gatilho. A arma estalou e abri a boca para gritar, mas tudo que deixei escapar foi um soluço trêmulo.

— Revólver — explicou Jules. — O tambor está carregado.

Está pronta para dar aqueles golpes de boxe de que você tanto fala?, Patch disse em minha cabeça.

Meu pulso estava fora de controle. As pernas mal conseguiam me manter em pé.

— O q-quê? — gaguejei.

Subitamente, uma corrente de força me atravessou. Uma força desconhecida expandiu-se até tomar conta de mim. Meu corpo era completamente vulnerável a Patch. Toda minha força e liberdade foram deixadas de lado no momento em que ele me possuiu.

Antes que eu tivesse tempo de perceber como me aterrorizava tal perda de controle, uma dor alucinante irradiou-se pela minha mão. Percebi que Patch *estava usando meu punho para golpear Jules.* O revólver se soltou e tombou. Deslizou pelo piso do ginásio, fora de alcance.

Patch ordenou às minhas mãos que jogassem Jules de costas contra as arquibancadas. Jules tropeçou e caiu sobre elas.

Minha próxima visão foi das minhas mãos se fechando em torno da garganta de Jules, lançando sua cabeça para trás, contra as arquibancadas, com um estalo barulhento. Mantive-o ali, apertando

os dedos contra seu pescoço. Os olhos se arregalaram, então se esbugalharam. Ele tentou falar, mexendo os lábios de forma incompreensível, mas Patch não cedeu.

Não serei capaz de ficar muito mais tempo dentro de você, falou Patch em meus pensamentos. *Não é Cheshvan, e não tenho permissão. Assim que eu for expulso, corra. Você está compreendendo? Corra o mais rápido possível. Chauncey estará fraco e atordoado demais para entrar em sua mente. Corra e não pare.*

Um zumbido alto correu por dentro de mim. Senti meu corpo se desprendendo de Patch.

As veias do pescoço de Jules saltavam e a cabeça pendia para um lado. *Vamos*, ouvi Patch se dirigindo a ele. *Desmaie… desmaie…*

Mas era tarde demais, Patch desapareceu de dentro de mim. Foi embora tão subitamente que fiquei tonta.

Minhas mãos estavam sob meu controle de novo e, impulsivamente, deixaram o pescoço de Jules. Ele lutava para respirar e piscava para mim. Patch estava a alguns metros de distância, imóvel.

Lembrei-me do que Patch dissera e saí em disparada pelo ginásio. Joguei-me contra a porta, esperando invadir o corredor. Em vez disso, a sensação era de estar batendo contra uma parede. Puxei a maçaneta, pois sabia que a porta estava destrancada. Eu havia passado por ela cinco minutos antes. Joguei todo o meu peso contra a porta. Ela não abriu.

Virei-me, sentindo a adrenalina fazer meus joelhos tremerem.

— Saia da minha cabeça — berrei para Jules.

Levantando-se para sentar no degrau mais baixo da arquibancada, Jules massageava a garganta.

— Não — disse ele.

Tentei a porta mais uma vez. Levantei o pé e chutei a maçaneta. Bati com a palma das mãos contra o visor.

— Socorro?! Alguém pode me ouvir? *Socorro!*

Olhei para trás e vi que Jules mancava na minha direção, a perna machucada entortando a cada passo. Fechei os olhos com força para tentar me concentrar. A porta abriria assim que eu encontrasse a voz dele e a varresse dali. Procurei em cada canto da minha mente, mas não consegui encontrá-lo. Estava em algum lugar, nas profundezas, escondido de mim. Abri os olhos. Jules estava bem mais perto. Eu precisava descobrir outra saída.

Presa na parede sobre as arquibancadas havia uma escada de ferro. Subia até o conjunto de vigas no alto do ginásio. Na extremidade das vigas, na parede oposta, quase exatamente acima do lugar onde eu estava, existia um canal de ventilação. Se eu conseguisse chegar até lá, poderia atravessá-lo e encontrar outro caminho para baixo.

Saí correndo a toda a velocidade, passei por Jules e subi as arquibancadas. Meus sapatos batiam na madeira, ecoando no espaço vazio, tornando impossível ouvir se Jules estava me seguindo. Coloquei o pé no primeiro degrau da escada e comecei a escalar. Subi um degrau, depois outro. Pelo canto do olho, vi o bebedouro lá embaixo. Parecia pequeno, o que significava que eu estava alto, bem alto.

Não olhe para baixo, ordenei a mim mesma. *Concentre-se no que está acima.* Arrisquei-me a subir mais um degrau. A escada chacoalhou por não estar devidamente soldada à parede.

A gargalhada de Jules chegou até mim, e perdi a concentração. Imagens de quedas passavam por minha cabeça. Logicamente, eu sabia que estavam sendo plantadas por ele. Então meu cérebro vacilou, e eu não conseguia lembrar que sentido era para cima ou para baixo. Não conseguia decifrar quais pensamentos eram meus e quais eram de Jules.

O medo era tão intenso que turvou minha visão. Eu não sabia em que ponto da escada me encontrava. Meus pés estariam bem centrados na estrutura de metal do degrau? Eu estava escorregando? Agarrando o degrau com as duas mãos, apertei a testa contra o nó dos dedos. *Respire*, disse para mim mesma, *Respire!*

Então ouvi.

O lento e torturante som do rangido do metal. Fechei os olhos para interromper uma crise de vertigem.

As cantoneiras de metal que prendiam o alto da escada à parede se soltaram. O gemido metálico se transformou em um choramingo agudo enquanto o próximo conjunto de cantoneiras também se soltava da parede. Observei com um grito preso na garganta enquanto a metade superior da escada se soltava. Prendi meus braços e minhas pernas em torno da escada, protegendo-me para cair de costas. A escada vacilou por um momento no ar e pacientemente sucumbiu ao peso da gravidade.

Então tudo aconteceu muito rápido. As vigas e as claraboias desapareceram em um borrão atordoante. Despenquei até que, subitamente, a escada interrompeu sua queda. Ela balançou para cima e para baixo, perpendicularmente à parede, quase dez metros acima do chão. O impacto soltou minhas pernas. As mãos eram minha única ligação com a escada.

— *Socorro!* — berrei, com as pernas balançando no ar.

A escada sacudiu, caindo mais alguns metros. Um dos sapatos deslizou do meu pé, ficou pendurado pelo dedão e em seguida caiu. Muito tempo depois, atingiu o piso do ginásio.

Mordi a língua à medida que a dor nos braços aumentava. Eles pareciam estar saindo da articulação.

Então, no meio do medo e do pânico, ouvi a voz de Patch. *Mantenha-o bloqueado. Continue a subir. A escada está intacta.*

— Não consigo — solucei. — Vou cair!

Mantenha-o bloqueado. Feche os olhos. Ouça minha voz.

Engolindo em seco, obriguei meus olhos a se fecharem. Agarrei-me à voz de Patch e senti uma superfície robusta ganhar forma sob mim. Meus pés já não balançavam mais no ar. Senti um dos degraus sob a sola dos meus pés. Decidida, concentrei-me na voz de Patch. Esperei até que o mundo se arrastasse de volta ao eixo. Patch estava certo. Eu estava na escada. Ela estava ereta, presa à parede. Recuperei um pouco de determinação e continuei a escalada.

No alto, transferi-me perigosamente para a viga mais próxima. Agarrei-a com os braços, então passei a perna direita para cima dela. Estava de frente para a parede, de costas para a saída de ventilação. Mas não havia nada que eu pudesse fazer agora. Com muito cuidado, ergui-me sobre os joelhos. Com toda a concentração, comecei a engatinhar de costas, para atravessar toda a largura do ginásio.

Mas era tarde demais.

Jules subira depressa e estava agora a menos de quatro metros de mim. Ele escalou a viga. Com uma das mãos após a outra, foi se arrastando na minha direção. Uma marca escura no interior do seu pulso chamou minha atenção. Cortava as veias fazendo um ângulo de 90 graus e era quase negra. Para qualquer outra pessoa, pareceria uma cicatriz. Para mim, significava muito mais que isso. A relação familiar era óbvia. Tínhamos o mesmo sangue e as marcas idênticas deixavam isso evidente.

Nós dois estávamos agarrados à viga, sentados face a face, a quatro metros de distância.

— Quer dizer suas últimas palavras? — perguntou Jules.

Olhei para baixo, mesmo sabendo que ficaria tonta. Patch estava lá embaixo, no piso do ginásio, imóvel como a morte. Naquele momento, quis voltar no tempo e reviver cada momento com ele. Mais um sorriso secreto, mais uma risada juntos. Mais um beijo eletrizante. Encontrá-lo foi como encontrar alguém que eu não sabia que estivera procurando. Ele entrou na minha vida tarde demais e partia cedo demais. Lembrei-me de quando ele me contara que desistiria de tudo por mim. Já tinha desistido. Desistira de ter um corpo humano para que eu pudesse viver.

Oscilei num descuido e instintivamente abaixei para me equilibrar.

A gargalhada de Jules chegou até mim como um sussurro frio.

— Para mim não vai fazer diferença se você morrer de um tiro ou se despencar daqui.

— Faz diferença, sim — afirmei com uma voz baixa, porém confiante. — Temos o mesmo sangue. — Levantei minha mão precariamente para lhe mostrar minha marca de nascença. — Sou

sua descendente. Se eu me sacrificar, Patch se tornará humano e você morrerá. Está escrito no *Livro de Enoque*.

Os olhos de Jules estavam desprovidos de luz. Examinavam-me atentamente, absorvendo cada palavra que eu dizia. Eu conseguia ver pela sua expressão que ele estava pesando minhas palavras. Um rubor tomou conta do seu rosto, e eu soube que ele acreditava.

— Você… — balbuciou.

Ele escorregou na minha direção em velocidade frenética, buscando ao mesmo tempo o revólver guardado em sua cintura.

Lágrimas tomaram conta dos meus olhos. Sem tempo de pensar duas vezes, joguei-me da viga.

C A P Í T U L O

30

Uma porta se abriu e fechou. Esperei ouvir passos se aproximando, mas o único som era o tique-taque de um relógio: pancadas rítmicas e regulares que violavam o silêncio.

O som começou a diminuir, perdendo o ritmo. Fiquei pensando se notaria quando parasse completamente. De repente, temi aquele momento, insegura quanto ao que viria a seguir.

Um som muito mais vibrante se sobrepôs ao do relógio. Era um som reconfortante e etéreo, uma dança melódica no ar. *Asas*, pensei. *Vieram para me levar.*

Prendi a respiração, esperando, esperando, esperando. Então, o relógio começou a andar ao contrário. Em vez de se tornarem mais lentas, as pancadas ficaram mais certeiras. Senti como se algo fluido começasse a espiralar dentro de mim, em um redemoinho cada vez mais profundo. Senti que era jogada na correnteza. Estava escorregando através de mim mesma, até chegar a um lugar escuro e quente.

***

Meus olhos se entreabriram e encontraram o familiar revestimento de carvalho no teto inclinado. Meu quarto. Uma sensação de conforto tomou conta de mim. Então me lembrei de onde estivera. No ginásio, com Jules.

Um calafrio correu pela minha pele.

— Patch? — disse, com a voz rouca pela falta de uso.

Tentei me sentar e então soltei um grito abafado. Algo estava errado com meu corpo. Todas as células, todos os músculos, todos os ossos estavam doloridos. Eu me sentia um enorme machucado.

Houve uma movimentação na entrada. Patch apoiou-se no batente. A boca estava tensa, sem o traço tão constante de humor. Os olhos pareciam muito profundos, como eu nunca os vira. Aguçados por um instinto protetor.

— Foi uma bela briga no ginásio — disse ele. — Mas acho que você se beneficiaria se tivesse mais algumas aulas de boxe.

Todas as lembranças voltaram como uma onda. Lágrimas vieram de dentro de mim.

— O que aconteceu? Onde está Jules? Como cheguei aqui? — Minha voz falhava, tomada de pânico. — Eu me joguei da viga.

— Foi preciso muita coragem para fazer aquilo. — A voz de Patch ficou rouca e ele entrou no quarto.

Fechou a porta atrás dele, e eu sabia que era sua maneira de tentar trancar lá fora tudo de ruim. Estava colocando uma barreira entre mim e tudo o que se passara.

Ele caminhou e se sentou na cama ao meu lado.

— Do que mais você se lembra?

Tentei reconstituir minhas lembranças, tentando examiná-las de trás para a frente. Lembrei-me do bater de asas que ouvira logo depois de me jogar lá do alto. Sem dúvida, sabia que havia morrido. Sabia que um anjo tinha vindo levar embora minha alma.

— Estou morta, não estou? — disse baixinho, tremendo de medo. — Sou um fantasma?

— Quando você pulou, o sacrifício matou Jules. Tecnicamente, quando você voltou à vida, ele também deveria ter voltado. Mas como não tinha alma, não havia nada que pudesse reviver o corpo dele.

— Estou de volta? — disse, esperando não estar me iludindo com falsas esperanças.

— Não aceitei seu sacrifício. Eu recusei.

Senti minha boca se abrir de admiração, mas o “Oh!” formado em meus lábios não se materializou.

— Você quer dizer que desistiu de ter um corpo humano por minha causa?

Ele levantou minha mão com curativos. Sob toda a gaze, os nós dos dedos latejavam por causa dos socos que eu tinha dado em Jules. Patch beijou cada dedo, demorando-se, mantendo os olhos fixados nos meus.

— De que me adianta ter um corpo se eu não puder ter você?

Lágrimas mais grossas escorreram pelo meu rosto, e Patch me puxou para junto dele, apertando minha cabeça contra seu peito. Bem devagarzinho, o pânico cedeu, e eu soube que tudo tinha acabado. Eu ficaria bem.

De repente me afastei. Se Patch recusara o sacrifício, então…

— Você salvou a minha vida. Vire — ordenei solenemente.

Patch me deu um sorriso matreiro e fez o que eu mandava. Levantei a camiseta dele até os ombros. As costas estavam lisas, só músculos definidos. As cicatrizes haviam desaparecido.

— Você não pode ver as asas — disse ele. — São feitas de substância espiritual.

— Você agora é um anjo da guarda.

Estava ainda muito espantada para compreender totalmente aquilo, mas ao mesmo tempo senti admiração, curiosidade… felicidade.

— Sou *seu* anjo da guarda — disse ele.

— Eu ganhei meu anjo da guarda particular? Quais são, exatamente, suas tarefas?

— Serei seu guarda-costas. — O sorriso dele aumentou. — Levo o trabalho muito a sério, o que significa que precisarei me familiarizar com o tema em um nível pessoal.

Senti meu estômago se agitar.

— Isso significa que você pode sentir, então?

Patch observou-me em silêncio por um momento.

— Não, mas isso significa que não estou na lista negra.

Lá embaixo, ouvi o ruído suave das portas da garagem deslizando para se abrirem.

— Minha mãe! — ofeguei. Encontrei o relógio na mesa de cabeceira. Passava de duas da manhã. — Devem ter aberto a

ponte. Como funciona essa história de anjo da guarda? Sou a única pessoa que pode ver você? Quer dizer, agora você está invisível para as demais pessoas?

Patch me encarou com ar de quem esperava que eu não estivesse falando sério.

— Você não é invisível? — estrilei. — Vai ter que sair daqui! — Fiz um movimento para empurrar Patch da cama, mas fui impedida por uma dor lancinante nas costelas. — Ela vai me matar se encontrá-lo aqui. Você consegue subir em árvores? Diga que consegue!

Patch abriu um sorriso.

— Posso voar.

Ah. Claro. Muito bem.

— A polícia e o corpo de bombeiros estiveram aqui mais cedo — disse Patch. — O quarto principal precisará ser reconstruído, mas eles conseguiram impedir que o fogo se alastrasse. A polícia vai voltar. Vão fazer algumas perguntas. Posso apostar que já tentaram encontrá-la pelo celular que você usou para ligar para a emergência.

— Jules pegou.

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Imaginei. Não me importo com o que vai dizer para a polícia, mas preferiria que me deixasse de fora. — Ele abriu a janela do quarto. — Última notícia: Vee chamou a polícia a tempo. Os paramédicos conseguiram salvar Elliot. Ele está no hospital, mas vai ficar bem.

Lá no corredor, aos pés da escada, ouvi a porta da entrada bater. Mamãe havia entrado.

— Nora? — chamou. Ela jogou a bolsa e as chaves na mesinha da entrada. Os saltos altos batiam nas tábuas de madeira quase em ritmo de corrida. — Nora! A polícia selou a porta da frente! O que está acontecendo?

Olhei pela janela. Patch desaparecera, mas uma única pena negra estava presa na parte externa do vidro, fixada pela chuva da noite anterior. Ou então pela magia dos anjos.

Lá embaixo, minha mãe acendeu a luz da entrada, um raio esmaecido estendeu-se até a abertura embaixo da minha porta. Prendi a respiração, contei, presumindo ter mais dois segundos antes de…

Ela gritou.

— Nora! *O que* aconteceu com o corrimão?

Que bom que ela ainda não havia visto seu quarto.

***

O céu estava de um azul límpido, perfeito. O sol começava a despontar no horizonte. Era segunda-feira, um dia novinho em folha. Os horrores das últimas 24 horas haviam ficado para trás. Pelas minhas contas eu tivera cinco horas de sono e me sentia incrivelmente repousada, não fosse a dor no corpo inteiro causada pelo fato de ter mergulhado para a morte e ter sido então devolvida à vida. Não queria estragar aquele momento lembrando que a polícia chegaria a qualquer minuto para tomar meu depoimento a respeito dos acontecimentos da noite anterior. Eu ainda não havia decidido o que contar.

Caminhei para o banheiro de camisola — sem querer pensar em como eu trocara de roupa, pois supostamente estava vestida de outra forma quando Patch me levou para casa — e me apressei em cumprir a rotina matinal. Joguei água fria no rosto, escovei os dentes e prendi o cabelo com um elástico. No quarto, separei uma blusa e calças jeans, ambas limpas.

Liguei para Vee.

— Como você está? — perguntei.

— Bem. E você?

— Bem.

Silêncio.

— Tudo bem — antecipou-se Vee. — Ainda estou completamente assustada. E você?

— Completamente.

— Patch ligou para mim no meio da noite. Disse que Jules tinha pegado pesado com você, mas que você estava bem.

— Jura? Patch ligou para você?

— Ele ligou do Jeep. Disse que você estava adormecida no banco traseiro e que ele a estava levando para casa. Comentou que estava passando por acaso na escola quando ouviu um grito. Contou que encontrou você no ginásio, mas que estava desmaiada de dor. A próxima cena que ele viu foi Jules pulando da viga. Ele disse que Jules deve ter pirado, um efeito colateral de toda a enorme culpa que sentiu por ter perseguido você.

Não percebi que estava prendendo a respiração até soltar o ar. Obviamente, Patch havia modificado alguns detalhes.

— Você sabe que não caí nessa — prosseguiu Vee. — Sabe que eu acho que Patch matou Jules.

No lugar de Vee, eu pensaria do mesmo modo.

— O que a polícia acha? — perguntei.

— Ligue a televisão. Tem cobertura ao vivo. Canal Cinco. Dizem que Jules invadiu a escola e pulou. Que foi um trágico suicídio de adolescente. Pedem para quem tiver informações ligar para um número no pé da tela.

— O que você disse para a polícia quando telefonou?

— Estava com medo. Não queria ser presa por arrombamento e invasão. Por isso, dei um telefonema anônimo de um orelhão.

— Bem — disse finalmente —, se a polícia considera que é um suicídio, acho que foi o que aconteceu. Afinal de contas, estamos numa era de modernidade. Temos toda a tecnologia da perícia.

— Você está me escondendo alguma coisa — disse Vee. — O que aconteceu quando saí?

Aí ficou complicado. Vee era minha melhor amiga e tínhamos um lema: *Sem segredos*. Mas existem questões impossíveis de explicar. Entre elas, encabeçando a lista, o fato de que Patch era um anjo caído convertido em anjo da guarda. Logo abaixo vinha o fato de que eu havia pulado da viga e morrido, mas continuava viva.

— Recordo que Jules me encurralou no ginásio — afirmei. — Ele me falou de toda a dor e o medo que ia me causar. Depois disso, não consigo me lembrar bem dos detalhes.

— É tarde demais para pedir desculpas? — Vee parecia mais sincera do que nunca. — Você estava certa em relação a Jules e Elliot.

— Desculpas aceitas.

— Precisamos ir ao shopping. Estou com uma *necessidade* irresistível de comprar sapatos. Muitos sapatos. O que nós precisamos é da boa e velha terapia de sapatos.

A campainha tocou, e olhei para o relógio.

— Preciso prestar depoimento para a polícia sobre o que aconteceu ontem à noite, mas ligo para você depois.

— Ontem à noite? — O tom de voz de Vee elevou-se em pânico. — Eles sabem que você estava na escola? Você não mencionou meu nome, não é?

— Para falar a verdade, outra coisa aconteceu antes, ontem à noite. — Alguma coisa chamada Dabria. — Ligo já para você. — Desliguei antes que tivesse que inventar outra explicação.

Manquei pelo corredor. Já tinha chegado ao alto da escada quando vi quem eram as pessoas que minha mãe acabava de receber.

Os detetives Basso e Holstijic.

Ela os conduziu à sala de estar. Embora o detetive Holstijic tenha se jogado no sofá, o detetive Basso permaneceu de pé. Estava de costas para mim, mas um dos degraus da escada rangeu na metade da descida e ele se virou.

— Nora Grey — disse com voz de tira durão. — Nos encontramos novamente. Mamãe piscou, espantada.

— Vocês já se conheciam?

— Sua filha leva uma vida muito animada. Parece que a gente passa por aqui todas as semanas.

Minha mãe me lançou um olhar questionador. Dei de ombros, como se não tivesse entendido nada e presumisse que se tratava de

alguma piada de policial.

— Por que você não se senta, Nora, e nos conta o que aconteceu? — disse o detetive Holstijic.

Abaixei-me para sentar em uma das poltronas de veludo diante do sofá.

— Pouco antes das nove, ontem à noite, eu estava na cozinha bebendo leite achocolatado quando a srta. Greene, psicóloga da escola, apareceu.

— Ela simplesmente entrou na casa? — perguntou o detetive Basso.

— Disse que eu tinha uma coisa que ela queria. Foi então que corri para cima e me tranquei no quarto principal.

— Volte — falou o detetive Basso. — O que era essa coisa que ela queria?

— Ela não disse. Mas mencionou que não era uma psicóloga de verdade. Contou que tinha arranjado o emprego para espionar os alunos. — Olhei para cada uma das pessoas na sala. — Ela é maluca, não é?

Os detetives trocaram olhares.

— Vou procurar saber se existe alguma ocorrência no nome dela — disse o detetive Holstijic, levantando-se.

— Deixe-me ver se entendi direito — falou para mim o detetive Basso. — Ela acusou você de roubar algo que lhe pertencia, mas não disse o que era?

Outra pergunta complicada.

— Estava histérica. Só consegui compreender metade do que ela dizia. Corri e me tranquei no quarto, mas ela arrombou a porta. Eu estava escondida na chaminé da lareira, e ela disse que ia queimar a casa inteira, cômodo por cômodo, até me encontrar. Então começou um incêndio. Bem no meio do quarto.

— Como ela começou o fogo? — perguntou mamãe.

— Não pude ver. Estava na chaminé.

— Isso é uma loucura — exclamou o detetive Basso, sacudindo a cabeça. — Nunca vi nada parecido.

— Ela vai voltar? — minha mãe perguntou aos detetives, aproximando-se por trás de mim e colocando as mãos nos meus ombros em sinal de proteção. — Nora está em segurança?

— Talvez seja melhor instalar um sistema de segurança — o detetive Basso abriu a carteira e entregou um cartão para mamãe. — Confio nesses caras. Diga a eles que fui eu quem indicou e eles lhe darão um desconto.

***

Algumas horas depois de os detetives terem partido, a campainha soou mais uma vez.

— Deve ser da empresa de segurança — disse mamãe, encontrando comigo na entrada. — Eu liguei para eles e me disseram que mandariam alguém vistoriar a casa hoje. Não suporto a ideia de dormir aqui sem algum tipo de proteção até que encontrem a srta. Greene e a ponham atrás das grades. E a escola, que nem se deu o trabalho de comprovar suas referências?

Ela abriu a porta e lá estava Patch, na varanda. Usava uma calça Levi's desbotada, camiseta branca folgada e carregava uma caixa de ferramentas na mão esquerda.

— Boa tarde, sra. Grey.

— Patch. — Eu não consegui identificar exatamente o tom de voz da minha mãe. Surpresa misturada com desconforto. — Você veio ver Nora?

Patch sorriu.

— Estou aqui para vistoriar a casa para a instalação de um novo sistema de alarme.

— Achei que você tivesse outro trabalho — disse mamãe. — Pensei que fosse garçom no Borderline.

— Arranjei um novo emprego.

Patch e eu trocamos olhares, e senti calor em várias partes do corpo. Na verdade, eu estava praticamente febril.

— Vamos lá fora? — ele me perguntou.

Eu o segui até a motocicleta.

— Ainda temos muito que conversar — eu disse.

— Conversar? — Ele sacudiu a cabeça, os olhos cheios de desejo. *Beijar*, sussurrou em meus pensamentos.

Não era uma pergunta, mas um aviso. Ele abriu o sorriso quando não protestei e abaixou a boca em direção à minha. O primeiro toque foi apenas isso — um toque. De uma suavidade tentadora, provocante. Passei a língua nos lábios, e o sorriso de Patch aumentou.

— Mais? — perguntou.

Enfiei as mãos em seus cabelos, puxando-o para mais perto de mim.

— Mais.

A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço a Caleb Warnock e meus companheiros escritores de Writing in Depth. Não poderia ter desejado amigos mais fiéis para me fazerem companhia nesta jornada. Saudações a Laura Andersen, Ginger Churchill e Patty Esden, que nunca me deixaram desistir e que foram sinceros comigo (mesmo quando eu não queria que fossem). Agradecimentos especiais a Eric James Stone, por ter feito o laço de fita no embrulho do presente.

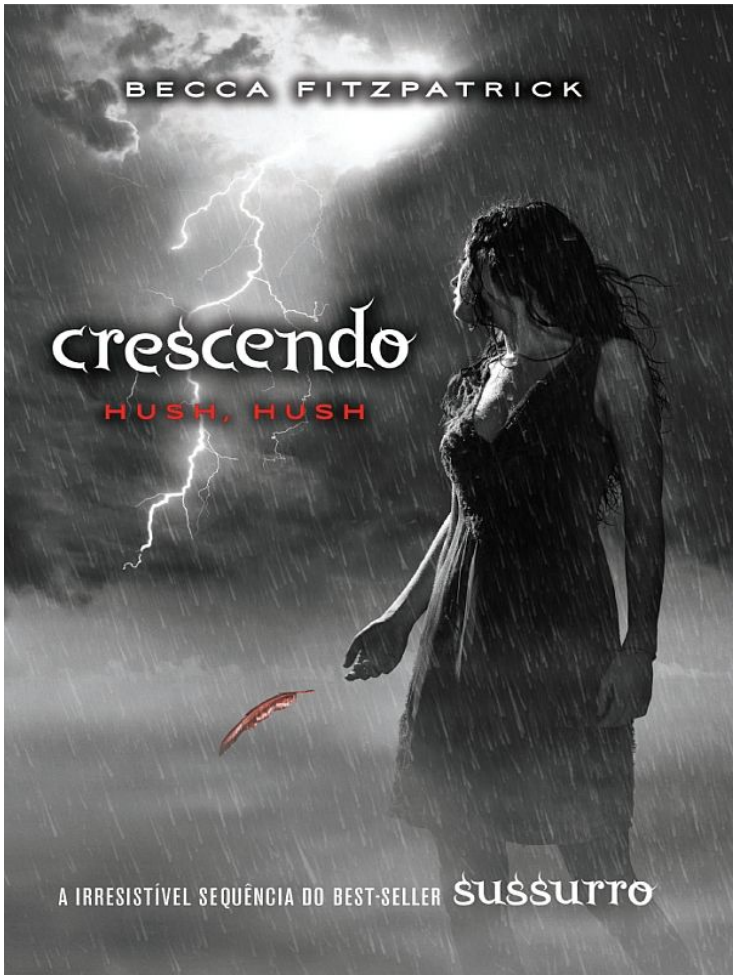
Devo muitos agradecimentos também a Katie Jeppson, Ali Eisenach, Kylie Wright, Megan e Josh Walsh, Lindsey Leavitt e Riley e Jace Fitzpatrick por tudo que fizeram, de cuidar das crianças e levantar informações sobre procedimentos cirúrgicos até participar de reuniões criativas e me dedicar uma paciência que eu não merecia.

Tem sido completamente divertido trabalhar com Emily Meehan, minha experiente editora, e com os muitos amigos da Simon and Schuster BFYR, que me encheram de ânimo e trabalharam nos bastidores para que tudo acontecesse — Justin Chanda, Anne Zafian, Courtney Bongiolatti, Dorothy Gribbin, Chava Wolin, Lucy Ruth Cummins, Lucille Rettino, Elke Villa, Chrissy Noh, Julia Maguire e Anna McKean. Obrigada a todos!

Sou particularmente grata a Catherine Drayton, que apareceu em minha vida na hora certa. Obrigada por me ajudar a chegar até aqui. Nunca me esquecerei do telefonema que me revelou que o livro fora vendido…

Obrigada a James Porto por uma capa que superou todas as minhas expectativas. Devo também a Valerie Shea, minha revisora, um muito obrigada.

Acima de tudo, agradeço à minha mãe. Por tudo. XOXO


BECCA FITZPATRICK
crescendo
HUSH, HUSH
A IRRESISTÍVEL SEQUÊNCIA DO BEST-SELLER sussurro

BECCA FITZPATRICK

crescendo

HUSH, HUSH

TRADUÇÃO DE LIVIA DE ALMEIDA



Copyright © 2010 Becca Ajoy Fitzpatrick

Foto da autora © Ali Eisenach

TÍTULO ORIGINAL
Crescendo

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
M. Leite
Isabella Leal

REVISÃO DE EPUB
Milena Vargas

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-292-6

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/301
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA JENN MARTIN E REBECCA SUTTON,
PELOS SUPERPODERES DE SUAS AMIZADES!
OBRIGADA TAMBÉM A T. J. FRITSCHE,
POR SUGERIR ECANUS COMO NOME PARA O PERSONAGEM.

P R Ó L O G O



COLDWATER, MAINE
QUATORZE MESES ATRÁS

Os galhos espinhosos da macieira arranhavam a vidraça atrás de Harrison Grey, que dobrou a ponta da página, incapaz de continuar a leitura com aquele barulho. Um vento furioso de primavera havia se lançado pela casa de fazenda durante toda a noite, uivando, assobiando, fazendo com que as janelas batessem na fachada de madeira com um *bang!, bang!, bang!* repetitivo. O calendário podia já estar na página do mês de março, mas Harrison sabia muito bem que isso não significava necessariamente que a primavera estivesse próxima. Com a chegada da tempestade, ele não se surpreenderia se encontrasse a paisagem branca e congelada ao amanhecer.

Para abafar o grito penetrante do vento, Harrison apertou um botão do controle remoto e começou a ouvir “Ombra mai fu”, de Bononcini. Depois, colocou outra tora de madeira no fogo, perguntando-se, não pela primeira vez, se teria mesmo comprado a casa de fazenda se soubesse da quantidade de combustível necessária para aquecer apenas um pequeno cômodo, que dirá todos os nove.

O telefone soou, estridente.

Harrison atendeu durante o segundo toque, esperando escutar a voz da melhor amiga da filha, que tinha o hábito perturbador de telefonar a altas horas da noite nas vésperas de entrega dos trabalhos escolares.

Ouviu o som de uma respiração rápida e superficial, antes que uma voz rompesse o silêncio:

— Precisamos nos encontrar. Em quanto tempo você pode chegar aqui?

A voz atravessou Harrison como um fantasma do passado, deixando-o completamente gelado. Havia se passado muito tempo desde a última vez que a ouvira, e escutá-la agora só poderia significar que algo tinha dado errado. Terrivelmente errado. Ele percebeu que o aparelho em sua mão estava molhado de suor, e sua postura, rígida.

— Uma hora — respondeu, inexpressivo.

Recolocou lentamente o fone no gancho. Fechou os olhos, a mente viajava no tempo, contra sua vontade. Houve uma época, quinze anos antes, em que ele ficava paralisado ao ouvir o telefone tocar, em que os segundos ressoavam como tambores enquanto ele aguardava o som da voz do outro lado da linha. Com o tempo, enquanto um ano pacífico se seguia a outro, ele acabou se convencendo de que era um homem que superara os segredos do passado. Era um homem que vivia uma vida normal, com uma bela família. Um homem sem nada a temer.

Na cozinha, de pé diante da bancada, Harrison encheu um copo de água e em seguida jogou tudo na pia. Estava completamente escuro lá fora, e seu reflexo pálido o contemplava na janela diante dele. Harrison assentiu com a cabeça, como se quisesse dizer para si mesmo que tudo ficaria bem. Mas seu olhar era carregado de mentiras.

Ele afrouxou a gravata para aliviar a sensação de aperto que parecia esticar sua pele e se serviu de um segundo copo. O líquido desceu com dificuldade por sua garganta, ameaçando voltar. Ao pousar o copo dentro da pia, estendeu a mão para pegar as chaves do carro que se encontravam sobre o balcão, hesitando, como se estivesse a ponto de mudar de ideia.

***

Harrison parou o carro junto ao meio-fio e apagou os faróis. Sentado no escuro, vendo o vapor de sua própria respiração, ele observou a fileira decrépita de casas de tijolo em uma área decadente de Portland. Haviam se passado muitos anos — quinze, para ser exato — desde que ele colocara os pés naquele bairro e, mesmo que confiasse em sua fraca memória, não tinha certeza de que estava no lugar certo. Ele abriu o porta-luvas e tirou um pedaço de papel amarelado lá de dentro. Monroe, 1.565. Estava prestes a saltar do carro quando se sentiu incomodado pelo silêncio das ruas. Tateando sob o banco, pegou um revólver Smith & Wesson carregado e o enfiou nas costas, na cintura da calça. Ele não usava uma arma desde a faculdade e nunca o fizera fora de um estande de tiro. O único pensamento nítido a martelar em sua cabeça era o de que ele esperava poder continuar dizendo a mesma coisa dali a uma hora.

Os passos de Harrison soavam alto na calçada deserta, mas ele os ignorou, preferindo concentrar a atenção nas sombras lançadas pela lua prateada. Encolhido dentro do casaco, passou por quintais estreitos e sujos, fechados por cercas de arame, e além deles, casas escuras e assustadoramente silenciosas. Por duas vezes, teve a sensação de estar sendo seguido, mas, ao olhar para trás, não viu ninguém.

No número 1.565 da rua Monroe, ele empurrou o portão e contornou a casa até os fundos. Bateu uma vez e viu uma sombra se mover por trás das cortinas de renda.

A porta rangeu.

— Sou eu — disse Harrison, mantendo o tom de voz baixo.

A porta se abriu apenas o suficiente para que ele entrasse.

— Você foi seguido? — foi a pergunta.

— Não.

— Ela está com problemas.

O coração de Harrison começou a bater mais depressa.

— Que tipo de problemas?

— Assim que completar 16 anos, ele vai procurá-la. Você precisa levá-la para longe. Para algum lugar onde ele não seja capaz de encontrá-la.

Harrison sacudiu a cabeça.

— Não entendo…

Foi interrompido por um olhar ameaçador.

— Quando fizemos esse acordo, eu lhe disse que haveria coisas que você não conseguiria entender. Dezesseis anos é uma idade amaldiçoada em… Em meu mundo. Isso é tudo o que precisa saber — disse o outro bruscamente.

Os dois se olharam, até que finalmente Harrison assentiu, com cautela.

— Será preciso apagar seus rastros — ouviu ele. — Não importa para onde vocês sigam, vão precisar recomeçar do zero. Ninguém pode saber que são do Maine. Ninguém. Ele nunca vai parar de procurá-la. Você compreende?

— Compreendo. — *Mas será que a esposa compreenderia? E Nora?*

Os olhos de Harrison se acostumaram à escuridão e ele percebeu com um misto de curiosidade e incredulidade que o homem à sua frente parecia não ter envelhecido um dia sequer desde os tempos da faculdade, quando haviam se conhecido no alojamento e se tornado grandes amigos. *Seria um jogo de sombras?*, Harrison se perguntou. Não existia outra explicação. Porém, uma coisa tinha mudado. Havia uma pequena cicatriz na base da garganta de seu amigo. Harrison olhou com mais atenção para aquela deformação e estremeceu. Uma marca de queimadura, saliente e brilhante, pouco maior do que uma moeda de vinte e cinco *cents*. Tinha o formato de um punho cerrado. Assustado e horrorizado, Harrison percebeu que o amigo fora marcado. Como gado.

O homem notou a direção do olhar de Harrison, e seus olhos se endureceram, na defensiva.

— Existem pessoas que querem me destruir. Que querem me desmoralizar e me desumanizar. Então criei uma sociedade com um amigo de confiança. Novos membros são iniciados o tempo todo. — Ele parou no meio da frase, como se estivesse inseguro sobre quanto deveria dizer, e então terminou abruptamente. —

Organizamos uma sociedade para nos proteger e jurei lealdade a ela. Se você me conhece tão bem como no passado, sabe que sou capaz de fazer o que for necessário para proteger meus interesses. — Ele fez uma pausa e acrescentou quase distraidamente. — E o meu futuro.

— Eles o marcaram — disse Harrison, esperando que o outro não percebesse a repugnância que o fazia estremecer por dentro.

O amigo apenas olhou para ele.

Depois de um momento, Harrison assentiu, sinalizando que compreendia, apesar de não aceitar. Quanto menos soubesse, melhor. O amigo havia deixado aquilo claro muitas vezes.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

— Apenas a mantenha em segurança.

Harrison empurrou os óculos que escorregavam pelo nariz e começou a falar de forma desajeitada:

— Acho que talvez você queira saber que ela cresceu forte e saudável. Nós a chamamos de Nor…

— Não quero me lembrar do nome dela — o amigo interrompeu com aspereza. — Faço tudo o que posso para não tê-lo em minha cabeça. Não quero saber nada sobre ela. Quero que minha mente não guarde qualquer vestígio, para que eu não tenha nada a dar àquele bastardo. — Ele se virou de costas e Harrison interpretou o gesto como um sinal de que a conversa havia acabado. Harrison ficou parado por um momento com muitas perguntas na ponta da língua, mas, ao mesmo tempo, sabendo que não ganharia nada pressionando o outro. Sufocou sua necessidade de encontrar sentido para aquele mundo sinistro, um mundo que sua filha não fizera nada para merecer, e saiu.

Tinha percorrido apenas meio quarteirão quando um tiro ecoou na noite. Instintivamente, Harrison se abaixou e se virou. *Seu amigo*. Ouviu um segundo tiro e, sem pensar, voltou correndo. Empurrou o portão e contornou a lateral da casa. Havia quase terminado de dobrar a última quina quando o som de uma discussão fez com que parasse. Apesar do frio, ele suava. O quintal estava envolto pela escuridão e ele avançou, guiando-se pelo muro do jardim, tomando

o cuidado de evitar as pedras soltas que indicariam sua presença ali, até ver a porta dos fundos.

— Última chance — disse uma voz calma e suave, que Harrison não reconheceu.

— Vá para o inferno — soltou o amigo.

Um terceiro tiro. O amigo urrou de dor e o atirador gritou:

— Onde ela está?

Com o coração martelando, Harrison sabia que precisava agir. Mais cinco segundos e seria tarde demais. Ele deslizou a mão pela parte de trás da calça e tirou o revólver. Segurou-o com as duas mãos para ter firmeza e avançou, aproximando-se pelas costas do atirador moreno. Harrison viu o amigo por trás do atirador, mas, quando seus olhos se encontraram, a expressão do antigo companheiro era um sinal de alarme.

Vá embora.

Harrison ouviu a ordem, clara como o repicar de um sino, e, por um momento, acreditou que ela havia sido gritada. Mas, como o atirador não se virou demonstrando surpresa, Harrison percebeu com uma leve confusão que a voz do amigo havia soado dentro de sua mente.

Não, pensou Harrison, meneando a cabeça. Seu senso de lealdade superava o que ele não conseguia compreender. Aquele era o homem com quem ele passara quatro dos melhores anos de sua vida. O homem que lhe apresentara a sua mulher. Ele não iria deixá-lo ali, nas mãos de um assassino.

Harrison apertou o gatilho. Ouviu o estrondo e esperou que o atirador desmoronasse. Disparou mais uma vez. E outra.

O rapaz de cabelos escuros virou-se lentamente. Pela primeira vez na vida, Harrison sentiu medo de verdade. Medo do rapaz diante dele, com uma arma na mão. Medo da morte. Medo do que aconteceria com sua família.

Ele sentiu os tiros atravessarem seu corpo como um fogo causticante que parecia dividi-lo em mil pedaços. Caiu de joelhos. Viu o rosto da esposa passar diante de seus olhos, seguido pelo da filha. Abriu a boca, o nome delas na ponta da língua, e tentou

pensar em uma forma de demonstrar quanto as amava, antes que fosse tarde demais.

O rapaz agora segurava Harrison, arrastando-o para a passagem estreita nos fundos da casa. Harrison sentiu que estava a ponto de perder a consciência enquanto lutava inutilmente para se levantar. Ele não podia falhar com a filha. Não haveria mais ninguém para protegê-la. O atirador de cabelos negros a encontraria e, se o amigo estivesse certo, a mataria.

— Quem é você? — perguntou Harrison, e cada palavra fazia a ardência se espalhar em seu peito. Ele se agarrou à esperança de que ainda houvesse tempo. Talvez pudesse avisar Nora, do outro mundo… um mundo que se aproximava cada vez mais, como uma chuva de mil plumas tingidas de negro.

O rapaz observou Harrison por um momento, antes que um levíssimo sorriso transformasse sua expressão gélida.

— Você se enganou. Com toda certeza, é tarde demais.

Harrison ergueu o olhar, surpreso que o assassino tivesse adivinhado seus pensamentos, sem conseguir deixar de imaginar quantas vezes o rapaz haveria assumido aquela mesma posição, adivinhando os últimos pensamentos de um moribundo. Não deveriam ter sido poucas.

Como se quisesse provar sua habilidade, o rapaz mirou a arma sem um segundo de hesitação. Harrison se pegou olhando para o cano. O brilho do disparo foi a última imagem que viu.

CAPÍTULO
1

DELPHIC BEACH, MAINE
NOS DIAS DE HOJE

Patch estava atrás de mim, com as mãos na minha cintura, o corpo relaxado. Tinha quase dois metros de altura e um corpo esguio e atlético, que nem os jeans folgados e a camiseta conseguiam esconder. A cor de seus cabelos deixava a escuridão da meia-noite no chinelo, e os olhos não ficavam atrás. O sorriso era sexy e sugeria encrenca, mas eu havia me convencido de que nem todo tipo de encrenca era ruim.

Acima de nossas cabeças, os fogos de artifício iluminavam o céu noturno e despencavam no Atlântico em torrentes de cor. A multidão soltava exclamações de admiração. Era final de junho e o Maine se jogava de cabeça no verão, celebrando o início de dois meses de sol, praia e turistas com os bolsos cheios. Eu celebrava os dois meses de sol, praia e bastante tempo devotado exclusivamente a Patch. Havia me matriculado em um curso de verão — química — e tinha toda a intenção de deixar que Patch monopolizasse o restante do meu tempo livre.

O corpo de bombeiros disparava os fogos de artifício de um cais que não estava a mais de cento e oitenta metros do lugar onde nos encontrávamos, e eu sentia a reverberação de cada explosão na areia sob os meus pés. As ondas arrebentavam na praia, logo abaixo da duna, e a música festiva soava em volume máximo. O cheiro de algodão-doce, pipoca e churrasquinho enchia o ar, e meu estômago me lembrou de que eu não havia comido nada desde a hora do almoço.

— Vou pegar um cheesebúrguer — disse a Patch. — Quer alguma coisa?

— Quero, mas não está no menu.

Sorri.

— O que é isso, Patch? Está me paquerando?

Ele beijou o alto da minha cabeça.

— Ainda não. Vou pegar seu cheesebúrguer. Aproveite o finalzinho dos fogos.

Segurei em um dos passantes de cinto de sua calça, para impedi-lo.

— Obrigada, mas quem vai comprar sou eu. Ou vou me sentir culpada.

Ele ergueu os olhos, com um ar questionador.

— Quando foi a última vez que a garota da barraca de hambúrguer deixou você pagar pelo lanche?

— Faz tempo.

— Ela *nunca* deixou. Fique aqui. Se ela o vir, vou passar o restante da noite com a consciência pesada.

Patch abriu a carteira e tirou uma nota de vinte dólares.

— Dê a ela uma boa gorjeta.

Foi minha vez de erguer as sobrancelhas.

— Está tentando se redimir por todas as vezes que levou comida sem pagar?

— Da última vez que paguei, ela correu atrás de mim e enfiou o dinheiro no meu bolso. Não quero ser apalpado novamente.

Aquilo parecia uma invenção, mas, conhecendo Patch, provavelmente era verdade.

Procurei o fim da longa fila, que dava volta na barraca de hambúrgueres e terminava perto da entrada do carrossel. A julgar pela extensão, estimei que levaria uns quinze minutos só para fazer o pedido. Uma única barraca de hambúrguer para a praia inteira. Nem parecia que estávamos nos Estados Unidos.

Depois de alguns minutos de espera inquieta, eu dava provavelmente a décima olhada entediada ao meu redor quando vi Marcie Millar atrás de mim, com duas pessoas nos separando. Marcie e eu estudávamos juntas desde o jardim de infância e

naqueles onze anos eu já me encontrara com ela mais vezes do que gostaria de me lembrar. Por causa dela, a escola inteira já havia visto minha roupa de baixo com frequência maior do que o necessário. Antes mesmo do ensino médio, Marcie tinha como hábito roubar meu sutiã de dentro do meu armário da educação física e prendê-lo no quadro de avisos diante da secretaria, mas ocasionalmente ela ficava criativa e o empregava como uma peça decorativa no refeitório — com os dois bojos recheados com pudim de baunilha e enfeitados com cerejas em conserva, por exemplo. Sim, muito elegante. As saias de Marcie eram dois manequins abaixo de suas medidas e quinze centímetros mais curtas do que deveriam. O cabelo era louro-avermelhado e ela tinha a forma de um picolé — se a virassem de lado, ela praticamente desapareceria. Se houvesse um placar registrando a pontuação da batalha entre nós duas, eu tenho certeza de que Marcie teria o dobro de pontos.

— Oi — falei ao encontrar seu olhar acidentalmente, sem pensar em outra forma de escapar de um cumprimento mínimo.

— Oi — respondeu ela, em um tom que quase passava por educado.

Ver Marcie em Delphic Beach naquela noite era praticamente como brincar do jogo dos sete erros. O pai de Marcie era dono da revendedora da Toyota em Coldwater, a família morava em um bairro elegante nas colinas e os Millar se orgulhavam de serem os únicos cidadãos de Coldwater admitidos no prestigioso Harraseeket Yacht Club. Naquele exato minuto, os pais de Marcie deveriam estar em Freeport, participando de alguma regata com seu veleiro e comendo salmão.

Diferentemente, Delphic era uma praia de pobres. Dava para rir ao pensar em compará-la a um clube elegante. O único restaurante dali era uma barraca caiada que vendia hambúrguer, com ketchup ou mostarda, à escolha. Nos dias bons, ofereciam-se batatas fritas para acompanhar. O entretenimento provinha de fliperamas barulhentos e carrinhos de bate-bate e, depois do anoitecer, sabia-se que a oferta de drogas no estacionamento era maior do que em qualquer farmácia.

Não era o tipo de ambiente que o sr. e a sra. Millar considerariam apropriado para sua filhinha.

— Será que dá para andar mais devagar, minha gente? — reclamou Marcie, da fila. — Tem gente morrendo de fome aqui atrás.

— Só tem uma pessoa trabalhando no balcão — expliquei a ela.

— E daí? Eles deveriam contratar mais gente. Oferta e demanda.

Levando-se em conta suas médias na escola, Marcie deveria ser a última pessoa a esbanjar conhecimentos em economia.

Dez minutos depois, eu havia avançado e já me encontrava suficientemente próxima do balcão para ler a palavra mostarda escrita com caneta hidrográfica preta no frasco amarelo de uso comunitário. Atrás de mim, Marcie não parava de bufar e transferir o peso de uma perna para a outra.

— Estou sentindo fome com F maiúsculo — reclamou.

O sujeito na minha frente pagou e levou embora seu lanche.

— Um cheesebúrguer e uma Coca-Cola — pedi para a atendente.

Ela se aproximou da grelha para preparar o pedido e me virei para Marcie.

— Então, quem está com você aqui? — perguntei.

Não que eu ligasse para as companhias dela, até porque não tínhamos amigos em comum, mas o instinto de ser educada falou mais alto. Além do mais, Marcie não havia feito nada que fosse obviamente rude nas últimas semanas. E tínhamos ficado em relativa paz nos últimos quinze minutos. Talvez fosse o início de uma trégua. Águas passadas, essas coisas.

Ela bocejou como se conversar comigo fosse mais tedioso do que esperar na fila encarando a parte de trás da cabeça das pessoas.

— Sem ofensas, mas não estou a fim de conversar. Estou nesta fila há umas *cinco horas*, por causa de uma garota incompetente que obviamente não consegue preparar dois hambúrgueres ao mesmo tempo.

A garota atrás do balcão estava com a cabeça baixa, concentrada na tarefa de retirar os discos de carne do papel encerado, mas eu sabia que ela havia ouvido. Devia odiar aquele trabalho. Era bem provável que cuspisse secretamente nos hambúrgueres quando virava de costas. Eu não me surpreenderia se, ao final do expediente, ela fosse para o carro e chorasse.

— Seu pai não se incomoda com você andando por Delphic Beach? — perguntei para Marcie, franzindo os olhos muito levemente. — Talvez prejudique a reputação da honrada família Millar. Especialmente agora que ele foi admitido no Harraseeket Yacht Club.

A expressão de Marcie tornou-se fria.

— Estou surpresa que seu pai não se incomode por você estar aqui. Ah, espere aí. É verdade. Ele está morto.

Minha primeira reação foi de choque. A segunda foi ficar indignada com a crueldade. Um nó de raiva apertou minha garganta.

— O quê? — argumentou ela, erguendo um dos ombros. — Ele está morto. É um fato. Você quer que eu minta sobre os fatos?

— O que foi que eu fiz para você?

— Você nasceu.

A completa falta de sensibilidade dela mexeu comigo de tal forma que não consegui encontrar uma boa resposta. Peguei o cheesebúrguer e o refrigerante no balcão, deixando os vinte dólares lá. Quis muito correr para contar para Patch, mas aquilo era entre mim e Marcie. Se eu aparecesse naquele momento, bastaria que Patch desse uma olhada em meu rosto para perceber que havia algo errado. Eu não precisava metê-lo naquela história. Resolvi dar a mim mesma um momento para me recuperar e encontrei um banco próximo à barraca de hambúrgueres. Sentei-me com toda elegância possível, sem querer dar a Marcie o poder de arruinar minha noite. A única coisa que poderia tornar aquele momento ainda pior era saber que ela me observava, satisfeita por ter me jogado no pequeno buraco negro da autopiedade. Dei uma mordida no cheesebúrguer, mas o sanduíche deixou um gosto ruim em

minha boca. Só conseguia pensar em carne morta. Vacas mortas. Meu próprio pai morto.

Joguei o hambúrguer na lixeira e continuei a caminhar, sentindo que minha garganta segurava o choro.

Cruzei os braços com força, segurando os cotovelos, e corri para o pavilhão dos banheiros, na beira do estacionamento, torcendo para conseguir chegar antes que as lágrimas começassem a rolar. Havia uma fila para o banheiro feminino, mas mesmo assim consegui me esgueirar pela porta e me coloquei diante de um dos espelhos ensebados. Apesar da iluminação ruim, eu conseguia perceber que meus olhos estavam vermelhos e embaçados. Umedeci uma toalha de papel e a apertei contra o rosto. Qual era o problema de Marcie? O que eu tinha feito de tão cruel para merecer aquilo?

Respirei fundo algumas vezes para me recuperar, ergui os ombros e construí um muro de tijolos na minha mente, colocando Marcie do outro lado. Afinal, por que eu deveria me importar com o que ela dizia? Eu nem gostava dela. Sua opinião não tinha o menor valor. Ela era grosseira, egocêntrica e usava de golpes baixos. Ela não me conhecia e, com toda certeza, não tinha conhecido meu pai. Seria um desperdício chorar por alguma palavra saída de sua boca.

Recupere-se, disse a mim mesma.

Esperei que a vermelhidão de meus olhos diminuísse antes de sair do banheiro. Vaguei pela multidão, procurando Patch, e o encontrei junto a uma das barracas de bola ao alvo, de costas para mim. Rixon estava a seu lado, provavelmente apostando dinheiro na incapacidade de Patch em derrubar um único pino de boliche. Rixon era um anjo caído que conhecia Patch de muito tempo, e seus laços eram muito profundos, quase como se fossem irmãos. Patch não deixava que muitas pessoas fizessem parte de sua vida e confiava em menos gente ainda, mas, se havia alguém que sabia todos os seus segredos, esse alguém era Rixon.

Dois meses atrás, Patch também era um anjo caído. Mas ele salvou minha vida, recuperou suas asas e se tornou meu anjo da guarda. Nesse momento, ele deveria estar jogando do lado dos

mocinhos, mas eu percebia secretamente que sua ligação com Rixon e com o mundo dos anjos caídos tinha uma importância maior para ele. E, apesar de não admitir, sentia que ele lamentava que os arcanjos houvessem decidido transformá-lo em meu guardião. Afinal de contas, não era o que ele queria.

Ele queria se tornar humano.

Meu celular tocou, arrancando-me desses pensamentos. Era o toque de Vee, minha melhor amiga, mas deixei que a chamada caísse na caixa postal. Com uma onda de culpa, lembrei-me de que era a segunda chamada dela que eu não atendia naquele dia. Justifiquei-me pensando que a veria no dia seguinte, bem cedo. Patch, por outro lado, eu só veria à noite. Minha intenção era aproveitar todos os minutos que tivesse com ele.

Observei-o jogar a bola contra uma mesa cuidadosamente arrumada com seis pinos de boliche, com um pequeno frio na barriga ao ver que sua camiseta se levantava nas costas, revelando um pedaço da pele. Eu sabia por experiência própria que todos os centímetros do corpo de Patch eram cobertos por músculos rígidos e definidos. Suas costas eram lisas e perfeitas, as cicatrizes que ele ganhara ao cair dos céus haviam sido substituídas por asas — asas que nem eu nem os outros seres humanos podiam ver.

— Aposto cinco dólares que você não consegue fazer isso de novo — falei, vindo por trás dos dois.

Patch olhou para trás e sorriu.

— Não quero seu dinheiro, Anjo.

— Ei, galera, vamos manter a conversa própria para menores — disse Rixon.

— Os três pinos restantes — desafiei Patch.

— E qual seria o prêmio? — perguntou ele.

— Que inferno — disse Rixon. — Vocês não podem mesmo esperar até ficarem sozinhos?

Patch me deu um sorriso cúmplice, depois transferiu seu peso para trás, segurando a bola contra o peito. Deixou cair o ombro direito, deu uma volta com o braço e mandou a bola para a frente

com toda a força. Houve um barulho e os três últimos pinos caíram da mesa.

— Pois é, agora você está encrencada, mocinha — berrou Rixon para mim, sua voz se sobrepondo à comoção causada por um grupo de espectadores que aplaudia e assobiava em homenagem a Patch.

Patch encostou-se na barraca e arqueou as sobrancelhas para mim. O gesto dizia: *Está na hora de pagar.*

— Você teve sorte — afirmei.

— Eu vou *começar* a ter sorte.

— Escolha o prêmio — rosnou o velho que cuidava da barraca, abaixando-se para pegar os pinos caídos.

— O ursinho lilás — disse Patch, e recebeu um urso com aparência horrenda, com a pelúcia amassada. Ele o entregou para mim.

— É meu? — indaguei, apertando uma das mãos contra o coração.

— Você gosta dos enjeitados. Na mercearia, sempre escolhe as latas amassadas. Andei prestando atenção. — Ele prendeu o dedo no cós da minha calça jeans e me puxou. — Vamos sair daqui.

— O que você está planejando? — perguntei. Senti por dentro uma agitação e um calor, porque sabia exatamente o que ele tinha em mente.

— Sua casa.

Sacudi a cabeça.

— Não vai dar. Minha mãe está lá. Podíamos ir para a *sua* — sugeri.

Estávamos juntos havia dois meses e eu ainda não sabia onde Patch morava. E não por falta de tentativas de descobrir. Duas semanas de relacionamento me pareciam tempo suficiente para ser convidada à casa dele, especialmente porque Patch morava sozinho. Dois meses era tempo demais. Eu tentava ser paciente, mas minha curiosidade atrapalhava. Não sabia nada sobre os detalhes pessoais, particulares da vida de Patch, como a cor das paredes de sua casa. Se ele tinha um abridor de latas elétrico ou

manual. A marca de sabonete que usava. Se tinha lençóis de algodão ou de seda.

— Deixe eu adivinhar — provoquei. — Você mora em um esconderijo secreto nos subterrâneos da cidade.

— Anjo.

— Tem louça usada na pia? Cuecas sujas no chão? Vamos ter bem mais privacidade que na minha casa.

— É verdade, mas a resposta continua sendo não.

— Rixon já esteve na sua casa?

— Rixon está na categoria dos que precisam saber.

— Eu não estou?

Sua boca estremeceu.

— Existe um lado sombrio entre os que precisam saber.

— Se você me mostrasse, precisaria me matar? — arrisquei.

Ele me envolveu em seus braços e beijou a minha testa.

— Chegou perto. Qual é o horário para chegar em casa?

— Dez horas. O curso de férias começa amanhã.

Isto e o fato de que encontrar formas de me manter afastada de Patch tinha se tornado praticamente um segundo emprego para minha mãe. Se eu tivesse saído com Vee, poderia dizer com toda certeza que o horário-limite teria sido estendido até as dez e meia. Não podia culpar minha mãe por não confiar em Patch, pois houve um momento em minha vida em que eu também não confiava nele, mas seria extremamente conveniente se, de vez em quando, ela relaxasse a vigilância.

Como esta noite. Além do mais, nada aconteceria comigo. Não com o meu anjo da guarda por perto.

Patch olhou o relógio.

— Hora de ir.

Às 22h04, Patch fez uma curva fechada diante da casa de fazenda e estacionou perto da caixa de correio. Desligou o motor e os faróis, deixando-nos sozinhos na escuridão do campo. Ficamos sentados por um longo momento antes que ele falasse:

— Por que você está tão quieta, Anjo?

Imediatamente prestei atenção nele.

— Quieta, eu? Estou apenas perdida em meus pensamentos.

Um sorriso ligeiro ergueu os cantos da boca de Patch.

— Mentirosa. O que há de errado?

— Você é bom nisso — respondi.

O sorriso dele aumentou minimamente.

— Sou muito bom.

— Encontrei Marcie Millar na fila do hambúrguer — admiti. Era inútil tentar guardar meus problemas só para mim. Obviamente, eles ainda estavam bem vivos sob a superfície. Por outro lado, se eu não pudesse conversar com Patch, com quem mais eu poderia? Havia dois meses nosso relacionamento envolvia muitos beijos dentro de carros, fora de carros, debaixo de arquibancadas e sobre a mesa da cozinha. Também envolvia muitas mãos bobas, cabelos despenteados e manchas de gloss. Mas era tão mais do que isso agora. Eu me sentia ligada a Patch do ponto de vista emocional. Sua amizade significava mais para mim do que uma centena de experiências casuais. Quando meu pai morreu, deixou-me com um enorme vazio que ameaçava me devorar por dentro. O vazio ainda estava ali, mas a dor não era mais tão forte. Eu não via por que razão deveria permanecer agarrada ao passado quando tinha tudo o que queria *neste momento*. E eu precisava agradecer a Patch por isso. — Ela fez a enorme gentileza de me lembrar que meu pai está morto.

— Quer que eu fale com ela?

— Isso está parecendo uma frase de *O Poderoso Chefão*.

— O que foi que começou esta guerra entre vocês duas?

— Esse é o problema. Não faço a mínima ideia. Costumávamos disputar a última caixinha de achocolatado na prateleira do refeitório. Então, um dia, ainda no ensino fundamental, Marcie entrou enfurecida na escola e escreveu “piranha” com tinta spray no meu armário. Ela nem tentou disfarçar. A escola inteira testemunhou.

— Ela ficou louca do nada? Sem nenhum motivo?

— Isso mesmo — declarei. Nada que eu soubesse, pelo menos.

Ele colocou um dos meus cachos atrás da minha orelha.

— Quem está ganhando a guerra?

— Marcie, mas sem muita vantagem.

O sorriso dele aumentou.

— Vá pegá-la, garota.

— E tem outra coisa. *Piranha*? No ensino fundamental eu nem tinha beijado na boca ainda. Marcie poderia ter guardado o spray para o próprio armário.

— Está começando a parecer que você tem um problema, Anjo. — Ele deslizou o dedo sob a alça da minha camiseta e seu toque fez minha pele formigar. — Aposto que consigo fazer você esquecer Marcie.

Algumas luzes estavam acesas no andar superior da casa, mas, como eu não via o rosto de minha mãe espremido contra uma das janelas, imaginei que tivéssemos algum tempo. Soltei o cinto de segurança e me inclinei por sobre a marcha, encontrando a boca de Patch na escuridão. Eu o beijei lentamente, saboreando o gosto salgado do mar em sua pele. Ele havia feito a barba naquela manhã, mas agora os pelos arranhavam meu queixo. Sua boca percorreu meu pescoço e senti o toque da língua, o que fez com que meu coração saltasse dentro do peito.

O beijo avançou para o meu ombro desnudo. Ele baixou a alça da minha camiseta e desceu com a boca pelo meu braço. Naquele momento, eu queria estar o mais perto dele possível. Não queria que ele fosse embora. Precisava dele na minha vida naquele dia, e no dia seguinte, e depois. Precisava dele como nunca tinha precisado de ninguém.

Passei por sobre a marcha e subi em seu colo. Encostei as mãos no peito dele, agarrei seu pescoço por trás e o apertei. Seus braços passaram pela minha cintura, prendendo-me, e me aconcheguei ainda mais.

Deixando-me ser levada pelo momento, passei as mãos sob sua camisa, pensando apenas em como eu amava sentir o calor de seu corpo se espalhando pelas minhas mãos. Assim que meus dedos

esbarraram no lugar das costas onde costumavam se encontrar as cicatrizes das asas, uma luz distante explodiu no fundo da minha mente. A escuridão perfeita foi rompida pela explosão ofuscante. Era como observar um fenômeno cósmico no espaço, a milhões de quilômetros de distância. Senti como se minha mente fosse engolida pela de Patch, para dentro de todas as milhares de memórias secretas guardadas ali, quando subitamente senti que ele tomava minha mão e a puxava para baixo, tirando-a do lugar onde suas asas se juntavam às costas, e tudo voltou depressa ao normal.

— Boa tentativa — murmurou ele, os lábios esbarrando nos meus ao falar.

Mordisquei seu lábio inferior.

— Se você pudesse ver o meu passado só de tocar em minhas costas, você também teria dificuldade em resistir à tentação.

— Eu já tenho dificuldade em manter minhas mãos longe de você sem esse bônus extra.

Eu ri, mas logo minha expressão ficou séria. Mesmo com considerável concentração, eu mal podia me lembrar de como tinha sido a vida sem Patch. À noite, deitada na cama, eu conseguia pensar com perfeita clareza no timbre grave de sua risada, no jeito como aquele sorriso erguia ligeiramente mais o canto direito da boca, no toque de suas mãos — quentes, macias, deliciosas — sobre a minha pele. Mas só com muito esforço eu conseguia recuperar as recordações dos dezesseis anos anteriores. Talvez porque aquelas lembranças perdiam a importância diante de Patch. Ou talvez porque não houvesse nada de bom nelas.

— Não me deixe, nunca — implorei a Patch, prendendo um dedo na gola da sua camisa e o puxando para perto.

— Você é minha, Anjo — murmurou ele, soltando as palavras em volta do meu maxilar enquanto eu arqueava meu pescoço para trás, convidando-o a beijar todos os lugares. — Você me tem para sempre.

— Prove que está falando sério — declarei, solenemente.

Ele me observou por um momento, então passou a mão atrás do pescoço e abriu o fecho de uma corrente simples de prata, que ele

usava desde o dia em que eu o conhecera. Não tinha a mínima ideia da origem daquele cordão nem de seu possível significado, mas sentia que era importante para ele. Era o único acessório que Patch usava, e ele sempre o mantinha sob a camisa, próximo da pele. Nunca o vira ainda sem ele.

As mãos dele deslizaram para minha nuca, onde ele prendeu a corrente. O metal tocou a minha pele, ainda morno com o seu calor.

— Recebi isso quando era um arcanjo — disse ele. — Para me ajudar a diferenciar a verdade da ilusão.

Toquei-a suavemente, admirada com a importância daquele objeto.

— Ainda funciona?

— Não para mim. — Ele entrelaçou nossos dedos e virou minha mão para beijá-la. — Sua vez.

Girei um anelzinho de cobre que estava no dedo médio da minha mão esquerda e o entreguei para ele. Havia um coração gravado na superfície lisa do interior do anel.

Patch segurou o anel entre os dedos, examinando-o silenciosamente.

— Meu pai me deu uma semana antes de morrer — contei a ele.

Os olhos de Patch faiscaram.

— Não posso aceitar.

— É a coisa mais importante do mundo para mim. Quero que fique com ele — pedi. Dobrei seus dedos, fazendo com que envolvessem o anel.

— Nora — hesitou ele. — Não posso aceitar.

— Prometa guardar para mim. Prometa que nada vai nos separar. — Prendi seu olhar, impedindo-o de desviá-lo de mim. — Não quero ficar sem você. Não quero que isso termine.

Os olhos de Patch eram negros como a noite, mais escuros do que um milhão de segredos acumulados uns sobre os outros. Ele baixou o olhar para contemplar o anel na sua mão, virando-o lentamente.

— Jure que você nunca vai deixar de me amar — sussurrei.

Ele balançou a cabeça, assentindo quase imperceptivelmente.

Agarrei sua gola e puxei-o para mim, beijando-o com ainda mais fervor, selando a promessa entre nós. Prendi meus dedos nos dele, a borda afiada do anel marcando as palmas de nossas mãos. Nada do que eu fazia parecia fazê-lo chegar perto o suficiente de mim, nenhuma parte dele era o bastante. O anel afundou ainda mais em minha pele, até eu ter certeza de que havia me ferido. Uma promessa de sangue.

Quando achei que meu peito ia explodir de falta de ar, me afastei, descansando a testa contra a dele. Meus olhos estavam fechados, e a respiração fazia com que meus ombros subissem e descessem.

— Eu amo você — murmurei. — Mais do que deveria.

Esperei que ele respondesse, mas, em vez disso, Patch me apertou com mais força ainda, quase como se quisesse me proteger. Virou a cabeça na direção da mata do outro lado da estrada.

— O que houve?

— Ouvi alguma coisa.

— É que acabei de dizer que amo você — afirmei, sorrindo enquanto contornava sua boca com o dedo.

Esperei que ele devolvesse o sorriso, mas seus olhos permaneciam grudados nas árvores que lançavam sombras enquanto seus galhos balançavam com a brisa.

— O que tem lá? — perguntei, seguindo seu olhar. — Um coiote?

— Alguma coisa está errada.

Senti o sangue gelar e saí de seu colo.

— Você está começando a me assustar. É um urso?

Não víamos ursos havia anos, mas a casa de fazenda ficava bem na periferia da cidade e os ursos costumam se aproximar das zonas urbanas depois de hibernarem, quando ficam famintos e saem à procura de alimentos.

— Ligue os faróis e aperte a buzina — sugeri. Forcei a vista na direção da mata, para captar os movimentos. Meu coração bateu um pouco mais depressa quando me lembrei de quando eu e meus

pais vimos, pelas janelas da casa, um urso balançar nosso carro, farejando comida.

Atrás de mim, as luzes da varanda se acenderam. Eu não precisava me virar para saber que minha mãe estava diante da porta, franzindo a testa e batendo o pé.

— O que é? — perguntei mais uma vez a Patch. — Minha mãe está saindo. Ela está segura?

Ele ligou o motor e colocou o Jeep no acesso para a casa.

— Entre. Tem uma coisa que preciso fazer.

— Entrar? Você está *brincando*? O que está acontecendo?

— Nora! — chamou minha mãe, descendo os degraus, com um tom irritado. Ela parou a um metro do Jeep e gesticulou para que eu abrisse a janela.

— Patch? — voltei a insistir.

— Ligo para você mais tarde.

Minha mãe abriu a porta do carro.

— Patch — cumprimentou ela, secamente.

— Blythe — respondeu ele, acenando displicentemente com a cabeça.

Ela se virou para mim.

— Você está quatro minutos atrasada.

— Ontem cheguei quatro minutos antes do horário.

— Não dá para compensar o horário de chegar em casa. Vá para dentro. Agora.

Sem querer deixar Patch antes que ele me respondesse, mas vendo que não havia alternativa, falei:

— Ligue para mim.

Ele assentiu uma vez, mas o foco peculiar de seu olhar indicava que seus pensamentos estavam em outro lugar. Assim que saltei do carro, o Jeep avançou para a frente, sem desperdiçar tempo com aceleração. Para onde quer que Patch estivesse indo, ele estava com pressa.

— Quando eu lhe dou um horário para voltar para casa, espero que você cumpra — disse mamãe.

— Quatro minutos de atraso! — exclamei com um tom que sugeria que ela talvez estivesse exagerando.

Aquilo provocou um olhar de completa desaprovação.

— No ano passado, seu pai foi assassinado. Alguns meses atrás, você mesma correu risco de vida. Acho que conquistei o direito de me tornar superprotetora.

Ela caminhou rigidamente de volta para a casa, com os braços cruzados contra o peito.

Tudo bem, eu era uma filha insensível e sem coração. Mensagem transmitida.

Voltei a atenção para uma fileira de árvores na beira da estrada, do outro lado da pista. Nada parecia fora do normal. Esperei sentir um calafrio que me alertasse que havia algo escondido ali e que eu não podia ver, mas ele não veio. Uma brisa cálida de verão agitou as folhas, com o som das cigarras enchendo o ar. A mata parecia simplesmente serena sob o brilho da lua.

Patch não havia visto nada no mato. Ele se afastara porque eu dissera três palavras muito *idiotas*, que tinham saído da minha boca antes que eu pudesse impedir. O que havia se passado na minha cabeça? Não. O que se passava na cabeça de Patch agora? Será que ele fora embora para evitar respondê-las? Eu estava bastante convencida de saber a resposta. E estava bastante convencida de que ela explicava por que fiquei ali, olhando para a traseira do Jeep.

C A P Í T U L O
2

Eu tinha passado os últmos onze segundos deitada de bruços, apertando o travesseiro sobre a cabeça, tentando não ouvir o relatório de Chuck Delaney sobre as condições do trânsito no centro de Portland, que chegava alto e bom som do meu radiorrelógio. Da mesma maneira, eu tentava calar o lado racional do meu cérebro, que berrava para que eu me vestisse, prometendo consequências graves caso isso não acontecesse. Mas o lado que queria prazer venceu. Prendeu-se ao sonho que eu estava tendo — ou melhor, ao tema do meu sonho. Ele tinha cabelos negros ondulados e um sorriso matador. Nesse momento, estava sentado ao contrário na moto, e eu estava sentada de frente para ele, nossos joelhos se encostando. Agarrei sua camisa e o puxei para beijá-lo.

Em meu sonho, Patch sentiu o beijo. Não apenas no aspecto emocional, mas também como algo real e físico. Em meu sonho, ele se tornou mais humano que anjo. Anjos não têm sensações físicas — sei disso —, mas, no sonho, quis que Patch sentisse a pressão macia e sedosa de nossos lábios ao se juntarem. Quis que ele sentisse meus dedos passando por seu cabelo. Precisava que ele sentisse a força do inegável e excitante campo magnético que puxava todas as moléculas de seu corpo para junto do meu.

Como eu sentia.

Patch passou o dedo sob a corrente de prata em meu pescoço. O toque produziu um calafrio de prazer que atravessou todo o meu corpo.

— Eu amo você — murmurou.

Apoiei as pontas dos dedos em seu abdômen rígido e me inclinei, parando quando estava prestes a beijá-lo. *Eu amo mais*, afirmei, esbarrando em sua boca ao falar.

O único problema era que as palavras não saíram. Elas ficaram presas na minha garganta.

Enquanto Patch esperava pela minha resposta, seu sorriso vacilou.

Eu amo você, tentei novamente. Mais uma vez, as palavras ficaram presas dentro de mim.

A expressão de Patch se tornou angustiada.

— Eu amo você, Nora — repetiu ele.

Assenti freneticamente, mas ele se virou. Saltou da motocicleta sem olhar para trás.

Eu amo você!, berrei, correndo atrás dele. *Eu amo você! Eu amo você!*

Mas era como se houvesse areia movediça em minha garganta. Quanto mais eu tentava forçar as palavras a saírem, mais elas afundavam.

Patch se misturou à multidão. A noite havia caído bruscamente, e eu mal conseguia distinguir sua camiseta preta das centenas de outras camisas escuras em meio à massa. Corri atrás dele, mas, quando segurei seu braço, foi outra pessoa que se virou. Uma garota. Estava escuro demais para distinguir seus traços, mas dava para ver que era bonita.

— Eu amo Patch — declarou, sorrindo com lábios pintados de batom vermelho berrante. — E não tenho medo de falar.

— Eu falei! — argumentei. — Disse a ele ontem à noite!

Passei por ela, meus olhos varrendo a multidão até que consegui vislumbrar o boné de beisebol azul, marca registrada de Patch. Forcei passagem freneticamente até chegar a ele, estendi o braço para segurar sua mão.

Ele se virou, mas havia se transformado na mesma garota bonita.

— Você está atrasada — disse ela. — Agora eu amo Patch.

— E agora vocês ficam com Angie e a previsão do tempo — berrou Chuck Delaney animadamente em meu ouvido.

Meus olhos se arregalaram com a expressão “previsão do tempo”. Fiquei deitada na cama por mais um momento, tentando me

desvencilhar de algo que não passava de um pesadelo, para então organizar minha cabeça. A previsão do tempo era transmitida vinte minutos antes de cada hora exata, e eu não poderia estar ouvindo aquilo a menos que…

Curso de verão! Eu dormi demais!

Joguei as cobertas para o lado e voei para o armário. Enfiei as pernas na mesma calça que havia largado no chão a noite passada, joguei uma camiseta branca por sobre a cabeça e, em seguida, pus um casaquinho lilás. Usei a discagem rápida para ligar para Patch, mas, depois de tocar três vezes, a secretária eletrônica atendeu.

— Ligue para mim! — pedi, fazendo uma pausa de meio segundo para pensar se ele estaria me evitando por causa da grande confissão da noite anterior. Eu tinha resolvido fingir que nada havia acontecido até que tudo passasse e voltasse ao normal, mas, depois do sonho daquela noite, eu começava a duvidar se conseguiria deixar tudo para lá com tanta facilidade. Talvez Patch sentisse a mesma dificuldade para dizer aquilo. De qualquer maneira, não havia muito o que eu pudesse fazer no momento. Apesar de poder jurar que ele havia me prometido uma carona…

Enfiei uma faixa no cabelo, em vez de arrumá-lo, peguei a mochila no balcão da cozinha e saí correndo pela porta.

Parei na entrada tempo o suficiente para soltar um grito de exasperação ao ver a superfície cimentada de dois metros e meio por três metros, onde meu Fiat Spider costumava ficar. Mamãe tinha vendido o Spider para pagar três meses de contas de luz e encher a geladeira de modo que garantisse nossa sobrevivência até o fim do mês. Tinha até dispensado nossa empregada, Dorothea, minha "mãe" substituta, para cortar as despesas. Enviei um pensamento odioso para as Circunstâncias, coloquei a mochila no ombro e comecei a trotar. A maioria das pessoas talvez considere pitoresca a propriedade rural do Maine onde minha mãe e eu moramos, mas a verdade é que não há nada de pitoresco na caminhada de quase dois quilômetros até os vizinhos mais próximos. E, a menos que você considere pitoresco uma dispendiosa espelunca do século XVIII, cheia de correntes de ar, localizada no centro de uma

inversão atmosférica que suga toda a neblina daqui até a costa, peço licença para ter uma opinião diferente.

Na esquina de Hawthorne e Beech, vi sinais de vida enquanto os carros avançavam depressa em seus deslocamentos matinais. Usei uma das mãos para erguer o polegar enquanto a outra desembrulhava um chiclete, para refrescar o hálito, em substituição à pasta de dentes.

Um Toyota 4Runner vermelho freou no acostamento, e a janela do carona se abriu, com um zumbido mecânico. Marcie Millar estava ao volante.

— Problemas com o carro? — perguntou.

Problema com carro é *não* ter carro. Não que eu fosse admitir isso para Marcie.

— Precisa de uma carona? — ela refez a pergunta com impaciência quando não ouviu resposta.

Eu não podia acreditar que, de todos os carros que passavam por aquele trecho, tinha sido justamente ela quem resolvera parar. Eu queria uma carona de Marcie? Não. Ainda estava incomodada pelo que ela dissera sobre o meu pai? Sim. Estava prestes a perdoá-la? De maneira alguma. Eu teria feito um gesto para que seguisse em frente, mas havia só um probleminha. Segundo os boatos, a única coisa que o sr. Loucks gostava mais do que a tabela periódica era de entregar notificações de retenção para alunos atrasados.

— Obrigada — aceitei com relutância. — Estou indo para a escola.

— Então sua amiga gorda não pôde lhe dar uma carona?

Minha mão ficou paralisada na maçaneta. Vee e eu tínhamos desistido muito tempo atrás de tentar esclarecer às pessoas mais limitadas de que “gorda” e “curvilínea” não significavam a mesma coisa, mas isso não queria dizer que tolerávamos a ignorância. E eu teria ficado feliz em pedir uma carona para Vee, mas ela havia sido convidada para comparecer a uma reunião para os candidatos a editor do eZine da escola e já estava lá.

— Mudei de ideia, vou andando — declarei e empurrei a porta de Marcie, voltando a fechá-la.

Marcie tentou demonstrar um ar de confusão.

— Você se ofendeu porque eu a chamei de gorda? Mas é a verdade. Qual é o seu problema? Parece que tudo o que digo tem que ser censurado. Primeiro seu pai, depois isso. O que aconteceu com a liberdade de expressão?

Por uma fração de segundo, pensei que seria bom e conveniente se eu ainda tivesse o Spider. Não precisaria sair por aí procurando carona e, além disso, talvez tivesse a oportunidade de passar por cima de Marcie. O estacionamento da escola ficava bastante caótico depois das aulas. Acidentes podiam acontecer.

Como não podia atingir Marcie com meu para-choque, optei pela segunda melhor opção.

— Se meu pai fosse dono da concessionária da Toyota, acho que teria consciência ambiental suficiente para pedir que ele me desse um modelo flex.

— Bem, seu pai não é dono da concessionária da Toyota.

— Isso mesmo. Meu pai está morto.

Ela ergueu um ombro.

— Foi você quem disse, e não eu.

— De hoje em diante, acho melhor a gente evitar cruzar o caminho uma da outra.

Ela examinou as unhas.

— Ótimo.

— Muito bom.

— Estava apenas querendo ser simpática e veja o que ganhei com isso — falou baixo.

— Simpática? Você chamou Vee de gorda.

— Também lhe ofereci uma carona — concluiu ela. Depois pisou fundo no acelerador, os pneus cuspindo poeira na minha direção.

Eu não havia acordado esta manhã procurando mais uma razão para detestar Marcie Millar, mas lá estava ela.

***

Coldwater High foi construída no fim do século XIX e seu estilo era uma mistura eclética de gótico e vitoriano, o que lhe dava um ar mais de catedral do que de escola. As janelas eram estreitas e em arco, com vidros trabalhados. A fachada de pedra era multicolorida, mas o cinza predominava. No verão, a hera subia pela fachada e dava à escola certo charme da Nova Inglaterra. No inverno, as plantas lembravam dedos longos e esqueléticos a asfixiarem o prédio.

Eu estava andando rápido, quase correndo pelo corredor até a sala de química, quando o celular tocou no meu bolso.

— Mãe? — respondi, sem diminuir o ritmo. — Posso ligar daqui a…

— Você não imagina quem encontrei na noite passada! Lynn Parnell. Você se lembra dos Parnell. A mãe de Scott.

Olhei a hora no celular. Tive sorte de conseguir uma carona para a escola com uma completa desconhecida — uma mulher que estava a caminho da aula de kickboxing na academia —, mas estava em cima da hora. Menos de dois minutos para o último sinal.

— Mãe? Minha aula já vai começar. Posso ligar durante o almoço?

— Você e Scott eram tão amigos!

Ela despertou algumas vagas lembranças.

— Quando nós tínhamos 5 anos — completei. — Não era ele quem sempre molhava as calças?

— Fui tomar um drinque com Lynn, ontem à noite. Ela acabou de se divorciar e está voltando para Coldwater com Scott.

— Que ótimo. Vou ligar para você…

— Convidei os dois para jantarem lá em casa, hoje à noite.

Quando passei pela sala da direção, o ponteiro dos minutos no relógio sobre a porta avançou para a próxima marca. De onde eu estava, parecia marcar algo entre 7h59 e oito em ponto. Dei um olhar ameaçador de *Não ouse tocar antes da hora* para ele.

— Hoje não é um bom dia, mãe. Patch e eu…

— Não seja boba! — Mamãe me interrompeu. — Scott é um de seus amigos mais antigos. Você o conheceu bem antes de Patch.

— Scott me obrigava a comer tatuzinhos-de-quintal — contei, as lembranças começando a voltar.

— E você nunca o obrigou a brincar com as Barbies?

— São situações completamente diferentes!

— Hoje à noite, às sete — exclamou mamãe com uma voz que eliminava todos os argumentos possíveis.

Corri para a sala de química com apenas alguns segundos de antecedência e sentei-me em um banco de metal atrás de uma mesa de laboratório em granito negro, na primeira fileira. Cada mesa abrigava dois alunos, por isso cruzei os dedos, torcendo para ficar com alguém cujos conhecimentos de ciências superassem os meus, o que não era algo difícil de acontecer. Eu tendia a ser mais romântica do que realista e escolhia a fé cega em detrimento à frieza da lógica. O que me deixava em dificuldades na matéria desde o início.

Marcie Millar desfilou pela sala de salto alto, jeans e uma blusinha de seda da Banana Republic que fazia parte da minha lista de compras para a volta às aulas. Quando chegasse o Dia do Trabalho, ela estaria em liquidação e ao alcance do meu poder aquisitivo. Estava mentalmente eliminando a blusa da minha lista de ambições quando Marcie se empoleirou no banco ao lado do meu.

— O que aconteceu com seu cabelo? — perguntou ela. — Acabou o creme para pentear? Ou a paciência? — Um sorriso ergueu um canto de sua boca. — Ou foi porque você precisou correr seis quilômetros para chegar até aqui na hora?

— E o que aconteceu com aquela ideia de a gente manter distância uma da outra? — perguntei e dei uma olhada incisiva para o banco dela e o meu, comunicando que cinquenta centímetros não eram suficientes.

— Preciso de uma coisa sua.

Soltei o ar silenciosamente, estabilizando minha pressão sanguínea. Eu deveria imaginar.

— É o seguinte, Marcie — comecei. — Nós duas sabemos que esse curso vai ser loucamente difícil. Deixe que eu lhe faça um favor e avise a você que ciências é minha pior matéria. A única razão que me leva a fazer um curso de verão é porque ouvi dizer que as aulas de química são mais fáceis aqui. Você não vai me querer como parceira. Não vai ganhar uma nota dez na moleza.

— Eu tenho cara de quem vai ficar sentada ao seu lado por causa da minha média? — disse ela, com um movimento impaciente da mão. — Preciso de você por outra razão. Na semana passada, arranjei um trabalho.

Marcie? Trabalho?

Ela abriu um sorriso forçado e eu só pude imaginar que ela havia lido meus pensamentos por meio da minha expressão.

— Organizo os arquivos na secretaria. Um dos vendedores do meu pai é casado com a secretária. Não é ruim ter contatos. Embora você não tenha ideia do que é isso.

Eu sabia que o pai de Marcie era influente em Coldwater. De fato, ele era tão generoso em suas doações para as associações estudantis que costumava ser ouvido sempre que se precisava de um treinador no colégio, o que, aliás, era ridículo.

— De vez em quando, uma pasta se abre e eu não consigo deixar de ver algumas coisas — disse Marcie.

O.k. Acredito.

— Por exemplo, sei que você ainda não superou a morte de seu pai. Você está sob aconselhamento da psicóloga da escola. Na verdade, sei tudo sobre todo mundo. Menos sobre Patch. Na semana passada, reparei que a pasta dele estava vazia. Gostaria de saber a razão. Quero saber o que ele está escondendo.

— Por que isso interessa a você?

— Ele estava na entrada da minha casa na noite passada, olhando para a janela do meu quarto.

Pisquei.

— Patch estava na entrada da sua casa?

— A menos que você conheça outro cara que dirige um Jeep Commander, se veste todo de preto e é supergato.

Franzi a testa.

— Ele disse alguma coisa?

— Ele me viu olhando pela janela e foi embora. Devo pensar em um mandado judicial para que ele fique longe? Este é um comportamento típico dele? Sei que ele é esquisito, mas de que tipo de esquisitice estamos falando?

Eu a ignorei, preocupada demais em processar aquela informação. Patch? Na casa de Marcie? Tinha que ter sido depois que ele saíra da minha casa. Depois que eu dissera que o amava e ele dera o fora.

— Sem problemas — disse Marcie, empertigando-se. — Existem outras formas de se obter informações; com a administração da escola, por exemplo. Estou supondo que vão ficar preocupados com uma pasta vazia. Eu não ia dizer nada, mas, para minha própria segurança…

Não fiquei preocupada com a ameaça de Marcie de procurar o setor de administração da escola. Patch podia se cuidar. Eu *estava* preocupada com a noite passada. Patch havia ido embora abruptamente, dizendo que tinha algo a fazer, mas eu não conseguia acreditar que fosse ficar à espreita na entrada da casa de Marcie. Era bem mais fácil aceitar que ele havia ido embora por causa das minhas palavras.

— Ou com a polícia — acrescentou Marcie, tamborilando com a ponta do dedo sobre o lábio. — Uma pasta de informações escolares vazia soa quase ilegal. *Como foi* que Patch conseguiu entrar para a escola? Você parece transtornada, Nora. Será que cheguei a algum lugar? — Um sorriso divertido de prazer apareceu em seu rosto. — Cheguei, não foi? Tem mais alguma coisa nessa história.

Pousei um olhar frio sobre ela.

— Para alguém que deixou claro que se considera muito superior a todos os outros alunos dessa escola, você perde muito tempo

tentando conhecer os detalhes das vidas tediosas e sem valor de cada um de nós.

O sorriso de Marcie desapareceu.

— Eu não seria obrigada a isso se vocês ficassem longe de mim.

— Longe de você? Esta escola não é sua.

— Não fale assim comigo — disse Marcie com um meneio incrédulo de cabeça, quase involuntário. — Para falar a verdade, não fale comigo.

Virei as palmas da mão para cima.

— Tudo bem.

— E, aproveitando a ocasião, *saia daí*.

Olhei para o meu banco. Com toda certeza, ela não queria dizer…

— Cheguei primeiro.

Marcie me imitou, virando as palmas da mão para cima.

— O problema não é meu.

— Não vou sair.

— Não vou me sentar do seu lado.

— Que bom!

— *Saia daí* — ordenou Marcie.

— Não.

A campainha nos interrompeu e, quando o som estridente acabou, eu e Marcie percebemos que a sala havia ficado em silêncio. Olhamos em volta e então notei, com um aperto no estômago, que todos os lugares estavam tomados.

À minha direita, no corredor, o sr. Loucks apareceu, sacudindo uma folha de papel.

— Estou segurando um mapa da sala de aula, em branco — disse ele. — Cada retângulo corresponde a uma mesa desta sala. Escrevam seus nomes no retângulo apropriado e passem adiante. — Ele jogou o mapa na mesa, à minha frente. — Espero que gostem de seus parceiros — observou ele. — Vão passar oito semanas com eles.

***

Ao meio-dia, quando a aula acabou, peguei uma carona com Vee até o Enzo's Bistrô, nosso lugar favorito para tomar *mochaccinos* gelados ou leite quente, dependendo da estação. Senti o sol queimar meu rosto ao cruzarmos o estacionamento e foi então que o vi. Um conversível branco Volkswagen Cabriolet com um anúncio de venda colado na janela: MIL DÓLARES OU A MELHOR OFERTA.

— Você está babando — disse Vee, usando o dedo para levantar o meu queixo caído.

— Você por acaso não teria mil dólares para me emprestar?

— Não tenho nem *cinco*. Meu porquinho está oficialmente anoréxico.

Soltei um suspiro de desejo na direção do Cabriolet.

— Preciso de dinheiro. Preciso de um emprego.

Fechei os olhos imaginando-me atrás do volante do Cabriolet, com a capota abaixada, o vento batendo em meu cabelo cacheado. Com ele, eu nunca mais precisaria sair por aí pedindo carona. Teria liberdade para ir aonde eu quisesse, quando quisesse.

— É, mas conseguir um emprego significa que você vai ter que trabalhar. Quer dizer, tem certeza de que quer perder o verão inteiro ralando por um salário de fome? Sei lá, você talvez tenha que dar duro ou coisa parecida.

Revirei a mochila em busca de um pedaço de papel e anotei o telefone que estava no anúncio. Talvez eu pudesse conversar com o dono e convencê-lo a vender por uns duzentos dólares a menos. Enquanto pensava nisso, incluí examinar os classificados com empregos de meio período à minha lista de atividades para aquela tarde. Um emprego significava tempo longe de Patch, mas também significava transporte particular. Por mais que eu amasse Patch, ele sempre parecia ocupado… fazendo alguma coisa. Por isso, eu não podia contar muito com ele em se tratando de caronas.

No interior do Enzo's, Vee e eu pedimos os *mochas* gelados e a salada picante de noz-pecã e desabamos em uma mesa com

nossos pratos. Nas últimas semanas, o Enzo's tinha passado por uma grande reforma para trazê-lo para o século XXI, e Coldwater agora tinha seu primeiro *lounge* com internet. Considerando-se que o computador de casa tinha seis anos, a notícia havia me deixado empolgada.

— Não sei se é o seu caso, mas estou pronta para as férias — disse Vee, colocando os óculos escuros na cabeça. — Oito semanas a mais de espanhol. São mais dias do que eu desejaria pensar. O que precisamos é de distração. Precisamos de alguma coisa que remova nossas mentes dessa infindável quantidade de educação de boa qualidade que nos é oferecida. Precisamos fazer compras. Portland, aqui vamos nós. A Macy's está com uma grande liquidação. Preciso de sapatos. Preciso de vestidos e preciso de um novo perfume.

— Você acabou de comprar roupas novas. Duzentos dólares em roupas. Sua mãe vai ter um ataque quando receber a conta do MasterCard.

— É, mas preciso de um namorado. E, para arranjar um, é preciso estar com boa aparência. E cheirar bem também não atrapalha.

Mordi um pedaço de pera que estava no meu garfo.

— Está pensando em alguém em particular?

— Para falar a verdade, estou.

— Só me prometa que não é Scott Parnell.

— Scott quem?

Eu sorri.

— Está vendo só? Agora estou feliz.

— Não sei quem é Scott Parnell, mas acontece que esse cara que eu vi é um tremendo gato. Um gato de arrasar. Um gato mais gato do que Patch. — Ela fez uma pausa. — Bem, talvez não tanto assim. Ninguém é *tão* gato. Falando sério, estou livre o restante do dia. Portland ou nada, eu digo.

Abri a boca, mas Vee foi mais rápida.

— Ah, não — disse ela. — Conheço aquele olhar. Você ia me dizer que já tem planos.

— Vamos voltar a Scott Parnell. Ele morava aqui quando nós tínhamos 5 anos.

Vee parecia estar fazendo um esforço para acessar sua memória remota.

— Molhava as calças com frequência — sugeri, prestativa.

Os olhos de Vee se iluminaram.

— *Scotty, o Mijão*?

— Ele está voltando para Coldwater. Minha mãe o convidou para jantar, hoje à noite.

— Já estou vendo tudo — disse Vee, assentindo com ar de sabedoria. — Isso se chama "encontro armado". É o ponto de interseção nas vidas de dois possíveis parceiros românticos. Você lembra quando Desi acidentalmente entrou no banheiro dos homens e pegou Ernesto no mictório?

Parei com o garfo entre o prato e a boca.

— O quê?

— Em *Corazón*, a novela em espanhol. Não? Não importa. Sua mãe quer juntar você e Scotty, o Mijão. Pronto.

— Não, ela não quer. Ela sabe que estou com Patch.

— Só porque ela sabe não quer dizer que esteja feliz com isso. Sua mãe vai gastar muito tempo e energia modificando a equação Nora mais Patch é igual a amor para Nora mais Scotty é igual a amor. Que tal? Talvez Scotty, o Mijão, tenha virado Scotty, o Gatão. Já pensou nisso?

Eu não tinha pensado nem ia pensar. Eu tinha Patch e ficaria perfeitamente feliz se continuasse assim.

— Podemos conversar sobre um assunto ligeiramente mais urgente? — perguntei, pensando que era hora de mudar o rumo da conversa antes que o atual permitisse a Vee ter mais ideias extravagantes. — Como o fato de minha nova parceira de química ser Marcie Millar.

— A filha da mãe.

— Aparentemente, ela está trabalhando nos arquivos da secretaria e andou olhando a pasta de Patch.

— Continua vazia?

— Parece que sim, porque ela quis que eu lhe contasse tudo o que sei sobre ele. — Incluindo a razão para ele ficar parado na entrada de sua casa, ontem à noite, contemplando a janela do quarto dela. Uma vez, ouvi um boato de que Marcie deixava uma raquete de tênis na janela, quando estava disponível para prestar certos "serviços", mas eu não ia pensar nisso. Afinal, noventa por cento dos boatos são falsos, não é?

Vee se aproximou de mim.

— O que você *sabe*?

Nossa conversa se transformou em um silêncio desconfortável. Eu não acreditava em guardar segredos até dos melhores amigos. Mas existem segredos… e existem verdades duras. Verdades assustadoras. Verdades *inimagináveis*. Ter um namorado que é um anjo caído transformado em guardião se encaixa em todas essas categorias.

— Você está escondendo alguma coisa de mim — disse Vee.

— Não estou.

— Está sim.

Profundo silêncio.

— Eu disse a Patch que o amo.

Vee tapou a boca, mas não consegui saber se ela estava abafando uma exclamação de espanto ou uma risada. O que só me deixou mais insegura. Era assim tão *engraçado*? Será que eu tinha feito algo mais idiota do que havia imaginado?

— E o que foi que ele disse? — perguntou Vee.

Eu apenas olhei para ela.

— Tão ruim assim? — perguntou.

Pigarreei.

— Fale desse cara por quem você se interessou. Quer dizer, é um caso de atração a distância ou você chegou a falar com ele?

Vee entendeu a deixa.

— Se falei com ele? Comi cachorro-quente com ele no Skippy's, ontem, no almoço. Era um desses encontros às cegas, mas acabou sendo melhor do que eu esperava. Bem melhor. Aliás, você já saberia de tudo isso se tivesse retornado minhas ligações em vez de ficar agarrando seu namorado sem parar.

— Vee, sou sua única amiga e não fui eu quem arranjou esse encontro para você.

— Eu sei. Foi seu namorado.

Quase engasguei com um pedaço de gorgonzola.

— *Patch* arranjou um encontro às cegas para você?

— É, e daí? — disse Vee em um tom que beirava o defensivo.

Sorri.

— Achei que você não confiava nele.

— Não confio.

— E então?

— Tentei ligar para você para checar informações sobre o cara primeiro, mas, repetindo, você não retorna mais as minhas chamadas.

— Missão cumprida. Eu já me sinto a pior amiga do mundo. — Abri um sorriso conspiratório. — Agora conte o restante.

A resistência de Vee se desfez e ela retribuiu meu sorriso.

— O nome dele é Rixon e ele é irlandês. O sotaque dele, ou seja lá como se chama aquilo, *arrasa* comigo. Sexy elevado à última potência. Ele é um pouco magrelo, considerando-se que tenho ossos grandes, mas, como planejo perder uns dez quilos no verão, estaremos equiparados lá por agosto.

— Rixon? Fala sério! Eu amo Rixon!

Como regra, eu não confiava em anjos caídos, mas Rixon era uma exceção. Da mesma forma que os de Patch, seus limites morais ficavam na área cinzenta entre o preto e o branco. Não era perfeito, mas também não era mau.

Sorri, apontando para Vee com o garfo.

— Não posso acreditar que você saiu com ele. Quer dizer, é o melhor amigo de Patch. Você detesta Patch.

Vee me lançou seu olhar de gato preto, com o cabelo praticamente arrepiando.

— Não quer dizer nada o fato de serem grandes amigos. Olhe para mim e para você. Somos completamente diferentes.

— Isso é ótimo. Nós quatro podemos passar o verão inteiro juntos.

— Não, não. De jeito nenhum. Não vou ficar por aí com aquele maluco do seu namorado. Você pode dizer o que quiser, mas ainda acho que ele teve alguma relação com a morte misteriosa de Jules, no ginásio.

Uma nuvem carregada baixou sobre a conversa. Havia apenas três pessoas no ginásio na noite em que Jules morreu e eu era uma delas. Não contei para Vee tudo o que havia acontecido lá, só o suficiente para que ela parasse de me pressionar, e, para garantir sua segurança, eu planejava que as coisas continuassem desse jeito.

***

Vee e eu passamos o dia andando de carro de um lado para o outro, coletando fichas de inscrição para empregos em lanchonetes da região. Já eram quase seis e meia quando cheguei em casa. Joguei as chaves no aparador e verifiquei a secretária eletrônica. Havia um recado da minha mãe. Ela estava no Michaud's Market comprando pão de alho, lasanha e vinho barato e jurava chegar em casa antes dos Parnell.

Apaguei a mensagem e subi até o quarto. Como tinha deixado de tomar a chuveirada matinal e meu cabelo tinha ganhado volume máximo durante o dia, resolvi mudar de roupa para diminuir o estrago. Todas as lembranças que eu tinha de Scott Parnell eram desagradáveis, mas visitas eram visitas. Já havia desabotoado metade do cardigã quando ouvi baterem à porta da frente.

Encontrei Patch do outro lado da porta, com as mãos nos bolsos.

Normalmente, eu o teria saudado me jogando diretamente em seus braços. Hoje me contive. Na noite passada, eu dissera que o amava e ele tinha se segurado e supostamente se dirigira diretamente para a casa de Marcie. Meu estado de espírito oscilava entre orgulho ferido, raiva e insegurança. Eu esperava que meu silêncio discreto lhe enviasse um recado de que havia algo de errado e que continuaria assim até ele tomar a iniciativa de consertar as coisas, com um pedido de desculpas ou uma explicação.

— Ei — disse eu, com um ar falsamente casual. — Você se esqueceu de me ligar ontem à noite. Para onde foi, afinal?

— Por aí. Vai me convidar para entrar?

Não convidei.

— Fico feliz em ouvir que a casa de Marcie fica… bem, você sabe, por aí.

Um momentâneo fulgor de surpresa em seus olhos confirmou aquilo em que eu não queria acreditar: Marcie tinha dito a verdade.

— Você quer me contar o que está acontecendo? — perguntei em um tom ligeiramente mais hostil. — Quer me dizer o que estava fazendo na frente da casa dela, ontem à noite?

— Você parece estar com ciúme, Anjo — disse ele. Talvez houvesse uma nota de deboche por trás da frase, mas, ao contrário do habitual, não havia nada de carinhoso nem de brincalhão em seu tom.

— Talvez eu não estivesse com ciúme se você não me desse motivo — retruquei. — O que estava fazendo na casa dela?

— Cuidando de negócios.

Ergui as sobrancelhas.

— Não sabia que você e Marcie tinham negócios para resolver.

— Temos, mas é apenas isso. Negócios.

— Poderia explicar melhor? — perguntei. Havia uma forte dose de acusação disfarçada entre aquelas palavras.

— Você está me acusando de alguma coisa?

— Eu deveria?

Patch costumava ser um especialista na arte de esconder suas emoções, mas a linha formada por seus lábios se comprimiu.

— Não.

— Se sua passagem pela casa dela ontem à noite foi tão inocente assim, por que está tendo tanta dificuldade para me explicar o que fazia lá?

— Não estou tendo dificuldade — respondeu ele, medindo cada palavra. — Não vou lhe dizer, porque o que eu estava fazendo na casa de Marcie não tem nada a ver com a gente.

Como ele poderia achar que não tinha nada a ver com a gente? Marcie era a única pessoa que aproveitava todas as oportunidades de que dispunha para me atacar e me humilhar. Nos últimos onze anos, ela havia debochado de mim, espalhado boatos terríveis e me envergonhado em público. Como ele podia pensar que não era pessoal? Como podia pensar que eu simplesmente aceitaria aquilo, sem fazer perguntas? Acima de tudo, como ele podia não perceber como eu estava apavorada com a possibilidade de Marcie usá-lo para me ferir? Se ela suspeitasse que ele estivesse minimamente interessado nela, faria qualquer coisa que estivesse a seu alcance para roubá-lo para si. Eu não conseguia suportar a ideia de perder Patch, mas morreria se fosse para ela.

Rendida por aquele medo súbito, eu disse:

— Não volte aqui até você estar pronto para me contar o que fazia na casa dela.

Com impaciência, Patch forçou passagem e fechou a porta atrás de si.

— Não vim aqui para discutir. Queria que você soubesse que Marcie arranjou encrenca hoje à tarde.

Marcie, de novo? Será que ele achava que não havia me magoado o suficiente? Tentei ficar calma o bastante para ouvir o que ele tinha a dizer, mas na verdade eu queria berrar.

— É? — perguntei com frieza.

— Ela ficou no meio do fogo cruzado, quando um grupo de anjos caídos tentava obrigar um nefilim a jurar lealdade, dentro do banheiro masculino do Fliperama do Bo. O nefilim ainda não tinha

16 anos, por isso não podiam obrigá-lo, mas se divertiram tentando. Machucaram-no muito e quebraram algumas costelas. Então Marcie apareceu. Ela tinha bebido demais e foi parar no banheiro errado. O anjo caído que estava de guarda deu-lhe uma facada. Ela está no hospital, mas vai ter alta logo. Ferimento superficial.

Meu pulso se acelerou e eu sabia que estava perturbada por Marcie ter sido esfaqueada, mas era a última coisa que queria revelar a Patch. Cruzei os braços rigidamente.

— Puxa. E o nefilim ficou bem?

Lembrei-me vagamente de ouvir a explicação de Patch, algum tempo atrás, sobre o fato de os anjos caídos não poderem obrigar os nefilins a jurar fidelidade até completarem 16 anos. Da mesma forma, ele não podia me sacrificar para obter o corpo de um humano antes que eu fizesse 16 anos. Dezesseis anos era uma idade sombriamente mágica, até mesmo crucial, no mundo dos anjos e dos nefilins.

Patch me lançou um olhar que continha um brilho mínimo de indignação.

— Marcie talvez estivesse bêbada, mas é bem possível que se lembre do que viu. Obviamente você sabe que os anjos caídos e os nefilins tentam permanecer invisíveis, e alguém como Marcie, com uma boca tão grande, pode ser uma ameaça para o segredo deles. A última coisa que desejam é que ela saia por aí espalhando o que viu. Nosso mundo funciona bem melhor quando os humanos ignoram o que se passa. Conheço os anjos caídos em questão. — Ele retesou o queixo. — Vão fazer o que for necessário para manter Marcie em silêncio.

Senti um calafrio de medo por ela, mas logo o ignorei. Desde quanto Patch se importava com o que acontecia a Marcie? Desde quando ele se preocupava mais com ela do que comigo?

— Estou tentando me sentir mal — confessei —, mas parece que você já está suficientemente preocupado por nós dois. — Virei a maçaneta da porta e a escancarei. — Talvez devesse visitar Marcie e ver se seu *ferimento superficial* está sarando adequadamente.

Patch encarou minha mão livre e fechou a porta com o pé.

— Estão acontecendo coisas mais importantes do que eu, você e Marcie — declarou. Em seguida, hesitou por um momento, como se tivesse mais a dizer, mas fechou a boca no último momento.

— Você, eu e *Marcie*? Desde quando passou a colocar nós três na mesma frase? Desde quando ela passou a ter alguma importância para você? — retruquei.

Ele colocou a mão na nuca, dando a impressão de que sabia que deveria escolher as palavras com muito cuidado antes de responder.

— Diga apenas o que está pensando! — exclamei. — Diga logo! Já é muito ruim não ter ideia do que você sente, quanto mais do que você pensa!

Patch olhou em volta como se estivesse se perguntando se eu falava com outra pessoa.

— Dizer logo! — disse ele com um tom de voz incrédulo e sombrio. Talvez até incomodado. — O que acha que estou tentando fazer? Se você se acalmasse, eu poderia dizer. Agora você vai ficar histérica, independentemente do que eu lhe contar.

Senti meus olhos se apertarem.

— Tenho direito de ficar zangada. Você não vai me contar o que estava fazendo na casa de Marcie ontem à noite?

Patch jogou as mãos para o céu. *Lá vamos nós de novo*, é o que o gesto dizia.

— Há dois meses — comecei, tentando soar orgulhosa para esconder o tremor em minha voz —, Vee, minha mãe, *todo mundo* me avisou que você é o tipo de cara que vê as garotas como conquistas. Disseram que eu era apenas mais um nome no seu caderninho, outra menina idiota que você seduziria para sua própria satisfação. Afirmaram que, no *exato momento* em que eu me apaixonasse, você me largaria. — Engoli em seco. — Preciso saber se todos estavam certos.

Embora eu não quisesse pensar naquilo, a lembrança da noite anterior voltou com perfeita clareza. Recordei toda a cena humilhante nos menores detalhes. Eu tinha dito que o amava e ele me deixara ali. Havia uma centena de formas diferentes de analisar seu silêncio. Nenhuma delas era boa.

Patch sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Você quer que eu fale que todos estão errados? Porque estou com a sensação de que não vai acreditar em mim, não importa o que eu diga.

Ele me lançou um olhar zangado.

— Você está tão comprometido com este relacionamento quanto eu? — Eu não podia *deixar* de perguntar isso. Não depois de ter visto tudo desmoronar, desde ontem à noite. De repente, percebi que não tinha ideia do que Patch realmente sentia por mim. Achei que eu significasse tudo para ele, mas… e se eu tivesse visto apenas o que eu queria? E se tivesse exagerado sobre seus sentimentos? Continuei a encará-lo, porque não ia tornar as coisas mais fáceis para ele, para não lhe dar uma segunda chance de fugir do assunto. Eu precisava saber.

— Você me ama?

Não posso responder a essa pergunta, disse ele, assustando-me ao falar em meus pensamentos. Era um dom que todos os anjos possuíam, mas não compreendi porque ele tinha escolhido justamente aquele momento para usá-lo.

— Passo aqui amanhã. Durma bem — acrescentou secamente, dirigindo-se à porta.

— Quando a gente se beija, você está fingindo?

Ele parou no meio do caminho. Sacudiu a cabeça, novamente incrédulo.

— *Fingindo*?

— Quando toco em você, você sente alguma coisa? Até onde vai o seu desejo? Você sente alguma coisa parecida com o que sinto por você?

Patch me observou em silêncio.

— Nora… — começou ele.

— Quero uma resposta direta.

Depois de um momento, ele disse.

— Emocionalmente, sim.

— Mas fisicamente não, não é? Como é que eu poderia manter um relacionamento quando nem tenho ideia do que isso significa para você? Será que estou experimentando as coisas de uma forma totalmente diferente? Porque é o que parece. E eu *detesto* isso — acrescentei. — Não quero que você me beije por obrigação. Não quero que finja que isso significa alguma coisa, quando é só uma representação.

— Só uma representação? Você está ouvindo o que está dizendo? — Ele encostou a cabeça contra a parede soltando outra risada, mais sombria, e partiu-me ao meio ao me olhar de relance. — As acusações acabaram?

— Você acha graça? — protestei, tomada por uma nova onda de raiva.

— Pelo contrário. — Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ele se virou para a porta. — Ligue quando estiver pronta para falar racionalmente.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que você está maluca. Está impossível.

—*Eu* estou maluca?

Ele ergueu o queixo e deu um beijo rápido e áspero em minha boca.

— E eu devo estar maluco por aguentar isso.

Eu me soltei e esfreguei o queixo, ressentida.

— Você desistiu de se tornar humano por minha causa, e é isso que eu ganho? Um namorado que fica parado na frente da casa de Marcie e não me explica o motivo? Um namorado que vai embora ao primeiro indício de uma briga? Quer saber? Você é um… canalha!

Canalha?, ele perguntou nos meus pensamentos, com a voz fria e cortante. *Estou tentando seguir as regras. Não devo me apaixonar por você. Nós dois sabemos que isso não tem relação com Marcie. Tem a ver com como me sinto em relação a você. Preciso me segurar. Caminho em uma corda bamba. Foi por me apaixonar que arranjei problemas, da primeira vez. Não posso ficar com você do jeito que eu quero.*

— Por que você desistiu de se tornar humano por minha causa, se você sabia que não poderia ficar comigo? — perguntei, a voz ligeiramente trêmula, o suor molhando as palmas das minhas mãos. — O que você esperava de um relacionamento comigo? De que adianta — minha voz falhou e engoli em seco, sem ter essa intenção — estarmos juntos?

O que *eu* esperava de um relacionamento com Patch? Em algum momento, eu devia ter pensado para onde esse namoro se encaminhava e o que aconteceria. Naturalmente, tinha pensado. Mas havia ficado tão assustada com o que eu tinha previsto que fingi não ver o inevitável. Fingi que era viável manter um relacionamento com Patch porque, bem no fundo, qualquer tempo passado com ele era melhor do que nada.

Anjo.

Levantei os olhos quando Patch disse meu apelido em meus pensamentos.

Estar perto de você, da forma que for, é melhor que nada. Não vou perdê-la. Ele fez uma pausa e, pela primeira vez desde que o conheci, vi uma sombra de preocupação em seus olhos. *Mas já caí uma vez. Se eu der aos arcanjos motivos para imaginarem que estou remotamente apaixonado por você, eles vão me mandar para o inferno. Para sempre.*

A notícia teve o impacto de um soco em meu estômago.

— O quê?

Sou um anjo da guarda, ou pelo menos foi o que me disseram, mas os arcanjos não confiam em mim. Não tenho qualquer privilégio, nem privacidade. Dois deles me encurralaram ontem à noite para uma conversa e saí com a sensação de que querem que eu volte a falhar. Seja lá qual for a razão, decidiram ficar no meu pé. Estão procurando qualquer desculpa para se livrarem de mim. Estou em observação e, se eu estragar tudo, minha história não vai ter um final feliz.

Olhei-o fixamente, pensando que ele devia estar exagerando, pensando que não podia ser tão ruim assim, mas bastou dar uma

olhada em seu rosto para saber que ele nunca tinha falado mais sério.

— O que acontece agora? — perguntei-lhe em voz alta.

Em vez de responder, Patch suspirou com frustração. A verdade era que tudo ia terminar mal. Não importava quanto a gente mudasse de ideia, parasse ou olhasse para o outro lado — um dia, muito em breve, nossas vidas se separariam. O que aconteceria quando eu terminasse o ensino médio e fosse para a universidade? O que aconteceria quando eu fosse atrás do emprego dos meus sonhos, do outro lado do país? O que aconteceria quando chegasse a hora de casar e ter filhos? Eu não estava fazendo um favor a ninguém ao me apaixonar por Patch um pouco mais a cada dia. Será que eu queria mesmo continuar nesse caminho, sabendo que só poderia terminar em sofrimento?

Por um momento fugaz, achei que tinha a resposta — desistiria dos meus sonhos. Era simples assim. Fechei os olhos e abandonei meus sonhos como se fossem balões amarrados em finos e longos fios. Eu não precisava daqueles sonhos. Não podia sequer ter certeza de que se realizariam. E, se fossem realizados, eu não ia querer passar o restante da minha vida sozinha e torturada por saber que tudo o que eu fizera não significava nada sem Patch.

Então percebi, de forma terrível, que nenhum dos dois poderia desistir de tudo. Minha vida continuaria a avançar para o futuro e eu não tinha o poder de paralisá-la. Patch permaneceria como anjo para sempre. Prosseguiria no caminho que percorria desde que havia caído.

— Não há nada que possamos fazer? — perguntei.

— Estou trabalhando nisso.

Em outras palavras, ele não tinha nada. Estávamos, os dois, encurralados — os arcanjos pressionavam por um lado e os dois futuros assumiam direções diametralmente opostas.

— Quero terminar tudo — falei baixinho. Sabia que não estava sendo justa; estava apenas me protegendo. Qual era minha alternativa? Não podia dar a Patch a chance de me fazer mudar de ideia. Precisava fazer o que era melhor para nós dois. Não podia

ficar ali, insistindo, quando aquilo a que eu me apegava desaparecia cada vez mais, a cada dia. Não podia demonstrar o quanto me importava, quando aquilo só tornaria tudo ainda mais difícil, no final das contas. Acima de tudo, eu não queria ser responsável por Patch perder tudo pelo que havia batalhado. Se os arcanjos estavam à procura de uma desculpa para bani-lo para sempre, eu só estava facilitando as coisas para eles.

Patch olhou para mim como se não conseguisse decifrar se eu falava sério.

— É isso? Quer terminar? Você teve sua chance de dar sua explicação, que eu, aliás, não engoli, mas agora é a minha vez. Ou você quer que eu simplesmente engula sua decisão e vá embora?

Abracei os cotovelos e me virei.

— Você não pode me obrigar a continuar em um relacionamento contra a minha vontade.

— Podemos falar sobre isso?

— Se você quiser falar, conte-me o que estava fazendo na casa de Marcie ontem à noite.

Mas Patch tinha razão. Não se tratava de Marcie. Era porque eu estava apavorada e perturbada com a armadilha que o destino e as circunstâncias tinham preparado para nós dois.

Voltei-me e vi Patch passar as mãos no rosto. Ele soltou uma risada curta, sem humor.

— Se eu tivesse passado na casa de Rixon ontem à noite, você iria se perguntar o que estava acontecendo — ataquei.

— Não — disse ele, em uma voz perigosamente baixa. — Confio em você.

Com medo de perder minha determinação caso não agisse imediatamente, bati com os punhos em seu peito, fazendo com que ele desse um passo para trás.

— Vá embora! — exclamei, com as lágrimas tornando minha voz mais áspera. — Tenho outras coisas para fazer com a minha vida. Planos que não envolvem você. Tenho a universidade e empregos no futuro. Não vou jogar tudo fora em nome de algo que não deveria ter acontecido.

Patch estremeceu.

— É isso mesmo o que você quer?

— Quando beijar meu namorado, quero saber que ele é capaz de sentir!

Assim que falei aquilo, me arrependi. Não queria magoá-lo — só queria acabar com tudo o mais rápido possível, antes de perder o controle e começar a soluçar. Mas tinha ido longe demais. Vi que ele se enrijeceu. Ficamos cara a cara, ambos com as respirações entrecortadas.

Depois ele saiu, batendo a porta atrás de si.

Assim que a porta se fechou, desabei, apoiada contra ela. Meus olhos ardiam com as lágrimas, mas não escorreu nem uma gota. Eu estava tomada por tanta frustração e raiva que não era capaz de sentir muito mais, mas suspeitava, e de uma forma que provocou um soluço em minha garganta, que, em cinco minutos, quando tudo tivesse se acalmado e eu percebesse todo o impacto do que eu havia feito, eu sentiria meu coração se partindo.

CAPÍTULO
3

Eu me deixei cair sobre a beirada da cama, olhando fixamente para o vazio. A raiva começava a passar, mas eu praticamente desejava permanecer capturada por aquela sensação para sempre. O vazio que ela deixava doía mais do que a pontada intensa e ardente que senti quando Patch saiu. Tentei entender o que havia acabado de acontecer, mas meus pensamentos eram apenas uma bagunça desconexa. Nossas palavras gritadas ressoavam em meus ouvidos, mas ecoavam sem sentido, como se eu me lembrasse de um sonho ruim e não de uma conversa real.

Eu havia mesmo terminado com ele? Tinha intenção de que o término fosse definitivo? Não existia outra forma de contornar o destino ou, o que era mais premente, as ameaças dos arcanjos? Como resposta, meu estômago se revirou, enjoado.

Corri para o banheiro e ajoelhei-me sobre o vaso, os ouvidos retinindo, a respiração saindo entrecortada e superficial. O que eu fiz? Nada de definitivo, com toda certeza, nada de definitivo. Amanhã nos veríamos e tudo voltaria a ser como era antes. Foi apenas uma briga. Uma briga idiota. Não era o fim. Amanhã, perceberíamos como havíamos sido mesquinhos e pediríamos desculpas. Deixaríamos tudo para trás. Faríamos as pazes.

Levantei-me com dificuldade e abri a torneira da pia. Molhei uma toalha e a apertei contra o rosto. Minha mente ainda parecia girar mais rápido que um carretel de linha se desenrolando, e fechei os olhos com força para fazer com que tudo parasse. *Mas e os arcanjos?*, voltei a me perguntar. Como Patch e eu poderíamos ter um relacionamento normal quando eles não paravam de nos vigiar? Congelei. Eles podiam estar me observando naquele momento. Podiam estar observando Patch, tentando determinar se ele havia passado dos limites. Procurando qualquer desculpa para mandá-lo para o inferno, para longe de mim, para sempre.

Senti a raiva voltar. Por que não nos deixavam em paz? Por que estavam tão determinados a destruir Patch? Patch me dissera que ele havia sido o primeiro anjo caído a recuperar as asas e a se transformar em anjo da guarda. Será que os arcanjos estavam zangados por causa disso? Será que achavam que ele, de alguma maneira, os havia enganado? Ou será que ele tinha enganado a todos para voltar, desde o início? Será que os arcanjos queriam colocá-lo em seu lugar? Ou simplesmente não confiavam nele?

Fechei os olhos, sentindo uma lágrima descer pelo lado do meu nariz. *Retiro tudo o que disse*, pensei. Queria desesperadamente telefonar para Patch, mas não sabia se o colocaria em risco. Os arcanjos seriam capazes de escutar conversas telefônicas? Como Patch e eu poderíamos ter uma conversa sincera se eles ouviam tudo?

Eu também não podia engolir meu orgulho assim tão depressa. Ele não percebia que também estava errado? A razão que nos levou a brigar, em primeiro lugar, foi sua recusa em me contar o que estava fazendo na casa de Marcie na noite anterior. Eu não era do tipo ciumenta, mas ele *sabia* dos meus antecedentes com Marcie. Sabia que essa era a única situação em que eu precisava de uma explicação.

Havia mais uma questão colaborando para que eu me sentisse tão mal. Patch dissera que Marcie havia sido atacada no banheiro masculino do Fliperama do Bo. O que Marcie fazia lá? Até onde eu sabia, ninguém de Coldwater High frequentava o Bo. De fato, antes de conhecer Patch, eu nem sequer havia ouvido falar naquele lugar. Seria uma coincidência o fato de que, um dia depois de Patch ficar observando a janela do quarto de Marcie, ela tivesse resolvido entrar no Bo? Patch insistira que não havia nada além de negócios entre os dois, mas o que isso queria dizer? E Marcie era muitas coisas, entre elas sedutora e insistente. Não apenas não sabia aceitar um “não” como resposta, como também não aceitava qualquer resposta que não fosse exatamente a que ela queria.

E se dessa vez ela quisesse… Patch?

Uma batida forte na porta da frente me tirou dessas divagações.

Levantei-me sobre as pilhas de almofadas da minha cama, fechei os olhos e liguei para minha mãe.

— Os Parnell chegaram.

— Droga. Estou no sinal em Walnut Street. Vou chegar em *dois minutos*. Receba-os.

— Eu mal me lembro de Scott e não lembro nada da mãe dele. Vou recebê-los, mas não vou ficar jogando conversa fora. Vou ficar no quarto até você voltar. — Tentei transmitir pelo tom de voz que havia algo de errado, mas eu não tinha muita condição de me abrir para minha mãe. Ela detestava Patch. Não ia com a cara dele. Eu não ia aguentar a felicidade e o alívio na voz dela. Não neste momento.

— *Nora.*

— Está bem! Eu converso com eles.

Desliguei o telefone e o joguei do outro lado do quarto.

Não tive pressa para chegar até a porta da frente e destrancá-la. O sujeito que pisava no capacho era alto e tinha um corpão — era possível dizer isso porque a camiseta era um tanto justa e anunciava sem qualquer sutileza: ACADEMIA PLATINUM, PORTLAND. Uma argola de prata atravessava o lóbulo da orelha direita, e a calça Levi's se encontrava perigosamente baixa nos quadris. Usava um boné cor-de-rosa, com um estampado à moda havaiana, que parecia ter acabado de sair das prateleiras de um brechó e que deveria ser uma piada para iniciados. Os óculos escuros me lembraram Hulk Hogan. Apesar de tudo isso, ele tinha certo charme.

Os cantos de sua boca se ergueram.

— Você deve ser Nora.

— Você deve ser Scott.

Ele entrou e tirou os óculos escuros. Os olhos examinaram o corredor que levava à cozinha e à sala de estar.

— Onde está sua mãe?

— A caminho, com o jantar.

— O que nós vamos comer?

Não gostei da forma com que ele usou a palavra “nós”. Não havia “nós”. Havia a família Grey e a família Parnell. Duas entidades separadas que, por acaso, dividiriam a mesma mesa de jantar por uma noite.

Quando não respondi, ele continuou.

— Coldwater é um pouco menor do que estou acostumado.

Cruzei os braços sobre o peito.

— Também é um pouco mais fria do que Portland.

Ele me olhou de cima a baixo e sorriu ligeiramente.

— Foi o que percebi. — Ele passou por mim, a caminho da cozinha, e abriu a porta da geladeira. — Tem cerveja?

— *O quê?* Não.

A porta da frente ainda estava aberta e por ela entraram vozes vindas lá de fora.

Mamãe cruzou a entrada com duas sacolas de compras de papel pardo. Estava acompanhada por uma mulher gorducha com um cabelo curto mal cortado e muita maquiagem cor-de-rosa.

— Nora, esta é Lynn Parnell — disse mamãe. — Lynn, esta é Nora.

— Minha nossa — disse a sra. Parnell, apertando as mãos. — Ela se parece muito com você, não é, Blythe? E olhe só para essas pernas! Mais longas do que a avenida principal de Vegas.

Interrompi:

— Sei que não é uma boa hora, mas não estou me sentindo bem, por isso vou me deitar…

Parei de falar por causa do olhar sinistro que minha mãe me lançou. Devolvi a ela o ar mais injustiçado que pude.

— O Scott cresceu muito, não é, Nora? — perguntou ela.

— Boa observação.

Mamãe pousou as sacolas sobre o balcão e se dirigiu a Scott.

— Nora e eu ficamos um pouco nostálgicas esta manhã, lembrando-nos de todas as brincadeiras de vocês dois. Nora me contou que você costumava tentar fazê-la comer tatuzinhos-de-quintal.

Antes que Scott pudesse se defender, eu disse:

— Ele costumava fritá-los vivos com uma lente de aumento e não *tentava* me obrigar a comê-los. Sentava em cima de mim, fechava meu nariz até que eu ficasse sem ar e precisasse abrir a boca. Então ele os jogava lá dentro.

Mamãe e a sra. Parnell trocaram olhares rápidos.

— Scott sempre foi muito persuasivo — respondeu rapidamente a sra. Parnell. — Ele consegue convencer as pessoas a fazerem coisas com que nunca sonharam. Tem um talento especial para isso. Ele me convenceu a lhe comprar um Ford Mustang 1966 em perfeitas condições. Naturalmente, ele me atacou em um bom momento, porque eu me sentia muito culpada com o divórcio! Bem. Como eu dizia, Scott devia preparar os melhores tatuzinhos-de-quintal fritos de todo o bairro.

Todos me olharam, à espera de uma confirmação.

Eu não podia acreditar que estávamos tratando daquele tema como se fosse uma conversa perfeitamente normal.

— E aí? — interveio Scott, coçando o peito. Seu bíceps se flexionava quando ele fazia aquilo, mas ele já devia desconfiar. — O que vamos jantar?

— Lasanha, pão de alho e salada de gelatina — disse mamãe com um sorriso. — Foi Nora quem fez a salada.

Era uma novidade para mim.

— Eu fiz?

— Você comprou as caixas de gelatina — lembrou-me ela.

— Mas isso não conta.

— Nora fez a salada — mamãe garantiu a Scott. — Acho que está tudo pronto. Por que não vamos comer?

Assim que nos sentamos, demos as mãos e mamãe fez uma oração.

— Conte-me tudo sobre os apartamentos desta área — disse a sra. Parnell, cortando a lasanha e colocando a primeira fatia no prato de Scott. — Quanto se costuma pagar por dois quartos e dois banheiros?

— Depende de quando o imóvel foi reformado — respondeu mamãe. — Quase tudo deste lado da cidade foi construído antes de 1900, e o aparenta. Assim que nos casamos, Harrison e eu procuramos apartamentos baratos de dois quartos, mas sempre havia alguma coisa errada: buracos nas paredes, baratas ou não havia qualquer praça ou parque por perto. Como eu estava grávida, resolvemos que precisávamos de um lugar maior. Esta casa estava à venda havia dezoito meses e nós conseguimos fechar um negócio que parecia bom demais para ser verdade. — Ela olhou em volta. — Harrison e eu planejávamos restaurá-la com o tempo, mas… bem, e depois… você sabe… — Ela abaixou a cabeça.

Scott pigarreou.

— Sinto muito por seu pai, Nora. Ainda me lembro do meu pai telefonando na noite em que aquilo aconteceu. Eu estava trabalhando a alguns quarteirões dali, numa loja de conveniência. Espero que peguem o assassino.

Tentei agradecer, mas as palavras ficaram entaladas em minha garganta. Não queria falar sobre meu pai. A dor do rompimento com Patch já era o suficiente. Onde ele estaria neste momento? Estaria se consumindo pelo arrependimento? Será que ele compreendia como eu desejava retirar tudo o que eu dissera? De repente me perguntei se ele teria me enviado uma mensagem de texto e desejei ter trazido o celular para a mesa de jantar. Mas quanto ele poderia dizer? Os arcanjos não poderiam ler as mensagens? Quanto poderiam ver? Será que estavam em toda parte? Eu me questionava, sentindo-me muito vulnerável.

— Conte-nos, Nora — disse a sra. Parnell. — Como é Coldwater High? Scott praticava luta em Portland. Sua equipe ganhou o campeonato estadual nos últimos três anos. A equipe de luta daqui é boa? Eu tinha certeza de que Scott já havia lutado contra Coldwater, mas ele me lembrou de que Coldwater é da divisão C.

Levei algum tempo para sair da névoa dos meus pensamentos. Havia uma equipe de luta aqui?

— Não sei nada sobre luta — confessei, categoricamente. — Mas o time de basquete chegou a ir para o campeonato estadual uma

vez.

A sra. Parnell engasgou com o vinho.

— Uma vez? — indagou. Seus olhos viajaram entre mim e minha mãe, exigindo explicações.

— Tem um retrato do time na frente da secretaria principal — afirmei. — Pela aparência da foto, deve ter sido há mais de sessenta anos.

A sra. Parnell arregalou os olhos.

— Sessenta anos? — ela limpou a boca com o guardanapo. — Tem alguma coisa errada com a escola? O treinador? O diretor esportivo?

— Sem problema — disse Scott. — Vou tirar folga da luta este ano.

A sra. Parnell baixou o garfo fazendo barulho.

— Mas você *adora* lutar.

Scott pôs na boca outro pedaço de lasanha e ergueu um dos ombros com ar de indiferença.

— E é seu último ano.

— E daí? — perguntou Scott, enquanto mastigava.

A sra. Parnell colocou os cotovelos sobre a mesa e se debruçou.

— O senhor não vai entrar para nenhuma universidade com suas notas. A única esperança, a essa altura, é estudar em uma faculdade comunitária, se deixarem você entrar.

— Há outras coisas que quero fazer.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Ah, é? Como repetir o ano passado?

Assim que ela acabou de falar, uma faísca de medo passou por seus olhos.

Scott mastigou mais duas vezes e depois engoliu com força.

— Pode me passar a salada, Blythe?

Minha mãe entregou a tigela para a sra. Parnell, que a colocou diante de Scott de forma um tanto excessivamente cuidadosa.

— O que aconteceu no ano passado? — perguntou minha mãe, preenchendo o silêncio tenso.

A sra. Parnell sacudiu a mão com aparente indiferença.

— Ah, você sabe como é. Scott se meteu em encrencas, como sempre. Nada de inédito para mães de meninos adolescentes.

Ela deu uma risada, mas havia algo errado no tom.

— Mãe! — disse Scott de um jeito que parecia muito uma ameaça.

— Você sabe como são os garotos — continuou a tagarelar a sra. Parnell, fazendo gestos com o garfo. — Eles não pensam. Vivem o momento. São impulsivos. Fique feliz por ter uma filha, Blythe. Minha nossa, aquele pão de alho está me dando água na boca. Poderia me passar uma fatia?

— Eu não devia ter dito nada — murmurou minha mãe, passando o pão. — Não tenho palavras para dizer como estamos felizes por vocês estarem de volta a Coldwater.

A sra. Parnell assentiu vigorosamente.

— Também estamos felizes por voltar para cá inteiros.

Eu tinha parado de comer, dividindo meus olhares entre Scott e a sra. Parnell, tentando entender o que estava se passando. Garotos são garotos, até aí eu aceitava. Mas o que eu não entendia era a angustiada insistência da sra. Parnell em garantir que as encrencas do filho eram apenas típicas da idade. E a supervisão minuciosa que Scott fazia de todas as palavras que saíam da boca da mãe não contribuíam para que eu mudasse de ideia.

Achando que havia mais naquela história do que eles estavam dizendo, pus a mão no coração e exclamei:

— O que foi, Scott? Você não saiu por aí à noite roubando placas de rua para pendurar no quarto, não é?

A sra. Parnell começou a rir de forma sincera, quase aliviada. Bingo. Fosse qual fosse a encrenca arranjada por Scott, não se tratava de nada tão inofensivo quanto roubar placas. Eu não tinha cinquenta dólares, mas, se tivesse, apostaria tudo no palpite de que a confusão arranjada por Scott não tinha nada de habitual.

— Bem — disse mamãe, com um sorrisinho um tanto forçado —, tenho certeza de que o que aconteceu ficou para trás. Coldwater é um ótimo lugar para se recomeçar. Você já fez sua matrícula na

escola, Scott? Alguns cursos são muito disputados, especialmente as turmas avançadas.

— Turmas avançadas — repetiu Scott, com um sorriso um tanto debochado. — Não se ofenda, mas não estou mirando tão alto. Como minha mãe… — ele esticou o braço para o lado e sacudiu o ombro dela de maneira brusca demais para ser carinhosa — … indicou tão gentilmente, se eu for para a universidade, não vai ser pelas minhas notas.

Sem querer dar a ninguém da mesa oportunidade de se esquecer das confusões arranjadas no passado por Scott, eu disse:

— Ah, vamos lá, Scott. Você está me matando de curiosidade. O que há de tão errado em seu passado? Não pode ser tão terrível a ponto de você ter de escondê-lo dos velhos amigos.

— Nora… — começou mamãe.

— Dirigiu alcoolizado? Roubou um carro? Participou de algum pega?

Sob a mesa, senti que o pé da minha mãe foi parar sobre o meu. Ela me deu um olhar incisivo que queria dizer: *O que deu em você?*

A cadeira de Scott arrastou-se contra o chão e ele se levantou.

— Banheiro? — perguntou para minha mãe. Ele afastou a gola da camisa — Indigestão.

— Subindo a escada.

Sua voz parecia pedir desculpas. Ela estava pedindo desculpas pelo meu comportamento quando ela havia sido a responsável por organizar esta noite ridícula. Qualquer um com um pingo de sensibilidade podia perceber que o jantar não tinha como objetivo ser uma refeição compartilhada por velhos amigos. Vee tinha razão: era um “encontro armado”. Bem, eu tinha algumas notícias para minha mãe. Scott e eu? Sem chance.

Depois que Scott pediu licença, a sra. Parnell abriu um sorriso como se quisesse apagar os últimos cinco minutos e começar de novo.

— Então me conte — disse ela um pouco animada demais —, Nora tem namorado?

— Não — declarei na mesma hora em que minha mãe disse “Mais ou menos”.

— Agora fiquei confusa — falou a sra. Parnell, mastigando lasanha e olhando para mim e minha mãe.

— O nome dele é Patch — disse mamãe.

— Que nome esquisito — admirou-se a sra. Parnell. — O que os pais dele tinham na cabeça?

— É um apelido — explicou mamãe. — Patch se mete muito em brigas. Sempre precisa ser remendado, como uma colcha de *patchwork*.

De repente, lamentei ter explicado a ela que Patch era um apelido.

A sra. Parnell sacudiu a cabeça.

— Acho que isso é nome de integrante de gangue. Todas as gangues usam apelidos. Slasher, Slayer, Maimer, Mauler, Reaper. Patch.

Revirei os olhos.

— Patch não faz parte de nenhuma gangue.

— É o que você pensa — afirmou a sra. Parnell. — Acha que gangues são para os criminosos da periferia, certo? Que são como baratas que só aparecem à noite?

Ela ficou em silêncio e achei ter visto seus olhos faiscarem na direção da cadeira vazia de Scott.

— Os tempos estão mudando. Há algumas semanas vi um episódio de *Law & Order* sobre um novo tipo de gangues de subúrbio, formadas por garotos ricos. Chamam aquilo de sociedades secretas, irmandades de sangue ou outra besteira qualquer, mas, no final das contas, é tudo a mesma coisa. Achei que fosse mais daquele lixo sensacionalista típico de Hollywood, mas o pai de Scott diz que está vendo cada vez mais esse tipo de coisa. Ele deve saber das coisas, afinal, é policial.

— Seu marido é policial? — perguntei.

— Ex-marido. Que sua alma apodreça.

Já basta. A voz de Scott pairou pela penumbra do corredor e eu dei um pulo. Estava a ponto de me perguntar se ele tinha ido mesmo ao banheiro ou se tinha passado o tempo todo do lado de fora da sala, só ouvindo, quando me toquei de que eu não achava que ele havia falado em voz alta. Na realidade…

Eu estava bem certa de que ele falara… em meus pensamentos. Não. Não em meus pensamentos. Nos pensamentos da mãe dele. E, de alguma maneira, eu havia escutado.

A sra. Parnell virou as palmas da mão para cima.

— Tudo o que eu disse é que queria que sua alma apodrecesse… Não vou retirar o que eu disse. É exatamente assim que me sinto.

— Pedi para parar de falar — interveio Scott, com a voz baixa e sombria.

Minha mãe se virou, como se acabasse de perceber que Scott havia voltado para a sala. Pisquei confusa, sem querer acreditar. Não podia ter ouvido o que ele dizia na cabeça de sua mãe. Quer dizer, Scott era humano… não era?

— É assim que você fala com a sua mãe? — esbravejou a sra. Parnell, sacudindo um dedo para ele. Mas eu percebia que era mais para fazer cena do que com o objetivo de repreendê-lo.

Seu olhar frio permaneceu fixo nela por mais um momento. Depois, ele se dirigiu para a porta da frente, abriu-a e bateu ao sair.

A sra. Parnell limpou a boca, deixando manchas de batom rosa no guardanapo.

— O lado perverso do divórcio. — Ela soltou um suspiro longo e perturbado. — Scott nunca se irritava. Naturalmente, ele pode estar crescendo e ficando parecido com o pai. Bem, é um assunto desagradável, impróprio para o jantar. Patch luta, Nora? Aposto que Scott poderia lhe ensinar algumas coisas.

— Nada — falei, sem inspiração na voz. Não tinha vontade de falar sobre Patch. Não aqui, não agora. Não no momento em que mencionar seu nome causava um aperto em minha garganta. Mais do que nunca, desejei ter trazido o celular para a mesa. Não estava mais me sentindo tão zangada, o que queria dizer que Patch

provavelmente também já tinha esfriado a cabeça. Será que ele me perdoara o suficiente para me enviar uma mensagem ou me ligar? Era tudo uma confusão, mas deveria haver alguma forma de contorná-la. Não era tão ruim quanto parecia. Poderíamos encontrar um jeito de fazer com que tudo se resolvesse.

A sra. Parnell assentiu.

— Natação. É um autêntico esporte do Maine.

— Na verdade, ele joga sinuca. Em um *salão de sinuca* — corrigiu mamãe, com a voz um tanto fraca.

A sra. Parnell inclinou a cabeça como se não tivesse certeza de ter ouvido corretamente.

— Uma incubadora para a ação das gangues — disse finalmente. — Sabe aquele episódio de *Law & Order* que mencionei? Rapazes ricos, de classe média alta, comandavam as sinucas da redondeza como se fossem cassinos de Las Vegas. Melhor ficar de olho nesse seu Patch, Nora. Ele pode estar escondendo um lado dele. O lado sombrio de sua vida.

— Ele não faz parte de uma gangue — repeti pelo que me pareceu a milionésima vez, me esforçando para manter um tom cortês.

Mas assim que abri a boca, percebi que não tinha como ter certeza de que Patch *nunca* havia feito parte de uma gangue. Será que um grupo de anjos caídos poderia ser considerado uma gangue? Eu não sabia muito sobre seu passado, especialmente sobre antes de ele me conhecer.

— Talvez — disse a sra. Parnell em tom de dúvida. — Talvez.

***

Uma hora depois, a comida havia acabado, os pratos estavam lavados, a sra. Parnell finalmente tinha ido embora atrás de Scott e eu me recolhi ao quarto. O celular estava caído no chão, e eu podia ver que não havia mensagens novas nem chamadas perdidas.

Senti um tremor nos lábios e pus as mãos sobre os olhos para deter as lágrimas que já turvavam minha visão. Para evitar relembrar todas as palavras terríveis que eu tinha dito a Patch, tentei encontrar um jeito de consertar tudo, dentro da minha cabeça. Os arcanjos não poderiam nos proibir de conversarmos ou de nos vermos — não enquanto Patch fosse meu anjo da guarda. Ele precisava permanecer em minha vida. Íamos continuar a fazer o que sempre fizemos. Depois de alguns dias, depois de a gente superar nossa primeira briga de verdade, tudo voltaria ao normal. E quem se importava com o futuro? Eu poderia resolver isso mais tarde. Afinal de contas, eu não precisava planejar toda a minha vida bem naquele momento.

Mas havia uma coisa que eu não conseguia entender. Patch e eu tínhamos passado os últimos dois meses demonstrando abertamente nossa afeição, sem qualquer tipo de reserva. Então, por que só agora ele começava a se preocupar com os arcanjos?

Minha mãe pôs a cabeça na porta do quarto.

— Vou pegar algumas coisinhas para minha viagem de amanhã. Não vou demorar. Precisa de algo enquanto eu estiver fora?

Reparei que ela não se referiu a Scott como um bom candidato a namorado. Aparentemente, o passado duvidoso dele tinha diminuído seu desejo de formar um casalzinho.

— Não precisarei de nada, mas, mesmo assim, obrigada.

Ela iniciou o movimento de fechar a porta, mas parou.

— Acho que a gente está com um problema. Deixei escapar para Lynn que você está sem carro. Ela sugeriu que Scott levasse você para o curso de verão. Disse a ela que isso não seria mesmo necessário, mas acho que pensou que eu estava dizendo isso só para não incomodar Scott. Ela disse que você poderia retribuir mostrando Coldwater para ele, amanhã.

— Vee me dá carona para a escola.

— Deixei isso claro, mas ela não aceitou uma resposta negativa. Acho que talvez seja melhor se você explicar tudo diretamente para Scott. Agradeça a oferta, mas diga que já tem uma carona.

Era tudo o que eu queria. Mais interação com Scott.

— Eu preferia que você continuasse indo para a escola com a Vee — prosseguiu ela, lentamente. — Aliás, se Scott passar por aqui enquanto eu estiver fora, esta semana, é melhor manter distância.

— Você não confia nele?

— Nós não o conhecemos muito bem — disse ela, cuidadosamente.

— Mas Scott e eu éramos grandes amigos, você se lembra?

Ela me olhou com intensidade.

— Foi há muito tempo. As coisas mudam.

Exatamente o que eu pensava.

— Eu gostaria apenas de conhecer Scott um pouco mais antes de permitir que você passe tempo demais com ele — prosseguiu ela. — Quando voltar, vou ver o que consigo descobrir.

Bem, esse era um acontecimento inesperado.

— Você quer descobrir o passado negro dele?

— Lynn e eu somos boas amigas. Ela está muito estressada. Talvez precise de alguém em quem confiar. — Minha mãe deu um passo na direção da minha cômoda, pingou uma gota de creme para as mãos nas palmas e as esfregou. — Se ela mencionar Scott, bem, eu não vou *deixar* de ouvir.

— Se isso a ajuda a se convencer de que Scott não presta, achei que ele agiu de forma muito esquisita durante o jantar.

— Os pais acabaram de se divorciar — disse ela, em um tom cuidadosamente neutro. — Tenho certeza de que ele está atravessando um período muito turbulento. É difícil ficar sem um dos pais.

E eu não sei disso?

— O leilão termina na quarta-feira à tarde. Devo chegar em casa na hora do jantar. Vee vai dormir aqui amanhã, não é?

— Isso mesmo — disse eu, acabando de me lembrar de que ainda precisava conversar com Vee sobre isso, mas tinha certeza de que não haveria problemas. — Aliás, estou pensando em arranjar um emprego. — Era melhor eu abrir o jogo, porque, com alguma

sorte, eu esperava encontrar um trabalho antes de mamãe voltar para casa.

Ela piscou.

— De onde saiu essa ideia?

— Preciso de um carro.

— Achei que Vee não se importava de lhe dar carona.

— Eu me sinto um parasita.

Eu não podia sequer ir rapidamente a uma farmácia comprar absorventes, numa situação de emergência, sem ligar para Vee. Pior, *quase* peguei uma carona para a escola com Marcie Millar. Não queria fazer exigências desnecessárias para minha mãe, principalmente quando nós andávamos duras, mas também não queria repetir a situação desta manhã. Eu sonhava com um carro desde que minha mãe havia vendido o Fiat, e ver o Cabriolet naquela tarde tinha me feito partir para a ação. Parecia uma boa solução, desde que eu mesma pudesse arranjar dinheiro para o carro.

— Você não acha que um emprego pode atrapalhar seus estudos? — perguntou mamãe, e o tom deixou transparecer que ela não estava muito feliz com a ideia. Não que eu esperasse outra reação.

— Estou só com uma matéria.

— É, mas é química.

— Sinceramente, acho que posso lidar com as duas coisas ao mesmo tempo.

Ao ouvir aquilo, ela se sentou na beirada da cama.

— Há algum problema? Você esteve incrivelmente mordaz a noite inteira.

Esperei mais um segundo para responder, chegando bem perto de contar a verdade.

— Não. Estou ótima.

— Você parece tensa.

— Tive um dia longo. Ah, cheguei a mencionar que Marcie Millar é minha parceira nas aulas de química?

Dava para ver pela cara de minha mãe que ela sabia como isso me incomodava. Afinal de contas, era ela quem eu procurava ao chegar em casa nos últimos onze anos depois de Marcie aprontar das suas comigo. E era a minha mãe que juntava os pedaços, me ajudava a me recuperar e me mandava de volta para a escola mais forte e mais sábia, armada com alguns truques próprios.

— Ela vai se sentar a meu lado pelas próximas oito semanas.

— Vou lhe dizer uma coisa: se você sobreviver a essas oito semanas sem matá-la, podemos conversar sobre o carro.

— É uma negociação complicada, mãe.

Ela beijou minha testa.

— Vou querer um relatório completo sobre os primeiros dias assim que voltar de viagem. Nada de festinhas ou noitadas enquanto eu estiver longe.

— Não prometo nada.

Cinco minutos depois, minha mãe manobrava o Taurus na entrada de casa. Fechei a cortina, me encolhi no sofá e fitei o celular.

Mas ninguém telefonou.

Procurei o cordão de Patch, ainda no meu pescoço, e o apertei com mais força do que esperava. Fiquei com a terrível impressão de que talvez fosse tudo o que me restara dele.

C A P Í T U L O

4

O sonho me veio em três cores: preto, branco e cinza desbotado.

Era uma noite fria. Eu estava descalça em uma estrada de terra, a lama e a chuva enchiam rapidamente buracos que salpicavam o caminho. Rochas e ervas minúsculas despontavam intermitentemente. A escuridão tomava conta do campo, a não ser por um ponto iluminado: a algumas centenas de metros da estrada encontrava-se uma taverna construída em pedra e madeira. Velas reluziam nas janelas e eu estava me dirigindo para lá, para me abrigar, quando ouvi sinos soarem a distância.

À medida que o som dos sinos ficava mais alto, eu me afastei para uma distância segura da estrada. Vi uma carruagem puxada por cavalos chacoalhar na escuridão e parar exatamente no lugar onde eu estivera momentos antes. Assim que as rodas pararam de girar, o condutor saltou do carro, enfiando as botas até a metade na lama. Puxou a porta e deu um passo para trás.

Uma silhueta escura saiu de dentro da carruagem. Um homem. Tinha uma capa pendurada sobre os ombros, balançando-se com o vento, mas o capuz encobria seu rosto.

— Espere aqui — disse ele ao condutor.

— Meu senhor, está chovendo muito…

O homem de capa fez um aceno com a cabeça na direção da taverna.

— Tenho negócios a resolver. Não devo demorar. Mantenha os cavalos prontos.

Os olhos do condutor voltaram-se para a taverna.

— Mas, meu senhor… aquele lugar é frequentado por ladrões e vagabundos. E há algo de ruim no ar, esta noite. Sinto em meus ossos. — Ele esfregou os braços energicamente, como se para

afastar a friagem. — Meu senhor deveria se apressar para voltar para casa e encontrar a senhora e os meninos.

— Não diga nada disso a minha esposa. — O homem de capa abriu e fechou as mãos enluvadas, fixando o olhar na taverna. — Ela já tem motivos demais para se preocupar — murmurou.

Voltei minha atenção para a taverna e as velas sombrias que tremeluziam nas pequenas janelas inclinadas. O telhado também era inclinado, pendendo ligeiramente para a direita, como se as ferramentas usadas na construção não fossem nada precisas. A fachada estava tomada por mato e, de vez em quando, um grito brutal ou o som de vidro quebrado atravessava as paredes.

O condutor esfregou o nariz com a manga do casaco.

— Meu filho morreu da peste há menos de dois anos. É uma coisa terrível o que o senhor e a senhora estão sofrendo.

Seguiu-se um silêncio desconfortável, exceto pelos cavalos que batiam os cascos com impaciência, as capas encharcadas. Nuvenzinhas de vapor saíam de suas narinas. A visão era tão autêntica que, subitamente, fiquei assustada. Nunca tinha tido um sonho que parecesse tão real.

O homem de capa começara a atravessar o caminho de pedras que conduzia à taverna. Os contornos do sonho desapareceram por trás dele, e, depois de um momento de hesitação, eu o segui, com medo de também desaparecer se não o acompanhasse. Segui-o até o interior da taverna.

No meio da parede dos fundos havia um forno gigantesco com uma chaminé de tijolos. Várias tigelas de madeira, xícaras de latão e utensílios ladeavam as paredes dos dois lados do forno, pendurados em grandes pregos. Três barris haviam sido jogados em um dos cantos. Um cão sarnento dormia enroscado na frente deles. Bancos virados e uma bagunça de pratos sujos e canecas se amontoava no piso, que não era exatamente um piso. Era feito de terra macia prensada, salpicada com o que parecia ser serragem, e, no momento em que pisei, meus calcanhares já enlameados absorveram a terra empoeirada. Eu pensava em um banho quente

quando me dei conta da presença de dez ou mais fregueses, sentados em diversas mesas pela taverna.

A maior parte dos homens tinha cabelos na altura dos ombros e barbas estranhas e pontudas. As calças eram largas, enfiadas em botas de cano alto, e as mangas das camisas eram bufantes. Usavam chapéus de abas largas que faziam lembrar peregrinos.

Com certeza eu estava sonhando com uma época passada, e, como os detalhes do sonho eram bastante nítidos, eu deveria ter pelo menos alguma noção sobre o período para onde meu sonho me levara. Mas estava perdida. Provavelmente me encontrava na Inglaterra, em algum momento entre os séculos XV e XVIII. Tinha tirado uma nota A em história geral este ano, mas reconhecimento de roupas de época não fazia parte da matéria da prova. Como nada do que eu via ali, aliás.

— Estou à procura de um homem — disse o sujeito de capa para o homem que estava atrás de uma mesa que lhe batia na cintura e que eu presumi se tratar do balcão do bar. — Fui informado de que deveria encontrá-lo aqui, esta noite, mas temo não saber seu nome.

O atendente, um sujeito baixo e careca, a não ser por alguns fios crespos arrepiados no alto de sua cabeça, olhou para o homem de capa.

— Algo para beber? — perguntou ele, separando os lábios e deixando à mostra os tocos escuros dos dentes.

Contive a náusea que subiu pelo meu estômago ao ver aquilo e dei um passo para trás.

O homem de capa não demonstrou a mesma repugnância. Apenas sacudiu a cabeça.

— Preciso encontrar este homem o mais rápido possível. Fui informado de que você poderia me ajudar.

O sorriso podre do atendente desapareceu por trás de seus lábios.

— É, posso ajudá-lo a encontrá-lo, meu senhor. Mas confie em um velho e tome uma ou duas doses primeiro. Algo que aqueça seu sangue em uma noite fria.

Ele empurrou um copo bem pequeno para o homem.

Por trás do capuz, o homem sacudiu a cabeça mais uma vez.

— Receio estar com um pouco de pressa. Diga-me onde posso encontrá-lo.

Ele empurrou algumas moedas retorcidas sobre a mesa e o atendente as guardou, acenou com a cabeça em direção à porta de trás e disse:

— Ele costuma ficar ali, na floresta. Mas, meu senhor, seja cuidadoso. Dizem que a floresta é mal-assombrada. Há quem diga que quem entra nela nunca sai.

O homem de capa debruçou-se sobre a mesa que separava os dois e baixou a voz.

— Gostaria de fazer uma pergunta pessoal. Está familiarizado com o mês judaico do Cheshvan?

— Não sou judeu — declarou o atendente do bar categoricamente, mas algo em seu olhar me disse que não era a primeira vez que lhe faziam tal pergunta.

— O homem que vim ver esta noite me disse para encontrá-lo aqui na primeira noite do Cheshvan. Disse que precisava de meus serviços durante uma quinzena inteira.

O estalajadeiro coçou o queixo.

— Uma quinzena é muito tempo.

— Tempo demais. Não teria vindo, mas temi pelo que ele poderia fazer se eu não viesse. Ele mencionou o nome de minha família. Disse que os *conhecia.* Tenho uma linda esposa e quatro filhos. Não quero que sejam prejudicados.

O atendente baixou a voz, como se fosse contar uma fofoca escandalosa.

— O homem que você veio ver… — ele se interrompeu, lançando um olhar desconfiado pela taverna.

— Ele tem um *poder* incomum — disse o homem de capa. — Já vi sua força antes. Ele é muito poderoso. Vim conversar com ele. Com toda certeza, não pode esperar que eu abandone meus deveres para com minha família por um tempo tão longo. Precisa ser razoável.

— Não sei o que se passa na cabeça deste homem — disse o homem do bar.

— Meu filho caçula contraiu a peste — explicou o homem de capa, a voz assumindo um tremor de desespero. — Os médicos não acham que ele tenha muito tempo. Minha família precisa de mim. Meu filho precisa de mim.

— Beba alguma coisa — disse o atendente, em voz baixa. Ele empurrou o copo pela segunda vez.

O homem de capa virou-se abruptamente e caminhou na direção da porta dos fundos. Eu o segui.

Lá fora, chafurdei descalça na lama gelada, atrás dele. A chuva continuava a cair e precisei andar com cuidado para não escorregar. Sequei os olhos e vi a capa do homem desaparecer por trás de uma fileira de árvores, na orla da floresta.

Cambaleei atrás dele, hesitando diante da fileira de árvores. Passei as mãos no cabelo encharcado e olhei para a profunda escuridão a minha frente.

Vislumbrei uma movimentação e, subitamente, o homem de capa corria de volta, em minha direção. Ele tropeçou e caiu. Os galhos de uma árvore prenderam sua capa. Em frenesi, ele lutou para soltá-la do pescoço. Deu um guincho de terror. Os braços se sacudiram loucamente enquanto o corpo inteiro se contorcia e se debatia em convulsão.

Forcei a passagem até ele, com os galhos arranhando meus braços, as pedras machucando meus pés descalços. Caí de joelhos a seu lado. O capuz ainda estava puxado, mas eu conseguia ver que sua boca estava ligeiramente aberta, paralisada em um grito.

— Vire-se! — mandei, fazendo força para arrancar o tecido preso por trás dele.

Mas ele não conseguia me ouvir. Pela primeira vez, o sonho assumiu um toque familiar. Como todos os pesadelos que me aprisionaram, quanto mais eu lutava, mais o que eu queria escapava do meu alcance.

Segurei seus ombros e o sacudi.

— Vire-se! Posso tirá-lo daqui, mas você precisa ajudar.

— Sou Barnabé Underwood — falou, engolindo as palavras. — Você sabe como chegar até a taverna? Boa menina — disse ele, dando tapinhas no ar como se estivesse acarinhando uma bochecha imaginária.

Fiquei rígida. Ele não podia me ver de forma alguma. Estava tendo alucinações com outra menina. Tinha que estar. Como podia me ver se não podia me ouvir?

— Vá lá correndo e peça ao dono do bar para mandar ajuda — prosseguiu ele. — Diga-lhe que não há homem nenhum. Diga a ele que é um dos anjos do demônio que veio possuir meu corpo e levar minha alma. Diga a ele para trazer um padre, água benta e rosas.

Diante da menção dos anjos do demônio, os pelos do meu braço se eriçaram. Ele jogou a cabeça para trás, na direção da floresta, esticando o pescoço.

— O anjo! — sussurrou, em pânico. — O anjo está chegando!

A boca se contorceu. Parecia que ele lutava para controlar o próprio corpo. Arqueou as costas com violência e seu capuz escorregou para trás.

Eu ainda segurava sua capa, mas sentia minhas mãos perderem a força. Olhei para o homem com um grito de surpresa preso em minha garganta. Ele não era Barnabé Underwood.

Era Hank Millar.

O pai de Marcie.

***

Pisquei os olhos para acordar.

Raios de sol atravessavam a janela do quarto. O vidro estava aberto e uma brisa preguiçosa farfalhava o primeiro suspiro da manhã sobre minha pele. Meu coração ainda estava acelerado por causa do pesadelo, mas respirei fundo e me reconfortei pensando que nada daquilo era real. Verdade seja dita, agora que meus pés voltavam a estar firmemente plantados em meu próprio mundo, eu estava mais incomodada pelo fato de estar sonhando com o pai de

Marcie do que por qualquer outro motivo. Querendo esquecer depressa tudo aquilo, deixei o sonho pra lá.

Peguei o celular que estava debaixo do travesseiro e verifiquei as mensagens. Patch não havia ligado. Puxei o travesseiro para mim, agarrei-o e tentei ignorar a sensação de vazio por dentro. Quantas horas haviam se passado desde que Patch saíra? Doze. Quantas faltavam para que eu o visse de novo? Eu não sabia. Era o que realmente me preocupava. Quanto mais o tempo passava, mais eu sentia que a parede de gelo entre nós aumentava.

Pense apenas em sobreviver ao dia de hoje, eu disse para mim mesma, engolindo com dificuldade. A estranha distância entre nós não poderia permanecer para sempre. Nada seria resolvido se eu ficasse na cama o dia inteiro. Eu voltaria a ver Patch. Ele talvez até passasse em minha casa depois da escola. Ou então eu ligaria para ele. Continuei com esses pensamentos ridículos, recusando-me a pensar nos arcanjos. No inferno. Em como eu estava assustada porque Patch e eu enfrentávamos um problema que nenhum dos dois tinha força suficiente para resolver.

Rolei para fora da cama e encontrei um post-it amarelo colado no espelho do banheiro.

A notícia boa: convenci Lynn a não mandar Scott lhe dar carona esta manhã. A ruim: ela insiste em que vocês dois façam um tour pela cidade. Não sei se uma recusa vai funcionar. Você poderia levá-lo para passear depois da aula? Seja breve. Bem breve. O telefone dele está no balcão da cozinha.

Beijos, Mamãe

P.S.: Vou ligar hoje à noite, do hotel.

Grunhi e encostei a testa no balcão. Não queria passar nem mais dez minutos com Scott, muito menos algumas horas. Quarenta minutos depois, eu havia tomado banho, me vestido e comido uma

tigela de granola sabor morango. Ouvi uma batida à porta da frente. Abri e encontrei Vee, sorridente.

— Pronta para outro dia divertidíssimo de curso de verão? — perguntou ela.

Tirei a mochila do gancho do cabideiro onde estava pendurada.

— Vamos logo acabar com este dia, está bem?

— Puxa. Quem foi que fez xixi no seu cereal?

— Scott Parnell. — *Patch.*

— Vejo que o problema de incontinência urinária não passou com o tempo.

— Vou ter que acompanhá-lo em um tour pela cidade depois da aula.

— Você vai ficar sozinha com um garoto por algum tempo. O que pode haver de ruim nisso?

— Você devia ter estado aqui ontem à noite. O jantar foi bizarro. A mãe de Scott começou a nos contar sobre seu passado turbulento, mas Scott a interrompeu. Não foi só isso, mas quase pareceu que ele a ameaçava. Então ele pediu licença para usar o banheiro, mas acabou escutando nossa conversa do corredor. — *E depois ele falou com a mãe pelo pensamento. Talvez.*

— Parece que ele está tentando manter sua vida particular um assunto particular. Talvez tenhamos que fazer algo para mudar isso.

Eu estava dois passos à frente de Vee, na saída, e parei bruscamente. Tivera uma súbita inspiração.

— Tenho uma grande ideia — anunciei, virando-me. — Por que você não acompanha Scott no tour pela cidade? Falando sério, Vee. Você vai amá-lo. Ele tem aquele comportamento impulsivo de bad-boy, de quem quebra as regras. Ele chegou a me perguntar se a gente tinha cerveja. Escandaloso, não é? Acho que ele faz o seu tipo.

— Não vai dar. Marquei um almoço com Rixon.

Senti uma inesperada pontada no coração. Patch e eu também planejávamos almoçar juntos hoje. O que eu havia feito? Precisava ligar para ele. Tinha de encontrar um jeito de falar com ele. Não ia

terminar tudo dessa forma. Era absurdo. Mas uma vozinha que eu desprezava questionou por que ele não havia ligado antes. Ele tinha tanto para se desculpar quanto eu.

— Vou lhe pagar oito dólares e trinta e dois centavos para sair com Scott, oferta final — ofereci.

— Tentadora, mas não. E tem mais uma coisa. Patch provavelmente não vai ficar feliz se você e Scott transformarem esse tempinho a sós em um hábito. Não me compreenda mal. Não estou nem aí para o que Patch pensa e, se você quiser provocá-lo, dou a maior força. Mesmo assim, achei que valia a pena mencionar.

Eu estava descendo os degraus da varanda e quase escorreguei ao ouvi-la dizer o nome de Patch. Pensei em contar para Vee que havíamos terminado, mas eu não estava pronta para dizer isso em voz alta. Senti o celular, onde havia uma foto de Patch, queimando em meu bolso. Uma parte de mim queria arremessar o telefone nas árvores do outro lado da rua. Uma parte de mim não podia perdê-lo tão rápido. Além do mais, se eu contasse para Vee, ela certamente argumentaria que um rompimento nos liberava para sair com outras pessoas, o que não era a conclusão correta. Eu não estava buscando outra pessoa, nem Patch. Era o que eu esperava. Aquilo era apenas um contratempo. Nossa primeira briga de verdade. Não era um rompimento definitivo. No calor do momento, nós dois dissemos palavras que, na verdade, não queríamos.

— Se eu fosse você, inventaria uma desculpa para não ir — disse Vee, batendo com os dez centímetros de saltos nos degraus, atrás de mim. — É o que faço quando arranjo uma encrenca. Ligue para Scott e diga que seu gato está vomitando intestinos de rato e que você precisa levá-lo ao veterinário depois da aula.

— Ele esteve aqui ontem à noite. Sabe que não tenho um gato.

— Então, a menos que ele tenha espaguete cozido no lugar do cérebro, ele vai entender que você não está interessada.

Pensei no seguinte: se eu escapasse da visita guiada com Scott pela cidade, talvez eu pudesse pegar emprestado o carro de Vee e segui-lo. Por mais que eu tentasse racionalizar o que havia ouvido na noite passada, não conseguia ignorar a suspeita perturbadora de

que Scott *falara* em pensamento com a mãe. Um ano atrás, eu teria achado essa ideia ridícula. Mas agora as coisas eram diferentes. Patch havia falado nos meus pensamentos várias vezes. Assim como Chauncey (vulgarmente conhecido como Jules), um nefilim do meu passado. Como os anjos caídos não envelhecem e eu conhecia Scott desde os 5 anos, eu já havia eliminado essa possibilidade. Mas mesmo que Scott não fosse um anjo caído, ele ainda poderia ser um nefilim.

No entanto, se ele fosse um nefilim, o que estaria fazendo em Coldwater? O que fazia vivendo a vida de um adolescente comum? Será que ele sabia que era um nefilim? E Lynn? Será que Scott havia jurado lealdade a algum anjo caído? Se não houvesse, era minha responsabilidade avisar a ele sobre o que lhe aguardava? Eu não tinha me entendido com Scott, mas isso não significava que eu achasse que ele merecia ficar sem seu corpo por duas semanas, todos os anos.

Claro, talvez ele não fosse um nefilim. Talvez eu estivesse me deixando levar pela minha imaginação ao acreditar que o havia escutado falar nos pensamentos da mãe.

Depois da aula de química, fui até o meu armário, deixei os livros e peguei a mochila e o celular, e então caminhei para as portas laterais que davam vista perfeita para o estacionamento dos alunos. Scott estava sentado no capô de seu Mustang prata azulado. Ainda usava o boné havaiano, e acabou passando pela minha cabeça que, se ele continuasse com isso, eu não o reconheceria sem ele. Eu nem sequer sabia qual era a cor do seu cabelo. Tirei do bolso o bilhete escrito por minha mãe no post-it e disquei seu número.

— Deve ser Nora Grey — respondeu ele. — Espero que não esteja me dispensando.

— Más notícias. Meu gato está doente. O veterinário deu um jeito de encaixar uma consulta ao meio-dia e meia. Vou ter que cancelar nosso passeio. Sinto muito — terminei, sem esperar sentir tanta culpa. Afinal de contas, era só uma mentirinha. E nenhuma parte de mim acreditava honestamente que Scott queria passear por

Coldwater. Pelo menos, era o que eu me dizia para aliviar a minha consciência.

— Tudo bem — disse Scott e desligou.

Eu tinha acabado de fechar o celular quando Vee veio por trás de mim.

— Dispensou o cara na moleza… Essa é a minha garota.

— Você se importaria de me emprestar o Neon hoje à tarde? — perguntei, olhando Scott entrar no Mustang e fazer uma ligação no celular.

— Qual é a ocasião?

— Quero seguir Scott.

— Para quê? Hoje de manhã, você deixou claro que acha que ele não vale nada.

— Há algo… de esquisito nele.

— É sim. São os óculos escuros. Meio Hulk Hogan? De qualquer maneira, não vai dar. Tenho um encontro com Rixon na hora do almoço.

— É, mas Rixon poderia lhe dar uma carona para eu ficar com o Neon — sugeri, dando uma olhada pela janela para ter certeza de que Scott ainda não havia entrado no Mustang. Eu não queria que ele fosse embora antes que eu tivesse convencido Vee a me entregar as chaves do Neon.

— Claro que ele pode. Mas aí eu ia parecer carente. Hoje em dia, os caras querem uma mulher forte e independente.

— Se você me deixar pegar o Neon, eu encho o tanque.

A expressão de Vee se suavizou um tiquinho.

— O tanque todo?

— O tanque todo — confirmei. Ou, pelo menos, tudo o que fosse possível com oito dólares e trinta e dois centavos.

Vee mordeu o lábio.

— Tudo bem — disse lentamente. — Mas talvez eu devesse ir junto e lhe fazer companhia, para garantir que nada de ruim vai acontecer.

— E Rixon?

— Não é só porque eu arranjei um namorado gatão que eu vou deixar minha melhor amiga na pior. Além disso, tenho a sensação de que você vai precisar da minha ajuda.

— Nada de ruim vai acontecer. Vou segui-lo. Ele não vai saber que estou ali.

Mas aceitei a oferta. Os últimos meses haviam me transformado. Eu não era mais tão ingênua e descuidada quanto no passado, e a ideia de ir com Vee me agradava de várias formas. Especialmente se Scott fosse um nefilim. O único nefilim que eu havia conhecido tinha tentado me matar.

Depois que Vee ligou para Rixon e cancelou o encontro, nós esperamos até que Scott tivesse se ajeitado atrás do volante e desse marcha a ré para sair do estacionamento. Ele saiu virando à esquerda, e Vee e eu corremos para pegar o Dodge Neon 1995 púrpura dela.

— Você dirige — disse Vee, jogando-me as chaves. Alguns minutos depois, chegamos perto do Mustang e me mantive a três carros de distância. Scott pegou a autoestrada, em direção leste, rumo à costa, e eu o segui.

Meia hora depois, Scott saiu no píer e entrou em um estacionamento às margens de uma fileira de lojas que iam até o oceano. Dirigi mais devagar, dando-lhe tempo para trancar as portas e sair, e estacionei duas filas atrás do carro dele.

— Parece que Scotty, o Mijão, vai fazer compras — disse Vee. — Por falar em compras, você se importa que eu dê uma olhada nas vitrines enquanto cumpre sua hora de vigilância amadora? Rixon disse que gosta de garotas que usam echarpes, e não tem nenhuma no meu guarda-roupa.

— Vá em frente.

Fiquei meio quarteirão atrás de Scott e observei quando ele entrou em uma badalada loja de roupas e saiu, menos de quinze minutos depois, com uma sacola de compras. Entrou em outra loja e saiu dez minutos depois. Nada de extraordinário e nada que me fizesse acreditar que ele poderia ser um nefilim. Depois da terceira loja, Scott voltou sua atenção para um grupo de meninas, com jeito

de universitárias, que almoçavam do outro lado da rua. Estavam sentadas sob um guarda-sol no terraço aberto do restaurante, usando calças de cintura baixa e sutiãs de biquíni. Scott sacou o telefone e tirou algumas fotos.

Virei-me fazendo uma careta para a vidraça do café ao meu lado e foi nesse momento em que o vi sentado em um dos reservados, no interior. Estava de calça cáqui, camisa azul e blazer de linho marfim. O cabelo louro e ondulado agora estava mais longo, preso em um rabo de cavalo. Lia o jornal.

Meu pai.

Ele dobrou o jornal e caminhou para os fundos do restaurante. Corri pela calçada até a entrada do café e abri caminho lá dentro. Meu pai havia desaparecido na multidão. Corri até os fundos da loja, olhando em volta freneticamente. O corredor revestido por azulejos pretos e brancos terminava com o banheiro dos homens, à esquerda, e o das mulheres, à direita. Não havia outra saída, o que queria dizer que meu pai tinha que estar no banheiro dos homens.

— O que você está fazendo? — perguntou Scott, bem atrás de mim.

Dei meia-volta

— Como… o que… *o que você está fazendo aqui*?

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa. Sei que você me seguiu. Não se surpreenda. Chama-se retrovisor. Você está me perseguindo por algum motivo específico?

Meus pensamentos estavam muito desorganizados para que eu me importasse com o que ele dizia.

— Entre no banheiro dos homens e me diga se tem um homem de camisa azul lá dentro.

Scott deu um tapinha na minha testa.

— Drogas? Transtorno de comportamento? Você está agindo como uma esquizofrênica.

— Faça o que estou pedindo.

Scott deu um chute na porta, abrindo-a. Ouvi o barulho das portas dos compartimentos e, um momento depois, ele voltou.

— *Nada*.

— Vi um homem de camisa azul caminhar para cá. Não há outra saída.

Voltei a atenção para a porta do outro lado do corredor — a única outra porta. Entrei no banheiro das mulheres e abri a porta de cada compartimento, com o coração na garganta. Os três estavam vazios.

Percebi que estava prendendo a respiração e soltei o ar. Sentia uma série de emoções diferentes dentro de mim. Decepção e medo eram as primeiras da lista. Achei que tinha visto meu pai com vida. Mas não passara de um truque cruel da minha imaginação. Meu pai estava morto. Ele nunca iria voltar, e eu precisava encontrar uma forma de aceitar aquilo. Agachei-me com as costas apoiadas contra a parede e senti meu corpo inteiro se sacudir em lágrimas.

CAPÍTULO
5

Scott permanecia na entrada, com os braços cruzados.

— Então é assim o banheiro feminino. Preciso dizer que é muito limpo.

Mantive a cabeça abaixada e esfreguei o nariz com a parte de trás da mão.

— Você pode me dar licença?

— Não vou embora até você me dizer por que me seguiu. Sei que sou um cara fascinante, mas isso está começando a parecer uma obsessão doentia.

Levantei-me com esforço e lavei o rosto com água fria. Evitando olhar para o reflexo de Scott no espelho, peguei uma toalha de papel e me sequei.

— Você também vai me dizer quem estava procurando no banheiro masculino — disse Scott.

— Achei que tivesse visto meu pai — retruquei, reunindo toda a raiva que pude para disfarçar a dor lancinante que sentia por dentro. — É isso. Satisfeito?

Amassei a toalha e a lancei na lixeira. Eu me dirigia para a saída quando Scott deixou que a porta se fechasse e se apoiou contra ela, bloqueando minha passagem.

— Quando encontrarem o sujeito que fez aquilo e acabarem com a vida dele, você vai se sentir melhor.

— Obrigada pelo pior conselho que recebi na vida — declarei amargamente, achando que o que me faria sentir melhor seria ter meu pai de volta.

— Confie em mim. Meu pai é policial. O trabalho dele é contar aos parentes das vítimas que encontrou o assassino. Vão achar o cara que destruiu sua família e fazer com que ele pague. Uma vida por outra. É quando você vai ficar em paz. Vamos sair daqui. Estou

me sentindo um tarado no banheiro das meninas. — Ele esperou. — Era para você achar graça.

— Não deu certo.

Scott entrelaçou os dedos no alto da cabeça e deu de ombros, parecendo pouco à vontade, como se detestasse momentos delicados, muito menos quando não tinha a menor ideia de como resolvê-los.

— Escute. Vou jogar sinuca numa espelunca em Springvale, hoje à noite. Quer ir?

— Fica para a próxima — respondi. Não estava com vontade de jogar sinuca. Tudo o que eu conseguiria seria encher minha cabeça com lembranças indesejáveis de Patch. Lembrei-me daquela noite, quando fui atrás dele para completar um dever de biologia e o encontrei jogando sinuca no subsolo do Bo. Lembrei-me de quando ele me ensinou a jogar. Lembrei-me da forma como ele ficou atrás de mim, tão próximo que eu sentia a eletricidade entre nós.

Mais do que isso, lembrei-me de como Patch sempre aparecia quando eu precisava dele. Mas eu precisava dele agora. Onde ele estava? Será que estava pensando em mim?

***

Parei em frente à porta, revirando a bolsa em busca das chaves. Meus sapatos molhados de chuva guinchavam contra as tábuas e minha calça jeans úmida assava a parte interna de minhas coxas. Depois de seguir Scott, Vee havia me arrastado para várias lojas para ouvir minha opinião sobre echarpes, e, enquanto eu tentava lhe dizer o que achava sobre uma de seda violeta em comparação a outra mais informal, pintada à mão, em tons neutros, uma tempestade chegou do mar. No tempo que levou para corrermos até o estacionamento e nos jogarmos dentro do Neon, ficamos encharcadas. Ligamos o aquecimento do carro no máximo durante toda a viagem para casa, mas eu tiritava, minhas roupas pareciam gelo grudado sobre minha pele, e ainda estava abalada por ter acreditado que havia visto meu pai.

Empurrei com o ombro a porta estufada de umidade, depois apalpei a parede de dentro da casa até que meus dedos encontraram o interruptor. No banheiro, no andar de cima, tirei as roupas e as pendurei no boxe do chuveiro, para que secassem. Do lado de fora, um relâmpago atravessou o céu e um trovão vociferou, como se estivesse exatamente sobre minha cabeça.

Eu tinha ficado sozinha na casa de fazenda durante muitas tempestades, mas a experiência não tinha colaborado para que eu me acostumasse a elas. A tempestade daquela tarde não era exceção. Vee deveria estar comigo naquele momento, para passar a noite, mas ela resolvera encontrar Rixon, já que desmarcara com ele mais cedo. Desejei poder voltar no tempo e lhe dizer que preferia seguir Scott sozinha para ter certeza de que ela me faria companhia em casa à noite.

As luzes do banheiro piscaram duas vezes. Foi o aviso que recebi antes de se apagarem completamente, me deixando numa escuridão assustadora. A chuva batia na janela, descendo aos borbotões. Fiquei parada por um momento, esperando para ver se a eletricidade voltava. A chuva se transformou em granizo, batendo com tanta força nas vidraças que tive medo de que rachassem.

Liguei para Vee.

— Acabou a energia aqui.

— É, está sem luz nos postes também. Que chatice.

— Quer vir para cá e me fazer companhia?

— Vamos ver… Não mesmo.

— Você prometeu que dormiria aqui.

— Também prometi a Rixon que iria encontrá-lo no Taco Bell. Não vou cancelar um encontro duas vezes no mesmo dia. Preciso de algumas horas e então serei toda sua. Vou telefonar quando estiver saindo de lá. Chego aí antes da meia-noite, com certeza.

Desliguei e forcei a memória para me lembrar de onde havia visto fósforos pela última vez. Ainda não estava tão escuro a ponto de precisar de velas para enxergar, mas gostava da ideia de deixar a casa com o máximo de iluminação possível, especialmente porque

eu estava sozinha. A luz tinha o dom de manter sob controle os monstros da minha imaginação.

Havia castiçais sobre a mesa de jantar, lembrei-me deles, enrolando-me em uma toalha e descendo as escadas. E as velas estavam nos armários. Mas onde estavam os fósforos?

Uma sombra se mexeu nos campos atrás da casa, e virei a cabeça para as janelas da cozinha. A chuva derramava-se pelos vidros, distorcendo o mundo lá fora. Dei um passo para a frente, para olhar melhor. O que eu tinha visto desaparecera.

Um coiote, disse para mim mesma, sentindo uma súbita injeção de adrenalina. É *só um coiote.*

O telefone da cozinha deu um toque estridente e o agarrei, em parte porque levei um susto e em parte porque queria ouvir uma voz humana. Rezei para que fosse Vee, ligando para dizer que havia mudado de ideia.

— Alô?

Esperei.

— *Alô*?

Senti a estática estalando em meu ouvido.

— Vee? Mãe? — perguntei. Pelo canto do olho, vi outra sombra escapulindo pelos campos. Inspirei fundo para me acalmar e lembrei a mim mesma que não havia possibilidade de me encontrar em uma situação real de perigo. Patch talvez não fosse meu namorado, mas continuava a ser meu anjo da guarda. Se houvesse algum perigo, ele estaria aqui. Mas no mesmo momento em que pensei nisso, me perguntei se realmente poderia contar com Patch.

Ele deve me odiar, pensei. Não deve querer mais nada comigo. Ainda deve estar furioso, e foi por isso que não fez qualquer esforço para entrar em contato.

O problema com essa sequência de pensamentos era que só me fazia sentir mais raiva. Ali estava eu, preocupada com ele, mas havia grandes possibilidades de que, onde quer que ele estivesse, não estivesse preocupado comigo. Dissera que não ia simplesmente engolir minha decisão de terminar, mas era o que havia feito. Não tinha me mandado uma mensagem de texto nem ligado. Não tinha

feito *nada.* E não era como se ele não tivesse motivos para tanto. Patch podia bater na minha porta naquele mesmo minuto e me contar o que andara fazendo na casa de Marcie, há duas noites. Podia me dizer por que fugira quando eu disse que o amava.

Sim, eu estava zangada. Só que dessa vez eu ia tomar alguma providência.

Coloquei o fone no gancho, ruidosamente, e fiz uma busca no meu celular, procurando o número de Scott. Eu ia jogar a cautela no lixo e aceitar seu convite. Embora soubesse que era pelas razões erradas, eu queria sair com Scott. Queria mandar Patch se ferrar. Se ele achava que eu ia ficar em casa e chorar por ele, estava enganado. Havíamos terminado. Eu tinha liberdade para sair com outros caras. Aliás, eu ia testar a capacidade de Patch de me manter em segurança. Talvez Scott fosse realmente um nefilim. Talvez ele significasse mesmo encrenca. Talvez fosse exatamente o tipo de sujeito que eu deveria evitar. Senti um sorriso endurecido abrir-se em meu rosto quando percebi que não importava o que eu fizesse ou o que Scott poderia fazer. Patch tinha que me proteger.

— Você já foi para Springvale? — perguntei a Scott, depois de discar seu número.

— Ficar comigo não é assim tão ruim, afinal?

— Se você vai jogar isso na minha cara, prefiro não ir.

Ouvi que ele sorria.

— Calma, Grey. Estou só brincando com você.

Eu tinha prometido para minha mãe ficar longe de Scott, mas não estava preocupada. Se ele aprontasse para cima de mim, Patch precisaria intervir.

— Você vem me pegar ou o quê? — perguntei.

— Passo aí depois das sete.

***

Springvale é uma pequena cidade pesqueira e fica quase toda amontoada na rua principal: o correio, alguns restaurantes que

vendem peixe com batatas fritas, lojas de equipamentos para pescaria e a Sinuca Z.

A Sinuca ficava num sobrado e tinha uma janela envidraçada que revelava o salão de jogos e o bar. Lixo e mato decoravam a fachada. Dois homens com cabeças raspadas e cavanhaques fumavam na calçada, bem em frente às portas. Jogaram as pontas de cigarro no chão e desapareceram no interior.

Scott estacionou atravessado em uma vaga perto da entrada.

— Vou correndo ali no outro quarteirão procurar um caixa eletrônico — disse ele, desligando o motor.

Estudei o letreiro na fachada, pendurado sobre a janela. SINUCA Z. O nome instigava minha memória.

— Por que o nome deste lugar me parece familiar? — perguntei.

— Há algumas semanas, um sujeito foi ferido em uma das mesas. Briga de bar. Saiu em todos os jornais.

Ah.

— Vou com você.

Ele saiu do carro e eu o segui.

— Não — disse ele, na chuva. — Você vai ficar ensopada. Espere lá dentro. Volto em dez minutos.

Sem me dar outra chance de acompanhá-lo, ele encolheu os ombros, enfiou as mãos nos bolsos e correu pela calçada.

Afastando os pingos do rosto, me abriguei sob a marquise do prédio e analisei minhas opções. Eu poderia entrar sozinha ou esperar Scott ali. Menos de cinco segundos depois comecei a sentir uma coceira. Embora houvesse pouco movimento na calçada, ela não estava completamente deserta. Aqueles que desafiavam o clima usavam camisas de flanela e botas pesadas. Pareciam maiores, mais duros e mais perversos do que os homens que zanzavam pela rua principal de Coldwater. Alguns me lançavam olhares ao passar.

Olhei para a calçada na direção seguida por Scott e vi que ele contornou o prédio e entrou em um beco. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi que seria muito difícil ele encontrar um caixa

eletrônico no beco ao lado da Sinuca Z. A segunda foi que talvez ele tivesse mentido para mim. Talvez não fosse procurar um caixa eletrônico, afinal de contas. Mas o que ele fazia em um beco, no meio da chuva? Eu quis segui-lo, mas não sabia como me manter escondida. A última coisa de que eu precisava era que ele voltasse a me pegar espionando-o. Aquilo certamente não iria ajudar a desenvolver uma relação de confiança entre nós.

Pensei que talvez eu pudesse descobrir o que ele estava fazendo se olhasse por uma das janelas do lugar e puxei a maçaneta da porta.

Lá dentro, o ar estava frio e coberto de fumaça e suor masculino. O teto era baixo, as paredes, de concreto. Alguns cartazes de carros potentes, um calendário da *Sports Illustrated* e um espelho da Budweiser eram os únicos elementos decorativos. Não havia janelas na parede que me separava de Scott. Caminhei pelo corredor central, mergulhando cada vez mais no salão sombrio, tentando não respirar profundamente para evitar a inalação de elementos cancerígenos. Quando cheguei aos fundos, fixei o olhar na saída que dava para o beco. Não era tão conveniente quanto uma janela, mas teria que funcionar. Se Scott me pegasse observando-o, eu poderia fingir inocência e alegar que tinha precisado sair para respirar ar puro. Depois de conferir que ninguém estava me olhando, abri a porta e pus a cabeça para fora.

Alguém segurou a gola da minha jaqueta jeans, me levantou e me encostou contra a parede de tijolos.

— O que você está fazendo aqui? — Patch exigiu saber. A chuva chiava por trás dele, transbordando de um toldo de metal.

— Jogando sinuca — gaguejei com o coração ainda paralisado pela surpresa ao ser erguida do chão.

— Jogando sinuca — repetiu ele, não parecendo nem um pouco convencido.

— Estou aqui com um amigo, Scott Parnell.

A expressão dele endureceu.

— Você tem alguma coisa a ver com isso? — retruquei. — Nós terminamos, lembra? Posso sair com outros caras, se eu quiser.

Eu estava com raiva: dos arcanjos, do destino, das consequências. Estava zangada por estar ali com Scott e não com Patch. E estava zangada com Patch por não me pegar em seus braços e dizer que queria esquecer tudo o que havia acontecido conosco nas últimas vinte e quatro horas. Tudo que nos separava tinha sido levado pela chuva, e só havia eu e ele, a partir de agora.

Patch baixou o olhar para o chão e apertou a ponte do nariz. Dava para perceber que ele estava reunindo toda a paciência que tinha.

— Scott é um nefilim. Puro-sangue de primeira geração. Exatamente como Chauncey.

Pisquei. Então era verdade.

— Obrigada pela informação, mas eu já suspeitava.

Ele fez um gesto de desgosto.

— Pare com essa bravura toda. Ele é um *nefilim*.

— Nem todo nefilim é como Chauncey Langeais — afirmei, teimosamente. — Nem todo nefilim é perverso. Se você der uma chance a Scott, vai ver que ele é até mesmo bem…

— Scott não é um nefilim antigo — disse Patch, me interrompendo. — Ele pertence a uma sociedade secreta de nefilins que está se tornando poderosa. A sociedade deseja libertar os nefilins da obrigação de servirem aos anjos caídos durante o Cheshvan. Está recrutando novos membros alucinadamente para combater os anjos caídos e uma disputa de poder começa a se armar entre os dois lados. Se a sociedade se tornar suficientemente poderosa, os anjos caídos vão perder poder… e começarão a recorrer aos seres humanos para lhes servirem de vassalos.

Mordi o lábio e olhei para ele, agitada. Sem querer, eu me lembrei do sonho da noite anterior. Cheshvan. Nefilins. Anjos caídos. Eu não conseguia escapar disso.

— Por que os anjos caídos normalmente não possuem humanos? — perguntei. — Por que escolhem os nefilins?

— Os corpos dos humanos não são tão fortes nem tão resistentes quanto os dos nefilins — respondeu Patch. — Morreriam se fossem possuídos durante duas semanas. Dezenas de milhares

de humanos morreriam a cada Cheshvan. Além disso, é bem mais difícil possuir um humano — prosseguiu ele. — Anjos caídos não podem obrigar os humanos a jurar fidelidade. Precisam convencê-los a entregar seus corpos. Isso requer tempo e poder de persuasão. Os corpos dos humanos deterioram mais depressa. Não são muitos os anjos caídos que se dariam o trabalho de possuir um corpo de humano sabendo que ele estaria morto em uma semana.

Um calafrio de mau agouro me atravessou, mas eu disse:

— É uma história triste, mas é difícil culpar Scott ou qualquer nefilim por isso. Eu não ia querer que um anjo caído assumisse o controle do meu corpo por duas semanas, todos os anos. Não me parece problema dos nefilins. Parece um problema dos anjos caídos.

Um músculo estremeceu na mandíbula de Patch.

— Aqui não é lugar para você. Vá para casa.

— Acabei de chegar.

— O Bo é uma tranquilidade, comparado a este lugar.

— Agradeço pela dica, mas não estou com vontade de ficar em casa a noite inteira sentindo pena de mim mesma.

Patch cruzou os braços e me estudou.

— Está se colocando em perigo para se vingar de mim? — sugeriu ele. — Nesse caso, você se esqueceu de que não fui eu quem resolveu dar um tempo.

— Não seja convencido. Não tem nada a ver com você.

Patch enfiou a mão no bolso para pegar as chaves.

— Vou levar você para casa.

Seu tom de voz me dizia que eu era extremamente inconveniente e que, se ele soubesse como, adoraria cair fora dessa.

— Não quero uma carona. Não preciso de sua ajuda.

Ele riu, mas não havia humor naquela risada.

— Você vai entrar no Jeep nem que eu precise lhe arrastar, porque não vai ficar aqui. É muito perigoso.

— Você não manda em mim.

Ele simplesmente me olhou.

— E já que você tocou no assunto, pode parar de andar por aí com Scott.

Senti minha raiva entrar em ebulição. Como ele ousava acreditar que eu era fraca e indefesa? Como ousava tentar me controlar dizendo aonde eu podia ou não ir e com quem eu podia passar o tempo? Como ousava agir como se eu não significasse nada para ele?

Lancei-lhe um olhar frio e desafiador.

— Não me faça mais favores. Nunca lhe pedi nenhum. E não quero mais que você seja meu anjo da guarda.

Patch se inclinou sobre mim e uma gota de chuva escorregou do seu cabelo, pousando como gelo em minha clavícula. Eu a senti deslizar pela pele, desaparecendo sob o decote da blusa. Seus olhos seguiram a gota de chuva e comecei a tremer por dentro. Queria lhe dizer que lamentava tudo o que havia falado. Que não ligava para Marcie ou para o que os arcanjos pensavam. Eu só me importava com nós dois. Mas a verdade dura e fria era que nada do que eu dissesse ou fizesse podia realinhar as estrelas. Eu não *podia* me importar com nós dois. Não se eu quisesse que Patch ficasse por perto. Não se eu não quisesse que ele fosse exilado no inferno. Quanto mais brigávamos, mais fácil ficava ser envolvida pelo ódio e me convencer de que ele não significava nada para mim e de que eu podia seguir em frente sem ele.

— Retire o que disse — ordenou Patch, em voz baixa.

Não consegui olhar para ele nem retirar o que tinha dito. Ergui o queixo e mirei no borrão da chuva, atrás de seu ombro. Maldito orgulho, meu e dele.

— Retire o que disse, Nora — repetiu Patch com mais firmeza.

— Não posso fazer o que é certo com você na minha vida — afirmei, odiando-me por deixar um tremor sacudir meu queixo. — Vai ser mais fácil para todo mundo se a gente simplesmente… Quero terminar de vez. Pensei muito nesse assunto. — Eu não havia pensado. Não havia pensado em nada daquilo. Não tinha a intenção de dizer aquelas palavras. Mas uma parte pequena, horrível e desprezível de mim queria que os sentimentos de Patch

ficassem tão feridos quanto os meus. — Quero que você saia da minha vida. Completamente.

Depois de um instante pesado de silêncio, Patch estendeu a mão e enfiou alguma coisa no fundo do bolso traseiro do meu jeans. Eu não podia dizer ao certo se havia imaginado que a sua mão permanecera ali por uma fração de segundo a mais do que o necessário.

— Dinheiro — explicou ele. — Você vai precisar.

Tirei o dinheiro dali.

— Não quero seu dinheiro.

Como ele não pegou as notas que eu lhe estendia, joguei-as contra seu peito, com a intenção de passar por ele ao mesmo tempo, mas Patch segurou minha mão e a prendeu contra o corpo.

— Leve. — O tom de voz me dizia que eu não sabia de nada. Eu não o compreendia nem a seu mundo. Eu era uma estrangeira e nunca iria me adequar. — Metade dos sujeitos lá dentro carrega algum tipo de arma. Se acontecer qualquer coisa, jogue o dinheiro sobre a mesa e saia. Ninguém vai segui-la enquanto houver dinheiro dando sopa.

Lembrei-me de Marcie. Será que ele estava sugerindo que alguém poderia tentar me esfaquear? Quase ri. Será que pensava sinceramente que aquilo me assustaria? Eu querer ou não que ele fosse meu anjo da guarda era irrelevante. A verdade era que nada que eu pudesse dizer ou fazer mudaria sua tarefa. Ele *tinha* que me manter em segurança. O fato de estar ali era uma prova disso.

Patch soltou minha mão e puxou a maçaneta, com os músculos do braço rígidos. A porta se fechou atrás dele, estremecendo as dobradiças.

CAPÍTULO
6

Encontrei Scott apoiado num taco de sinuca, ao lado de uma mesa, perto da entrada. Ele estudava a distribuição das bolas de bilhar quando cheguei.

— Encontrou o caixa eletrônico? — perguntei, jogando minha jaqueta jeans úmida sobre uma cadeira dobrável de metal apoiada contra a parede.

— Encontrei, mas não antes de engolir dez litros de chuva. — Ele ergueu o boné havaiano e sacudiu a água para enfatizar suas palavras. Talvez houvesse encontrado um caixa eletrônico, mas não antes de acabar o que quer que ele tivesse ido fazer no beco. E por mais que eu quisesse saber o que era, provavelmente não descobriria tão cedo. Tinha perdido a chance quando Patch me puxou para dizer que eu não estava em meu ambiente e que deveria correr para casa.

Pus as mãos na beirada da mesa e debrucei-me casualmente, tentando parecer completamente integrada ao lugar, mas a verdade era que meu coração estava acelerado. Além de ter acabado de confrontar Patch, ninguém nas proximidades parecia vagamente amigável. E, por mais que eu tentasse, não podia afastar a lembrança de que alguém havia sangrado até a morte sobre uma daquelas mesas. Teria sido naquela? Levantei-me e esfreguei as mãos, limpando-as.

— Vamos começar um jogo — disse Scott. — Com cinquenta dólares você está dentro. Escolha um taco.

Eu não estava com disposição para jogar e teria preferido ficar assistindo, mas uma rápida olhada pelo salão revelou que Patch estava sentado numa mesa de pôquer nos fundos. Apesar de seu corpo não estar diretamente na minha frente, eu sabia que ele me

observava. Ele espiava todo mundo no salão. Nunca ia a lugar algum sem fazer uma inspeção cuidadosa e detalhada do ambiente.

Sabendo disso, experimentei dar o sorriso mais deslumbrante que consegui naquele momento.

— Eu adoraria.

Não queria que Patch soubesse como eu estava transtornada e magoada. Não queria que ele pensasse que eu não estava me divertindo com Scott.

Antes que eu pudesse me dirigir até a prateleira, um homem baixo, usando óculos de armação metálica e um pulôver apareceu ao lado de Scott. Tudo nele parecia no lugar — estava bem penteado, as calças bem passadas, os sapatos engraxados. Ele falou com Scott em uma voz tão abafada que mal podia ser ouvida.

— Quanto?

— Cinquenta — respondeu Scott, um tanto incomodado. — Como sempre.

— O mínimo é cem.

— Desde quando?

— Deixe-me dizer de outra forma. Para *você*, o mínimo é cem.

Scott ficou com o rosto vermelho, pegou a bebida que estava na beirada da mesa e a tomou de um só gole. Depois, abriu a carteira e enfiou um monte de dinheiro no bolso da frente da camisa do homem.

— Aqui estão cinquenta. Vou pagar a outra metade depois do jogo. Agora tire seu bafo da minha cara para eu poder me concentrar.

O homem baixo bateu com um lápis contra o lábio inferior.

— Vai ter que acertar as contas com Dew primeiro. Ele está perdendo a paciência. Tem sido generoso e você não retribuiu o favor.

— Diga a ele que vou ter o dinheiro no fim da noite.

— Essa frase perdeu a graça na semana passada.

Scott avançou, invadindo o espaço pessoal do homem.

— Não sou o único cara daqui que tem uma pequena dívida com Dew.

— Mas você é o único que ele teme que não irá lhe pagar. — O homem baixo tirou o dinheiro que Scott havia enfiado em seu bolso e deixou que as notas caíssem no chão. — Como eu disse, Dew está perdendo a paciência. — Ele ergueu as sobrancelhas para Scott de forma expressiva e saiu.

— Quanto você deve a Dew? — perguntei a Scott.

Ele me lançou um olhar furioso.

Tudo bem. Próxima pergunta.

— Como é o torneio? — falei com a voz baixa enquanto olhava para os outros jogadores espalhados pelas diferentes mesas. Dois em cada três fumavam. Três em cada três tinham tatuagens de facas, revólveres e outros tipos de armas subindo pelos braços. Em qualquer noite, eu teria ficado assustada ou, no mínimo, pouco à vontade, mas Patch ainda estava no canto do bar. Enquanto ele permanecesse aqui, eu sabia que estava segura.

Scott soltou um riso de desdém.

— Esses caras são amadores. Eu poderia vencer qualquer um deles no meu pior dia. A competição de verdade está lá dentro. — Ele voltou o olhar para um corredor que saía da área principal. Era estreito, pouco iluminado e conduzia a uma sala onde brilhava uma luz alaranjada. Havia uma cortina de contas pendurada na entrada. Uma mesa de sinuca toda esculpida ficava logo atrás.

— É onde rolam as grandes somas? — supus.

— Lá atrás, eu poderia ganhar em um jogo o que consigo em quinze por aqui.

Com o canto do olho, vi o olhar de Patch reluzir para mim. Fingi não perceber e pus a mão no bolso traseiro, dando um passo na direção de Scott.

— Você precisa de cem para o próximo jogo, não é? Aqui estão… cinquenta — falei, contando rapidamente as duas notas de vinte e uma de dez que Patch tinha me entregado. Eu não era muito chegada a jogos, mas queria provar a Patch que a Sinuca Z não ia me comer viva e me cuspir fora. Eu podia me encaixar. Ou pelo

menos não ser pisoteada. E, se ficasse parecendo que eu estava paquerando Scott nesse meio-tempo, melhor ainda. *Dane-se*, pensei, voltando minha mente para o outro lado do salão, apesar de saber que Patch não podia me ouvir.

Scott olhou para mim e para o dinheiro em minha mão.

— É uma piada?

— Se você ganhar, dividimos o lucro.

Scott examinou o dinheiro com uma fome que me desconcertou. Ele *precisava* daquela grana. Não estava na Sinuca Z, naquela noite, em busca de diversão. O jogo era um vício.

Ele recolheu as notas e correu até o homem baixo de pulôver, cujo lápis escrevia com fúria, mas meticulosamente, números e saldos de outros jogadores. Lancei um olhar furtivo para Patch para ver sua reação ao que eu havia acabado de fazer, mas seus olhos estavam no jogo de pôquer e sua expressão era indecifrável.

O homem contou o dinheiro de Scott arrumando as notas habilidosamente de forma a colocar todas na mesma posição. Quando terminou, deu um sorriso tenso para ele. Parecia que estávamos dentro.

Scott voltou, passando giz na ponta do taco.

— Você sabe o que dizem sobre a sorte. Você precisa beijar meu taco — disse ele, enfiando-o na minha cara.

Dei um passo para trás.

— Não vou beijar seu taco.

Scott sacudiu os braços para cima e para baixo e cacarejou animadamente.

Olhei para os fundos do salão esperando confirmar que Patch não assistia àquela cena humilhante e foi então que vi Marcie Millar saracotear por trás dele, abaixar-se e cruzar os braços em torno de seu peito.

Meu coração murchou.

Scott tagarelava, batendo com o taco na minha testa, mas fiquei sem palavras. Lutei para recuperar o fôlego e me concentrei no borrão de concreto à minha frente para amparar meu choque e a

sensação de ter sido traída. Então era isso o que ele queria dizer quando falava que o assunto com Marcie era exclusivamente negócios? Porque, com toda certeza, não era o que me parecia! E o que ela estava fazendo ali, afinal de contas, logo depois de ter sido esfaqueada no Bo? Ela se sentia em segurança por estar com Patch? Em uma fração de segundo, perguntei a mim mesma se ele estava fazendo aquilo para me deixar com ciúme. Mas, se isso fosse verdade, ele teria que saber que eu passaria na Sinuca esta noite. E ele não poderia saber, a não ser que andasse me espionando. Será que tinha ficado mais perto de mim do que eu imaginava, nas últimas 24 horas?

Enfiei as unhas nas palmas das mãos, lutando para me concentrar na dor que sentia e não no sentimento sufocante de humilhação que crescia dentro de mim. Fiquei desse jeito, entorpecida, tentando manter sob controle a ameaça das lágrimas, até que minha atenção foi atraída para a porta que levava ao corredor. Um sujeito de regata vermelha apoiou-se no batente. Havia algo de errado com a pele na base da sua garganta — chegava a parecer deformada. Antes que eu pudesse examinar melhor, fiquei paralisada com uma sensação de *déjà vu*. Algo nele era atordoantemente familiar, embora eu soubesse que nunca havíamos nos visto antes. Senti uma vontade imensa de sair correndo, mas, ao mesmo tempo, uma necessidade avassaladora de saber por que ele me era familiar.

Ele pegou a bola branca da mesa de sinuca mais próxima dele e a lançou para cima, preguiçosamente, algumas vezes.

— Vamos lá — disse Scott, sacudindo o taco para um lado e para o outro, diante dos meus olhos. Os outros sujeitos em volta da mesa riram. — Faça isso, Nora — insistiu. — Só um beijinho. Para me dar sorte.

Ele enfiou a ponta do taco sob a bainha da minha blusa e a levantou. Dei um tapa para tirá-la dali.

— Pare com isso.

Vi o sujeito de regata vermelha se movimentar. Aconteceu tão rápido que precisei ouvir duas batidas do meu coração antes de

perceber o que ia acontecer. Ele girou o braço e lançou a bola do outro lado do salão. Um instante depois, o espelho pendurado na parede oposta se espatifou, provocando uma chuva de estilhaços sobre o chão.

O salão ficou em silêncio, a não ser pelo som dos clássicos do rock que tocavam nos alto-falantes.

— Você — disse o cara de regata vermelha. Ele apontou um revólver para o homem de pulôver. — Passe o dinheiro. — Ele mandou que o outro se aproximasse com um gesto com a arma. — Mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

Ao meu lado, Scott me empurrou para diante da multidão.

— Deixa disso, cara. É o nosso dinheiro — disse ele. — Alguns gritos de apoio se ergueram pelo salão.

O cara de regata vermelha manteve a arma apontada para o homem de pulôver, mas seus olhos se dirigiram para Scott. Ele sorriu, mostrando os dentes.

— Não é mais.

— Se você pegar o dinheiro, vou matá-lo — ameaçou Scott. Havia uma fúria calma na voz dele. Parecia falar sério. Eu estava paralisada, mal conseguia respirar, aterrorizada com o que poderia acontecer em seguida, porque não tinha a menor dúvida de que o revólver estava carregado.

O sorriso do bandido com o revólver aumentou.

— Ah, é?

— Ninguém aqui vai deixar você ir embora com nosso dinheiro — disse Scott. — Faça um favor a si mesmo e abaixe essa arma.

Outro murmúrio de apoio circulou pelo salão.

Apesar do clima tenso no local, o cara de regata vermelha coçou preguiçosamente o pescoço com o cano do revólver. Não parecia nem um pouco preocupado.

— Não.

O sujeito passou a mirar Scott e ordenou:

— Vá para a mesa.

— Suma daqui.

— *Vá para a mesa!*

O sujeito de regata vermelha estava segurando a arma com as duas mãos, apontando para o peito de Scott. Bem lentamente, Scott ergueu as mãos na altura dos ombros e recuou até a mesa de sinuca.

— Você não vai sair daqui com vida. São trinta contra um.

O sujeito de regata vermelha chegou até Scott em três passadas. Ficou bem na frente dele por um momento, com o dedo apoiado no gatilho. Gotas de suor escorreram por um lado do rosto de Scott. Eu não podia acreditar que ele não ia arrancar aquela arma da mão do homem. Não sabia que não podia morrer? Não sabia que era um nefilim? Patch tinha dito que ele pertencia a uma sociedade secreta de nefilins — como ele não saberia?

— Você está cometendo um grande erro — disse Scott, a voz ainda tranquila, mas deixando transparecer o primeiro sinal de pânico.

Fiquei pensando por que ninguém saía do lugar para ajudá-lo. Como Scott havia notado, a multidão formava uma esmagadora maioria contra o sujeito de regata vermelha. Mas havia algo perverso e assustadoramente poderoso nele. Algo… de outro mundo. Perguntei a mim mesma se todos estariam tão assustados com ele quanto eu.

Também me perguntei se aquela sensação de enjoo desagradavelmente familiar que eu estava sentindo queria dizer que ele era um anjo caído. Ou um nefilim.

De todos os rostos na multidão, subitamente me peguei grudando o olhar em Marcie. Ela estava no meio do tumulto, com algo que eu só poderia descrever como um fascínio estupefato estampado em seu rosto. Eu sabia, naquele momento, que ela não tinha a mínima ideia do que ia acontecer. Não percebia que Scott era um nefilim e que tinha mais força em uma das mãos do que um humano tinha no corpo inteiro. Ela não havia visto Chauncey, o primeiro nefilim que conheci, esmagar meu celular na palma da mão. Ela não estava por perto na noite em que ele me perseguiu pelos corredores da escola. E o cara de regata vermelha? Fosse ele um nefilim ou um anjo

caído, provavelmente era tão poderoso quanto o outro. O que quer que estivesse para acontecer, não seria uma simples troca de socos.

Ela devia ter aprendido a lição no Bo e ter ficado em casa. Eu também.

O cara de regata vermelha empurrou Scott com a arma e ele voou sobre o tampo da mesa. Por conta da surpresa ou do medo, Scott tateou em busca do taco e o cara de regata vermelha o arrancou dele. Sem hesitar, pulou sobre a mesa e manteve o taco apontado para baixo, a dois centímetros da orelha de Scott. O taco desceu com tanta força que atravessou a superfície revestida de feltro. Dava para ver uns sessenta centímetros de madeira para dentro da mesa.

Engoli um grito.

O pomo de adão de Scott estremeceu.

— Você é louco, cara — disse ele.

De repente, um banco do bar voou pelo ar, derrubando de lado o cara de regata vermelha. Ele recuperou o equilíbrio, mas precisou descer da mesa.

— Peguem-no! — gritou alguém na multidão.

Algo parecido com um grito de guerra ecoou pelo ar e mais gente agarrou as banquetas do lugar. Abaixei-me e procurei engatinhar até a saída mais próxima em meio a uma verdadeira floresta de pernas. A alguns corpos de distância, havia um cara com um revólver preso à canela. Ele o alcançou e, um momento depois, ouviram-se os estampidos dos tiros. O que se seguiu não foi silêncio, mas sim mais balbúrdia: xingamentos, gritos e punhos socando carne. Levantei-me e corri, meio encolhida, rumo à porta dos fundos.

Eu tinha acabado de passar pela saída quando alguém pegou a cintura da minha calça e me pôs de pé. Patch.

— Pegue o Jeep — ordenou ele, enfiando as chaves do carro na minha mão. Pausa rápida. — O que você está esperando?

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas a raiva fez com que eu me segurasse.

— Pare de agir como se eu fosse incrivelmente inconveniente! Nunca pedi sua ajuda!

— Eu disse para você não ficar aqui. Não seria inconveniente se tivesse me ouvido. Este aqui não é o seu mundo; é o meu. Você está tão determinada a provar que pode lidar com ele que é quase provável que faça alguma estupidez e acabe morta.

Fiquei ressentida com aquilo e abri a boca para falar.

— O cara de camiseta vermelha é um nefilim — disse Patch, me impedindo de participar da conversa. — A marca feita a ferro em brasa nele significa que ele está envolvido com a sociedade secreta sobre a qual lhe contei. Ele jurou lealdade.

— Marca a ferro em brasa?

— Perto da clavícula.

A deformidade era uma *marca*? Desviei os olhos para a janelinha na porta. Lá dentro, corpos tombavam sobre mesas de sinuca, trocavam-se socos em todas as direções. Não vi mais o cara de regata vermelha, mas agora entendia porque eu o reconhecera. Era um nefilim. Ele me lembrava Chauncey de uma maneira que Scott nem sequer conseguia se aproximar. Perguntei-me se isso queria dizer, de alguma forma, que, como Chauncey, ele era perverso. E Scott não era.

Um estrondo pareceu estourar meus tímpanos e Patch me jogou para o chão. Choveram fragmentos de vidro à nossa volta. A janela da porta dos fundos tinha sido atingida por um tiro.

— Vá embora daqui — disse Patch, me empurrando para a rua.

Eu me virei.

— Para onde você vai?

— Marcie ficou lá dentro. Vou pegar uma carona com ela.

Meus pulmões pareceram se paralisar, nenhum ar entrava ou saía.

— E eu? Você é meu anjo da guarda.

Patch lançou-me um olhar penetrante.

— Não sou mais, Anjo.

Antes que eu pudesse discutir, ele passou pela porta e desapareceu na confusão.

Na rua, destranquei o Jeep, puxei o assento para a frente e o tirei da vaga. Ele não era mais meu anjo da guarda? Estava falando sério? Tudo porque eu dissera que era isso o que eu queria? Ou ele tinha falado aquilo para me assustar? Para fazer eu me arrepender de ter dito que não o queria mais? Bem, se ele não era o meu guardião, era porque eu estava tentando fazer a coisa certa! Eu tentava tornar tudo mais fácil para nós dois. Estava *tentando* protegê-lo dos arcanjos. Eu havia explicado exatamente as minhas razões e ele jogava aquilo na minha cara como se toda essa confusão fosse culpa minha. Como se fosse o que eu queria! Era tanto culpa minha quanto dele. Tive vontade de voltar correndo e lhe dizer que eu *não era* indefesa. Eu não era uma vítima em seu mundo complexo e malvado. E eu não era cega. Podia ver muito bem que havia alguma coisa acontecendo entre ele e Marcie. De fato, agora eu estava absolutamente convencida disso. Deixa para lá. Eu estava melhor sem ele. Ele era escória. Um canalha. Um *canalha* em quem não se podia confiar. Eu não precisava dele… para nada.

***

Parei o Jeep diante da casa de fazenda. Minhas pernas ainda tremiam e minha respiração saía um tanto ofegante quando eu soltava o ar. Percebi o silêncio a meu redor. O Jeep sempre tinha sido um refúgio. Naquela noite, ele parecia estranho, isolado e grande demais para apenas uma pessoa. Pousei a cabeça sobre o volante e chorei. Não pensei em Patch levando Marcie para casa no carro dela — apenas deixei que o ar quente roçasse minha pele e respirei o perfume de Patch.

Fiquei sentada ali, abaixada e soluçando, até que o ponteiro da gasolina baixou meia barra. Sequei os olhos e soltei um suspiro longo e sofrido. Estava a ponto de desligar o motor quando vi Patch de pé, na varanda, apoiado em uma das colunas. Por um momento,

achei que ele tivesse vindo ver como eu estava e lágrimas de alívio saltaram dos meus olhos. Mas eu estava dirigindo seu Jeep. Provavelmente, apenas viera buscá-lo. Pelo jeito como havia me tratado naquela noite, não poderia existir outra razão.

Ele caminhou até mim e abriu a porta do motorista.

— Você está bem?

Assenti com rigidez. Eu queria ter dito que sim, mas minha voz ainda estava escondida em algum lugar próximo ao meu estômago. O nefilim de olhar frio estava bem vivo em meus pensamentos e eu não conseguia parar de pensar no que havia acontecido depois que saí da Sinuca Z. Será que Scott tinha conseguido sair? E Marcie? Claro que sim. Patch parecia determinado a garantir isso.

— Por que o nefilim de camiseta vermelha queria dinheiro? — perguntei, pulando para o assento do carona. Ainda chuviscava e, apesar de saber que Patch não podia sentir a friagem e a umidade da chuva, parecia errado deixá-lo ali fora.

Depois de um segundo, ele se sentou ao volante e nós ficamos juntos no Jeep. Duas noites antes, o gesto teria parecido um sinal de intimidade.

Agora parecia tenso e desajeitado.

— Estava levantando fundos para a sociedade secreta dos nefilins. Eu gostaria de ter uma ideia melhor sobre o que estão planejando. Se precisam de dinheiro, provavelmente é para conseguirem informantes. Ou é isso, ou estão querendo subornar anjos caídos. Mas não sei como, quem, nem por quê. — Ele sacudiu a cabeça. — Preciso de alguém que esteja lá dentro. Pela primeira vez, é uma desvantagem ser anjo. Não vão me deixar chegar a menos de um quilômetro da operação.

Por uma fração de segundo, me passou pela cabeça que ele talvez estivesse me pedindo ajuda, mas eu mal poderia ser considerada uma nefilim. Tinha uma ínfima parcela de sangue nefilim em minhas veias, de cerca de quatrocentos anos atrás, por parte do meu ancestral nefilim, Chauncey Langeais. Para todos os fins práticos, eu era humana. Não ia conseguir me introduzir naquele círculo mais rápido do que Patch.

Eu disse:

— Você falou que Scott e o nefilim de camiseta vermelha fazem parte da mesma sociedade secreta, mas eles não pareciam se conhecer. Tem certeza de que Scott está envolvido?

— Ele está envolvido.

— Mas então como seria possível eles não se conhecerem?

— Meu palpite é que quem comanda a sociedade mantém seus membros separados, para que não saibam o que está acontecendo. Sem solidariedade, existem poucas chances de um golpe. Mais importante do que isso, sem saber se são numerosos, os nefilins não podem vazar informações para o inimigo. Os anjos caídos não têm como obter informações se os próprios integrantes da sociedade não sabem de nada.

Enquanto digeria essas informações, eu não sabia ao certo de que lado me encontrava. Uma parte de mim abominava a ideia de que os anjos caídos possuíssem corpos de nefilins todo Cheshvan. Uma parte menos nobre de mim se sentia grata por eles terem os nefilins como alvo e não os seres humanos. Não eu. Nem ninguém que eu amava.

— E Marcie? — indaguei, tentando manter um tom de voz neutro.

— Ela gosta de pôquer — respondeu Patch, sem querer se comprometer. Ele engatou a ré do Jeep. — Preciso ir embora. Você vai ficar bem? Sua mãe está fora?

Virei-me no assento para encará-lo.

— Marcie abraçou você pelas costas.

— Marcie ignora o conceito de espaço pessoal.

— Então, agora você é um especialista em Marcie?

Seus olhos escureceram e eu sabia que não deveria tocar neste assunto, mas não me importava. Eu ia tocar *mesmo*.

— O que está acontecendo entre vocês dois? O que eu vi não parecia se tratar de negócios.

— Eu estava no meio de uma partida quando ela chegou por trás de mim. Não foi a primeira vez que uma garota fez isso comigo e provavelmente não vai ser a última.

— Você podia tê-la afastado.

— Em um momento, ela pôs os braços sobre mim e, no seguinte, o nefilim jogou aquela bola de bilhar. Eu não estava pensando em Marcie. Corri para fora para verificar as imediações, caso ele não estivesse sozinho.

— Você voltou por causa dela.

— Não ia deixá-la ali.

Fiquei parada por um momento, o nó no meu estômago tão apertado que chegava a doer. O que eu deveria pensar? Ele tinha voltado para Marcie só por educação? Um senso de dever? Ou por outra razão completamente diferente e bem mais preocupante?

— Sonhei com o pai de Marcie, na noite passada.

Eu não sabia muito bem porque estava dizendo aquilo. Talvez para comunicar a Patch que minha dor era tão intensa que chegava a invadir meus sonhos. Certa vez, li que os sonhos são uma forma de se reconciliar com o que está acontecendo em nossas vidas e, se isso fosse verdade, o sonho com toda certeza me dizia que eu não tinha aceitado o que se passava entre Patch e Marcie. Não quando eu sonhava com anjos caídos e Cheshvan. Não quando eu sonhava com o pai de Marcie.

— Você sonhou com o pai de Marcie? — A voz de Patch estava mais calma do que nunca, mas havia algo na intensidade com que ele me olhou que me fez achar que ficara surpreso com a notícia. Talvez até desconcertado.

— Acho que eu estava na Inglaterra. Muito tempo atrás. O pai de Marcie estava sendo perseguido em uma floresta. Ele não conseguiu escapar porque sua capa se prendeu às árvores. Não parava de dizer que um anjo caído tentava possuí-lo.

Patch pensou nisso por um momento. Mais uma vez, seu silêncio demonstrou que eu havia falado alguma coisa que o interessava. Mas eu não conseguia imaginar o que seria. Ele olhou o relógio.

— Precisa de ajuda para chegar em casa?

Olhei para as janelas escuras e vazias da casa de fazenda. A combinação do anoitecer com o chuvisco lançava uma sensação sombria e pouco convidativa em todo o cenário. Eu não sabia dizer

o que era menos agradável: entrar em casa sozinha ou ficar sentada ali com Patch, apavorada pela ideia de que ele poderia estar seguindo em frente. Rumo a Marcie.

— Estou hesitando porque não quero me molhar. Mas você obviamente precisa ir para outro lugar. — Empurrei a porta e joguei uma perna para fora. — Além disso, nosso relacionamento acabou. Você não me deve nada.

Nossos olhares se encontraram.

Eu tinha dito aquilo para magoá-lo, mas era eu quem sentia um bolo na garganta. Antes de soltar outras palavras que me machucassem ainda mais, corri para a varanda, com os braços na cabeça para proteger meu cabelo da chuva.

Lá dentro, me apoiei na porta da frente e ouvi o carro de Patch se afastar. Minha visão ficou borrada pelas lágrimas. Fechei os olhos e desejei que Patch voltasse. Queria que ele estivesse comigo. Queria que ele me apertasse contra seu corpo e me beijasse até desmanchar o sentimento de frio e vazio que me congelava por dentro, lentamente. Mas o som dos pneus rasgando a estrada molhada nunca chegou.

Sem aviso, a memória indesejada de nossa última noite juntos, antes que tudo desabasse, voltou à minha mente. Automaticamente, tentei bloqueá-la. O problema era que eu *queria* me lembrar. Precisava de algum jeito de manter Patch por perto. Baixando a guarda, deixei vir a sensação de sua boca na minha. A princípio, com leveza, depois, com mais intensidade. Senti seu corpo, morno e sólido, contra o meu. As mãos estavam na minha nuca, prendendo a corrente de prata. Ele prometia me amar para sempre…

Abri o trinco, dissolvendo a lembrança com um estalo. *Ele que se dane*. Eu repetiria as palavras quantas vezes fossem necessárias.

Na cozinha, as luzes se acenderam quando toquei no interruptor e fiquei aliviada por ver que a eletricidade tinha voltado. Uma luz vermelha piscava no telefone. Ouvi os recados.

— Nora — disse a voz de minha mãe —, está chovendo rios por aqui, em Boston, e decidiram remarcar os outros leilões. Estou indo

para casa e devo chegar perto das onze da noite. Pode mandar a Vee para casa, se quiser. Amo você. Até logo.

Olhei o relógio. Faltavam alguns minutos para as dez. Eu só tinha mais uma hora a sós.

CAPÍTULO
7

Na manhã seguinte, eu me arrastei para fora da cama e, depois de uma rápida passagem pelo banheiro, que incluiu a aplicação de corretivo para disfarçar as olheiras e uma borrifada nos cabelos com um ativador de cachos, fui para a cozinha e encontrei minha mãe já sentada à mesa. Segurava nas mãos uma caneca de chá, o cabelo estava desarrumado, o que era uma forma gentil de dizer que ela parecia um porco-espinho. Olhando para mim por sobre a caneca, ela sorriu.

— Bom dia.

Deslizei na cadeira à sua frente e despejei cereal em uma tigela. Minha mãe tinha separado morangos e uma pequena jarra de leite, e me servi. Tentava manter uma alimentação saudável, mas sempre parecia mais fácil fazê-lo quando minha mãe estava em casa, garantindo que as refeições fossem mais consistentes do que a primeira coisa que eu conseguisse agarrar em dez segundos.

— Dormiu bem? — perguntou.

Assenti, depois de comer uma colherada do cereal.

— Esqueci-me de perguntar ontem à noite — disse mamãe. — Você acabou levando Scott para dar uma volta pela cidade?

— Cancelei.

Melhor deixar assim. Eu não sabia muito bem qual seria a reação dela se lhe contasse que eu o havia seguido até o píer e passado a noite com ele em um salão de sinuca decadente em Springvale.

Mamãe mexeu o nariz.

— Estou sentindo cheiro… de cigarro?

Ah, droga.

— Acendi algumas velas no quarto, hoje de manhã — menti, lamentando não ter me dado o trabalho de tomar uma chuveirada.

Tinha certeza de que o odor do bar permanecia nas minhas roupas, nos lençóis, no meu cabelo.

Ela franziu a testa.

— Com toda certeza, estou sentindo cheiro de fumaça de cigarro — afirmou. A cadeira dela foi arrastada para trás e ela se levantou, com a intenção de investigar.

Não havia mais como enrolar. Cocei as sobrancelhas, nervosamente.

— Dei uma passada num salão de sinuca, ontem à noite.

— Com Patch?

Tínhamos estabelecido uma regra, havia pouco tempo, pela qual eu estava absolutamente proibida, em qualquer circunstância, de sair com Patch quando minha mãe estivesse fora.

— Ele estava lá, é verdade.

— E aí?

— Não fui com Patch. Fui com Scott. — Pela forma com que me olhou, senti que isso era pior. — Mas antes que você me dê uma bronca — apressei-me —, queria dizer que a curiosidade estava me matando. É muito difícil ignorar o fato de que os Parnell estão fazendo tudo que é possível para esconder o passado de Scott. Por que toda vez que a sra. Parnell abre a boca, Scott fica em cima dela, vigiando-a como um gavião? O que ele pode ter feito de tão ruim?

Esperei que minha mãe desse um pulo e me avisasse que, a partir do minuto que eu chegasse da escola esta tarde, estaria de castigo até o feriado de 4 de Julho, mas ela disse apenas:

— Também reparei nisso.

— É impressão minha ou parece mesmo que ela tem medo dele? — prossegui, aliviada por ela estar mais interessada em falar sobre Scott do que em me castigar por passar a noite em um salão de sinuca de reputação duvidosa.

— Que tipo de mãe sente medo do próprio filho? — divagou mamãe em voz alta.

— Acho que ela sabe o segredo dele. Sabe o que o filho fez. E ele sabe que ela sabe. — Talvez o segredo de Scott fosse apenas ser um nefilim, mas eu não achava que era isso. Por causa da sua reação na noite passada, ao ser atacado pelo nefilim de camiseta vermelha, eu começava a suspeitar de que ele não sabia quem ele era ou o que era capaz de fazer. Talvez tivesse notado sua incrível força ou a capacidade de falar com outras pessoas por pensamentos, mas provavelmente não sabia explicar aquilo. Mas se Scott e sua mãe não tentavam esconder sua origem nefilim, o que queriam ocultar? O que ele havia feito que precisava ficar tão escondido?

***

Trinta minutos depois, entrei na aula de química e encontrei Marcie já em nossa mesa, falando ao celular e ignorando completamente o aviso no quadro que dizia: PROIBIDO O USO DE APARELHOS CELULARES, SEM EXCEÇÃO. Quando me viu, virou de costas e cobriu a boca com a mão, obviamente em busca de privacidade. Como se eu me importasse. Ao chegar à mesa, a única parte da conversa que consegui ouvir foi um sedutor “Também amo você”.

Ela enfiou o celular em um bolso na frente da mochila e sorriu para mim.

— Meu namorado. Ele não vai à escola.

Imediatamente, tive um momento de insegurança e perguntei a mim mesma se Patch estaria do outro lado da linha, mas ele havia jurado que o que acontecera entre ele e Marcie na noite anterior não significava nada. Eu podia me permitir ser tomada por um ciúme histérico ou acreditar nele. Assenti com ar de simpatia.

— Deve ser duro namorar alguém que largou a escola.

— Ha, ha. Só para você saber, vou mandar uma mensagem depois da aula para todo mundo que está convidado para minha festa anual de verão, na noite de terça. Você está na lista — disse ela, casualmente. — Perder a festa é a maneira mais segura de

sabotar sua vida social… não que você precise se preocupar com algo que não tem.

— Festa anual de verão? Nunca ouvi falar disso.

Ela pegou o estojo de pó compacto, que fazia um círculo no bolso de trás de sua calça jeans, e aplicou a maquiagem no nariz.

— É porque você nunca foi convidada antes.

O.k. Vamos com calma. Por que Marcie estava me convidando? Embora meu QI fosse o dobro do dela, ela devia ter notado o gelo que havia entre nós. Sem contar o fato de que não tínhamos amigos em comum. Ou interesses em comum.

— Puxa, Marcie. É muito gentil de sua parte me convidar. Um tanto inesperado, mas ainda assim gentil. Vou tentar ir, com toda certeza.

Mas não vou fazer tanta força assim.

Marcie se curvou na minha direção.

— Vi você ontem à noite.

Meu coração bateu um pouco mais rápido, mas consegui manter minha voz sob controle. Até com um tom despreocupado.

— É, também vi você.

— Aquilo foi meio… maluco — disse ela, deixando a declaração em aberto, como se quisesse que eu elaborasse algum tipo de explicação.

— Acho que foi.

— Você *acha*? Viu aquele taco? Nunca vi ninguém fazer uma coisa daquelas antes. Ele o enfiou na mesa de sinuca. O fundo da mesa não é feito de ardósia?

— Eu estava no meio da multidão. Não vi muita coisa. Sinto muito.

Eu não estava tentando ser pouco prestativa de propósito. Era apenas uma conversa que eu não queria ter. E então era por isso que ela estava me convidando para a festa? Para injetar doses de confiança e de amizade em nossa relação, para que eu lhe contasse, pelo menos, o que sabia sobre a noite passada?

— Você não viu nada? — repetiu Marcie, com uma ruga de dúvida vincando sua testa.

— Não. Estudou para o teste de hoje? Memorizei a maior parte da tabela periódica, mas a fileira de baixo fica me escapando.

— Patch chegou a levar você para jogar sinuca naquele lugar? Já viu algo parecido antes?

Ignorei-a e abri o livro de química.

— Ouvi dizer que você e Patch terminaram — disse ela, tentando uma nova abordagem.

Inspirei fundo, mas um pouco tarde demais, pois meu rosto já parecia estar vermelho.

— Quem quis dar um tempo? — perguntou.

— Isso importa?

Marcie fez uma careta.

— Sabe do que mais? Se você não vai falar, pode esquecer minha festa.

— Eu não ia mesmo.

Ela revirou os olhos.

— Você está furiosa comigo porque eu estava com Patch ontem à noite? Ele não significa nada para mim. A gente só está se divertindo. Não é nada sério.

— É mesmo? Foi o que pareceu — afirmei, injetando apenas um ligeiro cinismo no meu tom de voz.

— Não seja ciumenta, Nora. Patch e eu somos apenas muito, muito amigos. Mas, caso você esteja interessada, minha mãe conhece um ótimo terapeuta. Avise-me se precisar de uma indicação. Pensando bem, ele cobra bem caro. Sabe como é, sei que sua mãe tem esse emprego magnífico e tudo mais…

— Tenho uma pergunta para você, Marcie. — Minha voz estava fria e ameaçadora, mas as mãos tremiam no meu colo. — O que você faria se acordasse amanhã e descobrisse que seu pai foi assassinado? Você acha que o emprego da sua mãe na JC Penney, de meio período, ia pagar as contas? Da próxima vez que resolver

falar da situação da minha família, ponha-se no meu lugar por um minuto. Apenas por um minutinho.

Ela manteve o olhar no meu por um longo momento, mas a expressão era tão impassível que duvidei que ela tivesse pensado duas vezes no assunto. Marcie só conseguia se identificar com ela mesma.

***

Depois da aula, encontrei Vee no estacionamento. Ela estava esparramada na capota do Neon, com as mangas enroladas até os ombros, pegando sol.

— Precisamos conversar — disse ela quando me aproximei. Ela se sentou e abaixou os óculos escuros no nariz para poder me olhar nos olhos. — Você e Patch terminaram, não é?

Subi na capota, a seu lado.

— Quem contou?

— Rixon. Quero deixar registrado que isso me magoa. Sou sua melhor amiga e não deveria ficar sabendo dessas coisas por meio do amigo de um amigo. Ou de um amigo de um ex-namorado — continuou, depois de pensar na situação. Ela pousou a mão no meu ombro e apertou com força. — Como você está?

Não exatamente bem. Mas era uma daquelas coisas que eu tentava enterrar no fundo do coração e que não ia conseguir manter enterrada se falasse sobre o assunto. Encostei-me no para-brisa, erguendo o caderno para me proteger do sol.

— Sabe qual é a pior parte?

— Saber que eu estava certa o tempo todo e que você vai ter que me aguentar dizendo: “Eu avisei”?

— Engraçadinha.

— Todo mundo sabe que Patch é encrenca. Ele tem aquela aura de bad-boy que precisa ser salvo, mas o problema é o seguinte: a maioria dos bad-boys não quer ser salva. Eles gostam de ser maus.

Adoram o poder de encher de medo e pânico os corações das mães em toda a parte.

— Isso aí foi… profundo.

— A seu dispor, querida. E, além disso…

— Vee.

Ela sacudiu os braços.

— Ouça. Deixei o melhor para o final. Acho que está na hora de você rever suas prioridades quando se trata de garotos. O que nós precisamos é encontrar um bom partido para você, que vai fazê-la apreciar o valor de ter um cara legal em sua vida. Veja Rixon, por exemplo.

Eu lhe lancei um olhar que dizia *Você deve estar gozando da minha cara*.

— Não gostei desse olhar — disse Vee. — Rixon, por acaso, é um sujeito muito decente.

Ficamos nos encarando por uns três segundos.

— Tudo bem, talvez chamá-lo de bom partido seja ir longe demais — reconheceu Vee. — Mas o fato é que você precisa de um bom sujeito, um garoto que não guarde apenas coisas sinistras no armário. Qual é o problema, afinal? O que Patch pensa que é? Um soldado?

— Vi Marcie e Patch juntos, ontem à noite — falei em um suspiro. Pronto. Tinha saído.

Vee piscou algumas vezes, tentando digerir.

— *Como é?* — disse ela, deixando a boca aberta.

Assenti.

— Eu vi os dois. Ela estava com os braços em volta dele. Estavam juntos em um salão de sinuca em Springvale.

— Você os seguiu?

Eu quis dizer: *Pelo amor de Deus, dê um crédito para mim*. Mas só consegui falar em um tom sem emoção.

— Scott me chamou para jogar sinuca. Fui com ele e esbarramos com os dois.

Queria contar para Vee tudo o que havia acontecido a partir daquele momento, mas, assim como no caso de Marcie, havia coisas que eu não poderia lhe explicar. Como eu lhe contaria sobre o nefilim de camiseta vermelha e descreveria como ele havia furado a mesa com um taco?

Vee parecia estar lutando para encontrar uma resposta.

— Bem, como eu disse, depois que você vir a luz, não vai querer olhar para trás. Talvez Rixon tenha um amigo. Além de Patch, é claro… — Ela interrompeu a frase de forma desajeitada.

— Não preciso de um namorado. Preciso de um emprego.

Vee fez uma careta completa.

— De novo essa conversa sobre emprego. Eca. Não consigo entender a graça.

— Preciso de um carro e preciso de dinheiro para comprá-lo. Daí o emprego.

Eu tinha uma enorme lista de razões para comprar o Volkswagen Cabriolet montada na minha cabeça. O carro era pequeno; portanto fácil de estacionar. Era econômico, o que era uma vantagem, considerando-se que eu não ia ter muito dinheiro sobrando para gasolina depois de gastar mil dólares para comprá-lo. E, embora eu soubesse que era ridículo estabelecer uma ligação com algo inanimado e material, eu começava a ver aquilo como uma metáfora para uma mudança em minha vida. A liberdade de ir aonde eu quisesse, quando eu quisesse. A liberdade para começar de novo. A liberdade para ficar sem Patch e todas as lembranças que nós compartilhávamos e que eu ainda não havia descoberto como deixar para trás.

— Minha mãe é amiga de um dos gerentes do turno da noite no Enzo’s, e eles estão procurando baristas — sugeriu Vee.

— Não sei nem o que faz um barista.

Vee deu de ombros.

— Faz café. Serve. Leva para os clientezinhos ansiosos. Que dificuldade pode haver nisso?

***

Quarenta e cinco minutos depois, Vee e eu estávamos à beira-mar, caminhando pelo calçadão, adiando a hora de fazer o dever de casa e dando uma olhada nas vitrines, sem compromisso. Como as duas estavam sem trabalho e, consequentemente, sem dinheiro, praticávamos nosso talento de olhar vitrines. Chegamos ao final das lojas e nossos olhos encontraram uma confeitaria. Pude praticamente ver a boca de Vee se encher de água quando ela apertou o rosto contra o vidro e contemplou a vitrine de donuts.

— Já faz mais de uma hora desde que eu comi — disse ela. — Donuts com glacê, aqui vamos nós. Eu pago — declarou, quatro passos adiante de mim, empurrando as portas.

— Achei que estivesse tentando perder peso para a temporada de biquíni. Lembro que disse que tinha ossos grandes e queria acertar as coisas com Rixon.

— Você sabe como me deixar de mau humor. Poxa, um donut não faz mal.

Nunca tinha visto Vee comer apenas um donut, mas fiquei de boca fechada.

Pedimos meia dúzia e ocupamos uma mesa perto das janelas, quando vi Scott do outro lado. Ele tinha apertado a testa contra o vidro e sorria. Para mim. Assustada, tive um sobressalto. Ele dobrou um dedo, me chamando para ir encontrá-lo lá fora.

— Já volto — disse para Vee.

Ela seguiu o meu olhar.

—Aquele não é Scotty, o Gatão?

— Pare de chamá-lo desse jeito. O que aconteceu com Scotty, o Mijão?

— Ele cresceu. O que quer falar com você? — Algo parecido com uma revelação tomou conta de seu rosto. — Ah, não, não vai. Você não tem permissão para tentar sair da fossa com ele. Ele é encrenca, você mesma disse isso. Vamos encontrar um bom partido, lembra?

Pus a bolsa no ombro.

— Não estou em fossa nenhuma. O quê? — perguntei, em reação ao olhar que ela me lançou. — Quer que eu simplesmente

fique aqui e o ignore?

Ela virou as palmas das mãos para cima.

— Corra, senão seus donuts vão entrar para a lista de espécies ameaçadas de extinção.

Lá fora, dobrei a esquina e caminhei até o lugar onde tinha visto Scott. Ele estava recostado na parte de trás de um banco da calçada, com os polegares nos bolsos.

— Você sobreviveu à noite de ontem? — perguntou.

— Ainda estou aqui, não é?

Ele sorriu.

— Um pouco mais de emoção do que está acostumada?

Não quis lembrar que era ele quem tinha sido jogado em uma mesa de bilhar perfurada por um taco que passou a centímetros da sua orelha.

— Desculpe ter deixado você — disse Scott. — Parece que arranjou uma carona de volta para casa.

— Não se preocupe — falei com impaciência, sem me dar o trabalho de esconder meu aborrecimento. — Aquilo só me ensinou a não sair mais com você.

— Vou compensar você por isso. Tem tempo para comer alguma coisa rapidinho?

Com o polegar, ele indicou um restaurante frequentado por turistas no calçadão. O Alfeo's. Eu tinha comido ali com meu pai, anos atrás, e lembrava que era caro. A única coisa que eu ia conseguir por menos de cinco dólares era água. Uma Coca-Cola, com um pouco de sorte. Levando em consideração os preços exorbitantes e a companhia — afinal, na minha última lembrança de Scott, ele tentava levantar minha camisa com um taco —, eu não queria outra coisa além de acabar de comer meu donut.

— Não posso. Estou com Vee — disse para Scott. — O que aconteceu na Sinuca Z ontem à noite? Depois que fui embora?

— Recuperei meu dinheiro. — Alguma coisa na forma como ele falou aquilo me dizia que não tinha sido tão simples assim.

— Nosso dinheiro — corrigi.

— Deixei a sua metade em casa — disse ele, de maneira vaga. — Entrego a você amanhã.

Certo, tudo bem. Eu tinha a sensação de que ele já havia torrado todo o dinheiro e mais um pouco.

— E o cara de camiseta vermelha? — perguntei.

— Ele foi embora.

— Ele parecia ser mesmo muito forte. Você não ficou com essa impressão? Havia algo… de diferente nele.

Eu o testava, tentando descobrir quanto ele sabia, mas seu único comentário foi distraído.

— É, acho que era. E a minha mãe fica me enchendo, dizendo que preciso sair e fazer amigos. Não se ofenda, Grey, mas você não faz parte da turma. Mais cedo ou mais tarde, vamos ter que nos separar. Ah, não chore. Lembre-se dos bons momentos que passamos juntos e com certeza você vai se sentir reconfortada.

— Você me arrastou até aqui para terminar nossa amizade? Como é que eu consigo ter tanta sorte?

Scott riu.

— Pensei que podíamos falar sobre o seu namorado. Ele tem nome? Estou começando a achar que ele é um amigo imaginário. Quer dizer, nunca vi vocês dois juntos.

— Nós terminamos.

Algo que parecia um sorriso perverso apareceu em seu rosto.

— É, foi o que ouvi, mas queria ver se você ia abafar a história.

— Você ouviu falar sobre mim e Patch?

— Uma gata chamada Marcie me contou. Encontrei com ela no posto de gasolina e ela fez questão de se aproximar e se apresentar. Aliás, ela disse que você é uma otária.

— Marcie falou sobre mim e Patch? — perguntei, sentindo um frio na espinha.

— Quer um conselho? Um autêntico conselho de garoto para garota? Esqueça Patch. Vá em frente. Encontre um cara que seja parecido com você. Que estude, jogue xadrez, colecione e classifique insetos mortos… E pense seriamente em pintar o cabelo.

— O quê?

Scott tossiu com a mão na boca, mas percebi que estava tentando esconder um sorriso.

— Vamos ser honestos. As ruivas são um perigo.

Apertei os olhos.

— Não sou ruiva.

Ele deu um grande sorriso.

— Podia ser pior. Seu cabelo podia ser cor de abóbora. Abóbora tipo Dia das Bruxas.

— Você é assim tão idiota com todo mundo? Talvez seja por isso que não tem amigos.

— Uma certa dose de grosseria é tudo de bom.

Pus os óculos escuros na cabeça e olhei em seus olhos.

— Só para você saber: não jogo xadrez nem coleciono insetos.

— Mas é estudiosa. Sabe disso. *Sabe* do tipo que estou falando. A característica mais distintiva de sua personalidade pode ser definida em uma palavra. Obsessiva. É apenas mais um caso típico de TOC.

Minha boca abriu, escancarada.

— Tudo bem. Talvez eu estude um pouco. Mas não sou chata… não *tão* chata. — Pelo menos eu achava. — Obviamente, você não sabe nada de mim.

— Claaaro.

— Muito bem — retruquei, me defendendo. — Por que tipo de coisa você se interessa e acha que eu jamais me interessaria? Pare de rir. Estou falando sério. Diga alguma coisa.

Scott coçou a orelha.

— Já foi à batalha de bandas? Música barulhenta, não ensaiada. Público barulhento e desordeiro. Muito sexo escandaloso nos banheiros. Dez vezes mais adrenalina do que na Sinuca Z.

— Não — respondi, com alguma hesitação.

— Pego você domingo à noite. Leve uma identidade falsa — observou ele. Suas sobrancelhas se arquearam e ele me brindou com um sorriso zombeteiro e narcisista.

— Sem problemas — falei, tentando manter minha expressão o mais neutra possível. Tecnicamente, eu estaria engolindo minhas próprias palavras se voltasse a sair com Scott, mas eu não ia deixar que me chamasse de chata sem fazer nada. E, com certeza, não ia deixar que ele me chamasse de ruiva. — E o que devo usar?

— O mínimo permitido pela lei.

Quase engasguei.

— Não sabia que você gostava tanto de bandas — rebati assim que recuperei o fôlego.

— Lá em Portland eu tocava em uma banda chamada Geezer. Tenho esperanças de ser descoberto por alguém daqui. O plano é encontrar talentos na noite de domingo.

— Parece divertido — menti. — Conte comigo.

Eu poderia mudar de ideia depois. Uma mensagem de texto resolveria o problema. Tudo o que importava para mim no momento era não permitir que Scott me chamasse de obsessiva na minha cara.

Scott e eu nos separamos. Encontrei Vee na mesa, com metade do último donut já devorada.

— Não diga que não avisei — disse ela quando meus olhos encontraram a rosquinha. — O que Scott queria?

— Ele me convidou para a batalha das bandas.

— Uau!

— Pela última vez, não estou no clima para novos relacionamentos.

— Como quiser.

— Nora Grey?

Vee e eu levantamos o olhar e encontramos uma das funcionárias da confeitaria perto da nossa mesa. O uniforme de trabalho consistia em uma camisa polo lilás e um crachá da mesma cor onde se lia MADELINE.

— Com licença, você é Nora Grey? — perguntou-me ela pela segunda vez.

— Sou — respondi, tentando entender como ela sabia meu nome.

Ela segurava um envelope de papel pardo contra o peito, que me entregou.

— É para você.

— O que é? — perguntei, ao aceitar o envelope.

Ela deu de ombros.

— Um cara acabou de passar por aqui e me pediu para lhe entregar.

— Que cara? — perguntou Vee, virando o pescoço para olhar a confeitaria.

— Ele já saiu. Disse que era importante que Nora recebesse o envelope. Achei que fosse seu namorado. Uma vez, um cara mandou que entregassem flores aqui, para a namorada. Ela estava na mesa do canto, lá nos fundos — Ela apontou e sorriu. — Ainda me lembro.

Passei o dedo sob o lacre e olhei lá dentro. Havia uma folha de papel e um grande anel. Nada mais.

Olhei para Madeline, que tinha farinha salpicada no rosto.

— Tem certeza de que é para mim?

— O cara apontou para você e disse: “Entregue isto para Nora Grey.” Você é Nora Grey, não é?

Comecei a mexer dentro do envelope, mas Vee pôs a mão sobre a minha.

— Sem querer ofender — disse para Madeline —, gostaríamos de um pouco de privacidade.

— Quem você acha que mandou? — perguntei para Vee, assim que Madeline saiu de perto.

— Não sei, mas fiquei arrepiada quando ela entregou.

Com as palavras de Vee, também senti calafrios percorrendo minha espinha.

— Acha que foi Scott?

— Não sei. O que tem dentro do envelope? — indagou, puxando a cadeira para ficar bem ao lado da minha e poder olhar melhor.

Tirei o anel e inspecionei-o em silêncio. Dava para ver que ele ficaria frouxo no meu polegar — era, com toda certeza, o anel de um homem. Era de ferro e, no alto, no lugar onde geralmente se encontra uma pedra, havia um selo com o relevo de um punho. A mão estava cerrada em um punho ameaçador. A cabeça do anel estava enegrecida e parecia ter sido posta no fogo em algum momento.

— Que raios… — começou Vee.

Ela parou quando puxei o papel. Havia um bilhete, rabiscado com caneta hidrográfica negra:

O ANEL PERTENCE A MÃO NEGRA. ELE MATOU SEU PAI.

CAPÍTULO
8

Vee se levantou primeiro da cadeira.

Corri atrás dela em direção à porta da confeitaria, onde encontramos a ofuscante luz do sol. Protegendo nossos olhos, examinamos os dois lados do calçadão. Corremos até a areia e repetimos o gesto. Havia gente espalhada por toda a praia, mas eu não vi sequer um rosto conhecido.

Meu coração estava batendo forte. Perguntei para Vee:

— Você acha que foi uma piada?

— Não estou achando graça.

— Foi Scott?

— Talvez. Ele esteve aqui, afinal de contas.

— Ou Marcie?

Marcie era a única outra pessoa que eu acreditava ser tão sem noção a ponto de fazer algo desse tipo.

Vee olhou para mim com intensidade.

— De brincadeira? Talvez.

Mas será que Marcie era tão cruel assim? Ela se daria todo esse trabalho? Isso exigia bem mais esforço do que um simples comentário perverso feito casualmente. O bilhete, o anel — até a entrega. Aquilo precisou de planejamento. Marcie parecia o tipo de pessoa que ficava entediada depois de cinco minutos planejando qualquer coisa.

— Vamos solucionar esse mistério — disse Vee, dirigindo-se de volta à entrada da confeitaria. Lá dentro, ela falou com Madeline.

— Precisamos conversar. Como era o tal sujeito? Baixo? Alto? Cabelo castanho? Louro?

— Ele usava boné e óculos escuros — respondeu Madeline, lançando olhares furtivos para os outros funcionários da confeitaria,

que começavam a prestar atenção em Vee. — Por quê? O que estava no envelope?

—Vamos precisar melhorar essas respostas — disse Vee. — Diga-me *exatamente* como ele estava vestido. Havia algum emblema de esporte no boné? Ele tinha barba?

— Não me lembro — gaguejou Madeline. — Um boné preto. Ou talvez marrom. Acho que ele estava de calça jeans.

— Você *acha*?

— Deixa para lá — disse eu, puxando o braço de Vee. — Ela não se lembra. — Voltei-me rapidamente para Madeline. — Obrigada pela ajuda.

— *Ajuda*? — perguntou Vee. — Ela não ajudou em nada. Não pode continuar a aceitar envelopes de desconhecidos sem ao menos se lembrar de como eles são!

— Ela achou que ele fosse meu namorado — afirmei.

Madeline assentiu vigorosamente.

— Eu achei! Sinto muito! Achei que fosse um presente! Algo errado com o envelope? Quer que eu chame a polícia?

— Nós queremos que você se lembre da aparência do psicopata — retrucou Vee.

— Calça jeans preta! — Madeline soltou subitamente. — Lembro que ele estava usando calça jeans preta. Quer dizer, tenho quase certeza disso.

— *Quase* certeza? — indagou Vee.

Puxei-a para fora e a levei até o calçadão. Depois que ela teve tempo de esfriar a cabeça, falou:

— Amiga, sinto muito sobre tudo isso. Eu deveria ter olhado o envelope antes. As pessoas são idiotas. E quem lhe mandou aquele envelope é a pessoa mais idiota de todas. Ficaria feliz em acertar estrelinhas ninja nela, se eu pudesse.

Eu sabia que ela estava tentando melhorar o meu astral, mas meus pensamentos se encontravam cinco passos além. Eu não pensava mais sobre a morte de meu pai. Tínhamos chegado ao

espaço estreito entre as lojas, e eu a tirei da calçada, abrigando-nos entre os prédios.

— Escute, preciso falar com você. Ontem achei que tivesse visto meu pai. Aqui, no píer.

Vee me encarou, mas não disse nada.

— Era ele, Vee. Era *ele*.

— Querida… — ela começou a dizer, em tom cético.

— Acho que ele ainda está vivo. — Meu pai tinha sido enterrado em caixão fechado. Talvez tivesse sido um erro, um mal-entendido, e não tenha sido meu pai quem morreu naquela noite. Talvez ele tenha sofrido de uma amnésia e por isso não voltou para casa. Talvez algo o impedisse. Ou alguém…

— Não sei como dizer isso — disse Vee, olhando para o alto, para baixo, em todas as direções, menos para mim. — Mas ele não vai voltar.

— Então, como você explica o que eu vi? — perguntei em um tom defensivo, magoada porque ela, afinal, era minha melhor amiga e não acreditava em mim. As lágrimas ardiam em meus olhos e, rapidamente, eu as afastei.

— Foi outra pessoa. Alguém que se parece com seu pai.

— Você não estava lá. Eu o vi! — gritei. Não tive a intenção de ser grosseira. Mas não ia me conformar com os fatos. Não depois de tudo o que eu havia passado. Dois meses atrás, eu me jogara das vigas do ginásio, na escola. *Sabia* que havia morrido. Não podia negar o que eu me lembrava daquela noite. Ainda assim…

Ainda assim… eu continuava viva.

Havia chance de meu pai também estar vivo. Ontem, eu o tinha *visto.* Ele queria que eu soubesse que continuava vivo. Ele não queria que eu desistisse dele.

Vee sacudiu a cabeça.

— Não faça isso.

— Não vou desistir dele. Não até saber a verdade. Preciso descobrir o que aconteceu naquela noite.

— Não, esqueça — disse Vee com firmeza. — Deixe o fantasma de seu pai descansar em paz. Revirar isso não vai mudar o passado. Vai apenas fazer você revivê-lo.

Deixar o fantasma de meu pai descansar em paz? E eu? Como eu poderia descansar até saber a verdade? Vee não compreendia. Seu pai não havia sido arrancado dela de forma tão inexplicável e violenta. Sua família não fora destroçada. Ela ainda tinha tudo.

A única coisa que me restava era a esperança.

***

Passei a tarde de domingo no Enzo's Bistrô, em companhia da tabela periódica, concentrando toda a atenção no dever de casa, tentando bloquear qualquer pensamento sobre meu pai ou sobre o envelope que eu havia recebido me informando que Mão Negra era o responsável pela morte dele. Só podia ser uma brincadeira. O envelope, o anel, o bilhete — aquilo tudo era uma espécie de piada cruel. Talvez de Scott, talvez de Marcie. Mas, com toda sinceridade, eu não achava que aquilo tivesse partido de nenhum dos dois. Scott parecera sincero ao oferecer suas condolências a mim e à minha mãe. E a crueldade de Marcie costumava ser imatura e espontânea.

Como eu estava diante de um computador com acesso à internet, fiz uma busca por Mão Negra. Queria provar a mim mesma que o bilhete não tinha qualquer valor. Provavelmente, alguém havia descoberto o anel em um brechó e imaginou o nome Mão Negra, seguiu-me até o calçadão e pediu a Madeline que me entregasse o envelope. Pensando bem, nem importava que Madeline não conseguisse se lembrar da aparência do cara, porque o mais provável era que ele não fosse o autor da brincadeira. *Aquela* pessoa provavelmente parara um sujeito qualquer no calçadão e lhe dera alguns dólares para que entregasse o envelope. Era o que eu teria feito. Isso se eu fosse alguém doente e perverso que curtisse magoar outras pessoas.

Uma página com links para Mão Negra apareceu na tela. O primeiro link era para uma sociedade secreta que supostamente

teria assassinado o arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria, em 1914, desencadeando a Primeira Guerra Mundial. O próximo link era para uma banda de rock. Mão Negra também era o nome de um grupo de vampiros em um jogo de RPG. Finalmente, no início do século XX, uma gangue italiana chamada Mão Negra tomou Nova York de assalto. Nenhum link fazia menções ao Maine. Nenhuma imagem mostrava um anel de ferro com o relevo de um punho. *Está vendo?*, disse para mim mesma. *Uma brincadeira.*

Percebi que acabara me desviando para o assunto no qual eu não deveria pensar e grudei os olhos novamente no dever de casa espalhado diante de mim. Precisava compreender as fórmulas químicas e o cálculo da massa atômica. Meu primeiro experimento de química no laboratório estava chegando, e como Marcie era minha parceira, eu me preparava para o pior dedicando tempo extra aos estudos, fora da escola, para ser capaz de arrastar seu peso morto. Digitei alguns números na calculadora e transcrevi cuidadosamente o resultado numa folha de meu caderno aberto, repetindo a resposta em voz alta, na minha cabeça, para bloquear pensamentos relativos ao tal Mão Negra.

Às cinco da tarde, liguei para minha mãe, que estava em New Hampshire.

— Só estou ligando para dizer oi — falei. — Como está o trabalho?

— Como sempre. E você?

— Estou no Enzo's, tentando estudar, mas o *smoothie* de manga está me paquerando.

— Agora você está me deixando com fome.

— Com fome suficiente para voltar para casa?

Ela soltou um daqueles suspiros que dizia "está fora do meu controle".

— Era o que eu queria. Vamos fazer *waffles* e *smoothies* no café da manhã, sábado.

Às seis, Vee ligou e me convenceu a encontrá-la para fazer *spinning* na academia. Às sete e meia, ela me deixou em casa. Eu tinha acabado de sair do chuveiro e estava diante da geladeira,

procurando as sobras de comida chinesa que minha mãe tinha guardado ontem, antes de sair, quando ouvi uma batida forte à porta da frente.

Olhei pelo olho mágico. Do outro lado da porta, Scott Parnell fazia o sinal da paz.

— Batalha das bandas! — exclamei em voz alta, colocando a palma da mão na testa. Eu tinha me esquecido completamente de cancelar. Olhei para o pijama que estava usando e grunhi.

Depois de uma tentativa frustrada de arrumar o cabelo molhado, destranquei a porta e a abri.

Scott olhou para meu pijama.

— Você se esqueceu.

— Está brincando? Estou esperando por isso o dia inteiro. Só estou um pouquinho atrasada. — Apontei para a escada. — Vou me vestir. Por que… você não esquenta a comida chinesa? Está dentro de um *tupperware* azul, na geladeira.

Subi a escada, dois degraus de cada vez, fechei a porta do quarto e liguei para Vee.

— Preciso que você venha para cá *agora* — pedi desesperada. — Estou a caminho da batalha das bandas com Scott.

— O objetivo dessa ligação é me deixar com inveja?

Pus a orelha contra a porta. Parecia que Scott abria e fechava os armários da cozinha. Pelo que eu sabia, ele podia estar em busca de algum remédio de tarja preta ou de cerveja. Ia ficar duplamente decepcionado, a não ser que tivesse esperanças pouco realistas de ficar doidão com meus comprimidos de ferro.

— Não estou tentando deixar você com inveja. Não quero ir sozinha.

— Então diga para ele que você não pode ir.

— O problema é… acho que quero ir.

Não tinha a mínima ideia de onde vinha essa súbita vontade. Tudo o que eu sabia era que não queria passar a noite sozinha. Ficara estudando o dia inteiro, havia feito uma sessão de *spinning* e a última coisa que eu queria era ficar em casa e checar minha lista

de tarefas para o fim de semana. Eu tinha sido *boazinha* o dia inteiro. Melhor dizendo, eu tinha sido boazinha a *vida* inteira. Merecia me divertir. Scott não era a melhor companhia do mundo, mas também não era a pior.

— Você vem ou não?

— Tenho que admitir que me parece bem melhor do que estudar as conjugações dos verbos em espanhol no meu quarto, a noite inteira. Vou ligar para Rixon e ver se ele também quer ir.

Desliguei e fiz uma rápida inspeção no interior do meu armário. Resolvi usar uma regata de seda clara, minissaia, meia opaca e sapatilha. Borrifei perfume no ar e atravessei aquela nuvem, para ficar cheirando levemente a *grapefruit*. No fundo da minha mente, perguntei-me por que eu desperdiçava tempo me arrumando para sair com Scott. Ele não ia a lugar nenhum na vida, não tínhamos nada em comum e a maior parte de nossas rápidas conversas incluíam trocas de insultos. Não era só isso. Patch havia me pedido para ficar longe dele. E foi aí que me ocorreu. Provavelmente eu estava atraída por Scott por algum desejo enraizado no meu inconsciente que tinha a ver com desafio e vingança. E tudo estava relacionado com Patch.

Eu tinha duas opções: ficar quieta em casa e deixar que Patch ditasse a minha vida ou então jogar no lixo minha personalidade de "garota boazinha que vai à igreja aos domingos" e me divertir um pouco. E embora eu não estivesse pronta para admitir, tinha esperança de que Patch descobrisse que eu havia ido para a batalha das bandas com Scott. Esperava que a ideia de me ver com outro cara o deixasse maluco.

Resolvida, sacudi a cabeça, sequei o cabelo apenas o suficiente para definir os cachos e entrei feliz na cozinha.

— Estou pronta — disse para Scott.

Ele me deu a segunda olhada de cima a baixo da noite, mas dessa vez eu me senti bem mais constrangida.

— Está muito bonita, Grey — afirmou.

— Você também — sorri, tentando fazer gracinha, mas me sentindo nervosa. O que era ridículo, pois se tratava de Scott.

Éramos amigos. Nem isso. Conhecidos.

— O *couvert* artístico é dez paus.

Fiquei parada por um momento.

— Ah. Tudo bem. Eu sabia. Podemos passar num caixa eletrônico, no caminho? — Eu tinha uns cinquenta dólares que ganhei de aniversário, guardados na minha conta do banco. Já havia reservado o dinheiro para a compra do Cabriolet, mas dez dólares não iam fazer diferença. Na velocidade em que eu estava economizando, não seria capaz de comprar o Cabriolet antes de completar 25 anos.

Scott jogou uma carteira de motorista do Maine sobre o balcão, com minha foto do anuário da escola colada nela.

— Está pronta, Marlene?

Marlene?

— Eu não estava fazendo piada sobre a identidade falsa. Não vai querer dar para trás, não é?

Ele sorriu como se soubesse exatamente quanto a minha pressão arterial havia subido ao pensar em usar um documento falsificado. E ele apostava todo seu dinheiro que eu ia desistir em cinco segundos. *Quatro, três, dois…*

Peguei o documento no balcão.

— Pronta.

***

Scott atravessou o centro de Coldwater com o Mustang e chegou ao outro lado da cidade, desceu algumas estradas secundárias sinuosas e passou pelos trilhos do trem. Estacionou o carro diante de um armazém de tijolos aparentes, com quatro andares, completamente coberto por heras. Uma longa fila de pessoas esperava diante das portas. Pelo que pude entender, as janelas tinham sido cobertas por dentro com papel preto, preso com fita adesiva, mas pelas frestas dava para ver um pouco de luz

estroboscópica. Um letreiro azul em neon, sobre a porta, reluzia com as palavras BOLSA DO DIABO.

Eu tinha passado por aquela parte da cidade uma vez, no quarto ano, quando meus pais levaram Vee e eu para uma casa mal-assombrada montada para o Halloween. Eu nunca tinha entrado na Bolsa do Diabo, mas tinha certeza, só pela aparência, de que minha mãe preferiria que eu continuasse sem essa experiência. Voltei a me lembrar da descrição do lugar, feita por Scott. Música barulhenta, não ensaiada. Público barulhento e desordeiro. Muito sexo escandaloso nos banheiros.

Minha nossa.

— Vou deixar você aqui — disse Scott, manobrando próximo ao meio-fio. — Arranje bons lugares. Perto do palco, no meio.

Saltei e fui para o fim da fila. Com toda honestidade, nunca tinha entrado em uma boate que tivesse *couvert* artístico. Aliás, nunca tinha entrado em uma boate, ponto. Minha vida noturna se resumia a filmes e sorvetes com Vee.

Meu celular soou com o toque de Vee.

— Ouço música, mas tudo o que vejo são trilhos de trem e alguns vagões abandonados.

—Você está a alguns quarteirões de distância. Está no Neon ou a pé?

— No Neon.

— Vou encontrá-la.

Saí da fila, que crescia a cada minuto. No final do quarteirão, dobrei a esquina, dirigindo-me para os trilhos que Scott atravessara para chegar ali. A calçada estava rachada e era irregular, por conta de anos de descuido, e, como os postes eram poucos e distantes uns dos outros, eu precisava prestar atenção no chão, para evitar topadas e tropeções. Os armazéns do quarteirão eram sombrios, as janelas pareciam olhos vazios. Os armazéns deram lugar a casas abandonadas, de tijolinhos, cobertas de grafites. Cem anos atrás, talvez este fosse o centro de Coldwater. Não era mais. A lua lançou uma luz sinistra e translúcida sobre aquele cemitério de construções.

Cruzei os braços junto ao corpo e caminhei com mais velocidade. Dois quarteirões depois, uma forma se materializou na escuridão enevoada.

— Vee? — chamei.

A figura continuou a caminhar na minha direção, com a cabeça baixa, as mãos no bolso. Não era Vee, mas um homem, alto e magro, com ombros largos e um andar vagamente familiar. Não me senti especialmente à vontade em passar por um homem sozinho, naquele trecho de calçada, e procurei o celular no bolso. Eu estava a ponto de ligar para Vee para saber onde ela estava exatamente quando o homem passou sob a luz de um poste. Ele usava a jaqueta de aviador de couro do meu pai.

Parei imediatamente.

Sem prestar nenhuma atenção em mim, ele subiu alguns degraus à sua direita e desapareceu dentro de uma das casas abandonadas. Os pelos da minha nuca se eriçaram.

— Pai?

Comecei a correr automaticamente. Atravessei a rua sem me dar o trabalho de conferir o tráfego, porque eu sabia que não haveria carros. Quando cheguei na casa em que eu tinha certeza de que ele havia entrado, tentei abrir as portas duplas e altas. Trancadas. Sacudi as maçanetas, chacoalhando as portas, mas elas não se mexeram.

Protegi os olhos com a mão e espreitei por uma das janelas que ladeavam a porta. As luzes estavam apagadas, mas consegui distinguir formas de mobília coberta por lençóis claros. Meu coração batia descontroladamente. E se meu pai estivesse *vivo*? Todo esse tempo… será que ele estava morando *aqui*?

— Pai! — gritei através do vidro. — Sou eu, Nora!

No alto da escadaria do interior da casa, os sapatos dele desapareceram num corredor.

— Pai! — berrei, batendo no vidro. — Estou aqui fora.

Recuei, com a cabeça levantada, olhando para as janelas do segundo andar, esperando que sua sombra passasse.

A entrada dos fundos.

O pensamento subitamente apareceu em minha mente e reagi na mesma hora. Desci correndo os degraus, entrando em uma estreita passagem que separava aquela casa da vizinha. Claro. A porta dos fundos. Se estivesse destrancada, eu poderia entrar e encontrar meu pai…

Uma sensação congelante tomou minha nuca. O calafrio desceu pelas minhas costas, me paralisando momentaneamente. Fiquei estática no meio da passagem, com os olhos colados no quintal. Os arbustos se sacudiam dóceis com a brisa. O portão rangeu. Bem devagar, recuei, sem querer confiar no silêncio. Sem querer acreditar que não estava sozinha. Já tinha me sentido assim antes, e sempre havia sido um sinal de perigo.

Nora, não estamos sozinhos. Há alguém aqui. Volte!

— Pai? — sussurrei, a mente em disparada.

Vá encontrar Vee. Você precisa sair! Voltaremos a nos encontrar. Corra!

Eu não ligava para o que ele dizia — eu não iria embora. Não até saber o que se passava. Não antes de vê-lo. Como ele poderia esperar que eu fosse embora? Ele estava aqui. Senti por dentro de mim uma agitação de alívio e de empolgação nervosa, que eclipsava qualquer medo.

— Pai? Onde você está?

Nada.

— Pai? — Tentei mais uma vez. — Não vou embora.

Dessa vez, houve uma resposta.

A porta dos fundos está destrancada.

Toquei a cabeça, sentindo o eco das palavras lá dentro. Havia algo de diferente em sua voz, dessa vez, mas não a ponto de eu conseguir explicar o que era. Talvez ligeiramente mais fria? Mais agressiva?

— Pai? — sussurrei o mais baixo possível.

Estou aqui dentro.

Agora a voz estava mais alta, era um som de verdade. Não estava apenas na minha cabeça, dessa vez, mas também nos meus

ouvidos. Voltei-me para a casa, certa de que ele havia falado por uma janela. Avançando pelo caminho com calçamento de pedras, experimentei colocar a palma da mão na vidraça. Queria desesperadamente que fosse ele, mas, ao mesmo tempo, os arrepios que eu sentia por toda a pele me avisavam que aquilo podia ser um truque. Uma armadilha.

— Pai? — Minha voz vacilou. — Estou com medo.

Do outro lado do vidro, a mão refletiu a minha, cinco pontas de dedo alinhadas com as minhas. A aliança de ouro do meu pai estava no quarto dedo da mão esquerda. Meu sangue corria tão depressa que me senti tonta. Era ele. Meu pai estava a alguns centímetros de distância. Vivo.

Entre. Não vou machucá-la. Venha, Nora.

A urgência de suas palavras me assustou. Tateei na janela tentando encontrar o trinco, precisando desesperadamente lançar meus braços nele e impedi-lo de ir embora de novo. As lágrimas desciam pelo meu rosto. Pensei em correr até a porta dos fundos, mas não conseguia aceitar a ideia de deixá-lo, mesmo que por alguns segundos. Não podia perdê-lo mais uma vez.

Apertei a mão contra a janela, com mais força agora.

— Estou bem aqui, pai!

Dessa vez, o vidro se congelou ao meu toque. Minúsculas partículas de gelo se espalharam pela janela, com um barulho estridente. Dei um salto para me afastar do súbito frio que tomou meu braço, mas minha pele ficou grudada ao vidro. Gelada. Gritando, tentei usar a outra mão para me libertar. A mão de meu pai atravessou a vidraça e se fechou na minha, segurando-me para que eu não pudesse fugir. Ele me puxou para a frente, e os tijolos sujavam minhas roupas, enquanto meu braço desaparecia pela janela de uma forma impossível. Meu reflexo aterrorizado me encarava, a boca aberta em um grito assustado. O único pensamento que atravessava minha cabeça é que não podia ser meu pai.

— Socorro! — gritei. — Vee! Está me ouvindo? *Socorro!*

Sacudindo meu corpo de um lado para o outro, tentei usar meu peso para me soltar. Uma dor lancinante tomou o antebraço que ele prendia, e a imagem de uma faca surgiu em minha mente com tal intensidade que achei que minha cabeça tinha se partido ao meio. O fogo lambia meu antebraço — *ele estava me cortando e me abrindo*.

— Pare! — guinchei. — Está me machucando!

Senti sua presença atravessar minha mente, sua visão ofuscando a minha. Havia sangue por toda parte. Escuro, escorregadio… e meu. Senti um gosto de bile na boca.

— *Patch*! — gritei para a noite em completo terror e desespero.

A mão se dissolveu, soltando a minha, e caí para trás, no chão. Instintivamente, segurei meu braço ferido contra a camiseta, a fim de conter o sangramento, mas, para a minha surpresa, não havia sangue. Nem cortes.

Lutando para respirar, olhei para a janela. Estava perfeitamente intacta e refletia a árvore atrás de mim, que balançava para a frente e para trás com a brisa noturna. Fiquei de pé e cambaleei para a calçada. Corri na direção da Bolsa do Diabo, olhando para trás de vez em quando. Esperava ver meu pai — ou seu sósia — surgir de uma das casas, segurando uma faca, mas a calçada permaneceu vazia.

Eu me virei para atravessar a rua e vi uma pessoa durante meia piscadela, antes de esbarrar nela.

— Aí está você — disse Vee, estendendo os braços para me dar firmeza enquanto eu engolia um grito. — Acho que nos perdemos uma da outra. Cheguei à Bolsa do Diabo e voltei para cá, para encontrar você. Está tudo bem? Parece que vai vomitar.

Eu não queria mais ficar parada na esquina. Ao pensar sobre o que havia acabado de acontecer na casa, não podia deixar de me lembrar da ocasião em que bati em Chauncey com o Neon. Momentos depois, o carro voltou ao normal, sem deixar qualquer indício do acidente. Mas, dessa vez, era pessoal. Dessa vez, era meu pai. Meus olhos arderam e meu queixo tremeu enquanto falei.

— Achei… achei que tivesse visto meu pai de novo.

Vee me abraçou.

— Querida…

— Eu sei. Não era real. Não era real — repeti, tentando me reconfortar. Pisquei várias vezes seguidas, as lágrimas turvando minha visão. *Mas pareceu real. Tão real…*

— Quer conversar sobre este assunto?

O que havia para se falar? Alguém estava me assombrando. Alguém estava confundindo minha mente. Brincando comigo. Um anjo caído? Um nefilim? O fantasma do meu pai? Ou era minha própria mente que me traía? Não era como da primeira vez que imaginei ter visto meu pai. Achei que ele estivesse tentando se comunicar comigo, mas podia ser um mecanismo de autodefesa. Talvez minha mente estivesse me fazendo ver coisas que eu me recusava a aceitar que estavam terminadas. Estava preenchendo o vazio, pois era mais fácil do que deixar para trás.

O que quer que houvesse acontecido ali não era real. Não era meu pai. Ele não me machucaria. Ele me amava.

— Vamos voltar para a Bolsa do Diabo — sugeri, soltando o ar, abalada. Queria me afastar da casa o mais rápido possível. Mais uma vez, disse a mim mesma que, fosse quem fosse lá dentro, não era o meu pai.

Os ecos estridentes das guitarras e as pancadas da bateria no aquecimento para o show ficaram cada vez mais altos, e, embora minha sensação de pânico perdurasse, senti meu coração diminuir o ritmo. Havia algo de reconfortante na ideia de me perder entre centenas de corpos amontoados no interior do armazém. Apesar do que havia acontecido, eu não queria ir para casa nem ficar sozinha. Queria entrar no meio da multidão. *Havia* força em estar junto de muita gente.

Vee agarrou meu pulso e me fez parar.

— Aquela ali é mesmo quem eu estou imaginando?

A meio quarteirão de distância, Marcie Millar entrava em um carro. O corpo parecia apertado em um pequeno retalho de tecido negro, curto o suficiente para exibir as meias sete oitavos pretas e as ligas. Botas pretas e longas, acima do joelho, e um chapéu de feltro negro completavam o visual. Mas não foi a roupa que chamou

minha atenção. Foi o carro. Um reluzente Jeep Commander. O motor roncou e o Jeep contornou a esquina e desapareceu.

CAPÍTULO 9

— Que loucura é essa? — sussurrou Vee. Você viu aquilo? Você jura que eu vi mesmo Marcie entrar no Jeep de Patch?

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas parecia que alguém havia enfiado pregos na minha garganta.

— Foi minha imaginação — continuou Vee — ou dava para ver uma calcinha vermelha por debaixo do vestido dela?

— Não era um vestido — declarei, encontrando apoio na parede de um prédio.

— Estava tentando ser otimista, mas você tem razão. *Não era* um vestido. Era um top tomara que caia esticado até aquele traseiro magrelo. A única coisa que impedia aquilo de ficar parado na cintura era a força da gravidade.

— Acho que vou vomitar — falei, enquanto a sensação de pregos na garganta alcançava o estômago.

Vee me empurrou pelos ombros, obrigando-me a sentar na calçada.

— Respire fundo.

— Ele está saindo com Marcie.

Era quase horrível demais para acreditar.

— Marcie é uma vadia — disse ela. — É a única razão. É uma vaca. Uma galinha.

— Ele me disse que não havia nada entre os dois.

— Patch pode ser um monte de coisas, mas sincero ele não é.

Olhei vacilante para a rua por onde o Jeep havia sumido. Senti uma vontade inexplicável de sair correndo atrás deles e fazer alguma coisa de que eu me arrependesse depois — como asfixiar Marcie com sua ridícula calcinha vermelha.

— Não é culpa sua — disse Vee. — Ele é um canalha que se aproveitou de você.

— Preciso ir para casa — afirmei, com a voz entorpecida.

Exatamente naquele momento, um carro de polícia parou perto da entrada da boate. Um policial alto e esguio de calça escura e camisa social saltou do carro. A rua estava muito escura, mas eu o reconheci imediatamente. Detetive Basso. Eu estivera sob sua investigação uma vez e não tinha a intenção de repetir a experiência. Especialmente por ter quase certeza de não fazer parte da sua lista de pessoas favoritas.

O detetive Basso abriu caminho até o início da fila, mostrou o distintivo para um dos seguranças e entrou sem diminuir o passo.

— Uau — disse Vee. — Era um policial?

— Era, e ele é velho demais, então nem pense nisso. Quero ir para casa. Onde você estacionou?

— Ele não parece ter muito mais de 30 anos. Desde quando 30 anos é velho?

— Ele é o detetive Basso. Ele me interrogou depois do incidente com Jules, na escola — expliquei. Eu adorava o jeito como me referia àquilo como incidente, em vez de usar as palavras corretas. Tentativa de assassinato.

— Basso. Gosto disso. Curto e sexy, como meu nome. Ele deu em cima de você?

Lancei-lhe um olhar de esguelha, mas Vee ainda contemplava a porta por onde o detetive havia passado.

— *Não.* Ele me interrogou.

— Eu não me incomodaria de ser algemada por ele. Só não conte para Rixon.

— Vamos lá. Se a polícia está aqui, algo de ruim vai acontecer.

— Ruim é meu nome do meio — brincou ela, me dando o braço e me puxando para a entrada do armazém.

— Vee…

— Tem umas duzentas pessoas aí dentro. Está escuro. Ele não vai reconhecê-la no meio da multidão, isso se o cara se lembrar de você. Provavelmente, já esqueceu. Além do mais, não vai prendê-la. Você não está fazendo nada de ilegal. Bem, a não ser toda essa

história sobre documento falso, mas todo mundo faz isso. E se ele quisesse mesmo fechar o lugar, teria vindo com reforços. Um policial sozinho não daria conta dessa multidão.

— Como você sabe que eu tenho uma identidade falsa?

Ela me lançou um olhar que dizia “não sou tão burra quanto pareço”.

— Você está aqui, não está?

— E como *você* planeja entrar?

— Da mesma forma que você.

— *Você* tem uma identidade falsa? — Eu não podia acreditar. — Desde quando?

Vee deu uma piscadela.

— Rixon tem outras habilidades além de beijar. Vamos lá. Como minha grande amiga, você nem pensaria em me pedir para sair de casa e violar as regras do meu castigo à toa. Especialmente porque já liguei para Rixon e ele está a caminho.

Gemi. Mas não era culpa de Vee. Fui eu quem achou que ir até lá naquela noite era uma boa ideia.

— Só cinco minutos.

A fila andava rápido, despejando gente dentro do prédio. Contrariando meu bom senso, paguei o *couvert* artístico e segui Vee até o interior úmido, sombrio e ensurdecedor do armazém. De certa forma, parecia estranhamente bom ficar cercada pela escuridão e pelo barulho. A música era alta demais para me deixar pensar, o que queria dizer que, mesmo se eu quisesse, não conseguiria me concentrar em Patch nem imaginar o que ele fazia com Marcie naquele exato momento.

Havia um bar nos fundos, pintado de preto, com bancos metálicos e luminárias que pendiam do teto. Eu e Vee ocupamos os dois últimos lugares vazios.

— Identidade — pediu o sujeito que trabalhava no bar.

Vee sacudiu a cabeça.

— Só uma Diet Coke, por favor.

— E, para mim, Cherry Coke — falei.

Vee cutucou minhas costelas e se inclinou de lado.

— Você viu isso? Ele pediu para ver nossos documentos. Não acha o máximo? Aposto que ele queria saber os nossos nomes, mas era tímido demais para perguntar.

O bartender encheu dois copos e os deslizou pelo balcão. Eles pararam bem na nossa frente.

— Bela performance! — berrou Vee, para ser ouvida apesar da música. Ele fez um gesto obsceno e foi atender o próximo cliente.

— Ele é baixo demais para mim, de qualquer jeito — disse ela.

— Você viu Scott? — perguntei, do alto do meu banco, tentando olhar a multidão. Ele já tivera tempo suficiente para estacionar, mas eu não o via. Talvez não quisesse pagar para estacionar e tivesse ido procurar vagas em outra rua. De qualquer maneira, a menos que houvesse parado o carro a três quilômetros, o que parecia altamente improvável, ele já deveria ter chegado.

— Ah, não. Adivinha quem acabou de entrar? — Os olhos de Vee estavam pregados em algum lugar atrás de mim e seu rosto fez uma careta. — Marcie Millar. É ela.

— Achei que tivesse ido embora! — Uma onda de raiva me atravessou. — Patch está com ela?

— Negativo.

Ajeitei a postura e fiquei ainda mais alta na cadeira.

— Estou calma. Posso lidar com a situação. Provavelmente ela não vai nos ver. Mas, se vir, não vai querer puxar conversa. — E apesar de nenhuma parte de mim acreditar naquilo, acrescentei: — Provavelmente, existe alguma explicação complexa para ela ter entrado no Jeep de Patch.

— Da mesma forma que existe uma explicação complexa para ela estar usando o boné dele?

Espalmei as mãos sobre o bar e girei. De fato, Marcie abria caminho a cotoveladas, pela multidão, e o rabo de cavalo avermelhado saía da parte de trás do boné de Patch. Se isso não era uma prova de que os dois estavam juntos, então não sei o que mais poderia ser.

— Vou matar essa garota — disse para Vee, voltando a olhar o bar, segurando o refrigerante enquanto sentia ondas de calor tomarem meu rosto.

— Claro que vai. E essa é a sua chance. Ela está vindo para cá.

Um momento depois, Marcie mandou o cara que estava do meu lado sair do seu assento e se empoleirou nele. Tirou o boné de Patch, sacudiu o cabelo e depois apertou-o contra o rosto, inspirando profundamente.

— Ele não tem um cheiro *incrível*?

— Ei, Nora — disse Vee —, o Patch não pegou piolho semana passada?

— O que é mesmo? — perguntou Marcie, retoricamente. — Grama fresca? Especiarias exóticas? Ou talvez… hortelã?

Pousei o copo com um pouco de força demais e respingou refrigerante no balcão.

— Essa sua atitude é muito ecologicamente correta — falou Vee para Marcie. — Reciclar o lixo velho de Nora.

— Lixo gostoso é melhor que lixo gordo — respondeu Marcie.

— Fique com essa gorda aqui — disse Vee, pegando minha Cherry Coke e jogando-a em Marcie. Mas alguém na multidão esbarrou em Vee por trás, e, em vez de se despejar direto sobre Marcie, o refrigerante se espalhou e molhou a nós três.

— Olhe só o que você fez! — exclamou Marcie, saltando do banco com tanta força que chegou a derrubá-lo. Ela passou a mão no colo para enxugar o refrigerante. — Este vestido é da Bebe! Você sabe quanto custou? *Duzentos dólares.*

— Não vale mais tudo isso — cutucou Vee. — E não sei por que você está reclamando. Aposto que você o roubou de alguma loja.

— É? E daí? O que você quer dizer?

— Você deixa na cara o que é. E o que eu vejo é ordinário. Nada mais ordinário do que roubar de uma loja.

— E nada mais gordo do que um queixo duplo.

Vee espremeu os olhos.

—Você está morta. Ouviu? *Morta.*

Marcie voltou os olhos em minha direção.

—Aliás, Nora, achei que você talvez quisesse saber uma coisa. Patch me contou que terminou com você porque você não era suficientemente *vadia*.

Vee acertou o alto da cabeça de Marcie com a bolsa.

— O que você pensa que está fazendo? — berrou Marcie, pondo a mão na cabeça.

Vee golpeou uma das orelhas de Marcie. Ela cambaleou para trás, com o olhar um tanto atordoado, mas rapidamente recuperando a fúria.

— Sua… — começou.

— Parem! — gritei, colocando-me entre as duas e estendendo os braços. Havíamos chamado atenção da multidão e as pessoas se aproximavam, interessadas na possibilidade de uma briga de mulheres. Eu não me importava com o que aconteceria com Marcie, mas Vee era outra questão. Se ela entrasse na briga, havia chances de que o detetive Basso a levasse para a delegacia. Somando a isso o fato de que ela havia saído sorrateiramente de casa, não acho que os pais dela receberiam muito bem uma notícia envolvendo cadeia.

— Vamos embora. Vee, vá pegar o Neon. Encontro você lá fora.

— Ela me chamou de gorda. Ela merece morrer. Você mesma disse.

A respiração de Vee era ofegante.

— Como planeja me matar? — desdenhou Marcie. — Sentando em cima de mim?

E foi aí que tudo ficou fora de controle. Vee pegou sua Coca-Cola do balcão e ergueu o braço, mirando em Marcie. Ela tentou fugir, mas, na pressa, tropeçou no banco caído e se espatifou no chão. Virei para Vee, esperando impedir mais violência, quando meu joelho recebeu um chute por trás. Eu caí e percebi em seguida que Marcie estava em cima de mim.

— Isso é por ter me roubado Tod Bérot no quinto ano — disse ela, dando um soco no meu olho.

Berrei e pus a mão no olho.

— Tod Bérot? — gritei. — Do que você está falando? Estávamos no *quinto ano*!

— E isso é por ter colocado aquela foto minha com uma espinha gigante na primeira página do eZine, no ano passado!

— Não fui eu!

Tudo bem, talvez eu tivesse alguma influência na seleção das fotos, mas não era a única a escolher. E, de qualquer maneira, Marcie ainda estava me jogando aquilo na cara? Um ano não era um pouco demais para guardar rancor?

Marcie berrou:

— E isso aqui é pela vadia da sua…

— Você está maluca!

Dessa vez, impedi o soco e consegui segurar a perna do banco mais próximo e derrubá-lo sobre ela.

Marcie empurrou o banco para longe. Antes que eu pudesse me levantar, ela pegou a bebida de um passante e me encharcou com ela.

— Olho por olho — falou ela. — Você me humilha, eu humilho você.

Limpei o refrigerante do rosto. Meu olho direito latejava de dor no lugar onde Marcie havia me socado. Senti o hematoma se espalhando por minha pele, tatuando-me de azul e púrpura. Meu cabelo respingava Coca-Cola, minha camiseta de seda estava rasgada e eu me sentia desmoralizada, vencida e… rejeitada. Patch tinha seguido em frente, rumo a Marcie Millar. E Marcie havia acabado de deixar isso bem claro.

Meus sentimentos não servem como desculpa para o que fiz em seguida, mas com toda certeza provocaram minha reação. Não tinha a mínima ideia de como lutar, mas fechei os punhos e acertei o queixo de Marcie. Por um momento, sua expressão ficou congelada de surpresa. Ela saiu de cima de mim, segurando o queixo com as duas mãos, de boca aberta. Empolgada por minha pequena vitória, me joguei sobre ela, mas fui contida, porque alguém me pegou sob os braços, me levantando.

— Saia daqui agora — disse Patch no meu ouvido, me arrastando para as portas.

— Vou matá-la! — afirmei, lutando para me libertar dele.

Uma multidão nos envolveu, gritando:

— Briga! Briga! Briga!

Patch tirou todo mundo do caminho e me arrastou. Atrás de Patch, Marcie se levantou e me mostrou seu dedo médio. O sorriso era convencido e as sobrancelhas estavam arqueadas. A mensagem era clara: manda ver.

Patch me entregou para Vee e depois voltou e segurou o antebraço de Marcie com força. Antes que eu pudesse ver para onde ele a levava, Vee me arrastou para a saída mais próxima. Saímos no beco.

— Por mais divertido que fosse ver você lutando com Marcie, imaginei que provavelmente não valia o risco de passar a noite na cadeia — disse Vee.

— Eu *odeio* essa garota! — gritei. Minha voz ainda soava histérica.

— O detetive Basso estava tentando atravessar a multidão quando Patch levantou você. Achei que era a hora de entrar em ação.

— Para onde ele levou Marcie? Vi Patch segurá-la.

— E isso importa? Tomara que os dois tenham sido presos.

Nossos sapatos esmagavam as pedras enquanto descíamos correndo o beco na direção do carro de Vee. As luzes azuis e vermelhas de um carro de polícia passaram pela esquina do beco. Eu e Vee nos apertamos contra o armazém.

— Bem, isso foi emocionante — disse Vee assim que entramos no Neon.

— É, com certeza — concordei, entredentes.

Vee lambeu meu braço.

— Você está com um gosto bom. Está me deixando com sede com esse cheiro de refrigerante.

— É tudo culpa sua — falei. — Foi você quem jogou meu refrigerante em Marcie! Se não fosse você, eu não teria entrado numa briga!

— Briga? Você ficou deitada e apanhou. Você devia ter pedido a Patch para lhe ensinar alguns truques antes de terminar com ele.

Meu celular estava tocando. Arranquei-o da bolsa.

— O que é? — retruquei. Quando ninguém respondeu, percebi que estava tão atordoada que havia confundido o toque de mensagem com o de ligação.

Uma mensagem não lida me aguardava, enviada de um número desconhecido. FIQUE EM CASA ESTA NOITE.

— Isso é assustador — comentou Vee, virando-se de lado para ler. — Para quem você andou dando seu número?

— Provavelmente é engano. Alguém mandou para outra pessoa.

Naturalmente, pensei na casa de tijolos, em meu pai e na visão que tive com ele cortando meu braço.

Joguei o celular na bolsa aberta a meus pés e segurei a cabeça com as mãos. Meu olho latejava. Eu estava assustada, me sentindo sozinha, confusa e à beira de um choro incontrolável.

— Talvez seja de Patch — disse Vee.

— O número dele nunca apareceu como desconhecido. É um trote. — Ah, se eu pudesse me obrigar a acreditar naquilo. — Podemos ir? Preciso de um Tylenol.

— Acho que deveríamos ligar para o detetive Basso. A polícia adora essas histórias de perseguidores assustadores.

— Você só quer telefonar para ele para paquerá-lo.

Vee passou a marcha no Neon.

— Só estava tentando ajudar.

— Talvez você devesse ter tentado me ajudar há dez minutos, antes de jogar meu refrigerante em Marcie.

— Pelo menos eu tive coragem de fazer isso.

Virei-me no assento, fazendo com que ela sentisse toda a força do meu olhar.

— Está me acusando de não ter coragem de encarar Marcie?

— Ela roubou seu namorado, não foi? É verdade, ele me mata de medo, mas se Marcie roubasse meu namorado eu não ia deixar barato.

Apontei para a rua.

— Dirija!

— Sabe do que mais? Você precisa *mesmo* de um novo namorado. Precisa de uma boa e velha sessão de amassos para acalmá-la.

Por que todo mundo achava que eu precisava de um novo namorado? Eu não queria um namorado. Não queria mais nem ouvir falar em namorados pelo restante da vida. A única serventia que um namorado tinha era partir coração.

CAPÍTULO
10

Uma hora depois, eu havia preparado e comido um lanchinho de fim de noite — biscoitos cream-cracker com cream cheese —, tinha arrumado a cozinha e assistido a um pouco de televisão. Em um canto sombrio da minha mente, eu não esquecera a mensagem de texto que me avisava para ficar em casa. Fora mais fácil descartar aquilo como um engano ou um trote quando eu estava a salvo dentro do carro de Vee, mas agora eu estava sozinha e já não me sentia tão confiante. Pensei em ouvir um pouco de Chopin, para romper o silêncio, mas não queria que a música me impedisse de ouvir outros ruídos. A última coisa de que eu precisava era de alguém se esgueirando pelas minhas costas.

Controle-se! Foi a ordem que dei a mim mesma. *Ninguém vai se esgueirar pelas suas costas.*

Depois de algum tempo, quando já não havia nada de bom na TV, subi para o quarto. O cômodo estava limpo sob todos os aspectos, por isso arrumei as roupas no armário de acordo com a cor, tentando me manter ocupada para não cair na tentação de adormecer. Nada me faria mais vulnerável do que dormir, e eu queria adiar isso o máximo possível. Limpei o alto da minha cômoda, organizei os livros em ordem alfabética. Garanti a mim mesma que nada de ruim iria acontecer. Provavelmente eu acordaria no dia seguinte percebendo como estava sendo ridiculamente paranoica.

Mas talvez a mensagem de texto fosse de alguém que desejava cortar minha garganta enquanto eu dormia. Numa noite sinistra como aquela, nada era absurdo demais para parecer impossível.

Tempos depois, acordei no escuro. As cortinas do outro lado do quarto voavam quando o ventilador ia em sua direção. Estava excessivamente quente ali e a camiseta e o short do meu pijama

grudavam na minha pele, mas eu estava tão obcecada em imaginar as piores situações possíveis que nem me passou pela cabeça a ideia de abrir a janela. Olhei para o lado e forcei a vista para ver os números no relógio. Faltava pouco para as três da manhã.

Um latejar furioso reverberava pelo lado direito do meu crânio e meu olho inchou tanto que se fechou. Acendi todas as luzes da casa e fui descalça até o congelador, juntei cubos de gelo em um saco plástico. Ousei dar uma olhada no espelho do banheiro e gemi. Havia um hematoma púrpura e vermelho-vivo entre a minha sobrancelha e a maçã do rosto.

— Como você permitiu que isso acontecesse? — perguntei a meu reflexo. — Como deixou que Marcie batesse em você?

Tirei os dois últimos comprimidos de Tylenol da cartela no armário do banheiro, engoli-os e então me encolhi na cama. O gelo fazia arder a pele em volta do olho e me dava calafrios. Enquanto eu esperava que o remédio fizesse efeito, lutei com a imagem mental de Marcie, subindo no Jeep de Patch. A imagem aparecia, rebobinava, aparecia de novo. Virei para um lado e para o outro, cheguei a botar o travesseiro sobre a cabeça para sufocar a imagem, mas ela ia para fora de alcance, me provocando.

Depois do que me pareceu ser uma hora, meu cérebro se cansou de imaginar formas criativas de matar Marcie e Patch e voltei a dormir.

***

Acordei com o som de um trinco se abrindo.

Abri os olhos, mas percebi que minha visão estava confusa, no mesmo preto e branco, parecendo uma imagem em baixa resolução, de quando eu sonhara estar na Inglaterra de séculos atrás. Tentei piscar para recuperar minha visão normal, mas o mundo permaneceu da cor do gelo e da fumaça.

Lá embaixo, a porta da frente se abriu com um rangido baixo.

Eu não esperava que minha mãe voltasse para casa antes da manhã de sábado, portanto só poderia ser outra pessoa. Alguém que não deveria entrar.

Olhei em volta do quarto, em busca de algo que pudesse usar como arma. Alguns porta-retratos pequenos estavam arrumados na mesa de cabeceira, ao lado de um abajur barato.

Os passos soaram suavemente no piso de madeira da entrada. Segundos depois, chegaram às escadas. O intruso não parou para verificar se estava sendo ouvido. Sabia exatamente aonde ir. Saí da cama silenciosamente, agarrei minha meia-calça que estava no chão, estiquei-as com mãos, me encostei contra a parede atrás da porta do quarto, o suor deixando a minha pele pegajosa. Estava tão silencioso que eu podia ouvir minha respiração.

Ele passou pela entrada e lancei uma das pernas da meia em volta do seu pescoço, apertando com toda força. Houve um momento de luta antes que meu peso me jogasse para a frente e me fizesse ficar cara a cara com Patch.

Ele olhou para a meia-calça e a tomou de mim.

— Quer explicar isso?

— O que você está fazendo aqui? — reclamei, a respiração ofegante. Então liguei os fatos: — Aquela mensagem era sua? Aquela que me mandava ficar em casa hoje à noite? Desde quando você tem um número desconhecido?

— Precisei arranjar uma nova linha. Uma linha mais segura.

Eu não queria saber. Que tipo de pessoa precisava de todo aquele sigilo? Será que Patch tinha medo de que os arcanjos grampeassem suas chamadas?

— Nunca lhe passou pela cabeça que seria bom bater à porta? — perguntei, o coração ainda disparado. — Achei que fosse outra pessoa.

— Estava esperando alguém?

— Para falar a verdade, estava!

Um psicopata que enviou mensagens de texto anônimas me mandando ficar acessível.

— Já passam das três — disse Patch. — A pessoa que você está esperando não pode ser assim tão empolgante… Você pegou no sono. — Ele sorriu. — Ainda está dormindo.

Ao dizer aquilo, ele pareceu satisfeito. Talvez até reconfortado, como se algo que o andasse intrigando finalmente tivesse se resolvido.

Pisquei. Ainda estava dormindo? Do que ele estava falando? Espere. Claro. Aquilo explicava por que toda a cor havia desaparecido e eu ainda via em preto e branco. Patch não estava de fato no quarto — ele estava no meu *sonho*.

Mas eu estava sonhando *com* ele ou ele realmente sabia que estava ali? Estaríamos dividindo o sonho?

— Para seu conhecimento, dormi esperando… Scott.

Não tinha a mínima ideia da razão de ter dito aquilo, além do fato de minha boca ter sido mais rápida do que meu cérebro.

— Scott — repetiu ele.

— Não comece. Vi Marcie entrando no Jeep.

— Ela precisava de carona.

Coloquei as mãos na cintura.

— Que tipo de carona?

— Não era esse tipo de carona — disse ele, lentamente.

— Ah, claro! De que cor era a calcinha dela? — perguntei. Era um teste, e eu realmente esperava que ele desse a resposta errada.

Ele não respondeu, mas bastou olhar uma vez em seus olhos para saber que ele não erraria.

Fui para a cama, agarrei um travesseiro e joguei nele. Ele desviou e o travesseiro bateu contra a parede.

— Você mentiu para mim — esbravejei. — Você me falou que não havia nada entre você e Marcie, mas quando não existe nada entre duas pessoas, elas não emprestam suas roupas nem entram nos carros um do outro tarde da noite vestindo algo que parece lingerie!

Subitamente me dei conta do que eu estava vestindo, ou melhor, do que não estava. Estava a menos de um metro de Patch com

nada além de uma camisetinha e um short de pijama. Bem, não havia muito o que eu pudesse fazer naquele momento, não era?

— Emprestar roupas?

— Ela estava usando seu boné!

— O cabelo dela estava num dia ruim.

Fiquei de queixo caído.

— Foi isso o que ela lhe disse? E você *caiu* nessa?

— Ela não é tão ruim quanto você faz parecer.

Não. Ele *não* tinha dito aquilo.

Apontei para meu olho.

— Não é tão ruim assim? Está vendo isso? Foi ela! O que você está fazendo aqui? — insisti, minha raiva atingindo novos níveis.

Patch se jogou para trás, encostando-se na cômoda, e dobrou os braços.

— Vim ver como você estava.

— Vou repetir. Estou com um olho roxo. Obrigada por perguntar — retruquei.

— Precisa de gelo?

— Preciso que você saia do meu sonho! — Peguei um segundo travesseiro na cama e arremessei com violência nele. Dessa vez, ele o pegou.

— Bolsa do Diabo, olho roxo. Um vem com o outro.

Ele jogou o travesseiro em mim, como se quisesse enfatizar sua opinião.

— Você está *defendendo* Marcie?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não preciso. Ela cuidou de si mesma. Você, por outro lado…

Apontei para a porta.

— Fora.

Como ele não se mexeu, me aproximei dele e bati com o travesseiro.

— Disse para você sair do meu sonho, seu mentiroso, traidor…

Ele tirou o travesseiro de minhas mãos e me empurrou para trás, até que eu me encostasse na parede, as botas de motociclista dele

batendo contra os dedos dos meus pés. Eu estava tomando fôlego para acabar a frase e chamá-lo do pior nome que eu pudesse imaginar, quando Patch pôs a mão na minha cintura e me apertou ainda mais. Seus olhos estavam completamente negros, a respiração, lenta e profunda. Fiquei daquele jeito, presa entre ele e a parede, meu coração acelerando à medida que eu tomava mais consciência do seu corpo e do perfume masculino de couro e hortelã que se desprendia da sua pele. Senti que minha resistência começava a ceder.

De repente, sem ligar para nada além do meu próprio desejo, enfiei meus dedos em sua camisa e o trouxe para mais perto de mim. Parecia tão bom estar próxima assim dele novamente… Eu sentira muito sua falta, mas não havia percebido o quanto, até aquele momento.

— Não faça eu me arrepender disso — falei, sem fôlego.

—Você nunca se arrependeu de mim.

Ele me beijou e eu correspondi com tanto desejo que achei que fosse machucar os lábios. Enfiei meus dedos nos seus cabelos, agarrando-o ainda mais. Minha boca estava na dele, caótica, selvagem, esfomeada. Todas as emoções confusas e complicadas que eu sentia desde que havíamos rompido se desmancharam, como se eu tivesse me afogado na necessidade louca e compulsiva de estar com ele.

Suas mãos estavam sob minha camiseta, deslizando com experiência até minha cintura, para me manter presa a ele. Eu estava encurralada entre a parede e seu corpo, lutando com os botões de sua camisa, os nós dos dedos esbarrando contra os músculos rígidos sob o tecido.

Tirei a camisa de seus ombros, fechando a porta do meu cérebro que me avisava que eu estava cometendo um grande erro. Eu não queria me ouvir, com medo do que poderia encontrar do outro lado. Sabia que estava me preparando para me machucar mais, no entanto, não conseguia resistir a ele. Tudo em que eu conseguia pensar era que, se Patch estivesse mesmo em meu sonho, a noite inteira poderia ser um segredo nosso. Os arcanjos não podiam nos

ver. Aqui todas as suas regras viravam fumaça. Poderíamos fazer o que quiséssemos e eles nunca saberiam. Ninguém saberia.

Patch me encontrou no meio do caminho, libertando os braços das mangas da camisa e a jogando longe. Passei as mãos nos músculos perfeitamente esculpidos que me levavam à loucura. Eu sabia que ele não podia sentir nada daquilo, do ponto de vista físico, mas dizia a mim mesma que era o amor que o dominava naquele momento. O amor que sentia por mim. Não me permiti pensar na sua incapacidade de sentir o meu toque ou em quanto aquele encontro significava realmente para ele. Eu apenas o queria. Agora.

Ele me ergueu e eu envolvi sua cintura com as pernas. Vi seu olhar vagar da cômoda para a cama e meu coração deu cambalhotas de desejo. O pensamento racional me abandonou. A única coisa que eu sabia era que faria o que fosse necessário para me manter naquele lugar de descontrole. Tudo estava acontecendo rápido demais, mas a certeza selvagem sobre o nosso destino era um alívio para a raiva insensível e destrutiva que me consumira por toda aquela semana.

Foi o último pensamento que registrei antes que a ponta do meu dedo esbarrasse no lugar onde as asas se juntavam a suas costas.

Antes que pudesse impedir, fui rapidamente sugada para dentro das lembranças dele.

***

O cheiro de couro, a sensação suave e escorregadia dele sob as minhas coxas me disseram que eu me encontrava dentro do Jeep de Patch antes mesmo que meus olhos se acostumassem completamente à escuridão. Eu estava no banco de trás, com Patch atrás do volante e Marcie no assento do carona. Ela usava o mesmo vestido colado e as botas altas que eu havia visto menos de três horas antes.

Naquela mesma noite, portanto. As lembranças de Patch tinham voltado apenas algumas horas.

— Ela arruinou meu vestido — disse Marcie, segurando o tecido que caía em suas coxas. — Agora estou congelando. E fedendo a refrigerante.

— Quer meu casaco? — perguntou Patch, sem tirar os olhos da rua.

— Onde ele está?

— No banco de trás.

Marcie destravou o cinto de segurança, pôs um joelho sobre o console e tirou a jaqueta de couro de Patch do assento a meu lado. Quando estava novamente olhando para a frente, tirou o vestido pela cabeça e deixou que caísse a seus pés. Exceto pela calcinha, ela estava completamente nua.

Soltei uma exclamação abafada.

Ela enfiou os braços na jaqueta de Patch e a fechou.

— Pegue a próxima à esquerda — instruiu.

— Eu sei o caminho da sua casa — disse Patch, virando o Jeep para a direita.

— Não quero ir para casa. No segundo quarteirão, vire a esquerda.

Mas, depois de dois quarteirões, Patch seguiu em frente.

— Bem, você não é divertido — exclamou Marcie, fazendo biquinho. — Não ficou nem um pouquinho curioso em saber aonde eu ia levá-lo?

— Está tarde.

— Você está me rejeitando? — perguntou ela, timidamente.

— Vou deixar você na sua casa e depois vou para a minha.

— Por que não posso ir para lá?

— Talvez um dia desses — disse Patch.

Ah, é mesmo? Era o que eu queria dizer para Patch. *Foi mais do que eu jamais ouvi!*

— Isso não é muito específico — comentou Marcie com um sorriso forçado, levantando os tornozelos e exibindo centímetros de perna.

Patch não disse nada.

— Então, amanhã à noite — afirmou Marcie. Ela fez uma pausa e prosseguiu com uma voz aveludada. — Não que você tenha aonde ir. Sei que Nora terminou com você.

As mãos de Patch apertaram o volante.

— Ouvi dizer que agora ela anda com Scott Parnell. Você sabe, o garoto novo. É bonitinho, mas ela saiu perdendo.

— Não quero falar sobre Nora.

— Ótimo, porque eu também não quero. Quero falar sobre nós dois.

— Você não estava namorando?

— A palavra-chave é *estava*.

Patch virou abruptamente à direita, levando o Jeep para o acesso à casa de Marcie. E não desligou o motor.

— Boa noite, Marcie.

Ela se demorou mais um momento no assento e depois riu.

— Não vai me levar até a porta?

— Você é uma garota forte, capaz.

— Se meu pai estiver olhando, ele não vai gostar — disse ela, estendendo a mão para endireitar a gola de Patch. A mão permaneceu ali mais do que era apropriado.

— Ele não está olhando.

— Como pode ter certeza?

— Confie em mim.

Marcie abaixou ainda mais a voz, sedutora e envolvente.

— Sabe, eu realmente admiro sua força de vontade. Você me mantém em dúvida, e eu gosto disso. Mas vamos manter tudo perfeitamente claro. Não estou em busca de um relacionamento. Não gosto de relações confusas e complicadas. Não quero mágoas, sinais contraditórios nem ciúme… quero apenas diversão. Estou em busca de diversão. Pense nisso.

Pela primeira vez, Patch virou-se para encarar Marcie.

— Vou me lembrar disso.

Vi o perfil de Marcie sorrir. Ela se debruçou sobre o console e deu um beijo lento e tórrido em Patch. Ele começou a se afastar, depois

parou. Poderia ter interrompido aquele beijo a qualquer momento, mas não o fez.

— Amanhã à noite — murmurou Marcie, finalmente se afastando. — Na sua casa.

— Seu vestido — falou, apontando para a pilha úmida no chão.

— Mande lavar e me devolva amanhã à noite. — Ela saiu do Jeep e correu até a porta da frente, por onde logo passou.

***

Afrouxei os braços em volta do pescoço de Patch. Eu me senti atingida demais pelo que tinha visto, a ponto de ser incapaz de pronunciar uma palavra sequer. Era como se ele tivesse me jogado um balde de água gelada. Meus lábios estavam inchados pela aspereza de seu beijo e meu coração, igualmente inflamado.

Patch estava em meu sonho. Estávamos dividindo um sonho. De alguma forma, era real. Toda a ideia era sinistra e surreal, quase impossível, mas tinha que ser verdadeira. Se não estivesse aqui, se não tivesse se introduzido silenciosa e disfarçadamente em meu sonho, eu não poderia ter tocado em suas cicatrizes e ter sido lançada em suas lembranças.

Mas isso tinha acontecido. A recordação era viva, genuína e real demais.

Pela minha reação, Patch percebeu que não era bom o que eu havia visto. Seus braços prenderam meus ombros e ele lançou a cabeça para trás para olhar o teto.

— O que você viu? — perguntou em voz baixa.

O som de meu coração pulsava entre nós.

— Você beijou Marcie — afirmei, mordendo o lábio com força para impedir que meus olhos se enchessem de lágrimas.

Ele passou as mãos no rosto e apertou a ponte do nariz.

— Diga que é uma ilusão. Diga que é um truque. Diga que ela tem algum tipo de poder sobre você, que você não tem escolha quando se trata de ficar com ela.

— É complicado.

— Não — falei, sacudindo a cabeça com força. — Não me diga que é complicado. Nada é mais complicado… não depois do que passamos. O que você espera de um relacionamento com ela?

Os olhos dele chicotearam os meus.

— Não é amor.

Um vazio começou a me consumir. Todas as peças se encaixaram e, subitamente, compreendi. Estar com Marcie tinha a ver com uma satisfação barata. *Auto*ssatisfação. Ele nos via como conquistas. Era um jogador. Cada garota era um novo desafio, uma relação de curto prazo para alargar seus horizontes. Ele encontrou sucesso na arte da sedução. Não se importava com o meio ou com o final da história — só com o começo. E, como todas as outras garotas, eu tinha cometido um erro enorme ao me apaixonar por ele. No momento em que me apaixonei, ele fugiu. Bem, ele nunca precisaria se preocupar em ver Marcie confessando seu amor. Ela só amava a si mesma.

— Você me faz mal — declarei, a voz trêmula com acusação.

Patch se agachou, os cotovelos apoiados nos joelhos, o rosto enterrado nas mãos.

— Não vim aqui para magoá-la.

— Por que você veio? Para aprontar escondido dos arcanjos? Para me magoar mais do que já fez?

Não esperei a resposta. Tateei o pescoço e arranquei a corrente de prata que ele havia me dado dias antes. Ela se soltou de minha nuca com tanta força que eu deveria ter gemido, mas já sentia dor demais para perceber mais alguma. Eu deveria ter lhe devolvido o cordão no dia em que nós terminamos, mas percebi um pouco tarde que, até aquele momento, eu não havia perdido a esperança. Ainda acreditava em nós. Tinha me segurado à crença de que ainda havia um jeito de fazer com que ficássemos juntos. Que completo desperdício!

Joguei a corrente nele.

— E quero meu anel de volta.

Seus olhos escuros ficaram pousados sobre mim mais um momento. Depois ele se curvou e pegou a camisa.

— Não.

— O que quer dizer com isso? Quero o anel de volta!

— Você me deu de presente — disse ele baixo, mas sem delicadeza.

— Bem, mudei de ideia! — gritei. Meu rosto estava vermelho, meu corpo inteiro ardia de fúria. Ele guardava o anel porque sabia o quanto significava para mim. Ele o guardava porque, apesar de sua ascensão à condição de anjo da guarda, sua alma era tão negra quanto na época em que o conheci. E o maior erro que eu havia cometido fora me iludir, achando que fosse diferente. — Dei o anel para você quando eu era suficientemente idiota para acreditar que o amava! — Estendi a mão. — Me devolva. Agora.

Não podia suportar a ideia de Patch ficar com o anel do meu pai. Ele não o merecia. Não merecia ficar com a única lembrança tangível que eu tinha de um amor verdadeiro.

Patch saiu, ignorando meu pedido.

***

Abri os olhos.

Acendi o abajur. Minha visão voltou a reconhecer todas as cores. Sentei-me, e uma onda de adrenalina aquecia minha pele. Pus a mão no pescoço, para encontrar a corrente de prata de Patch, mas ela não estava mais lá. Passei a mão pelos lençóis amassados, achando que poderia ter caído enquanto eu dormia.

Mas a corrente desaparecera.

O sonho era verdadeiro.

Patch havia descoberto um jeito de me visitar enquanto eu dormia.

CAPÍTULO
11

Na segunda-feira, depois da aula, Vee me deixou biblioteca. Fiquei por um momento do lado de fora, para ligar para minha mãe e saber como estavam as coisas, algo que eu fazia diariamente. Como sempre, ela me falou que andava muito ocupada com o trabalho e eu lhe disse que o mesmo acontecia comigo, na escola.

Dentro do prédio, peguei o elevador até o laboratório de informática, no terceiro andar, verifiquei os e-mails, entrei no Facebook e na página de Perez Hilton. Só para me torturar, procurei "Mão Negra" no Google, mais uma vez. Os mesmos links apareceram. Eu não estava mesmo esperando alguma novidade, estava? Finalmente, sem ter mais o que fazer para passar o tempo, abri o livro de química e me resignei a ter que estudar.

Estava tarde quando resolvi parar e procurar uma máquina de lanches. Lá fora, das janelas da biblioteca que davam para o oeste, o sol parecia afundado no horizonte e a noite se aproximava depressa. Ignorei o elevador, preferindo as escadas, pois sentia necessidade de me mexer um pouco. Eu tinha ficado sentada por tanto tempo que minhas pernas começaram a ficar dormentes.

No saguão, coloquei alguns dólares na máquina e levei um pretzel e uma lata de suco de amora de volta ao terceiro andar. Quando cheguei ao laboratório de informática, Vee estava sentada na minha mesa, com os reluzentes sapatos de salto alto amarelos sobre a minha cadeira. Sua expressão era um misto de bom humor um tanto convencido com aborrecimento. Ela segurava um pequeno envelope preto no ar, preso entre os dedos.

— É para você — disse ela, jogando o envelope sobre a mesa. — E isso também. — Ela estendeu um saco de papel de confeitaria, fechado. — Achei que você estaria com fome.

Julgando pelo ar de desdém de Vee, tive uma sensação ruim sobre o cartão e aproveitei a oportunidade para dar atenção ao que estava dentro do saco.

— Cupcakes!

Vee sorriu.

— A atendente da confeitaria me disse que eram orgânicos. Não sei muito bem como se faz um cupcake orgânico, nem sei por que custam mais, mas aí estão eles.

— Você é minha heroína.

— Quanto tempo você acha que ainda vai ficar aqui?

— No máximo meia hora.

Ela depositou as chaves do Neon do lado da minha mochila.

— Rixon e eu vamos comer alguma coisa, então você será sua própria motorista esta noite. Estacionei o Neon na garagem subterrânea. Fila B. Tenho apenas um quarto de combustível no tanque, por isso não faça loucuras.

Peguei as chaves tentando ignorar a desagradável ferroada em meu coração, que reconheci imediatamente como inveja. Eu tinha inveja do novo relacionamento de Vee com Rixon. Inveja de seus planos para o jantar. Inveja de que agora ela estivesse mais próxima de Patch do que eu, porque, apesar de Vee jamais mencionar isso, eu tinha certeza de que ela esbarrava com ele quando estava com Rixon. Até onde eu sabia, os três assistiam a filmes juntos toda noite. Os três, acomodados no sofá de Rixon, enquanto eu ficava sozinha na casa de fazenda. Eu queria desesperadamente perguntar a Vee sobre Patch, mas a verdade era que eu não conseguia. Eu havia terminado com ele. Tinha feito a cama, agora tinha que me deitar nela.

Mas, pensando bem, qual seria o problema de fazer uma perguntinha?

— Ei, Vee?

Ela se virou, na porta.

— Diga.

Abri a boca, e foi nesse momento que me lembrei do orgulho. Vee era minha melhor amiga, mas também tinha uma boca grande. Se eu perguntasse sobre Patch, corria o risco de ele ficar sabendo disso por tabela. Ele descobriria como estava sendo difícil viver sem ele. Forcei um sorriso.

— Obrigada pelos cupcakes.

— De nada, querida.

Depois que Vee saiu, tirei a forminha de papel de um dos bolinhos e comi na solidão do laboratório, ao som do suave zumbido dos computadores.

Estudei por mais meia hora e comi outros dois cupcakes antes de ousar olhar para o envelope negro no canto do meu campo de visão. Sabia que não poderia evitá-lo a noite inteira.

Rompi o lacre e tirei de dentro um cartão negro com um pequeno coração gravado no meio. As palavras *Sinto muito* o atravessavam. O papel tinha um perfume agridoce. Levantei-o até o nariz e respirei fundo, tentando identificar o perfume estranhamente inebriante. O cheiro de frutas queimadas e temperos químicos chegou ao fundo da minha garganta. Abri o cartão.

Fui um idiota ontem à noite. Você me perdoa?

Automaticamente, deslizei o cartão para longe. *Patch.* Eu não sabia como interpretar o pedido de desculpas e não gostava da comoção que ele causava dentro de mim. Verdade, ele tinha agido como um idiota. E será que achava que um cartão de papelaria apagaria tudo? Nesse caso, ele subestimava o dano que causara. Ele havia beijado Marcie. *Beijado!* E não era só isso, também havia invadido meus sonhos. Eu não tinha a mínima ideia de como ele havia feito aquilo, mas, quando acordei, pela manhã, sabia que tinha estado lá. Era mais do que apenas um pouco irritante. Se ele podia invadir a intimidade dos meus sonhos, o que mais poderia fazer?

— Dez minutos para fechar — murmurou uma bibliotecária, da entrada.

Mandei imprimir o trabalho de três parágrafos sobre aminoácidos, juntei meus livros e os joguei dentro da mochila. Peguei o cartão de Patch, hesitei uma vez, depois piquei-o em pedacinhos e joguei tudo na lixeira. Se ele quisesse pedir desculpas, que o fizesse pessoalmente. Não usando Vee e não nos meus sonhos.

Na metade do caminho para pegar meu trabalho na impressora, precisei me apoiar na mesa mais próxima. O lado direito do meu corpo parecia estar mais pesado do que o esquerdo e meu equilíbrio vacilou. Dei outro passo e minha perna direita cedeu, como se fosse de papel. Agachei-me, segurando a mesa com as duas mãos, enfiando a cabeça entre os cotovelos para fazer com que o sangue voltasse a circular em meu cérebro. Uma sensação morna e sonolenta tomou conta das minhas veias.

Consegui me levantar ainda trêmula, mas alguma coisa estava errada com as paredes. Pareciam estranhamente longas e estreitas, como se eu olhasse um espelho naqueles labirintos de um parque de diversões. Pisquei várias vezes, tentando focar a visão.

Meus ossos pesaram como ferro, recusando-se a sair do lugar, e minhas pálpebras se fecharam diante das luzes fluorescentes. Em pânico, mandei que se abrissem, mas meu corpo não me deu atenção. Senti como se dedos mornos se fechassem em volta da minha mente, ameaçando me fazer adormecer.

O perfume, pensei vagamente. *No cartão de Patch.*

Eu estava de quatro naquele momento. Estranhos retângulos dançavam à minha volta, rodopiando. Portas. A sala estava cheia de portas abertas. Mas quanto mais rápido eu engatinhava para elas, mais elas se afastavam. Na distância, ouvi um tique-taque sombrio. Afastei-me do som, suficientemente lúcida para saber que o relógio ficava no fundo da sala, no lado oposto ao da porta.

Momentos depois, percebi que meus braços e pernas não se moviam mais. A sensação de engatinhar não passava de uma ilusão da minha cabeça. O carpete áspero, industrial, amorteceu o meu rosto. Lutei mais uma vez para me levantar, mas logo fechei os olhos, todas as luzes desapareceram.

***

Acordei no escuro.

O ar artificialmente frio fez minha pele se arrepiar, e um zumbido de máquinas preenchia o ambiente ao meu redor. Pus as mãos sob meu corpo, mas, quando tentei me levantar, manchas púrpuras e negras dançaram na minha frente. Engoli, sentindo uma textura de algodão grosso em minha boca, e virei-me sobre as costas.

Foi quando lembrei que estava na biblioteca. Pelo menos eu estava quase certa de que era onde me encontrava. Não me lembrava de ter saído. Mas o que eu estava fazendo no chão? Tentei recordar como havia chegado até lá.

O cartão de Patch. Eu tinha inalado o perfume estranho e acre. Logo depois, eu caíra no chão.

Será que eu tinha sido *drogada*?

Será que *Patch* havia me drogado?

Fiquei ali, com o coração batendo forte, os olhos piscando tão rápido que uma piscadela se sobrepunha à seguinte. Tentei me levantar pela segunda vez, mas parecia que uma bota de aço estava plantada no meio do meu peito. Na segunda tentativa, mais determinada, fui capaz de me sentar. Segurando-me a uma mesa, consegui, com esforço, me levantar completamente. Meu cérebro protestava, eu estava tonta, mas meu olhar encontrou a mancha esverdeada da placa de saída sobre a porta do laboratório. Cambaleei até lá.

Virei a maçaneta. A porta se abriu alguns centímetros, depois parou. Eu estava a ponto de fazer mais força quando vi, pela janela da porta, algo que chamou minha atenção. Franzi a testa. *Que estranho!* Alguém havia amarrado a ponta de uma corda na maçaneta do lado de fora e prendido a outra ponta na maçaneta da porta da outra sala.

Apertei a mão contra o vidro.

— Oi! — gritei, com a voz um tanto grogue. — Alguém está me ouvindo?

Tentei abrir novamente a porta, usando toda a minha força, que não era muita, pois meus músculos pareciam se derreter como manteiga aquecida no minuto em que tentava usá-los. A corda estava tão esticada entre as duas maçanetas que eu só conseguia abrir, no máximo, uns cinco centímetros. Não era o suficiente para permitir que eu me espremesse e saísse dali.

— Tem alguém aí? — gritei pela abertura da porta. — Estou presa no terceiro andar!

A biblioteca respondeu com silêncio.

Quando meus olhos se acostumaram completamente à escuridão, encontrei o relógio na parede. *Onze horas?* Como podia ser? Eu tinha mesmo dormido mais de duas horas?

Peguei o celular, mas estava sem sinal. Tentei entrar na internet, mas recebi várias vezes a informação de que não era possível me conectar.

Examinando freneticamente o laboratório de informática, passei os olhos por todos os objetos, procurando alguma coisa que eu pudesse usar para sair dali. Computadores, cadeiras giratórias, arquivos… nada me pareceu especialmente útil. Ajoelhei-me ao lado da abertura de ventilação e gritei:

— Alguém está me ouvindo? Estou presa no laboratório de informática, no terceiro andar!

Esperei, rezando para ouvir alguma resposta. Minha única esperança era que ainda houvesse um bibliotecário por ali, terminando algum trabalho antes de ir embora. Mas faltava apenas uma hora para a meia-noite e eu sabia que as chances eram muito pequenas.

Lá fora, na área principal da biblioteca, engrenagens entraram em ação no momento em que o elevador no final do corredor saiu do chão. Voltei minha cabeça na direção do som.

Uma vez, quando eu tinha uns 4 ou 5 anos, meu pai me levou à praça para me ensinar a andar de bicicleta sem rodinhas. No final da tarde, eu já conseguia dar a volta completa sem ajuda. Ele me deu um grande abraço e disse que estava na hora de voltar para casa e mostrar para mamãe. Pedi para dar mais duas voltas e

combinamos que eu daria mais uma. No meio do caminho, perdi o equilíbrio e caí. Estava começando a levantar a bicicleta quando vi um grande cão marrom, não muito distante. Ele olhava para mim. Naquele momento, enquanto ficamos ali nos olhando, ouvi uma voz sussurrar: *Não se mexa*. Engoli em seco e fiquei parada, apesar de minhas pernas desejarem correr o mais rápido possível até a segurança dos braços do meu pai.

O cão levantou as orelhas e foi na minha direção com passos agressivos. Tremi de medo, mas continuei paralisada. Quanto mais ele se aproximava, mais eu queria correr, porém sabia que, no momento em que me mexesse, o instinto caçador do animal seria acionado. Na metade do caminho, o cão perdeu o interesse pelo meu corpo rígido e saiu em outra direção. Perguntei a meu pai se ele havia ouvido a mesma voz que me dizia para ficar parada e ele respondeu que era o instinto. E que, se eu prestasse atenção ao que ele me dizia, em nove entre dez situações eu estaria tomando a melhor decisão.

O instinto agora me dizia: *Saia daí.*

Arranquei o monitor da mesa mais próxima e o joguei contra a janela envidraçada. O vidro se espatifou deixando um enorme buraco no centro. Peguei o furador de papel da bancada perto da porta e o usei para derrubar o resto do vidro. Então arrastei uma cadeira, apoiei o pé na moldura da janela e pulei para o corredor.

O elevador chiava e vibrava com mais intensidade, passando pelo segundo andar. Saí correndo. Fui tateando com os braços, com dificuldade, sabendo que precisava alcançar a escadaria ao lado do elevador antes que ele subisse ainda mais e que quem quer que estivesse lá dentro pudesse me ver. Empurrei a porta da escada, desperdiçando vários minutos preciosos para garantir que ela se fechasse sem fazer ruído atrás de mim. Do outro lado da porta, o elevador parou. A porta retrátil se abriu e alguém saiu. Usei o corrimão para me impulsionar, procurando fazer o mínimo barulho nos degraus. Estava no meio da descida do segundo lance quando a porta se abriu lá em cima. Parei onde estava, sem querer alertar quem quer que fosse para o fato de que eu estava ali.

Nora?

Minha mão deslizou pelo corrimão. Era a voz de meu pai.

Nora? Você está aí?

Engoli em seco, querendo responder. Então me lembrei do que acontecera na casa.

Pare de se esconder. Você pode confiar em mim. Deixe-me ajudá-la. Venha até aqui para que eu possa vê-la.

O tom era estranho e autoritário. Na casa, quando ouvi a voz de meu pai pela primeira vez, ela era suave e gentil. Aquela mesma voz havia me dito que não estávamos sozinhos e que eu precisava ir embora. Quando ele voltou a falar, a voz estava diferente. Parecia dura e fingida. E se meu pai *tivesse* mesmo tentado entrar em contato comigo? E se ele tivesse precisado fugir e a segunda voz, mais estranha, fosse de alguém que fingia ser ele? Dei mais crédito à ideia de que alguém pudesse estar tentando se passar por meu pai, para me atrair.

Passos pesados desciam rapidamente a escada, fazendo-me abandonar as especulações. Ele vinha atrás de mim.

Desci os degraus ruidosamente, sem me importar mais em não fazer barulho. *Mais rápido!*, gritei para mim mesma. *Corra mais rápido!*

Ele estava diminuindo a distância, a menos de um lance de escadas. Quando meus sapatos alcançaram o térreo, lancei-me porta afora, atravessei o saguão e saí pela entrada principal para o meio da noite.

O ar estava morno e parado. Eu corria na direção dos degraus que levavam até a rua quando fiz uma súbita mudança de planos. Sentei-me no corrimão à esquerda das portas e escorreguei uns três metros até cair em um pátio cheio de grama. Lá em cima, as portas da biblioteca se abriram. Grudei na parede de concreto, com os pés afundados em lixo e mato.

No minuto em que ouvi as batidas lentas de sapatos que desciam os degraus de concreto, contornei o quarteirão correndo. A biblioteca não tinha estacionamento próprio. Dividia uma garagem subterrânea com o Tribunal de Justiça. Desci correndo a rampa do

estacionamento, passei por baixo da cancela e varri a garagem em busca do Neon. Onde Vee dissera que tinha estacionado?

Fila B…

Corri uma fileira atrás da outra até ver a parte de trás do Neon em uma das vagas. Enfiei a chave na porta e me joguei atrás do volante, ligando o motor. Eu tinha acabado de levar o Neon até a rampa de subida quando um utilitário grande e escuro contornou a esquina. O motorista engrenou e partiu direto para cima de mim.

Passei a segunda marcha e pisei fundo no acelerador, dando uma fechada no carro segundos antes de ele bloquear a saída e me prender no interior do estacionamento.

Minha mente estava abalada demais para que eu pudesse pensar claramente no que faria em seguida. Segui acelerando por dois quarteirões, avancei um sinal vermelho e dobrei na Walnut. O outro carro acelerou e entrou logo atrás de mim. O limite de velocidade ali passou para setenta e agora havia duas pistas, então acelerei o Neon para oitenta quilômetros por hora, alternando o olhar entre a rua e o espelho retrovisor.

Sem ligar a seta, virei bruscamente o volante entrando em uma transversal. O utilitário raspou a calçada, me seguindo. Fiz mais duas curvas bruscas à direita, rodei o quarteirão e voltei para a Walnut. Manobrei para a frente de um cupê branco de duas portas, colocando-o entre mim e o utilitário. O sinal ficou amarelo e acelerei para passar pelo cruzamento enquanto o sinal ficava vermelho. Com os olhos colados no retrovisor, vi o carro branco parar. Atrás dele, o utilitário grande também parou, cantando pneus.

Respirei fundo várias vezes. O ritmo acelerado do meu coração fazia com que meus braços latejassem. Minhas mãos continuavam agarradas ao volante.

Subi a Walnut, mas, assim que cheguei do outro lado da colina, cruzei a pista e virei à esquerda. O carro sacudiu quando passei pelos trilhos do trem, costurando o caminho por um bairro escuro e decadente, onde se viam casas de tijolo de apenas um andar. Eu sabia onde estava: no Matadouro. O bairro ganhou o apelido mais

de uma década atrás, quando três adolescentes trocaram tiros em um parquinho.

Diminuí a velocidade quando uma casa recuada da rua chamou minha atenção. Não havia luz alguma. Uma garagem aberta e vazia ficava isolada nos fundos da propriedade. Dei ré no Neon para entrar no acesso e na garagem. Depois de verificar três vezes que os trincos da porta estavam fechados, desliguei os faróis. Esperei, temendo que a qualquer momento as luzes do utilitário aparecessem pela rua.

Revirei a bolsa até encontrar o celular.

— Ei — respondeu Vee.

— Alguém mexeu no cartão de Patch? — quis saber, agitada.

— Ahn?

— Patch lhe entregou o cartão diretamente? Foi Rixon? Quem mais tocou nele?

— Você não quer me dizer qual é o problema?

—Acho que fui drogada.

Silêncio.

— Você acha que havia alguma droga no cartão? — repetiu Vee finalmente, com a voz cheia de dúvidas.

— O papel estava perfumado — expliquei com impaciência. — Diga quem lhe deu o cartão. Diga exatamente como foi parar nas suas mãos.

— No caminho da biblioteca, quando fui deixar os cupcakes, Rixon ligou para saber onde eu estava — relatou ela, lentamente. — Nos encontramos na biblioteca e Patch passou feito um foguete, na caminhonete de Rixon. Patch me entregou o cartão e pediu que eu o entregasse a você. Levei o cartão, os bolinhos e as chaves do Neon para você e saí para encontrar com Rixon.

— Ninguém mais tocou no cartão?

— Ninguém.

— Menos de meia hora depois de receber o cartão, eu desmaiei no chão da biblioteca. Só fui acordar duas horas depois.

Vee não respondeu na hora. Eu quase conseguia ouvir o esforço que ela fazia para pensar em tudo, tentando absorver as informações. Finalmente, ela disse:

— Tem certeza de que não foi apenas o cansaço? Você ficou muito tempo na biblioteca. Eu não conseguiria estudar tanto sem precisar de uma soneca.

— Quando acordei — prossegui —, havia alguém na biblioteca comigo. Acho que era a mesma pessoa que me drogou. Fui perseguida. Consegui sair, mas a pessoa me seguiu pela Walnut.

Mais silêncio atordoado.

— Por mais que eu não goste de Patch, devo lhe dizer que não consigo imaginar ele drogando você. Ele é um doido, mas tem limites.

— Então, quem pode ter sido? — perguntei. Minha voz estava um pouco estridente.

— Não sei. Onde você está agora?

— No Matadouro.

— *O quê?* Saia daí antes que você seja assaltada! Venha para cá. Passe a noite aqui. Vamos resolver isso juntas. Vamos entender o que aconteceu.

Mas as palavras pareciam apenas um consolo vazio. Vee estava tão perplexa quanto eu.

***

Fiquei escondida na garagem por cerca de vinte minutos antes de ter coragem de voltar para a rua. Meus nervos estavam em frangalhos; minha mente, em disparada. Decidi não pegar a Walnut, achando que o utilitário talvez estivesse subindo e descendo a rua, tentando me encontrar. Mantive-me nas ruas secundárias e ignorei o limite de velocidade, dirigindo numa pressa imprudente para a casa de Vee.

Eu já estava chegando lá quando reparei nas luzes azuis e vermelhas refletidas no retrovisor.

Parei o Neon em um canto da rua, apoiei a cabeça no volante. Sabia que tinha excedido a velocidade e estava frustrada comigo mesma por ter feito aquilo, mas, de *todas* as noites, aquela era a pior para ser parada pela polícia.

Um momento depois, alguém batia na janela. Apertei o botão para abri-la.

— Bem, bem — disse o detetive Basso. — Há quanto tempo.

Não podia ser outro policial?, pensei. *Qualquer outro…*

Ele sacou o bloquinho de multas.

— Carteira de motorista e documentos do carro, você sabe como é.

Ciente de que não havia como escapar da multa — não com o detetive Basso —, não vi motivos para fingir arrependimento.

— Não sabia que o trabalho de detetive incluía aplicar multas por excesso de velocidade.

Ele deu um sorrisinho agressivo.

— Onde é o incêndio?

— Posso receber a multa e ir para casa?

— Alguma bebida alcoólica no interior do veículo?

— Pode olhar — falei, mostrando as palmas das mãos.

Ele abriu a porta para mim.

— Saia.

— Por quê?

— Saia daí — ele apontou para a linha tracejada dividindo a rua — e caminhe por aquela linha.

— Você acha que estou bêbada?

— Acho que você é maluca, mas estou aproveitando para verificar se está sóbria.

Saí do carro e bati a porta.

— Quanto quer que eu ande?

— Até que eu mande você parar.

Concentrei-me em colocar os pés sobre a linha, mas a cada vez que olhava para baixo, minha visão ficava distorcida. Ainda sentia os efeitos da droga prejudicando minha coordenação motora, e

quanto mais eu me esforçava em manter os pés sobre a linha, mais eu invadia a estrada.

— Você não pode simplesmente me multar, me dar uma bronca e me mandar para casa?

Meu tom era de rebeldia, mas eu me sentia gelada por dentro. Se eu não conseguisse andar em linha reta, o detetive Basso talvez me jogasse na cadeia. Eu já estava abalada e não achava que fosse capaz de passar uma noite atrás das grades. E se o homem da biblioteca voltasse a me perseguir?

— Muitos policiais de cidades pequenas deixariam você escapar assim, com toda certeza. Alguns até aceitariam suborno. Não sou um deles.

— Faria diferença você saber que fui drogada?

Ele deu uma gargalhada seca.

— Drogada.

— Meu ex-namorado me mandou um cartão perfumado, no início da noite. Abri o cartão e a única coisa que eu sei é que desmaiei.

Como o detetive Basso não me interrompeu, eu prossegui.

— Dormi por mais de duas horas. Quando acordei, a biblioteca estava fechada. Fiquei trancada no laboratório de informática. Alguém amarrou a maçaneta… — interrompi a frase, fechando a boca.

Ele fez um gesto como se pedisse mais informações.

— Vamos lá. Não me deixe aqui nesse suspense.

Percebi um pouco tarde demais que eu acabara de me incriminar. Tinha dito que estava na biblioteca à noite, no laboratório de informática. A primeira coisa que aconteceria amanhã, quando a biblioteca abrisse, seria alguém prestar uma queixa sobre a janela quebrada para a polícia. E eu não tinha dúvida sobre quem seria a primeira pessoa que o detetive Basso procuraria.

— Você estava no laboratório de informática — repetiu ele. — O que aconteceu em seguida?

Era tarde demais para recuar. Eu tinha que terminar a história e torcer por um final feliz. Talvez algo que eu dissesse pudesse

convencer o detetive Basso de que não tinha sido culpa minha, de que tudo o que eu havia feito era justificado.

— Alguém havia prendido a porta do laboratório de informática para que eu não pudesse sair de lá. Joguei um computador pela janela para escapar.

Ele inclinou a cabeça para trás e riu.

— Existe um nome para garotas como você, Nora Grey. Arruaceiras. Vocês são como uma mosca que ninguém consegue espantar. — Ele voltou para a patrulha e puxou o rádio pela janela do lado do motorista. Pelo aparelho, falou: — Preciso que alguém dê uma passada na biblioteca e verifique o laboratório de informática. Depois me digam o que foi encontrado.

Ele se apoiou contra o carro, os olhos fustigando o relógio.

— Quanto tempo você acha que vão levar para me dar um retorno? Consegui sua confissão, Nora. Poderia enquadrá-la por invasão e vandalismo.

— Para haver invasão, eu não poderia ter ficado *presa* no interior da biblioteca contra a minha vontade — argumentei. Minha voz soou nervosa.

— Se alguém a drogou e a encurralou no laboratório, o que você está fazendo agora voando pela Hickory a noventa quilômetros por hora?

— Não era para eu escapar. Consegui sair da sala quando ele chegava de elevador, para me pegar.

— Ele? Você o viu? Faça uma descrição.

— Eu não o vi, mas era um homem. Os passos eram pesados quando ele desceu as escadas, atrás de mim. Pesados demais para uma mulher.

— Você está gaguejando. Geralmente isso quer dizer que a pessoa está mentindo.

— Não estou mentindo. Fiquei presa no laboratório e alguém vinha de elevador para me pegar.

— Claro.

— Quem mais estaria no prédio tão tarde assim? — retruquei.

— Alguém da limpeza? — sugeriu ele, com facilidade.

— Não estava vestido como alguém da limpeza. Quando olhei para cima, na escada, vi calça e tênis escuros.

— Então, quando eu levá-la ao tribunal, você vai dizer ao juiz que é uma especialista em indumentária de empresas de limpeza?

— O cara me seguiu para fora da biblioteca, entrou no carro e me perseguiu. Uma pessoa da limpeza não faria isso.

O rádio começou a chiar e o detetive Basso se abaixou para pegar o receptor.

— Acabei de vistoriar a biblioteca — a voz de um homem soava no rádio, em meio à interferência. — Nada.

O detetive Basso lançou um olhar frio e cheio de suspeita para mim.

— Nada? Você tem certeza?

— Repito: nada.

Nada? Em vez de alívio, senti pânico. Eu tinha arrebentado a janela do laboratório. *Eu tinha feito isso*. Era real. Não era minha imaginação. Não… era.

Acalme-se!, ordenei a mim mesma. Isso já havia acontecido antes. Não era novidade. No passado, era um jogo de manipulação. Era alguém nos bastidores, tentando manipular minha mente. Aquilo estaria acontecendo de novo? Mas… *por quê?* Eu precisava entender. Sacudi a cabeça de forma ridícula, desejando que aquele gesto extraísse uma resposta de dentro de mim.

O detetive Basso arrancou a primeira folha do bloco de multas e a pôs na minha mão.

Meus olhos encontraram o valor devido, no pé da página.

— Duzentos e vinte e nove dólares?!

— Você estava a mais de setenta quilômetros por hora, dirigindo um carro que não lhe pertence. Pague a multa ou a verei no tribunal.

— Não… não tenho tanto dinheiro assim.

— Arranje um emprego. Talvez assim você não se meta mais em encrencas.

— Por favor, não faça isso comigo — falei, usando em minha voz toda a capacidade que eu tinha para implorar.

O detetive Basso me encarou.

— Há dois meses, um garoto sem documentos de identidade, sem família e sem passado conhecido acabou morto no ginásio da escola…

— A morte de Jules foi classificada como suicídio — declarei, automaticamente, mas o suor descia por minha nuca. O que isso tinha a ver com a minha multa?

— Na mesma noite em que ele desapareceu, a psicóloga da escola incendiou sua casa e depois também se foi. Existe uma ligação entre esses dois incidentes bizarros. — Seus olhos castanhos me encararam. — Você.

— O que está querendo dizer?

— Diga-me o que realmente aconteceu naquela noite e posso fazer com que sua multa desapareça.

— Não sei o que aconteceu — menti, porque não havia alternativa. Dizer a verdade me deixaria em uma situação pior do que se tivesse que pagar a multa. Não poderia falar para o detetive Basso sobre os anjos caídos e os nefilins. Ele nunca acreditaria na minha história se eu confessasse que Dabria era um anjo da morte. Ou que Jules era descendente de um anjo caído.

— Você decide — disse o detetive Basso, sacando seu cartão de visitas e me entregando antes de se abaixar e entrar no carro. — Se mudar de ideia, sabe como me encontrar.

Olhei para o cartão enquanto ele arrancava. DETETIVE ECANUS BASSO. 207-555-3333.

A multa pareceu pesada em minha mão. Pesada e quente. Como eu arranjaria mais de duzentos dólares? Não poderia pegar emprestado com minha mãe — ela mal dava conta das compras de supermercado. Patch tinha dinheiro, mas eu havia lhe dito que sabia tomar conta de mim mesma. Tinha mandado que ele saísse da minha vida. O que pensaria de mim se eu lhe procurasse correndo na hora da encrenca? Eu estaria admitindo que ele tinha razão.

Eu estaria admitindo que precisava dele.

C A P Í T U L O

12

Na terça, depois da aula, eu estava saindo do prédio para me encontrar com Vee, que havia matado aula para ficar com Rixon mas prometera voltar à escola na hora do almoço para me dar carona para casa, quando meu celular apitou. Abri a mensagem de texto no mesmo instante em que Vee chamou meu nome aos berros, do outro lado da rua.

— Aqui, amiga! Estou aqui.

Caminhei em direção ao lugar onde ela havia estacionado e pousei os braços dobrados na janela aberta.

— E aí? Valeu a pena?

— Matar aula? É claro que sim. Rixon e eu passamos a manhã jogando Xbox na casa dele. Halo 2.

Ela se esticou e destrancou a porta do carona.

— Parece romântico — comentei, ao entrar.

— Não fale antes de experimentar. A violência deixa os caras no ponto.

— No ponto? Há algo que eu deva saber?

Vee abriu um sorriso resplandecente.

— Nós nos beijamos. Nossa, foi bom. Começou bem devagar e suave, depois Rixon começou a se empolgar…

— O.k.! — interrompi ruidosamente. Será que eu havia sido assim tão melosa quando Patch e eu estávamos juntos e Vee estava sozinha? Rezei para que não. — Para onde vamos agora?

Ela se meteu no meio do tráfego.

— Estou cansada de estudar. Preciso de um pouco de empolgação na minha vida, e isso não vai acontecer enquanto eu estiver com o nariz em um livro.

— Em que você está pensando?

— Old Orchard Beach. Estou a fim de um pouco de sol e praia. Além disso, meu bronzeado está precisando de um reforço…

Old Orchard Beach era uma ótima ideia. Tinha um píer comprido que avançava pela água, um parque de diversões, fogos de artifício e dança depois do anoitecer. Infelizmente, a praia precisaria esperar.

Sacudi o celular.

— Nós já temos planos para esta noite.

Vee inclinou a cabeça para ler a mensagem de texto e fez uma careta.

— Lembrete da festa de Marcie? Sério? Eu não sabia que vocês tinham virado melhores amigas.

— Ouvi dizer que perder essa festa é a forma mais segura de sabotar minha vida social.

— Ela é uma vadia! Perder a festa dela é a forma mais segura de tornar minha vida mais alegre.

— Talvez você queira reconsiderar, porque eu vou. E você vai comigo.

Vee apertou as costas contra o banco, os braços enrijecidos sobre o volante.

— Qual é a dela, afinal de contas? Por que convidou você?

— Somos parceiras na aula de química.

— Parece que você perdoou bem depressa aquele olho roxo.

— Vou ter que aparecer por lá, por pelo menos uma hora. Como sua colega de química — acrescentei.

— Então você está me dizendo que nós somos obrigadas a ir até a festa de Marcie hoje à noite porque você se senta ao lado dela todas as manhãs na aula de química.

Vee me lançou o olhar de quem sabe que as coisas não são bem assim.

Eu sabia que era uma desculpa esfarrapada, mas não tão esfarrapada quanto a verdade. Eu precisava ter certeza absoluta de que Patch estava mesmo com Marcie. Quando toquei em suas cicatrizes, duas noites antes, e fui transportada para suas

lembranças, Patch pareceu reservado em relação a Marcie. Até se beijarem, parecia seco com ela. Eu ainda não sabia ao certo o que ele sentia por ela. Mas, se estivesse em outra, ficaria bem mais fácil para mim fazer a mesma coisa. A confirmação de um relacionamento entre Patch e Marcie me permitiria odiá-lo com facilidade. E eu queria odiá-lo. Para nosso próprio bem.

— Estou sentindo cheiro de mentira, mentira das grandes — afirmou Vee. — Não se trata do que há entre você e Marcie. O que interessa é Patch e Marcie. Você quer saber como estão as coisas entre os dois.

Joguei as mãos para o céu.

— Tudo bem! O que há de errado nisso?

— Cara — disse ela, sacudindo a cabeça. — Você tem muita vontade de sofrer.

— Achei que poderíamos dar uma olhada no quarto dela. Ver se encontramos alguma prova de que os dois estão juntos.

— Como camisinhas usadas?

Subitamente, pareceu que meu lanche ia voltar garganta acima. Eu não havia pensado naquilo. Estavam dormindo juntos? Não. Não acreditava naquilo. Patch não faria aquilo comigo. Não com Marcie.

— Já sei! — gritou Vee. — A gente podia roubar o diário dela!

— Aquele que ela carrega desde o primeiro ano?

— Aquele que ela jura que faria o *National Enquirer* parecer bem comportado — completou Vee, estranhamente animada. — Se há algo acontecendo entre ela e Patch, vai estar no diário.

— Não sei.

— Ah, o que é isso? A gente devolve quando terminar. Não vai fazer mal a ninguém.

— E como vamos fazer isso? Jogá-lo pela janela e correr? Ela vai nos matar se descobrir que o pegamos.

— Isso! Vamos jogar pela janela ou pegá-lo durante a festa, lê-lo em algum lugar e devolver antes de sairmos.

— Parece errado fazer isso.

— Não vamos contar para ninguém o que lemos. Vai ser nosso segredo. Não é errado se ninguém se machuca.

Eu não estava convencida de que era uma boa ideia roubar o diário de Marcie, mas sabia perfeitamente que Vee não iria desistir. O mais importante era convencê-la a ir à festa comigo. Eu não tinha certeza de que seria suficientemente corajosa para ir sozinha, especialmente porque eu não esperava encontrar nenhum amigo por lá. Por isso, eu disse:

— Você me vai me buscar mais tarde, então?

— Pode contar comigo. Ei, será que podemos incendiar o quarto dela antes de irmos embora?

— *Não*. Ela não pode saber que andamos bisbilhotando.

— É, mas sutileza não é mesmo meu forte.

Olhei para o lado, com as sobrancelhas arqueadas.

— Jura?

***

Pouco depois das nove da noite, eu e Vee subimos a colina que levava ao bairro de Marcie. O mapa socioeconômico de Coldwater é definido por um simples teste: solte uma bolinha de gude em qualquer rua da cidade. Se a bolinha descer a ladeira, você é da classe alta. Se a bolinha não sair do lugar, você é da classe média. E se você perder a bolinha em um oceano de neblina, antes de ter a oportunidade de descobrir se ela vai rolar, você… bem, você mora no meu bairro. No meio do mato.

Vee acelerou o Neon ladeira acima. Marcie morava em um bairro antigo, com árvores ancestrais que se debruçavam sobre a rua, impedindo a passagem do luar. Os jardins das casas eram cuidados com paisagismo profissional e os acessos eram desenhados em semicírculos. Todas as casas tinham estilo georgiano colonial, brancas com frisos negros. Vee abrira as janelas do Neon e, a distância, ouvíamos as batidas ritmadas do hip-hop.

— Qual é mesmo o endereço dela? — perguntou Vee, forçando a vista para olhar pelo para-brisa. — Essas casas ficam tão longe da rua que eu não consigo ver os números nas paredes.

— Brenchley Street, 1.220.

Chegamos a um cruzamento e Vee entrou na Brenchley. A música aumentou enquanto contornávamos o quarteirão e imaginei que isso queria dizer que estávamos na direção certa. Havia carros estacionados, grudados uns aos outros, nos dois lados da rua. Quando passamos por uma antiga estrebaria elegantemente reformada, a música chegou ao auge, fazendo o carro vibrar. Hordas passavam pelo gramado, aglomerando-se na frente da casa. A casa de Marcie. Bastou olhar para ela para eu me perguntar por que a garota furtava lojas. Pela emoção? Para romper com a imagem que os pais haviam moldado com tanto cuidado e perfeição?

Não desperdicei muito tempo com tais pensamentos. Senti uma forte dor revirando o estômago. O Jeep Commander preto de Patch estava estacionado bem na entrada. Era óbvio que ele havia sido um dos primeiros a chegar. Provavelmente, tinha ficado a sós com Marcie horas antes de a festa começar. Fazendo o quê? Eu não queria saber. Respirei fundo e disse a mim mesma que poderia lidar com aquilo. Não era essa prova que eu estava procurando?

— O que você está pensando? — perguntou Vee, com o olhar também grudado ao Commander enquanto passávamos.

— Que eu quero vomitar.

— Seria ótimo se você fizesse isso no saguão de Marcie… Mas, falando sério: você aceita numa boa o fato de Patch estar aqui?

Cerrei a mandíbula, erguendo o queixo ligeiramente.

— Marcie me convidou. Tenho o mesmo direito de estar aqui que Patch. Não vou deixar que ele determine aonde devo ir ou o que devo fazer.

Engraçado, porque era *exatamente* o que eu estava fazendo.

A porta da frente da casa de Marcie estava aberta, levando a um salão de mármore escuro apinhado de corpos que se contorciam ao som de Jay-Z. O saguão se fundia a uma grande sala de visitas com

pé-direito alto e mobiliário vitoriano de madeira escura. Todos os móveis, incluindo a mesa de centro, estavam sendo usados como assentos. Vee hesitou na entrada.

— Só preciso de um minuto para me preparar psicologicamente — exclamou ela em voz alta, para que eu a ouvisse apesar da música. — Quer dizer, o lugar vai estar infestado de Marcie. Retratos de Marcie, móveis de Marcie, cheiros de Marcie. E, por falar em retratos, a gente deveria tentar encontrar alguns retratos antigos. Adoraria saber como o pai de Marcie era há dez anos. Quando os anúncios da concessionária dele passam na TV, eu não sei dizer se ele parece tão jovem graças à cirurgia plástica ou se usa um monte de maquiagem.

Agarrei o cotovelo dela e a puxei para mim.

— Você não vai me largar agora.

Vee olhou para dentro, franzindo a testa.

— Tudo bem, mas estou lhe avisando que se eu vir uma única calcinha, eu saio daqui. O mesmo vale para camisinhas usadas.

Abri a boca, mas tornei a fechá-la. Havia muitas chances de que víssemos as duas coisas, e era de meu interesse não aceitar oficialmente as condições de Vee.

Fomos salvas da discussão por Marcie, que saiu da escuridão rebolando e carregando uma poncheira. Ela dividiu um olhar crítico entre nós duas.

— Convidei você — afirmou —, mas não convidei *ela*.

—Também estou feliz em vê-la — disse Vee.

Marcie inspecionou Vee da cabeça aos pés.

— Você não estava fazendo uma dieta idiota das cores? Parece que desistiu antes de começar. — Ela voltou a atenção para mim. — E você? Belo olho roxo.

— Você ouviu alguma coisa, Nora? — perguntou Vee. — Achei que tivesse ouvido alguma coisa.

— Você ouviu, com toda certeza — concordei.

— Teria sido… *um cachorro peidando*? — perguntou-me Vee.

Assenti.

— Acho que sim.

Marcie espremeu os olhos.

— Ha, ha.

— De novo — disse Vee. — Aparentemente, esse cão está com um problema horrível de gases. Talvez se a gente lhe der um remédio…

Marcie nos empurrou a poncheira.

— Doações. Ninguém entra sem fazer uma doação.

— O quê? — Vee e eu dissemos ao mesmo tempo.

— Do-a-ção. Não achou que eu havia convidado você para cá sem segundas intenções, não é? Preciso de dinheiro. Essa é a verdade pura e simples.

Vee e eu olhamos para a poncheira que estava repleta de notas de dólar.

— Para que é o dinheiro? — perguntei.

— Novos uniformes para as líderes de torcida. A equipe quer aqueles que deixam a barriguinha de fora, mas a escola não pode pagar por novos uniformes. Por isso, estou arrecadando fundos.

— Isso vai ser interessante — comentou Vee. — Vão fazer jus ao termo Equipe de Vadias.

— Já chega! — esbravejou Marcie, com o rosto vermelho. — Vocês querem entrar? Melhor me darem vinte dólares. Se fizerem outro comentário, aumento a entrada para quarenta.

Vee cutucou meu braço.

— Não me ofereci para vir. Você paga.

— Dez para cada uma? — sugeri.

— De jeito nenhum. A ideia foi sua. Você encara.

Olhei para Marcie e abri um sorriso.

— Vinte dólares é muito dinheiro — argumentei.

— É, mas imaginem só como vou ficar maravilhosa naquele uniforme — disse ela. — Vou precisar fazer quinhentos abdominais todas as noites para reduzir minha cinturinha, de sessenta e três para sessenta centímetros, antes de as aulas começarem. Não

posso ter gordura nenhuma se pretendo sair por aí de barriga de fora.

Não ousei poluir minha mente com uma imagem mental de Marcie usando um uniforme de chefe de torcida promíscua. Em vez disso, sugeri:

— Que tal quinze?

Marcie pôs a mão no quadril e pareceu pronta para bater a porta na nossa cara.

— Tudo bem, calma. Vamos pagar — disse Vee, pondo a mão no bolso de trás. Ela enfiou um bolo de notas na poncheira, mas estava escuro e eu não consegui ver quanto era. — Você está me devendo uma — falou para mim.

— Deveria ter me deixado contar o dinheiro antes — disse Marcie, vasculhando a poncheira, tentando recuperar a doação de Vee.

— Imaginei que vinte fosse um número muito alto para você contar — provocou Vee. — Foi mal.

Marcie espremeu os olhos de novo e deu meia-volta, levando o dinheiro com ela.

— Quanto você deu para ela? — perguntei.

— Não dei nada. Joguei uma camisinha lá dentro.

Ergui as sobrancelhas.

— Desde quando você anda por aí com camisinhas?

— Achei uma no gramado enquanto andávamos. Talvez a Marcie vá precisar. Então terei feito a minha parte para impedir que ela espalhe seus genes por aí.

Vee e eu entramos e ficamos de costas para a parede.

Numa *chaise* de veludo na sala de estar, vi vários casais enroscados como se fossem uma pilha de clipes de papel. No meio do salão, havia uma multidão de corpos dançando. Na saída da sala de estar, uma passagem em arco levava à cozinha, onde as pessoas estavam bebendo e rindo. Ninguém prestou atenção em mim e em Vee, e tentei me animar com a constatação de que entrar no quarto de Marcie discretamente não seria tão difícil quanto eu

imaginara. O problema era que eu começava a achar que não havia vindo à festa para bisbilhotar o quarto de Marcie e encontrar provas de que ela estava realmente com Patch. Na verdade, eu estava começando a pensar que tinha vindo porque sabia que Patch estaria ali. E eu queria vê-lo.

Parecia que eu teria uma oportunidade. Patch surgiu na entrada da cozinha de Marcie, vestido com uma camisa polo preta e jeans escuros. Eu não estava acostumada a ficar olhando para ele a distância. Seus olhos eram da cor da noite, e o cabelo se enrolava abaixo das orelhas como se estivesse precisando de um corte há seis semanas. Ele tinha um corpo que atraía imediatamente a atenção do sexo oposto, mas sua atitude dizia *Não quero papo*. Continuava sem usar o boné, o que significava, provavelmente, que este estava com Marcie. Sem problemas, lembrei a mim mesma. Não era mais da minha conta. Patch podia dar seu boné a quem quisesse. Eu não iria ficar magoada só porque ele nunca o havia me emprestado.

Jean Martin, uma garota que tinha sido da minha turma de matemática no primeiro ano, conversava com Patch, mas ele parecia distraído. Os olhos circulavam pela sala, vigilantes, como se não confiasse em ninguém dali. A postura era descontraída, mas atenta, quase como se esperasse que algo fosse acontecer a qualquer momento.

Antes de seus olhos chegarem em mim, desviei o olhar. Melhor não ser pega com ar de arrependimento e saudade.

Anthony Amowitz sorriu e acenou para mim, do outro lado do salão. Retribuí o sorriso automaticamente. Fizemos aula de educação física juntos aquele ano, e, embora eu não houvesse trocado mais de dez palavras com ele, era legal achar que *alguém* ficava animado ao ver a mim e a Vee ali.

— Por que o Anthony Amowitz está abrindo aquele sorriso de cafetão para você? — perguntou Vee.

Revirei os olhos.

— Você só está chamando o cara de cafetão porque ele está aqui, na casa de Marcie.

— É, e daí?

— Ele está sendo simpático — cutuquei-a. — Sorria para ele.

— Simpático? Ele está é com tesão.

Anthony ergueu seu copo de plástico vermelho para mim e gritou alguma coisa, mas estava muito difícil de ouvir com toda aquela música.

— O quê? — perguntei.

— Você está ótima! — gritou ele. Um sorriso pateta estava pintado em seu rosto.

— Minha nossa — disse Vee. — Não é apenas um cafetão, mas um cafetão de porre.

— Talvez ele esteja um pouco bêbado.

— Bêbado e doido para levar você para um dos quartos lá em cima.

Eca.

Cinco minutos depois, continuávamos no mesmo lugar, perto da porta de entrada. Metade de uma garrafa de cerveja tinha sido derramada nos meus sapatos, mas felizmente ninguém tinha vomitado. Eu estava a ponto de sugerir a Vee que deveríamos nos afastar da porta aberta — para onde todo mundo parecia correr momentos antes de botar tudo para fora —, quando Brenna Dubois se aproximou e me entregou um copo de plástico vermelho.

— Para você, com os cumprimentos do cara do outro lado do salão.

— Eu avisei — sussurrou Vee, meio de lado.

Dei uma olhada em Anthony, que piscou.

— Bem, obrigada, mas não estou interessada — falei para Brenna. Eu não tinha muita experiência em matéria de festas, mas sabia que era melhor não aceitar bebidas de origem questionável. Até onde eu sabia, podia estar misturada com alguma droga.

— Diga a Anthony que não bebo nada que não venha em uma lata lacrada.

Uau. Eu parecia ainda mais idiota do que me sentia.

— Anthony? — perguntou ela, o rosto se contorcendo com confusão.

— É, Anthony Cafetão-Witz — completou Vee. — O cara que está fazendo você bancar a garota de recados.

— Você achou que foi Anthony quem me entregou o copo? — Ela sacudiu a cabeça. — Que tal o cara do *outro* lado do salão? — Ela se virou para onde Patch se encontrava minutos antes. — Bem, ele estava ali. Acho que foi embora. Era um gato e estava com uma camisa preta, se é que isso ajuda.

— Minha nossa — repetiu Vee, dessa vez bem baixinho.

— Obrigada — eu disse para Brenna, sem alternativa além de pegar o copo. Ela desapareceu na multidão e eu coloquei o copo com líquido cheirando a refrigerante em uma mesinha atrás de mim. Patch estava tentando me mandar uma mensagem? Tentava me lembrar do fiasco da luta na Bolsa do Diabo, quando Marcie me deu um banho de Cherry Coke?

Vee colocou alguma coisa na minha mão.

— O que é isso? — perguntei.

— Um walkie-talkie. Peguei emprestado do meu irmão. Vou me sentar na escada e tomar conta. Se alguém passar, eu chamo.

— Quer que eu vá bisbilhotar o quarto de Marcie *agora*?

— Você quer roubar o diário.

— Bem, é verdade. Mas acho que estou mudando de ideia.

— Está brincando? — perguntou Vee. — Não pode amarelar agora. Imagine o que vai encontrar naquele diário. É sua grande chance de descobrir o que está acontecendo entre Marcie e Patch. Você não pode ignorar isso.

— Mas é errado.

— Não vai parecer errado se você roubá-lo tão rápido que não dê tempo de sentir culpa.

Lancei-lhe um olhar ferino.

— Também ajuda conversar com você mesma — prosseguiu Vee. — Diga a si mesma, muitas vezes, que isso não é errado. Você vai acabar acreditando.

— Não vou levar o diário. Só quero… dar uma olhada. E roubar o boné de Patch.

— Pago a você o orçamento anual do eZine se me entregar o diário nos próximos trinta minutos — disse Vee, começando a parecer desesperada.

— É para *isso* que você quer o diário? Para publicá-lo no eZine?

— Imagine só. Poderia deslanchar minha carreira.

— *Não* — falei, com firmeza. — E, além disso, que feio, Vee!

Ela deu um suspiro.

— Bem, eu tinha que tentar.

Olhei para o walkie-talkie na minha mão.

— Por que não podemos simplesmente trocar mensagens de texto?

— Espiões não trocam mensagens de texto.

— Como você sabe?

— E como *você* sabe?

Cheguei à conclusão de que não valia a pena discutir. Prendi o walkie-talkie na cintura.

— Você tem certeza de que o quarto de Marcie fica no segundo andar?

— Um dos ex-namorados dela senta atrás de mim na aula de espanhol. Ele me disse que todas as noites, exatamente às dez horas, Marcie tira a roupa com a luz acesa. Às vezes, quando ele e os amigos estão entediados, eles vêm de carro assistir ao espetáculo. Ele disse que Marcie nunca se apressa e que, quando termina, ele já está com torcicolo de tanto olhar. Também me disse que houve uma vez…

Tapei as orelhas.

— Pare!

— Olha só, se o meu cérebro precisa ser contaminado com esse tipo de detalhe, acho que o seu também deveria. O único motivo que tenho para passar todas essas informações nojentas é para tentar ajudá-la.

Voltei bruscamente o olhar para a escada. Meu estômago parecia pesar o dobro do que pesava três minutos antes. Eu não havia feito nada, mas já estava passando mal com a culpa. Quando foi que eu me tornei tão baixa a ponto de bisbilhotar o quarto de Marcie? Quando deixei que Patch me transformasse nessa garota maluca?

— Acho que vou lá para cima — declarei, com um tom pouco convincente. — Você toma conta?

— Pode confiar.

Subi os degraus. Havia um banheiro com piso de cerâmica e sancas no teto. Avancei pelo corredor pelo lado esquerdo e passei por um cômodo que parecia ser um quarto de hóspedes e por uma sala de exercícios com uma esteira e um *transport*. Voltei, desta vez pegando o corredor pela direita. A primeira porta estava aberta e olhei para dentro. O quarto era todo cor-de-rosa — paredes rosa, cortinas rosa e um edredom rosa coberto de travesseiros rosa. O conteúdo do guarda-roupa se despejava sobre a cama, o chão e a superfície de outros móveis. Várias fotos, ampliadas do tamanho de pôsteres, estavam presas às paredes, todas com Marcie posando sedutoramente com o uniforme das líderes de torcida dos Razorbills. Senti uma breve onda de náusea e então vi o boné de Patch sobre a cômoda. Fechei a porta do quarto. Enrolei o boné até transformá-lo em um cone estreito e o enfiei no bolso de trás. Atrás do boné, sobre a cômoda, havia uma chave de carro. Era uma chave reserva, mas tinha a marca do Jeep. Patch tinha dado para Marcie uma chave reserva de seu Jeep.

Peguei a chave e a guardei no outro bolso traseiro. Enquanto estava ali, concluí que poderia muito bem procurar outros pertences dele.

Abri e fechei algumas gavetas. Olhei sob a cama, nos gaveteiros e na prateleira superior do armário de Marcie. Finalmente, passei a mão entre o colchão e o estrado. Tirei o diário. O pequeno diário azul de Marcie que, segundo as más línguas, continha mais escândalos que um tabloide sensacionalista. Apertei-o entre as mãos e senti uma tentação avassaladora de abri-lo. O que ela havia

escrito sobre Patch? Que outros segredos se escondiam naquelas páginas?

Meu walkie-talkie chiou.

— Ai, droga — disse Vee.

Tirei-o da cintura e apertei o botão para falar.

— Qual é o problema?

— Cachorro. Cachorro grande. Acabou de entrar na sala de estar ou seja lá qual for o nome que você dá para este salão gigantesco. Está olhando para mim. Aliás, está olhando fixamente para mim.

— Que tipo de cachorro?

— Não sei muito sobre raças de cachorros, mas acho que é um dobermann. Feroz e de focinho pontudo. Parece muito com Marcie, se isso ajuda. Ihhh! As orelhas se levantaram. Está vindo na minha direção. Acho que é um daqueles cães paranormais. Ele sabe que não estou aqui apenas cuidando da minha vida.

— Fique calma…

— Xô, cachorro, eu disse *xô*!

O inconfundível rosnado de um cão de grande porte veio pelo walkie-talkie.

— Ahn, Nora? Temos um problema — disse Vee, um momento depois.

— O cão não foi embora.

— Pior. Ele subiu a escada.

Exatamente naquele momento, ouvi um latido na porta. Os latidos não pararam — aumentaram e ficaram cada vez mais irritados.

— Vee! — gritei no walkie-talkie. — Livre-se do cão!

Ela respondeu alguma coisa, mas eu não conseguia ouvir por causa dos rosnados. Tapei a outra orelha com a mão.

— O que é?

— Marcie está subindo! Saia daí!

Comecei a esconder o diário sob o colchão, mas ele se abriu. Montes de bilhetes e fotos caíram das páginas. Em pânico, juntei tudo em uma pilha e joguei de volta no diário. Depois eu o enfiei na cintura da calça, junto com o walkie-talkie. Era bem pequeno,

considerando-se todos os segredos que supostamente guardava. Apaguei a luz. Ia resolver mais tarde como devolver o diário a seu lugar. Nesse momento, eu precisava escapar.

Abri a janela, esperando ter que remover a tela de proteção, mas alguém já havia feito aquilo. Provavelmente a própria Marcie, muito tempo atrás, para evitar os contratempos ao escapulir de casa. Aquele pensamento me deu um pequeno fio de esperança. Se Marcie saía pela janela, eu poderia fazer o mesmo. Eu não iria cair e me matar. Naturalmente, Marcie era líder de torcida, bem mais flexível, e tinha mais coordenação motora que eu.

Pus a cabeça para fora da janela aberta e olhei. A porta da frente ficava bem abaixo, sob um pórtico apoiado em quatro colunas. Pus uma perna para fora e encontrei apoio nas telhas. Depois de ter certeza de que não iria escorregar pela inclinação do pórtico, passei a outra perna. Equilibrando meu peso, voltei a fechar a janela. Eu tinha acabado de me abaixar sob a janela quando o vidro se encheu de luz. As garras do cachorro batiam contra a vidraça e o animal latia furiosamente. Deitei-me, apertando-me contra a casa o máximo possível enquanto rezava para que Marcie não abrisse a janela e olhasse para baixo.

— O que foi? — a voz abafada de Marcie atravessou a vidraça. — Qual é o problema, Boomer?

Gotas de suor desciam pelas minhas costas. Marcie ia olhar para baixo e me veria. Fechei os olhos e tentei me esquecer de que a casa estava cheia de gente que eu precisaria ver na escola pelos próximos dois anos. Como eu explicaria o fato de estar bisbilhotando o quarto de Marcie? Como iria explicar o fato de estar com seu diário? O pensamento era humilhante demais para suportar.

— Cale a *boca*, Boomer! — berrou Marcie. — Alguém poderia segurar o cachorro enquanto eu abro a janela? Se não o segurarem, ele é suficientemente idiota para pular para fora. Você no corredor. Isso mesmo, *você*. Segure a coleira do cachorro e não solte. Faça o que estou mandando.

Esperando que os latidos do cão disfarçassem os barulhos que eu fazia, virei-me, ficando com as costas contra a telha. Engoli o nó de medo que havia se formado na minha garganta. Eu tinha fobia de altura, e pensar em todo o ar que havia entre mim e o chão me fazia suar frio.

Enfiando os calcanhares no telhado, para me empurrar o mais distante possível da beirada, lutei para recuperar o walkie-talkie de dentro da calça.

— Vee — sussurrei.

— Onde você está?— perguntou ela, enquanto a música ecoava ao fundo.

— Você acha que poderia tirar aquele cachorro daqui, agora?

— Como?

— Use a criatividade.

— Tipo envenená-lo?

Sequei o suor da testa com a parte de trás da mão.

— Eu estava pensando em algo do tipo trancá-lo dentro de um armário.

— Você quer dizer que vou precisar tocá-lo?

— Vee!

— Tudo bem, tudo bem. Vou pensar em alguma coisa.

Trinta segundos se passaram antes que eu ouvisse a voz de Vee pela janela do quarto de Marcie.

— Ei, Marcie? — gritou ela, para ser ouvida apesar dos latidos. — Não quero atrapalhar, mas a polícia está na porta da frente. Eles disseram que estão respondendo a uma queixa por excesso de barulho. Quer que eu os convide a entrar?

— *O quê?* — a voz estridente de Marcie soou bem em cima de mim. — Não vejo carros de polícia.

— Eles devem ter estacionado a alguns quarteirões. De qualquer maneira, como eu dizia, reparei que há substâncias ilegais nas mãos de alguns convidados.

— E daí? — retrucou. — É uma festa.

— O consumo de álcool é ilegal para menores de 21 anos.

— Que beleza! — berrou Marcie. — O que eu vou fazer? — Ela fez uma pausa e depois elevou o tom novamente. — Foi *você* quem os chamou!

— Quem, eu? — disse Vee. — E perder a boca-livre? Eu não faria isso.

Um momento depois, os latidos frenéticos de Boomer perderam-se pelo interior da casa e a luz do quarto se apagou.

Fiquei completamente imóvel por mais um instante, prestando atenção. Quando tive absoluta certeza de que o quarto de Marcie estava vazio, deitei de bruços e me arrastei até a janela. O cão tinha ido embora, Marcie tinha ido embora, se eu pudesse…

Apertei as palmas da mão contra a janela, para abri-la, mas ela não se mexeu. Experimentei colocar as mãos mais em baixo e usei toda a minha força. Nada.

Tudo bem, eu pensei. *Nada de mais.* Marcie devia ter trancado a janela. Tudo que eu precisava fazer era esperar mais cinco horas até que a festa acabasse e pedir para que Vee viesse com uma escada.

Ouvi passos no caminho lá embaixo e virei o pescoço para ver se, por sorte, Vee tinha vindo me resgatar. Para meu horror, Patch estava de costas para mim, caminhando em direção ao Jeep. Ele discou um número no celular e então colocou o aparelho na orelha. Dois segundos depois, meu telefone tocou, no bolso. Antes que eu pudesse jogá-lo nos arbustos nos confins da propriedade, Patch parou.

Ele olhou por cima do ombro, erguendo o olhar. Seus olhos me encontraram e imaginei que teria sido melhor se Boomer tivesse feito picadinho de mim.

— E eu que não achava que houvesse gente tão xereta nesse mundo.

Não precisei olhar para ele para saber que ele sorria.

— Pare de rir — pedi, com as bochechas coradas pela humilhação. — Me ajude a descer.

— Pule.

— *O quê?*

— Vou pegá-la.

— Você está maluco? Entre e abra a janela. Ou arranje uma escada.

— Você não precisa de escada. Pule. Não vou deixar você cair.

— Ah, claro! Como se eu acreditasse.

— Quer minha ajuda ou não quer?

— Você chama isso de ajuda? — chiei furiosamente. — Isso não é ajuda!

Ele rodou o chaveiro no dedo e começou a se afastar.

— Você é mesmo um *canalha*! Volte aqui!

— Canalha? — repetiu ele. — É você que está espionando pela janela.

— Eu não estava espionando. Eu estava… estava…

Pense em alguma coisa!

Os olhos de Patch miraram a janela acima de mim e percebi que ele compreendia o que estava acontecendo. Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Você estava bisbilhotando o quarto de Marcie.

— Não.

Revirei os olhos como se fosse uma ideia completamente absurda.

— O que você estava procurando?

— Nada — respondi. Em seguida, puxei o boné de Patch do meu bolso traseiro e o joguei para ele. — E aqui está sua droga de boné, aliás!

— Você foi lá para pegar meu boné?

— Um grande desperdício, naturalmente.

Ele colocou o boné na cabeça.

— Vai pular?

Dei uma olhada nervosa para a beira do pórtico e o chão parecia estar a uns seis metros abaixo de mim. Evitando uma resposta, perguntei:

— Por que você telefonou?

— Perdi você de vista. Queria ter certeza de que estava bem.

Ele parecia sincero, mas era um ótimo mentiroso.

— E a Cherry Coke?

— Para fazer as pazes. Você vai pular ou não?

Sem alternativa, me desloquei cuidadosamente até a beirada. Meu estômago dava cambalhotas.

— Se você me deixar cair… — avisei.

Patch tinha erguido os braços. Fechando os olhos com força, deslizei pela beirada. Senti o ar bater em meu corpo e, no instante seguinte, eu me encontrava nos braços de Patch, presa contra ele. Fiquei ali mais um momento, o coração martelando com a adrenalina da queda e por estar tão perto de Patch. Ele parecia aconchegante e familiar. Parecia sólido e seguro. Eu queria me prender à sua camisa, esconder o rosto na curva morna do seu pescoço e nunca mais soltá-lo.

Patch prendeu um cacho atrás de minha orelha.

— Quer voltar para a festa? — murmurou.

Sacudi a cabeça negativamente.

— Vou levá-la para casa.

Ele usou o queixo para apontar para o Jeep, pois as mãos ainda estavam ocupadas comigo.

— Vim com Vee — expliquei. — Vou voltar com ela.

— Vee não vai comprar comida chinesa para viagem no caminho.

Comida chinesa para viagem. Isso significava que Patch precisaria entrar na casa de fazenda para comer. Minha mãe não estava, o que queria dizer que ficaríamos completamente a sós…

Baixei a guarda um pouquinho. Provavelmente, estaríamos seguros. Provavelmente, os arcanjos não estavam assim tão próximos. Patch não parecia preocupado, por isso eu também não deveria ficar apreensiva. E era apenas um jantar. Eu havia tido um dia longo e desagradável na escola e estava faminta depois de passar uma hora na academia. Comida para viagem com Patch parecia uma combinação perfeita. Qual seria o problema de uma refeição casual a dois? Muita gente jantava junto o tempo todo e nunca levava nada adiante.

— Só jantar — falei, mais para convencer a mim mesma do que a Patch.

Ele fez uma saudação de escoteiro, mas seu sorriso era malvado. Um sorriso de bad-boy. O sorriso perverso e atraente do cara que havia beijado Marcie duas noites antes… e que agora estava se convidando para jantar comigo, provavelmente na expectativa de que o jantar levasse a algo completamente diferente. Ele achava que um sorriso devastador bastava para apagar toda a minha mágoa. Para fazer com que eu me esquecesse de que ele havia beijado Marcie.

Todo o tumulto interior se espalhou quando fui jogada de volta ao presente. Minhas especulações desapareceram, substituídas por um sentimento forte e repentino de desassossego, que não tinha nada a ver com Patch nem com a noite de domingo. Calafrios percorreram minha pele. Examinei as sombras que cercavam o gramado.

— Hum? — murmurou Patch, percebendo minha preocupação e apertando os braços à minha volta, de forma protetora.

E, então, senti mais uma vez. Uma mudança no ar. Uma névoa invisível, estranhamente tépida, baixa, envolvendo tudo, se aproximando em zigue-zague como uma centena de serpentes furtivas pelo ar. A sensação era tão perturbadora que eu não conseguia acreditar que Patch não tivesse no mínimo percebido que havia algo estranho, mesmo que não conseguisse sentir diretamente.

— O que é, Anjo? — ele indagou com a voz baixa, questionadora.

— Estamos em segurança?

— Isso importa?

Passei os olhos pelo jardim. Não sei muito bem por que, mas fiquei pensando: *Os arcanjos. Eles estão aqui.*

— Quer dizer… os arcanjos — falei tão baixinho que mal ouvia minha própria voz. — Eles não estão olhando?

— Estão.

Tentei dar um passo para trás, mas Patch não permitiu que eu me soltasse.

— Não me importo com o que eles veem. Estou cansado de jogos.

Ele tinha parado de acariciar meu pescoço. Vi um ar de desafio atormentado em seus olhos.

Tentei me soltar com mais força.

— Solte-me.

— Você não me quer? — perguntou, um sorriso matreiro em seus lábios.

— Não é esse o problema. Não quero ser responsável por qualquer coisa que aconteça a você. *Solte-me*.

Como ele poderia ser tão leviano com esse assunto? Estavam *procurando* desculpas para se livrar dele. Não poderiam vê-lo me abraçar.

Ele acariciou meus braços, mas, quando tentei aproveitar para fugir, ele segurou minhas mãos. Sua voz soou na minha mente. *Eu poderia me rebelar. Eu poderia sair daqui nesse exato momento e a gente não precisaria mais seguir as regras dos arcanjos.* Ele disse aquilo com tanta decisão, com tanta facilidade, que eu soube que não tinha sido a primeira vez em que isso lhe passara pela cabeça. Era um plano que ele imaginara secretamente muitas, muitas vezes. Meu coração batia desenfreado. Sair daqui? Parar de seguir as regras?

— Do que você está falando?

Eu precisaria viver sem pouso, sempre me escondendo, torcendo para que os arcanjos não me encontrassem.

— E se encontrassem?

Eu iria a julgamento. Seria considerado culpado, mas poderiam nos dar algumas semanas a sós, enquanto eles decidissem.

Eu podia sentir o choque em meu rosto.

— E depois?

Eles me mandariam para o inferno. Ele fez uma pausa, depois acrescentou com uma convicção tranquila. *Não tenho medo do*

inferno. Mereço o que vou receber. Menti, trapaceei, enganei, feri gente inocente. Cometi mais erros do que posso me lembrar. De um jeito ou de outro, venho pagando por eles por toda a minha existência. O inferno não será diferente. A boca se abriu em um rápido sorriso amargo. *Mas tenho certeza de que os arcanjos guardam algumas cartas nas mangas.* O sorriso desapareceu e ele me olhou com uma honestidade desarmada. *Estar com você nunca me pareceu errado. É a única escolha certa que fiz. Você é minha única escolha correta. Não me importo com os arcanjos. Diga-me o que você quer que eu faça. Diga o que quer. Faço o que você quiser. Podemos sair daqui agora.*

Precisei de um momento para absorver suas palavras. Olhei para o Jeep. A parede de gelo entre nós havia desabado. A parede só estava ali por causa dos arcanjos. Sem eles, todas as brigas que eu e Patch tivéramos não significavam nada. *Eles* eram o problema. Eu queria deixá-los, deixar tudo para trás e fugir com Patch. Eu queria ser imprudente, pensando apenas no aqui e no agora. Juntos, poderíamos nos esquecer das consequências. Riríamos das regras, dos limites e, acima de tudo, do futuro. Haveria só eu e Patch, e nada mais importaria.

Nada além da perspectiva do que aconteceria quando aquelas semanas terminassem.

Eu tinha duas opções, mas a resposta estava clara. A única maneira de ficar com Patch seria deixando que ele se fosse. Seria não ter nenhuma relação com ele.

Não percebi que estava chorando até que ele passou os polegares sob meus olhos.

— Shhhh. Tudo vai ficar bem. Quero você. Não consigo continuar a fazer o que estou fazendo agora, vivendo pela metade — murmurou ele.

— Mas vão mandar você para o inferno — gaguejei, incapaz de controlar o tremor do meu lábio inferior.

— Tive muito tempo para aceitar isso.

Eu estava determinada a não demonstrar para Patch como isso era difícil para mim, mas engasguei com as lágrimas em minha

garganta. Meus olhos estavam úmidos e inchados, meu peito doía. Era tudo minha culpa. Se não fosse por mim, ele não seria um anjo da guarda. Se não fosse por mim, os arcanjos não estariam determinados a destruí-lo. *Eu* era responsável por levá-lo a esse ponto.

— Preciso de um favor — finalmente falei com uma vozinha que parecia mais pertencer a um desconhecido do que a mim mesma. — Diga para Vee que fui para casa a pé. Preciso ficar sozinha.

— Anjo?

Patch segurou a minha mão, mas eu me soltei. Senti meus pés se afastando, um passo após o outro. Eles me levavam cada vez mais para longe de Patch, como se minha mente estivesse adormecida e deixasse que meu corpo assumisse o controle sobre suas ações.

CAPÍTULO
13

Na tarde seguinte, Vee me deixou na entrada principal do Enzo's. Eu estava com um vestido estampado amarelo, de alcinhas, que ficava na metade do caminho entre sedutor e formal e que transmitia bem mais otimismo do que o que eu sentia por dentro. Parei diante das vitrines para sacudir o cabelo, cheio de ondas depois de uma noite de sono, mas o gesto pareceu rígido. Forcei um sorriso. Aquele que eu tinha praticado durante toda a manhã. Ele parecia tenso nos cantos e frágil no meio. No vidro, meu reflexo se mostrava falso e vazio. Mas, para uma manhã posterior a uma noite inteira de choro, aquilo era o melhor que eu conseguia.

Depois de sair andando da casa de Marcie, na noite passada, eu me enfiei na cama, mas não consegui dormir. Passei a noite em claro, atormentada por pensamentos autodestrutivos. Quanto mais eu permanecia acordada, mais minhas reflexões se afastavam da realidade de uma forma atordoante. Eu queria deixar claro o que sentia, e a dor era suficiente para não me importar se faria aquilo de maneira drástica. Um pensamento passou pela minha cabeça, do tipo que eu nunca teria alimentado antes. Se eu acabasse com minha vida, os arcanjos iriam se arrepender. Eu queria que sentissem remorso. Queria que duvidassem de suas leis arcaicas e que se sentissem responsáveis por virar minha vida pelo avesso e depois estraçalhá-la completamente.

Minha mente remoeu esse tipo de pensamento a noite inteira. Minhas emoções variavam da insuportável dor da perda à negação e a raiva. Em determinado momento, me arrependi por não ter fugido com Patch. Qualquer felicidade, por mais breve que fosse, seria melhor do que a longa e constante tortura de acordar, dia após dia, sabendo que eu nunca poderia tê-lo.

Quando o sol começou a despontar no céu naquela manhã, porém, tomei uma decisão. Eu *precisava* seguir em frente. Ou fazia

isso ou então mergulharia em uma depressão profunda. Obriguei-me a seguir a rotina de ir para o chuveiro e me vestir, e fui para a escola determinada a não permitir que ninguém percebesse o que se passava dentro de mim. Uma sensação de estar sendo perfurada por centenas de agulhas e alfinetes envolveu meu corpo, mas recusei-me a demonstrar um sinal sequer de autopiedade. Eu não iria deixar que os arcanjos vencessem. Iria me recuperar, arranjar um emprego, pagar minha multa por excesso de velocidade, concluir o curso de verão com notas altas e me manter tão ocupada que só à noite, quando estivesse sozinha com meus pensamentos e não houvesse outra saída, pensaria em Patch.

No interior do Enzo's, dois balcões em semicírculo se abriam à esquerda e à direita, com um conjunto de degraus largos que desciam até a principal área do salão e ao caixa. Os balcões me lembravam passarelas em curva, à beira de um poço. As mesas nesses balcões estavam cheias, mas apenas alguns retardatários, que bebiam café e liam o jornal, permaneciam na área mais baixa.

Depois de respirar fundo, desci a escada e me aproximei do caixa.

— Com licença, ouvi dizer que estão contratando baristas — falei para a mulher da caixa registradora. Minha voz me pareceu inexpressiva, mas me faltava energia para tentar corrigir isso. A mulher, uma ruiva de meia-idade, em cujo crachá estava escrito ROBERTA, ergueu os olhos. — Gostaria de me candidatar. — Consegui dar um meio sorriso, mas, de alguma forma, temi que não fosse muito convincente.

Roberta limpou as mãos sardentas com um trapo e deu a volta no balcão.

— Barista? Não precisamos mais.

Olhei fixamente para ela, prendendo a respiração, sentindo toda esperança murchar dentro de mim. Meu plano era tudo o que tinha. Não havia pensado no que faria caso qualquer detalhe fosse arrancado de mim. Eu *precisava* de um plano. Precisava desse emprego. Precisava de uma vida cuidadosamente controlada onde cada minuto fosse planejado e cada emoção, compartimentalizada.

— Mas ainda precisamos de uma atendente confiável, apenas para o turno da noite, das seis às dez — prosseguiu Roberta.

Pisquei, o lábio estremecendo ligeiramente com a surpresa.

— Ah — exclamei. — Que… bom.

— À noite, baixamos as luzes, deixamos os baristas à vista, botamos para tocar um pouco de jazz e tentamos dar um ar mais sofisticado. Costumávamos ficar às moscas depois das cinco, mas estamos com esperanças de atrair o público. A economia anda difícil — explicou. — Você ficaria encarregada de receber os clientes, anotar os pedidos e encaminhar as solicitações para a cozinha. Quando a comida estivesse pronta, você levaria para as mesas.

Tentei assentir com entusiasmo, determinada a demonstrar quanto queria o emprego, sentindo todas as pequenas rachaduras em meus lábios se abrirem enquanto eu sorria.

— Parece… perfeito — consegui dizer em uma voz rouca.

— Você tem experiência?

Eu não tinha. Mas eu e Vee vínhamos ao Enzo's pelo menos três vezes por semana.

— Sei o menu de cor — afirmei, começando a me sentir mais sólida, mais real. Um emprego. Tudo dependia disso. Eu ia construir uma vida nova.

— Isso é bom — disse Roberta. — Quando você pode começar?

— Hoje?

Mal podia acreditar que ela estava me oferecendo o emprego.

Ali estava eu, incapaz de produzir um sorriso sincero, mas ela ignorou. Estava me dando uma chance. Estendi a mão para apertar a dela e percebi, um pouco tarde demais, que eu tremia.

Ela ignorou minha mão estendida, olhando-me com a cabeça inclinada de um jeito que só me fez sentir mais exposta e constrangida.

— Está tudo bem?

Inspirei profundamente e prendi o ar.

— Está sim… estou ótima.

Ela acenou com energia.

— Chegue aqui às 17h45 e vou lhe providenciar um uniforme antes do começo do turno.

— Muito obrigada… — comecei, com a voz ainda sentindo o choque, mas ela já estava voltando para trás do balcão.

Ao retornar para a luz ofuscante do sol, fiz cálculos mentais. Partindo do princípio de que eu ganharia um salário mínimo, se eu trabalhasse todas as noites, pelas próximas duas semanas, eu praticamente teria condições de pagar a multa por excesso de velocidade. Se trabalhasse todas as noites, pelos próximos dois meses, seriam sessenta noites em que eu estaria ocupada demais para ficar pensando em Patch. Sessenta noites para o fim das férias de verão, quando eu poderia novamente concentrar todas as energias nos estudos. Eu já tinha decidido encher meu horário com matérias que exigiriam esforço. Eu estava disposta a lidar com todas as formas de dever de casa, mas sofrimento era um assunto totalmente diferente.

— E aí? — perguntou Vee, me acompanhando com o carro. — Como foi?

Entrei e me sentei no assento do carona.

— Consegui o emprego.

— Que bom. Você parecia muito nervosa ao entrar, quase como se você não fosse conseguir, mas agora não tem motivos para se preocupar. Você é oficialmente um membro da sociedade trabalhadora. Estou orgulhosa de você, amiga. Quando começa?

Chequei o relógio do painel.

— Em quatro horas.

— Vou passar aqui esta noite e pedir para ficar sentada na sua área.

— Melhor me deixar uma gorjeta — brinquei. Minha tentativa de fazer graça quase me fez cair em prantos.

— Sou sua motorista. Isto é melhor do que gorjeta.

***

Seis horas e meia depois, o Enzo's estava completamente lotado. Meu uniforme de trabalho consistia em uma camisa branca plissada, calças de tweed cinza com um colete combinando e uma boina. A boina não estava funcionando bem para conter meu cabelo, que se recusava a ficar escondido. Nesse momento, eu sentia os cachos rebeldes se grudarem, suados, nos cantos do meu rosto. Apesar de estar completamente sobrecarregada, sentia um estranho alívio por não ter tempo para pensar. Não havia tempo para deixar que meus pensamentos vagassem, por mais rápido que fosse, até Patch.

— Garota nova! — gritou Fernando, um dos cozinheiros.

Ele estava atrás da parede baixa que separava os fornos do restante da cozinha e sacudia uma espátula.

— Seu pedido está pronto!

Segurei três pratos com sanduíches, arrumei-os cuidadosamente no braço e saí de costas pelas portas de vai e vem. No caminho pela parte baixa do salão, meu olhar encontrou o de uma das recepcionistas. Ela sacudiu o queixo em direção a uma mesa de recém-chegados. Respondi com um rápido aceno. *Estarei lá em um minuto.*

— Um sanduíche de pernil, um de salame e um de peru assado — anunciei, arrumando os pratos diante de três executivos de terno. — Bom apetite!

Subi correndo os degraus, tirando o bloco do meu bolso traseiro. Na metade da passarela, congelei. Marcie Millar estava bem à minha frente, sentada à mesa que eu deveria atender. Também reconheci Addyson Hales, Oakley Williams e Ethan Tyler, todos da escola. Pensei em disfarçar e pedir que a recepcionista passasse aquela mesa para outra pessoa — para qualquer pessoa —, quando Marcie ergueu os olhos e eu percebi que havia sido pega.

Um sorriso duro como granito tocou sua boca.

Minha respiração vacilou. Será que ela sabia que eu pegara seu diário? Só depois que cheguei em casa e me arrastei para a cama eu me lembrei que havia ficado com ele. Eu teria devolvido na mesma hora, mas aquilo foi a última coisa que me passou pela cabeça. O diário parecia insignificante ao lado da turbulência viva

que me feria por dentro e por fora. Até aquele momento, o diário permanecia intocado no chão do meu quarto, ao lado das roupas usadas na festa.

— Esse seu uniforme não é lindinho? — disse Marcie, sobre o som de uma gravação de jazz. — Ethan, você não usou um colete parecido com esse no baile, no ano passado? Acho que Nora atacou seu guarda-roupa.

Enquanto riam, mantive minha caneta em posição sobre o bloco.

— Gostariam de algo para beber? O especial da noite é o *smoothie* de coco e limão.

Será que todo mundo conseguia ouvir a culpa na minha voz? Engoli, esperando que, ao falar de novo, a agitação já tivesse passado.

— A última vez que estive aqui foi no aniversário de minha mãe — continuou Marcie. — Nossa garçonete cantou "Parabéns para você" para ela.

Precisei de três segundos inteiros para entender.

— Ah. Não. Quer dizer… *não.* Não sou uma garçonete. Sou uma atendente de balcão.

— Não me importo com o que você é. Quero que cante "Parabéns para você" para mim.

Fiquei paralisada, com a mente buscando freneticamente uma saída.

Não podia acreditar que Marcie estivesse pedindo que eu me humilhasse daquela forma. Espere aí. *Claro* que ela estava pedindo para eu me humilhar. Durante os últimos onze anos, eu mantive um cartão de pontuação secreto entre nós, mas agora eu tinha certeza de que ela também mantinha o seu. Ela *vivia* para me passar a perna. Pior, ela sabia que tinha o dobro de pontos e ainda queria aumentar a vantagem. O que a tornava não apenas uma encrenqueira, mas também uma pessoa sem o menor espírito esportivo.

Estendi a mão.

— Gostaria de ver seu documento de identidade.

Marcie ergueu o ombro com desdém.

— Esqueci de trazer.

Nós duas sabíamos muito bem que ela não havia esquecido a carteira de motorista e que não era seu aniversário.

— Estamos com muito movimento esta noite — expliquei, fingindo pedir desculpas. — O gerente não iria querer que eu me afastasse tanto tempo dos outros clientes.

— Seu gerente quer que você deixe os clientes felizes. Agora, *cante*.

— E já que estamos aqui — interrompeu Ethan —, aproveite para trazer um daqueles bolos de chocolate de graça.

— Nós só podemos servir uma fatia e não o bolo inteiro — avisei.

— Nós só podemos servir uma fatia — imitou Addyson, e toda a mesa caiu na gargalhada.

Marcie alcançou a bolsa e tirou de dentro uma câmera digital. O botão vermelho piscou e ela mirou a lente na minha direção.

— Mal posso esperar para mandar este vídeo para toda a escola. É ótimo ter acesso ao e-mail de todo mundo. Quem diria que trabalhar na secretaria poderia ser tão útil?

Ela sabia do diário. Só podia saber. E esta era a retribuição. Cinquenta pontos para mim por roubar o diário. O dobro para ela, por enviar um vídeo comigo cantando “Parabéns para você, Marcie” para toda Coldwater High.

Apontei para a cozinha, lá atrás, e recuei lentamente.

— Escutem, meus pedidos estão se acumulando…

— Ethan, vá lá e diga àquela linda recepcionista que exigimos falar com o gerente. Diga que nossa *atendente de balcão* está sendo rabugenta — ameaçou Marcie.

Eu não podia acreditar naquilo. Menos de três horas depois de começar a trabalhar, Marcie iria conseguir fazer com que eu fosse demitida. Como eu pagaria a multa? E adeus, Volkswagen Cabriolet. E o que era mais importante, eu precisava do trabalho para desviar os pensamentos da inútil luta de como lidar com uma verdade causticante: Patch tinha saído da minha vida. Para sempre.

— O tempo acabou — disse Marcie. — Ethan, chame o gerente.

— Espere — falei. — Vou fazer.

Marcie soltou gritinhos e bateu palmas.

— Ainda bem que eu recarreguei a bateria.

Inconscientemente, baixei a aba da boina, protegendo o rosto. Abri a boca.

— Parabéns para você…

— Mais alto! — todos gritaram.

— Nesta data querida… — cantei mais alto, constrangida demais para perceber se meu tom estava perigosamente sem graça — … muitas felicidades, muitos anos de vida.

Ninguém disse nada. Marcie voltou a guardar a câmera dentro da bolsa.

— Bem, isso foi sem graça.

— Pareceu… normal — disse Ethan.

Meu rosto ficou menos corado. Dei um sorriso rápido, agitado e triunfante. Quinhentos pontos. Meu solo merecera pelo menos isso. Marcie não ia me fazer em pedacinhos. Eu tinha oficialmente assumido a liderança.

— Gostariam de algo para beber? — perguntei, soando surpreendentemente animada.

Depois de rabiscar os pedidos, virei-me de volta para a cozinha, quando Marcie exclamou:

— Ah, Nora?

Parei onde estava. Respirei fundo, pensando que armadilha ela armaria para que eu caísse em seguida. Ah, não. A menos… que ela fosse revelar tudo. Neste exato momento. Diante de todas essas pessoas. Ela ia contar para o mundo que eu tinha roubado o diário, para que pudessem ver a criatura baixa e desprezível que eu era.

— Pode apressar nosso pedido? — concluiu Marcie. — Temos que ir a uma festa.

— Apressar o pedido? — repeti estupidamente. Isso significava que ela não sabia sobre o diário?

— Patch vai nos encontrar em Delphic Beach, e não quero me atrasar. — Marcie tapou a boca na mesma hora. — Sinto muito. Não deveria ter mencionado Patch. Deve ser difícil ver que ele está com outra pessoa.

Qualquer sorriso de que eu ainda pudesse dispor desapareceu. Senti uma onda de calor subir pelo meu pescoço. Meu coração batia tão rápido que cheguei a ficar tonta. O salão se fechou e o sorriso homicida de Marcie estava no centro de tudo, gargalhando diante de mim. Então tudo havia retornado ao normal. Patch voltara para Marcie. Depois que eu tinha ido embora, na noite passada, ele se resignara com o que o destino nos servira. Ele não podia ter a mim, então ficava com Marcie. Como *eles* podiam manter um relacionamento? Onde estavam os arcanjos quando se tratava de acompanhar Patch e Marcie? E o beijo *deles*? Os arcanjos o haviam ignorado porque sabiam que não significava nada para nenhum dos dois? Eu queria gritar por causa da injustiça de tudo aquilo. Marcie podia ficar com Patch porque não o amava, mas eu não podia, porque eu o amava e os arcanjos sabiam disso. Por que era tão *errado* que estivéssemos apaixonados? Os anjos e os humanos são assim tão diferentes?

— Tudo bem, estou seguindo minha vida — afirmei, inserindo uma nota fria e educada no meu tom de voz.

— Melhor para você — disse Marcie, mordiscando sedutoramente o canudo, sem parecer me levar a sério.

De volta à cozinha, passei o pedido da mesa de Marcie para os cozinheiros. Deixei em branco o espaço reservado às “instruções especiais”. Marcie estava com pressa para ver Patch em Delphic Beach? Que pena.

Peguei o pedido que me aguardava e carreguei a bandeja para fora da cozinha. Para minha surpresa, vi Scott próximo à porta da frente, conversando com as recepcionistas. Ele usava uma calça Levi’s folgada e uma camiseta justa e, considerando-se a linguagem corporal das duas recepcionistas vestidas de preto, elas estavam dando mole para ele. Ele me viu e fez um pequeno aceno de reconhecimento. Deixei o pedido na mesa quinze e subi as escadas.

— Ei — falei para Scott, tirando a boina para abanar meu rosto.

— Vee me disse que eu a encontraria aqui.

— Você ligou para Vee?

— Liguei, porque você não responde às minhas mensagens.

Passei o braço na testa, colocando alguns fios de cabelo rebeldes de volta no lugar.

— Meu celular está lá atrás. Não tive oportunidade de olhá-lo desde que entrei para trabalhar. Você precisa de alguma coisa?

— A que horas você sai?

— Às dez. Por quê?

— Tem uma festa em Delphic Beach. Estou procurando algum otário para me fazer companhia.

— Toda vez que nós saímos, alguma coisa de ruim acontece. — Ele não demonstrou saber do que eu falava. — A briga na Sinuca Z — lembrei-o. — Na Bolsa do Diabo. Nas duas ocasiões, precisei arranjar uma carona para casa.

— A terceira é a que vale.

Ele sorriu e percebi pela primeira vez que era um belo sorriso. Até um tanto infantil. Atenuava sua personalidade e me fazia pensar se havia outro lado nele, um lado que eu ainda não conhecia.

Havia uma grande probabilidade de que aquela fosse a mesma festa para onde Marcie se dirigia.

A festa onde Patch deveria estar. E na mesma praia onde eu tinha estado com ele havia apenas uma semana e meia, quando dissera cedo demais que eu tinha uma vida perfeita. Nunca poderia ter imaginado com que rapidez ela viraria de cabeça para baixo.

Fiz um rápido inventário dos meus sentimentos, mas precisei de mais do que alguns segundos para saber como eu me sentia. Queria ver Patch — sempre iria querer —, mas este não era o problema. Eu precisava determinar se tinha condições de vê-lo. Poderia suportar vê-lo com Marcie? Especialmente depois de tudo o que ele dissera na noite passada?

— Vou pensar no assunto — disse para Scott, percebendo que eu tinha demorado demais a responder.

— Quer que eu passe aqui às dez para buscá-la?

— Não. Se eu for, Vee pode me dar uma carona. — Indiquei as portas da cozinha. — Escute, preciso voltar ao trabalho.

— Espero vê-la — disse ele, disparando um sorriso final antes de sair.

Depois do expediente, encontrei Vee parada no estacionamento.

— Obrigada pela carona — agradeci a ela, desabando. Minhas pernas doíam por causa do tempo em que ficara de pé, e os ouvidos zumbiam com as conversas e as risadas ruidosas no restaurante lotado… Sem falar em todas as vezes em que os cozinheiros e as garçonetes berraram para me corrigir. Eu havia levado pelo menos dois pedidos trocados e mais de uma vez entrara na cozinha pela porta errada, quase derrubando uma garçonete que carregava um monte de pratos. A boa notícia era que eu tinha trinta dólares em gorjetas dentro do bolso. Depois de pagar minha multa, as gorjetas serviriam para o Cabriolet. Eu sonhava com o dia em que não precisaria mais que Vee me levasse de um lado para o outro.

Mas não tanto quanto sonhava com o dia em que esqueceria Patch.

Vee sorriu.

— Não são de graça. Todas essas caronas, na realidade, são obrigações com as quais você se compromete e que vão voltar para lhe perseguir.

— Estou falando sério, Vee. Você é a melhor amiga do mundo. A melhor de todas.

— Puxa, talvez a gente devesse comemorar este momento comovente passando no Skippy's para tomar sorvete. Eu estou precisando de sorvete. Para falar a verdade, estou precisando de um pouco de glutamato monossódico. Nada me deixa mais feliz do que uma bela porção de fast-food gorduroso, afogada no bom e velho glutamato monossódico.

— Vamos deixar para outro dia? — perguntei. — Fui convidada para ir a Delphic Beach hoje à noite. Você é mais do que bem-vinda — acrescentei rapidamente.

Não tinha nenhuma certeza de que estava tomando a decisão correta ao resolver sair naquela noite. Por que eu me fazia passar pela tortura de rever Patch? Eu sabia que era porque queria estar perto dele, mesmo que não fosse perto o suficiente. Uma pessoa mais corajosa, mais forte do que eu, cortaria todos os vínculos e iria embora. Não ficaria batendo na porta do destino. Patch havia saído de minha vida para sempre. Eu sabia que precisava aceitar esse fato, mas existia uma grande diferença entre saber e fazer.

— Quem vai? — perguntou Vee.

— Scott e algumas pessoas da escola.

Não era necessário mencionar Marcie e ter a ideia vetada imediatamente. Eu tinha a sensação de que precisaria do apoio de Vee esta noite.

— Acho que vou me encontrar com Rixon e assistir a um filme. Posso perguntar se ele tem outros amigos para lhe apresentar. Nós poderíamos fazer um encontro duplo. Comer pipoca, contar piadas, dar uns amassos.

— Eu passo — desconversei. Não queria mais ninguém. Queria Patch.

***

Quando Vee entrou com o carro no estacionamento de Delphic Beach, o céu estava completamente negro. Os poderosos refletores que lembravam os do campo de futebol da escola banhavam as estruturas de madeira caiada onde ficavam o carrossel, o fliperama e o minigolfe, deixando um halo pairar sobre o local. Não havia eletricidade mais perto da praia ou nos campos em volta, fazendo com que aquele fosse o único ponto luminoso na costa em muitos quilômetros. Àquela hora da noite, eu não esperava encontrar ninguém comprando hambúrgueres ou jogando *air hockey*. Fiz um sinal para que Vee parasse o carro perto do caminho de madeira que seguia até a água. Saí do carro e me despedi. Vee acenou com o celular apertado contra a orelha, enquanto combinava com Rixon onde iriam se encontrar.

O ar ainda mantinha o calor do sol e estava repleto de todo tipo de sons, da música distante que vinha do parque de diversões Delphic Seaport, no alto dos penhascos, ao bater das ondas na areia. Passei pela vegetação que cobria a costa como uma cerca, desci a colina e caminhei até a fina faixa de areia seca que ficava fora do alcance da maré alta.

Passei por grupinhos de pessoas que ainda brincavam na água, pulavam ondas e lançavam gravetos na escuridão do oceano, apesar dos salva-vidas já terem ido embora havia muito tempo. Fiquei de olhos atentos em busca de Patch, Scott, Marcie ou qualquer outra pessoa que eu conhecesse. Adiante, as chamas alaranjadas de uma fogueira dançavam e reluziam na escuridão. Peguei o celular e liguei para Scott.

— Olá.

— Cheguei. Onde você está? — perguntou ele.

— Ao sul da fogueira. E você?

— Ao norte.

— Vou encontrá-la.

Dois minutos depois, Scott desabou na areia ao meu lado.

— Você vai ficar de fora a noite inteira? — ele indagou. Seu hálito recendia a álcool.

— Não sou muito fã de noventa por cento das pessoas nesta festa.

Ele assentiu, compreensivo, e me entregou uma garrafa térmica metálica.

— Não tenho germes, palavra de escoteiro. Beba quanto quiser.

Abaixei-me apenas o suficiente para sentir o cheiro do conteúdo da garrafa. Afastei-me imediatamente, sentindo um ardor no fundo da minha garganta.

— O que é isso? — perguntei, meio engasgada. — Querosene?

— Minha receita secreta. Se eu lhe dissesse o que é, teria que matá-la.

— Não é necessário. Tenho certeza de que se eu bebesse isso o resultado seria o mesmo.

Scott se recostou, com os cotovelos na areia. Vestia uma camiseta do Metallica com as mangas rasgadas, short cáqui e sandálias de dedo. Eu estava com o uniforme de trabalho, sem a boina, o colete e a camisa plissada. Por sorte, havia colocado uma blusa de alcinhas antes de sair para o trabalho, mas não tinha nada para substituir a calça de tweed.

— Então me diga, Grey. O que você está fazendo aqui? Devo lhe dizer que achei que ia me dar um bolo para fazer o dever de casa da semana que vem.

Recostei-me na areia a seu lado e lhe lancei um olhar de esguelha.

— Esse número de bancar o canalha já está ficando velho. Então eu sou uma nerd sem graça. E daí?

— Eu gosto de nerds sem graça. Uma nerd sem graça vai me ajudar a passar de ano. Principalmente nas aulas de inglês.

Minha nossa.

— Se isso foi uma pergunta, a resposta é *não*. Não vou fazer seus trabalhos de inglês.

— É o que você pensa. Ainda não comecei a lançar todo o charme de Scott em cima de você.

Soltei uma gargalhada de desdém, e o sorriso dele aumentou. Ele disse:

— O quê? Não acredita em mim?

— Não acredito que você e a palavra charme possam aparecer juntos na mesma frase.

— Nenhuma garota consegue resistir ao meu charme. Vou lhe dizer, elas ficam *doidas*. Aqui vai a informação básica: fico bêbado vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, não consigo manter um emprego, não consigo passar em matemática elementar e passo os dias jogando videogames e andando por aí.

Joguei a cabeça para trás, sentindo meus ombros se sacudirem enquanto eu ria. Começava a achar que gostava mais da versão bêbada de Scott do que da sóbria. Quem teria imaginado que Scott podia rir tanto de si mesmo?

— Pare de babar — disse Scott, erguendo meu queixo de forma brincalhona. — Vai me deixar convencido.

Dei-lhe um sorriso descontraído.

— Você dirige um Mustang. Com isso, deve ganhar uns dez pontos, pelo menos.

— Maravilha. Dez pontos. Tudo o que preciso é de outros duzentos para sair da zona do rebaixamento.

— Por que não para de beber? — sugeri.

— Parar? Está brincando? Minha vida não presta quando estou apenas semiconsciente. Se eu parasse de beber e visse como ela é de verdade, eu provavelmente pularia de uma ponte.

Ficamos em silêncio por um momento.

— Quando estou de porre, quase consigo me esquecer de quem sou — continuou ele, com o sorriso diminuindo ligeiramente. — Sei que ainda estou ali, mas de leve. É um bom lugar para se ficar.

Ele virou a garrafa, com os olhos fixos na escuridão do mar adiante.

— Bem, minha vida também não é grande coisa.

— Seu pai? — sugeriu ele, secando o lábio superior com as costas da mão. — Não foi culpa sua.

— O que praticamente piora tudo.

— Como assim?

— Se fosse culpa minha, significaria que eu tinha feito tudo errado. Eu me culparia por muito tempo, mas talvez, um dia eu pudesse seguir em frente. Agora, estou atolada, enfrentando a mesma pergunta: por que com *meu* pai?

— Tem razão — disse Scott.

Uma chuva suave começou a cair. Chuva de verão, com gotas grandes e mornas derramando-se por toda parte.

— Que droga! — ouvi a exclamação de Marcie, vinda da direção da praia, perto da fogueira. Examinei os contornos dos corpos enquanto as pessoas se levantavam. Patch não estava entre elas.

— Todos lá para casa! — berrou Scott, pulando de pé com um floreio. Ele cambaleou para o lado, com dificuldade para se manter

ereto. — Deacon Road, 72, apartamento 32. As portas estão destrancadas. Muita cerveja na geladeira. E será que mencionei que minha mãe vai passar a noite toda fora, num jogo de dados?

Houve aplausos, todo mundo pegou os sapatos e outras peças de roupa e subiu pela areia em direção ao estacionamento. Scott cutucou minha coxa com a sandália de dedo.

— Precisa de uma carona? Vamos lá. Até deixo você dirigir.

— Obrigada pelo convite, mas acho que vou para casa.

Patch não estava ali. Ele era a única razão para eu ter vindo, e, de repente, a noite parecia não apenas uma decepção, mas também um desperdício. Eu deveria me sentir aliviada por não ver Patch e Marcie juntos, mas estava principalmente desapontada, solitária e cheia de arrependimento. Além de exausta. O único pensamento que me vinha era a vontade de me arrastar para a cama e acabar com aquele dia o mais rápido possível.

— Amigos não deixam os amigos dirigirem bêbados — provocou Scott.

— Você está tentando apelar para a minha consciência?

Ele balançou as chaves diante de mim.

— Como pode recusar a única oportunidade de dirigir o Mustang?

Eu me levantei e sacudi a areia da parte de trás da calça.

— Que tal se você me vendesse o Mustang por trinta dólares? Posso até pagar à vista.

Ele riu, colocando os braços em volta dos meus ombros.

— Estou bêbado, mas não tanto, Grey.

C A P Í T U L O

14

De volta aos limites de Coldwater, atravessei a cidade com o Mustang e peguei a Beech, em direção à Deacon. A chuva continuava a tamborilar, transformando-se em um chuvisco sombrio. A rua era estreita e sinuosa com árvores por toda a calçada. Depois da curva seguinte, Scott apontou para um conjunto de apartamentos no estilo Cape Cod, com minúsculas varandas e telhas cinzentas. Havia uma quadra de tênis caindo aos pedaços no pequeno gramado da frente. Todo o lugar parecia precisar de uma boa mão de tinta.

Estacionei o Mustang.

— Obrigado pela carona — agradeceu Scott, colocando o braço atrás do meu banco. Os olhos estavam embaçados, o sorriso erguido preguiçosamente em um dos cantos da boca.

— Você consegue entrar? — perguntei.

— Não quero entrar — disse ele com a voz enrolada. — O carpete cheira a xixi de cachorro e o teto do banheiro está mofado. Quero ficar aqui fora, com você.

Porque você está bêbado.

— Preciso voltar para casa. Está tarde e ainda não liguei para minha mãe hoje. Ela vai ficar louca se eu não telefonar logo.

Debrucei-me por cima dele e abri a porta do carona. Quando fiz isso, ele enrolou uma mecha do meu cabelo em volta do dedo.

— Bonito.

Desfiz o cacho.

— Não vai rolar. Você está bêbado.

Ele sorriu.

— Só um pouquinho.

— Você não vai se lembrar disso amanhã.

— Achei que tivemos um bom momento na praia.

— Tivemos. E já passou. É sério. Estou expulsando você. Saia.

— E o carro?

— Vou levá-lo para casa e amanhã à tarde o deixo aqui.

Scott soltou o ar com satisfação e afundou relaxadamente no assento.

— Quero entrar e ficar sozinho, ao som de Jimi Hendrix. Você diz para todo mundo que a festa acabou?

Revirei os olhos.

— Você acabou de convidar sessenta pessoas para virem à sua casa. Não vou entrar e dizer a elas que a festa está cancelada.

Scott se virou para o lado de fora da porta e vomitou.

Eca.

Agarrei as costas da sua camisa e o puxei para dentro do carro de novo. Acelerei o Mustang apenas o suficiente para que ele avançasse menos de um metro. Depois, pisei no freio e saltei. Dei a volta até o lado de Scott e o arrastei para fora do carro pelos braços, tomando cuidado para não pisar no que ele havia botado para fora. Ele lançou o braço sobre meu ombro e fiz o que pude para não desabar com seu peso.

— Qual o apartamento? — perguntei.

— Trinta e dois. No último andar, à direita.

O último andar. Claro. Por que eu esperaria moleza agora?

Ofegando, arrastei Scott pelos dois lances de escada e cambaleei pela porta aberta do apartamento dele, que estava cheio de vida com o caos de corpos pulsando e se agitando ao som de um rap tão alto que eu podia sentir meu cérebro sacudir.

— O quarto fica nos fundos — murmurou Scott em meu ouvido.

Atravessei a multidão com ele, abri a porta no final do corredor e o depositei na cama de baixo de um beliche, no canto. Havia uma pequena escrivaninha, um cesto desmontável para roupa suja, um suporte para a guitarra e alguns halteres. As paredes eram de um branco encardido, decoradas apenas com um pôster do filme *O Poderoso Chefão 3* e a flâmula do New England Patriots.

— Meu quarto — disse Scott, surpreendendo-me enquanto eu observava o cenário. Ele bateu no colchão, indicando seu lado. — Sinta-se à vontade.

— Boa noite, Scott.

Comecei a fechar a porta quando ele falou:

— Você poderia me arranjar algo para beber? Água? Preciso tirar esse gosto da boca.

Estava nervosa para sair daquele lugar, mas não conseguia deixar de sentir uma ponta de compaixão por Scott. Se eu saísse naquele momento, ele provavelmente acordaria na manhã seguinte deitado em uma poça do próprio vômito. Eu poderia muito bem ajudá-lo a se limpar e dar a ele um remédio.

A minúscula cozinha em formato de U do apartamento contemplava a sala de estar transformada em pista de dança. Depois de me espremer entre corpos que bloqueavam a entrada, abri e fechei armários, em busca de um copo. Encontrei uma pilha de copos de plástico brancos na pia, emborcados na torneira, e enchi um deles de água. Enquanto me virava para levá-lo para Scott, meu coração deu um salto. Patch estava a alguns metros, apoiado nos armários diante da geladeira. Ele havia se afastado da multidão e o boné estava abaixado, o que indicava que não estava interessado em jogar conversa fora. Sua atitude era impaciente. Ele olhou o relógio de pulso.

Vendo que não poderia evitá-lo, a não ser pulando no balcão e me jogando diretamente na sala de estar, e sentindo que devia a ele um mínimo de educação — afinal, nós dois não éramos suficientemente maduros para lidar com a situação? —, umedeci os lábios, que subitamente pareciam secos como areia, e me aproximei.

— Está se divertindo?

As linhas duras de seu rosto se suavizaram em um sorriso.

— Posso pensar em pelo menos uma coisa que eu preferia estar fazendo.

Se era uma indireta, eu iria ignorá-la. Com um impulso, sentei-me no balcão da cozinha, com as pernas balançando na beirada.

— Vai ficar a noite inteira?

— Se eu tiver que ficar a noite inteira, por favor me dê um tiro de misericórdia agora.

Abri as mãos.

— Estou sem armas. Sinto muito.

O sorriso de *bad-boy* era perfeito.

— É só isso o que a impede?

— Tiros não matariam você — argumentei. — É uma das desvantagens de ser imortal.

Ele assentiu, com um sorriso feroz espreitando à sombra do boné.

— Mas você faria isso, se pudesse?

Hesitei antes de responder.

— Eu não odeio você, Patch. Por enquanto.

— O ódio não é suficientemente forte? — presumiu ele. — Algo mais profundo?

Sorri, mas sem mostrar os dentes.

Parecíamos pressentir que não sairia nada de bom daquela conversa, especialmente naquele lugar, e Patch salvou a nós dois ao indicar com a cabeça a multidão atrás de nós.

— E você? Vai ficar por muito tempo?

Desci do balcão.

— Não. Vou deixar um copo de água com Scott e um antisséptico bucal, se conseguir encontrar, e então vou embora.

Ele pegou meu cotovelo.

— Você seria capaz de me dar um tiro, mas está indo cuidar da ressaca de Scott?

— Scott não partiu meu coração.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, e então Patch falou em voz baixa.

— Vamos embora.

A maneira como me olhou me deu a exata noção do que ele queria dizer. Queria que eu fugisse com ele. Que desafiasse os arcanjos. Que ignorasse que eles acabariam encontrando Patch.

Eu não podia pensar no que eles fariam com Patch sem me sentir encurralada, paralisada de medo, congelada com aquele horror. Patch nunca me dissera como era o inferno. Mas ele sabia. E o fato de que ele não me dizia nada me fazia pintar um cenário muito vívido e assustador.

Mantive os olhos presos na sala de estar.

— Prometi levar um copo de água para Scott.

— Você está passando muito tempo com um cara que eu chamaria de tenebroso, o que, considerando a minha situação, é um adjetivo bem forte.

— Só um príncipe das trevas reconhece outro?

— Estou feliz por você ter mantido seu senso de humor, mas estou falando sério. Tenha cuidado.

Assenti.

— Agradeço sua preocupação, mas sei o que estou fazendo.

Passei por Patch e me esgueirei pelos corpos que se sacudiam na sala de estar. Eu precisava ir embora. Era demais para mim ficar tão perto dele, sentir aquela parede de gelo tão espessa e impenetrável. Saber que nós dois queríamos algo que não poderíamos ter, apesar de nosso objeto de desejo estar ao alcance da mão.

Atravessei metade da multidão quando alguém puxou a alça da minha camiseta por trás. Virei-me, esperando encontrar Patch pronto para me dar mais sermões, ou, talvez, pior, mandando a cautela para o espaço, para me beijar. Mas era Scott, sorrindo preguiçosamente para mim. Ele tirou alguns fios de cabelo do meu rosto e se abaixou, fechando minha boca com a dele. Estava com gosto de hortelã, com os dentes recém-escovados. Comecei a recuar, mas então me dei conta: e daí se Patch nos visse? Não estava fazendo nada que ele não tivesse feito antes. Eu tinha tanto direito quanto ele de seguir em frente. Ele usava Marcie para preencher o vazio de seu coração, e agora era a minha vez, com Scott.

Subi as mãos no peito de Scott e as prendi em sua nuca. Ele aproveitou a deixa e me apertou com mais força, desenhando o

contorno da minha coluna com as mãos. Então era assim beijar outra pessoa. Enquanto Patch era lento, experiente e fazia tudo a seu tempo, Scott era brincalhão, voraz e um tanto despreocupado. Era completamente diferente e novo… e não completamente ruim.

— Meu quarto — sussurrou Scott em meu ouvido, prendendo os dedos nos meus e me puxando pelo corredor.

Voltei o olhar para onde Patch estava. Nossos olhos se encontraram. Sua mão estava rígida atrás do pescoço, como se estivera perdido em pensamentos e tivesse congelado quando me viu beijando Scott.

É o que você está pensando, pensei, olhando para ele.

Só que não me senti melhor por pensar aquilo. Fiquei triste, sentindo-me suja e insatisfeita. Eu não era o tipo de pessoa que fazia joguinhos ou que recorria a truques para se consolar ou melhorar a autoestima. Mas ainda havia uma ferida aberta queimando dentro de mim e, por causa disso, deixei que Scott me guiasse pelo corredor.

Com o pé, Scott abriu a porta do quarto. Então apagou a luz e fomos cercados por sombras suaves. Olhei para o pequeno colchão de solteiro na parte de baixo do beliche e depois para a janela. Estava aberta. Em um momento de pânico, cheguei a me imaginar saindo por aquela passagem e desaparecendo na noite. Provavelmente era um sinal de que eu estava a ponto de cometer um erro enorme. Eu teria mesmo coragem de ir em frente com isso só para marcar um ponto? Era assim que eu mostraria para Patch a medida da minha raiva e da minha mágoa? O que isso dizia sobre mim?

Scott pegou-me pelos ombros e me beijou com mais força. Mentalmente, examinei minhas opções. Poderia dizer a ele que estava me sentindo mal. Poderia dizer que tinha mudado de ideia. Poderia apenas dizer que não…

Scott arrancou a camisa e a jogou para o lado.

— Ahn… — comecei. Olhei em volta mais uma vez, procurando escapar, notando que a porta do quarto devia ter sido aberta, porque

uma sombra bloqueava a luz que vinha do corredor. A sombra entrou no quarto, fechou a porta e meu queixo caiu.

Patch jogou a camisa de Scott sobre ele, atingindo-o no rosto.

— O que é… — brigou Scott, jogando a camisa sobre a cabeça e tentando se cobrir.

— O zíper está aberto — Patch lhe informou.

Scott puxou o zíper.

— O que você está fazendo? Não pode entrar aqui. Estou ocupado. E este é o meu quarto!

— Ficou maluco? — perguntei a Patch, sentindo o sangue subir até minhas bochechas.

Patch me fuzilou com os olhos.

— Você não quer estar aqui. Não com ele.

— Não é você quem decide!

Scott passou por mim.

— Deixe que eu cuido dele.

Ele andou menos de um metro antes que Patch enterrasse o punho em seu queixo fazendo um barulho assustador.

— *O que você está fazendo?* — berrei para Patch. — Você quebrou o queixo dele?

— Aaahn! — gemeu Scott, segurando a parte inferior do rosto.

— Não quebrei o queixo dele, mas se ele puser as mãos em você, vai ser a primeira de muitas coisas que vou quebrar — disse Patch.

— *Saia daqui!* — ordenei, apontando a porta.

— Vou matar você — rosnou Scott para Patch, abrindo e fechando o queixo para ter certeza de que ainda funcionava.

Em vez de aproveitar a deixa para sair, Patch chegou a Scott em três passos. E o jogou com o rosto na parede. Scott tentou se recuperar, mas Patch lançou-o novamente contra a parede, deixando-o ainda mais desorientado.

— Se você tocar nela — disse ele no ouvido de Scott, com a voz baixa e ameaçadora —, vai se arrepender pelo resto de sua vida.

Antes de sair, Patch lançou um olhar em minha direção.

— Ele não vale isso. — E fez uma pausa. — Nem eu.

Abri a boca, mas não sabia o que dizer. Não estava ali porque queria. Estava ali para jogar aquilo na cara de Patch. Eu sabia disso e ele também.

Scott virou-se, apoiando-se contra a parede.

— Eu poderia ter encarado ele, se não estivesse de porre — resmungou, massageando o queixo. — Quem ele pensa que é? Eu nem o conheço. Você o conhece?

Obviamente, Scott não se lembrava de ter visto Patch no Z, mas havia muita gente lá, naquela noite. Eu não podia esperar que Scott se lembrasse de todo mundo.

— Sinto muito — falei eu, gesticulando para a porta por onde Patch acabara de sair. — Você está bem?

Ele sorriu lentamente.

— Nunca estive melhor — respondeu, enquanto um hematoma despontava no lugar onde ele havia levado o soco.

— Ele estava descontrolado.

— A melhor forma de se estar — disse ele, devagar, usando a parte de trás da mão para enxugar um fio de sangue que saía do canto de sua boca.

— É melhor eu ir embora. Trago o Mustang de volta depois da aula, amanhã.

Fiquei pensando em como seria capaz de sair dali, passar por Patch e manter o mínimo de dignidade. Eu poderia perfeitamente me aproximar dele e admitir que estava certo: eu só seguira Scott para feri-lo.

Scott prendeu o dedo sob a minha blusa, me impedindo de sair.

— Não vá, Nora. Ainda não.

Tirei o dedo dele dali.

— Scott…

— Diga se estou indo longe demais — sugeriu ele, arrancando a camisa pela segunda vez. A pele pálida reluzia no escuro. Obviamente, andava malhando muito, o que ficava claro por causa das linhas dos músculos em seus braços.

— Você está indo longe demais.

— Não foi convincente.

Ele afastou meu cabelo do pescoço e enfiou o rosto.

— Não tenho esse tipo de interesse por você — afirmei, pondo as mãos entre nós. Eu estava cansada, com uma dor de cabeça que fazia meu cérebro zumbir. Estava envergonhada e queria ir para casa, dormir, dormir até me esquecer daquela noite.

— Como sabe? Você não me conhece dessa forma.

Liguei o interruptor, inundando o quarto com luz. Scott cobriu os olhos com as mãos e deu um passo para trás.

— Vou embora… — comecei a falar, mas parei quando meus olhos encontraram um pedaço de pele no peito de Scott, entre o mamilo e a clavícula. A pele estava contorcida e reluzente. No fundo de minha mente, concluí que esta devia ser a marca que Scott recebera ao se juntar à sociedade secreta dos nefilins, mas aquele pensamento me pareceu perdido, diante do que realmente capturou minha atenção. A marca tinha a forma de um punho cerrado. Era idêntica, exatamente do mesmo formato e tamanho, ao punho do anel de ferro que eu recebera.

Com a mão ainda protegendo os olhos, Scott gemeu e procurou se apoiar na beira da cama.

— Que marca é essa na sua pele? — perguntei, com a boca ressequida.

Scott pareceu momentaneamente surpreso, depois desceu a mão para esconder a marca.

— Uma noite dessas, eu e meus amigos estávamos andando a cavalo. Não é nada sério. Apenas uma cicatriz.

Ele ousava *mentir* sobre aquilo?

— Você me deu o envelope.

Como ele não respondeu, acrescentei com mais ferocidade:

— No calçadão. A confeitaria. O envelope com o anel de ferro.

O quarto parecia assustadoramente isolado, separado das pulsações da sala de estar do apartamento. Em um instante, eu não me sentia mais em segurança, presa ali dentro com Scott.

Scott apertou os olhos e me encarou na luz, que ainda parecia incomodá-lo.

— Do que você está falando?

Seu tom de voz era desconfiado, hostil, confuso.

— Você acha isso *engraçado*? Eu sei que você me deu o anel.

— O… anel?

— O anel que deixou essa marca em seu peito!

Ele sacudiu a cabeça uma vez, com força, como se para afastar o torpor.

Então ele me puxou com o braço, jogando-me contra a parede.

— Como sabe do anel?

— Você está me machucando — falei com desprezo, mas estava tremendo de medo. Percebi que Scott não estava fingindo. A menos que ele fosse muito melhor ator do que eu imaginava, ele sinceramente não sabia sobre o envelope. Mas sabia sobre o anel.

— Como ele era? — Ele segurou minha blusa e me sacudiu. — O cara que lhe deu o anel… como ele era?

— Tire as mãos de mim! — gritei, tentando afastá-lo. Mas Scott pesava bem mais do que eu e seus pés permaneceram plantados, o corpo me encurralando contra a parede.

— Eu não o vi. Ele mandou me entregar.

— Ele sabe onde estou? Sabe que estou em Coldwater?

— Ele? — retruquei. — Quem é *ele*? O que está acontecendo?

— Por que ele lhe deu o anel?

— Eu não sei! Não sei nada sobre ele! Por que você não me conta?

Ele tremeu intensamente, um pânico furioso parecia dominá-lo.

— *O que você sabe?*

Mantive os olhos pregados nos de Scott, mas minha garganta estava tão fechada que eu tinha dificuldade para respirar.

— O anel estava dentro de um envelope com um bilhete que dizia que Mão Negra tinha matado meu pai. E o anel pertencia a ele. — Molhei os lábios. — Você é Mão Negra?

Scott mantinha um ar de profunda desconfiança. Os olhos iam para um lado e para o outro, tentando decidir se acreditavam em mim ou não.

— Esqueça essa conversa, para seu próprio bem.

Tentei soltar meu braço, mas ele continuava a me segurar.

— Saia daqui — ordenou. — E fique longe de mim. — Dessa vez, ele me soltou e me empurrou para a porta.

Parei diante da porta. Sequei a umidade das palmas das mãos na calça.

— Não saio até você me falar sobre Mão Negra.

Achei que Scott ia ter outro ataque de raiva, ainda mais violento, mas ele apenas me lançou um olhar de quem flagrou um cão de rua fazendo cocô no seu gramado. Ele pegou a camisa e por um segundo parecia que ia vesti-la novamente, mas então sua boca desenhou um sorriso ameaçador. Ele jogou a camisa sobre a cama. Abriu o cinto e o zíper e tirou a calça, ficando apenas com a cueca justa de algodão. Obviamente, ele estava querendo me chocar, na tentativa de me intimidar e fazer com que eu fosse embora. E tinha praticamente me convencido, mas eu não ia deixar que ele se livrasse de mim com tanta facilidade.

Eu disse:

— Você tem a marca do anel de Mão Negra em sua pele. Não espera que eu acredite que você não saiba de nada, nem de como você foi marcado.

Ele não respondeu.

— No minuto em que sair daqui, vou chamar a polícia. Se você não quer falar comigo, talvez prefira falar com eles. E eles já devem ter visto essa marca antes. Só de olhar, dá para dizer que não é algo bom.

Minha voz saía calma, mas minhas axilas estavam úmidas. Que coisa idiota e perigosa eu tinha dito. E se Scott não me deixasse ir embora? Obviamente, eu sabia o bastante sobre o Mão Negra para deixá-lo transtornado. Ele achava que eu sabia demais? E se me matasse e jogasse meu corpo numa lixeira? Minha mãe não fazia ideia de onde eu estava, e todo mundo que me vira entrar no

apartamento de Scott estava bêbado. Quem se lembraria de ter me visto?

Fiquei tão ocupada entrando em pânico que não percebi que Scott havia se sentado na cama. Apoiara o rosto nas mãos. As costas tremiam e percebi que ele chorava em silêncio, dando grandes soluços. A princípio, achei que estivesse fingindo, que era algum tipo de armadilha, mas os sons abafados no fundo do seu peito eram genuínos. Ele estava bêbado, emocionalmente descontrolado, e eu não sabia que tipo de estabilidade ele tinha.

Fiquei parada, com medo de que o menor movimento fizesse com que ele me atacasse.

— Arranjei um monte de dívidas de jogo em Portland — confessou ele finalmente, a voz áspera pelo desespero e pela exaustão. — O gerente do salão de sinuca estava na minha cola, exigindo dinheiro, e eu tinha que tomar cuidado toda vez que saía de casa. Eu vivia com medo, sabendo que um dia ele me pegaria e que eu teria sorte se ele quebrasse apenas os meus joelhos.

“Um dia, ao voltar para casa do trabalho, pularam por trás de mim e me arrastaram até um armazém. Depois me amarraram em uma mesa dobrável. Estava escuro demais para ver o cara, mas eu achei que o gerente o tivesse mandado. Eu lhe disse que pagava o que fosse preciso para ele me deixar ir embora, mas ele riu e falou que não queria o meu dinheiro; na realidade, tinha saldado minhas dívidas. Antes que eu pudesse entender se ele achava que aquilo era algum tipo de piada, ele declarou que era o Mão Negra e que a última coisa de que precisava era de mais dinheiro.

“Ele acendeu um isqueiro Zippo e, com a chama, aqueceu um anel em sua mão esquerda. Eu suava sem parar. Disse a ele que faria o que ele quisesse, desde que me tirasse daquela mesa. Ele abriu minha camisa e apertou o anel contra o meu peito. Minha pele pegou fogo e eu gritei com toda força. Ele torceu meu dedo, quebrando-o, e disse que, se eu não parasse, iria em frente até quebrar os outros dedos. Disse que tinha me dado a sua marca.

A voz de Scott baixou até virar um sussurro.

— Molhei as calças. Bem ali, na mesa. Ele me deixou apavorado. Farei o que for necessário para nunca voltar a vê-lo. Foi por isso que voltamos para Coldwater. Parei de ir à escola e passei a me refugiar na academia o dia inteiro, ganhando corpo, para o caso de ele voltar a me procurar. Se me encontrasse novamente, dessa vez eu estaria pronto.

Ele parou de falar e limpou o nariz com a parte de trás da mão.

Eu não sabia se podia confiar nele. Patch tinha deixado claro que ele não confiava, mas Scott tremia. Estava pálido, molhado de suor. Passou as mãos no cabelo soltando um longo e vacilante suspiro. Seria capaz de inventar uma história dessas? Todos os detalhes batiam com o que eu já sabia sobre Scott. Ele era viciado em jogo. Trabalhou à noite em Portland, em uma loja de conveniência. Voltou para Coldwater para fugir do passado. Tinha uma marca no peito, prova de que *alguém* a deixara ali. Seria capaz de ficar tão próximo e mentir para mim sobre o que sofrera?

— Como ele era? — perguntei. — Mão Negra?

Ele sacudiu a cabeça.

— Estava escuro. Era alto. É tudo de que me lembro.

Procurei alguma forma de conectar Scott a meu pai — os dois tinham ligação com Mão Negra. Scott tinha sido encontrado por Mão Negra depois de acumular dívidas. Em troca, pelo pagamento, Mão Negra o marcara. Teria meu pai passado pela mesma situação? Seu assassinato poderia não ter sido um acaso, como a polícia inicialmente imaginara? Esse Mão Negra teria saldado alguma dívida de meu pai e depois o matado, quando ele se recusara a ser marcado? Não. Eu não acreditava nisso. Meu pai não jogava e não acumulava dívidas. Era contador. Sabia o valor do dinheiro. Nada o ligava a Scott. Precisava haver algo mais.

— Mão Negra disse mais alguma coisa? — perguntei.

— Tento não me lembrar de nada sobre aquela noite.

Ele tateou sob o colchão e tirou de lá um cinzeiro plástico e um maço de cigarros. Acendeu, soltou a fumaça lentamente e fechou os olhos. Minha mente continuava voltando para as mesmas três

perguntas. Mão Negra teria mesmo matado meu pai? Quem era ele? Onde eu poderia encontrá-lo?

E, então, cheguei a uma nova pergunta. Mão Negra seria o líder da sociedade secreta dos nefilins? Se era ele quem marcava os nefilins, aquilo parecia fazer sentido. Apenas um líder, ou alguém com muita autoridade, estaria encarregado de recrutar membros para combater os anjos caídos.

— Ele lhe disse por que o marcou? — perguntei. Com toda certeza, a marca servia para distinguir os membros da sociedade secreta, mas talvez houvesse mais algum motivo. Algo que só os nefilins que a integravam sabiam.

Scott sacudiu a cabeça e deu outro trago.

— Ele não explicou nada?

— Não! — retrucou Scott.

— Ele voltou a procurá-lo, depois daquela noite?

— Não.

Dava para ver pelo seu olhar transtornado que ele tinha medo de que a situação mudasse.

Pensei na Sinuca Z. No nefilim de camisa vermelha. Ele tinha a mesma marca de Scott? Eu tinha quase certeza disso. Fazia sentido que todos os membros tivessem a mesma marca. O que queria dizer que havia outros como Scott e o nefilim da Sinuca Z. Membros espalhados por aí, recrutados à força, mas desconectados, sem poder verdadeiro ou objetivo, porque não sabiam de nada. O que Mão Negra estava esperando? Por que adiava a união de seus membros? Para impedir que os anjos caídos descobrissem seus planos?

Seria essa a razão para o assassinato de meu pai? Algo a ver com a sociedade secreta?

— Você já viu a marca do Mão Negra em outra pessoa? — indaguei. Eu sabia que corria o risco de estar insistindo demais no assunto, mas precisava descobrir quanto Scott sabia.

Scott não respondeu. Estava caído na cama, apagado. Sua boca estava aberta e seu hálito recendia a álcool e a cigarro.

Eu o sacudi delicadamente.

— Scott? O que você pode me dizer sobre a sociedade secreta? — Bati em seu rosto levemente. — Scott, acorde. Mão Negra lhe disse que você é nefilim? Ele explicou o que isso quer dizer?

Mas ele havia caído em um sono profundo e inebriado.

Apaguei o cigarro dele, cobri-o com o lençol até os ombros e o deixei ali.

CAPÍTULO
15

Eu estava imersa em um sonho quando o telefone tocou, estridente. Estiquei o braço para o lado, passei a mão na mesa de cabeceira e localizei o celular.

— Alô? — falei, limpando saliva de um canto da boca.

— Você já viu o Weather Channel hoje? — perguntou Vee.

— O quê? — balbuciei. Tentei obrigar meus olhos a se abrirem, mas eles insistiam em voltar para o sonho. — Que horas são?

— Céu azul, temperatura escaldante, sem vento. Vamos para Old Orchard Beach depois da aula. Estou botando as pranchas no Neon neste exato momento. — Ela começou a cantar o primeiro verso de "Summer Nights", de *Grease.* Eu me encolhi e afastei o telefone da orelha.

Esfreguei os olhos para afastar o sono e observei os números do relógio relutantemente entrarem em foco. Aquele seis não podia estar na frente… ou podia?

— Devo usar o tomara que caia pink ou o biquíni dourado metálico? O problema com o dourado é que provavelmente vou precisar me bronzear antes de usá-lo. A cor faz com que a pele pareça ainda mais desbotada. Talvez eu use o pink dessa vez, me queime um pouco e…

— Por que meu relógio está marcando 6h25? — eu quis saber, tentando vencer a névoa de sono o suficiente para dar algum volume à minha voz.

— Essa pergunta é uma pegadinha?

— Vee!

— A hora está certa. Muito zangada?

Desliguei o telefone e me encolhi sob as cobertas. O telefone fixo começou a tocar lá embaixo, na cozinha. Cobri a cabeça com o travesseiro. A secretária eletrônica atendeu, mas não era tão fácil

assim se livrar de Vee. Ela voltou a ligar. E mais uma vez, e outra ainda.

Liguei para o celular dela.

— *O que foi?*

— Dourado ou pink? Eu não ia perguntar se não fosse importante. É que… Rixon vai estar lá e é a primeira vez que ele vai me ver de biquíni.

— Espere aí. O plano é para nós *três* irmos juntos? Não vou até Old Orchard Beach para ficar segurando vela!

— E eu não vou deixar você ficar sozinha em casa o dia inteiro com cara de mau humor.

— Não tenho cara de mau humor.

— Tem sim. E está com ela agora.

— Essa é a minha cara de irritação. Você me acordou às seis da manhã!

***

O céu estava azul em todo o horizonte. As janelas do Neon estavam abaixadas, um vento quente batia nos cabelos de Vee e nos meus, e o cheiro intenso de maresia enchia o ar. Vee saiu da estrada principal e dirigiu pela Old Orchard Street, procurando uma vaga para estacionar o carro. As pistas dos dois lados da rua estavam repletas de carros lentos, que andavam bem abaixo do limite de velocidade, esperando que aparecesse uma vaga antes que passassem direto e perdessem a oportunidade.

— Está tudo lotado — reclamou Vee. — Onde vou estacionar? — Ela entrou em um beco e parou atrás de uma livraria. — Parece bom. Tem um monte de vagas aqui atrás.

— A placa diz que o estacionamento é apenas para funcionários.

— Como vão saber que não somos funcionárias? O Neon combina perfeitamente. Todos esses carros são de classe baixa.

— A placa diz que quem infringir a regra vai ser rebocado.

— Dizem isso só para assustar gente como você e eu. É uma ameaça vazia. Não precisa se preocupar.

Ela manobrou o Neon para dentro de uma vaga e puxou o freio de mão. Tiramos da mala do carro uma barraca e uma sacola recheada com garrafas d'água, lanches, filtro solar e toalha, depois descemos a Old Orchard Street, que terminava na praia. A faixa de areia estava salpicada por barracas coloridas e ondas espumantes batiam nas finas bases do píer. Reconheci um grupo de garotos que logo entrariam para o último ano jogando *frisbee* bem na nossa frente.

— Normalmente, eu lhe diria que deveríamos dar uma olhada naqueles caras — comentou Vee. — Mas Rixon é tão gato que não me sinto nem um pouco tentada.

— Quando é que Rixon vai chegar, aliás?

— Espere aí. Você não pareceu muito animada. Para falar a verdade, pareceu um pouquinho cínica.

Protegi os olhos do sol e vasculhei a areia, procurando o lugar perfeito para colocar a barraca.

— Já disse: odeio a ideia de ficar segurando vela.

A última coisa de que eu precisava ou que queria era passar a tarde inteira sob o sol quente, assistindo aos amassos de Vee e Rixon.

— Para sua informação, Rixon tem alguns negócios para resolver, mas prometeu estar aqui às três.

— Que tipo de negócios?

— Quem vai saber? Provavelmente Patch obrigou-o a fazer algum favor. Ele sempre precisa que Rixon saia correndo e resolva algum pepino para ele. Patch bem que podia resolver tudo sozinho. Ou pelo menos pagar a Rixon, em vez de se aproveitar dele. Você acha que eu devo passar filtro solar? Vou ficar louca se depois de todo esse trabalho eu não conseguir me bronzear.

— Rixon não me parece o tipo de cara que deixa os outros se aproveitarem dele.

— Os outros? Não. Patch? Sim. Parece que Rixon o idolatra. É lamentável. Isso me deixa enojada. Patch não é o tipo de cara que

sirva de modelo para meu namorado.

— Eles se conhecem há muito tempo.

— Já ouvi. Blá-blá-blá. Provavelmente, Patch é traficante de drogas. Não. Provavelmente, ele vende *armas* e Rixon banca a mula, contrabandeando armas de graça e arriscando o próprio pescoço.

Por trás do meu Ray-Ban de liquidação, revirei os olhos.

— Rixon vê algum problema na amizade deles dois?

— Não — disse ela, insolente.

— Então deixe as coisas como estão.

Mas Vee não queria deixar o assunto de lado.

— Se Patch não negocia armas, como ele arranja dinheiro?

— Você sabe como ele arranja dinheiro.

— Conte — provocou ela, cruzando os braços, teimosamente. — Diga-me em voz *alta* onde ele arranja dinheiro.

— No mesmo lugar que Rixon arranja o dele.

— Aham. Como pensei. Você tem vergonha de dizer.

Lancei-lhe um olhar incisivo.

— Faça-me o favor. É a coisa mais idiota do mundo.

— Ah, é? — Vee dirigiu-se para uma mulher que estava próxima, construindo um castelo de areia com duas crianças pequenas. — Com licença, senhora. Lamento interromper seu momento de lazer com os pequenos, mas minha amiga aqui gostaria de lhe dizer o que o ex-namorado dela faz da vida.

Agarrei o braço de Vee e a arrastei dali.

— Viu? — disse Vee. — Você tem vergonha. Não consegue dizer em voz alta sem se sentir podre por dentro.

— Pôquer. *Sinuca*. Está vendo? Eu disse e não fiquei encarquilhada nem morri. Satisfeita? Não sei qual é o problema. Rixon ganha a vida do mesmo jeito.

Vee sacudiu a cabeça.

— Você está tão por fora, menina. Não dá para comprar o tipo de roupa que Patch usa com o dinheiro do jogo do Fliperama do Bo.

— Do que você está falando? Patch usa jeans e camiseta.

Ela pôs a mão na cintura.

— Você sabe quanto custa uma calça jeans daquelas?

— Não — respondi, confusa.

— Vamos dizer apenas que não é possível comprar uma calça jeans daquela em Coldwater. Ele provavelmente encomenda em Nova York. Quatrocentos dólares cada calça.

— Você está mentindo.

— Juro por Deus. Que eu caia aqui mortinha se estiver mentindo. Na semana passada, ele estava com uma camiseta de um show dos Rolling Stones que tinha o autógrafo do Mick Jagger. Rixon diz que é de verdade. Patch não paga o cartão de crédito com fichas de pôquer. Antes de você e Patch terminarem, chegou a lhe perguntar onde ele consegue dinheiro? Ou como ele arranjou aquele Jeep reluzente?

— Patch ganhou o Jeep num jogo de pôquer — argumentei. — Se ele ganhou um Jeep, com toda certeza poderia ganhar o bastante para comprar calças de quatrocentos dólares. Talvez ele seja mesmo muito bom no pôquer.

— Patch lhe *disse* que ganhou o Jeep. Rixon tem uma história diferente.

Tirei o cabelo dos ombros, tentando fingir que não ligava a mínima para o rumo que a conversa tomava, porque não acreditava em nada.

— Ah, é? E qual é a história?

— Não sei. Rixon não me conta. Tudo o que ele disse foi: “Patch quer que vocês pensem que ele ganhou o Jeep. Mas ele sujou as mãos para conseguir o carro.”

— Talvez você tenha ouvido errado.

— É, talvez — disse Vee, cinicamente. — Ou talvez Patch seja um lunático envolvido em negócios ilegais.

Eu lhe passei o filtro solar, talvez com um pouco de força demais.

— Passe nas minhas costas. Não se esqueça de nenhuma área.

— Acho que vou ficar com o óleo — informou Vee, espalhando filtro nas minhas costas. — É melhor ficar com uma

queimadurazinha do que passar o dia inteiro na praia e sair tão branca quanto cheguei.

Virei o pescoço, mas não consegui ver se Vee estava mesmo caprichando.

— Não se esqueça de passar debaixo das alças.

— Você acha que vão me prender se eu tirar a parte de cima? Detesto marquinha de biquíni.

Estendi a toalha sob o guarda-sol e me encolhi sob a sombra, verificando se os pés não estavam expostos ao sol. Vee sacudiu a toalha a alguns metros de distância e empapou as pernas com óleo de bebê. No fundo da minha mente, surgiram as imagens de câncer de pele que eu havia visto no consultório médico.

— E por falar em Patch — continuou Vee. —, qual é a última? Ele ainda está enrolado com Marcie?

— Até onde eu sei — afirmei, secamente, pensando que o único motivo que a levava a fazer aquela pergunta era querer me provocar mais ainda.

— Bem, você sabe a minha opinião.

Eu sabia, mas ia ouvir de novo, independentemente de minha vontade.

— Os dois se merecem — disse Vee, borrifando o cabelo com Sun-In, perfumando o ar com cheiro artificial de limão. — É óbvio que não acho que vai durar. Patch vai se entediar e passar adiante. Exatamente como ele fez com…

— Podemos falar sobre algum outro assunto que não seja Patch? — interrompi, fechando os olhos com força e massageando os músculos na parte de trás do pescoço.

— Você tem certeza de que não quer falar? Parece que está com a cabeça muito cheia.

Soltei um suspiro. Não adiantava esconder. Insolente ou não, Vee era minha melhor amiga e merecia a verdade quando eu podia contá-la.

— Ele me beijou na outra noite. Depois da Bolsa do Diabo.

— Ele *o quê*?

Esfreguei as mãos nos olhos.

— No meu quarto.

Não achei que pudesse explicar para Vee que ele havia me beijado dentro do sonho. O problema era que ele havia me beijado. O lugar era irrelevante. Isso e o fato de que eu não queria sequer pensar no que significava ele ser capaz de entrar em meus sonhos.

— Você deixou ele *entrar*?

— Não foi exatamente assim, mas ele acabou entrando.

— Tudo bem — disse Vee, aparentando dificuldade para produzir uma resposta decente para minha idiotice. — Olhe só o que vamos fazer. Vamos fazer um juramento de sangue. Não me olhe assim. Estou falando sério. Se fizermos um juramento de sangue, você vai ter que cumpri-lo ou algo terrível vai acontecer… Como ratazanas roendo seus pés durante o sono ou algo do gênero. E, quando você acordar, só vão ter sobrado uns tocos ensanguentados. Você tem um canivete? Vamos encontrar um canivete e depois vamos cortar as palmas das mãos e apertá-las. Você vai jurar nunca mais ficar sozinha com Patch. Assim, se ficar tentada, terá motivo para impedi-la.

Perguntei a mim mesma se deveria lhe contar que estar sozinha com Patch nem sempre era uma escolha minha. Ele se movimentava como o vapor. Se quisesse ficar sozinho comigo, ele conseguiria. E, embora eu detestasse admitir, nem sempre isso me incomodava.

— Preciso de algo um pouco mais eficiente do que um juramento de sangue — confessei.

— Querida, caia na real. Isso é sério. Espero que você acredite, porque eu acredito. Vou procurar uma faca — avisou, começando a se levantar.

Puxei-a de volta.

— Estou com o diário de Marcie.

— *O… o quê?* — balbuciou Vee.

— Eu o peguei, mas não li.

— Por que eu só estou ouvindo isso agora? E quanto tempo você vai levar para abri-lo? Esqueça Rixon! Vamos para casa agora e lê-lo! Você sabe que Marcie deve ter escrito sobre Patch.

— Eu sei.

— Então o que você está esperando? Está com medo das revelações? Porque eu posso ler primeiro, filtrar as coisas ruins e lhe dar apenas as respostas, sem mais.

— Se eu ler, talvez nunca mais fale com Patch.

— Seria bom!

Olhei de esguelha para Vee.

— Não sei se é isso o que eu quero.

— Ah, amiga. Não faça isso consigo mesma. Está me matando. Leia o diário daquela idiota e ponha um ponto final nessa história. Existem *outros* caras por aí. Só para seu conhecimento: nunca vão faltar caras.

— Eu sei — concordei, mas parecia uma mentira descarada. Nunca houve outro cara antes de Patch. Como eu poderia dizer para mim mesma que haveria outro depois?

— Não vou ler o diário. Vou devolvê-lo. Marcie e eu temos essa briga ridícula há anos, e isso já cansou. Tenho que ir em frente.

Vee ficou de queixo caído e voltou a balbuciar:

— Você não pode ir em frente *depois* de ler o diário? Ou pelo menos me deixar dar uma olhada rápida? Cinco minutos, é tudo o que eu peço.

— Vou pelo caminho mais difícil.

Foi a vez de Vee soltar um suspiro.

— Você não vai fazer nada, não é?

— Não.

Uma sombra baixou sobre nossas toalhas.

— Posso me juntar a essas belas senhoritas?

Levantamos o olhar e encontramos Rixon de pé, de sunga e regata, com uma toalha jogada sobre o ombro. Era magro e alto de uma forma que parecia ser surpreendentemente forte e resistente, com o nariz adunco e uma massa de cabelos negros que caíam

sobre a testa. Tinha uma tatuagem representando asas negras de anjo em seu ombro esquerdo, e aquilo, somado às sombras pesadas das cinco da tarde, fazia com que ele parecesse um elemento da máfia. Atraente, brincalhão, do tipo que não vale nada.

— Você chegou! — exclamou Vee, com o sorriso iluminando o rosto inteiro.

Rixon desabou na areia diante de nós, com os cotovelos para baixo, o rosto apoiado nos punhos.

— O que eu perdi?

— Vee quer que eu faça um juramento de sangue — contei.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Parece sério.

— Ela acha que isso vai tirar Patch da minha vida.

Rixon jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

— Boa sorte!

— Ei! — disse Vee. — Juramento de sangue é algo sério.

Com intimidade, Rixon pousou a mão na coxa dela e sorriu carinhosamente. Senti meu coração doer de inveja. Semanas antes, Patch teria me tocado da mesma forma. A ironia era que, semanas antes, Vee provavelmente teria se sentido da mesma forma que eu me sentia agora, sempre que era obrigada a sair comigo e Patch. O fato de eu saber disso deveria ter feito com que eu engolisse minha inveja com mais facilidade, mas a ferida era profunda. Em resposta a Rixon, Vee se debruçou para a frente e o beijou na boca. Afastei o olhar, mas aquilo não diluiu a inveja que parecia pesar como uma pedra sobre minha garganta.

Rixon pigarreou.

— Acho que vou comprar umas Coca-Colas para a gente. Que tal? — perguntou, tendo a sensibilidade de perceber que ele e Vee estavam me deixando pouco à vontade.

— Deixe que eu vou — sugeriu Vee, levantando-se e limpando a areia da bunda. — Acho que Nora quer conversar com você, Rixon. — Ela fez aspas no ar para a palavra “conversar”. — Eu poderia ficar, mas não sou muito fã deste assunto.

— Ahn… — comecei, pouco à vontade, sem entender exatamente o que Vee estava querendo dizer, mas sabendo perfeitamente que eu não iria gostar.

Rixon sorriu enquanto aguardava.

— *Patch* — concluiu Vee, esclarecendo tudo, só para deixar a atmosfera dez vezes mais pesada do que já estava. Tendo dito isso, ela foi embora.

Rixon esfregou o queixo.

—Você quer falar sobre Patch?

— Para falar a verdade, não quero. Mas você conhece Vee. Sempre disposta a tornar uma situação constrangedora dez vezes pior — respondi baixo.

Rixon riu.

— Ainda bem que não fico constrangido facilmente.

— Gostaria de poder dizer o mesmo.

— Como estão as coisas? — perguntou ele, tentando quebrar o gelo.

— Com Patch ou em geral?

— Os dois.

— Já estiveram melhores.

Percebendo que havia uma boa chance de que Rixon contasse para Patch qualquer informação que eu lhe desse, acrescentei logo:

— Estou melhorando. Mas posso fazer uma pergunta pessoal? É sobre Patch, mas se você não quiser responder, não tenho o menor problema com isso.

— Diga lá.

— Ele ainda é meu anjo da guarda? Há algum tempo, depois de uma briga, eu lhe disse que não queria que ele fosse mais. Mas não sei bem como ficou. Ele deixou de ser meu anjo da guarda só porque eu disse que não queria mais?

— Ele ainda cuida de você.

— Então, por que ele não aparece mais?

Os olhos de Rixon cintilaram.

— Você terminou com ele, lembra? É delicado para ele. A maior parte dos caras não gosta da ideia de permanecer perto da ex por mais tempo do que o necessário. Além disso, sei que ele disse que os arcanjos estão na cola de vocês. Ele está se virando do avesso para manter tudo dentro de uma esfera estritamente profissional.

— Então ele ainda está me protegendo?

— Claro. Mas está nos bastidores.

— Quem foi que fez esse arranjo?

Rixon deu de ombros.

— Os arcanjos.

— Existe alguma forma de eles ficarem sabendo que eu desejo ser cuidada por outro anjo? Não está funcionando bem. Pelo menos, desde que nós terminamos.

Não está funcionando bem? Está *me destruindo* por dentro. Todos esses encontros rápidos, a situação de vê-lo sem poder ficar com ele, aquilo tudo era devastador.

Ele passou o polegar sobre o lábio.

— Posso lhe dizer o que sei, mas há grandes chances de que sejam informações desatualizadas. Faz um bom tempo que ando fora do esquema. Ironicamente… Será que você está preparada para isso? Precisa fazer um juramento de sangue.

— É uma piada?

— Você corta a palma da mão e deixa cair algumas gotas de sangue sobre a terra. Nada de carpete ou concreto. Terra mesmo. Então faz o juramento, confirmando para o céu que você não tem medo de derramar seu próprio sangue. Das cinzas você veio, para as cinzas voltará. Ao prestar o juramento, você desiste do direito de ter um anjo da guarda e anuncia que aceita seu destino, sem a ajuda dos céus. Tenha em mente que eu não estou defendendo essa atitude. Eles lhe dão um guardião por um bom motivo. Alguém lá em cima acha que você corre perigo. Vou seguir meus instintos dessa vez, mas acho que não é apenas paranoia.

Não era exatamente uma novidade — eu podia sentir algo sombrio envolvendo meu mundo, ameaçando eclipsá-lo. O espectro

por trás da reaparição do fantasma de meu pai, principalmente. Um pensamento me passou pela cabeça.

— E se a pessoa que está atrás de mim também for o meu anjo da guarda? — perguntei lentamente.

Rixon soltou uma gargalhada.

— *Patch?*

Parecia que ele nem considerava tal possibilidade. Nenhuma surpresa. Rixon tinha passado por tudo com Patch. Mesmo se Patch fosse culpado, Rixon ficaria ao lado dele. Lealdade cega acima de tudo.

— Se ele estivesse tentando me ferir, alguém ficaria sabendo? — indaguei. — Os arcanjos? Os anjos da morte? Dabria sabia quando as pessoas estavam perto da morte. Um anjo da morte poderia deter Patch antes que fosse tarde demais?

— Se você está duvidando de Patch, está duvidando do cara errado. — Seu tom havia esfriado. — Eu o conheço melhor do que você. Ele leva o trabalho de guardião a sério.

Mas se Patch *quisesse* me matar, então ele havia bolado o plano perfeito, não? Ele era meu anjo da guarda. Estava encarregado da minha segurança. Ninguém suspeitaria dele…

Mas ele já tinha tido a chance de me matar. E não havia aproveitado. Havia sacrificado aquilo que mais queria — um corpo de humano — para salvar minha vida. E não o teria feito se me quisesse morta.

Não era?

Afastei minhas suspeitas. Rixon tinha razão. Suspeitar de Patch, àquela altura, era ridículo.

— Ele está feliz com Marcie?

Fechei a boca. Eu não tinha pensado em fazer essa pergunta. Ela saíra sem pensar. Um rubor tomou conta das minhas bochechas.

Rixon me observou, claramente pensando um pouco no que iria responder.

— Patch é o mais próximo que eu tenho de uma família e eu amo esse cara como a um irmão, mas ele não é para você. Eu sei disso, ele sabe disso e, lá no fundo, acho que você também sabe. Talvez não queira ouvir isso, mas ele e Marcie são parecidos. São feitos do mesmo material. Patch merece se divertir um pouco. E ele pode, pois Marcie não o ama. Nada do que ela sente por ele vai perturbar os arcanjos.

Ficamos em silêncio e lutei para esconder minhas emoções. Em outras palavras, eu perturbara os arcanjos. Meus sentimentos por Patch tinham nos levado àquela situação. Não havia sido nada do que Patch fizera ou dissera. Era eu. De acordo com a explicação de Rixon, Patch nunca me amara. Nunca retribuíra meus sentimentos. Eu não queria aceitar aquilo. Queria que Patch gostasse de mim da mesma forma que eu gostava dele. Não queria achar que eu não tinha passado de diversão, uma espécie de passatempo.

Havia mais uma pergunta que eu queria desesperadamente fazer para Rixon. Se eu e Patch estivéssemos bem, eu teria lhe perguntado, mas isso estava fora de questão agora. Rixon era tão experiente quanto Patch. Sabia de coisas que as outras pessoas não sabiam — especialmente quando se tratava de anjos caídos e nefilins… E, o que ele não soubesse, poderia descobrir. Naquele momento, minha maior esperança de encontrar Mão Negra era por meio de Rixon.

Umedeci os lábios e decidi perguntar:

— Você já ouviu falar de Mão Negra?

Rixon estremeceu. Ele me examinou em silêncio por um momento antes de seu rosto reluzir com um ar divertido.

— É uma piada? Não escuto esse nome há muito tempo. Achei que Patch não gostasse mais de ser chamado assim. Ele lhe contou sobre isso?

Meu coração foi lentamente apoderado por um frio glacial. Eu quase havia falado para Rixon sobre o envelope, o anel de ferro e o bilhete que dizia que Mão Negra havia matado meu pai, mas peguei-me tentando obter mais uma resposta.

— Mão Negra é um apelido de Patch?

— Ninguém o chama assim há anos. Desde que ele começou a ser chamado de Patch. Ele nunca gostou de Mão Negra. — Ele coçou o rosto. — Foi nos tempos em que nós trabalhamos como mercenários para o rei francês. Século XVIII. Bons tempos. Bom dinheiro.

Era como se eu tivesse recebido um tapa na cara. Tudo parecia desequilibrado. As palavras de Rixon envolveram-me, indistintas, como se ele estivesse falando em uma língua estrangeira e eu não fosse capaz de entendê-la. Imediatamente, fui bombardeada por dúvidas. Patch, não. Ele não tinha matado meu pai. Qualquer outra pessoa, mas não ele.

Lentamente, as dúvidas começaram a sair do caminho, substituídas por outros pensamentos. Peguei-me examinando os fatos, analisando as evidências. Na noite em que dei meu anel para Patch: o momento em que eu dissera que meu pai havia me dado o anel, ele insistiu que não podia aceitá-lo, de forma um tanto rude. E havia a simples menção do nome Mão Negra. Fazia sentido, quase fazia sentido demais. Obriguei a mim mesma a ficar calada por mais alguns momentos, mantendo as emoções sob controle, e escolhi cuidadosamente as palavras seguintes.

— Você sabe o que eu lamento mais? — perguntei, no tom mais casual que consegui produzir. — É muito idiota e você provavelmente vai rir. — Para tornar minha história convincente, consegui soltar uma gargalhada natural de algum lugar das profundezas que eu não sabia sequer que existia. — Deixei meu moletom favorito na casa dele. É de Oxford, a faculdade dos meus sonhos — expliquei. — Meu pai o comprou para mim quando foi à Inglaterra, por isso é tão importante para mim.

— Você esteve na casa de Patch? — indagou, parecendo sinceramente surpreso.

— Só uma vez. Minha mãe estava em casa, por isso fomos ver um filme lá. Deixei o moletom no sofá.

Sabia que estava caminhando em terreno perigoso; quanto mais detalhes eu revelasse sobre a casa de Patch, maiores as chances de que alguma descrição não batesse e de que a mentira ficasse

evidente. Ao mesmo tempo, se fosse excessivamente vaga, eu tinha medo de chamar a atenção de Rixon para o fato de que poderia estar mentindo.

— Estou impressionado. Ele gosta de manter seu endereço oculto.

E por que motivo?, imaginei. O que ele estava escondendo? Por que Rixon era a única pessoa com permissão para entrar no santuário secreto de Patch? O que ele podia compartilhar apenas com Rixon e com mais ninguém? Ele nunca me permitira entrar lá porque sabia que eu poderia ver algo que revelaria a verdade — que ele era o responsável pela morte do meu pai?

— Recuperar aquele moletom significa muito para mim — continuei. Sentia-me distante, de alguma forma, como se estivesse assistindo àquela conversa de longe. Alguém mais forte, mais astuto e mais contido que eu dizia as palavras que saíam da minha boca. Eu não era aquela pessoa. Era a garota que se sentia esmagada em pedaços tão pequenos quanto os grãos de areia sob meus pés.

— Vá para lá bem cedo, de manhã. Patch sai cedo, mas, se você chegar lá por volta das seis e meia, vai encontrá-lo.

— Não quero dar de cara com ele.

— Quer que eu pegue o moletom da próxima vez que eu for lá? Devo passar lá amanhã à noite. No mais tardar, no final de semana.

— Preferia consegui-lo de volta logo. Minha mãe fica me fazendo perguntas. Patch me deu uma chave, e eu ainda posso entrar, a menos que ele tenha mudado o segredo. O problema é que estava escuro quando fomos para lá e não me lembro como cheguei. Não prestei atenção porque não estava planejando ter que dirigir até lá para pegar o moletom depois do rompimento.

— Swathmore. Perto do distrito industrial.

Minha mente capturou essa informação.

Se a casa dele ficava perto do distrito industrial, eu apostava que ele morava em um dos prédios de tijolinhos nas imediações da parte antiga de Coldwater. Não havia muitas opções, a não ser que ele tivesse se acomodado em uma das fábricas abandonadas ou nos barracos na beira do rio, o que parecia improvável.

Sorri, esperando estar com uma aparência descontraída.

— Sabia que era perto do rio, em algum lugar. No último andar, não é? — chutei, dando um tiro no escuro. Eu tinha a impressão de que Patch não iria gostar de ouvir os vizinhos baterem os pés sobre sua cabeça.

— É — confirmou Rixon. — Número 34.

— Você acha que Patch vai estar em casa hoje à noite? Não quero esbarrar com ele. Especialmente se ele estiver com Marcie. Só quero pegar o moletom e dar o fora.

Rixon tossiu no próprio punho.

— Ah, não, você não corre esse risco.

Ele coçou o rosto e me lançou um olhar nervoso, quase de pena.

— Vee e eu vamos encontrar Patch e Marcie para ver um filme, hoje à noite.

Senti um calafrio na espinha. O ar nos meus pulmões pareceu se esvair… e, naquele momento, quando achei que qualquer controle aparente sob minhas emoções desaparecia, falei mais uma vez sem hesitação. Por necessidade.

— Vee sabe disso?

— Ainda estou tentando descobrir um jeito de dar a notícia.

— Que notícia?

Rixon e eu nos viramos, enquanto Vee punha no chão uma caixa de papelão com Coca-Colas.

— Ah… uma surpresa — disse Rixon. — Planejei algo para esta noite. Vee sorriu.

— Uma pista, uma pista! Por favoooooor?

Rixon e eu trocamos um rápido olhar, mas logo desviei para o outro lado. Não queria participar daquilo. Além do mais, eu já estava em outra sintonia. Meus pensamentos examinavam automaticamente as novas informações: esta noite. Patch e Marcie. Encontro. O apartamento de Patch estaria vazio.

Eu precisava entrar lá.

CAPÍTULO
16

Três horas depois, a parte da frente das coxas de Vee estava completamente vermelha, o peito do pé tinha bolhas e o rosto parecia inchado pelo calor. Rixon havia ido embora uma hora antes, e eu e Vee carregávamos o guarda-sol e a bolsa de praia pelo beco que saía na Old Orchard Street.

— Me sinto estranha — disse Vee. — Parece que vou desmaiar. Talvez não devesse ter caprichado tanto no óleo de bebê.

Eu também estava um pouco tonta e sentindo um calor desagradável, mas, no meu caso, não havia nenhuma relação com as condições climáticas. Uma dor de cabeça partia o centro do meu cérebro. Continuei tentando engolir para eliminar um gosto ruim da boca, mas, quanto mais fazia isso, mais enjoada eu me sentia. O nome "Mão Negra" rodeava minha mente como se estivesse me provocando para que eu lhe dedicasse toda a minha atenção, perfurando minha cabeça com pregos a cada vez que eu tentava ignorá-lo. Eu não podia pensar naquilo agora, diante de Vee, sabendo que eu perderia o controle assim que o fizesse. Tinha que fazer malabarismos com a dor por um pouco mais de tempo, jogando-a longe toda vez que ameaçava me dominar. Agarrei-me à segurança de uma sensação entorpecida de angústia, afastando o inevitável pelo maior tempo possível. *Patch. Mão Negra. Não pode ser.*

Vee parou.

— O que é *aquilo*?

Estávamos no estacionamento, aos fundos da livraria, a alguns metros do Neon, e observávamos um grande pedaço de metal preso ao pneu traseiro esquerdo.

— Acho que é uma trava de rodas — falei.

— Isso eu estou vendo. Mas o que está fazendo no *meu* carro?

— Acho que o aviso de rebocar infratores é sério.

— Não banque a engraçadinha. O que vamos fazer agora?

— Ligar para Rixon? — sugeri.

— Ele não vai ficar feliz em ter que vir dirigindo de novo até aqui. E a sua mãe? Ela já está de volta?

— Ainda não. E seus pais?

Vee se sentou na calçada e escondeu o rosto nas mãos.

— Provavelmente vai custar uma fortuna tirar essa trava da roda. Vai ser a gota d'água. É agora que minha mãe me manda para um colégio interno.

Sentei-me ao lado dela e juntas examinamos as opções.

— Não temos outros amigos? — perguntou Vee. — Alguém para quem possamos pedir uma carona sem nos sentirmos muito culpadas? Eu não me sentiria culpada em fazer com que Marcie viesse até aqui, mas tenho certeza de que ela não faria isso. Não para a gente. Particularmente para a gente. Você é amiga de Scott. Acha que ele viria até aqui? Espere aí… aquele não é o Jeep de Patch?

Segui o olhar de Vee até o outro lado do beco. Ele terminava na Imperial Street e, com toda certeza, estacionado do outro lado, encontrava-se o reluzente Jeep Commander preto. As janelas estavam fechadas, e o brilho do sol refletia nelas.

Meu coração acelerou. Não poderia esbarrar com Patch. Não aqui. Não agora. Não quando a única coisa que me impedia de cair em prantos era uma represa cuidadosamente construída, cujas fundações estavam se abalando a cada segundo.

— Ele deve estar aqui perto — disse Vee. — Mande uma mensagem e diga que estamos encrencadas. Posso não gostar dele, mas eu o chamaria, se isso me garantisse uma carona para casa.

— Eu mandaria uma mensagem para Marcie antes de enviar uma para Patch.

Eu esperava que Vee não percebesse minha voz estranha, embotada de aflição e ódio. *Mão Negra… Mão Negra… Patch,*

não… por favor, Patch, não… um erro, uma explicação… A dor de cabeça queimava, como se meu próprio corpo me mandasse parar com esses pensamentos em nome da minha própria segurança.

— Para quem mais poderíamos ligar? — indagou Vee.

Nós duas sabíamos para quem poderíamos ligar. Para mais ninguém. Éramos pessoas sem graça e sem amigos. Ninguém nos devia um favor. A única pessoa que largaria tudo e viria me resgatar estava ali sentada a meu lado. E vice-versa.

Voltei minha atenção de novo ao Jeep. Não sei por que resolvi me levantar.

— Vou pegar o Jeep e vamos para casa.

Não sabia muito bem qual era o tipo de mensagem que enviaria a Patch. Olho por olho? Você me feriu, eu vou ferir você? Ou, talvez, *este é apenas o começo, se você teve qualquer relação com a morte do meu pai…*

— Patch não vai ficar furioso quando descobrir que você roubou o Jeep? — perguntou Vee.

— Não ligo. Não vou ficar sentada aqui a noite inteira.

— Não tenho um bom pressentimento sobre isso — disse Vee. — Já não gosto de Patch em um dia normal, muito menos quando ele fica de mau humor.

— O que aconteceu com seu espírito de aventura?

Um desejo feroz havia tomado conta de mim e eu queria apenas pegar o Jeep de Patch e deixar-lhe um recado. Imaginei-me batendo com o Jeep contra uma árvore. Não com tanta força que acionasse os *air bags*, mas o suficiente para amassar o carro. Uma lembrancinha minha. Um aviso.

— Meu espírito de aventura não chega ao ponto de encarar uma missão kamikaze — declarou Vee. — Não vai ser legal quando ele descobrir que foi você.

A voz da razão em minha cabeça talvez tivesse me instruído a recuar por um momento, mas todo o juízo havia me abandonado. Se ele tinha feito mal à minha família, se a tinha destruído, mentido para mim…

— E você lá tem ideia de como se faz uma ligação direta? — perguntou Vee.

— Patch me ensinou.

Ela não pareceu convencida.

— Quer dizer que *viu* Patch roubar um carro e agora acha que pode fazer o mesmo?

Desci o beco em direção à Imperial Street, com Vee correndo atrás de mim. Conferi o trânsito na rua e então atravessei até o Jeep. Tentei abrir a porta. Fechada.

— Ninguém em casa — disse Vee, colocando a mão em torno dos olhos para olhar dentro do carro. — Acho que deveríamos nos afastar. Vamos lá, Nora. Afaste-se do Jeep.

— Precisamos de uma carona. Estamos perdidas.

— Ainda temos duas pernas, a esquerda e a direita. As minhas estão dispostas a fazer um pouco de exercício. Querem dar uma bela caminhada… *você está maluca?* — gritou ela.

Eu mirava a janela do motorista com a ponta do guarda-sol.

— O que foi? Precisamos entrar.

— Baixe esse guarda-sol! Você vai chamar muita atenção se arrebentar a janela. O que deu em você? — exclamou ela, me observando de olhos arregalados.

Uma visão passou pela minha cabeça. Vi Patch próximo de meu pai, com a arma na mão. O som do tiro retumbou no silêncio.

Pus as mãos nos joelhos e baixei a cabeça, sentindo lágrimas ardendo no fundo de meus olhos. O chão cedeu em um giro estonteante. O suor descia em curva pela lateral do meu rosto. Eu estava me sentindo asfixiada, como se todo o oxigênio tivesse subitamente sumido do ar. Quanto mais eu tentava inspirar, mais paralisados ficavam meus pulmões. Vee gritava, mas os sons eram distantes, pareciam vir de debaixo d’água.

Subitamente, o chão parou de girar. Respirei fundo três vezes. Vee me mandou sentar, gritando alguma coisa sobre insolação. Libertei-me dela.

— Estou bem — afirmei, erguendo a mão quando ela voltou a se aproximar. — Está tudo bem.

Para demonstrar que estava ótima, abaixei-me para pegar minha bolsa, que tinha deixado cair, e foi então que vi a chave reserva do Jeep reluzindo no fundo dela. Aquela que eu tinha roubado do quarto de Marcie, na noite da festa.

— Tenho uma chave do Jeep — anunciei, surpresa com minhas próprias palavras.

Uma ruga apareceu na testa de Vee.

— Patch nunca pediu para que você a devolvesse?

— Ele nunca me deu. Achei-a no quarto de Marcie, na terça-feira à noite.

— Uau.

Enfiei a chave na porta do carro, entrei e me sentei no lugar do motorista. Ajustei o banco, dei a partida e agarrei com as duas mãos o volante. Apesar do calor, minhas mãos estavam frias e trêmulas.

— Você não está pensando em fazer algo pior do que dirigir essa coisa até sua casa, não é? — perguntou Vee, prendendo o cinto de segurança o mais rápido que pôde. — Porque a veia em sua têmpora está latejando, e a última vez que vi isso acontecer foi antes de você acertar o queixo de Marcie na Bolsa do Diabo.

Molhei meus lábios, que pareciam ásperos e borrachudos.

— Ele deu uma chave reserva do Jeep para Marcie. Eu deveria estacionar essa porcaria no fundo do mar, a sete metros de profundidade.

— Talvez ele tivesse uma boa razão para dar a chave — sugeriu Vee, nervosa.

Soltei uma gargalhada alta.

— Não farei nada antes de deixá-la em casa.

Manobrei e entrei na rua.

— Você jura que vai fazer essa ressalva quando tentar explicar a Patch por que roubou o Jeep?

— Não estou roubando. Estamos presas aqui. Isso se chama pegar emprestado.

— Isso se chama “você enlouqueceu”.

Eu sentia a perplexidade de Vee diante de minha fúria. Podia ver que ela me encarava pensando que eu agia de forma *irracional*. Talvez eu estivesse me comportando de forma irracional. Talvez tivesse indo longe demais. *Duas pessoas podem ter o mesmo apelido*, pensei, tentando me convencer. Elas podem. *Elas podem, elas podem, elas podem.* Esperava que, repetindo aquilo muitas vezes, eu acabasse acreditando, mas o lugar em meu coração reservado para a confiança parecia vazio.

— Vamos sair daqui — disse Vee, com uma voz assustada e cautelosa, que ela nunca usava comigo. — Vamos tomar limonada lá em casa. Depois podemos ficar vendo TV. Talvez tirar um cochilo. Você não precisa trabalhar esta noite?

Estava a ponto de lhe dizer que Roberta não havia me escalado, quando pisei no freio.

— O que é isso?

Vee seguiu meu olhar. Ela se abaixou e tirou um pedaço de tecido cor-de-rosa da marcha. Sacudiu o sutiã do biquíni entre nós. Olhamo-nos, pensando a mesma coisa.

Marcie.

Não havia dúvidas. Ela estava lá com Patch. Naquele minuto. Na praia. Deitada na areia. Fazendo sabe-se lá o quê.

Uma onda de ódio violenta e traiçoeira tomou conta de mim. Eu o odiava. E odiava a mim mesma por ter deixado que meu nome fosse acrescentado à lista de garotas que ele seduzira e traíra. Um desejo brutal de retificar minha ignorância tomou posse de mim. Eu não ia ser apenas mais uma garota. Ele não poderia me fazer desaparecer. Se ele fosse o Mão Negra, eu descobriria. E se ele tivesse *qualquer* relação com a morte de meu pai, eu o faria pagar.

— Ele pode dar um jeito de voltar para casa — falei, com o queixo trêmulo. Pisei no acelerador e saí cantando pneu.

***

Horas depois, eu estava diante da geladeira, com a porta aberta, examinando o que havia lá dentro, à procura de algo que pudesse servir como jantar. Não encontrei qualquer inspiração, então passei para a estreita despensa ao lado e fiz a mesma coisa. Escolhi um pacote de macarrão e um vidro de molho de tomate com salsicha.

Quando o *timer* do fogão soou, escorri a massa, pus dentro de uma tigela e coloquei o molho no micro-ondas. Não havia queijo parmesão, então encontrei um pouco de cheddar e achei ótimo. O micro-ondas apitou e derramei o molho e o queijo sobre a massa. Ao me virar para levar tudo para a mesa, encontrei Patch encostado nela. A tigela de massa quase escorregou da minha mão.

— Como você entrou? — perguntei.

— Talvez seja melhor você trancar a porta. Principalmente quando estiver sozinha em casa.

Sua postura era descontraída, mas os olhos, não. Da cor do mármore negro, eles me atravessavam. Eu não tinha dúvidas de que ele sabia que eu havia roubado o Jeep. Era difícil não saber, porque o carro estava estacionado na entrada de minha casa. Havia poucos lugares para esconder um Jeep em uma casa cercada por campos abertos de um lado e bosques impenetráveis do outro. Eu não tinha pensado em escondê-lo ao estacioná-lo na entrada. Senti aversão e choque. Tudo tinha entrado em foco: as palavras gentis, os olhos negros e cintilantes, sua grande experiência com mentiras, sedução, mulheres. Eu havia me apaixonado pelo diabo.

— Você levou o Jeep — disse Patch. Calmo, mas não feliz.

— Vee estacionou em lugar proibido e travaram seu carro. Precisávamos voltar para casa e então nós encontramos o Jeep do outro lado da rua.

Minhas mãos estavam molhadas de suor, mas eu não ousaria secá-las. Não diante de Patch. Ele parecia estar diferente aquela noite. Mais severo, endurecido. O brilho pálido das luzes da cozinha delineava suas maçãs do rosto e o cabelo negro, desgrenhado depois da praia, estava caído sobre a testa, quase tocando os cílios indecentemente longos. A boca, que sempre considerei sensual,

tinha um dos cantos erguidos, cinicamente. Não era um sorriso carinhoso.

— Você não podia ter telefonado e me avisado? — perguntou.

— Não estava com o telefone.

— E Vee?

— Ela não tem seu número no celular dela. E não me lembro de seu número novo. Não tínhamos como encontrar você.

— Você não tem a chave do Jeep. Como conseguiu entrar?

Tudo o que pude fazer foi tentar não lhe lançar um olhar traiçoeiro.

— Com sua chave reserva.

Vi que ele tentava calcular para onde eu ia com essa conversa. Nós dois sabíamos que ele nunca havia me dado uma chave reserva. Eu o observei atentamente, procurando algum sinal de que ele soubesse que eu me referia à chave de Marcie, mas a luz da compreensão não iluminou seu olhar. Tudo nele era controlado, impenetrável, ilegível.

— Que chave reserva? — indagou.

Aquilo só me deixou mais zangada, porque eu esperava que ele soubesse exatamente a que eu estava me referindo. Quantas chaves reserva ele tinha? Quantas garotas tinham uma chave do Jeep guardada dentro da bolsa?

— De sua namorada — afirmei. — Ou isso não é suficientemente esclarecedor?

— Deixe-me ver se entendi isso. Você roubou o Jeep para se vingar por eu ter dado uma chave reserva à Marcie?

— Eu roubei o Jeep porque eu e Vee precisávamos dele — disse-lhe com frieza. — Houve um tempo em que você sempre estava por perto quando eu precisava de você. Achei que isso ainda acontecesse, mas aparentemente eu estava errada.

Os olhos de Patch não largavam os meus.

— Você quer me explicar o que isso significa? — Eu não respondi, então ele arrastou uma das cadeiras da cozinha, que

ficavam sob a mesa. Sentou-se, com os braços cruzados e as pernas estendidas languidamente. — Tenho tempo.

Mão Negra. Era isso o que estava acontecendo. Mas eu tinha medo de confrontá-lo. Porque temia o que eu poderia descobrir e suas possíveis reações. Eu estava certa de que ele não tinha a mínima ideia de quanto eu sabia. Se eu o acusasse de ser Mão Negra, não haveria como voltar atrás. Eu teria que enfrentar a verdade, uma verdade que poderia destroçar minha própria alma.

Patch ergueu as sobrancelhas.

— Está me ignorando?

— Isso significa contar a verdade — provoquei. — Algo que você nunca fez.

Se ele havia matado meu pai, como ele pôde ousar me olhar nos olhos todas aquelas vezes, me dizendo como lamentava tudo, sem nunca me dizer a verdade? Como ele pôde me beijar, me acariciar, segurar-me em seus braços e viver em paz consigo mesmo?

— Algo que eu nunca fiz? Desde o dia em que nos conhecemos, nunca menti para você. Você nem sempre gostou do que eu tinha a dizer, mas sempre fui honesto.

— Você me fez acreditar que me amava. Uma mentira!

— Lamento que tenha parecido uma mentira.

Ele não lamentava nada. Havia um toque de fúria pétrea em seu olhar. Ele detestava que eu o contestasse. Queria que eu fosse como todas as outras garotas e desaparecesse no seu passado sem dar um pio.

— Se você sentisse algo por mim, não teria partido para cima de Marcie em tempo recorde.

— E você não partiu para cima de Scott em tempo recorde? Prefere ter meio homem a ficar comigo?

— Meio homem? Scott é uma *pessoa*.

— Ele é um nefilim. — Ele fez um gesto descuidado em direção à porta da frente. — O Jeep vale mais que isso.

— Talvez ele pense a mesma coisa em relação aos anjos.

Ele deu de ombros, indolente e arrogante.

— Duvido. Se não fosse por nós, sua raça não existiria.

— O monstro criado por Frankenstein não o amava.

— E daí?

— A raça nefilim já está procurando se vingar dos anjos. Talvez seja apenas o começo.

Patch tirou o boné e passou a mão no cabelo. Pela sua expressão, tive a impressão de que a situação era bem mais perigosa do que eu imaginava. Será que os nefilins estavam próximos de subjugar os anjos caídos? Com toda certeza, não aconteceria neste Cheshvan. Patch podia não querer contar que, em menos de cinco meses, enxames de anjos caídos invadiriam e acabariam por matar dezenas de milhares de humanos. Mas tudo na sua postura, até no próprio olhar, me dizia que era exatamente o que estava para acontecer.

— E o que você vai fazer? — perguntei, horrorizada.

Ele levantou o copo de água que eu havia servido para mim mesma e deixado sobre a mesa.

— Me mandaram ficar fora dessa.

— Os arcanjos?

— Os nefilins são perversos. Nunca deveriam ter aparecido na Terra. Existem por causa do orgulho dos anjos caídos. Os arcanjos não querem ter qualquer relação com eles. Não vão entrar em cena para ajudar os nefilins.

— E todos os humanos que vão morrer?

— Os arcanjos têm seus próprios planos. Às vezes, é preciso que haja acontecimentos ruins, antes dos bons.

— Planos? Que planos? Ver inocentes morrerem?

— Os nefilins caminham diretamente para uma armadilha que eles próprios criaram. Se pessoas precisarem morrer para que todos os nefilins sejam aniquilados, os arcanjos vão correr esse risco.

Senti meus cabelos se arrepiarem.

— E você concorda com eles?

— Agora eu sou um anjo da guarda. Meu compromisso é com os arcanjos.

O fulgor de um ódio assassino subiu em seus olhos e, por um breve instante, acreditei que se dirigisse a mim. Como se ele me culpasse pelo que havia se tornado. Para me defender, senti uma onda de raiva. Ele havia esquecido tudo o que acontecera naquela noite? Eu teria sacrificado minha vida por ele, e ele rejeitou. Se queria culpar alguém por sua situação, não seria a mim!

— Qual é o poder dos nefilins?

— São suficientemente poderosos — respondeu ele. Sua voz estava perturbadoramente despida de preocupação.

— Eles poderiam deter os anjos caídos ainda no próximo Cheshvan, não é?

Ele assentiu.

Eu me abracei para afastar um frio súbito e profundo, mas era algo mais psicológico do que físico.

— Você precisa fazer alguma coisa.

Ele cerrou os olhos.

— Se os anjos caídos não puderem possuir os nefilins, eles vão procurar os humanos — continuei, tentando romper sua atitude indiferente e alcançar sua consciência. — Foi o que você disse. Dezenas de milhares de humanos. Talvez Vee. Minha mãe. Talvez eu.

Ele continuou sem dizer nada.

— Você não se importa?

Os olhos dele voaram para o relógio e ele se afastou da mesa.

— Detesto sair correndo daqui quando ainda temos assuntos inacabados, mas estou atrasado. — A chave reserva do Jeep estava em um prato sobre o bufê, e ele a pôs no bolso. — Obrigado pela chave. Vou acrescentar o empréstimo do Jeep à sua conta.

Parei entre ele e a porta.

— Minha conta?

— Levei você para casa depois do Z, tirei-a do telhado da casa de Marcie e agora deixei que você usasse meu Jeep. Não faço favores de graça.

Eu estava bastante convencida de que ele não estava brincando. Para falar a verdade, eu estava convencida de que ele falava totalmente a sério.

— Poderia fazer de uma forma que você me pagasse depois de cada favor individual, mas achei que seria mais fácil criar uma conta.

O sorriso dele desenhou uma curva provocante. Insolência de um canalha de primeiro escalão.

Estreitei o olhar.

— Você está mesmo gostando disso, não é?

— Um dia desses, vou voltar para receber meu pagamento e, então, realmente vou gostar.

— Você não me emprestou o Jeep — argumentei. — Eu o roubei. Não foi um favor. Eu tomei a iniciativa.

Ele deu uma segunda olhada no relógio de pulso.

— Vamos terminar isso depois. Preciso correr.

— Tudo bem — retruquei. — Ver um filme com Marcie. Vá e divirta-se enquanto meu mundo está por um fio.

Eu disse a mim mesma que queria que ele fosse embora. Ele e Marcie se mereciam. Eu não me importava. Tinha vontade de jogar alguma coisa em cima dele. Pensei em bater a porta depois que ele saísse. Mas eu não deixaria que ele fosse embora sem perguntar aquilo que fazia meus pensamentos arderem. Mordi os lábios com força para impedir que minha voz vacilasse.

— Você sabe quem foi que matou meu pai?

Minha voz estava fria e controlada, como se não me pertencesse. Era a voz de alguém que estava repleta até a ponta dos dedos de ódio, angústia, acusação.

Patch parou de costas para mim.

— O que aconteceu naquela noite? — insisti. Nem tentei esconder o desespero na minha voz.

Depois de um momento de silêncio, ele falou:

— Você está me perguntando como se achasse que eu saberia a resposta.

— Sei que você é Mão Negra.

Fechei os olhos rapidamente, sentindo todo o corpo tomado por uma onda de náusea. Ele olhou para trás.

— Quem lhe disse isso?

— Então é verdade? — Percebi que meus punhos se fecharam ao lado do meu corpo, tremendo violentamente. — Você é Mão Negra. — Olhei para seu rosto, rezando para que ele negasse, de alguma forma.

O relógio de parede no corredor bateu as horas, em pancadas pesadas e retumbantes.

— Saia — ordenei. Não ia chorar na frente dele. Eu me recusava. Não iria lhe dar tal satisfação.

Ele ficou parado, o rosto frio sob a sombra, levemente satânico.

O relógio batia em meio ao silêncio. *Uma, duas, três*.

— Vou lhe fazer pagar — ameacei, minha voz ainda estranha e misteriosa.

Quatro, cinco.

— Vou dar um jeito. Você merece ir para o inferno. A única coisa que me faria lamentar é se os arcanjos conseguirem fazer isso antes de mim.

Uma onda negra de calor atravessou o olhar de Patch.

— Você merece tudo o que vai acontecer com você — afirmei. — Todas as vezes que me beijou e me abraçou, sabendo do que fez com meu pai…

Engasguei e me afastei, perdendo o controle no momento em que isso não podia acontecer.

Seis.

— Vá embora — falei com uma voz baixa, mas pouco firme.

Ergui o olhar, furiosa, esperando que Patch partisse com a intensidade do ódio e da aversão que havia em meu olhar, mas eu estava sozinha no corredor. Olhei em volta, esperando que ele tivesse desaparecido apenas da minha frente, mas ele não estava lá. Um estranho silêncio se acomodou nas sombras e percebi que o relógio de parede havia parado de bater. Os ponteiros ficaram

congelados sobre o seis e o doze, parados no momento em que Patch foi embora para sempre.

CAPÍTULO
17

Depois que Patch foi embora, me arrumei para sair — troquei meu biquíni por jeans escuros e camiseta e fechei o zíper da jaqueta dos Razorbills que eu ganhara na festa de Natal do eZine, no ano passado. Apesar de a ideia me deixar enjoada, eu precisava vasculhar o apartamento de Patch e tinha que ser naquela noite — antes que fosse tarde demais.

Eu tinha sido uma idiota por dizer a Patch que sabia que ele era Mão Negra.

Aquilo viera à tona em um momento hostil e negligente. Eu perdera a vantagem do elemento surpresa. Duvidava que ele me considerasse uma ameaça real — devia achar minha promessa de mandá-lo para o inferno obscuramente engraçada —, mas eu tinha informações que com toda certeza ele trabalhara muito para manter ocultas. Levando em consideração tudo o que eu já sabia sobre os arcanjos oniscientes e onipresentes, não devia ter sido fácil esconder deles seu envolvimento com a morte de meu pai. Se eu encontrasse uma forma de entrar em contato com eles, seu segredo tão bem guardado seria revelado. Os arcanjos estavam à procura de uma desculpa para banir Patch para o inferno. Bem, eu tinha um motivo.

Meus olhos se encheram de lágrimas e pisquei para afastá-las. Houve um tempo em minha vida que nunca teria acreditado que Patch pudesse ser capaz de matar meu pai. A ideia seria risível, ridícula, ofensiva. Mas isso só mostrava como ele tinha conseguido me enganar completamente com sua esperteza.

Tudo me levava a crer que era no apartamento em Swathmore que ele guardava seus segredos. Era sua única fraqueza. Além de Rixon, ninguém mais tinha permissão para entrar lá. Hoje, mais cedo, quando mencionei para Rixon que havia estado lá, ele reagira

com genuína surpresa. *Ele gosta de manter seu endereço oculto*, dissera. Será que Patch havia conseguido mantê-lo fora do alcance do radar dos arcanjos? Parecia extremamente improvável, quase impossível, mas Patch já tinha provado ser muito bom em contornar qualquer obstáculo que fosse colocado em seu caminho. Se alguém era engenhoso ou astuto o bastante para enganar os arcanjos, este alguém era Patch. Tremi inesperadamente ao pensar no que ele guardava no apartamento. Uma sensação sinistra que percorria minha espinha parecia me avisar que era melhor não ir, mas eu devia a meu pai que a justiça fosse feita ao seu assassino.

Achei uma lanterna sob a cama e a guardei no bolso da jaqueta. Enquanto me levantava, o diário de Marcie chamou minha atenção. Estava pousado junto a uma fileira de livros na estante. Discuti comigo mesma por um momento, sentindo um peso na consciência. Com um suspiro, enrolei o diário na lanterna, tranquei a porta e saí a pé.

Caminhei mais de um quilômetro até Beech e depois peguei um ônibus para Herring Street. Andei mais três quarteirões até Keate, entrei em outro ônibus até Clementine e depois subi a pé pelos caminhos tortuosos da bela colina que conduzia ao bairro de Marcie, tão opulento quanto era possível em Coldwater. O cheiro de grama recém-cortada e de hortênsias pairava no ar da noite. Não havia trânsito. Os carros ficavam bem guardados nas garagens, o que fazia com que as ruas parecessem mais largas e limpas. As janelas das casas brancas refletiam o fulgor do sol que se punha lentamente, e imaginei famílias sentando-se juntas para um jantar tardio, por trás das janelas. Mordi o lábio, surpresa com uma súbita onda de tristeza inconsolável. Minha família não voltaria mais a se reunir para uma refeição. Três vezes por semana eu jantava sozinha ou na casa de Vee. Nas outras quatro noites, quando minha mãe estava em casa, nós geralmente comíamos em bandejas, diante da TV.

Por causa de Patch.

Entrei na Brenchley, contando as casas para chegar à de Marcie.

O Toyota 4Runner vermelho estava estacionado na entrada, mas eu sabia que ela não estava em casa. Patch devia tê-la buscado no Jeep, para assistirem ao filme. Cortei caminho pelo gramado, imaginando que deixaria o diário na varanda, quando a porta se abriu.

Marcie estava com a bolsa pendurada no ombro, chaves na mão, obviamente de saída. Ela congelou na entrada ao me ver.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou.

Abri a boca e três segundos se passaram antes que as palavras saíssem.

— Não achei… que você estivesse em casa.

Ela apertou os olhos.

— Bem, eu estou.

— Achei que você… e Patch…

Eu mal conseguia falar com alguma coerência. O diário estava na minha mão, bem à vista. A qualquer minuto, Marcie o veria.

— Ele cancelou — retrucou, como se não fosse da minha conta.

Eu mal ouvi. A qualquer momento, ela veria o diário. Como nunca, eu queria voltar no tempo. Devia ter imaginado que isso aconteceria. Devia ter considerado a hipótese de ela estar em casa. Olhei nervosamente para trás, observando a rua, como se ela pudesse, de alguma forma, me ajudar.

Marcie soltou uma exclamação de espanto, uma corrente de ar entre os dentes.

— O que você está fazendo com o meu diário?

Virei-me, com as bochechas pegando fogo.

Ela desceu da varanda. Agarrou o diário e, por reflexo, apertou-o contra o peito.

— Você… você o *pegou*?

Minhas mãos tombaram inutilmente ao lado do meu corpo.

— Eu o peguei na noite da festa. — Sacudi a cabeça. — Foi uma atitude idiota. Sinto muito…

— Você leu? — quis saber.

— Não.

— Sua mentirosa — desdenhou ela. — Você leu, não foi? Quem não leria? Eu a odeio! Sua vida é tão chata assim que você precisa bisbilhotar o que se passa na minha? Leu tudo ou só as partes sobre você?

Eu estava a ponto de negar peremptoriamente ter aberto o diário, quando as palavras de Marcie fizeram com que meus pensamentos voltassem atrás.

— *Sobre mim?* O que você escreveu sobre *mim*?

Ela jogou o diário na varanda, atrás de si, então endireitou-se, erguendo os ombros.

— O que me importa? — disse ela, cruzando os braços e me olhando furiosa. — Agora você conhece a verdade. Como é saber que sua mãe fica transando com o marido de outra?

Soltei uma gargalhada incrédula que tinha mais do que um pouco de raiva.

— *Como é?*

— Você acha mesmo que a sua mãe fica fora da cidade todas aquelas noites? Há!

Adotei a postura de Marcie.

— Para falar a verdade, eu acho.

O que ela estava insinuando?

— Então como você explica o fato de o carro dela ficar estacionado aqui na rua uma noite por semana?

— Você viu a pessoa errada — afirmei, sentindo minha raiva entrar em ebulição. Agora eu tinha certeza de onde Marcie queria chegar. Como ela *ousava* acusar minha mãe de ter um caso? E, ainda por cima, com o pai *dela*? Se ele fosse o último homem do planeta, minha mãe iria preferir cair morta a ficar com ele. Eu odiava Marcie e minha mãe sabia disso. Ela não andava dormindo com o pai de Marcie. Nunca faria isso comigo. Nunca faria isso com meu pai. *Nunca.*

— Taurus bege, placa X4I24? — indagou Marcie, a voz glacial.

— Então você sabe qual é a placa do carro dela — declarei, depois de um instante, tentando ignorar o aperto em meu peito. — O

que não prova nada.

— Acorde, Nora. Nossos pais se conheceram no ensino médio. Sua mãe e meu pai. Eles ficaram juntos.

Sacudi a cabeça.

— Mentira! Minha mãe nunca disse nada sobre seu pai.

— Porque ela não quer que você saiba. — Os olhos dela reluziram. — Porque ela continua com ele. É o segredinho sujo dela.

Sacudi a cabeça com mais força, me sentindo uma boneca quebrada.

— Talvez minha mãe tenha conhecido seu pai na escola, mas foi há muito tempo, antes de conhecer meu pai. Você está enganada. Viu o carro de outra pessoa estacionado na rua. Quando ela não está em casa, está fora da cidade, a trabalho.

— Eu *vi* os dois juntos, Nora. Era sua mãe, por isso nem tente inventar desculpas para ela. Fui à escola naquele dia e pichei seu armário com um recado para sua mãe. Você não entende? — Sua voz havia se tornado um chiado revoltado. — Estavam dormindo juntos. Todos esses anos. O que significa que meu pai poderia ser seu pai. E que você poderia ser… *minha irmã*.

As palavras de Marcie desabaram como uma lâmina entre nós.

Envolvi meu corpo com os braços e me afastei, sentindo-me enjoada. As lágrimas sufocavam minha garganta, queimando o interior de meu nariz. Sem uma palavra, fui embora caminhando rigidamente. Achei que Marcie talvez gritasse alguma coisa terrível pelas minhas costas, mas ela não poderia dizer nada pior do que aquilo.

***

Não fui para a casa de Patch.

Devo ter caminhado até Clementine, passado pelo ponto de ônibus, pela praça, pela piscina pública, porque a próxima coisa de que me lembro era de estar sentada em um banco no gramado diante da biblioteca municipal. Um cone de luz vindo de um poste

me iluminava. Era uma noite quente, mas eu agarrei os joelhos contra o peito, o corpo tomado por tremores. Meus pensamentos eram um emaranhado de teorias assustadoras.

Fitei a escuridão que baixava a meu redor. Faróis desciam a rua, se aproximavam, seguiam adiante. Alguém soltava risadas esporádicas diante da televisão do outro lado da rua. Lufadas de ar fresco arrepiavam meus braços. O cheiro intenso da grama, almiscarado e úmido pelo sol que batera durante o dia, me sufocava.

Recostei-me no banco, fechando os olhos diante das estrelas que salpicavam o céu. Prendi as mãos trêmulas sobre a barriga, os dedos como gravetos congelados. Perguntei a mim mesma por que a vida tinha que ser assim tão cruel às vezes, por que as pessoas que eu mais amava eram as que mais podiam me decepcionar e para as quais deveria dirigir naquele momento a maior parte do meu ódio: para Marcie, para o pai dela ou para minha mãe.

Bem no fundo, eu me agarrava à esperança de que Marcie estivesse errada. Esperava a chance de jogar isso em sua cara. Mas a sensação de desespero que parecia me virar pelo avesso me dizia que eu estava apenas me preparando para outra decepção.

Eu não podia precisar exatamente de quando era aquela lembrança, mas sabia que devia ser do último ano. Talvez pouco antes da morte de meu pai… Não. Depois. Era um dia quente, de primavera. Já passara pelo funeral, meu período oficial de luto havia se encerrado, e eu tinha voltado para a escola. Vee me convencera a matar aula e, naqueles dias, eu não resistia a nada. Simplesmente seguia. Eu estava sobrevivendo. Imaginávamos que minha mãe estivesse no trabalho, então entramos no terreno de casa. Foi no horário do sétimo tempo.

Quando a casa de fazenda apareceu, Vee me puxou para fora da estrada.

— Tem um carro na entrada de sua casa — disse ela.

— Quem poderia ser? Parece um Land Cruiser.

— Não é o carro de sua mãe.

— Você acha que é um detetive? — Era bem improvável que um detetive andasse dirigindo um utilitário de sessenta mil dólares, mas eu estava tão acostumada à presença de detetives que foi a primeira coisa que me passou pela cabeça.

— Vamos nos aproximar.

Estávamos quase no acesso quando a porta da frente se abriu e ouvimos vozes. Minha mãe e… uma voz mais grossa. Voz de homem.

Vee me puxou para o lado da casa, fora do alcance da visão.

Vimos Hank Millar subir no Land Cruiser e se afastar.

— Que estranho! — exclamou Vee. — Normalmente, eu imaginaria algo suspeito acontecendo, mas sua mãe é certinha demais. Aposto que ele estava tentando vender um carro para ela.

— Ele veio até aqui para isso?

— É claro, amiga. Vendedores de carro não têm limites.

— Ela já tem um carro.

— Um Ford. O pior inimigo do Toyota. O pai de Marcie não vai sossegar até que a cidade inteira esteja dirigindo um Toyota.

Deixei a lembrança de lado. Mas, e se ele não estivesse tentando vender um carro para minha mãe? E se eles estivessem — engoli em seco, involuntariamente — tendo um caso?

Para onde eu deveria ir agora? Para casa? A fazenda não parecia mais um lar. Não parecia um refúgio seguro. Parecia uma caixa de mentiras. Meus pais haviam me vendido uma história sobre amor, união e família. Mas, se Marcie estivesse dizendo a verdade — e meu maior medo era esse —, minha família era uma fraude. Uma grande mentira da qual eu nunca suspeitara. Será que não houvera sinais? Eu não deveria ter percebido que suspeitava de tudo secretamente, mas que havia escolhido a negação em vez da dolorosa verdade? Esse era meu castigo por confiar nos outros. Era meu castigo por procurar o lado bom das pessoas. Por mais que eu odiasse Patch naquele momento, eu invejava o distanciamento frio que o separava de todos. Ele esperava o pior das pessoas. Por mais que elas se rebaixassem, ele sempre esperava por isso. Era endurecido e vivido, mas as pessoas o respeitavam.

Respeitavam a ele, mas mentiam para mim.

Ergui-me do banco e disquei o número de minha mãe no celular. Não sabia o que diria quando ela atendesse. Deixaria que minha raiva e minha decepção me guiassem. Enquanto o telefone tocava, lágrimas quentes desceram pelo meu rosto. Eu as afastei. Meu queixo tremia, todos os músculos do meu corpo estavam retesados. Apenas palavras zangadas, cheias de desdém, vieram-me à cabeça. Imaginei-me gritando para ela, interrompendo-a todas as vezes em que tentasse se defender com mais mentiras. E se ela chorasse… eu não sentiria pena. Ela merecia sentir toda a dor gerada por suas escolhas. A ligação caiu na caixa postal e era tudo de que eu precisava para não lançar o telefone na escuridão.

Liguei para Vee em seguida.

— Oi, amiga. É importante? Estou com Rixon…

— Vou sair de casa — anunciei, sem me importar que minha voz parecesse áspera por causa do choro. — Posso ficar um tempo na sua? Só até eu decidir o que fazer.

A respiração de Vee ficou ruidosa.

— O que você está dizendo?

— Minha mãe chega no sábado. Quero ir embora antes disso. Posso ficar com você durante o restante da semana?

— Ahn, eu posso perguntar…

— Não.

— Tudo bem. Claro que sim — disse Vee, tentando esconder seu espanto. — Você pode ficar aqui. Sem problema. Sem problema mesmo. Você me conta o que está acontecendo quando puder.

Senti mais lágrimas inundarem meus olhos. Naquele momento, Vee era a única pessoa com quem eu podia contar. Era insolente, chata e preguiçosa, mas nunca mentia para mim.

***

Cheguei na casa de fazenda por volta das nove da noite. Vesti um pijama de algodão. Não estava frio, mas a umidade do ar parecia

entrar pela minha pele, fazendo com que eu sentisse frio nos ossos. Depois de preparar uma xícara de leite quente, desabei na cama. Era cedo demais para dormir, mas eu não iria conseguir dormir nem que tentasse. Meus pensamentos ainda voavam, desordenados. Fitei o teto, desejando apagar os últimos dezesseis anos e começar do zero. Por mais que eu tentasse, não conseguia imaginar Hank Millar como meu pai.

Saí da cama e percorri o corredor até o quarto de minha mãe. Abri o baú, procurando seu anuário do colégio. Eu nem sabia se ela tinha um, mas, se tivesse, aquele seria o único lugar onde me ocorreria procurar. Se ela e Hank Millar tivessem estudado juntos, haveria fotos. Se tivessem se apaixonado, ele teria assinado o anuário de alguma forma especial que deixaria isso claro. Cinco minutos depois, eu havia revistado o baú completamente e não encontrara nada.

Fui à cozinha, procurei algo para comer nos armários, mas meu apetite tinha desaparecido. Não conseguiria comer, pensando na grande mentira que era minha família. Meu olhar viajou até a porta da frente, mas para onde eu iria? Sentia-me perdida na casa, com vontade de ir embora, mas sem ter para onde ir. Depois de ficar vários minutos na entrada, voltei para o quarto. Deitada na cama com as cobertas puxadas até o queixo, fechei os olhos e vi uma sequência de imagens passar na minha cabeça. Imagens de Marcie; de Hank Millar, a quem eu mal conhecia, e cujo rosto só conseguia lembrar com dificuldade; de meus pais. As imagens surgiam com velocidade cada vez maior e se combinavam em uma estranha colagem enlouquecida. Pareciam andar para trás, subitamente, voltando no tempo. Todas as cores desapareceram da sequência, até não haver nada além de um preto e branco desfocado. Foi então que percebi que havia entrado em outro domínio.

Estava sonhando.

***

Estava em frente à casa. Um vento turbulento varria as folhas secas na entrada e elas batiam nos meus tornozelos. Uma estranha nuvem afunilada rodopiava lá no alto, no céu, mas não tentava se aproximar, como se estivesse satisfeita em deixar o tempo passar antes de atacar. Patch estava sentado na grade da varanda, com a cabeça baixa, as mãos presas entre os joelhos.

— Saia do meu sonho — urrei para ele, sobre a ventania.

Ele sacudiu a cabeça.

— Só depois que você me contar o que está acontecendo.

Estiquei a blusa do pijama.

— Não quero ouvir o que você tem a dizer.

— Aqui os arcanjos não podem nos ouvir.

Soltei uma gargalhada acusatória.

— Não era o bastante me manipular na vida real, agora você também vai fazer isso em sonho?

Ele ergueu a cabeça.

— Manipular? Estou tentando lhe dizer o que está acontecendo.

— Você está invadindo meus sonhos — desafiei. — Fez isso depois da Bolsa do Diabo e voltou a fazê-lo agora.

Uma súbita lufada de vento soprou entre nós, me obrigando a dar um passo para trás. Os galhos das árvores rangeram. Afastei o cabelo do meu rosto.

Patch disse:

— Depois do Z, no Jeep, você me disse que sonhara com o pai de Marcie. Na noite em que você sonhou, eu estava pensando nele. Eu me lembrava exatamente do mesmo que você tinha sonhado, desejando que houvesse uma forma de poder lhe contar a verdade. Não sabia que estava me comunicando com você.

— *Você* provocou aquele sonho?

— Não era um sonho. Era uma lembrança.

Tentei digerir aquilo. Se o sonho fosse real, Hank Millar tinha morado na Inglaterra centenas de anos atrás. Minha memória voltou ao sonho. *Peça ao dono do bar para mandar ajuda*, dissera Hank.

Diga–lhe que não há homem nenhum. Diga a ele que é um dos anjos do demônio que veio possuir meu corpo e levar minha alma.

Hank Millar era um… *nefilim*?

— Não sei como tive acesso a seus sonhos — disse Patch —, mas venho tentando me comunicar com você da mesma maneira desde então. Consegui entrar na noite em que nos beijamos, depois da Bolsa do Diabo, mas, ultimamente, tenho dado com a cara na parede. Tenho sorte de estar aqui agora. Acho que é você. Não está me deixando entrar.

— Porque não quero você dentro da minha cabeça!

Ele desceu da grade e veio se encontrar comigo no jardim.

— Preciso que você me deixe entrar.

Eu me virei.

— Fui encarregado de cuidar de Marcie — confessou ele.

Cinco segundos se passaram antes que tudo voltasse aos eixos. O sentimento quente, de náusea, que consumia meu estômago desde que deixara a casa de Marcie, se espalhou para minhas extremidades.

— Você é o anjo da guarda de Marcie?

— Não tem sido exatamente agradável.

— Os arcanjos fizeram isso?

— Quando me designaram como seu guardião, eles deixaram claro que eu deveria zelar pelo seu interesse. Envolver-me com você não era o melhor para você. Eu sabia disso, mas não gostava de que os arcanjos me dissessem o que fazer com minha vida particular. Eles estavam me observando na noite em que você me deu o anel.

No Jeep. Na noite antes de terminarmos. Eu me lembrei.

— Assim que percebi que estavam nos observando, eu parti. Mas o mal estava feito. Eles me disseram que eu seria afastado assim que arranjassem um substituto. Então me mandaram cuidar de Marcie. Fui para a casa dela, naquela noite, para me obrigar a encarar o que eu havia feito.

— Por que Marcie? — perguntei amargamente. — Para me punir?

Ele passou uma das mãos sobre a boca.

— O pai de Marcie é um nefilim de primeira geração, um puro-sangue. Agora que Marcie completou 16 anos, ela corre o risco de ser sacrificada. Dois meses atrás, quando tentei sacrificar você para obter um corpo de humano, mas acabei salvando sua vida, não havia muitos anjos caídos que acreditassem que poderiam mudar o que eram. Agora eu sou um guardião. Todos sabem disso e todos sabem que é porque eu a salvei da morte. De repente, muitos deles acreditam que também podem enganar o destino. Ou salvando um humano e recuperando as asas — ele soltou o ar — ou matando seu vassalo nefilim e passando de anjo caído a humano.

Revi em minha mente tudo o que sabia sobre anjos caídos e nefilins. *O livro de Enoque* falava de um anjo caído que se tornava humano depois de matar seu vassalo nefilim — ao sacrificar uma das descendentes daquele vassalo. Dois meses antes, Patch tinha tentado exatamente aquilo para poder matar Chauncey. Agora, se o anjo caído que obrigara Hank Millar a jurar lealdade quisesse se tornar humano… bem, ele teria que…

Sacrificar Marcie.

Eu falei:

— Você quer dizer que sua tarefa é garantir que o anjo caído que obrigou Hank Millar a jurar lealdade não vai sacrificar Marcie para obter um corpo de humano?

Como se ele achasse que me conhecia suficientemente bem para adivinhar a próxima pergunta, Patch falou:

— Marcie não sabe de nada. Ignora tudo completamente.

Eu não queria falar sobre isso. Não queria que Patch estivesse ali. Ele havia matado meu pai. Ele arrancara de mim, para sempre, alguém que eu amava. Patch era um monstro. Nada do que ele pudesse me dizer mudaria isso.

— Chauncey criou uma sociedade secreta dos nefilins — disse Patch.

Ele recuperou minha atenção.

— O quê? Como você sabe disso?

Ele pareceu relutante em responder.

— Tive acesso a algumas lembranças. Lembranças de outras pessoas.

— Lembranças de outras pessoas?

Fiquei chocada, quando não deveria. Como ele poderia justificar tudo de horrível que fizera? Como poderia ir até ali e me dizer que havia examinado secretamente os pensamentos mais íntimos das pessoas e esperar que eu o admirasse? Ou mesmo esperar que eu o ouvisse?

— Um sucessor foi escolhido quando Chauncey partiu. Não fui capaz de obter um nome ainda, mas os boatos dizem que foi alguém que não ficou feliz com a morte de Chauncey, o que não faz sentido. Agora ele está no comando, o que deveria bastar para acabar com qualquer remorso que ele pudesse sentir em relação à morte de Chauncey. Isso me faz pensar que o sucessor talvez seja um amigo próximo a Chauncey ou um parente.

Sacudi a cabeça.

— Não quero ouvir isso.

— O sucessor está procurando o assassino de Chauncey. — Qualquer protesto de minha parte se desfez antes de começar. Patch e eu trocamos um olhar. — Ele quer que o assassino pague pelo seu ato.

— Você quer dizer que ele quer que eu pague por meu ato — afirmei, minha voz mal saía.

— Ninguém sabe que você matou Chauncey. Ele não fazia ideia de que você descendia dele até momentos antes da sua morte, por isso há poucas possibilidades de que mais alguém saiba disso. Talvez o sucessor de Chauncey tente encontrar os descendentes dele, mas precisará de muita sorte. Precisei de muito tempo para chegar a você. — Ele deu um passo em minha direção, mas eu recuei. — Quando acordar, preciso que diga que me quer novamente como anjo da guarda. Diga isso sinceramente, para que os arcanjos escutem e nós possamos ter alguma esperança de que eles atendam a seu pedido. Estou fazendo o que posso para manter

você em segurança, mas sofro restrições. Preciso de acesso liberado às pessoas a seu redor, a suas emoções, a tudo que diz respeito a seu mundo.

O que ele estava dizendo? Os arcanjos haviam finalmente encontrado um novo anjo da guarda para mim? Era por isso que ele havia invadido meu sonho aquela noite? Porque ele seria bloqueado e não teria mais todo o acesso a mim que desejava?

Senti suas mãos deslizando até minha cintura, segurando-me de forma protetora contra ele.

— Não vou deixar nada acontecer a você.

Fiquei rígida e me afastei. Minha mente estava em tormenta. *Ele quer que o assassino pague pelo seu ato*. Não consegui me livrar desse pensamento. A ideia de que havia alguém lá fora querendo me matar era estarrecedora. Não queria estar aqui. Não queria saber essas coisas. Queria me sentir segura de novo.

Ao perceber que Patch não tinha intenção de deixar meu sonho, tomei uma iniciativa. Lutei contra as barreiras invisíveis, obrigando-me a acordar. *Abra os olhos*, disse a mim mesma. *Abra-os!*

Patch segurou meu cotovelo.

— O que está fazendo?

Podia sentir que ficava cada vez mais lúcida. Podia sentir o calor dos lençóis, a fronha macia tocando meu rosto. Todos os cheiros familiares, associados a meu quarto, me reconfortaram.

— Não acorde, Anjo. — Ele passou as mãos no meu cabelo, segurando meu rosto, obrigando-me a olhá-lo nos olhos. — Tem mais coisas que você precisa saber. Existe uma razão muito importante para que veja essas memórias. Estou tentando lhe dizer algo que não posso lhe dizer de outra forma. Preciso que você descubra o que estou tentando lhe dizer. Preciso que pare de me bloquear.

Afastei o rosto. Meus pés pareciam se erguer da grama, rumando para a nuvem em forma de funil. Patch me agarrou, xingando baixo, mas seu controle sobre mim era mínimo, imaginário.

Acorde, ordenei a mim mesma. *Acorde.*

E deixei que a nuvem me consumisse.

C A P Í T U L O

18

Acordei com a respiração acelerada. Meu quarto estava tomado pela sombra da lua que reluzia como uma bola de cristal do lado de fora. Os lençóis estavam quentes e úmidos, embolados em volta das minhas pernas. O relógio marcava nove e meia.

Saí da cama e fui ao banheiro, onde enchi um copo com água fria. Engoli-o, depois me apoiei na parede. Não podia voltar a dormir. Não importava o que eu fizesse, não podia deixar que Patch entrasse de novo nos meus sonhos. Andei pelo corredor do andar de cima, tentando freneticamente me manter acordada, mas estava tão agitada que duvidava ser capaz de dormir ainda que quisesse.

Vários minutos depois, minha pulsação tinha voltado ao normal, mas minha mente não se acalmava com tanta facilidade. Mão Negra. Aquelas duas palavras me assombravam. Eram ardilosas, ameaçadoras, provocantes. Não conseguia examiná-las diretamente. Não sem sentir que meu mundo, já tão frágil, começava a ruir. Eu sabia que estava evitando encontrar uma forma de fazer com que os arcanjos soubessem que Patch era Mão Negra, e o assassino de meu pai, para me proteger da vergonhosa verdade: eu me apaixonara por um assassino. Deixara que ele me beijasse, mentisse para mim e me traísse. Quando ele me tocava nos sonhos, toda minha força ruía e eu me sentia mais uma vez envolvida por sua teia. Ele ainda tinha meu coração em suas mãos e essa era a maior traição de todas. Que tipo de pessoa era eu, que não conseguia fazer com que o assassino do próprio pai pagasse por isso?

Patch dissera que eu poderia informar aos arcanjos que o queria novamente como anjo da guarda simplesmente declarando aquilo em voz alta. Parecia lógico, então, que eu pudesse gritar: “Patch matou meu pai” e encerrar a questão. A justiça seria feita. Patch seria enviado para o inferno e eu poderia, lentamente, começar a

reconstruir minha vida. Mas não conseguia juntar as palavras, como se estivessem acorrentadas em algum lugar dentro de mim.

Havia coisas demais que não faziam sentido. Por que Patch, um anjo, se envolvia com uma sociedade secreta nefilim? Se ele era Mão Negra, por que se encarregava de marcar os recrutas nefilins? Antes de tudo, por que os recrutava? Não era apenas esquisito — não tinha lógica. A raça nefilim odiava os anjos e vice-versa. E se Mão Negra era o sucessor de Chauncey e novo líder da sociedade… como essa pessoa poderia ser Patch?

Apertei a ponte do nariz, sentindo que minha cabeça poderia rachar de tanto repetir as mesmas perguntas. Por que tudo que cercava Mão Negra parecia um labirinto infindável lotado de alçapões atrás de alçapões?

Naquele momento, Scott era o único elo confiável com Mão Negra. Ele sabia mais do que dizia, eu tinha certeza, mas estava assustado demais para falar. O tom da sua voz ao contar sobre Mão Negra transmitira puro pânico. Eu precisava que ele me contasse o que sabia, mas ele estava fugindo do passado e nada do que eu dissesse faria com que ele desse meia-volta e se dispusesse a enfrentá-lo. Apertei a testa nas palmas das mãos, tentando pensar com clareza.

Liguei para Vee.

— Boas notícias — disse ela, antes que eu pudesse pronunciar qualquer palavra. — Convenci meu pai a me levar até a praia e a pagar a multa para tirar a trava do carro. Estou na área de novo.

— Que bom, porque preciso de sua ajuda.

— Ajuda é meu nome do meio.

Eu tinha certeza de que ela já me dissera que “ruim” era seu nome do meio, mas guardei isso para mim mesma.

— Preciso de alguém que me ajude a revistar o quarto de Scott.

Muito provavelmente Scott não ia deixar à mostra nada que tivesse relação com seu envolvimento com a sociedade secreta dos nefilins, mas qual era minha alternativa? Ele tinha feito um serviço incrível em *não* me dar respostas diretas no passado e, depois de nosso último encontro, eu tinha certeza de que estava com medo de

mim. Se eu quisesse descobrir o que ele sabia, precisava fazer uma busca.

— Aparentemente, Patch cancelou nosso encontro duplo, então minha agenda está livre — disse Vee, um pouco ansiosa demais. Eu esperava que ela me perguntasse o que iríamos bisbilhotar no quarto de Scott.

— Vasculhar o quarto de Scott não vai ser nem perigoso nem empolgante — informei a ela, só para ter certeza de que nós duas estávamos falando a mesma língua. — Tudo o que você vai fazer é ficar sentada no Neon, do lado de fora do apartamento, e me ligar, se ele voltar para casa. Quem entra sou eu.

— Não é só porque não sou eu quem está desempenhando o papel de espiã que não vou achar a missão empolgante. Vai ser como em um filme. Só que, no cinema, o mocinho quase nunca é pego. Mas isso aqui é a vida real, e há muita chance de você ser pega. Entende o que eu quero dizer? O fator empolgação está nas alturas.

Pessoalmente, achei que Vee estivesse ansiosa demais por me ver ser pega.

— Você *vai* me avisar se Scott chegar em casa, não vai? — perguntei.

— É claro, querida. Vou tomar conta de tudo para você.

Meu próximo telefonema foi para a casa de Scott. A sra. Parnell atendeu.

— Nora, que bom ouvir a sua voz! Scott me contou que as coisas estão ficando animadas entre vocês — acrescentou ela, em um tom conspiratório.

— Bem…

— Sempre achei que seria ótimo se Scott se casasse com uma garota da cidade. Não gosto muito da ideia de ele se juntar a uma família de desconhecidos. E se os novos parentes forem malucos? Sua mãe e eu somos muito amigas. Você pode imaginar como nos divertiríamos planejando um casamento juntas? Mas estou botando o carro na frente dos bois! Tudo tem sua hora, como se costuma dizer.

Minha nossa.

— Scott está em casa, sra. Parnell? Tenho umas notícias que acho que podem interessar a ele.

Ouvi quando ela tapou o bocal com a mão e gritou:

— Scott! Atenda o telefone! É Nora!

Um momento depois, Scott atendeu.

— Pode desligar agora, mãe.

A voz dele parecia carregar um tom de cautela.

— Só queria ter certeza de que você tinha atendido, querido.

— Atendi.

— Nora tem notícias interessantes — disse ela.

— Então desligue, para que ela possa me contar.

Houve um suspiro de decepção e um clique.

— Achei que tivesse dito para você ficar longe de mim.

— Você já encontrou uma banda? — perguntei, continuando, esperando dominar a conversa e provocar seu interesse antes que ele desligasse na minha cara.

— Não — respondeu ele, no mesmo tom de ceticismo cauteloso.

— Comentei com um amigo que você toca guitarra…

— Eu toco baixo.

— …ele passou a notícia adiante e descobriu uma banda que quer fazer um teste com você. Hoje à noite.

— Qual é o nome da banda?

Eu não tinha previsto aquela pergunta.

— É… The Pigmen.

— Parece saído de 1960.

— Quer fazer o teste ou não?

— A que horas?

— Às dez. Na Bolsa do Diabo. — Se eu conhecesse algum armazém que ainda ficasse mais longe, teria mencionado. Do jeito que estava, eu precisaria resolver tudo nos vinte minutos que ele levaria para fazer a viagem de ida e volta.

— Preciso de um nome e de um telefone de contato.

Certamente *não* era para ele fazer aquela pergunta.

Eu disse:

— Falei para meu amigo que passaria a informação a você, mas não pensei em pedir nomes e telefones dos integrantes da banda.

— Não vou desperdiçar minha noite com um teste sem ter a mínima ideia de quem são esses caras, de que estilo eles tocam e se já se apresentaram por aí. São punks, indie-pop, tocam metal?

— Qual estilo você toca?

— Punk.

— Vou arranjar os telefones e aí eu ligo de volta.

Desliguei e disquei imediatamente o número de Vee.

— Falei para Scott que consegui um teste com uma banda hoje à noite, mas ele quer saber o tipo de música que a banda toca e onde já tocaram. Se eu der a ele seu número, você finge ser a namorada de alguém da banda? Diga apenas que sempre atende o telefone de seu namorado quando ele está ensaiando. Não diga mais muita coisa. Atenha-se aos fatos. É uma banda punk que vai fazer muito sucesso, e ele seria um idiota de não querer fazer um teste.

— Estou começando mesmo a gostar do trabalho de espionagem — afirmou Vee. — Quando minha vida está um tédio, tudo o que preciso fazer é ficar a seu lado.

***

Eu estava sentada na varanda da frente de casa, com os joelhos encostados no peito, quando Vee chegou.

— Acho que deveríamos parar no Skippy's e comer cachorros-quentes antes — disse ela, assim que entrei no carro. — Não sei por que, mas cachorros-quentes são como uma injeção de coragem para mim. Sinto que sou capaz de tudo depois de comer um.

— É porque você é viciada em todas as toxinas que eles enfiam nessas coisas.

— Como eu disse, acho que deveríamos passar no Skippy's.

— Já comi massa no jantar.

— Massa não enche a barriga.

— Enche *sim*.

— Tá, mas não como molho e mostarda — argumentou Vee.

Quinze minutos depois, deixávamos o drive-thru do Skippy's com dois cachorros-quentes, uma porção grande de batatas fritas e dois milk-shakes de morango.

— Odeio esse tipo de comida — resmunguei, sentindo a gordura atravessar o embrulho do sanduíche e sujar minha mão. — Nada saudável.

— Seu relacionamento com Patch também não é saudável, nem por isso você terminou com ele.

Não respondi.

A meio quilômetro do condomínio de Scott, Vee manobrou para a beira da estrada. O maior problema que eu previa era a localização. A Deacon Road acabava em um beco sem saída depois dos prédios. Vee e eu estávamos expostas e, assim que Scott passasse de carro e visse Vee no Neon, saberia que estávamos planejando alguma coisa. Eu não tinha me preocupado com a possibilidade de ele reconhecer sua voz ao telefone, mas receava que pudesse reconhecer seu rosto. Ele nos vira juntas em mais de uma ocasião e nos pegara seguindo-o a bordo do Neon, certa vez. Ela era culpada por associação.

— Você vai precisar tirar o carro da estrada e estacionar atrás daqueles arbustos — instruí a Vee.

Vee se inclinou para a frente, olhando a escuridão.

— Isso aí é um fosso, entre mim e os arbustos?

— Não é muito fundo. Pode confiar, nós vamos conseguir sair dele.

— Parece fundo. Estamos falando de um Neon e não de um Hummer.

— O Neon não é muito pesado. Se atolar, eu saio e empurro.

Vee pôs o carro na pista e avançou pelo acostamento, com o som do mato alto raspando na carroceria.

— Acelere m-mais — falei, batendo os dentes, enquanto nos sacudíamos nas margens pedregosas. O carro se inclinou para a frente e caiu no fosso, com os pneus da frente parando abruptamente ao chegar ao fundo.

— Acho que não vamos conseguir sair daqui — disse Vee, pisando no acelerador. As rodas giraram, mas não encontraram tração. — Preciso me aproximar desse negócio de outro ângulo. — Ela virou o volante com força para a esquerda e voltou a pisar fundo. — Assim funciona — afirmou, enquanto o Neon entrava e se sacudia para a frente.

— Cuidado com aquela pedra… — comecei, mas já era tarde demais.

Vee passou com o Neon direto sobre uma grande pedra semienterrada na terra. Ela pisou no freio e desligou o motor. Saltamos e fitamos o pneu dianteiro esquerdo.

— Alguma coisa não está certa — disse Vee. — É assim que esse pneu deve ficar?

Bati com a cabeça contra o tronco da árvore mais próxima.

— Então temos um pneu furado — concluiu Vee. — E agora?

— Vamos em frente com o plano. Vou vasculhar o quarto de Scott e você fica vigiando. Quando eu voltar, você liga para Rixon.

— E digo o que para ele?

— Que vimos um veado e que você deu uma guinada para não atingi-lo. Então entrou com o Neon no fosso e passou por cima de uma pedra.

— Gosto dessa história — declarou Vee. — Faz parecer que gosto de animais. Rixon vai adorar.

— Alguma pergunta?

— Não. Tudo sob controle. Eu ligo assim que Scott sair. Ligo de novo se ele voltar para que você dê o fora. — Vee baixou os olhos e fitou meus calçados. — Você vai escalar o prédio e arrombar uma janela? Talvez prefira então calçar tênis. Essas sapatilhas são lindas, mas nada práticas.

— Vou entrar pela porta da frente.

— O que vai dizer para a mãe de Scott?

— Não importa. Ela gosta de mim. Vai me deixar entrar sem problemas.

Estendi para ela o meu cachorro-quente, que tinha ficado frio:

— Você quer?

— De jeito nenhum. Você vai precisar. Se algo de ruim acontecer, dê uma mordida. Dez segundos depois, vai sentir um calorzinho por dentro e uma sensação de felicidade.

Corri pela Deacon, me desviando para a sombra das árvores assim que consegui distinguir formas humanas movimentando-se para a frente e para trás nas janelas iluminadas do apartamento de Scott, no terceiro andar. Pelo que eu podia entender, a sra. Parnell estava na cozinha, andando entre a geladeira e a pia, provavelmente preparando um lanche ou uma sobremesa. A luz do quarto de Scott estava acesa, mas as persianas estavam abaixadas. A luz piscou, e um momento depois Scott entrou na cozinha e deu um beijo no rosto da mãe.

Fiquei quieta, afastando os mosquitos durante cinco minutos, antes que Scott saísse pela porta da frente segurando o que parecia um estojo de guitarra. Ele guardou o estojo na mala do Mustang e saiu da vaga.

Um minuto depois, ouvi o toque de Vee vindo do telefone em meu bolso.

— A águia deixou o ninho — disse ela.

— Eu *sei* — respondi. — Fique onde está. Vou entrar.

Caminhei até a porta da frente e toquei a campainha. A porta se abriu e, assim que a sra. Parnell me viu, abriu um grande sorriso.

— Nora! — disse ela, segurando-me animadamente pelos ombros. — Scott acabou de sair! Ele foi fazer um teste para uma banda. Não tenho como lhe dizer quanto significa para ele o fato de você ter se dado todo esse trabalho. Ele vai deixar os outros integrantes enlouquecidos. Você vai ver. — Ela beliscou meu rosto afetuosamente.

— Para falar a verdade, Scott acabou de me ligar. Ele deixou umas partituras aqui e pediu para eu pegá-las. Ele poderia ter

voltado, mas não queria chegar tarde para o teste e causar uma impressão ruim.

— Ah, sim, claro! Pode entrar. Ele disse o que queria?

— Ele me mandou uma mensagem com o título de algumas músicas.

Ela escancarou a porta.

— Vou acompanhá-la até o quarto dele. Scott vai ficar tão chateado se o teste não der certo. Ele costuma ser cuidadoso e levar sempre a música certa, mas foi tudo tão rápido. Tenho certeza de que deve estar pirando, coitadinho.

— Ele parecia mesmo preocupado — concordei. — Vou fazer isso o mais rápido que puder.

A sra. Parnell me conduziu pelo corredor. Quando passei pela porta e entrei no quarto de Scott percebi a completa mudança do cenário. A primeira coisa em que reparei foi a tinta preta nas paredes.

Elas eram brancas da última vez que havia estado ali. O pôster do *Poderoso Chefão* e a flâmula do New England Patriots haviam sido arrancados. O ar cheirava a tinta e a aromatizador de ambientes.

— Não repare nas paredes — disse a sra. Parnell. — Scott vem atravessando uma fase de problemas emocionais. A mudança pode ser difícil. Ele precisa sair mais. — Ela me olhou cheia de segundas intenções, mas fingi não perceber a indireta.

— Então essas aqui são as partituras? — perguntei, gesticulando para uma pilha de papéis no chão.

A sra. Parnell secou as mãos no avental.

— Quer que eu a ajude a procurar?

— Não precisa se incomodar. Não quero prendê-la. Só vou levar um segundinho.

Assim que ela saiu, fechei a porta. Coloquei o celular e o cachorro-quente do Skippy’s na escrivaninha em frente à cama, depois me aproximei do armário.

Um par de tênis brancos de cano alto se destacavam de um monte de jeans e camisetas no fundo do armário. Apenas três camisas xadrez estavam penduradas nos cabides. Fiquei pensando se a sra. Parnell as comprara, porque não conseguia imaginar Scott vestido com camisas de flanela.

Sob a cama, encontrei um bastão de alumínio, uma luva de beisebol e um vaso com uma planta. Liguei para Vee.

— Como é um pé de maconha?

— Tem cinco folhas — disse Vee.

— Scott está plantando maconha aqui. Debaixo da cama.

— Isso a surpreende?

Não surpreendia, mas aquilo explicava o aromatizador de ambientes. Não tinha certeza se conseguia imaginar Scott fumando maconha, mas vender drogas não seria improvável.

Ele vivia louco por dinheiro.

— Vou voltar a ligar se encontrar mais alguma coisa — falei. Deixei o celular na cama de Scott e, lentamente, percorri o quarto em um círculo. Não havia muitos esconderijos. Na parte de baixo da escrivaninha não tinha nada. As entradas do aquecimento estavam vazias. Nada tinha sido costurado ao cobertor. Estava a ponto de desistir quando alguma coisa em cima do armário chamou minha atenção. A parede estava danificada.

Puxei a cadeira da escrivaninha e subi. Um buraco quadrado, de tamanho médio, havia sido aberto na parede e coberto com gesso, para disfarçar. Usei um cabide de arame para alcançar o mais alto possível e retirei o quadrado de gesso. Parecia que uma caixa laranja, de tênis Nike, tinha sido enfiada naquele lugar. Tentei alcançá-la com o cabide, mas acabei afastando-a mais.

Um suave zumbido me fez perder a concentração e percebi que meu telefone vibrava e os cobertores na cama de Scott abafavam o som. Desci em um pulo.

— Vee? — respondi.

— Saia já daí — sibilou ela em um tom cheio de pânico. — Scott ligou de novo para saber como chegava no armazém, mas eu não sabia qual era o que você havia indicado. Tentei dar uma enrolada e

disse que era apenas a namorada do cara da banda e que não sabia onde eles costumavam fazer testes. Ele perguntou em que galpão eles ensaiavam e eu disse que também não sabia. A notícia boa é que ele desligou, então não tive que inventar uma mentira maior ainda. A notícia ruim é que ele está a caminho de casa. Neste momento.

— Quanto tempo eu tenho?

— Como ele já passou por mim a cento e cinquenta quilômetros por hora, acho que você tem um minuto. Ou menos.

— Vee!

— Não me culpe. Foi você quem não atendeu o telefone!

— Persiga-o e o enrole. Preciso de mais dois minutos.

— Persegui-lo? Como? O Neon está com o pneu furado.

— Com os *dois pés*!

— Você está me dizendo para correr?

Ajeitei o telefone sob o queixo, encontrei um pedaço de papel na bolsa e procurei uma caneta na escrivaninha de Scott.

— É menos de meio quilômetro. Apenas *uma* volta na pista. *Vá!*

— O que eu digo quando alcançá-lo?

— É isso o que os espiões fazem: improvisam. Você vai pensar em alguma coisa. Preciso ir — falei e desliguei o telefone.

Onde estavam as canetas? Como Scott podia ter uma escrivaninha sem canetas, sem lápis? Finalmente encontrei uma dentro da bolsa e rabisquei um bilhete no pedaço de papel. Pus o papel embaixo do cachorro-quente. Lá fora, ouvi o ronco do Mustang no estacionamento do prédio.

Atravessei o quarto até o armário e subi uma segunda vez. Estava esticada na ponta dos pés, batendo na caixa com o cabide.

A porta da frente bateu.

— Scott? — ouvi a sra. Parnell dizer da cozinha. — O que você está fazendo de volta tão cedo?

Consegui que o gancho do cabide entrasse sob a tampa e comecei a puxar a caixa do compartimento. Assim que metade dela saiu, a gravidade fez o restante. A caixa caiu em minhas mãos. Eu

tinha acabado de enfiá-la na bolsa e recolocado a cadeira no lugar, na escrivaninha, quando a porta do quarto se abriu.

Os olhos de Scott me encontraram imediatamente.

— O que você está fazendo aqui? — ele quis saber.

— Não estava esperando que você voltasse tão rápido — gaguejei.

— O teste era uma farsa, não era?

— Eu…

— Você queria que eu saísse do apartamento. — Ele chegou até mim em dois passos, pegou meu braço e me sacudiu. — Cometeu um grande erro em vir até aqui.

A sra. Parnell apareceu na porta do quarto.

— Qual é o problema, Scott? Pelo amor de Deus, deixe-a em paz. Ela veio pegar as partituras que você esqueceu.

— Ela está mentindo. Não esqueci partitura alguma.

A sra. Parnell olhou para mim.

— É verdade?

— Eu menti — confessei hesitante. Engoli em seco, tentando injetar alguma calma em minha voz. — A verdade era que eu queria muito convidar Scott para a festa do Solstício de Verão em Delphic, mas não tinha coragem de fazê-lo pessoalmente. Estou muito constrangida. — Caminhei até a escrivaninha e lhe ofereci o cachorro-quente e o pedaço de papel com o bilhete.

— “Não seja um cachorro” — leu Scott — “vá ao Solstício de Verão comigo.”

Scott olhou para o bilhete, olhou para o cachorro-quente e para mim.

— O quê?

— Mas não é uma gracinha? — manifestou-se a sra. Parnell. — Você não quer ser um cachorro, não é, Scott?

— Mãe, pode nos dar um minuto, por favor?

— O Solstício de Verão é uma festa elegante? — perguntou a sra. Parnell. — É um baile? Eu poderia reservar um smoking no Todd’s Tuxes…

— *Mãe.*

— Tudo bem. Vou para a cozinha. Nora, eu tenho que dar a mão a palmatória. Não tinha a menor ideia de que você estava deixando o convite para a festa. Achei mesmo que tivesse vindo pegar as partituras. Muito esperta. — Ela piscou o olho e depois recuou, fechando a porta ao passar.

Fiquei sozinha com Scott e todo meu alívio desapareceu.

— O que você está fazendo aqui de verdade? — repetiu Scott, com a voz significativamente mais sombria.

— Eu disse…

— Não acredito. — Os olhos dele olharam por trás de mim, examinando o quarto. — No que você tocou?

— Eu vim trazer o cachorro-quente, eu juro. Procurei uma caneta na escrivaninha, para escrever o bilhete, mas foi isso.

Scott se dirigiu à escrivaninha, abriu cada gaveta e examinou seus pertences.

— Sei que você está mentindo.

Recuei até a porta.

— Sabe de uma coisa? Fique com o cachorro-quente, mas esqueça a história do Solstício de Verão. Eu só estava tentando ser legal. Estava tentando compensar a outra noite, porque me senti responsável por você ter levado o soco na cara. Esqueça o que eu disse.

Ele me examinou em silêncio. Eu não tinha ideia se o havia convencido, mas não me importava. O único pensamento que tinha na cabeça era que precisava sair dali.

— Estou de olho em você — disse ele, finalmente, em um tom que eu achei assustadoramente ameaçador. Nunca havia visto Scott tão frio e hostil. — Pense nisso. Todas as vezes em que achar que está sozinha, pense de novo. Vou ficar de olho em você. Se pegá-la de novo em meu quarto, você está morta. Ficou claro?

Engoli em seco.

— Superclaro.

Ao sair, passei pela sra. Parnell, que estava de pé, perto da lareira, bebendo um copo de chá gelado. Ela deu um gole, pousou o copo na prateleira e me chamou.

— Scott é um garoto e tanto, não é?

— Pode se dizer que sim.

— Aposto que você o chamou para a festa porque sabia que todas as outras meninas fariam fila se você não fosse rápida.

O Solstício de Verão era no dia seguinte e todo mundo que ia já tinha seu par. Incapaz de dizer isso à sra. Parnell, preferi abrir um sorriso. Ela poderia interpretá-lo como quisesse.

— Preciso alugar um smoking para ele? — perguntou ela.

— Para falar a verdade, a festa é bem informal. Jeans e camiseta estão perfeitos.

Ela pareceu ligeiramente decepcionada.

— Bem, sempre tem a festa de volta às aulas. Acho que você está planejando convidá-lo para a festa de volta às aulas, não é?

— Ainda não pensei no assunto. De qualquer maneira, Scott talvez não queira ir comigo.

— Não seja boba! Você e Scott têm uma história. Ele é louco por você.

Ou simplesmente louco. Ponto.

— Preciso ir, sra. Parnell. Foi ótimo revê-la.

— Dirija com cuidado! — exclamou ela, sacudindo os dedos.

Encontrei Vee lá fora, no estacionamento. Ela estava abaixada, com os punhos no joelho, lutando para respirar. Dava para ver uma mancha de suor nas costas de sua camisa.

— Que bela distração você arranjou — reclamei.

Ela levantou os olhos, com o rosto tão rosado quanto um tender de Natal.

— Você já tentou perseguir um carro? — balbuciou.

— Superei você. Dei para Scott meu cachorro-quente e o convidei para ir ao Solstício de Verão comigo.

— E o que o cachorro-quente tem a ver com o assunto?

— Disse que ele seria um cachorro se não me acompanhasse.

Vee caiu na gargalhada.

— Eu teria corrido mais rápido se soubesse que poderia vê-la chamando Scott de cachorro.

***

Quarenta e cinco minutos depois, o pai de Vee chamou o reboque, o Neon voltou para a rua e eu fui deixada na frente da fazenda. Fui logo abrindo espaço na mesa da cozinha e tirando de minha bolsa a caixa de sapatos de Scott. Múltiplas camadas de fita-crepe enrolavam a caixa, com quase meio centímetro de espessura. Seja lá o que Scott escondia, ele não queria que o mundo descobrisse.

Cortei a fita com a ajuda de um facão de cozinha. Soltei a tampa, afastei-a e olhei dentro da caixa. Havia uma simples e inocente meia branca no fundo.

Fitei a meia, sentindo meu coração pesar de decepção. Então franzi a testa. Estiquei a meia apenas o suficiente para olhá-la por dentro. Meus joelhos ficaram bambos.

Era um anel. Um dos anéis de Mão Negra.

CAPÍTULO
19

Fitei o anel, confusa. Não consegui conter meus pensamentos. *Dois anéis?* Eu não sabia o que aquilo queria dizer. Com toda certeza, Mão Negra tinha mais de um anel, mas por que Scott tinha um deles? E por que ele tinha se dado todo aquele trabalho para escondê-lo no compartimento secreto na parede?

E por que, se tinha tanta vergonha da marca em seu peito, guardava o anel que possivelmente a fizera?

No quarto, tirei meu violoncelo do armário e escondi o anel de Scott dentro do estojo do instrumento, ao lado de seu irmão gêmeo, o anel que eu havia recebido no envelope, na semana anterior. Não sabia explicar aquilo. Havia procurado Scott para encontrar respostas e me sentia mais confusa do que nunca. Eu teria pensado mais sobre os anéis, talvez reunido algumas teorias, mas não sabia absolutamente o que pensar.

Quando o relógio de parede bateu meia-noite, verifiquei as trancas da porta mais uma vez e fui para a cama. Ajeitei os travesseiros, recostei-me e pintei as unhas de azul-escuro. Depois das mãos, passei para as unhas dos pés. Liguei o iPod. Li vários capítulos do livro de química. Sabia que não podia ficar sem dormir o restante da vida, mas estava determinada a adiar o máximo possível. Estava apavorada com a ideia de que Patch pudesse estar me esperando do outro lado, se eu dormisse.

Não havia percebido que adormecera até acordar com um estranho som, como se algo estivesse sendo raspado. Fiquei na cama paralisada, me esforçando para ouvir o som novamente e saber de onde vinha. As cortinas estavam fechadas, o quarto, às escuras. Saí da cama e ousei dar uma olhada por trás das cortinas. O jardim estava em silêncio. Quieto. Ilusoriamente em paz.

Ouvi um ranger leve no andar de baixo. Peguei o celular da mesa de cabeceira e abri a porta do quarto apenas o suficiente para olhar para fora. O corredor continuava vazio. Saí do quarto, o coração batendo com força contra as costelas. Pensei que meu peito fosse rachar. Tinha chegado ao patamar da escada quando o menor dos ruídos me alertou para o fato de que a maçaneta da porta da frente estava girando.

A porta se abriu e uma silhueta entrou cautelosamente na escuridão do hall. Scott estava na minha casa, a uns cinco metros de distância, na base da escada. Segurei com mais força o celular, que escorregava, molhado de suor.

— O que você está fazendo aqui? — gritei para Scott.

Ele ergueu a cabeça, surpreso. Levantou as mãos até os ombros para mostrar que era inofensivo.

— Precisamos conversar.

—A porta estava trancada. Como você entrou?

Minha voz estava estridente, trêmula.

Ele não respondeu, mas não era necessário. Scott era nefilim — absurdamente forte. Eu tinha quase certeza de que, se descesse para checar a tranca, ela estaria danificada pela força de suas mãos.

— Arrombar e invadir é ilegal — afirmei.

— Roubar também é. Você roubou uma coisa que me pertence.

Umedeci os lábios.

— Você tem um dos anéis do Mão Negra.

— Não é meu. Eu… eu o roubei. — Sua leve hesitação me disse que ele estava mentindo. — Devolva-me o anel, Nora.

— Só depois que você me contar tudo.

— Podemos fazer do jeito mais difícil, se é o que quer.

Ele subiu o primeiro degrau.

— Não se mova! — berrei, tentando discar 911 no celular. — Se você der mais um passo, chamo a polícia.

— Vai levar vinte minutos para a polícia chegar até aqui.

— Não é verdade — gritei. Mas nós dois sabíamos que era.

Ele avançou mais um degrau.

— *Pare* — ordenei. — Vou fazer a ligação, juro que vou.

— E vai dizer o quê? Que invadiu meu quarto? Que roubou uma joia valiosa?

— Sua mãe me deixou entrar — argumentei, nervosamente.

— Ela não teria deixado se soubesse que você roubaria algo que era meu.

Ele deu outro passo, e as escadas rangiam com seu peso.

Esforcei-me para pensar em algo que o impedisse de subir mais. Ao mesmo tempo, queria fazer com que ele me contasse a verdade, de uma vez por todas.

— Você mentiu sobre Mão Negra. Aquela noite, no seu quarto, que grande ator! Suas lágrimas quase me convenceram.

Eu podia ver a mente dele girando, tentando avaliar quanto eu sabia.

— Eu menti — admitiu ele, finalmente. — Estava tentando mantê-la de fora. Você não ia querer se meter com Mão Negra.

— Tarde demais. Ele matou meu pai.

— Seu pai não é o único que Mão Negra quer morto. Ele me quer morto, Nora. Preciso do anel.

Subitamente, ele estava no quinto degrau.

Morto? Mão Negra não podia matar Scott. Ele era imortal. Scott achava que eu não sabia? E por que estava tão determinado a recuperar o anel? Achei que ele desprezasse a marca que tinha. Uma nova informação me veio à mente.

— Mão Negra não lhe obrigou a ganhar a marca, não foi? — perguntei. — Você queria. Você quis entrar para a sociedade secreta. Quis jurar lealdade. Foi por isso que guardou o anel. É um objeto sagrado, não é? Mão Negra o entregou depois que fez a marca em você?

Ele se apoiou no corrimão.

— Não. Fui obrigado.

— Não acredito em você.

Seus olhos se estreitaram.

— Você acha que eu deixei um psicopata pressionar um anel em brasa no meu peito? Se tivesse tanto orgulho assim da marca, por que a manteria sempre coberta?

— Porque é uma sociedade *secreta*. Tenho certeza de que você achou que a marca era um preço baixo a ser pago pelos benefícios decorrentes de participar de uma sociedade poderosa.

— *Benefícios?* Você acha que Mão Negra fez alguma coisa por mim? — O tom de voz estava impregnado de raiva. — Ele é o Anjo da Morte. Não posso escapar dele e, pode acreditar, eu tentei. Mais vezes do que posso contar.

Absorvi a informação, pegando outra mentira de Scott.

— Ele voltou — falei, dizendo meus pensamentos em voz alta. — Depois que lhe marcou. Você mentiu quando disse que nunca mais o vira.

— Claro que ele voltou! — retrucou Scott. — Ele ligava tarde da noite ou se esgueirava por trás de mim quando eu voltava para casa do trabalho, usando uma máscara de esquiador. Estava sempre *ali*.

— O que ele queria?

Ele me avaliou com os olhos.

— Se eu contar, você vai me devolver o anel?

— Depende. Se eu achar que está dizendo a verdade…

Scott esfregou furiosamente os nós dos dedos sobre a cabeça.

— A primeira vez que o vi foi quando fiz 14 anos. Ele disse que eu não era humano. Disse que eu era nefilim, como ele. Que eu tinha que me juntar a esse grupo ao qual ele pertencia e que todos os nefilins tinham que se unir. Ele afirmou que não havia outra maneira de nos libertarmos dos anjos caídos.

Scott olhou para mim enfurecido, desafiador, mas seus olhos guardavam a sombra da cautela, como se ele achasse que eu fosse pensar que ele era louco.

— Achei que ele fosse doido. Achei que ele estivesse tendo alucinações. Tentei escapar dele, mas ele sempre voltava. Começou a me ameaçar. Disse que os anjos caídos iam me pegar quando eu completasse 16 anos. Ele me seguia, na escola e no trabalho. Dizia

que estava tomando conta de mim e que eu deveria ser grato a ele. Então descobriu as minhas dívidas de jogo. Ele as saldou, achando que eu consideraria isso um favor e que iria querer me juntar ao grupo. Não entendia, eu queria que ele fosse embora. Quando lhe falei que ia pedir para o meu pai arranjar um mandado judicial para impedi-lo de se aproximar de mim, ele me jogou no armazém, me amarrou e me marcou. Disse que era a única forma de me manter em segurança. Declarou que um dia eu compreenderia e agradeceria.

O tom da voz de Scott me dizia que esse dia nunca chegaria.

— Ele parece obcecado por você.

Scott sacudiu a cabeça.

— Ele acha que eu o traí. Minha mãe e eu nos mudamos para fugir dele. Ela não sabe dessa história sobre nefilins nem da marca. Acha só que há um maluco me perseguindo. Nós nos mudamos, mas ele não quer que eu saia por aí e, principalmente, não quer correr o risco de que eu abra a boca e deixe à mostra seu culto secreto.

— Ele sabe que você está em Coldwater?

— Não sei. É por isso que preciso do anel. Depois que me marcou, ele me deu o anel. Disse que eu deveria guardá-lo e encontrar outros membros para recrutar. Mandou que não o perdesse. Avisou que algo de ruim aconteceria se eu o perdesse. — A voz de Scott tremeu ligeiramente. — Ele é maluco, Nora. Podia fazer todo tipo de coisa comigo.

— Você precisa me ajudar a encontrá-lo.

Ele subiu mais dois degraus.

— Esqueça. Não vou procurá-lo. — Ele estendeu a mão. — Agora me entregue o anel. Pare de me enrolar. Eu sei que está aqui.

Por nenhuma outra razão além do instinto, eu me virei e corri. Bati a porta do banheiro e a tranquei.

— Isso está me cansando — disse Scott atrás da porta. — Abra. — Ele esperou. — Você acha que esta porta vai me impedir?

Eu não achava, mas não sabia mais o que fazer. Estava contra a parede dos fundos do banheiro quando vi uma faca sobre a pia. Eu

a deixava no banheiro para abrir embalagens de cosméticos e cortar etiquetas de roupas. Eu a segurei com a lâmina para cima.

Scott jogou o corpo contra a porta e ela se abriu, batendo contra a parede.

Estávamos frente a frente e eu apontei a faca em sua direção. Scott avançou, arrancou-me a faca e a apontou para mim.

— E agora quem está no controle? — desdenhou ele.

O corredor atrás de Scott estava às escuras, a luz do banheiro iluminava o papel de paredes floral desbotado. A sombra se movimentou tão discretamente sobre a parede que quase não a vi. Rixon por trás de Scott, segurando a base de um abajur de latão que minha mãe mantinha na mesinha da entrada. Ele desceu o abajur na cabeça de Scott com um golpe esmagador.

— *Aaaai!* — balbuciou Scott, cambaleando para procurar o que havia lhe atingido. No que pareceu ser um reflexo, ele levantou a faca e começou a dar golpes cegos.

A faca não acertou nada e Rixon bateu com o abajur no braço de Scott, fazendo com que ele soltasse a faca no mesmo momento em que tombava de lado, de encontro à parede. Rixon chutou-a para o corredor, para longe. Deu um soco na cara de Scott. Vi o sangue salpicar a parede. Rixon deu um segundo soco e as costas de Scott se arrastaram parede abaixo, até ele cair curvado no chão. Segurando a gola de Scott, Rixon o ergueu o suficiente para dar o terceiro soco. Os olhos de Scott se reviraram.

— Rixon!

Afastei-me da violência ao ouvir o som histérico da voz de Vee. Ela subiu a escada correndo, usando o corrimão para ganhar velocidade.

— Pare, Rixon! Você vai matá-lo!

Rixon soltou a gola de Scott e se afastou.

— Patch iria me matar se eu não fizesse isso. — Desviou a atenção para mim. — Você está bem?

O rosto dele estava salpicado de sangue e aquilo me deixou enjoada.

— Estou ótima — falei, inexpressivamente.

— Tem certeza? Quer beber alguma coisa? Quer um cobertor? Quer se deitar?

Olhei para Rixon e Vee.

— O que vamos fazer agora?

— Vou ligar para Patch — disse Rixon, pegando o celular e apertando o aparelho contra a orelha. — Ele vai querer estar aqui.

Eu estava abalada demais para discutir.

— Devemos chamar a polícia — sugeriu Vee. Ela olhou rapidamente para o corpo surrado e inconsciente de Scott. — Acha que devemos amarrá-lo? E se ele acordar e tentar escapar?

— Vou amarrá-lo atrás da caminhonete assim que terminar a ligação — afirmou Rixon.

— Venha cá, querida — disse Vee, abraçando-me. Ela me guiou escada abaixo, com o braço pousado em meu ombro. — Você está bem?

— Estou — respondi automaticamente, ainda atordoada. — Como vocês chegaram aqui?

— Rixon apareceu e estávamos em meu quarto quando eu tive uma daquelas sensações assustadoras de que nós deveríamos vir aqui e ver como você estava. Quando paramos o carro, o Mustang de Scott estava estacionado na entrada. Achei que o fato de ele estar aqui não podia ser bom, ainda mais porque tínhamos bisbilhotado o quarto dele. Disse para Rixon que havia algo de errado e ele me mandou esperar no carro, enquanto entrava. Estou feliz de ter chegado antes de acontecer algo pior. Minha nossa. O que ele estava pensando ao atacar você com uma faca?

Antes que eu pudesse lhe dizer que eu tinha pegado a faca primeiro, Rixon desceu correndo, juntando-se a nós no saguão.

— Deixei um recado para Patch — contou ele. — Ele vai chegar logo. Também chamei a polícia.

Vinte minutos depois, o detetive Basso freou na entrada, com uma luz que piscava no teto do carro e lembrava a série de TV *Kojak*. Scott lentamente recuperou a consciência e começou a se

mexer e a gemer na mala da caminhonete de Rixon. Seu rosto estava inchado, cheio de hematomas e suas mãos, presas às costas. O detetive Basso o puxou para fora e trocou a corda por algemas.

— Eu não fiz nada — protestou Scott, com o lábio disforme e ensanguentado.

— Arrombamento e invasão não são nada? — perguntou o detetive Basso. — Estranho, a lei não está de acordo com isso.

— Ela me roubou — Scott apontou o queixo na minha direção. — Pergunte a ela. Esteve no meu quarto esta noite, mais cedo.

— O que ela roubou?

— Não… não posso falar.

O detetive Basso olhou para mim, à espera de uma confirmação.

— Ela esteve conosco a noite inteira — afirmou Vee rapidamente. — Não é, Rixon?

— Claro — respondeu Rixon.

Scott me apunhalou com um olhar de quem se sentia traído.

— Você não é tão boazinha assim quanto parece, não é?

O detetive Basso o ignorou.

—Vamos falar sobre a tal faca que você estava segurando.

— Ela a pegou primeiro!

— Você invadiu minha casa! Foi legítima defesa!

— Quero um advogado — disse Scott.

O detetive Basso sorriu, mas não havia qualquer sinal de paciência naquele sorriso.

— Um advogado. Você parece culpado, Scott. Por que tentou esfaqueá-la?

— Não tentei esfaqueá-la. Tirei a faca da mão dela. Ela é que estava tentando me esfaquear.

— Ele mente bem, preciso admitir — disse Rixon.

— Você está preso, Scott Parnell — informou o detetive Basso, abaixando a cabeça de Scott enquanto o conduzia para o assento traseiro do carro de polícia. — Tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo o que disser poderá ser usado contra você.

Scott manteve o ar hostil, mas sob todos os cortes e hematomas, ele parecia pálido.

— Você está cometendo um grande erro — disse ele, olhando diretamente para mim. — Se eu for para a cadeia, serei como um rato em uma gaiola. Ele vai me encontrar e me matar. Mão Negra vai fazer isso.

Ele parecia sinceramente aterrorizado e fiquei dividida entre o desejo de parabenizá-lo por uma bela atuação… e o pensamento de que ele realmente não tinha a mínima ideia do que poderia fazer como nefilim. Mas como ele podia ter a marca de uma sociedade secreta nefilim e não saber que era imortal? Como a sociedade teria esquecido de mencionar tal fato a ele?

Os olhos de Scott não saíam dos meus. Em um tom de súplica, ele continuou:

— É isso, Nora. Se eu sair daqui, estou morto.

— É, é — disse o detetive Basso, batendo a porta com força. Ele se virou para mim: — Você acha que consegue evitar encrencas pelo restante da noite?

CAPÍTULO
20

Abri a janela do quarto e me sentei na beirada, pensando. Uma brisa refrescante e o coral noturno dos insetos me faziam companhia. Do outro lado do campo, uma luz piscou em uma das casas. Parecia estranhamente reconfortante saber que eu não era a única pessoa ainda acordada àquela hora.

Depois que o detetive Basso levara Scott, Vee e Rixon haviam examinado a fechadura da porta da frente.

— Nossa! — exclamara Vee, fitando a porta destroçada. — Como foi que Scott conseguiu dobrar a tranca dessa forma? Usou um maçarico?

Rixon e eu apenas nos olhamos.

— Vou passar aqui amanhã e instalar uma nova fechadura — prometeu ele.

Tudo tinha acontecido havia mais de duas horas. Rixon e Vee já haviam partido muito tempo atrás, deixando-me sozinha com meus próprios pensamentos. Eu não queria pensar em Scott, mas peguei minha mente tomando esse rumo. Ele estava exagerando ou eu iria descobrir amanhã que ele tinha sido misteriosamente maltratado enquanto estava sob custódia policial? De qualquer maneira, ele não morreria. Alguns hematomas, talvez, mas não morreria. Eu não me permiti pensar que Mão Negra poderia ir mais longe — *se* é que era mesmo uma ameaça. Scott nem tinha certeza de que Mão Negra sabia que ele estava em Coldwater.

Em vez disso, falei para mim mesma que não havia nada que eu pudesse fazer àquela altura. Scott havia invadido minha casa e me apontado uma faca. Estava atrás das grades por *iniciativa própria*. Ele estava trancafiado e eu me encontrava em segurança. A ironia era que eu desejava passar a noite na cadeia. Se Scott fosse uma

isca para Mão Negra, eu ia querer estar lá para enfrentá-lo de uma vez por todas.

Minha concentração diminuiu por causa da necessidade de dormir, mas fiz o melhor que pude para examinar as informações que possuía. Scott tinha recebido uma marca de Mão Negra, um nefilim. Rixon dizia que Patch era Mão Negra, um anjo. Parecia até que eu estava lidando com dois indivíduos diferentes com o mesmo nome…

Já passava havia muito da meia-noite, mas eu não queria dormir. Não enquanto isso significasse abrir a guarda para Patch, me deixar envolver por sua teia, sendo seduzida por suas palavras e seu toque suave, confundindo-me mais ainda. Mais do que sono, eu queria respostas. Ainda não tinha revistado o apartamento de Patch e, mais do que nunca, eu tinha certeza de que ali encontraria o que procurava.

Vesti um jeans escuro e sequinho e uma camiseta preta justa. Como a previsão do tempo era de chuva, separei o tênis e a jaqueta impermeável.

Peguei um táxi até a periferia leste de Coldwater. O rio cintilava como uma grande cobra negra. As silhuetas das chaminés das fábricas, na margem oposta do rio, enganavam durante a noite, fazendo-me pensar em monstros assustadores quando eu as olhava com o canto dos olhos. Cheguei à quadra 500 do distrito industrial e encontrei dois prédios, ambos com três andares. Entrei no saguão do primeiro prédio. Estava tudo quieto, e imaginei que os moradores deviam estar na cama. Olhei as caixas de correio, nos fundos, mas nenhuma tinha o nome “Cipriano”. Não que eu esperasse que Patch fosse descuidado a ponto de deixar seu nome à mostra quando fazia tanto esforço para permanecer escondido. Subi as escadas até o andar superior. Apartamentos 3A, B e C. Nenhum apartamento 34. Desci correndo os degraus e caminhei meio quarteirão para tentar o segundo prédio.

Atrás das portas principais ficava um saguão apertado, com azulejos gastos e uma fina camada de tinta que mal disfarçava pichações em vermelho e preto. Como o prédio anterior, as

caixinhas de correio alinhavam-se aos fundos. Perto da frente, o ar-condicionado chacoalhava e zumbia enquanto a porta de um velho elevador permanecia aberta, como mandíbulas de metal esperando para me morder. Deixei de lado o elevador e preferi usar as escadas. O prédio me dava uma sensação de solidão e abandono. Um lugar onde os vizinhos cuidavam da própria vida. Um lugar onde ninguém se conhecia, onde se mantinham segredos com facilidade.

O terceiro andar estava completamente desolado. Passei pelos apartamentos 31, 32 e 33. No fundo do corredor, encontrei o apartamento 34. Subitamente, pensei no que faria se Patch estivesse em casa. Àquela altura, eu podia apenas torcer para que ele não estivesse. Bati, mas não houve resposta. Experimentei virar a maçaneta. Para minha surpresa, a porta estava aberta.

Olhei para a escuridão. Fiquei imóvel, tentando identificar qualquer movimento.

Pressionei o interruptor, que ficava do lado da porta, mas ou as lâmpadas estavam queimadas ou a eletricidade estava desligada. Tirei a lanterna da jaqueta, entrei e fechei a porta.

O cheiro rançoso de comida estragada era avassalador. Dirigi a lanterna para a cozinha. Sobre a pia, havia uma frigideira com ovos mexidos que deviam estar ali havia dias e um vidro de leite meio cheio, que havia azedado a ponto de virar coalhada. Não era o tipo de lugar que eu teria imaginado como a casa de Patch, o que só provava que havia muitas coisas que eu não sabia sobre ele.

Deixei as chaves e a bolsa sobre o balcão da pia e puxei a camisa até o nariz para protegê-lo do fedor. As paredes estavam vazias, havia poucos móveis. Na sala, vi um aparelho de TV antigo, com antenas, provavelmente ainda em preto e branco, e um sofá puído. Ambos ficavam longe da janela, que tinha sido coberta com papel pardo.

Mantendo baixo o facho de luz da lanterna, segui pelo corredor até o banheiro. Nada ali, além de uma cortina bege no chuveiro, que provavelmente já havia sido branca, e uma toalha de hotel barato pendurada no vão. Sem sabonete, sem gilete, sem creme de

barbear. O chão de linóleo descascava nas pontas e o armário sobre a pia estava vazio.

Continuei até o quarto. Virei a maçaneta e abri a porta. O cheiro ruim de suor e de cama suja pairava no ar, e, como a luz estava apagada, concluí que era seguro abrir a janela, fazendo força para deixar o ar fresco entrar. O brilho de um poste penetrou, deixando o ambiente em uma penumbra nebulosa.

Havia pratos sujos com comida ressequida empilhados sobre a mesa de cabeceira. Apesar de a cama estar forrada por lençóis, eles não tinham a aparência de roupa de cama limpa e passada. De fato, a julgar pelo cheiro, não viam água havia meses. Uma pequena escrivaninha e um monitor ficavam no canto, aos fundos. O computador mesmo tinha desaparecido, e me ocorreu que Patch tomava muito cuidado para não deixar qualquer vestígio de si.

Agachei-me diante da escrivaninha, abrindo e fechando gavetas. Nada me pareceu extraordinário: lápis e um exemplar das Páginas Amarelas. Eu estava a ponto de fechar a porta quando um pequeno porta-joias, preso com fita adesiva na parte de baixo da escrivaninha, chamou minha atenção. Passei a mão sob a escrivaninha, tentando tirar a fita da caixinha. Tirei a tampa. Todos os meus pelos se arrepiaram.

A caixa guardava seis dos anéis de Mão Negra.

No final do corredor, a porta da frente rangeu. Pulei de pé. Patch havia voltado? Eu não podia deixar que ele me encontrasse ali. Não agora, quando eu acabara de encontrar os anéis de Mão Negra em seu apartamento.

Olhei em volta, em busca de um esconderijo. A cama de casal ficava entre mim e o armário. Se eu tentasse contornar a cama, corria o risco de ser vista da entrada. Se subisse na cama, as molas poderiam ranger.

A porta da frente fechou-se suavemente. Passos pesados atravessaram o piso da cozinha. Sem escolha, coloquei-me na beira da janela, com as pernas para fora, e deixei-me cair o mais silenciosamente possível na saída de incêndio. Tentei fechar a janela por trás de mim, mas ela emperrou, recusando-se a sair do

lugar. Encolhi o máximo que pude, mantendo os olhos presos no apartamento.

Uma sombra apareceu na parede do corredor, se aproximando. Afundei-me para ficar escondida.

Fiquei apavorada achando que aquilo poderia ser o fim — eu iria ser pega — quando os passos recuaram. Menos de um minuto depois, a porta da frente se abriu e fechou. Um silêncio sinistro novamente tomou conta do apartamento.

Devagar, voltei a me levantar. Fiquei assim por mais um minuto, e, quando tive certeza de que o apartamento estava realmente vazio, entrei outra vez. Senti-me subitamente exposta e vulnerável ao caminhar pelo corredor. Precisava ir para algum lugar calmo, onde pudesse organizar meus pensamentos. O que eu estava esquecendo? Patch, obviamente, era Mão Negra, mas qual era seu papel na sociedade secreta dos nefilins? *Que diabos estava acontecendo?* Joguei a bolsa sobre o ombro e me dirigi para a saída.

Estava com a mão na maçaneta quando um estranho som penetrou meus pensamentos. Um relógio. O suave e ritmado tique-taque de um relógio. Franzi a testa e voltei para a cozinha. O som não estava ali quando eu chegara, pelo menos eu não achava que estava. Ouvindo com atenção, segui o som abafado pelo aposento. Agachei-me diante do armário embaixo da pia da cozinha.

Cada vez mais alarmada, abri o armário. Apesar do pânico e da confusão, consegui entender o que era o aparelho a alguns centímetros dos meus joelhos. Bastões de dinamite. Fita crepe. Fios brancos, azuis e amarelos.

Pus-me de pé e corri porta afora. Os pés batiam com tanta pressa nos degraus da escada que eu precisava segurar o corrimão para não cair. No térreo, abri caminho pela rua e continuei a correr. Voltei a cabeça para trás uma vez. Vi um piscar de luzes um instante antes de o fogo sair pelas janelas do terceiro andar do prédio. A fumaça subiu na escuridão da noite. Uma chuva de detritos, fragmentos de tijolos e madeira, alaranjados pelo calor, salpicou a rua.

O som distante das sirenes ricocheteou pelos prédios e alternei entre andar rápido e correr até o quarteirão seguinte, com medo de chamar a atenção, mas perturbada demais para não escapar daquele lugar. Quando virei a esquina, iniciei uma corrida desvairada. Não sabia para onde estava indo. Meu coração batia descompassadamente, os pensamentos voavam. Se eu tivesse ficado no apartamento por mais alguns minutos, estaria morta.

Soltei um soluço trêmulo. Meu nariz escorria, meu estômago estava revirado. Sequei os olhos com a parte de trás das mãos e tentei me concentrar nas formas que despontavam da escuridão à minha frente: placas, carros estacionados, o meio-fio — o cintilar enganador da luz dos postes refletindo no vidro das janelas. Em poucos segundos, meu mundo havia se transformado em um atordoante labirinto: a verdade aqui e ali, transformando-se sob meus pés, desaparecendo quando eu tentava olhá-la de frente.

Alguém havia tentado explodir as provas deixadas no apartamento? Como os anéis de Mão Negra? Patch seria o responsável?

Logo à frente, surgiu um posto de gasolina. Cambaleei até o banheiro, que ficava na parte de fora, e me tranquei. Minhas pernas estavam bambas e meus dedos tremiam tanto que tive dificuldade para abrir a torneira. Joguei água gelada no rosto para tentar sair do choque. Apoiada na pia, eu respirava sofregamente.

CAPÍTULO
21

Eu não dormia havia mais de trinta e seis horas, a não ser pelo breve sono na noite de quinta, quando Patch havia me encontrado no sonho.

Permanecer acordada a noite inteira não tinha sido difícil. A cada vez que eu sentia meus olhos se fecharem, a explosão voltava a rugir em minha mente, fazendo com que eu me erguesse. Incapaz de dormir, passei a noite pensando em Patch.

Quando Rixon me contou sobre Patch ser Mão Negra, ele havia plantado uma semente de dúvida dentro de mim, que brotara e florescera com o pior tipo de violação de confiança, mas ainda não havia me sufocado totalmente. Ainda não. Havia uma parte de mim que queria chorar e sacudir a cabeça diante da ideia de que Patch pudesse ter matado meu pai. Mordi o lábio com força, concentrando-me naquela dor em vez de me lembrar de todas as vezes que ele havia acariciado minha boca ou beijado a curva da minha orelha. Eu não podia pensar naquilo.

Não tinha me dado o trabalho de sair da cama às sete para ir ao curso de verão. Deixei uma série de recados na secretária eletrônica do detetive Basso durante toda a manhã e à tarde, e então noite adentro, uma chamada por hora, e ele não retornou nenhuma. Eu dizia a mim mesma que estava telefonando para saber de Scott, mas, bem no fundo, eu suspeitava de que queria apenas saber que a polícia estava por perto. Por mais que eu não gostasse do detetive Basso, eu me sentia um pouquinho mais segura ao acreditar que ele estava ao alcance de um telefonema. Porque uma pequena parte de mim começava a acreditar que o incidente da noite passada talvez não fosse um caso de destruição de provas.

E se alguém tivesse tentado me matar?

Em meio a todos os pensamentos que eu tivera na noite anterior, vaguei em torno dos fragmentos de informações que eu tinha, tentando ver se conseguia algo que se encaixasse. Um fragmento nítido para o qual eu sempre voltava era a sociedade secreta nefilim. Patch disse que o sucessor de Chauncey queria vingar sua morte. Patch jurou que ninguém poderia me ligar à morte de Chauncey, mas eu começava a temer que não fosse verdade. Se o sucessor soubesse de mim, talvez a noite passada fosse apenas sua primeira tentativa de se vingar.

Parecia improvável que alguém tivesse me seguido até o apartamento de Patch tão tarde da noite, mas se eu sabia algo sobre os nefilins, era que eles eram ótimos em fazer coisas improváveis.

Meu celular tocou no bolso e eu atendi antes do primeiro toque terminar de soar.

— *Alô?*

— Vamos ao Solstício de Verão — disse Vee. — Vamos comer algodão-doce, andar em alguns brinquedos, talvez ser hipnotizadas e fazer coisas que deixariam *Girls Gone Wild* parecer coisa de criança.

Meu coração, que andava lá pela garganta, voltou ao lugar. Então não era o detetive Basso.

— Oi.

— O que você me diz? Pronta para um pouco de ação? Pronta para Delphic?

Para falar a verdade, eu não estava. Planejava voltar a ligar para o detetive Basso a cada sessenta minutos, até que ele atendesse uma de minhas chamadas.

— Planeta Terra chamando…

— Não estou me sentindo bem — falei por fim.

— O que você tem? Dor de estômago? Dor de cabeça? Cólica? Intoxicação alimentar? Delphic é a cura para tudo isso.

— Não estou a fim, mas obrigada mesmo assim.

— É por causa do Scott? Porque ele está na cadeia. Não pode atingi-la. Vamos nos divertir! Rixon e eu não vamos nos beijar na sua frente, se é o que está lhe incomodando.

— Vou pôr o pijama e assistir a um filme.

— Está dizendo que assistir a um filme é mais divertido do que eu?

— Esta noite, é.

— É? Pois saiba que não vou parar de encher o saco até você vir.

— Eu sei.

— Então faça com que tudo fique mais fácil e simplesmente diga sim.

Soltei um suspiro. Eu poderia passar a noite inteira em casa e esperar que o detetive Basso decidisse atender às ligações ou eu podia fazer uma rápida pausa e recomeçar na volta. Além do mais, ele tinha o número do meu celular e poderia me encontrar em qualquer lugar.

— Tudo bem — disse para Vee. — Preciso de dez minutos.

No meu quarto, vesti uma calça jeans cigarrete, escolhi uma camiseta estampada e um casaco e terminei a produção com um mocassim de camurça. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo baixo e arrumei para que pendesse sobre meu ombro direito. Como eu não dormia havia mais de um dia, meus olhos estavam cercados por círculos escuros. Passei um pouco de corretivo, rímel, sombra prateada e gloss, esperando parecer um pouco melhor do que eu me sentia. Deixei um bilhete um tanto sem-graça para minha mãe, no balcão da cozinha, dizendo que eu havia ido para o Solstício de Verão em Delphic. Ela não deveria voltar até a manhã do dia seguinte, mas já havia me surpreendido mais de uma vez, chegando mais cedo. Se ela chegasse naquela noite, provavelmente lamentaria não ter esticado a viagem. Eu vinha ensaiando o que lhe dizer. Não importava o conteúdo, eu não poderia evitar olhá-la nos olhos quando dissesse que sabia do seu caso com Hank. E eu não permitiria que ela dissesse uma palavra antes de lhe contar que eu estava saindo de casa. Segundo meus ensaios, eu sairia nesse

momento. Queria que ficasse claro para ela que era tarde demais para conversar — se ela queria me contar a verdade, tivera dezesseis anos para fazê-lo. Agora era tarde demais. Tranquei a casa e corri para encontrar com Vee.

Uma hora depois, Vee apertou o Neon entre duas enormes caminhonetes que avançavam sobre nossa vaga dos dois lados. Baixamos as janelas e saímos por elas para não arranhar o carro ao abrir as portas. Atravessamos o estacionamento e compramos os ingressos para entrar no parque. Estava mais cheio do que o normal, por causa do Solstício de Verão — o dia mais longo do ano. Imediatamente, reconheci alguns rostos de colegas da escola, mas, na maior parte do tempo, eu me sentia cercada por um oceano de desconhecidos. A maioria da multidão usava máscaras em cores fortes, que escondiam metade do rosto. Algum vendedor devia estar fazendo uma promoção.

— Por onde começamos? — perguntou Vee. — Pelo fliperama? Pela casa maluca? Pelo lanche? Pessoalmente, acho que devemos começar pelo lanche. Assim, vamos comer menos.

— Qual é a lógica?

— Se pararmos por último nas lanchonetes, vamos estar com muita fome. Sempre como mais quando estou com muita fome.

Eu não me importava com o que faríamos primeiro. Tinha vindo até ali apenas para me distrair por algumas horas. Olhei o celular, mas não havia chamadas perdidas. Quanto tempo levaria até o detetive Basso ligar para mim? Teria acontecido algum imprevisto com ele? Eu carregava uma nuvem negra no fundo da mente e não gostava do jeito com que ela me fazia sentir pouco à vontade.

— Você parece péssima — comentou Vee.

— Eu disse: não estou me sentindo bem.

— É porque não comeu o suficiente. Sente-se. Vou comprar algodão-doce e cachorro-quente. Pense só em todo o molho e a mostarda. Não sei como é para você, mas já estou sentindo a mente mais clara e o coração batendo mais tranquilo.

— Não estou com fome, Vee.

— É claro que você está com fome. Todo mundo está com fome. É por isso que tem tantos vendedores aqui.

Antes que eu pudesse impedi-la, ela se meteu na multidão.

Eu estava andando de um lado para o outro pela calçada, esperando Vee, quando o telefone tocou. O nome do detetive Basso apareceu na tela.

— *Finalmente* — suspirei, abrindo o celular.

— Nora, onde você está? — perguntou ele, assim que atendi. Ele falava rápido e eu percebi que ele estava perturbado. — Scott fugiu. Ele escapou. A polícia inteira está atrás dele, mas quero que você fique bem longe. Estou passando para buscá-la até tudo isso acabar. Estou a caminho de sua casa agora.

Senti um aperto na garganta, o que dificultava pronunciar as palavras.

— *O quê?* Como ele escapou?

O detetive Basso hesitou antes de responder.

— Ele dobrou as grades da cela.

Claro que sim. Era um nefilim. Dois meses antes, eu havia visto Chauncey esmagar meu celular com um simples aperto da mão. Não parecia improvável imaginar Scott usando sua força de nefilim para fugir da cadeia.

— Não estou em casa — informei a ele. — Estou no parque de diversões Delphic.

Sem querer, lancei um olhar na multidão, esperando encontrar Scott. Mas ele não poderia saber que eu estava ali. Depois de sair da cadeia, ele provavelmente havia ido direto para minha casa, esperando me encontrar lá. Senti-me incrivelmente grata a Vee por me arrastar até ali. Scott devia estar em minha casa naquele minuto — o celular tombou um pouquinho na minha mão. O bilhete. No balcão. Onde eu dizia para minha mãe que estava em Delphic.

Acho que ele sabe onde estou — disse para o detetive Basso, sentindo as primeiras pontadas de pânico. — Em quanto tempo você consegue chegar aqui?

— Em Delphic? Trinta minutos. Procure um segurança. Faça o que fizer, fique com o celular. Se vir Scott, ligue imediatamente.

— Não há segurança em Delphic — disse, com a boca seca. Todos sabiam que o parque não contratava seguranças, o que era um dos muitos motivos por que minha mãe não gostasse que eu o frequentasse.

— Então saia daí agora! — gritou ele. — Volte de carro até Coldwater e me encontre na delegacia. Isso é possível?

Sim, era. Vee me daria uma carona. Eu já caminhava na direção que ela seguira, vasculhando a multidão atrás dela.

O detetive Basso soltou o ar.

— Você vai ficar bem. Só… venha depressa para cá. Vou mandar o restante da polícia para Delphic, atrás de Scott. Vamos encontrá-lo.

A ansiedade em seu tom de voz não me serviu de consolo.

Desliguei. Scott estava por aí. A polícia estava a caminho e tudo ia terminar bem… desde que eu saísse dali naquele momento. Fiz um plano rápido. Primeiro, precisava encontrar Vee. Também tinha que me esconder. Se Scott viesse pela calçada nesse momento, ele me encontraria.

Eu estava correndo em direção às barracas de comida quando senti uma cotovelada na costela, por trás de mim. Alguma coisa na intensidade daquela cotovelada me dizia que não era um simples acidente. Virei-me e, antes de me voltar, meu cérebro formigou ao registrar um rosto conhecido. A primeira coisa em que reparei foi no brilho de uma argola de prata na orelha. A segunda, foi em como o rosto estava machucado. O nariz, quebrado — deformado e manchado por um vermelho-escuro. O hematoma se espalhava sob os dois olhos, ficando de um violeta intenso.

A próxima coisa que percebi foi que Scott me segurava pelo cotovelo e me arrastava pela calçada.

— Tire as mãos de mim — falei, tentando escapar. Mas Scott era mais forte do que eu e não teve problemas em me manter presa.

— Claro, Nora, depois que você me disser onde está.

— Onde está o quê? — perguntei com uma voz ao mesmo tempo passiva e agressiva.

Ele riu sem humor.

Mantive minha expressão o mais impenetrável possível, mas os pensamentos corriam em disparada. Se eu lhe dissesse que o anel estava em minha casa, ele sairia do parque. Provavelmente me levaria junto. Quando a polícia chegasse, nós dois já teríamos desaparecido. Seria pouco provável que eu conseguisse ligar para o detetive Basso e avisar que estávamos indo para minha casa. Não com Scott do meu lado. Não, eu precisava mantê-lo ali, no parque.

— Você o entregou para o namorado de Vee? Achou que ele poderia manter o anel longe de mim? Sei que ele não é… normal. — Os olhos de Scott guardavam aquela mesma incerteza aterrorizada. — Sei que ele tem poderes que as outras pessoas não têm.

— Assim como você?

Scott me olhou com raiva.

— Ele não é como eu. Não somos iguais. Isso eu sei. Não vou machucá-la, Nora. Só preciso do anel. Entregue-me, e você nunca mais vai voltar a me ver.

Ele estava mentindo. Ele *iria* me *machucar*. Estava desesperado o bastante para fugir da cadeia. Nada era tão radical àquela altura — ele obteria o anel de volta a qualquer custo. A adrenalina percorria minhas pernas e eu não conseguia pensar com clareza. Mas, em algum lugar, no fundo de minha mente, meu instinto de sobrevivência dizia que eu precisava assumir o controle da situação. Precisava encontrar um jeito de me separar de Scott. Seguindo cegamente meus instintos, eu disse:

— Estou com o anel.

— Eu sei disso — afirmou ele, com impaciência. — *Onde está?*

— Aqui. Eu o trouxe comigo.

Ele me examinou por um momento, depois arrancou a bolsa do meu braço e a abriu, vasculhando-a.

Sacudi a cabeça.

— Eu o joguei fora.

Ele empurrou a bolsa de volta para mim e eu a peguei, agarrando-a contra o peito.

— Onde?

— Em uma lixeira perto da entrada — falei automaticamente. — Dentro de um dos banheiros femininos.

— Mostre-me onde.

Enquanto caminhávamos, ordenei a mim mesma ficar calma por tempo suficiente para pensar no próximo passo. Poderia sair correndo? Não, Scott me pegaria. Poderia me esconder no banheiro das mulheres? Não indefinidamente. Scott não era tímido e ele não teria problema em me seguir até lá dentro se isso fosse lhe garantir o que queria. Mas eu ainda tinha meu celular. No banheiro das mulheres, eu poderia ligar para o detetive Basso.

— Esse aqui — falei, apontando para um dos abrigos em concreto cinzento.

A entrada do banheiro feminino ficava bem em frente, depois de uma rampa de concreto, e o banheiro masculino, atrás. Scott agarrou-me pelos ombros e me sacudiu.

— Não minta para mim. Vão me matar se eu perdê-lo. Se você estiver mentindo, vou…

Ele parou, mas eu sabia o que ele estivera a ponto de dizer. *Se você estiver mentindo, vou matá-la.*

— Está no banheiro — repeti, mais para me convencer de que podia fazer aquilo do que para acalmá-lo. — Vou pegá-lo. E então você vai me deixar em paz, certo?

Em vez de responder, Scott estendeu o braço, segurando-me pela cintura.

— O celular.

Meu coração vacilou. Sem escolha, peguei o telefone e o entreguei. Minha mão tremia ligeiramente, mas eu a firmei, recusando-me a permitir que ele percebesse que eu tinha um plano ou que ele acabara de destruí-lo.

— Você tem um minuto. Não faça nada de idiota.

Dentro do banheiro, fiz um exame rápido da situação. Cinco pias em uma parede, cinco cabines diante delas. Duas garotas com idade para estarem na universidade usavam as pias, as mãos cobertas de espuma. Havia uma janelinha na parede oposta, e estava aberta. Sem perder mais tempo, pus o pé na última pia e subi. A janela estava na altura dos meus cotovelos agora, e, embora não houvesse uma tela para impedir minha passagem, seria difícil me esgueirar por ela. Eu sentia os olhares de todo mundo sobre mim, mas ignorei e me levantei até a beirada, mal prestando atenção no cocô de passarinho salpicado ou nas teias de aranha.

Quando empurrei a janela aberta, ela se soltou e caiu no chão com estardalhaço. Respirei fundo, pensando que talvez Scott tivesse ouvido aquilo, mas a multidão do lado de fora abafou o som. Passei a barriga no peitoril e levantei a perna esquerda, espremendo-a contra o meu corpo até ser capaz de passá-la pela janela. Arrastei-me, deixando a perna direita passar por último. Fiquei pendurada ao peitoril pelos dedos e depois caí lá fora, na calçada. Fiquei agachada por um momento, esperando que Scott aparecesse, contornando a construção.

Depois, corri para a avenida principal do parque e mergulhei no meio da multidão.

CAPÍTULO
22

A escuridão estendia pelo céu, eclipsando os pálidos feixes de luz que se desprendiam do horizonte. Corri apressadamente para a saída do parque. Podia ver os portões à frente. Quase lá. Eu estava avançando à margem da multidão quando parei. A menos de sessenta metros, Scott andava de um lado para o outro diante dos portões, seu olhar vasculhando todo mundo que entrava e saía. Havia descoberto que eu tinha fugido do banheiro e bloqueava a única saída. Uma grade alta de metal coroada por arame farpado rodeava o parque, e a única forma de escapar era pelos portões de saída. Eu sabia disso e Scott também.

Virei-me abruptamente e voltei a me perder na multidão, olhando para trás a cada poucos segundos para ter certeza de que Scott não me localizara.

Penetrei cada vez mais o interior do parque, partindo do princípio de que, se o último lugar onde eu vira Scott era nos portões, seria bom eu me afastar deles o máximo que pudesse. Poderia me esconder na escuridão da casa maluca até que a polícia chegasse ou poderia dar um passeio de teleférico sobre o parque, no qual talvez conseguisse ver Scott e ficar de olho nele. Enquanto ele não olhasse para cima, eu estaria bem. Naturalmente, se ele me visse, eu não tinha a menor dúvida do que esperaria por mim na chegada. Decidi continuar andando, mantendo-me nos locais mais movimentados, e esperar.

Havia uma bifurcação na altura da roda-gigante. Um caminho seguia para os brinquedos aquáticos e o outro ia em direção à montanha-russa Arcanjo. Eu tinha acabado de optar por este último quando vi Scott. Ele também me viu. Estávamos em caminhos paralelos, separados pelo embarque do teleférico. Um garoto e uma garota se sentaram no carrinho e ela se sacudiu diante do condutor,

impedindo que nós nos víssemos temporariamente. Aproveitei para correr.

Avancei pela multidão, mas havia gente demais, impossibilitando que eu andasse mais rápido. Pior, nesta área do parque, os caminhos eram ladeados por cercas vivas, que espremiam o movimento em um labirinto cheio de reviravoltas. Eu não ousava olhar para trás, mas sabia que Scott não podia estar distante. Ele não tentaria nada diante de todas aquelas pessoas, tentaria? Sacudi a cabeça para afastar aquele pensamento e me concentrei em meu destino. Eu tinha visitado Delphic apenas umas três ou quatro vezes antes, sempre à noite, e não conhecia muito bem o traçado do parque. Eu me martirizava por não ter pegado um mapa na entrada. Achei absurdamente irônico que, trinta segundos antes, eu estivesse fugindo da saída e, agora, chegar até ela fosse tudo o que eu tinha em mente.

— Ei! Cuidado!

— Desculpe — falei, sem fôlego. — Onde fica a saída?

— Onde é o incêndio?

Procurei avançar em meio à multidão.

— Desculpe, preciso passar… desculpe-me.

Sob as cercas vivas, as luzes dos brinquedos acendiam e cintilavam contra a noite. Parei em um cruzamento, tentando me orientar. Esquerda ou direita? Como eu chegaria mais depressa à saída?

— Aí está você — o hálito de Scott aqueceu minha orelha. Ele tinha colocado a mão no meu pescoço, fazendo com que eu me arrepiasse até o osso.

— Socorro! — gritei por instinto. — *Alguém me ajude!*

— Minha namorada — explicou Scott para algumas pessoas que pararam tempo suficiente para nos dar alguma atenção. — É uma brincadeirinha nossa.

— Não sou namorada dele! — gritei em pânico. — Tire as mãos de mim!

— Vamos lá, meu amor — Scott jogou-me em seus braços, prendendo-me contra si. — Eu lhe avisei para não mentir para mim

— murmurou em meu ouvido. — Preciso do anel. Não quero machucá-la, Nora, mas vou fazer isso se você me obrigar.

— Tirem-no daqui! — gritei para quem quisesse ouvir.

Scott prendeu meu braço por trás. Falei com os dentes cerrados, lutando contra a dor.

— Você está maluco? — perguntei. — Não estou com o anel. Entreguei para a polícia. Ontem à noite. Pegue com eles.

— Pare de mentir! — grunhiu Scott.

— Fale você com eles. É verdade. Eu o entreguei. Não fiquei com ele.

Fechei os olhos, rezando para que ele acreditasse em mim e soltasse meu braço.

— Então você vai me ajudar a recuperá-lo.

— Eles não vão me devolver. É uma prova. Eu disse a eles que o anel era seu.

—Vão devolver — disse ele, lentamente, enquanto preparava um plano. — Vou trocar você pelo anel.

Tudo fez sentido.

— Você vai me manter como *refém*? Vai me trocar pelo anel? Socorro! — berrei. — Alguém me ajude!

Uma das pessoas próximas *riu*.

— Não é uma piada! — urrei, sentindo o sangue subir até o pescoço, sacudida pelo terror e o desespero. — Tirem-no daqui…

Scott tapou minha boca, mas levantei o pé e dei-lhe um chute na canela. Ele soltou um gemido de dor e se dobrou.

Os braços afrouxaram ligeiramente diante do ataque surpresa, e eu consegui me soltar. Dei um passo desajeitado para trás, observando a agonia retorcer seu rosto, e então virei e desapareci, tendo visões dos brinquedos nas aberturas em meio à multidão. Tudo o que eu precisava fazer era chegar à saída. A polícia devia estar por perto. Então eu estaria segura. *Segura*. Repeti a palavra freneticamente, para me motivar e não sucumbir ao pânico. Havia uma luz pálida no céu, a oeste, e a usei para me orientar a seguir

rumo ao norte. Se eu continuasse para o norte, o caminho acabaria me levando aos portões.

Uma explosão estourou em meus ouvidos. Fiquei tão assustada que tropecei e fiquei de joelhos. Ou talvez tenha agido por reflexo, porque outras pessoas à minha volta também haviam se jogado no chão. Houve um momento de silêncio aterrorizante e então todo mundo começou a gritar e a correr em todas as direções.

— Ele está com uma arma!

As palavras se confundiam em meus ouvidos, parecendo muito distantes.

Embora nenhuma parte de mim quisesse fazer aquilo, peguei-me virando para trás. Scott estava pendendo para o lado, e um líquido vermelho brilhante atravessava sua camisa. A boca estava aberta, os olhos arregalados com o choque.

Ele se apoiou em um dos joelhos e vi alguém a vários metros de distância atrás dele, segurando uma arma. Rixon. Vee estava a seu lado, tapando a boca, o rosto branco como um lençol.

Houve uma disparada caótica de pés, pernas e gritos assustadores, cheios de pânico, e eu engatinhei para o canto da calçada, tentando não ser pisoteada.

— Ele está escapando! — ouvi Vee gritar. — Peguem-no!

Rixon deu vários tiros, mas dessa vez ninguém foi para o chão. De fato, a correria para a saída aumentou. Eu me levantei e olhei para trás, para o lugar onde havia visto Rixon e Vee. O eco dos tiros ainda ressoava em meus ouvidos, mas li as palavras à medida que se formaram nos lábios de Rixon. *Aqui*. Ele sacudiu o braço livre no ar. No que me pareceu ser câmera lenta, lutei contra a correnteza de gente e corri rumo a ele.

— O que foi isso?! — berrou Vee. — Por que você *atirou* nele, Rixon?

— Direito do cidadão a voz de prisão — respondeu ele. — Bem, e foi isso o que Patch me disse para fazer.

— Você não pode atirar em pessoas só porque Patch manda! — exclamou Vee, de olhos arregalados. — Você vai ser preso. O que vamos fazer agora? — gemeu.

— A polícia está a caminho — expliquei. — Sabem sobre Scott.

— Temos que sair daqui! — disse Vee, ainda histérica, sacudindo os braços, andando de um lado para o outro. — Vou levar Nora para a delegacia, Rixon. Vá atrás de Scott, mas não atire de novo. Amarre-o, como da última vez!

— Nora não pode passar pelos portões — disse Rixon. — É isso o que ele espera. Conheço outra saída. Vee, pegue o Neon e nos encontre na extremidade sul do estacionamento, perto da lixeira.

— Como vocês vão sair? — quis saber Vee.

— Pelos túneis subterrâneos.

— Há túneis sob o Delphic? — perguntou Vee.

Rixon beijou sua testa.

—Vá depressa, amor.

A multidão havia se dispersado, esvaziando o caminho. Eu ainda podia ouvir gritos e berros de pânico ecoando, mas eles pareciam estar em outro mundo. Vee hesitou por um momento, depois acenou a cabeça cheia de determinação.

— Apressem-se, o.k.?

— Existe uma sala de máquinas no porão da casa maluca — Rixon me explicou enquanto caminhávamos apressadamente pela outra trilha. — Tem uma porta que leva aos túneis sob o Delphic. Scott talvez tenha ouvido falar dos túneis, mas se adivinhar para onde estamos indo e nos seguir, não vai conseguir nos encontrar. É um labirinto lá embaixo, com quilômetros de extensão. — Ele deu um sorriso nervoso. — Não se preocupe. Delphic foi construído por anjos caídos. Não por mim, em particular, mas alguns companheiros ajudaram. Sei os caminhos de cor. Quer dizer, a maior parte.

CAPÍTULO

23

Ao nos aproximarmos da sorridente cabeça de palhaço que conduzia à casa maluca, os gritos distantes foram substituídos por uma aterradora música que ressoava do interior. Passei pela boca do palhaço e o chão cedeu. Tentei me endireitar, segurando nas paredes, mas elas se moveram, escapando de minhas mãos. À medida que meus olhos se acostumavam aos vestígios de luz que entravam pela boca do palhaço, vi que estava no interior de um barril giratório que parecia não ter fim. Era pintado com faixas brancas e vermelhas, e elas se misturavam em um atordoante cor-de-rosa.

— Aqui — disse Rixon, me ajudando a passar pelo barril.

Pé ante pé, eu deslizava e tropeçava. Ao final, pisei em algo sólido, só para sentir um jato de ar gelado disparando do chão. O frio lambeu minha pele. Dei um pulo para o lado, soltando uma exclamação assustada.

— Não é real — garantiu Rixon. — Temos que ir em frente. Se Scott decidir procurar pelos túneis, precisamos chegar antes dele.

O ar estava estagnado e úmido, com cheiro de ferrugem. A cabeça do palhaço agora era uma lembrança distante. A única luz vinha de lâmpadas vermelhas no teto cavernoso que se acendiam o bastante para destacar um esqueleto pendurado, um zumbi descontrolado, um vampiro se erguendo de um caixão.

— Quanto falta? — perguntei para Rixon, sob uma cacofonia distorcida de pios, gargalhadas e uivos que ecoavam de toda a parte.

— A sala de máquinas é bem em frente. Depois disso, vamos entrar nos túneis. Scott está sangrando muito. Não vai morrer… Patch contou para você sobre os nefilins, não foi? Mas ele pode desmaiar por estar perdendo muito sangue. Dificilmente encontrará

a entrada do túnel. Estaremos do outro lado antes do que você imagina.

Sua confiança parecia um tanto exagerada, um tanto excessivamente otimista.

Avançamos e eu tive a sensação sinistra de estar sendo seguida. Virei, mas a escuridão era total. Se alguém estava ali, eu não conseguia ver.

— Você acha que Scott poderia ter nos seguido? — perguntei para Rixon, em voz baixa.

Rixon parou e se virou. Ficou escutando. Depois de um momento, afirmou, cheio de segurança:

— Não tem ninguém aí.

Continuamos apressadamente rumo à sala de máquinas, quando senti novamente uma presença atrás de mim. Meu couro cabeludo se arrepiou e olhei para trás. Dessa vez, os contornos de um rosto se materializaram na escuridão. Quase gritei e os contornos se definiram em um rosto familiar, bem específico.

Meu pai.

O cabelo louro brilhava na escuridão, seus olhos reluziam, mas ao mesmo tempo estavam tristes. *Eu amo você.*

— Pai? — sussurrei. Mas dei um cauteloso passo para trás. Lembrei-me das últimas vezes. Era um truque. Uma mentira.

Lamento ter deixado você e sua mãe.

Desejei que ele desaparecesse. Não era real. Era uma ameaça. Ele queria me ferir. Lembrei-me do jeito com que havia agarrado meu braço na janela da casa e de como tentara me cortar. Lembrei-me de como tinha me perseguido pela biblioteca.

Mas a voz tinha o mesmo tom suave que ele usara da primeira vez, na casa. Não era a voz dura e austera de depois. Era a *sua* voz.

Eu amo você, Nora. Não importa o que acontecer, prometa que vai se lembrar disso. Não me importo com a forma com que você entrou em minha vida, nem com as razões, só me importo com o fato de que você chegou. Não me lembro de tudo de errado que eu

fiz. Lembro-me do que fiz certo. Lembro-me de você. Você deu significado à minha vida. Você tornou minha vida especial.

Sacudi a cabeça, tentando afastar a voz, perguntando-me por que Rixon não dizia nada — ele não conseguia ver meu pai? Não havia nada que pudéssemos fazer para afastá-lo? Mas a verdade era que eu não queria que sua voz sumisse. Não queria que ele partisse. Desejava que ele fosse real. Precisava que me abraçasse e me dissesse que tudo ficaria bem. Antes de tudo, eu queria que ele fosse para casa.

Prometa-me que você vai se lembrar.

As lágrimas desciam pelo meu rosto. *Eu prometo*, pensei, apesar de saber que ele não poderia me ouvir.

Um anjo da morte me ajudou a vir até aqui para vê-la. Ela está parando o tempo para nós, Nora. Está me ajudando a falar em seus pensamentos. Há algo importante que preciso lhe dizer, mas não tenho muito tempo. Preciso voltar logo e quero que você escute com atenção.

— Não — engasguei, a voz saindo apertada da garganta. — Vou com você. Não me deixe aqui. Vou com você! *Você não pode me abandonar de novo!*

Não posso ficar, querida. Pertenço agora a outro lugar.

— Por favor, não vá — solucei, apertando os punhos contra meu peito, como se eu pudesse impedir meu coração de bater tão forte.

Uma espécie de pânico desesperado tomou conta de mim quando pensei que ele partiria de novo. A sensação de abandono completo superava todos os outros sentimentos. Ele ia me deixar ali. Na casa maluca. No escuro, sem ninguém para me ajudar além de Rixon.

— Por que você vai partir de novo? Preciso de você!

Toque nas cicatrizes de Rixon. Lá você vai descobrir a verdade.

O rosto de meu pai recuou na escuridão. Tentei alcançá-lo, mas sua imagem se transformou em um filete de fumaça quando a toquei. Os fios prateados se dissolveram nas sombras.

— Nora?

Levei um susto ao ouvir a voz de Rixon.

— Precisamos nos apressar — disse ele, como se não houvesse se passado mais do que um segundo. — Não queremos deparar com Scott no anel externo dos túneis, onde todas as entradas se encontram.

Meu pai tinha ido embora. Por motivos que eu não conseguia entender, eu sabia que era a última vez que o veria. A dor e a perda eram insuportáveis. No momento que mais precisava dele, quando me dirigia aos túneis, assustada e perdida, ele havia me deixado ali para enfrentar tudo sozinha.

— Não consigo enxergar para onde estamos indo! — exclamei, secando os olhos, lutando com o frustrante processo de tentar concentrar meus pensamentos em um objetivo específico: chegar aos túneis e encontrar Vee do outro lado. — Preciso segurar em alguma coisa.

Com impaciência, Rixon estendeu a bainha da camisa para mim.

— Segure a parte de trás da camisa e me siga. Mantenha o ritmo. Não temos muito tempo.

Apertei o algodão gasto entre os dedos, o coração batendo mais forte. A alguns centímetros estava a pele desnuda das suas costas. Meu pai tinha me dito para tocar nas cicatrizes. Seria tão fácil agora… Tudo o que eu precisava fazer era deslizar a mão…

Sucumbir à sucção sinistra que me engoliria inteira…

Pensei nas vezes em que havia tocado nas cicatrizes de Patch e em como eu havia sido transportada brevemente para o interior de suas lembranças. Sem sombra de dúvida, eu sabia que tocar as cicatrizes de Rixon teria o mesmo efeito. Eu não queria ir. Queria manter os pés no chão, atravessar os túneis e sair de Delphic.

Mas meu pai tinha vindo me dizer onde encontrar a verdade. Seja lá o que eu fosse ver do passado de Rixon, deveria ser importante. Por mais que doesse saber que meu pai havia me deixado ali, eu precisava confiar nele. Deveria confiar em tudo o que ele tinha arriscado para me contar.

Deslizei a mão nas costas da camisa de Rixon. Senti a pele lisa… então uma beirada levantada da cicatriz. Espalmei a mão sobre a

cicatriz, esperando ser jogada em um mundo diferente e estranho.

***

A rua estava silenciosa, escura. As casas dos dois lados eram decadentes, decrépitas. Os jardins eram pequenos e com cercas. As janelas, fechadas com tábuas ou gradeadas. Um frio intenso penetrou minha pele. Duas explosões barulhentas romperam o silêncio. Virei para olhar a casa do outro lado da rua. *Tiros?*, pensei em pânico. Imediatamente vasculhei os bolsos em busca do celular, com a intenção de ligar para a polícia, quando me lembrei de que estava presa nas lembranças de Rixon. Tudo o que eu via tinha acontecido no passado. Eu não poderia mudar nada. O som de passos apressados ressoou na noite e vi, chocada, meu pai entrar pelo portão da casa do outro lado da rua e desaparecer pelo canto. Sem esperar, fui atrás dele.

— Pai! — berrei, incapaz de me controlar. — Não entre aí! — Ele vestia as mesmas roupas que usava ao sair de casa na noite em que foi assassinado. Avancei pelo portão e o encontrei no canto, aos fundos da casa. Soluçando, joguei meus braços em volta dele. — Precisamos voltar. Temos que sair daqui. Algo de horrível vai acontecer.

Meu pai atravessou meus braços, dirigindo-se a um pequeno muro de pedra que cortava a propriedade. Ele avançou encolhido, com os olhos grudados na porta dos fundos da casa. Apoiei-me, com a cabeça abaixada entre os braços, e chorei. Não queria ver aquilo. Por que meu pai tinha me dito para tocar nas cicatrizes de Rixon? Eu não queria isso. Ele não sabia quanto eu havia sofrido?

— Última chance. — As palavras foram pronunciadas dentro da casa, pairando para fora pela porta aberta.

— Vá para o inferno.

Outra explosão e eu caí de joelhos, apertando-me contra a parede, querendo que a lembrança chegasse ao fim.

— Onde ela está? — A pergunta foi feita em voz tão baixa, com tanta calma, que eu quase não consegui ouvi-la sob o som de meu

choro suave.

Com o canto do olho, vi meu pai se mexer. Ele se arrastou pela área, dirigindo-se para a porta. Uma arma estava na sua mão e ele a ergueu, mirando. Corri para ele, agarrando-lhe as mãos, tentando lhe tirar o revólver, tentando fazer com que voltasse para as sombras. Mas era como tentar mexer em um fantasma — minhas mãos o atravessaram.

Meu pai apertou o gatilho. O tiro rasgou a noite, dividindo o silêncio ao meio. Ele atirou outra e outra vez. Apesar de nenhuma parte de mim querer fazer aquilo, olhei para a casa, vendo a forma esguia do rapaz em quem meu pai atirava pelas costas. Logo atrás dele, outro homem estava jogado no chão, com as costas apoiadas no sofá. Estava sangrando e a expressão se contorcia em agonia e medo.

Naquele momento, tomada pela confusão, percebi que era Hank Millar.

— Corra! — gritou Hank para meu pai. — Deixe-me aqui! Corra e salve-se!

Meu pai não correu. Ele manteve o revólver na mira, voltando a atirar pela porta aberta, enquanto o rapaz com boné azul parecia imune a tudo. E então, bem lentamente, ele se virou para encarar meu pai.

C A P Í T U L O

24

Rixon agarrou meu pulso, apertando-o com firmeza.

— Cuidado com quem você se mete a bisbilhotar. — O queixo estava erguido com raiva, as narinas ligeiramente dilatadas. — Talvez seja diferente com Patch, mas ninguém toca nas minhas cicatrizes — disse ele, arqueando as sobrancelhas expressivamente.

Senti um aperto tão grande no estômago que quase me dobrei.

— Vi meu pai morrer — balbuciei, tomada pelo terror.

— Você viu o assassino? — perguntou Rixon, sacudindo meu pulso para me trazer de volta ao presente.

— Eu vi as costas de Patch — afirmei. — Ele estava usando o boné.

Ele assentiu, como se aceitasse que o que eu havia visto não poderia ser desfeito.

— Ele não queria esconder isso de você, mas sabia que se lhe contasse a perderia. Aconteceu antes de vocês se conhecerem.

— Não me importo em saber quando foi que aconteceu — resmunguei, a voz estridente e trêmula. — Ele precisa acertar as contas com a Justiça.

— Você não pode entregá-lo à Justiça. Ele é Patch. Se denunciá-lo, acha mesmo que ele vai deixar que os policiais o levem para a cadeia?

Não, eu não achava. A polícia não tinha a menor importância para Patch. Só os arcanjos poderiam detê-lo.

— Só tem uma coisa que eu não compreendo. Havia apenas três pessoas na lembrança. Meu pai, Patch e Hank Millar. Os três viram o que aconteceu. Então como posso ver isso nas suas lembranças?

Rixon não disse nada, mas os vincos em volta da boca ficaram mais tensos.

Um novo e terrível pensamento me veio à mente. Toda a certeza que eu tinha em relação ao assassino do meu pai se evaporou. Eu havia visto o assassino pelas costas e presumi que se tratava de Patch por causa do boné. Mas quanto mais eu examinava a lembrança, mais certeza eu tinha de que o assassino era mais alto e magro do que Patch, seus ombros, mais angulosos.

Na realidade, o assassino se parecia muito com…

— Você o matou — sussurrei. — Era você. Você estava usando o boné de Patch. — O choque daquele momento estava sendo rapidamente consumido pela aversão e por um terror gélido. — Você matou meu pai.

Qualquer vestígio de bondade ou compaixão desapareceu dos olhos de Rixon.

— Bem, é uma situação desagradável.

— Você estava usando o boné de Patch naquela noite. Pegou emprestado, não foi? Você não poderia matar meu pai sem assumir outra identidade. Não poderia fazê-lo a menos que se retirasse da situação — falei, usando tudo o que eu me lembrava das aulas de psicologia do primeiro ano do ensino médio. — Não. Espere aí. Não é isso. Você fingia ser Patch porque você desejava ser ele. Você tem inveja dele. É isso, não é? Você queria ser ele…

Rixon segurou minhas bochechas, obrigando-me a parar.

— *Cale a boca.*

Recuei, com dor na mandíbula no lugar onde ele apertara. Queria me jogar sobre ele, bater com toda força, mas sabia que tinha que me manter calma. Precisava descobrir o que poderia fazer. Estava começando a pensar que Rixon não havia me levado para os túneis para me ajudar a fugir. Pior, começava a pensar que ele não tinha a menor intenção de me tirar de lá.

— Inveja dele? — perguntou Rixon com crueldade. — Claro que tenho. Ele não é o único que está na trilha mais curta para chegar ao inferno. Nós estávamos juntos nessa, e então ele vai lá e recupera as asas. — Os olhos dele me examinaram com repugnância. — Por sua causa.

Sacudi a cabeça, sem cair naquela.

— Você matou meu pai antes de saber quem eu era.

Ele riu sem achar graça de nada.

— Sabia que você estava por aí, em algum lugar, e a estava procurando.

— Por quê?

Rixon retirou o revólver que estava sob a camisa e o usou para me mandar avançar cada vez mais para o interior da casa maluca.

— Continue a andar.

— Para onde estamos indo?

Ele não respondeu.

— A polícia está a caminho.

— Dane-se a polícia — debochou Rixon. — Vou ter acabado antes de eles chegarem aqui.

Acabado?

Mantenha-se calma, disse a mim mesma. *Enrole-o*.

— Você vai me matar agora que sei da verdade? Agora que sei que matou meu pai?

— Harrison Grey não era seu pai.

Abri a boca, mas a argumentação que eu esperava despejar sobre ele não apareceu. A única imagem que surgiu em minha mente foi a de Marcie, em frente à sua casa, dizendo que Hank Millar podia ser meu pai. Senti um aperto no estômago. Aquilo significava que Marcie estava dizendo a verdade? Durante dezesseis anos esconderam de mim a verdade sobre a minha família? Perguntei-me se meu pai sabia daquilo — meu pai *verdadeiro*. Harrison Grey. O homem que me criou e me amou. Não meu pai biológico, que me abandonou. Não Hank Millar, que, por mim, poderia muito bem ir para o inferno.

— Seu pai é um nefilim chamado Barnabé — contou Rixon. — Mais recentemente, ele adotou o nome de Hank Millar.

Não.

Dei um passo para o lado, atordoada pela verdade. O sonho. O sonho de Patch. Era uma lembrança real. Ele não mentira. Barnabé… Hank Millar… era um nefilim.

E era meu pai.

O mundo ameaçava desmoronar a meu redor, mas me obriguei a permanecer atenta ao momento, por mais algum tempo. No fundo de minha mente, vasculhei a memória, tentando freneticamente me lembrar da ocasião em que havia ouvido o nome Barnabé anteriormente. Era muito pouco comum para ser esquecido. *Barnabé, Barnabé, Barnabé…*

Juntei as pontas soltas. Por que Rixon estava me contando aquilo? Por que ele sabia sobre meu pai biológico? Por que se importava? Então compreendi. Certa vez, quando toquei nas cicatrizes de Patch e entrei em suas lembranças, eu o ouvi falar sobre seu vassalo nefilim, Chauncey Langeais. Ele também havia falado sobre o vassalo de Rixon, Barnabé…

— Não — sussurrei, deixando a palavra escapar.

— Pois é.

Queria correr desesperadamente, mas minhas pernas estavam pesadas, rígidas como postes.

— Quando Hank engravidou sua mãe, ele já tinha ouvido muitos boatos sobre *O livro de Enoque*, o suficiente para se preocupar que eu viesse procurar o bebê, especialmente se fosse uma menina. Então, ele fez a única coisa que podia. Ele a escondeu. *Você.* Quando Hank disse para Harrison Grey, amigo dele, que sua mãe estava em apuros, ele concordou em se casar com ela e “adotar” você.

Não, não, não.

— Mas eu descendo de Chauncey. Pela família de meu pai. Pelo lado de Harrison Grey. Tenho uma marca no pulso que prova isso.

— Pois é, você tem. Muitos séculos atrás, Chauncey se distraiu com uma camponesa inocente. Ela teve um filho. Ninguém deu importância ao garoto ou aos seus filhos ou aos filhos deles, e assim foi, através dos anos, até que um dos filhos teve um caso extraconjugal. Ele injetou o nobre sangue nefilim de seu ancestral, o duque de Langeais, em outra linhagem. A linhagem que acabou produzindo Barnabé, ou Hank, como ele parece preferir ser chamado mais recentemente.

Rixon gesticulou impacientemente para que eu somasse dois mais dois. O que eu já tinha feito.

— Você está dizendo que tanto Harrison quanto Hank têm o sangue nefilim de Chauncey? — perguntei.

E Hank, um nefilim puro-sangue de primeira geração, era imortal, ao passo que o sangue nefilim de meu pai, diluído ao longo dos séculos, como o meu, não era. Hank, um homem que eu mal conhecia e que respeitava menos ainda, poderia viver para sempre.

E o meu pai havia partido para sempre.

— É isso mesmo, amor.

— Não me chame de amor.

— Você prefere “Anjo”?

Ele estava gozando com a minha cara. Brincando comigo porque ele tinha a mim exatamente onde ele queria. Eu já havia passado por aquilo antes, com Patch, e sabia o que vinha em seguida. Hank Millar era meu pai biológico e vassalo nefilim de Rixon. Rixon iria me sacrificar para matar Hank Millar e conseguir um corpo de humano.

— Posso ouvir algumas respostas para minhas últimas perguntas? — indaguei, com o tom beirando o desafiador, apesar do medo.

Ele deu de ombros.

— Por que não?

— Achei que somente os nefilins puro-sangue de primeira geração pudessem jurar lealdade. Para que Hank fosse de primeira geração, ele precisaria ter como progenitores um humano e um anjo caído. Mas seu pai não era um anjo caído. Era um dos descendentes masculinos de Chauncey.

— Você está ignorando o fato de que homens podem ter casos com anjos caídos do sexo feminino.

Sacudi a cabeça.

— Anjos caídos não têm corpos de humanos. As mulheres não podem dar à luz. Patch me contou.

— Mas um anjo caído do sexo feminino, ao possuir um corpo de humana durante o Cheshvan, pode gerar um bebê. A humana pode

dar à luz muito depois do Cheshvan, mas o bebê está marcado. Foi concebido por um anjo caído.

— É revoltante.

Ele sorriu levemente.

— Concordo.

— Só por uma curiosidade mórbida, depois que você me sacrificar, seu corpo vira humano ou você passa a possuir o corpo de outro humano indefinidamente?

— Eu me torno humano. — A boca fez uma ligeira curva. — Então, se você resolver me assombrar do além-túmulo, pode procurar o mesmo bonitão aqui.

— Patch pode aparecer a qualquer minuto e impedi-lo — falei, tentando ser forte, mas incapaz de parar por causa do tremor que tomava conta de todos os meus membros.

Seus olhos riram de mim.

— Interromperam meu trabalho, mas tenho confiança de que consegui separar vocês dois o máximo possível. Você deu o pontapé inicial ao terminar com ele… eu não teria conseguido planejar nada melhor. Depois, havia as brigas constantes, seu ciúme em relação a Marcie e o cartão de Patch… que eu droguei para plantar mais uma semente de desconfiança. Quando roubei o anel de Barnabé e mandei entregá-lo na confeitaria, não tinha dúvidas de que Patch seria a última pessoa a quem você procuraria. Engolir seu orgulho e pedir ajuda? Quando você achava que ele estava envolvido com Marcie? Sem chance. Você fez exatamente o que eu queria quando me perguntou se ele era o Mão Negra. Apresentei provas avassaladoras quando respondi que era ele, sim. Então me aproveitei de um assunto levantado durante uma de nossas conversas para mencionar o endereço de um dos esconderijos dos nefilins de Barnabé como sendo o de Patch, sabendo perfeitamente que você iria bisbilhotar e que, muito provavelmente, encontraria lembrancinhas do Mão Negra lá. Fui *eu* quem cancelou a saída, ontem à noite, e não Patch. Não queria ficar preso dentro de uma sala de cinema enquanto você estava sozinha no apartamento. Eu

precisava segui-la. Coloquei a dinamite quando você estava lá dentro, esperando sacrificá-la, mas você conseguiu escapar.

— Estou comovida, Rixon. Uma bomba. Quanto trabalho! Por que você não preferiu a simplicidade e entrou em meu quarto uma noites dessas para dar um tiro na minha cabeça?

Ele abriu as mãos diante de si.

— É um momento importante para mim, Nora. Você não pode me culpar por querer dar um toque especial. Tentei bancar o fantasma de Harrison para atraí-la, achando que seria fantástico enviá-la para a sepultura pensando que seu próprio pai a matara, mas você não confiou em mim. Não parou de fugir.

Ele franziu o cenho ligeiramente.

Você é um psicopata.

— Prefiro ser chamado de criativo.

— O que mais era mentira? Na praia, você me disse que Patch ainda era meu anjo da guarda…

— Para induzi-la a sentir uma falsa sensação de segurança? Sim.

— E o juramento de sangue?

— Foi uma invenção do momento. Só para deixar as coisas interessantes.

— Então você está me dizendo que basicamente nada do que me falou era verdade?

— A não ser a parte sobre seu sacrifício. Fui terrivelmente sério em relação a isso. Chega de conversa. Vamos resolver esse assunto.

Com a ajuda da arma, ele me empurrou cada vez mais para o interior da casa maluca. Sua brutalidade me fez perder o equilíbrio e dei um passo para o lado, pisando em uma parte do chão que começou a ondular. Senti que Rixon agarrava meu pulso para me endireitar, só que alguma coisa deu errado. A mão dele escorregou sobre a minha. Ouvi a pancada suave de seu corpo caindo no chão. O som parecia vir de algum lugar bem abaixo. Um pensamento passou por minha cabeça — que ele teria caído em um dos muitos

alçapões que diziam haver espalhados pela casa —, mas não esperei para ver se estava correta.

Saí correndo por onde havíamos entrado, procurando a cabeça do palhaço. Uma figura saltou diante de mim e uma luz se acendeu do alto para iluminar um machado ensopado de sangue afundado na cabeça de um pirata barbudo. Ele me encarou por um momento até que seus olhos se fecharam e a luz se apagou.

Respirei várias vezes, dizendo a mim mesma que aquilo era de brincadeira, mas incapaz de manter o equilíbrio enquanto o chão se agitava sob meus pés. Fiquei de quatro, engatinhando na sujeira, com partículas pressionando as palmas das mãos, tentando acalmar a cabeça que parecia se inclinar com o chão. Andei assim por alguns metros, sem querer parar antes que Rixon conseguisse sair do alçapão.

— Nora! — ouvi o rosnado de Rixon atrás de mim.

Levantei-me apoiada nas paredes, mas elas estavam cobertas por alguma coisa pegajosa que grudava em minhas mãos. Acima de mim, uma gargalhada trovejou, transformando-se aos poucos em uma risada. Sacudi as mãos com força para me livrar daquele grude. Então procurei me orientar na total escuridão. Estava perdida. *Perdida, perdida, perdida.*

Dei alguns passos para a frente, fiz uma curva e olhei para o brilho pálido de uma luz alaranjada a alguns metros de distância na trilha. Não era a cabeça do palhaço, mas fui atraída para a promessa de luz como uma mariposa. Quando cheguei até a lanterna, uma luz pretensamente assustadora iluminava as palavras "TÚNEL DO HORROR". Eu estava de pé em um cais. Havia pequenos barcos de plástico estacionados um atrás do outro, com água do canal entrando pelas laterais.

Ouvi passos atrás de mim. Sem tempo para pensar duas vezes, entrei no barco mais próximo. Tinha acabado de me equilibrar quando o barco começou a andar, jogando-me na tábua de madeira que servia de assento. Os barcos se moviam em fila única, os trilhos abaixo fazendo barulho enquanto conduziam as embarcações pelo

túnel à frente. Duas portas vaivém se abriram, engolindo o barco no túnel.

Tateando na frente do barco, passei por cima da barra de segurança e fui para a proa. Fiquei ali por um momento, com uma mão me prendendo ao barco enquanto a outra avançava, tentando agarrar a popa do barco adiante. Faltavam-me alguns centímetros. Eu teria que pular. Corri pela proa o máximo que pude. Depois me agachei e saltei, conseguindo escorregar para a traseira do barco seguinte.

Permiti a mim mesma um momento de alívio, então voltei à ação. Mais uma vez, fui até a proa com intenção de pular de barco em barco até o final do passeio. Rixon era maior e mais rápido do que eu, e ainda tinha uma arma. Minha única esperança de sobreviver era permanecer em movimento, esticar o tempo que ele levaria para me pegar.

Eu estava na próxima proa, preparando-me para pular, quando uma sirene soou e fui ofuscada por uma luz vermelha, que subitamente se acendeu sobre mim. Um esqueleto caiu do teto do túnel, me acertando. Perdi o equilíbrio e senti uma onda de vertigem ao escorregar de lado e cair. A água gelada atravessou minhas roupas e cobriu até o topo de minha cabeça. Na mesma hora, toquei o chão com os pés, voltei à tona e caminhei com a água no peito, de volta para o barco.

Tiritando de frio, prendi as mãos na barra de segurança do barco e subi a bordo.

Vários tiros ruidosos ricochetearam pelo túnel. Uma das balas passou perto da minha orelha. Fiquei deitada no barco, enquanto o riso de Rixon se fazia ouvir a alguns barcos de distância.

— É uma questão de tempo — afirmou ele.

Mais luzes piscaram sobre mim, e durante os intervalos de claridade eu via Rixon avançando sobre os barcos, em minha direção.

Um rugido esmaecido soava em algum lugar adiante. Meu estômago embrulhou. Senti minha concentração se afastar de Rixon

e se desviar para os borrifos de umidade no ar. Meu coração parou por meio segundo, depois começou a bater rápido demais.

Segurando a barra metálica, preparei-me para a queda. A frente do barco se inclinou, depois despencou na cachoeira. O barco caiu lá embaixo, mandando água para todos os lados. Se eu já não estivesse encharcada e trêmula, acharia fria a água. Sequei os olhos e foi então que vi uma pequena plataforma de manutenção entalhada na parede do túnel, à direita. Havia uma porta onde se lia: PERIGO, ALTA VOLTAGEM, bem no fundo da plataforma.

Voltei a olhar a cachoeira. O barco de Rixon ainda não havia caído, e com apenas alguns segundos para desperdiçar, tomei uma decisão arriscada. Pulei no lado do barco, andei na água o mais rápido que pude até a plataforma e forcei a porta. Ela se abriu, deixando ouvir o chiado barulhento e o bater das máquinas, centenas de engrenagens girando. Eu havia encontrado o coração mecânico da casa maluca e a entrada para os túneis subterrâneos.

Fechei a porta atrás de mim, deixando uma estreita abertura para poder olhar para fora.

Com um olho contra a abertura, vi o barco seguinte descer voando a cachoeira. Rixon estava nele. Estava curvado sobre a barra de metal, vistoriando a água. Teria me visto pular? Estava me procurando? O barco continuou pelo trilho, e ele saltou, pousando os pés dentro da água. Usando as mãos para tirar o cabelo úmido do rosto, vasculhou a superfície escura. Foi então que percebi que ele estava com as mãos vazias. Não estava me procurando — havia deixado o revólver cair durante a queda e tentava recuperá-lo.

O túnel era escuro e achei impossível que Rixon pudesse ver o fundo do canal. O que significava que ele precisaria tatear para encontrá-lo. Isso levaria tempo. Naturalmente, eu precisava de mais do que tempo. Eu precisava de um incrível golpe de sorte. A polícia já deveria estar vasculhando o parque àquela altura, mas por acaso pensariam em procurar nas entranhas da casa maluca, antes que fosse tarde demais?

Fechei a porta suavemente, esperando encontrar uma tranca por dentro, mas não havia. De repente, desejei ter me arriscado a sair

do túnel antes de Rixon, em vez de ter me escondido. Se Rixon viesse à sala de manutenção, eu estaria encurralada.

Ouvi uma respiração ofegante à minha esquerda, atrás de uma caixa de eletricidade. Virei-me, com o olhar atravessando a escuridão.

— Quem está aí?

— Quem você acha?

Pisquei nas sombras.

— Scott? — perguntei. Em seguida, dei vários passos nervosos para trás.

— Eu me perdi nos túneis. Abri uma porta e acabei aqui.

— Você ainda está sangrando?

— Estou. Surpreendentemente, ainda não sequei por completo.

As palavras estavam entrecortadas, e percebi que falar lhe custava muita energia.

— Você precisa de um médico.

Ele soltou uma gargalhada cansada.

— Preciso do anel.

Naquele momento, não sabia quão seriamente Scott pensava em recuperar o anel. Ele estava exaurido de dor e eu estava bem certa de que nós dois sabíamos que ele não conseguiria me arrastar dali e me fazer de refém. Fora enfraquecido pelo tiro, mas era um nefilim. Ele sobreviveria. Se nos uníssemos, teríamos uma chance de sair dali. Mas, antes, eu precisava convencê-lo a me ajudar a escapar de Rixon. Eu precisava que ele confiasse em mim.

Aproximei-me da caixa de eletricidade e me ajoelhei a seu lado. Ele apertava uma das mãos na lateral do corpo, logo abaixo das costelas, estancando o fluxo de sangue. O rosto estava da cor de aveia e o olhar cansado demonstrava o que eu já sabia: ele estava sentindo muita dor.

— Não acredito que você vá usar o anel para recrutar novos membros — falei, baixinho. — Você não vai obrigar ninguém a entrar na sociedade.

Scott sacudiu a cabeça, concordando comigo.

— Há algo que preciso lhe dizer. Você se lembra de quando eu disse que estava trabalhando na noite em que atiraram em seu pai?

Eu recordava vagamente que ele havia me dito que estava no trabalho quando ligaram para avisar sobre o assassinato de meu pai.

— O que quer dizer? — perguntei com hesitação.

— Eu trabalhava em uma loja de conveniência chamada Quickies, que ficava a apenas alguns quarteirões de distância. — Ele fez uma pausa, como se esperasse que eu chegasse a alguma grande conclusão. — Era para eu ter seguido seu pai naquela noite. Mão Negra tinha mandado que eu fosse atrás dele. Ele dissera que seu pai estava indo a um encontro e que eu deveria garantir sua segurança.

— O que você está dizendo? — perguntei com a voz seca.

— Eu não o segui. — Scott escondeu o rosto nas mãos. — Quis mostrar para Mão Negra que ele não podia me dar ordens. Minha intenção era deixar claro que não faria parte da sociedade secreta. Por isso, fiquei no trabalho. Não saí. Não segui seu pai. E ele morreu. Ele morreu por minha causa.

Escorreguei pela parede até estar sentada ao lado dele. Não conseguia falar. As palavras certas não apareciam.

— Você me odeia, não é? — ele me perguntou.

— Você não matou meu pai — retruquei, atordoada. — Não é culpa sua.

— Eu sabia que ele corria perigo. Por que Mão Negra iria querer garantir que ele chegasse em segurança ao encontro? Eu devia ter ido. Se tivesse obedecido às ordens de Mão Negra, seu pai estaria vivo.

— Já passou — sussurrei, tentando não deixar que essa informação me fizesse culpar Scott. Precisava da ajuda dele. Juntos, nós poderíamos sair dali. Eu não podia me permitir odiá-lo. Tinha que trabalhar com ele. Precisava confiar nele e precisava que ele confiasse em mim.

— Não é só porque passou que fica fácil de esquecer. Menos de uma hora depois, meu pai me ligou contando a notícia.

Sem querer, soltei um pequeno gemido.

— Depois, Mão Negra foi até a loja de conveniência. Estava de máscara, mas reconheci sua voz. — Scott estremeceu. — Nunca vou me esquecer daquela voz. Ele me entregou uma arma e disse que lhe garantisse que ela nunca mais voltaria a aparecer. Era a arma de seu pai, Nora. Ele disse que queria que a polícia relatasse que seu pai morrera como um homem inocente e desarmado. Ele não queria que sua família passasse pela dor e pela confusão de saber o que realmente havia acontecido naquela noite. Ele não queria que ninguém suspeitasse que seu pai estava envolvido com criminosos como ele. Queria que parecesse um assalto qualquer.

Diante do meu silêncio, ele continuou:

— Eu deveria ter jogado a arma no rio, mas a guardei. Queria sair da sociedade. Isso só seria possível se eu pudesse chantagear Mão Negra de alguma maneira. Então guardei a arma. Quando eu e minha mãe nos mudamos para cá, deixei um recado para Mão Negra. Disse que, se ele viesse me procurar, eu faria com que a polícia encontrasse o revólver de Harrison Grey. Eu faria com que todo mundo soubesse que ele tinha ligações com Mão Negra. Jurei enlamear o nome do seu pai quanto fosse necessário, se isso fosse o que eu precisava para ter minha vida de volta. Ainda tenho a arma.

Ele abriu as mãos e a arma caiu entre seus joelhos, ruidosamente, no chão de cimento.

— Ainda a tenho.

Uma dor furiosa e cega ricocheteou dentro de mim.

— Era difícil ficar perto de você — admitiu Scott, com a voz débil. — Queria fazer com que você me odiasse. Deus sabe que eu me odiava. Todas as vezes em que via você, só conseguia pensar que eu tinha sido um covarde. Eu podia ter salvado a vida de seu pai. Sinto muito — disse ele, com a voz falhando.

— Tudo bem — eu disse tanto para mim quanto para Scott. — Tudo vai ficar bem.

Mas parecia a maior mentira do mundo.

Scott pegou na arma, tocando-a com os dedos. Antes que aquilo fizesse sentido para mim, eu o vi erguer a cabeça.

— Não mereço viver — declarou ele.

Um véu de gelo cobriu meu coração.

— Scott… — comecei.

— Sua família merece isso. Não posso mais encará-la. Não posso encarar a mim mesmo. — O dedo deslizou para o gatilho.

Não havia tempo para pensar.

— Você não matou meu pai — falei. — Rixon matou… o namorado de Vee. Ele é um anjo caído. Tudo aquilo é verdade. Você é um nefilim, Scott. Você não pode se matar. Não desse jeito. Você é imortal. Nunca vai morrer. Se quiser acabar com a culpa que sente pela morte de meu pai, ajude-me a sair daqui. Rixon está do outro lado daquela porta e ele vai me matar. Só vou conseguir sobreviver se você me ajudar.

Scott me fitou sem palavras. Antes que pudesse responder, a porta da sala de manutenção rangeu e se abriu. Rixon apareceu na abertura. Ele afastou o cabelo da testa e pôs os olhos na pequena sala. Em um impulso para me proteger, aproximei-me de Scott.

O olhar de Rixon pousou em mim e depois em Scott.

— Você vai ter que passar por mim para pegá-la — disse Scott, colocando o braço esquerdo na minha frente e transferindo o peso para proteger meu corpo. Sua respiração estava ofegante.

— Sem problema.

Rixon ergueu a arma e atirou várias vezes em Scott. Scott desabou, seu corpo frouxo sobre o meu.

Meu rosto já estava coberto por lágrimas.

— Pare — sussurrei.

— Não chore, meu amor. Ele não está morto. Não se engane… ele vai sentir dores tremendas quando acordar, mas este é o preço a se pagar por ter um corpo. Levante-se e venha até aqui.

— Vá se danar. — Não sei de onde vinha minha coragem, mas, se era para eu morrer, eu iria lutar. — Você matou meu pai. Não vou fazer nada por você. Se quiser, venha me pegar.

Rixon passou o polegar sobre a boca.

— Não entendo por que você fica tão perturbada com isso. Do ponto de vista técnico, Harrison não era seu pai.

— Você matou meu *pai* — repeti, olhando nos olhos de Rixon, sentindo uma raiva tão intensa e cortante que parecia me devorar por dentro.

— Harrison Grey se matou. Ele deveria ter ficado fora da cena.

— Ele estava tentando salvar a vida de outro homem!

— Homem? — bufou Rixon, enrolando as mangas molhadas na altura dos cotovelos. — Eu não chamaria Hank Millar de homem. Ele é um nefilim. Um animal, é isso o que ele é.

Eu ri, realmente ri, mas o riso parecia inchar como uma bolha na minha garganta, sufocando-me.

— Sabe de uma coisa? Eu quase sinto pena de você.

— Engraçado, eu estava a ponto de dizer o mesmo para você.

—Você vai me matar agora, não é?

Imaginei que a consciência deste fato provocaria mais uma onda de medo, vinda de dentro de mim, mas todo o estoque de medo já havia se esgotado. Senti uma espécie de calma gelada. O tempo não se tornou mais lento nem mais veloz. Ele me encarava, frio e desapaixonado como a arma que Rixon estava apontando para mim.

— Não, não vou matá-la. Vou sacrificá-la. — A boca se ergueu em um canto. — Faz toda a diferença do mundo.

Tentei fugir, mas o fogo causticante explodiu e meu corpo foi jogado contra a parede. Senti dor em todo o corpo e abri a boca para gritar, mas era tarde demais. Um cobertor invisível me sufocava sob suas dobras. Observei o rosto sorridente de Rixon entrar e sair do fogo enquanto eu lutava inutilmente contra o cobertor. Meus pulmões se expandiram, ameaçando explodir, e, no instante em que achei que não conseguiria mais suportar, meu peito cedeu. Sobre o ombro de Rixon, vi que Patch se aproximava da entrada.

Tentei chamá-lo, mas a necessidade desesperada de respirar se dissolveu.

Estava terminado.

C A P Í T U L O

25

— Nora?

Tentei abrir os olhos, mas, apesar de o cérebro registrar a mensagem, meu corpo não obedeceu. O rumor de vozes se aproximava e se afastava. Em algum lugar no fundo da minha cabeça eu sabia que a noite estava quente, mas me sentia banhada em suor frio. E em mais alguma coisa. Sangue.

Meu sangue.

— Você está bem — disse o detetive Basso, quando gritei com a voz estrangulada. — Estou aqui. Não vou a lugar algum. Fique comigo, Nora. Tudo vai ficar bem.

Tentei assentir, mas ainda parecia que eu existia em algum lugar fora de meu próprio corpo.

— Os paramédicos vão levá-la para a emergência. Eles a puseram em uma maca. Estamos saindo do Delphic agora.

Algumas lágrimas quentes desceram pelo meu rosto e consegui abrir os olhos.

— Rixon. — Minha língua parecia escorregadia, as palavras tropeçavam. — Onde está Rixon?

A boca do detetive Basso ficou tensa nos cantos.

— Psiu. Não fale. Você levou um tiro no braço. Ferimento superficial. Teve sorte. Tudo vai ficar bem.

— Scott? — perguntei, acabando de me lembrar. Tentei me levantar, mas descobri que estava amarrada. — Vocês conseguiram tirar Scott de lá?

— Scott estava com você?

— Atrás da caixa de força. Ele está ferido. Rixon também atirou nele.

O detetive Basso gritou para chamar um dos oficiais uniformizados que estava ao lado da ambulância e ele pulou, se

levantando.

— Sim, senhor detetive?

— Ela disse que Scott Parnell se encontrava na sala de máquinas.

O oficial sacudiu a cabeça.

— Vasculhamos a sala. Ninguém mais estava lá.

— Bem, então vasculhem de novo! — gritou o detetive Basso, sacudindo o braço para os portões de Delphic. Ele se virou para mim. — Afinal, quem é Rixon?

Rixon. Se a polícia não havia encontrado ninguém na sala das máquinas, isso queria dizer que ele havia escapado. Estava lá fora, em algum lugar, provavelmente observando a distância, esperando uma segunda chance para me matar.

Procurei a mão do detetive Basso, agarrando-a.

— Não me deixe sozinha.

— Ninguém vai deixá-la sozinha. O que você pode me dizer sobre Rixon?

A maca sacudia no estacionamento e os paramédicos me colocaram na ambulância. O detetive Basso subiu junto, sentando-se ao meu lado. Eu mal percebia o que estava acontecendo. Minha atenção se desviava para outra direção. Eu precisava falar com Patch, precisava lhe contar sobre Rixon…

— Como ele é?

O som da voz do detetive Basso me trouxe de volta.

— Ele estava aqui. Ontem à noite. Ele amarrou Scott na parte de trás da caminhonete.

— Foi *aquele* garoto que atirou em você? — O detetive Basso falou no rádio. — O nome do suspeito é Rixon. Alto, magro, cabelos negros. Nariz adunco. Idade: 20 anos, mais ou menos.

— Como você me encontrou?

Minha memória começava lentamente a se recompor e eu me lembrei de ter visto Patch entrar pela porta da sala das máquinas. Foi por apenas uma fração de segundo, mas ele esteve ali. Eu tinha certeza. Onde estaria agora? Onde estava Rixon?

— Denúncia anônima. O autor da ligação me disse que eu a encontraria na sala de manutenção, sob o Túnel do Horror. Parecia muito improvável, mas eu não podia ignorar isso. Ele também disse que tinha cuidado do cara que atirou em você. Achei que estivesse falando de Scott, mas você me disse que Rixon foi o responsável. Quer me dizer o que está acontecendo? Comece com o nome da pessoa que cuidou de você e onde posso encontrá-la…

***

Horas depois, o detetive Basso parou o carro na calçada diante da fazenda. Eram quase duas da madrugada e as janelas refletiam o céu sem estrelas. Eu tinha recebido alta da emergência, estava limpa e enfaixada. Embora a equipe do hospital tivesse conversado com minha mãe pelo telefone, eu não havia falado com ela. Sabia que teria que conversar mais cedo ou mais tarde, mas a agitação do hospital não parecia ser o melhor local e eu havia sacudido a cabeça negativamente para a enfermeira quando ela me ofereceu o telefone.

Eu também havia prestado depoimento para a polícia. Estava bem certa de que o detetive Basso achava que eu tivera alucinações sobre a presença de Scott na sala de máquinas. Eu também tinha certeza de que ele achava que eu estava escondendo informações sobre Rixon. Ele estava certo sobre esta parte, mas, mesmo se eu contasse tudo ao detetive Basso, ele não encontraria Rixon. Patch, obviamente, o havia encontrado — ou pelo menos o tinha informado de que era este seu plano. Mas eu não sabia de nada além disso. Estava com o coração na garganta desde que deixara Delphic, perguntando-me onde estaria Patch e o que havia acontecido desde que eu apagara.

Saímos do carro e o detetive Basso me acompanhou até a porta.

— Mais uma vez, obrigada — eu lhe disse. — Por tudo.

— Ligue-me se precisar.

Lá dentro, acendi as luzes. No banheiro, tirei as roupas com dificuldade, porque a parte superior de meu antebraço estava

enfaixada. O cheiro do medo e do pânico estava presente nas minhas roupas, e eu as deixei em uma pilha, no chão. Depois de enrolar os curativos em plásticos, entrei no chuveiro.

Enquanto a água quente descia pelo meu corpo, cenas da noite repassavam explosivamente na minha cabeça. Quis enganar-me pensando que a água poderia limpar tudo, levando todas as coisas por que eu passara ralo abaixo. Havia acabado. Tudo aquilo. Mas havia uma coisa que eu não conseguia lavar. Mão Negra.

Se Patch não era Mão Negra, quem seria? E como Rixon, um anjo caído, sabia tanto sobre ele?

Vinte minutos depois, saí enrolada em uma toalha e verifiquei os recados na secretária eletrônica de casa. Havia uma chamada do Enzo's, para saber se eu poderia trabalhar naquela noite. Um telefonema irado de Vee, exigindo saber onde eu estava. A polícia a expulsara do estacionamento e tinha fechado o parque de diversões — mas não antes de garantir a ela que eu estava em segurança e mandá-la pegar o carro, ir para casa e ficar por lá. Ela terminou o telefonema gritando: "Se perdi boa parte da ação, vou ficar muito brava!"

O terceiro recado era de um número não identificado, mas reconheci a voz de Scott assim que ele começou a falar.

— Se você contar para a polícia sobre esta mensagem, já vou ter desaparecido bem antes de eles virem atrás de mim. Só queria pedir desculpas mais uma vez. — Ele fez uma pausa e ouvi um pequeno sorriso despontar em sua voz. — Como eu sei que você deve estar morrendo de preocupação comigo, achei que gostaria de saber que estou me curando e logo ficarei novinho em folha. Obrigado pela dica sobre, bem, minha *saúde*.

Um sorriso minúsculo se abriu dentro de mim, e o peso do desconhecido diminuiu. Scott estava bem, afinal de contas.

— Foi bom conhecê-la, Nora Grey. Quem sabe não será a última vez em que você vai ouvir falar de mim. Talvez voltemos a nos encontrar no futuro. — Outra pausa. — Mais uma coisa. Vendi o Mustang. Chamava muita atenção. Não se anime demais, mas comprei uma lembrancinha para você com o dinheiro que sobrou.

Ouvi dizer que estava de olho em um Volkswagen. A dona vai entregá-lo amanhã. Paguei um tanque inteiro de gasolina, por isso, confira quando ela lhe entregar.

A mensagem acabou, mas eu ainda fitava o telefone. O Cabriolet? Para *mim*? Fiquei atordoada de alegria e com uma confusa surpresa. Um carro. Scott havia comprado um carro para mim. Em uma tentativa de retribuir o favor, deletei a mensagem, apagando todos os indícios de sua ligação. Se a polícia encontrasse Scott, não seria por minha causa. De alguma forma, eu não achava que a polícia fosse mesmo capaz de encontrá-lo.

Com o telefone na mão, liguei para minha mãe. Eu não iria adiar mais aquilo. Tinha chegado perto demais da morte naquela noite. Estava consertando minha vida e começando de novo e era isso o que eu ia fazer agora. A única coisa que faltava era esta ligação.

— Nora? — respondeu ela com pânico na voz. — Recebi o recado do detetive. Estou a caminho de casa agora. Você está bem? Diga que está bem!

Respirei com dificuldade.

— Eu estou bem agora.

— Ah, querida. Eu amo tanto você. Você sabe disso, não é? — soluçou ela.

— Eu sei da verdade.

Uma pausa.

— Sei a verdade sobre o que realmente aconteceu dezesseis anos atrás — repeti com mais clareza.

— Do que você está falando? Estou quase chegando em casa. Não consegui parar de tremer desde que falei com o detetive. Estou péssima, um completo caco. Eles têm alguma ideia de quem é esse sujeito… esse tal de Rixon? O que ele queria com você? Não compreendo como você foi arrastada para essa história.

— Por que você não me contou? — sussurrei, com os olhos cheios de lágrimas.

— Filhinha?

— *Nora.* — *Não sou mais uma garotinha.* — Todos esses anos você mentiu para mim. Todas aquelas vezes que eu falava mal de Marcie. Todas aquelas vezes que rimos dos Millar por serem idiotas, ricos e insensíveis… — eu engasguei.

Antes, eu estava transbordando de raiva, mas não sabia o que sentir naquele momento. Irritação? Cansaço? Desorientação em meio àquele tumulto? Meus pais tinham começado fazendo um favor para Hank Millar, mas com toda certeza passaram a se amar… e a me amar também. Fizemos com que tudo desse certo. Fomos felizes. Meu pai tinha partido, mas ainda pensava em mim. Ainda se importava comigo. Ele queria que eu mantivesse unido o que havia sobrado de minha família, em vez de fugir de minha mãe.

Também era isso o que eu queria.

Inspirei fundo.

— Quando você voltar para casa, vamos conversar. Sobre Hank Millar.

***

Esquentei no micro-ondas uma caneca de chocolate quente e a levei para o quarto. Minha primeira reação era de medo por estar completamente sozinha na casa de fazenda, sabendo que Rixon podia estar em liberdade. Minha segunda reação foi de calma. Eu não sabia dizer por que, mas sentia que estava em segurança. Tentei me lembrar do que havia acontecido na sala das máquinas momentos antes de perder a consciência. Patch havia entrado no cômodo…

E, depois, um branco. O que era frustrante, porque eu sabia que havia mais naquela lembrança. Ela fugia do meu alcance, mas eu tinha ideia de sua importância.

Depois de um tempo, desisti de recuperar a lembrança e meus pensamentos deram uma guinada brusca e alarmante. Meu pai biológico estava vivo. Hank Millar havia me dado a vida e depois abrira mão de mim para me proteger. Naquele instante, eu não tinha a menor vontade de entrar em contato com ele. Era doloroso demais

sequer pensar em me aproximar dele. Seria admitir que ele era meu pai, e eu não queria. Já era difícil manter na memória o rosto do meu pai verdadeiro. Não queria substituir aquela imagem ou fazer com que ela desaparecesse ainda mais rápido. Não, eu manteria Hank Millar onde ele se encontrava — a distância. Perguntei-me se algum dia eu mudaria de ideia e a possibilidade me aterrorizou. Não apenas pelo fato de que eu tinha uma vida inteira secreta, mas pelo fato de que, uma vez que a descobrisse, a vida que eu tinha mudaria para sempre.

Eu não tinha qualquer desejo de pensar mais em Hank, mas havia uma coisa que não fazia sentido. Hank havia me escondido, quando eu era bebê, para me proteger de Rixon porque eu era uma menina. E Marcie? Minha… irmã. Ela tinha tanto do sangue dele quanto eu. Mas por que ele não a escondeu? Tentei resolver a charada na minha cabeça, mas não encontrei uma resposta.

Eu acabara de me acomodar sob as cobertas quando ouvi uma batida na porta. Pus a caneca de chocolate quente na mesa de cabeceira. Não havia tanta gente assim que pudesse aparecer para uma visita tão tarde. Desci a escada e olhei pelo olho mágico. Mas eu não precisava de olho mágico para saber quem estava do outro lado da porta. Eu sabia que era Patch pelo jeito com que meu coração batia descompassadamente.

Abri a porta.

— Você disse para o detetive Basso onde ele poderia me encontrar. Você impediu Rixon de atirar em mim.

Os olhos escuros de Patch me avaliaram. Por uma fração de segundo, vi uma série de emoções se alternarem dentro deles. Exaustão, preocupação, alívio. Ele cheirava a ferrugem, algodão-doce velho e água suja, e eu sabia que ele estava próximo quando o detetive Basso me encontrou nas entranhas da casa maluca. Ele tinha ficado ali o tempo todo, garantindo minha segurança. Ele me envolveu em seus braços e me apertou, prendendo-me contra si.

— Achei que houvesse chegado tarde demais. Achei que você tivesse morrido.

Prendi as mãos na parte da frente da sua camisa e pousei a cabeça em seu peito. Não importava que eu estivesse chorando. Eu estava em segurança e Patch estava ali. Nada mais importava.

— Como você me encontrou? — perguntei.

— Há um tempo eu pensava em Rixon — disse ele, em voz baixa. — Mas eu precisava ter certeza.

Ergui o olhar.

— Você sabia que Rixon queria me matar?

— Eu encontrava pistas, mas não queria acreditar nelas. Rixon e eu éramos amigos… — a voz de Patch falhou. — Não queria acreditar que ele seria capaz de me trair. Quando eu era seu anjo da guarda, sentia que havia alguém por perto querendo matá-la. Não sabia quem era, porque ele era cuidadoso. Não estava pensando ativamente em matá-la, por isso eu não conseguia formar um quadro completo. Eu sabia que um ser humano não seria capaz de esconder seus pensamentos com tanto cuidado. Nem saberia que os pensamentos transmitiam todos os tipos de informação para os anjos. De vez em quando eu vislumbrava a verdade. Pequenos detalhes que me faziam desconfiar de Rixon, ainda que eu não quisesse. Eu o apresentei para Vee porque achei que poderia tomar conta dele melhor. E também porque não queria lhe dar motivos para pensar que eu suspeitava dele. Sabia que a única razão que o levaria a querer matá-la seria para obter o corpo de um humano, então comecei a vasculhar o passado de Barnabé. Foi quando descobri a verdade. Rixon estava dois passos à minha frente, mas ele deve ter descoberto depois que localizei você e que me matriculei na escola, no ano passado. Ele queria sacrificá-la tanto quanto eu quis. Ele fez de tudo para me convencer a desistir de *O livro de Enoque*, para que eu não a matasse e ele pudesse fazer isso.

— Por que você não me contou que ele estava tentando me matar?

— Eu não podia. Você dispensou meus serviços de anjo da guarda. Eu não poderia intervir *fisicamente* em sua vida, no que dizia respeito à sua segurança. Os arcanjos me bloquearam todas

as vezes em que tentei. Mas descobri um jeito de driblá-los. Descobri que podia fazer com que você visse minhas lembranças enquanto estivesse dormindo. Tentei lhe dar as informações de que você precisava para descobrir que Hank Millar era seu pai biológico e o vassalo nefilim de Rixon. Sei que você acha que a abandonei quando você mais precisava de mim, mas nunca desisti de buscar uma forma de avisá-la sobre Rixon. — A boca se ergueu em um canto, mas era um gesto cansado. — Mesmo quando você me bloqueava.

Percebi que estava prendendo a respiração, então soltei lentamente o ar.

— Onde está Rixon?

— Eu o mandei para o inferno. Ele nunca mais vai voltar.

Patch fitou adiante, com olhos endurecidos, mas sem raiva. Desapontados, talvez. Desejando um desfecho diferente. Mas, bem no fundo, eu suspeitava que ele sofria mais do que deixava transparecer. Havia enviado seu amigo mais próximo — aquele que estivera a seu lado o tempo todo — para enfrentar uma eternidade de trevas.

— Eu sinto muito — sussurrei.

Ficamos em silêncio por um momento, os dois revendo em suas cabeças a imagem do destino de Rixon. Eu não havia testemunhado, mas o que eu imaginava era suficientemente amedrontador, a ponto de me fazer estremecer.

Finalmente, Patch falou em meus pensamentos. *Eu me rebelei, Nora. Assim que os arcanjos descobrirem, virão atrás de mim. Você tinha razão. Eu não me importo realmente em infringir as regras.*

Senti um impulso louco de empurrar Patch porta afora. As palavras retumbavam na minha cabeça. *Rebelde?* O primeiro lugar em que os arcanjos procurariam seria aqui. Ele estava sendo deliberadamente descuidado?

— Você enlouqueceu? — perguntei.

— Enlouqueci por você.

— Patch!

— Não se preocupe, temos tempo.

— Como você sabe?

Ele cambaleou para trás com a mão no coração.

— Sua falta de confiança dói em mim.

Olhei para ele com mais seriedade.

— Quando você fez isso? Quando você se rebelou?

Hoje à noite, mais cedo. Passei por aqui para garantir que você estava em segurança. Sabia que Rixon estava no Delphic e quando vi o bilhete no balcão dizendo que você tinha ido para lá, eu sabia que ele ia agir. Rompi com os arcanjos e fui atrás de você. Se não tivesse rompido com eles, Anjo, eu não teria sido capaz de interferir fisicamente. Rixon teria vencido.

— Obrigada — sussurrei.

Patch me apertou com mais força. Eu queria ficar para sempre naquele abraço e ignorar tudo o mais que não fosse a sensação de seu corpo forte e firme, mas eu tinha perguntas que não podiam esperar.

— Isso quer dizer que você não é mais o anjo da guarda de Marcie? — perguntei.

Senti que Patch sorria.

— Agora sou um profissional liberal. Eu escolho meus clientes, e não o contrário.

— Por que Hank me escondeu, mas não escondeu Marcie? — virei meu rosto para a camisa dele, para que ele não visse meus olhos. Não me importava com Hank. De maneira alguma. Ele não era nada para mim; porém, em algum lugar secreto de meu coração, eu queria que ele me amasse tanto quanto amava Marcie. Eu também era sua filha. Mas tudo o que eu via era que ele tinha preferido Marcie. Ele havia me mandado embora e a mimava.

— Não sei. — Fazia tanto silêncio que eu podia ouvir sua respiração. — Marcie não tem sua marca. Hank tem, e Chauncey também tinha. Não acho que seja uma coincidência, Anjo.

Meus olhos viajaram até a parte interna do meu pulso direito, até a marca escura que as pessoas geralmente confundiam com uma cicatriz. Sempre tinha achado que a marca de nascença era única.

Até que encontrei Chauncey. E, agora, Hank. Tive a sensação de que o significado por trás da marca era mais profundo do que a simples ligação biológica à linhagem de Chauncey, e aquele era um pensamento aterrador.

— Você está segura comigo — murmurou Patch, acariciando meus braços.

Depois de um segundo de silêncio, falei:

— E onde é que nós estamos?

— Juntos.

Ele ergueu as sobrancelhas com ar indagador e cruzou os dedos, como se implorasse boa sorte.

— Brigamos muito.

— Também fazemos muito as pazes. — Patch pegou minha mão e tirou o anel de meu pai da ponta de seu dedo, até cair na palma de minha mão, e fechou meus dedos sobre ele. Ele beijou minha mão. — Eu ia lhe devolver antes, mas ainda não estava pronto.

Abri a palma da mão e segurei o anel. O mesmo coração estava gravado na parte de baixo, mas agora com dois nomes dentro dele: NORA e JEV.

Ergui o olhar.

— Jev? Este é seu nome verdadeiro?

— Há muito tempo ninguém me chama por este nome.

Ele passou o dedo em meus lábios, examinando-me com seus olhos negros e suaves.

O desejo derreteu dentro de mim, quente e desenfreado.

Aparentemente sentindo o mesmo, Patch fechou a porta e passou o trinco. Desligou a luz principal e o aposento foi tomado pela escuridão, iluminado apenas pelo luar que chegava por entre as dobras da cortina. Na mesma hora, nossos olhos se desviaram para o sofá.

— Minha mãe vai chegar logo — avisei. — Nós deveríamos ir para sua casa.

Patch passou a mão sobre a barba por fazer em seu queixo.

— Tenho regras sobre quem posso levar até lá.

Eu estava ficando muito cansada daquela resposta.

— Se você me mostrasse onde é, teria que me matar? — supus, combatendo a vontade de ficar irritada. — Se eu entrar, não vou poder sair?

Patch me estudou por um momento. Depois pôs a mão no bolso e tirou uma chave do chaveiro e a colocou no bolso da frente do casaco do meu pijama.

— Se você entrar lá, vai ter que voltar.

***

Quarenta minutos depois, conheci a porta que a chave destrancava.

Patch parou o Jeep no estacionamento vazio do Delphic, o parque de diversões. Atravessamos a área de mãos dadas, e uma brisa fresca de verão jogava meu cabelo no rosto. O portão rangeu ao ser aberto por Patch, que o segurou enquanto eu passava.

O Delphic parecia completamente diferente sem o bombardeio de ruídos e de luzes coloridas. Era um lugar silencioso e encantado. Uma lata de refrigerante abandonada raspou o chão, empurrada pela brisa. Segui pelo caminho com os olhos grudados no esqueleto negro do Arcanjo, que se erguia sob o céu escuro. Sentia cheiro de chuva no ar. Um rumor distante de trovão se fez ouvir sobre nossas cabeças. Ao norte do Arcanjo, Patch me desviou do caminho. Subimos degraus até um abrigo de ferramentas. Ele destrancou a porta no momento em que o tamborilar da chuva despencou no céu, dançando no calçamento. A porta se fechou por trás de mim, envolvendo-nos em uma escuridão tempestuosa. O parque estava assustadoramente silencioso, a não ser pelo som dos pingos da chuva no telhado. Senti que Patch se movia atrás de mim, com as mãos na minha cintura, a voz suave em meu ouvido.

— Delphic foi construído por anjos caídos e é o único lugar de onde os arcanjos não se aproximam. Esta noite, somos só eu e você, Anjo.

Eu me virei, absorvendo o calor dele. Patch ergueu meu queixo e me beijou. O beijo era quente e me fez sentir um calafrio de prazer que atravessou todo meu corpo. Seu cabelo estava úmido por causa da chuva, e eu sentia um leve perfume de sabonete. Nossas bocas se encontraram, nossa pele estava escorregadia pela chuva que atravessava o teto baixo, salpicando-nos com pequenas fisgadas frias. Os braços de Patch me envolveram, segurando-me com uma intensidade que só me fez querer mergulhar mais profundamente nele.

Ele chupou um pouco da chuva no meu lábio inferior e eu senti seu sorriso contra o meu. Ele afastou meu cabelo e me beijou pouco acima da clavícula. Mordiscou minha orelha e afundou os dentes em meu ombro.

Coloquei as pontas dos dedos em sua cintura, aproximando-o mais de mim. Patch escondeu o rosto na curva do meu ombro, com as mãos em meu cabelo.

— Eu amo você — murmurou ele, apertado contra o meu cabelo. — Não me lembro de ter me sentido assim tão feliz.

— Que cena comovente! — Uma voz grave deixou o canto mais escuro do abrigo, próximo à parede do fundo. — Agarrem o anjo.

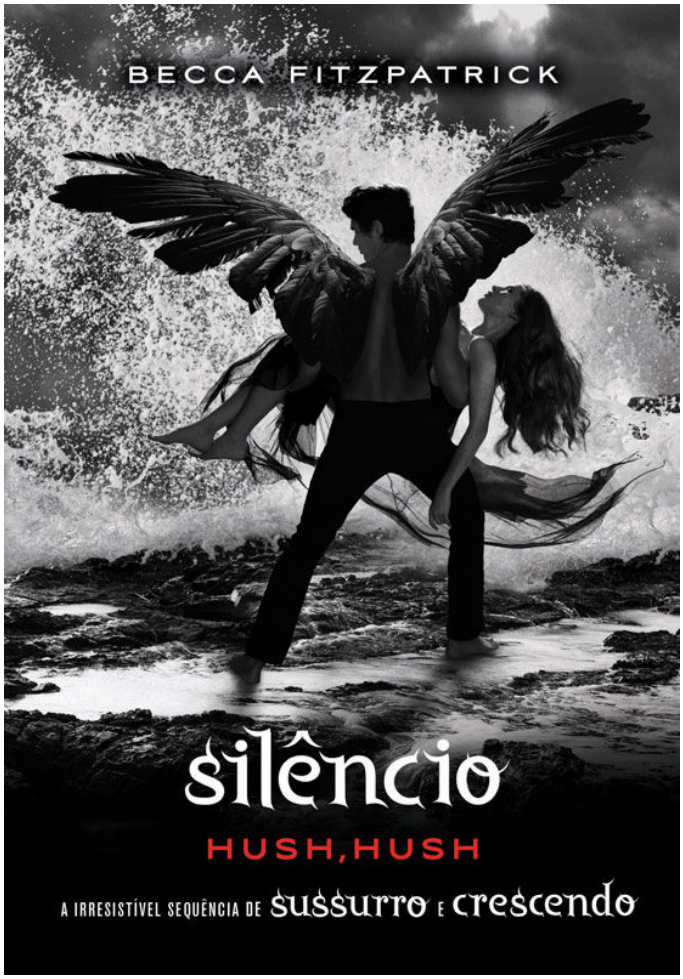
Um punhado de jovens muito altos, indiscutivelmente nefilins, saiu das sombras e cercou Patch, prendendo seus braços às costas. Para minha surpresa, Patch não resistiu.

Quando eu começar a lutar, corra, Patch falou em meus pensamentos e percebi que ele deixara de brigar para falar comigo, para me ajudar a escapar. *Vou distraí-los. Você sai correndo. Pegue o Jeep. Você se lembra de como se faz uma ligação direta? Não vá para casa. Fique no Jeep até que eu a encontre…*

O homem que permaneceu nos fundos do abrigo, dando ordens aos outros, avançou até um raio de luz turva que atravessava uma das muitas rachaduras do lugar. Era alto, esguio, atraente, com uma aparência estranhamente jovem para sua idade, e estava impecavelmente vestido com uma camisa polo e calça de sarja de algodão.

— Sr. Millar — sussurrei. Não conseguia pensar em chamá-lo de outra forma. Hank parecia informal demais. Papai parecia revoltantemente íntimo.

— Deixe que eu me apresente direito — disse ele. — Sou Mão Negra. Conheci bem Harrison, seu pai. Fico feliz por ele não estar aqui para vê-la se rebaixar ao lado de alguém que pertence à prole do demônio. — Ele sacudiu a cabeça. — Você não é a garota que eu pensei que se tornaria, Nora. Juntando-se ao inimigo, zombando de sua herança. Acredito até que foi você quem explodiu um dos meus esconderijos nefilins, ontem à noite. Mas isso não importa. Posso perdoar *isso*. — Ele fez uma pausa cheia de significado. — Diga-me, Nora. Foi você quem matou meu querido amigo Chauncey Langeais?


BECCA FITZPATRICK
silêncio
HUSH, HUSH
A IRRESISTÍVEL SEQUÊNCIA DE sussurro E crescendo

BECCA FITZPATRICK

silêncio

HUSH, HUSH

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2011 Becca Ajoy Fitzpatrick

Foto da autora © Ali Eisenach

TÍTULO ORIGINAL
Silence

REVISÃO
Shirley Lima
Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN: 978-85-8057-292-6

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



PARA RILEY E JACE

P R Ó L O G O



COLDWATER, MAINE
TRÊS MESES ATRÁS

O AUDI preto reluzente parou em uma vaga do estacionamento com vista para o cemitério, mas nenhum dos três homens dentro dele estava ali para prestar homenagem aos mortos. Passava da meia-noite e o local estava oficialmente fechado. Uma estranha névoa de verão pairava tênue e lúgubre, como uma fileira de fantasmas despertando. A lua, fina, lembrava uma pálpebra semicerrada. Antes que a poeira da estrada baixasse, o motorista saltou do carro e abriu rapidamente a porta traseira.

Blakely saiu primeiro. Era alto, com cabelos grisalhos e um rosto duro, retangular — tinha quase trinta anos humanos, mas, pela contagem nefilim, era muito mais velho. Ele foi seguido por outro nefilim, chamado Hank Millar. Hank também era incomumente alto, tinha cabelos louros, olhos azuis e uma beleza carismática. Seu lema era “Justiça acima de misericórdia”, e isso, combinado à rápida ascensão ao poder no submundo nefilim nos últimos anos, rendera-lhe apelidos como Punho da Justiça, Punho de Ferro e, o mais famoso, Mão Negra. Ele era aclamado entre seu povo como um líder visionário, um salvador. Mas em círculos menores e secretos era chamado em voz baixa de Mão de Sangue. Entre sussurros, falava-se não de um redentor, mas de um ditador implacável. Hank se divertia com esses cochichos nervosos: um verdadeiro ditador tinha poder absoluto e nenhuma oposição. Ele esperava um dia corresponder a essas expectativas.

Hank acendeu um cigarro e deu uma longa tragada.

— Meus homens estão reunidos?

— Dez homens na floresta acima de nós — Blakely respondeu. — Outros dez em carros nas duas saídas. Cinco estão escondidos em diferentes pontos dentro do cemitério: três pouco além das portas do mausoléu e dois na cerca. Mais um elemento, e estaríamos nos entregando. Certamente o cara que você vai encontrar trará os próprios reforços.

Hank sorriu na escuridão.

— Duvido.

Blakely piscou.

— Trouxe vinte e cinco dos seus melhores guerreiros nefilins para enfrentar um homem só?

— Ele não é um homem — Hank lembrou. — Não quero que nada dê errado esta noite.

— Temos Nora. Se ele lhe causar algum problema, ponha-o para falar com ela ao telefone. Dizem que os anjos não conseguem sentir o toque, mas emoções são outra história. Tenho certeza de que ele sentirá quando ela gritar. Dagger está a postos, esperando.

Hank olhou para Blakely e deu um lento sorriso de aprovação.

— Dagger a está vigiando? Ele não é muito normal.

— Você disse que queria acabar com a alegria dela.

— Eu disse, não disse? — Hank murmurou.

Quatro dias haviam se passado desde que ele a capturara, arrancando-a de uma sala de máquinas no parque de diversões Delphic, mas já havia determinado exatamente as lições que ela precisava aprender. A primeira: nunca desrespeitar sua autoridade diante dos homens que ele comandava. A segunda: prestar devoção a sua linhagem nefilim. A terceira, e talvez mais importante: demonstrar respeito por seu pai.

Blakely entregou a Hank um pequeno aparelho com um botão no centro, que brilhava em um tom sobrenatural de azul.

— Ponha isso no bolso. Pressione o botão azul e seus homens vão aparecer correndo de todos os cantos.

— Isso foi feito com artes do mal? — perguntou Hank.

Um movimento afirmativo com a cabeça.

— Foi projetado para imobilizar o anjo temporariamente. Não sei dizer por quanto tempo. É um protótipo, ainda não consegui testá-lo completamente.

— Falou sobre isso com alguém?

— O senhor me deu ordens para não falar.

Satisfeito, Hank guardou o aparelho no bolso.

— Agora deseje-me boa sorte, Blakely.

O amigo deu-lhe um tapinha no ombro.

— Não precisa disso.

Jogando fora o cigarro, Hank desceu os degraus de pedra para o cemitério, uma área coberta por uma neblina tão densa que tornava inútil seu vantajoso ponto de observação. Ele esperava ver o anjo primeiro, de cima, mas se conformava com a ideia de ter a proteção de sua própria milícia, cuidadosamente escolhida e treinada.

Na base dos degraus, Hank observou as sombras com atenção. Uma garoa fina havia começado a cair e dispersava a névoa, permitindo enxergar as enormes lápides e as árvores retorcidas. O cemitério havia crescido desordenadamente, quase como um labirinto. Agora Hank entendia por que Blakely sugerira aquele lugar. A probabilidade de olhos humanos testemunharem acidentalmente os eventos daquela noite era mínima.

Ali. Bem à sua frente. O anjo estava apoiado em uma lápide, mas, ao avistar Hank, ele se endireitou. Vestido inteiramente de preto, incluindo uma jaqueta de couro estilo motoqueiro, era difícil distingui-lo entre as sombras. Não se barbeava havia dias, o cabelo estava despenteado e revolto, e havia linhas de preocupação em torno de sua boca. Andara chorando o desaparecimento da namorada, então? Melhor assim.

— Você está com uma aparência um pouco ruim... *Patch,* não é? — Hank falou, parando a alguns passos dele.

O anjo sorriu, mas não era um sorriso simpático.

— Achei que você também estaria há algumas noites sem dormir. Afinal, ela é sua carne, seu sangue. Mas parece que não tem sido

privado de seu sono de beleza. Rixon sempre disse que você era um cara boa-pinta.

Hank não reagiu ao insulto. Rixon era o anjo caído que costumava possuir seu corpo todos os anos no mês do Cheshvan, e havia desaparecido. Depois que ele se fora, não havia nada no mundo que amedrontasse Hank.

— Então, o que tem para mim? Espero que seja alguma coisa boa.

— Fui visitar sua casa, mas você se escondeu com o rabo entre as pernas e levou sua família junto.

O anjo falava em um tom de voz baixo, que vibrava com uma nota que Hank não conseguia interpretar. Algo entre o desprezo e a ironia.

— Sim, achei que você poderia tentar alguma coisa precipitada. Olho por olho, não é essa a doutrina dos anjos caídos? — Hank não conseguia dizer se a atitude fria e desdenhosa do anjo o impressionava ou irritava. Esperava encontrá-lo aflito e desesperado. No mínimo, esperava conseguir provocá-lo e induzi-lo à violência. Qualquer desculpa serviria para seus homens aparecerem. Nada como um banho de sangue para estimular a camaradagem. — Vamos pular as amenidades. Diga que me trouxe alguma coisa útil.

O anjo deu de ombros.

— Brincar de gato e rato com você foi insignificante, comparado a descobrir onde escondeu sua filha.

Os músculos da mandíbula de Hank se contraíram.

— Não era esse o nosso trato.

— Vou conseguir a informação de que precisa — respondeu o anjo em um tom que pareceria casual, não fosse o brilho gelado em seus olhos. — Mas, antes, liberte Nora. Telefone para seus homens agora.

— Preciso ter a garantia de que você vai cooperar em longo prazo. Vou mantê-la presa até que cumpra sua parte no acordo.

Os cantos da boca do anjo se ergueram, mas aquilo estava longe de ser um sorriso. Havia algo de realmente ameaçador em sua

expressão.

— Não estou aqui para negociar.

— Nem está em posição para isso. — Hank levou a mão ao bolso da camisa e pegou o celular. — Estou sem paciência. Se veio me fazer perder tempo, sua namorada vai ter momentos bem desagradáveis. Um telefonema, e ela fica sem comida...

Antes que tivesse tempo de cumprir a ameaça, Hank sentiu que caía para trás. Os braços do anjo se moveram, e todo o ar escapou do corpo de Hank em um único sopro. Sua cabeça se chocou contra alguma coisa sólida, e uma onda negra turvou sua visão.

— É assim que vai funcionar — murmurou o anjo.

Hank tentou reunir forças para gritar, mas a mão do anjo apertava seu pescoço. Hank esperneou e chutou, mas foi inútil; o anjo era forte demais. Ele tentou apertar o botão do pânico no bolso, mas seus dedos tateavam inutilmente. O anjo havia fechado a passagem de ar, impedindo sua respiração. Seus olhos latejavam, e ele sentia como se uma pedra tivesse esmagado seu peito.

Em um lampejo de inspiração, Hank invadiu a mente do anjo, esgarçando a malha que formava os pensamentos, concentrando-se com firmeza em redirecionar as intenções do oponente, enfraquecer sua motivação, o tempo todo sussurrando um hipnótico *Solte Hank Millar, solte-o agora...*

— Um truque de mente? — debochou o anjo. — Nem perca seu tempo. Telefone — ordenou. — Se ela for libertada nos próximos dois minutos, eu mato você rapidamente. Se demorar mais do que isso, acabo com você bem devagar, um pedaço de cada vez. E pode acreditar que vou adorar cada grito que você deixar escapar.

— Você não *pode*... me... matar — arquejou Hank.

Ele sentiu uma dor aguda explodindo em sua face. Tentou gritar, mas o som não saiu de seus lábios. Sua garganta estava esmagada, comprimida pela força do anjo. A dor aguda e quente se intensificava e se espalhava em todas as direções. Hank sentia o cheiro de sangue misturado ao próprio suor.

— Um pedaço de cada vez — repetiu o anjo num sussurro ameaçador, balançando uma folha de papel encharcada em um

líquido escuro diante de Hank.

Hank arregalou os olhos. Não era papel! Era *sua pele*!

— Telefone para seus homens — o anjo repetiu, soando ainda mais impaciente.

— Não consigo... falar! — Hank arfou.

Se ao menos ele conseguisse alcançar o botão do pânico...

Jure que vai soltá-la agora, e eu deixo você falar. A ordem do anjo invadia com facilidade sua cabeça.

Está cometendo um erro terrível, garoto, Hank respondeu. Seus dedos alcançaram o bolso. Ele agarrou o aparelho.

O anjo soltou um grunhido impaciente, arrancou o objeto brilhante da mão de Hank e o jogou longe, na neblina.

Jure ou seu braço será o próximo.

Hank devolveu:

Mantenho nosso acordo inicial. *Poupo a vida dela e desisto definitivamente de vingar a morte de Chauncey Langeais se você me trouxer a informação de que preciso. Até lá, prometo tratá-la com humanidade...*

O anjo bateu com a cabeça de Hank no chão. Em meio à náusea e à dor, Hank o ouviu dizer:

Não vou permitir que ela fique com você nem mais cinco minutos, muito menos o tempo necessário para eu conseguir o que você quer.

Hank tentou olhar por cima do ombro, mas tudo que enxergava era uma barreira de lápides. Patch o mantinha no chão, onde não podia ser visto por seus homens. Hank não acreditava que o anjo seria capaz de matá-lo — ele era imortal —, mas não ficaria ali deitado deixando-se mutilar até parecer um cadáver.

Ele franziu os lábios e ficou encarando Patch.

Nunca vou me esquecer de como ela gritou alto quando a arrastei comigo. Sabia que ela gritou seu nome? Muitas vezes. Ela disse que você iria salvá-la. Isso foi nos primeiros dias, é claro. Acho que ela está finalmente começando a aceitar a ideia de que você não é páreo para mim.

Ele viu o rosto do anjo escurecer como se fosse inundado por sangue. Seus ombros tremiam, as pupilas pretas foram dilatadas pela raiva. E depois tudo aconteceu numa chocante agonia. Em um momento Hank estava quase perdendo os sentidos com a dor de sua pele sendo socada e, no outro, olhava para os punhos do anjo, agora manchados com seu sangue.

Um uivo ensurdecedor brotou do corpo de Hank. A dor explodiu dentro dele e quase o fez perder a consciência. De algum lugar distante, ele ouviu os passos rápidos de seus capangas nefilins.

— *Tirem-no... de cima... de mim!* — ele rosnou enquanto o anjo atacava seu corpo.

Todas as terminações nervosas de Hank queimavam. Calor e agonia vazavam por seus poros. Ele olhou para a própria mão, mas não havia carne — apenas ossos deformados. O anjo iria mesmo destroçá-lo, fazê-lo em pedaços. Ele ouvia os grunhidos de esforço dos comandados, mas o anjo ainda estava sobre seu corpo, as mãos queimando como fogo em todos os lugares que tocavam.

Hank praguejava com fúria.

— *Blakely!*

— Tirem-no daí *agora*! — Blakely ordenou com firmeza aos homens.

Finalmente, o anjo foi arrancado de cima dele. Hank ficou deitado no chão, ofegante. Estava banhado de sangue, a dor queimando-o como ferro em brasa. Afastando com um tapa a mão estendida de Blakely, ele se levantou com esforço. Sentia-se instável, balançando de um lado para outro, intoxicado pelo próprio sofrimento. Pelo jeito como os homens olhavam para ele, sabia que devia estar horrível. Considerando a gravidade dos ferimentos, talvez precisasse de até uma semana para se curar, mesmo contando com a ajuda das artes do mal.

— Devemos levá-lo, senhor?

Hank tocou com um lenço o lábio, que estava aberto, pendurado no rosto como uma massa disforme.

— Não. Ele não vai ter utilidade para nós se ficar preso. Avise a Dagger que a menina não deve receber nada além de água nas

próximas 48 horas. — Sua respiração era entrecortada. — Se nosso garoto aqui não coopera, ela paga.

Blakely concordou com a cabeça, virou-se de costas e pegou o celular no bolso.

Hank cuspiu um dente ensanguentado, examinou-o em silêncio, depois o guardou no bolso. Seus olhos se fixaram no anjo, cujo único sinal exterior de fúria era a força com que mantinha os punhos cerrados.

— Mais uma vez, estes são os termos do nosso acordo, para que não haja mais nenhum mal-entendido: primeiro, você vai recuperar a confiança dos anjos caídos, vai voltar a fazer parte da organização deles...

— Vou matar você — o anjo avisou em tom baixo.

Contido por cinco homens, ele não se debatia mais. Estava mortalmente quieto, os olhos negros brilhando com sede de vingança. Por um momento, Hank sentiu uma fagulha de medo se acender como um fósforo em suas entranhas.

Mas ainda demonstrava certa indiferença fria.

— ...e depois disso, vai espioná-los e relatar todos os movimentos do grupo diretamente a mim.

— Eu juro — o anjo falou com a respiração controlada, mas um pouco ruidosa —, com esses homens como minhas testemunhas, que não vou descansar enquanto você não estiver morto.

— Poupe seu fôlego. Você não pode me matar. Não se lembra de quem um nefilim recebe sua herança imortal?

Um murmúrio divertido circulou entre os homens, mas Hank os silenciou com um gesto.

— Quando determinei que você deveria me dar informação suficiente para impedir anjos caídos de possuírem corpos de nefilins no próximo Cheshvan...

— Cada coisa que você fizer com ela, eu retribuirei multiplicada por dez.

A boca de Hank se contorceu, como se esboçasse um sorriso.

— Um esforço desnecessário, não acha? Quando eu acabar com ela, a mocinha não vai nem saber seu nome.

— Lembre-se deste momento — o anjo falou com veemência gelada. — Ele vai voltar para assombrar você.

— Chega! — Hank fez um gesto de desgosto e se preparou para voltar ao carro. — Ele deve ser levado ao parque de diversões Delphic. O objetivo é que esteja novamente entre os caídos o mais depressa possível.

— Pode ficar com as minhas asas.

Hank parou, sem saber se ouvira o anjo corretamente. E riu.

— O quê?

— Jure soltar Nora imediatamente, e elas serão suas. — O anjo parecia desesperado, demonstrando o primeiro sinal de derrota. Música para os ouvidos de Hank.

— Que utilidade suas asas teriam para mim? — replicou ele, em um tom mais moderado.

Mas o anjo havia despertado seu interesse. Até onde sabia, *nenhum* nefilim jamais havia arrancado as asas de um anjo. De vez em quando, acontecia entre eles mesmos, mas a ideia de um nefilim com esse poder era uma grande novidade. Uma grande tentação. Relatos de sua conquista invadiriam os lares nefilins da noite para o dia.

— Você vai pensar em alguma coisa — disse o anjo com um cansaço cada vez maior.

— Juro soltá-la antes do Cheshvan — Hank propôs, banindo da voz todo e qualquer sinal de ansiedade, sabendo que revelar seu entusiasmo seria desastroso.

— Não é o suficiente.

— Suas asas podem se tornar um belo troféu, mas tenho objetivos muito maiores. Eu a soltarei no fim do verão, essa é minha oferta final. — Ele se virou e começou a andar, contendo o entusiasmo.

— Aceito — respondeu o anjo resignado, e Hank deixou o ar sair lentamente dos pulmões.

Ele se virou.

— Como isso pode ser feito?

— Seus homens a arrancarão.

Hank abriu a boca para discutir, mas o anjo o interrompeu.

— Eles são fortes. Se eu não resistir, nove ou dez homens juntos podem removê-las. Voltarei a viver sob o Delphic e farei circular a notícia de que os arcanjos arrancaram minhas asas. Mas, para que isso dê certo, você e eu não podemos ter nenhuma ligação — ele avisou.

Sem demora, Hank sacudiu algumas gotas de sangue da mão desfigurada sobre a grama a seus pés.

— Juro libertar Nora antes do fim do verão. Se quebrar minha promessa, serei punido com a morte e o retorno ao pó do qual fui criado.

O anjo despiu a camiseta e apoiou as mãos nos joelhos. Seu peito se inflava a cada respiração. Com uma coragem que Hank ao mesmo tempo detestava e invejava, o anjo disse a ele:

— Vá em frente.

Hank teria adorado fazer as honras, mas o cansaço o venceu. Não podia ter certeza de que não havia nele resquícios de magia do mal. Se o lugar onde as asas de um anjo se fundiam com suas costas era tão receptivo quanto sugeriam os boatos, um simples toque poderia denunciá-lo. Havia trabalhado muito duro para se permitir cometer deslizes àquela altura do jogo.

Dominando o ressentimento, Hank ordenou a seus homens:

— Arranquem as asas do anjo e limpem toda a sujeira. Depois joguem-no no portão do Delphic, onde certamente será encontrado. E tomem cuidado para que ninguém os veja.

Teria gostado de mandá-los marcar o anjo com seu símbolo, um punho fechado. Uma demonstração visível de triunfo que certamente elevaria seu status entre os nefilins de todos os lugares, mas Patch tinha razão. Para que tudo desse certo, não poderiam deixar para trás nenhuma evidência de associação.

De volta ao carro, Hank olhou para o cemitério. Já havia acabado. O anjo estava prostrado no chão, sem camisa, com dois ferimentos abertos que se estendiam por todo o comprimento de suas costas. Embora não tivesse sentido dor, seu corpo parecia ter entrado em choque com a perda. Hank também ouvira dizer que as cicatrizes das asas de um anjo caído eram seu calcanhar de aquiles. Os rumores pareciam verdadeiros.

— Devemos encerrar a noite? — Blakely perguntou enquanto o seguia.

— Mais um telefonema — Hank respondeu com uma nota de ironia. — Para a mãe da garota.

Ele digitou os números e levou o telefone à orelha. Depois tossiu duas vezes, adotando um tom preocupado e tenso.

— Blythe, querida, acabei de receber seu recado. Estava de férias com minha família e estou a caminho do aeroporto agora. Vou sair daqui no primeiro voo. Por favor, conte-me tudo. O que você quis dizer com sequestrada? Tem certeza? O que a polícia falou? — Ele parou, ouvindo os soluços angustiados. — Escute — disse com firmeza —, estou aqui para apoiar você em tudo. Vou esgotar todos os recursos ao meu alcance, se for necessário. Se Nora está por aí em algum lugar, nós a encontraremos.

CAPÍTULO 1

COLDWATER, MAINE
NOS DIAS DE HOJE

MESMO com os olhos fechados, eu soube que estava em perigo.

Acordei com o barulho abafado de passos se aproximando. Ainda havia um resquício de sono, o que prejudicava minha concentração. Eu estava deitada de costas, e o frio atravessava minha blusa.

Meu pescoço formava um ângulo doloroso, e então abri os olhos. Pedras estreitas se erguiam na névoa escura. Por um momento de estranha suspensão, a imagem de dentes tortos surgiu em minha mente, mas em seguida entendi o que realmente eram aquelas formas. Lápides.

Fiz um esforço para me sentar, mas minhas mãos escorregaram na grama molhada. Lutando contra a sonolência que ainda me deixava confusa, rolei por sobre um túmulo coberto de terra, tateando o espaço nebuloso. Os joelhos da minha calça ficaram ensopados enquanto eu engatinhava entre as sepulturas e os monumentos dispostos aleatoriamente. Fui retomando aos poucos a consciência, mas deixei esses pensamentos de lado; não conseguia me concentrar com a dor lancinante que se espalhava em minha cabeça.

Rastejei ao longo de uma cerca de ferro, espalhando uma camada de folhas em decomposição acumulada durante anos. Um uivo fantasmagórico veio do alto, mas, apesar de me causar arrepio, não era o som que mais me amedrontava. Os passos amassavam a grama atrás de mim, mas eu não conseguia definir se estavam perto ou longe. Um grito cortou o ar, e tentei me mover mais depressa. Sabia instintivamente que precisava me esconder, mas me sentia

desorientada; a escuridão não me permitia enxergar com nitidez, e a névoa escura e sinistra projetava fantasmas diante dos meus olhos.

A distância, entre duas fileiras de árvores finas e altas, um mausoléu de pedra branca brilhava no meio da noite. Consegui ficar de pé e corri para lá.

Passei por entre dois monumentos de mármore e, quando saí do outro lado, ele esperava por mim. Uma silhueta alta, com o braço erguido para o ataque. Tropecei ao tentar recuar. Quando caí, percebi meu erro: era uma estátua. Um anjo sobre um pedestal, um guardião dos mortos. Eu teria deixado escapar uma risada nervosa, mas minha cabeça bateu em alguma coisa muito dura, e tive a impressão de que o mundo girava. A escuridão envolveu minha visão.

Não devo ter passado muito tempo desacordada. Quando o breu da inconsciência se dissipou, eu ainda arfava por conta do esforço da corrida. Sabia que precisava me levantar, mas não conseguia me lembrar por quê. Então fiquei ali deitada, sentindo a umidade fria do orvalho se misturar ao suor morno em minha pele. Depois de algum tempo, pisquei, e então a lápide mais próxima tomou forma diante dos meus olhos. As letras do epitáfio surgiram em linhas retas.

HARRISON GREY
MARIDO E PAI DEDICADO
MORTO EM 16 DE MARÇO DE 2008

Mordi o lábio para conter o grito. Agora entendia a sombra familiar espreitando sobre meu ombro desde que eu despertara, minutos antes. Eu estava no cemitério de Coldwater. Ao lado do túmulo de meu pai.

Um pesadelo, pensei. Eu ainda não acordei. Isso tudo é só um sonho horrível.

O anjo me observava, as asas lascadas abertas em suas costas, o braço direito apontando para o outro lado do cemitério. Seu rosto parecia cuidadosamente inexpressivo, mas a curva dos lábios era mais cruel que benevolente. Por um momento, quase consegui me convencer de que ele era real e de que eu não estava sozinha.

Sorri para ele, depois senti meu lábio tremer. Passei a manga da blusa pelo rosto para enxugar as lágrimas, embora nem me lembrasse de haver começado a chorar. Queria desesperadamente me aninhar em seus braços, sentir o ar deslocado pelo bater das asas enquanto ele levantava voo, levando-me para além dos portões e para longe daquele lugar.

Ouvir novamente o barulho dos passos me arrancou do estupor. Agora soavam mais rápidos e pesados, esmagando a grama.

Virei-me na direção do som, surpresa com a luz que piscava na escuridão enevoada. O facho de luz subia e descia, acompanhando o ritmo dos passos — *crunch... vuish... crunch... vuish...*

Uma lanterna.

Apertei os olhos quando a luz parou em meu rosto, cegando-me por um instante. Nesse momento, fui invadida pela terrível constatação de que não estava sonhando.

— Ei — disse a voz irritada de um homem escondido atrás da claridade da lanterna. — Não pode ficar aqui. O cemitério está fechado.

Desviei o rosto, mas pontos luminosos ainda dançavam diante dos meus olhos.

— Quantos estão por aí? — ele exigiu saber.

— O quê? — Minha voz era um sussurro seco.

— Quantos estão aqui com você? — ele insistiu mais agressivo. — Pensaram que podiam vir para cá e ter uma noite divertida, não é? Esconde-esconde, certo? Ou estão brincando de fantasmas entre os túmulos? Não no meu plantão, de jeito nenhum!

O que eu estava fazendo ali? Tinha ido visitar meu pai? Revirei a memória, mas ela parecia inquietantemente vazia. Não conseguia me lembrar de ter ido ao cemitério. Não conseguia me lembrar de quase nada. Era como se a noite inteira tivesse sido arrancada de baixo dos meus pés.

Pior. Eu não conseguia me lembrar nem da manhã.

Não me lembrava de ter me vestido, comido, ido à escola. Não sabia nem se era dia útil ou fim de semana.

Contive momentaneamente o pânico, concentrei-me em recuperar a compostura e aceitei a mão estendida do desconhecido. Assim que me sentei, a luz da lanterna me iluminou novamente.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele.

Finalmente alguma coisa que eu sabia responder.

— Dezesseis.

Quase dezessete. Meu aniversário estava chegando, em agosto.

— O que está fazendo aqui sozinha? Não sabe que já passou da hora de ir para casa?

Olhei em volta sem saber o que fazer.

— Eu...

— Não está fugindo, está? Por favor, diga que tem um lugar para onde ir.

— Sim.

A casa de fazenda. A lembrança repentina do lugar onde eu morava animou meu coração, mas em seguida senti meu estômago embrulhar. Eu estava na rua depois da hora? *Quanto* tempo depois? Tentei sem sucesso não pensar na expressão furiosa de minha mãe quando eu chegasse em casa.

— “Sim” quer dizer que você tem um endereço?

— Hawthorne Lane.

Tentei me levantar, mas cambaleei quando o sangue circulou com mais liberdade, chegando à minha cabeça. Por que não conseguia me lembrar de como tinha ido parar ali? Certamente eu estava de carro. Mas onde estacionara o Fiat? E onde estava minha bolsa? As chaves?

— Andou bebendo? — perguntou o homem, desconfiado.

Neguei com a cabeça.

O facho de luz fora desviado alguns centímetros do meu rosto, mas, de repente, voltou a iluminar em cheio a área entre meus olhos.

— Espere um segundo — disse ele, e havia em sua voz um tom que não me agradava nem um pouco. — Você não é aquela garota,

é? Nora Grey — anunciou, como se meu nome fosse uma resposta fabulosa e impressionante.

Recuei um passo.

— Como... sabe meu nome?

— A televisão. A recompensa. Hank Millar anunciou a oferta.

Nem ouvi o que ele disse em seguida. Marcie Millar era o que eu tinha de mais próximo de uma arqui-inimiga. O que o pai dela tinha a ver com isso?

— Estão procurando você desde o final de junho.

— Junho? — repeti, e o pânico ameaçou voltar com força total. — Do que você está falando? Estamos em abril.

E quem está me procurando? Hank Millar? Por quê?

— Abril? — Ele me olhou de um jeito estranho. — Garota, estamos em setembro.

Setembro? Não. Não podia ser. Eu saberia se o ano escolar houvesse terminado. Saberia se as férias de verão tivessem chegado e acabado. Eu havia acordado alguns minutos antes, totalmente desorientada, sim, mas não tinha ficado idiota de repente.

Mas que motivo ele teria para mentir?

O homem baixou a lanterna, e pude vê-lo com clareza pela primeira vez. Seu jeans estava manchado, a barba não era feita há dias, as unhas eram compridas e tinham as pontas sujas. Ele era muito parecido com os vagabundos que perambulavam pelos trilhos da ferrovia e dormiam nas margens do rio durante os meses de verão. Todo mundo sabia que esses caras andavam armados.

— Tem razão, eu devia ir para casa — falei, recuando e passando a mão por cima do bolso. Não senti o reconfortante volume do telefone celular. E também não encontrei as chaves do carro.

— Ei, aonde pensa que vai? — perguntou ele, seguindo-me.

Meu estômago reagiu ao movimento repentino, e comecei a correr. Corri na direção que o anjo de pedra apontava, esperando chegar ao portão sul. Teria sido melhor usar o portão norte, aquele

que eu conhecia, mas para isso eu teria que avançar na direção do homem com a lanterna, em vez de fugir dele. O chão se abriu sob meus pés, e eu caí encosta abaixo. Galhos arranharam meus braços; meus pés bateram contra o solo irregular e rochoso.

— Nora! — gritou o homem.

Eu me senti uma idiota por ter revelado que morava em Hawthorne Lane. E se ele me seguisse?

Seus passos eram mais longos que os meus, e eu podia ouvi-los atrás de mim, cada vez mais perto. Eu balançava os braços freneticamente, afastando os galhos que se enganchavam como garras em minhas roupas. Ele segurou meu ombro, e eu me virei, empurrando sua mão com violência.

— Não toque em mim!

— Espere aí. Eu disse que há uma recompensa, e pretendo recebê-la.

Ele tentou agarrar meu braço pela segunda vez e, inundada por uma descarga de adrenalina, chutei sua canela.

— Aaaaai! — gritou o homem, abaixando-se para segurar a perna.

Eu estava perplexa com minha violência, mas não tinha alternativa. Recuei alguns passos, cambaleando. Olhei rapidamente em volta, tentando me localizar e estudar as possibilidades. O suor que encharcava minha blusa escorria pelas costas, provocando um arrepio por todo o meu corpo. Alguma coisa ali estava errada. Mesmo com minha memória confusa, eu tinha um mapa preciso do cemitério em minha cabeça estivera ali incontáveis vezes para visitar o túmulo de meu pai —, mas, apesar de o cemitério *parecer* familiar, inclusive por causa de detalhes como o cheiro envolvente de folhas queimando e da água parada do lago, *alguma coisa* no lugar me intrigava.

E então eu vi o que era.

As folhas das árvores estavam vermelhas. Era um sinal evidente da aproximação do outono. Mas isso não era possível. Estávamos em abril, não em setembro. Como as folhas podiam estar mudando? Seria verdade o que o homem dizia?

Olhei para trás e o vi mancando atrás de mim, segurando o celular contra a orelha.

— Sim, é ela. Tenho certeza. Saindo do cemitério pelo portão sul.

Continuei correndo, impelida por um medo renovado.

Pule a cerca. Procure uma área populosa e iluminada. Chame a polícia. Ligue para Vee...

Vee. Minha melhor amiga, a mais confiável. A casa dela ficava mais perto dali do que a minha. Decidi ir para lá. A mãe dela chamaria a polícia. Eu descreveria para os policiais o homem que me perseguia, e eles o encontrariam. E o obrigariam a ficar longe de mim. Depois, eles me ajudariam a me lembrar de todos os eventos daquela noite, refazer meus passos, e, de alguma forma, as lacunas em minha memória seriam preenchidas, e eu teria alguma coisa em que me apoiar. Mandaria embora aquela versão confusa e apática de mim mesma, aquela sensação de estar suspensa em um mundo que era meu, mas me rejeitava.

Parei de correr apenas para pular a cerca do cemitério. Havia um campo a um quarteirão dali, bem ao lado da ponte Wentworth. Atravessaria aquela área e subiria as três ruas — Elm, Maple e Oak —, cortando caminho por travessas e quintais, até chegar à casa de Vee.

Eu corria para a ponte quando o som agudo de uma sirene explodiu na esquina mais próxima e dois faróis me obrigaram a parar. Uma luz azul girava sobre o teto de um sedã, que freou ruidosamente do outro lado da ponte.

Meu primeiro impulso foi correr até lá e apontar para o policial a direção do cemitério, descrevendo o homem que havia tentado me pegar, mas enquanto pensava nisso fui invadida pelo pavor.

Talvez não fosse um policial. Talvez só estivesse fingindo ser um. Qualquer pessoa podia ter uma luz daquelas. Onde estava a identificação da viatura? De onde eu estava, apertando os olhos para tentar enxergar através do para-brisa, o motorista não parecia usar uniforme.

Todos esses pensamentos passaram muito rápido por minha cabeça.

Fui diminuindo a velocidade até parar na entrada da ponte, agarrando a mureta de pedra como apoio. Tinha certeza de que o suposto policial me vira, mas, mesmo assim, segui em frente, buscando a sombra das árvores que se curvavam sobre as margens do rio. Pelo canto do olho, notei que a água escura do rio Wentworth brilhava. Quando éramos crianças, Vee e eu passávamos horas abaixadas sob aquela mesma ponte, pescando lagostins perto da margem. Para isso, espetávamos pedaços de salsicha em varetas e as mergulhávamos na água. Os lagostins enfiavam as garras na salsicha e se recusavam a soltá-las, mesmo quando os retirávamos da água e os sacudíamos para colocá-los dentro de um balde.

O rio era profundo no meio. E também era escondido, seguindo sinuoso por áreas não urbanizadas, onde ninguém quis investir dinheiro em iluminação. No final desse campo, a água corria na direção do distrito industrial, passava por fábricas desativadas e seguia para o mar.

Por um momento pensei se havia em mim a coragem necessária para pular da ponte. Tinha pavor de altura e da sensação de queda, mas sabia nadar. Só precisava chegar à água...

Ouvi o barulho da porta de um carro, e o som me fez voltar ao presente. O homem havia descido da suposta viatura. Ele era elegante: tinha cabelos escuros encaracolados, e estava vestido formalmente, com camisa, calça e gravata preta.

Alguma coisa nele avivou minha memória. Porém, antes que eu pudesse trazer à tona a informação que surgia, minha mente se fechou de novo, e continuei perdida, confusa.

Galhos e gravetos cobriam o chão. Eu me abaixei e, quando ergui o corpo, estava segurando um galho com a metade da largura do meu braço.

O suposto oficial fingiu não ver minha arma, mas eu sabia que ele a havia notado. Depois de prender um distintivo da polícia à camisa, o homem levantou os braços à altura dos ombros. *Não vou machucar você*, o gesto dizia.

Eu não acreditava nele.

O sujeito avançou alguns passos lentamente, tomando cuidado para não fazer movimentos bruscos.

— Nora. Sou eu. — Tive um sobressalto quando ele disse meu nome. Nunca ouvira aquela voz antes, e isso fez meu coração bater tão forte que eu podia ouvi-lo claramente. — Está machucada?

Continuei olhando para ele com uma ansiedade cada vez maior, enquanto minha mente considerava diversas possibilidades. O distintivo podia ser falso. Eu já havia concluído que a luz em cima do carro era. Mas, se não era um policial, quem era ele?

— Liguei para sua mãe — continuou o homem, subindo devagar pela rampa da ponte. — Ela vai nos encontrar no hospital.

Não soltei o galho. Meus ombros subiam e desciam cada vez que eu respirava; sentia o ar passando por entre meus dentes. Mais uma gota de suor deslizou por minhas costas.

— Vai ficar tudo bem — disse ele. — Acabou. Não vou deixar ninguém machucar você. Agora está segura.

Eu não gostava dos passos longos, confiantes, nem do tom familiar que ele usava para falar comigo.

— Não se aproxime — avisei, o suor nas mãos me impedindo de segurar o galho apropriadamente.

Ele franziu o cenho:

— Nora?

A arma improvisada escorregou da minha mão.

— Como sabe meu nome? — perguntei, tentando não demonstrar quanto estava assustada. Quanto *ele* me amedrontava.

— Sou eu — repetiu, olhando diretamente nos meus olhos, como se esperasse ver uma luz se acender. — Detetive Basso.

— Não conheço você.

Ele ficou em silêncio por um momento. Depois tentou uma nova abordagem.

— Consegue se lembrar de onde esteve?

Olhei para ele com desconfiança. Mergulhei mais fundo na memória, percorrendo os labirintos mais antigos e escuros, mas seu rosto não estava lá. Eu não me lembrava daquele homem. E *queria*

me lembrar. Queria alguma coisa — qualquer coisa — familiar a que pudesse me agarrar, um ponto de partida para tentar entender um mundo que, na minha opinião, fora deformado a ponto de se tornar irreconhecível.

— Como chegou ao cemitério? — perguntou ele, inclinando levemente a cabeça naquela direção. Seus movimentos eram cautelosos. Seus olhos também. Até a linha da boca era diplomática. — Alguém a levou? Você foi andando? — Ele esperou. — Preciso saber, Nora. Isso é importante. O que aconteceu?

Eu adoraria saber.

Uma onda de náusea se moveu dentro de mim.

— Quero ir para casa.

Ouvi um barulho perto dos meus pés. Tarde demais, percebi que havia deixado o galho cair. Sentia o vento em minhas mãos vazias. Eu não devia estar ali. Toda a noite era um grande engano.

Não. Não toda a noite. O que eu sabia dela? Não conseguia me lembrar de tudo. Minha única recordação era ter acordado em cima de um túmulo, desorientada e com frio.

Vi mentalmente a casa de fazenda, segura, quente e *real*, e senti uma lágrima correndo pelo contorno do meu nariz.

— Posso levar você para casa. — Ele assentiu, solidário. — Só preciso que vá ao hospital primeiro.

Fechei os olhos com força, odiando me sentir reduzida às lágrimas. Não conseguia pensar em maneira melhor ou mais rápida de mostrar ao homem quanto eu estava apavorada.

Ele suspirou — um som muito suave, como se quisesse encontrar um jeito de não ter de dar as notícias que trazia.

— Você ficou desaparecida por onze semanas, Nora. Está ouvindo? Ninguém sabe onde você passou os últimos três meses. Precisa de cuidados. Precisamos ter certeza de que você está bem.

Olhei para ele sem realmente vê-lo. Sinos badalavam dentro dos meus ouvidos, mas soavam muito distantes. Uma nova onda de náusea brotou do fundo do meu estômago, mas tentei me controlar. Já estava chorando na frente daquele homem, não precisava vomitar também.

— Pensamos que você havia sido sequestrada — ele contou com o rosto inexpressivo. Havia percorrido o restante da distância que nos separava, e agora estava perto demais. Dizendo coisas que eu não conseguia entender. — Raptada.

Eu pisquei. Apenas continuei ali parada e pisquei.

Uma estranha sensação envolveu meu coração, uma inquietação intensa. Meu corpo ficou leve, como se eu flutuasse no ar. Vi o brilho dourado da iluminação da rua sobre mim, ouvi o rio correndo sob a ponte, senti o cheiro de fumaça que se desprendia do carro dele, ainda com o motor ligado. Mas tudo isso compunha um ruído de fundo. Um cenário nebuloso.

E, depois desse único e breve aviso, eu me senti balançar, balançar... E cair no nada.

Perdi a consciência antes de chegar ao chão.

CAPÍTULO
2

ACORDEI em um hospital.

O teto era branco; as paredes, pintadas de azul-claro. O quarto tinha cheiro de lírios, amaciante de roupas e amônia. Uma mesinha com rodas empurrada para perto da minha cama sustentava dois arranjos de flores, um buquê de balões com a mensagem "FIQUE BOA LOGO!" e uma embalagem de presente feita com papel laminado roxo. Os nomes nos cartões dançavam, oscilando entre a nitidez e a total falta de foco. DOROTHEA E LIONEL. VEE.

Houve um movimento em um canto do quarto.

— Oh, meu bem — sussurrou uma voz familiar, e a pessoa por trás dela se levantou da cadeira e correu para mim. — Oh, meu amor. — Ela se sentou na beirada da cama e me envolveu num abraço sufocante. — Eu amo você — disse, e as palavras foram abafadas pelo meu cabelo. — Eu amo muito você.

— Mãe.

Dizer essa única palavra foi suficiente para afastar de vez os pesadelos dos quais eu acabava de despertar. Uma onda de calma me invadiu, afrouxando o nó de medo em meu peito.

Eu sabia que ela estava chorando, porque sentia seu corpo contra o meu, tremores contidos no início, e depois movimentos mais amplos, incontroláveis.

— Você se lembra de mim — disse ela com a voz embargada pela emoção. — Tive tanto medo! Pensei... Oh, meu bem! Pensei o pior!

E assim os pesadelos voltaram à minha consciência.

— É verdade? — perguntei, sentindo a acidez queimar meu estômago. — O que o detetive falou? Estive mesmo... Por onze semanas... — Eu não conseguia dizer aquela palavra. *Sequestrada*. Era tão impessoal, tão estranha.

Minha mãe emitiu um murmúrio de preocupação.

— O que aconteceu comigo? — insisti.

Ela passou os dedos sob os olhos para enxugar as lágrimas. Eu a conhecia o suficiente para saber que ela estava se esforçando para demonstrar autocontrole e me deixar tranquila. Preparei-me imediatamente para ouvir más notícias.

— A polícia está fazendo o possível para conseguir respostas. — Minha mãe sorriu, mas era um sorriso fraco, inseguro. Como se precisasse de alguma coisa em que se apoiar, ela segurou minha mão e a afagou. — O mais importante é que você voltou. Está em casa. Tudo que aconteceu... acabou. Vamos superar isso tudo.

— Como eu fui sequestrada?

A pergunta era dirigida mais a mim mesma. Como isso havia acontecido? Quem iria querer me sequestrar? Eles haviam aparecido em um carro quando eu saía do colégio? Haviam me enfiado no porta-malas enquanto eu atravessava o estacionamento? Fora tão fácil assim? Por favor, não. Por que eu não havia *corrido*? Por que não havia *lutado*? Por que demorara tanto para fugir? Afinal, estava claro que era isso que tinha acontecido. *Não era?* A ausência de respostas me atormentava.

— Do que você se lembra? — perguntou mamãe. — O detetive Basso disse que até os menores detalhes podem ser úteis. Pense. Tente se lembrar. Como chegou ao cemitério? Onde estava antes?

— Não me lembro de nada. É como se minha memória...

Parei de falar. Era como se parte de minha memória houvesse sido roubada. Arrancada, destruída, e no lugar houvesse restado apenas um pânico oco. Experimentei um forte sentimento de violação, como se alguém de repente tivesse me empurrado de uma plataforma muito alta. Estava caindo, e temia mais a sensação da queda do que chegar ao chão. Não havia fim; somente o sentimento constante de estar à mercê da gravidade.

— Qual é a última coisa de que se lembra? — mamãe insistiu.

— Da escola. — A resposta foi automática. Lentamente, minhas lembranças começaram a se movimentar, fragmentos voltando aos seus lugares, peças se encaixando e formando um panorama mais

sólido. — Eu tinha uma prova de biologia. Mas acho que a perdi — completei. A realidade daquelas onze semanas ia se afundando em mim.

Vi uma imagem clara de mim mesma sentada na aula de biologia do técnico McConaughy. O cheiro familiar do pó de giz e produtos de limpeza, o ar parado e o suor eternamente presentes também surgiram em minhas lembranças. Vee sentada ao meu lado, minha parceira de laboratório. Mantínhamos os livros abertos sobre a mesa de granito preto na nossa frente, mas Vee escondera uma cópia da revista *US Weekly* entre as páginas do livro dela.

— Você quer dizer química — corrigiu mamãe. — Curso de verão.

Olhei para ela sem esconder a insegurança.

— Nunca frequentei o curso de verão.

Mamãe cobriu a boca com a mão. De repente ela estava pálida. O único som no quarto era o tique-taque metódico do relógio sobre a janela. Ouvi cada repetição ecoar dentro de mim dez vezes antes de recuperar a voz.

— Que dia é hoje? De que mês?

Estava pensando novamente no cemitério. Nas folhas em decomposição. No ar frio. No homem com a lanterna insistindo em que era setembro. A única palavra que se repetia muitas e muitas vezes dentro da minha cabeça era *não*. *Não*, isso não era possível. *Não*, isso não estava acontecendo. *Não*, meses da minha vida não podiam ter passado sem que eu percebesse. Continuei tentando abrir caminho por minha memória, agarrando-me a qualquer coisa que pudesse me ajudar a construir a ponte entre o momento presente e aquela aula de biologia. Mas não havia nada. Todas as lembranças do verão estavam completamente perdidas.

— Tudo bem, meu amor — murmurou mamãe. — Vamos conseguir recuperar sua memória. O dr. Howlett disse que muitos pacientes têm uma melhora notável com o passar do tempo.

Tentei me sentar, mas meus braços estavam presos a um emaranhado de tubos e fios de aparelhos de monitoramento.

— Quero saber em que mês estamos! — repeti, histérica.

— Setembro. — Seu rosto tenso era uma máscara indecifrável. — Dia seis de setembro.

Caí sobre os travesseiros e pisquei confusa.

— Pensei que fosse abril. Não consigo me lembrar de nada depois de abril. — Ergui muralhas para conter a explosão do medo que crescia dentro de mim. Não seria capaz de lidar com uma enxurrada de emoções naquele momento. — O verão já... já *acabou*? Tão rápido?

— Tão rápido? — ela repetiu com a voz fraca. — O verão se *arrastou*. Cada dia sem você... Onze semanas sem nenhuma notícia... O pânico, a preocupação, o medo, o desespero que não acabava nunca...

Fiz um cálculo mental rápido.

— Se é setembro, e estive desaparecida durante onze semanas, então eu sumi no dia...

— Vinte e um de junho — disse ela em voz baixa. — Na noite do solstício de verão.

A muralha mental que eu havia construído ruía mais depressa do que eu conseguia contê-la.

— Mas eu não me lembro de junho. Não me lembro nem de maio.

Nós nos entreolhamos, e eu soube que compartilhávamos o mesmo horrível pensamento. Seria possível que minha amnésia se estendesse para além das onze semanas em que eu estivera desaparecida, chegando a *abril*? Como alguma coisa assim podia acontecer?

— O que o médico disse? — eu quis saber, umedecendo os lábios, que pareciam secos como papel. — Sofri alguma lesão na cabeça? Fui drogada? Por que não consigo me lembrar de nada?

— O dr. Howlett disse que é amnésia retrógrada. — Mamãe fez uma pausa. — Significa que algumas de suas lembranças preexistentes se perderam. Só não sabíamos ao certo até onde ia essa perda de memória. Abril — sussurrou ela para si mesma, e vi toda esperança desaparecer de seus olhos.

— Minhas memórias se perderam? Como assim, se perderam?

— Ele acha que é um bloqueio psicológico.

Enterrei as mãos nos cabelos, ficando com um resíduo oleoso nos dedos. De repente me dei conta de que não havia nem pensado sobre onde eu podia ter passado todas aquelas semanas. Podia ter ficado acorrentada em um porão úmido. Ou amarrada na floresta. Era evidente que fazia dias que eu não tomava banho. Olhei para meus braços e vi manchas de sujeira, pequenos cortes e vários hematomas. O que eu havia enfrentado?

— Psicológico?

Obriguei-me a ignorar as especulações, que só aumentariam ainda mais minha histeria. Eu precisava me fortalecer. Precisava de respostas. Não podia desmoronar. Se pudesse obrigar minha mente a manter o foco, apesar dos pontos que explodiam no meu campo de visão...

— Ele acha que você está bloqueando o que aconteceu para evitar lembranças traumáticas.

— *Não* estou bloqueando nada. — Fechei os olhos, incapaz de conter as lágrimas que escorriam pelos cantos. Inspirei profundamente e fechei as mãos com força para controlar o horrível tremor que as sacudia. — Eu saberia se estivesse tentando esquecer cinco meses da minha vida — disse devagar, para forçar a voz a soar um pouco mais calma. — Quero saber o que aconteceu comigo.

Se meu tom pareceu desafiá-la, ela ignorou.

— Tente se lembrar — minha mãe me incentivou com doçura. — Foi um homem? Esteve com um homem esse tempo todo?

Estive? Até esse momento, eu não havia atribuído um rosto a meu sequestrador. A única imagem em minha cabeça era a de um monstro escondido fora do alcance da luz. Uma terrível nuvem de incerteza pairava sobre mim.

— Você sabe que não precisa proteger ninguém, certo? — Ela continuou com aquele mesmo tom suave. — Se sabe quem estava com você, pode me contar. O que quer que eles tenham dito, agora você está segura. Eles não podem prejudicá-la. Fizeram essa barbaridade com você, e a culpa é deles. É *deles* — repetiu.

Um soluço de frustração brotou de minha garganta. A expressão “lousa em branco” era pavorosamente precisa. Eu estava quase verbalizando minha impotência quando uma sombra se moveu perto da porta. O detetive Basso estava parado na entrada do quarto. Ele mantinha os braços cruzados sobre o peito, os olhos atentos.

Meu reflexo foi tensionar o corpo. Mamãe deve ter sentido minha reação, pois olhou para a porta, seguindo a direção do meu olhar.

— Achei que Nora poderia se lembrar de alguma coisa, já que estávamos sozinhas aqui — disse ela, como se pedisse desculpas ao detetive Basso. — Sei que avisou que queria interrogá-la, mas só pensei...

Ele assentiu para indicar que estava tudo bem. Depois se aproximou e olhou para mim.

— Você disse que não tem uma imagem clara, mas até os detalhes mais imprecisos podem ajudar.

— Como cor de cabelo — interferiu mamãe. — Podia ser... preto, por exemplo?

Queria dizer a ela que não havia *nada,* nem mesmo uma ideia distante de cor, mas não me atrevia, não com o detetive Basso no quarto. Não confiava nele. Meu instinto me prevenia sobre alguma coisa naquele homem que... não se encaixava. Quando ele parou ao lado da cama, senti um arrepio, e tive uma breve mas clara sensação de que um cubo de gelo descia por minha nuca.

— Quero ir para casa. — Foi tudo o que falei.

Minha mãe e o detetive Basso se entreolharam.

— O dr. Howlett precisa fazer alguns exames — mamãe me avisou.

— Que tipo de exames?

— Ah, coisas relacionadas a sua amnésia. Não vai demorar. Depois iremos para casa. — Ela moveu a mão num gesto indiferente, o que só me deixou mais desconfiada.

Olhei para o detetive Basso, já que ele parecia ter todas as respostas.

— O que estão escondendo de mim?

A expressão dele era firme como aço. Suponho que anos trabalhando como policial tenham aperfeiçoado aquele olhar.

— Precisamos fazer alguns exames. Temos que nos certificar de que está tudo bem.

Bem?

Que parte disso tudo parecia estar *bem,* segundo a opinião dele?

CAPÍTULO 3

MINHA mãe e eu moramos em uma antiga casa de fazenda aninhada entre os limites da cidade de Coldwater e a região rural mais isolada do Maine. Olhar por uma das janelas é como voltar no tempo. De um lado, a vasta natureza em seu estado selvagem, sem nenhuma adulteração, do outro, campos dourados delimitados por árvores sempre verdes. Nossa casa fica no fim de Hawthorne Lane e a um quilômetro e meio de distância do vizinho mais próximo. À noite, com os vaga-lumes iluminando as árvores e o perfume de pinho pairando no ar, não é difícil fazer minha mente acreditar que me transportei para um tempo completamente diferente. Se aperto um pouco os olhos, consigo até mesmo imaginar um celeiro vermelho e carneiros pastando.

Nossa casa é branca com janelas de venezianas azuis, e totalmente cercada por uma varanda cujo grau de inclinação é visível a olho nu. As janelas são altas e estreitas, e protestam com um gemido alto quando são abertas. Meu pai costumava dizer que não havia necessidade de instalar um alarme na janela do meu quarto, uma piada nossa, já que ele e eu sabíamos que eu nunca seria o tipo de filha que sai às escondidas.

Meus pais se mudaram para lá pouco antes de eu nascer, movidos pela filosofia de que não se pode discutir com amor à primeira vista. O sonho deles não era segredo: reformar lentamente a casa e devolver a ela seu charme encantador de 1771, e um dia pregar uma placa na frente anunciando que ali funcionava uma pousada que servia a melhor sopa de lagosta da costa do Maine. O sonho se desfez na noite em que meu pai foi assassinado no centro de Portland.

Tive alta do hospital pela manhã, e agora estava sozinha no meu quarto. Abraçando um travesseiro, deitei-me de costas na cama,

olhando com nostalgia para a colagem de fotos presa a um mural de cortiça na parede. Havia retratos de meus pais no alto de Raspberry Hill, Vee desfilando uma ridícula fantasia de Mulher-Gato que ela mesma havia costurado para o Halloween alguns anos atrás, minha foto do livro do ano na escola. Olhando para aqueles rostos sorridentes, tentei me enganar e acreditar que estava segura, agora que voltara ao meu mundo. A verdade era que nunca me sentiria segura e nunca teria meu mundo de volta enquanto não conseguisse me lembrar do que acontecera nos últimos cinco meses, em particular nos últimos dois meses e meio. Cinco meses pareciam insignificantes, se comparados a dezessete anos (não comemorei meu décimo sétimo aniversário no meio daquelas onze semanas perdidas), mas tudo que eu conseguia ver era um espaço em branco. Um grande buraco no meu caminho, um abismo que me impedia de enxergar além dele. Eu não tinha passado nem futuro. Apenas um grande vácuo que me atormentava.

Os exames solicitados pelo dr. Howlett não haviam acusado nada de errado comigo. Até onde a medicina podia atestar, exceto por alguns cortes já em franca cicatrização e hematomas que logo desapareceriam, minha saúde física era tão perfeita quanto no dia em que eu havia desaparecido.

Mas os aspectos profundos, as coisas invisíveis, aquelas partes de mim que ficavam escondidas sob a superfície, fora do alcance de qualquer exame, bem, quanto a isso eu sentia que minha resistência estava fraquejando. Quem eu era agora? O que eu havia enfrentado nesses meses de desaparecimento? O trauma me havia alterado de maneiras que eu nunca entenderia? Ou pior, das quais nunca me recuperaria?

Mamãe havia imposto uma política severa de proibição de visitas enquanto eu estivera no hospital, e o dr. Howlett apoiara essa decisão. Eu entendia a preocupação deles, mas, agora que estava em casa e retomava lentamente a familiaridade com meu mundo, não permitiria que ela me isolasse com a bem-intencionada mas equivocada intenção de me proteger. Talvez eu tivesse mudado,

mas ainda era *eu*. E a única coisa que queria agora era conversar sobre tudo isso com Vee.

No andar de baixo, encontrei o BlackBerry de minha mãe em cima de um móvel e o levei para meu quarto. Quando acordei no cemitério, não estava mais com meu celular, e até conseguir um substituto, o dela teria de servir.

É NORA. VC PODE FALAR? Escrevi para Vee. Era tarde, e a mãe dela insistia em apagar as luzes às dez em ponto. Se eu telefonasse, e a mãe de Vee ouvisse o celular tocar, minha amiga teria problemas. Eu conhecia a sra. Sky, sabia que ela não seria flexível ou compreensiva, nem mesmo com a natureza especial das circunstâncias.

Um momento depois, o BlackBerry vibrou.

BABY?!?!?! TÔ ENLOUQUECIDA, COMPLETAMENTE MALUCA. ONDE VC TÁ?

LIGUE PRA ESTE NÚMERO.

Deixei o celular no colo e fiquei roendo a unha. Não conseguia acreditar no meu nervosismo. Era *Vee*. Mas, fosse ela minha melhor amiga ou não, fazia meses que não conversávamos. Em minha mente não parecia ser tanto tempo, mas era. Pensando nas coisas que o povo diz por aí, “É na ausência que se conhece a falta” e “O que não é visto não é lembrado”, eu esperava que a primeira afirmação fosse mais verdadeira.

Apesar de estar esperando o telefonema de Vee, pulei quando o BlackBerry tocou.

— Alô? Alô? — Vee chamou do outro lado.

Ouvir a voz dela fez minha garganta fechar com um nó de emoção.

— Sou eu! — respondi sufocada.

— Já era hora — ela sussurrou, e sua voz também parecia embargada. — Ontem passei o dia todo no hospital, mas não me deixaram ver você. Consegui passar pela segurança, mas ligaram para a polícia e me expulsaram de lá. Fui escoltada até a rua algemada, e com escoltada quero dizer que houve chutes e palavrões de ambos os lados. Na minha opinião, a única criminosa nessa história toda é sua mãe. Proibir *visitas*? Sou sua melhor

amiga, ou ela não recebeu o memorando anual nos últimos onze anos? Na próxima vez que for aí, vou *partir para cima* daquela mulher.

Na escuridão, meus lábios, que tremiam, se abriram num sorriso. Apertei o telefone contra o peito, dividida entre rir e chorar. Eu devia saber que Vee nunca me abandonaria. A lembrança de tudo que estava terrivelmente errado desde que acordei no cemitério três noites antes foi rapidamente encoberta pelo simples fato de eu ter a melhor amiga do mundo. Talvez todo o resto tivesse mudado, mas meu relacionamento com Vee era sólido como rocha. Éramos inseparáveis. Nada podia mudar esse fato.

— Vee — cochichei, soltando um suspiro de alívio.

Queria mergulhar na *normalidade* daquele momento. Era tarde, devíamos estar dormindo, e lá estávamos nós conversando com as luzes apagadas. No ano passado a mãe de Vee jogara fora o celular dela depois de surpreendê-la falando comigo após o toque de recolher. Na manhã seguinte, diante de toda a vizinhança, Vee se enfiou na lixeira para recuperá-lo. Ela usa o mesmo aparelho até hoje. Nós o chamamos de Gugu, por causa daquele personagem da Vila Sésamo que mora em uma lata de lixo.

— Conseguiu todos os medicamentos? — perguntou Vee. — O pai de Anthony Amowitz é farmacêutico e eu posso arranjar o que há de melhor para você.

Levantei as sobrancelhas numa reação de surpresa.

— O que é isso? Você e Anthony?

— Caramba, não! Não é nada disso. Jurei ficar longe de garotos. Quando precisar de romance, posso correr para a TV a cabo.

Só acredito vendo, pensei, contendo o riso.

— Onde está minha melhor amiga e o que você fez com ela?

— Estou fazendo desintoxicação de meninos. É como uma dieta, mas serve para a saúde emocional. Não se preocupe, vou ficar boa — continuou Vee. — Não vejo minha melhor amiga há três meses, e esse reencontro por telefone está péssimo. Baby, vou mostrar qual é o verdadeiro sentido da expressão “abraço de urso”.

— Boa sorte quando tentar passar por minha mãe — falei. — Ela é a nova porta-voz dos pais superprotetores.

— Essa *mulher*! — murmurou Vee. — Estou fazendo o sinal da cruz neste exato momento.

Podíamos deixar para discutir o fato de a minha mãe ser uma bruxa outro dia. No momento, tínhamos coisas mais importantes para falar.

— Quero um relatório dos dias que antecederam meu sequestro, Vee — falei, levando a conversa para um nível bem mais sério. — Não consigo ignorar a sensação de que não foi um rapto aleatório. Deve ter havido algum tipo de sinal de alerta, mas não consigo me lembrar de nada. O médico disse que a perda de memória é temporária, mas, enquanto não recupero as lembranças, você vai ter que me dizer aonde eu fui, o que fiz e com quem estive naquela última semana. Precisa me guiar.

Vee demorou um pouco para responder.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? Ainda é muito cedo para se estressar com tudo isso. Sua mãe me falou sobre a amnésia...

— Sério? — interrompi. — Vai apoiar minha mãe?

— Que bobagem — Vee resmungou, e cedeu ao meu apelo.

Nos vinte minutos seguintes, ela relatou todos os eventos daquela semana. Quanto mais ela falava, porém, mais eu ficava deprimida. Nenhum telefonema bizarro. Nenhum desconhecido entrando inesperadamente em minha rotina. Nenhum carro suspeito nos seguindo pela cidade.

— E quanto à noite em que desapareci? — perguntei, interrompendo Vee no meio de uma frase.

— Fomos ao parque de diversões Delphic. Lembro que me afastei para comprar cachorro-quente, e foi então que a confusão começou. Ouvi tiros, e todo mundo começou a correr pelo parque. Voltei para procurar você, mas não a achei mais. Imaginei que você havia sido sensata e saído dali. Mas não a encontrei no estacionamento. Teria voltado ao parque para continuar procurando, mas a polícia já estava lá, impedindo todo mundo de entrar e expulsando os que ainda estavam lá dentro. Tentei dizer a um

policial que você ainda podia estar no parque, mas ninguém queria me ouvir. A polícia mandou todo mundo ir para casa. Telefonei para você zilhões de vezes, mas você não atendeu.

Era como se alguém tivesse me dado um soco no estômago. Tiros? O Delphic tinha uma fama meio ruim, mas mesmo assim... Um *tiroteio*? Era bizarro demais — completamente absurdo. E, se outra pessoa além de Vee tivesse me contado essa história, eu não teria acreditado.

Ela continuou:

— Não nos vimos mais depois daquela noite. Mais tarde soube que você tinha sido feita refém.

— Refém?

— Pelo que entendi, o mesmo psicopata que abriu fogo no parque a levou para a sala de máquinas no porão da casa maluca, onde a manteve presa. Ninguém sabe por quê. Depois de algum tempo, ele a deixou lá e fugiu.

Abri a boca, voltei a fechá-la, e depois de um instante consegui soltar um engasgado:

— *O quê?*

— A polícia a encontrou, tomou seu depoimento e a levou para casa por volta das duas da manhã. E essa foi a última vez que alguém a viu. Quanto ao cara que a manteve refém... Ninguém sabe o que aconteceu com ele.

Nesse momento, só havia uma hipótese possível.

— Devo ter sido levada de minha casa — concluí, analisando o que acabara de ouvir. — Depois das duas da manhã, eu provavelmente estava dormindo. O cara que me fez refém deve ter me seguido até aqui. O que ele esperava conseguir no Delphic foi interrompido, e ele voltou para tentar dar continuidade ao plano. Deve ter invadido a casa.

— Aí é que está: não havia nenhum sinal de confronto. Todas as portas e janelas estavam trancadas.

Apertei a palma da mão contra a testa.

— A polícia tem pistas? Esse cara, seja ele quem for, não pode ser um fantasma.

— Dizem que é bem provável que ele tenha usado um nome falso. Mas, de acordo com as informações, você disse aos policiais que o nome dele era Rixon.

— Não conheço ninguém chamado Rixon.

Vee suspirou.

— Esse é o problema. Ninguém conhece. — Ela ficou em silêncio por um momento. — E tem mais uma coisa. Às vezes *acho* que reconheço o nome dele, mas, quando tento me lembrar de *como* sei disso, minha mente se esvazia. Parece que a lembrança está lá, mas não consigo ter acesso a ela. Quase como... se houvesse um buraco onde o nome dele deveria estar. É um sentimento pavoroso. Fico tentando me convencer de que só *quero* me lembrar de quem ele é, sabe? Como se, caso eu me lembrasse, bingo!, pudéssemos encontrá-lo. Como se ele fosse o bandido. E a polícia pudesse prendê-lo. Muito simples, eu sei. E agora estou falando sem parar — disse ela, e depois continuou baixinho. — Mesmo assim... eu poderia jurar...

A porta do meu quarto se abriu, e minha mãe enfiou a cabeça pela fresta.

— Vou me deitar. — Ela olhou para o BlackBerry. — Está ficando tarde, e nós duas precisamos dormir. — Ela ficou parada, esperando, e eu compreendi a mensagem.

— Vee, tenho que desligar. Ligo para você amanhã.

— Mande um beijo para a bruxa. — E ela desligou.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou mamãe, pegando o BlackBerry da minha mão de um jeito casual. — Água? Mais cobertores?

— Não, está tudo bem. Boa noite, mãe. — Forcei um sorriso rápido, mas confiante.

— Viu se a janela está trancada?

— Três vezes.

Ela atravessou o quarto e verificou novamente o trinco. Quando se certificou de que eu estava segura, olhou para mim e deu um sorrisinho.

— Não custa nada conferir mais uma vez, não é? Boa noite, meu bem — acrescentou, alisando meu cabelo e beijando minha testa.

Depois que minha mãe saiu do quarto, eu me encolhi sob as cobertas, apaguei o abajur e fiquei pensando em tudo o que Vee dissera. Um tiroteio no Delphic... mas *por quê*? O que o atirador esperava conseguir? E por que, no meio de centenas de pessoas que estavam no parque naquela noite, ele me escolhera como refém? Talvez tudo aquilo fosse apenas uma terrível falta de sorte, mas eu sentia que era mais que isso. Perguntas sem resposta se sucederam em minha mente até eu me sentir exausta. Se...

Se eu conseguisse me lembrar.

Bocejando, acomodei-me para dormir.

Quinze minutos se passaram lentamente. Depois vinte. Deitada de costas, eu olhava para o teto e tentava espiar minhas lembranças, pegá-las desprevenidas. Quando a técnica não surtiu nenhum resultado, tentei uma abordagem mais direta. Bati a cabeça contra o travesseiro, tentando forçar uma imagem a se formar. Qualquer fragmento. Um trecho de conversa. Um aroma capaz de suscitar ideias. Qualquer coisa! Mas logo ficou claro que, mesmo disposta a aceitar qualquer coisa, eu teria de me contentar com nada.

Quando tive alta do hospital naquela manhã, estava convencida de que minhas lembranças se haviam perdido para sempre. Mas, depois de vencer o estágio inicial de confusão mental e superar o choque, eu começava a pensar diferente. Sentia, claramente, que existia em minha cabeça uma ponte quebrada, e que a verdade estava do outro lado desse abismo. Se eu havia derrubado a ponte como um recurso de defesa contra o trauma do sequestro, com certeza eu a reconstruiria. Só precisava descobrir como.

A começar pela cor preta. Profunda, escura, sublime. Eu ainda não havia contado a ninguém, mas aquela cor surgia em minha mente nos momentos mais improváveis. E, quando ela aparecia, eu

sentia um arrepio agradável, como se eu pudesse senti-la deslizando um dedo carinhoso por meu rosto, levantando meu queixo para me fazer encará-la diretamente.

Eu sabia que era absurdo pensar que uma cor podia ganhar vida, mas, uma ou duas vezes, tive certeza de vislumbrar algo mais substancial por trás dela. Um par de olhos. O modo como me estudavam tocava meu coração.

Mas como alguma coisa perdida em minha memória durante todo esse tempo podia me causar prazer, em vez de dor?

Deixei o ar escapar do meu corpo lentamente. Sentia uma urgência desesperada de seguir aquela cor, mesmo sem saber para onde ela me levaria. Queria encontrar aqueles olhos negros, ficar frente a frente com eles. Queria saber a quem pertenciam. A cor me atraía, chamando-me a segui-la. Racionalmente, não fazia sentido. Mas a ideia persistia em minha mente. Eu sentia um desejo obsessivo e hipnótico de deixar a cor negra me guiar. Um poderoso magnetismo que nem a lógica podia romper.

Deixei esse desejo aumentar até ele vibrar poderosamente sob minha pele. Fui ficando quente, e tive de me livrar dos cobertores. Havia um zumbido dentro de minha cabeça, e eu me virava de um lado para outro. A intensidade do zumbido cresceu até me fazer tremer de calor. Era uma febre estranha. *O cemitério*, pensei. *Tudo havia começado no cemitério.*

A noite negra, a névoa negra. A grama negra, lápides negras. O rio negro e brilhante. E agora um par de olhos negros me observando. Não conseguia ignorar os lampejos escuros, e também não conseguia dormir para me livrar deles. Não poderia descansar até fazer alguma coisa a respeito daquilo.

Saí da cama. Passei uma blusa de tricô pela cabeça, enfiei-me em uma calça jeans e joguei um cardigã sobre os ombros. Parei na porta do quarto. O corredor estava silencioso, exceto pelo tique-taque reverberante do relógio antigo no andar de baixo. A porta do quarto de minha mãe não estava completamente fechada, mas não havia luz passando pela fresta. Se me esforçasse, poderia ouvir do corredor o som suave de sua respiração.

Desci as escadas sem fazer barulho, peguei uma lanterna e a chave de casa, e saí pela porta dos fundos, temendo que o ranger das tábuas do piso da varanda me entregasse. Além disso, havia um policial uniformizado na calçada. Ele estava ali para afastar repórteres e impedir fotos e filmagens, mas eu sentia que, se tentasse sair pela porta da frente àquela hora, ele ligaria para o detetive Basso.

Minha consciência avisou que não era seguro deixar a casa, mas eu era impelida por um estranho transe. *Noite negra, névoa negra. Grama negra, lápides negras. Rio negro brilhante. Um par de olhos negros me observando.*

Eu precisava encontrar aqueles olhos. Eles tinham as respostas.

Quarenta minutos mais tarde eu passava pelos portões em arco do cemitério de Coldwater. As folhas se desprendiam dos galhos e eram levadas pela brisa como cata-ventos escuros. Encontrei o túmulo de meu pai sem dificuldade. Tremendo com o vento úmido da noite, fui procurando por tentativa e erro a lápide plana onde tudo havia começado.

Abaixei-me e deslizei o dedo pelo mármore envelhecido. Fechei os olhos e bloqueei os sons da noite, concentrando-me em encontrar os olhos negros. Formulei minha questão para a noite, esperando ser ouvida. Como havia chegado ao ponto de dormir em um cemitério depois de passar onze semanas em um cativeiro?

Meus olhos descreveram um círculo lento em torno do túmulo. O cheiro das folhas se decompondo, sinal evidente do outono se aproximando, o perfume intenso da grama cortada, o bater de asas de muitos insetos reunidos — nada disso lançava luz sobre a resposta que eu procurava com tanto desespero. Engoli em seco, tentando não me sentir desapontada. A cor preta, que tanto me provocara, não estava me ajudando em nada. Pus as mãos nos bolsos da calça jeans e me virei para partir.

Notei com o canto dos olhos uma mancha na grama. Uma pena preta. Eu a peguei. Tinha o comprimento do meu braço, do ombro ao pulso. Franzi o cenho ao tentar imaginar de que tipo de pássaro ela podia ter se soltado. Era muito grande para ser de um corvo.

Grande demais para ser de *qualquer* ave, pelo menos as que eu conhecia. Deslizei o dedo pelo meio da pena, vendo cada filamento acetinado se encaixar no lugar.

Uma lembrança se moveu dentro de mim. *Anjo*. Era como se eu ouvisse uma voz suave sussurrar. *Você é minha.*

Nada podia ser mais ridículo, mais confuso. Eu corei. Olhei em volta só para ter certeza de que a voz não era real.

Não esqueci você.

Parada e tensa, esperei ouvir a voz novamente, mas ela desapareceu no vento. Todos os lampejos de lembrança deixados por ela mergulharam na escuridão, fora do meu alcance, antes que eu pudesse tentar apreendê-los. Estava dividida entre a vontade de jogar fora a pena e o impulso aflito de enterrá-la onde ninguém pudesse encontrar. Tive a forte impressão de que havia encontrado algo secreto, privado, alguma coisa que poderia causar grande estrago, se fosse descoberta.

Um carro entrou no estacionamento que ficava no alto da colina ao lado do cemitério, e o motorista ouvia música num volume ensurdecedor. Ouvi gritos e gargalhadas, e não teria me surpreendido se fossem de algum aluno de minha escola. Essa parte da cidade era cheia de árvores, afastada do centro, e por isso era usada como ponto de encontro para quem queria escapar da supervisão dos adultos nos fins de semana e à noite. Eu não queria encontrar nenhum conhecido, especialmente depois de meu repentino ressurgimento ter sido noticiado com grande estardalhaço por todos os jornais da região. Levando a pena embaixo do braço, caminhei apressada pela trilha de cascalho que ia até a estrada principal.

Pouco depois das duas e meia da manhã, entrei em casa, tranquei a porta e subi as escadas na ponta dos pés. Fiquei parada e indecisa no meio do meu quarto por um momento, depois escondi a pena em uma gaveta da cômoda, onde guardava minhas meias, leggings e cachecóis. Agora que pensava melhor, eu nem sabia por que a levara para casa. Não tinha o hábito de colecionar objetos

estranhos, muito menos de guardá-los nas gavetas. Mas aquela pena havia provocado um esboço de memória...

Tirei a roupa e bocejei demoradamente, já me virando para ir para a cama, e estava na metade do caminho quando parei. Havia uma folha de papel sobre o meu travesseiro. E ela não estava lá quando saí.

Virei para trás esperando ver minha mãe parada na porta, furiosa por eu ter saído sem sua autorização. Mas, considerando tudo que havia acontecido, eu realmente esperava que ela deixasse apenas um bilhete depois de encontrar minha cama vazia?

Peguei o papel e vi que minhas mãos tremiam. Era uma folha de caderno exatamente como a que eu usava na escola. A mensagem parecia ter sido rabiscada às pressas com um marcador preto.

SÓ PORQUE ESTÁ EM CASA
NÃO SIGNIFICA QUE ESTEJA SEGURA.

CAPÍTULO
4

AMASSEI o papel e o arremessei contra a parede num gesto de medo e frustração. Fui até a janela e sacudi o trinco para ter certeza de que estava fechada. Não me sentia com coragem suficiente para abri-la e olhar lá fora, mas cerquei os olhos com as mãos e, pelas frestas, espiei as sombras que se estendiam sobre o gramado como lâminas longas, estreitas. Não tinha ideia de quem podia ter deixado o bilhete, mas, de uma coisa eu estava certa: havia trancado a janela antes de sair. E mais cedo, antes de subir para me deitar, vira minha mãe percorrer a casa examinando cada porta e janela pelo menos três vezes.

Então, como o invasor havia entrado?

E o que significava aquele bilhete, afinal? Era enigmático e cruel. Uma piada de mau gosto? Nesse momento, eu apostava nisso.

Fui ao quarto de minha mãe e empurrei a porta apenas o suficiente para enxergar lá dentro.

— Mãe?

Ela se sentou rapidamente na escuridão.

— Nora? O que foi? O que aconteceu? Um pesadelo? — Uma pausa. — Conseguiu se lembrar de alguma coisa?

Acendi o abajur ao lado da cama, sentindo um medo repentino do escuro e do que não conseguia ver.

— Encontrei um bilhete no meu quarto. Diz para eu não me enganar acreditando que estou segura.

Minha mãe piscou na repentina claridade, e vi seus olhos absorvendo minhas palavras.

De súbito, ela estava completamente acordada.

— Onde encontrou o bilhete? — perguntou.

— Eu... — Tinha medo de como ela reagiria à verdade. Pensando bem, havia sido uma ideia terrível. Sair às escondidas? Depois de

ter sido raptada? Mas era difícil temer a possibilidade de um segundo sequestro quando não conseguia nem mesmo me lembrar do primeiro. E precisava ir ao cemitério, por minha sanidade. A cor preta me levara até lá. Era estúpido, inexplicável, mas, ainda assim, verdadeiro. — Estava embaixo do meu travesseiro. Não devo ter visto quando fui me deitar — menti. — Acho que me mexi dormindo e acordei com o barulho do papel.

Ela vestiu o roupão de banho e correu para o meu quarto.

— Onde está o bilhete? Quero ler. O detetive Basso precisa ser informado disso imediatamente.

Ela já digitava no telefone o número que havia decorado, e me ocorreu que os dois deviam ter mantido contato constante e trabalhado juntos durante as semanas em que estive desaparecida.

— Mais alguém tem a chave da casa? — perguntei.

Ela levantou um dedo me pedindo para esperar. *Caixa postal*, avisou, movendo os lábios em silêncio.

— É Blythe — mamãe se identificou para a secretária eletrônica do detetive Basso. — Telefone assim que ouvir este recado. Nora achou um bilhete no quarto dela. — Seus olhos encontraram os meus. — Pode ser da pessoa que a raptou. Mantive as portas trancadas a noite toda, por isso o bilhete deve ter sido posto sob o travesseiro dela antes de chegarmos em casa. — Ela desligou e olhou para mim. — O detetive vai ligar de volta — avisou. — Vou entregar o papel para o policial que está lá fora. Talvez ele queira revistar a casa. Onde está o bilhete?

Apontei para a bola de papel no chão, no canto do quarto, mas não me movi para pegá-la. Não queria ler a mensagem outra vez. Era uma piada... ou uma ameaça? *Só porque está em casa não significa que esteja segura.* O tom sugeria uma ameaça.

Mamãe desamassou o papel contra a parede, usando a mão para esticá-lo.

— A folha está em branco, Nora — ela falou.

— O quê?

Aproximei-me para examinar o papel mais de perto. Ela estava certa. As letras haviam desaparecido. Virei a folha, mas não havia

nada do outro lado.

— Estava aqui — falei, sentindo-me confusa. — Estava *bem aqui*.

— Talvez você tenha imaginado. Ou projetado um sonho. — Mamãe falou em um tom gentil, abraçando-me e massageando minhas costas.

O gesto não me confortou. Havia alguma possibilidade de eu ter inventado a mensagem? Por quê? Paranoia? Um ataque de pânico?

— Eu não imaginei — respondi. Mas minha voz não soava segura.

— Tudo bem — murmurou mamãe. — O dr. Howlett avisou que isso poderia acontecer.

— Ele disse... que poderia acontecer o quê?

— Disse que havia uma boa chance de você ouvir coisas que não são reais...

— Tipo *o quê*?

Ela me observou calmamente.

— Vozes e outros sons. Ele não falou nada sobre ver coisas que não são reais, mas tudo pode acontecer, Nora. Seu corpo está tentando se recuperar. O estresse foi grande, e nós temos que ser pacientes.

— Ele avisou que eu poderia *ter alucinações*?

— Shhh — mamãe tentou me acalmar segurando meu rosto entre as mãos. — Talvez essas coisas tenham que acontecer antes de você se recuperar. Sua mente está fazendo um grande esforço para se curar, e temos que dar tempo a esse processo. É como qualquer outro ferimento. Vamos ter que enfrentar isso juntas.

Senti o ardor das lágrimas nos olhos, mas me recusava a chorar. Por que eu? Com tantos bilhões de pessoas no mundo, *por que eu?* Quem fez isso comigo? Minha cabeça dava voltas, eu tentava apontar o dedo para alguém, mas não encontrava um rosto, uma voz. Não tinha nenhuma ideia.

— Está com medo? — perguntou mamãe.

Desviei o olhar.

— Estou com raiva.

***

Voltei para a cama e dormi surpreendentemente depressa. Vagando por aquele espaço confuso e nebuloso entre a consciência e o sono profundo, minha mente percorreu um túnel escuro que se tornava mais estreito a cada passo. Sono, abençoado sono. E, depois daquela noite, muito bem-vindo.

Havia uma porta no final do túnel. Ela se abriu sozinha. A luz do outro lado era pálida e iluminava um rosto tão familiar, que eu quase desabei. Seus cabelos pretos caíam por cima das orelhas, úmidos do banho recente. A pele bronzeada, macia e lisa, que se estendia por um corpo esguio e pelo menos 15 centímetros mais alto que o meu. Calça jeans de cintura baixa, peito e pés nus, e uma toalha de banho sobre o ombro. Nós nos encaramos, e aqueles olhos negros e conhecidos mergulharam nos meus com grande surpresa... e imediata inquietação.

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou em voz baixa.

Patch, pensei com o coração disparado. *É Patch*.

Não conseguia me lembrar de como o conhecia, mas sabia que o conhecia. A ponte em minha mente continuava quebrada, mas, ao vê-lo, senti que pequenas peças se encaixavam. Lembranças que me davam a sensação de ter borboletas no estômago. Vi uma imagem fugidia, nós dois sentados juntos na aula de biologia. Outra imagem, e estávamos muito próximos, ele me ensinando a jogar bilhar. Um arrepio percorreu meu corpo quando vi os lábios dele roçando os meus.

Estava procurando respostas, e elas me haviam levado até ali. Até Patch. Eu havia encontrado um jeito de contornar a amnésia. Não era só um sonho: era uma passagem, um corredor do inconsciente para chegar a Patch, fosse ele quem fosse. Agora entendia a inquietante sensação dentro de mim, aquela espécie de frustração constante. Em algum nível profundo que minha mente não conseguia alcançar, eu *precisava* de Patch. E por alguma razão

— destino, sorte, pura força de vontade ou motivos que talvez eu nunca compreendesse — eu o encontrara.

Apesar do choque, consegui falar:

— É você quem vai me dizer.

Ele enfiou a cabeça pela abertura da porta, olhando para o túnel.

— Está sonhando. Sabe disso, não sabe?

— Quem é você para ficar preocupado com quem me segue?

— Não pode ficar aqui.

Minhas palavras soaram tensas.

— Parece que encontrei um jeito de me comunicar com você. Sendo assim, acho que só me resta dizer que esperava uma recepção mais alegre. Você tem todas as respostas, não é?

Ele uniu as mãos em frente ao rosto. Enquanto isso, os olhos permaneciam fixos nos meus.

— Espero manter você viva.

Era impossível entender o sonho o suficiente para extrair dele uma mensagem mais profunda. A única coisa que eu conseguia pensar era: *eu o encontrei. Depois de todo esse tempo, encontrei Patch. E, em vez de corresponder ao meu entusiasmo, o único sentimento que ele demonstra é... um frio distanciamento.*

— Por que não consigo me lembrar de nada? — perguntei, engolindo o nó na garganta. — Por que não me lembro de como, quando ou... por que você partiu? — E tinha certeza de que era isso que havia acontecido. Ele havia partido. Caso contrário, estaríamos juntos agora. — Por que não tentou me encontrar? O que aconteceu comigo? O que aconteceu com *a gente*?

Patch cruzou as mãos na nuca e fechou os olhos. Ele ficou completamente quieto, exceto pelo tremor de emoção que parecia vibrar sob sua pele.

— Por que me deixou? — insisti com a voz embargada.

Ele me encarou.

— Acredita mesmo que abandonei você?

A resposta só fez aumentar o nó em minha garganta.

— O que devo pensar? Você desapareceu durante meses, e agora, quando finalmente o encontro, mal consegue olhar nos meus olhos.

— Fiz a única coisa que podia fazer. Desisti de você para salvar sua vida. — Havia uma forte tensão nos músculos de sua mandíbula. — Não foi uma decisão fácil, mas foi a correta.

— *Desistiu* de mim? Simples assim? Quanto tempo levou para tomar essa decisão? Três segundos?

Seus olhos ficaram frios, e ele recuperou o controle.

— É, foi mais ou menos esse o tempo que tive, sim.

Mais peças se encaixaram.

— Alguém o obrigou a me abandonar? É isso que está me dizendo?

Ele não falou, mas o silêncio foi uma boa resposta.

— Quem o forçou a me deixar? Quem o ameaçou e amedrontou tanto assim? O Patch que eu conheci não fugia de ninguém. — A dor que explodia dentro de mim fez minha voz soar mais alta. — Eu teria lutado por você, Patch. Teria *lutado*!

— E teria perdido. Estávamos cercados. Ele ameaçou sua vida, e teria cumprido a ameaça. Ele capturou você, e isso quer dizer que eu também fui dominado.

— Ele? Quem é *ele*?

A pergunta provocou mais um silêncio tenso.

— Pelo menos tentou me encontrar? Uma vez sequer? Ou foi tão fácil assim... — minha voz fraquejou — desistir de mim?

Patch tirou a toalha do ombro e a jogou para o lado. Seus olhos se incendiaram, o peito subia e descia com o ritmo intenso da respiração, mas eu sentia que a raiva não era dirigida a mim.

— Não pode ficar aqui — ele falou com voz rouca. — Tem que parar de me pro- curar. Precisa voltar a viver sua vida da melhor maneira possível. Não por mim — acrescentou, antecipando meu próximo comentário ofensivo. — Por você. Tenho feito o que posso para mantê-lo longe de você, e vou continuar fazendo tudo que puder, mas preciso da sua ajuda.

— Como eu preciso da sua? — devolvi. — Preciso de você *agora*, Patch. Preciso de você comigo. Estou perdida e com medo. Sabe que não consigo me lembrar de nada? É claro que sabe — respondi amargurada, compreendendo algo fundamental. — Por isso não foi me procurar. Sabe que não me lembro de você, e isso o liberta. Nunca imaginei que escolheria a solução mais fácil. Muito bem, não esqueci você, Patch. Vejo você em tudo, em todas as coisas. Vejo flashes pretos: a cor dos seus olhos, do seu cabelo. Sinto seu toque, lembro-me de como me abraçava... — Parei de falar, emocionada demais para continuar.

— É melhor que não saiba — Patch respondeu frio. — Essa é a pior explicação que já dei a você, mas, para sua própria segurança, existem coisas que você não pode saber.

Eu ri, mas era uma risada densa e angustiada.

— Então é isso?

Ele atravessou a distância entre nós e, quando eu já imaginava que me abraçaria, parou, contendo o impulso. Soltei o ar demoradamente, tentando não chorar. Patch apoiou um cotovelo no batente da porta, acima da minha orelha. Seu cheiro era devastadoramente familiar — sabonete e uma fragrância pessoal e inebriante —, um aroma que trazia de volta uma enxurrada de lembranças tão agradáveis, que o presente tornou-se ainda mais difícil de suportar. Fui dominada pelo desejo de tocá-lo. De deslizar as mãos por sua pele, sentir os braços dele me envolvendo, me apertando. Queria que ele beijasse meu pescoço, sussurrasse em meu ouvido palavras doces só para mim. E o queria perto, muito perto, sem nenhuma intenção de me soltar.

— Não acabou — falei. — Depois de tudo por que passamos, você não tem o direito de me mandar embora, e não vou deixar você fácil assim.

Eu não sabia se isso era uma ameaça, meu último ato de rebeldia, ou palavras irracionais brotando do meu coração partido.

— Quero proteger você — Patch falou em tom baixo.

Ele estava muito perto de mim. Eu sentia sua presença quente, forte e silenciosa. Não podia fugir dele, nunca. Ele estaria sempre

ali, consumindo cada pensamento, segurando meu coração em suas mãos. Era atraída por ele por forças que não conseguia controlar, muito menos evitar.

— Mas não protegeu.

Ele segurou meu queixo com uma ternura insuportável.

— Acredita mesmo nisso?

Tentei me libertar, mas não me empenhei o suficiente. Não conseguia resistir ao toque das mãos dele: antes, agora, nunca.

— Não sei o que pensar. Pode me culpar por isso?

— Minha história é longa, e não há muita coisa boa nela. Não posso apagá-la, mas estou decidido a não errar novamente. Não quando os riscos são tão grandes, não quando envolvem você. Há um plano em tudo isso, mas vai levar um tempo. — Dessa vez ele me abraçou e afastou o cabelo do meu rosto, e alguma coisa dentro de mim se desfez ao seu toque. Lágrimas quentes transbordaram de meus olhos. — Se eu perder você, perco tudo.

— De quem você tem tanto medo? — perguntei.

Com as mãos apoiadas sobre meus ombros, ele encostou a testa na minha.

— Você é minha, Anjo. E não vou deixar nada mudar esse fato. Tem razão: isso ainda não acabou. É só o começo, e nada vai ser fácil daqui em diante. — Patch suspirou cansado. — Você não vai se lembrar deste sonho, e não vai voltar aqui. Não sei como me encontrou, mas preciso ter certeza de que não vai mais acontecer. Vou apagar este sonho de sua memória. Para sua própria segurança, esta é a última vez que vai me ver.

Senti um pânico repentino. Afastei-me e vi no rosto dele uma determinação que me encheu de pavor. Abri a boca para protestar...

E o sonho desmoronou à minha volta, como se fosse feito de areia.

CAPÍTULO 5

NA manhã seguinte, acordei com dor no pescoço e uma vaga lembrança de um sonho estranho, sem cores. Depois do banho, escolhi um vestido com estampa de zebra, legging e *ankle boots*. Eu queria pelo menos parecer normal. Ajeitar a confusão interna era um projeto maior do que eu poderia realizar em 45 minutos.

Encontrei minha mãe na cozinha preparando mingau de aveia à moda antiga, usando panela e fogão. Era a primeira vez desde que meu pai morrera, pelo menos a primeira que eu conseguia lembrar, que ela preparava mingau daquele jeito. Depois do drama da noite anterior, eu me perguntava se essa não seria uma demonstração de piedade.

— Acordou cedo — ela disse, interrompendo a tarefa de cortar morangos perto da pia.

— Já passa das oito da manhã — avisei. — O detetive Basso telefonou?

Tentei dar a impressão de que não fazia diferença qual seria a resposta dela, fingindo remover inexistentes linhas soltas do meu vestido.

— Eu expliquei que havia sido um engano. Ele entendeu.

O que significava que eles haviam concordado em que eu tivera uma alucinação. E eu era a menina que tinha gritado lobo e, de agora em diante, tudo que dissesse seria ignorado, considerado exagero. *Pobrezinha. Apenas sorria e acene para ela.*

— Por que não volta para a cama? Eu levo o café quando estiver pronto — sugeriu mamãe, voltando a cortar os morangos.

— Tudo bem, já estou acordada e vestida.

— Considerando tudo que aconteceu, pensei que ia querer descansar, relaxar. Dormir até tarde, ler um bom livro, talvez tomar um demorado banho de espuma.

Eu não conseguia me lembrar de outra ocasião em que minha mãe houvesse sugerido que eu descansasse em um dia de aula. *Nunca*. A conversa que costumávamos ter à mesa do café da manhã normalmente se resumia a frases rápidas, coisas como: *Terminou seu trabalho? Preparou o lanche? Sua cama está arrumada? Pode pagar a conta de luz no caminho para a escola?*

— Já sei, escute só! — minha mãe tentou novamente. — Café na cama. Não tem como ficar melhor.

— E o colégio?

— O colégio pode esperar.

— Até quando?

— Não sei — ela disse com tranquilidade. — Uma semana, acho. Ou duas. Até você sentir que voltou ao normal.

Era evidente que ela não havia pensado muito no que propunha, mas, em dois segundos, *eu* pensei em tudo. Podia até me sentir tentada a tirar proveito de sua complacência, mas não era esse o ponto.

— Acho que é bom saber que tenho uma ou duas semanas para voltar ao normal.

Mamãe deixou a faca sobre a pia.

— Nora...

— Não importa se não consigo me lembrar de nada dos últimos quatro meses. Não importa se, de agora em diante, cada vez que vir um desconhecido olhando para mim, vou me perguntar se é *ele*. Melhor ainda, minha amnésia foi comentada em todos os jornais, e ele deve estar rindo. Ele sabe que não consigo identificá-lo. E acho que devo me sentir confortada porque os exames que o dr. Howlett pediu não acusaram nada de errado, *nada de errado,* o que significa que, provavelmente, nada de ruim aconteceu comigo durante aquelas semanas. Talvez eu possa até me convencer de que estava me bronzeando em Cancun. Ei, pode ter acontecido. Talvez meu sequestrador quisesse ser diferente. Fazer o inesperado e mimar sua vítima. A verdade é que normalidade leva anos. A normalidade pode nem mesmo acontecer. Nunca. Mas, definitivamente, não vai

acontecer se eu ficar por aqui assistindo a novelas e evitando a vida. Vou para o colégio hoje, fim da história.

Eu disse tudo isso em tom firme, sem me alterar, mas meu coração parecia dar voltas. Ignorei o sentimento, dizendo a mim mesma que esse era o único meio que eu conhecia para recuperar pelo menos algum sinal da minha vida.

— Colégio? — Minha mãe já estava totalmente virada para me encarar, esquecendo completamente o mingau e os morangos.

— De acordo com o calendário na parede, hoje é dia nove de setembro. — Ela não respondeu, e eu prossegui. — As aulas começaram há dois dias.

Ela comprimiu os lábios numa linha fina.

— Eu sei.

— Já que as aulas começaram, eu não devia estar lá?

— Sim, em algum momento.

Mamãe limpou as mãos no avental. Tive a impressão de que ela tentava ganhar tempo, ou que escolhia as palavras com calma. Mas preferia que ela falasse de uma vez o que tinha para falar. No momento, uma discussão violenta seria melhor do que uma piedade distante.

— Desde quando acha que matar aula é aceitável? — perguntei, em tom de provocação.

— Não quero tentar decidir como vai cuidar de sua vida, mas acho que devia ir com calma.

— Calma? Não me lembro de nada dos últimos meses da minha vida. Não quero ir com calma e deixar as lembranças se afastarem ainda mais da minha memória. Só vou começar a me sentir melhor sobre o que aconteceu se retomar minha vida. Vou para o colégio. E depois vou sair com Vee para comer donuts, ou qualquer outra porcaria que ela esteja com vontade de comer hoje. E depois venho para casa e faço meu dever de casa. E depois vou dormir ouvindo os velhos discos do papai. Tem muita coisa que eu não sei mais. A única maneira de sobreviver a isso tudo é me apegando ao que ainda sei.

— Muita coisa mudou enquanto você não estava aqui...

— E acha que eu não sei? — Não queria torturá-la, mas não compreendia como ela era capaz de ficar ali parada me passando sermão. Quem era ela para me dar conselhos? Por acaso havia passado por alguma coisa levemente parecida? — Acredite, *eu sei*. E estou com medo. Sei que não posso voltar, e isso me apavora. Mas, ao mesmo tempo... — Como eu podia explicar isso a ela, se não conseguia explicar nem a mim mesma? *Lá* era seguro. *Antes* eu tinha o controle. Como podia saltar para a frente se o chão embaixo dos meus pés havia sido arrancado?

Ela respirou fundo.

— Hank Millar e eu estamos namorando.

As palavras de minha mãe ecoaram dentro de minha cabeça. Olhei para ela e senti que minha testa se franzia numa expressão confusa.

— Desculpe, o que disse?

— Aconteceu nesse tempo em que você estava longe. — Ela apoiou uma das mãos na bancada, e eu tive a impressão de que aquilo era a única coisa que a mantinha de pé.

— Hank Millar? — Pela segunda vez em dias, minha mente levou algum tempo para processar as informações básicas relacionadas a esse nome.

— Ele agora é divorciado.

— Divorciado? Eu só me ausentei por três meses.

— Todos aqueles dias intermináveis sem saber onde você estava, sem saber nem se estava viva... Ele era tudo que eu tinha, Nora.

— O pai de Marcie?

Parecia tudo muito confuso. Eu não conseguia ultrapassar a barreira que se erguera dentro da minha cabeça, uma névoa densa que encobria tudo. Minha mãe estava namorando o pai da única garota que eu já havia odiado? A garota que havia riscado meu carro, jogado ovos em meu armário do colégio e me apelidado de Nora Vadia?

— Nós namoramos antes, no colégio e na faculdade. Antes de eu conhecer seu pai — ela acrescentou, apressada.

— *Você* — falei, finalmente aumentando o tom de voz — e *Hank Millar*?

Minha mãe começou a falar muito depressa.

— Sei que se sente tentada a julgá-lo de acordo com a opinião que tem sobre Marcie, mas Hank é um cara muito doce. É atencioso, generoso e romântico. — Ela sorriu e corou, cada vez mais agitada.

Eu me sentia ultrajada. Era *isso* que minha mãe ficara fazendo enquanto eu estava desaparecida?

— Certo. — Peguei uma banana da fruteira e me dirigi à porta da frente.

— Podemos conversar sobre isso? — Os pés descalços de minha mãe faziam barulho no piso de madeira enquanto ela me seguia. — Pode me ouvir, pelo menos?

— Acho que cheguei um pouco atrasada para essa conversa.

— Nora!

— O que foi? — explodi, parando e me virando para encará-la. — O que quer que eu diga? Que estou feliz por você? Não estou. Nós debochávamos dos Millar. Fazíamos piadas com a atitude ridícula de Marcie, dizíamos que era um problema causado pela intoxicação por mercúrio, porque ela comia todos aqueles frutos do mar caríssimos que a família dela consumia. E agora está namorando o *pai dela*?

— Sim, o *pai dela*. Não Marcie.

— Para mim, é tudo a mesma coisa! Esperou ao menos até a tinta secar nos papéis do divórcio? Ou investiu quando ele ainda era casado com a mãe de Marcie? Porque três meses é bem pouco tempo.

— Não lhe devo esse tipo de explicação! — Percebendo, aparentemente, o quanto estava vermelha, minha mãe se recompôs massageando a própria nuca.

— Essa sua reação é porque acha que estou traindo seu pai? Acredite, já me torturei o suficiente questionando se algum período menor que a eternidade é tempo suficiente para retomar minha vida.

Mas ele ia querer me ver feliz. Seu pai não ia desejar que eu ficasse chorando para sempre.

— Marcie sabe disso?

Ela piscou quando mudei de direção tão repentinamente.

— O quê? Não. Acho que Hank ainda não contou a ela.

Em outras palavras, pelo menos no futuro próximo, eu não precisava ter medo de Marcie descontar em mim a decisão do pai dela e de minha mãe. É claro que, quando ela descobrisse a verdade, eu poderia esperar uma punição rápida, humilhante e brutal.

— Estou atrasada para a escola — falei, vasculhando o conteúdo da bandeja sobre a mesinha do hall. — Onde está minha chave?

— Devia estar aí.

— A chave de casa está. E a do carro?

Ela apertou a ponte do nariz.

— Vendi o Fiat.

Eu direcionei todo o peso do meu olhar para ela.

— Vendeu meu carro? O que foi que disse? — Sim, no passado eu dissera várias vezes que odiava a pintura marrom e descascada do Fiat, seus bancos velhos de couro branco, a mania inconveniente da alavanca do câmbio, que desengatava sem aviso prévio. Mesmo assim, aquele era o *meu* carro. Minha mãe havia desistido de mim tão depressa que começara a vender minhas coisas depois que desapareci? — O que mais? — perguntei. — O que mais vendeu enquanto eu não estava aqui?

— Vendi o carro antes de você desaparecer — ela murmurou, com os olhos baixos.

Um nó se formou em minha garganta. O que minha mãe estava dizendo era que eu sabia que ela havia vendido meu carro, mas esquecera. Esse era um lembrete doloroso de quanto eu estava indefesa. Não conseguia nem conversar com minha mãe sem parecer uma idiota. Em vez de pedir desculpas, abri a porta e saí pisando firme.

— De quem é aquele carro? — perguntei, parando no meio da escada da varanda. Havia um Volkswagen branco conversível na vaga que antes era ocupada pelo Fiat. Pelo jeito, agora a vaga era dele. Talvez o automóvel estivesse ali desde a manhã anterior, quando eu chegara do hospital, mas naquele momento eu não me sentira com disposição para olhar em volta e estudar o ambiente. Depois disso, só saíra de casa uma vez, na noite anterior, e usara a porta dos fundos.

— Seu.

— Como assim, meu? — Protegi os olhos contra o sol da manhã e a encarei.

— Scott Parnell deu o carro a você.

— Quem?

— A família dele voltou à cidade no começo do verão.

— Scott? — repeti, revirando minha memória distante, já que o nome provocava uma vaga sensação de reconhecimento. O garoto da minha turma da pré-escola? Aquele que se mudou para Portland há anos?

Minha mãe assentiu cansada.

— Por que ele me daria um carro?

— Eu teria perguntado a você, mas não tive tempo. Scott deixou o carro aqui na noite do seu desaparecimento.

— Eu sumi na noite em que misteriosamente Scott me deu um carro? E isso não provocou nenhum tipo de questionamento? Não há nada de normal em um adolescente dar um carro de presente a uma garota que ele mal conhece e que não vê há anos. Tem alguma coisa errada nisso. Talvez... Talvez o carro fosse uma prova, uma evidência da qual ele tivesse de se livrar. Nunca pensou nisso?

— A polícia revistou o carro. E interrogou o antigo proprietário. Mas acredito que o detetive Basso excluiu a possibilidade de Scott ter algum envolvimento com toda essa história depois de ouvir a sua versão para os fatos daquela noite. Você levou um tiro antes de desaparecer e, embora o detetive Basso tenha chegado a pensar que Scott era o autor do tiro, você contou a ele que foi...

— Tiro? — Balancei a cabeça, confusa. — Como assim, eu levei um tiro?

Minha mãe fechou os olhos por um instante, suspirando.

— Um tiro. De revólver.

— O quê? Como Vee não me contou essa parte?

— Foi no parque de diversões Delphic. — Mamãe balançou a cabeça. — Não suporto nem pensar nisso — sussurrou, e sua voz soou entrecortada. — Eu estava fora da cidade quando me ligaram. Não consegui chegar a tempo, e nunca mais vi você. Não tem nada de que eu me arrependa mais. Antes de desaparecer, você disse ao detetive Basso que um homem chamado Rixon lhe dera o tiro na casa maluca. Disse que Scott também estava lá, e que Rixon atirou nele também. A polícia procurou Rixon, mas ele havia desaparecido. O detetive Basso se convenceu de que Rixon não era nem o verdadeiro nome do atirador.

— Onde eu fui ferida? — perguntei, e senti um arrepio desagradável. Não havia notado uma cicatriz, nem outro sinal qualquer que pudesse sugerir um ferimento.

— No ombro esquerdo. — Mamãe parecia sofrer só de dizer isso. — A bala entrou e saiu, atingindo apenas músculos. Tivemos muita, muita sorte.

Puxei a gola da blusa, expondo o ombro. Sim, eu podia ver uma mancha clara onde a pele havia cicatrizado.

— A polícia passou semanas procurando por Rixon. Eles leram seu diário, mas você havia arrancado várias páginas, e o nome dele não foi encontrado. Os oficiais conversaram com Vee, mas ela jurou nunca ter ouvido o nome dele. Também não havia nenhum aluno com esse nome no colégio. Não havia registro dele no Departamento de Trânsito...

— Arranquei páginas do meu diário? — perguntei, interrompendo minha mãe. Não sentia que pudesse ter feito isso. Por que eu faria uma coisa dessas?

— Lembra-se de onde guardou essas páginas? Ou do que havia nelas?

Balancei a cabeça, parecendo distraída. O que eu queria tanto esconder?

Mamãe suspirou desanimada.

— Rixon era um fantasma, Nora. Não sei para onde ele foi, mas é evidente que levou todas as respostas.

— Não posso me conformar com isso — declarei. — E Scott? O que ele disse quando o detetive Basso o interrogou?

— O detetive Basso investiu todos os recursos na tentativa de localizar Rixon. Acho que ele nem chegou a falar com Scott. Na última vez que conversei com Lynn Parnell, Scott havia se mudado. Acho que agora está em New Hampshire, trabalhando com dedetização.

— É isso? — perguntei, incrédula. — O detetive Basso nunca tentou ir atrás de Scott e ouvir a versão dele? — Minha cabeça funcionava em velocidade máxima. Alguma coisa sobre Scott não se encaixava direito no quadro geral. De acordo com o relato de minha mãe, eu contei à polícia que ele também havia sido atingido por um dos tiros disparados por Rixon. Ele era a única testemunha, além de mim, da existência de Rixon. Como isso se encaixava na história da doação do Volkswagen? Eu tinha a impressão de que faltava no mínimo uma informação crucial.

— Tenho certeza de que ele teve um bom motivo para não falar com Scott.

— Eu também tenho — respondi, sarcástica. — Incompetência, talvez?

— Se desse uma chance ao detetive Basso, veria que ele é muito perspicaz. E é muito bom no que faz.

Eu não queria ouvir isso.

— E agora? — perguntei, impaciente.

— Agora faremos a única coisa possível nessas circunstâncias. Tentaremos seguir em frente.

Por um momento, deixei de lado todos os pensamentos sobre Scott Parnell. Ainda havia muito com que lidar. Quantas outras centenas de coisas eu ainda não sabia? Era isso que esperava por mim? Dias e mais dias de humilhação enquanto eu ia redescobrindo

minha vida? Já podia imaginar o que iria encontrar no colégio. Olhares discretos de piedade. O acanhado desviar de olhos. Silêncios prolongados e constrangimento evidente. A opção segura de permanecer bem longe de mim.

Senti minha indignação crescer. Não queria ser um espetáculo. Não queria ser objeto de especulação entusiasmada. Que tipo de teorias vergonhosas já haviam sido criadas e espalhadas envolvendo meu sequestro? O que as pessoas pensavam sobre mim *agora*?

— Se vir Scott, não se esqueça de me mostrar quem é ele, quero agradecer pelo carro — falei com tom amargo. — Logo depois de perguntar por que ele me deu esse presente. Você e o detetive Basso podem estar convencidos de que ele é inocente, mas há muitos pontos nessa história que não se encaixam.

— Nora...

Estendi a mão aberta.

— Pode me dar a chave?

Depois de uma breve pausa, ela removeu uma chave do próprio chaveiro e a colocou no centro da minha mão.

— Tenha cuidado.

— Ah, não se preocupe. O único perigo que corro é fazer papel de idiota. Sabe de mais alguém que posso encontrar hoje sem reconhecer? Por sorte, consigo me lembrar do caminho para a escola. E olhe só isso! — exclamei ao abrir a porta do automóvel. — Um Volkswagen com cinco marchas. Que bom ter aprendido a dirigir esse tipo de carro antes da amnésia.

— Sei que esse não é o melhor momento, mas fomos convidadas para jantar hoje à noite.

Olhei para ela com frieza.

— Nós fomos?

— Hank gostaria de nos levar ao Coopersmith’s. Para comemorar sua volta.

— Quanta consideração — comentei, enfiando a chave na ignição e ligando o motor. O barulho me fez pensar que ninguém

havia ligado o carro desde o dia em que desapareci.

— Ele está tentando — mamãe falou alto, mais alto que o ronco do motor. — Está se esforçando muito para que tudo isso dê certo.

Eu tinha uma resposta na ponta da língua, mas optei por outra coisa, algo que causasse mais impacto. Mais tarde me preocuparia com as consequências.

— E você? Está se esforçando para fazer isso dar certo? Porque serei bem clara: se ele ficar, eu saio. Agora, se me der licença, preciso descobrir como voltar a viver minha vida.

CAPÍTULO 6

NO colégio, só encontrei uma vaga no fundo do estacionamento dos alunos e atravessei a pé o gramado até uma entrada lateral. Estava atrasada, graças à discussão com minha mãe. Depois de sair de casa, tive de parar no acostamento da estrada e fiquei lá uns quinze minutos até me acalmar. *Namorando Hank Millar*. Ela era sádica? Queria destruir minha vida? As duas alternativas?

Olhei para a tela do BlackBerry, que havia levado sem pedir a autorização de minha mãe, e descobri que havia perdido quase toda a primeira aula. Faltavam dez minutos para o sinal.

Digitei o número do celular de Vee pensando em deixar um recado.

— *Alôôô.* É você, anjo? — ela atendeu imediatamente com sua voz mais sedutora. A intenção era ser engraçada, mas eu quase tropecei.

Anjo. O simples som da palavra provocava uma onda de calor que lambia minha pele. De novo, a cor preta me envolveu como um laço quente, mas agora havia mais. Um toque físico tão real, que eu parei onde estava. Senti alguma coisa se movendo por meu rosto, como se dedos invisíveis me acariciassem, seguidos pela sedutora pressão macia nos lábios...

Você é minha, Anjo. E eu sou seu. Nada pode mudar isso.

— Isso é loucura — resmunguei.

Ter visões envolvendo a cor preta era uma coisa, manter um relacionamento com ela era outro nível de loucura. Eu tinha de parar de me assombrar desse jeito. Se continuasse, começaria a duvidar da minha sanidade, de verdade.

— O que disse? — Vee perguntou do outro lado da linha.

— Ah, o estacionamento — improvisei depressa. — Todas as vagas boas estão ocupadas.

— Adivinhe quem tem aula de educação física logo no primeiro tempo? Isso não é justo. Começo o dia suando como uma elefanta no cio. As pessoas que montam nosso horário não entendem nada sobre odores corporais? E cabelos com frizz?

— Por que não me contou sobre Scott Parnell? — perguntei sem alterar o tom de voz. Começaríamos por aí e seguiríamos adiante.

O silêncio de Vee pairou pesado entre nós e confirmou minhas suspeitas: ela não me contara tudo. E omitira trechos da história *de propósito*.

— Ah, sim, Scott — ela respondeu finalmente. — Esse assunto.

— Na noite em que eu desapareci, ele deixou um Volkswagen velho na porta da minha casa. Esqueceu esse detalhe ontem à noite, não? Ou não considerou essa informação *interessante* ou *suspeita*? Você é a última pessoa de quem eu esperava receber uma versão diluída dos fatos que antecederam meu sequestro, Vee.

Pude ouvi-la mordendo o lábio.

— Talvez eu tenha omitido algumas partes.

— Como o tiro que eu levei?

— Não queria prejudicar sua recuperação — ela falou apressada. — Você passou por uma experiência traumática. Mais que traumática. Um milhão de vezes pior. Que tipo de amiga eu seria se contribuísse para aumentar esse trauma?

— E?

— Tudo bem, tudo bem. Eu soube do presente de Scott. O carro deve ter sido uma forma de pedir desculpas por ele ter sido um porco chauvinista.

— Explique.

— Você se lembra do ensino fundamental e de como todas as mães explicam às filhas que, quando um garoto a provoca e irrita, é sinal de que ele gosta de você? Pois bem, no que diz respeito a relacionamentos, Scott nunca passou do oitavo ano.

— Ele gostava de mim.

Minha voz soava insegura. Não acreditava que Vee mentiria para mim de novo, não depois de ter sido desmascarada, mas era

evidente que minha mãe havia conversado com ela antes e a convencera de que eu estava fragilizada demais para ouvir a verdade. Ela parecia cheia de rodeios ao falar.

— O suficiente para comprar um carro, sim.

— Eu tive algum contato com Scott na semana em que fui sequestrada?

— Na noite anterior ao seu desaparecimento, você foi vasculhar o quarto dele. Mas não encontrou nada mais interessante que uma muda murcha de maconha.

Finalmente estávamos progredindo.

— O que eu estava procurando?

— Não perguntei. Você me contou que Scott era maluco. Essa foi a única informação que precisei ouvir para ajudá-la a invadir o quarto dele.

Eu não duvidava daquilo. Vee nunca precisara de motivo para fazer coisas idiotas. Lamentável era ter de reconhecer que, na maioria das vezes, eu também não precisava de muito estímulo para fazer bobagem.

— Isso é tudo o que sei — Vee insistiu. — Juro.

— Nunca mais esconda nada de mim.

— Isso quer dizer que estou perdoada?

Eu estava irritada, mas conseguia entender que Vee estava tentando me proteger. *Isso é o que uma melhor amiga faz*, pensei. Em outras circunstâncias eu talvez até a admirasse por essa atitude. E, no lugar dela, provavelmente me sentiria tentada a agir da mesma maneira.

— Estamos quites.

Entrei no colégio certa de que levaria uma advertência por atraso, mas me surpreendi quando a secretária me viu passando pelo saguão e, depois de piscar algumas vezes com evidente surpresa, exclamou:

— Ah, Nora! Como *vai*?

Ignorando a piedade melosa em seu tom de voz, respondi:

— Vim pegar meu horário de aulas.

— Ah. Oh, céus! Tão depressa? Ninguém espera que volte à rotina imediatamente, meu bem. Hoje mesmo eu conversava com alguns funcionários da escola sobre como seria melhor você ficar em casa pelo menos duas semanas para... — Ela parou, procurando uma palavra aceitável, já que não havia um termo específico para o processo que eu tinha de enfrentar. Recuperação? Adaptação? Não exatamente. — Aclimatar-se. — Ela praticamente acendia um luminoso em cima de sua cabeça que piscava: *Que pena! Pobrezinha! Melhor ser cuidadosa com ela!*

Apoiei um cotovelo sobre o balcão da secretaria e me inclinei na direção dela.

— Estou pronta para voltar. E é isso que importa, certo? — Já estava de mau humor, por isso acrescentei: — Fico feliz por esta escola ter me ensinado a não me importar com a opinião de ninguém, só com a minha.

Ela abriu e fechou a boca. Sem dizer nada, virou-se para examinar as várias pastas empilhadas sobre sua mesa.

— Deixe-me ver... Sei que a sua está aqui, em algum lugar... Ah! Achei. — Ela pegou uma folha de papel dentro de uma das pastas e a colocou sobre o balcão, na minha frente. — Tudo certo?

Li meu horário. História avançada, inglês avançado, saúde, jornalismo, anatomia, psicologia, orquestra e trigonometria. Era óbvio que eu tinha um forte impulso suicida no ano anterior, quando escolhi quais cursos faria esse ano.

— Sim, parece que sim — respondi, ajeitando a mochila sobre os ombros e me afastando do balcão.

O corredor além do saguão era sombrio, com luzes fluorescentes que espalhavam uma luminosidade pálida pelo chão encerado. Eu dizia a mim mesma que aquela era minha escola. Meu lugar era ali. E, embora eu entrasse em pânico toda vez que pensava que agora era uma aluna do terceiro ano, mesmo que não conseguisse me lembrar de ter terminado o segundo, a estranheza desapareceria com o passar do tempo. Não podia ser de outro jeito.

Ouvi o sinal. Em um instante, todas as portas se abriram e o corredor foi inundado pelo corpo estudantil. Acompanhei o mar de

alunos que se dirigia aos banheiros, ao corredor dos armários e às máquinas de refrigerante. Mantinha o queixo erguido e olhava para a frente. Mas sentia a surpresa no rosto de meus colegas. Todos reagiam com espanto quando olhavam para mim. Já deviam saber que eu estava de volta — minha história era o ponto alto do noticiário local. Mas me ver em carne e osso devia servir para reforçar os fatos.

As perguntas estavam bem ali, em seus olhares curiosos. *Onde ela estava? Quem a sequestrou? Que tipos de coisas nojentas e inenarráveis aconteceram com ela?*

E a maior de todas as especulações: *É verdade que ela não se lembra de nada? Deve estar fingindo. Quem esquece meses da própria vida?*

Virei algumas páginas do caderno que carregava apertado contra o peito, fingindo procurar alguma coisa importante. *Não estou nem notando vocês*, o gesto anunciava. Abri os ombros e adotei uma expressão de indiferença. Talvez até mesmo de distanciamento. Mas, apesar de tudo isso, minhas pernas tremiam. Percorri o corredor com passos rápidos, impelida por um só objetivo.

Entrei no banheiro feminino e me tranquei no último reservado. Escorreguei com as costas coladas à porta até sentar no chão. Sentia o gosto amargo da bílis na boca, subindo pela garganta. Meus braços e minhas pernas estavam entorpecidos. Meus lábios formigavam. Lágrimas pingavam do meu queixo, mas eu não conseguia mover a mão para limpá-las.

Por mais que fechasse os olhos com força, por mais que tentasse apagar as imagens, ainda via os olhares críticos. Não era mais parte da turma. De alguma forma, sem que eu fizesse esforço algum, eu me tornara uma excluída.

Fiquei sentada no chão do banheiro por mais alguns minutos, até minha respiração acalmar e a vontade de chorar diminuir. Não queria ir para a sala de aula, e não queria ir para casa. O que eu realmente queria era impossível. Viajar no tempo, retroceder e ter uma segunda chance. Refazer tudo a partir da noite em que desapareci.

Eu havia acabado de me levantar, quando ouvi uma voz sussurrar no meu ouvido como uma corrente de ar.

Ajude-me.

Era uma voz tão fraca, que eu quase não a escutei. Cheguei a pensar na possibilidade de tê-la inventado. Afinal, imaginar coisas era o que eu fazia de melhor ultimamente.

Ajude-me, Nora.

Quando ouvi meu nome, senti um arrepio que eriçou os pelos dos meus braços. Quieta, tentei escutar a voz novamente. Ela não vinha de dentro do reservado — eu estava sozinha ali — e também não parecia vir da área externa do banheiro.

Quando ele acabar comigo, será o mesmo que morrer. Nunca mais irei para casa.

Dessa vez a voz soou mais forte e urgente. Olhei para cima. Tive a impressão de que ela flutuava em torno da grade de ventilação no teto.

— Quem está aí? — perguntei, assustada.

Não houve resposta, e eu soube que aquilo devia ser o começo de mais uma alucinação. O dr. Howlett as previra. Senti uma ansiedade imediata. Precisava sair dali. Tinha de me distrair, desviar os pensamentos e romper o efeito ilusório antes que ele me dominasse.

Estendi a mão para o trinco da porta, e uma imagem cruzou a minha mente, apagando a visão do mundo real. Numa horrível distorção de cenário, deixei de ver o banheiro. Em vez de ladrilhos, o chão sob meus pés agora era de concreto. No alto, vigas de metal cruzavam o teto como enormes pernas de aranha. Uma das paredes era coberta por portas gigantescas, como garagens de caminhão.

Minha alucinação me levara para dentro de um...

Depósito.

Ele arrancou minhas asas. Não posso voar para casa, a voz choramingou.

Não conseguia ver a quem ela pertencia. Havia uma lâmpada pendurada no teto iluminando uma esteira rolante no centro do galpão. Fora isso, o depósito estava vazio.

Um ronco reverberou pelo lugar quando a esteira rolante começou a funcionar. Um barulho metálico, mecânico, brotava da escuridão na extremidade da esteira. Ela transportava alguma coisa na minha direção.

— Não — falei, porque foi a única coisa em que consegui pensar.

Estendi as mãos e tateei o espaço na minha frente, tentando encontrar a porta do reservado do banheiro. Aquilo era uma alucinação, exatamente como minha mãe havia falado. Eu precisava reagir, encontrar o caminho de volta para o mundo real. Enquanto isso, o horrível barulho metálico soava cada vez mais alto.

Afastei-me da esteira rolante, andando de costas até bater em uma parede de cimento.

Sem ter para onde fugir, vi uma gaiola de metal surgir das sombras, balançando ruidosamente, aproximando-se do círculo de luz. As grades brilhavam com uma luz fantasmagórica, uma eletricidade azul, mas não foi isso que chamou minha atenção. Havia uma pessoa encolhida dentro da jaula. Uma menina, seu corpo dobrado para caber no espaço reduzido, as mãos agarrando as grades, o cabelo preto-azulado caindo emaranhado diante do rosto. Seus olhos espiavam por entre a cortina de mechas e eram órbitas sem cor. Havia um pedaço de corda em torno de seu pescoço, e ela emitia a mesma luminosidade azul e sobrenatural.

Ajude-me, Nora.

Quis correr, sair dali. Temia tentar passar por uma das portas e mergulhar ainda mais fundo na alucinação. Precisava de uma porta só minha. Uma porta que eu criasse *imediatamente* e pela qual eu pudesse escapar, voltar ao banheiro da escola.

Não entregue o colar a ele! A menina sacudia as grades da jaula com violência. *Ele acredita que está com você. Se ele conseguir o colar, nada poderá detê-lo. Eu não terei a menor chance. Vou ter que contar tudo a ele!*

Senti minha pele úmida na parte inferior das costas e sob os braços. Colar? Que colar?

Não há nenhum colar, disse a mim mesma. *A menina e o colar são produtos da sua imaginação. Expulse-os de sua cabeça.* Expulse-os. De. Sua. Cabeça!

Um sinal soou.

De repente, fui arrancada da alucinação. A porta do reservado do banheiro estava a poucos centímetros do meu nariz. SR. SARRAF É UM SACO. B.L. + J.F. = AMOR. BANDAS DE JAZZ SÃO DEMAIS. Estendi a mão, traçando os sulcos profundos. A porta era real. Desmoronei aliviada.

Ouvi vozes do outro lado da porta. Eu me encolhi, mas eram vozes normais, alegres, animadas. Pela fresta, vi três meninas paradas diante do espelho. Elas arrumavam os cabelos e retocavam o batom.

— Devíamos pedir pizza e assistir a um filme hoje à noite — uma delas falou.

— Não vai dar, meninas. Hoje à noite seremos só eu e Susanna.

Reconheci a voz de Marcie Millar. Ela estava no meio da fileira, refazendo o rabo de cavalo louro e recolocando a flor de plástico cor-de-rosa que o mantinha preso.

— Vai nos trocar por sua mãe? Ai, ai!

— Hum, *vou*. Superem isso.

As duas garotas fingiram estar magoadas. Era bem provável que fossem Addyson Hales e Cassie Sweeney. Addyson era líder de torcida, como Marcie, mas eu já ouvira Marcie confessar que só era amiga de Cassie porque elas moravam no mesmo bairro. A ligação entre as duas só persistia porque elas tinham dinheiro para manter o mesmo padrão de vida. Farinha do mesmo saco... um saco muito caro.

— Nem comecem — Marcie respondeu, mas o tom de voz sugeria que se sentia lisonjeada com o desapontamento das duas. — Mamãe precisa de mim. Nós vamos sair hoje à noite.

— Ela está... hum... deprimida? — perguntou a menina que eu acreditava ser Addyson.

— *Fala sério*! — Marcie riu. — Ela ficou com a casa. Ainda é sócia do iate clube. Além do mais, ela fez meu pai comprar um Lexus SC10. para ela. É *tãão* lindo! E juro que metade dos homens solteiros da cidade já telefonou ou foi visitá-la. — Marcie recitava cada item da lista com tanta fluência, que tive a impressão de que ela ensaiara o discurso.

— Ela é linda — Cassie suspirou.

— Exatamente. Seja quem for a mulher com quem meu pai vai se relacionar, certamente estará muito abaixo de minha mãe.

— Ele *está* saindo com alguém?

— Ainda não. Minha mãe tem amigas em todos os lugares. Alguém teria visto alguma coisa. Então... — ela passou ao assunto seguinte em tom de fofoca. — Viram as notícias? Sobre Nora Grey?

Meus joelhos tremeram quando ouvi meu nome, e eu me apoiei à parede.

— Ela foi encontrada no cemitério, e dizem que não consegue se lembrar de nada. — Marcie continuou — Está tão confusa que fugiu até da polícia. Ela achou que os policiais queriam *machucá-la*.

— Minha mãe disse que o sequestrador pode ter feito uma lavagem cerebral — respondeu Cassie. — Como se um estranho qualquer fizesse você acreditar que era casada com ele.

— Eca — todas reagiram em uníssono.

— Não sei o que aconteceu, mas ela está bem estragada — Marcie continuou. — E, mesmo que diga que não consegue se lembrar de nada, ela inconscientemente sabe que aconteceu alguma coisa. E vai arrastar essa bagagem pelo resto da vida. Pode ser que se enrole em uma fita amarela que diz: “Fique longe, não ultrapasse”.

Elas riram. Marcie voltou a falar:

— Vamos voltar para a sala, garotas. Não posso mais me atrasar. As secretárias agora trancam as autorizações de atraso nas gavetas. Vadias.

Elas saíram, e eu ainda esperei um bom tempo, só para ter certeza de que o banheiro estava vazio. Então, abri a porta do reservado, saí do banheiro e caminhei apressada até o fim do

corredor, onde havia uma porta para a área externa do prédio. Corri para o estacionamento.

Mergulhei no Volkswagen, tentando entender de onde eu havia tirado a ideia de que podia simplesmente voltar à vida e retomar minha rotina do ponto no qual tudo havia parado.

Mas essa era a questão. Nada havia parado.

A vida continuara seguindo seu curso sem mim.

CAPÍTULO 7

FUI me arrumar para o jantar com Hank e minha mãe, e escolhi sapatilhas e um vestido leve e rodado, pouco acima dos joelhos.

Era mais do que Hank merecia, mas eu tinha meus motivos. E também tinha dois objetivos para a noite. Primeiro, tomar providências para que minha mãe e Hank se arrependessem de ter me convidado. Segundo, deixar clara minha opinião sobre o relacionamento entre eles. Eu já ensaiara mentalmente meu discurso, que recitaria de pé e em voz alta e encerraria de maneira dramática, esvaziando uma taça de vinho sobre Hank. Esta noite eu pretendia usurpar o trono de Rainha Diva que era ocupado por Marcie e não estava nem um pouco preocupada com boas maneiras e adequação.

Mas... uma coisa de cada vez. Tinha de convencer mamãe e Hank de que estava bem o bastante para ser levada a um lugar público. Se saísse do meu quarto espumando pela boca e vestindo uma camiseta preta com a frase O AMOR É UM LIXO estampada no peito, meu plano não decolaria.

Tomei um banho de meia hora, deixando a água quente envolver cada milímetro do meu corpo, e, depois de esfoliar e raspar as pernas, hidratei a pele com óleo de bebê. Os cortes nas minhas pernas e nos braços cicatrizavam depressa, os hematomas clareavam dia após dia, mas os sinais eram como frestas deixando passar a luz que mostrava com nitidez indesejada como fora minha vida no período de cativeiro. Considerando a sujeira que recobria minha pele quando cheguei ao hospital, não era difícil imaginar que eu havia ficado em algum lugar da floresta. Um lugar tão distante e isolado que teria sido impossível alguém passar por lá e me encontrar. Algum lugar tão remoto que minhas chances de fugir e sobreviver teriam sido praticamente nulas.

Mas devo ter escapado. De que outra maneira poderia explicar a volta para casa? Partindo desse raciocínio, eu imaginava as florestas que cobriam o norte do Maine e o Canadá. Não havia qualquer prova de que eu fora mantida naquela região, mas esse era meu palpite mais forte. Havia fugido e, contrariando todas as expectativas, sobrevivera. Era a única teoria que eu tinha no momento.

Quando eu saía do quarto, hesitei diante do espelho e examinei melhor meu cabelo. Agora ele estava mais comprido, indo até a metade das costas, com reflexos naturais cor de caramelo deixados pelo sol de verão. Sim, não havia dúvida de que eu estivera em algum lugar aberto. Minha pele estava levemente bronzeada, e alguma coisa me dizia que eu não havia estado trancada em uma clínica de bronzeamento artificial. Pensei em comprar maquiagem nova, mas desisti da ideia. Não queria produtos novos para combinar com meu novo eu. Só queria meu velho eu de volta.

Lá embaixo, encontrei Hank e minha mãe na sala. Notei vagamente que Hank parecia um boneco Ken em tamanho natural, com aqueles olhos azuis, a pele dourada e o indefectível ar vaidoso. A única diferença era o porte físico. Em uma briga, Ken o venceria sem esforços.

— Pronta? — perguntou minha mãe.

Ela também se vestira com esmero, com calça de lã fina, blusa e echarpe de seda. Mas o que mais me chamou a atenção foi o que ela não estava usando. Pela primeira vez, mamãe não tinha no dedo a aliança de casamento, exibindo, em seu lugar, uma faixa de pele mais clara.

— Vou em meu carro — avisei sem rodeios.

Hank afagou meu ombro de um jeito brincalhão. Antes que eu pudesse me esquivar do contato, ele falou:

— Marcie é assim, também. Agora que tirou a carteira, quer ir dirigindo a todos os lugares. — Ele levantou as duas mãos indicando que não pretendia discutir. — Sua mãe e eu a encontraremos lá.

Pensei em dizer a Hank que a vontade de dirigir não tinha nada a ver com um cartão de plástico dentro da minha carteira, e tudo a ver com a forma como meu estômago reagia à presença dele.

Mas me virei e olhei para minha mãe.

— Pode me dar dinheiro para a gasolina? O tanque está quase vazio.

— Na verdade — respondeu mamãe, olhando para Hank como se pedisse sua ajuda —, eu esperava aproveitar a viagem até o restaurante para conversarmos, nós três. Por que não vem conosco, e amanhã eu lhe dou o dinheiro para abastecer o carro? — Seu tom era gentil, mas não havia como ignorar a firmeza. E a intenção era clara: ela não me oferecia possibilidade de escolha.

— Seja uma boa menina e obedeça à sua mãe — Hank a apoiou, sorrindo para mim com aqueles dentes brancos e perfeitamente alinhados.

— Tenho certeza de que haverá muito tempo para conversarmos durante o jantar. Não entendo qual é o problema em ir dirigindo meu carro.

— Tem razão, mas, mesmo assim, vai ter que ir conosco — respondeu mamãe. — Estou completamente sem dinheiro. O celular novo que comprei para você hoje não foi barato.

— Não posso abastecer o carro com seu cartão de crédito? — Mas eu já sabia qual seria a resposta. Diferente da mãe de Vee, minha mãe nunca me dava o cartão de crédito, e eu não tinha a flexibilidade moral necessária para “pegá-lo emprestado”. Sim, eu podia usar meu próprio dinheiro, mas havia tomado uma decisão e não iria recuar agora. Antes que ela pudesse encerrar o assunto, acrescentei: — Também posso pedir ajuda a Hank. Tenho certeza de que ele me emprestaria vinte dólares. Certo, Hank?

Ele jogou a cabeça para trás e riu, mas eu notei a irritação em seus olhos.

— Você tem uma negociadora em casa, Blythe. O instinto me diz que ela não herdou sua natureza doce, flexível.

— Não seja indelicada, Nora — mamãe me censurou. — Está criando problema por nada. Deixar seu carro em casa uma noite não

é o fim do mundo.

Olhei para Hank, esperando que ele pudesse ler meus pensamentos. *Não tenha tanta certeza.*

— É melhor sairmos logo — minha mãe anunciou, decidida. — Temos reserva para as oito horas e não queremos perder a mesa.

Antes que eu pudesse pensar em outro argumento, Hank abriu a porta e fez um gesto nos convidando a sair.

— Ah, então aquele é seu carro, Nora? O Volkswagen? — ele perguntou, olhando para o outro lado da rua. — Na próxima vez que quiser comprar um automóvel, passe na minha loja. Podia ter escolhido um Celica conversível pelo mesmo preço.

— Foi presente de um amigo — explicou minha mãe.

Hank deixou escapar um assobio baixo.

— Um amigo e tanto!

— O nome dele é Scott Parnell — mamãe continuou. — É um velho conhecido da família.

— Scott Parnell — Hank repetiu, passando a mão sobre a boca. — O nome não me é estranho. Conheço os pais dele?

— A mãe, Lynn, mora em Deacon Road, mas Scott deixou a cidade no verão passado.

— Interessante — murmurou Hank. — Tem alguma ideia de onde ele está?

— Em algum lugar em New Hampshire. Conhece Scott?

Hank moveu a mão como se o assunto não fosse importante.

— New Hampshire é um fim de mundo — ele comentou em voz baixa. Uma voz tão suave que se tornava irritante.

Igualmente irritante era o fato de ele poder passar por irmão mais novo de minha mãe. De verdade. A barba rala cobria boa parte do rosto, mas a pele exposta era excelente, com bom tônus e poucas marcas de expressão. Eu havia considerado a possibilidade de minha mãe voltar a se envolver com alguém um dia, talvez até mesmo se casar de novo, mas queria que o marido dela tivesse uma aparência distinta. Hank Millar parecia um universitário metido em roupas de adulto.

Ele parou o carro no estacionamento do Coopersmith's. Quando descemos do automóvel, meu celular deu sinal de vida. Eu enviara uma mensagem para Vee com meu novo número antes de sair de casa, e ela estava respondendo.

BABY, TÔ NA SUA CASA. KD VC?

— Encontro vocês lá dentro — disse para minha mãe e Hank. — Mensagem — expliquei, balançando o celular.

Mamãe me olhou transmitindo um recado claro, *seja breve*, depois segurou o braço de Hank e o acompanhou até a entrada do restaurante.

Digitei uma resposta para Vee.

ADIVINHE ONDE EU TÔ.

DICA? Ela respondeu.

JURA QUE NÃO CONTA A NINGUÉM?

PRECISA PERGUNTAR?

Digitei relutante: RESTAURANTE COM O PAI DE MARCIE.

#?@#$?!&

MINHA MÃE TÁ SAINDO COM ELE.

TRAIDORA! SE ELES SE CASAREM, VOCÊ E MARCIE...

QUE BOM QUE VC ME APOIA!

ELE SABE QUE VC TÁ ME MANDANDO TORPEDOS? Vee perguntou.

NÃO. JÁ ENTRARAM. TÔ NO ESTACIONAMENTO DO COOPERSMITH'S.

O CAFETÃO É BOM DEMAIS PRO APPLEBEE'S.

VOU PEDIR O MAIS CARO DO CARDÁPIO. SE TUDO DER CERTO, VOU JOGAR A BEBIDA DE HANK NA CARA DELE.

NÃO FAÇA ISSO. EU VOU BUSCAR VC, PRECISAMOS CONVERSAR. FAZ MUITO TEMPO. TÔ LOUCA PARA VER VC!

DROGA! Escrevi de volta. TENHO QUE FICAR. MAMÃE ESTÁ DECLARANDO GUERRA.

VAI ME ABANDONAR?!

OBRIGAÇÕES FAMILIARES. SEM DRAMA.

JÁ DISSE QUE TÔ LOUCA PARA VER VC?

EU TB. VC É O MÁXIMO. SABE DISSO, NÃO É?

SEI.

ALMOÇO AMANHÃ NO ENZO'S? MEIO-DIA?

FECHADO.

Guardei o celular e atravessei o estacionamento para entrar no restaurante. A iluminação era fraca, a decoração, rústica, com paredes de tijolos e assentos de couro vermelho, e havia candelabros com capacidade para muitas velas. O cheiro de carne grelhada pairava no ar, e as televisões no bar berravam as manchetes esportivas do dia.

— Estou com duas pessoas que acabaram de entrar — informei à *hostess*. — A reserva foi feita em nome de Hank Millar.

Ela sorriu.

— Sim, Hank acabou de entrar. Meu pai costumava jogar golfe com ele, por isso o conheço bem. Ele é como um segundo pai para mim. Tenho certeza de que o divórcio o devastou, por isso é bom vê-lo voltando à vida, namorando outra vez.

Lembrei-me do comentário de Marcie sobre a mãe dela ter amigas em todos os lugares. Rezei para o Coopersmith's estar fora do alcance de seu radar, porque temia a velocidade com que essa notícia correria.

— Bem, acho que depende do ponto de vista — murmurei.

A *hostess* sorriu e reagiu constrangida.

— Oh! Desculpe a indelicadeza, você tem razão. Com certeza a ex-esposa de Hank não concordaria comigo. Eu não devia ter falado nada. Por aqui, por favor.

Ela não havia entendido o que eu queria dizer, mas achei melhor não insistir. Segui-a até o bar e desci uma escada curta e estreita para a área do restaurante. Fotografias em preto e branco penduradas nas paredes de tijolos mostravam gângsteres famosos. As mesas eram construídas com madeira retirada de velhos navios. Havia boatos de que a ardósia do piso fora importada de um castelo em ruínas na França e era muito antiga, do século XVI. Registrei a informação que um dia podia ter alguma utilidade: Hank gostava de coisas antigas.

Ele se levantou quando me viu entrar na sala. Sempre um cavalheiro. Se soubesse quais eram meus planos...

— Era Vee? — minha mãe perguntou.

Sentei-me em uma das cadeiras e abri o cardápio para não ter de olhar para Hank.

— Sim.

— Como ela está?

— Bem.

— A mesma Vee de sempre? — brincou mamãe.

Concordei com um ruído qualquer.

— Vocês deviam se encontrar no fim de semana — ela sugeriu.

— Já combinamos.

Depois de um instante, minha mãe pegou um cardápio para ela.

— Bem! Tudo parece ótimo. Vai ser difícil escolher. O que vai querer, Nora?

Estudei a coluna dos preços, procurando o valor mais exorbitante.

De repente, Hank tossiu e afrouxou a gravata, como se houvesse engasgado com a água. Seus olhos se arregalaram tomados pela surpresa. Segui a direção de seu olhar e vi Marcie Millar entrando no restaurante com a mãe. Susanna Millar pendurou o cardigã no cabide perto da porta, depois ela e a filha seguiram a *hostess* até uma mesa separada da nossa por outras quatro.

Susanna Millar sentou-se de costas para nós, e eu tive certeza de que ela nem notara nossa presença. Marcie, por outro lado, estava sentada de frente para a mãe, e nos viu enquanto se servia de água. Ela parou com o copo a caminho da boca. Seus olhos refletiram a exata expressão dos do pai, arregalados de espanto. Eles passaram de Hank para minha mãe e, finalmente, pousaram em mim.

Marcie se debruçou sobre a mesa e cochichou algumas palavras para a mãe. Susanna ficou imediatamente tensa, rígida.

Uma sensação horrível de desastre iminente brotou do meu estômago e desceu até os pés.

Marcie empurrou a cadeira com violência. A mãe a agarrou pelo braço, mas ela foi mais rápida. E caminhou na nossa direção.

— E aí — Marcie falou ao parar do lado da nossa mesa —, estão tendo um bom jantar?

Hank pigarreou. Ele olhou para minha mãe, fechando os olhos lentamente, num pedido silencioso de desculpas.

— Posso dar minha opinião? — Marcie continuou com uma animação bizarra.

— Marcie — Hank a preveniu em tom severo.

— Agora que está disponível, pai, vai ter que tomar cuidado quando escolher suas companhias. — Apesar da aparente coragem, os braços dela tremiam. Talvez fosse a raiva, mas, para mim, parecia mais uma reação de medo.

Quase sem mover os lábios, Hank murmurou:

— Estou pedindo educadamente que volte para sua mesa e vá jantar com sua mãe. Vamos deixar essa conversa para depois.

Mas Marcie não se deixou intimidar.

— Sei que isso vai soar indelicado, mas vai poupá-lo de muito sofrimento no fim da história. Algumas mulheres só querem dinheiro. Só vão se interessar por você pelas coisas que pode dar a elas. — Agora ela olhava diretamente para minha mãe.

Encarei Marcie, e podia sentir que meu olhar brilhava de hostilidade. O pai dela vendia carros! Talvez em Coldwater essa fosse uma impressionante opção profissional, mas ela agia como se sua família tivesse uma longa linhagem de nobreza e uma grande fortuna acumulada! Se minha mãe quisesse se casar por dinheiro, poderia encontrar alternativas muito, *muito* mais vantajosas do que um vendedor de carros chamado Hank.

— E no Coopersmith's, francamente — Marcie continuou, deixando uma nota de desgosto se sobrepor à animação forçada. — Que golpe baixo! Este é o *nosso* restaurante. Comemoramos aniversários aqui, suas conquistas profissionais, datas significativas... Não podia ser mais patético?

Hank massageou a área entre os olhos.

Minha mãe se manifestou em tom contido.

— Eu escolhi o restaurante, Marcie. Não sabia que o lugar tinha um significado especial para sua família.

— Não fale comigo — Marcie disparou. — Esse assunto é entre mim e meu pai. Você não tem nada a ver com isso.

— Tudo bem! — falei, empurrando a cadeira para trás. — Vou ao toalete.

Olhei para minha mãe sugerindo que ela fosse comigo. Aquilo não era problema nosso. Se Marcie e o pai queriam discutir em público, tudo bem. Mas eu não iria ficar ali sentada, participando do espetáculo.

— Eu vou com você — Marcie anunciou, e me pegou desprevenida.

Antes que eu pudesse decidir qual atitude tomar, ela enganchou o braço no meu e me levou para a frente do restaurante.

— Pode me dizer o que isso significa? — perguntei, olhando para nossos braços unidos, assim que nos afastamos da mesa.

— Uma trégua — Marcie respondeu sem rodeios.

As coisas iam ficando mais interessantes a cada segundo.

— Ah, é mesmo? Até quando? — eu quis saber.

— Até meu pai romper o namoro com sua mãe.

— Boa sorte — respondi, desanimada.

Ela soltou meu braço para podermos passar pela porta estreita do banheiro feminino. Quando a porta se fechou atrás de nós, Marcie olhou em todos os reservados para ter certeza de que estávamos sozinhas.

— Não finja que não se importa — ela falou. — Vi você lá fora com eles. Tive a impressão de que você ia vomitar.

— E...?

— Bem, temos algo em comum.

Eu ri, mas era uma risada seca, sem nenhum humor.

— Tem medo de se aliar a mim? — ela perguntou.

— Digamos que seja mais desconfiança. Não gosto muito da ideia de ser esfaqueada pelas costas.

— Eu não faria isso com você. — Ela fez um movimento com a mão impaciente. — Não com relação a um assunto tão sério.

— Não esquecer: Marcie é traiçoeira apenas em questões triviais.

Ela se sentou na bancada da pia. Agora estava meia cabeça mais alta que eu, olhando-me de cima.

— É verdade que não consegue se lembrar de nada? Tipo, sua amnésia é real?

Mantenha a calma.

— Você me arrastou até aqui para falar sobre seu pai e minha mãe ou está mais interessada em mim?

Marcie permanecia séria, concentrada.

— Se aconteceu alguma coisa entre nós... Você não lembra, não é? Seria como se nada houvesse acontecido. Na sua cabeça, pelo menos. — Ela me olhava com atenção, sem esconder o interesse pela resposta.

Revirei os olhos. Minha irritação crescia a cada minuto.

— Desembuche. O que aconteceu entre nós?

— Estou falando hipoteticamente.

Eu não acreditava nela nem por um segundo. Marcie devia ter me humilhado enormemente de algum jeito antes do sequestro, mas, agora que precisava da minha cooperação, esperava que eu tivesse esquecido. Eu não sabia o que ela havia feito, mas me sentia quase feliz por ter esquecido. Tinha muita coisa em minha mente para me preocupar com a última ofensiva de Marcie.

— É verdade, então — ela concluiu, não exatamente sorrindo, mas também não com uma expressão confusa. — Você não se lembra mesmo.

Abri a boca, mas não tinha uma resposta. Mentir e ser desmascarada revelaria muito mais sobre minhas inseguranças do que ser sincera, direta.

— Meu pai disse que você não consegue se lembrar de nada que aconteceu nos últimos cinco meses. Por que a amnésia abrange um período tão longo? Por que não se restringe apenas ao tempo em que esteve sequestrada?

Minha tolerância havia chegado ao limite. Se fosse discutir esse assunto com alguém, Marcie não seria o primeiro nome da lista. Ela nem mesmo estaria na lista.

— Não tenho tempo para isso. Vou voltar à mesa.

— Só estou tentando obter informação.

— Já pensou que talvez não seja da sua conta? — retruquei, irritada.

— Está dizendo que não se lembra de Patch?

Patch.

Assim que o nome saiu da boca de Marcie, a sombra negra e persistente encobriu minha visão. Ela desapareceu como veio, depressa e sem aviso, mas deixou uma estranha sensação. Uma emoção intensa, inexplicável. Como uma bofetada inesperada. Por um momento, perdi a capacidade de respirar. O ardor invadiu meu corpo até os ossos. Eu *conhecia* esse nome. Havia algo nele...

— O que disse? — perguntei lentamente, virando-me.

— Você ouviu. — Os olhos dela estudavam os meus. — Patch.

Tentei evitar um rubor de espanto e incerteza, mas foi inútil.

— Bem, bem... — Marcie não demonstrava a satisfação que eu esperava ver, considerando que acabara de me pegar indefesa, vulnerável.

Eu sabia que devia sair dali, mas aquele breve instante de reconhecimento me fez ficar. Se continuasse falando com Marcie, talvez ele voltasse. E talvez permanecesse tempo suficiente para fazer algum sentido.

— Vai ficar aí falando “bem, bem”, ou vai me dar uma dica qualquer?

— Patch deu uma coisa a você no começo do verão — ela revelou sem rodeios. — Algo que me pertence.

— Quem é Patch? — consegui perguntar finalmente.

A questão soava redundante, mas eu não iria deixar Marcie aumentar a vantagem que já tinha sobre mim. Não se eu pudesse evitar. Cinco meses era tempo demais para se discutir em uma rápida visita ao toalete.

— Um garoto que eu namorei. Um casinho de verão.

Outra emoção surgiu dentro de mim, um sentimento poderoso que era muito parecido com ciúme, mas eu varri para longe essa impressão. Marcie e eu nunca nos interessaríamos pelo mesmo garoto. Atributos que ela valorizava, como superficialidade, falta de inteligência e egocentrismo, não despertavam meu interesse.

— O que ele me deu?

Eu sabia que havia perdido muitas lembranças, mas pensar que um namorado de Marcie me dera alguma coisa era abusar *demais* da capacidade de imaginação. Marcie e eu não tínhamos as mesmas amizades. Não frequentávamos os mesmos grupos. Não íamos aos mesmos lugares. Resumindo, não tínhamos nada em comum.

— Um colar.

Aliviada por não ter que me colocar na defensiva pelo menos uma vez, olhei para ela com um sorriso irônico.

— Ah... Puxa, Marcie, eu podia jurar que dar joias a outra garota é um sinal de que seu namorado não é fiel.

Ela jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada tão convincente, que senti novamente aquela inquietação dentro de mim.

— Não consigo decidir se é triste ver você assim, completamente no escuro, ou se é engraçado.

Cruzei os braços tentando demonstrar impaciência e descontentamento, mas a verdade era que eu estava gelada por dentro. Sentia um frio que nada tinha a ver com a temperatura. Eu nunca iria escapar daquilo. Tive um rápido e horrível pressentimento de que o encontro com Marcie era só o começo, uma antecipação quase insignificante do que estava por vir.

— Não estou com o colar.

— Você *acha* que não está porque não se lembra dele. Mas está. Deve estar dentro do seu porta-joias nesse exato momento. Você prometeu a Patch que o entregaria a mim. — Ela me deu um pedaço de papel. — Meu número. Telefone quando encontrar o colar.

Peguei o papel da mão dela, mas não me deixaria enganar com tanta facilidade.

— Por que ele não deu o colar diretamente a você?

— Nós duas éramos amigas de Patch. — Ao ver minha expressão incrédula, ela acrescentou: — Há sempre uma primeira vez para tudo, não?

— Não estou com o colar — repeti decidida.

— Está, e eu o quero de volta.

Havia alguém mais persistente?

— No fim de semana, quando tiver tempo, vou procurá-lo.

— Antes disso seria melhor.

— Minha oferta está feita. É pegar ou largar.

Ela abriu os braços.

— Por que é sempre tão chata e encrenqueira?

Mantive um sorriso agradável no rosto, minha maneira de mostrar a ela o dedo do meio.

— Posso não conseguir me lembrar dos últimos cinco meses, mas os dezesseis anos antes deles continuam perfeitamente claros na minha memória. Incluindo os onze desde que nos conhecemos.

— Então o problema aqui é ressentimento. Muito maduro.

— É uma questão de princípios. Não confio em você, porque nunca me deu motivo para confiar. Se quer que eu acredite em você, vai ter que provar por que eu deveria fazer isso.

— Você é uma idiota. *Tente* se lembrar. Se Patch fez algo de bom, com certeza foi nos aproximar. Sabia que você foi à minha festa de verão? Pode perguntar por aí. Você estava lá. Como minha amiga. Patch me fez ver um lado seu que eu não conhecia.

— Eu fui a uma de suas festas?

Era difícil acreditar. Mas por que ela mentiria? Marcie estava certa, eu podia perguntar pela cidade. Parecia bobagem fazer esse tipo de afirmação quando era muito fácil comprovar a verdade.

Como se lesse meus pensamentos, ela disse:

— Não precisa acreditar em mim. De verdade. Converse com as pessoas e veja por si mesma. — Marcie ajeitou a bolsa sobre um

ombro e pulou da bancada. No instante seguinte, ela havia saído do banheiro.

Fiquei sozinha por alguns minutos, recuperando a calma. Uma ideia inquietante insistia em me perturbar. Marcie podia estar dizendo a verdade? O namorado dela — Patch? — conseguira romper anos de gelo acumulado entre nós e promover uma aproximação? A ideia era quase ridícula. A expressão "só acredito vendo" latejava na minha cabeça. Mais que nunca, eu me ressenti contra a falta de memória, se não por outros motivos, por ela me colocar em posição de desvantagem com relação a Marcie.

E se Patch era mesmo um casinho de verão *e* um amigo em comum, onde ele estava agora?

Quando saí do toalete, Marcie e a mãe dela haviam desaparecido. Deduzi que elas haviam pedido para mudar de mesa, ou simplesmente ido embora, transmitindo, assim, uma mensagem clara a Hank. De um jeito ou de outro, eu não ia reclamar.

Quando olhei para nossa mesa, tive de caminhar mais devagar. Hank e minha mãe seguravam as mãos um do outro sobre a toalha, trocando um olhar que era, ao mesmo tempo, profundo e íntimo. Ele soltou uma das mãos para ajeitar o cabelo de minha mãe, prendendo uma mecha atrás da orelha. Mamãe corou de contentamento.

Recuei sem perceber. Queria vomitar. Um clichê dos mais detestáveis, mas dolorosamente verdadeiro. E pensar que eu havia planejado jogar vinho na cabeça de Hank! E pretendia me metamorfosear em uma diva de proporções épicas.

Mudei de direção e corri para a porta da frente. Pedi à *hostess* para avisar à minha mãe que eu tinha ido embora, que havia ligado para Vee pedindo carona. Depois mergulhei na noite escura.

Respirei fundo várias vezes. Minha pressão sanguínea se estabilizou, e eu parei de enxergar tudo duplicado. Algumas estrelas brilhavam no céu, apesar de ainda haver no horizonte, a oeste, um brilho dourado do pôr do sol. Havia esfriado um pouco, o bastante para me fazer lamentar não ter levado um casaco. Na pressa de sair, eu deixara a jaqueta jeans pendurada nas costas da cadeira. E

não iria voltar para pegá-la agora. A tentação de voltar para buscar o celular era maior, mas, se eu havia sobrevivido aos últimos três meses sem um, tinha certeza de que poderia ficar sem ele mais uma noite.

Havia uma loja de conveniência a alguns quarteirões dali e, embora eu não soubesse se seria uma boa ideia ficar andando sozinha à noite, também sabia que não poderia passar o resto da vida encolhida de medo. Se vítimas de ataque de tubarão conseguiam voltar ao mar, eu também era capaz de percorrer alguns quarteirões sozinha e a pé. Aquela área da cidade era muito segura e iluminada. Se queria fazer um esforço para romper a barreira do medo, não poderia ter escolhido local melhor.

Seis quarteirões de caminhada, e eu entrei na loja fazendo o sino da porta soar. Estava tão concentrada nos meus pensamentos, que levei alguns segundos para perceber que havia algo de errado ali. A loja estava quieta demais. Mas eu sabia que não estava sozinha; vi cabeças através da vidraça da janela da frente quando atravessava o estacionamento. Quatro homens, pelo que pude perceber. Mas todos haviam desaparecido, e depressa. Até o balcão da frente estava vazio. Eu não me lembrava de ter entrado em nenhuma outra loja de conveniência cujo balcão estivesse deserto. *Nunca*. Era pedir para ser assaltado. Especialmente à noite.

— Olá? — chamei. Caminhei pela frente da loja e espiei os corredores onde havia de tudo, de biscoitos a remédio para enjoo. — Tem alguém aí? Preciso trocar dinheiro para usar o telefone público.

Ouvi um ruído abafado no corredor do fundo. Aquela devia ser a área dos banheiros, porque estava escura. Prestei atenção para tentar ouvir o som novamente. Considerando tudo que acontecera comigo recentemente, tive medo de que aquilo fosse o início de outra alucinação.

Então ouvi um segundo barulho. O rangido distante de uma porta sendo fechada. E estava certa de que o som era real, o que significava que podia haver alguém escondido lá atrás, onde eu não

conseguia enxergar. A ansiedade comprimiu meu estômago, e eu corri para fora da loja.

Contornei o prédio e encontrei um telefone público. Liguei para a polícia, e ouvi apenas o primeiro toque antes que a mão passasse por cima do meu ombro, apertasse o gancho e encerrasse a chamada.

CAPÍTULO 8

EU me virei.

Ele tinha pelo menos quinze centímetros e vinte e cinco quilos a mais do que eu. As luzes do estacionamento não iluminavam aquela área, mas fiz mentalmente uma lista rápida de traços identificadores: cabelo louro-avermelhado espetado com gel, olhos azuis brilhantes, brincos nas duas orelhas, um colar de dente de tubarão. Acne leve na metade inferior do rosto. Camiseta preta mostrando o bíceps musculoso onde havia a tatuagem de um dragão cuspindo fogo.

— Precisa de ajuda? — perguntou ele com um sorriso de canto de boca. Enquanto me oferecia o celular, apoiava um braço no telefone público, invadindo meu espaço pessoal. Seu sorriso era complacente demais, superior demais. — Detesto ver uma menina bonita desperdiçar dinheiro com um telefonema.

Eu não respondi. Ele franziu um pouco o cenho.

— A menos que a chamada seja *gratuita*. — O desconhecido coçou um lado do rosto, demonstrando concentração profunda. — Mas a única chamada gratuita que você pode fazer de um telefone público é... para a polícia. — A nota angelical desapareceu de sua voz.

Eu engoli em seco.

— Não havia ninguém no balcão. Pensei que podia estar acontecendo alguma coisa.

E agora eu *sabia* que estava. Ele só se incomodaria por eu estar ligando para a polícia se quisesse mantê-la bem longe dali. *Um assalto?*

— Vou simplificar as coisas para você — ele falou, abaixando-se e aproximando o rosto do meu, como se eu fosse uma menina de cinco anos e precisasse de instruções claras, lentas. — Volte para o seu carro e siga em frente.

Ele não havia notado que eu chegara ali a pé. Eu ainda tentava pensar em uma resposta quando ouvi sons de luta vindos do beco atrás da loja. Alguns palavrões abafados, um gemido de dor.

Considerei minhas opções. Podia seguir o conselho do Colar de Dente de Tubarão e sair dali o mais depressa possível, fingindo nunca ter estado lá. Ou podia correr até o posto de gasolina mais próximo e chamar a polícia. Mas, até lá, talvez fosse tarde demais. Se estavam assaltando a loja, Dente de Tubarão e seus amigos não iriam perder tempo. Minha última alternativa era ficar onde estava e tomar a atitude muito corajosa, ou muito estúpida, de tentar impedir o assalto.

— O que está acontecendo lá dentro? — perguntei em tom inocente, apontando para a loja.

— Olhe em volta — ele respondeu com voz suave e doce. — Este lugar está deserto. Ninguém sabe que você está aqui. Ninguém vai se lembrar de que você esteve aqui. Agora, seja uma boa menina, volte para o seu carro e desapareça.

— Eu...

Ele pressionou um dedo contra meus lábios.

— Não vou falar de novo. — A voz era gentil, quase em tom de flerte. Mas os olhos eram frios, penetrantes.

— Deixei as chaves no balcão lá dentro — falei, usando a primeira desculpa que encontrei. — Quando entrei.

Ele me pegou pelo braço e me levou até a frente do prédio. Seus passos eram duas vezes mais largos que os meus, e eu quase tinha de correr para acompanhá-lo. E durante todo o tempo eu me pressionava mentalmente, ordenando à minha ingenuidade que encontrasse uma boa desculpa para quando ele percebesse que eu estava mentindo. Eu não sabia como ele reagiria, mas tinha uma vaga ideia, e pensar nisso fez meu estômago virar do avesso.

A sineta da porta soou quando entramos. Ele me arrastou até o caixa e empurrou para o lado um *display* de ChapStick e uma caixa cheia de chaveiros à venda, certamente procurando minhas chaves. O grandalhão seguiu para o caixa vizinho e repetiu o mesmo

procedimento. De repente ele parou e se virou lentamente, olhando para mim.

— Quer me dizer onde estão suas chaves?

Tentei decidir se seria possível correr para a rua, fugir dele. Calculei quais seriam as chances de um carro passar por ali quando eu mais precisava. E por que, oh, por que eu havia saído do Coopersmith's sem pegar minha jaqueta e o celular?

— Qual é seu nome? — perguntou ele.

— Marcie — menti.

— Vou lhe dizer uma coisa, Marcie — o homem falou, ajeitando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Tentei dar um passo para trás, mas ele beliscou minha orelha num aviso silencioso. Fiquei parada, suportando o contato físico enquanto ele deslizava o dedo desde a orelha até a curva do meu queixo, segurando-o entre dois dedos para levantar meu rosto, cravando em mim aqueles olhos claros, quase translúcidos. — Ninguém mente para Gabe. Quando Gabe manda uma menina dar o fora, é melhor ela dar o fora. Caso contrário, Gabe fica zangado. E isso é ruim, porque Gabe tem pavio curto. Na verdade, pavio curto é uma forma gentil de descrever o temperamento dele. Está entendendo?

Eu achava esquisito que ele se referisse a si mesmo na terceira pessoa, mas não ia criar confusão por isso. O instinto me dizia que Gabe também não gostava de ser corrigido. Ou questionado.

— Desculpe. — Não me atrevia a parar de encará-los, temendo que o movimento fosse confundido com um sinal de falta de respeito.

— Quero que você vá embora agora — ele falou com aquela voz enganosamente aveludada.

Eu assenti, já recuando. Meu cotovelo bateu na porta, deixando entrar um sopro de ar frio.

Assim que saí, Gabe falou através da porta:

— Dez.

Ele estava debruçado sobre o balcão da loja, e havia um sorriso cruel em seu rosto.

Eu não sabia por que ele dissera aquilo, mas mantive a expressão controlada e continuei recuando, agora mais depressa.

— Nove — gritou ele.

Foi quando compreendi que ele fazia uma contagem regressiva.

— Oito — Gabe gritou, afastando-se do balcão e dando alguns passos tranquilos na direção da porta. Ele apoiou as mãos no vidro, depois desenhou com um dedo um coração invisível.

Ao ver minha expressão apavorada, ele riu.

— Sete.

Eu me virei e corri.

Ouvi um carro se aproximando pela rua e comecei a gritar, agitando os braços. Mas ainda estava muito longe da via, e o carro passou sem reduzir a velocidade, desaparecendo além da curva depois da loja.

Quando cheguei à calçada, olhei para a direita e para a esquerda. Tinha que decidir depressa. Virei na direção do Coopersmith's.

— Pronta ou não, aqui vou eu. — Ouvi Gabe gritar atrás de mim.

Movi os braços como se fossem alavancas, ouvindo o barulho irritante das minhas sapatilhas batendo no asfalto. Queria olhar para trás e ver se ele estava suficientemente longe de mim, mas me obriguei a manter o foco no caminho, na rua que se estendia à minha frente. Tentei manter a maior distância possível entre mim e Gabe. Logo um carro passaria por ali. *Tinha que passar*.

— Isso é o mais rápido que consegue correr?

Ele não podia estar a mais de cinco ou seis metros. Pior, sua voz não demonstrava cansaço. Era horrível pensar que ele sequer estava fazendo esforço. Não, estava se divertindo com a brincadeira de gato e rato, e enquanto eu ficava mais cansada a cada passo, ele ia ficando mais e mais animado.

— Continue! — Gabe cantarolou. — Mas não se canse demais. Não vai ter graça nenhuma pegar você se não tiver energia para lutar. Eu quero *brincar*.

Finalmente, ouvi o barulho abafado do motor de um carro. Luzes apareceram cortando a escuridão, e eu corri para o meio da rua agitando os braços em desespero. Gabe não me atacaria diante de uma testemunha. Atacaria?

— Pare! — gritei, e continuei sacudindo os braços para a caminhonete que se aproximava.

O motorista reduziu a velocidade e abriu a janela. Era um homem de meia-idade, usando uma camisa de flanela e exalando um forte cheiro do píer dos pescadores.

— Qual é o problema? — perguntou o homem, olhando por cima do meu ombro para o local onde eu sentia a presença de Gabe como uma crepitação fria no ar.

— Estamos só brincando de esconde-esconde — Gabe respondeu, passando um braço por cima dos meus ombros.

Eu o empurrei.

— Nunca vi esse homem antes — disse ao motorista. — Ele me ameaçou na loja de conveniência. Acho que ele e os amigos estão tentando assaltar a loja. Quando entrei, estava tudo vazio, e ouvi barulho de luta lá no fundo. Temos que chamar a polícia.

Eu parei de falar, já me preparando para perguntar ao homem se ele tinha um celular, quando percebi, confusa, que ele continuava olhando para a frente, ignorando minha presença. Em seguida, fechou a janela, trancando-se dentro da caminhonete.

— Precisa me ajudar! — gritei, batendo no vidro.

Mas seu olhar não se desviava do para-brisa. Um arrepio gelado percorreu meu corpo. O homem não ia me ajudar. Ele ia me deixar ali com Gabe.

Gabe me imitou, batendo na janela do motorista de um jeito debochado.

— Socorro! — ele gritava com voz fina. — Gabe e os amigos dele estão assaltando a loja de conveniência. Oh, senhor, precisa me ajudar a detê-los!

Quando terminou de falar, ele jogou a cabeça para trás e quase sufocou com as próprias gargalhadas.

O motorista da caminhonete olhou para nós de um jeito estranho, com movimentos quase robóticos. Os olhos dele estavam vidrados, sem foco, e não piscavam.

— Qual é o problema com você? — gritei, sacudindo a maçaneta da porta do carro. Bati na janela mais uma vez. — Chame a polícia!

O homem pisou no acelerador. A caminhonete começou a andar lentamente, e eu corri ao lado dela, ainda me agarrando à esperança de poder abrir a porta. Ele pisou mais fundo no acelerador, e eu tropecei tentando acompanhar a marcha do automóvel. De repente, ele arrancou como um raio, e eu quase fui jogada longe.

Virei-me para Gabe.

— O que fez com ele?

Isso.

Eu me encolhi, ouvindo a palavra ecoar dentro de minha cabeça como uma presença fantasma. Os olhos de Gabe ficaram negros como um poço sem fundo. Seu cabelo começou a crescer, primeiro no topo da cabeça, depois em todos os lugares. Brotava nos braços, na ponta dos dedos, em tudo, até todo seu corpo ficar peludo. Um pelo marrom, sujo e fedido. Ele se aproximou de mim apoiado nas patas traseiras, crescendo até ficar muito maior que eu. Quando moveu um braço, eu vi o brilho das garras. Em seguida, ele caiu de quatro, colou o focinho úmido no meu rosto e rugiu — um som furioso, reverberante. Gabe se transformara em um urso pardo.

Dominada pelo terror, tropecei e caí. Continuei me arrastando para trás às cegas, movendo os braços pelo chão em busca de uma pedra. Encontrei uma e a joguei na direção do urso. A pedra o acertou no ombro e caiu para o lado. Encontrei outra pedra, e dessa vez tentei acertá-lo na cabeça. A pedra o atingiu no focinho, e ele balançou a cabeça para o lado. Um fio de saliva escorria de sua boca aberta. Ele rugiu novamente e se aproximou de mim mais depressa do que eu podia me afastar.

Com uma das patas, o urso me empurrou contra o asfalto. Ele estava me esmagando; senti a dor nas costelas.

— *Pare!*

Tentei remover a pata de cima do meu peito, mas ele era muito forte. Não sabia se ele podia me ouvir. Ou se me entendia. Não sabia se restava alguma parte de Gabe dentro do urso. Nunca antes em toda minha vida eu havia testemunhado alguma coisa tão inexplicavelmente aterrorizante.

O vento soprou mais forte, jogando meu cabelo para a frente do rosto. Através da cortina de fios, vi esse mesmo vento levar os pelos do urso. Tufos voavam noite adentro. Quando olhei novamente, era Gabe debruçado sobre mim. Seu sorriso sádico parecia dizer: *Você é meu fantoche. E não se esqueça disso.*

Eu não sabia o que me causava mais medo: Gabe ou o urso.

— Fique de pé — ele ordenou, levantando-me do chão.

Gabe me arrastou de volta pela rua até as luzes da loja de conveniência se tornarem visíveis novamente. Eu não sabia o que pensar. Ele me havia... hipnotizado? Conseguira me fazer acreditar que se transformara em um urso? Havia alguma outra explicação? Eu sabia que precisava sair dali e encontrar ajuda, mas ainda não sabia *como*.

Contornamos a loja e seguimos para o beco atrás dela, onde os outros se reuniam.

Dois deles vestiam roupas normais, como as de Gabe. O terceiro usava uma camisa polo verde-limão com o logotipo da loja e as iniciais B.J. bordados no bolso.

B.J. estava de joelhos, segurando as costelas e gemendo, inconsolável. Seus olhos estavam fechados, e notei que havia saliva no canto de sua boca. Um dos amigos de Gabe — um sujeito vestindo um moletom cinza largo com capuz — permanecia ao lado de B.J. com uma barra de ferro na mão, erguida, pronta para atacar. De novo, pelo que pude perceber.

Senti a boca seca, e minhas pernas pareciam feitas de palha. Eu não conseguia desviar os olhos da mancha vermelha e escura que crescia rapidamente na camisa de B.J., bem em cima da barriga.

— Vocês estão machucando esse homem! — falei, apavorada.

Gabe estendeu a mão para a barra de ferro, e o outro homem a entregou sem resistir.

— É disto que está falando? — Gabe me perguntou com ingenuidade debochada.

Ele bateu com a barra no meio das costas de B.J., e ouvi um estalo grotesco. B.J.gritou, caiu de lado e se contorceu de dor.

Gabe apoiou a barra sobre os ombros, por trás da nuca, e enganchou os braços nela como se fosse um bastão de beisebol.

— *Home run*! — gritou.

Os outros dois riram. Eu estava tonta, sentindo que ia vomitar.

— Pegue o dinheiro — falei, e minha voz soou alta, quase um grito. Era evidente que se tratava de um assalto, mas eles estavam indo além de simplesmente roubar. — Vai matar esse homem se continuar batendo nele!

Os bandidos riram, como se soubessem de alguma coisa que eu não sabia.

— Matá-lo? É pouco provável — disse Gabe.

— Ele já está sangrando muito!

Gabe deu de ombros, demonstrando que não se importava. Foi então que eu soube que ele não era apenas cruel, mas também insano.

— Ele vai se curar.

— Não se não for levado a um hospital depressa.

Gabe usou o pé para cutucar B.J., que havia rolado no chão e apoiava a testa no cimento da calçada em frente à porta dos fundos da loja. Todo seu corpo tremia, e eu tive a impressão de que ele estava entrando em estado de choque.

— Ouviu o que ela disse? — Gabe gritou para B.J.— Você precisa ir para o hospital. Eu mesmo o levarei até lá e o deixarei na entrada do pronto-socorro. Mas, antes, você tem que falar. Tem que fazer o juramento.

Com grande esforço, B.J. levantou a cabeça e olhou para Gabe com expressão confusa, como se estivesse quase perdendo os sentidos. Ele abriu a boca, e eu pensei que diria o que os outros queriam que dissesse, mas, em vez de falar, ele cuspiu, acertando a perna de Gabe.

— Não pode me matar — B.J. gemeu, mas seus dentes rangiam e os olhos reviravam nas órbitas, sinal claro de que estava prestes a desmaiar. — O... Mão... Negra... me... disse.

— Resposta errada — falou Gabe, jogando a barra de ferro para cima e segurando-a de novo como se fosse um bastão.

Em seguida, ele a moveu, traçando um arco violento no ar. O metal encontrou a coluna de B.J., e a pancada o fez se esticar numa resposta reflexiva e soltar um uivo arrepiante.

Cobri a boca com as duas mãos, dominada pelo terror. Estava horrorizada com a cena que testemunhava e com a palavra que ecoava em minha cabeça. Era como se ela se libertasse do fundo do meu inconsciente e viesse à tona, rompendo todas as barreiras.

Nefilim.

É isso que B.J. é, pensei, embora a palavra não significasse nada para mim. *E eles estão tentando forçá-lo a jurar fidelidade.*

Era uma revelação assustadora, porque eu desconhecia o significado de tudo aquilo. De onde eu tirara aquela informação? Como podia saber alguma coisa do que estava acontecendo ali, se nunca vira nada assim antes?

Fui arrancada repentinamente daquela estranha e confusa reflexão quando um utilitário branco apareceu na rua atrás da loja. A luz dos faróis nos paralisou. Gabe abaixou discretamente a barra de metal, escondendo-a atrás da perna. Rezei para que o motorista, quem quer que fosse, voltasse de ré e chamasse a polícia. Se chegasse mais perto, bem, eu já havia testemunhado o que Gabe era capaz de fazer para convencer as pessoas a não se meterem em seus assuntos.

Comecei a pensar em maneiras de tirar B.J. dali enquanto Gabe e os outros estivessem distraídos, mas abandonei o plano quando ouvi um deles, o do moletom cinza, perguntar a Gabe:

— Acha que são nefilins?

Nefilim. Aquela palavra. Novamente. Dessa vez pronunciada em voz alta.

Em vez de me confortar, a palavra só alimentava meu pavor. Eu a conhecia, e agora sabia que Gabe e os amigos também. Como era

possível que tivéssemos essa palavra em comum? Como podíamos ter *alguma coisa* em comum?

Gabe balançou a cabeça.

— Eles viriam com mais de um carro. O Mão Negra não nos enfrentaria com menos de vinte de seus homens.

— A polícia, então? Pode ser um carro disfarçado. Quer que os convença de que erraram o caminho?

A sugestão me fez pensar que Gabe não era o único ali capaz de hipnotizar as pessoas. Talvez seus dois amigos também tivessem essa habilidade.

O homem do moletom cinza deu um passo à frente, mas Gabe estendeu um braço e o deteve, pousando a mão em seu peito.

— Espere.

O carro se aproximava, as rodas esmagando o cascalho fino do solo. Minhas pernas tremiam com a adrenalina. Se acontecesse um confronto, Gabe e os outros poderiam se distrair o suficiente para eu segurar B.J. pelas axilas e arrastá-lo para fora da viela. Uma chance pequena, mas uma chance, mesmo assim.

De repente, Gabe explodiu numa gargalhada. Ele bateu nas costas dos amigos, ainda mostrando os dentes brilhantes.

— Ora, ora, rapazes. Vejam só quem veio para a festa, afinal.

CAPÍTULO 9

O UTILITÁRIO branco parou e o motor foi desligado. A porta do motorista se abriu e, da escuridão, desceu alguém. Um homem. Alto. Jeans largo e camisa branca e azul-marinho de um time de beisebol, as mangas puxadas para cima até os cotovelos. Seu rosto estava escondido pela aba de um boné, mas eu vi a linha forte do queixo e o contorno da boca, e a imagem me afetou como uma corrente elétrica. O lampejo de preto explodiu no fundo da minha mente com tamanha intensidade, que a cor invadiu meu campo de visão e o dominou por vários segundos.

— Decidiu juntar-se a nós, então? — perguntou Gabe ao recém-chegado.

Ele não respondeu.

— Encontramos resistência — Gabe continuou, enfiando a ponta do sapato na região das costelas de B.J., que continuava encolhido no chão. — Este aqui não quer jurar fidelidade. Acha que é bom demais para mim. Um mestiço.

Gabe e os dois amigos riram, mas o motorista do utilitário parecia não ter entendido a piada. Com as mãos nos bolsos, ele nos estudou em silêncio. Tive a impressão de que seu olhar demorou um pouco mais em mim, mas eu estava tão nervosa, que podia perfeitamente estar vendo coisas que não estavam acontecendo.

— O que ela faz aqui? — o recém-chegado perguntou em voz baixa, apontando para mim com o queixo.

— Lugar errado, hora errada — resumiu Gabe.

— Agora ela é uma testemunha.

— Eu disse a ela para entrar no carro e ir embora.

Era impressão minha ou Gabe parecia estar na defensiva? Era a primeira vez desde que eu o encontrara que alguém questionava

sua autoridade, mesmo que de forma sutil, e eu praticamente podia sentir o ar em torno dele vibrar com uma energia negativa.

— E?

— Ela não foi embora quando mandei.

— Ela vai se lembrar de tudo.

Gabe girou a barra de ferro entre as mãos várias vezes com grande agilidade.

— Posso convencê-la a não falar.

O motorista olhou para B.J. encolhido no chão.

— Do mesmo jeito que convenceu esse aqui a falar?

Gabe franziu o cenho. Seus dedos apertaram a barra com mais força.

— Tem alguma ideia melhor?

— Sim, deixe-a partir.

Gabe desafiou sua autoridade e riu.

— Deixá-la partir — repetiu. — E o que a impedirá de ir diretamente à polícia? Hein, Jev? Não pensou nisso?

— Você não tem medo da polícia — Jev respondeu em tom calmo, mas eu pensei haver detectado uma nota de desafio em sua voz. A segunda ameaça indireta ao poder de Gabe.

Decidi correr o risco de me intrometer na discussão.

— Se me deixarem ir, prometo que não vou contar nada. Só quero... levá-lo comigo. — Apontei para B.J. e pronunciei as palavras como se elas saíssem do fundo de minha alma.

Era estranho, assustador, mas eu sentia que teria de falar. Não podia deixar esse tipo de violência impune. Se Gabe continuasse solto, nada o impediria de torturar e aterrorizar outras vítimas. Mas bani esses pensamentos para o fundo da mente, temendo que Gabe pudesse vê-los estampados em meu rosto.

— Você ouviu o que ela disse — Jev manifestou-se.

Gabe apertou os lábios e a mandíbula.

— Não. Ele é meu. Há meses espero que ele complete dezesseis anos. Não vou desistir agora.

— Haverá outros — Jev insistiu, mostrando-se estranhamente relaxado ao cruzar os dedos atrás da cabeça. Ele deu de ombros. — Desista. Vá embora.

— Ah, é? Quer que eu seja como você? Não tem um vassalo nefilim. O Cheshvan será longo e solitário para você, parceiro.

— Ainda faltam semanas para o Cheshvan. Você tem tempo. Vai encontrar outra pessoa. Deixe o nefilim e a menina irem embora.

Gabe aproximou-se de Jev. Jev era mais alto, mais esperto e sabia como manter a calma — características que eu havia percebido em três segundos —, mas Gabe tinha a vantagem da força física. Jev era longilíneo e ágil como um felino selvagem, enquanto Gabe tinha o porte de um touro.

— Você recusou nossa companhia antes. Disse que tinha outros assuntos para resolver esta noite. Em minha opinião, isso aqui não é da sua conta. Estou cansado dessa sua mania de aparecer no último instante e decidir tudo. Não vou desistir enquanto o nefilim não jurar fidelidade.

De novo aquela expressão: “jurar fidelidade”. Vagamente familiar, mas distante. Se em algum nível mais profundo eu sabia o que isso significava, a memória não trazia o conteúdo à tona no momento. De qualquer maneira, eu sabia que as consequências seriam terríveis para B.J.

— Esta é minha noite — Gabe acrescentou, cuspindo no chão para dar ênfase à declaração. — E ela vai terminar do meu jeito.

— Espere um minuto — interrompeu o homem de moletom cinza, aparentemente estupefato. Ele olhava de um lado para o outro do beco. — Gabe! Seu nefilim... desapareceu!

Todos nós olhamos para o local onde B.J. estivera caído e inerte um momento antes. Uma mancha gordurosa no chão era o único sinal de que ele realmente estivera ali.

— Ele não pode ter ido longe — Gabe concluiu, alterado. — Dominic, vá por ali — ele ordenou ao comparsa do moletom cinza, apontando o fundo do beco. — Jeremiah, verifique a loja. — O rapaz de camiseta branca com estampas gráficas correu na direção da porta.

— E ela? — Jev perguntou a Gabe, apontando para mim.

— Por que não tenta ser útil e traz meu nefilim de volta? — Gabe respondeu irritado.

Jev levantou as mãos na altura dos ombros.

— Faça como quiser.

Senti meu estômago protestar quando compreendi o que estava prestes a acontecer. Jev estava indo embora. Ele era amigo de Gabe, ou pelo menos o conhecia, e isso era suficiente para me deixar nervosa, mas, ao mesmo tempo, ele era minha única chance de escapar daquela encrenca. Até aquele momento, ele parecia estar do meu lado. Se fosse embora, eu ficaria sozinha. Gabe já havia deixado claro que era o macho alfa, e eu não iria me iludir acreditando que seus dois amigos o enfrentariam ou desafiariam.

— Vai embora, então? Sem mais nem menos? — gritei para Jev. Mas Gabe chutou minhas pernas por trás, fazendo-me cair de joelhos, e antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, todo o ar abandonou meu corpo.

— Vai ser mais fácil se não olhar — Gabe me aconselhou. — Uma pancada certeira. Prometo que será a última coisa que vai sentir.

Joguei o corpo para a frente com a intenção de tentar escapar, mas Gabe agarrou meus cabelos e me puxou de volta.

— Não pode fazer isso! — gritei. — Não pode simplesmente me *matar*!

— Quieta — ele grunhiu.

— Não o deixe fazer isso, Jev! — gritei, sem conseguir vê-lo, mas certa de que ele me ouvia, já que o motor do utilitário ainda não havia sido ligado.

Eu rolava no chão, tentando me virar para ver a barra de ferro e me esquivar do golpe. Agarrei um punhado de pedras, voltei-me violentamente para ver onde estava Gabe, e joguei as pedras na direção dele.

Sua mão enorme desceu sobre minha cabeça e empurrou minha testa contra o chão. Meu nariz se dobrou de uma forma dolorosa, e as pedras feriam meu queixo e as bochechas. Ouvi um rangido

pavoroso, e Gabe caiu em cima de mim. Em pânico, pensei que ele estava tentando me esmagar. A morte rápida não era suficiente? Ele queria me fazer sofrer, queria causar o máximo possível de dor? Ofegante, rastejei para tentar sair de baixo do corpo pesado.

Eu me levantei com dificuldade e me virei. Tentei adotar uma posição defensiva, certa de que encontraria Gabe já preparando um segundo ataque contra mim. Não entendi nada. Ele continuava deitado de bruços no chão, e a barra de ferro estava cravada em suas costas. Ele fora perfurado por ela.

Jev passava a manga da camisa pelo rosto suado. Aos pés dele, Gabe se contorcia e tremia, soltando vários palavrões e praguejando violentamente, sem nenhuma coerência. Eu não conseguia acreditar que ele ainda estava vivo. A barra de ferro devia ter atravessado sua coluna.

— Você... o perfurou — gemi, completamente dominada pelo horror.

— E ele não vai ficar feliz com isso, então sugiro que saia daqui — Jev respondeu, torcendo a barra de metal para cravá-la mais fundo no corpo do oponente. Ele olhou para mim e levantou uma sobrancelha. — O que está esperando?

Comecei a andar de costas.

— E você?

Ele me encarou por uma eternidade, considerando as circunstâncias. Uma breve expressão de pesar passou por seu rosto. Mais uma vez, senti aquela misteriosa pressão da memória tentando consertar a ponte que mantinha tudo fora do alcance da minha consciência. Abri a boca, mas a ligação entre minha mente e minhas palavras havia sido destruída. Eu não sabia como conectar as duas extremidades. Tinha alguma coisa para dizer a ele, mas não conseguia descobrir *o que* era.

— Imagino que B.J. tenha chamado a polícia — Jev falou, girando a barra como se quisesse parafusá-la nas costas de Gabe. O corpo no chão ficou repentinamente tenso, mas relaxou depois de um momento.

Sirenes distantes cortaram o silêncio da noite.

Jev agarrou Gabe pelos braços e o arrastou para os arbustos do outro lado do beco.

— Se for pela rua de trás, na velocidade certa, vai conseguir se afastar alguns quilômetros deste lugar em pouquíssimo tempo.

— Não vim de carro.

Ele olhou para mim.

— Vim andando até aqui — expliquei. — Estou a pé.

— Anjo — ele falou, empregando um tom que sugeria esperar sinceramente que eu estivesse brincando.

Alguns momentos no mesmo lugar não nos tornavam íntimos o bastante para adotarmos um tratamento tão carinhoso, mas, mesmo assim, meu coração bateu descompassado. *Anjo*. Como ele poderia saber que a palavra me assombrava havia dias? Como *eu* poderia explicar os misteriosos flashes negros que se tornavam mais intensos à medida que ele se aproximava?

Mais inquietante que tudo, se eu ligasse os pontos...

Patch, uma voz sussurrou na minha cabeça, uma palavra que parecia se jogar contra as grades de uma gaiola no fundo do inconsciente. *A última vez que senti isso foi quando Marcie mencionou Patch*.

O nome era suficiente para abrir uma espécie de poço escuro, trazer uma onda *negra* que me envolvia, vinda de todas as direções. Concentrei-me nela e mantive os olhos fixos em Jev, tentando entender uma sensação que eu não conseguia transformar em palavras. Ele sabia alguma coisa que eu desconhecia. Talvez sobre o misterioso Patch, talvez sobre mim. *Definitivamente* sobre mim. A presença dele me inundava com emoções profundas demais para serem só uma coincidência.

Mas que ligação havia entre mim, Patch, Marcie e Jev?

— Eu... conheço você? — perguntei, incapaz de pensar em outra explicação.

Ele me encarava sem se alterar.

— Não veio de carro? — repetiu, ignorando minha pergunta.

— Não — repeti com a voz fraca.

Ele olhou para cima como se perguntasse à lua: *Por que eu?* Depois apontou com o polegar para o utilitário branco em que havia chegado.

— Entre.

Fechei os olhos, tentando pensar.

— Espere. Temos que ficar para depor. Se fugirmos, será o mesmo que confessar nossa culpa. Vou dizer à polícia que você matou Gabe para salvar minha vida. — Tive outra ideia. — Vamos encontrar B.J. e pedir a ele para depor também.

Jev abriu a porta do utilitário do lado do motorista.

— Tudo isso seria ótimo se a polícia fosse confiável.

— Do que está falando? É a polícia. O trabalho deles é prender criminosos. Não somos os bandidos nessa história. Gabe *teria* me matado se você não houvesse interferido.

— Nisso você tem razão.

— Então...?

— A polícia local não está preparada para lidar com esse tipo de ocorrência.

— Tenho quase certeza de que assassinato está entre as ocorrências que a polícia deve atender! — argumentei ironicamente.

— Duas coisas — ele disse, em tom paciente. — Primeiro, eu não matei Gabe. Eu o imobilizei. Segundo, pode acreditar em mim, Jeremiah e Dominic não vão se deixar prender sem resistir, sem provocar um grande derramamento de sangue.

Abri a boca para discutir, mas, pelo canto do olho, vi Gabe se mexer outra vez. Milagrosamente, ele não estava morto. Lembrei-me de como aquele homem havia manipulado minha visão recorrendo ao que só podia ser uma poderosa forma de hipnotismo ou um truque de magia. E, agora, ele usava outro truque para escapar da morte? Eu tinha a misteriosa sensação de que acontecia ali alguma coisa maior do que o meu entendimento podia alcançar. Mas...

O que, exatamente?

— Diga o que está pensando — Jev pediu em voz baixa.

Hesitei, mas não havia tempo para isso. Se Jev conhecia Gabe tão bem quanto eu suspeitava, devia saber sobre suas... habilidades.

— Vi Gabe fazer um... truque. Um truque de magia. — A expressão séria de Jev indicava que ele não estava surpreso, e eu continuei: — Ele me fez ver alguma coisa que não era real. Transformou-se em um urso.

— Isso é só a ponta do iceberg com relação às coisas que ele é capaz de fazer.

Engoli em seco, tentando diminuir o desconforto da boca.

— Como ele fez aquilo? É mágico?

— Mais ou menos.

— Ele usou magia? — Eu nunca havia imaginado que podia existir magia tão convincente. Até agora.

— Quase isso. Escute, o tempo está passando.

Olhei para os arbustos que escondiam parcialmente o corpo de Gabe. Mágicos podiam criar ilusões, mas *não* podiam desafiar a morte. Não havia nenhum jeito lógico de sobreviver ao ataque que ele sofrera.

As sirenes se aproximavam e Jev me empurrou para dentro do utilitário.

— O tempo acabou.

Eu não me movi. Não podia. Era minha responsabilidade moral ficar...

— Se ficar para falar com a polícia, não vai viver para ver o fim desta semana. E também vai causar a morte de todos os policiais envolvidos. Gabe vai impedir a investigação antes que ela comece — Jev me avisou.

Pensei nessas novas informações por dois segundos. Eu não tinha de confiar em Jev. Mas, no final, por motivos complicados demais para explicar, confiei nele.

Sentei-me ao seu lado e prendi o cinto de segurança. Com o coração acelerado, vi Jev engatar a marcha no carro, que agora eu

percebia ser um Tahoe. Com um braço apoiado atrás do meu banco, ele virou a cabeça para olhar pelo vidro de trás.

Jev saiu do beco em marcha a ré. Na rua, engatou a primeira e arrancou para o cruzamento mais próximo. Havia uma placa de “pare” na esquina, mas o Tahoe seguia em alta velocidade. Sem saber se Jev obedeceria à sinalização de trânsito, agarrei com as duas mãos a alça sobre a porta do carro, e torci para ele parar quando um vulto escuro apareceu na nossa frente. A barra de ferro enterrada nas costas de Gabe estava inclinada num ângulo macabro e, sob a luz pálida da rua, parecia uma asa quebrada.

Jev pisou no acelerador e aumentou a velocidade. Ele parecia voar baixo. Gabe ainda estava muito distante para que eu pudesse ler sua expressão, mas não dava indícios de ter alguma intenção de se mover. Pelo contrário. Ele se abaixou, flexionando as pernas sob o corpo e estendendo as mãos para a frente, como se acreditasse poder nos parar.

Eu agarrei o cinto de segurança.

— Você vai passar por cima dele!

— Ele vai sair da frente.

Meu pé pressionava com força um pedal de freio imaginário. A distância entre e o Tahoe diminuía rapidamente.

— Jev... pare... agora!

— Isso também não vai matá-lo!

Ele mudou a marcha, aumentando ainda mais a velocidade. E depois tudo aconteceu muito depressa.

Gabe saltou no ar, arremessando o corpo contra nós. Ele bateu no para-brisa, e o vidro rachou, formando uma espécie de rede de renda fina. Um instante depois ele sumiu de vista. Um grito soou dentro do carro. Percebi que era meu.

— Ele está em cima do carro — Jev avisou. Depois subiu na calçada, passou muito perto de um banco e continuou em frente, por baixo de uma árvore de galhos baixos. Girando o volante para a esquerda, ele voltou à rua com um movimento brusco, violento.

— Ele caiu? Onde ele está? Continua lá em cima? — Colei o rosto à janela, tentando enxergar alguma coisa.

— Segure-se.

— Por quê? — gritei, agarrando a alça sobre a porta novamente.

Não senti o carro parar. Mas Jev deve ter pisado no freio, porque o Tahoe girou, descrevendo um círculo completo antes de parar com um tranco. Meu ombro se chocou contra o metal da porta. Pelo canto do olho, vi uma sombra escura voando e aterrissando com a graça de um gato. Gabe ficou parado por um instante, abaixado no chão e de costas para nós.

Jev engatou a marcha do Tahoe.

Gabe olhou por cima do ombro. Seu cabelo estava colado ao rosto, grudado a uma fina camada de suor. Seus olhos encontraram os meus. A boca se distendeu num sorriso diabólico. Ele disse alguma coisa no mesmo instante em que o Tahoe partiu e, embora eu não tenha conseguido decifrar uma única palavra pelo movimento dos lábios, a mensagem era clara. *Isso ainda não acabou.*

Colei as costas ao banco e arfei desesperadamente, enquanto Jev arrancava de um jeito que, com certeza deixou marcas de pneu no chão.

CAPÍTULO 10

JEV percorreu apenas cinco quarteirões. Tarde demais, percebi que devia ter pedido carona até o Coopersmith's, mas ele escolhera a obscuridade de vias secundárias. Ele estacionou o Tahoe no acostamento de uma estrada tranquila na área rural, uma região coberta por hectares e mais hectares de milharais.

— Consegue encontrar o caminho daqui para casa? — ele perguntou.

— Vai me largar aqui? — Mas a verdadeira pergunta que se formava em minha mente era: Por que Jev, que eu presumia ser um *deles*, se indispusera com os companheiros para me salvar?

— Se está preocupada com Gabe, fique tranquila, ele tem mais em que pensar nesse momento e não vai se arriscar para vir atrás de você. Na verdade, ele não vai fazer muita coisa até arrancar aquela barra de ferro das costas. Fiquei surpreso por ele ter tido força para nos seguir por tantos metros. E, mesmo depois de se livrar da barra de ferro, ele vai sofrer com o que costumo chamar de uma bela ressaca. Não vai ter forças para mais nada além de dormir nas próximas horas. Se está esperando o momento perfeito para fugir de tudo isso, duvido que encontre oportunidade melhor.

Não me mexi. Ele apontou para trás com o polegar, mostrando o caminho que havíamos percorrido até ali.

— Preciso me certificar de que Dominic e Jeremiah escaparam.

Eu sabia que ele tentava me dar uma dica, mas não me convencia.

— Por que está protegendo esses caras? — Talvez Jev tivesse razão, e Dominic e Jeremiah realmente fossem enfrentar a polícia. Talvez o confronto terminasse em um banho de sangue. Mas o risco não era melhor do que deixá-los escapar ilesos?

Os olhos de Jev estavam fixos na escuridão do lado de fora do para-brisa.

— Porque sou um deles.

Balancei a cabeça.

— Não. Você não é como eles. Eles teriam me matado. Você me salvou. Impediu Gabe de me assassinar.

Em vez de responder, Jev desceu da caminhonete, passou por trás dela e abriu a porta do meu lado, apontando para a noite.

— Siga por ali para chegar à cidade. Se seu celular não tiver sinal, continue andando até uma área onde haja menos árvores. Mais cedo ou mais tarde, vai conseguir completar a ligação.

— Não trouxe meu celular.

Ele parou por um instante, mas foi uma pausa breve.

— Então, quando chegar à pousada Whitetail, peça para usar o telefone da recepção. Pode ligar de lá para sua casa.

Desci da caminhonete.

— Obrigada por me salvar de Gabe. E pela carona — falei em tom civilizado. — Mas, só para constar, não gosto de ser enganada. Sei que há muita coisa que não me contou. Talvez pense que não mereço saber. Talvez seja porque, como mal me conhece, você acha que não vale a pena. Mas, considerando tudo que acabei de enfrentar, acho que conquistei o direito de saber a verdade.

Para minha surpresa, ele assentiu. Não com entusiasmo, mas com uma relutante inclinação de cabeça que dizia: *É justo*.

— Eu os protejo porque tenho que protegê-los. Se a polícia os vir em ação, nosso disfarce não servirá para mais nada. Esta cidade não está preparada para Dominic, Jeremiah ou qualquer um de nós. — Ele me observava com aqueles olhos atentos e negros como a noite. Havia algo tão envolvente em como ele me olhava, que eu quase sentia o olhar como um toque físico. — E ainda não estou preparado para sair da cidade — Jev murmurou, ainda me encarando.

Ele se aproximou de mim, e senti minha respiração acelerar. Sua pele era mais escura que a minha, mais grossa. Seu rosto não era

exatamente bonito. Ele tinha uma aparência dura, cheia de ângulos proeminentes. E estava dizendo que era diferente. Não por ser diferente de todos os outros garotos que já conheci, mas por ser outra coisa completamente distinta. Apeguei-me à única palavra estranha que permanecera comigo a noite toda.

— Você é um nefilim?

Ele se virou quase como se estivesse chocado. E nesse momento a conversa chegou ao fim.

— Vá para casa e siga sua vida — disse. — Faça o que estou dizendo, e estará segura.

Ouvi as palavras e senti as lágrimas inundando meus olhos. Ele as viu e balançou a cabeça como se pedisse desculpas.

— Escute, Nora — recomeçou, pousando as mãos sobre meus ombros.

A tristeza foi imediatamente substituída pelo alarme.

— Como sabe meu nome?

A lua rompeu por um instante a barreira de nuvens, e consegui ver os olhos dele. O veludo negro desaparecera, substituído por um preto metálico, frio. Eram olhos que guardavam segredos. Olhos que mentiam sem se alterar. Olhos dos quais é difícil escapar depois que se mergulha neles.

Estávamos suados depois do esforço da fuga, e senti no ar o cheiro do que deduzi ser seu sabão líquido. Havia no perfume uma nota sutil de hortelã e pimenta, e a lembrança dessa fragrância me invadiu com tanta força, que fiquei tonta. Não podia identificá-lo ou situá-lo, mas sabia que conhecia aquele perfume. Mais inquietante ainda, eu *sabia* que conhecia Jev. De algum jeito, fosse de maneira superficial, ou por alguma razão maior e, portanto, mais desconcertante, Jev havia feito parte de minha vida. Não havia outra maneira de explicar os flashbacks contundentes que estavam acontecendo desde que eu o encontrara.

Passou por minha cabeça que talvez ele fosse o sequestrador, mas eu não estava muito convicta daquela ideia. Eu não acreditava nela. Talvez por não querer acreditar.

— Nós já nos conhecemos, não é? — falei, sentindo um formigamento nas extremidades. — Esta não é a primeira vez que nos encontramos.

Jev ficou quieto, e eu decidi que essa era uma resposta mais do que clara.

— Sabe alguma coisa sobre minha amnésia? Sabe por que não consigo me lembrar de nada dos últimos cinco meses? Por isso achou que podia fingir que não me conhecia, porque eu não perceberia nada?

— Sim — ele confessou, cansado.

Meu coração disparou.

— Por quê?

— Não queria pintar um alvo nas suas costas. Se Gabe descobrisse que temos uma ligação, poderia usar você para me atingir.

Ótimo. Pelo menos essa dúvida ele havia esclarecido. Mas eu não queria falar sobre Gabe.

— Como nos conhecemos? E depois que deixamos Gabe para trás, por que continuou fingindo que não me conhecia? O que está escondendo de mim? — Esperei agitada. — Vai preencher as lacunas?

— Não.

— *Não?*

Ele mal olhou para mim.

— Então você é um cretino egoísta. — A acusação brotou antes que eu pudesse impedir. E eu não ia me desculpar. Ele podia ter salvado minha vida, mas, se sabia alguma coisa sobre aqueles cinco meses perdidos e se recusava a me contar, tudo que ele fizera para se redimir perdia a importância.

— Se eu tivesse algo de bom para lhe dizer, pode acreditar, já teria começado a falar.

— Posso lidar com notícias ruins — falei em tom seco.

Ele balançou a cabeça e passou por mim para contornar o carro e voltar ao assento do motorista. Segurei seu braço e o impedi de

continuar. Ele olhou para minha mão, mas não se soltou.

— Fale tudo que sabe — insisti. — O que aconteceu? Quem fez isso comigo? Por que não consigo me lembrar dos últimos cinco meses? O que pode ter sido tão ruim que preferi esquecer?

O rosto dele era uma máscara totalmente desprovida de emoção. O único sinal de que me ouvia era um músculo se contraindo na mandíbula.

— Vou lhe dar um conselho e quero que me escute, pelo menos uma vez. Volte para sua vida e siga em frente. Comece tudo de novo, se for preciso. Faça o que for necessário para deixar tudo isso para lá. Essa história vai acabar mal se insistir em olhar para trás.

— Que história? Eu nem sei *do que* está falando! Não posso seguir em frente. Quero saber o que aconteceu comigo! Sabe quem me sequestrou? Sabe para onde me levaram e por quê?

— Isso importa?

— Como se atreve? — disparei, sem tentar disfarçar a nota ultrajada da minha voz. — Como ousa diminuir a importância do que eu venho suportando?

— Se descobrir quem a sequestrou, isso vai ajudar em alguma coisa? Depois de ouvir tudo isso, vai encerrar esse capítulo e voltar a viver? Não — ele respondeu por mim.

— Sim — corrigi. Jev não entendia, mas qualquer coisa era melhor que nada. Meio cheio era melhor que vazio. Ignorância é a forma mais baixa de humilhação e sofrimento.

Ele passou a mão na cabeça e deixou escapar um suspiro aborrecido.

— Nós nos conhecemos — contou resignado. — Você e eu nos conhecemos há cinco meses, e eu só criei confusão na sua vida desde que me viu pela primeira vez. Eu a usei e a magoei. Felizmente, você teve o bom senso de me chutar da sua vida antes que eu pudesse voltar para a segunda rodada. Na última vez em que conversamos, você jurou que não ia medir forças para me matar se por acaso nos encontrássemos novamente. Talvez tenha falado sério, talvez não. De qualquer maneira, havia emoções bem

fortes por trás dessa promessa. Era isso que queria saber? — ele terminou.

Pisquei. Não conseguia me imaginar fazendo esse tipo de ameaça. Não me lembro de ter odiado alguém mais do que odiava Marcie Millar e, mesmo assim, nunca me imaginara colocando um fim à vida dela. Eu não era assim. Era humana, não uma criatura sem coração.

— Por que eu diria algo assim? O que fez de tão terrível?

— Tentei matar você.

Olhei para ele com firmeza. A linha de sua boca, carrancuda, mas estável, me dizia que não estava brincando. Nem perto disso.

— Você queria a verdade — ele apontou. — Agora aguente, Anjo.

— Aguentar o quê? Isso não faz sentido. Por que quis me matar?

— Por diversão, porque estava entediado, qual é a diferença? Tentei *matar* você.

Não. Alguma coisa estava errada.

— Se queria me matar antes, por que me ajudou hoje?

— Está se desviando do ponto principal. Eu podia ter acabado com sua vida. Faça um favor a si mesma e fuja, corra para longe de mim, o mais rápido que puder. — Ele se virou com um gesto de desprezo, indicando que eu devia começar a andar na direção oposta. Essa seria a última vez que nos veríamos.

— Você é um mentiroso.

Ele virou com os olhos brilhantes, penetrantes.

— E também sou ladrão, jogador, trapaceiro e assassino. Mas esta é uma das raras ocasiões em que estou dizendo a verdade. Vá para casa. Considere-se uma pessoa de sorte. Você ganhou a oportunidade de começar novamente. Nem todo mundo pode dizer o mesmo.

Eu havia pedido a verdade, mas me sentia mais confusa que nunca. Como eu, uma aluna dedicada que só tirava notas máximas, havia conhecido alguém como *ele*? O que podíamos ter tido em comum? Ele era abominável... e era a alma mais torturada e encantadora que eu já havia conhecido. Agora mesmo, eu podia

sentir uma guerra se iniciando dentro de mim. Ele não era como eu; longe disso, era rápido, sarcástico, perigoso. Talvez até um pouco assustador. Mas, desde o momento em que ele saíra do Tahoe, meu coração não conseguia encontrar um ritmo estável. Em sua presença, todas as terminações nervosas de meu corpo pareciam estar ligadas a fios elétricos.

— Uma última coisa — ele disse. — Pare de me procurar.

— Não estou procurando você — reagi.

Ele tocou minha testa com a ponta do indicador, e minha pele esquentou com aquele toque. Não pude deixar de notar que ele estava sempre encontrando motivos para me tocar. Também percebi que eu não queria que ele parasse.

— Sob todas as camadas de proteção, uma parte de você ainda lembra. Foi essa parte que me procurou esta noite. E é essa parte que vai acabar matando você, se não tomar cuidado.

Estávamos frente a frente, respirando com dificuldade. As sirenes soavam mais próximas.

— O que devo dizer à polícia? — perguntei.

— Você não vai falar com a polícia.

— É mesmo? Engraçado, minha intenção é contar a eles *exatamente* como enfiou aquela barra de ferro nas costas de Gabe. A menos que você responda às minhas perguntas.

Ele riu com ironia.

— Chantagem? Você mudou, Anjo.

Outra cutucada estratégica no meu ponto cego, um golpe que fez com que eu me sentisse ainda mais insegura e acanhada. Eu teria forçado minha memória, tentando localizar Jev dentro dela uma última vez, mas sabia que seria inútil. Minha memória estava vazia. E, como eu não podia contar com as lembranças, só me restava atirar em todas as direções e esperar pelo melhor.

Eu falei:

— Se me conhece tão bem quanto diz conhecer, deve saber que não vou parar de procurar quem me sequestrou. Não vou desistir

enquanto não encontrar os sequestradores, ou chegar ao fundo do poço.

— E eu vou lhe dizer onde fica o fundo desse poço — ele respondeu com uma nota grave. — No seu túmulo. Uma cova rasa no fundo de uma floresta qualquer, um buraco onde ninguém jamais a encontrará. Ninguém irá se ajoelhar ao lado de sua sepultura para chorar por você. Para a humanidade, você vai virar pó. Isso vai acabar com sua mãe. A constante e ameaçadora sensação do desconhecido. A incerteza a acompanhará para sempre, levando-a ao limite das forças e acabando com ela. E, em vez de ser sepultada em algum cemitério de grama verde em um túmulo ao lado do seu, onde parentes e amigos queridos poderiam visitá-las até o fim dos tempos, ela vai ficar sozinha. E você também. Para sempre. Por toda a eternidade.

Levantei os ombros e endireitei o corpo, tentando mostrar que não me deixaria amedrontar com tanta facilidade, mas senti uma incômoda premonição que se manifestava como borboletas no meu estômago.

— Quero saber a verdade, ou vou denunciar você para a polícia, e isso é uma promessa. Quero saber onde estive. E quem me sequestrou.

Ele passou a mão pela boca, rindo baixinho. Era um som tenso, cansado.

— Quem me sequestrou? — insisti, irritada, sentindo que minha paciência chegava ao fim.

Não sairia dali enquanto ele não me contasse tudo que sabia. De repente me ressentia por Jev ter salvado minha vida antes. Queria olhar para ele sem nenhuma outra emoção maculando o ódio e o desprezo. Decidi que o entregaria à polícia sem qualquer hesitação se ele se recusasse a me dizer o que sabia.

Jev ergueu aqueles olhos impenetráveis para fitar os meus, e sua boca estava meio inclinada para baixo de um lado. Não era uma expressão de mau humor ou de irritação. Era algo mais contundente e muito mais assustador.

— Você não devia mais estar envolvida nisso. Nem eu posso mantê-la segura.

E ele se afastou, dando a entender que já havia falado tudo que podia. Mas eu não conseguia me conformar. Essa era minha única chance de entender uma parte da minha vida que havia desaparecido.

Fui atrás dele e o agarrei pela parte de trás da camisa, puxando com tanta força que a rasguei. Eu não me incomodei. Tinha preocupações maiores.

— Em que eu não devia mais estar envolvida?

Mas as palavras não saíram de minha boca como eu esperava. Foram arrancadas de mim, sugadas ao mesmo tempo que tive a sensação de que um gancho se prendia à parte de trás do meu estômago e me puxava de dentro para fora. Senti que era levantada, arrastada pelo ar, e todos os músculos de meu corpo ficaram tensos, preparando-se para o desconhecido.

A última coisa que lembro é o rugido do ar passando por meus ouvidos e o mundo desmoronando na escuridão.

CAPÍTULO 11

QUANDO abri os olhos não estava mais na rua. O Tahoe, os milharais, a noite estrelada — tudo havia desaparecido. Eu estava no interior de um edifício de concreto que cheirava a serragem e a alguma coisa levemente metálica, como ferrugem. Eu tremia, mas não de frio.

Eu havia agarrado a camisa de Jev. Ouvira o tecido se rasgando. Talvez tenha tocado as costas dele. E agora... Agora eu estava no que parecia ser um depósito vazio.

Vi duas silhuetas à minha frente. Jev e Hank Millar. Aliviada por saber que não estava ali sozinha, caminhei na direção deles, esperando que pudessem me dizer onde eu estava, e como fora parar ali.

— Jev! — chamei.

Nenhum dos dois olhou em minha direção, mas eu tinha certeza de que tinham me ouvido. Naquele espaço amplo, as vozes chegavam longe.

Já me preparava para chamá-lo novamente quando parei assustada. Atrás deles, vi as grades de uma jaula parcialmente escondida sob uma lona. Todas as lembranças voltaram como em uma onda. A jaula. A menina de cabelos pretos. O banheiro do colégio. O momento em que eu havia perdido os sentidos. Minhas mãos suavam frio e formigavam. Essa sensação só podia ter um significado: eu estava tendo uma alucinação.

De novo.

— Você me trouxe aqui para me mostrar isso? — Jev perguntou a Hank com desgosto. — Entende o risco que corro cada vez que nos encontramos? Não me chame aqui para bater papo. Não me chame aqui para se queixar ou chorar no meu ombro. *Nunca* me chame aqui para mostrar sua última conquista.

— Paciência, garoto. Mostrei o arcanjo porque preciso de sua ajuda. É óbvio que nós dois temos perguntas. — Ele olhou para a jaula de um modo significativo. — Pois bem, ela tem as respostas.

— Minha curiosidade sobre aquela vida morreu há muito tempo.

— Queira você ou não, essa vida ainda é sua. Tentei de tudo para convencê-la a falar, mas ela é muito fechada, se me perdoa o trocadilho. — Ele sorriu sem entusiasmo. — Faça-a revelar o que preciso saber, e ela será sua. Duvido que eu precise lembrar a você todos os problemas que os arcanjos já lhe causaram. Se houvesse um jeito de se vingar... Bem, com certeza não preciso falar mais.

— Como conseguiu mantê-la presa? — Jev perguntou, em tom frio.

Hank sorriu com um esboço de humor.

— Serrei as asas dela. O fato de não poder vê-las não significa que eu não tenha uma boa ideia de onde ficam. Você plantou a ideia na minha cabeça. Antes de você, eu nunca teria imaginado que um nefilim poderia remover as asas de um anjo.

Um brilho sombrio tomou conta dos olhos de Jev.

— Uma serra comum não poderia ter cortado as asas dela.

— Não usei uma serra comum.

— Não sei em que tipo de encrenca está metido, Hank, mas meu conselho é que pare agora. Depressa.

— Se soubesse com o que me meti, estaria implorando para fazer parte também. O império dos arcanjos não vai durar para sempre. Existem poderes por aí que superam até mesmo os deles. Poderes que esperam para ser dominados, se souber onde procurá-los — ele falou de um jeito enigmático.

Com um gesto de desgosto, Jev virou-se para partir.

— Nosso acordo, garoto — Hank falou atrás dele.

— Isso não fazia parte do acordo.

— Talvez possamos chegar a um novo ajuste, então. Há boatos de que você deixou de obrigar um nefilim a jurar fidelidade. Em poucas semanas, estaremos no Cheshvan... — Ele deixou a frase incompleta.

Jev parou.

— Está me oferecendo um de seus homens?

— Por um bem maior, sim. — Hank abriu os braços e sorriu. — Você poderia escolher. Então, não é uma oferta irrecusável?

— Adoraria saber o que seus homens pensariam se soubessem que os está leiloando.

— Você devia engolir seu orgulho. Tentar me desafiar não vai ajudá-lo em nada. Deixe-me contar como cheguei tão longe na vida. Não trato todas as questões como se fossem pessoais. E você devia fazer o mesmo. Não deixe esse assunto se resumir a você e a mim. Supere as diferenças. Nós dois temos a ganhar com isso. Você me ajuda, eu ajudo você. É simples assim.

Ele parou, dando a Jev algum tempo para pensar.

— Na última vez em que recusou uma das minhas ofertas, a história terminou de maneira desastrosa — acrescentou Hank com um sorriso frio.

— Não quero mais nenhum acordo com você — respondeu Jev em um tom comedido. — Mas também tenho um conselho para dar. Solte-a. Os arcanjos vão sentir falta dela. Sequestrar pessoas pode ser seu ponto forte, mas dessa vez está abusando da sorte. Nós dois sabemos como isso vai acabar. Os arcanjos não perdem.

— Perdem, sim — Hank o corrigiu. — Perderam quando sua raça caiu. Perderam de novo quando vocês criaram a raça nefilim. Podem perder outra vez, e vão perder. Mais um motivo para você agir agora. Temos um deles, o que nos dá uma grande vantagem. Juntos, você e eu podemos virar esse jogo. Juntos, garoto. Mas temos que agir agora.

Fiquei sentada com as costas apoiadas à parede, apertando os joelhos contra o peito. Deixei minha cabeça se inclinar para trás até encostar no concreto. *Respire fundo*. Já havia interrompido uma alucinação antes, e podia interromper outra. Limpando o suor que me cobria a testa, concentrei-me no que fazia antes do início da alucinação. *Volte para Jev — o verdadeiro Jev. Abra uma porta em sua mente. Passe por ela.*

— Sei sobre o colar.

Arregalei os olhos ao ouvir as palavras de Hank. Olhei para os dois homens de pé na minha frente, focando a atenção em Hank. Ele sabia sobre o colar? O colar que Marcie procurava? Havia alguma possibilidade de os dois colares serem o mesmo?

Não, não há, pensei. *Nada nessa alucinação é real. Você está criando cada detalhe dessa cena no seu subconsciente. Concentre-se em criar uma saída.*

Jev levantou as sobrancelhas, interrogando silenciosamente.

— Prefiro não revelar minhas fontes — Hank anunciou em tom seco. — É óbvio que, agora, só preciso ter o colar. Você é esperto o bastante para saber que é aí que começa sua participação. Ajude-me a encontrar um colar de arcanjo. Qualquer um serve.

— Tente convencer sua fonte a ajudá-lo — Jev sugeriu com simplicidade, mas com uma nota de escárnio.

Os lábios de Hank comprimiram-se em uma linha severa.

— Dois nefilins. Você escolhe, é claro — ele propôs. — Pode alternar entre os dois...

Jev recusou a oferta com um gesto.

— Não tenho mais meu colar de arcanjo, se é isso que está pretendendo. Os arcanjos o confiscaram quando caí.

— Não é o que diz minha fonte.

— Sua fonte mentiu — retrucou ele, calmamente.

— Uma segunda fonte confirma que o viu usando o colar recentemente, no último verão.

Um segundo se passou antes de Jev balançar a cabeça, olhando para o chão, e em seguida jogá-la para trás, gargalhando incrédulo.

— Não. — A risada cessou de repente. — Diga que não envolveu sua filha nisso.

— Ela viu uma corrente de prata em seu pescoço. Em junho.

Os olhos de Jev estudavam Hank com atenção.

— Quanto disso ela sabe?

— Sobre mim? Ela está descobrindo algumas coisas. Não gosto disso, mas estou encurralado. Se você me ajudar, não terei que usá-la novamente.

— Está presumindo que eu me preocupo com sua filha?

— Você se preocupa com uma delas — Hank respondeu com um ar cínico. — Ou se preocupava.

Jev contraiu o maxilar, e Hank riu.

— Depois de tanto tempo, você ainda alimenta a chama. Pena que ela nem se lembre da sua existência. E, já que falamos sobre minha outra filha, também me contaram que ela foi vista usando seu colar em junho. Está com ela, não está? — Era mais uma afirmação que uma pergunta.

Jev sustentou o olhar firme de Hank.

— O colar não está com ela.

— Teria sido um plano genial — Hank refletiu, dando a impressão de que não acreditava no que Jev dizia. — Afinal, eu não poderia torturá-la para descobrir onde está o colar... ela não sabe de nada. — Ele riu, mas não era uma risada verdadeira. — Seria irônico. A informação mais valiosa para mim está sepultada no fundo de uma memória que apaguei completamente.

— Uma pena.

Com um floreio, Hank removeu a lona que cobria a jaula. Ele chutou a gaiola de metal para levá-la para a área mais iluminada do galpão, arrastando-a no chão. Os cabelos da garota estavam embaraçados e cobriam seu rosto, os olhos eram cercados por círculos escuros e vagavam frenéticos pelo espaço vazio, como se tentassem memorizar cada detalhe da prisão antes que a lona a escondesse mais uma vez.

— Então? — Hank perguntou à garota. — O que acha, meu bichinho? Será que vamos conseguir um colar de arcanjo para você a tempo?

Ela olhou para Jev, e qualquer um teria notado o reconhecimento em seus olhos. As mãos agarraram as grades da jaula com tanta força que a pele se tornou translúcida. Ela rosnou uma palavra que soava como “traidor”. A menina olhou para Hank, se virou novamente para Jev, e sua boca se abriu para emitir um grito agudo, cortante.

A força do grito me jogou para trás. Meu corpo se chocou contra a parede do depósito. Voei na escuridão rolando no ar, muitas e muitas vezes. Meu estômago protestou, e uma náusea muito intensa ameaçou me dominar.

E então eu estava caída de bruços no acostamento da estrada, as mãos agarrando o cascalho do chão. Sentei-me com dificuldade. Pairava no ar o cheiro forte dos milharais. Insetos noturnos voavam à minha volta. Tudo era exatamente como antes.

Não sabia quanto tempo havia passado fora de mim. Dez minutos? Meia hora? Minha pele estava coberta por uma fina camada de suor, e dessa vez os arrepios eram de frio.

— Jev? — chamei com voz rouca.

Mas ele havia sumido.

CAPÍTULO 12

SEGUINDO as insturções de Jev, fui a pé até a pousada Whitetail e usei o telefone da recepção para chamar um táxi. Mesmo que não soubesse que minha mãe estava jantando fora, eu não teria ligado para ela. Não tinha nenhuma condição de falar. Minha cabeça estava cheia de ruídos. Pensamentos se sucediam numa velocidade espantosa, e eu não fazia nenhum esforço para retê-los. Sentia que estava apagando, sofrendo o efeito da sobrecarga que me impedia de tentar entender tudo que acontecera naquela noite.

Em casa, subi a escada para o meu quarto. Despi-me, vesti uma camisola, me encolhi em posição fetal sob as cobertas e dormi.

Fui acordada pelo barulho de passos rápidos do lado de fora do quarto. Devia estar sonhando com Jev, porque meu primeiro pensamento, ainda confuso, foi, *é ele*, e puxei as cobertas até o queixo, preparando-me para vê-lo entrar.

Minha mãe abriu a porta com tanta força que ela bateu na parede.

— Ela está aqui! — mamãe gritou por cima do ombro. — Está na cama! — E se aproximou de mim apertando o peito com o punho fechado, como se tentasse impedir o coração de saltar para fora do corpo. — Nora! Por que não me disse aonde ia? Percorremos a cidade toda atrás de você! — Ela estava ofegante, frenética.

— Eu pedi para a *hostess* avisar a vocês que havia ligado para Vee, e que ela iria me buscar — respondi, confusa.

Pensando bem, fora uma atitude irresponsável. Mas, naquele momento, ao ver minha mãe completamente encantada por Hank, só consegui pensar em como minha presença era inconveniente.

— Eu liguei para Vee! Ela não sabia do que eu estava falando!

É claro que não sabia. Eu nem havia chegado a esse estágio do plano. Gabe aparecera antes que eu tivesse a chance de falar com

Vee.

— Não faça mais isso — mamãe falou. — Nunca mais!

Mesmo sabendo que não ia adiantar nada, comecei a chorar. Não tivera a intenção de assustá-la, nem de obrigá-la a sair pela cidade me procurando. Eu a vi com Hank e... bem, eu *reagi*. E, por mais que quisesse acreditar que Gabe estava fora da minha vida definitivamente, sua ameaça implícita sobre não termos terminado nossa conversa ainda era muito recente em minhas lembranças. Em que confusão eu me metera? Pensei em como a noite teria sido diferente se eu tivesse ficado quieta e deixado a loja de conveniência quando Gabe me dera a oportunidade.

Não, eu havia feito o que era certo. Se eu não tivesse interferido, B.J. poderia estar morto agora.

— Ah, Nora.

Deixei mamãe me abraçar e escondi o rosto em seu peito.

— Isso tudo foi só um susto, mais nada — disse ela. — Na próxima vez, vamos tomar mais cuidado.

As tábuas do piso do corredor rangeram, e eu levantei a cabeça no mesmo instante em que Hank surgiu na porta do meu quarto.

— Você nos deu um susto terrível, mocinha. — A voz dele era amena, calma, mas havia algo de predador em seus olhos, um brilho que fez com que eu me arrepiasse da cabeça aos pés.

— Não quero esse homem aqui — cochichei para minha mãe.

Mesmo sabendo que não havia nada de real em minha mais recente alucinação, ela ainda me assombrava. Eu não conseguia apagar da mente a imagem de Hank removendo a lona que cobria a jaula. Não conseguia deixar de ouvir o eco das palavras que ele dissera. Racionalmente, sabia que estava projetando nele meus medos e ansiedades, mas, mesmo assim, queria que ele fosse embora.

— Eu ligo para você mais tarde, Hank — mamãe avisou com firmeza sem me soltar, falando por cima da minha cabeça. — Depois de acalmar Nora. Obrigada novamente pelo jantar, e me desculpe pelo alarme falso.

Ele fez um gesto de que não se importava.

— Não se incomode com isso, meu bem. Não se esqueça de que também tenho uma rainha do drama hormonal em casa. Embora tenha que reconhecer que ela nunca tenha feito nada tão inconsequente assim. — Ele riu, como se realmente achasse graça no que acabara de dizer.

Esperei até ouvir seus passos se afastando pelo corredor. Não sabia quanto podia contar à minha mãe, especialmente depois de Jev ter me avisado que a polícia não era exatamente confiável; eu temia que tudo que dissesse agora acabasse chegando ao conhecimento do detetive Basso, mas havia acontecido muita coisa naquela noite para eu não contar nada a ninguém.

— Encontrei uma pessoa hoje à noite — comecei. — Logo que saí do Coopersmith's. Não me lembro dele, mas ele disse que já nos conhecíamos. Devemos ter sido apresentados em algum momento nos últimos cinco meses, mas não consigo me recordar.

Tive a impressão de que os braços que me envolviam ficaram mais tensos.

— Ele disse como se chamava?

— Jev.

Mamãe prendia o fôlego, mas deixou o ar escapar lentamente depois de me ouvir. O que isso significava? Ela esperava ouvir um nome diferente?

— Você o conhece? — perguntei.

Talvez ela pudesse lançar alguma luz sobre minha história com Jev.

— Não. Ele contou como a conheceu? No colégio, talvez? Ou quando você trabalhava no Enzo's?

Eu trabalhei no Enzo's? Isso era novidade para mim. Eu me preparava para pedir mais informações quando ela me encarou com os olhos muito abertos.

— *Espere!* Como ele estava vestido? — mamãe gesticulou, impaciente. — Como eram as roupas dele?

Franzi a testa numa reação confusa.

— Que importância tem isso?

Minha mãe se levantou, andou até a porta e voltou para perto da cama. Como se percebesse de repente que demonstrava muita ansiedade, ela parou diante da minha cômoda e examinou um frasco de perfume como se realmente estivesse interessada nele.

— Talvez ele usasse um uniforme com algum logotipo? Ou se vestia com uma cor só? Como... preto?

Ela tentava me direcionar, era evidente, mas por quê?

— Camiseta de beisebol azul-marinho e branca e calça jeans.

Linhas de preocupação formavam parênteses em torno de sua boca, e os lábios estavam comprimidos numa linha fina e tensa.

— O que está escondendo de mim? — perguntei.

As linhas de apreensão agora emolduravam também seus olhos.

— O que você sabe? — insisti.

— Havia um garoto — começou ela.

Sentei-me com as costas mais eretas.

— Que garoto? — Não pude deixar de imaginar que estava falando de Jev. E percebi que esperava que ela estivesse. Queria saber mais sobre ele. Queria saber tudo sobre ele.

— Ele esteve aqui algumas vezes. Estava sempre vestido de preto. — O desgosto de minha mãe era óbvio — Era mais velho e... Por favor, meu bem, não me entenda mal, mas não conseguia entender por que ele se interessou por você. Ele havia abandonado a escola, tinha problemas com jogo e trabalhava como garçom no Borderline. Quero dizer, pelo amor de Deus! Não tenho nada contra garçons, mas isso era quase hilário. Era como se ele pensasse que você ia ficar em Coldwater para sempre. Ele não tinha nada a ver com seus sonhos, jamais conseguiria acompanhá-los, fazer parte deles. Eu ficaria muito surpresa se ele decidisse ir para a faculdade.

— Eu gostava dele? — Essa descrição não combinava com Jev, mas eu ainda não estava pronta para desistir.

— Não! Você me fazia dar desculpas cada vez que ele telefonava. Com o tempo, ele entendeu o recado e desistiu. Foi tudo muito rápido. Duas semanas, no máximo. Só falei nele porque achei que havia algo de esquisito na forma como ele sumiu. E sempre me

perguntei se ele podia ter alguma coisa a ver com seu desaparecimento. Não quero ser dramática, mas foi como se uma nuvem negra tivesse se instalado sobre sua vida no dia em que você o conheceu.

— O que aconteceu com ele? — Percebi que meu coração batia duas vezes mais depressa.

— Saiu da cidade. — Mamãe balançou a cabeça. — Está vendo? Não pode ter sido ele. Entrei em pânico, só isso. Eu não me preocuparia com esse garoto. — Minha mãe se aproximou e bateu carinhosamente no meu joelho. — A essa altura ele deve estar do outro lado do país.

— Qual era o nome dele?

Mamãe hesitou por um momento.

— Sabe que eu não me lembro? Alguma coisa com *P*. Peter, eu acho. — Ela riu mais alto que o necessário. — Acho que isso prova quanto esse rapaz era insignificante.

Sorri distraída, mas continuava ouvindo a voz de Jev ecoando em minha cabeça.

Nós nos conhecemos. Você e eu nos conhecemos há cinco meses, e eu só criei confusão na sua vida desde que me viu pela primeira vez.

Se Jev e esse garoto misterioso do meu passado eram a mesma pessoa, alguém estava escondendo de mim uma parte da história. Talvez Jev *fosse* mesmo sinônimo de confusão. Talvez fosse melhor correr no sentido oposto ao dele.

Mas algo me dizia que o problema não era Jev ser a pessoa endurecida e indiferente que ele se esforçava tanto para me mostrar que era. Antes da alucinação, ele dissera: *Você não devia mais estar envolvida nisso. Nem eu posso mantê-la segura*.

Minha segurança era importante para ele. Suas atitudes haviam comprovado que ele se importava. *E atitudes falam mais alto que palavras*, eu disse a mim mesma com determinação.

Assim, restavam apenas duas questões. Em que eu não devia estar mais envolvida? E quem estava mentindo: Jev ou minha mãe?

Se eles achavam que eu ia ficar sentada e conformada, se esperavam que eu fosse o modelo perfeito da menina doce e alienada, não eram tão espertos quanto acreditavam ser.

CAPÍTULO 13

NA manhã de sábado acordei cedo, vesti um short de algodão e um top e fui correr. Era estranhamente animador sentir os pés batendo no chão e deixar todos os meus problemas saírem pelos meus poros com o suor. Estava me esforçando para não pensar na noite anterior. Havia sido um teste de coragem andar sozinha à noite, mas, de minha parte, de agora em diante seria uma alegria me trancar em casa no momento em que a lua aparecesse. E se nunca mais eu tivesse de ir àquela loja de conveniência, melhor assim.

Mas, por alguma razão estranha, não era Gabe quem atormentava meus pensamentos. Essa tarefa cabia a um par de olhos negros como o pecado, olhos que perdiam a frieza quando me estudavam, tornando-se brandos e sedutores como seda. Jev dissera que eu não devia procurá-lo, mas eu não conseguia parar de fantasiar sobre todas as diferentes maneiras pelas quais poderíamos nos encontrar novamente. Na verdade, o último sonho que me lembro de ter tido antes de acordar esta manhã foi de ter ido à praia com Vee, e lá descobrir que Jev era o salva-vidas de plantão. Acordei com o coração disparado e uma dor estranha dentro de mim. Era perfeitamente capaz de interpretar o sonho sozinha: apesar de ele me fazer sentir furiosa e confusa, eu queria vê-lo de novo.

O céu estava carregado, o ar era frio e, quando meu podômetro apitou marcando cinco quilômetros, sorri e decidi me desafiar correndo mais um pouco, tentando não me entregar completamente aos pensamentos sobre Jev. Além disso, estava me divertindo muito. Fazia aulas de *spinning* e dança na academia que frequentava com Vee, mas, correndo ali, sentindo o cheiro dos pinheiros e da vegetação variada da região, decidi que preferia suar ao ar livre. Depois de um tempo, tirei os fones de ouvido para me

concentrar nos sons tranquilos da natureza despertando para mais um dia.

Em casa, tomei um banho demorado, depois parei em frente ao armário, roendo a unha enquanto estudava minhas opções. No final, vesti jeans *skinny*, camisa de seda azul-turquesa, e calcei botas de cano alto. Vee se lembraria do *look*, já que me convencera a comprá-lo na liquidação do verão anterior. Analisando-me no espelho, decidi que parecia a boa e velha Nora Grey. Um passo na direção certa, e só precisava dar mais um milhão deles. Estava um pouco preocupada com o que Vee e eu conversaríamos, especialmente diante da questão tão premente do meu sequestro, mas me acalmei dizendo a mim mesma que era isso que nos tornava tão compatíveis. Eu podia conduzir a conversa de maneira estratégica abordando certos assuntos, e Vee era capaz de falar sobre eles eternamente. Só precisava me certificar de fazê-la falar sobre o que me interessava.

Verifiquei mais uma vez minha aparência e decidi que só faltava uma coisa. Um acessório. Joias. Não, um lenço.

Abri a gaveta da cômoda e fui surpreendida por uma sensação de desconforto quando me deparei com a longa pena preta. Havia me esquecido dela. Devia estar suja. Disse a mim mesma que a jogaria fora assim que voltasse do almoço, mas não havia muita convicção nesse pensamento. Eu não gostava de olhar para aquela pena, mas ainda não me sentia preparada para me desfazer dela. Primeiro queria saber que tipo de animal a perdera, e queria uma explicação para essa sensação de que era minha responsabilidade guardá-la em segurança. Era uma ideia ridícula e não fazia o menor sentido, mas nada fazia sentido desde que eu acordara naquele cemitério. Empurrei a pena para o fundo da gaveta e puxei o primeiro lenço que vi.

Depois desci as escadas correndo, peguei uma nota de dez dólares da gaveta de dinheiro, recém-alimentada, e saí para ir me espremer ao volante do Volkswagen. Tive de dar quatro socos no painel antes de fazer o motor funcionar, mas me convenci de que esse não era necessariamente um mau sinal. Significava que o

carro era como, bem, um bom vinho. Este carro havia rodado o mundo. Devia ter transportado pessoas interessantes. Era um carro que guardava histórias e experiências, e que abrigava todo o charme de 1984. E o melhor de tudo: eu não pagara um centavo por ele.

Depois de abastecê-lo um pouco, segui para o Enzo's. Parei na frente da vitrine para ajeitar o cabelo e entrei em seguida.

Tirei os óculos escuros para analisar o ambiente impressionante. O Enzo's havia passado por uma importante reforma desde a minha última lembrança dali. A escadaria larga descia para o balcão da frente do restaurante e para uma espécie de poço amplo onde ficavam as mesas. Duas passarelas partiam das laterais da área de recepção, seguindo por entre as mesas de alumínio industrial que eram meio *vintage*, meio chiques. Música de orquestra brotava do sistema de som, e por um momento tive a sensação de ter viajado no tempo e entrado em um daqueles bares ilegais da época da lei seca dos Estados Unidos.

Vee estava ajoelhada na cadeira para ficar mais alta, e balançava os braços sobre a cabeça como se fossem hélices de um ventilador.

— Baby! Aqui!

Ela me encontrou na metade da passarela à minha direita e me apertou num abraço caloroso.

— Pedi mocha gelado e uma porção de donuts para nós duas. Cara, temos muito que conversar! Eu não ia contar, mas danem-se as surpresas! Emagreci quase dois quilos. Dá para perceber? — Ela girou na minha frente.

— Você está ótima — respondi, e estava falando a verdade. Depois de todo esse tempo, finalmente estávamos juntas. Ela poderia ter engordado cinco quilos, e eu ainda a acharia absolutamente linda.

— A revista *Self* diz que as curvas são uma tendência para o outono, então estou me sentindo bem confiante — ela confessou, jogando-se na cadeira.

Estávamos em uma mesa para quatro pessoas, mas, em vez de me sentar na frente de Vee, escolhi uma cadeira ao lado dela.

— Então — ela continua falando, aproximando-se de mim com um jeito conspirador —, conte-me sobre ontem à noite. Que show de horrores foi aquele? Não acredito que *sua* mãe está com o tiozão.

Levantei as sobrancelhas.

— Tiozão?

— Nós *temos* que chamá-lo por esse apelido. É tão preciso que chega a doer.

— Acho que devíamos chamá-lo de garotão.

— É isso que estou dizendo! — Ela dá um tapa na mesa. — Quantos anos acha que ele tem? Vinte e cinco? Talvez seja irmão mais velho de Marcie, na verdade. Talvez ele tenha um complexo de Édipo, e a mãe de Marcie seja mãe *e* esposa dele!

Eu ria tanto que ronquei acidentalmente, o que só nos fez rir de forma ainda mais histérica.

— Tudo bem, chega — falei, apoiando as mãos sobre as pernas e tentando compor uma expressão séria. — Isso é cruel. E se Marcie entrasse aqui e nos ouvisse?

— O que ela ia fazer? Tentar me envenenar com seu estoque secreto de laxante?

Antes que eu pudesse responder, as duas cadeiras vazias em nossa mesa foram arrastadas para trás, e Owen Seymour e Joseph Mancusi se sentaram. Eu conhecia os dois do colégio. Owen havia sido meu colega e de Vee nas aulas de biologia no ano anterior. Era alto, magro e usava óculos de aros pretos e camisas polo Ralph Lauren, o que dava a ele um ar de garoto estudioso. No sexto ano ele me derrotara na disputa para ser o representante da nossa série no concurso de soletração disputado entre todas as escolas da cidade. Não que eu guardasse ressentimentos por isso. Não tinha nenhuma aula com Joseph, ou Joey, fazia anos, mas nós nos conhecíamos desde o início do fundamental, e o pai dele era o único quiroprático de Coldwater. Joey havia descolorido o cabelo, usava chinelos até no inverno e tocava tambor na banda marcial. Sua média geral era 4.0, e eu sabia que Vee fora apaixonada por ele no primeiro ano do ensino médio.

Owen empurrou os óculos que escorregavam pelo nariz e sorriu com simpatia. Eu me preparei para uma enxurrada de perguntas com relação ao sequestro, mas ele só falou com voz nervosa:

— Vimos vocês sentadas aqui e pensamos em, ah, vir dar um olá.

— Puxa, que coincidência! — O tom ríspido de Vee me surpreendeu. Não era uma reação característica dela, que sempre gostou de flertar, mas talvez estivesse sendo irônica. — E o que quer dizer com vir dar um olá? Quem ainda fala desse jeito?

— Ei, vocês têm planos para o resto do fim de semana? — Joey interferiu, apoiando as mãos sobre a mesa a poucos centímetros das de Vee.

Ela se afastou e ficou tensa.

— Sim, temos planos, e eles não incluem vocês.

Tudo bem, não era ironia. Olhei para ela de soslaio, tentando atrair sua atenção para perguntar discretamente qual era o problema, mas ela estava ocupada demais fuzilando Owen com os olhos.

— Se não se *importam...* — Vee falou em tom seco, indicando claramente que era hora de os dois irem embora.

Owen e Joey trocaram um olhar breve, perplexo.

— Lembra-se de quando estivemos na mesma turma de educação física no sétimo ano? — Joey perguntou a Vee. — Você era minha parceira de badminton. Você era ótima. Se não me engano, vencemos o campeonato entre classes. — Ele levantou a mão para que Vee batesse na dele.

— Não estou com vontade de passear pela estrada das lembranças.

Joey baixou a mão lentamente e a escondeu sob a mesa.

— Ah, é claro. Então, não querem mesmo uma limonada, ou alguma outra coisa?

— Para você temperar com uma dose de “boa-noite, Cinderela”? Não, já pedimos o que vamos beber e já fomos servidas, algo você teria notado se estivesse olhando para algum outro lugar que não

fossem nossos seios. — Ela balançou o copo de mocha gelado diante do rosto de Joey.

— Vee — murmurei, chocada.

Em primeiro lugar, Joey e Owen não olhavam para nenhum lugar nem próximo de nossos seios e, em segundo lugar, *qual era o problema com ela*?

— Hum... tudo bem... desculpem-nos se incomodamos. — Owen se levantou sem jeito. — Nós só pensamos...

— Pensaram errado — Vee disparou. — Qualquer que seja o plano diabólico que vocês tenham em mente, não vai acontecer.

— Plano...? — Owen repetiu, empurrando os óculos novamente e piscando como uma coruja.

— Já entendemos — Joey falou, determinado. — Não devíamos ter vindo. Sei como é uma conversa particular entre garotas. Tenho irmãs — ele explicou sério. — Na próxima vez vamos... perguntar antes?

— Não vai haver uma próxima vez — anunciou Vee. — Considere que Nora e eu estamos — ela apontou o polegar para ela e para mim — fora de circulação, pelo menos para vocês dois.

Limpei a garganta, tentando pensar em um meio de prolongar a permanência dos dois pelo menos por alguns minutos, só o tempo necessário para encerrar esse encontro de maneira mais positiva. Sem nenhuma ideia, fiz a única coisa possível naquele momento. Sorri constrangida e disse:

— Hum... Obrigada por terem vindo, meninos. Tenham um bom dia. — O que soou como uma pergunta.

— Isso mesmo, obrigada por nada — Vee ainda falou alto enquanto eles se retiravam completamente confusos.

Quando teve certeza de que Owen e Joey não podiam mais escutar a conversa, ela disse:

— Qual é o problema com os garotos de hoje? Acham que podem chegar sorridentes, se sentar, falar meia dúzia de gracinhas, que vamos nos derreter por eles? Ah, não. De jeito nenhum. Nós não. Somos mais espertas que isso. Eles podem levar esses truques de conquistadores baratos para outro lugar, muito obrigada.

Pigarreei.

— Uau.

— Uau coisa nenhuma. Sei que você também percebeu o que eles queriam.

Cocei a sobrancelha.

— Na verdade, tive a impressão de que eles só queriam conversar... Mas o que eu sei, não é? — Acrescentei, apressada, quando ela me olhou furiosa.

— Quando um garoto aparece do nada espalhando seu charme, sempre tem alguma coisa por trás, algum motivo oculto. Isso eu sei.

Puxei meu canudinho. Não sabia mais o que dizer. Nunca mais teria coragem de encarar Joey ou Owen, mas talvez Vee estivesse em um dia difícil. Talvez estivesse de mau humor. Quando eu assistia aos filmes da Lifetime, sempre levava dois ou três dias para parar de pensar que o vizinho bonitinho podia ser um assassino psicopata. Talvez Vee estivesse passando por uma dessas fases de perda parcial de contato com a realidade.

Estava me preparando para perguntar diretamente se ela estava com algum problema quando meu celular vibrou.

— Vamos ver se adivinho — resmungou ela. — Sua mãe querendo saber se está tudo bem. Fiquei surpresa por ela ter deixado você sair de casa. Não é segredo nenhum que ela não gosta de mim. Acho que ela chegou a pensar que eu podia estar envolvida no seu desaparecimento. — Vee emitiu um murmúrio que sugeria uma mistura de desprezo e revolta.

— Ela gosta de você. Só não... a entende — falei, abrindo a mensagem de texto enviada por ninguém menos que Marcie Millar.

O COLAR É UMA CORRENTE MASCULINA. VC JÁ ACHOU?

— Dá um tempo — resmunguei.

— Então? — Vee perguntou. — Que desculpa esfarrapada aquela mulher arrumou para arrastar você de volta para casa?

COMO CONSEGUIU MEU NÚMERO? Mandei a mensagem para Marcie.

NOSSOS PAIS TROCAM MAIS QUE SALIVA, IDIOTA.

Idiota é você, pensei.

Fechei o celular e voltei a dar atenção a Vee.

— Posso fazer uma pergunta estúpida?

— São as minhas preferidas.

— Eu estive em alguma festa na casa de Marcie durante o verão?

Preparei-me para uma crise de riso, mas Vee terminou de mastigar um pedaço de donut e respondeu:

— Sim. Eu me lembro disso. E me arrastou com você. Ainda me deve essa, já que tocou no assunto.

Não era a resposta que eu esperava ouvir.

— Uma pergunta ainda mais estranha. Eu — *por favor, diga que não* — me tornei amiga de Marcie?

Agora, sim, eu conseguira provocar a reação esperada. Vee quase cuspiu o donut na mesa.

— Você e a vadia, amigas? Eu ouvi direito? Sei que está com esse problema de perda temporária de memória, mas não pode ter esquecido onze anos de srta. Pé no Você Sabe O Quê.

Agora começávamos a progredir.

— O que é que eu não estou captando? Se não éramos amigas, por que ela me convidou para ir à festa?

— Ela convidou todo mundo. Estava angariando fundos para o uniforme das líderes de torcida. Marcie queria nos cobrar vinte dólares na porta — Vee explicou. — Nós quase voltamos dali, mas você tinha que ir espionar... — Ela parou e fechou a boca.

— Espionar quem? — insisti.

— Marcie. Fomos espionar Marcie. Foi isso. — Ela assentia com vigor excessivo.

— E?

— Queríamos pegar o diário dela. Íamos copiar as partes mais interessantes e publicar no eZine. Épico, não acha?

Olhei para ela sabendo que havia algo de errado com aquela história, mas não conseguia chegar a uma conclusão do que era.

— Percebe quanto tudo isso parece ter sido inventado? Nunca teríamos autorização para publicar o diário de Marcie.

— Não custava tentar.

— Sei que está escondendo alguma coisa de mim — acusei, apontando o dedo para ela.

— Quem, eu?

— Desembuche, Vee. Você prometeu que não ia esconder mais nada de mim — eu a lembrei.

Vee levantou os braços.

— Tudo bem, tudo bem. Nós fomos espionar... — pausa dramática — Anthony Amowitz.

Anthony Amowitz foi da minha turma de educação física no ano anterior. Estatura mediana, aparência comum. Personalidade de um porco. Sem mencionar que Vee já havia jurado que não existia nada entre eles.

— Está mentindo.

— Eu... me apaixonei por ele. — Ela corou violentamente.

— Você se apaixonou por Anthony Amowitz — repeti, duvidando.

— Um erro de julgamento. Será que podemos mudar de assunto, por favor?

Depois de onze anos, Vee ainda conseguia me surpreender.

— Primeiro, jure que não está escondendo nada de mim. Porque essa história toda está muito estranha.

— Palavra de escoteira — Vee anunciou com olhar firme e expressão determinada. — Fomos espionar Anthony, fim da história. Por favor, evite a agressão verbal. Já me sinto suficientemente humilhada com a situação.

Vee não mentiria para mim outra vez, não depois dessa conversa breve, por isso, apesar de alguns detalhes incoerentes que atribuí ao constrangimento, aceitei a versão dos fatos que ela me dava.

— Tudo bem — falei. — Vamos voltar a Marcie, então. Ela me encurralou no banheiro do Coopersmith’s ontem à noite e disse que o namorado dela, Patch, me deu um colar que eu deveria entregar a ela.

Vee engasgou com a bebida.

— Marcie disse que Patch era namorado dela?

— Acho que o termo exato era “caso de verão”. Marcie disse que Patch era nosso amigo, meu e dela.

— Hum...

Bati com os dedos sobre a mesa num gesto de impaciência.

— Por que tenho a sensação de que estou novamente no escuro?

— Não conheço nenhum Patch — Vee respondeu. — O que é isso, nome de cachorro? Talvez Marcie o tenha inventado. Se há uma coisa em que ela é muito boa é confundir as pessoas. Melhor esquecer essa história toda de Patch *e* Marcie. Puxa, esses donuts não são de morrer? — Ela colocou um deles diante do meu rosto.

Peguei o donut e o deixei de lado.

— O nome Jev tem algum significado para você?

— Jev? Só Jev? É apelido, ou alguma coisa assim?

Pelo som da voz dela, Vee nunca ouvira o nome antes.

— Encontrei um cara — expliquei. — Acho que nos conhecemos, talvez no verão. O nome dele é Jev.

— Não posso ajudar, baby.

— Talvez seja um apelido para outro nome. Jevin, Jevon, Jevro...

— Não, não e não.

Abri meu celular.

— O que está fazendo? — Vee perguntou.

— Mandando uma mensagem para Marcie.

— O que vai perguntar a ela? — Vee se ajeitou na cadeira. — Nora, escute...

Balancei a cabeça, imaginando o que Vee ia dizer.

— Isso não é o começo de uma amizade duradoura, acredite em mim. Confio em você, não em Marcie. Esta é a última mensagem que mando para ela. Vou desmascarar essa mentirosa, só isso.

A tensão desapareceu do rosto de Vee. Ela assentiu satisfeita.

— Isso, diga a ela, baby. Diga que é inútil mentir enquanto eu estiver cuidando de você.

Digitei o texto e enviei.

PROCUREI EM TODOS OS LUGARES. NÃO TEM COLAR NENHUM. ENGRAÇADINHA.

A resposta chegou menos de meio minuto depois.

PROCURE MELHOR.

Mostrei o celular a Vee para que ela lesse a mensagem.

— Adorável, como sempre.

— Quer saber o que eu acho? — Vee perguntou. — Sua mãe e o tiozão podem ser uma boa solução, afinal. Você vai ter uma vantagem sobre Marcie. Sim, é isso. Eu apoiaria esse relacionamento com toda força.

Olho para ela, intrigada.

— É claro que sim.

— Não é nada disso. Você sabe que não tenho um traço de maldade sequer em meu corpo.

— Só em todo ele — provoco.

Ela riu.

— Já falei como é bom ter você de volta?

CAPÍTULO 14

VOLTEI para casa após o almoço. Menos de um minuto depois de estacionar o Volkswagen na área cimentada ao lado da entrada da garagem, minha mãe entrou com seu Taurus. Ela estava em casa mais cedo, quando saí, e talvez tivesse aproveitado os momentos de solidão para ir almoçar com Hank. Eu não havia parado de sorrir desde que saíra do Enzo's, mas, de repente, meu humor mudou.

Mamãe parou o carro na garagem e desceu para vir ao meu encontro.

— Como foi o almoço com Vee?

— Como sempre, como sempre. E você? Teve um almoço romântico? — perguntei em tom inocente.

— Trabalho. — Ela deixou escapar um suspiro de sofrimento. — Hugo me pediu para ir a Boston esta semana.

Minha mãe trabalha para Hugo Renaldi, dono da empresa de leilões que tem o mesmo nome. Hugo conduz leilões imobiliários de grande porte, e o trabalho de minha mãe é garantir que esses leilões aconteçam de forma perfeita, sem contratempos, algo que ela não consegue fazer a distância. Mamãe viaja constantemente, e eu fico em casa sozinha, e nós duas sabemos que essa não é a situação ideal. Ela já chegou a pensar em pedir demissão, mas tudo sempre acaba se resumindo a dinheiro. Hugo lhe deu um aumento de salário, um aumento considerável, e mamãe sabe que jamais conseguiria ganhar a mesma coisa em uma cidade como Coldwater. Se ela pedisse demissão, teríamos de fazer vários sacrifícios, e o primeiro deles seria vender nossa casa. Como todas as lembranças que tenho de meu pai estão dentro dessa casa, é fácil imaginar como fico sentimental em relação a isso.

— Eu disse que não vou — mamãe continuou falando. — Avisei que vou procurar um emprego que não me faça ficar longe de casa.

— Você disse *o quê*? — Superei a surpresa rapidamente, e senti que o desespero tomava conta da minha voz. — Vai pedir demissão? Encontrou outro emprego? Isso significa que vamos ter que nos mudar? — Eu não conseguia acreditar que ela havia tomado essa decisão sem pedir minha opinião. No passado, sempre tínhamos chegado à mesma conclusão: mudar de casa estava fora de questão.

— Hugo disse que vai ver o que pode fazer para me dar outro cargo, em uma função que não me obrigue a viajar, mas ele também disse que não devo alimentar esperanças demais. A secretária dele tem anos na empresa e é competente. Ele não vai demiti-la só para me deixar feliz.

Olhei para a casa sem esconder minha perplexidade. A ideia de outra família morando ali fazia meu estômago se revirar. E se a reformassem? Se desmontassem a oficina do meu pai e removessem o piso de cerejeira que havíamos instalado juntos? E as prateleiras de livros? Elas não eram perfeitamente retas, mas haviam sido nossa primeira tentativa na marcenaria. Eram cheias de personalidade!

— Ainda não estou pensando em vender a casa — mamãe continuou. — Vai aparecer alguma coisa. Quem sabe? Talvez Hugo perceba que precisa de duas secretárias. O que tiver de ser será.

Olhei para ela.

— Está tão tranquila com a ideia de se demitir do emprego porque tem certeza de que vai se casar com Hank, e de que ele vai pagar as contas?

O comentário cínico saiu antes que eu pudesse impedir, e senti uma imediata onda de culpa. Esse tipo de grosseria era algo que eu desaprovava. Mas havia falado movida pelo medo, por aquela emoção sombria que se escondia em recantos escuros da alma e surgia de repente para dominar tudo.

A postura da minha mãe ficou tensa. Sem dizer nada, ela entrou na garagem e pressionou o botão que fechava a porta automática.

Fiquei do lado de fora por um instante, dividida entre o desejo de ir atrás dela e me desculpar e o medo de sua reação, porque notava

a maneira como ela fugia da pergunta. Era isso. Ela estava namorando Hank com a intenção de se casar com ele. Estava fazendo exatamente o que Marcie a acusara de fazer: estava pensando em dinheiro. Eu sabia que nossa situação financeira não era fácil, mas sobrevivíamos bem, não? Senti um forte ressentimento por minha mãe descer tão baixo, e me ressenti contra Hank por dar a ela uma escolha, uma alternativa à vida só comigo.

Voltei ao Volkswagen e dirigi pela cidade. Estava quinze quilômetros acima do limite de velocidade permitido naquela área, mas, pela primeira vez, não me importava com isso. Não tinha um destino em mente — queria apenas me afastar de minha mãe. Colocar uma boa distância entre nós. Primeiro Hank, depois o emprego. Por que eu sentia que ela agora tomava todas as decisões sem me consultar?

Quando a entrada para a rodovia apareceu na minha frente, virei o volante para a direita e segui para o litoral. Deixei a estrada na última saída antes do parque Delphic e segui as placas indicando a direção das praias públicas. Aquela parte da costa tinha menos trânsito e movimento bem menor que o litoral sul do Maine. A praia era rochosa, com vegetação abundante bem perto do alcance da maré alta. Em vez de turistas com toalhas e cestas de piquenique, vi um homem solitário fazendo sua caminhada e um cachorro correndo atrás de gaivotas.

Era exatamente isso que eu queria. Precisava de um tempo sozinha para me acalmar.

Parei o carro junto da calçada. Pelo retrovisor, vi um automóvel vermelho estacionar atrás do meu. Lembrei-me vagamente de ter visto aquele mesmo veículo na estrada, sempre alguns carros atrás de mim. O motorista devia estar querendo ir à praia pela última vez antes de o tempo virar.

Pulei a mureta entre a estrada e a praia e desci a encosta rochosa. O ar era mais frio ali do que em Coldwater, e um vento constante atingia minhas costas. O céu estava mais cinza que azul, encoberto. Fiquei fora do alcance das ondas, escalando as pedras mais altas. O terreno estava cada vez mais difícil de percorrer, e eu

me mantinha concentrada em meus passos, tentando não pensar na discussão com minha mãe.

Minha bota escorregou em uma pedra e eu caí, aterrissando de lado, de um jeito meio esquisito. Resmungando, consegui me levantar e recuperar o equilíbrio, e foi então que uma grande sombra me encobriu. Pega de surpresa, virei-me depressa. Reconheci o motorista do carro vermelho. Ele era mais alto que a média e devia ser um ou dois anos mais velho que eu. Seu cabelo era curto, as sobrancelhas eram castanho-claras, e havia um esboço de barba no queixo. A julgar pelo caimento da camiseta, ele devia frequentar a academia com regularidade.

— Já era hora de sair de casa — disse ele, olhando em volta. — Estou tentando encontrá-la a sós há dias.

Procurei me equilibrar em cima da pedra escorregadia. Estudei seu rosto, tentando encontrar algum sinal de familiaridade, mas nenhuma luz se acendeu em minha mente.

— Desculpe, mas... nós nos conhecemos?

— Acha que alguém a seguiu? — Os olhos dele ainda varriam a praia e a estrada costeira. — Tentei prestar atenção a todos os carros, mas posso ter perdido um ou outro. Teria ajudado se você desse uma volta no quarteirão antes de estacionar.

— Hum... Francamente, não tenho ideia de quem é você.

— Isso é uma coisa estranha para se dizer ao cara que comprou o carro que você dirige.

Um momento passou enquanto eu pensava no que ele acabara de dizer.

— Espere. Você é... Scott Parnell?

Apesar dos anos sem vê-lo, podia reconhecer seus traços. A covinha na bochecha. Os olhos castanhos. Entre os sinais recentes, havia uma cicatriz na face, a sombra escura da barba por fazer, a justaposição da boca de lábios carnudos e sensuais e traços simétricos, esculpidos.

— Eu soube de sua amnésia. Então é verdade mesmo? E parece ser grave, como comentam.

Ah, que maravilha, um otimista! Cruzei os braços e falei, com frieza:

— Já que tocou no assunto, acho que esse é um bom momento para me dizer por que deixou o Volkswagen na minha casa na noite em que eu desapareci. Se sabe sobre a amnésia, é claro que também sabe que fui sequestrada.

— O carro foi uma forma de pedir desculpas por ter sido um canalha. — Seus olhos ainda investigavam as árvores. Quem ele temia tanto que houvesse nos seguido?

— Vamos falar sobre aquela noite — decidi. O lugar, o momento e as circunstâncias não eram exatamente favoráveis a esse tipo de conversa, mas minha determinação em obter respostas era maior que o bom senso. — Parece que Rixon atirou em nós dois durante o ataque ao parque naquela noite. Foi o que eu disse à polícia em meu depoimento. Você, eu e Rixon estávamos sozinhos na casa maluca. Se é que o tal Rixon existe. Não sei como se livrou daquela confusão, mas estou começando a pensar que você o inventou. Deve ter atirado em mim, e precisava de alguém para culpar. Você me obrigou a dar o nome de Rixon à polícia? E, mais uma pergunta, você atirou em mim, Scott?

— Rixon está no inferno agora, Nora.

Fiz um movimento em falso. Ele falou aquilo sem nenhuma hesitação, e com uma nota perfeita de melancolia. Se estava mentindo, merecia um prêmio.

— Rixon está morto?

— Queimando no inferno, mas, sim, é basicamente a mesma ideia. Morto é uma palavra adequada, até onde eu sei.

Estudei seu rosto, em busca de algum sinal de falsidade ou cinismo. Não ia ficar ali discutindo detalhes da vida após a morte com ele, mas precisava de uma confirmação, precisava ter certeza de que Rixon não voltaria.

— Como sabe? Contou isso à polícia? Quem o matou?

— Não sei a quem devemos agradecer, mas sei que ele se foi. As notícias voam, acredite.

— Vai ter que ser mais convincente. Pode até ter conseguido enganar o resto do mundo, mas comigo não vai ser tão fácil assim. Largou um carro na frente da minha garagem na noite em que eu fui sequestrada. Depois disso, fugiu e se escondeu. Foi para... New Hampshire? É isso? Desculpe-me se a última palavra que me vem à mente quando o vejo é “inocente”. Acho que nem precisava falar, mas a verdade é que *não* confio em você.

Ele suspirou.

— Antes de Rixon atirar em nós, você me convenceu de que sou realmente nefilim. Você me disse que não posso morrer. Você é parte do motivo pelo qual fugi. E estava certa. Eu nunca acabaria como o Mão Negra. E nunca o ajudaria a recrutar mais nefilins para seu exército.

O vento penetrava minhas roupas, batendo em minha pele como se fosse gelo. *Nefilim*. De novo essa palavra. Ela me seguia em todos os lugares.

— Eu lhe disse que você era um nefilim? — perguntei, nervosa.

Fechei os olhos por um instante, rezando para ele se corrigir. Rezando para que o que ele tinha dito sobre “não poder morrer” fosse apenas uma figura de linguagem. Rezando para que aquele fosse o momento final da pegadinha que começara na noite anterior, com Gabe. Uma grande piada, na qual a palhaça era eu.

Mas a verdade estava ali, movendo-se pelo terreno pantanoso que agora ocupava uma área da minha memória antes intacta. Eu não conseguia explicar racionalmente certas coisas, mas podia *senti-las*. Elas queimavam em meu peito. Scott não estava inventando tudo aquilo.

— O que quero saber é por que você não consegue se lembrar de nada disso — ele falou. — Pensei que a amnésia não fosse permanente. O que a causou?

— Não sei por que não consigo lembrar! — disparei, irritada. — Entendeu? *Não sei*. Há algumas noites acordei no cemitério sem saber o que havia acontecido. Não conseguia nem me lembrar de como havia chegado lá. — Eu não entendia a urgência repentina de desabafar com Scott, mas precisava falar. Meu nariz começou a

escorrer, e senti as lágrimas se formando no fundo dos meus olhos. — A polícia me encontrou e me levou para o hospital. Disseram que eu estava desaparecida havia quase três meses. E explicaram que a amnésia era um modo de minha mente bloquear o trauma para me proteger. Mas quer saber o que é mais maluco? Estou começando a achar que não bloqueei nada. Recebi um bilhete. Alguém invadiu minha casa e deixou uma mensagem em cima do meu travesseiro. O bilhete dizia que eu não devia me sentir segura por estar em casa. Tem gente por trás disso. Eles sabem coisas que eu não sei. Eles sabem o que aconteceu comigo.

Foi bem aí que eu percebi que havia falado demais. Não havia *nenhuma* prova da existência do bilhete. Pior, a lógica comprovava que ele não existia. Mas, se a mensagem era produto da minha imaginação, por que eu não conseguia parar de pensar nisso? Por que não podia aceitar que havia inventado, forjado, ou tido uma alucinação?

Scott me estudou com ar intrigado e apreensivo.

— Eles...?

Levantei as mãos num gesto defensivo.

— Esqueça.

— O bilhete dizia mais alguma coisa?

— Já falei para *esquecer*. Você tem lenço de papel? — Tinha a sensação de que a área sob meus olhos começava a inchar, e fungar já não era mais suficiente para controlar a coriza. Como se isso não fosse suficiente, duas lágrimas correram por meu rosto.

— Ei — Scott falou com um tom doce enquanto me segurava pelos ombros. — Vai dar tudo certo. Não chore, por favor. Estou do seu lado, vou ajudar você a esclarecer toda essa confusão.

Não ofereci resistência quando ele me puxou contra o peito e deu tapinhas nas minhas costas. Primeiro um pouco sem jeito, depois com um ritmo constante, acalmando-me.

— Na noite em que você desapareceu, eu me escondi. Não era seguro para mim ficar aqui, mas, quando vi nos jornais que você havia aparecido e não conseguia se lembrar de nada, tive que voltar. Precisava encontrá-la. Era o mínimo que eu podia fazer.

Eu sabia que devia me afastar. Querer acreditar em Scott não significava que devia confiar nele completamente. Ou baixar a guarda. Mas estava cansada de me cercar de muralhas, por isso deixei de me defender. Não conseguia me lembrar da última vez em que me sentira tão bem só com um abraço. Nos braços de Scott, eu quase podia acreditar que não estava sozinha nisso. Scott prometera ficar do meu lado, me ajudar a sair dessa, e eu queria acreditar nele.

Além do mais, ele me *conhecia*. Era um elo com meu passado, e isso significava mais para mim do que eu podia expressar com palavras. Depois de tantas tentativas desanimadoras de recuperar fragmentos de memória, ele havia aparecido sem que eu tivesse de fazer nenhum esforço. Era mais do que eu podia ter pedido.

Limpei os olhos com as costas da mão e perguntei:

— Por que não era seguro para você aqui?

— O Mão Negra está aqui. — Como se lembrasse que o nome não tinha nenhum significado para mim, ele continuou: — Só para ter certeza, não se lembra de nada dessa história? Quero dizer, *nada* mesmo?

— Nada. — Com essa única palavra, eu me sentia na entrada de um labirinto assustador que se estendia até o horizonte.

— Deve ser horrível ser você — comentou ele, e acreditei que lamentava por mim de verdade, apesar da sua escolha de palavras. — Mão Negra é o apelido de um poderoso nefilim. Ele está construindo um exército do mundo inferior, e eu fui um de seus soldados, por falta de palavra melhor para descrever a situação. Agora sou um desertor e, se ele me pegar, não vai ser nada bom.

— Devagar. O *que* é um nefilim?

Scott deu um sorriso de lado.

— Prepare-se para sentir a cabeça explodindo, Grey. Um nefilim — Scott explicou, paciente — é um imortal. — O sorriso se tornou mais largo diante da minha expressão incrédula. — Não posso morrer. Nenhum de nós pode.

Nós? Scott era um deles?

— Qual é a pegadinha? — perguntei. Ele não podia estar falando de imortal no sentido de... *imortalidade*.

Scott apontou para o oceano, para as ondas quebrando nas pedras lá embaixo.

— Se eu pular, sobrevivo.

Tudo bem, talvez ele fosse idiota o bastante para ter saltado antes. E havia sobrevivido. Isso não provava nada. Ele não era imortal. Apenas acreditava nisso porque era um adolescente típico que fizera algumas coisas perigosas, e estava vivo para contar suas proezas. Por isso se sentia invencível.

Scott arqueou as sobrancelhas, fingindo estar ofendido.

— Não acredita em mim. Ontem à noite passei duas horas no mar, mergulhando atrás de peixes, e não morri congelado. Consigo ficar lá embaixo sem respirar por oito, nove minutos. Às vezes desmaio, mas, quando recupero a consciência, estou sempre flutuando na superfície e todos os meus sinais vitais indicam que o organismo está em perfeito funcionamento.

Abri a boca, mas levei um minuto para formar as palavras.

— Isso não faz sentido.

— Faz sentido, se eu sou imortal.

Antes que eu pudesse detê-lo, ele tirou do bolso um canivete suíço e o enterrou na própria coxa. Eu gritei e pulei para tentar socorrê-lo, sem saber se devia remover o canivete ou estabilizá-lo. Antes que eu tomasse a decisão, ele mesmo o arrancou. A dor o fez resmungar um ou dois palavrões, e o sangue ensopou sua calça jeans.

— Scott! — gritei.

— Volte amanhã — ele falou com tom sufocado. — Será como se nada houvesse acontecido.

— É mesmo? — perguntei, ainda agitada e assustada.

Esse garoto era completamente maluco? Por que ele havia feito algo tão estúpido?

— Não foi a primeira vez que fiz isso. Tentei me queimar vivo. Minha pele torrou, desprendeu-se do corpo. Dois dias depois, eu

estava novo em folha.

Eu já podia ver o sangue secando na calça dele. A ferida não sangrava mais. Ele estava... cicatrizando. Em segundos, não em semanas. Não queria acreditar nos meus olhos, mas estava *vendo* para crer.

De repente me lembrei de Gabe. Uma lembrança mais nítida do que eu teria desejado. Lembrei-me da barra de ferro enterrada nas costas dele. Jev jurara que o ferimento não mataria Gabe...

Como Scott havia jurado que seu ferimento cicatrizaria sem deixar mais que um arranhão.

— Tudo bem, então — sussurrei, embora não estivesse nada bem.

— Tem certeza de que está convencida? Posso me jogar na frente de um carro, se precisar de mais provas.

— Acho que acredito em você — falei, sem conseguir banir da voz uma nota de perplexidade.

Com esforço, saí do estado de estupor. Por ora, iria seguir a correnteza da melhor maneira possível. *Foque em uma coisa de cada vez*, disse a mim mesma. *Scott é imortal. Tudo bem. E agora?*

— Sabemos quem é o Mão Negra? — perguntei, subitamente ansiosa para me apoderar de toda e qualquer informação que Scott pudesse me dar. O que mais estava faltando? Quantas de minhas crenças ele ainda poderia destruir? E a prioridade máxima: ele podia me ajudar a recuperar a memória?

— Na última vez em que conversamos, nós dois queríamos saber. Passei o verão seguindo pistas, o que não foi fácil, considerando que sempre estou me escondendo e fugindo, sem dinheiro, trabalhando sozinho, e o Mão Negra não é exatamente ingênuo. Mas resumi a lista a um nome. Um homem. — Ele me encarou. — Está preparada? O Mão Negra é Hank Millar.

— Hank é *o quê*?

Estávamos sentados em troncos de árvores dentro de uma caverna, a cerca de meio quilômetro distante da linha do mar, protegidos por um rochedo de sermos avistados da estrada. A caverna era meio escura e o teto era baixo, mas servia para

resguardar do vento e, como Scott havia enfatizado, estávamos escondidos de possíveis espiões enviados pelo Mão Negra. Ele se recusara a continuar falando até ter certeza de que estávamos sozinhos.

Scott riscou um palito de fósforo na sola da bota e acendeu uma fogueira em um espaço cercado por pedras. A luz era refletida pelas paredes irregulares, e eu pude olhar pela primeira vez o ambiente à minha volta. Havia uma mochila e um saco de dormir apoiados na parede do fundo. Um espelho rachado encostado a uma pedra saliente como uma prateleira, do lado de uma lâmina, uma embalagem de creme de barbear e um tubo de desodorante. Perto da entrada da caverna havia uma grande caixa de ferramentas. Em cima dela, alguns pratos, talheres e uma frigideira. Ao lado da caixa havia uma vara de pescar e uma armadilha para animais. A caverna me impressionava e entristecia. Scott não era desprovido de recursos, era perfeitamente capaz de sobreviver usando o próprio conhecimento e sua capacidade física. Mas que tipo de vida levava, escondido e fugindo de um lugar para outro?

— Estou observando Hank há meses — ele continuou. — Não é um palpite no escuro.

— Tem certeza de que Hank é o Mão Negra? Não quero parecer ofensiva, mas ele não combina com minha imagem de um guerrilheiro do mundo inferior ou... — *Um imortal*. O pensamento parecia irreal. Não, isso é absurdo. — Ele é dono da maior loja de carros da cidade, é membro do iate clube e cuida sozinho do clube de patrocinadores. Por que iria se importar com o que acontece no mundo dos nefilins? Ele já tem tudo que pode desejar.

— Porque ele também é nefilim — explicou Scott. — E Hank não tem tudo o que realmente quer. Durante o mês judaico do Cheshvan, todos os nefilins que fizeram juramento de fidelidade precisam abdicar do corpo físico por duas semanas. Não há escolha. Eles cedem o corpo para que outro ser o possua: um anjo caído. Rixon era o anjo caído que possuía o corpo do Mão Negra, e foi assim que eu soube que ele agora queima no inferno. O Mão

Negra pode estar livre, mas não esqueceu e nunca vai perdoar. Para isso serve o exército. Ele vai tentar destituir os anjos caídos.

— Devagar. Quem são os anjos caídos? — Uma gangue? Era a impressão que eu tinha. Minhas dúvidas só faziam crescer. Hank Millar era a última pessoa em Coldwater que eu esperava ver associada a uma gangue. — E o que quer dizer com “possuir”?

A boca de Scott se contorceu em um sorriso de desprezo, mas ele respondeu pacientemente.

— Definição de um anjo caído: rejeitado pelo céu e pior pesadelo de um nefilim. Eles nos obrigam a jurar fidelidade, e depois possuem nosso corpo durante o Cheshvan. São parasitas. Não podem sentir nada estando no próprio corpo, por isso invadem o nosso. Sim, Grey — ele disse ao ver a expressão de incredulidade e horror que eu devia aparentar. — O que estou dizendo é que eles entram no nosso corpo, literalmente, e o usam como se fosse deles. Um nefilim está mentalmente presente enquanto isso acontece, mas não tem nenhum controle.

Tentei digerir a explicação de Scott. Mais de uma vez, imaginei a trilha sonora de *Além da imaginação* tocando ao fundo, mas a verdade é que sabia que ele não estava mentindo. Tudo estava voltando. As lembranças eram fragmentadas e danificadas, mas estavam lá. Eu já sabia de tudo aquilo. Quando ou como eu nem podia imaginar. Mas sabia. Sabia de tudo aquilo.

— Outra noite vi três homens espancando um nefilim — falei. — Era *isso* que eles estavam fazendo? Tentando forçá-lo a abrir mão de seu corpo durante duas semanas? Isso é desumano. É... repugnante!

Scott baixou os olhos e remexeu a fogueira com uma vareta. Tarde demais, percebi meu erro. Tomada pela vergonha, sussurrei:

— Oh, Scott. Eu falei sem pensar. Lamento muito que tenha passado por tudo isso. Não imagino quanto deve ser difícil abrir mão do próprio corpo.

— Não jurei fidelidade. Nem vou jurar. — Ele jogou a vareta no fogo, e fagulhas douradas brilharam no ar escuro e enfumaçado da caverna. — O Mão Negra me ensinou essa lição. Os anjos caídos

podem tentar todos os truques que quiserem para me enganar e confundir. Podem cortar minha cabeça, arrancar minha língua e me queimar até eu virar cinzas. Mas nunca vou fazer um juramento de fidelidade. Suporto a dor. Sim, sou capaz de suportar o sofrimento físico. Mas não suportaria as consequências desse juramento.

— Truques? Enganar e... confundir? — Senti um arrepio e pensei imediatamente em Gabe.

— Uma vantagem de ser um anjo caído — ele falou com certa amargura. — Você pode invadir a mente das pessoas. Pode fazê-las ver coisas que não são reais. Os nefilins herdaram essa habilidade dos anjos caídos.

Então, eu estava certa sobre Gabe, afinal. Mas ele não usara um truque de magia para criar a ilusão de ter se transformado em urso, como Jev me fizera acreditar. Ele havia utilizado a arma dos nefilins: controle da mente.

— Mostre-me como se faz isso. Quero saber exatamente como funciona.

— Estou sem prática — ele respondeu, deitando-se no chão da caverna e cruzando as mãos atrás da nuca.

— Não pode tentar, pelo menos? — insisti, batendo com o joelho no dele, numa tentativa de amenizar a tensão. — Quero saber o que estamos enfrentando. Vamos lá, surpreenda-me. Faça-me ver coisas que não espero ver. E depois me mostre como se faz isso.

Scott continuou olhando para o fogo, seus traços iluminados pelo brilho alaranjado das chamas. O sorriso desapareceu do meu rosto. Nada disso era engraçado para ele.

— Vou explicar uma coisa — Scott falou. — Esses poderes viciam. Quando você tem uma chance de experimentar essa força, é difícil parar. Quando fugi, há três meses, e percebi do que eu era capaz, passei a usar meus poderes sempre que podia, em todas as oportunidades. Se sentia fome, eu ia ao supermercado mais próximo, jogava tudo que queria no carrinho e invadia a mente do caixa para fazê-lo guardar as compras nas sacolas e me deixar sair sem pagar. Era fácil. E aquilo me fazia sentir superior. Mas uma noite, quando eu espionava o Mão Negra e o vi fazer a mesma

coisa, sofri um choque de realidade. Não vou passar o resto da vida desse jeito. Não serei como Hank. — Ele tirou um anel do bolso e o segurou contra a luz. Parecia ser feito de ferro, e o brasão era um punho cerrado. Por um momento, tive a impressão de que o metal irradiava um halo de luz azul. Mas ele desapareceu imediatamente, e eu atribuí a visão a uma mudança na luminosidade da caverna.

— Todo nefilim tem grande força física, o que nos torna mais poderosos que os humanos, mas usar este anel eleva minha força a um nível inteiramente diferente — explicou ele, em um tom solene. — O Mão Negra me deu o anel depois de tentar me recrutar para seu exército. Não sei que tipo de maldição ou encantamento há nele, não sei nem mesmo se há maldição ou encantamento. Mas existe *alguma coisa* nele. Quem usa um anel desses é quase imbatível fisicamente. Antes de desaparecer, em junho, você roubou o anel de mim. A necessidade de recuperá-lo era tão intensa que eu não dormi, não comi e não descansei até encontrá-lo. Era como um dependente químico em busca da substância que poderia me levar à próxima viagem. Uma noite, depois de você ter desaparecido, invadi sua casa e encontrei o anel no seu quarto, na caixa do seu violino.

— Violoncelo — corrigi em voz baixa. Um leve reconhecimento me perpassou, como se já tivesse visto o anel antes.

— Não sou o mais esperto dos homens, mas sei que este anel não é inofensivo. O Mão Negra fez alguma coisa com ele. Queria um meio de dar algum tipo de vantagem a todos os integrantes de seu exército. Mesmo quando não estou usando o anel, quando só conto com minha força natural e meus recursos normais, sinto sempre o impulso de buscar mais. Um impulso quase irresistível. A única maneira de combater essa necessidade é evitar o máximo possível usar meus poderes e minhas habilidades.

Tentei entender Scott, mas a verdade é que eu me sentia um pouco desapontada. Precisava ter uma compreensão melhor de como Gabe me enganara, para o caso de encontrá-lo novamente. E se Hank era mesmo o Mão Negra, o líder de uma milícia sobre-humana secreta, eu precisava saber se ele estava em minha vida

por motivos mais sombrios do que podia parecer. Afinal, se ele estava tão ocupado combatendo anjos caídos, como tinha tempo para cuidar dos negócios, ser pai e ainda namorar minha mãe? Talvez eu fosse desconfiada demais, mas, levando em consideração tudo que Scott acabara de me contar, minha desconfiança era mais do que justificada.

Precisava de alguém do meu lado que pudesse enfrentar Hank, se fosse necessário. Nesse momento, a única pessoa que eu conhecia nessas condições era Scott. Queria que ele mantivesse sua integridade, mas, ao mesmo tempo, ele era a única pessoa que tinha alguma chance contra Hank.

— Talvez você pudesse tentar usar os poderes do anel para o bem — sugeri depois de um minuto.

Scott passou a mão na cabeça, pronto para mudar de assunto.

— É tarde demais. Tomei minha decisão. Não vou usar o anel. Esse objeto me conecta a *ele*.

— Nunca pensou que não usar o anel pode dar a Hank uma vantagem perigosa?

Os olhos dele encontraram os meus, mas Scott se esquivou de responder.

— Está com fome? Posso pescar e preparar um peixe para nós. Fica bom grelhado na frigideira sobre a fogueira. — Sem esperar minha resposta, ele pegou a vara de pescar e desceu pelas pedras do lado de fora da caverna.

Fui atrás dele, desejando poder trocar as botas por tênis. Scott ia pulando as pedras, enquanto eu era forçada a dar passos pequenos, cuidadosos.

— Tudo bem, não vou mais falar dos seus poderes, por enquanto — gritei atrás dele —, mas ainda não terminei. Ainda há muitas lacunas. Vamos voltar à noite em que eu desapareci. Tem algum palpite sobre quem me sequestrou?

Scott estava sentado sobre a rocha, prendendo uma isca no anzol. Quando o alcancei, ele havia quase terminado.

— No início achei que devia ser Rixon — ele falou. — Isso foi antes de descobrir que ele já estava no inferno. Queria voltar e

procurar por você, mas não era algo tão simples. O Mão Negra tem espiões em todos os lugares. E, levando em conta o que aconteceu na casa maluca, deduzi que os policiais também estavam atrás de mim.

— Mas?

— Mas não estavam. — Ele me olhou de lado. — Não acha um pouco estranho? A polícia devia saber que eu estava com você e Rixon na casa maluca naquela noite. Você deve ter contado a eles. Provavelmente, falou que eu também tinha levado um tiro. Então, por que eles nunca me procuraram? Por que me deixaram escapar? É quase como se... — Ele parou.

— Como se o quê?

— Como se alguém tivesse limpado as pistas. E não estou falando sobre evidências físicas. Falo sobre truques que confundem a mente. Apagam lembranças. Alguém com poder suficiente para fazer a polícia olhar para o outro lado.

— Um nefilim, você quer dizer.

Ele deu de ombros.

— Faz sentido, não faz? Talvez o Mão Negra não quisesse a polícia procurando por mim. Talvez quisesse me encontrar ele mesmo e lidar comigo sem ter que se preocupar com registros oficiais. Se ele me achar, acredite, não vai me entregar à polícia para interrogatório. Vai me trancar em uma de suas prisões e me fazer lamentar o dia em que fugi dele.

Então, procurávamos alguém com poder suficiente para manipular mentes ou, como Scott havia falado, apagar lembranças. A correlação com minha memória perdida não passou despercebida. Um nefilim podia ter feito isso comigo? Um nó apertou meu estômago quando pensei nessa possibilidade.

— Quantos nefilins têm esse tipo de poder? — perguntei.

— Quem sabe? O Mão Negra tem, com toda certeza.

— Já ouviu falar em um nefilim chamado Jev? Ou um anjo caído, talvez? — arrisquei, cada vez mais certa de que Jev devia ser um ou outro, embora saber disso não me consolasse.

— Não, mas isso não quer dizer nada. Assim que descobri sobre os nefilins, tive que me esconder. Por quê?

— Conheci um cara chamado Jev. Ele sabia sobre os nefilins. Ele impediu que três caras... — Parei para pensar. Não precisava ser vaga, embora esse tipo de atitude fosse mais fácil nas condições mentais em que me encontrava. — Ele impediu que os anjos caídos de que falei antes obrigassem B.J., um nefilim, a fazer o juramento de fidelidade. Sei que vai achar isso meio maluco, mas Jev desprendia algum tipo de energia. Eu a senti como se fosse eletricidade. Era muito mais forte que a energia irradiada por todos os outros.

— Um bom indicador do poder dele, provavelmente — disse Scott. — Dominar três anjos caídos é uma façanha que fala por si só.

— Todo esse poder, e você nunca ouviu falar dele?

— Acredite, sei tanto quanto você sobre essas coisas.

Lembrei o que Jev havia me falado. *Tentei matar você.* O que isso significava? Ele estava envolvido com meu sequestro de alguma forma, afinal? E era forte o bastante para ter apagado minha memória? Tomando por base a intensidade do poder que irradiava dele, Jev era capaz de mais que alguns truques simples para confundir os pensamentos alheios. *Muito* mais.

— Sabendo o que sei sobre o Mão Negra, é de surpreender que eu ainda seja um homem livre — disse Scott. — Ele deve me odiar por tê-lo feito de idiota.

— Sobre isso... Por que desistiu de fazer parte do exército de Hank?

Scott suspirou, deixando as mãos caírem pesadas sobre os joelhos.

— Não queria falar sobre isso. Não há um jeito delicado de me expressar sobre esse assunto, por isso serei claro e direto. Na noite em que seu pai morreu, eu devia ter ficado de olho nele. O Mão Negra me deu a ordem. Ele disse que, se eu conseguisse cumprir minha tarefa, provaria ser digno da confiança dele. Hank me queria em seu exército, mas aquilo não era o que eu queria.

Um arrepio de premonição percorreu minhas costas. A última coisa que eu esperava era ouvir Scott falando sobre meu pai, insinuando que ele estivesse envolvido na morte de meu pai de alguma maneira.

— Meu pai... conhecia Hank Millar?

— Eu não cumpri a ordem do Mão Negra. Decidi mandá-lo se ferrar e deixar clara minha posição. Mas a única coisa que consegui foi deixar um homem inocente morrer.

Eu pisquei. As palavras de Scott caíam sobre mim como um balde de água fria.

— Deixou meu pai *morrer*? Você o deixou ir ao encontro do perigo e não fez nada para ajudá-lo?

Scott abriu os braços.

— Não sabia que seria desse jeito. Achava que o Mão Negra era maluco. Já havia decidido que ele era apenas um maluco egocêntrico. Não sabia sobre os nefilins. E, quando soube, já era tarde demais.

Olhei para a frente, para o oceano. Uma sensação desagradável comprimia meu peito, apertando sem trégua. *Meu pai*. Durante todo esse tempo, Scott sabia a verdade. Mas só me contou quando praticamente a arranquei dele.

— Rixon puxou o gatilho — disse Scott, e sua voz penetrou quieta em meus pensamentos. — Deixei seu pai cair naquela armadilha, mas era Rixon quem o esperava lá.

— Rixon — repeti.

Tudo voltava em fragmentos amargos. Uma imagem horrível de cada vez. Rixon me levando para a casa maluca. Rixon admitindo que havia matado meu pai. Rixon apontando a arma para mim. Eu não conseguia lembrar o suficiente para criar o cenário completo, mas os flashes eram o bastante. Sentia náuseas.

— Se Rixon não me sequestrou, quem foi? — perguntei.

— Lembra-se do que eu disse sobre ter passado o verão seguindo o Mão Negra? No começo de agosto, ele viajou para a White Mountain National Forest. Hank escolheu uma cabana bem afastada e ficou lá menos de vinte minutos. Uma viagem longa para

uma permanência tão curta, não acha? Não me atrevi a me aproximar para olhar pelas janelas, mas ouvi uma conversa dele por telefone alguns dias antes, em Coldwater. Ele disse à pessoa do outro lado da linha que a garota ainda estava na cabana, e que era preciso ter certeza de que ela era uma lousa em branco. Foram essas as palavras. Hank também disse que não havia espaço para erro. Agora estou pensando se a garota a quem ele se referia era...

— Eu — terminei por ele, completamente perplexa. Hank Millar, um imortal. Hank Millar, o Mão Negra. Hank, possivelmente meu sequestrador.

— Tem alguém que pode conseguir as respostas — disse Scott, apertando a própria sobrancelha com um dedo. — Não há ninguém melhor que ele para conseguir as informações. Encontrá-lo pode ser complicado. Eu nem saberia por onde começar. E, considerando as circunstâncias, talvez ele nem queira nos ajudar, especialmente porque, na última vez que o vi, ele quase quebrou minha mandíbula por ter tentado beijar você.

Hesitei.

— Tentou *me beijar*? O quê? Quem é esse cara?

Scott franziu o cenho.

— É isso mesmo. Acho que você talvez não se lembra dele também. Seu ex... Patch.

CAPÍTULO 15

— ESPERE um pouco! — ordenei . — Patch é *meu* ex?

Isso não combinava com a história de Marcie. Nem com a de Vee.

— Vocês dois terminaram. Acho que teve alguma coisa a ver com Marcie. — Ele abriu as mãos com as palmas para cima, num gesto de impotência. — Isso é tudo que sei. Voltei para a cidade no meio do drama.

— Tem certeza de que ele era meu namorado?

— Palavras suas, não minhas.

— Como ele era?

— Assustador.

— E onde ele está agora? — perguntei com mais determinação.

— Como eu disse, encontrá-lo não vai ser fácil.

— Sabe alguma coisa sobre um colar que ele pode ter me dado?

— Você faz muitas perguntas.

— Marcie disse que Patch era namorado dela. E disse que ele me deu um colar que pertence a ela, e que o quer de volta. Disse também que Patch me fez ver o lado bom nela e nos aproximou.

Scott coçou o queixo. Em seguida, olhou para mim com ar divertido.

— E você acreditou nisso?

Minha cabeça parecia ferver. Patch tinha sido meu namorado? Por que Marcie havia mentido? Para conseguir o colar? O que ela poderia querer com ele?

Se Patch foi meu namorado, isso explicava os flashes de *déja vù* que eu tinha toda vez que ouvia seu nome, mas...

Se ele foi meu namorado, e eu havia significado alguma coisa para ele, onde estava agora?

— Pode me contar mais alguma coisa sobre Patch?

— Eu mal conhecia o cara, e o que sabia me fazia sentir muito medo. Vou ver se consigo descobrir onde ele está, mas não posso prometer nada. Enquanto isso, vamos nos concentrar em algo garantido. Se pudermos levantar todas as sujeiras de Hank, talvez seja possível descobrir por que ele se interessou por você e sua mãe, saber o que está planejando fazer e encontrar um meio de pegá-lo. Nós dois temos algo a ganhar com isso. Aceita a proposta, Grey?

— É claro que sim — respondi prontamente.

***

Continuei com Scott até o sol começar a baixar no horizonte. Deixei um pedaço do peixe no prato e desci de volta à praia. Scott e eu nos despedimos no acostamento da estrada. Ele não queria aparecer em público e, considerando o que me contou sobre Hank e seus espiões nefilins, eu entendia sua cautela. Prometi visitá-lo novamente em breve, mas ele descartou a ideia. Ele disse que ficar percorrendo o caminho até a caverna com frequência era arriscado demais. Em vez disso, ele me encontraria.

No caminho de volta para casa, fiquei pensando. Refleti sobre tudo que Scott me contara. Um sentimento estranho fervilhava dentro de mim. Sede de vingança, talvez. Ou ódio em sua forma mais pura. Não tinha provas suficientes para afirmar que Hank estava por trás do meu sequestro, mas dera minha palavra a Scott: faria tudo que fosse possível para chegar ao fundo dessa história. E por “fundo” eu queria dizer que, se Hank tivesse *alguma coisa* a ver com isso, eu o faria pagar.

E havia Patch. Meu suposto ex-namorado. Um cara cercado de mistério, alguém que deixara forte impressão em Marcie e em mim, e desaparecera sem deixar vestígios. Eu não conseguia me imaginar com um namorado, mas, se tinha de fazer esse esforço, vislumbrava um garoto normal que entregava a lição de casa de

matemática dentro do prazo e talvez até jogasse um pouco de beisebol. Uma descrição absolutamente contrária a tudo que eu sabia sobre Patch. O que não era muito.

Eu tinha de encontrar um jeito de mudar essa situação.

Em casa, encontrei um bilhete sobre o balcão da cozinha. Minha mãe havia saído com Hank. Iriam jantar, e depois assistir ao concerto da orquestra sinfônica em Portland. Pensar nela sozinha com Hank me enchia de pavor, mas Scott vigiava Hank há tempo suficiente para saber que ele namorava minha mãe, e me dera um aviso claro: eu não podia revelar o que sabia, de jeito nenhum, em circunstância nenhuma. Para *nenhum* deles. Hank acreditava que enganava a todos, e era melhor manter tudo como estava. Eu tinha de confiar que minha mãe estava segura, pelo menos por enquanto.

Pensei em telefonar para Vee e deixar claro que sabia que ela havia mentido sobre Patch, mas me sentia tomada por uma agressividade passiva. Depois de um dia de silêncio, quando tivesse certeza de que ela havia pensado muito no que fizera, eu a pressionaria sabendo que o pânico a induziria a falar a verdade — dessa vez sem reservas ou ressalvas. Sua traição me magoava e, pelo bem dela mesma, eu esperava que tivesse uma explicação *muito boa*.

Abri um pote de pudim de chocolate e comi na frente da televisão, preenchendo a noite com reprises de seriados. Finalmente o relógio passou das onze horas, e subi a escada para o meu quarto. Tirei a roupa e, só quando fui guardar o lenço na gaveta da cômoda, notei a pena preta outra vez. Havia nela um brilho sedoso que me fazia lembrar a cor dos olhos de Jev. Um negro tão profundo que absorvia todas as partículas de luz. Lembrei-me de acompanhá-lo no Tahoe e de que, mesmo com a presença de Gabe, eu não sentia medo. Jev me fazia sentir segura, e eu queria encontrar um jeito de engarrafar esse sentimento, de usá-lo sempre que fosse necessário.

Acima de tudo, queria ver Jev de novo.

***

Estava sonhando com Jev quando abri os olhos de repente. O som de madeira estalando penetrou nos meus sonhos, acordando-me. Vi uma sombra encolhida na minha janela, impedindo a entrada da luz da lua. A sombra pulou a janela, aterrissando dentro do quarto com a leveza de um gato.

Eu me sentei, e todo o ar saiu do meu corpo num sopro barulhento.

— Shhh... — Scott murmurou, levando um dedo aos lábios. — Não acorde sua mãe.

— *O que... o que está fazendo aqui?* — finalmente consegui gaguejar.

Ele fechou a janela.

— Eu disse que viria visitá-la em breve.

Caí deitada de costas na cama, tentando voltar a respirar normalmente. Não havia exatamente visto minha vida passar em flashes diante dos olhos, mas havia chegado bem perto de gritar com toda a força dos meus pulmões.

— Esqueceu de dizer que essa visita envolveria uma invasão ao meu quarto.

— Hank está aqui?

— Não. Saiu com minha mãe. Peguei no sono, mas não ouvi qualquer barulho que pudesse indicar que eles já chegaram.

— Vista-se.

Olhei para o relógio. Depois para ele.

— É quase meia-noite, Scott.

— Muito observadora, Grey. Acontece que vamos a um lugar que é muito mais fácil ser invadido depois de certo horário.

Ah, não.

— Invadido? — repeti hesitante, ainda atordoada por ter sido acordada tão de repente. Especialmente se Scott estava querendo fazer algo ilegal.

Meus olhos finalmente se adaptaram à penumbra, e percebi que ele sorria.

— Tem medo de invadir propriedades?

— Não, medo nenhum. Que importância tem um crime? Não tenho planos de ir para a faculdade ou conseguir um emprego, mesmo — debochei.

Ele ignorou meu sarcasmo.

— Encontrei um dos depósitos do Mão Negra. — Scott atravessou o quarto, abriu a porta e espiou o corredor. — Tem certeza de que eles ainda não voltaram?

— Hank deve ter muitos depósitos. Ele vende carros. Precisa guardá-los em algum lugar. — Virei de lado, puxei as cobertas até o queixo e fechei os olhos, esperando que ele entendesse o significado desse gesto. O que eu queria de verdade era voltar ao sonho com Jev. Ainda podia sentir o gosto de seu beijo nos meus lábios. Queria viver a fantasia um pouco mais.

— O depósito fica no distrito industrial. Se Hank guarda os carros lá, está pedindo para ser roubado. Isso é importante. Tenho certeza, Grey. Ele guarda algo muito mais valioso que carros naquele depósito. Temos que descobrir o que é. Precisamos descobrir todos os podres de Hank, o máximo que pudermos.

— Arrombar e invadir propriedade particular é crime. Se queremos pegar Hank, temos que agir dentro da lei.

Scott se aproximou da cama. Ele puxou as cobertas até poder ver meu rosto.

— Hank não age de acordo com as regras. Isso só vai dar certo se jogarmos o jogo dele. Não fica nem um pouquinho curiosa com relação ao que ele guarda naquele depósito?

Pensei na alucinação, no depósito e no anjo enjaulado, mas respondi:

— Se isso pode me levar à prisão, não.

Ele franziu o cenho.

— Desistiu de me ajudar a pegar o Mão Negra?

Era essa a questão. Algumas horas sozinha pensando em toda aquela história, e minha confiança diminuíra bastante. Se Hank era tudo aquilo que Scott dizia, como nós dois poderíamos derrotá-lo sozinhos? Precisávamos de um plano melhor. Um plano mais *inteligente*.

— Eu quero ajudar, e vou ajudar, mas não posso simplesmente me jogar de cabeça nisso — falei. — Estou cansada demais para pensar. Volte para a caverna. E venha numa hora mais razoável. Talvez eu possa convencer minha mãe a ir visitar Hank no tal depósito e perguntar a ela o que há lá dentro.

— Se eu derrotar Hank, recupero minha vida — Scott argumentou. — Não vou mais ter que me esconder. Não vou precisar fugir. Vou ver minha mãe outra vez. Falando em mães, a sua estaria segura. Nós dois sabemos que você quer tudo isso tanto quanto eu — murmurou ele, em um tom de voz que não me agradou. Era como se insinuasse alguma coisa, como se ele me conhecesse mais do que eu imaginava, o que me deixava desconfortável. Não queria que Scott me conhecesse dessa maneira. Não à meia-noite, pelo menos. Não quando eu estava *tão perto* de voltar ao sonho com Jev. — Não vou deixar nada acontecer com você, se é com isso que está preocupada — ele prometeu.

— Como posso saber?

— Não pode. Essa é sua chance de colocar minhas intenções à prova. De descobrir quem eu sou de verdade.

Mordi o lábio inferior enquanto refletia. Eu não era o tipo de garota que saía escondida no meio da noite. E lá estava eu, preparando-me para fazer isso pela segunda vez em uma semana. Começava a pensar que eu era o oposto da pessoa que queria acreditar que era. *Não é tão perfeita, então?*, o diabinho no meu ombro esquerdo provocou.

A ideia de sair no meio da noite para ir espionar um dos depósitos de Hank não era exatamente animadora, mas pensei que estaria com Scott o tempo todo. E, se havia uma coisa que eu queria, com certeza, era tirar Hank da minha vida para sempre. Talvez Scott estivesse certo sobre Hank ser um nefilim e poder

enganar alguns policiais, mas, se Hank estava cometendo crimes graves, praticando atividades altamente ilegais, não poderia escapar de toda a corporação. Nesse momento, levar a polícia para o rastro de Hank parecia ser um bom começo para impedir seus planos, quaisquer que fossem.

— Isso é seguro? — perguntei. — Como podemos saber que ninguém vai nos pegar?

— Estive observando o depósito nos últimos dias. Não há ninguém lá à noite. Vamos tirar algumas fotos pelas janelas. O nível de risco é bem baixo. Vem comigo ou não?

Suspirei resignada.

— Tudo bem! Vou me vestir. Vire-se. Estou de pijama. — Na verdade, meu pijama era só um top e short masculino — uma imagem que eu não queria deixar gravada na memória de Scott.

Ele sorriu.

— Sou homem. Isso é o mesmo que pedir para uma criança não olhar para o balcão de doces.

Eca.

A covinha em seu rosto se tornou mais funda. E *não* era bonitinha. De jeito nenhum.

Eu não ia seguir esse caminho com Scott. Tomei a decisão instantaneamente. Nosso relacionamento já era muito complicado. Se iríamos trabalhar juntos, platônico era o único adjetivo que cabia ao nosso envolvimento.

Com um sorriso quase acanhado, ele levantou os braços e se virou de costas para mim. Pulei da cama, corri para o outro lado do quarto e me tranquei no closet.

Como as portas eram de venezianas com frestas relativamente largas, deixei a luz apagada só por medida de segurança, e fui encontrando as roupas, valendo-me apenas do tato. Vesti jeans *skinny*, camiseta e moletom. Escolhi tênis para os pés, temendo que fôssemos obrigados a correr em algum momento.

Abri a porta do closet ainda abotoando a calça.

— Sabe em que estava pensando agora? — perguntei a Scott.

Ele olhou para mim.

— Que você fica bonitinha com esse seu jeito de garota comportada?

Por que ele tinha de dizer essas coisas? Senti um rubor cobrindo meu rosto, mas torci para Scott não perceber nada na penumbra do quarto.

E respondi:

— Que espero não me arrepender disso.

CAPÍTULO 16

O MEIO de transporte de Scott era um Dodge Charger 1971, um carro que não era dos mais silenciosos, especialmente para alguém que insistia em se manter discreto. Acrescente o fato de o cano de descarga emitir um som indicativo de que ele tinha uma cratera, e eu estava certa de que todo mundo podia ouvir nossa passagem a vários quarteirões de distância. Além disso, na minha opinião, percorrer a cidade com a cabeça coberta pelo capuz do moletom só servia para provocar mais suspeitas, mas Scott estava irredutível.

— O Mão Negra tem espiões em todos os lugares — informou Scott mais uma vez. Como se quisesse enfatizar a necessidade de cautela, olhou pelo retrovisor: — Se ele nos vir juntos... — ele deixou a frase no ar.

— Entendi — falei. Uma palavra corajosa considerando o arrepio que subiu por minhas costas. Preferia não pensar no que Hank faria se desconfiasse que Scott e eu o estávamos espionando.

— Não devia ter levado você à caverna — Scott falou. — Ele é capaz de qualquer coisa para me encontrar. Não pensei em como isso poderia afetá-la.

— Tudo bem — falei, mas aquele arrepio horroroso não havia passado. — Você ficou surpreso quando me viu. Não teve muito tempo para pensar. Eu também não pensei. Na verdade, ainda não estou pensando — acrescentei com uma risada trêmula. — Caso contrário, não estaria indo bisbilhotar um dos depósitos de Hank. Será que lá tem câmeras de segurança?

— Não. Acho que o Mão Negra não quer provas do que acontece lá dentro. Os vídeos podem vazar — ele acrescentou, explicando.

Scott parou o Charger perto do rio Wentworth, sob os galhos mais baixos de uma árvore, e nós descemos. Havíamos percorrido apenas um quarteirão quando olhei para trás e não vi mais o carro.

Supus que essa era a intenção de Scott. Continuamos andando pela margem do rio, sob uma lua fina demais para projetar nossas sombras.

Atravessamos a Front Street e seguimos por entre velhos galpões de alvenaria, prédios altos e estreitos construídos um bem ao lado do outro. O arquiteto claramente optou por não desperdiçar espaço, naquele projeto. As janelas dos galpões eram protegidas por grades, escurecidas com graxa ou bloqueadas por jornais colados pelo lado de dentro. Lixo e mato se espalhavam pelas fundações.

— Aquele é o depósito do Mão Negra — sussurrou Scott. Ele apontava na direção de uma estrutura de quatro andares com uma estreita escada de incêndio e janelas em arco. — Ele esteve aí cinco vezes na última semana. Sempre chega pouco antes do amanhecer, quando toda a cidade está dormindo. Estaciona o carro vários quarteirões longe daqui e percorre o restante do caminho a pé. Às vezes ele contorna o quarteirão duas vezes para ter certeza de que não foi seguido. Ainda acredita que o depósito é usado para guardar carros?

Eu tinha de admitir: as chances de Hank tomar todas essas precauções para proteger um estoque de Toyotas eram bem pequenas. Na verdade, era como se ele estivesse usando o prédio como local de desmanche, mas eu também não acreditava nisso. Hank era um dos homens mais ricos e influentes da cidade. Não estava desesperado para ganhar uns trocados no mercado negro de peças. Não, o que acontecia ali era outra coisa. E, a julgar pelo arrepio que senti na nuca, deduzi que não era coisa boa.

— Vamos conseguir enxergar lá dentro? — perguntei, imaginando se as janelas do galpão de Hank eram escuras como as outras. Ainda estávamos longe demais para saber.

— Precisamos chegar mais perto para descobrir.

Seguimos nos esgueirando pelas paredes dos outros prédios, tão perto deles que meu moletom enganchava em um ou outro tijolo. Quando chegamos ao final daquele quarteirão, estávamos perto o bastante do depósito de Hank para ver que as janelas dos dois

andares mais baixos eram cobertas com jornal; as dos dois andares de cima não tinham qualquer tipo de obstrução.

— Está pensando o mesmo que eu? — Scott perguntou com um brilho travesso nos olhos.

— Subir pela escada de incêndio e dar uma olhada?

— Vamos tirar a sorte. Quem perder sobe.

— De jeito nenhum. A ideia de vir foi sua. Você sobe.

— Covarde. — Ele riu, mas vi que havia uma fina camada de suor cobrindo sua testa. Scott tirou do bolso uma câmera fotográfica descartável. — Está escuro, mas vou tentar fazer algumas fotos.

Sem dizer mais nada, atravessamos a rua correndo e nos abaixamos. Seguimos pelo beco atrás do depósito de Hank e não paramos até estarmos escondidos atrás de uma caçamba de lixo coberta de pichações. Apoiei as mãos nos joelhos e tentei encher os pulmões de ar. Não sei dizer se a dificuldade para respirar era consequência da corrida ou da ansiedade. Depois de termos chegado até ali, lamentei não haver ficado dentro do carro. Ou em casa, ponto final. Naquela altura dos acontecimentos, meu maior medo era ser encontrada por Hank. Até onde ia a certeza de Scott de que não estávamos sendo gravados por nenhuma câmera de segurança?

— Vai subir? — perguntei, esperando secretamente que ele tivesse se arrependido e decidido voltar para o carro.

— Ou entrar. Quais são as chances de o Mão Negra ter esquecido de trancar alguma janela ou porta? — Scott perguntou, olhando para a fileira de portões destinados a operações de carga e descarga.

Eu não havia percebido aqueles portões até Scott apontá-los. Eles não encostavam no chão, e ficavam protegidos por um vão na parede, perfeitos para operações mais sigilosas. Havia três portões, um ao lado do outro, e algo se acendeu em minha mente quando os vi. Os portões se pareciam com aqueles que eu vira em minha alucinação no banheiro da escola. O depósito também tinha uma assustadora e sinistra semelhança com a outra alucinação, aquela com Jev no acostamento da estrada. As coincidências eram

sombrias, mas eu não sabia como falar sobre elas com Scott. Dizer que *vi este lugar durante uma das minhas alucinações* não me asseguraria muita credibilidade.

Eu ainda refletia sobre essa tenebrosa conexão quando Scott se afastou de mim e foi tentar abrir a primeira porta.

— Trancada. — Ele se aproximou do painel eletrônico. — Tem algum palpite sobre o código de segurança? A data de aniversário de Hank, talvez?

— Óbvio demais.

— O aniversário da filha dele?

— Duvido. — Hank não era idiota.

— De volta ao plano A, então — Scott suspirou.

Ele pulou e puxou a escada de incêndio. Uma camada de ferrugem se desprendeu, o metal rangeu, mas a alavanca funcionou, a corrente deslizou por entre as engrenagens, e a escada desceu.

— Se eu cair, me segure — foi tudo o que ele disse antes de começar a subir.

Scott testou os primeiros degraus, pulando um pouco para ter certeza de que suportariam seu peso. Quando teve certeza de que o metal não ia se partir, ele continuou subindo, um passo de cada vez, para reduzir os rangidos e estalos. Eu o vi subir até o primeiro andar.

Imaginando que devia ficar atenta enquanto Scott subia, espiei pela lateral do edifício. Lá na frente, na esquina, uma sombra longa e estreita como uma lâmina se moveu pela calçada, e um homem apareceu. Eu recuei.

— Scott — sussurrei, temendo erguer a voz.

Ele estava longe demais para ouvir.

Olhei novamente pela lateral do prédio. O homem estava parado na esquina, de costas para mim. Entre seus dedos, queimava a luz alaranjada da brasa de um cigarro. Ele se inclinou na direção da rua e olhou para os dois lados. Eu não acreditava que estava ali esperando uma carona, nem achava que havia interrompido o

trabalho e saíra para fumar. A maioria dos galpões e depósitos daquela área deixara de funcionar havia anos, e já tinha passado da meia-noite. Ninguém trabalhava ali àquela hora. Se tivesse de fazer uma aposta, diria que o homem estava vigiando o galpão de Hank.

Mais uma prova de que o que Hank guardava ali dentro era valioso.

O homem jogou o cigarro no chão e o apagou com a sola da bota, olhou para o relógio e começou a andar lentamente pela rua.

— Scott! — sussurrei novamente, com as mãos em torno da boca. — Temos um problema.

Scott havia passado do segundo andar, e estava a poucos passos da janela do terceiro. A câmera estava em sua mão, pronta para entrar em ação, assim que ele conseguisse avistar alguma coisa.

Compreendendo que ele não ia me ouvir, peguei uma pedra e a arremessei em sua direção. Porém, em vez de acertá-lo, a pedrinha se chocou contra a escada de metal, provocando um som alto e estridente enquanto caía.

Cobri a boca numa reação de pavor.

Scott olhou para baixo e parou. Apontei desesperada para a lateral do depósito.

Em seguida, corri até a caçamba de lixo e me abaixei atrás dela. Pela fresta entre a caçamba e o prédio, vi o vigia de Hank aparecer correndo. Ele devia ter ouvido o barulho da pedra batendo na escada, porque seus olhos subiram imediatamente, tentando identificar a origem do som.

— Ei! — o homem gritou para Scott, pulando no primeiro degrau da escada de incêndio e subindo a uma velocidade e agilidade que poucos humanos poderiam ter. E ele era bem alto, um dos sinais mais evidentes para quem tentava identificar um nefilim, de acordo com o que Scott me ensinara.

Scott subiu pela escada de incêndio, pulando os degraus. Na pressa, soltou a câmera, que caiu no beco, espatifando-se. Scott lançou um olhar frustrado para a câmera por um segundo antes de

continuar subindo. No quarto andar, ele pulou para o telhado do prédio e desapareceu.

Examinei minhas opções rapidamente. O guarda nefilim estava apenas um andar atrás de Scott, a momentos de alcançá-lo no telhado. Ele seria violento? Ou o traria de volta ao chão para interrogá-lo? Meu estômago protestava. Ele chamaria Hank para cuidar pessoalmente de Scott?

Corri até a frente do galpão e olhei para cima, tentando localizar Scott. Vi uma sombra lá no alto. Não no telhado, mas no ar, entre um prédio e outro, do outro lado da rua. Pisquei, tentando enxergar melhor, e vi um segundo cometa cortando o céu, braços e pernas girando num movimento atlético.

Abri a boca. Scott e o nefilim estavam *pulando de um prédio para outro*. Eu não sabia como eles faziam isso, e não tinha tempo para refletir sobre a impossibilidade do que via. Corri para o Charger, tentando antecipar o que Scott pretendia. Se conseguíssemos chegar ao carro antes do nefilim, teríamos uma chance de escapar. Com toda minha força, eu corria e seguia o som dos passos dos dois lá em cima, pelos telhados.

Na metade do caminho para o automóvel, Scott se virou de repente para a direita, e o nefilim o seguiu. Na escuridão, ouvi seus últimos passos, que alcançavam uma velocidade impossível. Um estalo metálico ecoou na calçada, alguns metros à frente. Peguei a chave do carro. Sabia o que Scott estava fazendo: ele distraía o nefilim para me dar uma chance de chegar ao carro antes deles. Eram mais velozes — muito mais velozes que eu — e, sem alguns minutos de vantagem, eu nunca conseguiria chegar a tempo. Scott não poderia enganar o nefilim para sempre. Eu precisava correr.

Na Front Street, acelerei os passos o máximo que pude e percorri o último quarteirão para o Charger. Estava tonta, e já começava a enxergar uma mancha escura encobrindo meu campo de visão. Segurando a lateral do corpo, apoiei-me ao automóvel, respirando com dificuldade. Estudei os telhados com atenção, procurando algum sinal de Scott ou do nefilim.

Vi uma silhueta surgindo de trás de um prédio bem na minha frente, braços e pernas girando no ar e impulsionando a queda livre. Um mergulho de cabeça. Scott aterrissou, tropeçou, caiu e rolou pelo chão, O nefilim o seguia de perto, e chegou ao chão com mais precisão, sem perder o equilíbrio. Ele levantou Scott e acertou um soco violento na lateral de sua cabeça. Scott cambaleou, mas manteve-se consciente. Eu não sabia se ele resistiria a um segundo ataque.

Sem tempo para pensar, eu me joguei dentro do Charger. Enfiei a chave na ignição. Liguei o motor. Acendi os faróis, iluminando diretamente a cena protagonizada por Scott e o nefilim. Minhas mãos agarraram o volante com força. *Tomara que dê certo!*

Scott e o nefilim olharam na minha direção, e eu vi que eles eram pálidos à luz dos faróis. Scott gritou alguma coisa, mas eu não consegui entender o que ele dizia. O nefilim também gritou. No último momento, ele soltou Scott e se jogou para o lado, fugindo do carro. Scott não teve a mesma sorte; ele foi jogado para o alto, por cima do capô. Nem tive tempo para pensar se ele havia sofrido algum ferimento porque ele já se encolhia no assento ao meu lado.

— *Acelere!*

Pisei fundo no acelerador.

— O que foi aquilo? — gritei. — Você estava pulando os prédios como se fossem obstáculos em uma pista de corrida!

— Eu disse que sou mais forte que um cara qualquer.

— Sim, mas não falou que pode voar! E você me contou que não gostava de usar esses poderes!

— Talvez você me tenha feito mudar de ideia. — Um sorriso debochado. — Então, ficou impressionada?

— Aquele nefilim quase o capturou, e tudo que quer saber é se eu fiquei impressionada?

— Eu já imaginava. — Ele parecia satisfeito, abrindo e fechando a mão na qual usava o anel do Mão Negra. Não achei que fosse o momento para insistir em uma explicação. Especialmente porque, naquele instante, nada era maior que o alívio que eu sentia por

constatar que ele decidira usá-lo outra vez. Com o anel, Scott tinha uma chance contra Hank. E, por associação, eu também.

— Imaginava o quê? — perguntei intrigada.

— Você está ficando vermelha.

— Estou *suando*! — Quando percebi a que ele se referia, falei apressada: — *Não* estou impressionada! O que você fez há pouco... O que podia ter acontecido... — Joguei o cabelo para trás e me recompus. — Acho que você é inconsequente, descuidado, e é muito atrevimento se comportar como se tudo isso fosse uma grande brincadeira!

O sorriso de Scott tornou-se ainda mais largo.

— Não tenho mais perguntas. Já obtive a resposta.

CAPÍTULO 17

SCOTT me levou para casa e foi bem mais liberal com limite de velocidade do que eu jamais fora. Por insistência minha, ele estacionou longe da entrada da casa. Durante todo o trajeto, eu estive dividida entre dois tipos de medo. Primeiro, temia que o vigia nefilim nos tivesse seguido, apesar de todas as medidas de segurança adotadas por Scott, e segundo, tinha medo de que minha mãe voltasse para casa antes de mim. É claro que ela teria ligado imediatamente para o meu celular se houvesse chegado e encontrado minha cama vazia, mas, por outro lado, a raiva fulminante diante do segundo episódio de desobediência e inconsequência em menos de uma semana poderia tê-la deixado sem ação.

— Bem, isso foi bastante animado — falei com voz fraca.

Ele bateu com a mão no volante.

— Mais trinta segundos. Era tudo de que eu precisava. Se eu não tivesse deixado a câmera cair, teríamos fotos do interior do galpão. — Ele balançou a cabeça com desânimo e incredulidade.

Eu já estava pronta para dizer que, se ele tinha alguma intenção de voltar, podia começar a procurar outra companhia, quando Scott anunciou em tom sério:

— Se o guarda conseguiu me ver direito, vai contar a Hank. Mesmo que não tenha visto meu rosto, ele pode ter visto minha marca. Hank vai saber que era eu. Vai mandar uma equipe para vistoriar a área. — Seus olhos buscaram os meus. — Ouvi boatos de que há nefilins que foram trancados para sempre em locais de segurança máxima. Câmaras subterrâneas na floresta ou embaixo de edifícios. Não se pode matar um nefilim, mas é possível torturá-lo. Vou ter que ficar escondido por um tempo.

— Que marca?

Scott puxou a gola da camiseta para baixo, revelando um pequeno círculo de pele onde havia sido gravado a fogo um punho cerrado idêntico ao do anel. A pele cicatrizara, mas era possível imaginar como o processo fora doloroso.

— A marca do Mão Negra. Foi assim que ele me obrigou a integrar seu exército. Pelo menos Hank não foi esperto o bastante para inserir um dispositivo de rastreamento nela.

Eu não estava com disposição para piadas, por isso não retribuí o meio sorriso.

— Você acha que o guarda viu a marca?

— Não sei dizer.

— Acha que ele me viu?

Scott balançou a cabeça.

— Não conseguíamos enxergar nada com os faróis voltados para nós. Soube que era você porque reconheci o Charger.

Isso deveria ter me tranquilizado, mas eu estava tão tensa que um suspiro aliviado estava fora de questão.

— Hank deve vir trazer sua mãe a qualquer minuto. — Scott apontou com o polegar para a estrada. — Tenho que ir. Vou ficar escondido por algumas semanas. Espero que o guarda não tenha visto minha marca. Talvez ele tenha pensado que eu era só um ladrão comum.

— Mesmo assim, ele sabe que você é um nefilim. Até onde eu sei, humanos não saltam prédios. Quando Hank descobrir, duvido que trate esse episódio como mera coincidência.

— Mais um motivo para recuar. Se eu sair de cena, Hank pode pensar que fiquei assustado e deixei a cidade. Quando tudo isso passar, encontrarei você. Pensaremos em outro plano para pegá-lo, talvez um ataque por outra frente.

Minha paciência estava se esgotando.

— E eu? Foi você quem enfiou essa ideia na minha cabeça. Não pode desistir agora. Ele está namorando minha mãe. Não posso me dar ao luxo de me esconder. Se Hank teve alguma coisa a ver com meu sequestro, quero que ele pague pelo que fez. Se ele está

planejando coisas piores, quero que seja detido. Não em algumas semanas ou meses, mas *agora*.

— E quem vai se livrar dele? — A voz de Scott soava gentil, mas havia uma firmeza por trás da doçura. — A polícia? Ele tem metade do efetivo local em sua folha de pagamento. E a outra metade pode ser controlada com truques de submissão da mente. Escute, Nora. Nosso plano exige uma recuada estratégica agora. Vamos deixar a poeira baixar e fazer o Mão Negra pensar que está no comando novamente. Depois, vamos nos reunir e tentar uma forma diferente de ataque quando ele menos esperar.

— Ele *está* no comando. Não é coincidência esse namoro repentino com minha mãe. Ela não é prioridade: o mais importante é construir o exército nefilim. O Cheshvan começa no mês que vem, em outubro. Então, por que ela, por que agora? Como ela se encaixa nos planos do Mão Negra? Tenho que encontrar essas respostas antes que seja tarde demais!

Scott coçou a orelha, irritado.

— Eu não devia ter contado nada a você. Você vai desmoronar. O Mão Negra vai perceber seu nervosismo a quilômetros de distância. Você vai falar. Vai contar a ele sobre mim e sobre a caverna.

— Não se preocupe comigo — explodi. Depois saí do carro e olhei para ele pela última vez antes de bater a porta. — Vá se esconder, tudo bem. Não é a sua mãe que está apaixonada pelo monstro, é? Vou *acabar* com ele, com ou sem você.

É claro que eu não sabia como. Hank havia criado raízes tão profundas na cidade, que estava em todos os lugares. Tinha amigos, aliados e pessoas trabalhando para ele Tinha dinheiro, recursos e um exército particular. E o mais preocupante de tudo: ele tinha minha mãe na palma da mão.

***

Dois dias se passaram sem nenhum acontecimento importante. Cumprindo o prometido, Scott desaparecera. Agora que me sentia mais calma, eu me arrependia por ter perdido a paciência com ele. Scott estava fazendo o que tinha de ser feito, e eu não podia culpá-lo por isso. Eu o acusara de desistir, mas não era esse o caso, de jeito nenhum. Ele sabia quando avançar e quando recuar. Era mais inteligente do que eu imaginava. E mais paciente.

E também havia eu no meio dessa história. Não gostava de Hank Millar, e confiava nele menos ainda, e quanto antes eu conseguisse entender o objetivo de seu jogo, melhor. O Cheshvan permanecia como uma nuvem negra pairando sobre meus pensamentos, uma lembrança constante de que Hank estava planejando alguma coisa. Eu não tinha nenhuma prova concreta de que minha mãe fazia parte do plano, mas havia sinais. Considerando tudo que Hank tentava conseguir antes do Cheshvan, inclusive formar e treinar um exército nefilim para recuperar a posse de seus corpos dos anjos caídos, por que dedicava tanto tempo à minha mãe? Por que ele queria a confiança dela? Por que precisava dela?

Só quando eu estava na aula de história avançada, ouvindo sem muita atenção a descrição dos eventos que haviam levado à Reforma Protestante na Inglaterra, uma luz se acendeu. *Hank conhecia Scott*. Por que eu não havia pensado nisso antes? Se Hank suspeitava de que Scott era o nefilim responsável pelo incidente em seu depósito há duas noites, sabia que uma segunda tentativa não aconteceria tão cedo, porque Scott não se exporia ao risco de ser pego. De fato, Hank provavelmente presumiu que Scott se recolhera ao esconderijo, o que realmente tinha acontecido. Nunca, nem em um milhão de anos, Hank esperaria por outra invasão tão cedo. Esta noite, por exemplo.

Nunca, nem em um milhão de anos...

***

A tardinha chegou e foi embora. Às dez horas, mamãe se despediu com um beijo de boa-noite e foi para o quarto dela. Uma hora mais tarde, a luz de seu quarto se apagou. Esperei mais alguns minutos para ter certeza de que ela dormia, depois joguei as cobertas longe. Completamente vestida, peguei embaixo da cama a mochila onde havia guardado uma lanterna, uma câmera e as chaves do carro.

Enquanto empurrava o Volkswagen desligado pela Hawthorne Lane para não fazer barulho, eu agradecia mentalmente a Scott por me ter dado de presente um carro tão leve. Nunca poderia ter feito a mesma coisa com uma caminhonete. Só liguei o motor quando estava a mais de meio quilômetro da casa, longe dos ouvidos de minha mãe.

Vinte minutos mais tarde, estacionei o automóvel a alguns quarteirões de onde Scott parara o Charger duas noites antes. O cenário não havia mudado. Os mesmos edifícios de janelas escuras. Os mesmos postes com as lâmpadas quebradas. Longe, um trem apitou solitário na noite.

Como o galpão de Hank era protegido, descartei a ideia de me aproximar dele. Teria de encontrar outro jeito de espiar o que havia lá dentro. Tive uma ideia: eu podia usar a arquitetura do lugar a meu favor — os prédios haviam sido construídos muito próximos uns dos outros, lado a lado, mesmo. Provavelmente, eu conseguiria enxergar o interior do galpão de Hank de dentro do depósito vizinho, ou do que ficava atrás dele.

Seguindo a rota que Scott e eu havíamos percorrido, aproximei-me um pouco do depósito de Hank. Abaixada e protegida pelas sombras, preparei-me para o primeiro ataque contra a vigilância. Notei que a escada de incêndio havia sido removida. Hank tomara medidas de precaução, então. Havia jornais novos cobrindo as janelas do terceiro andar, mas quem começara o trabalho ainda não chegara ao quarto e último andar do galpão. A cada dez minutos, como se fosse comandado por um relógio, um guarda saía do prédio e dava uma volta ao redor dele.

Convencida de que eu tinha informação suficiente para agir, contornei o prédio e cheguei ao galpão que ficava atrás do de Hank.

Assim que o guarda terminou a ronda e voltou ao interior do depósito, corri pelo trecho sem a proteção das sombras. Mas agora, em vez de me esconder no beco atrás do depósito de Hank, fui até o beco seguinte.

Em pé sobre uma lata de lixo virada, puxei a escada de incêndio até o nível do chão. Eu tinha medo de altura, mas não iria deixar que isso me impedisse de descobrir o que Hank estava escondendo. Respirei fundo algumas vezes e subi até o primeiro andar. Disse a mim mesma para não olhar para baixo, mas a tentação era forte demais. Meus olhos varreram a viela lá embaixo, enxergando por entre a trama da rede de segurança da escada. Meu estômago se revirou e minha visão ficou turva.

Subi para o segundo andar. Depois o terceiro. Um pouco enjoada, tentei abrir as janelas. As primeiras estavam trancadas, mas, finalmente, encontrei uma destravada, e ela se abriu com um gemido arenoso. Com a câmera na mão, entrei no galpão pela abertura estreita.

Havia acabado de entrar e ficar de pé lá dentro quando fui ofuscada pelas luzes. Cobri os olhos com um braço. À minha volta, eu ouvia ruídos de corpos se movendo. Quando abri os olhos novamente, deparei com várias fileiras de camas estreitas. E havia uma pessoa dormindo em cada uma delas. Todos homens, todos excepcionalmente altos.

Nefilins.

Antes que eu pudesse pensar em alguma coisa, um braço enlaçou minha cintura por trás.

— Vamos! — ordenou uma voz baixa, puxando-me para trás na direção da janela por onde eu havia entrado.

Livrando-me do transe provocado pelo susto, senti braços fortes me arrastando pela janela para a escada de incêndio. Jev me olhava furioso, os olhos transbordando de raiva. Sem dizer nada, ele me puxou pelos degraus sem parar para me dar explicações. Quando descíamos a escada, gritos ecoaram na frente do edifício. A qualquer minuto seríamos cercados, ameaçados pelo alto e por baixo.

Impaciente, Jev me tomou nos braços, segurando-me contra seu peito.

— Não importa o que aconteça, não me solte.

Eu mal tive tempo de me agarrar a ele, e estávamos voando. Para baixo. Sem se preocupar em usar a escada de incêndio, Jev havia pulado por cima da grade de proteção. O ar passava por nós em alta velocidade, enquanto a gravidade nos puxava para o chão. Chegamos antes que eu pudesse gritar. Meu corpo sentiu o impacto da aterrissagem e, no instante seguinte, eu estava de pé.

Jev agarrou minha mão e me puxou para a rua principal.

— Estacionei o carro a três quarteirões daqui.

Viramos a esquina, corremos por um quarteirão e atravessamos uma viela. Vi o Tahoe branco parado junto da calçada. Jev abriu as portas antes de chegarmos ao carro e entramos rapidamente.

Jev dirigia depressa, fazendo curvas em alta velocidade e percorrendo trechos de reta sem pisar no freio até abrir uma distância de quilômetros entre nós e os nefilins. Finalmente, ele parou o Tahoe em um pequeno posto de gasolina entre Coldwater e Portland. Havia uma placa anunciando que o posto estava fechado, mas luzes fracas brilhavam no interior da pequena loja de conveniência.

Jev desligou o motor.

— O que estava fazendo lá? — Sua voz soava baixa, mas o tom era furioso.

— Subindo pela escada de incêndio, o que parecia que eu estava fazendo? — retruquei.

Minha calça estava rasgada, meus joelhos estavam esfolados, minhas mãos tinham vários arranhões, e ficar brava era a única coisa que me impedia de cair no choro.

— Ah, parabéns, você conseguiu subir! E quase se matou. Não me diga que estava lá por coincidência. Ninguém anda por aquelas ruas à noite. E o lugar que invadiu é um esconderijo de nefilins, por isso nem tente me convencer de que estava lá por acaso. Quem mandou você lá?

Eu pisquei.

— Um esconderijo de nefilins?

— Vai se fazer de idiota? — Ele balançou a cabeça. — É impressionante.

— Pensei que o prédio estivesse vazio. Achei que o galpão vizinho fosse o depósito de nefilins.

— Os dois pertencem a um nefilim. Um nefilim muito poderoso. Um dos edifícios é uma isca, enquanto o outro abriga cerca de quatrocentos nefilins em uma noite. Adivinhe qual deles você invadiu?

Uma isca. Hank era realmente esperto. Pena eu não haver pensado nisso vinte minutos antes. Quando o dia amanhecesse, ele já teria transferido toda a operação para outro lugar e eu perderia minha única pista. Bem, pelo menos agora eu sabia o que ele estava escondendo. O depósito era dormitório de uma parte do exército de nefilins.

— Pensei ter dito para parar de procurar encrenca. Acho que avisei que você devia tentar ser normal por algum tempo — Jev falou.

— A normalidade não durou muito tempo. Pouco depois da última vez em que nos vimos, encontrei um velho amigo. Um velho amigo nefilim. — Falei sem pensar, mas não via mal algum em contar a Jev sobre Scott. Afinal, Jev havia ficado do meu lado quando enfrentei Gabe para obrigá-lo a libertar B.J., sinal de que ele não odiava os nefilins como Gabe.

— Que amigo nefilim? — Jev perguntou, apreensivo.

— Não tenho que lhe dar satisfações.

— Esqueça. Já sei quem é. O único nefilim que você seria ingênua o bastante para chamar de amigo é Scott Parnell.

Não consegui esconder a surpresa.

— Conhece Scott?

Jev não respondeu. Mas eu podia ver em sua expressão aborrecida que não gostava muito dele.

— Onde ele está? — perguntou.

Pensei na caverna e em como havia prometido a Scott que não contaria nada a ninguém.

— Ele... não me contou. Eu o encontrei quando estava correndo. Foi uma conversa breve. Nem tivemos tempo para trocar números de telefone.

— Onde você estava correndo?

— No centro da cidade — menti com facilidade. — Ele estava saindo de um restaurante bem na hora em que eu passava e me reconheceu, então conversamos rapidamente.

— Está mentindo. Scott não teria andado pelo centro da cidade desse jeito, não com o Mão Negra oferecendo uma recompensa por sua cabeça. Aposto que o viu em outro lugar, uma localização mais afastada. Na floresta perto de sua casa? — ele tentou.

— Como sabe onde eu moro? — perguntei nervosa.

— Você tem um nefilim nada confiável seguindo seus passos. Se quer se preocupar com alguma coisa, sugiro que seja com isso.

— Nada confiável? Ele me falou tudo sobre nefilins e anjos caídos, o que já é mais do que você fez por mim! — Parei e tentei me acalmar. Não queria falar sobre Scott. Queria falar sobre *nós* e tentar forçar Jev a revelar nossa antiga conexão. Havia passado dias fantasiando esse encontro e agora, que tinha o que queria, não o deixaria escapar novamente. Precisava saber quem ele havia sido para mim.

— E o que foi que ele disse? Que ele é a vítima? Que os anjos caídos são os bandidos da história? Ele pode culpar os anjos caídos pela existência de sua raça, mas não é uma vítima, e não é inofensivo. Se Scott está por aí seguindo seus passos, é porque precisa de você para alguma coisa. Todo o restante é fingimento.

— Engraçado você dizer isso, considerando que ele não me pediu nada. Até agora, tudo tem sido por mim e para mim. Ele está tentando me ajudar a recuperar a memória. E não faça essa cara de surpresa. Só porque você é um canalha cheio de segredos, não significa que o resto do mundo também seja. Depois de me contar sobre nefilins e anjos caídos, ele me disse que Hank Millar está construindo um exército de nefilins. Talvez esse nome não tenha

nenhum significado para você, mas significa muito para mim, já que Hank é o namorado da minha mãe.

A apreensão desapareceu de seu rosto.

— O que foi que disse? — ele perguntou, em um tom realmente ameaçador.

— Disse que você é um canalha cheio de segredos, e não vou pedir desculpas.

Ele olhou pela janela, e pude perceber que estava pensativo. Alguma coisa do que eu dissera era importante para Jev. Um músculo em sua mandíbula ficou tenso, e um brilho sombrio se acendeu em seus olhos. De onde eu estava, senti a tensão em seu corpo, uma corrente de emoção que vibrava logo abaixo de sua pele. E isso não era bom.

— Com quantas pessoas falou sobre mim? — ele perguntou.

— O que o faz pensar que falei sobre você com alguém?

Os olhos dele pareciam me paralisar, me prender ao banco do carro.

— Sua mãe sabe?

Pensei em fazer mais um comentário sarcástico, ferino, mas estava cansada demais para isso.

— Talvez tenha mencionado seu nome, mas ela não reconheceu. Portanto, voltamos à estaca zero. *Como* eu conheço você, Jev?

— Se eu pedisse para fazer uma coisa por mim, acho que você não iria me escutar. — Ele esperou para ter certeza de que contava com minha atenção, e então continuou: — Vou levá-la para casa. Tente esquecer que esta noite aconteceu. Tente agir de maneira normal, especialmente com Hank. Não mencione meu nome.

Em vez de responder, olhei feio para ele e desci do carro. Jev me seguiu.

— Que tipo de resposta é essa? — perguntou, mas sua voz não soava mais tão áspera.

Afastei-me do Tahoe, caso ele estivesse pensando em usar a força bruta para me empurrar de volta para dentro do automóvel.

— Não vou para casa. Ainda não. Desde aquela noite em que me salvou de Gabe, tenho pensado em todos os meios pelos quais poderia encontrar você de novo. Passei muito tempo especulando sobre como nos encontramos antes, como você me conhecia. Posso não me lembrar de você ou de qualquer outra coisa que tenha acontecido nos últimos quatro meses, mas ainda sou capaz de *sentir*, Jev. E, quando o vi naquela noite pela primeira vez, senti algo que nunca havia sentido. Não conseguia olhar para você e respirar ao mesmo tempo. O que isso significa? Por que não quer que eu me lembre de você? Quem você *foi* para mim?

Parei de andar e me virei para encará-lo. Seus olhos estavam dilatados, totalmente negros, e eu suspeitava de que neles se escondiam todos os tipos de emoção. Arrependimento, sofrimento, cansaço.

— Por que me chamou de Anjo naquela noite? — perguntei.

— Se eu estivesse pensando direito, já a teria levado para casa — ele falou em voz baixa.

— Mas...?

— Mas estou tentado a fazer alguma coisa da qual provavelmente vou me arrepender.

— Dizer a verdade? — era o que eu desejava.

Os olhos negros mergulharam nos meus.

— Primeiro, tenho que tirar você daqui. Os homens de Hank não devem estar muito longe.

CAPÍTULO 18

COMO se o comentário de Jev tivesse o poder de invocar os acontecimentos, ouvimos pneus cantando no asfalto atrás de nós. Hank ficaria orgulhoso; seus homens não desistiam facilmente.

Jev me puxou para trás de um muro de tijolos caindo aos pedaços.

— Não vamos conseguir voltar ao Tahoe. E, mesmo que pudéssemos correr mais do que eles, não vou envolvê-la numa perseguição de carro com nefilins. Eles sairiam inteiros de um automóvel destruído e capotado, mas você não. Melhor tentarmos fugir a pé. Vamos contornar a área e voltar ao carro quando eles desistirem de nos encontrar. Conheço uma boate a um quarteirão daqui. Não é um lugar muito limpo, mas vai servir como esconderijo. — Ele segurou meu cotovelo, empurrando-me para a frente.

— Se os homens de Hank forem revistar a boate, e eles seriam idiotas se não fossem, porque vão ver o Tahoe e saberão que estamos a pé, me reconhecerão. As luzes no galpão ficaram acesas por cinco segundos, pelo menos, antes de você me tirar de lá. Alguém naquele lugar deve ter dado uma boa olhada em mim. Posso tentar me esconder no banheiro, mas, se começarem a fazer perguntas, não vou conseguir ficar escondida por muito tempo.

— O galpão que você invadiu é para os novos recrutas. Eles têm dezesseis ou dezessete anos em idade humana, fizeram o juramento recentemente. Isso corresponde a menos de um ano na contagem nefilim. Sou mais forte que eles, e já pratiquei muito mais a habilidade de interferir no pensamento alheio. Vou encobrir você com uma ilusão. Se olharem para nós, eles verão um homem de jaqueta de couro e coleira de *spikes*, e uma loura platinada de espartilho e coturno.

De repente eu me senti meio tonta. Uma ilusão. Era assim que os truques funcionavam? Como encantamentos?

Jev segurou meu queixo e ergueu meu rosto.

— Confia em mim?

Se eu confiava ou não nele, isso não tinha importância. A verdade era que eu tinha de confiar. A alternativa era enfrentar sozinha os homens de Hank, e eu podia imaginar como isso terminaria.

Respondi movendo a cabeça em sentido afirmativo.

— Muito bom. Continue andando.

Segui Jev até uma fábrica desativada onde agora funcionava a boate Bloody Mary's, e ele assumiu o comando da situação e cuidou dos nossos disfarces. Meus olhos demoraram um instante para se ajustar à luz estroboscópica que fazia a visão pulsar em preto e branco. As paredes internas haviam sido demolidas, criando um espaço aberto que agora era totalmente ocupado por corpos que giravam e balançavam. A ventilação era ruim, e eu fui imediatamente atingida por uma onda de odores corporais misturados a perfume, fumaça de cigarro e vômito. A clientela devia ter uns quinze anos a mais do que eu, e eu era a única pessoa ali vestindo tecido de algodão e com o cabelo preso num rabo de cavalo. Mas o truque de Jev devia estar funcionando, porque, naquele mar de correntes, couro, *spikes* e meias arrastão, ninguém olhou para mim como se eu fosse diferente.

Caminhamos até o meio da multidão, onde podíamos nos esconder e continuar vigiando a porta.

— O plano A é ficar aqui e esperar que eles saiam — Jev gritou sobre o pulsar ensurdecedor da música eletrônica. — Em algum momento, eles terão que desistir e voltar ao depósito.

— E o plano B?

— Se eles nos seguirem até aqui, vamos sair pela porta dos fundos.

— Como sabe que existe uma porta dos fundos?

— Já estive aqui antes. Não é meu lugar preferido, mas é um dos melhores quando se trata do meu tipo.

Eu nem queria pensar que tipo era o dele. Nesse momento, não queria pensar em nada além de chegar em casa inteira, viva.

Olhei em volta.

— Pensei que pudesse enganar todo mundo com sua ilusão de ótica. Então, por que tenho a sensação de que as pessoas estão olhando para nós?

— Porque somos as únicas pessoas aqui que não estão dançando.

Dançar. Homens e mulheres com uma impressionante semelhança com os membros da banda Kiss sacudiam a cabeça, empurravam, chutavam e lambiam as pessoas mais próximas. Um cara com um suspensório de correntes preso à calça subiu uma escada na parede e se jogou sobre a multidão. *Cada louco com a sua mania*, pensei.

— Você me concede o prazer dessa dança? — Jev perguntou com um sorriso simpático.

— Não devíamos estar procurando um jeito de sair daqui? Tentar pensar em outro plano?

Ele segurou minha mão direita, puxando-me contra o peito numa dança lenta, que parecia totalmente inadequada para a música frenética. Como se lesse meus pensamentos, Jev falou:

— Logo vão parar de olhar para nós. Estão competindo pelo posto de dançarino mais radical da noite. Tente relaxar. Às vezes, o melhor ataque é a defesa.

Meu coração disparou, e não era porque os homens de Hank deviam estar bem próximos de nós. Dançar com Jev desse jeito eliminava toda e qualquer chance de controlar meus sentimentos. Os braços dele eram fortes, seu corpo era quente. Jev não usava perfume, mas eu senti um aroma intrigante de grama recém-cortada e água de chuva quando ele me puxou para mais perto. E aqueles olhos... Profundos, misteriosos, insondáveis. Apesar de tudo, queria me apoiar nele e... simplesmente parar de resistir.

— Assim é melhor — ele murmurou no meu ouvido.

Antes que eu pudesse responder, Jev me girou. Eu nunca havia dançado desse jeito antes, e sua habilidade me surpreendia. Talvez

eu não me espantasse com um pouco de dança de rua, mas aqueles movimentos... Seu jeito de dançar me lembrava outra época, outro lugar. Jev era confiante e elegante... suave e sensual.

— Acha que vão acreditar que um cara vestindo jaqueta de couro dança desse jeito? — perguntei quando ele me puxou de volta a seus braços.

— Continue assim, e vou vestir *você* com a jaqueta de couro. — Ele não sorria, mas percebi em sua voz uma nota de humor. Fiquei feliz por um de nós achar graça na situação.

— Como funciona esse truque? É uma espécie de ilusão de ótica?

— É um pouco mais complicado que isso, mas o resultado é o mesmo.

— Pode me ensinar?

— Se for ensinar tudo que sei, vamos ter que passar muito tempo sozinhos.

Sem saber se ele estava sugerindo alguma coisa, respondi:

— Tenho certeza de que podemos manter tudo isso num nível... profissional.

— Fale por você — ele disse no mesmo tom firme e sério, sem revelar suas verdadeiras intenções.

A mão dele estava em minhas costas, segurando-me contra seu corpo, e percebi que estava mais nervosa do que pensava. Descobri-me imaginando se a ligação entre nós havia sido tão elétrica antes. Ficar perto dele sempre despertara em mim essa sensação de estar brincando com fogo? Havia sido sempre assim, quente, intenso e perigoso?

Para impedir que a conversa continuasse por esse terreno desconfortável, apoiei minha cabeça em seu peito, mesmo sabendo que não era seguro. Nada nele era seguro. Todo o meu corpo vibrava sob o toque daquelas mãos, uma sensação inteiramente estranha e perturbadora. Meu lado sensato queria dissecar o que eu sentia, racionalizando e complicando demais minha reação a Jev. Mas outro lado, mais físico e imediato, estava cansado de permitir que a lógica me obrigasse a andar em círculos, refletindo

constantemente sobre aquele lapso de tempo. E assim, sem hesitar, desliguei a parte racional.

Pouco a pouco, deixei Jev ultrapassar minhas barreiras defensivas. Dançava com o corpo colado ao dele, seguindo o ritmo que ele impunha. Estava quente, com a cabeça cheia de fumaça, e o momento começou a parecer irreal, tornando ainda mais fácil acreditar que, mais tarde, caso a culpa ou o arrependimento viessem me importunar, eu poderia fingir que nada havia acontecido. Enquanto estava ali, naquela boate, nos braços de Jev, sucumbir era muito fácil.

Os lábios dele roçaram minha orelha.

— Em que está pensando?

Fechei os olhos por um instante, mergulhando na sensação. *Em como me sinto quente. Em como cada centímetro de meu corpo fica inacreditavelmente vivo, vibrante e irracional quando estou com você.*

Sua boca se curvou num sorriso sexy, quase imperceptível.

— Hummm.

— Hummm? — Desviei os olhos e, agitada, usei a irritação como disfarce para o desconforto. — Hummm significa o quê, exatamente? Não consegue formular frases com mais de cinco palavras? Todos esses ruídos e gemidos fazem você parecer... primitivo.

Seu sorriso se alargou.

— Primitivo.

— Você é impossível.

— Mim Jev, você Nora.

— *Pare com isso*. — Mas quase ri, apesar da intenção de me mostrar irritada.

— Já que estamos no nível primitivo, seu cheiro é bom — ele observou. E se aproximou ainda mais, o que me fez tomar consciência de seu tamanho, dos movimentos de seu peito, do calor da sua pele sobre a minha. A eletricidade me fez arrepiar, e eu estremeci de prazer.

— O nome disso é chuveiro... — comecei automaticamente, mas parei. Minha memória sofreu um solavanco, tomada de assalto por um sentimento intenso e poderoso de inadequada familiaridade. — Sabão, xampu, água quente — acrescentei com voz fraca.

— Nua. Sei como é — Jev respondeu, e algo indecifrável passou por seus olhos.

Sem saber como agir, tentei encerrar o momento com uma risada leve.

— Está me paquerando, Jev?

— É isso que você acha?

— Não conheço você o suficiente para achar alguma coisa — tentei manter a voz baixa, neutra.

— Então, vamos ter que mudar isso.

Ainda sem entender suas intenções, fingi tossir. Aquele era um jogo para dois.

— Fugir dos caras maus é sua ideia de conhecer alguém melhor?

— Não. Isso é.

Ele inclinou meu corpo para trás, descrevendo com ele um arco até me levantar bem devagar. Em seus braços, minhas articulações se soltavam, minhas defesas derretiam e eu me deixava levar por seus movimentos sinuosos, sensuais. Seus músculos se moviam sob as roupas, e ele me segurava e conduzia. Não me deixava afastar.

Meus joelhos pareciam feitos de borracha, mas não por causa da dança. Minha respiração era rápida, e eu soube que começava a descer uma encosta escorregadia. Estar tão perto de Jev, com minha pele roçando a dele, nossas pernas se tocando, o olhar se encontrando no escuro, tudo se fundia numa sensação ofuscante e num calor inebriante. Nervosa e excitada, eu me afastei, mas sem muita determinação.

— Não tenho corpo para isso — comentei, apontando com o queixo para uma mulher exuberante que, perto de nós, balançava os quadris no ritmo da música. — Nem curvas.

Os olhos de Jev encontraram os meus.

— Está pedindo minha opinião?

Fiquei vermelha.

— Eu mereço...

Ele inclinou a cabeça para baixo, e seu hálito morno acariciou minha pele. Seus lábios tocaram minha testa, exercendo uma pressão muito sutil. Fechei os olhos, tentando conter o desejo absurdo de sentir aquela boca descendo por meu rosto, encontrando a minha.

— Jev... — Queria falar, mas só conseguia repetir seu nome. *Jev, Jev, Jev*, pensava numa cadência que acompanhava perfeitamente minha pulsação. Repeti seu nome mentalmente num pedido silencioso, até a repetição me deixar tonta.

O ar que passava entre nossas bocas era uma presença viva, provocante e tentadora. Ele estava muito perto, e meu corpo se ligava ao dele numa sintonia que me assustava e, ao mesmo tempo, fascinava. Esperei, mas me mantive em seus braços, ofegante com a antecipação.

De repente seu corpo ficou tenso. O encanto se rompeu, a distância entre nós aumentou de maneira irreversível e dei um passo para trás.

— Temos companhia — Jev avisou.

Tentei me afastar completamente, mas ele me segurou e continuou dançando.

— Fique calma — murmurou, apoiando o rosto em minha testa. — Lembre, se olharem para você, vão ver cabelos louros e coturnos. Não vão enxergar você de verdade.

— Eles não sabem que você pode criar ilusões? — Tentei enxergar a porta, mas havia vários homens mais altos que eu no caminho, bloqueando minha visão. Eu não conseguia descobrir se os comparsas de Hank avançavam ou se estavam parados na porta, apenas observando.

— Eles não olharam realmente para mim, mas me viram pular do terceiro andar de um depósito, o que é o suficiente para revelar que não sou humano. Estão procurando um casal, é verdade, mas há vários aqui.

— O que eles estão fazendo? — perguntei, ainda sem conseguir enxergar além da multidão.

— Estão olhando tudo. Continue dançando e não olhe para a porta. São quatro homens. Eles vão se separar. — Jev resmungou um palavrão. — Dois deles estão vindo para cá. Acho que fomos descobertos. O Mão Negra os treinou bem. Jamais conheci um nefilim capaz de enxergar além de uma ilusão no primeiro ano após o juramento de fidelidade, mas eles podem ter percebido o truque. Vá para o banheiro e saia pela porta no final do corredor. Não ande muito depressa e não olhe para trás. Se alguém tentar detê-la, ignore e continue andando. Vou distraí-los para tentar ganhar tempo. Encontro você na viela lá fora em cinco minutos.

Jev foi para um lado, e eu fui para o outro — com o coração na garganta. Abri caminho pela multidão usando os cotovelos, sentindo minha pele úmida com o calor de tantos corpos espremidos e a adrenalina que me inundava. Caminhei pelo corredor que levava aos banheiros, tentando ignorar o cheiro horrível e as moscas que sugeriam o estado de limpeza do local. A fila era longa, e eu tive de ir me desviando das pessoas enquanto pedia licença e murmurava desculpas apressadas.

Como Jev previra, havia uma porta no fim do corredor. Passei por ela e saí da boate. Sem perder tempo, comecei a correr. Não achava uma boa ideia ficar parada na rua, em espaço aberto, por isso fui me esconder atrás da caçamba de lixo para esperar Jev. Estava na metade da viela quando a porta se abriu atrás de mim.

— Por ali! — gritou uma voz. — Ela está escapando!

Olhei para trás apenas para confirmar que eram nefilins. Depois corri. Não sabia para onde ia, mas Jev teria de me encontrar em outro lugar. Corri pela rua voltando ao local onde havíamos deixado o Tahoe. Jev não me encontraria na viela, mas, eu esperava, pensaria em seu carro como segunda opção.

Os nefilins eram muito velozes. Mesmo correndo muito, eu já ouvia seus passos se aproximando de mim. Tudo era dez vezes mais fácil para eles, percebi com um pânico crescente. Quando estavam a poucos metros de me alcançar, eu me virei.

Os dois nefilins reduziram a velocidade, tentando antecipar minhas intenções. Ofegante, eu olhava de um para o outro. Podia continuar correndo e adiar o inevitável. Podia lutar. Podia gritar e torcer para Jev me ouvir. Mas todas as alternativas pareciam ineficazes.

— É ela? — perguntou o mais baixo com um sotaque formal que soava como britânico. Ele me olhava desconfiado.

— É ela — confirmou o mais alto com sotaque americano. — Está protegida por uma ilusão. Foque um detalhe de cada vez, como o Mão Negra nos ensinou. O cabelo, por exemplo.

O mais baixo me olhou com tanta atenção e intensidade que eu tive a impressão de que ele podia enxergar até o que havia além dos tijolos atrás de mim.

— Ora, ora... — Ele disse depois de um instante. — Então é morena? Eu preferia você loura.

Com velocidade sobrenatural, eles apareceram perto de mim, um de cada lado, cada um deles segurando meu cotovelo com força, apertando tanto que me encolhi de dor.

— O que estava fazendo no depósito? — perguntou o nefilim mais alto. — Como o encontrou?

— Eu... — comecei. Mas estava apavorada demais para pensar em uma mentira plausível. Eles não acreditariam em mim se eu dissesse que fora parar lá por mera coincidência, e que só havia pulado a janela no meio da noite por curiosidade.

— O gato comeu sua língua? — provocou o mais baixo, segurando meu queixo com os dedos.

Virei o rosto.

— Temos que levá-la de volta ao depósito — anunciou o mais alto. — O Mão Negra ou Blakely vão querer interrogá-la.

— Eles só voltarão amanhã. É melhor obtermos algumas respostas agora.

— E se ela não falar?

O nefilim mais baixo lambeu os lábios, e algo igualmente assustador iluminou seus olhos.

— Tomarei providências para que ela fale.

O mais alto franziu o cenho.

— Ela vai contar tudo a eles.

— Podemos limpar sua memória quando terminarmos. Ela não vai lembrar nada.

— Ainda não somos suficientemente fortes. Mesmo que possamos apagar metade das lembranças, não será o suficiente.

— Podemos tentar as artes do mal — sugeriu o mais baixo com um brilho inquietante nos olhos.

— Artes do mal não existem. O Mão Negra deixou isso bem claro.

— Ah, é? Se os anjos no céu têm poderes, faz sentido que os demônios no inferno também tenham. Você diz que é mito, eu digo que é uma mina de ouro em potencial. Imagine o que poderemos fazer se dominarmos esse poder.

— Mesmo que existam, não saberíamos nem por onde começar.

O nefilim mais baixo balançou a cabeça com irritação.

— Você está sempre em busca de diversão, não é? Tudo bem. Vamos combinar a história. Será nossa palavra contra a dela. — Ele sugeriu uma versão para os eventos daquela noite enquanto os contava nos dedos. — Nós a perseguimos quando ela invadiu o depósito, a encontramos escondida na boate e, quando a levávamos de volta, ela ficou apavorada e acabou falando, contando tudo. Não importa o que ela vai dizer. Ela já invadiu o galpão. É claro que o Mão Negra vai esperar mais mentiras.

O nefilim mais alto não parecia inteiramente convencido, mas também não discutiu.

— Você vem comigo — grunhiu o mais baixo, empurrando-me com violência para o espaço apertado entre os prédios atrás de nós. Ele só parou para dizer ao amigo: — Fique aqui e vigie para que ninguém nos incomode. Se conseguirmos arrancar alguma informação dela, talvez possamos trocá-la por privilégios. Ou até por uma promoção.

Todo meu corpo tremia de medo diante da possibilidade de ser interrogada por nefilins, mas aceitei rapidamente que não tinha a menor chance contra dois deles numa luta. Talvez pudesse tirar proveito de minha única vantagem. Minha única esperança — embora muito pequena — era reduzir o confronto a um contra um. Deixei o nefilim mais baixo me levar para o fundo do corredor estreito, esperando que minha aposta desse certo.

— Está cometendo um grande engano — disse, adotando o tom mais sério e ameaçador que pude.

O nefilim arregaçou as mangas, expondo os dedos enfeitados por vários anéis, e de repente senti minha coragem fraquejar.

— Estou nos Estados Unidos há seis meses, acordando sempre com o nascer do sol, treinando o dia todo sob o comando de um tirano, dormindo trancafiado em um alojamento. Depois de seis meses de prisão, será muito bom poder descontar em alguém. — Ele lambeu os lábios. — Vou gostar muito disso, amor.

— Você tirou as palavras da minha boca — respondi, e empurrei o joelho entre suas pernas.

Vi vários garotos na escola sofrerem agressão semelhante durante um jogo ou na aula de educação física, e sabia que o ataque não o imobilizaria completamente, mas não esperava que estivesse pronto para me atacar depois de um gemido abafado.

Ele saltou sobre mim tão rápido que só vi um borrão. Havia um pedaço de madeira no chão, perto dos meus pés, e eu me abaixei para pegá-lo. Pregos enferrujados tornavam a arma improvisada ainda mais útil.

O nefilim olhou para o pedaço de pau em minha mão e deu de ombros.

— Vá em frente. Pode me bater. Não vai me machucar.

Segurei a arma improvisada como se fosse um taco.

— Posso não causar nenhum ferimento grave ou permanente, mas, acredite em mim, *vai* doer.

Ele ameaçou se mover para a direita, mas eu já estava esperando. Quando pulou para a esquerda, ataquei sem dó. Ouvi o barulho pavoroso do choque e o grito do nefilim.

— Vai pagar caro por isso. — Ele chutou o ar e, antes que eu pudesse registrar o movimento, seu pé arrancou o pedaço de pau da minha mão. O nefilim me jogou no chão, prendendo meus braços acima da cabeça.

— Saia de cima de mim! — gritei, contorcendo-me, tentando me libertar.

— É claro que sim, amor. Assim que me disser o que estava fazendo no alojamento.

— Saia... de cima... de mim... *agora.*

— Ouviu o que ela disse.

Os olhos do nefilim demonstraram impaciência.

— O que é *agora*? — ele disparou, virando-se para descobrir quem ousava interrompê-lo.

— Foi uma ordem simples — Jev respondeu, sorrindo com frieza, mas de um jeito letal.

— Estou um pouco ocupado no momento, parceiro — o nefilim resmungou, olhando para mim para dar ênfase ao que dizia. — Se não se *importa*...

— Acontece que me importo. — Jev segurou o nefilim pelos ombros e o jogou contra o prédio. Depois o agarrou pelo pescoço, impedindo-o de respirar.

— Peça desculpas. — Jev inclinou a cabeça na minha direção.

O nefilim agarrou a mão de Jev, mas seu rosto já perdia a cor. Ele abria e fechava a boca como um peixe, tentando aspirar oxigênio.

— Diga a ela que está profundamente arrependido ou vou dar um jeito de não ter nada para dizer por muito tempo. — Com a mão livre, Jev empunhou uma navalha, e compreendi que ele pretendia cortar a língua do nefilim. Não sentia pena dele, sinceramente. — Então, como vai ser?

Os olhos do nefilim estavam saltando das órbitas, expressando uma fúria incontrolável enquanto nos olhava. *Desculpe*, sua voz enfurecida explodiu em minha cabeça.

— Não vai ganhar um Oscar com essa interpretação, mas serve — Jev anunciou com um sorriso cruel. — Não foi tão difícil, foi?

Já livre, o nefilim tomava grandes quantidades de ar enquanto massageava a garganta.

— Conheço você? Sei que é um anjo caído, posso sentir o poder emanando de você como um cheiro ruim, o que me faz pensar que devia ter uma posição bem elevada antes de cair, talvez até fosse um arcanjo... Mas o que quero saber é se nossos caminhos já se cruzaram antes. — A pergunta parecia ser ardilosa, como se o nefilim tentasse obter informações para rastreá-lo no futuro, mas Jev não caiu na armadilha.

— Ainda não — disse. — Vou resumir a apresentação. — Ele enfiou o punho fechado no estômago do nefilim, que ainda estava com a boca aberta quando caiu de joelhos e perdeu os sentidos.

Jev olhou para mim. Eu esperava que ele me perguntasse por que eu não havia ficado na viela como tínhamos combinado, e como acabara na companhia do nefilim, mas ele simplesmente limpou a sujeira do meu rosto e fechou os dois últimos botões da minha blusa.

— Você está bem? — Jev me perguntou em voz baixa.

Movi a cabeça em sentido afirmativo, mas já sentia as lágrimas formando um nó na minha garganta.

— Vamos sair daqui — ele disse.

Pela primeira vez, não discuti.

CAPÍTULO 19

ENQUANTO Jev dirigia, eu mantinha a cabeça apoiada à janela e permanecia em silêncio. Ele percorria estradas secundárias e ruas desertas, mas eu tinha uma vaga ideia de onde estávamos. Depois de algumas curvas, eu soube exatamente que lugar era aquele. Vi a entrada do parque de diversões Delphic bem na nossa frente, alta e imponente. Jev parou no estacionamento vazio. Quatro horas antes, ele teria tido muita sorte se encontrasse uma vaga tão perto assim do portão.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntei, endireitando-me no assento.

Ele desligou o motor e levantou uma sobrancelha.

— Você disse que queria conversar.

— Sim, mas este lugar está... — *Vazio.*

Um sorriso duro surgiu em seus lábios.

— Ainda não sabe se pode confiar em mim? Quanto a ter escolhido o Delphic, digamos que sou sentimental.

Se era para eu entender o que ele queria dizer, não aconteceu. Segui-o até o portão, vendo-o pular a barreira com facilidade. Lá dentro, ele destravou a fechadura e abriu apenas uma fresta, o suficiente para permitir minha entrada.

— Podemos ser presos por isso? — perguntei, sabendo que era uma pergunta idiota. Se fôssemos pegos, certamente iríamos para a cadeia.

Mas, como Jev parecia saber o que estava fazendo, eu o segui. Acima da linha das lâmpadas, uma montanha-russa parecia dominar o parque. Uma imagem passou por minha cabeça, atormentando-me por um instante. Eu me vi voando do alto dos trilhos em queda livre. Engoli em seco, ignorando o flash e atribuindo essa visão ao pavor que tinha de altura.

Estava me sentindo mais incomodada a cada minuto. Jev salvara minha vida três vezes, mas isso não queria dizer que era uma boa ideia ficar sozinha com ele. Suponho que eu havia me deixado atrair até ali pelo anseio de obter algumas respostas. Jev prometera conversar comigo, e a tentação fora grande demais para eu resistir.

Finalmente, ele reduziu a velocidade dos passos e saiu da calçada principal do parque, parando na frente de um velho galpão de manutenção. O galpão ficava entre a montanha-russa e uma enorme roda-gigante. A estrutura cinza e quadrada era o último lugar para onde alguém olharia.

— O que tem lá dentro? — perguntei.

— Minha casa.

Sua casa? Ou ele tinha um senso de humor fantástico, ou redefinia o significado da expressão “viver com simplicidade”.

— Glamorosa.

Um sorriso sagaz brotou dos lábios dele.

— Sacrifico o estilo pela segurança.

Notei a pintura descascada, a cobertura inclinada, a construção frágil como papel.

— Segurança? Eu poderia derrubar a porta com um chute.

— Aqui estou protegido dos arcanjos.

Senti uma onda de pânico ao ouvir a palavra. Lembrei-me da minha última alucinação. *Ajude-me a encontrar um colar de arcanjo*, dissera Hank. A coincidência me causava um desconforto que era como um arrepio.

Jev colocou a chave na fechadura e abriu a porta do galpão, convidando-me a entrar.

— Quando vou descobrir mais sobre os arcanjos? — perguntei. Sabia que minha voz soava trêmula, mas era impossível controlar o nervosismo. Quantos tipos diferentes de anjos havia?

— Tudo que você precisa saber é que, nesse momento, eles não estão do nosso lado.

Identifiquei um significado oculto em seu tom de voz.

— Mas podem estar em algum momento?

— Sou um otimista.

Passei pela porta, imaginando que o galpão devia ser melhor do que parecia olhando pelo lado de fora. Se as paredes resistissem a um vento mais forte, ficaria surpresa. As tábuas do piso rangiam com o meu peso, e eu sentia no ar um cheiro azedo. O lugar era pequeno, mais ou menos cinco por três metros. Sem janelas. A escuridão se tornou completa quando Jev fechou a porta depois de entrarmos.

— Você mora aqui? — perguntei, só para ter certeza.

— Aqui é uma espécie de antessala.

Antes que eu pudesse perguntar o que aquilo significava, ouvi seus passos atravessando o galpão. Depois, escutei o rangido baixo de uma porta se abrindo. Quando Jev falou novamente, sua voz parecia vir de debaixo do chão.

— Dê-me sua mão.

Andei devagar na escuridão, tateando o ar até encontrar a mão dele. Tive a impressão de que Jev estava em algum lugar abaixo de mim, em uma área recuada. As mãos dele desceram para minha cintura. Ele me tirou do chão...

E me levou para uma área embaixo do galpão. Ficamos frente a frente na escuridão. Eu sentia sua respiração baixa e estável, constante. A minha era menos regular. *Aonde ele estava me levando?*

— Que lugar é este? — sussurrei.

— Há um labirinto de túneis sob o parque. Camadas e mais camadas de corredores. Anos atrás, os anjos caídos não se misturavam aos humanos. Eles se separavam, vinham morar aqui na costa, e só iam às cidades e aos vilarejos durante o Cheshvan, para possuir o corpo de um nefilim vassalo. Férias de duas semanas. Essas cidades eram como *resorts* para eles. Ali faziam tudo que queriam. Pegavam o que desejavam. Enchiam os bolsos com o dinheiro dos vassalos.

“Os rochedos à beira do oceano eram muito afastados, mas os anjos caídos construíram suas cidades abaixo da terra como medida de precaução. Sabiam que, com o tempo, as coisas podiam mudar.

E mudaram. Os humanos se expandiram. O limite entre o território dos humanos e o dos anjos caídos tornou-se menos preciso. Os anjos caídos construíram o Delphic sobre sua cidade para escondê-la. Quando abriram o parque, usaram o rendimento para sustento próprio.

Sua voz era tão comedida, tão firme, que eu não conseguia deduzir como Jev se sentia sobre o que acabara de me contar. De minha parte, eu não sabia o que dizer. Era como ouvir uma história sinistra na hora de dormir, quando os olhos já começavam a pesar. Todo esse momento tinha um clima de sonho, uma atmosfera que parecia ganhar e perder foco, mas permanecia muito real.

Eu sabia que Jev estava dizendo a verdade, não porque sua história de anjos caídos e nefilins batia com a versão de Scott, mas porque cada palavra dessa história me afetava profundamente, desprendendo fragmentos de memória que eu acreditava ter perdido para sempre.

— Quase a trouxe aqui uma vez — Jev contou. — O nefilim dono do alojamento que você invadiu esta noite interferiu.

Eu não precisava ser honesta com Jev, mas decidi correr o risco.

— Sei que Hank Millar é o nefilim de quem você está falando. Ele é o motivo pelo qual fui ao alojamento esta noite. Queria saber o que ele esconde lá dentro. Scott me disse que, se conseguíssemos descobrir os podres dele, poderíamos deduzir o que ele estava planejando e encontrar um jeito de pegá-lo.

Vi nos olhos de Jev algo que interpretei como piedade.

— Hank não é um nefilim qualquer, Nora.

— Eu sei. Scott me contou que ele está formando um exército. Quer derrotar os anjos caídos e impedi-los de continuar possuindo o corpo dos nefilins. Sei que ele é poderoso e bem-relacionado. O que não entendo é como você se envolveu nisso. Por que *você* estava naquele galpão hoje à noite?

Jev ficou em silêncio por um momento.

— Hank e eu temos um acordo de negócios. Não é incomum eu ir visitá-lo.

Ele estava sendo deliberadamente vago. Mesmo depois da minha demonstração de honestidade, eu não sabia se ele evitava se abrir comigo ou se estava tentando me proteger. Jev deixou escapar um longo suspiro.

— Precisamos conversar.

Ele me segurou pelo cotovelo e me conduziu para a escuridão completa de debaixo do galpão. Continuamos descendo, percorrendo corredores sinuosos. Finalmente, Jev abriu uma porta e pegou alguma coisa do chão.

Ele riscou um fósforo e o encostou no pavio de uma vela.

— Bem-vinda à minha casa.

Comparada à total escuridão, a luz da vela era surpreendentemente brilhante. Estávamos na entrada de uma espécie de saguão de granito preto, que levava a uma sala enorme, também esculpida em granito preto. Tapetes de seda em sombras cromáticas de azul-marinho, cinza e preto decoravam o chão. A mobília era pouca, mas os móveis que ele escolhera eram elegantes e contemporâneos, de linhas definidas e com um toque artístico.

— Uau — exclamei.

— Não trago muita gente aqui. Este lugar não é algo que eu queira compartilhar com todo mundo. Gosto de privacidade e isolamento.

Ali ele tinha os dois, definitivamente, pensei, olhando em volta e analisando o estúdio em forma de caverna. À luz da vela, as paredes e o piso de granito brilhavam como se fossem incrustados de diamantes. Enquanto eu continuava minha exploração lenta, Jev ia se deslocando pelo espaço e acendendo mais velas.

— A cozinha fica à esquerda — ele disse. — O quarto é nos fundos.

Olhei para ele por cima do ombro.

— Ei, Jev, está flertando comigo?

Ele me observou com aqueles olhos escuros.

— Estou começando a pensar se sua intenção é me distrair de nossa conversa. — Deslizei o dedo pela única relíquia da sala, um

espelho de corpo inteiro e moldura de prata que parecia ter sido retirado de um castelo medieval na França. Minha mãe ficaria impressionada.

Jev se jogou no sofá de couro preto inspirado no *art déco* francês, abrindo os braços sobre o encosto.

— Não sou a distração desta sala.

— Ah, não? E qual seria?

Senti que os olhos dele me devoravam enquanto eu caminhava pela sala. Ele me estudava da cabeça aos pés sem piscar, e eu sentia uma onda de calor quase dolorosa. Um beijo teria sido menos íntimo.

Sufocando a reação provocada por aquele olhar, parei para examinar um fascinante óleo sobre tela. As cores eram intensas e os detalhes, violentos.

— *A Queda de Faetonte* — ele me informou. — O deus grego do sol, Hélio, teve um filho com uma mortal. Seu nome era Faetonte. Cada vez que Hélio percorria o céu em sua carruagem, Faetonte o convencia a deixá-lo dirigir, embora não fosse forte o bastante nem tivesse a habilidade necessária para comandar os cavalos. Como era esperado, os cavalos se rebelaram e caíram na Terra, queimando tudo que havia pelo caminho. — Ele parou de falar, esperando que eu olhasse em sua direção. — Certamente sabe o efeito que você tem sobre mim.

— Agora está brincando comigo.

— Eu gosto de provocar você, é verdade. Mas existem coisas com as quais eu nunca brinco. — Seus olhos se tornaram sérios de repente.

Presa pelo olhar de Jev, aceitei o que era exposto com tanta clareza diante de mim. Ele era um anjo caído. O poder que emanava dele era diferente do que eu havia sentido com Scott. Mais intenso, mais contundente. O ar parecia estalar com sua energia. Cada molécula do meu corpo sentia sua presença de um jeito agudo, consciente de seus movimentos.

— Sei que você é um anjo caído — eu disse. — Sei que vocês forçam os nefilins a jurarem lealdade. E que possuem o corpo deles.

Nessa guerra que está acontecendo, você e Scott estão em lados opostos. Compreendo por que não gosta dele.

— Está se lembrando.

— Nem perto de quanto eu gostaria. Se você é um anjo caído, por que tem assuntos em comum com Hank, um nefilim? Não deviam ser inimigos mortais? — Eu soava mais crítica do que pretendia; não sabia ao certo como me sentia com relação à ideia de Jev ser um anjo caído. Um cara mau. Para evitar que essa revelação me fizesse perder o controle, lembrei-me de que já havia deduzido isso antes, no passado. E se havia lidado com esse fato anteriormente, podia lidar com ele agora.

Mais uma vez, vi piedade passando pelo rosto dele.

— Sobre Hank. — Jev passou as mãos pelo rosto.

— O que tem ele? — Eu o encarei, tentando decifrar o que podia ser tão difícil de revelar. Sua expressão transmitia uma piedade tão profunda que me preparei automaticamente para o pior.

Jev se levantou, caminhou até a parede e apoiou um braço nela. As mangas estavam erguidas até os cotovelos. Ele abaixou a cabeça.

— Quero saber tudo — avisei. — Começando por você. Quero me lembrar de nós. Como nos conhecemos? O que fomos um para o outro? Depois disso, quero que me conte tudo sobre Hank. Mesmo que tenha receio de que eu não goste de ouvir o que vai dizer. Ajude-me a me lembrar. Não posso continuar assim. Não posso seguir em frente sem saber o que deixei para trás. Não tenho medo de Hank — acrescentei.

— Tenho medo do que ele é capaz de fazer. Hank não tem limites. Ele vai até onde pode ir. Pior, ele não é confiável. Em nenhuma circunstância. — Jev hesitou. — Vou ser bem claro. Vou contar tudo, mas só porque Hank me traiu. Você não devia mais estar metida nisso. Fiz tudo que pude para tirá-la dessa história. Hank me prometeu que ficaria longe de você. Imagine minha surpresa, então, quando você me contou que ele está namorando sua mãe! Se ele voltou a fazer parte da sua vida, é porque está tramando alguma coisa. E isso significa que você não está segura,

que voltamos à estaca zero, e abrir o jogo não aumenta o risco que você já está correndo.

Minha pulsação martelava as veias, e a apreensão cresceu ainda mais. Hank. Como eu suspeitava, tudo levava de volta a ele.

— Ajude-me a me lembrar, Jev.

— É isso que você quer? — Ele estudou meu rosto como se precisasse ter certeza absoluta da resposta.

— Sim — respondi, soando mais corajosa do que me sentia.

Jev sentou-se na beirada do sofá. Ele desabotoou a camisa com cuidado. Fiquei surpresa e intrigada com o gesto, mas o instinto me pedia para ser paciente. Apoiando os cotovelos sobre os joelhos, ele deixou a cabeça cair entre os ombros nus. Todos os músculos de seu corpo estavam tensos. Por um momento, ele parecia o Faetonte do quadro, com todos os tendões definidos e desenhados sob a pele. Dei um passo na direção dele. E outro. A luz trêmula da vela dançava sobre seu corpo.

Respirei fundo. Duas faixas irregulares marcavam suas costas. Eram ferimentos recentes, ainda vermelhos, e meu estômago protestou. Eu não conseguia nem imaginar a dor que ele sentia. Não conseguia imaginar o que podia ter acontecido para deixar feridas tão grandes e profundas.

— Toque-as — Jev me disse, olhando para mim com um brilho de tensão nos olhos negros e profundos. — Concentre-se no que quer saber.

— Eu... não entendo.

— Na noite em que escapou da loja de conveniência, você rasgou minha camisa e tocou as cicatrizes das minhas asas. E viu uma de suas lembranças.

Eu pisquei. Aquilo não havia sido uma alucinação? Hank, Jev, a garota na jaula... Tudo isso existia na memória de Jev?

Se eu ainda tinha dúvidas, elas haviam acabado de desaparecer. Cicatrizes de asas. Claro. Porque ele era um anjo caído. E, mesmo sem saber como isso acontecia, quando toquei as cicatrizes, realmente vi coisas que ninguém mais podia saber. Exceto Jev.

Finalmente tinha o que queria, uma janela para o passado, e o medo ameaçava me dominar.

— Preciso avisar que, se penetrar em uma lembrança da qual você faça parte, as coisas vão ficar complicadas — ele falou. — Talvez veja uma outra você. Você e minha lembrança da sua imagem podem estar lá ao mesmo tempo, e então seria forçada a assistir aos acontecimentos como uma espectadora invisível. O outro cenário possível é você transferir o que vê para sua própria versão da lembrança. O que significa que pode experimentar minha lembrança do seu ponto de vista. Se isso acontecer, não vai se ver duplicada. Você será a única versão de si mesma na lembrança. Já ouvi falar que as duas coisas acontecem, mas a primeira possibilidade é a mais comum.

Minhas mãos tremeram.

— Estou com medo.

— Vou lhe dar cinco minutos. Se você não voltar, removo sua mão das minhas cicatrizes. Isso vai romper a conexão.

Mordi o lábio. *É sua chance*, disse a mim mesma. *Não fuja, não depois de ter chegado até aqui. A verdade é assustadora, mas a ignorância é paralisante. E você sabe dissomelhor do que ninguém.*

— Preciso de meia hora — disse a Jev com firmeza.

Então esvaziei a mente, tentando acalmar meus pensamentos frenéticos. Eu não precisava entender tudo de uma vez. Só precisava ganhar confiança. Seria um salto no escuro. Estendi a mão. Fechei os olhos para tomar coragem. Senti uma profunda gratidão quando Jev segurou minha mão e a guiou pelo restante do caminho.

CAPÍTULO
20

A PRIMEIRA coisa que pensei foi que havia sido paralisada. Não. Eu me sentia *trancafiada*. Presa no menor caixão do mundo. Enroscada em uma rede. Indefesa e comandada por outro corpo. Um corpo parecido com o meu — as mesmas mãos, o mesmo cabelo, idêntico até nos mínimos detalhes —, mas sobre o qual eu não tinha controle. Um estranho corpo fantasma que agia contra minha vontade e me obrigava a seguir suas ações.

A segunda coisa que pensei foi em *Patch*.

Patch me beijava. E me beijava de um jeito que me apavorava ainda mais do que aquele corpo fantasma e seu total domínio sobre mim. Sua boca estava em todos os lugares. A chuva era morna e doce. Ao longe, ouvi um trovão se formando lentamente. E o corpo dele estava muito perto do meu, ocupando espaço, emanando calor.

Patch.

Atônita e trêmula, agarrei-me à lembrança. E implorei para poder sair dali.

***

Ofeguei como se saísse de um difícil e prolongado período debaixo d'água e abri os olhos.

— O que é isso? — Jev perguntou, segurando-me pelos ombros como se quisesse me proteger, enquanto eu caía sem forças contra seu peito.

Estávamos de volta ao estúdio de granito, e a mesma luz tremulava nas paredes. A familiaridade do ambiente me inundou de alívio. Eu estava apavorada com a possibilidade de ficar presa lá. A

sensação de estar aprisionada em um corpo que eu não podia controlar era aterrorizante.

— Sua lembrança era comigo — contei sufocada. — Mas não havia outra de mim. Eu estava presa em meu corpo, mas não conseguia controlá-lo, não conseguia movê-lo. Foi... horrível.

— O que você viu? — ele perguntou, e seu corpo estava tão tenso que parecia ser feito de pedra. Uma batida mais forte, e ele poderia se quebrar.

— Estávamos lá em cima. No galpão. Quando eu disse seu nome, não falei Jev. Chamei você de Patch. E você estava me beijando. — Eu estava tão chocada que nem me preocupei com o fato de meu rosto ficar vermelho.

Jev afastou meus cabelos, afagando meu rosto.

— Não há nada de errado — ele murmurou. — Naquele tempo você me conhecia como Patch. Era esse nome que eu usava quando nos conhecemos. Tive que abandoná-lo quando a perdi. Desde então, sou Jev.

Eu me sentia idiota por chorar, mas não conseguia me controlar. Jev era Patch. Meu ex-namorado. De repente tudo fazia sentido. Agora era possível entender por que ninguém reconhecia seu nome — ele o havia mudado depois do meu desaparecimento.

— Eu beijei você — falei, ainda chorando. — Na lembrança.

A tensão em seu rosto diminuiu:

— Foi tão ruim assim?

Não sabia se podia contar a ele o que aquele beijo fizera comigo. Havia sido tão bom que, sem a ajuda de nenhum outro estímulo, me assustara a ponto de me expulsar da lembrança.

Para não ter de responder, falei:

— Você me disse antes que tentou me trazer aqui uma vez no passado, mas Hank nos impediu. Acho que foi essa lembrança que eu vi. Só que eu não encontrei Hank. Não fui tão adiante. Rompi a conexão. Não suportei ficar no meu corpo sem poder controlá-lo. Não estava preparada para uma sensação tão real.

— A garota no controle de seu corpo era você — ele me lembrou. — Você no passado. Antes de perder a memória.

Levantei-me em um salto e comecei a andar pelo cômodo.

— Preciso voltar.

— Nora...

— Tenho que enfrentar Hank. Não vou conseguir enfrentá-lo aqui sem ter feito isso lá, no passado — falei, estendendo a mão para as cicatrizes de Jev. *E vai ter que enfrentar a si mesma,* acrescentei em pensamento. *Precisa enfrentar aquela parte de você que conhece a verdade.*

Jev me olhou precavido.

— Quer que eu a traga de volta?

— Não. Dessa vez eu vou até o fim.

***

No momento em que mergulhei na memória de Jev, senti que algo mudara em relação à primeira visita e, quando dei por mim, estava revendo a cena pelos olhos da garota que eu era antes de perder todas as lembranças. O corpo dela ocupou o meu, e seus pensamentos se sobrepuseram aos meus. Respirei tentando vencer o pânico, abrindo-me para ela... para *mim*.

Do lado de fora, a chuva caía sobre o galpão provocando um barulho metálico. Patch e eu estávamos molhados, e ele sugou uma gota de chuva do meu lábio. Enganchei os dedos nos passadores da calça jeans que ele vestia, puxando-o para mais perto. Nossas bocas se encontraram, gerando um calor que nos distraía do frio que pairava no ar.

Ele beijou meu pescoço num gesto de carinho.

— Eu amo você. Não me lembro de ter me sentido assim tão feliz.

Eu me preparava para responder quando uma voz masculina e inexplicavelmente familiar ecoou na parte mais escura do galpão.

— Que cena comovente! Agarrem o anjo.

Um punhado de homens muito altos, nefilins, sem dúvida, surgiu das sombras e cercou Patch, imobilizando-o com os braços às costas.

Mal tive tempo de entender o que estava acontecendo quando a voz de Patch invadiu minha cabeça tão nítida quanto se ele cochichasse no meu ouvido. *Quando eu começar a lutar, corra. Vou distraí-los. Você sai correndo. Pegue o jeep. Você se lembra de como se faz uma ligação direta? Não vá para casa. Fique no jeep até que eu a encontre...*

O homem que permanecia no fundo do galpão, comandando os outros, deu alguns passos à frente e penetrou no sinistro carnaval de luzes que invadia o espaço através das inúmeras frestas nas paredes. Ele tinha uma aparência estranhamente jovem para sua idade, com olhos muito azuis e um sorriso cruel, gelado.

— Sr. Millar — sussurrei.

Como ele podia estar ali? Depois de tudo que eu havia vivido esta noite, depois de ter escapado de um atentado que quase me matara, depois de saber a verdade sórdida sobre minhas origens e passar por cima de tudo para estar com Patch, agora *isso*? Não parecia real.

— Deixe que eu me apresente direito — ele anunciou. — Sou o Mão Negra. Conheci bem Harrison, seu pai. Fico feliz por ele não estar aqui para vê-la se rebaixar ao lado de alguém que pertence à prole do demônio. — Ele balançou a cabeça para mim. — Você não é a garota que eu pensei que se tornaria, Nora. Juntando-se ao inimigo, zombando de sua herança... Mas posso perdoá-la por isso. — Ele parou para dar ênfase à declaração. — Diga-me, Nora, foi você quem matou meu querido amigo Chauncey Langeais?

Senti o sangue esfriar. Estava dividida entre o impulso de mentir e a certeza de que isso não iria me ajudar em nada. Ele sabia que eu havia matado Chauncey. Seu sorriso frio era uma indicação clara de que me julgava e condenava.

Agora! Patch gritou dentro de minha cabeça. *Corra!*

Corri para a porta do galpão, mas só consegui dar alguns passos antes de um nefilim me segurar pelo braço. Com a mesma rapidez, ele puxou meu outro braço para trás. Tentei me libertar, e cada movimento era um impulso desesperado na direção da porta do galpão.

Os passos de Hank Millar atravessaram o galpão atrás de mim.

— Eu devo isso a Chauncey.

O frio deixado pela chuva havia desaparecido; minha camiseta estava encharcada de suor.

— Compartilhávamos um ideal. E pretendíamos cumpri-lo até o fim — Hank continuou. — Quem poderia imaginar que você seria a responsável por quase destruí-lo?

Uma sequência de respostas ríspidas cruzou meus pensamentos, mas eu não me atrevia a provocar Hank. Meu único aliado era o tempo, e eu precisava mantê-lo do meu lado. O nefilim me virou no mesmo instante em que Hank tirou uma adaga fina da cintura da calça.

Toque minhas costas.

A voz de Patch atravessou o pânico que me dominava. Desesperada, olhei para ele de lado, rapidamente.

Entre na minha memória. Toque o lugar onde minhas asas se prendem às costas. Ele assentia, incentivando-me a agir.

É mais fácil falar do que fazer, respondi em pensamento, mesmo sabendo que ele não podia me ouvir. Uma distância de cinco ou seis passos nos separavam, e ambos estávamos imobilizados por um nefilim.

— Solte-me — ordenei ao que me segurava. — Nós dois sabemos que não vou a lugar algum. Não posso fugir de vocês.

O nefilim lançou um olhar para Hank, que moveu a cabeça indicando que meu pedido podia ser atendido. Em seguida, ele suspirou quase entediado.

— Lamento ter que fazer isso, Nora. Mas a justiça tem que ser feita. Chauncey teria feito o mesmo por mim.

Esfreguei a área interna dos meus braços, sentindo a pele queimar onde os dedos do nefilim a haviam pressionado.

— Justiça? E quanto à família? Sou sua filha de sangue. — *E mais nada*.

— Você é uma mancha na minha linhagem — ele retrucou. — Uma traidora. Uma humilhação.

Olhei para ele com todo rancor que existia dentro de mim, embora meu estômago estivesse oprimido pelo medo.

— Está aqui para vingar Chauncey ou só quer tentar manter as aparências? Não suporta a ideia de ter uma filha que namora um anjo caído e o envergonha diante de seu pequeno exército nefilim? Estou chegando perto da verdade? — E eu que não queria provocá-lo.

Hank franziu o cenho.

Acha que consegue entrar na minha memória antes de ele quebrar seu pescoço? Patch cochichou na minha cabeça.

Não olhei para Patch, temendo perder a coragem, se o encarasse. Nós dois sabíamos que me refugiar em sua memória não me tiraria dali. Eu só transportaria minha mente para o passado dele. E acho que era isso que Patch queria: que eu estivesse em outro lugar quando Hank me matasse. Patch sabia que esse era o fim, e estava me poupando da dor de estar consciente quando fosse executada. A imagem ridícula de um avestruz com a cabeça enfiada na areia apareceu nítida em minha cabeça.

Se eu ia morrer nos próximos instantes, não seria sem antes dizer as palavras com as quais esperava atormentar Hank pelo resto da eternidade.

— Acho ótimo que tenha escolhido manter Marcie como sua filha, não eu — falei. — Ela é bonitinha, popular, namora os garotos *certos*, e é burra demais para questionar qualquer coisa que você faça. Mas sei que os mortos podem voltar. Tenho certeza disso. Vi meu pai esta noite... meu verdadeiro pai.

A ruga se aprofundou na testa de Hank.

— Se ele pode me visitar, nada vai me impedir de visitar Marcie... ou sua esposa. E não vou parar por aí. Sei que está namorando

minha mãe de novo. Vou contar a ela a verdade sobre você, mesmo estando morta. Quantos encontros acha que ainda vai conseguir ter antes de eu contar a ela que você me matou?

Isso foi tudo que eu tive tempo de dizer antes de Patch enfiar o joelho no estômago do nefilim que segurava seu braço direito. O nefilim se curvou, e Patch acertou com um soco o outro, o que segurava seu braço esquerdo. Ouvi um barulho horrível, e depois um uivo de dor.

Corri para Patch e me atirei nos braços dele.

— Depressa — ele falou, levando minha mão às suas costas.

Toquei as costas de Patch às cegas, esperando encontrar o lugar onde as asas se fundiam ao corpo. Suas asas eram feitas de substância espiritual, e eu não conseguia vê-las ou senti-las, mas fazia sentido que se estendessem por uma boa parte das costas e fossem fáceis de encontrar.

Alguém — Hank ou um dos nefilins que o seguiam — me agarrou pelos ombros, mas eu só escorreguei um pouco; os braços de Patch me envolveram, apertando-me contra seu corpo. Sem perder tempo, toquei pela segunda vez a pele lisa e firme das costas de Patch. *Onde estavam as asas?*

Ele beijou minha testa rapidamente e murmurou alguma coisa que não consegui compreender. Não houve tempo para mais nada. Uma luz branca e ofuscante explodiu no fundo da minha mente. No instante seguinte, eu estava suspensa em um universo escuro salpicado por pontos de luz colorida. Sabia que tinha de me mover na direção de qualquer um desses milhões de pontos — cada um deles era uma memória guardada —, mas eles pareciam estar a quilômetros de mim.

Ouvi Hank gritar, e soube que isso significava que eu ainda não havia feito a travessia completa. Minha mão estava próxima da base das asas de Patch, mas não perto o bastante. Não conseguia bloquear as imagens que, como flashes, mostravam todas as maneiras horríveis e dolorosas pelas quais Hank podia pôr fim à minha vida, e lutei para abrir caminho através da escuridão,

determinada a ver Patch em suas memórias uma última vez antes de tudo acabar.

Lágrimas embaçavam meus olhos. *O fim*. Não queria que esse momento chegasse, não queria que tudo acabasse assim, sem aviso. Ainda tinha muitas coisas para dizer a Patch. Ele sabia quanto era importante para mim? O que tínhamos construído — nossa ligação mal havia começado. Não era possível que tudo fosse desmoronar agora.

Evoquei uma imagem do rosto de Patch. Escolhi a expressão que vi na primeira vez em que nos encontramos. Seu cabelo estava comprido, caindo por cima das orelhas, e os olhos pareciam atentos, como se nunca perdessem nada, captando os segredos e desejos da minha alma. Lembrei-me de como ele me olhou quando entrei correndo no Fliperama do Bo, atrapalhando seu jogo de sinuca, exigindo que ele me ajudasse a terminar nosso trabalho de biologia. Lembrei-me de seu sorriso predador me desafiando a entrar no jogo, aproximando-se para me beijar pela primeira vez na cozinha de minha casa...

Patch também gritava. Não na minha frente, em suas lembranças, mas bem abaixo de mim, no galpão. Duas palavras soaram mais altas que as outras, chegando distorcidas aos meus ouvidos, como se houvessem percorrido grande distância.

Acordo. Compromisso.

Franzi o cenho e tentei ouvir mais. O que Patch estava dizendo? De repente tive medo de não gostar, fosse o que fosse.

Não! Gritei, tentando detê-lo. Quis recuar, voltar ao galpão, mas estava em um vácuo, flutuando à deriva. *Patch! O que está dizendo a ele?*

Senti uma atração estranha, como se alguma coisa me prendesse pelas costas. O som de vozes gritando ia ficando cada vez mais distante enquanto eu mergulhava na direção de uma luz ofuscante, percorrendo um corredor na memória de Patch.

De novo.

***

Cheguei à segunda lembrança em um instante.

Estava novamente no galpão gelado e úmido, com Hank, seus soldados nefilins e Jev, e só consegui deduzir que essa segunda lembrança começava exatamente onde a última havia terminado. Senti aquela pressão que já conseguia reconhecer, mas agora não estava presa a uma versão de mim mesma no passado. Meus pensamentos e minhas atitudes pertenciam a mim no presente. Eu agora estava duplicada, era uma espectadora invisível assistindo à versão desse momento como Jev se lembrava dele.

Jev amparava meu corpo, e ele estava inerte, exceto pela mão, apoiada nas costas dele. Meus olhos haviam se revirado nas órbitas e eu me perguntei, um pouco confusa, se guardaria as duas lembranças quando voltasse inteiramente à realidade.

— Ah, sim. Ouvi falar sobre esse truque — disse Hank. — É verdade, imagino. Ela está na sua memória enquanto conversamos, e tudo porque tocou suas asas?

Olhei para Hank e senti uma onda de impotência. Eu acabara de dizer que ele era meu pai? Sim. Senti uma compulsão de esmurrar seu peito até obrigá-lo a negar, mas a verdade queimava como febre dentro de mim. Eu poderia odiá-lo quanto quisesse, mas esse ódio não mudaria o fato de ter em minhas veias seu sangue amaldiçoado. Harrison Grey podia ter me dado todo amor de um pai, mas Hank Millar me dera a vida.

— Proponho um acordo — disse Jev com voz áspera. — Algo que você quer, em troca da vida dela.

Os lábios de Hank tremeram.

— O que você pode ter que eu queira?

— Está construindo um exército nefilim com a esperança de derrotar os anjos caídos antes do Cheshvan. Não se surpreenda, não sou o único anjo que conhece seus planos. Muitos anjos caídos estão formando alianças, e eles vão fazer seus vassalos nefilins se arrependerem por terem pensado que um dia poderiam se libertar.

Não vai ser um Cheshvan muito divertido para nenhum nefilim que tenha a marca de fidelidade ao Mão Negra. E essa é só a ponta do iceberg com relação ao que eles podem fazer. Nunca vai conseguir escapar sem um aliado do lado deles.

Hank fez um gesto dispensando seus homens.

— Deixem-me sozinho com o anjo. Levem a garota lá para fora.

— Está brincando se acha que vou permitir que ela saia de perto de mim — Jev protestou.

Hank cedeu com uma risada contida.

— Tudo bem. Fique com ela enquanto pode.

Assim que os nefilins saíram, Hank prosseguiu:

— Continue falando.

— Deixe Nora viver, e eu serei seu espião.

As sobrancelhas louras de Hank se ergueram.

— Ora, ora. Seus sentimentos por ela são mais fortes do que eu pensava. — Os olhos dele estudaram meu corpo inconsciente. — Atrevo-me a dizer que ela não merece. Infelizmente, não me importo com o que você e seus amigos anjos da guarda pensam sobre meus planos. Estou mais interessado em anjos caídos, no que eles pensam, em como podem tentar reagir. Você não é mais um deles. Então, como pode saber o que estão planejando ou pensando?

— Deixe que eu me preocupo com isso.

Hank considerou a proposta de Jev enquanto o observava com atenção.

— Tudo bem — disse finalmente. — Estou intrigado. — Ele deu de ombros como se não se importasse. — Não sou eu quem tem algo a perder aqui. Entendi errado, ou quer que eu faça um juramento?

— Não consigo pensar em nenhuma outra solução — respondeu Jev com frieza.

Hank pegou novamente a adaga que levava presa à calça e fez um corte na palma da mão esquerda.

— Juro manter a garota viva. Se quebrar o juramento, reconheço que poderei morrer e voltar ao pó do qual fui criado.

Jev aceitou a adaga e cortou a própria mão. Fechando-a, ele sacudiu algumas gotas de uma substância parecida com sangue.

— Juro contar a você tudo que conseguir descobrir sobre os planos dos anjos caídos. Se quebrar o juramento, eu mesmo me aprisionarei nas correntes do inferno.

Ambos trocaram um aperto de mão, misturando o sangue. Quando se afastaram, os cortes estavam perfeitamente cicatrizados.

— Mantenha contato — falou Hank com ironia, limpando as mãos na camisa, como se a visita ao galpão o houvesse contaminado de alguma maneira. Ele levou o celular à orelha e, quando percebeu que Jev o observava, explicou: — Só quero ter certeza de que meu carro está pronto para partir.

Ao telefone, porém, adotou um tom baixo e severo.

— Mande meus homens entrarem. Quero todos eles aqui. A garota será levada.

Jev ficou paralisado pela surpresa. Quando os passos soaram mais próximos da porta do galpão, ele finalmente reagiu.

— O que é isso?

— Jurei que a manteria viva — Hank respondeu. — Mas o *momento* em que ela será libertada é algo que cabe a mim decidir... e depende de você. A garota voltará aos seus braços depois que me der informações suficientes para garantir que vou conseguir destituir os anjos caídos até o Cheshvan. Nora será uma espécie de garantia.

Os olhos de Jev se voltaram para a porta, mas Hank o desmotivou calmamente.

— Nem pense nisso. Você está sozinho, e eu tenho vinte homens cercando o galpão. Nós dois odiaríamos ver Nora ferida desnecessariamente em um confronto. Seja sensato. Entregue-a.

Jev puxou a manga de Hank, aproximando-o dele.

— Se levá-la, vou tomar providências para que seu cadáver sirva de fertilizante para o solo em que pisamos agora — falou, sua voz ressentida e feroz como eu jamais ouvira.

Nada na expressão de Hank sugeria medo ou apreensão. Pelo contrário, ele se mostrava quase arrogante.

— Meu cadáver? Essa é a hora em que eu devo rir?

Hank abriu a porta do galpão, e seu pequeno exército nefilim invadiu o local.

***

Como num sonho, as lembranças de Jev terminaram quase antes de terem começado. Houve um momento de desorientação, e depois o estúdio de granito se tornou nítido outra vez. Vi a silhueta de Jev recortada contra a luz das velas. As chamas nos forneciam claridade suficiente para eu notar o brilho severo em seus olhos. Um anjo sombrio, de fato.

— Tudo bem — sussurrei, atormentada pela sensação de uma leve vertigem. — Tudo bem... certo.

Ele sorriu, mas sua expressão parecia insegura.

— Tudo bem? Só isso?

Olhei para ele. Não conseguia mais enxergá-lo como antes. Estava chorando sem sequer perceber.

— Você fez um acordo com Hank. Salvou minha vida. Por que faria isso por mim?

— Anjo — ele murmurou, segurando meu rosto entre as mãos. — Acho que não entende o que eu seria capaz de fazer para mantê-la aqui comigo.

Minha garganta se fechou com a emoção. Eu não conseguia encontrar as palavras. Hank Millar, um homem que se mantivera quieto e nas sombras durante anos, me dera a vida, como eu agora sabia, para depois tentar tirá-la, e eu só havia sobrevivido graças a Jev. Hank Millar. O homem que estivera em minha casa várias vezes, como se tivesse esse direito. O homem que havia sorrido e beijado minha mãe. Que havia falado comigo com afeto e familiaridade...

— Ele me sequestrou — falei, juntando todas as peças. Já havia desconfiado antes, mas as lembranças de Jev preenchiam as lacunas com uma clareza chocante. — Jurou não me matar, mas me fez refém para se certificar de que realmente seria seu espião. Três meses inteiros. Ele enganou todo mundo durante *três meses inteiros.* E tudo para se apoderar de informações sobre os anjos caídos. Fez minha mãe acreditar que eu estava morta.

Sim, é claro que sim. Hank Millar havia provado que não hesitava em sujar as próprias mãos. Ele era um nefilim poderoso capaz de executar um verdadeiro arsenal de truques para iludir e enganar. E, depois de me deixar no cemitério, ele havia usado esses truques para apagar minhas lembranças. Afinal, não podia simplesmente me libertar e esperar enquanto eu saía pelo mundo gritando suas atitudes diabólicas.

— Eu o odeio. Não tenho palavras para expressar o quanto estou furiosa. Quero que ele pague pelo que fez. Quero que morra — concluí com firme determinação.

— A marca no seu pulso — disse Jev. — Não é uma marca de nascença. Eu a vi duas vezes antes. Em meu antigo vassalo nefilim, um homem chamado Chauncey Langeais. Hank Millar também tem essa marca, Nora. Ela a liga à sua linhagem de sangue, como uma expressão externa de um marcador genético ou de uma sequência de DNA. Hank é seu pai biológico.

— Eu sei — respondi, balançando a cabeça com amargura.

Ele segurou minha mão e beijou meus dedos. Senti intensamente a pressão de sua boca e um repentino formigamento percorreu minha pele.

— Você se lembra?

— Ouvi minha voz na memória, mas acho que já devia saber. Não fiquei surpresa; fiquei *zangada.* Não me lembro de quando soube disso. — Pressionei com o polegar a marca na parte interna do meu pulso. — Mas eu sinto. Há uma desconexão entre minha mente e meu coração, mas eu sinto a verdade. Dizem que, quando a pessoa perde a visão, a audição se torna mais aguçada. Perdi

parte da memória, mas é possível que minha intuição se tenha fortalecido.

Consideramos essa possibilidade em silêncio. O que Jev não sabia era que minha verdadeira origem não era a única informação que minha intuição analisava.

— Não quero falar sobre Hank. Não agora. Quero falar sobre outra coisa que vi. Ou melhor, preciso contar algo que descobri.

Ele olhou para mim com um misto de curiosidade e apreensão.

Respirei fundo.

— Descobri que era completamente apaixonada por você, ou então fiz a melhor encenação de toda a minha vida.

Os olhos dele permaneciam velados, mas pensei ter visto neles um lampejo de esperança.

— Em qual das duas possibilidades está disposta a acreditar?

Só tem um jeito de descobrir.

— Primeiro, preciso saber o que aconteceu entre você e Marcie. E vou logo avisando que esta é uma situação em que ser completamente sincero comigo é o melhor que você pode fazer. — Eu o alertei — Marcie disse que você e ela tiveram um casinho de verão. Scott me contou que ela teve uma participação no fim do nosso namoro. Só falta sua versão.

Jev coçou o queixo.

— Tenho cara de quem tem casinhos de verão?

Tentei imaginar Jev jogando *frisbee* na praia ou passando filtro solar. Tentei visualizá-lo comprando sorvete para Marcie no calçadão e ouvindo pacientemente suas histórias intermináveis. E, quanto mais eu tentava imaginar tudo isso, maior era minha vontade de rir.

— Tem razão — falei. — Desembuche, então.

— Marcie foi uma missão. Eu ainda não era um trapaceiro desonesto; tinha minhas asas, o que fazia de mim um anjo da guarda. Eu recebia ordens dos arcanjos, e eles queriam que eu ficasse de olho nela. Marcie é filha de Hank, o que, por associação,

significa perigo. Eu a mantive segura, mas não foi uma experiência agradável. Fiz tudo que pude para esquecer esse período.

— Então, não aconteceu nada entre vocês?

Ele sorriu.

— Quase atirei nela uma ou duas vezes, mas a ação acabou por aí.

— Que desperdício de oportunidade!

Ele deu de ombros.

— Sempre há uma próxima vez. Ainda quer falar sobre Marcie?

Encarei seu olhar fixo e balancei a cabeça em negativa.

— Não quero mais conversar — confessei em voz baixa.

Levantei-me e o levei comigo, um pouco aturdida com a audácia do que pretendia fazer. Era comandada por emoções turbulentas, confusas, e só conseguia identificar duas delas: curiosidade e desejo.

Ele ficou completamente imóvel.

— Anjo — ele chamou com a voz rouca.

Jev passou os dedos por meu rosto, mas eu recuei lentamente.

— Não apresse as coisas. Se existe dentro de mim alguma lembrança de ter estado com você, não posso forçar nada disso. — O que falei era metade da verdade. A outra metade guardei para mim. Fantasiava com esse momento desde que vira Jev pela primeira vez. Havia criado centenas de variações desse encontro na minha mente, mas a imaginação nunca me permitiu chegar perto de sentir o que sentia agora. Era uma atração irresistível, algo que me puxava para mais perto, mais perto.

Acontecesse o que fosse, não queria esquecer nunca o que eu sentia por Jev. Queria imprimir o toque, o gosto, até o cheiro dele dentro de mim, gravar essas sensações para sempre de forma que ninguém — *ninguém* — pudesse tirá-las de mim.

Deslizei as mãos por seu peito, memorizando cada contorno de músculo. Inalei os mesmos aromas que havia sentido naquela primeira noite no Tahoe. Tracei os contornos de seu rosto com os dedos, explorando, curiosa, aqueles traços fortes, quase italianos.

E, durante todo o tempo, Jev não se movia. Apenas se deixava tocar de olhos fechados.

— Anjo — ele repetiu, com a voz tensa.

— Ainda não.

Passei os dedos pelos cabelos dele, sentindo a textura macia. Gravei cada pequeno detalhe na memória. O tom bronzeado da pele, a postura confiante, a curva sedutora dos cílios. Jev não era um conjunto de linhas limpas e simetria perfeita, e eu o achava mais interessante por isso.

Chega de postergar, disse a mim mesma finalmente. Inclinei-me e fechei os olhos.

Os lábios dele se abriram sob os meus, seu corpo estremeceu, e ele desistiu de manter o pouco controle que ainda tinha. Os braços me envolveram, apertando-me contra seu peito. Ele me beijou com mais força, e a profundidade de minha resposta me deixava nervosa.

Minhas pernas tremiam, pesavam. Apoiei-me ao peito de Jev, e ele recuou lentamente até se encostar à parede, descendo devagar até eu ficar sentada no colo dele. Uma luz brilhante se acendeu dentro de mim, e o calor gerado por ela envolveu cada espaço vazio. Um mundo escondido se abriu entre nós, um universo tão assustador quanto familiar. Eu sabia que era real. Já havia beijado desse jeito antes. Havia beijado *Patch* desse jeito anteriormente. Não conseguia me lembrar de tê-lo chamado de outro nome que não fosse Jev, mas, de alguma maneira, Patch era... perfeito. Era certo. O calor delicioso que brotava desse encontro crescia, ameaçando me devorar.

Eu me afastei primeiro e deslizei a língua por meu lábio inferior.

Patch emitiu um som baixo, como se me questionasse.

— Não estava bom?

Inclinei a cabeça em direção à dele.

— A prática leva à perfeição.

CAPÍTULO 21

MEUS olhos se abriram e o quarto tomou forma. As luzes estavam apagadas. O ar era frio. O tecido mais delicioso e fino do mundo acariciava minha pele. A lembrança da noite anterior voltou num turbilhão. Patch e eu havíamos nos beijado... Eu me lembrava vagamente de ter resmungado alguma coisa sobre estar cansada demais para dirigir...

Eu tinha dormido na casa de Patch.

Sentei-me sobressaltada.

— Minha mãe vai me matar! — exclamei, sem direcionar o grito a ninguém. Primeiro, porque era dia de semana e eu tinha aula na manhã seguinte. Segundo, porque havia desrespeitado o horário de ir para casa e nem havia telefonado para explicar por quê.

Patch estava sentado em uma cadeira no canto, com o queixo apoiado na mão fechada.

— Já cuidei de tudo. Liguei para Vee. Ela aceitou acobertar você. Vee disse à sua mãe que vocês estavam na casa dela, assistindo à versão de cinco horas de *Orgulho e Preconceito*, e que você perdeu a noção do tempo e dormiu. Em vez de acordá-la, a mãe de Vee achou melhor deixá-la dormir lá.

— Você telefonou para Vee? E ela aceitou seu pedido sem fazer perguntas? — Não conseguia imaginar Vee tomando essa atitude. Especialmente a nova Vee, que parecia ter desenvolvido um desejo de morte direcionado ao gênero masculino em geral.

— Talvez tenha sido um pouco mais difícil.

O tom enigmático despertou minha desconfiança.

— Você a convenceu com um *truque de mente*?

— Entre pedir permissão e implorar por perdão, escolhi a segunda alternativa.

— Ela é minha melhor amiga. Não pode fazer isso com ela!

Apesar de ainda estar brava com Vee por ter mentido sobre Patch, acreditava que ela tivera seus motivos. E, embora não aprovasse, e estivesse disposta a esclarecer essa história tão logo fosse possível, ela era muito importante para mim. Patch havia ultrapassado um limite.

— Você estava exausta. E parecia tão tranquila dormindo na minha cama...

— Porque sua cama tem algum tipo de encantamento — respondi, menos irritada do que pretendia. — Seria capaz de dormir aqui para sempre. Lençóis de cetim? — deduzi.

— Seda.

Lençóis de seda preta. Quanto deviam ter custado? Uma coisa era certa: havia neles uma qualidade hipnótica que eu achava muito interessante.

— Jure que *nunca* mais vai usar truques com Vee.

— Combinado — ele respondeu tranquilamente. Já havia conseguido o que queria. Pedir perdão soava bem adequado.

— Imagino que você não tenha uma explicação para minha mãe e Vee terem negado energicamente que sabiam da sua existência. Na verdade, as únicas duas pessoas que confessaram se lembrar de você foram Marcie e Scott.

— Vee namorou Rixon. Depois que Hank sequestrou você, eu apaguei Rixon da memória dela. Ele a usou, e a fez sofrer muito. Na verdade, Rixon causou muito sofrimento a todo mundo. No final, foi mais fácil fazer com que todos o esquecessem. A alternativa era deixar seus amigos e sua família esperando por uma prisão que jamais aconteceria. Quando fui varrer a memória de Vee, ela resistiu. Até hoje, ela é muito revoltada. Não sabe a razão, mas o sentimento ficou enraizado dentro dela. Apagar a memória de alguém não é tão fácil quanto pode parecer. É como tentar tirar todas as gotas de chocolate de um cookie. Nunca vai ficar perfeito. Alguns pedaços ficam colados à massa. Crenças inexplicáveis que parecem familiares e convincentes. Vee não consegue se lembrar do que eu fiz com ela, mas ela sabe que não confia em mim. Não

consegue se lembrar de Rixon, mas sabe que existe um rapaz por aí que a fez sofrer muito.

Isso explica a desconfiança de Vee com relação aos garotos e minha aversão instantânea por Hank. Nossa memória havia sido esvaziada, mas algumas migalhas tinham ficado para trás.

— Dê uma folga a ela — Patch sugeriu. — Vee a protegeu. Honestidade é uma coisa boa, mas lealdade também é.

— Em outras palavras, devo esquecer que ela mentiu para mim.

Ele deu de ombros.

— A decisão é sua.

Vee olhara nos meus olhos e mentira sem pudor algum. Não era uma bobagem. Mas a questão era que eu sabia como ela se sentia. Alguém havia mexido em sua memória, e esse sentimento não era bom. “Vulnerável” era pouco para descrever como ela se sentia. Vee mentira para me proteger. Eu era diferente? Não havia contado nada sobre anjos caídos ou nefilins, e havia usado a mesma desculpa para não dizer a verdade a ela. Ou julgava Vee usando um padrão duplo de comportamento ou seguia o conselho de Patch e deixava para lá.

— E minha mãe? Vai encontrar desculpas para ela, também? — perguntei.

— Ela acredita que eu tive alguma coisa a ver com seu sequestro. Antes eu que Hank — Patch respondeu, mas notei que seu tom agora era mais frio. — Se Hank desconfiasse de que ela sabia a verdade, certamente faria *alguma* coisa.

Ele estava amenizando a situação. Hank não hesitaria em ferir minha mãe para conseguir o que queria. Mais um motivo para não contar nada a ela... por enquanto.

Eu não queria sentir empatia por Hank, humanizá-lo de algum jeito, mas me descobri imaginando que tipo de homem ele era quando se apaixonara por minha mãe, na primeira vez em que ficaram juntos. Hank sempre havia sido mau? Ou, no começo, ele se importara conosco... e, com o tempo, construíra todo esse novo mundo em torno de sua missão nefilim, e essa missão se tornara mais importante que tudo?

Interrompi a especulação repentinamente. Hank era mau agora, e isso era o que importava. Ele me sequestrara, e eu faria de tudo para que pagasse por seu crime.

— Está dizendo que a prisão nunca vai acontecer porque agora Rixon está no inferno — concluí. *Literalmente no inferno, pelo que ouvi dizer.*

Ele concordou com a cabeça, mas uma sombra escureceu seus olhos. Deduzi que Patch não gostava de falar sobre inferno. Nenhum anjo caído devia gostar desse assunto.

— Na sua lembrança, vi você aceitar espionar anjos caídos para Hank — falei.

Patch assentiu.

— O que eles estão planejando e como. Tenho um encontro semanal com Hank para passar todas as informações.

— E se os anjos caídos descobrirem que você está vendendo segredos pelas costas deles?

— Espero que não descubram.

Eu não me sentia confortada por sua atitude casual.

— O que fariam com você, se descobrissem?

— Estive em situações piores e consegui escapar. — Os cantos de sua boca se ergueram. — Tanto tempo, e ainda não confia em mim.

— Pode falar sério por dois segundos?

Ele se inclinou e beijou minha mão, depois falou com sinceridade.

— Eles me mandariam para o inferno. Supostamente, deveriam deixar os arcanjos cuidarem desse tipo de assunto, mas nem sempre é assim que funciona.

— *Explique* — exigi com firmeza.

Ele se inclinou para trás, com uma arrogância preguiçosa.

— Os humanos são proibidos de matar uns aos outros; é a lei. Mas pessoas são assassinadas todos os dias. Meu mundo não é muito diferente. Para toda lei, há sempre alguém disposto a transgredir. Não vou fingir que sou inocente. Há três meses

acorrentei Rixon no inferno, mesmo sem ter autoridade alguma além da minha noção de justiça.

— Você acorrentou Rixon no inferno?

Patch me olhou com curiosidade.

— Ele tinha que pagar. Tentou matar você.

— Scott me contou sobre Rixon, mas ele não sabia que fora você quem o acorrentara no inferno, ou como isso havia sido feito. Vou dizer a ele que é você quem merece os créditos e a gratidão.

— Não estou interessado na gratidão do mestiço. Mas posso lhe contar como isso é feito. Quando os arcanjos banem um anjo caído do paraíso e arrancam suas asas, guardam uma pena. Essa pena é meticulosamente arquivada e conservada. Quando surge uma situação em que o anjo caído precisa ser acorrentado no inferno, os arcanjos queimam a pena que estava guardada. É um ato simbólico, com consequências inevitáveis. A expressão “arder no inferno” não é só uma figura de linguagem.

— E você tinha uma pena das asas de Rixon?

— Antes de me trair, ele era como um irmão para mim. Eu sabia que Rixon tinha uma pena e sabia onde a guardava. Sabia tudo sobre ele. E por isso não me contentei com uma punição impessoal. — Eu desconfiava que Patch pretendia permanecer impassível, mas sua mandíbula estava tensa. — Eu mesmo o arrastei ao inferno e queimei a pena diante dele.

O relato me causou um arrepio intenso. Mesmo que Vee me traísse, mesmo que fosse uma traição terrível, acho que nunca teria coragem de fazê-la sofrer como Patch havia feito com Rixon. De repente passei a entender por que ele tratara o assunto de maneira tão pessoal.

Afastando-me da imagem sinistra que Patch havia formado em minha mente, lembrei-me da pena que encontrei no cemitério.

— Essas penas estão flutuando em todos os lugares? Qualquer um pode encontrá-las?

Patch balançou a cabeça.

— Os arcanjos guardam uma pena como uma espécie de histórico. Alguns anjos caídos, como Rixon, chegam à Terra com

uma ou duas penas intactas. Quando isso acontece, os anjos caídos precisam se certificar de que suas penas não caiam em mãos erradas. — Um esboço de sorriso levantou os cantos de sua boca. — E você pensou que não fôssemos sentimentais...

— O que acontece com o restante das penas?

— Deterioram rapidamente na descida. Cair do céu não é uma viagem tranquila.

— E você? Tem alguma pena secreta guardada em local seguro?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Está tramando minha queda?

Sorrio, apesar da seriedade do assunto.

— Uma garota precisa manter abertas todas as possibilidades.

— Odeio desapontá-la, mas não há nenhuma pena. Cheguei à Terra completamente nu.

— Hum — respondo em tom casual, mas sinto meu rosto quente quando a frase projeta uma imagem em minha mente. Pensar em nudez não é uma boa ideia quando se está trancada com Patch em um quarto ultrassecreto e confortável.

— Gosto de ver você na minha cama — ele disse. — Raramente retiro a colcha. Raramente durmo. Acho que poderia me acostumar com essa visão.

— Está me oferecendo um lugar permanente?

— Já pus uma cópia da chave no seu bolso.

Bati com a mão aberta no bolso da calça. Como esperado, havia um objeto pequeno e sólido lá dentro.

— Quanta generosidade de sua parte!

— Nesse momento, não me sinto muito generoso — disse ele, olhando nos meus olhos e adotando uma voz profunda, grave. — Senti sua falta, Anjo. Não houve um dia sequer em que não senti saudades de você na minha vida. Sua lembrança me perseguiu e atormentou a ponto de eu chegar a acreditar que Hank havia quebrado o juramento e matado você. Eu via seu fantasma em tudo. Não conseguia fugir de você, nem queria. Era uma tortura, sim, mas era melhor que perdê-la.

— Por que não me contou tudo naquela noite do encontro com Gabe, na viela? Você estava tão furioso! — Balancei a cabeça, lembrando cada palavra cáustica que ele me dissera. — Achei que você me odiasse.

— Depois que Hank libertou você, passei a segui-la e vigiar seus passos para ter certeza de que estava bem, mas jurei que poria um fim em nosso relacionamento, para garantir sua segurança. Tomei essa decisão e pensei que poderia lidar com ela. Tentei me convencer de que não restava mais nada para nós. Mas quando vi você na viela, naquela noite, meus argumentos desmoronaram. Quis que você se lembrasse de mim da mesma maneira que eu não conseguia parar de pensar em você. Mas você não se lembrava. Eu sabia. — Patch baixou a cabeça, encaixando as mãos unidas entre os joelhos. — Eu lhe devo desculpas — ele falou em voz baixa. — Hank apagou sua memória para impedir que lembrasse o que ele fez com você, mas eu concordei com isso. Disse a ele para apagá-la o suficiente para que você também esquecesse nosso envolvimento.

Virei-me para Patch, indignada.

— Você concordou com o *quê*?

— Queria que você tivesse sua vida de volta. Antes dos anjos caídos, antes de nefilins, antes de mim. Achei que essa era a única maneira de superar o pior do que havia acontecido. Nenhum de nós pode negar que eu compliquei sua vida. Tentei torná-la melhor, mas as coisas nem sempre aconteceram como eu queria. Pensei muito em tudo e cheguei à difícil conclusão de que o melhor para sua recuperação e seu futuro era eu me afastar.

— Patch...

— Quanto a Hank, eu me recusei a ficar só olhando enquanto ele destruía você. Recusei-me a vê-lo arruinar todas as suas chances de felicidade obrigando-a a carregar aquelas lembranças. Você acertou: ele a raptou porque esperava poder usá-la para me controlar. Ele a levou no fim de junho, e só a trouxe de volta em setembro. Você passou todo esse tempo trancada e sozinha. Até os soldados mais duros podem desmoronar no confinamento solitário,

e Hank sabia que esse era meu maior medo. Ele exigiu que eu comprovasse minha boa vontade de espionar por ele, apesar de eu ter feito um juramento. E a usou para me dominar todos os minutos daqueles meses. — Os olhos de Patch brilhavam com uma luz gelada. — Ele vai pagar por isso, e vai pagar do meu jeito. — O tom gelado me causou arrepio.

Patch continuou:

— Naquela noite, no galpão, ele nos manteve cercados. A única coisa em que eu conseguia pensar era que tinha de impedi-lo de matar você ali, naquele momento. Se estivesse sozinho no galpão, teria resistido. Teria lutado. Não confiei na sua capacidade de se defender durante um confronto, e até hoje me arrependo dessa decisão. Não suportaria ter visto você machucada, e foi essa fraqueza que me cegou. Subestimei tudo que você já havia enfrentado e como se tornara mais forte por causa daquelas dificuldades. Hank sabia disso, e eu fiz exatamente o jogo que ele queria.

“Propus um acordo. Disse a ele que seria seu espião se ele a deixasse viver. Hank aceitou, depois chamou seus nefilins para levá-la. Lutei o máximo que pude, Anjo. Eles estavam muito machucados quando conseguiram levá-la. Encontrei Hank quatro dias depois e ofereci a ele que arrancasse minhas asas, em troca de sua liberdade. Era a última coisa que eu tinha para negociar, e ele aceitou minha proposta, mas avisou que só a libertaria no fim do verão. Durante os três meses seguintes, procurei você de forma incansável, mas Hank se programara para isso também. Ele não mediu esforços para manter sua localização em segredo. Capturei e torturei vários homens que ele comandava, mas nenhum deles conseguiu me informar onde você estava. Acredito que Hank não revelou seu paradeiro a mais de um ou dois homens, aqueles que teriam que cuidar de suas necessidades básicas.

“Uma semana antes de soltá-la, Hank enviou um mensageiro nefilim atrás de mim. Esse mensageiro me informou que Hank pretendia apagar sua memória ao libertá-la, e queria saber se eu tinha alguma objeção. É claro que desfiz o sorriso satisfeito e

arrogante do rosto do nefilim. E o arrastei ensanguentado e machucado até a casa de Hank.

“Na manhã seguinte, quando Hank saiu para ir trabalhar, nós o esperávamos do lado de fora. Eu disse que, se ele não queria ficar parecido com seu mensageiro, deveria apagar sua memória o suficiente para garantir que você nunca tivesse qualquer recordação. Não queria que você guardasse uma única lembrança de mim, e não queria que tivesse pesadelos sobre passar dias trancada e sozinha. Não queria que acordasse gritando no meio da noite sem saber por quê. Queria que tivesse de volta sua vida como era antes, tanto quanto fosse possível. Sabia que o único modo de garantir sua segurança era mantê-la alheia a tudo. Para concluir, disse a Hank que ele não devia mais vê-la. Nunca mais. Deixei claro que, se algum dia ele voltasse a atravessar seu caminho, eu o encontraria e mutilaria seu corpo até impedir qualquer possibilidade de reconhecimento. E depois encontraria um meio de matá-lo, custasse o que custasse. Achei que ele teria o bom senso de cumprir sua parte no acordo, e acreditei nisso até você me contar que ele estava namorando sua mãe. O instinto me diz que esse relacionamento não é só um lindo caso de amor. Ele está tramando alguma coisa e, seja o que for, está usando sua mãe, ou *você*, mais provavelmente, para conseguir o que quer.

Meu coração disparou.

— Aquela *cobra*!

Patch riu sem nenhum humor.

— Eu teria usado um adjetivo mais forte, mas esse também serve.

Como Hank teve coragem de fazer tudo isso comigo? Era evidente que ele decidiu não me amar, mas, mesmo assim, o homem ainda era meu pai. O sangue não significava nada para ele? Como teve a audácia de me olhar nos olhos e *sorrir* nos últimos dias? Esse homem me tirara de casa, me arrancara de perto de minha mãe. Ele me mantivera prisioneira durante semanas, e agora se atrevia a entrar em minha casa e agir como se gostasse da minha família?

Patch me encarou por um instante.

— Ele tem um propósito para tudo isso. Não sei qual é, mas não deve ser pouca coisa. Acredito que ele quer pôr seu plano em prática antes do Cheshvan. E isso significa em menos de três semanas.

— Sei o que está pensando — eu disse. — Quer ir atrás dele sozinho. Não, Patch. Não vai me privar da satisfação de destruir esse homem. Eu mereço essa compensação.

Patch passou o braço em torno do meu pescoço e me beijou na testa.

— Eu nem sonharia com isso.

— Então, o que fazemos agora?

— Ele está bem adiantado com o plano, mas pretendo alcançá-lo, empatar esse jogo. O inimigo do inimigo é um amigo, e tenho uma velha amiga que pode ser útil para nós. — Alguma coisa em como ele disse “amiga” sugeria que a pessoa em questão podia ser tudo, menos isso. — Seu nome é Dabria, e acho que é hora de ligar para ela.

Patch parecia ter decidido qual seria seu próximo passo, e eu também. Levantei-me da cama e peguei meus sapatos e o agasalho, que ele havia deixado sobre a cômoda.

— Não posso ficar aqui. Preciso ir para casa. Não posso permitir que Hank use minha mãe desse jeito. Tenho que contar a ela o que está acontecendo.

Patch suspirou apreensivo.

— Não pode dizer nada a ela. Sua mãe não vai acreditar em você. Ele está fazendo com ela a mesma coisa que fiz com Vee. Mesmo que sua mãe não queira confiar em Hank, ela é compelida a isso. Está sob a influência dele e, por enquanto, temos que deixar tudo como está. Só por mais um tempo, até eu descobrir o que ele está planejando.

Meu ressentimento cresceu, assumindo proporções assustadoras quando pensei em Hank controlando e manipulando minha mãe.

— Não pode ir lá e arrebentá-lo? — perguntei, furiosa. — Ele merece coisa bem pior, mas, pelo menos, isso resolveria nossos

problemas. E me daria alguma satisfação — acrescentei com amargura.

— Temos que destruí-lo de uma vez por todas. Não sabemos quem mais o está ajudando e até onde os planos de Hank se estendem. Ele está reunindo um exército nefilim para lutar contra anjos caídos, mas sabe muito bem que, quando o Cheshvan começar, nenhum exército será suficientemente forte para desafiar um juramento de fidelidade divino. Os anjos caídos vão chegar em bandos e possuir os homens dele. Ele deve estar planejando outra coisa. Mas onde você se encaixa nisso? — Patch especulava em voz alta. De repente os olhos dele se estreitaram. — Seja qual for o plano, tudo depende da informação que ele vai conseguir do arcanjo. E, para fazê-lo falar, ele precisa de um colar de arcanjo.

As palavras de Patch me atingiram como um soco. Eu havia me envolvido de tal forma com as revelações da noite que esquecera completamente a alucinação envolvendo a garota enjaulada. E agora sabia que não era uma alucinação, e sim uma lembrança real. Ela não era uma menina. Era um arcanjo.

Patch suspirou:

— Desculpe, Anjo. Estou me antecipando, atropelando a história. Vou explicar melhor.

Mas eu o interrompi:

— Eu sei sobre o colar. Vi a garota enjaulada em uma das lembranças dela. E tenho certeza absoluta de que ela tentou me convencer a impedir Hank de pôr as mãos nele. Porém, naquele momento, pensei que tudo fosse apenas uma alucinação.

Patch me observou em silêncio por um instante. Depois falou:

— Ela é um arcanjo, e tem poder suficiente para invadir seus pensamentos. É evidente que ela achou necessário prevenir você.

Eu assenti.

— Porque Hank acredita que estou com seu colar.

— Mas você não está.

— Por que não diz isso a ele?

— Então é isso. Hank acha que escondi meu colar com você?

— Creio que sim.

Patch franziu o cenho, adotando uma expressão pensativa.

— Se eu levar você para casa, acha que consegue convencer Hank de que não tem nada a esconder? Preciso que você o encare e o faça acreditar que nada mudou. Que essa noite nunca aconteceu. Se não se sentir pronta para isso, tudo bem. Eu vou entender. Mas, se decidir enfrentá-lo, precisa ter certeza de que vai conseguir encará-lo sem demonstrar que já sabe de tudo.

Respondi sem hesitar. Era capaz de guardar um segredo, por mais difícil que fosse, quando pessoas que eu amava dependiam disso.

CAPÍTULO 22

PISEI fundo no acelerador do Volkswagen, esperando não passar por nenhum policial entediado sem nada mais interessante para fazer do que pegar no meu pé. Estava indo para casa depois de me despedir de Patch com muita relutância. Não queria ir, mas pensar em minha mãe sozinha com Hank, sob a influência dele, era insuportável. Embora soubesse que minha lógica não era das mais sólidas, eu me convenci de que minha presença poderia protegê-la. Era isso ou ceder, deixar Hank fazer o que queria, e eu preferia morrer a me conformar.

Depois de tentar me convencer de todas as maneiras a ficar até um horário mais razoável, quando todos já estivessem acordados, Patch me levou até o carro. Eu não sabia o que pensar sobre essa situação inusitada: um carro abandonado por várias horas na área industrial da cidade, e encontrado inteiro, sem nenhum arranhão. No mínimo, esperava que o rádio houvesse sido roubado.

Em casa, subi os degraus da varanda correndo e entrei sem fazer barulho. Quando acendi a luz da cozinha, tive de sufocar um grito.

Hank Millar estava apoiado ao balcão, segurando um copo de água entre os dedos.

— Oi, Nora.

Ergui instantaneamente uma muralha invisível, cercando-me com ela para esconder meu alarme. Olhei para ele estreitando os olhos, tentando dar a impressão de que estava aborrecida.

— O que está fazendo aqui?

Ele inclinou a cabeça para a porta da frente.

— Sua mãe teve que correr para o escritório. Hugo telefonou falando sobre uma emergência qualquer.

— São cinco da manhã.

— Você conhece Hugo.

Não, mas conheço você, queria dizer. Pensei por um instante que Hank podia ter feito um truque com minha mãe, obrigando-a a sair para poder ficar sozinho comigo. Mas como ele poderia saber quando eu chegaria? De qualquer maneira, eu não descartava essa hipótese.

— Achei que era apropriado me levantar e começar o dia, também — ele falou. — Que tipo de homem eu seria se ficasse na cama enquanto sua mãe está trabalhando?

Ele nem se preocupava em esconder que havia dormido *em minha casa*. Até onde eu sabia, essa era a primeira vez. Uma coisa era manipular a mente de minha mãe, outra coisa era dormir na cama dela...

— Pensei que fosse dormir na casa de sua amiga Vee. A festa acabou mais cedo? — Hank perguntou. — Ou devo dizer mais *tarde*?

Meu coração disparou de raiva, e tive de engolir a resposta furiosa que pulsava na ponta da minha língua.

— Achei melhor vir dormir na minha *própria* cama. — *Fica a dica.*

Um sorriso condescendente pairava nos lábios dele.

— Certo.

— Não acredita em mim? — provoquei.

— Não precisa inventar desculpas para mim, Nora. Sei que existem poucas razões para uma garota da sua idade mentir sobre ir dormir na casa de uma amiga. — Ele riu, mas não era um riso simpático. — Então, conte para mim. Quem é o felizardo? — Uma sobrancelha loira se ergueu, e ele levou o copo aos lábios para beber um gole de água.

Eu podia sentir a pulsação em todas as partes do corpo, mas fingi uma calma que estava bem longe de alcançar. Ele estava blefando. Não podia saber que eu estivera com Patch. Hank só saberia o que eu havia feito essa noite se eu mesma contasse.

Olhei para ele com ar ultrajado.

— Na verdade, estava assistindo a um filme com Vee. Talvez Marcie tenha o hábito de passar a noite fora de casa com rapazes, mas eu posso afirmar com toda certeza que não sou como ela.

Muito ofensivo. Se queria escapar dessa situação sem nenhum problema, precisava recuar um pouco.

O ar superior e sarcástico não desapareceu do rosto de Hank.

— Ah, realmente.

— Sim, realmente.

— Liguei para a mãe de Vee para saber se estava tudo bem, e ela me deu uma notícia chocante. Você nem esteve na casa delas essa noite.

— Você telefonou para *saber de mim*?

— Receio que sua mãe seja indulgente demais, Nora. Imaginei que estivesse mentindo e decidi agir por conta própria. Fico feliz por termos nos encontrado aqui, porque assim podemos ter essa conversa em particular.

— O que eu faço não é da sua conta.

— Não é, neste momento. Mas, se eu me casar com sua mãe, todas as antigas regras serão substituídas. Seremos uma família. — Ele piscou, mas o efeito era mais ameaçador do que divertido. — E eu sou um pai severo, Nora.

Tudo bem, hora de tentar uma abordagem diferente.

— Você estava certo, não fui para a casa de Vee. Menti para minha mãe para poder dar um longo passeio de carro. Queria pensar, clarear as ideias. Uma coisa estranha vem acontecendo ultimamente. — Bati na minha cabeça. — A amnésia está começando a passar. Os últimos meses já não me parecem mais tão vagos. Estou sempre vendo um rosto em particular, muitas e muitas vezes. O do meu sequestrador. Não tenho detalhes suficientes para identificá-lo ainda, mas é só uma questão de tempo.

Ele permanecia impassível, sem nenhuma reação, mas acreditei ter visto um brilho furioso nos olhos dele.

Foi o que pensei, cretino detestável.

— O problema é que, quando eu estava voltando para a cidade, meu carro velho quebrou. Não quis me meter em encrenca por estar dirigindo sozinha tarde da noite, então telefonei para Vee e pedi

para ela me ajudar. Passei as últimas horas tentando fazer o motor funcionar.

Ele não se alterou.

— Melhor eu dar uma olhada no carro, então. Se eu não conseguir encontrar o defeito, então devo começar a pensar em mudar de ramo.

— Não se incomode. Vou levar o carro ao nosso mecânico. — Caso ele não tivesse entendido a deixa, acrescentei: — Tenho que me arrumar para ir ao colégio, e ainda quero estudar um pouco. Preciso de paz e sossego.

Ele sorriu.

— Se não a conhecesse, poderia pensar que está tentando se livrar de mim.

Apontei educadamente para a porta.

— Vou telefonar para minha mãe para dizer que você já foi.

— E seu carro?

Caramba, ele era mesmo persistente.

— Mecânico. Lembra?

— Bobagem — ele respondeu sem perder a paciência. — Não precisa fazer sua mãe gastar dinheiro com mecânico, se eu posso resolver o problema. Parou o carro na entrada da garagem, suponho?

Antes que eu pudesse detê-lo, ele saiu pela porta da frente. Eu o segui pela escada da varanda com o coração acelerado dentro do peito. Parado diante do Volkswagen, Hank arregaçou as mangas e colocou uma das mãos sob a trava do capô. A tampa estalou e ele a levantou.

Fiquei parada ao lado dele, torcendo para Patch ter feito um trabalho convincente. Havia sido ideia dele termos um plano B, caso a história de Vee não se sustentasse. Como tudo indicava que Hank havia descoberto a mentira, ou não teria telefonado para a sra. Sky, nesse momento eu sentia uma imensa gratidão pela cautela de Patch.

— Bem aqui. — Hank apontou para uma pequena fissura em uma das inúmeras mangueiras pretas que se enroscavam dentro do motor. — Problema resolvido. Vai ficar bom por mais alguns dias, mas esse problema precisa de uma solução definitiva e, quanto antes, melhor. Leve o carro à loja mais tarde, e um dos meus mecânicos vai cuidar disso.

Como não falei nada, Hank continuou:

— Preciso impressionar a filha da mulher com quem pretendo me casar — disse ele calmamente, mas eu senti uma nota sinistra por trás dessa declaração. — Ah... E... Nora? — Hank me chamou quando me virei para entrar. — Deixarei esse incidente ficar só entre nós dois. Porém, pelo bem de sua mãe, não vou tolerar mais nenhuma mentira, sejam quais forem suas intenções. Não tente me enganar...

Sem dizer uma única palavra, entrei em casa me obrigando a andar normalmente, sem correr nem olhar para trás. Não que fosse necessário. Podia sentir o olhar penetrante de Hank me seguindo até a porta.

***

Uma semana se passou sem que eu tivesse qualquer notícia de Patch. Eu não sabia se ele havia encontrado Dabria, ou se estava mais próximo de descobrir qual motivo Hank podia ter para se manter próximo de minha família. Em alguns momentos, tive de fazer um grande esforço para não ir ao Delphic e tentar encontrar o caminho para aquele estúdio de granito. Havíamos combinado que eu esperaria que ele me procurasse, mas eu começava a me arrepender por ter concordado com isso. Fizera Patch prometer que não me deixaria de lado enquanto ia atrás de Hank, mas a promessa começava a me parecer muito vaga. Mesmo que ele não tivesse respostas, mesmo que ainda não houvesse qualquer novidade, queria que ele entrasse em contato porque sentia saudade, como eu sentia dele. Patch não podia se dar o trabalho de

usar o telefone? Scott também continuava desaparecido e, atendendo ao pedido dele, eu não fora procurá-lo. Mas se um deles não desse notícias logo, eu quebraria todas as promessas.

A única coisa que me distraía era a escola, mas nem lá eu conseguia parar de pensar em Patch. Sempre me considerara uma ótima aluna, embora começasse a me perguntar por que me esforçava tanto. Comparada à necessidade imediata de lidar com Hank, minha ida para a faculdade parecia uma questão de importância secundária.

— Parabéns — Cheri Deerborn disse enquanto entrávamos na segunda aula daquele dia, inglês.

Eu não conseguia imaginar por que ela estava sorrindo daquele jeito.

— Parabéns por quê?

— As indicações para rainha do baile de boas-vindas foram anunciadas hoje de manhã. Você está concorrendo.

Fiquei olhando para ela sem dizer nada.

— Você é a indicada de sua série — ela repetiu, pronunciando cada palavra bem lentamente.

— Tem certeza?

— Seu nome está na lista. Não pode ter sido erro de impressão.

— Quem teria me indicado?

Ela me olhou como se estranhasse minha reação.

— Qualquer pessoa pode fazer indicações, mas é necessário que pelo menos cinquenta pessoas assinem o formulário concordando com o nome indicado. É como um abaixo-assinado. Quanto mais assinaturas, melhor.

— Vou matar Vee — resmunguei, já que essa era a única explicação lógica em que eu conseguia pensar.

Havia seguido o conselho de Patch e não a acusara de traição por ter mentido para mim, mas isso era imperdoável. *Rainha do baile?* Dessa vez nem Patch iria poder protegê-la.

Sentada à minha carteira, escondi o celular sob a mesa para não desafiar nosso professor, o sr. Sarraf, e sua severa política de

proibição ao uso de telefones.

RAINHA DO BAILE DE BOAS-VINDAS?

Mandei a mensagem para o celular de Vee.

Felizmente, o sinal ainda não havia soado anunciando o início da aula, e ela me respondeu imediatamente.

ACABEI DE SABER. HUM... PARABÉNS?

VOU TE MATAR, avisei.

EXCUSE-MOI? ACHA QUE FUI EU?

— Melhor parar — disse uma voz bem-humorada. — Sarraf está olhando para você.

Marcie Millar sentou-se à carteira vizinha. Eu sabia que fazíamos inglês juntas, mas ela sempre se sentava no fundo com Jon Gala e Addyson Hales. Não era segredo que o sr. Sarraf quase não enxergava, e eles podiam fazer quase qualquer coisa lá no fundo da sala, exceto fumar.

— Se ele se esforçar um pouco mais para tentar enxergar o que você está fazendo, vai acabar tendo uma hemorroida cerebral — Marcie acrescentou.

— Brilhante — respondi. — De onde tira esses comentários?

Sem captar meu sarcasmo, ela se endireitou na cadeira, vaidosa e satisfeita.

— Vi que está concorrendo ao título de rainha do baile — disse Marcie.

Não falei nada. O tom da voz dela não sugeria que estivesse brincando, mas os onze anos de convivência indicavam exatamente o oposto.

— Quem acha que vai ganhar a disputa entre os garotos? — ela continuou falando. — Eu aposto em Cameron Ferria. E espero que tenham mandado os mantos reais para a lavanderia depois do baile do ano passado. Soube por fonte segura que Kara Darling deixou marcas de suor em seu traje de rainha. E se você tiver que usar aquilo? — Ela torceu o nariz. — Se Kara deixou marcas no manto, nem quero pensar em como deixou a tiara.

Lembrei-me relutante do único baile a que havia comparecido. Vee e eu éramos calouras. Havíamos acabado de começar o ensino

médio, e queríamos descobrir o que havia de tão especial no evento. Na metade do baile, a comissão organizadora subiu ao palco e anunciou o cortejo real, começando pelos escolhidos do primeiro ano até chegar ao rei e à rainha da classe dos formandos. Cada membro da realeza recebia o manto nas cores da escola e a coroa ou tiara. Depois eles davam a volta da vitória em carrinhos de golfe. Elegante, eu sei. Marcie fora a vencedora entre as calouras daquele ano e matara em mim qualquer resquício de desejo de presenciar outra coroação.

— Indiquei você — Marcie anunciou sem rodeios, jogando o cabelo para trás e sorrindo para mim daquele jeito radiante, satisfeito. — Ia guardar segredo, mas anonimato não combina com meu estilo de vida.

Suas palavras me tiraram do sério.

— Você fez *o quê*?

Marcie tentou adotar uma expressão solidária.

— Sei que está passando por uma fase difícil. Quero dizer, primeiro aquela história da amnésia e... — Sua voz foi reduzida a um sussurro. — Sei sobre as alucinações. Meu pai me contou. Ele disse que devo ser muito legal com você. Mas eu não sabia como. Pensei, pensei... Até que vi o anúncio do prazo para a indicação da realeza deste ano. É evidente que todo mundo queria me indicar, mas convenci meus amigos a indicarem você, não a mim. Talvez tenha mencionado as alucinações, e posso até ter exagerado na gravidade. É preciso jogar sujo para vencer. A boa notícia é que conseguimos mais de duzentas assinaturas, mais do que qualquer outro indicado obteve!

Eu não sabia se o que sentia era incredulidade ou repulsa.

— Quer dizer que me transformou na sua obra de caridade?

— Sim! — ela deu um gritinho e bateu palminhas delicadamente.

Eu me inclinei sobre a carteira, cravando nela meu olhar mais duro e severo.

— Vá à secretaria e resolva isso agora. Retire minha indicação. Não quero meu nome na cédula de votação.

Em vez de ficar magoada, Marcie pôs as mãos na cintura.

— Isso estragaria tudo. As cédulas já foram impressas. Hoje cedo eu vi a pilha na sala da recepção. Quer ser uma desperdiçadora de papel? Pense nas árvores que foram sacrificadas para a produção de todas aquelas cédulas. E quer saber? Dane-se o papel! E eu? Fiz o maior esforço para ser legal, e você não pode simplesmente rejeitar tudo isso.

Joguei a cabeça para trás, olhando para as manchas de umidade no teto. *Por que eu?*

CAPÍTULO 23

AO chegar da escola, encontrei um bilhete preso à porta da frente: *Celeiro.* Guardei o bilhete no bolso e fui até o quintal. A cerca que marcava o limite da propriedade se abria para um descampado. Um celeiro de paredes caiadas ocupava o centro desse terreno. Até hoje não sei a quem o celeiro pertence. Anos antes, Vee e eu havíamos imaginado transformar o lugar em um clube secreto. Nossa ambição morreu rapidamente na primeira visita, quando abrimos a porta e encontramos um morcego pendurado em uma viga do teto.

Desde então, eu nunca mais havia voltado lá, embora tivesse esperança de poder afirmar que não sentia mais o mesmo pavor de pequenos mamíferos voadores. Mas percebi que abria a porta com grande hesitação.

— Oi? — chamei em voz alta.

Scott estava deitado em um banco velho no fundo do celeiro. Quando me viu entrar, ele se sentou.

— Ainda está zangada comigo? — perguntou, mascando um pedaço de grama. Não fosse a camiseta do Metallica e o jeans rasgado, ele poderia ser confundido com um motorista de trator.

Olhei para as vigas do teto.

— Viu algum morcego quando entrou?

Scott riu.

— Tem medo de morcegos, Grey?

Escorreguei para o banco ao lado dele.

— Pare de me chamar de Grey. Parece que sou um menino. Como Dorian Gray.

— Dorian quem?

Suspirei cansada.

— Basta escolher outro nome. Pode ser o antigo Nora, também.

— Tudo bem, Jujuba.

Fiz uma careta.

— Esqueça. Vamos manter o Grey.

— Vim ver se tem alguma novidade para mim. Seria bom ter informações sobre Hank. Acha que ele descobriu que éramos nós espiando o galpão naquela noite?

Eu tinha certeza de que Hank não desconfiava de nós. Ele não agia de forma mais sinistra que de costume, o que, pensando bem, não queria dizer muita coisa.

— Não, acho que escapamos.

— Isso é bom, muito bom — Scott respondeu, girando no dedo o anel do Mão Negra. Fiquei feliz por ver que ele não o havia tirado. — Talvez eu possa sair do esconderijo antes do que imaginava.

— Tenho a impressão de que está fora dele agora. E como soube que eu encontraria seu bilhete na porta antes de Hank aparecer?

— Hank está na loja. E sei a que horas você volta da escola. Não me entenda mal, mas observo você de vez em quando. Preciso saber os melhores horários para fazer contato. Aliás, sua vida social é patética.

— Essa é a sua opinião.

Scott riu. Ao perceber que eu não o acompanhei, ele bateu com o ombro no meu.

— Ei, parece desanimada, Grey.

Suspirei.

— Marcie Millar me indicou como candidata ao título de rainha do baile do colégio. A votação será na sexta-feira.

Ele me cumprimentou com uma sequência de gestos muito complexa, como aquelas que vemos entre os membros de uma fraternidade nos filmes da televisão.

— Muito bom, campeã.

Olhei para ele com intenso desgosto.

— Ei, ei. Pensei que as garotas adorassem essas coisas. Comprar um vestido, arrumar o cabelo, usar aquele troço de rainha na cabeça...

— Tiara.

— Sim, tiara. Eu sabia. Então, por que está tão brava?

— Porque me sinto estúpida com meu nome em uma cédula de votação, ao lado dos nomes de outras quatro garotas que são realmente populares. Não vou ganhar. Só vou parecer idiota. As pessoas já estão especulando se não foi um erro de impressão. E eu não tenho ninguém para ir comigo. Acho que poderia levar Vee. Marcie faria um milhão de piadas cretinas sobre lésbicas, mas coisas piores poderiam acontecer.

Scott abriu os braços, como se a solução fosse óbvia.

— Problema resolvido. Vá comigo.

Revirei os olhos, lamentando repentinamente ter tocado no assunto. Era a última coisa sobre a qual queria discutir. Nesse momento, negação parecia ser a única alternativa.

— Você nem frequenta o colégio — eu o lembrei.

— Existe uma regra a esse respeito? As garotas do meu antigo colégio em Portland sempre levavam os namorados universitários aos bailes.

— Não existe uma regra, não exatamente.

Ele refletiu por um instante.

— Se está preocupada com o Mão Negra, na última vez em que me informei, ditadores nefilins não consideravam os bailes de colégios humanos uma prioridade. Ele nunca vai saber que estive lá.

Pensei em Hank no ginásio do colégio e não consegui conter o riso.

— Está rindo porque nunca me viu vestindo um smoking. Ou não gosta de caras fortes, de ombros largos, peito musculoso e barriga tanquinho?

Mordi o lábio para conter outra gargalhada, ainda mais alta.

— Desista, não vai me intimidar. Está começando a transformar essa história no oposto de *A Bela e a Fera*. Todo mundo sabe que você é bonito, Scott.

Ele tocou meu joelho de um jeito afetuoso.

— Nunca mais vai me ouvir admitindo isso de novo, sendo assim, escute com atenção: você é bonita, Grey. Numa escala de um a dez, definitivamente, você está na metade superior.

— Nossa, obrigada.

— Não é o tipo de garota que me interessaria quando morava em Portland, mas agora não sou mais aquele cara. Você é boa demais para mim e, convenhamos, inteligente demais, também.

— Mas você tem a sabedoria das ruas — argumentei.

— Pare de me interromper. Vai me confundir e atrapalhar meu discurso.

— Está dizendo que decorou sua fala?

Ele sorriu.

— Tempo é o que não me falta. Como eu dizia... droga. Esqueci onde estava.

— Estava dizendo que sou mais bonita que metade das garotas do colégio.

— Aquilo foi só uma figura de linguagem. Se quer precisão, você é mais bonita que noventa por cento delas. É pegar ou largar.

Pus uma das mãos sobre o coração.

— Estou sem fala.

Scott se ajoelhou no chão e segurou minha outra mão de um jeito teatral.

— Sim, Nora. Sim, irei com você ao baile do colégio.

Levantei o queixo para olhar para ele de cima, com o nariz empinado.

— Você é muito convencido. Eu não pedi para ir comigo.

— Está vendo? É muito esperta. Afinal, qual é o problema? Você precisa de uma companhia e, embora eu não seja sua primeira opção, não sou totalmente imprestável.

Uma imagem clara de Patch invadiu meus pensamentos, mas eu a varri da cabeça. De um ponto de vista lógico, sabia que não havia qualquer possibilidade de Scott ler meus pensamentos, mas isso não amenizava minha culpa. Eu ainda não me sentia preparada para contar a ele que não éramos os únicos trabalhando pelo

fracasso de Hank; havia conseguido a adesão do meu ex-namorado, que, por acaso, tinha o dobro de recursos, era duas vezes mais perigoso, a personificação da perfeição masculina... e um anjo caído. Magoar Scott era a última coisa que eu queria. Inesperadamente, ele se tornara especial para mim.

E, embora eu achasse estranho Scott ter decidido de repente que complacência era a palavra-chave para lidar com Hank, não tinha coragem de dizer que ele não poderia ter uma noite divertida. Como o próprio Scott dissera, um baile no ginásio do colégio seria o último item na lista de interesses de Hank.

— Tudo bem, tudo bem — falei, batendo em seu ombro de um jeito brincalhão. — Você vai comigo. — E fiquei séria. — Mas é melhor não ter exagerado nessa história de ficar irresistível de smoking.

***

Só mais tarde percebi que havia deixado de falar com Scott sobre o prédio que Hank usava como armadilha e o verdadeiro alojamento dos nefilins. Quem poderia imaginar que um baile ocuparia mais espaço em meus pensamentos do que encontrar um quartel do exército nefilim? Em momentos como esse, ter o número do celular de Scott seria muito útil. Mas eu não sabia se ele tinha um celular. Telefones eram facilmente rastreados.

Às seis da tarde eu me sentei para jantar com minha mãe.

— Como foi seu dia? — ela perguntou.

— Posso dizer que foi absolutamente fantástico, se quiser — respondi, mastigando uma porção de macarrão gratinado.

— Ah, não. O carro quebrou de novo? Achei muito generosa a oferta de Hank para consertar o Volkswagen, e tenho certeza de que ele o arrumaria de novo, se você pedisse.

Ao ouvir a admiração cega na voz dela, tive de respirar fundo para não perder a calma.

— Pior. Marcie me indicou como candidata ao título de rainha do baile. Pior ainda, meu nome está na cédula.

Mamãe baixou o garfo. Ela parecia perplexa.

— Está falando da Marcie que eu conheço?

— Ela disse que Hank contou a ela sobre as alucinações, e que agora sou sua nova obra de caridade. E *eu* não falei com Hank sobre as alucinações.

— Eu falei — mamãe respondeu, surpresa. — Não acredito que ele tenha discutido esse assunto com Marcie. Eu me lembro bem de ter pedido sigilo. — Mamãe abriu a boca e a fechou devagar. — Quero dizer, tenho quase certeza de ter pedido sigilo. Juro, a idade está começando a me prejudicar. Não consigo me lembrar de mais nada. Por favor, não culpe Hank por isso. Eu assumo a responsabilidade.

Não suportava ver minha mãe perdida e confusa. Idade não tinha nada a ver com sua dificuldade para se lembrar das coisas. Eu não tinha a menor dúvida de que Patch estava certo; Hank a estava controlando com truques de mente. Minha dúvida era se ele a submetia à ilusão dia a dia, ou se plantara nela uma noção ampla de obediência e lealdade.

— Não se preocupe com isso — murmurei, deixando o garfo sobre o prato. O macarrão estava delicioso, mas eu havia perdido o apetite. Patch me prevenira sobre a inutilidade de tentar explicar a verdade à minha mãe. Ela não acreditaria em mim. Mas isso não eliminava a vontade que eu sentia de gritar de raiva e frustração. Não sabia por quanto tempo suportaria manter a farsa: comer, dormir, sorrir como se não houvesse nada de errado.

Mamãe falou:

— Deve ter sido por isso que Hank sugeriu que você e Marcie saíssem juntas para comprar vestidos. Eu disse a ele que ficaria muito surpresa se você tivesse alguma intenção de ir ao baile, mas ele devia saber dos planos de Marcie. É claro que, você não tem nenhuma obrigação de ir a lugar algum com ela — mamãe corrigiu, apressada. — Acho que seria muita generosidade de sua parte, mas é óbvio que Hank não sabe de seus sentimentos por ela. Acho que

ele sonha ver nossa família convivendo pacificamente. — Ela deu um sorrisinho desanimado.

Devido às circunstâncias, não consegui me forçar a rir com ela. Não sabia quanto do que ela acabara de dizer era sincero e quanto era resultado da ilusão criada por Hank. Mas, se minha mãe estava pensando em casamento, Patch e eu tínhamos de agir depressa.

— Marcie me procurou depois da aula e informou — sim, ela me *informou* — que iríamos juntas comprar os vestidos mais tarde. Como se eu não tivesse o direito de opinar sobre o assunto. Mas tudo bem. Vee e eu temos um plano. Mandei uma mensagem para o celular de Marcie dizendo que não poderia fazer compras, porque estava sem dinheiro. Depois lamentei, disse que sentia muito, porque estava contando com a ajuda dela para escolher o vestido. Ela respondeu dizendo que Hank lhe dera seu cartão de crédito, e que ela pagaria meu vestido.

Mamãe fez um barulho de desaprovação, mas seus olhos brilhavam de maneira divertida.

— Por favor, diga que não foi essa a educação que eu lhe dei.

— Já escolhi o vestido que quero — expliquei, animada. — Marcie vai comprá-lo, e Vee vai nos encontrar "acidentalmente" quando estivermos saindo da loja. Eu fico com o vestido, dispenso Marcie, e vou comer donuts com Vee.

— Como é o vestido?

— Vee e eu o encontramos na Silk Garden. É um vestido de festa de comprimento médio, acima do joelho.

— De que cor?

— Vai ter que esperar para ver — sorri, ardilosa. — Custa cento e cinquenta dólares.

Mamãe fez um gesto de desdém.

— Duvido que Hank perceba o débito na fatura do cartão. Precisa ver como ele queima dinheiro.

Sentei-me mais ereta na cadeira, satisfeita comigo.

— Nesse caso, ele não vai se incomodar se eu comprar sapatos também.

***

Meu encontro com Marcie estava marcado para as sete na Silk Garden. A Silk Garden era uma butique que ficava na esquina da Asher com a Rua 10. Por fora, a loja parecia um *château*, com porta de madeira e ferro e calçada de pedras. As araras eram iluminadas por luzes decorativas azuis. Nas vitrines, manequins exibiam modelos lindíssimos. Quando eu era pequena, meus delírios de grandeza incluíam me tornar uma princesa e declarar a Silk Garden meu castelo.

Eram 19h20, e eu andava pelo estacionamento à procura do carro de Marcie. Ela dirigia um Toyota vermelho 4Runner turbinado cuja alavanca de câmbio, eu tinha certeza, *nunca* desengatava por acaso. E duvidava de que ela tivesse de socar o painel durante dez minutos antes de fazer o motor funcionar. E podia apostar que ela nunca ficava a pé na metade do caminho para a escola. Olhei desanimada para o Volkswagen e suspirei.

Um 4Runner vermelho entrou no estacionamento, e Marcie saltou do automóvel.

— Desculpe o atraso — ela disse, pendurando a bolsa no ombro. — Meu cachorro não queria me deixar sair.

— Seu cachorro?

— Boomer. Os cães também são gente, sabia?

Reconheci minha chance.

— Tudo bem, já entrei na loja e escolhi o vestido. Podemos resolver tudo bem depressa, e você pode voltar para Boomer.

Ela me olhou desanimada.

— Não quer minha opinião? Você disse que estava contando com ela.

Estou contando com o cartão de crédito do seu pai.

— Sim, sobre isso... É claro que vim contando com sua ajuda para escolher, mas aí vi aquele vestido. Foi como se ele falasse comigo.

— É mesmo?

— Sim, Marcie. O céu se abriu e os anjos cantaram “Aleluia”. — Eu me imaginei batendo com a cabeça na parede.

— Quero ver o vestido — Marcie decidiu. — Sabe que tem um tom de pele vibrante, não é? A cor errada pode apagá-la.

Levei Marcie para dentro da loja e ao local onde estava o vestido. Era um vestido de festa xadrez verde e azul-marinho, com saia drapeada. A vendedora dissera que o vestido realçava minhas pernas. Vee comentara que ele dava a impressão de que eu tinha seios.

— Que horror! — Marcie reagiu. — Xadrez? É muito colegial!

— Bem, é esse vestido que eu quero.

Ela estudou a arara e pegou o vestido no meu número.

— Talvez fique melhor no corpo, mas duvido que eu mude de ideia.

Levei o vestido ao provador com um andar quase saltitante. Aquele era *o* vestido. Marcie poderia reclamar a noite toda; não me faria mudar de ideia. Tirei a calça jeans e pus o vestido. Não conseguia fechar o zíper. Virei a peça e olhei a etiqueta. Tamanho 36. Talvez tenha sido só um engano. Talvez não. Pensando em mandar Marcie para o inferno, consegui enfiar a gordura da minha cintura no vestido. Por um minuto, parecia que ia funcionar. Depois, a realidade se impôs.

— Marcie — chamei pela cortina do provador.

— Hum?

Entreguei o vestido a ela.

— Número errado.

— Ficou grande? — A voz dela soava excessivamente ingênua.

Soprei o cabelo que caía sobre meus olhos e engoli o comentário cínico.

— Um 38 vai ficar melhor, obrigada.

— Ah! Ficou *pequeno*.

Felizmente eu estava vestindo apenas minhas roupas íntimas, ou não teria resistido à tentação de ir atrás dela e esmurrá-la.

Um minuto depois, Marcie passou o vestido número 38 pela cortina. Em seguida, ela me deu também um outro longo vermelho.

— Não quero parecer inconveniente, mas acho que vermelho é a melhor opção. Muito mais glamoroso.

Pendurei o vestido vermelho no cabide, mostrei a língua para ele e vesti o outro, o xadrez. Girei diante do espelho movendo os lábios num gritinho silencioso. Imaginei-me descendo a escadaria de casa na noite do baile, enquanto Scott me olhava lá de baixo. De repente, não imaginava mais Scott. Era Patch quem estava apoiado ao corrimão, e vestindo um terno preto com gravata prateada.

Sorrio para ele de um jeito sedutor. Patch estende o braço e me acompanha até a porta. Seu cheiro é quente, terroso, como o de areia iluminada pelo sol.

Incapaz de me controlar, eu o puxo pela lapela do paletó e o beijo.

— Posso fazer você sorrir desse jeito, e nem vou cobrar por isso.

Eu me virei e vi o verdadeiro Patch dentro do provador, atrás de mim. Ele vestia jeans e camiseta branca. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, e os olhos pretos sorriam para mim.

Um calor que não era totalmente desconfortável envolveu meu corpo.

— Seria capaz de fazer várias piadas pervertidas neste momento — provoquei.

— E eu poderia dizer quanto gosto de você nesse vestido.

— Como entrou aqui?

— Eu ajo de maneiras misteriosas.

— Deus age de maneiras misteriosas. Você age como um raio — um momento está em um lugar, no outro, sumiu. Há quanto tempo está aí? — Eu morreria de vergonha se ele houvesse presenciado minha luta para entrar no vestido 36. Sem mencionar o tempo que passei sem roupa!

— Eu teria batido, mas não quis ficar lá fora correndo o risco de ser visto por Marcie. Hank não pode saber que nós dois voltamos à ativa.

Tentei não analisar em detalhes o significado da expressão “voltar à ativa”.

— Tenho novidades — Patch continuou. — Encontrei Dabria. Ela aceitou nos ajudar e interferir junto a Hank, mas antes tenho que ser completamente honesto. Dabria é mais que uma velha conhecida. Nós nos conhecemos antes de eu cair. Tivemos um relacionamento de conveniência, mas há algum tempo, não muito, ela causou problemas para você — ele fez uma pausa. — O que na verdade é um jeito delicado de dizer que ela tentou matar você.

Ah, que bom!

— Agora ela superou o ciúme, mas eu queria que você soubesse — Patch concluiu.

— Bem, agora já sei — respondi, um pouco enciumada. Não me orgulhava de minha repentina insegurança, mas ele não podia ter contado tudo isso *antes* de procurá-la? — Como vamos saber que ela não vai dar uma de assassina novamente?

Ele sorriu.

— Fiz uma apólice de seguro.

— Seja mais preciso.

— Confie em mim.

— Como ela é? — E agora passei de insegura a superficial.

— Magrela, cabelo sujo, barriga flácida, monocelha. — Ele riu. — Satisfeita?

Imaginei se isso queria dizer que ela era curvilínea e linda, com a inteligência de um astrofísico.

— Você a encontrou pessoalmente?

— Não vai ser necessário. O que espero dela não é complicado. Antes de cair, Dabria era um anjo da morte e podia ver o futuro. Ela ainda afirma ter esse poder e ganha um bom dinheiro com seus clientes nefilins, acredite se quiser.

Deduzi o que Patch estava tentando me dizer:

— Ela vai ficar atenta a tudo e a todos. Vai ouvir as conversas entre os clientes e tentar obter informações sobre Hank.

— Muito bem, Anjo.

— E que tipo de pagamento Dabria espera receber por isso?

— Pode deixar que eu cuido disso.

Pus as mãos na cintura.

— Resposta errada, Patch.

— Dabria não tem mais nenhum interesse por mim. Sua motivação é dinheiro. — Ele percorreu a distância entre nós deslizando o dedo pelo meu colar, de um jeito carinhoso. — E eu não tenho mais nenhum interesse nela. Estou de olho em outra.

Desviei-me da mão dele, consciente do poder de sedução de suas carícias e de como até o menor contato conseguia me distrair, desviar o rumo de meus pensamentos.

— Ela é confiável?

— Fui eu que arranquei as asas de Dabria quando ela caiu. Tenho uma de suas penas guardadas, e ela sabe disso. A menos que queira passar o resto da eternidade fazendo companhia a Rixon, ela não vai me desafiar.

A apólice de seguro. Claro.

Os lábios dele tocaram os meus.

— Não posso ficar por muito tempo. Estou trabalhando em algumas outras pistas, aviso se descobrir alguma coisa. Vai estar em casa hoje à noite?

— Sim — respondi hesitante. — Mas não está preocupado com Hank? Ultimamente, ele tem sido uma presença tão constante em minha casa quanto um dos lustres.

— Eu posso contornar a presença dele — Patch respondeu com um brilho misterioso nos olhos. — Entrarei por meio dos seus sonhos.

Inclinei a cabeça para encará-lo.

— Isso é uma piada?

— Para que funcione, você tem que estar aberta à ideia. Teremos um início promissor.

Esperei pela conclusão, pela revelação da pegadinha, mas logo compreendi que ele estava falando sério.

— Como isso funciona? — perguntei, desconfiada.

— Você sonha, e eu entro no seu sonho. Não tente me bloquear, e tudo vai dar certo.

Talvez devesse revelar que tinha um histórico fabuloso de *não* bloquear sua presença nos meus sonhos.

— Só mais uma coisa — ele disse. — Hank já sabe que Scott está na cidade. Eu não me importaria se ele fosse pego, mas sei que ele é importante para você. Diga a ele para não se expor. Hank não tem nenhuma consideração por desertores.

Mais um momento em que seria ótimo ter um canal de contato com Scott.

Do outro lado da cortina, ouvi Marcie discutindo com uma vendedora. Provavelmente, ela reclamava de alguma coisa absolutamente trivial, como uma mancha no espelho, talvez.

— Marcie sabe quem é o pai dela de verdade?

— Marcie vive em uma bolha, mas Hank está sempre ameaçando estourá-la. — Ele inclinou a cabeça para examinar meu vestido. — Alguma ocasião especial?

— Baile do colégio — respondi girando. — Gostou?

— Até onde sei, esse tipo de evento exige um acompanhante.

— Ah, sim, quanto a isso... — Parei e respirei fundo. — Bem, eu vou... com Scott. Nós dois concluímos que um baile no ginásio do colégio é o último lugar onde Hank instalaria sua patrulha.

Patch sorriu, mas era um sorriso frio, tenso.

— Retiro o que disse. Se Hank quiser matar Scott, ele tem o meu apoio.

— Somos amigos, só isso.

Ele segurou meu queixo, levantou meu rosto e me beijou.

— Continuem assim. — Patch tirou óculos do tipo aviador da gola da camiseta e colocou no rosto. — Não diga a Scott que não avisei. Agora tenho que ir. Eu entro em contato.

Ele olhou pela fresta da cortina para o lado de fora. E desapareceu.

CAPÍTULO 24

DEPOIS que Patch foi embora, decidi que era hora de parar de brincar de princesa e vesti novamente minhas roupas comuns. Havia acabado de colocar a camiseta quando senti que alguma coisa estava faltando. E então percebi o que era. Minha bolsa havia desaparecido.

Olhei embaixo do banco, mas ela não estava lá. Tinha quase certeza de que não a pendurara no cabide, mas conferi atrás do vestido vermelho. Enfiei os pés nos sapatos, abri a cortina e corri para a área central da loja. Encontrei Marcie vasculhando uma arara de sutiãs com enchimento.

— Viu minha bolsa?

Ela parou apenas para responder:

— Você a levou para o provador.

Uma vendedora se aproximou aflita.

— Era uma bolsa quadrada de couro marrom?

— Sim!

— Acabei de ver um homem saindo da loja com ela. Ele entrou sem dizer nada, e eu presumi que fosse seu pai. — A mulher tocou a testa, e notei que ela estava confusa. — Na verdade, eu poderia jurar que ele disse que era... mas talvez eu tenha imaginado tudo. O momento foi muito estranho. Estou confusa, não sei explicar o que houve.

Uma ilusão, pensei.

Ela acrescentou:

— O homem tinha cabelo grisalho e vestia um suéter xadrez...

— Para que lado ele foi? — eu a interrompi.

— Saiu pela porta da frente, rumo ao estacionamento.

Corri para fora da loja, ouvindo os passos de Marcie atrás de mim.

— Acha mesmo que é uma boa ideia? — ela arfava. — Quero dizer, e se ele estiver armado? E se for um maluco, um psicopata...?

— Que tipo de homem rouba uma bolsa por baixo da cortina de um provador? — perguntei em voz alta.

— Talvez um homem desesperado. Alguém precisando de dinheiro.

— Nesse caso, ele deveria ter levado a sua bolsa!

— Todo mundo sabe que a Silk Garden é uma loja cara — Marcie argumentou com lógica. — Ele deve ter imaginado que ia encontrar uma boa quantia em qualquer bolsa.

O que eu não podia contar a Marcie era que o homem, provavelmente, era um nefilim ou um anjo caído. E algo me dizia que sua motivação era maior do que um possível lucro financeiro.

Chegamos ao estacionamento no momento em que um sedã preto saía de uma vaga. O brilho da luz dos faróis nos impedia de ver quem estava ao volante. O motor roncou e o carro veio na nossa direção.

Marcie me puxou pela manga da camiseta.

— Corra, idiota!

O automóvel passou por nós em direção à rua, cantando pneus. O motorista não parou no sinal fechado, apagou os faróis, e desapareceu na noite.

— Viu que carro era? — Marcie perguntou.

— Um Audi A6. E consegui ver parte da placa.

Ela me olhou da cabeça aos pés.

— Nada mal.

Virei-me para ela sem esconder a irritação.

— Nada mal? Ele fugiu levando minha bolsa! Não acha meio estranho que um cara dirigindo um Audi tenha roubado minha bolsa? *Minha* bolsa em particular? — O que levantava a questão: o que um imortal podia querer com minha bolsa?

— Era de grife?

— Loja de departamento!

Marcie deu de ombros.

— Bem, isso foi animado. E agora? Vamos esquecer tudo e voltar às compras?

— Vou chamar a polícia.

Meia hora mais tarde, uma viatura policial parou na frente da Silk Garden e o detetive Basso saiu dela. De repente, eu me arrependi por não ter seguido o conselho de Marcie e esquecido o episódio com a bolsa. Minha noite ia de mal a pior.

Marcie e eu estávamos dentro da loja, perto da vitrine, quando o detetive Basso entrou e veio a nosso encontro. Seus olhos não revelaram surpresa por eu estar ali e, quando ele cobriu a boca com a mão, tive certeza de que a intenção era esconder um sorriso.

— Alguém roubou minha bolsa — informei ao detetive.

— Conte-me com detalhes — ele pediu.

— Fui ao provador experimentar um vestido para o baile do colégio. Quando terminei, percebi que minha bolsa não estava no chão, onde eu a havia deixado. Saí, e a vendedora disse ter visto um homem deixando a loja com a bolsa.

— Ele tinha cabelo grisalho e vestia suéter xadrez — a vendedora acrescentou prestativa.

— Tinha algum cartão de crédito na bolsa? — perguntou o detetive Basso.

— Não.

— Dinheiro?

— Não.

— Valor total dos itens furtados?

— Setenta e cinco dólares. — A bolsa havia custado só vinte, mas ficar na fila por duas horas para tirar a segunda via da carteira de motorista devia valer pelo menos cinquenta.

— Vou preencher um relatório, mas não há muito que possamos fazer. Na melhor das hipóteses, o cara joga a bolsa em algum lugar e alguém a devolve. Na pior das hipóteses, você compra uma bolsa nova.

Marcie enganchou o braço no meu.

— Veja pelo lado positivo — disse ela, dando tapinhas na minha mão. — Perdeu uma bolsa barata, mas vai ganhar um vestido caro. — Ela me entregou a sacola com o logotipo da Silk Garden. — Já cuidei de tudo. Pode me agradecer mais tarde.

Olhei dentro da sacola. O vestido longo e vermelho havia sido embalado com todo cuidado.

***

Eu estava no meu quarto, engolindo uma fatia de bolo de chocolate. Eu olhava com ódio para o vestido vermelho, pendurado na porta do closet. Ainda nem havia experimentado o vestido, mas tinha a nítida impressão de que ficaria muito parecida com Jessica do filme *Uma Cilada para Roger Rabbit*. Só que sem os seios enormes.

Escovei os dentes, lavei o rosto e passei creme nos olhos. Fui dar boa noite à minha mãe, voltei ao meu quarto, vesti o pijama de flanela da Victoria's Secret e apaguei as luzes.

Seguindo o conselho de Patch, esvaziei a mente e me preparei para dormir. Patch disse que poderia entrar nos meus sonhos, mas que eu precisava estar aberta a essa ideia. Eu estava um pouco cética, um pouco esperançosa. E nem um pouco contrária à ideia. Depois dessa noite, a única coisa que poderia me fazer sentir melhor seria estar nos braços de Patch. Melhor em sonho que nada.

Deitada na cama, refleti sobre o meu dia, deixando o inconsciente distorcer as lembranças em esboços de sonhos. Minha mente brincava com fragmentos de diálogo, lampejos de cores. De repente eu estava no vestiário da Silk Garden com Patch. Porém, nessa versão, ele tinha os dedos enganchados nos passadores da minha calça jeans, e meus dedos deslizavam por seu cabelo. Nossas bocas estavam muito próximas, e eu podia sentir o calor do hálito dele.

O sonho havia me absorvido quase completamente quando senti os cobertores sendo puxados de cima de meu corpo.

Sentei-me e vi Patch de pé ao lado da minha cama. Ele vestia o mesmo jeans e a mesma camiseta branca de antes, e segurou minhas cobertas por um instante antes de jogá-las de lado.

Um sorriso iluminou os olhos dele.

— Bons sonhos?

Olhei em volta. Tudo no meu quarto permanecia como deveria. A porta estava fechada, a luz noturna estava acesa. Minhas roupas continuavam penduradas sobre o encosto da cadeira de balanço, onde eu as deixara, e o vestido Jessica Rabbit ainda estava pendurado na porta do closet. Apesar de não haver nenhuma evidência visível, alguma coisa parecia estar... errada.

— Isto é real — perguntei a Patch. — Ou é um sonho?

— Um sonho.

Dei uma risada de aprovação.

— Uau. Podia ter me enganado. Tudo parece tão *real*!

— A maioria dos sonhos parece ser real. Você só percebe os furos na trama quando acorda.

— Explique melhor.

— Estou na paisagem do seu sonho. Imagine que seu inconsciente e o meu passam por uma porta que você criou na sua mente. Estamos juntos no quarto, mas não é um lugar físico. O quarto é imaginário, mas nossos pensamentos, não. Você escolheu qual seria o cenário e as roupas que estaria vestindo, e você decide tudo que diz. Mas, como estou no sonho com você, em vez de ser uma versão de mim mesmo com a qual você sonhou, o que digo e faço não é obra da sua imaginação. Eu controlo essas coisas.

Achei que tinha entendido o suficiente para continuar.

— Estamos seguros aqui?

— Se está perguntando se Hank pode nos espionar, é provável que não.

— Mas, se nós podemos fazer o que estamos fazendo, o que o impede de realizar o mesmo? Sei que ele é um nefilim e, a menos que eu esteja muito enganada, anjos caídos e nefilins desfrutam de poderes iguais.

— Até eu ter tentado invadir seus sonhos há alguns meses, não sabia muito sobre o funcionamento do processo. Desde então, aprendi que é necessário existir uma ligação forte entre os dois indivíduos. Também sei que o tema do sonho precisa ser importante para eles. O momento ideal pode ser mais difícil de identificar e requer paciência. Se você invade o sonho cedo demais, o sujeito vai acordar. Se dois anjos, ou nefilins, ou qualquer combinação dos dois, invadem o sonho ao mesmo tempo, pressionando e forçando entrada com propósitos diferentes, a probabilidade de o sonhador acordar é maior. Mesmo que você não goste disso, Hank tem uma forte ligação com você. Mas, se ele ainda não tentou invadir seus sonhos, não acredito que vá começar agora, depois de tanto tempo.

— Como aprendeu tudo isso?

— Tentativa e erro. — Ele hesitou, como se quisesse ser mais cuidadoso na escolha das próximas palavras. — Também contei com a ajuda externa de um anjo que caiu recentemente. Diferente de mim, ela estudou a lei dos anjos antes de cair. Eu não me surpreenderia se descobrisse que ela decorou o Livro de Enoque, um tomo sobre a história dos anjos. Se alguém tinha respostas, esse alguém era ela. Tive que insistir um pouco, mas ela me contou. — Seu rosto era uma máscara de indiferença. — E, quando digo ela, quero dizer Dabria.

Meu coração deu um pulo desconfortável. Não queria sentir ciúmes da ex de Patch — é óbvio que eu entendia que não havia a menor possibilidade de Patch não ter vivido *algum* tipo de história romântica —, mas sentia uma aversão incontrolável a Dabria. Talvez fosse raiva residual — ela *havia* tentado me matar. Ou era o instinto me informando que ela não hesitaria em nos trair novamente.

— Então você a encontrou pessoalmente, afinal? — perguntei, em tom de acusação.

— Sim, nos encontramos hoje e, já que estávamos frente a frente, decidi chegar ao fundo de algumas questões que me incomodavam há algum tempo. Estava procurando um jeito de me comunicar com você sem ser detectado, e não ia perder a oportunidade de conseguir as respostas com ela.

Eu quase nem o ouvia.

— Por que ela o procurou?

— Ela não disse, e não é importante. Conseguimos o que queríamos, e isso é o que importa. Agora temos um canal privado de comunicação.

— Ela ainda tem a barriga flácida?

Patch revirou os olhos.

Notei que ele evitava responder diretamente.

— Ela esteve na sua casa?

— Isso está começando a parecer um *quiz*, Anjo.

— Em outras palavras, ela esteve.

— Não, não esteve — Patch respondeu paciente. — Podemos parar de falar sobre Dabria?

— Quando vou conhecê-la? — *E dizer a ela para ficar bem longe de você?*

Patch coçou o rosto, mas eu tive a impressão de que franzia a boca.

— Não sei se é uma boa ideia.

— O que isso significa? Acha que não sei cuidar de mim mesma, não é? Obrigada pelo voto de confiança! — exclamei, irritada com ele e com minha ridícula insegurança.

— Acho que Dabria é narcisista e egomaníaca. Melhor ficar longe dela.

— Talvez devesse seguir o próprio conselho.

Comecei a me virar, mas Patch segurou meu braço e me puxou para perto. Ele pressionou a testa contra a minha. Tentei me afastar, mas ele entrelaçou os dedos nos meus, prendendo-me com eficiência.

— O que tenho que fazer para convencer você de que só estou usando Dabria para uma única coisa: destruir Hank, acabar com ele e fazê-lo pagar por tudo que fez contra a garota que eu amo?

— Não confio em Dabria — disse, ainda me agarrando à minha indignação.

Ele fechou os olhos, e pensei ter ouvido o mais suave dos suspiros.

— Finalmente concordamos em alguma coisa.

— Não acho que devemos nos aproximar dela, mesmo que Dabria possa chegar ao círculo mais próximo de Hank antes de nós dois.

— Se tivéssemos mais tempo ou outra opção, eu também evitaria essa aproximação. Mas, por enquanto, ela é nossa melhor oportunidade. E não vai me desafiar. Ela é esperta demais. Vai pegar o dinheiro que estou oferecendo e se afastar quando tudo terminar, mesmo que seja com o orgulho ferido.

— Não gosto disso. — Aninhei-me nos braços de Patch e, mesmo sendo um sonho, o calor de seu corpo realmente afastou qualquer sensação de frio. — Mas confio em você.

Ele me beijou, um beijo longo e seguro.

— Aconteceu uma coisa estranha esta noite — contei em seguida. — Alguém roubou minha bolsa do provador da Silk Garden.

Patch franziu o cenho.

— Isso aconteceu depois que eu saí?

— Sim, ou imediatamente antes de você chegar.

— Viu quem foi?

— Não, mas a vendedora falou que era um homem com idade suficiente para ser meu pai. Ela o deixou sair levando a bolsa, mas aposto que o ladrão usou algum truque. Acha que é coincidência um imortal ter roubado minha bolsa?

— Não acredito em coincidências. O que Marcie viu?

— Aparentemente nada, embora a loja estivesse vazia. — Lancei um olhar frio e calculista para Patch. — Está pensando que ela pode estar envolvida nisso, não está?

— É difícil acreditar que ela não viu nada. Estou começando a ter certeza de que tudo nesta noite pode ter sido uma armadilha. Quando você entrou no provador, ela pode ter dado um telefonema

para avisar ao ladrão que era hora de agir. Marcie pode ter visto sua bolsa no chão por baixo da cortina, e orientou o furto passo a passo.

— Por que ela ia querer minha bolsa? A menos... — Eu parei. — Ela pode ter pensado que eu carregava o colar que Hank quer — compreendi. — Hank a envolveu nisso. Ela é um fantoche, uma marionete.

Patch não escondia seu ressentimento.

— Hank é bem capaz de colocar a filha em risco para conseguir o que quer. — Ele me encarou. — Ele já provou essa capacidade com você.

— Ainda está convencido de que Marcie não sabe nada sobre quem Hank realmente é?

— Não sabe. Ainda não. Hank pode ter mentido para ela sobre por que precisava do colar. Pode ter dito que o colar é dele, e Marcie não o questionaria. Ela não é do tipo que faz perguntas. Se vê um alvo, transforma-se em um pit bull.

Pit bull. Nem me fale.

— Tem mais uma coisa. Consegui ver o carro do ladrão quando ele fugia. Era um Audi A6.

Pela expressão de Patch, deduzi que a informação tinha algum significado para ele.

— O braço direito de Hank, um nefilim chamado Blakely, tem um Audi.

Um arrepio percorreu minhas costas.

— Estou começando a ficar assustada. É evidente que ele acredita que pode usar o colar para forçar o arcanjo a falar. Mas o que ele quer que ela fale? O que ela sabe de tão importante que Hank precisa tanto descobrir que chega a se arriscar a sofrer a retaliação dos arcanjos?

— E tão perto do Cheshvan — Patch murmurou. Seus olhos foram obscurecidos por uma sombra passageira de distração.

— Podemos tentar tirá-la de lá — sugeri. — Assim, mesmo que Hank consiga pegar o colar, não terá mais um arcanjo.

— Já pensei nisso, mas temos dois grandes problemas. Primeiro, o arcanjo confia menos em mim do que em Hank e, se me vir perto da jaula, vai armar a maior confusão. Segundo, o galpão de Hank está cheio, constantemente ocupado pelos homens dele. Eu precisaria ter um exército de anjos caídos para enfrentá-los, e não seria fácil convencer anjos caídos a me ajudarem a resgatar um arcanjo.

A conversa parecia ter chegado a um impasse, e nós dois contemplamos nossa lista de opções em silêncio.

— O que houve com o outro vestido? — Patch perguntou finalmente. Segui o olhar dele para o vestido de Jessica Rabbit. Eu suspirei antes de responder:

— Marcie decidiu que eu ficaria melhor de vermelho.

— E o que você acha?

— Acho que Marcie e Dabria ficariam amigas instantaneamente.

Patch riu baixo, e o som percorreu minha pele com a força sedutora de um beijo.

— Quer minha opinião?

— Pode ser, todo mundo está se manifestando sobre esse assunto, mesmo.

Ele se sentou na cama e se apoiou sobre os cotovelos com ar descontraído.

— Experimente o vestido.

— Deve ser meio apertado — falei, sentindo-me um pouco constrangida. — Marcie é meio econômica com relação a tamanho.

Ele se limitou a sorrir.

— Tem uma fenda lateral até o meio da coxa.

O sorriso tornou-se mais largo.

Tranquei-me no closet e troquei o pijama pelo vestido. Ele escorregava como líquido sobre minha pele. A fenda lateral expunha minha perna até a metade da coxa. Saí do closet e, segurando o cabelo, pedi a Patch:

— Pode fechar o zíper?

Os olhos dele percorreram meu corpo, tornando-se mais escuros.

— Vai ser difícil pensar em você usando essa roupa para sair com Scott. Só um aviso: se este vestido voltar para casa levemente amassado, vou atrás de Scott e prometo que não vai ser nada legal quando eu encontrá-lo.

— Vou transmitir seu recado.

— Se me disser onde ele está escondido, eu mesmo transmito.

Foi difícil conter o riso.

— Algo me diz que sua mensagem seria muito mais direta.

— Digamos apenas que ele entenderia meu ponto de vista.

Patch segurou meu pulso e me puxou para um beijo, mas havia algo de estranho. Seu rosto tornou-se nebuloso no contorno, como se estivesse se misturando ao cenário. Quando seus lábios encontraram os meus, quase não pude senti-los. Pior, senti que me afastava dele como um pedaço de fita adesiva sendo removido de uma superfície de vidro.

Patch também percebeu e praguejou.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— É o mestiço — ele rosnou.

— Scott?

— Sim. Ele está batendo na janela do seu quarto. Você vai acordar a qualquer momento. É a primeira vez que ele vem fazer uma visita noturna?

Achei que seria mais seguro não responder. Patch estava no meu sonho e não poderia cometer nenhuma imprudência, mas isso não queria dizer que deveria acirrar ainda mais a competição entre eles.

— Vamos terminar isso amanhã — consegui falar antes que o sonho e Patch desaparecessem no fundo da minha memória.

***

O sonho se desmanchou e, como esperado, Scott estava dentro do meu quarto, fechando a janela depois de ter entrado por ela.

— Acorde para brilhar — disse ele.

Soltei um muxoxo.

— Scott, precisa parar com isso. Tenho aula amanhã cedo. Além do mais, estava no meio de um sonho muito bom.

— Comigo? — ele perguntou, sorrindo.

Eu disse apenas:

— Espero que o assunto seja importante.

— Muito importante. Consegui um bico de baixista em uma banda chamada Serpentine. Vamos estrear na Bolsa do Diabo no próximo fim de semana. Os membros da banda têm direito a dois ingressos, e você é uma das felizardas que vai poder assistir ao show de graça. — Com um floreio, Scott colocou os dois ingressos em cima da minha cama.

Despertei na mesma hora.

— Ficou maluco? Não pode tocar em uma banda! Devia estar se escondendo de Hank! Ir ao baile comigo é uma coisa, mas um show... Isso é ir longe demais.

O sorriso desapareceu. Sua expressão se tornou tensa.

— Pensei que ficaria feliz por mim, Grey. Passei os últimos dois meses escondido. Agora estou vivendo em uma caverna e me alimentando de restos, o que fica mais difícil com a aproximação do inverno. Tenho que entrar no mar três vezes por semana para tomar banho, e passo o resto do dia tremendo ao lado do fogo. Não tenho televisão nem celular. Estou isolado. Quer saber a verdade? Estou cansado de me esconder. Viver fugindo não é viver. É como estar morto. — Ele esfregou o anel do Mão Negra, ainda em seu dedo. — Fico feliz por ter me convencido a usar isto de novo. Não me sinto tão vivo há meses. Se Hank tentar alguma coisa, vai ter uma grande surpresa. Meus poderes se intensificaram.

Chutei as cobertas para longe e me levantei para encará-lo.

— Scott. Hank sabe que você está na cidade. Os homens dele estão procurando por você. Tem que ficar escondido até... o Cheshvan, pelo menos. — Improvisei, porque acreditava que o interesse de Hank em Scott desapareceria quando seus planos, quaisquer que fossem eles, estivessem arruinados.

— Sim, tenho dito a mesma coisa a mim, mas e se não for nada disso? — ele comentou em tom ameno. — E se ele me esqueceu, se todo esse sofrimento for em vão?

— Eu *sei* que ele está procurando você.

— Ouviu Hank dizer que está me procurando? — ele perguntou, desafiando-me com calma e naturalidade.

— Mais ou menos. — Considerando seu estado atual, eu não podia revelar a fonte dessa informação. Scott nunca seguiria um conselho de Patch. Além disso, eu teria que explicar como havia feito contato com Patch, que tipo de ligação existia entre nós... — Soube por uma fonte confiável.

Ele balançou a cabeça.

— Está tentando me assustar. Agradeço — disse com cinismo —, mas já tomei minha decisão. Pensei muito, e sei que posso enfrentar tudo que acontecer. Alguns meses de liberdade valem mais que uma vida inteira na prisão.

— Não pode deixar Hank encontrá-lo — insisti. — Se isso acontecer, ele o manterá em uma daquelas prisões reforçadas. E vai torturar você. Precisa ficar escondido, Scott. Só por mais um tempo. Por favor — implorei. — Algumas semanas?

— Esqueça. Vou tocar na Bolsa do Diabo com ou sem você para assistir ao show.

Não conseguia entender a repentina atitude *blasé* de Scott. Até então, ele havia sido meticuloso sobre se manter longe de Hank. Agora punha a cabeça na forca por uma coisa banal como um baile de colégio... e um show?

De repente uma ideia horrível me ocorreu.

— Scott, você disse que o anel do Mão Negra o liga a ele. Acha que esse anel pode estar aproximando vocês dois? Talvez o anel faça mais do que aumentar seus poderes. Talvez seja uma espécie de... farol.

Ele riu com desdém.

— O Mão Negra não vai me pegar.

— Está enganado. E, se insistir nessa atitude, ele o pegará mais depressa do que imagina — avisei em tom delicado, mas firme.

Tentei tocá-lo no braço, mas Scott se esquivou do contato.

Sem dizer mais nada, ele saiu pela janela e a fechou.

CAPÍTULO 25

ERA sexta-feira, e a eleição da realeza para o baile do colégio deveria acontecer na hora do almoço. Eu estava na aula de saúde, vendo os ponteiros do relógio se arrastarem para a hora do sinal. Em vez de me preocupar pensando que centenas de pessoas com quem passaria os próximos dois anos da minha vida morreriam de rir quando vissem meu nome na cédula de votação, o que aconteceria em menos de dez minutos, eu me concentrei em Scott.

Precisava encontrar um jeito de convencê-lo a voltar para a caverna e ficar lá até o fim do Cheshvan e, como medida de segurança, também tinha de persuadi-lo a tirar do dedo o anel do Mão Negra. Se não conseguisse nenhum dos dois, deveria encontrar um meio de contê-lo. Cheguei a pensar em pedir ajuda a Patch. Ele devia conhecer vários lugares adequados para prender um nefilim, mas se incomodaria com Scott? E, mesmo que eu pudesse convencê-lo a colaborar, de que forma eu poderia recuperar a confiança de Scott? Para ele, minha atitude seria uma traição imperdoável. Não conseguiria nem fazê-lo entender que tudo isso era para o bem dele — na noite anterior, Scott havia deixado claro que não dava mais tanto valor à vida. *Estou cansado de me esconder. É como estar morto.*

No meio dos meus pensamentos, o interfone sobre a mesa da srta. Jarbowski tocou. A voz da secretária soou cuidadosamente controlada.

— Srta. Jarbowski? Desculpe-me pela interrupção. Pode mandar Nora Grey à secretaria, por favor? — Havia em seu tom uma nota de compaixão.

A srta. Jarbowski bateu com o pé no chão numa reação de impaciência, aparentemente irritada por ter sido interrompida no meio da frase. Ela apontou para mim.

— Pegue suas coisas, Nora. Acredito que não consiga voltar antes do fim da minha aula.

Enfiei meu livro dentro da mochila e me dirigi à porta, tentando imaginar o que significava tudo aquilo. Só conhecia dois motivos para um aluno ser chamado à secretaria. Por matar aula e por sair antecipadamente sem justificativa. Até onde eu sabia, nenhum dos dois casos se aplicava a mim.

Na secretaria, bati à porta antes de abri-la, e o vi assim que entrei. Hank Millar estava sentado no sofá da sala, os ombros curvados, a expressão taciturna. O queixo descansava sobre a mão fechada e os olhos estavam fixos no nada.

Recuei por instinto, automaticamente, mas ele me viu e se levantou. A profunda compaixão em seu rosto revirou meu estômago.

— O que aconteceu? — perguntei assustada.

Ele evitava me encarar.

— Houve um acidente.

As palavras caíram como pedras dentro de mim. Meu primeiro pensamento foi: por que um acidente envolvendo Hank Millar me interessaria? E por que ele fora ao colégio para me contar?

— Sua mãe caiu da escada. Ela usava sapatos de salto alto e perdeu o equilíbrio. Sofreu uma concussão.

Uma onda de pânico me invadiu. Disse qualquer coisa sem sentido. *Não,* aquilo não podia estar acontecendo. Eu precisava ver minha mãe *naquele momento*. De repente me arrependia de cada palavra ríspida que dissera a ela nas últimas semanas. Meus piores medos vinham de todas as direções. Eu já havia perdido meu pai. Se perdesse minha mãe...

— É grave? — Minha voz era trêmula.

No fundo, eu sabia que não queria chorar na frente de Hank. Uma simples questão de orgulho que deixou de ser importante no momento em que imaginei o rosto de minha mãe. Fechei os olhos para conter as lágrimas.

— Quando saí do hospital, eles ainda não podiam dizer nada. Vim direto para cá buscar você. Já cuidei da autorização de saída —

explicou Hank. — Vou levá-la ao hospital.

Ele segurou a porta aberta e, agindo de forma automática, passei por baixo do braço dele. Senti meus pés me transportando pelo corredor. Do lado de fora, o sol brilhava forte. Eu pensava se me lembraria desse dia para sempre. Se teria motivos para olhar para trás e sentir as mesmas emoções insuportáveis que havia experimentado ao saber da morte de meu pai — confusão, amargura, impotência. *Abandono.* Engasguei, sem conseguir conter um soluço.

Hank abriu a porta do Land Cruiser sem dizer nada. Ele levantou a mão uma vez, como se pretendesse tocar meu ombro num gesto de conforto, mas cerrou os punhos e desistiu.

E foi quando percebi. As coisas pareciam ser convenientes demais. Talvez fosse minha aversão natural a Hank, mas me ocorreu que ele poderia estar mentindo para me fazer entrar no carro.

— Quero ligar para o hospital — falei de repente. — Quero ver se eles já têm alguma informação.

Hank franziu o cenho.

— Estamos indo para lá agora. Em dez minutos vai poder falar pessoalmente com o médico.

— Desculpe se pareço um pouco preocupada, mas é da minha mãe que estamos falando — retruquei com a voz suave, mas com uma inconfundível determinação.

Hank discou um número no telefone dele e passou o aparelho para mim. O sistema eletrônico do hospital atendeu e a voz metálica me pediu para ouvir com atenção e escolher uma das seguintes opções, ou permanecer na linha para falar com um operador. Um minuto mais tarde, ouvi a voz da operadora.

— Pode me informar se Blythe Grey deu entrada aí hoje? — perguntei, evitando o olhar de Hank.

— Sim, há uma Blythe Grey entre nossos pacientes.

Soprei o ar que havia retido no peito. O fato de Hank não ter mentido sobre o acidente não significava que ele era inocente.

Todos esses anos vivendo na mesma casa, e ela nunca havia caído da escada.

— Sou filha dela. Pode me dar alguma informação sobre seu estado?

— Posso deixar um recado para o médico encarregado do caso telefonar para você.

— Obrigada — falei, deixando o número de meu celular.

— Alguma novidade? — Hank perguntou.

— Como sabe que ela caiu da escada? Você estava com ela?

— Havíamos combinado que nos encontraríamos para almoçar. Fui buscá-la em casa e, quando ela não atendeu à porta, entrei para ver o que estava acontecendo. E foi então que a encontrei caída ao pé da escada. — Se ele detectava alguma desconfiança da minha parte, não demonstrava. Hank parecia cansado, e enxugava o suor da testa enquanto afrouxava a gravata. — Se acontecer alguma coisa com ela... — ele deixou a frase no ar, mas não concluiu o pensamento. — Podemos ir?

Entre no carro, ordenou uma voz dentro da minha cabeça. E assim, sem mais nem menos, minha mente se esvaziou de todas as suspeitas. Eu só conseguia pensar em uma coisa: precisava acompanhar Hank.

Havia algo estranho na voz, mas eu não conseguia identificar o que era. Minha mente estava confusa. Todo meu poder de raciocínio parecia ter evaporado, abrindo espaço para uma ordem contínua: *Entre no carro.*

Olhei para Hank, e ele piscou com uma expressão bondosa. Tive o impulso de acusá-lo de alguma coisa, mas pelo que o acusaria? Ele estava ali para ajudar. Gostava de minha mãe...

Obedientemente, entrei no Land Cruiser.

Não sabia por quanto tempo havíamos ficado em silêncio. Meus pensamentos eram um turbilhão, e permaneci nesse estado de perturbação até Hank pigarrear limpando a garganta.

— Quero que você saiba que ela está em boas mãos. Solicitei que o dr. Howlett supervisionasse o atendimento. O dr. Howlett e eu

fomos companheiros de dormitório na Universidade do Maine antes de ele seguir para o Johns Hopkins.

Dr. Howlett. Pensei nesse nome por um momento — e então me ocorreu. Ele era o médico que havia cuidado de mim logo que eu voltara para casa. Quando *Hank* decidira que era hora de me libertar, corrigi-me. E agora eu descobria que Hank e o dr. Howlett eram amigos? O torpor de antes foi rapidamente vencido pela ansiedade. Senti uma rápida e intensa desconfiança pelo dr. Howlett.

Enquanto eu refletia freneticamente sobre a ligação entre os dois homens, um carro parou ao lado do de Hank. Por um momento, não vi nada de errado com a cena — até o automóvel bater no Land Cruiser.

Nosso carro derrapou de lado e se chocou contra a mureta. O atrito das duas superfícies metálicas provocou uma chuva de fagulhas. Mal tive tempo de gritar antes de sermos atingidos mais uma vez. Hank tentou corrigir o curso do veículo, e a parte de trás derrapou violentamente.

— Estão tentando nos tirar da estrada! — Hank gritou. — Ponha o cinto de segurança!

— Quem está tentando? — gritei de volta, afivelando o cinto sem pensar duas vezes.

Hank girou o volante para evitar outra colisão, e o movimento brusco me obrigou a prestar atenção na estrada à nossa frente; ela descrevia uma curva acentuada à esquerda, contornando um abismo profundo. Hank pisou no acelerador, tentando escapar do outro veículo, um El Camino caramelo. O El Camino também aumentou a velocidade, entrando bem na nossa frente. Vi três cabeças pelo vidro de trás e, pelo que pude notar, todas eram de homens.

Uma imagem de Gabe, Dominic e Jeremiah passou por minha cabeça. Era pura especulação, já que eu não conseguia ver o rosto de nenhum deles, mas a mera impressão me fez gritar de pavor.

— Pare o carro! — falei. — É uma armadilha! Volte de ré!

— Eles destruíram meu carro! — Hank respondeu furioso, acelerando ainda mais para alcançá-los.

O El Camino fez a curva cantando pneus, derrapando por cima da linha divisória entre as faixas. Hank foi atrás dele, aproximando-se perigosamente da mureta. O acostamento ali desaparecia, despencando no abismo. De onde estávamos, o espaço era como uma enorme bacia de ar, com Hank correndo como um louco pela beirada. Meu estômago se rebelava, e eu me agarrei ao apoio para braço.

As luzes de freio do El Camino se acenderam.

— Cuidado! — gritei. Apoiei uma das mãos na janela e a outra no ombro de Hank, tentando impedir o inevitável.

Hank virou o volante com força, e o Land Cruiser quase ficou sobre duas rodas. Fui arremessada para a frente, o cinto de segurança apertou meu peito, e minha cabeça se chocou contra a janela. Minha visão ficou turva, e barulhos estridentes pareciam vir de todos os lados sobre mim.

Pensei ter ouvido Hank urrar alguma coisa — *Malditos anjos caídos!* —, mas já estava voando.

Não, voando não. Estava rolando. Muitas e muitas vezes.

Não me lembrava de ter aterrissado, mas, quando minha mente voltou a registrar alguma coisa, eu estava deitada de costas. Não mais dentro do Land Cruiser, mas em outro lugar. Terra. Folhas. Pedras pontiagudas ameaçando perfurar minha pele.

Frio, dor, duro. Frio, dor, duro. Meu cérebro não conseguia ir além dessas três palavras. Eu as via marchando diante dos meus olhos.

— Nora! — Hank gritou, e sua voz soou distante.

Tinha certeza de que meus olhos estavam abertos, mas não conseguia identificar objeto algum. Uma luz brilhante que eu não conseguia ver se estendia de um extremo do meu campo de visão a outro. Tentei me levantar. As ordens que dava aos músculos eram claras, mas havia um lapso em algum ponto da sequência de comandos; não conseguia me mover.

Mãos agarraram meus tornozelos primeiro, depois meus pulsos. Meu corpo deslizou por cima das folhas e da terra, fazendo um barulho estranho. Usei a língua para umedecer os lábios, tentei chamar Hank, mas, quando abri a boca, as palavras erradas brotaram dela.

Frio, dor, duro. Frio, dor, duro.

Queria sair do estupor. *Não!* O grito só ecoou dentro da minha cabeça. *Não, não, não!*

Patch! Socorro! Patch, Patch, Patch!

— Frio, dor, duro — murmurei incoerentemente.

Antes que eu pudesse me corrigir, já era tarde demais. Minha boca foi fechada. E meus olhos também.

***

Mãos fortes me agarraram pelos ombros e me sacudiram.

— Está me ouvindo, Nora? Não tente se levantar. Fique deitada. Vou levar você ao hospital.

Meus olhos se abriram. Havia árvores lá em cima. E a luz do sol passava por entre os galhos, projetando sombras estranhas que alteravam o mundo, indo da luz à escuridão, e voltando pelo mesmo caminho.

Hank Millar se debruçou sobre mim. Seu rosto estava cortado, e havia sangue cobrindo suas faces, a testa e o cabelo. Os lábios dele se moviam, mas era doloroso tentar entender o significado das palavras.

Eu me virei. *Frio, dor, duro.*

***

Acordei em um hospital, em uma cama cercada por cortinas brancas. O espaço era tranquilo, ainda que estranhamente quieto.

Meus pés e dedos formigavam, e minha cabeça parecia ter sido recheada com teias de aranha. *Drogas*, pensei atordoada.

Um rosto diferente surgiu sobre o meu. O dr. Howlett sorriu, mas não o suficiente para mostrar os dentes.

— Sofreu um acidente sério, mocinha. Está com vários hematomas, mas nenhuma fratura. Pedi às enfermeiras para lhe darem um ibuprofeno, e você vai precisar seguir o tratamento por mais algum tempo quando sair daqui. Vai ficar dolorida por alguns dias. Considerando as circunstâncias, acho que devia agradecer por sua sorte.

— Hank? — consegui perguntar, apesar da boca seca.

O médico balançou a cabeça e riu, uma risada que traduzia admiração e espanto.

— Vai odiar saber disso, mas ele não sofreu nenhum arranhão. Parece mentira.

Tentei raciocinar, apesar da confusão mental. Alguma coisa estava errada ali. Minha memória projetou algumas cenas.

— Não, ele sofreu ferimentos. Estava todo ensanguentado.

— Está enganada. Hank chegou sujo de sangue, sim, mas seu, não dele. Você ficou muito ferida, mas ele não sofreu nenhum arranhão.

— Mas eu vi...

— Hank Millar está em perfeitas condições físicas — ele me interrompeu. — E, quando seus pontos cicatrizarem, você também vai estar. Assim que as enfermeiras terminarem seus curativos, você vai ter alta.

Em meio a tudo aquilo, eu soube que tinha bons motivos para entrar em pânico. Havia muitas perguntas, poucas respostas. *Frio, dor, duro. Frio, dor, duro.*

O brilho das luzes de freio. O impacto da batida. O abismo.

— Isto vai ajudar — o dr. Howlett falou, surpreendendo-me com uma picada no braço. O fluido que brotou da agulha inundou minha veia, misturou-se ao sangue, causando apenas um leve ardor inicial.

— Mas eu acabei de recuperar a consciência — protestei, inundada rapidamente por uma agradável exaustão química. — Como posso ter alta? Não me sinto bem.

— Vai se recuperar mais depressa em casa. — Ele sorriu. — Aqui as enfermeiras vão mexer em você a noite toda.

A noite toda?

— Já está anoitecendo? Mas era meio-dia quando Hank... A aula de saúde... Eu não almocei.

— Teve um dia difícil — respondeu dr. Howlett, assentindo com complacência. Apesar do medicamento, eu sentia vontade de gritar. E, por causa dos remédios, apenas um suspiro fraco brotou do meu peito.

Apoiei a mão sobre o estômago.

— Que sensação estranha...

— O exame de ressonância magnética constatou que não há nenhuma hemorragia interna. Descanse nos próximos dias, não faça nenhum esforço e, em pouco tempo, estará bem novamente. — Ele afagou meu ombro com uma mistura de humor e ternura. — Só não posso prometer que terá vontade de entrar em outro carro num futuro próximo.

Em algum lugar no meio da névoa que flutuava em minha cabeça, lembrei-me da minha mãe.

— Hank está com minha mãe? Ela está bem? Posso vê-la? Ela sabe sobre o acidente?

— Sua mãe está se recuperando muito depressa — ele me garantiu. — Continua na UTI e não pode receber nenhuma visita, mas deve ser transferida para o quarto amanhã cedo. Você pode voltar para vê-la se quiser. — Ele se inclinou como se fosse me contar um segredo. — Cá entre nós, não fosse pela proibição e o monitoramento, eu a deixaria ir vê-la agora mesmo. Ela teve uma concussão grave e, apesar de ter perdido a memória nas primeiras horas, considerando o estado em que se encontrava quando Hank a trouxe para cá, tenho certeza de que sua mãe vai se recuperar completamente. — Ele acariciou meu rosto. — A sorte deve ser um traço de família.

— Sorte — repeti de maneira letárgica.

Mas um sentimento alarmante crescia dentro de mim, indicando que a sorte nada tinha a ver com minha recuperação, nem com a de minha mãe.

Nem com os acidentes que sofremos.

CAPÍTULO 26

DEPOIS de receber alta, entrei no elevador e desci até o saguão do hospital. No caminho liguei para Vee. Não tinha carona para voltar para casa, e esperava que ainda fosse cedo o bastante para a mãe de Vee permitir que ela fosse resgatar uma amiga em apuros.

O elevador parou. As portas se abriram, deslizando suavemente. Meu telefone caiu.

— Oi, Nora — Hank me cumprimentou.

Contei até três para recuperar a voz e perguntar:

— Vai subir?

Esperava parecer calma.

— Na verdade, estava procurando você.

— Estou com pressa — falei, abaixando-me para pegar o celular.

— Achei que podia precisar de uma carona para casa. Mandei um funcionário da loja trazer outro carro.

— Obrigada, mas já liguei para uma amiga.

O sorriso dele parecia plastificado.

— Deixe-me ao menos acompanhá-la até a porta.

— Preciso passar no banheiro antes — improvisei. — Por favor, não me espere. De verdade. Estou bem. Tenho certeza de que Marcie aguarda ansiosa por você em casa.

— Sua mãe iria gostar que eu a levasse de volta.

Os olhos dele estavam vermelhos. Sua expressão sugeria cansaço, mas nem por um momento imaginei que os sinais demonstrassem a tensão de um namorado preocupado. O dr. Howlett podia repetir quantas vezes quisesse que Hank havia chegado ao hospital sem nenhum arranhão, mas eu sabia que não era verdade. Ele saíra do ocorrido pior que eu. Pior até do que se podia esperar para o acidente.

Seu rosto me fizera pensar em carne moída e, embora o sangue nefilim houvesse promovido a cicatrização quase instantânea, eu sabia que algo mais havia acontecido com ele depois que eu desmaiara. E sabia disso desde que ele me sacudira para me trazer de volta à consciência, desde que cravara nele meu olhar turvo e desfocado. Hank podia negar até o fim, mas o que eu vira ao abrir os olhos me dera a impressão de que ele havia sido atacado por tigres.

E ele estava tenso e exausto porque havia lutado contra um grupo de anjos caídos. Bem, essa era minha teoria, pelo menos. Pensei em tudo que havia acontecido, e decidi que essa era a única explicação que fazia sentido. *Malditos anjos caídos!* Não foram essas as palavras que Hank dissera com forte ressentimento um instante antes do acidente? Para mim, era evidente que ele não planejara encontrá-los. Então... o que ele *havia* planejado, o que esperava que acontecesse?

Senti algo horrível ganhando força dentro de mim. Um sentimento que, agora eu percebia, pairava no fundo da minha mente desde que Hank aparecera no colégio. E se ele havia *mesmo* planejado todos os acontecimentos daquele dia, se havia montado uma armadilha? Ele teria sido capaz de empurrar minha mãe da escada? O dr. Howlett havia mencionado uma amnésia quando ela dera entrada no hospital, um quadro que Hank poderia ter criado e usado para impedi-la de lembrar a verdade. Depois, ele foi me buscar no colégio... para quê? O que eu não estava enxergando nesse cenário?

— Sinto cheiro de borracha queimada — Hank comentou. — Está pensando muito sobre alguma coisa.

A voz dele me trouxe de volta ao presente. Olhei para Hank desejando poder ler suas intenções por trás daquele olhar. E foi então que percebi que seus olhos estavam igualmente fixos em mim. Intensos, quase como se ele quisesse me colocar em transe.

Se eu havia chegado a alguma conclusão, ou se estava perto disso, tudo desapareceu. Meus pensamentos se embaralharam. De repente, estavam todos fora de ordem, e eu não conseguia me

lembrar o que estava pensando antes. Quanto mais me esforçava, mais as imagens e ideias afundavam no abismo escuro no fundo da mente.

Uma espécie de casulo se formava em torno dos meus pensamentos, envolvendo toda e qualquer capacidade cognitiva, isolando-a, tirando-a do meu alcance. Estava acontecendo tudo de novo. A confusão, a sensação de peso, a incapacidade de controlar meus próprios pensamentos.

— Sua amiga vem buscar você, Nora? — ele perguntou com aquela mesma atenção de antes, sem se abalar ou desviar.

Alguma coisa me dizia que eu não devia contar a verdade. Sabia que devia falar que Vee já estava indo me buscar. Mas que motivo eu tinha para mentir para ele?

— Liguei para Vee, mas ela não atendeu — confessei.

— Vai ser um prazer levá-la para casa, Nora.

Movi a cabeça em sentido afirmativo.

— Sim, obrigada.

Estava confusa, e não conseguia sair dessa nebulosidade. Percorri o corredor caminhando ao lado de Hank, sentindo as mãos frias e trêmulas. Por que eu tremia? Era legal da parte de Hank me dar uma carona. Ele se importava com minha mãe o suficiente para desviar de seu caminho por minha causa... não?

O trajeto de volta foi tranquilo e, quando chegamos em casa, Hank entrou atrás de mim.

Parei ao passar pela porta.

— O que está fazendo?

— Sua mãe ia querer que eu cuidasse de você esta noite.

— Vai passar a noite inteira aqui? — Minhas mãos voltaram a tremer e, apesar da persistente confusão mental, eu sabia que precisava encontrar um jeito de tirá-lo dali. Não era uma boa ideia permitir que ele ficasse para dormir. Mas como forçá-lo a ir embora? Hank era mais forte que eu. E, mesmo que eu pudesse tirá-lo dali, minha mãe dera a ele uma cópia da chave. Ele poderia voltar quando quisesse.

— Está deixando o ar frio entrar — Hank avisou, removendo minhas mãos da porta com delicadeza. — Deixe-me ajudá-la.

Isso mesmo, pensei, sorrindo mentalmente da minha idiotice. Ele queria ajudar.

Hank jogou as chaves dele sobre a bancada e caiu exausto no sofá, apoiando os pés no banquinho. Ele olhou para a almofada a seu lado.

— Quer relaxar assistindo a algum programa na TV?

— Estou cansada — respondi, cruzando os braços para tentar conter o tremor que se espalhava por todo o meu corpo.

— Teve um dia difícil. Dormir pode ser o melhor remédio.

Lutei contra aquela nuvem opressora que sufocava meu cérebro, mas era como se a escuridão densa não tivesse fim.

— Hank? — eu o interpelei — Por que quer ficar aqui esta noite?

Ele riu.

— Você parece assustada, Nora. Seja uma boa menina e vá para a cama. Relaxe, não vou estrangular você enquanto estiver dormindo.

No quarto, empurrei a cômoda para a porta, bloqueando-a. Não sabia por que estava fazendo isso; não tinha motivos para ter medo de Hank. Ele só estava cumprindo uma promessa que havia feito à minha mãe. Queria me proteger. Se ele batesse, era só empurrar a cômoda para o lado e abrir a porta.

Mesmo assim...

Fui para a cama e fechei os olhos. A exaustão castigava meu corpo e, àquela altura, eu tremia violentamente. Pensei que talvez estivesse me resfriando. Quando minha mente começou a pesar, não lutei contra o torpor. Cores e formas dançavam, ganhando e perdendo foco. Pensamentos mergulhavam cada vez mais fundo no inconsciente. Hank estava certo; havia sido um longo dia. Eu precisava dormir.

Só quando me vi de pé na porta do estúdio de Patch comecei a sentir que algo não estava certo. A névoa se dissipara. Compreendi

que Hank me induzira à obediência usando um de seus truques. Abri a porta da casa de Patch e entrei chamando por ele.

Encontrei-o na cozinha, sentado em um dos bancos diante do balcão. Patch só precisou olhar para mim para saltar do banco e correr na minha direção.

— Nora? Como chegou aqui? Ah, você está na minha cabeça — ele anunciou surpreso. — Está *sonhando*? — Seus olhos estudavam meu rosto, em busca de uma resposta.

— Não sei. Acho que sim. Fui para a casa com uma necessidade desesperada de falar com você... e vim parar aqui. Você está dormindo?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Estou acordado, mas você dominou meus pensamentos. Não sei como fez isso. Apenas um nefilim poderoso ou um anjo caído poderia fazer algo desse tipo.

— Algo terrível aconteceu. — Joguei-me em seus braços, tentando diminuir os tremores convulsivos. — Primeiro minha mãe caiu da escada e, quando íamos para o hospital visitá-la, Hank e eu fomos atacados. Um carro se chocou contra o nosso. Antes de perder a consciência, tive a impressão de ouvir Hank falar alguma coisa sobre haver anjos caídos no outro automóvel. Mais tarde, quando tive alta do hospital, Hank me levou para casa, e eu pedi a ele para ir embora, mas ele insiste em ficar!

Os olhos de Patch transbordavam ansiedade.

— Devagar. Hank está sozinho com você? Na sua casa?

Fiz que sim com a cabeça.

— Acorde. Estou indo para aí.

***

Quinze minutos mais tarde, ouvi as batidas suaves à porta do meu quarto. Empurrei a cômoda para o lado para liberar a passagem,

abri a porta e vi Patch parado do outro lado. Agarrei as mãos dele e o puxei para dentro.

— Hank está lá embaixo assistindo à televisão — cochichei.

Hank estava certo; dormir me fizera muito bem. Além de promover o sonho que me levara a Patch, eu havia recuperado pelo menos uma parte do fluxo normal de pensamento, o suficiente para me deixar ver o que eu não conseguira antes: Hank me havia induzido à submissão por meio de um truque de mente. Eu o deixara me levar para casa sem reclamar e o deixara entrar na minha casa, ficar à vontade, e tudo porque tinha acreditado que ele queria me proteger. Nada poderia estar mais distante da realidade.

Patch fechou a porta do quarto com um leve chute.

— Entrei pelo sótão. — Ele me analisou da cabeça aos pés. — Você está bem? — Seu dedo tocou o curativo que cobria um pequeno ferimento no alto da minha testa, perto da raiz do cabelo, e eu vi a raiva incendiar seus olhos.

— Hank me manteve sob uma espécie de hipnose durante toda a noite.

— Conte tudo que aconteceu. Comece pelo acidente de sua mãe.

Respirei fundo e contei toda a história.

— Como era o carro dos anjos caídos? — Patch perguntou.

— Era um El Camino. Caramelo.

Ele coçou o queixo com ar pensativo.

— Acha que era Gabe? Não é o automóvel que ele costuma usar, mas isso não significa muita coisa.

— Havia três deles no carro. Não consegui ver o rosto de nenhum. Podiam ser Gabe, Dominic e Jeremiah.

— Ou quaisquer outros anjos caídos querendo capturar Hank. Com o desaparecimento de Rixon, há uma recompensa por sua captura. Ele é o Mão Negra, o mais poderoso nefilim vivo, e muitos anjos caídos o querem como vassalo pela popularidade dessa conquista. Por quanto tempo ficou inconsciente antes de Hank levá-la para o hospital?

— Não sei. Alguns minutos, acho. Quando recuperei a consciência, Hank estava coberto de sangue e parecia exausto. Quase não conseguiu me carregar até o carro. Duvido que todos aqueles ferimentos tenham sido resultado do acidente. Acho mais provável que ele tenha sido coagido a jurar lealdade.

Uma expressão selvagem alterou momentaneamente os traços de Patch.

— Isso acaba aqui. Quero você fora dessa história toda. Sei que está determinada a acabar com Hank, mas não posso correr o risco de perder você. — Ele andou pelo quarto sem disfarçar a inquietação. — Deixe-me cuidar disso por você. Vou fazer Hank pagar por tudo que fez.

— Essa luta não é sua, Patch — respondi em voz baixa.

Seus olhos queimavam com uma intensidade que eu nunca tinha visto antes.

— Você é minha, Anjo, e não se esqueça disso. Suas lutas são minhas lutas. E se tivesse acontecido algo grave hoje? Foi horrível *pensar* que seu fantasma me assombrava; acho que não vou conseguir suportar a experiência real.

Aproximei-me pelas suas costas e passei os braços por baixo dos dele.

— Podia ter acontecido algo muito ruim e grave, mas não aconteceu — falei com doçura. — Mesmo que fosse Gabe, é evidente que ele não conseguiu o que queria.

— Esqueça Gabe! Hank planejou alguma coisa para você e sua mãe. Vamos nos concentrar nisso. Quero que se esconda, entendeu? Se não quiser ficar na minha casa, tudo bem. Vamos encontrar outro lugar. Mas você vai ficar nesse esconderijo até Hank estar morto, enterrado e apodrecendo.

— Não posso sair daqui. Se eu desaparecer, Hank vai suspeitar imediatamente de alguma coisa. Além do mais, não posso fazer minha mãe passar por isso de novo. Se eu desaparecer agora, ela vai desmoronar. Olhe para ela! Não é mais a mesma pessoa de antes, de três meses atrás. Talvez, em parte, isso tenha sido resultado dos truques de Hank, mas preciso encarar os fatos, tenho

que reconhecer que meu desaparecimento a enfraqueceu de um jeito tal que ela provavelmente nunca vai se recuperar por inteiro. Mamãe passa o tempo todo apavorada. Para ela, segurança é algo que não existe. Não mais.

— Mais uma obra de Hank — Patch me informou sem rodeios.

— Não posso controlar o que Hank fez, mas tenho o domínio sobre o que faço agora. Não vou desaparecer. E você tem razão, não vou me esconder e deixar você se encarregar sozinho de acabar com Hank. Quero que me prometa agora, Patch: aconteça o que acontecer, não vai me enganar. Prometa que não vai agir pelas minhas costas, não vai destruí-lo sem que eu saiba, mesmo que acredite sinceramente que tudo isso vai ser melhor para mim.

— Ah, ele não vai cair sem fazer barulho — Patch respondeu em um tom ameaçador.

— Prometa, Patch.

Ele me fitou em silêncio por um bom tempo. Nós dois sabíamos que Patch era mais rápido e mais habilidoso para lutar, e também mais implacável e frio. No passado, muitas vezes ele havia aparecido para me salvar, mas essa era uma ocasião — *a ocasião* — em que a luta era minha, só minha.

Finalmente, e com grande relutância, ele disse:

— Não vou ficar olhando enquanto você o enfrenta sozinha, mas também não vou matá-lo sem avisar primeiro. Antes de pôr as mãos nele, vou me certificar de que é isso que você quer.

Patch estava de costas para mim, mas pressionei o rosto contra o ombro dele numa carícia terna.

— Obrigada.

— Se alguma vez for atacada de novo, seu alvo deve ser as cicatrizes das asas do anjo caído.

Não entendi de imediato, mas ele continuou:

— Bata com um taco de beisebol, ou enfie uma estaca na cicatriz. Use o que tiver à mão, não importa a arma. A cicatriz deixada no lugar onde antes existiam as asas é nosso calcanhar de aquiles. Não sentimos dor, mas uma pancada nessa região nos paralisa. Dependendo do dano causado, é possível nos imobilizar

por várias horas. Quando enfiei aquela barra de ferro nas cicatrizes de Gabe, ele deve ter ficado fora de combate por cerca de oito horas, pelo menos.

— Vou me lembrar disso — falei. — Patch?

— Hum? — A resposta soou seca.

— Não quero brigar. — Deslizei um dedo por suas costas, sentindo os músculos tensos e a rigidez causada pela indignação, pela frustração e por um misto de outras emoções igualmente potentes. — Hank já tirou minha mãe de mim, e não quero que leve você também. Consegue entender por que sinto que tenho que ser a responsável pelo fim dele? Por que não posso deixar você lutar por mim, mesmo sabendo que você é muito melhor que eu nesse departamento?

Ele inspirou profundamente e soltou o ar bem devagar. Senti que a tensão diminuía um pouco, dissolvendo alguns nós em seu corpo.

— Só há uma coisa de que ainda tenho certeza. — Ele se virou, e seus olhos estavam escuros. — Sei que faria qualquer coisa por você, mesmo que para isso tivesse que agir contra meus instintos e minha natureza. Abriria mão de tudo que tenho, até da minha alma, por você. Se isso não é amor, é o melhor que tenho para oferecer.

Eu não sabia o que dizer; nada parecia adequado. Por isso segurei seu rosto entre as mãos e beijei seus lábios.

Devagar, a boca de Patch se moldou à minha. A pressão gerou uma resposta imediata, um arrepio que se espalhou por minha pele. Eu não queria que ele ficasse zangado. Queria que confiasse em mim como eu confiava nele.

— Anjo — Patch murmurou sem afastar completamente sua boca da minha. Depois ele levantou a cabeça para me encarar, julgando e analisando o que eu queria dele.

Incapaz de suportar a proximidade sem o toque, segurei sua nuca e o puxei para mais um beijo. Dessa vez o beijo foi mais intenso, ganhando profundidade à medida que suas mãos deslizavam por meu corpo, espalhando arrepios como correntes elétricas sob a pele.

Um dedo abriu um botão do meu cardigã. Depois dois, três, quatro. O casaco escorregou de cima dos meus ombros, e eu fiquei apenas com a blusa fina que usava por baixo. Ele a levantou, acariciando minha barriga com o polegar. Minha respiração agora estava entrecortada, meio ofegante.

Um sorriso provocante dançava em seus olhos enquanto concentrava sua atenção em pontos mais altos, os lábios descendo até meu pescoço, e beijando cada centímetro de pele. Sua barba por fazer me arranhava, causando uma ardência prazerosa.

Ele me deitou sobre a cama, acomodando-me sobre os travesseiros.

Agora Patch estava inclinado sobre mim, e de repente passei a senti-lo em todos os lugares; um joelho prendia minha perna, seus lábios passeavam, provocando sensações variadas, envolventes. Uma das mãos estava em minhas costas, me segurando com firmeza, e eu enterrei os dedos nas costas dele, agarrando-me ao corpo musculoso como se soltá-lo significasse perder parte de mim.

— Nora?

Olhei para a porta — e gritei.

Hank preenchia o espaço da soleira, um braço apoiado ao batente. Seus olhos estudavam meu quarto com uma expressão curiosa, interessada.

— O que está fazendo? — berrei revoltada.

Ele não respondeu. Seus olhos ainda varriam cada recanto do meu quarto.

Eu não sabia onde estava Patch; era como se ele houvesse sentido a presença de Hank um instante antes de a porta se abrir. Podia estar bem próximo a mim, escondido. Bem perto de ser descoberto.

— Saia! — exigi enquanto me levantava da cama com um salto vigoroso. — Não posso fazer nada com relação à cópia da chave de casa, porque minha mãe decidiu que você devia tê-la, mas aqui é o limite. *Nunca mais* se atreva a entrar no meu quarto.

Ele olhava para as portas do closet, que estavam entreabertas.

— Pensei ter ouvido alguma coisa.

— Ah, é mesmo? Puxa, adivinhe! Sou uma pessoa viva, respiro, ando, me movimento e às vezes faço barulho!

Com isso, bati a porta na cara dele e me apoiei nela. Podia sentir meu coração martelando a madeira. Ouvi Hank hesitar do outro lado por um momento, tentando determinar, mais uma vez, o que o compelira a vir bisbilhotar no meu quarto.

Finalmente, ele se afastou pelo corredor. Hank me assustara tanto que eu estava chorando. Limpei as lágrimas rapidamente, revendo em pensamento cada palavra e cada expressão daquele rosto detestável, tentando encontrar alguma indicação de que ele sabia da presença de Patch em meu quarto.

Esperei cinco minutos, cinco longos e terríveis minutos, antes de abrir a porta. Só uma fresta bem pequena. O corredor do outro lado estava vazio. Olhei para dentro do quarto.

— Patch? — sussurrei.

Mas eu estava sozinha.

***

Não voltei a ver Patch até adormecer. Então, sonhei que caminhava por um campo de grama muito alta que raspava no meu quadril quando eu passava. À minha frente havia uma árvore estéril, retorcida e deformada. Patch estava encostado ao tronco, com as mãos nos bolsos. Ele usava roupas pretas, que contrastavam intensamente com a brancura leitosa do campo.

Corri a seu encontro. Ele nos envolveu com sua jaqueta de couro, mais para promover intimidade do que para aquecer.

— Quero ficar com você esta noite — falei. — Tenho medo de Hank tentar alguma coisa.

— Não deixarei você ou Hank longe do alcance dos meus olhos, Anjo — ele respondeu em um tom possessivo.

— Acha que ele sabe que você estava no meu quarto?

O suspiro agitado de Patch era baixo, quase impossível de ouvir.

— Uma coisa é certa: ele sentiu alguma coisa. Deixei uma impressão forte o bastante para ele decidir investigar. Estou começando a desconfiar que Hank talvez seja mais poderoso do que eu pensava. Seus homens são treinados e organizados de maneira impecável. Ele conseguiu prender e manter em cativeiro um arcanjo. E agora é capaz de sentir minha presença através de várias paredes. A única explicação que consigo encontrar para isso é o uso de artes do mal. Ele encontrou um jeito de canalizar seu poder, ou fez algum tipo de pacto. Seja como for, Hank está invocando os poderes do inferno.

Eu estremeci.

— Está me assustando. Aquela noite, depois do Bloody Mary's, os dois nefilins que me perseguiram mencionaram isso. Mas eles disseram que Hank afirmava que era um mito.

— Talvez ele não queira que ninguém saiba o que está tramando. O fato de usar artes do mal pode explicar por que se considera capaz de derrotar os anjos caídos antes do Cheshvan. Não sou nenhum perito no assunto, mas considero plausível que esse tipo de poder seja usado para combater um juramento, mesmo que seja um juramento divino. Ele pode estar contando com a chance de quebrar milhares de juramentos que os nefilins fizeram aos anjos caídos ao longo de séculos.

— Resumindo, você não acredita que as artes do mal sejam só um mito.

— Já fui um arcanjo — ele me lembrou. — Não cheguei a lidar diretamente com isso, mas sei que existe. A maioria de nós sabia apenas que ela se originava no inferno, e o restante era especulação. Artes do mal são uma prática proibida fora do inferno, e os arcanjos deviam cuidar para que essa regra fosse cumprida. — Havia na voz dele uma nota de frustração.

— Talvez eles não saibam de nada. Talvez Hank tenha encontrado um meio de esconder deles tudo que está fazendo. Ou está usando seu poder em pequenas doses, de forma que ele não seja percebido.

— É uma ideia otimista — Patch falou com uma risada breve e fria, totalmente destituída de humor. — Ele pode estar usando as artes do mal para rearranjar as moléculas no ar, o que explica por que tenho tanta dificuldade para rastreá-lo. Durante todo esse tempo desde que comecei a espioná-lo, fiz um grande esforço para não perdê-lo de vista, tentando deduzir como ele está usando as informações que passo para ele. Não é fácil, considerando que ele se movimenta como um fantasma. Hank não deixa os rastros que deveria deixar. Talvez esteja usando artes do mal para modificar a própria matéria. Não tenho ideia de quanto tempo faz que ele usa esses poderes, ou de quanto se aprimorou nesse campo.

Nós dois ficamos em silêncio, considerando essa possibilidade. Rearranjo da matéria? Se Hank era capaz de manipular os componentes básicos do nosso mundo, o que mais ele era capaz de fazer?

Depois de um momento, Patch enfiou os dedos sob a gola da camisa, exibindo uma corrente simples. A corrente era de prata e estava meio escurecida.

— No verão passado entreguei a você meu colar de arcanjo. Você me devolveu o colar, mas agora quero que fique com ele de novo. Não funciona mais para mim. Mas ainda pode ser útil.

— Hank faria *qualquer coisa* para ter seu colar — protestei, empurrando as mãos dele para longe de mim. — Fique com ele. Precisa escondê-lo. Não podemos deixar Hank encontrá-lo.

— Se Hank puser meu colar no arcanjo, ela não vai ter opção. Vai ser obrigada a contar a ele a verdade. E vai dar a ele todas as informações verdadeiras sem nenhuma modificação, sem exigir nada em troca. Você tem razão. Mas o colar também vai registrar o encontro, vai gravá-lo para sempre. Mais cedo ou mais tarde, Hank vai acabar pondo as mãos em um colar. Melhor que seja o meu.

— Espere... gravar?

— Quero que encontre um jeito de dar o colar a Marcie — ele me orientou enquanto punha a corrente em meu pescoço. — Não pode ser nada óbvio. Ela precisa acreditar que o roubou de você. Hank a

interrogará, e ela precisa acreditar que foi mais esperta que você. Acha que consegue fazer o que estou pedindo?

Dei um passo para trás e estudei seu rosto com ar precavido.

— O que está planejando?

O sorriso de Patch estava pálido.

— Eu não chamaria isso de plano. Acho que é mais uma tentativa de arremesso de três pontos um segundo antes de o cronômetro zerar.

Pensei com grande cuidado no que ele estava me pedindo.

— Posso convidar Marcie para ir me visitar — sugeri finalmente. — Vou dizer a ela que preciso de ajuda para escolher os acessórios para usar com o vestido do baile. Se ela está mesmo cooperando com Hank nessa busca do colar de arcanjo, e se acha que o colar está comigo, vai aproveitar o convite para ter acesso a meu quarto. Não me agrada a ideia de deixá-la bisbilhotar as minhas coisas, mas eu aguento. — Fiz uma pausa significativa. — Mas, antes, quero saber *exatamente* por que vou fazer tudo isso.

— Hank precisa fazer o arcanjo falar. E nós também precisamos dessas informações. Temos que encontrar um meio de fazer com que os arcanjos no céu recebam a informação de que Hank está praticando artes do mal. Sou um anjo caído, eles não vão me ouvir. Mas, se Hank tocar meu colar, vai ficar gravado nele. E se está mesmo usando bruxaria, o colar também vai gravar isso. Minha palavra não tem nenhuma importância para os arcanjos, mas uma evidência como essa não vai ser ignorada. Só precisamos fazer o colar chegar às mãos deles.

Eu ainda tinha minhas dúvidas.

— E se não funcionar? E se Hank conseguir as informações de que precisa, e nós ficarmos sem nada?

Ele concordou com um breve movimento de cabeça.

— O que acha que posso fazer, então? Em vez de usar o colar?

Pensei um pouco, mas não encontrei nenhuma alternativa para o plano. Patch estava certo. Não tínhamos tempo. Nem opções. Era uma situação desconfortável, mas algo me dizia que ele passara toda a existência tirando máximo proveito de situações de risco. Se

eu tinha mesmo de me envolver nessa aposta, não podia pensar em companhia melhor.

CAPÍTULO 27

ERA noite de sexta-feira, uma semana mais tarde, e minha mãe e Hank estavam na sala de estar, encolhidos no sofá com uma tigela de pipoca. Eu preferi ficar no quarto. Prometera a Patch que manteria a calma quando tivesse de conviver com Hank.

Hank vinha sendo uma pessoa encantadora nos últimos dias, o que me enfurecia além do que conseguia descrever. Ele fora buscar minha mãe no hospital e a levara para casa, e aparecia todas as noites pontualmente na hora do jantar com alguma refeição pronta, chegando ao extremo de ter limpado as calhas de nossa casa. Eu não era tola, não baixava a guarda, mas estava ficando maluca, sem entender qual era sua intenção. Ele estava planejando alguma coisa, mas... *o quê*?

Ouvi a risada de minha mãe na sala, e isso quase me fez perder a cabeça. Mandei uma mensagem para o celular de Vee.

E AÍ? Ela respondeu um momento depois.

TENHO 2 INGRESSOS PARA VER SERPENTINE, QUER IR?

SERPEN O QUÊ?

BANDA NOVA DE UM AMIGO DA FAMÍLIA. O SHOW É HOJE, expliquei.

PASSO AÍ PRA PEGAR VC EM 20 MIN.

Exatamente vinte minutos mais tarde, Vee parou o carro na entrada da garagem da minha casa. Desci as escadas correndo, esperando chegar à porta antes de precisar suportar a tortura de ouvir mamãe namorando Hank no sofá. Eu já havia percebido que ele era do tipo que aprecia beijos barulhentos e molhados.

— Nora? — minha mãe me chamou da sala. — Aonde você vai?

— Vou sair com Vee. Volto às onze! — Antes que ela pudesse vetar, saí correndo e me joguei dentro do Dodge Neon 1995 roxo, o carro de Vee. — Vamos, vamos, vamos! — ordenei aflita.

Vee, que teria um futuro brilhante como motorista de carro de fuga, caso a faculdade não rendesse os frutos esperados, assumiu a responsabilidade por minha escapada e saiu de ré pelo portão de casa, fazendo barulho suficiente para assustar os pássaros que tentavam descansar nos galhos de uma árvore próxima.

***

— De quem era o Avalon na sua garagem? — ela perguntou enquanto corríamos pela cidade. Vee conseguira escapar de três multas por excesso de velocidade desde que tirara a carteira, sempre contando histórias dramáticas aos guardas que a paravam, e agora estava convencida de que, com relação às leis de trânsito, era invencível.

— É da loja de Hank.

— Soube por Michelle Van Tassel, que soube por Lexi Hawkins, que soube por nossa boa amiga Marcie, que Hank está oferecendo uma generosa recompensa para quem der informações que levem à prisão dos malucos que jogaram vocês para fora da estrada.

Boa sorte para ele.

Mas eu não falei nada. Não queria que Vee percebesse que havia algo errado nessa história. Sabia que, por ela ser minha melhor amiga, eu devia lhe contar tudo, começando pelo fato de Hank ter apagado a minha memória. Mas... *como*? Como explicar coisas que nem eu conseguia entender direito? Como fazê-la acreditar em um mundo que mais parecia um pesadelo, se eu não tinha nada para provar sua existência, além da minha palavra?

— Quanto Hank está oferecendo? — perguntei. — Talvez o valor me estimule a lembrar alguma coisa importante.

— Para que se incomodar? Pegue o cartão de crédito dele, em vez disso. Duvido que ele perceba algumas centenas de dólares a menos na fatura. E, se ele descobrisse, jamais a denunciaria à polícia. Isso arruinaria toda e qualquer chance de Hank com sua mãe.

Como se fosse tão simples, pensei, mantendo um sorriso gelado nos lábios. Como se Hank correspondesse à aparência que exibe ao mundo.

Havia um pequeno estacionamento atrás da Bolsa do Diabo, e Vee percorreu todo o lugar cinco vezes sem encontrar uma vaga. Ela foi ampliando a área de busca, um quarteirão de cada vez. Finalmente, conseguiu parar o carro, em parte sobre a calçada, mas a vaga perpendicular deixava quase metade do Neon na rua.

Vee desceu para analisar a situação e deu de ombros.

— Mereço cinco pontos pela criatividade — decidiu.

Fomos a pé até o local do show.

— Então, quem é esse amigo da família? — Vee perguntou. — É homem? Gato? Solteiro?

— Sim para a primeira pergunta, provavelmente para a segunda, e acho que sim para a terceira. Quer que eu os apresente?

— Não, obrigada. Só queria saber se devo ficar mesmo atenta. Não confio mais nos garotos, mas meu radar do receio não funciona bem quando o garoto em questão é bonitinho.

Eu ri, tentando imaginar uma versão fofa e arrumadinha de Scott.

— Scott Parnell não é exatamente bonitinho.

— Ei, espere aí! O que é isso? Não havia contado que o amigo da família é Scottie, o Gostosão.

Queria explicar a Vee que estava fazendo o possível para não divulgar a aparição pública de Scott naquela noite, que Hank não podia nem sonhar com isso, mas eu disse apenas um inocente:

— Ah, devo ter esquecido.

— Scottie tem um *corpo* difícil de esquecer. Isso você tem que reconhecer.

Ela estava certa. Scott não era fortão, mas era musculoso e proporcional. Na verdade, ele tinha o físico de um atleta. Não fosse pela expressão sempre fechada, quase carrancuda, ele atrairia multidões de garotas. Talvez até mesmo Vee, que dizia detestar todos os homens.

Contornamos uma esquina e avistamos a Bolsa do Diabo. O galpão de quatro andares não tinha charme nenhum com suas janelas cobertas por filme escuro. De um lado, havia uma loja de penhores, do outro, uma sapataria que eu desconfiava ser só a fachada de um próspero negócio de falsificação de documentos de identidade. Sério, quem ainda trocava solas de sapato?

— Não vão nos impedir de entrar por sermos menores? — perguntou Vee.

— Hoje não. Não vão vender bebidas alcoólicas no bar, já que metade da banda também é menor de idade. Scott me disse que só precisamos dos ingressos para entrar.

Entramos na fila e, cinco minutos depois, passamos pela porta. O espaçoso interior consistia de um palco de um lado e um bar do outro. Havia bancos perto do balcão do bar e mesas perto do palco. O público era até razoável, e mais gente entrava a cada minuto. Comecei a sentir certa ansiedade por Scott. Tentei identificar nefilins na plateia, mas não era experiente o bastante para confiar na excelência do meu trabalho. Não que tivesse algum motivo para acreditar que a Bolsa do Diabo fosse ponto de encontro de não humanos, especialmente daqueles leais a Hank. Eu só seguia a máxima de que cautela nunca é demais.

Vee e eu fomos direto ao bar.

— Vão beber alguma coisa? — perguntou a garçonete, uma ruiva que não economizava no delineador nem nos piercings.

— Um suicídio — Vee respondeu. — Sabe como é? Tudo misturado no mesmo copo?

Olhei para ela e balancei a cabeça.

— Quantos anos nós temos?

— A infância passa depressa. Trate de aproveitar.

— Cherry Coke — pedi.

Vee e eu pegamos nossos refrigerantes e nos sentamos para esperar o show. Uma loura magra com cabelo desgrenhado — muito sexy — se aproximou rebolando. Ela apoiou os cotovelos sobre o balcão e olhou para mim de relance. O vestido comprido era a mais perfeita tradução do estilo hippie chique. Com exceção do

batom vermelho, ela não usava maquiagem, o que chamava atenção para os lábios carnudos. Com os olhos fixos no palco, ela falou:

— Nunca vi vocês por aqui. Primeira vez?

— Por que quer saber? — Vee retrucou.

Ela riu e, apesar de sua risada ser suave e radiante, o som me causou um arrepio que eriçou meus pelos da nuca.

— Estudantes? — ela deduziu.

Vee a encarou impaciente.

— Talvez sim, talvez não. E você é...?

A loura sorriu.

— Dabria. — Seus olhos mergulharam nos meus. — Ouvi falar sobre sua amnésia. Uma pena!

Quase engasguei com o refrigerante.

Vee continuou:

— Tenho a impressão de que já vi você em algum lugar, mas não reconheço seu nome. — Ela a encarou como se tentasse se lembrar.

Dabria olhou para Vee por um instante e, sem mais nem menos, toda sua desconfiança desapareceu, deixando no lugar uma expressão tranquila e desinteressada.

— Nunca vi você antes, tenho certeza. É a primeira vez que nos encontramos — Vee falou em tom monótono.

Olhei séria para Dabria.

— Podemos conversar? A sós?

— Pensei que não fosse perguntar — ela respondeu despreocupada.

Abri caminho pelo corredor que levava aos banheiros. Quando nos afastamos da área onde estava reunido o público, encarei Dabria.

— Primeiro, pare de usar seus truques com minha melhor amiga. Segundo, o que está fazendo aqui? E terceiro, você é muito mais bonita do que Patch deu a entender. — Provavelmente, não precisava ter feito esse último comentário, mas agora, que estava

sozinha com Dabria, não queria perder tempo com rodeios. Melhor ir direto ao assunto.

Ela sorriu satisfeita e arrogante.

— E você é bem mais sem graça do que eu me lembrava.

De repente lamentei não ter vestido algo mais sofisticado que jeans modelo *boyfriend*, camiseta com estampa gráfica e chapéu estilo militar.

— Só para esclarecer as coisas, ele não pensa mais em você.

Dabria examinou as unhas antes de olhar para mim de um jeito ressentido, quase ameaçador.

— Pena não poder dizer o mesmo de mim.

*Eu avisei!, p*ensei, como se estivesse falando irritada com Patch.

— Amor não correspondido é ruim, mesmo — respondi secamente.

— Ele veio? — Dabria se virou na direção do público.

— Não, e tenho certeza de que você já sabia disso, já que o persegue sem trégua.

Um brilho malicioso se acendeu em seus olhos.

— Ah, ele percebeu?

— Teria sido difícil não notar alguém cujo principal objetivo de vida é se jogar em cima dele.

A boca carnuda se distendeu num desenho mais duro, determinado.

— Para sua informação, se não fosse pela minha pena que Jev mantém guardada dentro da calça, eu não pensaria duas vezes antes de arrastar você até o meio da rua e empurrá-la para baixo de um carro em alta velocidade. Jev até poderia estar aqui nesse momento, se fosse por você, mas eu não teria sossego. Ele fez inimigos ao longo dos anos, e muitos deles adorariam ter o prazer de acorrentá-lo no inferno. Ninguém trata as pessoas como ele as trata e dorme com os dois olhos fechados — Dabria falou, e havia na voz dela um aviso direto. — Se ele quiser continuar na Terra, é melhor não se distrair com uma... — seus olhos estudaram meu

corpo — menininha infantil. Ele precisa de um aliado. Alguém que possa protegê-lo e ser útil para ele.

— E você acha que é a pessoa ideal para ocupar esse posto?

— Acho que você devia procurar sua turma. Jev não gosta de ficar preso. Basta olhar para você para saber que vai ter trabalho demais com ele.

— Ele mudou. Não é mais aquele que você conheceu.

A gargalhada ecoou pelas paredes.

— Não consigo decidir se sua ingenuidade é adorável ou se devo enfiar bom senso na sua cabeça à força. Jev nunca vai mudar, e ele não a ama. Só está usando você para pegar o Mão Negra. Sabe qual é o valor oferecido pela cabeça de Hank Millar? *Milhões*. Jev quer esse dinheiro. Ele quer tanto quanto qualquer anjo caído, talvez mais, porque vai poder usá-lo para se livrar dos inimigos, e eles são muitos, acredite em mim. Jev saiu na frente nessa corrida pela recompensa porque tem você, a herdeira do Mão Negra. Você pode se aproximar de Hank de um jeito com que nenhum anjo caído ousaria sequer sonhar.

— Não acredito em você — respondi sem me abalar.

— Eu sei que você quer o Mão Negra, docinho. Como sei que quer ser a responsável pela destruição de Hank Millar. Não é tarefa fácil, considerando que ele é um nefilim, mas vamos fingir que seja possível. Acha mesmo que Jev vai deixar você tomar a frente dele, se pode entregar o Mão Negra para as pessoas certas e receber dez milhões de dólares por isso? Pense bem.

Sem esperar pela resposta, Dabria se virou e voltou para o meio do público.

Quando voltei ao bar, Vee comentou:

— Não sei o que você acha, mas não gostei daquela garota. Ela está disputando com Marcie o primeiro lugar no meu medidor de cretinas arrogantes.

Ela é pior, pensei mal-humorada. *Muito pior.*

— Falando em instinto, ainda não decidi o que sinto por esse Romeu em particular — Vee continuou, ajeitando-se no banco para enxergar melhor.

Segui a direção dos olhos dela e descobri que ela se referia a Scott.

Mais alto que a maioria das pessoas ali presentes, ele acenou para nós. O cabelo castanho com reflexos dourados envolvia a cabeça como uma touca e, usando jeans rasgado e camiseta justa, ele era a imagem perfeita do baixista de uma banda em ascensão.

— Você veio — ele me disse sorrindo, e eu soube imediatamente que sua satisfação era sincera.

— Não perderia o show por nada — respondi, tentando sufocar o desconforto que sentia por Scott estar se expondo daquela maneira, em vez de continuar escondido por mais um tempo. Notei que ele não havia tirado do dedo o anel do Mão Negra. — Scott, esta é minha melhor amiga, Vee Sky. Não sei se já foram oficialmente apresentados.

Vee apertou a mão de Scott e disse:

— Fico feliz por ver que pelo menos uma pessoa neste lugar é mais alta que eu.

— Herdei a estatura da família do meu pai — Scott explicou sem se prolongar. Depois, ele olhou para mim. — Sobre o baile, vou mandar a limusine buscá-la na sua casa amanhã, às nove da noite. O motorista a levará ao baile, e eu a encontrarei lá. Devo providenciar flores ou algum acessório especial para você? Tinha me esquecido completamente disso...

— Vocês vão juntos ao baile? — Vee perguntou surpresa, apontando para nós dois sem esconder o espanto.

Havia me esquecido de contar. Não era fácil pensar em tantas coisas ao mesmo tempo.

— Sim, vamos juntos. Como amigos — expliquei. — Se quiser ir também, será ainda mais divertido.

— Seria ótimo, mas agora não tenho mais tempo para comprar um vestido — respondeu ela, desanimada.

Eu pensei rápido.

— Podemos ir ao Silk Garden amanhã cedo. É claro que ainda há tempo. Lembra-se daquele vestido roxo de que você gostou no manequim? O de paetês?

Scott apontou para o palco.

— Preciso me preparar. Se puderem ficar mais um pouco depois do show, encontrem-me atrás do palco e eu levarei vocês duas para conhecer os bastidores.

Vee e eu nos entreolhamos, e eu compreendi que Scott havia subido muito em sua avaliação. Ao mesmo tempo, pensei que já ficaria muito feliz se ele sobrevivesse para nos levar para conhecer os bastidores.

Olhei em volta tentando identificar algum sinal de Hank, seus homens, ou qualquer outra ameaça igualmente problemática.

A Serpentine subiu ao palco para passar o som. Scott se juntou ao grupo e pegou o baixo, atravessando a tira de couro nos ombros. Ele tocou algumas notas, segurando a palheta com os dentes e movendo a cabeça no ritmo que ele mesmo produzia. Olhei para o lado e notei que Vee batia o pé para acompanhar a banda.

Dei um tapinha no ombro dela.

— Tem alguma coisa para me contar? — perguntei a ela.

Vee conteve um sorriso.

— Ele é legal.

— Pensei que estivesse em dieta de desintoxicação. Nada de garotos.

Ela me deu um tapa mais forte de volta.

— Não seja chata.

— Só quero esclarecer os fatos.

— Se começasse a sair com ele, Scott poderia escrever músicas para mim, essas coisas. Reconheça, nada é mais sexy que um garoto que compõe músicas.

— Hum-hum — concordei.

— É isso mesmo.

Uma equipe da Bolsa do Diabo estava no palco ajudando a ajustar os microfones e amplificadores. Um dos funcionários estava ajoelhado no chão, prendendo fios elétricos com pedaços de fita isolante para evitar acidentes. Quando ele parou para limpar o suor da testa, meus olhos foram atraídos por seu braço, e tive um

lampejo de reconhecimento tão forte que quase perdi o equilíbrio. Havia três palavras tatuadas em seu antebraço. FRIO. DOR. DURO.

Eu não conhecia o significado da combinação daquelas palavras, mas sabia que já as vira antes. Duas cortinas se abriram, expondo minha memória pelo tempo necessário para eu me lembrar de ter me deparado com aquela tatuagem logo depois de ter sido jogada para fora do Land Cruiser de Hank. FRIO. DOR. DURO. Não havia me lembrado antes, mas agora tinha certeza. O homem em cima do palco estivera lá. Logo depois do acidente. Ele agarrara meus pulsos quando eu mergulhara no poço escuro da inconsciência, arrastando meu corpo pelo chão. Devia ser um dos anjos caídos a bordo do El Camino.

Quando cheguei a essa assustadora conclusão, o anjo caído se levantou, limpou as mãos e pulou do palco, caminhando pela plateia. Ele conversou rapidamente com algumas pessoas, enquanto se dirigia ao fundo do bar. De repente, ele se virou para o mesmo corredor onde eu e Dabria havíamos conversado.

Cochichei no ouvido de Vee:

— Vou ao banheiro. Volto logo. Guarde meu lugar.

Passei por vários grupos reunidos perto do bar e segui o anjo caído. Ele estava no fim do corredor, levemente inclinado para a frente. Quando mudou de posição e exibiu o perfil, notei que havia um cigarro aceso entre seus lábios. Soprando uma nuvem de fumaça, o anjo abriu uma porta e saiu.

Dei a ele alguns segundos de folga, depois abri a porta e olhei para fora. Havia vários fumantes no beco, mas, com exceção de um ou outro olhar desinteressado, ninguém percebeu minha presença. Eu saí, tentando localizar o anjo caído. Ele estava alguns passos distante da porta, caminhando para a rua. Talvez quisesse fumar sozinho, mas eu tinha a sensação de que estava mesmo indo embora.

Estudei minhas opções. Podia voltar correndo para dentro do bar e pedir a ajuda de Vee, mas não queria correr o risco de envolvê-la naquilo. Não enquanto pudesse evitar. Também podia pedir a ajuda de Patch, mas, se ficar esperando por sua chegada, correria o risco

de deixar o anjo caído escapar. Ou podia seguir o conselho de Patch e imobilizar o anjo caído, tirar vantagem das cicatrizes de suas asas, e *depois* pedir ajuda.

Decidi chamar Patch e torcer para que ele se apressasse. Combinamos que telefonemas e mensagens de texto seriam exclusivos apenas a emergências, porque não queríamos que nenhuma evidência indesejada facilitasse a vida de Hank. Bem, se isso não era uma emergência, eu não sabia o que era.

BECO ATRÁS DA BOLSA DO DIABO, digitei depressa. VI O ANJO CAÍDO DO ACIDENTE DE CARRO. VOU MIRAR NA CICATRIZ DAS ASAS.

Encontrei uma pá para remover neve apoiada no batente da porta dos fundos da sapataria, e a peguei sem pensar. Não tinha um plano, mas, se queria mesmo imobilizar o anjo caído, iria precisar de uma arma. Mantendo uma distância razoável para não despertar suspeitas nem perdê-lo de vista, fui atrás dele até o fim do beco. Ele continuou andando pela rua, jogou o cigarro no chão e digitou um número em seu telefone celular.

Escondida nas sombras, ouvi parte do que ele falava.

— Terminei o trabalho. Ele está aqui. Sim, tenho certeza de que é ele.

Ele desligou e coçou a nuca. O suspiro que escapou de seu peito era um sinal de conflito. Ou resignação, talvez.

Tirando proveito de sua contemplação silenciosa, eu me aproximei e o acertei com um golpe violento de pá. Ela se chocou contra as costas do anjo com mais força do que eu jamais imaginara possuir, exatamente onde as cicatrizes dele deveriam estar.

O anjo caído cambaleou para a frente e caiu de joelhos.

Bati nele com a pá novamente, dessa vez com mais confiança. Depois bati a terceira vez, a quarta, a quinta. Sabia que não poderia matá-lo, por isso mirei também na cabeça dele.

O anjo perdeu o equilíbrio e caiu.

Eu o empurrei com a ponta do pé, mas ele estava inconsciente.

Ouvi passos apressados atrás de mim e me virei, ainda segurando a pá. Patch surgiu da escuridão, correndo ofegante. Ele olhou para mim, depois para o anjo caído.

— Eu... consegui — falei, ainda em choque por ter sido tão fácil.

Patch tirou a pá das minhas mãos com gentileza e a deixou de lado. Um sorriso pálido marcava seus lábios.

— Anjo, esse homem não é um anjo caído.

Eu pisquei.

— O quê?

Patch se abaixou ao lado dele, segurou sua camisa com as duas mãos e rasgou o tecido. Olhei para as costas musculosas e lisas. E não vi nenhuma cicatriz de asa.

— Eu tinha certeza — murmurei. — Pensei que fosse ele. Reconheci a tatuagem...

Patch olhou para mim.

— Ele é um nefilim.

Nefilim? Eu havia derrubado um *nefilim*?

Patch virou o corpo inerte e desabotoou a camisa do nefilim, inspecionando seu peito. Ao mesmo tempo, nós dois reconhecemos a marca logo abaixo da clavícula. O punho fechado já se tornara familiar.

— A marca do Mão Negra — falei atônita. — Os homens que nos atacaram naquele dia e nos jogaram para fora da estrada eram homens de *Hank*?

O que isso significava? E como Hank podia ter cometido um erro de julgamento tão grave? Ele mesmo dissera que eram anjos caídos. Parecia tão certo disso...

— Tem certeza de que esse era um dos homens que estavam no El Camino? — perguntou Patch.

Fiquei furiosa quando percebi que tinha sido enganada.

— Ah, eu tenho certeza.

CAPÍTULO 28

HANK orquestrou o acidente de carro — falei em voz baixa. — Minha primeira impressão foi de que o acidente havia atrapalhado seus planos naquele momento, mas nem sequer fora um acidente. Ele mandou seus homens atacarem o carro em que viajávamos, e me fez acreditar que os agressores eram anjos caídos. E eu fui idiota o bastante para me deixar enganar!

Patch arrastou o corpo do nefilim para trás de uma cerca de arbustos bem altos, escondendo-o de quem passasse pela rua.

— Assim não vai chamar atenção antes de acordar — ele explicou. — Sabe se ele conseguiu ver você?

— Não. Eu o peguei de surpresa — respondi distraída. — Mas *por que* Hank precisava destruir o próprio carro? Tudo isso parece tão inútil. Foi perda total, com certeza, e ele se feriu também... Não entendo.

— Não quero que saia do alcance dos meus olhos até desvendarmos essa história — Patch avisou. — Entre e diga a Vee que não precisa de carona para casa. Pego você na porta da frente em cinco minutos.

Massageei meus braços com vigor, porque estava com frio e arrepiada.

— Venha comigo. Não quero ficar sozinha. E se houver mais homens de Hank lá dentro?

Patch deixou escapar uma risada que não expressava humor.

— Se Vee souber que estamos juntos, as coisas vão ficar complicadas. Diga que encontrou carona para casa, e que vai telefonar para ela mais tarde. Vou ficar perto da porta. Não vou perder você de vista nem por um segundo.

— Ela não vai acreditar nessa história. Vee está muito mais desconfiada agora. — Pensei em uma solução viável. — Vou com

ela. Assim que Vee for embora, encontro você na rua de trás da minha casa. Hank está lá, então não se aproxime além do necessário.

Ele me deu um beijo rápido e tenso.

— Tome cuidado.

Dentro da Bolsa do Diabo a plateia parecia agitada e insatisfeita. Pessoas jogavam bolinhas de guardanapo e canudos de plástico no palco. Um grupo na área mais afastada da porta começou a gritar:

— Serpentine é uma droga! Serpentine é uma droga!

Eu me aproximei de Vee abrindo caminho com os cotovelos.

— O que está acontecendo?

— Scott desistiu. Simplesmente foi embora. A banda não pode tocar sem ele.

Um horrível pressentimento oprimiu meu peito.

— Foi embora? Por quê?

— Eu teria perguntado, se conseguisse alcançá-lo, mas ele pulou do palco de repente e saiu correndo, passou pela porta e desapareceu. No início todo mundo pensou que fosse uma brincadeira.

— Acho melhor sairmos daqui — eu disse a Vee. — Essa situação tem tudo para piorar.

— Concordo — Vee respondeu, já se levantando do banco e me seguindo até a porta.

Em casa, Vee parou o carro na entrada da garagem.

— O que acha que deu em Scott? — ela me perguntou.

Pensei em mentir, mas estava cansada de fazer esse jogo com Vee.

— Acho que ele está com problemas — contei.

— Que tipo de problema?

— Bem, ele... fez algumas besteiras e incomodou as pessoas erradas.

Vee parecia perplexa... depois cética.

— Pessoas erradas? Que tipo de pessoas erradas?

— Pessoas muito más, Vee.

Ela não precisou ouvir mais nada. Determinada, engatou a ré.

— Nesse caso, o que estamos fazendo aqui? — perguntou. — Scott precisa da nossa ajuda.

— Não podemos ajudá-lo. As pessoas que o estão procurando não têm escrúpulos e não pensariam duas vezes antes de nos atacar. Mas conheço alguém que pode ajudar e, com um pouco de sorte, ele vai conseguir levar Scott para fora da cidade ainda esta noite, para um lugar seguro.

— Scott precisa *sair da cidade*?

— Aqui ele não está seguro. Tenho certeza de que os homens que o estão procurando esperam que ele tente sair da cidade, mas Patch vai ajudar a despistá-los e...

— Espere aí! Pare! Está dizendo que *aquele* maluco vai ajudar Scott? — A voz de Vee soou alta, estridente, e ela me olhou com ar de acusação. — Sua mãe sabe que está envolvida com ele de novo? Já pensou que talvez, *talvez*, devesse ter me contado isso antes? Estive mentindo sobre ele esse tempo todo, fingindo que ele nunca existiu, e enquanto isso você o encontrava sem me contar nada?

Ouvir a confissão e constatar que não havia nenhum traço de remorso em sua voz ou conduta me fez perder a cabeça.

— Ah, finalmente decidiu abrir o jogo sobre Patch?

— Abrir o jogo? *Abrir o jogo?* Menti porque, ao contrário daquele cretino imprestável, eu me importo com o que acontece com você. Ele é maluco! Desde que ele apareceu, sua vida nunca mais foi a mesma. E, já que estamos sendo sinceras, a minha vida também mudou muito. Prefiro enfrentar um bando de condenados pela justiça a dar de cara com Patch em uma rua deserta. Ele sabe como se aproveitar das pessoas, e tenho a impressão de que está recorrendo aos velhos truques novamente.

Abri a boca para falar, mas estava tão perturbada que não conseguia organizar os pensamentos.

— Se o visse como eu o vejo...

— Se algum dia *isso* acontecer, pode ter certeza de que vou arrancar meus olhos!

Tentei manter a calma. Zangada ou não, eu era capaz de ser racional.

— Você mentiu, Vee. Olhou nos meus olhos e mentiu. Podia esperar isso da minha mãe, mas nunca de você. — Abri a porta do carro. — Como ia se explicar quando eu recuperasse a memória? — perguntei de repente.

— Eu esperava que você não recuperasse a memória. — Vee levantou as mãos. — Pronto. Falei. Você estava melhor sem suas lembranças, sem lembrar daquele show de horrores. Não consegue pensar direito quando ele está por perto. É como se enxergasse apenas um por cento dele, a parte que talvez seja boa, e não visse os outros noventa e nove por cento de pura maldade psicopata!

Agora eu estava boquiaberta.

— Mais alguma coisa? — disparei.

— Não, nada. Isso resume de forma bem adequada o que penso sobre esse assunto.

Saí do carro e bati a porta.

Vee abriu a janela e pôs a cabeça para fora.

— Quando recuperar a razão e o bom senso, tem meu telefone! — gritou.

Depois pisou no acelerador, saiu de ré e desapareceu na escuridão.

Fiquei parada na frente de casa, tentando recuperar a calma. Pensei nas respostas vagas que Vee me dera quando eu saíra do hospital sem nenhuma lembrança, completamente confusa, e tive medo de explodir. Eu havia confiado nela. Contara com ela para me dizer o que eu não conseguia lembrar por conta própria. Pior de tudo, ela havia colaborado com minha mãe. As duas usaram minha amnésia para empurrar a verdade para ainda mais longe de mim. Por causa delas, eu havia levado todo esse tempo para encontrar Patch.

Estava tão agitada que quase esqueci que havia combinado com Patch de encontrá-lo na rua de trás. Contendo a raiva, dei a volta no quarteirão, mantendo os olhos bem atentos a qualquer sinal dele. Quando vi sua silhueta tomar forma lentamente nas sombras diante

de mim, o pior daquela sensação de traição já havia desaparecido, mas ainda não me sentia preparada para ligar para Vee e perdoá-la.

Patch me esperava montado sobre uma Harley-Davidson Sportster *vintage,* preta. Senti algo mudar no ar à minha volta quando o vi; alguma coisa perigosa e provocante vibrava como um cabo de alta tensão. Parei. Meu coração parou de bater por um instante, quase como se ele o tivesse nas mãos, como se o comandasse à sua maneira secreta, sombria. Eu acreditava naquilo. Banhado pela luz da lua, Patch parecia um criminoso.

Ele me entregou um capacete quando me aproximei da moto.

— Onde está o Tahoe? — perguntei.

— Tive que me desfazer dele. Muitas pessoas sabiam que aquele carro era meu. Inclusive os homens de Hank. Estacionei-o em um terreno abandonado longe da cidade, e agora um sem-teto chamado Chambers está morando nele.

Apesar do meu nervosismo, joguei a cabeça para trás e ri.

Patch levantou as sobrancelhas numa pergunta silenciosa.

— Depois dessa noite, eu estava precisando disso.

Ele me beijou e em seguida prendeu a tira do capacete embaixo do meu queixo.

— Bom saber que pude ajudar. Suba, Anjo. Vou levar você para casa.

***

Apesar de ficar bem abaixo do nível do solo, o estúdio de Patch estava aquecido quando chegamos. Parei para pensar se os canos de vapor que corriam sob o Delphic ajudavam a manter o lugar quente. Havia também uma lareira, que Patch acendeu prontamente. Ele pegou meu casaco e o guardou no armário perto da entrada.

— Está com fome? — perguntou.

Foi minha vez de erguer as sobrancelhas.

— Comprou comida? Para mim? — Patch havia me contado que os anjos não sentiam sabor e não precisavam se alimentar, o que tornava as compras de supermercado totalmente desnecessárias.

— Tem uma loja de produtos orgânicos bem perto da rampa de saída da autoestrada. Não consigo me lembrar da última vez que comprei comida. — Ele sorriu. — Talvez tenha exagerado.

Entrei na cozinha de superfícies reluzentes de aço inoxidável, balcões de granito preto e armários de nogueira. Muito masculina, muito elegante. Primeiro conferi o que havia na geladeira. De um lado, garrafas de água, rúcula e espinafre, cogumelos, gengibre, queijos gorgonzola e feta, pasta de amendoim natural e leite. Do outro lado, salsinhas, frios, Coca-Cola, potinhos de pudim de chocolate e chantilly em lata. Tentei imaginar Patch empurrando um carrinho de compras pelo corredor de um supermercado, pegando tudo que queria. Era difícil não rir.

Peguei um pote de pudim e ofereci outro a Patch, mas ele recusou com a cabeça. Depois se sentou em um dos bancos junto ao balcão de granito, apoiando o cotovelo na superfície brilhante, com ar de contemplação.

— Consegue se lembrar de alguma coisa do acidente? Algo que tenha acontecido antes de você desmaiar?

Encontrei uma colher na gaveta e comecei a comer o pudim.

— Não. — Franzi o cenho. — Mas algumas coisas podem ser importantes. Por exemplo, o acidente aconteceu antes do almoço. Tive a impressão de que não havia ficado inconsciente por mais do que alguns minutos, mas, quando acordei no hospital, estava escurecendo. Isso significa que passei seis horas desmaiada... Então, o que aconteceu nesse período? Eu estava com Hank? Estava no hospital, inconsciente e monitorada por enfermeiras?

Vi um brilho inquietante nos olhos de Patch.

— Sei que não vai gostar disso, mas, se pudéssemos aproximar Dabria de Hank, ela conseguiria ler alguma coisa. Dabria não consegue ver o passado de Hank, mas, se ela ainda tiver pelo menos uma parte de seus poderes e puder enxergar seu futuro, talvez tenhamos pistas do que ele pretende fazer. Não sei o que o

futuro reserva para Hank, mas sei que o futuro depende do passado. O problema é que não será fácil levar Dabria para perto dele. Hank tem sido cauteloso. Quando sai, há sempre duas dúzias de seus homens formando uma barreira impenetrável em torno dele. Mesmo quando está na sua casa, seus homens estão do lado de fora, guardando as portas, andando pelo terreno, patrulhando a rua.

Isso era novidade para mim, e só servia para me fazer sentir ainda mais violada.

— Por falar em Dabria, ela estava na Bolsa do Diabo esta noite — contei, tentando adotar um ar desinteressado. — E foi educada o bastante para se apresentar.

Observei Patch com atenção. Não sabia ao certo o que estava esperando. Era uma dessas coisas que eu reconheceria quando visse. Para sorte dele, e minha frustração, Patch não demonstrou nenhum sinal de emoção ou interesse.

— Ela disse que há uma recompensa pela cabeça de Hank — continuei. — Dez milhões de dólares para o anjo caído que conseguir capturá-lo e entregá-lo. Dabria falou que existem pessoas que preferem não ver Hank no comando de uma rebelião nefilim e, embora ela não tenha revelado nenhuma informação mais específica, acho que consigo imaginar os detalhes sozinha. Não ficaria surpresa se houvesse por aí alguns nefilins que não querem Hank no poder. Nefilins que preferem vê-lo preso, fora de circulação. — Parei para dar ênfase ao que ia dizer em seguida. — Nefilins que planejam um golpe de estado.

— Dez milhões, sim, deve ser isso mesmo. — Mais uma vez, nenhuma demonstração de sentimento verdadeiro, nenhuma reação.

— Vai me trair por dinheiro, Patch?

Por um momento, ele ficou em silêncio, e, quando falou, suas palavras vibraram com desprezo contido.

— Percebe que é isso que Dabria quer, não é? Ela foi atrás de você esta noite com um propósito: plantar na sua cabeça a ideia de que eu quero trair sua confiança. Ela disse que perdi toda minha fortuna no jogo e que os dez milhões são uma tentação grande

demais para mim? Não. Estou vendo pela sua cara que não foi isso. Talvez tenha dito que tenho mulheres em todos os cantos do mundo, e que pretendo usar o dinheiro para mantê-las presas a mim. Provocar ciúme combina mais com ela, por isso aposto que, se ainda não acertei em cheio, estou chegando perto.

Levantei o queixo com arrogância, a fim de disfarçar minha insegurança.

— Ela disse que você tem muitos inimigos e está planejando usar o dinheiro para se livrar deles.

Patch gargalhou.

— Tenho muitos inimigos. Não vou negar, porque isso é verdade. Mas eu poderia me livrar de todos com dez milhões? Talvez sim, talvez não. Mas isso não vem ao caso. Há séculos me mantenho um passo à frente dos meus inimigos, e pretendo continuar assim. A cabeça de Hank em uma bandeja significa mais para mim do que um pagamento em dinheiro e, quando soube que você queria a mesma coisa que eu, isso só serviu para aumentar ainda mais minha determinação de encontrar um jeito de acabar com ele. Nefilim ou não, Hank vai morrer.

Eu não sabia o que dizer. Patch estava certo — Hank não merecia passar o resto da vida preso em algum lugar distante, isolado. Ele havia destruído minha vida e minha família, e qualquer coisa menos que a morte seria uma punição branda demais.

Patch levou o dedo aos lábios, indicando que eu devia ficar em silêncio. Um momento depois ouvimos uma batida brusca à porta.

Nós nos entreolhamos, e Patch falou comigo em pensamento. *Não estou esperando ninguém. Vá para o quarto e feche a porta.*

Balancei a cabeça para indicar que havia entendido. Movendo-me sem fazer barulho, atravessei o estúdio e fui me trancar no quarto dele. Através da porta, ouvi quando Patch riu. Suas palavras soaram frias, ameaçadoras.

— O que faz aqui?

— É uma hora ruim? — retrucou uma voz abafada. Uma voz feminina e estranhamente familiar.

— É você quem está dizendo, não eu.

— É importante.

Alarme e raiva se misturaram em meu peito quando a identidade da visitante ficou clara. Dabria havia aparecido sem avisar.

— Tenho algo para você — ela disse com voz mansa demais, sugestiva.

Aposto que tem, pensei com cinismo. Fiquei tentada a sair do quarto e recebê-la calorosamente, mas me contive. Era bem provável que ela se dispusesse a falar mais se não soubesse que eu estava ouvindo a conversa. Entre o orgulho e a chance de conseguir informações, decidi ficar quieta e continuar escutando.

— Tivemos sorte. O Mão Negra me procurou hoje, no início da noite — Dabria continuou. — Queria me encontrar, me ofereceu um bom dinheiro e eu concordei.

— Ele queria que você lesse o futuro dele — Patch afirmou.

— Pela segunda vez em dois dias. Estamos lidando com um nefilim muito precavido. *Precavido*. Mas não mais cuidadoso, como era no passado. Agora ele comete pequenos deslizes. Dessa vez não levou guarda-costas. Disse que não queria que ouvissem nossa conversa. E me pediu para ler seu futuro pela segunda vez, para ter certeza de que as duas versões coincidiam. Fingi que não estava ofendida, mas você sabe que detesto que duvidem de mim.

— O que disse a ele?

— Normalmente, minhas visões são conhecidas apenas por mim e pelo cliente, mas talvez eu aceite fazer um acordo com você — ela avisou, e agora seu tom assumia uma nota melosa, como num flerte. — O que tem para me oferecer?

— O que você quer?

— Um cachê, talvez?

— Quanto? — perguntou Patch.

— Quem dá o preço primeiro sempre sai perdendo. Foi você quem me ensinou, lembra?

Quase pude imaginar Patch revirando os olhos.

— Dez mil.

— Quinze.

— Doze, e não abuse da sorte.

— É sempre divertido negociar com você, Jev. Como nos velhos tempos. Formávamos uma grande dupla.

Foi minha vez de revirar os olhos.

— Comece a falar — Patch pediu.

— Eu vi a morte de Hank, e disse isso a ele. Não pude dar detalhes, mas avisei que em breve haveria um nefilim a menos no mundo. Estou começando a considerar "imortal" um rótulo não muito preciso. Primeiro Chauncey, agora Hank.

— A reação dele? — foi tudo o que Patch conseguiu dizer.

— Não reagiu. Foi embora sem dizer nada.

— Mais alguma coisa?

— Você deve saber que ele tem um colar de arcanjo. Pude sentir o colar com ele.

Será que Marcie havia conseguido roubar o colar de Patch que estava comigo? Eu a convidara para ir me ajudar a escolher os acessórios para usar com o vestido vermelho, mas, por alguma razão desconhecida, ela não aceitara o convite. É claro, não duvido que Hank tenha dado a ela sua cópia da chave da minha casa e mandado Marcie ir ao meu quarto revistar tudo enquanto eu estava fora.

— Conhece algum antigo arcanjo que tenha perdido o colar? — Dabria perguntou em tom especulativo.

— Transfiro o dinheiro para você amanhã — Patch respondeu sem se alterar.

— O que Hank quer com o colar? Quando ele estava saindo, ouvi dizer ao motorista para levá-lo ao depósito. O que tem nesse depósito? — Dabria pressionou.

— Você é a vidente. — Agora Patch parecia estar se divertindo, debochando dela.

A risada de Dabria reverberou pelo estúdio.

— Talvez eu deva olhar o *seu* futuro. Quem sabe não vai cruzar o meu?

Isso me fez tomar uma decisão repentina. Abri a porta do quarto e saí sorridente.

— Olá, Dabria. Que ótima surpresa!

Ela se virou, e vi o ultraje brilhando em seus olhos.

Levantei os braços lentamente e me espreguicei.

— Estava cochilando, mas acordei com o agradável som da sua voz.

Patch sorriu.

— Acho que já conhece minha namorada, Dabria.

— Ah, sim, já nos conhecemos — falei animada. — Felizmente, sobrevivi para contar sobre aquele encontro.

Dabria abriu a boca, mas a fechou sem falar nada. Seu rosto estava ruborizado.

— Parece que Hank encontrou um colar de arcanjo — Patch me contou.

— Engraçado como aquilo funcionou.

— Agora devemos descobrir o que ele planeja fazer com o colar — ele continuou.

— Vou pegar meu casaco.

— Você vai ficar aqui, Anjo — Patch me avisou com um tom que não me agradou. Não era comum ele demonstrar o que sentia com tanta transparência, mas era fácil perceber a mistura de firmeza e... preocupação.

— Vai tentar descobrir sozinho?

— Primeiro, Hank não pode nos ver juntos. Segundo, não gosto da ideia de deixar você se envolver em uma situação que pode se complicar muito e rapidamente. Se precisa de mais uma razão, eu amo você. Não conheço bem esse terreno, mas preciso saber que, no final da noite, você estará em casa me esperando.

Eu pisquei. Patch nunca havia falado comigo com esse tipo de afeto. Mas eu não podia simplesmente deixar o assunto morrer.

— Você prometeu — lembrei.

— E vou cumprir a promessa — ele respondeu, já vestindo a jaqueta de motoqueiro. Depois se aproximou e inclinou a cabeça na

minha direção.

Nem pense em passar por aquela porta, Anjo. Voltarei assim que puder. Não posso deixar Hank pôr o colar no arcanjo sem ouvir o que ele quer saber. Lá fora, você é alvo fácil. Ele já conseguiu uma coisa que desejava, não podemos permitir que conquiste outra. Vamos encerrar tudo isso de uma vez por todas.

— Prometa que vai ficar aqui, onde sei que você está segura — ele falou em voz alta. — Se não prometer, mandarei Dabria ficar aqui vigiando seus passos. — Ele levantou as sobrancelhas como se me perguntasse *O que prefere?*

Dabria e eu nos olhamos, e nenhuma das duas expressava satisfação.

— Volte depressa — pedi.

CAPÍTULO 29

ANDEI pelo estúdio tentando me convencer a não sair correndo atrás de Patch. Ele me prometera — *prometera* — que não acabaria com Hank sozinho. Essa luta era tão minha quanto dele, mais minha, aliás, e considerando todas as maneiras pelas quais Hank me fizera sofrer, eu tinha o direito de participar de sua punição. Patch dissera que encontraria um meio de matar Hank, e eu queria ser a responsável por mandá-lo para a outra vida, onde os crimes que ele cometera nesta fossem assombrá-lo por toda eternidade.

A dúvida invadia meus pensamentos. *Dabria estava certa. Patch precisa do dinheiro. Ele vai entregar Hank às pessoas certas, vai me dar uma parte da recompensa, e vai considerar o assunto encerrado.* Entre pedir permissão ou pedir perdão, Patch sempre escolhia a segunda opção — ele mesmo confirmara.

Apoiei as mãos no encosto do sofá de Patch, respirando profundamente para tentar me acalmar, o tempo todo imaginando diversas maneiras de torturá-lo se ele voltasse sem Hank — vivo!

Meu celular tocou, e corri para pegá-lo na bolsa.

— Onde você está?

A voz soou ofegante, assustada.

— Eles estão atrás de mim, Grey. Eu os vi na Bolsa do Diabo. Os homens de Hank. Eu fugi.

— Scott! — Não era a voz que eu esperava ouvir, mas era importante da mesma maneira. Por isso repeti a pergunta: — Onde você está?

— Não quero falar pelo telefone. Preciso sair da cidade. Fui à rodoviária, mas os homens de Hank estavam lá. Ele os espalhou por todos os lugares. Tem amigos na polícia, e acho que entregou minha foto aos policiais que o apoiam. Dois deles me seguiram dentro de um supermercado, mas consegui fugir pela porta dos

fundos. Tive que deixar o Charger para trás. Estou a pé. Preciso de dinheiro, o máximo que puder conseguir, tinta de cabelo e roupas novas. Se puder me emprestar o Volkswagen, vai me ajudar muito. Devolvo tudo assim que puder. Pode me encontrar em trinta minutos no meu esconderijo?

O que eu poderia dizer? Patch me obrigara a prometer que eu ficaria ali, na casa dele. Mas eu não podia ficar sentada sem fazer nada, enquanto o tempo de Scott chegava ao fim. Hank estava ocupado no depósito. Não havia oportunidade ou momento melhor para tentar tirar Scott da cidade. *Pedir perdão depois, sem dúvida.*

— Encontro você lá em meia hora — disse a Scott.

— Lembra como chegar lá?

— Sim. — Mais ou menos.

Desliguei o celular e comecei a correr pelo estúdio de Patch abrindo e fechando gavetas, pegando tudo que eu acreditava ser útil para Scott. Jeans, camisetas, meias, sapatos. Patch era alguns centímetros mais baixo que Scott, mas as roupas teriam de servir.

Quando abri o antigo armário de mogno, minha busca perdeu o caráter frenético, desesperado. Permaneci parada onde estava, absorvendo a imagem diante dos meus olhos. O guarda-roupa de Patch era organizado de maneira impecável, com calças de algodão dobradas nas prateleiras, camisas sociais penduradas em cabides de madeira. Ele possuía três ternos: um preto com lapelas estreitas, um risca de giz clássico e um cinza-grafite com costura jacquard. Uma lata pequena continha lenços de seda e, em uma gaveta, vi várias fileiras de gravatas de seda de cores variadas, do vermelho ao preto, passando pelo roxo. Havia sapatos de vários modelos, desde tênis pretos de corrida a mocassins italianos — e até um par de chinelos de borracha. Pairava no ar cheiro de cedro. Não era o que eu esperava encontrar. Não mesmo. O Patch que eu conhecia vestia jeans, camisetas, e usava boné. Algum dia eu veria *esse* lado de Patch? Eu me perguntava se havia um fim para as inúmeras facetas de Patch. Quanto mais eu pensava que o conhecia, mais o mistério se aprofundava. Com essas dúvidas na cabeça, perguntei a

mim mesma mais uma vez se acreditava que Patch me trairia esta noite.

Não queria acreditar nisso, mas a verdade era que eu estava em dúvida.

No banheiro, peguei lâmina e creme de barbear e um sabonete e joguei tudo dentro de uma mochila. Depois peguei um chapéu, luvas e um Ray-Ban de lentes espelhadas. Nas gavetas da cozinha encontrei várias identidades falsas e dinheiro, mais de quinhentos dólares. Patch não iria ficar feliz quando descobrisse que o dinheiro fora parar nas mãos de Scott, mas, considerando as circunstâncias, meu ato de Robin Hood era justificável.

Eu não estava de carro, mas a caverna onde Scott se escondia não podia estar a mais de três quilômetros do parque de diversões Delphic, e eu estava acostumada a correr. E foi o que fiz. Segui pelo acostamento da estrada, puxando sobre a cabeça o capuz do moletom que pegara emprestado de Patch. Os carros saíam do parque numa fila contínua. Estava quase na hora de fechar. Alguns motoristas buzinaram, mas eu consegui não chamar muita atenção.

Quando as luzes em torno do parque foram ficando para trás e a pista começou a descrever a curva que terminava na autoestrada, pulei a mureta e continuei correndo na direção da praia. Aliviada por ter me lembrado de pegar uma lanterna, direcionei o raio de luz para as rochas escarpadas e comecei a parte mais difícil do trajeto.

Pelos meus cálculos, vinte minutos se passaram. Depois trinta. Eu não sabia onde estava; a paisagem da praia havia mudado pouco, e o oceano, negro e brilhante, se estendia até o infinito. Não me atrevia a chamar o nome de Scott. Sentia um medo horrível de que os homens de Hank o houvessem rastreado de alguma forma, mas, de vez em quando, eu parava para mover o facho de luz da lanterna pela praia, tentando transmitir a Scott minha localização.

Dez minutos mais tarde, ouvi um estranho pio de pássaro no alto das rochas. Parei para ouvir. O mesmo barulho se repetiu, dessa vez mais alto. Virei a luz da lanterna na direção do som e, um momento depois, Scott sussurrou:

— Apague a luz!

Escalei as pedras com a mochila nas costas.

— Desculpe a demora — falei. Joguei a mochila aos pés dele e me sentei na pedra para recuperar o fôlego. — Eu estava no Delphic quando você telefonou. Não trouxe o Volkswagen, porque ele ficou na garagem de casa, mas peguei roupas e um chapéu para esconder seu cabelo. E também tem quinhentos dólares em dinheiro na mochila. Foi o melhor que consegui fazer.

Eu tinha certeza de que Scott ia perguntar onde eu havia conseguido encontrar tudo tão depressa, mas ele me surpreendeu com um abraço forte e emocionado.

— Obrigado, Grey — murmurou no meu ouvido.

— Você vai ficar bem? — sussurrei.

— As coisas que você trouxe vão ajudar. Talvez eu consiga uma carona para sair da cidade.

— Se eu pedisse para fazer uma coisa por mim antes, você faria? — Assim que tive certeza de que ele prestava atenção, respirei fundo para tomar coragem. — Jogue fora o anel do Mão Negra. Jogue-o no mar. Pensei muito nisso. O anel o está aproximando de Hank. Ele pôs algum tipo de feitiço nele e, quando você o usa, dá a Hank algum poder sobre você. — Agora eu tinha certeza de que o anel havia sido enfeitiçado por Hank e, quanto mais tempo ele permanecesse no dedo de Scott, mais difícil seria convencê-lo a se livrar dele. — É a única explicação. Pense nisso. Hank quer encontrar você. Quer tirá-lo do esconderijo. E esse anel está fazendo um trabalho fabuloso para que isso aconteça.

Esperava que ele protestasse, mas sua expressão arrependida me fez compreender que, no fundo, Scott chegara à mesma conclusão. Só não queria admitir.

— E os poderes?

— Não compensam o risco. Você passou três meses contando com os próprios recursos. Seja qual for a magia que Hank colocou no anel, não é boa.

— Isso é muito importante para você? — perguntou Scott baixinho.

— Você é importante para mim, Scott.

— E se eu disser não?

— Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para arrancá-lo da sua mão. Sei que não posso ganhar de você em um confronto físico, mas não vou poder me perdoar se não tentar, pelo menos.

Ele riu, mas era uma risada sufocada, amargurada.

— Você lutaria comigo, Grey?

— Não me faça provar que sim.

Para meu espanto, Scott tirou o anel. Ele o segurou entre dois dedos, estudando-o em silêncio.

— Aqui está o que você queria — disse depois de um instante e arremessou o anel no mar.

Deixei escapar um longo suspiro aliviado.

— Obrigada, Scott.

— Mais algum pedido de última hora?

— Sim, *vá* — eu disse, tentando não demonstrar a aflição que sentia. Era uma reação inesperada, mas eu não queria que ele fosse embora. E se essa despedida fosse... definitiva? Pisquei rapidamente para conter as lágrimas.

Scott soprou as mãos para aquecê-las.

— Pode visitar minha mãe de vez em quando, só para saber se ela está bem?

— É claro.

— Não pode contar a ela sobre mim. O Mão Negra a deixará em paz se pensar que ela não tem nada a oferecer.

— Vou cuidar para que ela fique segura. — Eu o empurrei. — Agora saia daqui antes que você me faça chorar.

Scott ficou no mesmo lugar por um momento, e pude ver uma expressão estranha passar por seu rosto. Era uma espécie de nervosismo, mas não exatamente. Mais expectativa, menos ansiedade. Ele se inclinou e me beijou, sua boca tocando a minha com ternura. Fiquei tão surpresa que não consegui fazer outra coisa a não ser deixá-lo terminar.

— Você tem sido uma boa amiga — Scott falou. — Obrigado pela ajuda.

Toquei minha boca. Tinha muito para dizer, mas as palavras certas escapavam. Eu não olhava mais para Scott, mas para além dele, por cima de seu ombro. Para a fileira de nefilins escalando as pedras, todos armados e determinados, duros e implacáveis.

— *Mãos ao alto, mãos ao alto!*

Eles ordenavam aos gritos, mas as palavras soavam confusas para mim, quase como se fossem pronunciadas em câmera lenta. Um zumbido estranho preenchia meus ouvidos, e ele foi aumentando até se tornar um estrondo. Vi seus lábios furiosos se moverem, suas armas brilharem sob a luz da lua. Eles vinham de todas as direções como um enxame, cercando Scott e, por consequência, a mim também.

A esperança desapareceu dos olhos de Scott, substituída pelo medo.

Ele soltou a mochila e cruzou as mãos atrás da cabeça. Um objeto sólido, um cotovelo, talvez, ou um punho, surgiu da escuridão da noite e o atingiu na cabeça.

Quando Scott caiu, eu ainda não tinha dito nada, nem uma palavra. Nem um grito conseguia romper a barreira erguida pelo pavor.

No final, a única coisa entre nós era o silêncio.

CAPÍTULO 30

EU estava presa no porta-malas de um Audi A6 preto, com as mãos amarradas e uma venda nos olhos. Havia gritado até ficar rouca, mas o lugar para onde o motorista me levava devia ser isolado, porque ele nem se preocupou em me fazer ficar quieta.

Não sabia onde estava Scott. Os homens de Hank, nefilins, com certeza, haviam nos cercado na praia e nos arrastado para direções diferentes. Imaginei Scott acorrentado e impotente em alguma prisão subterrânea, à mercê da fúria de Hank...

Bati com os pés na tampa do porta-malas. Rolei de um lado para o outro, gritei e berrei... Mas a falta de ar me fez parar, e eu me desmanchei em soluços.

Finalmente, o motorista parou o carro e desligou o motor. Passos ecoavam lá fora, provavelmente sobre um terreno de pedregulhos, uma chave girou na fechadura e o porta-malas se abriu. Um par de mãos me puxou para fora e me jogou no chão duro. Minhas pernas ficaram dormentes durante o trajeto, e um intenso formigamento dominava a sola dos meus pés.

— Onde quer que eu ponha esta aqui, Blakely? — perguntou um dos homens que me capturara. A julgar pela voz, não podia ter mais que dezoito ou dezenove anos. Pela força, imaginei que podia ser feito de aço.

— Lá dentro — respondeu uma voz masculina. Blakely, presumi.

Fui empurrada por uma rampa e subi até uma porta. O espaço interno era frio e quieto. O ar cheirava a gasolina e solvente. Deduzi que aquele era mais um dos depósitos de Hank.

— Estão me machucando — avisei aos homens que me escoltavam, um de cada lado. — É evidente que não vou a lugar algum. Não pode desamarrar minhas mãos, pelo menos?

Sem dizer nada, eles me empurraram escadaria acima e por mais uma porta. Eles me obrigaram a sentar em uma cadeira dobrável de alumínio e amarraram meus tornozelos aos pés da cadeira.

Minutos depois de ambos terem se retirado, a porta se abriu novamente. Eu sabia que era Hank antes mesmo de ouvir sua voz. O cheiro de seu perfume me enchia de pânico e repugnância.

Os dedos ágeis desfizeram o nó da venda que cobria meus olhos, e ela caiu, ficando presa em meu pescoço. Pisquei, tentando enxergar alguma coisa no cômodo escuro. Além de uma mesa e de outra cadeira dobrável, não havia mais nada ali.

— O que você quer? — perguntei com a voz trêmula.

Hank arrastou a outra cadeira e a colocou na minha frente.

— Conversar — disse.

— Não estou com vontade. Mesmo assim, obrigada — respondi irritada.

Ele se inclinou para mim, e as linhas em torno de seus olhos se aprofundaram quando ele os estreitou para me estudar com atenção.

— Sabe quem eu sou, Nora?

Eu sentia o suor brotando de todos os poros do meu corpo.

— Quer uma resposta direta e objetiva? Sim, você é um mentiroso imundo, manipulador, um *imprestável* e um...

A mão dele se moveu antes que eu percebesse sua intenção. O tapa violento me acertou em um lado do rosto. Eu me encolhi, chocada demais para chorar.

— Sabe que sou seu pai biológico? — ele perguntou em voz baixa, usando um tom que me deixava ainda mais nervosa.

— Pai é uma palavra muito arbitrária. Cretino, por outro lado...

Hank assentiu lentamente.

— Então, quero que me diga: isso é jeito de falar com seu pai?

As lágrimas agora rolavam por meu rosto.

— Nada do que você fez lhe dá o direito de se considerar meu pai.

— Mas essa é a realidade, você *tem* meu sangue. E carrega minha marca. Não posso mais negar, Nora, nem você pode ignorar seu destino.

Levantei um ombro, mas não consegui limpar meu nariz, como pretendia.

— Meu destino não tem nada a ver com o seu. Quando desistiu do bebê que sabia ser sua filha, você abriu mão de todo e qualquer direito de interferir em minha vida.

— Apesar do que deve pensar, tenho participado ativamente de todos os aspectos de sua vida desde o dia em que você nasceu. Só me afastei, só abdiquei de ser realmente seu pai, porque queria protegê-la. Por causa dos anjos caídos, tive que sacrificar minha família...

Minha gargalhada sarcástica o interrompeu.

— Nem tente bancar o coitadinho. Não pode culpar os anjos caídos pelas escolhas que você fez. Foi você quem escolheu desistir de mim. Talvez se importasse comigo antes, quando eu nasci, mas sua sociedade de sangue nefilim é a única coisa com que se importa agora. Você se tornou um fanático, um obsessivo. Está escrito na sua testa.

Hank comprimiu os lábios como se fizesse um grande esforço para se controlar.

— Devia matar você agora mesmo por debochar de mim, da minha sociedade, de toda raça nefilim.

— Vá em frente — provoquei, deixando a raiva substituir o medo.

Hank tirou de dentro do casaco uma longa pena negra muito parecida com aquela que eu guardava em uma gaveta da cômoda, no meu quarto.

— Um dos meus conselheiros encontrou isto aqui no seu quarto. É a pena de um anjo caído. Imagine minha surpresa em saber que o sangue do meu sangue está confraternizando com o inimigo. Você me enganou. Conviver com anjos caídos acaba contaminando, e foi assim que você aprendeu a mentir tão bem, imagino. O anjo caído de quem estamos falando é Patch? — ele perguntou sem rodeios.

— Sua paranoia é inacreditável. Foi vasculhar minhas gavetas e encontrou uma pena. E daí? O que isso prova? Que você é um pervertido?

Ele se reclinou na cadeira e cruzou as pernas.

— Quer mesmo seguir por esse caminho? Não tenho a menor dúvida de que o anjo caído é Patch. Eu o senti no seu quarto naquela noite. Tenho sentido a presença dele em você há muito tempo.

— É irônico que ainda perca seu tempo me interrogando, quando é evidente que sabe mais do que eu. Não acha que seria melhor trocarmos de lugar?

— Ah, é? E de quem devo pensar que era a pena que encontrei na sua gaveta? — Hank indagou com um leve traço de humor.

— Acho que você é quem devia me dizer — respondi, desafiando-o. — Encontrei a pena no cemitério logo depois de você ter me deixado lá.

Um sorriso cruel distendeu seus lábios.

— Meus homens arrancaram as asas de Patch naquele mesmo cemitério. Sendo assim, acho que posso deduzir que a pena seja dele.

Engoli em seco de maneira discreta. Hank pegara a pena de Patch. Eu não tinha como descobrir se ele sabia a extensão do poder que exercia sobre Patch agora. Só podia esperar que não.

Tentando desviar desse terrível pensamento, falei:

— Sei que você planejou o acidente de carro. Sei que foram seus homens que nos jogaram para fora da estrada. Por que a farsa?

O ar de superioridade com que ele me olhava me causou intenso desconforto.

— Esse era o próximo tópico na minha lista de questões a discutir. Enquanto você estava inconsciente, providenciei para que fosse submetida a uma transfusão de sangue — ele anunciou com simplicidade. — Preenchi suas veias com meu sangue, Nora. Meu puro sangue nefilim.

Um silêncio gelado pairou sobre nós.

— Esse tipo de procedimento jamais havia sido feito antes, não com sucesso, pelo menos, mas encontrei um jeito de burlar as regras do universo. Até agora, tudo está acontecendo de acordo com o que eu esperava. Melhor do que eu esperava. Devo dizer que meu maior receio era que a transfusão a matasse instantaneamente?

Tentei pensar em uma resposta, em um jeito de compreender e processar todas as coisas horríveis que ele estava me dizendo, mas minha cabeça girava. Uma transfusão de sangue. *Por quê? Por quê? Por quê?* Talvez isso explicasse por que eu me sentira tão estranha no hospital. E por que Hank havia parecido tão exausto e abatido.

— Usou as artes do mal para conseguir o que queria — anunciei nervosa.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Então, já ouviu falar sobre o uso das artes do mal. O anjo deduziu tudo? — ele adivinhou, e não parecia nada satisfeito.

— Por que fez a transfusão? — Minha mente tentava encontrar uma resposta; ele precisava de mim para um sacrifício, um clone, um experimento. Se não era nada disso, *o que* era, então?

— Você tinha meu sangue desde que nasceu, mas não era puro o bastante. Não era uma nefilim de primeira geração, e eu precisava de você assim, sem nenhuma miscigenação, Nora. Agora está bem perto disso. Só falta fazer o Voto de Conversão perante o céu e o inferno. Depois do voto, a transformação estará completa.

O peso do que ele acabara de dizer me invadiu, e me senti adoecer.

— Achou que poderia me transformar em um de seus *soldados* nefilins obedientes e sem vontade própria? — Balancei a cadeira com violência espantosa, em uma tentativa de me libertar.

— Há uma profecia prevendo minha morte. Tenho usado um equipamento desenvolvido com artes diabólicas para ver o futuro e, só para ter certeza, busquei uma segunda opinião.

Mal conseguia ouvi-lo, tamanha a fúria provocada por aquela confissão. Eu tremia de raiva. Hank me violara da pior maneira

possível. Interferira na minha vida, tentara me modificar e me transformar em alguém que seria útil aos seus propósitos. Injetara seu sangue vil e assassino nas minhas veias!

— Você é um nefilim, Hank. Não pode morrer. Você *não* morre. Por mais que eu deseje que morra — acrescentei com uma nota de crueldade.

— O equipamento e o ex-anjo da morte previram meu fim. As duas profecias se encaixam. Não tenho muito tempo. Meus últimos dias na Terra serão dedicados a preparar você para assumir a liderança do meu exército contra os anjos caídos — ele concluiu com o primeiro sinal de resignação.

Agora tudo se encaixava. Tudo fazia sentido.

— Está pondo em prática todo esse plano maluco por acreditar na palavra de Dabria? Ela não tem dom algum. Dabria precisa de dinheiro, não consegue prever o futuro, não mais do que você ou eu. Já pensou que ela pode estar morrendo de rir da sua cara neste exato momento?

— Duvido — ele respondeu secamente, como se soubesse alguma coisa que eu desconhecia. — Preciso de você pura, Nora. Só assim poderá comandar meu exército. Liderar minha sociedade. Assumir seu lugar de herdeira legítima e libertar a raça nefilim de todos os grilhões. Depois do próximo Cheshvan, seremos nossos próprios senhores e não estaremos mais sob o domínio dos anjos caídos.

— Você é maluco. Não vou fazer nada do que está dizendo. E, principalmente, não vou fazer qualquer voto.

— Você tem a marca. Foi previamente ordenada. Acha mesmo que eu quero fazer de você a líder de tudo que construí? — ele disparou com uma dureza repentina. — Não é só você que não tem escolha aqui. O destino nos convocou, e não o contrário. Primeiro foi Chauncey. Depois eu. Agora, a responsabilidade será sua.

Olhei para ele com todo ódio que estava sentindo.

— Quer um parente de sangue para liderar seu exército? Escolha Marcie. Ela adora mandar nas pessoas. Será muito melhor que eu nisso.

— A mãe dela é uma nefilim puro-sangue.

— Nunca pensei nessa possibilidade, mas acho que assim é até melhor. Isso faz de Marcie uma puro-sangue, certo?

Que belo trio, que exemplo perfeito de supremacia!

A risada de Hank soou cansada, o que me surpreendeu.

— Nunca imaginamos que Susanna fosse engravidar. A união de nefilins puro-sangue não costuma resultar em procriação bem-sucedida. Sabíamos desde o início que Marcie era uma espécie de milagre e não teria muito tempo de vida. Ela não nasceu com a marca. Sempre foi pequena, frágil, sempre teve de se esforçar para sobreviver. Ela não tem muito tempo. A mãe dela e eu sentimos que seu fim está próximo.

Uma onda de lembranças transbordou do meu inconsciente. Lembrei-me de já ter falado sobre isso antes. Sobre como matar um nefilim. Sobre sacrificar uma descendente do sexo feminino quando ela completasse 16 anos. Lembrei-me das dúvidas sobre meu pai biológico, sobre por que ele havia desistido de mim. Lembrei...

Nesse instante, tudo ficou claro.

— Por isso não se preocupou em esconder Marcie de Rixon. Por isso desistiu de mim, mas ficou com ela. Nunca pensou que ela viveria o bastante para ser usada como um sacrifício.

Eu, por outro lado, tinha o pacote completo: a marca nefilim de Hank e uma excelente chance de sobrevivência. Fora escondida quando era bebê para impedir que Rixon me sacrificasse, mas, por ironia do destino, Hank agora queria que eu liderasse sua revolução. Fechei os olhos com força, desejando poder bloquear a realidade.

— Nora — disse Hank. — Abra os olhos. Olhe para mim.

Balancei a cabeça.

— Não vou fazer o juramento. Nem agora, nem em dez minutos, nem nunca. — Meu nariz escorria, e eu não tinha como limpá-lo. Não sabia o que era mais humilhante: isso ou o tremor dos lábios.

— Admiro sua coragem — ele disse com a voz gentil. — Mas existem muitos tipos de bravura, e essa não combina com você.

Pulei quando senti seus dedos tocando meus cabelos, empurrando uma mecha para trás da orelha. Era um gesto quase paternal.

— Faça o voto para se tornar uma nefilim puro-sangue e comandar meu exército, e deixarei você e sua mãe livres. Não quero prejudicar vocês, Nora. A escolha é sua. Faça o juramento, e vai poder virar a página desta noite. Tudo isso vai desaparecer. — Hank desatou os nós da corda que prendia meus pulsos; a corda caiu no chão.

Minhas mãos tremiam quando as apoiei sobre as pernas, mas não era uma reação à falta de circulação. Algo que ele dissera me enchera de pavor.

— Minha mãe?

— Sim, sua mãe. Ela está aqui. Está dormindo em um dos quartos lá embaixo.

Aquele ardor horrível voltou aos meus olhos.

— Você a machucou?

Em vez de responder, ele disse:

— Sou o Mão Negra. Sou um homem ocupado e, com toda franqueza, confesso que este é o último lugar onde desejava estar esta noite. Esta é a última coisa que quero fazer. Mas estou de mãos atadas. Você tem o poder. Faça o juramento e você e sua mãe poderão ir embora juntas.

— Você algum dia amou minha mãe?

Ele piscou surpreso.

— O quê? É claro que amei sua mãe. Houve um tempo em que a amei muito. Agora o mundo é diferente. Minha visão mudou. Tive que sacrificar meu amor pelos interesses de toda uma raça.

— Vai matá-la, não vai? Se eu não fizer o juramento, é isso que vai fazer.

— Minha vida tem sido definida por escolhas difíceis. Não vou deixar de fazê-las esta noite — disse ele, com uma resposta indireta à pergunta que eu havia feito, mas uma resposta clara, mesmo assim.

— Quero ver minha mãe.

Hank apontou para uma fileira de janelas do outro lado do quarto. Eu me levantei devagar, com medo do estado em que poderia encontrá-la. Quando olhei pela janela, descobri que estava em uma espécie de prédio de escritórios, olhando para o depósito lá embaixo. Minha mãe estava encolhida sobre uma cama estreita, vigiada por três nefilins armados enquanto dormia. Imaginei se, como eu, ela também tinha a percepção mais clara nos sonhos e via Hank como o monstro que ele realmente era. Imaginei se, quando ele saísse de sua vida completamente, quando não pudesse mais manipular seus pensamentos e sentimentos, ela o veria como eu o via. Foi a resposta a essas perguntas que me deu coragem para enfrentar Hank.

— Fingiu amar minha mãe para poder se aproximar de mim? Todas aquelas mentiras para chegar a este momento?

— Você está com frio — Hank falou com paciência. — Está cansada, com fome... Faça logo o voto, e vamos acabar com isso de uma vez.

— Se eu fizer o juramento e você continuar vivo, como desconfio que vai acontecer, quero que faça seu próprio juramento. Se isso acontecer, você sai da cidade, sai da vida de minha mãe para sempre.

— Aceito.

— E quero falar com Patch antes.

Ele riu.

— *Não*. Mas é bom ver que finalmente decidiu admitir a verdade sobre ele. Vai poder dar a notícia a Patch depois de fazer o juramento.

Não me surpreendeu. Mas eu tinha de tentar.

Adotei uma atitude de desafio e coragem quando falei:

— Não vou fazer juramento algum por você. — Olhei pela janela mais uma vez. — Vou fazer por ela.

— Corte-se. — Hank me entregou uma navalha. — Jure por seu sangue que vai se tornar uma nefilim pura e comandar meu exército

depois que eu morrer. Se quebrar o juramento, aceite sua punição. Sua morte... e a de sua mãe.

Olhei para ele com firmeza.

— Não foi isso que combinamos.

— Agora é. E você só tem cinco segundos. O próximo juramento vai incluir sua amiga Vee, também.

Encarei Hank com um misto de ódio e incredulidade, mas isso era o pior que eu podia fazer. Ele havia me encurralado.

— Você primeiro — exigi.

Não fosse pela determinação que via em seu rosto, poderia pensar que ele se divertia com a situação. Hank perfurou sua pele e disse:

— Se eu viver além do próximo mês, juro deixar Coldwater e nunca mais entrar em contato com você ou com sua mãe. Se quebrar esse juramento, meu corpo se transformará em pó.

Peguei a lâmina e cortei a palma da minha mão, deixando pingar algumas gotas de sangue, como me lembrava de ter visto Patch fazer em suas lembranças. Fiz uma prece rápida e silenciosa para que ele pudesse me perdoar pelo que eu estava prestes a fazer. Para que, no final, nosso amor fosse maior do que sangue e raça. E interrompi meus pensamentos aí, temendo não ter forças para continuar com o que teria de fazer, caso continuasse pensando em Patch. Com o coração dividido entre dois amores distintos, encolhi-me naquele recanto vazio e silencioso dentro de mim para contemplar a terrível tarefa que se apresentava.

— Juro, com esse novo sangue que corre por minhas veias, que não sou mais humana, mas uma nefilim. E, *se* você morrer, serei a nova comandante de seu exército. Se eu quebrar essa promessa, minha mãe e eu morreremos. — O voto parecia simples comparado ao peso de suas consequências, e eu cravei em Hank meu olhar determinado. — Fiz tudo certo? Era isso que precisava ser dito?

Com um breve aceno de cabeça, ele me disse tudo que eu precisava saber.

Minha vida humana havia acabado.

***

Não me lembro de ter me despedido de Hank, nem de ter saído do depósito com minha mãe. Ela havia recebido drogas tão pesadas que mal conseguia andar. O caminho entre aquele quarto escuro e as ruas fora do galpão era um borrão. Minha mãe tremia violentamente e resmungava palavras incompreensíveis no meu ouvido. Mal notei que eu também sentia frio. O ar estava gelado, e minha respiração formava pequenas nuvens brancas diante do meu rosto. Se não encontrasse abrigo bem depressa, minha mãe acabaria sofrendo uma hipotermia.

Não sabia se minha situação também era grave assim. Não sabia mais nada. Eu podia morrer congelada? Podia morrer? O que havia mudado com o voto, exatamente? Tudo?

Vi um carro abandonado na rua, alguns passos na nossa frente. Havia nas rodas a sinalização policial para remoção e, sem pensar muito, fui conferir se a porta estava trancada. Pela primeira vez naquela noite, a sorte estava do meu lado. A porta se abriu. Deitei minha mãe no banco de trás do automóvel, depois me dediquei aos fios sob o painel, embaixo do volante. Tive de tentar várias vezes, mas consegui fazer uma ligação direta.

— Não se preocupe — murmurei para minha mãe. — Vamos para casa agora. Acabou. Tudo isso acabou.

Eu dizia aquelas palavras mais para mim mesma, e acreditava nelas porque *precisava* acreditar. Não podia pensar no que havia feito. Não podia pensar em como a transformação seria lenta ou dolorosa quando finalmente o processo começasse. *Se* fosse necessário dar início ao processo. *Se* eu ainda tivesse de enfrentar mais alguma coisa.

Patch. Eu teria de encará-lo, teria de confessar o que acabara de fazer. Algum dia voltaria a sentir seus braços envolvendo meu corpo? Como podia esperar que essa noite não mudasse tudo? Eu não era mais simplesmente Nora Grey. Agora era uma nefilim puro-sangue. Uma inimiga.

Pisei no freio quando vi um objeto claro aparecer no meio da rua, à minha frente. O carro derrapou até parar. Um par de olhos se voltou na minha direção. A menina cambaleou, caiu, levantou-se e seguiu em frente, até a calçada. Ela tentava correr, mas estava traumatizada ou ferida demais para coordenar os movimentos. Suas roupas estavam rasgadas e o rosto era uma máscara de pavor.

— Marcie? — chamei em voz alta.

Automaticamente, eu me debrucei sobre o banco do passageiro para abrir a porta do outro lado.

— Entre! — gritei.

Ela ficou parada onde estava, com os braços cruzados envolvendo a cintura, choramingando e tremendo.

Saí do carro, corri em sua direção e a coloquei dentro do automóvel, no banco do passageiro. Marcie abaixou a cabeça, encaixando-a entre os joelhos e respirando depressa demais, ofegante.

— Eu… vou... vomitar.

— O que está fazendo aqui?

Ela continuou arfando.

Sentei-me atrás do volante e pisei no acelerador. Não queria passar nem mais um minuto naquela área abandonada da cidade.

— Está com seu celular?

Ela emitiu um ruído estranho, respirando com dificuldade.

— Caso não tenha percebido, estamos com um pouco de pressa — falei com mais impaciência do que pretendia, agora que conseguia refletir sobre quem estava sentada ao meu lado. A filha de Hank. Minha irmã, se eu quisesse mesmo seguir por esse caminho. A mentirosa, traiçoeira, idiota da minha irmã. — Telefone celular! *Sim ou não?*

Ela moveu a cabeça, mas eu não consegui decidir se a resposta era afirmativa ou negativa.

— Está furiosa comigo porque roubei o colar — Marcie falou, alcançando um mínimo de coerência, apesar de soluçar convulsivamente. — Ele me enganou. Ele me fez pensar que era só

uma brincadeira que faríamos juntos para zombar de você. Naquela noite, deixei o bilhete em cima do seu travesseiro para assustá-la. “Não significa que esteja segura.” Meu pai fez alguma coisa comigo, um truque qualquer para você e sua mãe não me verem entrar. Meu pai também fez alguma coisa com a tinta, por isso ela desapareceu depois que você leu o bilhete. Achei que seria divertido. Queria ver você ficar apavorada. Não estava raciocinando direito. Fiz tudo como meu pai ordenou, como se ele tivesse total *poder* sobre mim.

— Escute o que vou dizer, Marcie — falei com firmeza. — Vamos sair daqui. Mas, se você tiver um celular, vai me ajudar muito.

Ela abriu a bolsa com as mãos trêmulas. Depois de vasculhar lá dentro por um instante, Marcie encontrou o celular.

— Ele me enganou — repetiu, e vi que as lágrimas corriam de seus olhos como um rio. — Pensei que ele fosse meu pai. Pensei que ele... me amasse. Não sei se faz diferença, mas não entreguei o colar a ele. Eu ia entregar. Levei o colar ao depósito esta noite, como ele disse que eu devia fazer, mas... mas no fim... quando vi a garota naquela jaula... — Ela se calou.

Eu não queria sentir pena de Marcie. Não a queria no carro comigo. Não queria que ela se apoiasse em mim, e queria ainda menos o contrário. Não queria nenhum tipo de ligação entre nós, mas, de algum jeito, todas essas coisas que eu não queria estavam acontecendo.

— Por favor, passe o telefone — pedi com a voz suave.

Ela pôs o celular na minha mão. Depois flexionou os joelhos, abraçou as pernas contra o peito e chorou, soluçando baixinho.

Liguei para Patch. Precisava dizer a ele que Hank não estava com o colar. E tinha de revelar a horrível verdade sobre o que eu havia feito. Cada toque do telefone fazia ruir um pouco mais a barreira que eu construíra para enfrentar *tudo isso*. Imaginei o rosto de Patch quando eu contasse a verdade, e a imagem me congelou. Meu lábio tremeu, minha respiração tornou-se entrecortada.

A ligação caiu na caixa postal. Telefonei para Vee.

— Preciso de ajuda — falei sem rodeios. — Preciso de você para cuidar de minha mãe e de Marcie. — Afastei um pouco o fone do

ouvido para diminuir o impacto da resposta. — Sim, Marcie Millar. Eu explico tudo depois.

CAPÍTULO 31

ERAM quase três da manhã. Deixei Marcie e minha mãe aos cuidados de Vee sem dar a ela qualquer explicação. Balancei a cabeça em negativa com firmeza quando ela exigiu respostas, separando cuidadosamente todas as emoções. Parti sem dizer nada, nem uma palavra, disposta a entrar por uma estrada deserta onde pudesse ficar sozinha, mas logo ficou claro que eu tinha um destino, afinal.

Quase nem via a estrada que percorria em alta velocidade rumo ao parque de diversões Delphic. Parei o carro no estacionamento, e descobri que estava completamente sozinha. Não me deixara contemplar tudo que fizera, mas agora, cercada pelo silêncio e pela escuridão, não conseguia mais sustentar a atitude corajosa. Não tinha a bravura necessária para continuar sufocando o que sentia. Apoiei a cabeça no volante e chorei.

Chorei pela escolha que havia sido forçada a fazer e pelo que ela me custara. Acima de tudo, chorei porque não sabia como contar isso a Patch. Sabia que devia dar a notícia pessoalmente, mas estava apavorada. Como, quando finalmente estávamos retomando nosso relacionamento, eu poderia explicar que me transformara justamente naquilo que ele desprezava acima de todas as coisas?

Digitei o número dele no celular, dividida entre o alívio e o medo quando a ligação caiu na caixa postal mais uma vez. Será que ele não atendia porque não sabia que era eu ligando? Era possível que ele já soubesse o que eu havia feito? Patch estaria me evitando até poder conciliar o que sentia? Estava furioso comigo por eu ter tomado uma decisão estúpida, mesmo sem alternativa?

Não, disse a mim mesma. Não era nada disso. Patch não evitava confrontos — esse problema era meu.

Saí do carro e caminhei até o portão do parque. Apoiei a cabeça na grade, senti o metal frio pressionando minha pele, mas a dor física não se comparava à tristeza e ao anseio que ardiam dentro de mim. *Patch!* Gritei em pensamento. *O que foi que eu fiz?*

Sacudia as grades, tentando encontrar um jeito de entrar, quando um rangido metálico me alertou. O aço entre meus dedos se dobrou como se fosse argila. Pisquei confusa antes de entender o que estava acontecendo. Eu não era mais humana. Era nefilim, e tinha a força e o poder de um nefilim. Um misto de fascínio e horror me invadiu quando pensei em meus novos poderes. Se ainda acreditava que podia reverter o juramento, agora estava me aproximando rapidamente do ponto de onde não haveria retorno.

Afastei as barras o suficiente para passar por elas, corri para dentro do parque e reduzi a velocidade dos passos quando me aproximei do galpão por onde se descia ao estúdio de Patch. Meus dedos tremeram quando girei a maçaneta. Atravessei o galpão com passos pesados e passei pelo alçapão.

Contando com a memória e com tentativa e erro, encontrei a porta certa. Entrei no estúdio de Patch e percebi imediatamente que alguma coisa estava errada. Senti no ar os resquícios de um confronto violento. Não era algo que eu pudesse explicar, mas a evidência estava ali, tão palpável quanto se eu lesse o relato em uma folha de papel.

Seguindo um rastro invisível de energia, caminhei cautelosa pelo estúdio, ainda sem saber o que deduzir a partir das estranhas vibrações à minha volta. Abri a porta do quarto dele com o pé, e foi então que vi a porta secreta.

Uma das paredes de granito havia mudado de lugar, deslizado para a direita, abrindo passagem para um corredor escuro. Vi a água formando poças no chão de terra. Tochas presas à parede forneciam claridade e produziam fumaça.

Ouvi o som de passos no corredor e fiquei tensa. A luz das tochas iluminava os traços definidos de Patch e o contorno de seus olhos negros, que pareciam olhar através de mim. Sua expressão era tão dura e implacável que não consegui fazer nada além de ficar

ali parada. Não conseguia olhar para ele, não conseguia *não* olhar. Fui tomada por uma mistura de esperança e vergonha. Quando já me preparava para fechar os olhos para tentar conter as lágrimas, Patch se virou e nós nos encaramos. Só precisei olhar para ele, e o peso desapareceu de cima dos meus ombros. As defesas se dissolveram.

Caminhei na direção dele, primeiro devagar, tremendo de emoção, depois corri para me atirar em seus braços, incapaz de passar mais um instante que fosse longe dele.

— Patch, eu... não sei por onde começar — murmurei, sem conseguir mais conter as lágrimas.

Ele me apertou contra o peito.

— Já sei de tudo — murmurou com a voz rouca.

— Não, você não sabe. Hank me obrigou a fazer um juramento. Eu não... Isto é, não sou mais... — Não conseguia pronunciar as palavras. Não para Patch. Não suportaria se ele me rejeitasse. Não toleraria a menor sombra de desprezo em seus olhos, o menor sinal de repulsa.

Patch me sacudiu com ternura.

— Está tudo bem, Anjo. Escute, sei sobre o Voto de Conversão. Acredite, eu sei de tudo.

Solucei e agarrei-me à camisa dele, amassando o tecido entre os dedos crispados.

— Como pode saber?

— Quando voltei, você não estava aqui.

— Sinto muito. Scott teve problemas, eu tive que ajudá-lo. E estraguei tudo!

— Fui procurar você. Minha primeira opção foi encontrar Hank. Achei que ele podia ter atraído você para uma armadilha. Fui atrás dele, trouxe-o para cá e o fiz confessar tudo. — Ele deixou escapar um suspiro exausto. — Posso contar como foi minha noite, mas você devia ver por si mesma.

Ele tirou a camiseta.

***

Passei o dedo pela cicatriz de Patch, concentrando-me no que queria saber. Basicamente, o que havia acontecido depois de Patch ter saído do estúdio, algumas horas antes.

Fui sugada para os recantos sombrios no fundo de sua mente, onde uma cacofonia de vozes passava como jatos de ar por meus ouvidos e rostos se misturavam numa sucessão rápida demais para eu poder identificá-los. Eu sentia como se estivesse deitada de costas em uma rua, à noite, ouvindo buzinas e pneus rangendo no asfalto, perigosamente perto de mim.

Hank, pensei com toda minha energia. *O que aconteceu depois que Patch saiu para procurar Hank?* Um carro vinha na minha direção. Os faróis me iluminaram...

***

A memória se abriu numa rua escura e sombria bem perto do depósito de Hank. Não era o mesmo galpão que eu conseguira invadir, mas outro, aquele que Scott e eu havíamos tentado fotografar. O ar era úmido e pesado, as estrelas estavam escondidas por trás de uma densa camada de nuvens. Patch se movia silencioso pela calçada, aproximando-se de alguém que só podia ser um dos guardas de Hank. Ele o surpreenderia pelas costas. Patch pulou em cima do guarda, puxando-o para trás com uma gravata violenta que nem deu à vítima tempo para gritar. Depois, Patch o desarmou, guardando as pistolas na cintura da calça jeans.

Para minha surpresa, Gabe — o mesmo Gabe que havia tentado me matar atrás de uma loja de conveniência — surgiu das sombras mais adiante. Dominic e Jeremiah estavam com ele. Os três sorriam, mal-intencionados.

— Ei, ei, o que temos aqui? — Gabe perguntou em tom debochado e falando baixo, limpando a poeira da gola do guarda nefilim.

— Mantenham-no quieto até eu dar o sinal — Patch instruiu, deixando o guarda aos cuidados de Dominic e Jeremiah.

— Melhor não falhar comigo, parceiro — Gabe disse a Patch. — Estou contando com a presença do Mão Negra do outro lado daquela porta. — Ele olhou para a porta do depósito. — Jogue limpo, e prometo esquecer todos os ressentimentos do passado. Se aprontar alguma, vai descobrir qual é a sensação de ter uma estaca enfiada nas costas, nas cicatrizes das asas... todos os dias, por um ano.

Patch respondeu com um olhar frio, comedido.

— Espere meu sinal.

Ele caminhou para a pequena janela ao lado da porta. Eu o segui e espiei através do vidro.

Vi o arcanjo enjaulado. Vi vários nefilins, todos homens de Hank. Mas, para minha surpresa, também vi Marcie Millar a alguns passos do centro da cena, e ela estava com os ombros curvados, os olhos muito abertos e assustados. Pude ver suas mãos, muito brancas e trêmulas, segurando um objeto que só podia ser o colar de arcanjo de Patch, e seus olhos buscaram discretamente a porta atrás da qual ele e eu nos escondíamos.

Houve uma comoção quando o arcanjo se debateu violentamente, chutando as grades da jaula. Os homens de Hank reagiram de imediato, brandindo correntes azuis e brilhantes, sem dúvida enfeitiçadas. As correntes atingiram o corpo do arcanjo como chicotes. Depois de alguns golpes repetidos, seu corpo assumiu a mesma coloração azul e sobrenatural das correntes, e ela se encolheu, submissa.

— Gostaria de fazer as honras? — Hank perguntou a Marcie, estendendo a mão aberta para o colar. — Ou prefere que eu o coloque no seu pescoço?

Marcie tremia. Ela empalideceu ainda mais e se encolheu sem dizer nada.

— Vamos, querida — Hank insistiu. — Você não tem nada a temer. Meus homens a contiveram. Ela não vai machucar você. Isso é o que significa ser nefilim. Temos que adotar posturas firmes diante dos nossos inimigos.

— O que vai fazer com ela? — Marcie perguntou.

Hank riu, mas a risada soou cansada.

— Vou pôr o colar no pescoço dela, é claro.

— E depois?

— Depois ela vai responder a todas as minhas perguntas.

— Por que precisa mantê-la em uma jaula, se só quer conversar com ela?

O sorriso de Hank tornou-se menos convincente.

— Entregue o colar, Marcie.

— Você disse que era só uma brincadeira. Disse que íamos fazer uma piada com Nora, por isso eu devia pegar o colar. Não falou nada sobre *ela*. — Marcie olhou aterrorizada para o arcanjo enjaulado.

— O colar — Hank ordenou com a mão estendida.

Marcie recuou, arrastando as costas pela parede, mas os olhos a traíram. Eles se voltaram para a porta por uma fração de segundo. Hank fez um movimento convulsivo na direção dela, mas Marcie foi mais rápida. Ela correu para a porta, e quase se chocou de frente com Patch.

Ele a segurou, olhando por um instante para o colar de arcanjo em sua mão.

— Faça o que é certo, Marcie — Patch falou em voz baixa. — Esse objeto não é seu.

De repente percebi que os eventos dessa lembrança deviam ter acontecido momentos depois de eu ter saído do depósito com minha mãe — e imediatamente antes de ter visto Marcie na rua. Eu não encontrara Patch por poucos minutos. Durante todo esse tempo, ele buscara reunir Gabe e sua trupe para ir atrás de Hank.

Com o queixo trêmulo, Marcie assentiu e estendeu a mão. Patch pegou o colar e o guardou no bolso sem dizer uma palavra. Depois

ordenou em tom firme:

— *Vá.*

No instante seguinte ele fez um sinal para Gabe, Jeremiah e Dominic. Eles entraram correndo no depósito. Patch entrou atrás deles, empurrando o guarda de Hank.

Ao ver o grupo de anjos caídos, Hank deixou escapar uma exclamação de incredulidade.

— Não há um único nefilim aqui que tenha jurado lealdade — Patch informou a Gabe. — Pode escolher.

Gabe olhou em volta, estudando cada nefilim individualmente. Seus olhos se demoraram mais em Hank, brilhando com uma emoção que poderia ser ganância.

— Ele quis dizer que nenhum nefilim jurou lealdade... *ainda*.

— O que significa isso? — Hank perguntou, furioso.

— O que parece? — Gabe respondeu enquanto estalava os dedos. — Quando meu parceiro Patch disse que sabia onde eu poderia encontrar o Mão Negra, é claro que me interessei. Já mencionei que estou procurando um novo vassalo nefilim?

Os nefilins no depósito permaneceram em seus lugares, mas eu conseguia perceber o terror e a tensão no rosto de cada um deles. Não sabia o que Patch havia planejado, mas tinha certeza de que a cena fazia parte do plano. Ele havia comentado comigo que teria dificuldade para encontrar anjos caídos dispostos a ajudá-lo a resgatar um arcanjo, mas, aparentemente, encontrara um meio de recrutar a ajuda necessária, afinal. Negociara segredos de guerra.

Gabe determinou, com um gesto, que Jeremiah e Dominic se separassem, e cada um se posicionou em um lado do galpão.

— Dez de vocês, e nós somos quatro — Gabe disse a Hank. — Faça as contas.

— Somos mais fortes do que pensam — Hank respondeu com um sorriso malicioso. — Dez contra quatro. Não acho que seja uma proporção tão desfavorável para nós.

— Engraçado, eu estava refletindo sobre o quanto essa proporção é interessante. Ainda lembra as palavras, não é, Hank?

“Senhor, torno-me vosso servo.” Comece a ensaiar. Não irei embora enquanto não as recitar para mim. Você é meu, nefilim. *Meu*. — Gabe concluiu, apontando o dedo para ele.

— Não fiquem aí parados — Hank explodiu com seus homens. — *Ponham esse anjo caído arrogante de joelhos!*

Mas ele mesmo não ficou para reforçar a ordem ou testemunhar sua execução. Em vez disso, correu para a porta. A gargalhada de Gabe ecoava no galpão. Ele também se dirigiu à porta, seguindo os passos de Hank. Sua voz explodiu na noite:

— Está com medo, nefilim? É bom que esteja. Aí vou eu.

Depois disso, todos os nefilins que estavam no depósito fugiram pelas saídas da frente e dos fundos. Jeremiah e Dominic os perseguiram, e ambos gritavam e assobiavam eufóricos.

Patch permaneceu no depósito vazio, olhando para a jaula do arcanjo. Ele se aproximou, e a garota recuou produzindo um som agressivo, primitivo.

— Não vou machucar você — Patch falou, mantendo as mãos onde ela podia vê-las. — Só vou abrir a porta para você poder sair.

— Por que faria isso? — ela indagou com a voz rouca.

— Porque aqui não é seu lugar.

Os olhos dela estudaram o rosto de Patch. Havia sombras escuras em torno deles, sinal de exaustão.

— E o que quer em troca? Que mistérios do mundo espera que eu explique? Que mentiras doces pretende cochichar em meus ouvidos para arrancar de mim a verdade?

Patch abriu a porta da jaula e estendeu a mão lentamente, cuidadoso, com a intenção de segurar a mão dela.

— Não quero nada além de sua atenção. Quero apenas que me escute. Não preciso de um colar para fazer você falar porque acho que, depois de ouvir o que tenho a dizer, você vai querer ajudar.

O arcanjo saiu da jaula caminhando com dificuldade, apoiando-se relutante em Patch. Suas pernas brilhavam com uma luminosidade azulada, resultado do feitiço, que dificultava seus movimentos.

— Por quanto tempo vou ficar assim? — ela perguntou, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não sei, mas acho que nós dois sabemos que os arcanjos podem ajudar.

— Ele cortou minhas asas — a garota sussurrou rouca.

Patch assentiu.

— Mas não as arrancou. Ainda há esperança.

— Esperança? — repetiu ela, os olhos brilhantes. — Você ainda vê alguma esperança em tudo isso? Lamento, mas não sei onde. E que tipo de ajuda está procurando, afinal?

— Quero encontrar um jeito de matar Hank Millar — ele respondeu sem rodeios.

Ouvi uma risada cansada, vazia.

— Nós dois queremos a mesma coisa.

— Você pode realizar esse desejo.

A garota abriu a boca para protestar, mas Patch a interrompeu.

— Os arcanjos já manipularam a morte antes, e podem exercer essa influência outra vez.

— Do que está falando? — Ela riu desacreditada.

— Há quatro meses, uma das descendentes de Chauncey Langeais se jogou do alto do ginásio do colégio onde estudava, um sacrifício que acabou por matá-lo. O nome dela era Nora Grey, e, pela expressão em seu rosto, posso perceber que já ouviu falar dela.

As palavras me chocaram. Não porque Patch dizia alguma coisa estranha ou absurda. Em uma de suas lembranças, eu me ouvira declarar que havia matado Chauncey Langeais, mas, ao sair dessa memória, eu negara o fato com obstinação. Agora não podia mais fechar os olhos para a verdade. A neblina em minha cabeça se dissipava e, em uma sucessão de flashes, eu me vi no ginásio do colégio meses atrás. Com Chauncey Langeais, um nefilim que queria me matar para atingir Patch.

Um nefilim que não sabia que eu era sua descendente direta.

— O que quero saber é por que o sacrifício dessa garota não matou Hank Millar — Patch continuou. — Hank era o nefilim mais direto na linhagem de Nora. Algo me diz que os arcanjos têm algum envolvimento nisso.

O arcanjo olhava para ele sem dizer nada. Patch havia conseguido desmontar sua compostura, que já fora reduzida a farrapos desde o início. Depois de um instante de silêncio, ela sorriu debochada e perguntou:

— Mais alguma teoria de conspiração?

Patch balançou a cabeça.

— Não é uma teoria. É um erro. O erro dos arcanjos. No início não percebi, mas depois compreendi o que havia acontecido. Sabia que os arcanjos interferem na morte. Vocês deixaram Chauncey morrer no lugar de Hank. Considerando os problemas que Hank tem criado para vocês, minha pergunta é: por quê?

— Acredita mesmo que vou discutir esse assunto com você?

— Bem, então vai ter que ouvir minha teoria, pelo menos. Vou dizer o que penso. Acredito que, há cinco meses, os arcanjos descobriram que Chauncey e Hank haviam começado a se envolver com artes do mal, e queriam que eles parassem com isso. Certos de que Hank era o menor dos males, os arcanjos o abordaram primeiro. Eles anteviram o sacrifício de Nora e decidiram propor um acordo a Hank. Deixariam Chauncey morrer no lugar dele se Hank aceitasse abandonar as artes do mal definitivamente.

— Sua imaginação é impressionante — o arcanjo respondeu, mas sua voz soou hesitante, e eu soube que Patch estava no caminho certo.

— Ainda não cheguei ao fim da história — ele continuou. — Aposto que Hank aceitou deixar Chauncey morrer no lugar dele. E em seguida traiu os arcanjos. Continuou fazendo uso das artes do mal depois de tudo isso. Os arcanjos agora o querem fora de cena antes que ele passe esse conhecimento adiante. E querem devolver as artes do mal ao lugar a que pertencem, o inferno. E é aí que eu entro. Estou pedindo que os arcanjos manipulem a morte mais uma vez. Deixem-me matar Hank. Ele vai levar para o túmulo todo o

conhecimento que conseguiu acumular sobre as artes do mal e, se minha teoria estiver tão correta quanto acredito que esteja, isso é exatamente o que você e os outros arcanjos querem. É claro, tenho certeza de que você tem motivos pessoais para querer Hank morto — Patch acrescentou, expressivo.

— Vamos fingir por um instante que os arcanjos podem manipular a morte. Eu não poderia tomar essa decisão sozinha — ela respondeu. — Seria necessário obter unanimidade em uma votação.

— Então, vamos levar a proposta à mesa.

O arcanjo abriu os braços.

— Caso não tenha notado, não tenho como levar nada a lugar algum. Não tenho como sair *daqui* e chegar *lá*. Não posso voar. Não tenho como fazer contato, Jev. Enquanto estiver sob a influência das artes do mal, sou invisível para eles, os arcanjos.

— O poder do colar de um arcanjo é mais forte que as artes do mal.

— Não tenho meu colar — ela se irritou.

— Use o meu. Converse com os arcanjos. Apresente a eles minha ideia e proponha uma votação. — Ele tirou o colar do bolso de arcanjo e o ofereceu à garota.

— Como posso ter certeza de que isso não é um truque? Como sei que não vai me forçar a responder às suas perguntas?

— Não tem como saber. A única coisa que você pode ter neste momento é fé.

— Está me pedindo para confiar em um traidor. Um anjo banido. — Os olhos dela buscaram os dele, estudaram seu rosto, sua expressão fechada e sombria como um lago à meia-noite.

— Isso foi há muito tempo — Patch respondeu em voz baixa, segurando o colar e estendendo a mão para ela mais uma vez. — Vire-se e eu o colocarei em seu pescoço.

— Fé — ela repetiu, com a mesma voz suave. Os olhos pareciam estudar todas as opções. Confiar em Patch ou resolver os problemas sozinha.

Finalmente, ela se virou e levantou o cabelo.

— Ponha o colar no meu pescoço.

CAPÍTULO 32

VOLTEI a respirar normalmente quando senti os braços de Patch me envolvendo. Estávamos sentados no chão do quarto dele, e eu me apoiava em seu peito. Ele me embalava, murmurando palavras doces ao ouvido para me acalmar.

— Então é isso — falei. — Matei mesmo Chauncey. Matei um nefilim. Um imortal. Matei alguém. Indiretamente, mas, mesmo assim, *matei*.

— Seu sacrifício deveria ter matado Hank.

Assenti, atordoada.

— Vi quando você falou com o arcanjo. Vi tudo. Você usou Gabe, Jeremiah e Dominic para esvaziar o depósito e ficar sozinho com ela.

— Sim.

— Gabe conseguiu forçar Hank a jurar fidelidade?

— Não. Teria conseguido, mas eu peguei Hank primeiro. E não fui completamente honesto com Gabe. Eu fiz com que ele acreditasse que eu havia posto Hank em suas mãos, mas deixei Dabria esperando do lado de fora do galpão. No momento em que Hank saiu, ela o pegou. Quando voltei aqui, descobri que você havia desaparecido e pensei que ele a havia capturado. Então, fui atrás de Dabria e trouxe Hank aqui para interrogá-lo. Lamento sobre Dabria — ele se desculpou. — Eu a levei comigo porque não me interessa o que pode acontecer com ela. Dabria é descartável. Você não.

— Não estou brava — disse com sinceridade. Dabria era a última das minhas preocupações. Havia algo muito mais importante me atormentando. — Os arcanjos já votaram? O que vai acontecer com Hank?

— Eles decidiram falar comigo antes de votar. Considerando tudo que aconteceu, não confiam em mim. Disse a eles que, se me

deixassem matar Hank, não teriam mais que se preocupar com as artes do mal. Também lembrei que, se Hank morrer, você se tornará a líder do exército nefilim. Prometi a eles que você encerraria a guerra.

— Sim, custe o que custar — concordei, impaciente. — Quero que Hank seja eliminado. E então, a votação foi unânime?

— Os arcanjos querem acabar com essa confusão. Por isso me autorizaram a eliminar Hank. Temos até o nascer do sol. — Só então notei a pistola no chão, ao lado da perna dele. — Prometi que não ia tirar esse momento de você e, se ainda é isso que quer, não vou discutir. Não vou nem tentar argumentar. Mas não posso deixar você agir às cegas. A morte de Hank estará com você para sempre. Não vai poder apagá-la da memória, e jamais a esquecerá. Se quiser, se permitir, eu mato Hank e tiro esse peso de suas costas. A opção existe. Você vai decidir como será, e eu apoiarei e acatarei sua decisão, seja ela qual for. Só quero que esteja preparada.

Não me abalei. Não hesitei. Sem dizer nada, eu me virei para pegar a arma. Depois disse:

— Quero vê-lo. Quero olhar nos olhos dele e ver a angústia no momento em que perceber onde suas escolhas o levaram.

Patch aceitou minha decisão com um movimento de cabeça. Ele me levou a um corredor secreto. A única luz ali provinha das tochas nas paredes. As chamas iluminavam os primeiros metros do corredor, mas, depois disso, eu não conseguia enxergar nada na escuridão sufocante.

Segui Patch pelo caminho escuro que nos levava ainda mais para baixo, até que, finalmente, uma porta surgiu. Patch puxou a argola de metal presa a ela, e a porta se moveu na nossa direção.

Lá dentro, Hank estava a postos. Ele avançou contra Patch. Correntes contiveram seus movimentos antes que ele alcançasse o objetivo, e Hank brandiu os punhos no ar. Com uma risada que soava insana demais para o meu gosto, ele disse:

— Não se engane pensando que vai conseguir o que quer. — Seus olhos brilhavam em partes iguais de aprovação e ódio.

— Como você pensou que poderia enganar os arcanjos? — Patch respondeu sem se alterar.

Os olhos de Hank agora expressavam desconfiança. Ele viu a arma na minha mão, notando-a pela primeira vez.

— O que é isso? — perguntou com um tom gelado, assustador.

Levantei a pistola e a apontei para Hank. Sentia satisfação em ver no seu rosto primeiro a confusão, depois a hostilidade.

— Alguém vai me dizer o que está acontecendo? — ele se mostrou impaciente.

— Seu tempo acabou — Patch informou.

— Fizemos um acordo com os arcanjos — acrescentei.

— Que acordo? — Hank rosnou, cada vez mais furioso.

Eu apontava a arma para o peito dele.

— Você não é mais imortal, Hank. A morte se aproxima, finalmente.

Sua risada foi breve, incrédula, mas o medo que cintilou em seus olhos indicava que ele acreditava em mim.

— Fico me perguntando o que vai ser de você na próxima vida — murmurei. — Queria saber se já está se arrependendo de tudo que fez nesta. Se está se lembrando de cada decisão, tentando descobrir onde tudo deu errado. Lembra-se de todo mundo que usou e prejudicou? Lembra-se do nome de cada pessoa? Está vendo o rosto de minha mãe? Espero que sim. Espero que o rosto dela o assombre. A eternidade é muito tempo, Hank.

Ele se debateu com tanta violência que pensei que as correntes fossem quebrar.

— Quero que se lembre do meu nome — continuei. — Quero que se lembre que tive por você o que você deveria ter tido por mim. Um pouco de misericórdia.

Sua expressão furiosa e vingativa deu lugar a uma especulação contida, reservada. Hank era inteligente, astuto, mas acho que ele ainda não havia entendido qual era minha intenção.

— Não vou liderar seu exército nefilim — anunciei —, porque você não vai morrer. Na verdade, vai viver mais um pouco. É claro,

não vai viver no Ritz. A menos que Patch pretenda reformar este cômodo. — Olhei para Patch e ergui as sobrancelhas, convidando-o a se manifestar.

O que está fazendo, Anjo? Ouvi a pergunta em meus pensamentos.

Para minha surpresa, a capacidade de responder da mesma maneira surgiu em mim naturalmente. Foi como se, instintivamente, eu acionasse um interruptor em minha cabeça, abrindo aquele canal de comunicação. *Não vou matá-lo. E você também não vai, portanto não tenha ideias absurdas.*

E os arcanjos? Temos um acordo com eles.

Isso não é certo. A morte de Hank não deve ser uma decisão nossa. Pensei que era isso que eu queria, mas você estava certo. Se matar Hank, jamais conseguirei esquecer. Vou carregá-lo em mim para sempre, e não é isso que quero. Quero seguir em frente, superar tudo isso. Estou tomando a decisão certa. E, embora guardasse para mim essa última conclusão, eu sabia que os arcanjos nos estavam usando para fazer seu trabalho sujo. De minha parte, eu já estava farta de sujar as mãos.

Para minha surpresa, Patch não discordou da decisão. Ele encarou Hank.

— Prefiro que este cômodo permaneça como está, escuro, frio e úmido. E vou transformá-lo em um ambiente à prova de som. Assim, por mais que você grite, vai continuar tendo apenas sua tristeza como companhia, mais nada.

Obrigada, falei em pensamento, dando à palavra uma nota de profunda sinceridade.

Um sorriso distendeu os lábios de Patch.

A morte seria boa demais para ele. Assim será mais divertido.

Se o clima não fosse tão tenso, eu teria gargalhado.

— Isso é o que você merece por ter acreditado em Dabria — eu disse a Hank. — Ela não é vidente; é uma psicopata. Vivendo e aprendendo.

Dei a Hank a oportunidade de dizer alguma coisa, fazer uma última declaração, mas, como eu já esperava, ele se manteve

calado. Havia imaginado ao menos uma patética tentativa de pedir desculpas, mas não contava com isso, portanto não me decepcionei. A última manifestação de Hank foi um sorriso pálido e estranho, uma expressão que sugeria antecipação. Esse sorriso me causou certo nervosismo, mas imaginei que era isso mesmo que ele queria.

Um sussurro ecoou na pequena cela. A tensão que pairava no ar diminuiu. Senti a presença de Patch atrás de mim e bani da mente todo e qualquer pensamento sobre Hank. Havia uma nova atmosfera nos envolvendo, como se a insegurança desse lugar ao alívio.

Eu me sentia exausta. Minhas mãos começaram a tremer. Meus joelhos se dobraram, minhas pernas fraquejaram. A sensação de esgotamento me dominou como num passe de mágica. As paredes da cela, o ar parado, até Hank, tudo ali parecia girar. A única coisa que me mantinha firme era Patch.

Sem aviso, atirei-me em seus braços. Patch prendeu-me à parede com a força do beijo. Um arrepio de alívio o fez estremecer, e eu segurei sua camisa, puxando-a para mim, sentindo uma intensa necessidade de reduzir a distância entre nós ainda mais, de tê-lo perto e comigo como jamais o tivera antes. A boca dele pressionava a minha. Não havia nada de experiente ou ensaiado naquele beijo; na escuridão fria da cela, o que sentíamos era uma inegável urgência.

— Vamos sair daqui — ele cochichou no meu ouvido.

Eu me preparava para concordar quando vi fogo pelo canto do olho. De início pensei que uma tocha se soltara da argola de ferro na parede. Mas o fogo dançava na mão de Hank, uma chama azul sobrenatural e hipnótica. Levei um momento para entender por que meus olhos se recusavam a acreditar no que viam.

A compreensão foi se instalando aos poucos. Hank segurava uma bola de fogo azul em uma das mãos, e a pena preta de Patch na outra. Dois objetos completamente diferentes: um era luz, o outro, escuridão. E ambos estavam muito próximos, aproximando-se

cada vez mais. Uma coluna de fumaça já se desprendia da ponta da pena.

Não houve tempo para gritar um aviso. Não havia tempo para nada.

Em um momento de decisão inabalável, levantei a pistola e apertei o gatilho.

O tiro jogou Hank contra a parede, os braços estendidos e afastados, a boca aberta numa reação de choque e surpresa.

Ele nunca mais se moveu.

CAPÍTULO 33

PATCH não se deu ao trabalho de cavar uma sepultura para o corpo. Estava escuro, faltava cerca de duas horas para o amanhecer, e ele arrastou o cadáver até a costa, logo depois dos portões do Delphic, e, com a ponta da bota, o empurrou pelos rochedos para as ondas violentas do mar lá embaixo.

— O que vai acontecer com ele? — perguntei, encolhendo-me nos braços de Patch para me aquecer. O vento gelado sacudia minhas roupas, criando uma camada fina de gelo sobre minha pele, mas o verdadeiro frio vinha de dentro.

— A maré vai levá-lo, e os tubarões terão um jantar farto.

Balancei a cabeça para indicar que ele não havia entendido minha pergunta.

— O que vai acontecer com a alma dele?

Não conseguia deixar de refletir sobre as coisas que dissera a Hank. Havia nelas alguma verdade? Ele sofreria eternamente as consequências de tudo que fizera? Sufoquei todo e qualquer remorso que pudesse sentir nesse momento. Eu não queria matar Hank, mas, no final, ele me deixara sem escolha.

Patch ficou em silêncio, mas notei que ele me abraçava com mais força, usando os braços como escudo protetor. As mãos deslizavam por meus braços, tentando me aquecer.

— Você está gelada. Vou levá-la de volta para minha casa.

Eu ainda insisti.

— O que vai acontecer agora? Matei Hank. Terei que liderar seu exército, mas o que vai acontecer com esses homens?

— Vamos pensar em alguma coisa — disse Patch. — Vamos traçar um plano, e eu estarei do seu lado para o colocarmos em prática.

— Acredita mesmo que vai ser tão fácil?

Patch riu, mas foi uma risada breve, abafada.

— Se eu quisesse facilidade, teria me acorrentado no inferno ao lado de Rixon. Nós dois poderíamos relaxar e desfrutar do calor juntos.

Olhei para as ondas lá embaixo, para a espuma branca que se chocava contra as pedras com um estrondo assustador.

— Quando fez o acordo com os arcanjos, eles não ficaram preocupados com a possibilidade de você falar demais? Isso não parece ser bom para eles. Você só precisa espalhar boatos de que a bruxaria é uma arte que pode ser aprendida e dominada, e vai provocar um frenesi entre nefilins e anjos caídos.

— Jurei que não ia falar. O juramento faz parte do acordo.

— Pediu alguma coisa em troca desse silêncio?

Patch ficou tenso, e eu senti que ele acompanhava com precisão a direção dos meus pensamentos.

— Isso é importante? — ele devolveu a pergunta.

Sim, era. Agora que Hank estava morto, a névoa que ainda pairava sobre minhas lembranças se dissipava como nuvens finas atingidas por raios de sol. Não conseguia recordar todo o encadeamento dos eventos, mas as imagens já estavam ali, esperando para ser ordenadas. Lampejos, vislumbres que iam se tornando mais intensos a cada minuto. O poder de Hank e o controle que ele tinha sobre mim morriam também, abrindo minha memória e trazendo à tona as lembranças de tudo que Patch e eu havíamos enfrentado juntos. Os testes de traição, lealdade, confiança. Eu sabia o que o fazia rir, o que o irritava. Conhecia seu desejo mais profundo. Eu o via nitidamente. Era uma imagem tão clara que eu quase perdia o fôlego.

— Poderia pedir a eles para se tornar humano?

Senti que ele inspirava lentamente e soltava o ar devagar. Quando falou, foi com total honestidade.

— A resposta mais resumida para essa pergunta é sim, poderia ter pedido.

Lágrimas turvaram minha visão. Senti vergonha do meu egoísmo, mesmo sabendo, racionalmente, que não havia tomado a decisão

por Patch. Ele decidira por minha causa, e a culpa se debatia dentro de mim com a mesma força do mar batendo nas pedras lá embaixo.

Ao perceber minha reação, Patch balançou a cabeça, numa expresão de contrariedade.

— Ei, escute o que vou dizer. Agora a resposta completa é que tudo em mim mudou desde que conheci você. O que eu queria há cinco meses é diferente do que desejo agora. Eu queria um corpo humano? Sim, queria muito. Isso é uma prioridade agora? Não. — Ele me encarou sério. — Abri mão de tudo que queria por algo de que eu precisava. E eu preciso de você, Anjo. Mais do que jamais poderá entender. Agora você é imortal. E eu também sou. Isso muda tudo.

— Patch... — Fechei os olhos e tentei respirar, mas meu coração batia descompassadamente.

Os lábios tocaram minha orelha num beijo leve, provocante.

— Amo você. — A declaração foi direta, carregada de afeto. — Você me faz lembrar quem eu era. E me faz querer ser aquele homem outra vez. Neste momento, com você em meus braços, sinto que temos uma chance de conseguir superar tudo juntos. Sou seu... se você me quiser.

E, assim, esqueci que estava ensopada, tremendo de frio, e que me tornara líder de uma sociedade nefilim com a qual não queria manter nenhuma relação. Patch me amava. Nada mais era importante.

— Também amo você — falei.

Ele abaixou a cabeça e escondeu o rosto na curva do meu pescoço.

— Amo você desde muito antes de você me amar. É a única coisa em que consegui superar você, e vou lembrá-la sempre, toda vez que tiver uma chance. — O beijo quente deixou uma marca de fogo em minha pele. — Vamos sair daqui. Vamos voltar para minha casa, dessa vez para sempre. Temos assuntos por terminar, e acho que dessa vez precisamos fazer alguma coisa com relação a essas... pendências.

Eu hesitei, porque minha mente estava dominada por uma importante dúvida. Sexo era um passo importante. Eu não sabia se estava preparada para complicar nosso relacionamento — ou minha vida — desse jeito, e essa era só a primeira questão de uma longa lista de repercussões. Se um anjo caído que se relacionava com um humano gerava um nefilim — um ser que não devia jamais habitar a Terra —, o que acontecia quando um anjo caído se relacionava com um nefilim? Tendo por base o que eu vira do relacionamento frio entre anjos e nefilins, isso provavelmente ainda não havia acontecido, o que só me deixava ainda mais nervosa com relação às possíveis consequências.

Por mais que eu houvesse me contentado no passado em rotular os arcanjos de maus em toda essa história, agora a dúvida estava plantada em minha mente. Havia uma razão que impedia os anjos de se apaixonarem por mortais, ou no meu caso, por nefilins? Uma regra arcaica cujo objetivo era dividir as raças... ou uma medida de proteção para impedir a manipulação da natureza e do destino? Patch uma vez dissera que a raça nefilim existia porque os anjos caídos quiseram se vingar depois de serem expulsos do paraíso. Para punir os arcanjos que os expulsaram, eles seduziram os humanos que deveriam proteger.

E se vingaram. Tudo isso havia provocado uma guerra silenciosa que era travada por séculos: anjos caídos de um lado, nefilins do outro, e humanos sendo usados no fogo cruzado. Apesar do medo que me causava pensar nisso, Patch havia me garantido que essa guerra acabaria com a aniquilação de uma raça. Qual delas era, isso era algo que ainda não estava definido.

Tudo porque um anjo caído se deitara na cama errada.

— Ainda não — respondi.

Patch me olhou com uma sobrancelha erguida.

— Ainda não quer ir embora, ou ainda não quer ir embora comigo?

— Tenho dúvidas — respondi, olhando para ele de um jeito significativo.

Um sorriso distendeu seus lábios, mas não escondeu uma ponta de incerteza.

— Eu devia saber que só estava comigo porque queria respostas.

— Sim, respostas e beijos. Ninguém nunca disse que você beija muito bem?

— A única pessoa cuja opinião me interessa está bem aqui. — Ele levantou meu queixo para fitar meus olhos. — Não precisamos voltar para a minha casa, Anjo. Posso levá-la para a sua casa, se é isso que quer. Ou, se decidir que quer dormir em minha casa, no meu quarto, mas em lados opostos, com uma fita de isolamento entre nós, eu aceito também. Não vou ficar feliz, mas vou aceitar.

Emocionada com sua sinceridade, enfiei meus dedos por dentro da camisa, tentando pensar em um gesto capaz de demonstrar minha gratidão. Meus dedos tocaram a pele dele, e o desejo despertou violentamente dentro de mim. Por que tinha de ser tão forte essa sensação que me dominava e se sobrepunha à razão?

— Caso ainda não tenha percebido — murmurei, surpresa com o tom sensual e vibrante da minha voz —, também preciso de você.

— Isso é um sim? — ele perguntou, alisando meus cabelos e os ajeitando sobre meus ombros, estudando meu rosto com intensidade. — Por favor, diga que é um sim — Patch insistiu em tom grave. — Fique comigo esta noite. Deixe-me abraçá-la, mesmo que seja só isso. Deixe-me manter você segura.

Segurei sua mão, entrelaçando nossos dedos. Correspondi ao beijo com ousadia e certeza, com desejo e sem reservas, sentindo o contato físico me enfraquecer como se eu derretesse por dentro. Sentia esse fogo arder em lugares cuja existência eu antes nem conhecia. Um beijo de cada vez, ele ia me envolvendo e dominando, destruindo meu controle, alimentando o fogo que ardia dentro de mim. De repente, não havia nada além de nós no mundo. Eu não sabia mais onde eu acabava e ele começava.

CAPÍTULO 34

O SOL já estava alto quando Patch estacionou a moto na frente de minha casa. Desci sorrindo, sentindo o calor delicioso que parecia emanar de cada poro de meu corpo. *Perfeição.*

Não era ingênua o bastante para acreditar que isso iria durar, mas queria aproveitar o momento. Já havia decidido deixar para mais tarde a preocupação com meu novo sangue nefilim e todas as consequências dessa novidade, inclusive a forma como a transformação ocorreria *e* como lideraria o exército de Hank.

No momento, eu tinha tudo que podia querer. Não era uma lista muito longa, mas era bem satisfatória, e ela começava com o amor de minha vida em meus braços.

— Foi uma noite muito divertida — eu disse a Patch, tirando o capacete e entregando-o a ele. — Estou oficialmente apaixonada pelos lençóis da sua cama.

— Só pelos lençóis?

— Não. Pelo colchão, também.

Ele riu.

— Minha cama está à sua disposição. Sempre.

Não havíamos colocado a linha divisória no meio da cama porque não dormimos juntos. Eu dormi na cama, Patch ficou no sofá. Eu sabia que ele queria mais de mim, mas também sabia que precisava estar com a cabeça no lugar. Patch dissera que podia esperar, e eu acreditava nele.

— Cuidado, você me dá a mão e eu quero logo o braço, posso decidir confiscar aquela cama — respondi brincando.

— Se isso acontecesse, eu me consideraria um homem de sorte.

— O único problema da sua casa é a irritante escassez de produtos supérfluos. Não tem condicionador? Brilho labial? Filtro

solar? — Apontei para a porta de casa. — Preciso escovar os dentes. E tomar um banho.

Ele riu e desceu da moto.

— *Isso,* sim, é um convite.

Ergui-me na ponta dos pés e o beijei nos lábios.

— Quando eu terminar, começa a operação. Vou buscar minha mãe na casa de Vee, e contar a verdade a elas. Hank se foi, e é hora de acabar com as mentiras e os segredos.

Eu não estava ansiosa por essa conversa, mas havia esperado demais. Durante todo esse tempo tentando me convencer de que queria proteger Vee e minha mãe, mas usava as mentiras para esconder delas a verdade. Eu as mantinha no escuro porque tinha medo de que não pudessem suportar a luz. E até eu mesma sabia que essa lógica era insustentável.

Abri a porta da frente e deixei as chaves sobre a mesinha do hall. Não dera nem três passos quando Patch me segurou pelo braço. Olhei para ele e soube imediatamente que havia algo errado.

Antes que Patch pudesse passar na minha frente, Scott saiu da cozinha. Ele fez um gesto firme, e dois outros nefilins apareceram atrás dele no corredor. Ambos pareciam ter a idade de Scott, eram altos, musculosos, e tinham traços duros. Eles me olhavam sem disfarçar a curiosidade.

— Scott — falei, desviando-me de Patch e correndo na direção dele. Eu o abracei com força e alegria. — O que aconteceu? Como conseguiu escapar?

— Considerando as circunstâncias, eles decidiram que eu seria mais útil na linha de frente do que em uma prisão. Nora, quero que conheça Dante Matterazzi e Tono Grantham — ele falou. — Os dois são tenentes no exército do Mão Negra.

Patch aproximou-se de nós.

— E você os trouxe à casa de Nora? — perguntou, olhando para Scott como se quisesse quebrar seu pescoço.

— Calma, cara. Eles são legais. São confiáveis — Scott respondeu.

A risada de Patch era baixa e ameaçadora.

— Uma notícia que até me tranquilizaria, não fosse o portador um conhecido mentiroso.

Um músculo se contraiu no rosto de Scott.

— Tem certeza de que quer seguir por esse caminho? Você também tem lá os seus defeitos.

Ah, não.

— Hank está morto — eu disse a Scott, tentando interromper o confronto e evitar a troca de insultos cheios de testosterona.

Scott assentiu.

— Nós sabemos. Mostre a ela o sinal, Dante.

Dante estendeu a mão. Um anel idêntico ao que Scott lançou no mar estava perfeitamente ajustado ao seu dedo indicador. Tinha um brilho azul que parecia ficar nos olhos do observador mesmo depois que ele os fechava.

— O Mão Negra me disse que isso aconteceria se ele morresse — explicou Dante. — Scott está certo. É um sinal.

— Por isso me libertaram — disse Scott. — O exército está confuso. Ninguém sabe o que fazer. O Cheshvan se aproxima e o Mão Negra tinha planos de guerra, mas seus homens estão inquietos. Perderam o líder. O pânico está prestes a dominá-los.

Pensei um pouco nessa informação e tive uma ideia.

— Eles o soltaram porque você sabia como me encontrar. E eu sou a próxima na linha de sucessão de Hank, certo? — deduzi, olhando para Dante e Tono com evidente desconfiança. Scott podia confiar neles, mas eu ainda não havia tomado uma decisão.

— Como eu disse, esses caras estão comigo. Já declararam lealdade a você. Temos que reunir o maior número possível de nefilins sob seu comando antes de tudo desandar. A última coisa de que precisamos agora é um golpe.

Eu me sentia um pouco tonta. Para falar a verdade, um golpe era uma possibilidade que, aos meus ouvidos, soava bem atraente. Mais alguém queria assumir meu lugar? Por mim, tudo bem!

Dante falou de novo:

— Antes de morrer, o Mão Negra me informou que você havia prometido assumir o posto de comandante, caso ele perecesse.

Não esperava que esse momento chegasse tão depressa, por isso engoli em seco. Sabia o que tinha de fazer, mas esperava ter mais tempo. Dizer que temia esse instante seria pouco.

Olhei para os três homens, encarando um de cada vez.

— Sim, jurei que lideraria o exército de Hank. E vou lhes dizer o que vai acontecer agora. Não vai haver guerra nenhuma. Voltem e digam aos homens que estão todos dispensados. Todos os nefilins que fizeram juramento de lealdade estão presos por grilhões que nenhum exército, por maior que seja, poderá quebrar. Entrar em confronto agora seria suicídio. Os anjos caídos já estão planejando uma reação, e nossa única esperança é deixar claro que *não vamos* lutar contra eles. Não desse jeito. Acabou, e podem voltar e dizer aos outros que isso é uma ordem.

Dante sorriu, mas a tensão persistia em sua expressão.

— Prefiro não discutir esse assunto na presença de um anjo caído. — Ele encarou Patch. — Pode nos dar um minuto?

Eu interferi.

— Acho que está mais do que evidente que pedir a Patch para nos deixar a sós é inútil. Vou contar tudo a ele. — Notando que Dante estava aborrecido, continuei: — Quando fiz o juramento a Hank, não falei nada a respeito de terminar com Patch. E, sim, vocês estão entendendo bem: sua nova líder nefilim namora um anjo caído. — *E que comece a fofoca!*

Dante assentiu, mas não parecia resignado.

— Então, vamos esclarecer essa situação de uma vez. Isso não acabou. Pode ter sido interrompido, talvez, adiado, mas não acabou. O Mão Negra promoveu uma revolução, e declarar a guerra cancelada não é o bastante para baixar a poeira.

— Não quero baixar poeira nenhuma. O que me preocupa é a raça nefilim como um todo. Estou pensando no que é melhor para todo mundo.

Scott, Dante e Tono se entreolharam em silêncio. Finalmente, Dante se manifestou e parecia falar pelos três.

— Nesse caso, temos um problema ainda maior. Porque os nefilins acreditam que a rebelião é a melhor saída para todos.

— Quantos nefilins? — Patch perguntou.

— Milhares. O suficiente para ocupar uma cidade. — Dante olhou para mim. — Se não liderar esse exército na luta pela liberdade, vai quebrar seu juramento. Resumindo, sua cabeça está em jogo, Nora.

Olhei para Patch.

Imponha sua autoridade, ele disse, calmo, em meus pensamentos. *Diga a eles que não vai haver guerra e que não há espaço para negociação.*

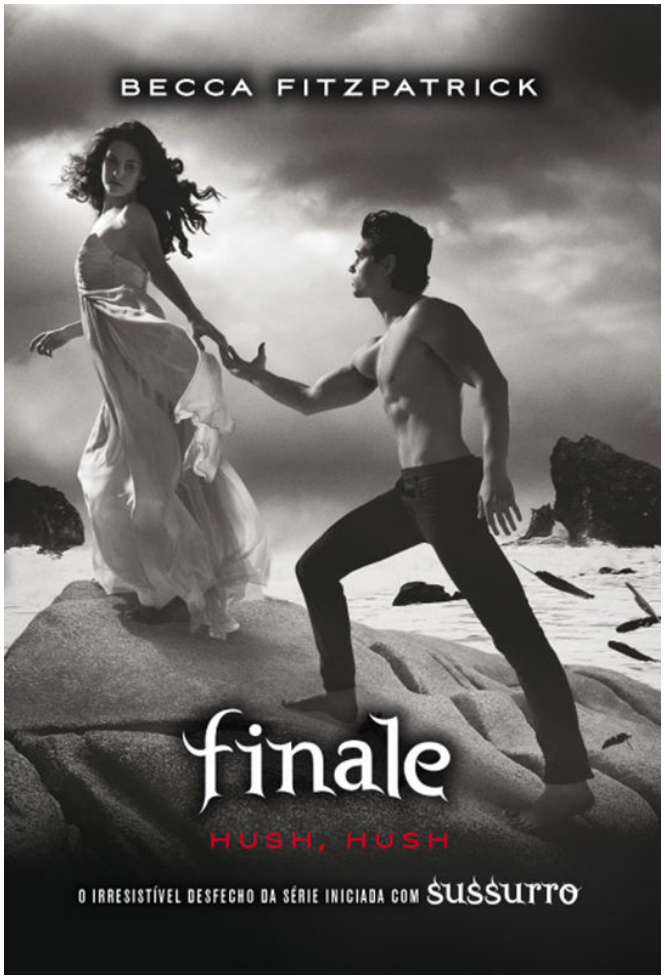
— Jurei que ia liderar o exército de Hank — respondi a Dante. — Em nenhum momento prometi libertação.

— Se não declarar guerra contra os anjos caídos, vai, instantaneamente, conquistar centenas de inimigos entre os nefilins — ele avisou.

E se eu declarar, pensei desanimada, *estarei declarando guerra contra os arcanjos também*. Eles só permitiram a morte de Hank porque Patch garantiu a eles que eu sufocaria a rebelião.

Olhei para Patch e soube que estávamos pensando a mesma coisa. De um jeito ou de outro, a guerra se aproximava.

Tudo que me restava era decidir quem seria meu inimigo.


BECCA FITZPATRICK
finale
HUSH, HUSH
O IRRESISTÍVEL DESFECHO DA SÉRIE INICIADA COM Sussurro

BECCA FITZPATRICK

finale

HUSH, HUSH

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO

Copyright © 2012 Becca Ajoy Fitzpatrick

TÍTULO ORIGINAL
Finale

REVISÃO
Carolina Leal
Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-292-6

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA MINHA MÃE, QUE SEMPRE OUVI
TORCENDO POR MIM A DISTÂNCIA
(VAI, GAROTA, VAI!)



P R Ó L O G O



MAIS CEDO
NAQUELE DIA

Scott não acreditava em fantasmas. Defuntos ficavam em túmulos. Mas os túneis que se entrecruzavam sob o parque de diversões Delphic, cheios de ecos, farfalhos e sussurros, fizeram-no repensar. Ele não gostava quando sua mente viajava até Harrison Grey. Não queria se lembrar de seu papel no assassinato de um homem. A umidade pingava do teto baixo. Scott pensou em sangue. O fogo de sua tocha projetava sombras bruxuleantes nas paredes, que cheiravam a terra fria e fresca. O que o fazia pensar em túmulos.

Uma corrente de ar gelado arrepiou sua nuca. Por cima do ombro, ele lançou um olhar atento e desconfiado para a escuridão.

Ninguém sabia de seu juramento a Harrison Grey de proteger Nora. Como não podia dizer pessoalmente “Ei, cara, me desculpe por tê-lo matado”, ele jurara proteger a filha de Harrison. Sabia que esse não era lá exatamente o melhor pedido de desculpas, não de verdade, mas ainda era o melhor em que conseguia pensar. Scott nem mesmo sabia se um juramento para um homem morto valia alguma coisa.

Mas os sons abafados atrás dele o faziam acreditar que sim.

— Você vem?

Scott só conseguia distinguir o contorno escuro dos ombros de Dante mais à frente.

— Quanto tempo ainda?

— Cinco minutos. — Dante riu. — Assustado?

— Tenso. — Scott correu para alcançá-lo. — O que acontece na reunião? Nunca fiz isso antes — acrescentou, esperando não parecer tão idiota quanto se sentia.

— Os superiores querem conhecer Nora. Ela é a líder deles agora.

— Então os nefilins aceitaram que o Mão Negra morreu?

Nem Scott acreditava completamente nisso. O Mão Negra devia ser imortal. Todos os nefilins deviam ser. Então, quem tinha encontrado um jeito de matá-lo?

Scott não gostava da resposta à qual sempre chegava. Se Nora tivesse feito isso... Se Patch a tivesse ajudado...

Não importava o cuidado que tivessem tomado para encobrir seu rastro. Esqueceriam alguma coisa. Todo mundo sempre esquecia. Era só uma questão de tempo.

Se Nora tinha matado o Mão Negra, ela estava em perigo.

— Eles viram meu anel — respondeu Dante.

Scott também tinha visto. Mais cedo. O anel encantado crepitara como se houvesse fogo azul preso nele. Mesmo agora irradiava um tom de azul pálido e mortiço. Segundo Dante, o Mão Negra havia profetizado que aquele seria o sinal de sua morte.

— Eles encontraram um corpo?

— Não.

— E eles estão aceitando bem o fato de que Nora irá liderá-los? — pressionou Scott. — Ela não se parece em nada com o Mão Negra.

— Ela fez um juramento de sangue para ele ontem à noite. Que passou a valer no momento em que ele morreu. Ela é líder deles, mesmo que não gostem disso. Podem substituí-la, mas primeiro vão pô-la à prova e tentar entender por que Hank a escolheu.

A ideia não agradava Scott.

— E se a substituírem?

Dante lançou um olhar sombrio por cima do ombro.

— Ela morre. São os termos do juramento.

— Não vamos deixar isso acontecer.

— Não.

— Então tudo bem.

Scott precisava ter certeza de que Nora estava segura.

— Desde que ela coopere.

Scott se lembrou do que Nora tinha dito mais cedo naquele dia. *Vou me encontrar com os nefilins. E deixarei minha posição bem clara: Hank pode ter começado esta guerra, mas eu vou dar um fim a ela. E esta guerra vai terminar com um cessar-fogo. Não ligo se não é o que eles querem ouvir*. Ele apertou a ponte do nariz — tinha muito trabalho pela frente.

Continuou a difícil caminhada, prestando atenção às poças. Elas ondulavam como caleidoscópios oleosos, e a última em que pisara acidentalmente tinha deixado seus pés ensopados.

— Eu disse a Patch que não a perderia de vista.

Dante resmungou.

— Está com medo dele também?

— Não. — Mas estava. Dante também estaria se conhecesse Patch. — Por que ela não veio conosco para a reunião?

A decisão de se separar de Nora o deixava apreensivo. Ele se xingou por não ter argumentado antes.

— Não entendo o motivo de metade das coisas que fazemos. Somos soldados. Cumprimos ordens.

Scott se recordou das palavras de despedida de Patch. *Ela está sob seus cuidados*. *Não estrague tudo.* Aquela ameaça o deixara irritado. Patch achava que era o único que se preocupava com Nora, mas não era. Scott considerava Nora como sua irmã. Ela ficara ao lado dele quando todos lhe viraram as costas, e o fizera desistir de uma loucura.

Eles tinham uma ligação, não *aquele* tipo de ligação. Ele se preocupava com Nora mais do que com qualquer outra garota que já havia conhecido. Ela era sua responsabilidade. E, caso isso fosse importante, ele tinha feito uma promessa ao falecido pai dela.

Dante e ele adentraram ainda mais nos túneis, as paredes se estreitando em volta de seus ombros. Scott virou-se de lado para se

espremer e conseguir entrar no corredor seguinte. Quando pedaços de terra desprenderam das paredes, ele prendeu a respiração, como se esperasse que o teto fosse desmoronar de uma vez e enterrá-los.

Finalmente Dante segurou uma aldrava, e uma porta se materializou na parede.

Scott examinou o interior da sala cavernosa. As mesmas paredes sujas e o chão de pedra. Vazia.

— Olhe para baixo. Um alçapão — disse Dante.

Scott saiu de cima da porta do alçapão escondido na construção de pedra e puxou a argola. Vozes alvoroçadas chegaram até eles pelo vão. Ele pulou no buraco, ignorando a escada, e aterrissou três metros abaixo.

Em um instante chegou à sala apertada que se parecia com uma caverna. Homens e mulheres nefilins vestindo túnicas pretas com capuz formavam um círculo restrito em volta de duas figuras que ele não podia ver claramente. Uma fogueira crepitava em um lado. Um ferro em brasa mergulhado no carvão ardia, laranja, com o calor.

— Responda — disparou uma voz velha e firme no centro do círculo. — Qual é a sua relação com o anjo caído a quem chamam de Patch? Você está preparada para liderar os nefilins? Precisamos saber se podemos contar com sua total lealdade.

— Não tenho que responder — rebateu Nora, a outra figura. — Minha vida pessoal não é da sua conta.

Scott aproximou-se do círculo para enxergar melhor.

— Você não tem uma vida pessoal — sibilou uma mulher mais velha, de cabelos brancos e voz vigorosa, brandindo um dedo frágil para Nora, a papada mole tremendo de raiva. — Seu único propósito agora é liderar seu povo para libertá-lo dos anjos caídos. Você é a herdeira do Mão Negra, e, apesar de não querer contrariar a vontade dele, vou destituí-la, se for preciso.

Scott olhava inquieto para os nefilins sob as capas. Vários deles assentiram, concordando.

Nora, ele a chamou por telepatia. *O que você está fazendo? Lembre-se do juramento de sangue. Você precisa permanecer no*

poder. Diga o que quer que seja necessário. Apenas dê um jeito de acalmá-los.

Nora observou em volta, furiosa, com hostilidade cega, até seus olhos encontrarem os dele. *Scott?*

Ele fez que sim, encorajando-a. *Estou aqui. Não os faça perder a cabeça. Procure mantê-los felizes. E então vou tirar você daqui.*

Ela engoliu em seco, visivelmente tentando se recompor, mas suas bochechas ainda ardiam, coradas pela afronta.

— Ontem à noite o Mão Negra morreu. Desde então fui nomeada sua herdeira, impelida à liderança, levada de uma reunião a outra, forçada a cumprimentar pessoas que não conheço, obrigada a usar esta túnica sufocante, interrogada sobre vários assuntos pessoais, empurrada e cutucada, avaliada e julgada, e tudo isso sem um minuto para recobrar o fôlego. Então me desculpem por ainda estar me recuperando.

Os lábios da velha se contraíram em uma linha fina, mas ela não argumentou.

— Sou a herdeira do Mão Negra. Ele me escolheu. Não se esqueçam disso — continuou Nora, e, ainda que Scott não soubesse dizer se ela falava com convicção ou escárnio, aquilo conseguiu silenciar todos.

— Responda-me uma coisa — disse astutamente a senhora após uma longa pausa. — O que aconteceu com Patch?

Antes que Nora pudesse responder, Dante se aproximou:

— Ela não está mais com Patch.

Nora e Scott olharam fixamente um para o outro, depois para Dante. *O que foi isso?*, Nora perguntou a Dante em pensamento, incluindo Scott na conversa.

Se eles não a deixarem liderar agora, você vai cair morta por causa do juramento de sangue, respondeu Dante. *Deixe-me cuidar disso*.

Mentindo?

Tem alguma ideia melhor?

— Nora quer liderar os nefilins — falou Dante em voz alta. — Ela fará o que for necessário. Concluir o trabalho de seu pai significa tudo para ela. Deem-lhe um dia de luto, e ela vai mergulhar de cabeça, totalmente empenhada. Vou treiná-la. Ela consegue. Deem-lhe uma chance.

— Você vai treiná-la? — perguntou a velha com um olhar penetrante.

— Vai dar certo. Confiem em mim.

A senhora refletiu durante um bom tempo.

— Façam a marca do Mão Negra nela — ordenou, por fim.

O olhar apavorado de Nora quase fez Scott se curvar e vomitar.

Os pesadelos. Eles surgiram do nada, dançando em sua cabeça. Mais rápido. Vertiginosamente. Então veio a voz. A voz do Mão Negra. Scott tapou os ouvidos com as mãos, encolhendo-se. A voz ensandecida ria e sussurrava até as palavras se juntarem e começarem a soar como uma colmeia em fúria. A marca do Mão Negra, queimada em seu peito, latejou. Dor renovada. Ele não conseguia distinguir ontem de agora.

— *Parem* — pediu com a voz estrangulada.

A sala pareceu congelar. As pessoas se mexeram, e de repente Scott se sentiu oprimido pelos olhares hostis.

Ele fechou os olhos com força e reabriu. Não conseguia pensar. Tinha que salvá-la. Ninguém estava por perto para impedir o Mão Negra de marcá-lo. Scott não deixaria a mesma coisa acontecer a Nora.

A velha caminhou até Scott, os saltos estalando no piso em um ritmo lento e deliberado. Rugas profundas marcavam sua pele. Olhos verdes embaciados espreitavam de fundas órbitas.

— Você não acha que ela devia provar lealdade?

Um fraco sorriso desafiador curvou os lábios dela. O coração de Scott batia com força.

— Deixe-a demonstrar isso através de ações. — As palavras apenas saíram.

A mulher inclinou a cabeça para o lado.

— O que você quer dizer?

Ao mesmo tempo, a voz de Nora surgiu em sua mente. *Scott?*, disse ela, nervosa.

Ele torceu para não estar piorando as coisas. Passou a língua pelos lábios.

— Se o Mão Negra quisesse que ela fosse marcada, ele mesmo teria feito isso. Ele confiava nela o suficiente para lhe dar essa missão. Isso basta para mim. Podemos passar o restante do dia testando-a ou podemos começar logo essa guerra. A menos de trinta metros acima das nossas cabeças há uma cidade de anjos caídos. Tragam um aqui embaixo. Eu mesmo irei marcá-lo. Se vocês querem que os anjos caídos acreditem que falamos sério sobre a guerra, então vamos mandar uma mensagem para eles.

Ele podia ouvir a própria respiração irregular.

Um sorriso começou a se formar no rosto da senhora.

— Ah, eu gosto disso. Gosto muito. E quem é você, querido?

— Scott Parnell. — Ele puxou para baixo a gola da camisa. Seu polegar roçou a pele deformada de sua marca, um punho cerrado. — Vida longa à visão do Mão Negra. — As palavras pareciam bile em sua boca.

A senhora colocou os dedos longos e esguios nos ombros de Scott e inclinou-se para beijar suas bochechas. A pele dela era úmida e fria como a neve.

— E eu sou Lisa Martin. Conheci bem o Mão Negra. Vida longa para seu espírito, em todos nós. Traga-me um anjo caído, meu jovem, e vamos mandar uma mensagem para nosso inimigo.

***

Acabou rápido.

Scott tinha ajudado a acorrentar o anjo caído, um garoto magro chamado Baruch, que parecia ter 15 anos em idade humana, e ficara de pé no círculo cerimonial. O maior medo de Scott era que

esperassem que Nora marcasse o anjo caído, mas Lisa Martin a levara para uma antecâmara particular.

Um nefilim de túnica colocara o ferro em brasa nas mãos de Scott. Ele tinha olhado para baixo, para a placa de mármore e o anjo caído ali algemado. Scott ignorara as promessas amaldiçoadas de vingança de Baruch, repetira as palavras que o nefilim de túnica ao seu lado murmurava em seu ouvido — um monte de besteira que comparava o Mão Negra a uma divindade — e pressionara o ferro quente no peito nu do anjo caído.

Agora Scott estava recostado na parede do túnel do lado de fora da antecâmara, à espera de Nora. Se ela ficasse mais de cinco minutos lá, ele iria atrás dela. Não confiava em Lisa Martin. Não confiava em nenhum dos nefilins de túnica. Era óbvio que formavam uma sociedade secreta, e Scott tinha aprendido da maneira mais difícil que segredos não traziam nada de bom.

A porta abriu rangendo. Nora saiu, jogou os braços em volta do pescoço dele e apertou. *Obrigada*.

Ele a segurou até que ela parasse de tremer.

Tudo isso em um único dia de trabalho, provocou ele, fazendo o melhor possível para acalmá-la. *Você me deve uma*.

Ela deu uma risada que saiu pelo nariz.

— Dá para ver que eles estão muito felizes em ter a mim como nova líder.

— Eles estão em choque.

— Estão chocados porque o Mão Negra deixou o futuro deles nas minhas mãos. Viu a cara deles? Achei que iam começar a chorar. Ou isso, ou jogar tomates em mim.

— Então o que você vai fazer?

— Hank está morto, Scott.

Ela olhou-o fixamente, então secou as lágrimas, passando os dedos embaixo dos olhos, e Scott viu um lampejo de alguma coisa na expressão dela que não conseguia definir. Convicção? Confiança? Ou, talvez, confissão declarada.

— Vou comemorar — completou.

CAPÍTULO 1

À NOITE

Não sou uma garota festeira. A música ensurdecedora, os corpos girando, os sorrisos inebriados — isso não é meu estilo. Minha noite de sábado ideal seria em casa, aconchegada no sofá, assistindo a uma comédia romântica com meu namorado, Patch. Previsível, comedido... normal. Meu nome é Nora Grey, e, embora eu fosse uma adolescente normal, que comprava roupas no outlet da J. Crew e gastava o dinheiro que ganhava como babá no iTunes, recentemente o normal e eu nos tornamos completos estranhos. Eu não saberia o que é normal nem se estivesse bem na minha cara.

O normal e eu pegamos estradas diferentes quando Patch entrou em minha vida. Patch tem 15 centímetros a mais que eu, seu raciocínio opera com uma lógica dura e fria, ele se move como fumaça e vive sozinho em um estúdio supersecreto e supersofisticado sob o parque de diversões Delphic. O som da voz dele, baixa e sexy, pode derreter meu coração em apenas três segundos. Ele também é um anjo caído, expulso do céu por sua flexibilidade quando se trata de seguir as regras. Pessoalmente, acho que Patch apavorou o *normal* de tal forma que o fez sair correndo para o outro lado do mundo.

Posso não ter normalidade, mas tenho estabilidade. Sobretudo na forma da minha melhor amiga há 12 anos, Vee Sky. Vee e eu temos uma ligação inabalável que nem mesmo uma longa lista de diferenças pode quebrar. Dizem que os opostos se atraem, e nós somos provas da validade dessa afirmação. Sou alta e esguia — para os padrões humanos —, com um cabelão encaracolado que testa minha paciência e personalidade tipo A. Vee é ainda mais alta,

com cabelo louro-acinzentado, olhos verdes e mais curvas que uma montanha-russa. Quase sempre, a vontade de Vee prevalece. E, diferente de mim, Vee adora uma boa festa.

Esta noite o desejo de Vee por diversão nos levou para o outro lado da cidade, onde havia um armazém de quatro andares, com tijolos aparentes, que palpitava ao som de música eletrônica, nadava em identidades falsas e transbordava corpos suando o suficiente para levar os gases do efeito estufa a um nível inteiramente novo. O layout por dentro era padrão: uma pista de dança entre um palco e um bar. Segundo os boatos, uma porta secreta atrás do bar levava ao porão, e o porão levava a um homem chamado Storky, que dirigia um próspero negócio de piratear *qualquer coisa*. Líderes religiosos da comunidade constantemente ameaçavam fechar a incubadora de iniquidade para adolescentes desordeiros de Coldwater... também conhecida como Bolsa do Diabo.

— Arrase, querida — gritou Vee para mim mais alto que o *tump*, *tump*, *tump* sem sentido da música, entrelaçando os dedos nos meus e balançando nossas mãos no alto. Estávamos no meio da pista de dança, levando empurrões e trombadas de todos os lados. — É assim que uma noite de sábado deve ser. Você e eu nos divertindo, nos soltando, chacoalhando o esqueleto.

Fiz o melhor que pude para assentir com empolgação, mas o cara atrás de mim pisava de cinco em cinco segundos no calcanhar da minha sapatilha, e eu precisava colocá-la de volta no pé. A garota à minha direita dançava com os cotovelos para fora, e, se eu não tomasse cuidado, sabia que seria atingida.

— Que tal pegar umas bebidas? — sugeri. — Isto aqui está parecendo a Flórida.

— É porque nós duas estamos incendiando o lugar. Dá uma olhada naquele cara no bar. Ele não consegue tirar os olhos de seus movimentos sensuais. — Ela lambeu o dedo e o pressionou em meu ombro nu, fazendo um som de chiado.

Segui o olhar dela... e meu coração deu um salto.

Dante Matterazzi levantou o queixo em cumprimento. Seu próximo gesto foi um pouco mais sutil.

Eu não imaginava que você gostava de dançar, falou ele em minha mente.

Engraçado, eu imaginava *que você gostava de perseguir as pessoas*, devolvi.

Dante Matterazzi e eu pertencíamos à raça Nefilim, por isso tínhamos a habilidade inata de falar por meio dos pensamentos, mas as semelhanças paravam por aí. Dante não sabia dar um tempo, e eu não sabia por quanto tempo mais conseguiria evitá-lo. Eu o conheci ainda naquela manhã, quando ele foi a minha casa para contar que os anjos caídos e os nefilins estavam prestes a entrar em guerra, e que eu deveria liderar minha raça, mas no momento eu precisava de um tempo daquele papo todo de guerra. Era opressivo. Ou talvez eu estivesse em negação. De qualquer forma, queria que ele sumisse.

Deixei uma mensagem no seu celular, disse ele.

Puxa, não devo ter visto. Estava mais para “eu apaguei”.

Precisamos conversar.

Estou um pouco ocupada. Para enfatizar o que eu queria dizer, rebolei e balancei os braços de um lado para o outro, fazendo o melhor que podia para imitar Vee. O canal de tevê preferido dela era o BET, e dava para ver. A garota tinha hip-hop no sangue.

Um sorriso leve curvou os lábios de Dante. *Enquanto estiver nessa, peça algumas dicas à sua amiga. Você é meio desajeitada. Encontre-me lá fora em dois minutos.*

Olhei para ele com raiva. *Estou ocupada, lembra?*

Isso não pode esperar. Ele arqueou as sobrancelhas de maneira expressiva e desapareceu na multidão.

— O azar é dele — disse Vee. — Ele não aguenta o calor, é só isso.

— E aquelas bebidas? — indaguei. — Quer uma Coca? — Vee não parecia pronta para parar de dançar tão cedo, e, por mais que eu quisesse evitar Dante, imaginei que era melhor resolver logo

aquilo. Parar de reclamar e ir lá fora conversar com ele. A outra opção era tê-lo a noite inteira no meu pé.

— Coca com limão — disse Vee.

Saí da pista de dança e, depois de ter certeza que Vee não estava olhando, passei de fininho por um corredor lateral e pela porta dos fundos. O luar azulado banhava o beco. Um Porsche Panamera vermelho estava estacionado a minha frente, e Dante se apoiava nele com os braços cruzados no peito de modo relaxado.

Dante tem pouco mais de dois metros de altura e o físico de um soldado que acabou de sair do campo de treinamento. Para se ter uma ideia: ele tem mais tônus muscular no pescoço do que eu tenho no corpo todo. Estava usando calça *baggy* cáqui e uma camisa branca de linho desabotoada até a metade do peito, revelando um profundo V de pele macia e sem pelos.

— Carro bonito — falei.

— Dá pro gasto.

— O meu Volkswagen também, e custa consideravelmente menos.

— É preciso mais do que quatro rodas para ser um carro.

Ugh.

— Então — falei, batendo o pé no chão. — O que é tão urgente?

— Você ainda está namorando aquele anjo caído?

Era só a terceira vez em algumas horas que ele me perguntava isso. Duas vezes por mensagem de texto e agora cara a cara. Meu relacionamento com Patch tinha passado por vários altos e baixos, mas atualmente tudo ia bem. É claro que tínhamos nossos problemas. Em um mundo onde nefilins e anjos caídos preferiam morrer a sorrir um para o outro, namorar um anjo caído era inaceitável.

Eu me endireitei.

— Você já sabe.

— Estão tomando cuidado?

— Discrição é o lema.

Patch e eu não precisávamos de Dante para nos dizer que não era prudente aparecermos juntos em público com frequência. Nefilins e anjos caídos nunca precisaram de desculpa para começarem uma briga, e as tensões raciais entre eles ficavam mais acaloradas a cada dia. Era outono, outubro para ser mais exata, e o mês judaico do Cheshvan era dali a alguns dias.

Todos os anos, durante o Cheshvan, hordas de anjos caídos possuíam corpos de nefilins. Os anjos caídos tinham liberdade de ação para fazer o que quisessem, e uma vez que era a única época do ano em que podiam realmente ter sensações físicas, a criatividade deles não tinha limites. Iam em busca de prazer, dor e tudo entre esses dois extremos, como parasitas de seus hospedeiros nefilins. Para os nefilins, o Cheshvan é uma prisão infernal.

Se Patch e eu fôssemos vistos apenas de mãos dadas pelas pessoas erradas, nós pagaríamos, de um jeito ou de outro.

— Vamos falar sobre sua imagem — disse Dante. — Precisamos criar alguma propaganda positiva em torno do seu nome. Aumentar a confiança dos nefilins em você.

Estalei os dedos de maneira teatral.

— Você não detesta quando seus índices de aprovação estão baixos?

Dante franziu as sobrancelhas.

— Isso não é uma piada, Nora. O Cheshvan começa em pouco mais de 72 horas, o que significa guerra. Anjos caídos de um lado, nós do outro. Tudo depende de você. Você é a nova líder do exército nefilim. O juramento de sangue que fez a Hank está valendo, e acho que não preciso lembrá-la de que se quebrá-lo as consequências são muito, muito reais.

Senti um embrulho no estômago. Não tinha exatamente me candidatado ao emprego. Graças ao meu falecido pai biológico, um homem com mente muito tortuosa chamado Hank Millar, fui forçada a herdar a posição. Com a ajuda de uma transfusão sobrenatural, ele me coagiu a me transformar de mera humana em uma nefilim puro-sangue para que eu pudesse assumir seu exército. Eu jurei

liderar o exército, o que entrou em vigor após sua morte e, se eu falhasse, minha mãe e eu morreríamos. Termos do juramento. Sem pressão alguma.

— Apesar de qualquer medida de precaução que eu possa implementar, não podemos apagar completamente seu passado. Os nefilins estão de olho. Há boatos de que você namora um anjo caído e de que sua lealdade está dividida.

— Eu namoro um anjo caído.

Dante revirou os olhos.

— Pode dizer isso mais alto?

Dei de ombros. *Se é isso que você realmente quer*. Então abri a boca, mas Dante chegou ao meu lado em um segundo e a tapou com a mão.

— Sei que é difícil para você, mas será que pode tornar o meu trabalho mais fácil só desta vez? — murmurou ele em minha orelha, olhando as sombras em volta com óbvia inquietação, mesmo que eu tivesse certeza de que estávamos sozinhos. Eu só era uma nefilim puro-sangue havia 24 horas, mas confiava no meu novo e apurado sexto sentido. Se houvesse algum bisbilhoteiro à espreita, eu saberia.

— Olha, sei que quando nos conhecemos de manhã eu fui negligente ao dizer que os nefilins teriam de lidar com o fato de que namoro um anjo caído — falei quando ele abaixou a mão —, mas eu não estava pensando direito. Estava irritada. Passei o dia todo analisando muito isso. Conversei com Patch. Estamos sendo cuidadosos, Dante. Bastante cuidadosos.

— É bom saber disso. Mas ainda preciso que você faça algo por mim.

— O quê?

— Namore um nefilim. Namore Scott Parnell.

Scott foi o primeiro nefilim com quem fiz amizade, quando tinha apenas cinco anos de idade. Na época, eu desconhecia sua verdadeira descendência, mas nos últimos meses ele assumira primeiro o papel de meu algoz, depois o de parceiro no crime e, por

fim, o de meu amigo. Não havia segredos entre nós. Nem nenhuma química romântica, também.

Dei uma risada.

— Você me mata de rir, Dante.

— Seria apenas um teatrinho. Para manter as aparências — explicou ele. — Só até nossa raça aceitá-la. Você só é nefilim há um dia. Ninguém a conhece. As pessoas precisam de uma razão para gostar de você. Devemos fazer com que elas se sintam à vontade e confiem em você. Namorar um nefilim é um bom passo na direção certa.

— Não posso namorar Scott — disse a Dante. — Vee gosta dele.

Dizer que Vee não vinha dando sorte no amor era ser otimista. Nos últimos seis meses, ela se apaixonou por um predador narcisista e um traidor nojento. Não era de surpreender que esses dois relacionamentos a fizessem duvidar seriamente de seus instintos em relação a parceiros. Nos últimos tempos, ela vinha evitando terminantemente sequer sorrir para o sexo oposto... até que Scott apareceu. Na noite passada, apenas algumas horas antes de meu pai biológico me compelir a me transformar em uma nefilim puro-sangue, Vee e eu fomos à Bolsa do Diabo para ver Scott tocar baixo com sua nova banda, a Serpentine, e ela não parou de falar nele desde então. Entrar em cena e roubar Scott agora, mesmo que fosse uma armação, seria o golpe baixo definitivo.

— Não seria para valer — repetiu Dante, como se isso fizesse tudo ficar bem.

— Vee saberia disso?

— Não exatamente. Você e Scott precisam ser convincentes. Se alguma informação vazar, será desastroso, então prefiro limitar a verdade a nós dois.

O que significava que Scott também seria uma vítima da armação. Coloquei as mãos no quadril, querendo me mostrar firme e inflexível.

— Então você vai ter que arrumar outra pessoa.

Não gostava nada da ideia de fingir namorar um nefilim para aumentar minha popularidade. Na verdade, isso parecia um

desastre iminente, mas queria deixar tanta confusão para trás. Se Dante achava que ter um namorado nefilim me daria mais credibilidade, que assim fosse. Não seria de verdade. É óbvio que Patch não ficaria empolgado, mas um problema de cada vez, certo?

A boca de Dante se comprimiu em uma linha, e ele fechou os olhos por um momento. Reunindo paciência. Já estava me acostumando com essa expressão ao longo daquele dia.

— Tem que ser alguém respeitado na comunidade nefilim — ponderou Dante por fim. — Alguém que os nefilins admirem e aprovem.

Fiz um gesto impaciente.

— Ótimo. Apenas escolha uma pessoa que não seja Scott.

— Eu.

Estremeci.

— Desculpe. O quê? *Você?*

Eu estava muito surpresa para cair na risada.

— Por que não? — perguntou Dante.

— Quer mesmo que eu faça uma lista dos motivos? Você vai ficar aqui a noite toda ouvindo. Você deve ser pelo menos cinco anos mais velho que eu em anos humanos, o que é um prato cheio para fofoca, você não tem senso de humor e... ah, é, a gente não se suporta.

— É uma ligação natural. Sou seu primeiro-tenente...

— Porque Hank lhe deu esse posto. Não tive nada a ver com isso.

Dante parecia não me ouvir e seguiu adiante com sua versão imaginária dos acontecimentos:

— Nós nos conhecemos e sentimos uma atração mútua e imediata. Eu a confortei após a morte de seu pai. É uma história verossímil. — Ele sorriu. — E conseguimos boa publicidade.

— Se você disser a palavra com *P* mais uma vez, vou... perder a cabeça.

Tipo bater nele. E depois bater em mim mesma por chegar a considerar esse plano.

— Pense nisso — disse Dante. — Reflita sobre a sugestão.

— Refletir sobre a sugestão. — Contei até três nos dedos. — O.k., pronto. Má ideia. Péssima ideia. Minha resposta é não.

— Você tem uma ideia melhor?

— Tenho, só que preciso de tempo para pensar mais.

— Claro. Sem problema, Nora. — Ele contou até três nos dedos. — O.k., seu tempo acabou. Preciso de um nome logo pela manhã. Caso não esteja absurdamente óbvio, sua imagem está indo ladeira abaixo. As notícias da morte do seu pai e, consequentemente, de sua nova posição de liderança espalham-se rapidamente. As pessoas têm falado, e não tem sido nada de bom. Precisamos que os nefilins acreditem em você. Precisamos que confiem que você se preocupa com os interesses deles e que pode concluir o trabalho de seu pai e nos libertar da obrigação de servir aos anjos caídos. Precisamos que eles a apoiem, e vamos lhes dar bons motivos para isso. A começar por um respeitável namorado nefilim.

— Ei, amiga, está tudo bem aqui?

Dante e eu nos viramos. Vee estava parada perto da porta, observando-nos com desconfiança e curiosidade.

— Oi! Está tudo bem — falei, um pouco entusiasmada demais.

— Você não voltou com as bebidas, então comecei a ficar preocupada — disse Vee. Seu olhar ia de mim para Dante. Vi pelo brilho nos olhos dela que se lembrava dele do bar. — Quem é você? — perguntou.

— Ele? — interrompi. — Ah. Hã. Bem, é apenas um cara qualquer...

Dante deu um passo à frente, a mão estendida.

— Dante Matterazzi. Sou um amigo novo de Nora. Fomos apresentados hoje de manhã por um conhecido em comum, Scott Parnell.

E, num estalo, o rosto de Vee se iluminou.

— Você conhece Scott?

— É um grande amigo meu, na verdade.

— Qualquer amigo de Scott é meu amigo também.

Tive vontade de arrancar meus olhos.

— Então o que vocês dois estão fazendo aqui atrás? — perguntou Vee.

— Dante está de carro novo — falei, dando um passo para o lado para que ela visse o Porsche. — E não resistiu e veio exibi-lo. Mas não olhe muito de perto. Acho que está faltando o número do chassi. O pobrezinho teve que roubar porque gastou todo o dinheiro depilando o peito, e nossa, como brilha.

— Muito engraçada — disse Dante.

Achei que ele fosse ficar constrangido e fechar pelo menos mais um botão da camisa, mas não.

— Se eu tivesse um carro assim, também o exibiria — disse Vee.

— Tentei convencer Nora a dar uma volta, mas ela fica me dispensando.

— É porque ela tem um namorado casca-grossa. Ele deve ter sido educado em casa, porque perdeu todas aquelas lições valiosas que aprendemos no jardim de infância, como, por exemplo, compartilhar. Se ele descobrir que você levou Nora para dar uma volta, vai acabar com esse Porsche novinho na árvore mais próxima.

— Uau, olha a hora — falei. — Você não precisa ir a outro lugar, Dante?

— Estou livre esta noite.

Ele sorriu, com toda a calma, e eu sabia que estava saboreando cada momento de intromissão em minha vida pessoal.

Naquela manhã eu tinha deixado bem claro, logo de cara, que qualquer contato nosso teria que ser feito em particular, e ele estava me mostrando o que achava das minhas “regras”. Em uma tola tentativa de igualar o placar, fuzilei-o com meu olhar mais frio e cruel.

— Você está com sorte — disse Vee. — Sabemos exatamente como ocupar sua noite. Você vai se divertir com duas das garotas mais incríveis de toda Coldwater, sr. Dante Matterazzi.

— Dante não dança — intrometi-me rapidamente.

— Farei uma exceção, só desta vez — respondeu ele enquanto abria a porta para nós.

Vee bateu palmas, pulando.

— Eu *sabia* que a noite ia ser ótima! — gritou ela, passando por baixo do braço de Dante.

— Você primeiro — disse Dante.

Ele tocou minhas costas e me guiou para dentro. Tirei a mão dele com um tapa, mas, para minha irritação, ele se inclinou para mim e sussurrou:

— Fico feliz que a gente tenha tido essa conversa.

Ainda não decidimos nada, falei para ele em pensamento. *Essa história toda de namoro? Não há nada resolvido. É bom que você se lembre disso. E, só para constar, minha melhor amiga não deveria saber da sua existência.*

Sua melhor amiga acha que eu deveria dar trabalho a seu namorado, disse ele, parecendo se divertir.

Para ela, qualquer coisa que respire deve substituir Patch. Eles têm questões malresolvidas.

Parece promissor.

Ele me seguiu pelo corredor pequeno que levava à pista de dança, e senti seu sorriso presunçoso e provocador durante todo o caminho.

***

A batida alta e monótona da música martelava na minha cabeça. Apertei a ponte do nariz, a dor de cabeça crescente me fazendo encolher. Apoiei um cotovelo no bar e usei a mão livre para pressionar um copo de água gelada na testa.

— Já está cansada? — perguntou Dante, deixando Vee na pista de dança para se sentar em uma banqueta ao meu lado.

— Alguma ideia de quanto tempo mais ela vai aguentar? — perguntei, sentindo-me exausta.

— Acho que ela recarregou a bateria.

— Da próxima vez em que eu estiver procurando por uma melhor amiga, me lembre de ficar longe do Coelhinho da Duracell. Dura até oito vezes mais...

— Parece que você precisa de uma carona para casa.

Balancei a cabeça.

— Eu vim de carro, mas não posso deixar Vee aqui. Sério, quanto tempo ela ainda consegue aguentar?

É claro que eu já vinha me fazendo essa mesma pergunta na última hora.

— Vamos fazer assim: vá para casa, eu fico com Vee. Quando ela finalmente se cansar, eu a levo.

— Achei que você não devia se misturar com minha vida pessoal.

Tentei soar rude, mas estava tão exausta que não consegui ser muito convincente.

— Sua regra, não minha.

Mordi o lábio.

— Talvez só desta vez. Afinal, Vee gosta de você. E você tem mesmo a energia necessária para continuar dançando com ela. Quer dizer, isso é bom, não é?

Ele cutucou minha perna.

— Pare de racionalizar e caia logo fora daqui.

Para minha surpresa, suspirei aliviada.

— Obrigada, Dante. Fico lhe devendo uma.

— Pode me pagar amanhã. Precisamos terminar a conversa de hoje cedo.

E, com isso, qualquer sentimento benevolente que eu tivesse foi por água abaixo. Dante voltou a ser um espinho no meu pé, com seu jeito incansável de me perturbar.

— Se alguma coisa acontecer a Vee, vou considerá-lo culpado.

— Ela ficará bem, e você sabe disso.

Eu podia não gostar de Dante, mas confiava que ele cumpriria o combinado. Afinal, agora ele estava subordinado a mim. Tinha me jurado lealdade. Talvez ser líder de todos os nefilins tivesse algumas vantagens, no fim das contas. Então fui embora.

Era uma noite sem nuvens, a lua de um azul assombroso no céu escuro. Enquanto andava na direção do carro, a música da Bolsa do Diabo ecoava como um ribombar distante de trovão. Inspirei o ar frio de outubro. Minha dor de cabeça já tinha diminuído.

O celular irrastreável que Patch tinha me dado tocou na bolsa.

— Como foi a noite das garotas? — perguntou Patch.

— Se dependesse da Vee, ficaríamos aqui a noite toda. — Tirei os sapatos e os pendurei nos dedos. — Só consigo pensar em cama.

— Estamos pensando na mesma coisa.

— Você também está pensando em cama?

Mas Patch me dissera que raramente dormia.

— Estou pensando em *você* na *minha* cama.

Meu estômago se agitou. Na noite anterior, pela primeira vez eu tinha passado a noite no estúdio de Patch, e, apesar de toda atração e tentação, conseguimos dormir em cômodos separados. Eu não tinha certeza de quão longe queria que nossa relação fosse, mas meu instinto me dizia que Patch não estava tão indeciso.

— Minha mãe está me esperando — respondi. — Não é uma boa hora. — E por falar em não ser uma boa hora, sem querer me lembrei de minha última conversa com Dante. Eu tinha de falar logo sobre aquilo com Patch. — Podemos nos ver amanhã? Precisamos conversar.

— Não parece ser boa coisa.

Mandei um beijo pelo telefone.

— Senti sua falta esta noite.

— A noite não acabou. Depois que eu terminar aqui, posso passar na sua casa. Deixe a janela do quarto destrancada.

— No que você está pensando?

— Vigilância.

Franzi as sobrancelhas.

— Isso é muito vago.

— Meu alvo está em movimento. Preciso ir — disse ele. — Chego lá assim que puder.

E desligou.

Caminhei pela calçada, pensando em quem Patch estaria vigiando e por quê — a coisa toda parecia um pouco sinistra —, até ver meu carro, um Volkswagen Cabriolet 1984. Joguei os sapatos no banco traseiro e me sentei atrás do volante. Girei a chave na ignição, mas o motor não pegou. Ficou fazendo um ronco esquisito, e aproveitei a oportunidade para pensar em algumas palavras criativas sobre aquele pedaço inútil de sucata.

Scott havia me dado de bandeja aquele carro, que me proporcionou mais horas de sofrimento do que quilômetros de estrada. Saí do carro e levantei o capô, tentando entender alguma coisa naquele labirinto oleoso de mangueiras e recipientes. Eu já tinha checado o alternador, o carburador e as velas de ignição. O que faltava?

— Problemas com o carro?

Virei-me, surpresa com o som de uma voz masculina nasalada atrás de mim. Não tinha ouvido ninguém se aproximar. E, o que era mais desconcertante, não tinha sentido a presença dele.

— Parece que sim — falei.

— Precisa de ajuda?

— Na verdade, preciso de um carro novo.

Ele tinha um sorriso esquivo e nervoso.

— Por que não lhe dou uma carona? Você parece uma garota legal. Poderíamos ter uma conversa agradável no caminho.

Mantive distância, minha mente trabalhando sem parar enquanto eu tentava descobrir quem ele era. A intuição me dizia que não era humano. Nem nefilim. O engraçado é que também não achava que ele fosse um anjo caído. Tinha rosto redondo de querubim, cabelo espesso e louro, e orelhas de abano. Parecia tão inofensivo, na verdade, que isso me deixou imediatamente desconfiada. Imediatamente apreensiva.

— Obrigada pela oferta, mas vou pegar carona com um amigo.

O sorriso dele desapareceu e ele tentou agarrar a manga da minha blusa.

— Não vá — falou ele com um gemido de desespero.

Dei vários passos assustados para trás.

— Quer dizer... Eu estava tentando dizer... — Ele engoliu em seco, então endureceu o olhar como se fossem contas brilhantes. — Preciso falar com seu namorado.

Meu coração bateu mais rápido e o pânico tomou conta de mim. E se ele fosse um nefilim e eu não tivesse conseguido detectá-lo? E se ele realmente soubesse sobre mim e Patch? E se ele estivesse me procurado naquela noite para passar uma mensagem: que nefilins e anjos caídos não se misturam? Eu era nefilim havia pouco tempo, não seria páreo para ele se as coisas chegassem a um confronto físico.

— Não tenho namorado.

Tentei ficar calma enquanto me virava em direção à Bolsa do Diabo.

— Coloque-me em contato com Patch — gritou o homem para mim, aquele mesmo som agudo de desespero afetando sua voz. — Ele está me evitando.

Apressei o passo.

— Diga que se ele não sair do esconderijo, eu vou... eu vou... forçá-lo a isso. Vou tacar fogo em todo o parque de diversões Delphic se necessário!

Olhei por cima do ombro cautelosamente. Não sabia em que Patch havia se metido, mas uma sensação desconfortável crescia em meu estômago. Quem quer que fosse aquele homem, feições de querubim à parte, ele estava falando a sério.

— Ele não pode fugir de mim para sempre!

Ele correu com suas pernas curtas e grossas até se misturar às sombras, assobiando uma melodia que me causou um calafrio na espinha.

C A P Í T U L O
2

Meia hora depois parei, na entrada da minha garagem. Moro com minha mãe em uma casa de fazenda sofisticada no Maine, pintada de branco, com venezianas azuis e um véu constante de neblina. Naquela época do ano, as árvores resplandeciam com matizes flamejantes de vermelho e dourado, e o ar trazia os aromas revigorantes de seiva de pinheiro, lenha e folhas úmidas. Subi depressa os degraus da varanda, onde cinco abóboras imponentes me observavam como sentinelas, e entrei.

— Cheguei! — gritei para minha mãe, a luz da sala de estar dedurando que ela estava lá.

Deixei minhas chaves no aparador e fui procurá-la. Ela marcou a página do livro com uma dobra, levantou-se do sofá e me apertou em um abraço.

— Como foi sua noite?

— Estou completamente exausta. — Apontei para o andar de cima. — Se eu conseguir chegar até minha cama, vai ser apenas pela força da mente.

— Enquanto esteve fora, um homem passou aqui procurando você.

Franzi as sobrancelhas. Que homem?

— Ele não quis dizer o nome nem disse de onde a conhecia — continuou minha mãe. — Devo me preocupar?

— Como ele era?

— Rosto arredondado, meio vermelho, cabelo louro.

Ele, então. O homem que tinha assuntos a resolver com Patch. Forcei um sorriso.

— Ah, claro. É um vendedor. Fica tentando me convencer a fechar as fotos da formatura com o estúdio dele. Da próxima vez, vai tentar me vender convites também. Seria muito nojento se eu não

lavasse o rosto esta noite? Ficar acordada mais dois minutos parece muito a esta altura.

Minha mãe me deu um beijo na testa.

— Bons sonhos.

Subi para meu quarto, fechei a porta e desabei toda esparramada na cama. A música da Bolsa do Diabo ainda pulsava em minha cabeça, mas eu estava muito cansada para ligar para isso. Meus olhos já estavam quase fechados quando me lembrei da janela. Com um gemido, cambaleei até lá e abri a tranca. Patch poderia entrar, mas precisaria de sorte a fim de me manter acordada o suficiente para conseguir provocar alguma reação minha.

Puxei os cobertores até o queixo e senti o sono me chamando, atraindo-me, suave e deliciosamente, e deixei que me levasse...

E então o colchão afundou com o peso de outro corpo.

— Não entendo ao certo por que você gosta tanto desta cama — disse Patch. — É cinco centímetros mais curta do que deveria ser, um metro e vinte mais estreita, e os lençóis roxos não estão ajudando. *Minha* cama, por outro lado...

Abri um olho e o vi esticado a meu lado, as mãos frouxamente entrelaçadas atrás do pescoço. Seus olhos escuros observavam os meus, e eu podia sentir seu cheiro gostoso e sexy. Mais do que tudo, sentia o calor do corpo dele no meu. Apesar de minhas melhores intenções, aquela proximidade dificultava cada vez mais minha concentração para dormir.

— Ha — falei. — Sei que você não liga se minha cama é confortável. Você ficaria bem em uma cama de tijolos.

Um dos aspectos negativos de Patch ser um anjo caído era o fato de não ter nenhuma sensação física. Nenhuma dor, mas também nenhum prazer. Eu tinha que me contentar em saber que, quando o beijava, ele só sentia isso no nível emocional. Tentava fingir que não me importava, mas queria que ele se sentisse eletrizado pelo meu toque.

Ele me beijou suavemente na boca.

— Sobre o que você queria falar?

Não conseguia me lembrar. Algo sobre Dante. O que quer que fosse, não parecia importante. Falar não parecia importante. Eu me aninhei bem junto a ele, e Patch deslizou a mão pelo meu braço nu, fazendo uma sensação quente de formigamento percorrer todo o meu corpo, até chegar aos dedos dos pés.

— Quando vou poder ver você dançando? — perguntou ele. — Nunca fomos juntos à Bolsa do Diabo.

— Não está perdendo muita coisa. Me disseram que eu sou uma negação na pista de dança.

— Vee devia ser mais legal com você — murmurou ele, beijando minha orelha.

— Não foi Vee que disse essa pérola. Foi Dante Matterazzi — confessei distraidamente, os beijos de Patch me embalando para um lugar feliz que não exigia muito raciocínio ou prudência.

— Dante? — repetiu Patch, um quê desagradável se infiltrando em seu tom.

Droga.

— Eu me esqueci de falar que Dante esteve lá? — perguntei.

Patch também tinha conhecido Dante naquela manhã e, na maior parte do tempo daquela reunião tensa, tive medo de que um arrastasse o outro para uma briga. Desnecessário dizer que não foi amor à primeira vista. Patch não gostou de ver Dante agindo como se fosse meu conselheiro político e me pressionando a entrar em guerra contra os anjos caídos, e Dante... bem, Dante odiava anjos caídos por uma questão de princípio.

O olhar de Patch ficou frio.

— O que ele queria?

— Ah, agora lembro o que eu queria falar com você. — Estalei os dedos. — Dante está tentando promover minha imagem para a raça nefilim. Sou a líder deles agora. O problema é que não confiam em mim. Não me conhecem. E Dante está decidido a mudar isso.

— Diga-me algo que não sei.

— Dante também acha que pode ser uma boa ideia, ah, eu namorá-lo. Não se preocupe! — apressei-me em dizer. — É só

teatro. Para os nefilins acharem que a líder deles está engajada. Vamos acabar com esses boatos de que estou namorando um anjo caído. Nada demonstra mais comprometimento do que ficar com um dos seus, sabia? Isso ajuda a gerar boa publicidade. Podem até nos chamar de Norante. Ou Danta. O que você acha? — perguntei, tentando manter o clima leve.

A boca de Patch mostrava sua irritação.

— Na verdade, não acho nada bom.

— Se servir de consolo, não suporto Dante. Não precisa se preocupar.

— Minha namorada quer sair com outro cara, nada demais.

— É só para manter as aparências. Veja pelo lado bom...

Patch riu, mas sem nenhum humor.

— Existe um lado bom?

— É só durante o Cheshvan. Hank deixou os nefilins de toda parte exaltados com relação a esse período. Ele lhes prometeu a salvação, e eles ainda acham que vão consegui-la. Quando o Cheshvan chegar, e acabar sendo como qualquer outro da história, eles vão perceber que era uma aposta arriscada, e, pouco a pouco, as coisas vão voltar ao normal. Nesse meio-tempo, enquanto os ânimos estiverem exaltados e as esperanças e sonhos dos nefilins se basearem na falsa crença de que posso libertá-los dos anjos caídos, precisamos mantê-los felizes.

— Já lhe ocorreu que os nefilins podem culpá-la quando não conseguirem sua salvação? Hank fez um monte de promessas e, quando elas não forem cumpridas, ninguém vai acusá-lo. Você é a líder deles agora. Você é o rosto nessa campanha, Anjo — disse ele solenemente.

Olhei para o teto. É, eu tinha pensado nisso. Mais vezes do que eu gostaria de imaginar hoje sem enlouquecer.

Na noite anterior, que pareceu durar uma eternidade, os arcanjos me fizeram uma oferta irrecusável. Prometeram me dar o poder para matar Hank — se eu reprimisse a revolta nefilim. A princípio, eu não havia pensando em aceitar a oferta, mas Hank me forçara a isso.

Ele tinha tentado queimar a pena de Patch e mandá-lo para o inferno. Então atirei nele.

Hank estava morto, e os arcanjos esperavam que eu impedisse os nefilins de entrarem na guerra.

Era aí que as coisas complicavam. Algumas horas antes de eu atirar em Hank, tinha jurado a ele liderar o exército nefilim. Se eu descumprisse o acordo, minha mãe e eu morreríamos.

Como cumprir com minha promessa com os arcanjos e meu juramento para Hank? Só via uma opção. Eu *lideraria* o exército de Hank. Para a paz. Provavelmente não era o que ele imaginava quando me obrigou a fazer o juramento, mas ele não estava por perto agora para discutir os detalhes. No entanto, não deixei de pensar que, ao virar as costas para a rebelião, eu também estava permitindo que os nefilins permanecessem sob o jugo dos anjos caídos. Não parecia certo, mas a vida era cheia de decisões difíceis. Como eu bem estava aprendendo. No momento, estava mais preocupada em manter os arcanjos felizes do que os nefilins.

— O que você sabe sobre meu juramento? — perguntei a Patch. — Dante disse que ele passou a valer quando Hank morreu, mas quem determina se eu o mantenho ou não? Quem determina o que eu posso ou não fazer a fim de cumpri-lo? Você, por exemplo. Estou lhe confiando um segredo, e você é um anjo caído e inimigo jurado dos nefilins. O juramento não vai me fazer cair morta por traição?

— O juramento que você fez foi o mais vago possível. Felizmente — disse Patch com alívio evidente.

Ah, tinha sido vago mesmo. E objetivo. *Se você morrer, Hank, serei a nova comandante de seu exército*. Nem uma palavra a mais.

— Desde que você se mantenha no poder e lidere os nefilins, acredito que esteja nos termos do juramento — disse Patch. — Você nunca prometeu a Hank que iria para a guerra.

— Em outras palavras, o plano é evitar a guerra e manter os arcanjos felizes.

Patch suspirou, quase para si mesmo.

— Algumas coisas nunca mudam.

— Depois do Cheshvan, depois que os nefilins desistirem da liberdade, e *depois* de colocar um grande sorriso de satisfação no rosto dos arcanjos, poderemos deixar isso para trás. — Eu o beijei. — Seremos só você e eu.

Patch gemeu.

— Não vai ser rápido o bastante.

— Ei, escute — falei, ansiosa por mudar para *qualquer* assunto que não fosse guerra —, fui abordada por um homem esta noite. Ele quer falar com você.

Patch fez que sim com a cabeça.

— Pepper Friberg.

— Pepper tem o rosto redondo como uma bola de basquete?

Mais um sim.

— Ele está me seguindo porque acha que voltei atrás em um acordo nosso. Ele não quer falar comigo. Quer me acorrentar no inferno e se livrar de mim.

— É impressão minha ou isso parece ser meio sério?

— Pepper Friberg é um arcanjo, mas ele se meteu com mais coisas do que devia. Está levando uma vida dupla, passa metade do tempo como arcanjo e na outra faz um extra como humano. Até agora, tem vivido o melhor dos dois mundos. Tem o poder de um arcanjo, que nem sempre usa para o bem, enquanto desfruta dos vícios humanos.

Então Pepper era um arcanjo. Não era de espantar que eu não tivesse conseguido identificá-lo. Eu não tinha tido muito experiência em lidar com arcanjos.

— Alguém descobriu seu jogo desonesto, e dizem que ele está sendo chantageado. Se Pepper não pagar logo, seu tempo de férias na Terra vai se tornar permanente. Os arcanjos vão tirar seu poder e arrancar suas asas se descobrirem o que ele tem feito. Ele vai ficar preso aqui para sempre.

As peças se juntaram.

— Ele acha que é *você* chantageando-o.

— Um tempo atrás, descobri o que ele andava fazendo. Concordei em manter segredo e, em troca, ele concordou em me ajudar a colocar as mãos em uma cópia do *Livro de Enoque*. Ele não cumpriu a promessa, e parece lógico que pense que eu queira dar o troco. Mas acho que ele deve ter sido descuidado e existe outro anjo caído por aí querendo tirar vantagem de suas transgressões.

— Você disse isso a Pepper?

Patch sorriu.

— Estou cuidando disso. Ele não anda muito falante.

— Ele disse que vai atear fogo em todo o Delphic, se for preciso, para forçá-lo a sair de lá.

Eu sabia que os arcanjos não ousavam colocar os pés no parque de diversões Delphic, temendo por sua segurança em um lugar que fora construído por anjos caídos e onde vários deles moravam, então a ameaça fazia sentido.

— Ele está com a corda no pescoço, desesperado. Melhor ficar na moita.

— Ficar na moita?

— Procurar não chamar a atenção. Passar despercebido.

Eu me apoiei em um cotovelo e encarei Patch.

— E como me encaixo nisso?

— Ele acha que você é o bilhete de entrada para me encontrar. Vai grudar em você como chiclete. Ele estacionou no fim da rua e está lá parado enquanto conversamos, de olhos atentos em meu carro. — Patch passou o polegar pela minha bochecha. — Ele é bom, mas não o bastante para me impedir de passar bons momentos com minha namorada.

— Prometa para mim que você sempre vai estar dois passos à frente.

Pensar que Pepper podia pegar Patch e colocá-lo no primeiro trem para o inferno fazia eu me sentir nada bem.

Patch prendeu um dedo no meu decote e me puxou para um beijo.

— Não se preocupe, Anjo. Faz tempo que eu sei brincar de esconde-esconde.

***

Quando acordei, a cama estava fria ao meu lado. Sorri quando lembrei ter adormecido aninhada nos braços de Patch, e procurei me concentrar nisso em vez de pensar na probabilidade de que Pepper Friberg, também conhecido como Sr. Arcanjo com um Segredo Sujo, tivesse ficado do lado de fora da minha casa a noite toda, bancando o espião.

Lembrei-me, então, de um ano antes, no final do meu segundo ano. Na época, eu sequer tinha beijado um garoto. Nunca poderia imaginar o que estava para acontecer. Patch significava mais para mim do que eu conseguia exprimir em palavras. Seu amor e fé em mim atenuaram as decisões difíceis que fora forçada a tomar recentemente. Sempre que a dúvida e a tristeza invadiam minha mente, tudo o que precisava fazer era pensar nele. Não sabia se tinha feito a melhor escolha todas as vezes, mas de uma coisa eu não tinha dúvida: tinha acertado com relação a Patch. Não podia desistir dele. Nunca.

Ao meio-dia, Vee ligou:

— Que tal nós sairmos para correr? Comprei tênis novos e preciso amaciar esses carinhas.

— Vee, meus pés estão cheios de bolhas por ter dançado ontem à noite. E espere aí. Desde quando você gosta de correr?

— Não é segredo que estou pesando uns quilinhos a mais — disse ela. — Tenho ossos largos, mas isso não é desculpa para deixar uma gordurinha me deter. Tem esse cara aí chamado Scott Parnell, e perder alguns quilinhos extras vai permitir a reunir coragem para ir atrás dele, então é o que vou fazer. Quero que Scott olhe para mim do jeito que Patch olha para você. Antes eu não levava a sério essa coisa de dieta e exercício, mas estou virando

uma página. A partir de hoje, adoro exercício. É meu novo melhor amigo.

— Ah, e quanto a mim?

— Assim que eu perder peso, você vai ser a minha favorita de novo. Pego você em vinte minutos. Não se esqueça de prender o cabelo com uma faixa. Ele fica assustador quando está úmido.

Desliguei o telefone, vesti uma blusinha, depois coloquei um moletom e calcei os tênis. Vee me buscou bem na hora. E logo ficou claro que não estávamos indo para a pista de corridas da escola. Ela dirigia seu Neon roxo pela cidade, na direção oposta à da escola, cantarolando para si mesma.

— Aonde estamos indo? — perguntei.

— Acho que devíamos subir morros. Faz bem para os glúteos.

Ela virou o Neon para a Deacon Road, e uma luz se acendeu em minha mente.

— Espere aí. Scott mora na Deacon Road.

— Pensando bem, não é que ele mora mesmo?

— Vamos correr perto da casa de Scott? Isso não faz parecer... sei lá... que você está seguindo o cara?

— Essa não é uma forma nada legal de ver as coisas, Nora. Por que não pensar nisso como uma motivação? De olho no prêmio.

— E se ele nos vir?

— Você é amiga de Scott. Se ele nos vir, provavelmente vai sair e vir falar com a gente. E seria indelicado não parar e lhe dar alguns minutos do nosso tempo.

— Em outras palavras, não se trata de correr. E sim de ficar com um cara.

Vee balançou a cabeça.

— Você não está nem um pouco divertida.

Ela seguiu pela Deacon, um trecho sinuoso de estrada panorâmica margeado dos dois lados por frondosos pinheiros que, em algumas semanas, estariam cobertos de neve.

Scott morava com a mãe, Lynn Parnell, em um condomínio que vimos ao dobrar a próxima curva. No verão, Scott se mudou e ficou

escondido. Abandonara o exército nefilim de Hank Millar, e Hank o procurou incansavelmente, esperando fazer de Scott um exemplo. Depois que matei Hank, Scott ficou livre para voltar para casa.

Um muro protegia a propriedade e, apesar de eu saber que o objetivo era ter privacidade, isso conferia ao lugar um ar de prisão. Vee seguiu para a entrada, e tive um flashback da vez em que ela me ajudou a bisbilhotar o quarto de Scott. Isso na época em que eu achava que ele era um imbecil que não valia nada. Nossa, como as coisas tinham mudado. Estacionamos perto das quadras de tênis. Já não havia mais redes fazia tempo, e alguém tinha decorado o gramado com pixações.

Saímos e alongamos durante alguns minutos.

— Não me sinto segura de deixar o Neon abandonado por muito tempo nesta vizinhança. Talvez devêssemos dar voltas ao redor do condomínio. Desse jeito posso ficar de olho no meu carrinho.

— Aham. Assim Scott também tem mais chance de ver a gente.

Vee usava casaco de lã cor-de-rosa e calça de moletom da mesma cor com a palavra diva estampada em letras douradas no bumbum. Estava toda maquiada, com brincos de diamante e um anel de rubi, e usando o perfume Pure Poison, da Dior. Só um dia comum de corrida.

Aceleramos o passo e começamos uma corrida leve pela pista suja que dava a volta no condomínio. O sol brilhava e, depois de três voltas, tirei meu casaco e o amarrei na cintura. Vee foi direto para um banco de parque desgastado e se sentou, recuperando o fôlego.

— Devem ter sido uns oito quilômetros — disse ela.

Dei uma olhada na pista. Claro... acho que seis quilômetros e meio, no máximo.

— Talvez pudéssemos espiar na janela de Scott — sugeriu Vee. — É domingo. Ele pode ter dormido um pouco mais e precisar de um amigo para acordá-lo.

— Scott mora no terceiro andar. A menos que você tenha uma escada de 12 metros escondida na mala do Neon, dar uma espiada pela janela provavelmente está fora de questão.

— Podíamos tentar algo mais direto. Como bater na porta dele.

Naquele instante, um Plymouth Barracuda laranja, dos anos 1970, entrou roncando no estacionamento. Parou embaixo da cobertura para carros, e Scott saiu do veículo. Como a maioria dos nefilins homens, Scott tinha o corpo de alguém bastante familiarizado com uma sala de musculação. Ele também é singularmente alto, com quase dois metros de altura. Usa cabelo curto como o de um presidiário, e é bonito — de um jeito mais duro e sofrido. Estava usando short de malha de jogar basquete e camiseta com as mangas cortadas.

Vee se abanou.

— Minha nossa.

Levantei a mão, pensando em chamar Scott e atrair a atenção dele, quando a porta de passageiros do Barracuda se abriu e Dante saltou.

— Dá uma olhada — disse Vee. — É o Dante. Faça as contas. Dois deles, duas de nós. Eu sabia que ia gostar de correr.

— Estou com uma vontade súbita de continuar correndo — murmurei.

E não parar até estar bem longe de Dante. Não estava no clima para continuar a conversa da noite anterior. Também não estava com saco de ter Vee bancando o cupido. Ela era irritantemente boa nisso.

— Tarde demais. Já nos viram.

Vee sacudia o braço acima da cabeça como uma hélice de helicóptero.

De fato, Scott e Dante estavam encostados no Barracuda, balançando a cabeça e sorrindo para nós.

— Está me perseguindo, Grey? — gritou Scott.

— Ele é todo seu — disse eu a Vee. — Vou continuar correndo.

— E Dante? Ele vai ficar segurando vela — brincou ela.

— Vai ser bom para ele, confie em mim.

— Onde é o incêndio, Grey? — berrou Scott e, para meu desânimo, ele e Dante começaram a correr em minha direção.

— Estou treinando — disparei. — Pensei... em fazer teste para a equipe de corrida.

— Eles não começam a treinar antes da primavera — lembrou-me Vee.

Que diabos.

— Oh-oh, meu batimento cardíaco está desacelerando — gritei para Scott.

E, com isso, saí correndo na direção contrária.

Ouvi Scott na pista atrás de mim. Um minuto depois, ele agarrou a alça da minha camiseta, puxando-a de brincadeira.

— Quer me dizer o que está acontecendo?

Virei para encará-lo.

— O que parece?

— Parece que você e Vee usaram a desculpa da corrida para vir me ver.

Dei um tapinha de parabéns no ombro dele.

— Bom trabalho, gênio.

— Então por que você está se afastando? E por que Vee está parecendo uma fábrica de perfume?

Fiquei quieta, até que ele entendesse.

— Ah — disse Scott, finalmente.

Estendi as mãos.

— Meu trabalho aqui está feito.

— Não leve isso a mal, mas não sei se estou pronto para passar um dia inteiro com Vee. Ela é muito... intensa.

Antes que eu pudesse lhe dar o sábio conselho “É melhor fingir até conseguir”, Dante parou ao meu lado.

— Posso conversar com você? — pediu.

— Ah, não — falei baixinho.

— Bom, essa é a minha deixa — disse Scott, e, para minha tristeza, saiu correndo e me deixou sozinha com Dante.

— Você consegue correr e conversar ao mesmo tempo? — perguntei a Dante, pensando que eu preferia não ter que olhar nos olhos dele enquanto falava de novo sobre nosso namoro de mentira.

E também assim deixava bem clara a minha disposição para aquela conversa.

Como resposta, Dante acelerou o passo, correndo ao meu lado.

— Fico feliz em ver você correndo — disse ele.

— E por quê? — disse arfando e afastei do rosto suado alguns fios de cabelo. — Você fica feliz em me ver assim, neste estado deplorável?

— Sim, e também por ser um bom treino para o que planejei para você.

— Você planejou algo para mim? Por que tenho a sensação de que não quero ouvir mais?

— Você pode ser nefilim agora, Nora, mas está em desvantagem. Ao contrário dos nefilins naturalmente concebidos, você não tem a vantagem de ser alta e nem é tão poderosa fisicamente.

— Sou bem mais forte do que você pensa — argumentei.

— Mais forte do que você *era*. Mas não tão forte quanto outra nefilim. Você tem o mesmo corpo de quando era humana e, embora na época ele fosse adequado, não é o bastante para competir agora. Seu biotipo é muito frágil. Comparada a mim, você é incrivelmente pequena. E seu tônus muscular é ridículo.

— Obrigada pelo elogio.

— Eu poderia lhe dizer o que acho que você quer ouvir, em vez do que precisa ouvir, mas estaria sendo seu amigo se fizesse isso?

— Por que você acha que tem que me dizer essas coisas?

— Você não está preparada para lutar. Não tem a menor chance contra um anjo caído. Simples como um e um são dois.

— Estou confusa. Por que preciso lutar? Acho que ontem deixei bem claro, várias vezes, que não haverá guerra. Vou liderar os nefilins para a paz.

E manter os arcanjos longe de mim. Patch e eu tínhamos chegado à conclusão de que nefilins enfurecidos ainda eram inimigos melhores do que os todo-poderosos arcanjos. Estava claro que Dante queria entrar em guerra, mas nós discordávamos. E como líder do exército nefilim, a decisão final era minha. Eu sentia

que Dante estava tentando questionar minha liderança e eu não gostava nada disso.

Ele parou e segurou meu pulso, para olhar diretamente para mim.

— Você não pode controlar tudo que acontece de agora em diante — disse ele baixinho, e senti um calafrio de mau presságio como se tivesse engolido um cubo de gelo. — Sei que acha que não gosto de você, mas prometi a Hank que cuidaria de você. Vou lhe dizer uma coisa. Se entrarmos mesmo em guerra, ou até se acontecer algum levante, você não vai se sair bem. Não em seu estado atual. Se acontecer alguma coisa que a deixe incapaz de liderar o exército, terá quebrado o juramento, e você sabe o que isso significa.

Ah, eu sabia o que isso significava, claro. Cavar minha própria cova. E levar minha mãe junto.

— Quero lhe ensinar habilidades suficientes para que consiga se virar, por precaução — disse Dante. — É só o que estou sugerindo.

Engoli em seco.

— Você acha que se treinarmos juntos posso ficar forte o suficiente para cuidar de mim mesma?

Contra anjos caídos, com certeza. Mas e quanto aos arcanjos? Eu tinha prometido deter a rebelião. Treinar para uma batalha não estava exatamente alinhado com esse objetivo.

— Acho que vale a pena tentar.

A ideia de uma guerra dava um nó em meu estômago, mas eu não queria demonstrar medo para Dante. Ele já achava que eu não podia me cuidar sozinha.

— Então o que vai ser? Você é meu falso namorado ou personal trainer?

O canto de sua boca se repuxou.

— As duas coisas.

C A P Í T U L O
3

Quando Vee me deixou em casa depois da corrida, havia duas ligações perdidas em meu celular. A primeira era de Marcie Millar, minha às vezes arqui-inimiga e, como quis o destino, meia-irmã de sangue, mas não de coração. Eu passei os últimos 17 anos sem ter a menor ideia de que compartilhava meu DNA com a garota que roubara meu achocolatado no início do ensino fundamental e colara absorventes no meu armário da escola alguns anos depois. Marcie descobriu a verdade primeiro e jogou isso na minha cara. Tínhamos um acordo tácito de evitar falar de nosso parentesco em público, e, na maior parte do tempo, essa descoberta não havia mudado em nada as coisas. Marcie ainda era uma cabeça de vento anoréxica e mimada, e eu ainda passava boa parte do meu tempo tomando cuidado, pensando qual seria a próxima humilhação pela qual ela me faria passar.

Marcie não tinha deixado mensagem, e eu não podia adivinhar o que ela queria comigo, então dei uma olhada na ligação seguinte. Número desconhecido. O correio de voz tinha gravado uma respiração controlada, baixa e masculina, mas nenhuma palavra. Talvez Dante, ou Patch. Ou, quem sabe, Pepper Friberg. Meu número estava na lista telefônica, e com um pouco de espírito investigativo Pepper poderia tê-lo conseguido. Isso não era nada reconfortante.

Peguei meu cofre de porquinho embaixo da cama, tirei a tampa de borracha, sacudi para o dinheiro cair e havia 75 dólares. Dante ia me buscar às cinco da manhã no dia seguinte para treinar corrida e levantamento de peso. E ele tinha comentado, depois de um olhar de desgosto para meus tênis: “Esses aí não vão aguentar nem um dia de treinamento.” Então ali estava eu pegando minha mesada para comprar um par de tênis.

Não achava que o perigo de uma guerra era tão sério quanto Dante fazia parecer, principalmente porque Patch e eu tínhamos planos de dissuadir os nefilins de se revoltarem, mas o que ele dissera sobre meu tamanho, velocidade e agilidade tinha mexido comigo. Eu *era* menor do que qualquer outro nefilim que conhecia. Diferentemente deles, eu tinha nascido em um corpo humano — peso mediano, tônus muscular mediano, mediana em todos os aspectos —, e foram necessários a transfusão de sangue e o Voto de Conversão para me transformar em uma nefilim. Em teoria, eu era uma deles, mas não na prática. Não queria que a discrepância pintasse um alvo nas minhas costas, mas algo dentro de mim me dizia que isso era possível.

E eu precisava fazer tudo o que fosse necessário para continuar no poder.

"Por que precisamos começar tão cedo?" deveria ter sido minha primeira pergunta para Dante, mas eu achava que sabia a resposta. Os humanos mais rápidos do mundo pareceriam estar passeando sem pressa se corressem ao lado de um nefilim. Em velocidade máxima, acho que um nefilim em sua melhor forma poderia correr mais de oitenta quilômetros por hora. Se Dante e eu fôssemos vistos a essa velocidade na pista de corrida da escola, isso atrairia muita atenção indesejada. Mas a maioria dos humanos ainda estaria dormindo antes da alvorada de uma segunda-feira, e era a oportunidade perfeita para um treino livre de preocupações.

Enfiei o dinheiro no bolso e desci as escadas.

— Volto daqui a algumas horas! — gritei para minha mãe.

— A carne assada fica pronta às seis, então não se atrase — respondeu ela da cozinha.

Vinte minutos depois eu entrava na Loja Esportiva do Pete e seguia para o departamento de calçados. Experimentei alguns pares de tênis esportivos e escolhi um da liquidação. Dante podia ocupar minha manhã de segunda — um dia sem aula em razão de um curso local de treinamento de professores —, mas eu não ia lhe dar também toda a minha mesada.

Paguei os tênis e conferi a hora no celular. Ainda não eram nem quatro da tarde. Por precaução, Patch e eu tínhamos concordado em reduzir ao máximo as ligações que fazíamos em público, então dei uma olhada rápida para os dois lados da calçada e confirmei que estava sozinha. Procurei na bolsa o celular irrastreável que Patch me dera e liguei para ele.

— Tenho algumas horas livres — falei, andando em direção ao meu carro, que estava estacionado no quarteirão seguinte. — Tem um galpão bem escondido e isolado no parque Lookout Hill, atrás do carrossel. Posso chegar lá em 15 minutos.

Percebi o sorriso na voz dele.

— Você está louca por mim.

— Preciso de uma dose de endorfina.

— E para isso você tem que dar uns amassos em um galpão abandonado?

— Não, isso provavelmente vai me fazer entrar em coma de endorfina, mas estou mais do que disposta a testar a teoria. Estou saindo da Loja do Pete agora. Se os sinais de trânsito ajudarem, posso até chegar em dez...

Não consegui terminar a frase. Minha cabeça foi coberta por um saco de pano e alguém me agarrou com força por trás. Com o susto, deixei o celular cair. Gritei e tentei libertar meus braços, mas as mãos que me empurravam para a rua eram muito fortes. Ouvi o ronco de um veículo grande se aproximar e logo depois parar perto de mim com um som estridente.

Uma porta se abriu e fui jogada lá dentro.

***

Na van, um aromatizador de limão disfarçava um odor forte de suor. O aquecedor estava ligado no máximo, a parte dianteira soprando um ar quente que me fazia suar. Talvez essa fosse a intenção.

— O que está acontecendo? O que você quer? — perguntei, furiosa.

Eu ainda não entendia a real gravidade do que estava acontecendo, e estava mais indignada do que assustada. Ninguém respondeu, mas ouvi a respiração constante de dois indivíduos perto de mim. Somando o motorista, isso queria dizer que eram três deles. Contra apenas uma de mim.

Meus braços tinham sido torcidos para trás e presos com o que parecia ser uma corrente de reboque. Outra parecida e resistente prendia meus tornozelos. Eu estava deitada de barriga para baixo, o saco ainda cobrindo minha cabeça, meu nariz contra o chão espaçoso da van. Tentei me virar de lado, mas achei que fosse destroncar o ombro. Gritei de frustração e acabei levando um chute na coxa.

— Fique quieta — resmungou uma voz masculina.

Seguimos no carro por bastante tempo. Uns 45 minutos, talvez. Tive milhares de pensamentos e era difícil ter alguma certeza. Será que eu conseguiria escapar? Como? E correr mais depressa do que eles? Não. Ser mais esperta do que eles? Talvez. E quanto a Patch? Ele descobriria que tinham me pegado. Rastrearia meu celular até a rua perto da Loja do Pete, mas como saberia para onde ir depois?

No início a van parou várias vezes em sinais de trânsito, mas em algum ponto a estrada ficou livre. A van seguiu para o alto, subindo o caminho em zigue-zagues, o que me fez achar que estávamos indo para a região distante e montanhosa longe da cidade. O suor escorria embaixo da minha blusa, e eu não consegui inspirar fundo uma única vez. Minha respiração era curta, o pânico comprimindo meu peito.

Ouvia o barulho dos pneus passando pelo cascalho, subindo com firmeza, até que finalmente o motor desligou. Meus sequestradores soltaram meus pés, me arrastaram para fora, depois passamos por uma porta e, enfim, eles arrancaram o saco de minha cabeça.

Eu estava certa: eram três. Dois homens, uma mulher. Tinham me levado para uma cabana de madeira, e lá prenderam meus braços a um pilar decorado que ia do andar principal até as vigas do telhado. Não havia luz, mas também podia ser que a energia estivesse desligada. Havia poucos móveis, todos cobertos por

lençóis brancos. Estava no máximo uns dois graus mais quente do que do lado de fora, o que me dizia que a calefação não estava ligada. O dono da cabana, quem quer que fosse, a fechara para o inverno.

— Nem se dê o trabalho de gritar — disse o mais corpulento deles. — Não há uma alma viva no raio de quilômetros.

Ele se escondia atrás de um chapéu de cowboy e óculos escuros, mas sua precaução era desnecessária, eu tinha certeza de que nunca o vira. Meu sexto sentido aguçado identificou os três como nefilins. Mas o que queriam de mim... eu não fazia ideia.

Fiz força contra as correntes, mas em vez de produzirem um fraco rangido elas sequer se moveram.

— Se você fosse uma nefilim *de verdade*, conseguiria quebrar essas correntes — rosnou o nefilim com chapéu de cowboy. Ele parecia ser o porta-voz dos outros dois, que ficavam mais para trás, limitando sua comunicação a olhares fuziladores de desprezo.

— O que vocês querem? — perguntei, friamente.

A boca do Chapéu de Cowboy se curvou em deboche.

— Queria saber como uma princesinha como você pode achar que consegue liderar uma revolução nefilim.

Encarei seu olhar de ódio, querendo poder jogar a verdade na cara dele. Não haveria revolução nenhuma. Quando o Cheshvan começasse em menos de dois dias, ele e seus amigos seriam *possuídos* por anjos caídos. Hank Millar tinha ficado com a parte fácil: encher a cabeça deles com ideias de rebelião e liberdade. E tinha sobrado para mim operar de fato o milagre.

E eu não ia fazer isso.

— Andei investigando sua vida — disse o Chapéu de Cowboy, caminhando de um lado para o outro na minha frente. — Perguntei por aí e descobri que você está namorando Patch Cipriano, um anjo caído. Como anda esse relacionamento?

Engoli discretamente.

— Não sei com quem você andou falando. — Sabia do perigo que estava correndo se descobrissem que namorava Patch. Eu vinha tomando cuidado, mas parecia que não o bastante. — Eu

terminei com Patch — menti. — O que quer que tenha acontecido entre a gente, ficou no passado. Sei bem a quem sou leal. Assim que me tornei uma nefilim...

Ele colocou o rosto bem perto do meu.

— Você não é uma nefilim! — Seus olhos me avaliaram com desprezo. — Olhe só para você. É patética. Não tem o direito de chamar a si mesma de nefilim. Quando olho para você, vejo uma humana. Vejo uma garota fraca e chorona que foi colocada em um posto.

— Está com raiva porque não sou fisicamente forte como você — afirmei tranquilamente.

— Quem falou alguma coisa sobre força? Você não tem orgulho. Não tem nenhum senso de lealdade. Eu respeitava o Mão Negra como líder porque ele conquistou esse respeito. Ele teve uma visão. Agiu. Ele pode ter escolhido você como sucessora, mas isso não significa nada para mim. Você quer meu respeito? Faça por merecer. — Ele estalou os dedos de maneira selvagem na minha frente. — *Conquiste isso*, princesa.

Conquistar o respeito dele? Para poder ser como Hank? Hank era trapaceiro e mentiroso. Tinha prometido o impossível para seu povo com palavras doces e bajulação. Tinha usado e enganado minha mãe e me transformado em um peão dos seus planos. Quanto mais eu pensava na situação em que ele havia me colocado, esperando que eu pusesse em prática sua visão ensandecida, mais furiosa eu ficava.

Olhei friamente nos olhos do Chapéu de Cowboy... Então ergui o pé e chutei com toda a força que eu tinha, acertando-o em cheio no peito. Ele foi jogado na parede e desabou no chão.

Os outros dois avançaram, mas a raiva tinha me inflamado por dentro. Um poder estranho e violento tomou conta de mim. Forcei as correntes e ouvi o ranger do metal quando os elos se partiram. As correntes caíram no chão, e não perdi tempo para investir para cima deles. Dei um soco nas costelas do nefilim mais próximo, depois girei o corpo e acertei a mulher com um chute. Meus pés acertaram-na na coxa, e fiquei espantada com a sólida massa muscular que

atingi. Nunca eu tinha encontrado uma mulher com tanta força e resistência.

Dante estava certo; eu não sabia lutar. Um pouco tarde demais, percebi que devia ter continuado atacando-os impiedosamente enquanto estavam caídos. Mas tinha ficado muito surpresa com o que acabara de acontecer para conseguir fazer mais do que me colocar em uma posição defensiva, esperando para ver qual seria a reação deles.

Chapéu de Cowboy partiu para o ataque, atirando-me no pilar. Todo o ar saiu dos meus pulmões com o impacto, e me curvei tentando, sem sucesso, recuperar o fôlego.

— Ainda não acabei com você, princesa. Isso foi só um aviso. Se eu descobrir que você ainda anda por aí na companhia de anjos caídos, a coisa vai ficar feia. — Ele me deu um tapinha no rosto. — Aproveite esse tempo para pensar melhor a respeito de sua lealdade. Na próxima vez em que nos encontrarmos, para seu bem, espero que isso tenha mudado.

Ele fez um sinal para os outros com um movimento do queixo, e então saíram.

Busquei o ar, levando ainda alguns minutos para me recuperar, depois cambaleei até a porta. Eles já tinham ido embora. A poeira da estrada pairava no ar, e o crepúsculo se estendia no horizonte, algumas estrelas brilhando no céu como pequenos cacos de vidro.

CAPÍTULO 4

Eu estava na pequena varanda da cabana me perguntando como acharia o caminho de volta para casa quando o som de um motor roncou no longo caminho de cascalho à frente. Eu me preparei para a volta do Chapéu de Cowboy e seus amigos, mas foi uma moto Harley Sportster que se aproximou com um único passageiro.

Patch.

Ele desceu e chegou até mim em três passadas rápidas.

— Você está ferida? — perguntou ele, segurando meu rosto e me examinando com cuidado à procura de algum ferimento. Uma mistura de alívio, preocupação e raiva inflamou os olhos dele. — Onde eles estão? — indagou, com o tom mais duro que eu já tinha ouvido.

— Eram três, todos nefilins — falei, minha voz ainda trêmula por causa do medo e do golpe que me fez perder o ar. — Saíram faz uns cinco minutos. Como você me achou?

— Ativei seu rastreador.

— Você colocou um rastreador em mim?

— Está costurado no bolso da sua jaqueta jeans. O Cheshvan começa com a lua nova de terça, e você é uma nefilim que não fez o juramento. Também é a filha do Mão Negra. Sua cabeça está a prêmio, e isso a torna praticamente irresistível para quase todo anjo caído por aí. Você não vai jurar lealdade, Anjo, fim de história. E se isso significa que vou ter que invadir sua privacidade, lamento.

— Lamento? Como é que é?

Eu não sabia se o abraçava ou o empurrava para longe.

Patch ignorou minha indignação.

— Conte para mim tudo o que puder a respeito deles. Descrições físicas. Marca e modelo do carro, qualquer coisa que puder me

ajudar a localizá-los. — Os olhos dele faiscavam com desejo de vingança. — E fazê-los pagar.

— Você também grampeou meu telefone? — quis saber, ainda indignada por Patch ter invadido minha privacidade sem me falar nada.

Ele não hesitou.

— Sim.

— Em outras palavras, não tenho segredos.

A expressão de Patch se suavizou e parecia que, se o clima não estivesse tão tenso, ele poderia ter pensado em rir.

— Ainda existem algumas coisas que você tem conseguido esconder de mim, Anjo.

O.k., caí nessa direitinho.

— O líder do grupo se escondia atrás de óculos escuros e chapéu de cowboy, mas tenho certeza de que nunca o vi antes. Os outros dois, um homem e uma mulher, usavam roupas comuns.

— O carro?

— Eu estava com um saco na cabeça, mas estou certa de que era uma van. Dois se sentaram atrás comigo, e a porta fez um barulho como se corresse para os lados quando me fizeram sair.

— Mais alguma coisa importante?

Contei a Patch que o líder tinha ameaçado revelar nosso relacionamento secreto.

— Se alguém descobrir que estamos juntos, as coisas podem ficar feias depressa. — Ele juntou as sobrancelhas, e seus olhos se escureceram de dúvida. — Você tem certeza de que quer continuar tentando namorar em segredo? Não quero perder você, mas prefiro fazer isso do nosso jeito do que do deles.

Coloquei minha mão na dele, notando como sua pele parecia fria. Ele também estava quase imóvel, como se estivesse se preparando para o pior.

— Ou estou nisso com você, ou estou fora — disse a ele, e estava sendo absolutamente sincera.

Tinha perdido Patch uma vez, e, sem querer ser melodramática, preferia a morte. Patch estava na minha vida por um motivo. Eu precisava dele. Éramos duas metades de um todo.

Patch me abraçou, envolvendo-me com certa ferocidade possessiva.

— Sei que não vai gostar disso, mas talvez devêssemos pensar em encenar uma briga em público para mandar uma mensagem clara de que nosso namoro acabou. Se esses caras estiverem falando a sério sobre procurar segredos, não podemos controlar o que eles vão achar. Isso está começando a parecer uma caça às bruxas e pode ser melhor se fizermos a primeira jogada.

— Encenar uma briga? — repeti, o medo percorrendo meu corpo como um arrepio gelado.

— Nós saberíamos a verdade — murmurou Patch em meu ouvido, passando as mãos rapidamente pelos meus braços para aquecê-los. — Não vou perder você.

— Quem mais saberia a verdade? Vee? Minha mãe?

— Quanto menos elas souberem, mais seguras estarão.

Suspirei, em conflito.

— Já estou cansada de mentir para Vee. Acho que não consigo mais fazer isso. Fico me sentindo culpada sempre que estou perto dela. Quero abrir o jogo. Principalmente quando se trata de algo tão importante quanto nós dois.

— Você é que sabe — disse Patch em tom gentil. — Mas eles não vão machucá-la se acharem que ela não tem nada a dizer.

Sabia que ele estava certo. O que não me deixava muita escolha, não é mesmo? Quem eu era para colocar minha melhor amiga em perigo só para deixar minha consciência tranquila?

— Provavelmente não vamos conseguir enganar Dante. Você trabalha muito perto dele — disse Patch. — E pode até ser melhor se ele souber. Ele pode confirmar sua história quando conversar com nefilins influentes. — Patch tirou a jaqueta de couro e cobriu meus ombros. — Deixe-me levá-la para casa.

— Podemos passar na Loja do Pete antes? Preciso pegar meu celular e aquele irrastreável que você me deu. Deixei cair um

durante o ataque, e o outro ficou para trás, na minha bolsa. Se tivermos sorte, meus tênis novos ainda podem estar na calçada também.

Patch me beijou na cabeça.

— Os dois telefones precisam ser desligados. Ficaram longe de você e, se presumirmos o pior, seus sequestradores nefilins colocaram rastreadores próprios ou aparelhos de escuta neles. É melhor comprarmos aparelhos novos.

Uma coisa era certa: se antes eu estava desmotivada a treinar com Dante, isso tinha mudado. Precisava aprender a lutar, e rápido. Entre evitar Pepper Friberg e me aconselhar sobre meu novo papel como líder nefilim, Patch já tinha muito com o que se preocupar sem ter que vir correndo toda vez que eu estava em apuros. Sentia-me imensamente grata pela proteção dele, mas já era hora de aprender a me virar sozinha.

***

Já tinha escurecido quando cheguei em casa. Entrei e minha mãe veio correndo da cozinha, parecendo preocupada e irritada.

— Nora! Onde você estava? Liguei, mas caiu várias vezes na caixa postal.

Quase dei um tapa na testa. Jantar. Às seis. Eu tinha esquecido completamente.

— Sinto muito mesmo — falei. — Esqueci meu telefone em uma das lojas. Quando percebi que o havia perdido, já era quase hora do jantar, e tive de refazer o caminho pela cidade. Não encontrei o celular, então não só estou sem telefone, mas também não apareci para jantar. Sinto *muito*. Eu não tinha como ligar.

Odiava ter que mentir para ela de novo. Já tinha feito isso tantas vezes que parecia que uma a mais não machucaria, mas doeu. Aquilo fazia com que eu me sentisse cada vez menos filha dela e cada vez mais filha de Hank. Meu pai biológico era um notório e

incomparável mentiroso. E eu não estava muito em posição de criticá-lo.

— Você não podia ter encontrado um jeito de me ligar? — indagou ela, que nem por um minuto pareceu acreditar na minha história.

— Não vai acontecer de novo. Prometo.

— Você não estava com Patch, não é?

Não deixei de notar a ênfase cínica no nome dele. Minha mãe tinha por Patch a mesma afeição que nutria pelos guaxinins que causavam estragos em nossa propriedade. Não duvidava que ela fantasiasse ficar de pé na varanda, com um rifle apoiado no ombro, esperando que ele aparecesse.

Respirei fundo, jurando que aquela seria a última mentira. Se Patch e eu iríamos mesmo levar adiante a briga encenada, era melhor começar a plantar as sementes agora. Disse a mim mesma que se conseguisse convencer minha mãe e Vee, todo o restante seria moleza.

— Não estava com Patch, mãe. Nós terminamos.

Ela ergueu as sobrancelhas, não parecendo convencida.

— Simplesmente acabou, e não, não quero falar disso.

Segui para a escada.

— Nora...

Virei-me e havia lágrimas em meus olhos. Foram inesperadas e não faziam parte da cena. Só me lembrei da última vez em que Patch e eu tínhamos terminado de verdade e uma sensação esmagadora me sufocou, deixando-me sem ar. A lembrança sempre me assombraria. Patch tinha levado a melhor parte de mim com ele, deixando para trás uma garota perdida e vazia. Não queria ser aquela garota de novo. Nunca.

A fisionomia de minha mãe se suavizou. Ela foi ao meu encontro na escada, esfregou carinhosamente minhas costas e sussurrou no meu ouvido:

— Amo você. Se mudar de ideia e quiser conversar...

Fiz que sim e fui para o meu quarto.

Isso, disse a mim mesma, tentando soar otimista. *Uma já foi, agora falta a outra.* Eu não estava exatamente mentindo para minha mãe e Vee sobre o rompimento, só estava fazendo o que precisava para mantê-las seguras. Honestidade era a melhor política, na maioria do tempo. Porém, às vezes a segurança supera tudo, não é mesmo? Parecia um argumento válido, mas senti meu estômago queimar só de pensar nisso.

Outra coisa estava me deixando preocupada. Por quanto tempo Patch e eu poderíamos viver uma mentira... sem deixar que ela se tornasse verdade?

***

E, mais rápido do que eu esperava, já eram cinco horas da manhã de segunda. Bati no relógio para desligar o alarme. Então rolei para o lado e pensei: *Só mais dois minutos.* Fechei os olhos, deixei minha mente vagar, vi um novo sonho começar a tomar forma... e a próxima lembrança foi de um monte de roupas caindo em meu rosto.

— Hora de acordar — disse Dante, parado perto da minha cama, no escuro.

— O que você está fazendo aqui? — gritei, ainda grogue de sono, agarrando meu cobertor e puxando-o para cima.

— Fazendo o que qualquer personal trainer decente faria. Levante logo seu traseiro daí e vista-se. Se não estiver lá na entrada em três minutos, vou voltar com um balde de água fria.

— Como você entrou?

— Você deixou a janela destrancada. Acho melhor não fazer mais isso. É difícil controlar o que pode entrar quando se deixa o acesso livre para todo mundo.

Ele caminhou até a porta enquanto eu me arrastava para fora da cama.

— Está maluco? Não saia pelo corredor! Minha mãe pode ouvi-lo. Um cara que parece estar saindo de fininho do meu quarto? Vou

ficar de castigo pelo resto da vida!

Ele parecia estar achando graça.

— Só para constar, eu não sentiria vergonha.

Fiquei parada uns dez segundos depois que ele saiu, pensando se deveria ler nas entrelinhas o que ele queria dizer. É claro que não. A frase dele podia ter parecido uma cantada, mas não era. Fim da história.

Coloquei uma calça preta de ginástica e uma camisa de microfibra, e prendi meu cabelo em um rabo de cavalo. Pelo menos estaria bonita quando Dante me matasse de tanto exercício.

Exatos três minutos mais tarde, eu o encontrei na calçada. Dei uma olhada em volta, sentindo falta de algo importante.

— Onde está seu carro?

Dante me deu um soquinho de leve no ombro.

— Está com preguiça? *Tsc, tsc.* Achei que poderíamos nos aquecer com uma corridinha rápida de 15 quilômetros. — Ele apontou para a área arborizada do outro lado da rua. Quando crianças, Vee e eu costumávamos explorar o bosque e até construímos um forte durante um verão, mas nunca tinha parado para pensar qual era a sua extensão. Aparentemente, no mínimo 15 quilômetros. — Pode ir na frente.

Hesitei. A ideia de sair correndo pela mata com Dante me deixava pouco à vontade. Ele tinha sido um dos principais homens de Hank — razão suficiente para que eu não gostasse de Dante, nem confiasse nele. Pensando bem agora, eu nunca deveria ter concordado em treinar sozinha com ele, principalmente se nossa área de treinamento fosse afastada.

— Depois do treino, nós devíamos examinar o feedback que estou recebendo de vários grupos de nefilins sobre moral, expectativas e você — acrescentou Dante.

Depois do treino. O que significava que ele não pretendia me jogar no fundo de um poço abandonado na próxima hora. Além disso, Dante respondia a mim agora. Tinha jurado lealdade. Não era mais um tenente de Hank, mas meu. Não ousaria me fazer nenhum mal.

Permitindo-me o luxo de um último pensamento feliz, dei de ombros, deixando a fantasia de lado, e me lancei para a entrada do bosque. Os galhos formavam uma espécie de dossel, deixando de fora o tênue vestígio de luz que o céu podia oferecer àquela hora. Seguia correndo firme, contando com minha visão aguçada de nefilim para saltar troncos caídos, desviar de galhos baixos e ficar atenta a pontas de pedras enterradas e outros fragmentos camuflados. O terreno era traiçoeiramente irregular e, na velocidade que eu corria, um passo em falso poderia ser desastroso.

— Mais rápido! — berrava Dante atrás de mim. — Tente pisar mais leve no chão. Está parecendo um estouro de rinocerontes. Eu poderia encontrá-la de olhos fechados!

Levei as palavras dele a sério, procurando levantar meus pés logo que tocavam o chão, repetindo esse processo a cada passo, concentrando-me em ser o mais silenciosa e indetectável possível. Dante correu na frente, ultrapassando-me com tranquilidade.

— Tente me pegar — ordenou ele.

Enquanto o perseguia, eu me maravilhava com a força e a agilidade do meu novo corpo nefilim. Ficava espantada em perceber como meu corpo humano era deselegante, lento e descoordenado em comparação àquele. Minha capacidade atlética não estava apenas melhorada, era *superior*.

Eu passava por baixo de galhos, pulava buracos e corria ao redor de rochas como se estivesse em uma pista de obstáculos que houvesse memorizado havia muito tempo. Mas, ainda que eu achasse que estava correndo rápido o bastante para decolar e alçar voo a qualquer instante, continuava atrás de Dante. Ele se movia como um animal, um predador em seu impulso de caçar a próxima refeição. Logo o perdi completamente de vista.

Desacelerei e apurei meus ouvidos. Nada. Um instante depois ele saltou da escuridão à frente.

— Isso foi patético — criticou ele. — De novo.

Passei as duas horas seguintes correndo a toda atrás dele e ouvindo a mesma instrução repetidas vezes. *De novo*. E de novo. Ainda não está bom — tente *de novo.*

Eu estava para dar o treino por encerrado — os músculos da minha perna tremiam de exaustão e meus pulmões ardiam — quando Dante voltou e me deu um tapinha encorajador nas costas.

— Bom trabalho. Amanhã vamos treinar sua força.

— Hã? Levantando pedras? — falei cinicamente, ainda arfando e bufando.

— Arrancando árvores.

Eu o encarei.

— Derrubando-as — explicou ele animadamente. — Durma bem, você vai precisar.

— Ei! — chamei-o. — Não estamos ainda a quilômetros da minha casa?

— Oito, para ser mais exato. Considere isso seu exercício de relaxamento.

CAPÍTULO 5

Doze horas depois eu estava toda dolorida devido ao exercício da manhã, me arrastando com cuidado para cima e para baixo da escada, o que parecia causar aos meus músculos um grande sofrimento. Mas qualquer descanso teria de esperar; Vee viria me buscar em dez minutos, e eu ainda estava usando o moletom com o qual passara o dia todo de preguiça.

Patch e eu decidimos encenar nossa briga em público esta noite, assim não restaria nenhuma dúvida sobre nosso namoro: nós tínhamos nos separado e estávamos em lados opostos naquela guerra em formação. Também decidimos fazer nosso teatrinho na Bolsa do Diabo, pois era um lugar muito frequentado por nefilins. Apesar de não sabermos a identidade dos nefilins que me atacaram ou se estariam lá naquela noite, estávamos confiantes de que a notícia da nossa separação se espalharia rápido. E, por fim, Patch descobrira que o barman escalado para trabalhar lá no turno da noite era um nefilim irascível e supremacista. O que Patch assegurou-me ser vital para nosso plano.

Tirei meu moletom e coloquei um vestido grosso de tricô, meia-calça e ankle boots. Prendi meu cabelo em um coque baixo, deixando alguns fios soltos para emoldurar meu rosto. Expirei e olhei para meu reflexo no espelho, forçando um sorriso. De modo geral, eu não parecia tão mal para uma garota prestes a se envolver em uma briga devastadora com o amor da sua vida.

As consequências da briga desta noite só precisam durar algumas semanas, disse a mim mesma. *Só até toda essa confusão do Cheshvan passar.*

Além disso, a briga não era real. Patch me prometeu que descobriríamos um jeito de nos encontrar. Momentos secretos e olhares roubados. Só precisaríamos ser muito cuidadosos.

— Nora! — gritou minha mãe da base da escada. — Vee chegou.

— Deseje-me sorte — murmurei para meu reflexo, então peguei o casaco e o cachecol, e desliguei a luz do quarto.

— Quero você em casa às nove — disse minha mãe quando cheguei à entrada. — Sem exceção. Amanhã você tem aula.

Dei um beijo no rosto dela e saí depressa.

Vee tinha abaixado as janelas do Neon, e no rádio tocava uma música da Rihanna. Sentei no banco do carona.

— Ainda não acredito que sua mãe deixou você sair no meio de uma semana de aula — falei mais alto que a música.

— Ela teve de pegar um avião para Nebrasca ontem à noite. Seu tio Marvin morreu, e estão fazendo a partilha dos bens. Tia Henny está cuidando de mim.

Vee olhou para o lado, tinha um sorriso travesso no rosto.

— Sua tia Henny não estava em uma clínica de reabilitação alguns anos atrás?

— Isso mesmo. Que pena que não deu certo. Ela tem um garrafão de suco de maçã na geladeira, mas é o suco de maçã mais fermentado que já provei.

— E sua mãe acha que ela é responsável o bastante para tomar conta de você?

— Acredito que a chance de conseguir parte da grana do tio Marvin a amoleceu.

Seguimos a toda velocidade pela Hawthorne, cantando as músicas e dançando em nossos assentos. Eu estava nervosa e inquieta, mas achei melhor agir como se nada estivesse fora do normal.

A Bolsa do Diabo não estava muito cheia, tinha um público razoável, mas ainda com algumas mesas vazias. Vee e eu sentamos em um reservado, tiramos os casacos e as bolsas, e pedimos duas Cocas a uma garçonete que passava. Olhei discretamente em volta à procura de Patch, mas ele ainda não tinha chegado. Havia ensaiado minhas falas incontáveis vezes, mas minhas mãos ainda estavam úmidas de suor. Sequei-as na meia-

calça, desejando ser uma atriz melhor. Desejando gostar de drama e atenção.

— Você não parece bem — disse Vee.

Ia brincar dizendo que estava enjoada devido a sua falta de habilidade ao volante, quando Vee desviou os olhos e seu rosto azedou.

— Ah, não, que droga. Por favor, me diga que aquela ali não é a Marcie Millar dando em cima do meu gato.

Virei o rosto para o palco. Scott e os outros integrantes da Serpentine estavam passando o som, enquanto Marcie, apoiando os cotovelos graciosamente no palco, conversava com Scott.

— Seu gato? — perguntei a Vee.

— Em breve. Grande diferença.

— Marcie dá em cima de todo mundo. Eu não me preocuparia com isso.

Vee respirou fundo, de um jeito que fez suas narinas inflarem. Marcie, como se pudesse perceber as vibrações negativas que emanavam de Vee, como um vodu, olhou para nós e acenou no melhor estilo concurso de miss.

— Faça alguma coisa — disse Vee. — Tire-a de perto dele. *Agora.*

Levantei-me na hora e fui até Marcie. No caminho, ensaiei um sorriso. Quando cheguei até onde ela estava, tinha quase certeza de que parecia verdadeiro.

— Oi — falei.

— Oi, Nora. Eu estava falando para o Scott como gosto de música *indie*. Ninguém nessa cidade tem ambição. Acho ótimo ele estar tentando fazer sucesso.

Scott piscou para mim. Tive de fechar os olhos brevemente para me impedir de revirá-los.

— Então... — falei, esforçando-me para preencher o vazio da conversa. Tinha ido até ali a pedido de Vee, mas e agora? Não podia simplesmente arrastar Marcie para longe de Scott. E por que

tinha de ser *eu* ali bancando o juiz? Isso era um problema de Vee, não meu.

— Podemos conversar? — pediu Marcie, poupando-me de ter de pensar em um plano.

— Claro, tenho algum tempo — respondi. — Por que não vamos para um lugar mais silencioso?

Como se lesse meus pensamentos, Marcie pegou minha mão e me levou para o beco, saindo pela porta dos fundos. Depois de olhar para os dois lados e confirmar que estávamos sozinhas, ela disse:

— Meu pai lhe contou alguma coisa sobre mim? — Ela abaixou ainda mais a voz. — Sobre ser uma nefilim, quer dizer. Tenho me sentido estranha ultimamente. Cansada e com cólicas. Isso é algum tipo de menstruação nefilim esquisita? Porque achei que já tivesse passado dessa fase.

Como eu poderia dizer a Marcie que a união de nefilins puro-sangue, como os pais dela, raramente resultava em uma gestação bem-sucedida e, mesmo quando isso acontecia, seus filhos nasciam fracos e doentes, e que as últimas palavras de Hank para mim incluíram a sombria verdade de que Marcie iria, muito provavelmente, morrer em breve?

Em resumo, não podia.

— Às vezes me sinto cansada e com cólicas também — falei. — Acho que é normal...

— Tá, mas meu pai *falou* alguma coisa? — pressionou ela. — O que esperar, como lidar com isso, esse tipo de coisa?

— Acho que seu pai a amava e ia querer que você continuasse levando sua vida, sem se estressar com toda essa história de nefilim. Ele ia querer que você fosse feliz.

Marcie olhou para mim, incrédula.

— Feliz? Sou uma aberração. Não sou nem humana. E não pense nem por um minuto que esqueci que você também não é. Estamos nisso juntas. — Ela apontou o dedo acusadoramente para mim.

Nossa. Justamente o que eu precisava. Solidariedade... com Marcie Millar.

— O que você realmente quer de mim, Marcie?

— Quero ter certeza de que entendeu que, se sequer pensar em dizer para alguém que eu não sou humana, taco fogo em você. Enterro você viva.

Eu estava começando a ficar sem paciência.

— Em primeiro lugar, se eu quisesse anunciar para o mundo que você é uma nefilim, já teria feito isso. Em segundo, quem iria acreditar? Pense nisso. “Nefilim” não é uma palavra comum no vocabulário da maioria das pessoas que conhecemos.

— Está certo — bufou Marcie, aparentemente satisfeita.

— Já terminamos?

— E se eu precisar falar com alguém? — insistiu ela. — Não posso contar essa história para meu psiquiatra.

— Hum, e sua mãe? — sugeri. — Ela também é uma nefilim, lembra?

— Desde que meu pai desapareceu, ela se recusa a aceitar a verdade sobre ele. Um caso sério de negação. Ela está convencida de que ele vai voltar, que ainda a ama, que vai anular o divórcio e que nossas vidas voltarão a ser simplesmente maravilhosas.

Podia até ser um caso sério de negação. Mas eu não duvidava nada que Hank fosse capaz de ter confundido a mente da ex-esposa com algum encantamento de alteração de memória tão poderoso que seus efeitos durassem até depois da morte dele. Hank e a vaidade andavam sempre juntos. Ele não iria querer que ninguém falasse mal dele após a morte. E até onde eu sabia, ninguém em Coldwater tinha falado. Era como se uma neblina entorpecedora tivesse pairado sobre a comunidade, evitando que os moradores, tanto humanos quanto nefilins, questionassem o que acontecera com ele. Não havia um único boato correndo pela cidade. As pessoas, quando falavam dele, simplesmente murmuravam: “Nossa, foi um choque. Que sua alma descanse em paz. Pobre família, preciso descobrir como posso ajudar...”

— Mas ele não vai voltar — continuou Marcie. — Está morto. Não sei como nem por que ou quem fez isso, mas meu pai não ia sumir do mapa se alguma coisa não tivesse acontecido. Ele está morto. Eu sei.

Tentei manter uma expressão solidária, mas minhas mãos começaram a suar de novo. Patch era o único na Terra que sabia que fora eu quem mandara Hank para o túmulo. Eu não tinha a menor intenção de acrescentar o nome de Marcie a essa lista.

— Você não parece lamentar muito — falei.

— Meu pai estava metido em alguma coisa muito errada. Mereceu o que teve.

Podia ter me aberto com Marcie naquela hora, mas alguma coisa não batia bem. O olhar cínico dela não se desviou do meu rosto nem por um instante, e tive o pressentimento de que ela suspeitava que eu possuía informações importantes sobre a morte do pai dela, e sua indiferença era apenas uma encenação para me fazer contar o que eu sabia.

Eu não ia cair em uma armadilha, se é que era isso que ela estava tentando.

— Não é fácil perder o pai, acredite em mim — falei. — A dor nunca vai embora de verdade, mas uma hora acaba ficando mais suportável. E, de algum jeito, a vida segue em frente.

— Não estou querendo um cartão de condolências, Nora.

— O.k. — falei, dando de ombros de forma relutante. — Se algum dia precisar conversar, saiba que pode me ligar.

— Não vou precisar. Vou me mudar para a sua casa — anunciou Marcie. — Levo minhas coisas ao longo dessa semana. Minha mãe está me deixando doida e nós duas concordamos que preciso passar um tempo na casa de alguém. E a sua serve. Bem, fiquei muito feliz por termos tido esta conversa. Se meu pai me ensinou alguma coisa foi que os nefilins devem ficar juntos.

CAPÍTULO 6

— Não — respondi na mesma hora. — Não, não, não. Você não pode simplesmente... vir morar comigo.

Um sentimento de puro pânico subiu pelos meus pés até a ponta das orelhas, explodindo antes que eu pudesse detê-lo. Eu precisava de um argumento. *Agora*. Mas meu cérebro continuava repetindo freneticamente o mesmo pensamento completamente inútil: *Não*.

— Já tomei minha decisão — disse Marcie, saindo do beco e entrando na Bolsa do Diabo.

— E quanto a mim? — gritei.

Chutei a porta, mas o que eu tinha mesmo vontade de fazer era me chutar por uma ou duas horas. Fui fazer um favor para Vee e olha no que isso deu.

Abri a porta com força e entrei. Encontrei Vee no nosso reservado.

— Para que lado ela foi? — perguntei.

— Quem?

— Marcie!

— Achei que ela estivesse com você.

Fuzilei Vee com o olhar.

— Isso é tudo culpa sua! Tenho que achá-la.

Sem mais explicações, abri caminho pela multidão, o olhar bem atento para qualquer sinal de Marcie. Precisava resolver isso rápido, antes que saísse completamente de controle. *Ela está testando você*, disse a mim mesma. *Sondando o terreno. Nada está decidido ainda.* Além disso, minha mãe é quem tem a palavra final nessa história. E ela não vai deixar a Marcie se mudar para nossa casa. Marcie tem sua própria família. Agora não tinha mais um dos pais, é claro, mas eu era a prova viva de que família não se resumia a

números. Aliviada por essa linha de pensamento, comecei a relaxar um pouco.

As luzes se apagaram e o vocalista da Serpentine pegou o microfone, sacudindo a cabeça em uma cadência silenciosa. Com essa deixa, o baterista começou a tocar a introdução, e Scott e o outro guitarrista se juntaram ao restante da banda, dando início ao show com uma música violenta e angustiante. A multidão foi à loucura, balançando a cabeça e cantando a letra.

Dei outra olhada em volta à procura de Marcie, mas não a encontrei e decidi deixar para lá. Teria de resolver as coisas com ela depois. O começo do show era o sinal para me encontrar com Patch no bar e, naquele instante, meu coração voltou a se descompassar no peito.

Fui até o bar e peguei a primeira banqueta que vi. Sentei com um pouco de ímpeto demais e perdi o equilíbrio no último segundo. Minhas pernas pareciam ser feitas de borracha, e meus dedos tremiam. Não sabia se ia conseguir fazer isso.

— Identidade, doçura — pediu o barman.

Algo parecido com uma corrente elétrica emanou dele, alertando-me de que era um nefilim. Bem como Patch tinha dito.

Balancei a cabeça.

— Só um Sprite, por favor.

Momentos depois, senti Patch se mover atrás de mim. A energia que irradiava dele era muito mais forte do que a do barman, como uma onda de calor deslizando sob minha pele. Ele sempre causava esse efeito em mim, mas, ao contrário do que normalmente acontecia, esta noite a sensação me deixou louca de ansiedade. Isso queria dizer que Patch chegara e eu não tinha mais tempo. Não queria levar o plano adiante, mas sabia que não tinha escolha. Precisava me sair muito bem tanto pela minha própria segurança quanto pela daqueles que mais amava.

Pronta?, perguntou Patch na intimidade de meus pensamentos.

Se estar me sentindo como se fosse vomitar a qualquer minuto quer dizer que estou pronta, então, claro.

Vou até sua casa mais tarde e podemos conversar melhor. Agora vamos acabar logo com isso.

Assenti.

Vamos fazer exatamente como ensaiamos, ele falou calmamente por telepatia.

Patch? O que quer que aconteça, eu amo você.

Queria dizer mais, essas três palavras eram lamentavelmente inadequadas para expressar tudo o que eu sentia por ele. E, ao mesmo tempo, tão simples e precisas, como nenhuma outra conseguiria ser.

Sem arrependimentos, Anjo.

Nenhum, respondi solenemente.

O barman terminou de atender um cliente e foi pegar o pedido de Patch. Examinou-o atentamente e, pelo olhar de fúria que surgiu em seu rosto, estava claro que havia notado que Patch era um anjo caído.

— O que vai querer? — perguntou ele em um tom cortante, enquanto limpava as mãos em um pano de prato.

Patch respondeu com uma voz arrastada e inequivocamente inebriada:

— Uma ruiva bonita, de preferência alta e magra, com pernas tão longas que nenhum homem consiga encontrar o fim. — Ele passou o dedo pela minha bochecha, então me retesei e me afastei.

— Não estou interessada — falei, bebendo um gole de Sprite, sem tirar os olhos do espelho atrás do bar. Deixei ansiedade suficiente transparecer em minhas palavras para chamar a atenção do barman.

Ele se inclinou sobre o bar, apoiando os antebraços enormes na placa de granito, e encarou Patch.

— Da próxima vez dê uma olhada no cardápio antes de me fazer perder tempo. Não oferecemos mulheres desinteressadas, ruivas ou de qualquer outro tipo. — Ele fez uma pausa ameaçadora, então se virou na direção do próximo cliente.

— E se ela for uma nefilim, ainda melhor — anunciou Patch, embriagado.

O barman parou, os olhos brilhando de raiva.

— Você se importa de manter a voz baixa, amigo? Temos um público misto. Este lugar é aberto para humanos também.

Patch fez pouco caso da recomendação, acenando com o braço de maneira descoordenada.

— Gentil da sua parte se preocupar com os humanos, mas com um rápido truque mental eles não se lembrarão de uma palavra do que eu disse. Já fiz isso tantas vezes que poderia fazer até dormindo — disse ele, em um tom um pouco arrogante.

— Você quer que esse patife suma daqui? — perguntou-me o barman. — É só dizer que chamo o segurança.

— Agradeço a oferta, mas posso cuidar disso sozinha — respondi. — Desculpe meu ex por ser um completo idiota.

Patch riu.

— Idiota? Não foi assim que você me chamou na última vez em que estivemos juntos — disse sugestivamente.

Só olhei para ele com nojo.

— Ela não foi sempre uma nefilim, sabia? — Patch informou o barman com uma nostalgia melancólica. — Talvez já tenha ouvido falar dela. A herdeira do Mão Negra. Gostava mais quando ela era humana, mas há certo prestígio em andar por aí com a nefilim mais famosa da Terra.

O barman me olhou, curioso.

— Você é a filha do Mão Negra?

Olhei furiosa para Patch.

— Obrigada por isso.

— É verdade que o Mão Negra está morto? — perguntou o barman. — Não consigo entender isso. Ele foi um grande homem, que sua alma descanse em paz. Meus pêsames à sua família. — Ele fez uma pausa, desnorteado. — Mas morto tipo... *morto mesmo?*

— É o que dizem — murmurei. Não fui capaz de derramar uma lágrima por Hank, mas falei com uma reverência triste que pareceu satisfazer o barman.

— Uma rodada grátis de drinques para o anjo caído que conseguiu pegá-lo — interrompeu Patch, erguendo meu copo em um brinde. — Acho que todos nós podemos concordar que foi isso que aconteceu. Já não se fazem mais imortais como antigamente. — Ele riu, batendo com o punho no bar, bem-humorado.

— E você namorava esse idiota? — perguntou o barman.

Dei uma olhada rápida para Patch e franzi as sobrancelhas.

— Algo que prefiro esquecer.

— Você sabe que ele é um — o barman abaixou a voz — anjo caído, não sabe?

Outro gole, esse desceu com dificuldade.

— Nem me lembre. Mas já reparei meu erro. Meu novo namorado é Dante Matterazzi, cem por cento nefilim. Talvez já tenha ouvido falar dele. — Era a melhor hora para começar um boato.

Impressionado, os olhos dele se iluminaram.

— Claro, claro. É um grande cara. Todo mundo conhece o Dante.

Patch apertou meu pulso com força demais para ser um gesto carinhoso.

— Ela entendeu tudo errado. Ainda estamos juntos. O que me diz de sairmos daqui, doçura?

Dei um pulo quando ele me tocou, como se tivesse levado um choque.

— Tire suas mãos de mim.

— Minha moto está lá atrás. Deixe-me levá-la para dar uma volta. Pelos velhos tempos.

Ele ficou de pé, depois me puxou tão bruscamente que derrubou a banqueta em que eu estava sentada.

— Chame o segurança — ordenei ao barman, deixando a angústia tomar conta da minha voz. — *Agora*.

Patch me carregou em direção à porta da frente e, enquanto eu fazia uma encenação convincente de que estava tentando me

libertar, sabia que o pior ainda estava por vir.

O segurança do clube, um nefilim que não era apenas vários centímetros mais alto do que Patch, como também tinha uns cinquenta quilos a mais, abriu caminho na multidão e foi na nossa direção. Pegou Patch pelo colarinho, afastando-o de mim, e arremessou-o contra a parede. A Serpentine tinha chegado ao ápice de sua apresentação, abafando o barulho da briga, mas aqueles que estavam mais perto se afastavam, formando um semicírculo de curiosos que observavam os dois homens.

Patch levantou as mãos na altura dos ombros e deu um sorrisinho embriagado.

— Não quero arrumar confusão.

— Tarde demais — disse o segurança, e deu um soco na cara de Patch. O supercílio dele abriu e começou a sangrar, e eu tive de me forçar a não fazer cara de sofrimento, nem estender a mão para ajudá-lo.

O barman indicou a porta com a cabeça.

— Se algum dia você mostrar a cara por aqui de novo, vai arrumar confusão rapidinho. Entendeu?

Patch cambaleou até a porta, fazendo um cumprimento desajeitado para o segurança.

— Claro, claro, senhor.

O segurança plantou seu pé na curva do joelho de Patch, jogando-o aos tropeços nos degraus de cimento.

— Veja só. Meu pé escorregou.

Um homem que estava perto da porta riu em um tom baixo e áspero, e o som chamou minha atenção. Não era a primeira vez que ouvia essa risada. Se ainda fosse humana não a teria reconhecido, mas todos os meus sentidos estavam aguçados agora. Eu me esforcei para conseguir ver na escuridão, tentando combinar a risada enervante com um rosto.

Lá estava.

Chapéu de Cowboy. Ele não estava usando o chapéu e os óculos de sol, mas eu poderia identificar aqueles ombros curvados e o

sorriso cáustico em qualquer lugar.

Patch!, gritei, sem conseguir ver se ele ainda estava por perto para ouvir. Agora que a briga tinha acabado, a multidão se fechara ao meu redor, preenchendo os espaços vazios. *Um dos nefilins da cabana está aqui! Lá dentro, bem perto da entrada, usando uma blusa de flanela vermelha e preta, jeans e botas de cowboy.*

Esperei, mas não houve nenhuma resposta.

Patch!, tentei novamente, usando toda a energia mental que possuía. Não podia ir atrás dele lá fora, não se quisesse manter nossa história.

Vee apareceu do meu lado.

— O que está acontecendo? Todo mundo está falando de uma briga. Não acredito que perdi isso. Você viu alguma coisa?

Puxei-a para o lado.

— Preciso que você faça uma coisa por mim. Está vendo o cara perto da porta, com a camisa de caipira? Preciso que descubra o nome dele.

Vee franziu o cenho.

— Mas por quê?

— Explico mais tarde. Dê em cima dele, roube sua carteira, o que for preciso. Só não diga meu nome, está bem?

— Se eu fizer isso, quero um favor em troca. Um encontro duplo. Você e seu namorado maluco, eu e Scott.

Sem tempo para explicar que Patch e eu tínhamos terminado, falei:

— *Combinado*. Agora vá logo, antes que ele suma na multidão.

Vee estalou os dedos e se afastou. Não fiquei por perto para ver como ela ia se sair. Abri caminho pela multidão, saindo pela porta dos fundos, e depois corri para a saída do beco. Dei a volta no prédio, olhando para os dois lados à procura de Patch.

Patch!, gritei na escuridão.

Anjo? O que você está fazendo? Não podemos ser vistos juntos.

Eu me virei, mas Patch não estava lá. *Onde você está?*

Do outro lado da rua. Na van.

Olhei para frente e, de fato, havia uma van, uma Chevy marrom enferrujada estacionada no meio-fio. Ela se integrava bem àquele cenário de prédios decadentes. Os vidros tinham insulfilme, impedindo que olhares curiosos pudessem ver o interior da cabine.

Um dos nefilins da cabana está na Bolsa do Diabo!

Um pesado instante de silêncio se passou.

Ele viu a briga?, perguntou Patch depois de um instante.

Sim.

Como ele é?

Está usando uma camisa de flanela vermelha e preta e botas de cowboy.

Faça com que ele saia do prédio. Se os outros caras da cabana estiverem com ele, traga-os para fora também. Quero ter uma conversinha com eles.

Isso soava ameaçador vindo de Patch, mas, por outro lado, eles pediram por isso. Tinham perdido toda a minha compaixão quando me jogaram naquela van.

Corri de volta para a Bolsa do Diabo e me enfiei na grande massa em volta do palco. A Serpentine ainda detonava, tocando uma balada que havia deixado todo mundo vibrando. Não sabia como fazer o Cowboy sair do prédio, mas sabia de uma pessoa que podia me ajudar a esvaziar todo o lugar.

Scott!, gritei. Mas foi inútil. Ele não conseguia me ouvir com aquela música ensurdecedora. Provavelmente também não ajudou o fato de ele estar profundamente concentrado.

Fiquei na ponta dos pés e procurei por Vee. Ela estava vindo na minha direção.

— Joguei todo o meu bom e velho charme, mas ele nem ligou — disse ela. — Talvez eu precise de um novo corte de cabelo. — Ela cheirou as axilas. — Bom, parece que o desodorante ainda está funcionando.

— Ele dispensou você?

— É, e também não consegui descobrir o nome dele. Isso significa que nosso encontro duplo está cancelado?

— Volto em um minuto — falei e, novamente, me esforcei para atravessar a multidão em direção ao beco. Eu tinha a intenção de me aproximar de Patch o suficiente para falar com ele por telepatia que forçar nosso amigo nefilim a sair da Bolsa do Diabo seria mais difícil do que eu tinha imaginado, mas duas figuras sombrias conversando em voz baixa na escada de incêndio do prédio ao lado me fizeram parar de repente.

Pepper Friberg e... Dabria.

Dabria era um anjo da morte e namorava Patch antes de os dois serem expulso do céu. Patch tinha jurado de todas as formas que a relação dos dois era chata, casta e mais uma conveniência do que qualquer outra coisa. Ainda assim. Depois de concluir que eu era uma ameaça para os planos dela de reatar o namoro dos dois aqui na Terra, Dabria tentara me matar. Ela era fria, loura e sofisticada. Nunca a vira com o cabelo bagunçado, e o sorriso dela parecia gelar minhas veias. Agora ela era um anjo e ganhava a vida enganando pessoas dizendo que possuía o dom da profecia. Ela era um dos anjos caídos mais perigosos que eu conhecia, e não tinha dúvida de que eu estava no topo da lista das pessoas que ela mais odiava.

Imediatamente recuei em direção à Bolsa do Diabo. Prendi a respiração por cinco segundos, mas nem Pepper nem Dabria pareciam ter me notado. Procurei me aproximar, mas não queria abusar da sorte. Se chegasse perto o bastante para ouvir o que diziam, eles sentiriam minha presença.

Eles conversaram por mais alguns minutos antes de Dabria dar as costas e se afastar, seguindo pelo beco. Pepper fez um gesto obsceno na direção de Dabria quando ela não estava mais olhando. Era só impressão minha ou ele parecia particularmente insatisfeito?

Esperei até Pepper ir embora antes de sair de meu esconderijo na escuridão. Entrei direto na Bolsa do Diabo. Encontrei Vee em nosso reservado e me sentei ao lado dela.

— Preciso esvaziar este lugar agora — falei.

Vee piscou.

— Como é que é?

— E se eu gritar “fogo”? Será que funcionaria?

— Gritar “fogo” me parece meio antiquado. Você podia tentar gritar “polícia”, mas isso recai na mesma categoria. Não que eu tenha nada contra coisas antiquadas. Mas por que a pressa? Não acho que a Serpentine toque *tão* mal.

— Eu explico...

— Mais tarde. — Vee assentiu. — Já sabia que ia dizer isso. Se fosse eu, tentaria gritar “polícia”. Com certeza há várias pessoas por aqui envolvidas em atividades ilegais. Grite “os tiras!” e elas vão correr.

Mordi o lábio, nervosa e cheia de dúvida.

— Tem certeza?

Esse plano possuía grandes chances de dar errado. Mas, por outro lado, eu não tinha muita opção. Patch queria conversar com Chapéu de Cowboy, e ele tinha meu total apoio. Eu também queria que o interrogatório acabasse logo para poder falar com ele sobre Dabria e Pepper.

— Estou trinta e cinco por cento certa... — disse Vee.

A voz dela falhou quando uma rajada de ar frio entrou no salão. A princípio não consegui identificar se a repentina queda de temperatura vinha da porta, que tinha sido escancarada, ou se era uma reação física minha ao sentir intuitivamente a chegada de problemas... do pior tipo.

Anjos caídos tomaram conta da Bolsa do Diabo. Parei de contar quantos deles havia quando cheguei a dez, sem parecer que chegaria a um fim. Eles se moviam tão rápido que eu só conseguia ver borrões. Tinham vindo prontos para lutar, brandindo facas e socos-ingleses de aço para qualquer coisa que aparecesse no caminho. Em meio àquela confusão, observei, impotente, dois garotos nefilins ficarem de joelhos, tentando resistir inutilmente aos anjos caídos em pé diante deles, que exigiam seu juramento de lealdade.

Um anjo caído, muito magro e pálido como a lua, golpeou o pescoço de uma menina nefilim tão violentamente que o quebrou na metade do grito dela.

Devo ter gritado enquanto via o sangue manchar as paredes, mas um *déjà-vu* me impeliu de volta ao meu assento, deixando-me sem ar.

O anjo caído. Era só um garoto. Parecia até mais novo do que eu. E eu já o vira antes. Mas...

Onde?

Tentei me lembrar por que aquele rosto era tão familiar. Ao quebrar a cabeça tentando buscar alguma lembrança, recordei vagamente de já tê-lo visto parecendo assustado antes. Não. Irritado. E ele estava usando uma túnica negra com capuz? Ou era outra pessoa?

Na falta de uma lembrança mais clara, comecei a duvidar de que já o tivesse visto. O *déjà-vu* podia ser vestígio de algum sonho ou minha própria imaginação. Não conseguia ter certeza de nada. A escuridão do clube e o efeito causado pelas luzes estroboscópicas tornavam impossível ver com detalhes.

O anjo caído examinou o rosto da garota com o pescoço quebrado, que se parecia assustadoramente com o meu a distância. O mesmo cabelo longo e encaracolado. Ela também tinha mais ou menos minha altura e porte físico.

Ele olhou com atenção o rosto da menina, chiou impaciente e depois atirou o corpo dela para o lado. Seus olhos frios examinaram a multidão, e eu tinha a sensação de que ele estava procurando por sua próxima vítima.

— Precisamos sair daqui — disse Vee, com urgência, agarrando minha mão com tanta força que fui arrancada de meu estupor. — Vamos por aqui.

Antes que eu pudesse me perguntar se Vee também tinha visto o anjo caído quebrar o pescoço da garota e, se tinha, como ainda podia estar tão calma, ela me empurrou para a frente em meio àquela confusão.

— Não olhe para trás — gritou no meu ouvido. — E *corra.*

Corra. Claro. O problema era que estávamos lutando contra uma multidão para tentar chegar até a saída. Em questão de segundos, as pessoas tinham se transformado em uma turba frenética,

empurrando e se arrastando à procura de uma saída. A Serpentine tinha parado de tocar no meio de uma música. Não havia tempo para tentar ajudar Scott. Só podia torcer para que ele tivesse escapado pela porta dos fundos.

Vee me seguia de perto, empurrando minhas costas tantas vezes que cheguei a pensar que ela estava tentando me proteger. Mal sabia ela que *eu* tentaria protegê-la caso os anjos caídos nos alcançassem. E apesar de minha única, ainda que exaustiva, sessão de treinamento com Dante naquela manhã, eu não achava que tinha a menor chance de vencer.

A tentação de voltar e lutar cresceu de repente dentro de mim. Os nefilins tinham direitos. *Eu* tinha direitos. Nossos corpos não pertenciam aos anjos caídos. Eles não tinham um motivo justo para nos possuir. Eu me precipitara ao prometer aos arcanjos que impediria a guerra, mas tinha um interesse pessoal no resultado dela. Eu queria a guerra, eu queria a liberdade, para que nunca, em tempo algum, tivesse de me ajoelhar e jurar ceder meu corpo a qualquer outra pessoa.

Mas como eu iria conseguir o que queria e, ao mesmo tempo, apaziguar os arcanjos?

Por fim, Vee e eu conseguimos sair no ar frio da noite. A multidão tinha se dispersado na escuridão, seguindo para ambos os lados da rua. Sem parar para recuperar o fôlego, corremos até o Neon.

C A P Í T U L O
7

Vee virou o Neon para a entrada da casa de fazenda e desligou o som.

— Bem, isso foi loucura o bastante por uma noite — disse ela. — O que foi tudo aquilo? Greasers *versus* Socs?

Eu estava prendendo a respiração, mas finalmente expirei, aliviada. Nada de respiração acelerada. Nenhum gesto histérico com as mãos. Nenhuma menção a pescoços quebrados. Por sorte, Vee não tinha visto a pior parte.

— Olha só quem fala. Você nunca leu *Vidas sem rumo* — disparei.

— Eu vi o filme. Matt Damon era gato antes de ficar velho.

Um silêncio pesado e cheio de expectativa tomou conta do carro.

— Está bem, vamos deixar de besteira — disse Vee. — Chega de conversa fiada. Fala logo. — Hesitei, e ela acrescentou: — Aquilo lá foi tudo muito estranho, mas já havia algo errado bem antes. Você passou a noite toda agindo de forma esquisita. Vi você entrar e sair da Bolsa do Diabo. E então, de repente, você queria esvaziar o lugar. Vou lhe falar uma coisa: preciso de uma explicação.

Era aí que as coisas ficavam difíceis. Eu queria dizer toda a verdade a Vee, mas também era crucial para a segurança dela que acreditasse nas mentiras que eu estava prestes a contar. Se Chapéu de Cowboy e seus amigos estivessem falando a sério sobre investigar minha vida pessoal, mais cedo ou mais tarde eles perceberiam que Vee era minha melhor amiga. Não podia suportar a ideia de que a ameaçassem ou interrogassem, mas, se fizessem isso, queria que cada resposta dela lhes soasse convincente. E, o mais importante, queria que ela dissesse a eles, sem nenhuma hesitação, que todos os meus laços com Patch tinham sido cortados. Queria apagar o incêndio antes que saísse de controle.

— Enquanto eu estava no bar esta noite, Patch apareceu e não foi nada legal — comecei a falar calmamente. — Ele estava... completamente bêbado. Disse algumas coisas estúpidas, eu me recusei a sair com ele, e ele ficou agressivo.

— Minha nossa — resmungou Vee baixinho.

— O segurança expulsou Patch.

— Uau. Estou sem fala. E o que você fez?

Abri e fechei as mãos no colo.

— Patch e eu terminamos.

— Terminaram *terminaram*?

— Tanto quanto é possível.

Vee se inclinou sobre o câmbio e me abraçou. Abriu a boca, viu minha expressão e pensou melhor.

— Não vou falar, mas você sabe o que estou pensando.

Uma lágrima hesitou no canto do meu olho. O óbvio alívio de Vee só fez a mentira parecer muito pior dentro de mim. Eu era uma péssima amiga. Sabia disso, mas não conseguia pensar em outra forma de fazer aquilo direito. E me recusava a colocar Vee em perigo.

— Qual é o lance com o cara da camisa de flanela?

O que ela não sabe não pode feri-la.

— Antes de Patch ser expulso, ele me alertou para ficar longe do cara da camisa de flanela. Patch disse que o conhecia, e que ele era um problema. Foi por isso que lhe pedi para descobrir o nome dele. Eu o peguei me observando, e isso me deixou nervosa. Não queria que ele me seguisse até em casa, se estivesse planejando fazer isso, então decidi provocar um caos geral. Queria que conseguíssemos sair da Bolsa do Diabo sem que fosse fácil para ele nos localizar e nos seguir.

Vee expirou longa e lentamente.

— Acredito que você tenha terminado com Patch. Mas não acredito nem por um minuto nessa outra história.

Eu me encolhi.

— Vee...

Ela levantou a mão.

— Eu entendo. Você tem seus segredos e um dia desses vai me contar o que está acontecendo. E vou lhe contar os meus. — Ela arqueou as sobrancelhas intencionalmente. — É isso. Você não é a única a ter segredos. Vou falar quando chegar a hora, e acredito que você também.

Olhei fixamente para ela. Não era assim que eu imaginava que aquela conversa fosse acontecer.

— Você tem segredos? Que segredos?

— Segredos bem *interessantes*.

— Conte!

— Olhe só — disse Vee, batendo no relógio do painel. — Acho que está na hora de você entrar.

Fiquei boquiaberta.

— Não acredito que você tem escondido coisas de mim.

— Não acredito que você esteja sendo tão hipócrita.

— Essa conversa não terminou — falei, relutando em abrir a porta.

— Não é fácil estar do outro lado, não é?

***

Dei boa noite à minha mãe, depois me tranquei no quarto e liguei para Patch. Quando Vee e eu fugimos da Bolsa do Diabo, a van Chevy marrom não estava mais estacionada junto ao meio-fio. Meu palpite é que Patch tinha ido embora antes da invasão surpresa dos anjos caídos, já que ele teria disparado para dentro do clube se imaginasse que eu estava correndo perigo, mas estava mais curiosa em saber se ele tinha achado o Chapéu de Cowboy. Imaginava que eles deviam estar conversando naquele exato momento. Queria saber se Patch estava fazendo perguntas ou ameaças. Provavelmente as duas coisas.

A ligação caiu na caixa postal de Patch, e eu desliguei. Deixar uma mensagem parecia arriscado demais. Além disso, ele veria a

ligação perdida e saberia que tinha sido eu. Esperava que ele ainda estivesse pensando em aparecer naquela noite. Sabia que toda a nossa briga era apenas encenação, mas queria ter certeza de que nada havia mudado. Estava abalada e precisava saber que nossa relação ainda continuava do mesmo jeito.

Tentei mais uma vez ligar para Patch, depois fui inquieta para a cama.

O dia seguinte era terça. O Cheshvan começaria com a chegada da lua nova.

Com base na luta terrível daquele dia, eu tinha o pressentimento de que os anjos caídos estavam contando as horas para liberar completamente sua ira.

***

Acordei ao som do assoalho rangendo. Minha visão se acostumou à escuridão, e dei de cara com duas pernas bem grandes e musculosas vestidas em uma calça esportiva azul-marinho.

— Dante? — indaguei, esticando o braço em direção à mesa de cabeceira, à procura do relógio. — Hum. Que horas são? Que dia é hoje?

— Terça de manhã — disse ele. — Você sabe o que isso quer dizer. — Um monte de roupas de exercício caiu no meu rosto. — Encontre-me lá na entrada quando puder.

— Sério?

No escuro, os dentes dele brilharam em um sorriso.

— Não acredito que você caiu nessa. É melhor levar seu traseiro lá para fora em no máximo cinco minutos.

Cinco minutos depois eu me arrastei para fora, tremendo com o frio de meados de outubro. Um vento suave fazia as folhas das árvores caírem e os galhos rangerem. Alonguei as pernas e dei uns pulinhos para fazer o sangue circular.

— Mantenha o ritmo — instruiu Dante, e seguiu correndo para a mata.

Ainda não estava muito empolgada com a ideia de andar pelo bosque sozinha com Dante, mas procurei racionalizar que, se ele quisesse me machucar, tinha tido várias oportunidades no dia anterior. Então corri atrás dele, procurando pelo ocasional vulto em alta velocidade que me alertava de sua presença. Sua visão devia colocar a minha no chinelo, pois enquanto eu de vez em quando tropeçava nas árvores, perdia o apoio pisando em buracos no caminho e batia a cabeça em galhos baixos, ele navegava pelo terreno com precisão impecável. Todas as vezes que eu ouvia sua risadinha debochada, colocava-me de pé de novo, determinada a empurrá-lo de um despenhadeiro escarpado na primeira chance que tivesse. Havia várias ravinas em volta, só precisava me aproximar bastante para fazer o serviço.

Finalmente Dante parou, e quando o alcancei ele estava esparramado em uma grande pedra, com as mãos relaxadamente entrelaçadas atrás do pescoço. Tinha retirado a calça e o casaco esportivos, ficando com um short na altura do joelho e uma camisa justa. A não ser pelo suave subir e descer de seu peito, ninguém diria que ele tinha acabado de correr aproximadamente 15 quilômetros em aclive.

Arrastei-me para cima da pedra e desabei ao lado dele.

— Água — falei, ofegante.

Dante se apoiou em um cotovelo e sorriu para mim.

— Sem chance. Vou deixar você seca. Água produz lágrimas, e lágrimas são algo que não consigo suportar. E quando você vir o que planejei, vai querer chorar. Graças a mim, não vai conseguir.

Ele me puxou por baixo dos braços e me obrigou a ficar de pé. O amanhecer começava a iluminar o horizonte, colorindo o céu de um tom claro de rosa. Lado a lado, na pedra, podíamos ver a quilômetros de distância. Pinheiros, abetos e cedros espalhados como um tapete alto em todas as direções, cobrindo as colinas e o vale de uma ravina profunda que cortava o cenário.

— Escolha uma — instruiu Dante.

— Escolher uma o quê?

— Uma árvore. Depois que você arrancá-la, pode ir para casa.

Dei uma olhada nas árvores, que tinham no mínimo uma centena de anos e o diâmetro de três postes de telefone, e senti meu queixo cair ligeiramente.

— Dante...

— Treinamento de Força 101. — Ele me deu um tapinha de encorajamento nas costas e depois voltou a se reclinar, relaxado, na pedra. — Isso vai ser melhor do que assistir ao *Today*.

— Odeio você.

Ele riu.

— Não, ainda não. Mas daqui a uma hora...

***

Uma hora depois eu tinha depositado toda a minha energia — e talvez minha alma também — na tentativa de arrancar um cedro branco muito teimoso e inflexível. A não ser por ter conseguido fazer com que se inclinasse um pouco, ele continuava a ser um perfeito espécime de uma árvore florida. Eu tinha tentado inutilmente empurrá-la, arrancá-la pela raiz, derrubá-la e até socá-la. Dizer que a árvore venceu era pouco. E o tempo todo Dante ficou lá empoleirado na pedra, bufando, rindo e apontando meus erros. Que bom que um de nós se divertiu.

Ele deu uma volta perto de mim, com um sorriso discreto e insolente repuxando os lábios. Coçou o ombro.

— Bem, Comandante do Grande e Poderoso Exército Nefilim, teve sorte?

O suor escorria pelo meu rosto, pingando do nariz e do queixo. As palmas das mãos estavam esfoladas; os joelhos, arranhados; um tornozelo, torcido, e cada músculo do meu corpo gritava em agonia. Agarrei a parte da frente da camisa de Dante e usei para limpar meu rosto. E depois assoei o nariz nela.

Dante deu um passo para trás, erguendo as mãos.

— Ei.

Estendi um braço em direção à minha árvore escolhida.

— Não consigo — admiti, soluçando. — Não fui talhada para isso. Nunca serei tão forte quanto você ou qualquer outro nefilim.

Senti meu lábio tremer de decepção e vergonha. Sua fisionomia se suavizou.

— Respire fundo, Nora. Eu sabia que você não ia conseguir. Era esse o objetivo. Eu queria lhe dar uma tarefa impossível para que, mais tarde, quando finalmente *conseguir*, você possa olhar para trás e ver quão longe foi.

Eu o encarei, sentindo meu sangue ferver.

— O que foi? — perguntou ele.

— O que foi? *O que foi?* Você é maluco? Eu tenho aula hoje. Tenho que estudar para um teste! Achei que estivesse me esforçando para algo que valia a pena, mas agora descubro que tudo isso era só para esclarecer seu ponto de vista? Bem, essa sou eu esclarecendo um ponto de vista! Estou desistindo. Por mim, chega! Não pedi por isso. Treinar foi ideia *sua*. Foi você que decidiu tudo, mas agora é a minha vez. Eu desisto!

Sabia que estava desidratada e provavelmente não pensava racionalmente, mas já tinha tido o bastante. Claro, eu queria aumentar minha resistência e minha força e aprender a me defender. Mas aquilo era ridículo. Arrancar uma *árvore*? Tinha me esforçado ao máximo, e ele só ficara ali rindo, relaxado, bastante ciente de que eu jamais conseguiria fazer aquilo.

— Você parece bem irritada — disse ele, franzindo as sobrancelhas e passando a mão no queixo de maneira perplexa.

— Você *acha*?

— Considere isso uma lição. Um termo de comparação.

— Ah, é? Compare *isso*.

Mostrei o dedo médio para ele.

— Você está reagindo de forma muito exagerada. Percebe isso, não?

Claro, dali a duas horas até podia ser que eu percebesse. Depois de tomar um banho, me reidratar e desmaiar em minha cama. O

que, por mais que eu quisesse, não iria acontecer, porque eu tinha aula.

— Você é comandante desse exército. É também uma nefilim presa a um corpo humano. Precisa treinar mais pesado que o restante de nós, porque está começando em grande desvantagem. Não vou fazer nenhum favor a você se eu pegar leve.

Encarei-o com raiva, sentindo o suor escorrendo para meus olhos.

— Será que já lhe ocorreu que talvez eu não queira esse trabalho? Talvez eu não queira ser comandante?

Ele deu de ombros.

— Não importa. Está feito. Não vai adiantar nada ficar fantasiando outras situações.

— Por que você não encena um golpe e toma o poder de mim? — murmurei em tom desanimado, apenas de brincadeirinha. Até onde eu podia ver, Dante não tinha nenhuma razão para me manter e viva e no poder. — Você seria um milhão de vezes melhor nisso. Você realmente se importa.

Ele acariciou novamente o queixo.

— Bem, agora que você me deu essa ideia...

— Isso não é engraçado, Dante.

O sorriso dele desapareceu.

— Não, não é. Por mais insignificante que pareça, jurei a Hank que ajudaria você a conseguir. A corda está no meu pescoço tanto quanto no seu. Não estou aqui todo dia de manhã para conseguir alguns pontos extras com o destino. Estou aqui porque preciso que você vença. Minha vida está em suas mãos.

Comecei a entender as palavras dele.

— Está me dizendo que se eu não for à guerra, e vencer, você vai morrer? Foi esse o juramento que fez?

Ele expirou, longa e lentamente, antes de responder.

— Sim.

Fechei os olhos, massageando minhas têmporas.

— Queria muito que você não tivesse me contado.

— Estressada?

Então me encostei na pedra e deixei a brisa soprar em minha pele. *Respire fundo*. Eu não só mataria minha mãe e a mim se falhasse em liderar o exército de Hank, mas também agora sabia que também ia matar Dante se não levasse o exército à vitória. Mas e quanto à paz? E meu acordo com os arcanjos?

Maldito Hank. Era tudo culpa dele. Se quando morreu ele tivesse ido para algum outro lugar que não fosse direto para o inferno, não havia justiça no mundo, ou fora dele.

— Lisa Martin e os outros nefilins superiores querem se encontrar com você de novo — disse Dante. — Tenho adiado porque sei que você não acredita na guerra, e estou preocupado em como eles vão reagir. Precisamos que eles a mantenham no poder. E, para isso, precisamos que pensem que seus desejos estão alinhados com os deles.

— Não quero me encontrar com eles agora — falei automaticamente. — Continue protelando. — Precisava de tempo para pensar. Tempo para arquitetar um plano de ação. Quem representava minha maior ameaça, arcanjos descontentes ou nefilins revoltosos?

— Quer que eu diga a eles que, por ora, você quer que tudo passe por mim?

— Isso — respondi agradecidamente. — Faça o que for necessário para me conseguir um pouco mais de tempo.

— A propósito, ouvi sobre seu falso rompimento na noite passada. Vocês devem ter dado um show e tanto. Os nefilins estão acreditando.

— Mas não você.

— Patch me avisou. — Ele piscou. — Mas eu não teria acreditado de qualquer jeito. Já vi vocês dois juntos. O que vocês têm não morre desse jeito. Aqui — disse Dante, entregando-me uma garrafa gelada de Gatorade. — Beba tudo. Você perdeu muito líquido.

Girei a tampa, assenti em agradecimento e virei de uma só vez. O líquido desceu pela garganta, engrossando imediatamente e

obstruindo meu esôfago. A queimação arranhou minha garganta, conseguiu passar e tomou conta de todo o meu corpo. Curvei-me para a frente, tossindo e respirando com dificuldade.

— O que é isso? — falei, engasgada.

— Hidratação pós-exercício físico — disse ele, sem me olhar nos olhos.

Continuei a sufocar, meus pulmões respirando em espasmos.

— Achei... que era Gatorade. Era isso... que a garrafa dizia!

Toda emoção sumiu do rosto dele.

— É para seu próprio bem — disse ele simplesmente.

Então saiu dali em disparada, em um borrão de velocidade.

Ainda estava curvada, sentindo como se tudo dentro de mim estivesse se liquefazendo. Pontos azuis atravessaram meu olhar. O mundo parecia oscilar para a esquerda... depois para a direita. Agarrei com força minha garganta e me arrastei para a frente, com medo de desmaiar ali e nunca mais ser encontrada.

CAPÍTULO 8

Um passo em falso após outro, consegui sair da floresta. Quando cheguei em casa, grande parte da queimação que eu sentia em meus ossos tinha passado. Minha respiração voltara ao normal, mas eu ainda estava completamente alerta. O que Dante tinha me dado? E... por quê?

Eu tinha uma chave pendurada na corrente em meu pescoço, então abri a porta e entrei. Tirei os sapatos, me arrastei escada acima e passei sem fazer barulho pelo quarto de minha mãe. O relógio na minha mesinha de cabeceira marcava dez para as sete. Antes de Dante entrar em minha vida, seria uma hora normal para se levantar, talvez até um pouco cedo. Na maioria dos dias eu acordava me sentindo renovada, mas, esta manhã, estava exausta e preocupada. Peguei roupas limpas e segui na direção do banheiro, para tomar banho e me arrumar para a aula.

Às dez para as oito, parei o Volkswagen no estacionamento dos alunos e andei depressa para a escola, um prédio alto e cinza que parecia uma antiga igreja protestante. Quando entrei, enfiei minhas coisas no armário, peguei os livros do primeiro e do segundo tempos e segui para a aula. A barriga doía de fome, mas eu estava muito abalada para comer. Ainda sentia com desconforto a bebida azul em meu estômago.

Para começar, História dos Estados Unidos, curso avançado. Sentei-me e dei uma olhada no celular para ver se havia mensagens. Ainda nenhuma notícia de Patch. *Está tudo bem*, disse a mim mesma. *Provavelmente aconteceu alguma coisa*. Mas não conseguia ignorar a sensação de que algo estava errado. Patch me dissera que ia aparecer ontem à noite, e ele não costumava quebrar promessas. Principalmente porque sabia como eu estaria chateada por causa do rompimento.

Já ia guardar o celular quando ele tocou com uma mensagem de texto.

ME ENCONTRE PERTO DO RIO WENTWORTH EM 30 MIN, dizia a mensagem de Patch.

VOCÊ ESTÁ BEM?, imediatamente escrevi de volta.

SIM. VOU ESTAR NO EMBARCADOURO. VEJA SE NÃO ESTÁ SENDO SEGUIDA.

Não era a melhor hora, mas eu não ia *deixar* de me encontrar com Patch. Ele disse que estava bem, mas não me convenci. Se estivesse, por que me pediria para sair da aula, e por que iríamos nos encontrar lá no embarcadouro?

Aproximei-me da mesa da sra. Warnock.

— Com licença, sra. Warnock? Não estou me sentindo bem. Posso ir me deitar na enfermaria?

A sra. Warnock tirou os óculos e me observou com atenção.

— Está tudo bem, Nora?

— É aquela época do mês — sussurrei. *Eu poderia ser menos criativa?*

Ela suspirou.

— Se eu ganhasse uma moeda cada vez que uma aluna me diz isso...

— Eu não pediria se minhas cólicas não estivessem mesmo me matando. — Pensei em esfregar a barriga, mas achei que podia ser demais.

— Peça à enfermeira para lhe dar paracetamol — disse ela, por fim. — Mas, assim que melhorar, quero você de volta. Vamos começar hoje o capítulo sobre o republicanismo jeffersoniano. Se você não tiver ninguém de confiança a quem pedir as anotações, vai passar as próximas duas semanas tentando se situar.

Assenti vigorosamente.

— Obrigada. Muito obrigada mesmo.

Saí depressa, desci correndo um lance de escadas e, depois de olhar para os dois lados para ter certeza de que o vice-diretor não estava fazendo a ronda por ali, escapei por uma porta lateral.

Atirei-me dentro do Volkswagen e saí em disparada. É claro, essa era a parte fácil. Conseguir voltar para a aula sem uma dispensa assinada pela enfermeira exigiria não menos que uma mágica. *Tranquilo*, pensei. Na pior das hipóteses, ia ser pega matando aula e teria que passar as manhãs da semana seguinte em detenção.

Se eu queria uma desculpa para me manter afastada de Dante, em quem eu não confiava mais, aquela serviria.

***

O sol estava brilhando e o céu era de um azul enevoado de outono, mas o ar frio atravessava meu colete acolchoado, como um prenúncio impiedoso do inverno. O estacionamento que ficava rio acima estava vazio. Não havia nenhum pescador por ali naquele dia. Depois de parar o carro, fiquei alguns minutos agachada na beira do estacionamento, junto às plantas, esperando para ver se alguém me seguira. Então atravessei a passarela pavimentada que levava ao embarcadouro. Rapidamente percebi por que Patch tinha escolhido aquele local: fora alguns pássaros trinando, estávamos completamente sozinhos.

Três deques se estendiam no vasto rio, mas não havia nenhum barco. Caminhei até o final do primeiro, protegi meus olhos do brilho do sol e observei em volta. Nenhum sinal de Patch.

O celular tocou.

ESTOU PERTO DAS ÁRVORES NO FINAL DA PASSARELA, dizia a mensagem.

Segui o caminho, passando pelos deques e depois em direção às árvores, e foi então que Pepper Friberg saiu de trás de uma delas. Estava com o celular de Patch em uma das mãos e uma arma na outra. Com os olhos fixos na arma, involuntariamente dei um passo para trás.

— O tiro não vai matar você, mas pode ser extremamente doloroso — disse ele.

Pepper usava uma calça de poliéster bem acima da cintura e a blusa estava torta no corpo, porque ele não tinha alinhado direito os botões. No entanto, apesar da aparência idiota e desajeitada, eu podia sentir seu poder incidir sobre mim como os raios mais quentes do sol. Ele era bem mais perigoso do que parecia.

— E eu devo acreditar, como se você soubesse do que está falando? — rebati.

Ele olhou depressa para os dois lados. Enxugou a testa com um lenço branco, mais uma prova de sua ansiedade. Suas unhas estavam roídas até o sabugo.

— Se você sabe quem eu sou, e aposto que Patch lhe contou, então sabe que não sinto dor.

— Sei que você é um arcanjo, e sei que não anda seguindo as regras. Patch me contou que você tem levado uma vida dupla, Pepper. Um arcanjo poderoso dando uma de humano? Com seus poderes, você poderia realmente manobrar o sistema a seu favor. Está atrás de dinheiro? Poder? Vida boa?

— Já disse o que estou procurando: Patch — respondeu Pepper, novamente com um brilho de suor na testa. Parecia não conseguir secá-lo rápido o bastante. — Por que ele não quer me encontrar?

Hum, porque você quer acorrentá-lo no inferno.

Indiquei com o queixo o celular na mão de Pepper.

— Belo truque, me atrair até aqui com o celular dele. Como conseguiu o aparelho?

— Peguei dele ontem à noite, na Bolsa do Diabo. Encontrei-o escondido em uma van marrom parada do outro lado da rua, em frente à entrada. Escapou antes que eu conseguisse colocar as mãos nele, mas, na pressa, se esqueceu de pegar suas coisas, incluindo o telefone com todos os contatos. Fiquei ligando e mandando mensagens de texto a manhã toda na tentativa de encontrá-la.

Discretamente, respirei aliviada. Patch tinha escapado.

— Se me trouxe aqui para me interrogar, perdeu seu tempo. Não sei onde Patch está. Não falo com ele desde ontem. Na verdade, parece que você foi o último a vê-lo.

— Interrogar? — As pontas das orelhas de Dumbo dele ficaram rosadas. — Céus, isso soa ameaçador. O que eu pareço? Um bandido qualquer?

— Se não tem perguntas a fazer, então por que me atraiu até aqui?

Até aí mantivemos a conversa equilibrada, mas eu estava ficando cada vez mais nervosa. Não confiava nos artifícios confusos e sem nexo de Pepper. Tinham que ser um truque.

— Está vendo aquele barco lá?

Segui o olhar de Pepper até a beira do rio. Uma lancha branca e resplandecente balançava ao sabor das águas. Reluzia, cara e provavelmente muito veloz.

— Belo barco. Vai viajar? — perguntei, tentando não parecer preocupada.

— Vou. E você vai comigo.

C A P Í T U L O
9

— Eu dei a você uma chance de fazer isso da maneira mais fácil, mas estou ficando sem paciência — disse Pepper. Ele colocou a arma na cintura da calça, liberando as mãos para secar a testa suada. — Se não consigo chegar até Patch, vou fazê-lo vir até mim.

Entendi aonde aquilo ia dar.

— Isso aqui é um sequestro? Você, com certeza, não é um bandido qualquer, Pepper. Criminoso, sociopata e malfeitor desprezível parecem termos mais apropriados.

Ele afrouxou a gola e fez uma careta.

— Preciso que Patch faça algo por mim. Um pequeno... favor. É só isso. Algo inofensivo, é sério.

Eu tinha o pressentimento de que aquele “favor” incluía seguir Pepper até o inferno, só até ele sair e bater os portões, deixando Patch trancado para trás. Era uma boa maneira de dar um jeito em um chantagista.

— Sou um dos mocinhos — disse Pepper. — Um arcanjo. Ele pode confiar em mim. Você deveria ter dito a ele que confiasse em mim.

— A maneira mais rápida de quebrar essa confiança é me sequestrando. Pense bem, Pepper. Isso não vai fazer Patch cooperar com você.

Ele puxou ainda mais forte a gola. Seu rosto estava tão vermelho que ele parecia um porco suado.

— Há muito mais coisas acontecendo aqui do que pode parecer. Não tenho opção, não consegue ver isso?

— Você é um arcanjo, Pepper. E, ainda assim, aqui está, passeando pela Terra, carregando uma arma e me ameaçando. Não acredito que seja inofensivo, assim como não acredito que não queira fazer mal algum a Patch. Arcanjos não ficam pela Terra por

muito tempo e não fazem reféns. Sabe o que eu acho? Você se tornou mau.

— Estou aqui em uma missão. Não sou mau, mas preciso tomar certas... liberdades.

— Nossa, estou quase tentada a acreditar em você.

— Tenho um serviço para o seu namorado que só ele pode fazer. Não queria sequestrá-la, mas você me obrigou. Preciso da ajuda de Patch, e preciso dela *agora*. Siga na direção do barco, com toda a calma. Qualquer movimento brusco, eu atiro.

Pepper gesticulou como se estivesse chamando alguém, e o barco deslizou obedientemente pela água, aproximando-se do deque mais próximo. Patch não havia me dito que arcanjos podiam controlar objetos. Não gostei da surpresa, e pensei no quanto isso complicaria minha tentativa de fuga.

— Você não me ouviu? Ele não é mais meu namorado — falei. — Estou namorando Dante Matterazzi. Já deve ter ouvido falar dele. Todo mundo já ouviu. Patch faz parte do meu passado, completamente.

— Acho que isso nós vamos descobrir, não é? Se eu tiver que pedir de novo para você andar, vou fazer um furo no seu pé.

Levantei os braços na altura dos ombros e caminhei até o deque. Um pouco tarde demais, desejei estar usando minha jaqueta jeans com o rastreador. Se Patch soubesse onde eu estava, viria atrás de mim. Talvez ele tivesse costurado um rastreador no meu colete acolchoado também, mas eu não podia contar com isso. E como eu não sabia onde Patch estava, nem mesmo se estava bem, não podia contar com ele.

— Suba no barco — ordenou Pepper. — Pegue a corda no banco e amarre suas mãos na grade de proteção.

— Você está falando a sério? — falei, protelando.

Dei uma olhada nas árvores à beira do rio. Se conseguisse chegar até elas, poderia me esconder. As balas de Pepper acabariam atingindo as árvores, não a mim.

— A cinquenta quilômetros daqui tenho um depósito espaçoso esperando por você. Assim que chegarmos, vou ligar para seu

namorado. — Ele fechou a mão, estendendo o polegar e o dedo mínimo, e levou-a até perto da orelha. — Vamos ver se conseguimos chegar a um acordo. Se ele jurar que vai cuidar de uma questão pessoal para mim, você poderá voltar a vê-lo e, também, a sua família e seus amigos.

— E como vai ligar para o Patch? Você está com o celular dele.

Pepper franziu o cenho. Não tinha pensado direito nisso. Talvez eu pudesse usar a desorganização dele a meu favor.

— Então vamos ter que esperar que ele nos ligue. Para o seu bem, tomara que não demore.

Com relutância, entrei no barco. Peguei a corda e comecei a dar um nó. Não podia acreditar que Pepper fosse tão idiota. Ele achava mesmo que uma cordinha comum iria me deter?

Pepper respondeu minha pergunta.

— Caso esteja pensando em fugir, é melhor saber que essa corda foi encantada. Parece inofensiva, mas é mais forte que aço estrutural. Ah, e quando amarrar seus braços, vou encantá-la de novo. Se fizer força para se soltar, a corda vai descarregar duzentos volts de eletricidade em seu corpo.

Tentei manter o controle.

— Um truque especial dos arcanjos?

— Digamos apenas que sou mais poderoso do que você imagina.

Pepper passou uma de suas pernas curtas para dentro do barco, equilibrando o pé no banco do piloto. Antes que pudesse trazer a outra perna, joguei o corpo contra a lateral do barco, balançando-o com força para longe do deque. Pepper estava com um pé dentro e outro fora, e o espaço entre as pernas aumentava.

Ele reagiu imediatamente. Saltou para o alto, pairando vários metros acima do barco. *Voando*. No impulso de fazê-lo perder o equilíbrio, acabei me esquecendo de que ele tinha asas. E, para completar, agora estava claramente furioso.

Mergulhei e comecei a nadar depressa para o meio do rio, ouvindo os tiros sendo disparados do alto, na água.

Ouvi um barulho atrás de mim e soube que Pepper tinha mergulhado. Em segundos ele me alcançaria e cumpriria a promessa de fazer um buraco no meu pé — e provavelmente faria algo ainda pior. Eu não tinha a força de um arcanjo, mas era uma nefilim agora, e treinara com Dante... duas vezes. Decidi, então, fazer algo incrivelmente estúpido ou incrivelmente corajoso.

Apoiei firmemente os pés no leito arenoso do rio e impulsionei meu corpo para cima com toda a força, saltando da água. Para meu espanto, fui mais alto do que esperava, além das copas das árvores que tomavam as margens do rio. Podia ver a quilômetros e quilômetros de distância, depois das fábricas e dos campos, até a estrada cheia de pequenos carros e carretas. E, mais afastada ainda, via a própria Coldwater, um aglomerado de casas, lojas e parques gramados.

Com a mesma rapidez, perdi velocidade. Meu estômago revirou, o vento passava com força por meu corpo enquanto eu mudava de direção. O rio vinha rápido ao meu encontro. Tive o instinto de girar os braços freneticamente, mas era como se meu corpo não quisesse cooperar. Recusava-se a ser nada menos que gracioso e eficiente, compacto como um míssil. Meus pés aterrissaram com força na rampa do barco, estilhaçaram as tábuas e eu mergulhei de volta na água.

Mais balas passaram zunindo por minhas orelhas. Lutei para me desvencilhar dos escombros, consegui subir até a margem do rio e saí em disparada na direção das árvores. Duas manhãs de corrida no escuro tinham me preparado um pouco para isso, mas não explicavam por quê, de repente, eu estava correndo a uma velocidade semelhante à de Dante. As árvores passavam como um borrão vertiginoso, meus pés erguiam-se e desciam com facilidade, quase como se pudessem prever os passos necessários meio segundo antes da minha mente.

Corri em velocidade máxima até a passarela, atirei-me no Volkswagen e saí a toda do estacionamento. Para meu espanto, eu sequer estava sem fôlego.

Adrenalina? Talvez. Mas achava que não.

***

Dirigi até a Farmácia Allen e enfiei o Volkswagen em uma vaga entre dois caminhões, que encobriam a vista da rua. Então afundei no banco, tentando ficar invisível. Tinha certeza de que havia despistado Pepper no rio, mas não custava ser cuidadosa. Precisava de tempo para pensar. Não podia ir para casa. Não podia voltar para a escola. Precisava mesmo era encontrar Patch, mas não sabia por onde começar.

Meu celular tocou e despertei sobressaltada de meu devaneio.

— Ei, Grey — disse Scott. — Vee e eu estamos indo ao Taco Hut para almoçar, e a grande pergunta do dia é: *Onde está você?* Agora que a) você sabe dirigir, e b) tem carro... aham, graças a mim... não precisa mais comer no refeitório da escola. Só para você saber.

Ignorei seu tom brincalhão.

— Preciso do telefone do Dante. Mande para mim por mensagem, e rápido — falei.

Eu tinha o telefone do Dante gravado no meu telefone antigo, mas não no novo.

— Hã, *por favor*?

— O que é isso? Tirou o dia para pegar no meu pé?

— Para que você precisa do número dele? Achei que Dante fosse seu namo...

Desliguei e tentei entender o que estava acontecendo. O que eu sabia com certeza? Que um arcanjo que levava uma vida dupla queria me sequestrar e me usar como moeda de troca para convencer Patch a lhe fazer um favor. Ou a parar de chantageá-lo. Ou os dois. Também sabia que Patch não era o chantageador.

E o que eu não sabia? Principalmente, o paradeiro de Patch. Ele estava seguro? Ia entrar em contato comigo? Precisava da minha ajuda?

Cadê você, Patch?, gritei para o universo.

Meu celular tocou.

AQUI VAI O NÚMERO DO DANTE. OUVI FALAR QUE CHOCOLATE É ÓTIMO PARA TPM, escreveu Scott.

— Engraçadinho — falei em voz alta, ligando para Dante, que atendeu no terceiro toque.

— Precisamos nos encontrar... — falei, irritada.

— Ouça, se é sobre esta manhã...

— É claro que é sobre esta manhã! O que você me deu? Bebi um líquido estranho e, de repente, consigo correr rápido como você e me lançar 15 metros no ar, e tenho certeza de que minha visão está bem mais aguçada.

— Tudo isso vai passar aos poucos. Para manter essa velocidade, você precisaria beber o líquido azul todos os dias.

— O líquido azul tem nome?

— Não pelo telefone.

— Está bem. Vamos nos encontrar.

— Na Rollerland, em trinta minutos.

Pisquei.

— Você quer me encontrar no rinque de patinação?

— É meio-dia, e estamos no meio da semana. Não tem ninguém lá além de mães e crianças pequenas. Fica mais fácil identificar alguém que queira nos espionar.

***

Não tinha certeza de quem Dante achava que pudesse nos espionar, mas sentia um desconforto revirando meu estômago que me dizia que, o que quer que fosse aquela coisa azul, Dante não era o único a querê-la. Meu palpite era de que se tratava de algum tipo de droga. Eu testemunhara em primeira mão suas propriedades. Os poderes que aquilo tinha me dado eram surreais. Era como se eu não tivesse limites, como se minha capacidade física fosse... infinita. A sensação era arrebatadora e antinatural. E foi meu pensamento seguinte que me preocupou.

Quando Hank estava vivo, tinha feito experiências com as artes do mal, evocando os poderes do inferno em benefício próprio. Os objetos que ele enfeitiçava sempre emanavam um brilho azul e enigmático. Até agora eu acreditara que o conhecimento das artes do mal tinha morrido com Hank, mas começava a duvidar disso. Esperava que a misteriosa bebida de Dante fosse azul por coincidência, mas meu instinto me dizia que não.

Desci do carro e andei os quarteirões que faltavam para chegar a Rollerland, olhando a toda hora por cima do ombro para ver se estava sendo seguida. Nenhum estranho usando casacão escuro e óculos de sol. Também não havia nenhuma pessoa alta o suficiente para ser um nefilim.

Passei pelas portas da Rollerland, aluguei um par de patins tamanho 38 e me sentei em um banco do lado de fora do rinque. A iluminação era fraca e um globo de discoteca projetava raios de luz brilhante e saturada pelo piso de madeira polida. Uma música antiga da Britney Spears tocava nos alto-falantes. Como Dante previra, só havia crianças pequenas e suas mães patinando àquela hora.

Uma mudança no ar, que agora parecia carregado de eletricidade, me alertou da presença de Dante. Ele se abaixou no banco ao meu lado, vestindo uma calça jeans elegante e camisa polo justa azul-marinho. Não tinha se dado o trabalho de tirar os óculos de sol, tornando impossível ver seus olhos. Eu me perguntei se ele se arrependera de ter me dado a bebida e estava passando por algum tipo de conflito moral. Esperava que sim.

— Vai patinar? — perguntou, acenando a cabeça em direção aos meus pés.

Notei que ele não estava carregando patins.

— O cartaz diz que você deve alugar um desses para passar da entrada.

— Você podia ter usado um truque da mente com o atendente do balcão.

Senti meu humor piorar.

— Eu não faço essas coisas.

Dante deu de ombros.

— Então está perdendo uma das grandes vantagens de ser nefilim.

— Fale da bebida azul.

— É uma bebida desenvolvida para aguçar as habilidades.

— Isso eu percebi. E com o que é desenvolvida?

Dante inclinou a cabeça em direção à minha e falou em um sussurro.

— Artes do mal. Não é tão ruim quanto parece — assegurou-me ele.

Minhas costas enrijeceram e os pelos da nuca se arrepiaram. Não, não, não. As artes do mal deviam estar erradicadas da Terra. Tinham desaparecido com Hank.

— Sei o que são as artes do mal. E achei que tivessem sido destruídas.

Dante franziu as sobrancelhas escuras.

— Como sabe sobre elas?

— Hank as usava. Assim como seu cúmplice, Chauncey Langeais. Mas quando Hank morreu... — peguei-me dizendo. Dante não sabia que eu havia matado Hank, e dizer que isso não ajudaria meu entendimento com os nefilins, incluindo Dante, seria muito pouco. — Patch espionava para Hank.

Ele assentiu.

— Eu sei. Eles tinham um acordo. Patch nos passava informações sobre os anjos caídos.

Não sabia se Dante tinha deixado de mencionar de propósito que Patch concordara em fazer espionagem sob uma condição — a de que Hank preservasse minha vida —, ou se Hank tinha mantido esse detalhe em segredo.

— Hank contou a Patch sobre as artes do mal — menti, encobrindo meu rastro. — Mas Patch me disse que, quando Hank morreu, as artes do mal tinham desaparecido com ele. Patch tinha a impressão de que Hank era o único que sabia manipulá-las.

Dante balançou a cabeça.

— Hank deixou seu braço direito, Blakely, encarregado de desenvolver protótipos. Blakely sabe mais sobre as artes do mal do que Hank jamais soube. Ele passou os últimos meses enfurnado em um laboratório, enfeitiçando facas, chicotes e anéis cravejados de pedras com as artes do mal, transformando-os em armas mortais. Mais recentemente, desenvolveu uma bebida que vai potencializar os poderes dos nefilins. Estamos de igual para igual agora, Nora — disse ele, com um brilho de empolgação nos olhos. — Costumavam ser necessários dez nefilins para deter um anjo caído. Não mais. Tenho feito alguns testes para Blakely e, quando tomo a bebida potencializadora, o jogo geralmente vira a meu favor. Posso enfrentar um anjo caído sem temer que ele seja mais forte.

Um turbilhão de pensamentos começou a passar descontroladamente por minha cabeça. As artes do mal estavam sendo usadas na Terra? Os nefilins tinham uma arma secreta, fabricada em um laboratório secreto? Eu precisava contar isso a Patch.

— A bebida que você me deu é a mesma que vem testando para Blakely?

— É. — Ele abriu um sorriso ardiloso. — Agora você entende do que estou falando.

Se ele queria elogios, não ia consegui-los de mim.

— Quantos nefilins sabem da bebida ou já a tomaram?

Dante recostou-se no banco e suspirou.

— Você está perguntando porque quer saber... — fez uma pausa intencional — ...ou é para dividir nosso segredo com Patch?

Hesitei, e Dante ficou consternado.

— Você precisa escolher, Nora. Não pode ser leal a nós e ao que quer que ainda exista entre você e Patch. Tem se saído muito bem, mas, no fim, terá que escolher a quem será leal. Ou está com os nefilins ou está contra nós.

A pior parte da conversa era que Dante estava certo. Lá no fundo, eu sabia. Patch e eu tínhamos concordado que nosso objetivo na guerra era sair dela juntos e em segurança, mas, se eu ainda acreditava que essa era minha única meta, em que situação

isso deixava os nefilins? Eu, supostamente, era sua líder, e estava lhes pedindo para acreditar na minha intenção de ajudá-los, quando na verdade estava mentindo.

— Se contar a Patch sobre as artes do mal, ele não vai deixar barato — disse Dante. — Irá atrás de Blakely e tentará destruir o laboratório. Não por um senso sublime de dever moral, mas por autopreservação. Não se trata mais do Cheshvan apenas — explicou ele. — Meu objetivo não é forçar os anjos caídos a obedecerem a alguma determinação nossa, como impedi-los de nos possuir. Meu objetivo é aniquilar a raça inteira usando as artes do mal. E se eles ainda não sabem disso, vão descobrir logo.

— *O quê?* — esbravejei.

— Hank tinha um plano. Era esse. A extinção dos anjos caídos. Blakely acredita que, com um pouco mais de tempo, poderá desenvolver o protótipo de uma arma forte o suficiente para matar um anjo caído, algo que jamais se considerou possível. Até agora.

Dei um pulo do banco e comecei a andar de um lado para o outro.

— Por que você está me contando isso?

— Está na hora de você fazer sua escolha. Está conosco ou não?

— Patch não é o problema. Ele não está trabalhando com anjos caídos. Ele não quer a guerra.

A única meta de Patch era garantir que eu continuasse no poder, cumprisse meu juramento e saísse daquilo tudo viva. Mas se eu lhe contasse sobre as artes do mal, Dante estava certo: Patch faria todo o possível para destruí-las.

— Se contar a ele sobre as artes do mal, estará tudo perdido para nós — disse Dante.

Ele estava me pedindo para decidir entre traí-lo, além de Scott e milhares de nefilins inocentes... ou trair Patch. Senti um peso enorme revirando meu estômago. A dor foi tão forte que quase me dobrei.

— Tire a tarde para pensar nisso — disse Dante, ficando de pé. — A menos que mude de ideia até lá, espero que esteja pronta para treinar amanhã bem cedo. — Ele me observou por um instante, os

olhos castanhos firmes, mas deixando entrever uma sombra de dúvida. — Espero que ainda estejamos do mesmo lado, Nora — disse em voz baixa, depois saiu.

Fiquei no prédio ainda por vários minutos, sentada na penumbra, cercada por gritos e risadas excessivamente alegres de crianças tentando fazer a dança do Hokey Pokey de patins. Abaixei a cabeça e escondi o rosto com as mãos. Não era daquele jeito que as coisas deviam acontecer. Eu devia pôr fim à guerra, declarar cessar-fogo e me afastar de tudo para ficar com Patch.

Em vez disso, Dante e Blakely já tinham preparado o terreno mais à frente, continuando bem do ponto onde Hank parara e aumentado a aposta para tudo ou nada. Idiota, idiota, idiota.

Em circunstâncias normais, eu não acharia que Dante e Blakely, nem todos os nefilins, aliás, tivessem qualquer chance de aniquilar os anjos caídos, mas suspeitava de que as artes do mal pudessem mudar isso. Mas o que isso representava para minha parte do acordo? Se os nefilins travassem guerra sem mim, os arcanjos ainda iriam me considerar responsável?

Sim. Sim, eles iriam.

Onde quer que Blakely estivesse escondido, sem dúvida protegido por um esquema próprio de segurança nefilim, estava claro que vinha fazendo experiências com protótipos mais poderosos e mais perigosos. Ele era a raiz do problema.

O que tornava encontrar Blakely e seu laboratório secreto uma das minhas prioridades mais importantes.

Logo depois de encontrar Patch. Senti meu estômago dar um nó de preocupação e fiz outra prece silenciosa.

CAPÍTULO 10

Estava a uma curta distância do Volkswagen quando vi uma figura indistinta sentada no banco do motorista. Parei, pensando de imediato que Chapéu de Cowboy estava de volta para o segundo round. Prendi a respiração e ponderei se seria sensato correr. No entanto, quanto mais eu pensava, mais minha imaginação hiperativa cedia e a figura assumia sua verdadeira forma. Patch dobrou o dedo e me chamou para entrar. Abri um sorriso, minha preocupação desaparecendo de imediato.

— Matando aula para patinar? — perguntou ele quando entrei no carro.

— Você me conhece. Tenho um fraco por rodas roxas.

Patch sorriu.

— Não vi seu carro na escola. Estava procurando você. Tem alguns minutos?

Entreguei-lhe minhas chaves.

— Você dirige.

Patch nos levou até um luxuoso condomínio residencial com vista para Casco Bay. Pelo charme histórico do prédio — tijolos em tom de vermelho-vivo misturados com pedras de uma pedreira local —, dava para ver que a construção tinha mais de um século, mas havia sido completamente reformada com janelas reluzentes e colunas de mármore preto, e tinha ainda um porteiro. Patch parou em uma garagem para um único carro e abaixou a porta, deixando-nos em meio à escuridão.

— Casa nova? — perguntei.

— Pepper contratou alguns nefilins brutamontes para redecorar meu estúdio embaixo do Delphic. Precisei encontrar rápido um lugar com mais segurança.

Saímos do Volkswagen, subimos uma escada estreita, passamos por uma porta e entramos na nova cozinha de Patch. Janelas de ponta a ponta ofereciam uma vista impressionante da baía. Alguns veleiros brancos pontilhavam a água, e uma pitoresca neblina azul cobria os penhascos ao redor. A folhagem de outono cercava a baía, ardendo em vibrantes tons de vermelho que pareciam incendiar a paisagem. O cais na base das casas parecia ter serviço de manobrista.

— Que chique — falei para Patch.

Ele veio por trás e me estendeu uma caneca de chocolate quente, então beijou minha nuca.

— É mais exposto do que eu gostaria, e isso não é algo que você vai me ouvir dizer com frequência.

Encostei-me nele, tomando minha bebida.

— Estava preocupada com você.

— Pepper me surpreendeu fora da Bolsa do Diabo ontem à noite. O que significa que não tive chance de falar com nosso amigo nefilim Chapéu de Cowboy. Mas fiz algumas ligações e andei investigando, a começar pela cabana para onde ele a levou. Ele não é muito esperto. A cabana é dos avós dele. O verdadeiro nome do Chapéu de Cowboy é Shaun Corbridge, e ele tem dois anos de idade pela contagem nefilim. Ele jurou lealdade há dois anos e se alistou voluntariamente no exército do Mão Negra. Tem pavio curto e histórico de uso de drogas. Está procurando uma forma de fazer o nome dele e acha que você é o bilhete para isso. É óbvio que ele tem tendência a fazer coisas estúpidas. — Patch beijou minha nuca de novo, e dessa vez sua boca se demorou ali. — Senti sua falta também. O que tem para me dizer?

Hum, por onde começar?

— Eu podia lhe contar como Pepper tentou me sequestrar de manhã e me fazer de refém, ou quem sabe você prefira saber como Dante me enganou e me fez tomar uma bebida desenvolvida com as artes do mal? Ao que parece, Blakely, o braço direito de Hank, vem fazendo experiências com as artes do mal há meses e criou uma droga para melhorar a performance dos nefilins.

— Ele fez *o quê*? — bradou Patch com uma voz que não podia estar mais furiosa. — Pepper machucou você? Vou fazer Dante em pedaços!

Balancei a cabeça negativamente, mas fiquei surpresa quando senti as lágrimas brotarem em meus olhos. Eu sabia por que Dante tinha feito aquilo — ele precisava que eu estivesse fisicamente forte o suficiente para liderar os nefilins para a vitória —, mas me ressentia pela maneira como ele agira. Ele tinha mentido para mim. Tinha me enganado para me fazer tomar uma substância que não só era proibida na Terra, mas também potencialmente perigosa. Eu não era ingênua o bastante para achar que as artes do mal não tinham efeitos colaterais negativos. Os poderes podiam se esvanecer, mas uma semente do mal tinha sido colocada dentro de mim.

— Dante disse que os efeitos da bebida desaparecem gradualmente depois de um dia — expliquei. — Essa é a boa notícia. A má notícia é que eu desconfio de que ele esteja planejando apresentá-la a vários nefilins em breve. Isso lhes dará... superpoderes. Só assim consigo descrever o que a bebida faz. Quando tomei, corri mais rápido e saltei mais alto, e também meus sentidos ficaram aguçados. Dante disse que um nefilim poderia derrotar um anjo caído de um para um. Acredito nele, Patch. Escapei de Pepper. Um *arcanjo*. Sem a bebida, eu estaria presa com ele agora.

Frieza e fúria ardiam nos olhos de Patch.

— Onde posso encontrá-lo? — perguntou ele, decidido.

Não esperava que Patch fosse ficar tão irritado — um grande equívoco, parando para pensar melhor. É claro que ele estava explodindo. O problema é que, se ele fosse atrás de Dante naquele momento, Dante saberia que eu tinha contado a Patch sobre as artes do mal. Precisava armar minha jogada com cuidado.

— O que ele fez foi errado, mas estava pensando no que era melhor para mim — tentei argumentar.

Patch soltou uma risada dura.

— Você acredita mesmo nisso?

— Acho que ele está desesperado. Não está vendo muitas opções.

— Então ele não está procurando direito.

— Dante também me deu um ultimato. Ou estou com ele e os nefilins, ou com você. Ele me falou sobre as artes do mal para me testar. Para ver se eu lhe contaria. — Joguei as mãos para o alto, depois as abaixei. — Nunca esconderia essa informação de você. Somos um time. Mas precisamos saber como vamos jogar.

— Eu vou matá-lo.

Suspirei, apertando minhas têmporas com as pontas dos dedos.

— Você não está enxergando além de sua antipatia pessoal pelo Dante... e também da sua raiva.

— Raiva? — Patch riu, mas de uma forma inegavelmente ameaçadora. — Ah, Anjo. Isso é muito pouco perto do que estou sentindo. Acabei de saber que um nefilim *forçou você a ingerir artes do mal*. Não me importa se ele não estava pensando direito, não ligo se estava desesperado. Ele não vai cometer esse erro de novo. E antes que você fique tentada a sentir pena dele, fique sabendo: Dante já devia esperar por isso. Eu avisei a ele que, se você sofresse um arranhão sequer enquanto estivesse sob os cuidados dele, eu o responsabilizaria.

— Sob os cuidados dele? — ecoei lentamente, tentando ligar os pontos.

— Sei que tem treinado com ele — falou Patch sem rodeios.

— Você sabe?

— Você já está crescidinha. Pode tomar suas próprias decisões. Obviamente tinha seus motivos para querer aprender defesa pessoal com Dante, e eu não iria impedi-la. Confio em você. Era com ele que me preocupava, e parece que eu tinha razão. Vou perguntar mais uma vez. Onde ele está se escondendo? — praticamente rosnou Patch, o rosto ficando sombrio.

— Por que você acha que ele está se escondendo? — indaguei, chateada por mais uma vez me sentir presa nessa história entre Patch e Dante. Entre anjos caídos e nefilins. Não pretendia esconder de propósito as sessões de treinamento de Patch, só tinha

achado que poderia ser melhor não atiçar ainda mais a rivalidade entre os dois.

A risada dura de Patch me fez sentir um calafrio na espinha.

— Se ele for esperto, está se escondendo.

— Também estou irritada, Patch. Confie em mim, gostaria de voltar atrás e apagar esta manhã. Mas detesto a sensação de que você está decidindo tudo sem falar comigo. Primeiro colocou um dispositivo rastreador em mim. Depois ameaçou Dante pelas minhas costas. Você tem agido por conta própria. Preciso sentir que está do meu lado. Preciso sentir que estamos trabalhando juntos.

O celular novo de Patch tocou, e ele deu uma olhada no visor. Um comportamento bastante incomum para ele. Nos últimos dias, ele deixava todas as ligações caírem na caixa postal, depois via quais iria retornar.

— Está esperando alguma ligação importante? — perguntei.

— Sim, e preciso cuidar disso agora. Estou do seu lado, Anjo. Sempre vou estar. Desculpe-me se você acha que estou contrariando sua vontade. É a última coisa que quero, acredite em mim. — Ele me deu um selinho, mas pareceu brusco. Já estava saindo, decidido, em direção à escada que levava à garagem. — Preciso que faça uma coisa por mim. Veja se consegue descobrir algo sobre Blakely. Onde está morando, os lugares que tem visitado, quantos guarda-costas nefilins o protegem, qualquer novo protótipo que esteja desenvolvendo e quando pretende apresentar essa superbebida para um grupo maior. Você está certa, não acho que as artes do mal tenham se disseminado além de Dante e Blakely ainda. Se tivessem, os arcanjos teriam caído em cima. A gente se fala em breve, Anjo.

— Então vamos terminar essa conversa depois? — chamei por ele, ainda aturdida por Patch sair assim tão de repente.

Ele parou no alto da escada.

— Dante lhe deu um ultimato, mas isso já estava para acontecer, com ou sem ele. Não posso tomar a decisão por você, mas se quiser conversar com alguém, é só falar. Fico feliz em ajudar. Ligue

o alarme antes de sair. Sua chave está no balcão. Você é bem-vinda a qualquer hora. Entrarei em contato.

— E quanto ao Cheshvan? — indaguei. Ainda não tinha falado metade dos assuntos sobre os quais queria conversar, e ele já estava saindo correndo. — Começa hoje com a Lua crescente.

Patch fez um aceno rápido com a cabeça.

— Há algo estranho no ar. Vou vigiar você, mas quero que tome cuidado, ainda assim. Não fique fora além do tempo necessário. O pôr do sol é seu toque de recolher hoje.

***

Eu não via razão para voltar para a escola sem uma dispensa válida e, se saísse naquele instante, só pegaria a última hora de aula, então resolvi ficar na casa de Patch para um momento de pensar-e-refletir.

Fui até a geladeira procurar um lanche, mas estava vazia. Era bem claro que Patch se mudara rapidamente e a mobília estava incluída. Os cômodos ainda estavam imaculados, e faltava algum toque pessoal. Aparelhos de aço inoxidável, pintura castanha, piso de nogueira. Os móveis eram modernos e em cores sólidas. Havia também uma TV de tela plana e poltronas de couro, uma de frente para outra. Tudo muito masculino, estiloso, mas faltava calor.

Relembrei minha conversa com Patch e concluí que ele não parecia nem um pouco compreensivo com a questão do ultimato de Dante e meu grande dilema. O que isso queria dizer? Que ele achava que eu podia resolver as coisas por conta própria? Não havia muito o que resolver. Ou eu contava toda a verdade para Dante, ou filtrava as partes importantes, ou...

Ou o quê?

Eu não tinha uma resposta, então fiquei pensando no que *realmente* sabia. Ou seja, que Patch queria que eu descobrisse o que Blakely estava tramando. Patch provavelmente achava que Dante era meu melhor contato — um intermediário entre mim e

Blakely, por assim dizer. E para manter as linhas de comunicação abertas entre nós provavelmente era melhor que eu deixasse Dante acreditar que estava do seu lado. Que eu apoiava os nefilins.

E eu apoiava. De muitas maneiras. Era solidária a eles porque não estavam lutando pelo poder ou alguma outra ambição desvirtuosa — estavam lutando pela liberdade. Eu entendia. Admirava. Faria qualquer coisa para ajudar. Mas não queria que Blakely ou Dante colocassem a população de anjos caídos em risco. Se os anjos caídos fossem eliminados da face da Terra, Patch iria com eles. Não queria perder Patch, e faria o que fosse necessário para garantir que sua espécie sobrevivesse.

Em outras palavras, eu não estava perto de encontrar uma resposta. Tinha voltado à estaca zero, jogando dos dois lados do campo. A ironia daquilo tudo me atingiu. Eu era exatamente como Pepper Friberg. A única diferença entre nós era que eu *queria* escolher um lado. Toda essa história de ficar me esquivando e mentindo, e fingindo ser leal a lados opostos, não me deixava dormir à noite. Em pouco tempo minha mente teria que se ocupar apenas de memorizar mentiras para que eu não acabasse me traindo.

Suspirei. E dei mais uma olhada no congelador de Patch. Nenhuma caixa de sorvete tinha aparecido por mágica desde a última vez que eu checara.

CAPÍTULO 11

Às cinco horas da manhã seguinte, meu colchão afundou com o peso de um segundo corpo. Meus olhos se abriram e vi Dante sentado ao pé da cama, a expressão nebulosa.

— Então? — perguntou ele, simplesmente.

Eu havia passado o dia e a noite inteiros na véspera tentando me decidir, e finalmente tinha resolvido o que fazer. Agora vinha a parte difícil: colocar o plano em prática.

— Preciso de cinco minutos para me vestir e encontro você lá fora.

As sobrancelhas dele se ergueram levemente de forma indagadora; sua esperança era visível.

— Isso significa o que acho que significa?

— Não estou lá fora treinando com anjos caídos, estou?

Não era exatamente uma resposta direta, e esperava que Dante não insistisse no assunto.

— Cinco minutos então — respondeu ele, sorrindo.

— Mas nada de bebida azul — falei, o que o fez parar na porta. — É bom que fique claro.

— A amostra de ontem não a convenceu?

Para meu espanto, ele não parecia sentir remorso. Na verdade, seu rosto demonstrava decepção.

— Tenho a sensação de que aquilo não seria aprovado pelo Ministério da Saúde.

— Se mudar de ideia, é por conta da casa.

Decidi me aproveitar do rumo que a conversa tomava.

— Blakely está desenvolvendo alguma outra bebida potencializadora? E quando você acha que ele vai ampliar o grupo de teste?

Ele deu de ombros de forma evasiva.

— Não falo com Blakely há algum tempo.

— Sério? Mas você está testando as artes do mal para ele. E vocês dois eram bem próximos do Hank. Estou surpresa que não mantenham contato.

— Você conhece o ditado “Não coloque todos os seus ovos na mesma cesta”? Essa é a nossa estratégia. Blakely desenvolve os protótipos no laboratório dele, e eu os pego em locais de entrega que se revezam. Se algo acontecer a um de nós, o outro estará seguro. Não sei o paradeiro de Blakely, então, se os anjos caídos me prenderem e me torturarem, não vou poder lhes dizer nada de útil. Procedimento padrão. Vamos começar com uma corrida de 25 quilômetros, então trate de se hidratar bem.

— Espere. E quanto ao Cheshvan?

Observei o rosto dele com atenção, preparando-me para o pior. Tinha passado muitas horas acordada na noite anterior, esperando, tensa, por algo lá fora que indicasse que a hora havia chegado. Contava com uma mudança no ar, uma corrente quente de energia negativa que eu sentisse na pele ou qualquer outro sinal sobrenatural. Em vez disso, o Cheshvan chegou sem que eu percebesse. E, ainda assim, em algum lugar lá fora, tinha certeza de que milhares de nefilins estavam sofrendo de maneiras inimagináveis.

— Nada — disse Dante severamente.

— O que quer dizer com nada?

— Até onde sei, nenhum anjo caído possuiu seus vassalos ontem à noite.

Eu me sentei.

— Isso é bom! Não é? — acrescentei, ao ver a fisionomia grave de Dante.

Ele demorou a responder.

— Não sei o que significa. Mas não acho que seja bom. Eles não iriam se conter sem motivo... um bom motivo — concluiu de forma hesitante.

— Não entendo.

— Bem-vinda ao clube.

— Pode ser uma guerra psicológica? Acha que eles estão tentando desestabilizar os nefilins?

— Acho que eles sabem de algo que não sabemos.

Depois que Dante fechou em silêncio a porta do meu quarto, coloquei a roupa de ginástica e arquivei mentalmente aquela nova informação. Estava louca para saber a opinião de Patch sobre o começo inesperado e decepcionante do Cheshvan na noite anterior. Como ele era um anjo caído, provavelmente teria uma explicação mais detalhada. O que aquele afastamento queria dizer?

Desapontada por não ter uma resposta, mas ciente de que seria perda de tempo tentar especular, voltei minha atenção para as outras informações que descobrira. Sentia-me a um passo mínimo de localizar a fonte das artes do mal. Dante dissera que ele e Blakely nunca se encontravam pessoalmente, o que significava que alguém agia como intermediário, passando os protótipos de um para outro. Eu tinha de localizar o intermediário.

Lá fora, bastou Dante começar a correr em direção ao bosque para eu saber que aquele era o sinal para segui-lo. Notei imediatamente que a bebida azul infundida com as artes do mal tinha saído do meu organismo. Dante disparava entre as árvores a uma velocidade incrível, enquanto eu ficava para trás, concentrada em cada passo para minimizar os danos. Mas, mesmo contando com minhas próprias habilidades, e somente com elas, eu podia sentir que estava evoluindo. E depressa. Havia uma grande pedra mais à frente no caminho e, em vez de desviar, minha reação foi saltá-la. Apoiei o pé na superfície arredondada, na metade da altura da pedra, dei um impulso e voei por cima dela. Quando voltei para o chão, imediatamente deslizei sob os galhos baixos de uma árvore espinhosa e, sem perder o embalo, fiquei de pé e continuei correndo.

No final dos 25 quilômetros, eu estava coberta de suor e respirava com dificuldade. Encostei-me em uma árvore e levantei a cabeça para sentir a brisa.

— Você está melhorando — disse Dante, soando surpreso.

Olhei para o lado. Ele, é claro, ainda parecia ter acabado de sair do banho, sem nenhum fio de cabelo fora do lugar.

— E sem a ajuda das artes do mal — destaquei.

— Você veria resultados ainda melhores se concordasse em tomar a superbebida.

Afastei-me da árvore e girei os braços, alongando os músculos dos ombros.

— O que planejou para hoje? Mais treinamento de força?

— Truques da mente.

Isso me pegou desprevenida.

— Invadir a mente dos outros?

— Fazer as pessoas verem o que na verdade não está lá.

A definição era desnecessária. Eu já fora alvo de truques da mente, e a experiência nunca foi agradável. O pulo do gato do truque da mente é enganar a vítima.

— Não sei bem — esquivei-me. — É realmente necessário?

— É uma arma poderosa. Principalmente para você. Se puder fazer com que um oponente maior, mais rápido e mais forte acredite que você está invisível, ou que ele está prestes a cair de um penhasco, os poucos segundos de vantagem que isso lhe render poderão ser sua salvação.

— Está bem, mostre-me como se faz — concordei, relutante.

— Primeiro passo: Invada a mente de seu inimigo. É como falar através dos pensamentos. Tente fazer comigo.

— Isso é fácil — gabei-me, atirando nele minhas redes mentais, enredando seu pensamento, forçando palavras em sua consciência. *Estou em sua mente, dando uma olhada em volta, e isso aqui está terrivelmente vazio.*

Sabichona, devolveu Dante.

Ninguém mais diz isso. A propósito, quantos anos você tem em idade nefilim? Eu nunca tinha pensado em perguntar.

Jurei lealdade na invasão de Napoleão à Itália, minha terra natal.

E isso foi em que ano...? Preciso de ajuda. Não sou uma apaixonada por história.

Dante sorriu. *1796.*

Uau. Você é velho.

Não, sou experiente. Segundo passo: Desenrede os fios que formam a trama dos pensamentos de seu oponente. Fragmente-os, embaralhe-os, divida-os ao meio, o que funcionar para você. A forma de colocar isso em prática varia entre os nefilins. Para mim, fragmentar os pensamentos da vítima é o que funciona melhor. Tomo a muralha que há em suas mentes, aquela que guarda o núcleo em que cada pensamento é formado, e a derrubo. Assim.

Antes que eu sequer me desse conta do que estava acontecendo, Dante tinha me colocado contra uma árvore e afastava delicadamente alguns fios de cabelo soltos em minha testa. Ergueu meu queixo para olhar nos meus olhos, e mesmo se quisesse eu não teria conseguido me afastar daquele olhar penetrante. Eu me deixei levar pelas lindas feições dele. Intensos olhos castanhos perfeitamente equidistantes do nariz forte e reto. Lábios carnudos que se curvavam em um sorriso confiante. Cabelo castanho, pesado, que caía na testa. Queixo largo e bem-delineado, macio, recém-barbeado. E, como pano de fundo para tudo isso, um lindo tom moreno de pele.

Não conseguia pensar em mais nada a não ser em como seria bom beijá-lo. Tudo mais tinha sumido da minha mente, e eu não me importava. Estava perdida em um lindo sonho, e não ligaria se nunca mais acordasse. *Beije Dante*. Sim, era exatamente isso que eu queria. Fiquei na ponta dos pés, encurtando a distância entre nossas bocas, um tremor vibrando como asas em meu peito.

Asas. Anjos. *Patch.*

Em um impulso, ergui uma nova muralha em minha mente. E, de repente, vi o que de fato estava acontecendo. Dante tinha me encostado em uma árvore, está certo, mas eu *não* queria ficar com ele.

— Fim da demonstração — disse ele, com um sorriso um pouco convencido demais para o meu gosto.

— Da próxima vez, escolha uma demonstração mais apropriada — falei, e estava tensa. — Patch mataria você se descobrisse o que

houve.

O sorriso dele não se desfez.

— Essa é uma figura de linguagem que não funciona muito bem com nefilins.

Eu não estava no clima para esse tipo de piada.

— Sei o que está fazendo. Está querendo que ele perca a cabeça. Essa rixa entre vocês dois vai atingir um nível totalmente novo se mexer comigo. Patch é a última pessoa que você devia querer contrariar. Ele não guarda ressentimentos, porque quem o provoca costuma desaparecer rapidamente. E o que você acabou de fazer? Isso é o que eu chamo de provocação.

— Foi a primeira ideia que me ocorreu — disse ele. — Não vai acontecer de novo.

O pedido de desculpas teria sido melhor se ele parecesse minimamente arrependido.

— Acho bom — respondi em tom grave.

Dante parecia deixar qualquer ressentimento para trás com facilidade.

— Agora é sua vez. Entre na minha mente e procure fragmentar meus pensamentos. Se conseguir, substitua-os por algo que você inventar. Em outras palavras, crie uma ilusão.

Como voltar logo ao trabalho era a maneira mais rápida de esgotar o treinamento — e meu tempo com Dante —, deixei de lado a irritação e me concentrei na tarefa que tinha em mãos. Com minhas redes ainda pairando na mente dele, procurei me visualizar primeiro enredando seus pensamentos e depois desmanchando cada trama fio por fio. A imagem na minha cabeça não era muito diferente do ato de desfiar um queijo de corda, uma tira após a outra.

Mais rápido, disse Dante. *Sinto você em minha mente, mas não está causando nenhuma turbulência. Crie ondas, Nora. Balance o barco. Atinja-me antes que eu perceba o que está acontecendo. Pense nisso como uma emboscada. Se eu fosse um oponente de verdade, tudo o que você conseguiria seria me deixar saber que*

está se intrometendo aqui. Assim você vai acabar cara a cara com um nefilim furioso.

Afastei-me da mente de Dante, respirei fundo e lancei a rede de novo, mais longe dessa vez. Fechei os olhos para evitar qualquer distração e criei uma nova imagem. *Tesouras.* Tesouras grandes e brilhantes. Retalhei os pensamentos dele...

— Mais rápido! — gritou Dante. — Consigo sentir sua hesitação. Você tem tão pouca confiança em si mesma que posso praticamente sentir sua insegurança! Qualquer nefilim que se preze vai cair em cima disso. Assuma o controle!

Recuei de novo, cerrando os punhos por me sentir ainda mais decepcionada. Com Dante e comigo. Ele exigia muito e tinha expectativas muito altas. E eu não conseguia afastar as vozes de dúvida que riam dissimuladamente na minha cabeça. E repreendia a mim mesma por ser exatamente o que Dante pensava. Uma fraca.

Naquela manhã, eu decidi continuar enrolando Dante, interessada em usá-lo para chegar a Blakely e seu laboratório das artes do mal, mas isso não tinha mais a menor importância. Eu queria *dominar* os truques da mente. Pequenos pontos vermelhos de fúria e ressentimento pipocavam no meu campo de visão. Estreitei os olhos. Não queria mais ser inadequada. Não queria mais ser menor, mais lenta, mais fraca. Uma determinação feroz fazia meu sangue ferver. Meu corpo inteiro tremia, decidido e obstinado, enquanto eu olhava bem nos olhos de Dante. Tudo mais foi desaparecendo. Só restamos ele e eu.

Lancei uma rede com todo o meu fervor. Atirei toda a raiva que sentia de Hank, as inseguranças a respeito de mim mesma e a horrível sensação de cabo de guerra que me dilacerava toda vez que eu pensava em ter de escolher entre Patch e os nefilins, tudo isso lançado na mente de Dante. Imediatamente visualizei uma gigantesca explosão, nuvens de fumaça e escombros se espalhando bem alto, infinitamente alto. Detonei outra explosão, e mais outra. Destruí qualquer esperança que ele pudesse ter de manter os pensamentos em ordem.

Dante se desequilibrou, visivelmente abalado.

— Como fez isso? — conseguiu perguntar, finalmente. — Eu... não conseguia ver. Não tenho nem certeza de onde estava. — Em seguida, ele piscou várias vezes e me encarou como se não soubesse ao certo se eu era real. — Foi como... ficar preso entre dois instantes no tempo. Não havia nada. *Nada.* Era como se eu não existisse. Nunca tinha passado por nada assim.

— Imaginei que estava detonando bombas em sua cabeça — confessei.

— Bem, funcionou.

— Então, eu passei?

— É, pode-se dizer que sim — disse Dante, balançando a cabeça ainda sem acreditar. — Tenho feito isso há muito tempo e nunca vi nada igual.

Não tinha certeza se devia me sentir orgulhosa por finalmente ter feito alguma coisa direito ou culpada por ter sido surpreendentemente boa em invadir a mente de Dante. Não era o talento mais digno para se dominar. Se eu pudesse ter algum troféu em exibição na minha cômoda, não escolheria voluntariamente o de corromper a mente das pessoas.

— Então acabamos? — perguntei.

— Até amanhã — disse Dante, ainda estupefato. — Bom trabalho, Nora.

Corri o restante do caminho até em casa em ritmo normal, humano — a velocidade dolorosamente lenta de dez quilômetros por hora —, porque o sol já começava a nascer e, embora não percebesse ninguém por perto, não custava nada ser prudente. Saí do bosque, atravessei a rua em direção à minha casa e parei abruptamente ao chegar à entrada da garagem.

O Toyota vermelho 4Runner de Marcie Millar estava parado bem em frente. Com um nó cada vez maior no estômago, subi a varanda. Várias caixas de mudança estavam empilhadas junto à porta. Empurrei-as para entrar, mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, minha mãe pulou da mesa da cozinha.

— Aí está você! — exclamou impacientemente. — Onde esteve? Marcie e eu passamos a última meia hora tentando imaginar onde

poderia ter ido a essa hora.

Marcie estava sentada na *minha* mesa de cozinha, as mãos em volta de uma xícara de café. Ela abriu um sorriso inocente.

— Fui correr — falei.

— Estou vendo — constatou minha mãe. — Mas podia ter falado alguma coisa antes. Você nem se preocupou em deixar um bilhete.

— São sete da manhã. Você devia estar na cama. O que *ela* está fazendo aqui?

— Eu estou bem aqui — disse Marcie com voz doce. — Pode falar comigo.

Olhei para ela.

— Ótimo. O que está fazendo aqui?

— Eu já falei. Não estou me entendendo com minha mãe. Precisamos de um pouco de espaço. Por ora, acho melhor morar com vocês. Minha mãe não vê problema.

Sem parecer nem um pouco desconcertada, ela bebeu um gole de café.

— E por que você achou que essa seria uma ideia boa, ou, pelo menos, razoável?

Marcie revirou os olhos.

— *Como assim?* Somos uma família.

Meu queixo caiu, e meus olhos correram imediatamente para minha mãe, que, para meu espanto, não parecia perturbada.

— Ah, por favor, Nora — disse ela. — Todas sabíamos disso, mesmo que ninguém estivesse disposta a dizer. Sob tais circunstâncias, Hank iria gostar que eu recebesse Marcie de braços abertos.

Eu estava sem palavras. Como ela podia ser gentil com Marcie? Será que não se lembrava de nossa história com os Millar?

Tudo isso era culpa de Hank — eu estava fervendo por dentro. Esperava que seu controle sobre minha mãe acabasse quando ele morreu, mas sempre que eu tentava falar a respeito dele, ela adotava a mesma atitude serena: Hank ia voltar para ela, ela *queria* que ele voltasse e esperaria lealmente até isso acontecer. O

comportamento bizarro dela era outra prova da minha teoria: antes de morrer, Hank usara nela algum dos truques da mente desenvolvidos pelas artes do mal. Nada que eu argumentasse perturbaria as lembranças perfeitas que ela guardava de um dos homens mais malignos que já habitara o planeta.

— Marcie é da família e, embora as circunstâncias sejam um pouco complexas, ela está certa em vir nos pedir ajuda. Se não pudermos recorrer aos familiares, com quem mais vamos contar? — continuou minha mãe.

Eu ainda a encarava, decepcionada com aquela atitude tão tranquila, quando uma segunda luz se acendeu. *É claro*. Hank não era o único culpado naquela farsa. Como levei tanto tempo para entender? Desviei os olhos para Marcie.

Você está fazendo algum truque da mente com ela?, indaguei de forma acusadora em seus pensamentos. *É isso? Sei que está fazendo alguma coisa porque de jeito nenhum minha mãe, em sã consciência, deixaria você se mudar para nossa casa.*

Marcie levou a mão à cabeça e gemeu.

— Ai! Como você fez isso?

Não banque a idiota comigo. Sei que é uma nefilim, lembra? Você pode fazer truques da mente e falar através dos pensamentos. Não importa que palhaçada seja essa, você não me engana. E não vai se mudar para cá de jeito nenhum.

Está certo, devolveu Marcie. *Sei como falar através dos pensamentos. E sei sobre os truques. Mas não estou usando isso. Minha mãe justifica todo o comportamento maluco dela dizendo que meu pai iria querer as coisas dessa forma. Ele provavelmente usou seus truques da mente nas duas antes de morrer. Não iria querer que nossas famílias brigassem. Não me culpe só porque sou um alvo disponível para sua raiva.*

— Marcie, quando você chegar da escola esta tarde já terei esvaziado o quarto extra — disse minha mãe, o olhar me fuzilando. — Perdoe Nora por ser tão indelicada. Ela está acostumada a ser filha única e a conseguir as coisas sempre do jeito que quer. Talvez essa convivência possa lhe dar uma nova perspectiva.

— Estou acostumada a conseguir as coisas do jeito que quero? — desafiei. — Marcie também é filha única. Se vamos fazer acusações, devemos ser justas.

Marcie sorriu, juntando as mãos de alegria.

— Muito obrigada, Sra. Grey. Eu agradeço muito mesmo.

Ela teve a audácia de correr e abraçar minha mãe.

— Ai, quero morrer agora — murmurei.

— Cuidado com o que deseja — sussurrou Marcie, com voz açucarada.

— Está pronta para isso? — perguntei a minha mãe. — Duas adolescentes, muita rivalidade e, o mais importante, dividindo o banheiro?

Para minha raiva, minha mãe sorriu.

— Família: o mais novo esporte radical. Depois da aula vamos levar as caixas da Marcie lá para cima, ajudá-la a se instalar e, então, sair para comer pizza. Nora, você acha que pode pedir ao Scott para nos ajudar? Algumas caixas podem estar pesadas.

— Acho que a banda dele ensaia às quartas-feiras — menti, sabendo muito bem que Vee teria um ataque épico se soubesse que eu tinha permitido que Marcie e Scott ficassem juntos no mesmo lugar.

— Eu falo com ele — disse Marcie, elevando a voz. — Scott é tão fofo! Vou convencê-lo a vir depois do ensaio. Posso convidá-lo para comer pizza com a gente depois, Sra. Grey?

Alô? Scott Parnell? Um fofo? Eu era a única a ouvir o absurdo daquilo tudo?

— É claro — disse minha mãe.

— Preciso tomar um banho — falei, procurando uma desculpa para fugir dali.

Tinha atingido meu limite diário de Marcie, precisava me recuperar. E então algo assustador me ocorreu. Se Marcie se mudasse mesmo, eu atingiria meu limite máximo todos os dias às sete da manhã.

— Ah, Nora! — gritou mamãe antes que eu chegasse à escada. — A escola deixou uma mensagem no telefone ontem à tarde. Acho que era da secretaria. Você sabe por que eles estariam ligando?

Congelei.

Marcie estava parada atrás de minha mãe, sua boca formando silenciosamente a frase *Pegaram você*, mal contendo a alegria.

— Vou dar uma passada lá hoje e ver o que eles querem — falei. — Provavelmente foi uma ligação de rotina.

— É, provavelmente — ecoou Marcie, com aquele sorriso arrogante que eu odiava mais do que tudo.

CAPÍTULO 12

Pouco depois do café, esbarrei com Marcie na varanda da frente. Ela estava saindo, falando ao celular, e eu estava voltando para a casa, à procura dela.

— Seu 4Runner está bloqueando meu carro — falei.

Ela levantou um dedo, pedindo que eu esperasse. Peguei o celular dela, desliguei e repeti mais irritada:

— Você está bloqueando meu carro.

— Calma, não dê um chilique. E não me irrite. Se tocar no meu celular de novo, vou fazer xixi no seu cereal.

— Isso é nojento.

— Era Scott no telefone. Ele não tem ensaio hoje e quer ajudar na mudança.

Que ótimo. Mal podia esperar pela conversa que eu teria com Vee, que não acreditaria quando eu dissesse "Eu *tentei*".

— Adoraria ficar aqui batendo papo, mas tenho aula. Então...

Gesticulei de maneira teatral para o 4Runner da Marcie, que estava inconvenientemente bloqueando o Volkswagen.

— Sabe, se precisar de uma dispensa assinada, tenho algumas sobrando. Trabalho na secretaria, e de vez em quando elas vão parar na minha bolsa.

— Por que você acha que eu iria precisar de uma dispensa assinada?

— A secretaria deixou uma mensagem no seu telefone — declarou Marcie, nada impressionada por minha falsa inocência. — Você matou aula, não foi? — Não era realmente uma pergunta.

— O.k., talvez então eu precise de uma dispensa assinada pela enfermeira — admiti.

Marcie me lançou um olhar condescendente.

— Você usou a velha desculpa da dor de cabeça? Ou talvez a clássica: TPM. E para que matou aula?

— Não é da sua conta. Vai me dar a dispensa ou não?

Ela abriu a bolsa, procurou e tirou de lá um papel rosa com a logo da escola. Não me parecia uma falsificação.

— Tome — ofereceu ela.

Hesitei.

— Essa é uma daquelas coisas que vão voltar para me assombrar?

— Nossa, como você é desconfiada.

— Se parece bom demais para ser verdade...

— Pegue logo a dispensa — disse ela, acenando-a diante do meu rosto.

Tinha a sensação ruim de que ela pediria algum favor em troca desse depois.

— Você vai precisar de algum favor no período de dez dias? — pressionei.

— Talvez não em *dez* dias...

Levantei a mão.

— Pode esquecer.

— Só estou brincando! Nossa, você não tem senso de humor. A verdade é que estou tentando ser gentil.

— Marcie, você não sabe como ser gentil.

— Considere isso uma tentativa sincera — falou ela, batendo com a dispensa na minha mão. — Pegue, e eu tiro meu carro.

Guardei a folha no bolso e disse:

— Enquanto ainda estamos conseguindo conversar, tenho uma pergunta. Seu pai era amigo de um cara chamado Blakely, e preciso encontrá-lo. Você se lembra desse nome?

O rosto dela ficou praticamente impassível. Difícil dizer se teve alguma reação.

— Depende. Você vai me dizer por que precisa encontrá-lo?

— Preciso fazer algumas perguntas.

— Que tipo de perguntas?

— Prefiro não falar.

— Eu também não.

Engoli algumas respostas desagradáveis e tentei de novo.

— Queria lhe contar, Marcie, queria mesmo, mas há algumas coisas que é melhor você não saber.

— É o que meu pai sempre me dizia. Acho que ele estava mentindo na época, e acho que você está mentindo agora. Se quer minha ajuda para achar Blakely, vai ter que me contar tudo.

— Como posso ter certeza de que você sabe alguma coisa sobre Blakely? — protestei. Marcie era boa em fazer joguinhos, e eu não duvidaria que estivesse blefando.

— Meu pai me levou à casa de Blakely uma vez.

Fiquei toda agitada ao ouvir aquilo.

— Você tem o endereço? Consegue achar o lugar de novo?

— Blakely não mora mais lá. Estava se divorciando na época, e meu pai tinha arrumado um apartamento para ele morar temporariamente. Mas vi algumas fotos na lareira. Blakely tem um irmão mais novo. Você o conhece porque ele estuda com a gente. Alex Blakely.

— O jogador de futebol americano?

— O *running back* principal.

Fiquei chocada. Isso queria dizer que Alex também era um nefilim?

— Blakely e o irmão são chegados?

— Ele não parou de vangloriar o irmão o tempo todo em que fiquei lá. O que foi, no mínimo, idiota, porque nosso time de futebol americano é uma droga. Blakely disse que nunca perde um jogo.

Blakely tinha um irmão. E o irmão dele era o principal *running back* da Coldwater High.

— Quando é o próximo jogo de futebol americano? — perguntei à Marcie, tentando controlar minha agitação.

— Sexta, *dã*. Os jogos são sempre às sextas.

— Em casa ou fora?

— Em casa.

Um jogo em casa! Blakely provavelmente estava trabalhando sem parar para desenvolver novos protótipos — mais uma razão para ele querer deixar o laboratório um pouco e fazer algo para se divertir. Havia uma grande chance de ele sair da toca por algumas horas na sexta à noite para ver o irmão caçula jogar. Como Blakely era divorciado, Alex podia ser o único parente com quem ainda tinha contato. Assistir ao jogo de Alex devia ser importante para ele.

— Você acha que Blakely vai ao jogo? — indagou Marcie.

— Seria ótimo se ele fosse.

— Bom, chegamos então à parte em que você me conta o que quer perguntar a ele.

Olhei bem nos olhos de Marcie e menti descaradamente:

— Quero saber se ele tem alguma ideia de quem matou nosso pai.

Marcie quase se retraiu, mas se conteve no último minuto. Olhava para a frente fixamente sem piscar, sem entregar o que estava pensando.

— Quero estar lá quando for perguntar a ele.

— Claro — menti de novo. — Sem problemas.

Vi Marcie dando ré na entrada. Assim que ela liberou a calçada, coloquei a chave do Volkswagen na ignição. Seis tentativas depois, e o motor ainda não tinha pegado. Deixei a impaciência de lado, nada podia estragar meu humor, nem mesmo meu carro. Eu tinha acabado de descobrir a pista de que tanto precisava.

***

Depois da aula, fui até a casa de Patch. Fiz a coisa mais segura: dei a volta no quarteirão algumas vezes antes de parar no estacionamento novo com vagas bem amplas. Não gostava de ter que tomar cuidado o tempo todo, mas gostava menos ainda de visitas surpresa de nefilins hostis e arcanjos desonestos. E, até onde os outros sabiam, Patch e eu estávamos separados. Usei minha chave para entrar.

— Olá? — gritei.

O lugar parecia vazio. As almofadas do sofá não estavam marcadas como se alguém tivesse se sentado ali havia pouco tempo, e o controle da TV estava no mesmo lugar do dia anterior. Não que eu pudesse imaginar Patch ali sentado assistindo à ESPN a tarde toda. Se eu tivesse que chutar, diria que ele provavelmente tinha passado o dia tentando descobrir o verdadeiro chantageador de Pepper ou indo atrás de Chapéu de Cowboy e Cia.

Dei uma olhada no restante da casa. Havia um lavabo à direita, um quarto extra à esquerda e o quarto principal nos fundos. O refúgio de Patch.

A cama dele tinha um edredom azul-marinho combinando com lençóis da mesma cor e travesseiros decorativos que também não pareciam ter sido tocados. Abri as persianas e me encantei com a vista panorâmica espetacular de Casco Bay e Peaks Island sob um céu nublado. Se Marcie começasse a me perturbar muito, eu podia vir morar com Patch. Minha mãe ia adorar isso.

Mandei uma mensagem para Patch. ADIVINHE ONDE ESTOU.

NÃO PRECISO ADIVINHAR. VOCÊ ESTÁ USANDO O DISPOSITIVO RASTREADOR, respondeu ele.

Olhei para minha roupa. De fato, eu estava usando a jaqueta jeans.

ME DÊ 20 MINUTOS E CHEGO AÍ, ESCREVEU PATCH. EM QUE CÔMODO VOCÊ ESTÁ?

NO SEU QUARTO.

ENTÃO CHEGO EM 10.

Sorri e guardei o telefone na bolsa. Então me joguei de costas na cama *king-size*. O colchão era macio, mas não demais. Imaginei Patch deitado ali, esparramado naquela cama, usando sabe-se lá o quê. Samba-canção? Cueca? Absolutamente nada? Eu tinha todos os meios de descobrir, mas esse caminho não me parecia o mais seguro. Não quando eu fazia o máximo para manter meu relacionamento com Patch o mais descomplicado possível. Precisava que nossa vida estivesse mais tranquila antes de decidir quando e se eu queria dar o próximo grande passo...

Dez minutos depois, Patch chegou e me encontrou dando uma olhada no que estava passando na TV. Desliguei o aparelho.

— Você trocou de cômodo? — disse ele.

— É mais seguro desse jeito.

— Sou tão assustador assim?

— Não, mas as consequências podem ser. — Quem eu estava querendo enganar? Sim, Patch era *muito* assustador. Com quase 1,90 metro de altura, ele era a personificação da perfeição física masculina. Eu tinha o corpo esguio e bem proporcionado e sabia que era atraente, mas não uma deusa estonteante. Não sofria de baixa autoestima, mas estava sujeita à intimidação, é claro.

— Ouvi falar sobre o Cheshvan — comecei. — Pelo que me disseram, foi meio decepcionante.

— Não acredite em tudo o que ouvir. As coisas ainda estão bem tensas lá fora.

— Você tem alguma ideia do que os anjos caídos estão esperando?

— Quem quer saber?

Resisti ao impulso de revirar os olhos.

— Não estou espionando para Dante.

— Fico feliz em ouvir isso.

O tom de Patch foi cuidadosamente reservado. Suspirei, detestando aquela tensão entre nós.

— Caso esteja se perguntando, já fiz minha escolha. Sou sua — falei com ternura. — Toda sua.

Patch largou as chaves na tigela.

— Mas?

— Mas esta manhã disse praticamente a mesma coisa para Dante. Pensei no que você falou, que precisamos encontrar Blakely e erradicar as artes do mal. Achei que a melhor chance que eu tinha de conseguir descobrir alguma coisa sobre Blakely era através do Dante, então eu meio que... — Era difícil dizer isso e não me sentir péssima.

— Você está usando Dante.

— Bom, soa horrível quando você coloca dessa forma, mas sim. Acho que é isso mesmo. E confessar não faz eu me sentir melhor. Dante e eu nem sempre concordamos com tudo, mas ele também não merece ser manipulado.

— Ele ainda acha que está namorando você? — disse Patch em um tom um pouco mais frio.

— Eu diria que há dias ele tem tentado fazer as pessoas acreditarem em nosso namoro. De qualquer jeito, é apenas uma farsa, e ele sabe disso melhor do que ninguém.

Patch se sentou ao meu lado. Mas, ao contrário do que costuma fazer, não entrelaçou seus dedos nos meus.

Tentei não deixar isso me perturbar, mas senti um nó na garganta.

— Cheshvan? — incentivei-o de novo.

— Sei tanto quanto você. Deixei claro para os anjos caídos que não queria me envolver de forma alguma nessa guerra. Eles ficaram contrariados e não falam nada quando estou por perto. Não vou ser a melhor fonte de informação sobre as atividades dos anjos caídos por um bom tempo.

Ele inclinou a cabeça para trás, aproveitando o encosto do sofá, e cobriu o rosto com o boné de beisebol. Parecia tão cansado que pensei que fosse começar a roncar.

— Teve um dia longo? — perguntei.

Ele resmungou, concordando.

— Segui algumas pistas de Pepper, esperando descobrir algo sobre a identidade do chantageador, mas voltei à estaca zero. Posso aguentar muitas coisas, mas um dia improdutivo não é uma delas.

— E isso vem do cara que está sempre tentando me convencer a passar o dia com ele na cama — provoquei, querendo amenizar o clima.

— Anjo, isso é o que eu chamaria de dia *muito* produtivo. — As palavras dele eram travessas, mas seu tom parecia mais cansado do que nunca.

— Alguma chance de Dabria ser a chantagista? — perguntei. — Naquela noite na Bolsa do Diabo, eu a vi discutindo com Pepper no beco. Ele não parecia nada feliz.

Patch ficou muito quieto, refletindo sobre a novidade.

— Você acha que é possível? — pressionei.

— Dabria não está chantageando Pepper.

— Como você sabe?

Não gostei de ele ter levado apenas dois segundos para chegar a uma conclusão. Chantagem parecia fazer totalmente o estilo de Dabria.

— Apenas sei. Como foi seu dia? — perguntou ele, obviamente sem querer elaborar mais a resposta.

Contei-lhe que Marcie tinha decidido se mudar para minha casa e que minha mãe concordara. Quanto mais eu falava, mais exaltada ficava.

— Ela está tramando alguma coisa — falei. — Tenho um pressentimento ruim de que Marcie suspeita que eu sei quem matou o pai dela. E se mudar para minha casa é uma manobra para me espionar.

Patch apoiou a mão em minha coxa, e senti uma onda de esperança. Detestava achar que havia uma barreira entre nós.

— Só existem duas pessoas no mundo que sabem que você matou Hank, e esse é um segredo que vou levar comigo até o fim, custe o que custar. Ninguém vai descobrir.

— Obrigada, Patch — falei sinceramente. — Sinto muito se o magoei mais cedo. Sinto muito sobre Dante e sobre essa confusão toda. Só queria me sentir mais próxima de você de novo.

Patch beijou a palma da minha mão. Então a colocou sobre o coração e a segurou lá. *Quero você mais próxima de mim também, Anjo*, murmurou ele em meus pensamentos.

Eu me aninhei ao lado dele, descansando minha cabeça em seu ombro. Só de tocá-lo senti os nós dentro de mim se afrouxarem. Tinha esperado o dia todo por aquele momento. Não aguentava a tensão entre nós da mesma forma que não podia suportar ficar

longe dele. *Algum dia, seremos só Patch e eu*, disse a mim mesma. *Algum dia vamos deixar para trás o Cheshvan, a guerra, os anjos caídos e os nefilins. Algum dia... só nós dois.*

— Descobri algo interessante — comecei, e contei a Patch sobre o irmão caçula de Blakely, que era um grande jogador de futebol americano, e também sobre o fato de Blakely nunca ter faltado a nenhum jogo.

Patch levantou o boné e me olhou nos olhos.

— Bom trabalho, Anjo — disse ele, claramente impressionado.

— E agora? — perguntei.

— Sexta à noite a gente aparece no jogo.

— Você acha que vamos assustar Blakely se ele nos vir?

— Ele não vai achar estranho você assistir ao jogo, e eu estarei disfarçado. Vou pegá-lo e levá-lo a uma propriedade que tenho perto de Sebago Lake. Está vazio por lá nesta época do ano. Ruim para Blakely, bom para nós. Vou forçá-lo a me falar sobre os protótipos e onde está fabricando-os, então vamos descobrir um jeito de desativá-los. Depois vou mantê-lo sempre sob vigilância. Será o fim de seus dias de trabalho com as artes do mal.

— Devo avisar que Marcie acha que vai interrogá-lo junto comigo.

Patch ergueu as sobrancelhas.

— Foi o preço que tive de pagar pela informação — expliquei.

— Você jurou levá-la junto? — perguntou Patch.

— Não.

— Vai se sentir culpada se não fizer isso?

— Não. — Mordi o lábio. — Talvez. — Uma pausa. — Está bem, vou! Eu vou me sentir culpada. Se deixarmos Marcie de fora, vou passar o resto da noite me sentindo péssima. Menti para ela hoje de manhã e não parei de pensar nisso o dia todo. Moro com ela agora, Patch. Vou estar sempre com ela. Talvez possamos usar isso a nosso favor. Se lhe mostrarmos que pode confiar em nós, de repente ela nos conta mais coisas.

— Há maneiras mais fáceis de conseguirmos informações, amor.

— Acho que devemos deixá-la ir junto. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Ela pode perceber que não terminamos de verdade e contar para os nefilins.

Eu não tinha pensado nisso.

— Ou podemos deixá-la ir junto, e depois apago essas lembranças dela. — Ele deu de ombros. — Não vou me sentir culpado.

Pensei no assunto. Parecia um plano viável. Mas que também fazia de mim uma hipócrita.

Um leve sorriso surgiu nos lábios de Patch.

— Você vai estar à frente dessa operação ou vai dar uma de babá de Marcie?

Balancei a cabeça.

— Você faz o trabalho sujo, eu fico de olho em Marcie.

Patch se inclinou de lado e me beijou.

— Por mais que eu vá me divertir interrogando Blakely, estou decepcionado porque não vou ver você discutir isso com Marcie.

— Não vai ter discussão nenhuma. Vou explicar a ela tranquilamente que pode ir junto, mas terá que esperar comigo no carro enquanto você confronta Blakely. É nossa oferta final. Ela pode aceitar ou não.

Enquanto falava, percebi o quão idiota eu soava por acreditar que seria realmente tão fácil. Marcie odiava receber ordens. Para ela, a única coisa pior do que receber ordens era recebê-las de mim. Por outro lado, ela podia vir a ser útil no futuro. Afinal de contas, era filha legítima de Hank. Se Patch e eu iríamos formar uma aliança, tinha chegado a hora.

— Serei firme — prometi a Patch, adotando uma expressão decidida. — Nada de recuar.

Àquela altura, Patch já tinha aberto um largo sorriso. Beijou-me de novo, e senti minha boca abrandar sua resolução.

— Você fica linda quando está tentando ser durona — disse ele.

Tentando? Eu podia ser durona. *Podia!* E, na sexta à noite, provaria isso.

Você que se cuide, Marcie.

***

Eu estava a alguns quilômetros de casa quando passei por uma viatura de polícia parada fora de vista em uma rua secundária. Não tinha passado 15 metros do cruzamento quando o policial ligou a sirene e seguiu atrás de mim.

— Que ótimo — murmurei. — Maravilha!

Enquanto esperava o policial se aproximar da janela, somei mentalmente o dinheiro que tinha recebido como babá, perguntando-me se teria o suficiente para pagar a multa.

Ele bateu a caneta na minha janela e fez sinal para que eu a abaixasse. Virei o rosto para vê-lo através do vidro — e fiquei olhando. Não era um policial qualquer, mas aquele de quem eu menos gostava. O detetive Basso e eu tínhamos uma longa história de desconfiança mútua e forte antipatia.

Abaixei a janela.

— Eu só estava cinco quilômetros por hora acima do limite permitido! — argumentei antes que ele pudesse falar.

Ele mastigava um palito de dente.

— Não mandei você parar por excesso de velocidade. A lanterna traseira está quebrada. A multa é de cinquenta dólares.

— Você só pode estar brincando.

Ele escreveu em seu bloco e me entregou a multa pela janela.

— Isso representa um risco para a sua segurança. Não é nenhum motivo de brincadeira.

— Você me segue por aí procurando meios de me pegar? — perguntei baixinho, mas de maneira um pouco sarcástica.

— Ah, sim, claro.

Com isso, voltou para a patrulha. Vi quando ele pegou a estrada e passou por mim, acenando, mas não consegui fazer um gesto rude em resposta. Havia algo errado.

Senti um formigamento na espinha, e parecia que tinha mergulhado minhas mãos em água fria. Percebi uma vibração emanando do detetive Basso, gelada como uma rajada de vento no inverno, mas devia estar imaginando coisas. Estava ficando paranoica, porque...

Porque só tinha essa sensação perto de não humanos.

CAPÍTULO 13

Na sexta à noite, troquei a roupa da escola por uma calça de veludo, meu suéter mais quente feito de lã de merino, casaco, chapéu e luvas. O jogo de futebol americano só começaria depois que escurecesse, e até lá a temperatura teria despencado. Ao passar o suéter pela cabeça, vi de relance um músculo no espelho. Hesitante, olhei mais perto. Sem dúvida meus bíceps e tríceps estavam definidos. Inacreditável. Só tinha treinado uma semana e já dava para perceber. Ao que parecia meu corpo nefilim desenvolvia músculos muito mais rapidamente do que eu podia esperar como humana.

Desci a escada desembestada, beijei minha mãe na bochecha e saí depressa. O motor do Volkswagen protestou contra o frio, mas acabou ligando.

— Você acha que esse tempo está ruim? Espere até chegar fevereiro — disse ao carro.

Dirigi até a escola, estacionei em uma estrada secundária ao lado do estádio de futebol americano e liguei para Patch.

— Estou aqui — falei. — Ainda vamos seguir com o plano A?

— A não ser que eu lhe diga algo diferente, sim. Estou no meio dos torcedores. Nenhum sinal de Blakely ainda. Marcie já deu notícias?

Olhei para meu relógio — aquele que eu tinha sincronizado com o de Patch mais cedo naquela noite.

— Ela vai se encontrar comigo na barraca de lanche em dez minutos.

— Você quer repassar o plano mais uma vez?

— Se eu vir Blakely, ligo para você imediatamente. Não me aproximo dele, mas também não o perco de vista.

A princípio eu tinha ficado um pouco decepcionada por Patch preferir que eu me mantivesse a uma distância segura da ação, mas a verdade era que eu não queria enfrentar Blakely sozinha. Não sabia o quão forte ele era e, vamos encarar os fatos, eu não conhecia bem nem minha própria força. Parecia que deixar Patch — que era muito mais experiente nesse tipo de tática — cuidar do confronto era a jogada mais inteligente.

— E Marcie?

— Vou ficar grudada nela a noite toda. Depois que você pegar Blakely, vou com ela de carro para sua cabana perto de Sebago Lake. Tenho as orientações de como chegar bem. Pego a estrada mais longa, dando a você tempo de interrogar e incapacitar Blakely antes de chegarmos lá. Isso é tudo, não é?

— Mais uma coisa — disse Patch. — Tome cuidado.

— Sempre — falei e saí do carro.

Mostrei minha carteira de estudante na bilheteria, comprei um ingresso e caminhei até a barraca de lanche, de olhos abertos à procura de Blakely. Patch tinha me dado uma descrição detalhada, mas, assim que entrei no estádio e me misturei à multidão, percebi que metade dos homens que eu via podiam se passar por Blakely. Alto e de aparência distinta, grisalho, magro, mas vigoroso, e com ar inteligente, mas um pouco nerd, o estereótipo do professor de química. Eu pensava se, como Patch, ele estaria disfarçado, e assim seria muito mais desafiador identificá-lo em meio a todas aquelas pessoas. Será que ele estaria usando roupa de lenhador? O uniforme tradicional dos Razorbills? Ele iria tão longe a ponto de pintar o cabelo? No mínimo, seria um dos caras mais altos ali no estádio. Eu começaria por isso.

Na barraca de lanche, encontrei Marcie, tremendo em sua calça cor-de-rosa, blusa de gola rulê branca e um colete acolchoado rosa combinando. Ao vê-la vestida daquele jeito, meu cérebro deu um estalo.

— Cadê sua fantasia de líder de torcida? Você não precisa animar o jogo hoje? — perguntei.

— É um uniforme, não uma fantasia. E eu saí.

— Você saiu do time?

— Saí da *equipe*.

— Uau.

— Tenho coisas mais importantes com que me preocupar. Todo o resto parece perder a cor em comparação a descobrir que você é... — disse ela, e deu uma olhada em volta, inquieta — nefilim.

Inesperadamente, senti uma grande afinidade com ela. O instante passou bem depressa quando pensei na lista das várias coisas que Marcie tinha feito para arruinar minha vida só no último ano. Nós duas podíamos ser nefilins, mas qualquer semelhança parava por aí. E eu precisava me lembrar disso.

— Você acha que vai reconhecer Blakely se o vir? — perguntei a ela, mantendo a voz baixa.

Ela me fuzilou com um olhar de irritação.

— Eu já falei que o conheço, não é? Por ora, *eu* sou a melhor chance que você tem de encontrá-lo. Não duvide de mim.

— Quando e se você o vir, seja discreta. Patch vai pegar Blakely, e vamos segui-lo até a cabana dele, onde poderemos interrogar Blakely juntos.

O que eu não disse foi que, àquela altura, Blakely já estaria inconsciente e não teria nenhuma utilidade para Marcie. Um detalhe insignificante.

— Achei que você tivesse terminado com Patch.

— Terminei — menti, tentando ignorar a culpa que revirava meu estômago. — Mas também não confio em mais ninguém para me ajudar a lidar com Blakely. Só porque Patch e eu nos separamos não significa que eu não possa pedir a ajuda dele.

Não fiquei muito preocupada se ela cairia na minha explicação. Em breve Patch iria apagar essa conversa da memória de Marcie.

— Quero interrogar Blakely antes de Patch — disse ela.

— Não dá. Temos um plano e precisamos segui-lo à risca.

Marcie sacudiu o ombro de um jeito bem arrogante.

— Veremos.

Respirei fundo em meus pensamentos. E contive o impulso de ranger os dentes. Era hora de dizer a Marcie que ela não estava comandando o show.

— Se você estragar isso, vou fazer você se arrepender.

Coloquei toda a minha ênfase naquela advertência, mas logo percebi que precisava trabalhar melhor minhas ameaças. Talvez pudesse pedir ajuda a Dante. Melhor ainda, tinha que fazer Patch me ensinar as sutilezas necessárias.

— Você acha mesmo que Blakely sabe alguma coisa sobre quem matou meu pai? — perguntou Marcie, com os olhos fixos em mim de uma maneira calculista e quase observadora.

Meu coração deu um pulo, mas mantive a expressão sob controle.

— Se tudo der certo, hoje saberemos.

— E agora? — indagou Marcie.

— Agora damos uma volta e tentamos não chamar a atenção.

— Fale por você — disse Marcie, bufando com desdém.

Tudo bem, talvez ela estivesse certa. Marcie *estava* mesmo incrível. Ela era bonita e irritantemente confiante. Tinha dinheiro, e isso ficava bem óbvio em tudo — no brilho de seu bronzeamento artificial, nas luzes tão incríveis que pareciam naturais, no sutiã *push-up*. Uma miragem de perfeição. Ao caminharmos até as arquibancadas, vários olhos se voltaram em nossa direção, e não estavam direcionados a mim.

Pense em Blakely, dizia a mim mesma, tentando me controlar. *Você tem coisas mais importantes com que se preocupar do que uma inveja que só mina sua energia.*

Passamos pelas arquibancadas, pelos banheiros, e cortamos caminho pela pista de corrida em volta do campo de futebol americano, seguindo em direção ao setor de visitantes. Para meu desgosto, vi o detetive Basso de uniforme, em pé na fileira de cima das arquibancadas, observando com olhos duros e céticos a multidão desordeira de visitantes abaixo. Seu olhar me encontrou, e a suspeita em seu rosto pareceu mais intensa. Ao me lembrar da estranha sensação que ele me provocara duas noites antes, agarrei

o cotovelo de Marcie e a forcei a se afastar dali comigo. Não podia acusar Basso de me seguir — ele claramente estava a trabalho —, mas isso não significava que eu tinha que continuar ali sob seu olhar examinador.

Marcie e eu andamos para a frente e para trás na pista. As arquibancadas estavam lotadas, já tinha escurecido, o jogo havia começado e, fora a horda de admiradores de Marcie, eu achava que não estávamos atraindo nenhuma atenção indesejada, apesar de ainda não termos escolhido um assento depois de trinta minutos.

— Isso já está um saco — reclamou Marcie. — Não aguento mais andar. Caso não tenha notado, estou usando botas com plataforma.

Não estou nem aí!, quis gritar. Em vez disso, falei:

— Você quer encontrar Blakely ou não?

Ela bufou, e aquele som me tirou do sério.

— Só mais uma volta, e para mim chega.

Já vai tarde!, pensei.

Em nosso caminho de volta para o setor de estudantes, senti um formigamento estranho na pele. Virei automaticamente na direção do lugar que me provocava aquela sensação. Havia alguns homens na escuridão do lado de fora com os dedos enfiados na grade alta em volta do estádio. Homens que não tinham comprado ingressos, mas ainda assim queriam assistir ao jogo. Homens que preferiam ficar nas sombras em vez de mostrar seus rostos nas luzes do estádio. Um homem em particular, magro e alto, apesar do jeito como curvava os ombros, chamou minha atenção. Uma vibração de energia não humana emanava dele, sobrecarregando meu sexto sentido.

Continuei andando, mas falei com Marcie.

— Olhe lá na grade. Algum daqueles homens se parece com Blakely?

A seu favor, preciso admitir que Marcie limitou-se a um discreto movimento dos olhos.

— Acho que sim. No meio. O cara com os ombros curvados. Pode ser ele.

Era a única confirmação de que eu precisava. Continuei a andar pela pista de corrida, peguei meu telefone e fiz uma ligação.

— Nós o encontramos — disse a Patch. — Ele está no lado norte do estádio, fora da grade. Está usando calça jeans e um moletom cinza dos Razorbills. Há alguns outros homens por perto, mas não acho que estejam com ele. Só sinto um nefilim, e é o próprio Blakely.

— Estou a caminho — disse Patch.

— Encontramos você na cabana.

— Vá devagar. Tenho várias perguntas para o Blakely — disse ele.

Eu já tinha parado de ouvir. Marcie não estava mais ao meu lado.

— Ah, não — sussurrei, me sentindo empalidecer um pouco de repente. — Marcie! Ela está correndo em direção ao Blakely! Preciso ir. — Saí em disparada atrás dela.

Marcie estava quase na grade, e ouvi sua voz aguda gritar:

— Você sabe quem matou meu pai? Conte agora o que sabe!

Seguiu-se a isso uma enxurrada de palavrões, e Blakely imediatamente virou-se e saiu em disparada.

Em uma exibição impressionante de pura determinação, Marcie escalou a grade, escorregando e buscando apoio novamente, antes de conseguir passar as pernas por cima e sair correndo atrás de Blakely pela passagem coberta não iluminada que ligava o estádio à escola.

Cheguei à cerca logo depois, coloquei o pé em um dos buracos da grade e, sem diminuir a velocidade, saltei sobre ela. Mal registrei as caras de espanto dos homens que zanzavam por ali. Eu teria tentado apagar as lembranças deles, mas não tinha tempo. Arranquei atrás de Blakely e Marcie, vasculhando a escuridão enquanto corria em frente, feliz por minha visão noturna estar muito mais aguçada do que quando eu era humana.

Senti Blakely mais adiante. Marcie também, embora o poder dela fosse consideravelmente mais fraco. Como ambos os pais dela eram nefilins puros-sangues, tinha sorte de ter sido concebida, que

dirá nascido viva. Ela podia ser nefilim por definição, mas eu tinha mais força do que ela até quando era humana.

Marcie!, sibilei em pensamento. *Volte aqui agora!*

De repente Blakely saiu do meu alcance. Não conseguia detectá-lo de forma alguma. Parei abruptamente, buscando sentir meu caminho através da passagem coberta, tentando localizar o rastro dele. Será que ele havia corrido para tão longe e tão rápido que tinha se afastado completamente de onde eu podia senti-lo? *Marcie*, sibilei novamente.

E então eu a vi. Parada no extremo oposto da passagem, o luar iluminando sua silhueta. Corri até lá, tentando manter a raiva sob controle. Ela havia arruinado tudo. Tínhamos perdido Blakely, e pior, ele agora sabia que estávamos atrás dele. Não podia imaginá-lo aparecendo em outro jogo de futebol depois daquela noite. Ele provavelmente iria se entocar de vez em seu esconderijo secreto. Nossa única chance... desperdiçada.

— O que foi aquilo? — perguntei, me aproximando de Marcie. — O combinado era você deixar Patch ir atrás de Blakely... — Minhas últimas palavras saíram em tom baixo e rouco. Engoli. Eu estava olhando para Marcie, mas algo nela parecia profunda e terrivelmente errado.

— Patch está aqui? — indagou Marcie, só que a voz não era a dela. Era baixa, masculina, e com um jeito amargo de quem se divertia. — Não tenho sido tão cuidadoso quanto pensava.

— Blakely? — perguntei, minha boca ficando seca. — Onde está Marcie?

— Ah, ela está aqui. Bem aqui. Estou possuindo o corpo dela.

— Como?

Mas eu já sabia. As artes do mal. Essa era a única explicação. Além do fato de que estávamos no Cheshvan. O único mês em que a possessão de outro corpo era possível.

Ouvimos passos atrás de nós e, mesmo na escuridão, vi o olhar de Blakely endurecer. Ele se lançou para cima de mim sem aviso. E se moveu tão depressa que não tive tempo de reagir. Virou-me de costas para ele e me prendeu junto ao seu peito. Patch surgiu lá na

frente, mas diminuiu o passo quando me viu apoiada contra o corpo de Marcie.

— O que está havendo, Anjo? — perguntou ele, em voz baixa e incerta.

— Não diga uma palavra — sibilou Blakely em meu ouvido.

Lágrimas brilharam em meus olhos. Blakely estava usando um braço para me imobilizar, mas segurava uma lâmina com a outra mão, que eu sentia contra a minha pele, alguns centímetros acima dos quadris.

— Nem uma única palavra — repetiu Blakely, a respiração dele levantando meu cabelo.

Patch parou, e pude ver a confusão em seu rosto. Ele sabia que havia algo errado, mas não conseguia entender o quê. Sabia que eu era mais forte que Marcie, e poderia me libertar se quisesse.

— Solte Nora — Patch disse à Marcie, sua voz baixa e cuidadosa.

— Não dê mais nenhum passo — Blakely ordenou a Patch, só que dessa vez fez sua voz soar como a de Marcie. Aguda e trêmula. — Tenho uma faca, e vou usar se for preciso. — Blakely brandiu a faca para mostrar que falava a sério.

Artes do mal, falou Patch em minha mente. *Posso senti-las em todo lugar.*

Tome cuidado! Blakely está possuindo o corpo de Marcie, tentei dizer a ele, mas meus pensamentos foram bloqueados. De algum jeito, Blakely os detia. Pude sentir quando eles voltaram, como se eu estivesse gritando para uma parede. Ele parecia ter controle total e absoluto das artes do mal, usando-as como uma arma imbatível e altamente adaptável.

Pelo canto do olho, vi Blakely segurar a faca. A lâmina brilhava em um tom etéreo de azul. Antes que eu pudesse piscar, ele enfiou a faca na lateral do meu corpo, e foi como se eu tivesse sido empurrada para uma imensa fornalha.

Desabei, tentando gemer e berrar de dor, mas abalada demais para conseguir emitir um único som. Eu me retorci no chão,

querendo tirar a faca, mas cada músculo meu estava em choque, paralisado em indizível agonia.

A próxima lembrança foi de Patch a meu lado, praguejando, o medo avivando-lhe a voz. Ele arrancou a faca e atirou-a para o lado. Então gritei, e o som parecia rasgar minhas entranhas para sair. Ouvi Patch gritar algumas instruções, mas as palavras se partiam ao meio, insignificantes perto da dor que torturava cada parte de meu corpo. Eu me sentia como se ardesse em chamas, que me açoitavam de dentro para fora. O calor era tão intenso que fortes tremores convulsivos faziam com que eu me contorcesse e me debatesse contra minha vontade.

Patch me pegou nos braços. Notei vagamente que ele corria a toda velocidade saindo da passagem coberta. Os passos dele reverberando pelas paredes foi o último som que ouvi.

CAPÍTULO 14

Acordei com um sobressalto, tentando de imediato me orientar. Estava em uma cama vagamente familiar, em um quarto escuro com um cheiro gostoso e reconfortante. Havia um corpo estendido ao lado do meu, que se movimentava.

— Anjo?

— Estou acordada — falei, uma onda de alívio me inundando agora que eu sabia que Patch estava por perto. Não fazia ideia de quanto tempo tinha ficado desacordada, mas me sentia segura em sua casa, sabendo que ele tomaria conta de mim. — Blakely estava possuindo o corpo de Marcie. Não senti sua presença e fui direto até ele, sem perceber que era uma armadilha. Tentei avisar você, mas Blakely me prendeu em algum tipo de bolha, tudo o que eu tentava falar por pensamento voltava para mim.

Patch assentiu, colocando carinhosamente um cacho solto para trás da minha orelha.

— Eu o vi sair do corpo de Marcie e correr. Ela está bem. Abalada, mas bem.

— Por que ele me esfaqueou?

Fiz uma careta de dor enquanto levantava meu suéter para ver a ferida. Meu sangue nefilim já devia ter me curado àquela altura, mas o corte ainda parecia recente e tinha um tom azulado.

— Blakely sabia que, se você estivesse ferida, eu ficaria ao seu lado em vez de ir atrás dele. E vai pagar por isso — disse Patch, a mandíbula rígida. — Quando a trouxe aqui, seu corpo inteiro irradiava luz azul, da cabeça aos pés. Você parecia estar em coma. Não conseguia alcançá-la, nem em pensamento, e isso me apavorou. — Patch me puxou até ele, curvando o corpo protetoramente em volta do meu, me segurando quase forte demais, e foi então que percebi quão preocupado ele estava.

— E o que isso representa para mim?

— Não sei. Não pode ser bom você ter sido forçada a receber as artes do mal em seu corpo duas vezes agora.

— Dante está bebendo diariamente. — Se ele estava bem, eu devia estar também. Não é? Eu queria acreditar nisso.

Patch não disse nada, mas eu podia imaginar o que estava pensando. Como eu, ele sabia que a ingestão das artes do mal devia causar efeitos colaterais.

— Onde está Marcie? — perguntei.

— Alterei a memória dela para que não se lembre de ter me visto hoje à noite, então pedi a Dabria para levá-la para casa. Não me olhe assim. Eu não tinha muitas opções e sabia o telefone dela.

— É isso que me preocupa! — Imediatamente me encolhi de dor quando minha forte reação fez a ferida latejar.

Patch se curvou para beijar minha testa, revirando os olhos enquanto fazia isso.

— Não me faça lhe dizer de novo que não há nada entre mim e Dabria.

— Ela ainda não esqueceu você.

— Ela finge sentir alguma coisa por mim para hostilizar *você*. Não facilite as coisas para ela.

— Não peça favores a Dabria como se ela fizesse parte da equipe — rebati. — Ela tentou me matar, e o roubaria de mim em um piscar de olhos, se você deixasse. Não me importa quantas vezes você negue. Vi o jeito que ela olha para você.

Patch parecia ter uma resposta, mas preferiu evitar dizê-la e rolou agilmente para fora da cama. A camisa preta dele estava amarrotada; o cabelo, bagunçado, e ele parecia um perfeito pirata.

— Posso trazer alguma coisa para você comer? Ou beber? Eu me sinto inútil, e isso está me deixando maluco.

— Você pode ir atrás de Blakely, se está procurando algo para fazer — falei de maneira decidida. O que seria preciso para me ver livre de Dabria, de uma vez por todas?

Um sorriso que era ao mesmo tempo sorrateiro e verdadeiramente sinistro se abriu no rosto de Patch.

— Não precisamos encontrá-lo. Ele virá até nós. Para escapar, Blakely teve de deixar a faca para trás. Sabe que estamos com ela e que é uma evidência que posso levar aos arcanjos para provar que ele está usando as artes do mal. Ele virá atrás da faca. Em breve.

— Vamos entregá-lo aos arcanjos logo. E deixar que eles se preocupem em erradicar as artes do mal.

Patch sorriu com certa aspereza.

— Não confio mais nos arcanjos. Pepper Friberg não é o único ovo podre. Se eu denunciar isso a eles, não tenho nenhuma garantia de que vão cuidar dessa confusão. Pensava que os arcanjos fossem incorruptíveis, mas eles fizeram um bom trabalho em me convencer do contrário. Já os vi manipularem a morte, fazerem vista grossa para graves atos contra a lei e me punirem por crimes que eu não tinha cometido. Já errei, e paguei por esses erros, mas suspeito que eles não vão desistir enquanto não me trancarem no inferno. Eles não gostam de oposição, e é a primeira palavra que lhes vem à mente quando pensam em mim. Dessa vez, eu mesmo vou cuidar disso. Blakely vai vir buscar a faca e, quando vier, estarei pronto.

— Quero ajudar — falei imediatamente. Queria derrubar o nefilim que tinha sido tolo o bastante para me esfaquear. Blakely estava auxiliando o exército nefilim, mas *eu* os liderava. Eu podia considerar os atos dele seriamente desrespeitosos, mas alguns os considerariam traição. E eu sabia bem que a raça nefilim não via os traidores com bons olhos.

Patch me olhou nos olhos, observando-me em silêncio como se julgasse minha capacidade de enfrentar Blakely. Para minha grande satisfação, ele fez que sim.

— Está certo, Anjo. Mas primeiro o mais importante. O jogo de futebol terminou há duas horas, e sua mãe deve querer saber onde você está. Hora de levá-la para casa.

***

As luzes estavam desligadas em casa, mas eu sabia que minha mãe não iria dormir até eu chegar. Bati de leve na porta do quarto dela, empurrei-a para abrir e sussurrei para a escuridão.

— Cheguei.

— Você se divertiu? — perguntou minha mãe, bocejando.

— O time jogou muito bem — respondi evasivamente.

— Marcie chegou em casa há algumas horas. Ela não falou muito, só foi direto para o quarto e fechou a porta. Parecia... muito calada. Aborrecida, talvez. — Havia uma leve indagação em seu tom de voz.

— Provavelmente está na TPM.

Provavelmente ela estava fazendo tudo que podia para evitar ter um ataque completo de pânico. Eu já tinha sido possuída antes, e não havia palavras para descrever a terrível sensação de violação que isso representava. Mas não estava me sentindo muito solidária. Se Marcie tivesse feito o que pedi, nada disso teria acontecido.

No meu quarto, tirei as roupas e examinei a ferida mais uma vez. O tom elétrico de azul estava sumindo. Lentamente, mas sumindo. Tinha de ser um bom sinal.

Havia acabado de me arrastar para a cama quando ouvi uma batida na porta. Marcie abriu e ficou parada na entrada.

— Estou surtando — disse ela, e parecia mesmo.

Fiz sinal para que ela entrasse e fechasse a porta.

— O que aconteceu lá? — perguntou ela, a voz falhando. Seus olhos estavam cheios de lágrima. — Como ele se apoderou do meu corpo assim?

— Blakely a possuiu.

— Como você pode ficar calma com isso? — chiou ela em voz baixa. — Ele estava dentro de mim. Como algum tipo de... *parasita*!

— Se você tivesse me deixado cuidar de Blakely como havíamos combinado, isso não teria acontecido.

Assim que falei, me arrependi por ter sido tão dura. Marcie tinha feito uma coisa estúpida, mas quem era eu para julgar? Tinha minha própria cota de atitudes impulsivas. Ela se deixou levar pelo

momento e reagiu. Queria saber quem matou o pai dela, e quem poderia culpá-la? Com certeza, não eu.

Suspirei.

— Desculpe-me, não queria ter falado isso.

Mas era tarde demais. Ela me lançou um olhar ferido e saiu.

CAPÍTULO 15

Acordei com alguém me sacudindo. Dante estava curvado sobre minha cama, as mãos em meus ombros.

— Bom dia, dorminhoca.

Tentei rolar e me afastar, mas os braços dele me prendiam.

— Hoje é sábado — protestei, exausta.

Treinar era legal e tudo, mas eu merecia ao menos *um* dia de folga.

— Tenho uma surpresa para você. Uma surpresa boa.

— A única surpresa que eu quero são mais duas horas de sono. — Pela janela dava para ver que o céu ainda estava completamente escuro, e eu duvidava de que passasse muito de cinco e meia.

Ele levantou minhas cobertas e eu gritei, procurando por elas de olhos fechados.

— Com licença! — falei.

— Bonito pijama.

Eu estava usando uma camisa preta que tinha pegado do armário de Patch e que mal cobria metade das minhas coxas.

Puxei a camisa para baixo e os lençóis para cima ao mesmo tempo.

— Está bem — cedi, bufando. — Encontro você lá fora.

Depois de vestir a roupa de corrida e amarrar os tênis, arrastei-me até o lado de fora. Dante não estava na entrada, mas eu o sentia por perto, muito provavelmente no bosque do outro lado da rua. Era estranho, mas eu sentia outro nefilim com ele. Franzi as sobrancelhas e caminhei naquela direção.

De fato, Dante trouxera um amigo. Só que, pela aparência do cara — olhos roxos, lábio cortado, mandíbula inchada e um galo horrível na testa —, de jeito nenhum os dois mantinham boas relações.

— Você o reconhece? — perguntou Dante alegremente, segurando o nefilim machucado pelo cangote para que eu o examinasse com atenção.

Cheguei mais perto, sem saber ao certo que tipo de jogo Dante estava fazendo.

— Não. Ele está muito machucado. Foi você que fez isso?

— Tem certeza de que esse rostinho bonito não lembra nada a você? — perguntou Dante de novo, sacudindo o nefilim de um lado para outro, claramente se divertindo. — Ele estava falando um monte de besteiras a seu respeito ontem. Ficou contando vantagem sobre ter lhe dado uma surra enorme. É claro que foi aí que ele atraiu minha atenção. Falei que ele não faria uma coisa dessas. Mas, bem, se tivesse feito, digamos que eu não aceito muito bem que subordinados desrespeitem seus líderes, principalmente a comandante do exército do Mão Negra. — Toda a descontração tinha desparecido da voz de Dante, e ele olhava para o nefilim ferido com nítido desprezo.

— Foi uma brincadeira — disse o nefilim, aborrecido. — Achei que veríamos se ela estava mesmo sendo sincera sobre levar adiante os planos do Mão Negra. Ela nem mesmo nasceu nefilim. Pensei que lhe daríamos uma amostra do que virá a enfrentar...

— *Chapéu de Cowboy?* — falei sem pensar.

O rosto dele estava desfigurado demais para guardar alguma semelhança com o nefilim que tinha me levado para uma cabana, me amarrado a um pilar e me ameaçado, mas a voz era autêntica. Ele, definitivamente, era o Chapéu de Cowboy. Shaun Corbridge.

— Brincadeira? — Dante riu, cheio de veneno. — Se isso lhe parece uma brincadeira, talvez ache engraçado o que vamos fazer com você. — Deu um murro tão forte na cabeça do Chapéu de Cowboy que ele desabou de joelhos.

— Posso falar com você? — perguntei a Dante. — Em particular?

— É claro. — Ele apontou um dedo para alertar seu prisioneiro. — Se você se mexer, vai se arrepender.

Depois de já estarmos a uma boa distância de Chapéu de Cowboy, longe o bastante para ele não nos ouvir, perguntei:

— O que está acontecendo?

— Eu estava na Bolsa do Diabo ontem à noite e esse imbecil aí estava se vangloriando de ter feito você de saco de pancadas. A princípio, achei que eu estivesse enganado. Mas quanto mais alto ele falava, mais eu percebia que não tinha como ele estar inventando aquela história. Por que não me contou que alguns dos nossos soldados atacaram você? — perguntou Dante sem parecer irritado; magoado, talvez, mas não irritado.

— Você quer saber porque está preocupado com o que isso representa para o meu índice de aprovação ou porque está preocupado comigo?

Dante balançou a cabeça.

— Não diga isso. Sabe que não estou pensando em números. A verdade é que deixei de me preocupar com eles bem rápido. A questão é você. Aquele inútil ali colocou as mãos em você, e não gosto disso. Nem um pouco. Sim, ele deveria demonstrar respeito, pois você é a comandante do exército ao qual ele alega pertencer, mas é mais do que isso. Ele deveria respeitá-la porque você é uma boa pessoa, e está dando o melhor de si. Vejo isso, e queria que ele visse também.

Eu me senti desconfortável com tanta honestidade e intimidade. Principalmente depois do beijo que ele quase tinha conseguido me dar com aquele truque da mente. Aquelas palavras não pareciam nada profissionais, e nosso relacionamento se limitava a isso. E era assim que eu queria que continuasse.

— Obrigada por tudo o que está dizendo, mas a vingança não vai mudar o que ele pensa. Ele me odeia. Assim como vários nefilins. Essa é uma boa oportunidade de mostrar a eles que podem estar errados a meu respeito. Acho que devemos deixá-lo ir embora e seguir com nosso treino.

Dante não pareceu inclinado a concordar comigo. Na verdade, seu rosto revelava decepção e talvez até impaciência.

— Compaixão não é o melhor caminho a seguir. Não desta vez. Aquele idiota ali só vai defender ainda mais sua posição se você deixá-lo escapar assim, tão facilmente. Ele está tentando convencer

as pessoas de que você não está preparada para liderar o exército e, se pegar leve agora, só vai comprovar o que ele diz. Bata um pouco nele. Faça com que pense duas vezes antes de falar besteiras a seu respeito de novo ou tocar em você.

— Deixe-o ir embora — falei, com mais firmeza. Não acreditava que violência se combatia com violência. Não, nem agora nem nunca.

Dante abriu a boca, ficando um pouco vermelho, mas eu o interrompi.

— Não vou voltar atrás. Ele não me machucou. Só me levou até a cabana porque estava assustado e não sabia mais o que fazer. Todos estão assustados. O Cheshvan chegou e nosso futuro está na balança. Ele agiu errado, mas não posso culpá-lo por tentar fazer alguma coisa para conter seu medo. Abaixe as armas e deixe-o ir. Estou falando a sério.

Dante suspirou profundamente, em desaprovação. Eu sabia que ele não estava feliz, mas também acreditava que aquela era a decisão certa. Não queria alimentar ainda mais a discórdia. Se os nefilins tinham de passar por tudo isso, de enfrentar as dificuldades, precisaríamos nos unir, estando dispostos a mostrar compaixão, respeito e civilidade, mesmo sem estarmos de pleno acordo.

— Então é isso? — perguntou Dante, claramente insatisfeito.

Coloquei as mãos em volta da boca para falar mais alto.

— Você pode ir! — gritei para Chapéu de Cowboy. — Peço desculpas por qualquer inconveniência.

Chapéu de Cowboy olhou fixamente para nós, a boca aberta de espanto, mas, sem querer abusar da sorte, saiu do bosque se arrasando depressa, como se estivesse sendo perseguido por ursos.

— Então — falei para Dante. — Que maquinações cruéis você planejou para mim hoje? Correr uma maratona? Mover montanhas? Abrir o mar?

***

Uma hora depois, os músculos dos meus braços e pernas tremiam de exaustão. Dante tinha me feito passar por sessões exaustivas de ginástica calistênica: flexões, abdominais e exercícios de pernas. Estávamos saindo do bosque quando ergui o braço de repente e puxei Dante para perto de mim. Levei o dedo aos lábios, pedindo que ele ficasse em silêncio.

A distância, só conseguia identificar o leve ruído de passos.

Dante devia ter ouvido também. *Um cervo?*, ele me perguntou.

Estreitei os olhos para tentar ver melhor. O bosque ainda estava escuro e as árvores, muito juntas, só contribuíam para dificultar a visibilidade.

Não. Tem outro ritmo.

Dante deu um tapinha no meu ombro e apontou para o céu. A princípio, não entendi. Depois ficou claro o que ele tentava dizer. Queria que subíssemos nas árvores, para termos uma visão melhor e podermos identificar se era mesmo um problema que vinha em nossa direção.

Apesar do cansaço, escalei um cedro branco sem fazer barulho, dando alguns excelentes saltos e apoiando os pés com agilidade. Dante se empoleirou em uma árvore ao lado.

Não esperamos muito. Instantes depois de subirmos para um lugar seguro, seis anjos caídos deslizaram furtivamente pela clareira. Três homens e três mulheres. Os peitos nus eram marcados por estranhos hieróglifos que lembravam vagamente a gota de tinta no pulso de Patch e os rostos estavam pintados de vermelho-vivo. O resultado era assustador e não pude deixar de pensar nos guerreiros Pawnee.

Fixei-me em um deles em particular. Um garoto magro com os olhos contornados de preto. Seu rosto familiar gelou meu sangue. Lembrei-me de sua marcha selvagem pela Bolsa do Diabo e do golpe violento de sua mão. Lembrei-me de sua vítima. Lembrei que se parecia comigo.

Um ranger de dentes cruel endureceu sua expressão e ele seguiu espreitando pelo bosque de maneira decidida. O peito trazia uma ferida recente, pequena e circular, como se uma faca tivesse sido

usada para cortar grosseiramente um pedaço de sua carne. Havia um brilho frio e implacável em seus olhos, o que me fez estremecer.

Dante e eu permanecemos nas árvores até o grupo se afastar. Quando estávamos de volta ao chão, falei:

— Como nos acharam?

Os olhos dele encontraram os meus, semicerrados e frios.

— Eles cometeram um grande erro vindo atrás de você assim.

— Acha que eles têm nos observado?

— Acho que alguém lhes deu uma dica.

— Aquele magro. Eu o vi antes, na Bolsa do Diabo. Ele atacou uma garota nefilim que se parecia muito comigo. Você o conhece?

— Não.

Mas achei que ele tinha hesitado um pouco antes de responder.

***

Cinco horas depois eu estava de banho tomado e vestida, tinha tomado um café da manhã saudável, com uma mistura nutritiva feita de ovos — sem gordura e sem colesterol — com cogumelos e espinafre, e, como bônus, ainda tinha terminado o dever de casa. Nada mal, considerando que ainda não era meio-dia.

No fim do corredor, a porta do quarto de Marcie se abriu, e ela apareceu. Estava despenteada e com olheiras. E de onde eu estava quase dava para sentir seu hálito de quem acabara de acordar.

— Oi — falei.

— Oi.

— Minha mãe quer que a gente varra as folhas do quintal, então talvez você queira deixar para tomar banho depois que terminarmos.

Marcie cerrou as sobrancelhas.

— Como é que é?

— As tarefas de sábado — expliquei.

Eu entendia que esse provavelmente fosse um conceito novo para Marcie. E adorei lhe contar a novidade.

— Não faço tarefas.

— Faz, se mora aqui.

— Está certo — disse Marcie, relutante. — Deixe só eu tomar o café da manhã e fazer algumas ligações.

Eu não acreditava que Marcie pudesse ser tão agradável em um dia comum, mas estava começando a achar que aquela boa vontade pudesse ser um pedido de desculpas por ela ter estragado tudo na noite anterior. Bom, eu ia tentar aceitá-lo.

Enquanto Marcie se servia de cereais para o café da manhã, fui até a garagem procurar os ancinhos. Já tinha terminado de limpar a metade do quintal da frente quando um carro chegou roncando pela rua. Scott parou seu Barracuda na entrada e saiu. A camisa marcava cada centímetro de seus músculos, e eu gostaria de ter uma câmera para alegrar Vee mais tarde.

— O que está havendo, Grey? — disse ele. Tirou luvas de couro de trabalho do bolso de trás e as vestiu. — Estou aqui para ajudar. Ponha-me para trabalhar. Serei seu escravo hoje. Não faz mal se seu namorado Dante era quem deveria estar aqui, e não eu.

Ele continuava a me provocar com relação a Dante, mas eu não conseguia perceber se ele acreditava mesmo em nosso namoro. Sempre sentia vir dele uma leve pontada de deboche. Mas, é claro, havia o mesmo deboche em uma de cada dez palavras que ele dizia.

Apoiei-me no ancinho.

— Não estou entendendo... Como você sabia que eu estava limpando o quintal?

— Sua nova melhor amiga me contou.

Eu não tinha uma nova melhor amiga, mas tinha uma arqui-inimiga perene. Estreitei os olhos.

— Marcie recrutou você? — adivinhei.

— Ela disse que precisava de ajuda com algumas tarefas. Tem alergia e não pode trabalhar ao ar livre.

— Que mentira!

Eu tinha sido ingênua a ponto de acreditar que ela ia mesmo ajudar.

Scott pegou o outro ancinho, que eu tinha apoiado na varanda da frente, e veio em minha direção.

— Vamos fazer uma pilha bem grande para você se jogar em cima.

— Isso vai contra o objetivo.

Scott riu e cutucou meu ombro.

— Mas ia ser divertido.

Marcie abriu a porta da frente e saiu na varanda. Empoleirou-se nos degraus, cruzando as pernas e inclinando-se para a frente.

— Oi, Scott.

— Ei.

— Obrigada por vir me salvar. Você é meu cavaleiro de armadura brilhante.

— Ah, claro — falei, revirando os olhos melodramaticamente.

— Sempre que precisar! — Scott disse a ela. — Nunca deixo passar uma oportunidade de atormentar a Grey. — Ele veio por trás de mim e enfiou um punhado de folhas em minha blusa.

— Ei! — gritei, e então peguei meu próprio punhado de folhas e atirei no rosto dele.

Scott abaixou o ombro, disparou em minha direção e me derrubou, espalhando por toda parte minha pilha de folhas arrumadinha. Fiquei chateada porque, em apenas um instante, ele tinha conseguido destruir tudo o que eu tinha dado um duro danado para fazer, mas, ao mesmo tempo, não conseguia parar de rir. Ele estava em cima de mim, enchendo de folhas minha blusa, meus bolsos e as pernas da minha calça.

— Scott! — gritei, rindo.

— Não querem ir para um quarto? — disse Marcie, com uma voz entediada, mas podia ver que ela estava irritada.

Quando Scott finalmente saiu de cima de mim, falei para Marcie:

— Que pena que você tem alergia. Varrer as folhas pode ser muito divertido. Será que me esqueci de dizer isso?

Ela me fuzilou com um olhar de puro ódio, depois entrou pisando duro.

CAPÍTULO 16

Depois que Scott e eu recolhemos todas as folhas em sacos de lixo laranja decorados para parecerem abóboras e os espalhamos pelo quintal para enfeitar, ele entrou para tomar um copo de leite e comer alguns dos biscoitos de chocolate e menta deliciosamente grudentos da minha mãe. Imaginei que Marcie já tivesse ido para o quarto, mas, em vez disso, ela nos esperava na cozinha.

— Acho que devíamos dar uma festa de Halloween aqui — anunciou ela.

Bufei e abaixei meu copo de leite.

— Sem ofensa, mas não ligamos muito para festas nesta família.

O rosto de minha mãe se iluminou.

— Acho uma ótima ideia, Marcie. Não damos uma festa aqui desde que Harrison se foi. Posso dar uma passadinha na loja de artigos de festa mais tarde e ver o que eles têm para a decoração.

Olhei para Scott em busca de ajuda, mas ele só deu de ombros.

— Pode ser legal.

— Você está com bigodes de leite — falei para ele, de maneira rude, em resposta.

Ele limpou a boca com as costas da mão... depois passou no meu braço.

— Eca! — gritei, empurrando seu ombro.

— Acho que devíamos ter um tema, como “casais históricos famosos”, e falar para todos virem acompanhados — disse Marcie.

— Isso já não foi feito, tipo, um milhão de vezes? — indaguei.

— O tema devia ser “seu personagem preferido da série *Halloween*” — disse Scott, com um riso sádico.

— Parem. Chega. Todos, por favor... se acalmem — falei, estendendo a mão em sinal de “*Pare*”. — Mãe, você está percebendo que vamos ter que limpar a casa toda, não é?

Minha mãe deu uma risada, sentindo-se insultada.

— A casa não está tão suja assim, Nora.

— Cada um traz sua bebida ou vamos providenciar tudo? — perguntou Scott.

— *Nada de cerveja* — minha mãe e eu dissemos juntas.

— Bem, gosto da ideia dos casais famosos — disse Marcie, claramente decidida. — Scott, nós podíamos fazer um par.

Scott não perdeu tempo.

— Posso ser Michael Myers e, você, uma das babás que ele mutilou?

— Não — disse Marcie. — Vamos ser Tristão e Isolda.

Coloquei a língua para fora.

— Que original...

Scott chutou minha perna de brincadeira.

— Nossa, olá, Miss Simpatia!

Acho que é um pouco fútil planejar uma festa de Halloween bem no meio do Cheshvan, falei em tom de crítica, pensando. *Os anjos caídos podem estar dando um tempo, mas não vai durar muito. Nós dois sabemos que a guerra está ficando mais séria, e que todos esperam que eu faça alguma coisa. Então, me perdoe se pareço um pouco mal-humorada!*

É justo, respondeu Scott. *Mas talvez a festa possa ajudá-la a relaxar um pouco.*

Está mesmo pensando em ser par da Marcie numa festa?

Um sorriso surgiu nos lábios dele.

Está achando que eu devia fazer par com você?

Acho que deveria fazer par com a Vee.

Antes que eu pudesse avaliar a reação de Scott, Marcie disse:

— Vamos à loja de artigos de festa juntas, Sra. Grey. E podemos passar na papelaria depois, para eu procurar convites. Queria algo que fosse assustador e festivo, mas bonito também. — Ela encolheu os ombros e deu um gritinho. — Isso vai ser tão divertido!

— Quem vai ser seu par na festa, Nora? — perguntou minha mãe.

Franzi os lábios, sem conseguir pensar na resposta certa. Scott não era mais uma opção, não dava para ser o Dante — isso ajudaria a alimentar os boatos sobre nosso namoro, mas eu não estava no clima —, e minha mãe detestava Patch. Pior, eu devia odiá-lo. Éramos inimigos mortais aos olhos dos outros.

Não queria ser incluída nessa festa. Tinha problemas maiores. Um arcanjo vingativo estava atrás de mim; eu era a líder de um exército, mas precisava de orientação — apesar do pacto com os arcanjos, estava começando a achar que a guerra podia não só ser inevitável, mas também a jogada *certa*; minha melhor amiga guardava segredos de mim, e tentar imaginar quais seriam estava tirando meu sono; e agora, isso. Uma festa de Halloween. Na minha casa. Onde eu deveria ser a anfitriã.

Marcie riu.

— Anthony Amowitz tem uma queda por você.

— Ah, conte mais sobre Anthony — incitou minha mãe.

Marcie adorava uma boa história, e mergulhou com vontade nessa.

— Ele fazia aula de educação física com a gente no ano passado. Toda vez que jogávamos *softball*, ele era o apanhador e ficava babando pelas pernas de Nora o tempo todo em que ela estava com o bastão. Ele não pegava nenhum arremesso de tão distraído.

— Nora tem mesmo pernas lindas — minha mãe me provocou.

Indiquei a escada com o polegar.

— Vou para o meu quarto bater a cabeça na parede algumas milhares de vezes. Qualquer coisa é melhor do que estar aqui.

— Você e Anthony podiam ser Scarlett e Rhett — gritou Marcie para mim. — Ou Buffy e Angel. Ou, que tal, Tarzan e Jane?

***

Naquela noite deixei minha janela aberta e, um pouco depois da meia-noite, Patch entrou de fininho. Ele estava com cheiro de terra,

como o bosque, quando se deitou em silêncio ao meu lado na cama. Muito embora eu preferisse encontrá-lo às claras, havia algo inegavelmente sexy nesses encontros secretos.

— Trouxe uma coisa para você — disse ele, colocando um saco de papel marrom em minha barriga.

Sentei-me e espiei o que havia dentro.

— Uma maçã do amor de Delphic Beach? — Sorri. — É a melhor do mundo. E coberta com coco ralado, minha preferida!

— É um presente para você ficar boa logo. Como está a ferida?

Levantei a camisola, mostrando a ele a boa notícia.

— Bem melhor.

O restante da mancha azul havia desaparecido havia algumas horas e, assim que sumiu, a ferida fechara quase imediatamente. Só havia uma cicatriz clara.

Patch me beijou.

— Isso é uma boa notícia.

— Algum sinal de Blakely?

— Não, mas é só uma questão de tempo.

— Chegou a senti-lo seguindo você?

— Não. — Havia um pouco de frustração em sua voz. — Mas tenho certeza de que está me vigiando. Ele precisa da faca de volta.

— As artes do mal estão mudando todas as regras, não é?

— Estão me forçando a ser criativo, tenho de admitir.

— Trouxe a faca de Blakely? — Dei uma olhada nos bolsos dele, que pareciam vazios.

Patch levantou a camisa só o suficiente para mostrar o cabo saindo do cinto de couro.

— Nunca a perco de vista.

— Você tem certeza de que ele vai vir atrás disso? Talvez perceba que você não vai fazer nada mesmo. Talvez saiba que os arcanjos não são tão rigorosos quanto pensávamos e que poderá escapar impune com as artes do mal.

— É possível, mas acho que não. Os arcanjos são bons em esconder coisas, principalmente dos nefilins. Acho que Blakely está

assustado e que vai agir logo.

— E se ele trouxer reforços? E se formos você e eu contra vinte deles?

— Ele vai vir sozinho — disse Patch, confiante. — Fez uma grande besteira e vai tentar consertar isso sem que ninguém fique sabendo. Ele é valioso demais para os nefilins, e de jeito nenhum teria autorização para assistir a um jogo de futebol. Aposto que estava escondido. E, pior, ele deixou para trás uma faca encantada com as artes do mal. Está preocupado e sabe que precisa ajeitar as coisas antes que alguém descubra. Vou usar seu medo e desespero a nosso favor. Ele sabe que ainda estamos juntos. Vou ter que obrigá-lo a jurar que não dirá uma palavra sobre nosso relacionamento a qualquer outra pessoa.

Tirei um pedaço já cortado da maçã do amor e mordi a metade. Era melhor fingir que estava calma.

— Mais alguma coisa? — perguntou Patch.

— Humm... sim. No treinamento dessa manhã, Dante e eu fomos interrompidos por alguns anjos caídos mal-encarados. — Encolhi os ombros. — Nós nos escondemos até eles irem embora, mas dá para perceber que o Cheshvan deixou os ânimos de todos exaltados. Você por acaso conhece um anjo caído bem magro com marcas por todo o peito? Essa é a segunda vez que o vejo.

— Não estou me lembrando. Mas vou ficar de olho. Você tem certeza de que está bem?

— Tenho. E, para continuar com as novidades, Marcie vai dar uma festa de Halloween aqui em casa.

Patch sorriu.

— O velho drama familiar Grey-Millar?

— O tema vai ser “casais históricos famosos”. Dava para Marcie ser menos original? Pior, ela envolveu minha mãe. Elas saíram para comprar enfeites para a festa hoje. Por *três* horas inteiras. É como se, de repente, tivessem se tornado melhores amigas. — Peguei outro pedaço de maçã e fiz uma careta. — Marcie está estragando tudo. Queria que Scott fosse com Vee, mas Marcie já o convenceu a ir com ela.

Patch abriu um largo sorriso.

Lancei para ele meu melhor olhar de irritação.

— Isso não é engraçado. Marcie está destruindo minha vida. De que lado você está, afinal?

Patch levantou as mãos, se rendendo.

— Vou ficar fora disso.

— Preciso de um par para essa festa idiota. Tenho que roubar a cena de Marcie — acrescentei em uma centelha de inspiração. — Quero o cara mais gato ao meu lado e uma fantasia melhor. Vou pensar em alguma coisa um milhão de vezes mais interessante que Tristão e Isolda. — Olhei para Patch, cheia de esperança.

Ele só me olhou de volta.

— Não podemos ser vistos juntos.

— Você estaria fantasiado. Pense nisso como um desafio: não deixar ninguém notar quem você é. Pode admitir, toda essa história de ficar se escondendo é meio sexy...

— Não vou a festas à fantasia.

— Nem se eu pedir com todo carinho? — falei, piscando.

— Você está acabando comigo.

— Só conheço um cara mais bonito que Scott... — Deixei a ideia provocar o ego dele.

— Sua mãe não vai me deixar colocar os pés aqui. Já vi a arma que ela guarda na prateleira de cima da despensa.

— Como eu disse, você vai estar disfarçado, bobinho. Ela não vai saber que é você.

— Você não vai desistir disso, não é?

— Não. O que você acha de John Lennon e Yoko Ono? Ou Sansão e Dalila? Robin Hood e Lady Marian?

Ele ergueu a sobrancelha.

— Já pensou em Patch e Nora?

Apoiei os dedos entrelaçados na barriga e olhei para o teto diabolicamente.

— Marcie já era.

O celular de Patch tocou, e ele deu uma olhada no visor.

— Número desconhecido — murmurou ele, e senti meu sangue gelar.

— Acha que é Blakely?

— Só há um jeito de descobrir.

Ele atendeu o telefone, a voz calma, mas não gentil. Imediatamente senti seu corpo se retesar ao lado do meu, e sabia que devia ser Blakely. A ligação durou poucos segundos.

— É o nosso cara — Patch me contou. — Ele quer me encontrar. Agora.

— É isso? Parece quase fácil demais.

Patch olhou nos meus olhos, e vi que havia mais coisa. Não conseguia interpretar a fisionomia dele, mas o modo como me encarou fez minha ansiedade crescer.

— Se lhe dermos a faca, ele nos dará o antídoto.

— Que antídoto? — perguntei.

— Você foi contaminada quando ele a esfaqueou. Não disse com o quê. Só disse que, se não receber o antídoto logo... — Patch parou de falar, engolindo. — Ele disse que você vai se arrepender. Nós dois vamos.

CAPÍTULO 17

— Ele está blefando. É uma armadilha. Está tentando nos fazer entrar em pânico para que a gente pense sobre essa doença fictícia com a qual ele me contaminou e pare de jogar direito. — Pulei da cama e comecei a andar de um lado para outro no meu quarto. — Ah, ele é bom. Muito bom. Acho que devemos ligar para ele e dizer que terá a faca de volta se jurar parar de usar as artes do mal. Esse é um acordo que eu posso aceitar.

— E se ele não estiver mentindo? — perguntou Patch, baixinho.

Eu não queria pensar nisso. Se pensasse, estaria nas mãos de Blakely.

— Está, sim — falei com mais convicção. — Ele era um dos protegidos de Hank, e se Hank era bom em alguma coisa, eu diria que era em mentir. Tenho certeza de que o discípulo aprendeu isso. Ligue para ele. Diga que não há acordo. Diga que minha ferida cicatrizou e que, se houvesse algo de errado comigo, já saberíamos.

— É das artes do mal que estamos falando. Elas não seguem as regras. — Havia preocupação e frustração por trás das palavras de Patch. — Não acho que a gente possa fazer suposições ou nos arriscar a subestimá-los. Se ele fez alguma coisa para machucar você, Anjo... — Um músculo no maxilar de Patch se contraiu de tensão, e temi que ele fosse fazer exatamente o que Blakely queria: pensar com a raiva e não com a cabeça.

— Vamos esperar. *Se* estivermos errados, e não acho que estamos, Blakely ainda vai querer a faca daqui a dois, quatro, seis dias. Vamos guardar esse trunfo. Se começarmos a suspeitar de que ele realmente me contaminou com alguma coisa, aí ligamos. Ele ainda vai querer nos encontrar porque precisa da faca. Não temos nada a perder.

Patch não pareceu convencido.

— Ele disse que você precisaria do antídoto logo.

— Você não vê que *logo* é vago demais? Se ele estivesse dizendo a verdade, teria um período de tempo mais específico.

Minha coragem não era encenação. Eu não acreditava nem um pouco que Blakely estivesse sendo sincero. Minha ferida tinha cicatrizado e eu nunca havia me sentido melhor. Ele não tinha injetado nenhuma doença em mim. Não ia cair nessa. E me frustrava ver que Patch estava sendo tão cauteloso, tão ingênuo. Queria manter nosso plano original: pegar Blakely e acabar com a produção das artes do mal.

— Ele escolheu um lugar para o encontro? Onde quer fazer a troca?

— Não vou lhe dizer — respondeu Patch, a voz calma e calculada.

Eu me encolhi, confusa.

— Espere aí, o que você disse?

Patch se aproximou e colocou as mãos em volta da minha nuca. Sua expressão era impassível. Estava falando a sério — não pretendia me contar nada. A traição doía em mim como um tapa. Eu não podia acreditar que ele estivesse fazendo aquilo comigo. Comecei a me virar de costas, irritada demais para falar, mas ele me pegou pelo pulso.

— Respeito sua opinião, mas estou nessa há muito mais tempo — disse ele, a voz baixa, séria e magoada.

— Não banque o superior comigo.

— Blakely não é um cara legal.

— Obrigada pela dica — falei de maneira sarcástica.

— Eu não duvidaria de que ele fosse capaz de contaminar você com alguma coisa. Ele vem lidando com as artes do mal por tempo demais para ainda ter algum senso de decência ou humanidade. Isso endureceu o coração dele e plantou ideias em sua cabeça, ideias ardilosas, maliciosas e infames. Não acho que ele esteja fazendo ameaças vazias. Ele parecia sincero. Parecia decidido a levar a cabo tudo o que estava dizendo. Se não encontrá-lo esta

noite, o antídoto irá para o lixo. Blakely não tem medo de nos mostrar o tipo de homem que ele é.

— Então vamos mostrar a ele quem nós somos. Conte-me onde ele quer se encontrar. Vamos pegá-lo, trazê-lo aqui, interrogá-lo — desafiei.

Olhei o relógio. Haviam se passado cinco minutos desde que Patch desligara o telefone. Blakely não esperaria a noite toda. Tínhamos de ir, estávamos perdendo tempo.

— Você não vai se encontrar com Blakely esta noite, fim de papo — disse Patch.

Eu detestava o modo irritantemente *alfa* como ele estava reagindo. Eu merecia ter direitos iguais de opinar, e ele estava me colocando de lado. Não ligava para minha opinião, que era apenas um contratempo maldisfarçado.

— Vamos perder a chance de pegá-lo! — argumentei.

— Vou aceitar o acordo e você vai ficar aqui.

— Como pode dizer isso? Está deixando que ele decida! O que aconteceu com você?

Os olhos dele encontraram os meus.

— Achei que fosse bem óbvio, Anjo. Sua saúde é mais importante do que conseguir respostas. Vamos ter outra chance de pegar Blakely.

Boquiaberta, balancei a cabeça de um lado para outro.

— Se você sair daqui sem mim, nunca vou perdoá-lo.

Uma ameaça dura, mas, para mim, eu estava mesmo falando a sério. Patch me prometera que seríamos um time dali para a frente. Se me deixasse de fora agora, eu encararia isso como uma traição. Já tínhamos passado por muitas coisas juntos para ele me enrolar nesse momento.

— Blakely já está tenso. Se fizermos algo fora do que foi combinado, ele vai fugir, e lá se vai nosso antídoto. Ele pediu que eu vá sozinho, e vou fazer o que quer.

Balancei a cabeça furiosamente.

— Isso não tem nada a ver com Blakely. É sobre você e eu. Você disse que seríamos um time daqui para a frente. Isso é sobre o que *nós* queremos, não o que ele quer.

Alguém bateu à porta do meu quarto, e eu disparei rispidamente:

— *O que foi?*

Marcie abriu a porta e ficou em pé na entrada, os braços cruzados no peito. Estava com uma camiseta velha e larga e um short tipo samba-canção. Não era o que eu imaginava que Marcie vestisse para dormir. Eu esperava mais rosa, mais renda e mais pele à mostra.

— Com quem você está conversando? — quis saber ela, esfregando os olhos de sono. — Dá para ouvir você falando alto no corredor inteiro.

Virei-me para Patch, mas só havia Marcie e eu no quarto. Ele tinha desaparecido.

Peguei um travesseiro em minha cama e o atirei contra a parede.

***

No domingo de manhã, acordei com uma fome estranha e insaciável atacando minha barriga. Saí da cama, nem fui ao banheiro, e segui direto para a cozinha. Abri a geladeira, observando as prateleiras avidamente. Leite, frutas, um resto de estrogonofe. Salada, fatias de queijo, gelatina de legumes. Nada daquilo parecia nem remotamente interessante, mas ainda assim meu estômago se retorcia de fome. Enfiei a cabeça na despensa, vasculhei as prateleiras de cima abaixo, mas tudo ali era apetitoso como um chiclete de poliéster. Aquele desejo inexplicável aumentava com a falta de comida, e comecei a me sentir nauseada.

Ainda estava escuro lá fora, faltavam poucos minutos para as cinco, e me arrastei de volta para a cama. Se não podia acabar com minha dor comendo, ia dormir para esquecê-la. O problema era que minha cabeça parecia pendurada em uma Xícara Maluca, a vertigem tomava conta de mim completamente. Minha língua estava

seca e inchada de sede, mas a ideia de beber alguma coisa, mesmo tão insípida quanto a água, fazia meu estômago ameaçar ter ânsias de vômito em protesto. Perguntei-me momentaneamente se isso poderia ser um efeito colateral da facada, mas estava me sentindo muito mal para ficar pensando. Vários minutos passaram enquanto eu rolava de um lado para outro, tentando encontrar a parte mais fria dos lençóis em busca de algum alívio, quando uma voz sedosa sussurrou em meu ouvido:

— Adivinhe que horas são.

Soltei um gemido sincero.

— Não posso treinar hoje, Dante. Estou passando mal.

— A mais velha das desculpas. Agora saia da cama — disse ele, batendo em minha perna.

Minha cabeça estava pendurada na lateral do colchão, e olhei para os tênis dele.

— Se eu vomitar nos seus pés, você vai acreditar em mim?

— Não ligo para essas frescuras. Quero você lá fora em cinco minutos. Se você se atrasar, vai ter que me compensar. Oito quilômetros a mais para cada minuto atrasada me parecem justos.

Ele saiu, e precisei de toda a minha motivação e mais um pouco para me arrastar da cama. Amarrei lentamente os tênis, presa a uma batalha contra a fome violenta que me atacava de um lado e a vertigem aguda que vinha de outro.

Quando consegui chegar à entrada, Dante falou:

— Antes de começarmos, tenho um relatório a fazer sobre o treinamento de nossos homens. Um dos meus primeiros atos como tenente foi o de nomear oficiais para as tropas. Espero que aprove. O treinamento está indo bem — continuou ele, sem esperar por resposta. — Temos focado em técnicas antipossessão, truques da mente como estratégias tanto de ataque quanto de defesa e um condicionamento físico rigoroso. Nossa maior fraqueza é o recrutamento de espiões. Precisamos conseguir bons informantes. Temos que saber o que os anjos caídos estão planejando, mas não fomos bem-sucedidos até agora. — Ele olhou para mim, esperando uma reação.

— Hã... está certo. Bom saber. Vou tentar pensar em alguma coisa.

— Sugeriria que você pedisse a Patch.

— Para espionar por nós?

— Use seu relacionamento a nosso favor. Ele pode ter informações sobre os pontos fracos dos anjos caídos. Pode saber que anjos caídos seriam mais fáceis de derrotar.

— Não vou usar Patch. Eu já lhe disse: Patch está fora dessa guerra. Não ficou do lado dos anjos caídos. Não vou pedir para ele espionar para os nefilins — falei quase friamente. — Ele não vai se envolver.

Dante assentiu brevemente.

— Entendido. Esqueça o que eu pedi. Aquecimento padrão. Quinze quilômetros. Aumente o ritmo quando estiver voltando. Quero ver você suar.

— Dante... — protestei, sem forças.

— Lembra aqueles quilômetros extras de que falei? Eles também valem para desculpas.

Acabe logo com isso, tentei me encorajar. *E aí poderá tirar o resto do dia para dormir. E comer, comer e comer.*

Dante pegou pesado no treinamento; depois do aquecimento de 15 quilômetros, pratiquei saltar sobre pedras com o dobro da minha altura e depois subir correndo os despenhadeiros escarpados de uma ravina, e ainda relembramos as lições que eu já tinha aprendido, trabalhando principalmente os truques da mente.

Por fim, depois de duas horas, ele disse:

— Vamos parar por aqui. Consegue achar o caminho de volta?

Tínhamos entrado bastante no bosque, mas, pela direção do sol nascente, eu conseguia ver de que lado estava o leste e tinha certeza de que conseguiria encontrar o caminho sozinha.

— Não se preocupe comigo — respondi, e saí.

A meio caminho de casa, encontrei a pedra em que tínhamos deixado nossas coisas — o agasalho que eu tinha tirado depois do aquecimento e a bolsa azul-marinho de Dante. Ele a trazia todos os

dias, carregando-a por quilômetros bosque adentro, o que era não só cansativo e estranho, mas pouco prático. Até então, ele nunca tinha aberto a bolsa. Pelo menos não na minha frente. Podia estar cheia de diversos equipamentos de tortura que ele pretendia usar nos treinos. Mas o mais provável é que tivesse uma muda de roupas e outros tênis. Podia ser também que tivesse — e ri só de pensar — uma cueca samba-canção com desenhos de pinguins, o que me permitiria debochar dele pelo resto da vida. Talvez eu até pudesse pendurá-la em uma árvore ali perto. Não havia ninguém nas proximidades para vê-la, mas ele ficaria envergonhado o bastante só de saber que eu tinha visto.

Sorrindo furtivamente, abri o zíper alguns centímetros. Assim que vi as garrafas de vidro cheias de líquido azul-claro enfileiradas lá dentro, meu estômago se retorceu violentamente em espasmos de dor. A fome me atacou como se fosse alguma coisa viva.

Um desejo insaciável ameaçou explodir dentro de mim. Um som agudo rugiu em meus ouvidos. Como uma onda avassaladora, me lembrei do sabor poderoso das artes do mal. Terrível, mas recompensador. Lembrei do poder que aquilo tinha me dado. Mal conseguia manter o equilíbrio, tão consumida que estava pela necessidade de sentir aquela força incontrolável de novo. Os pulos a alturas incríveis, a velocidade inigualável, a agilidade animal. Minha pulsação estava descontrolada, vibrando e palpitando de *desejo*, *desejo*, *desejo*. Minha visão perdeu o foco e meus joelhos bambearam. Eu quase podia sentir o alívio e a satisfação que viriam com um único gole.

Contei rapidamente as garrafas. Quinze. Dante não daria pela falta de apenas uma. Sabia que era errado roubar, e que as artes do mal não me fariam bem. Mas tais pensamentos eram argumentos fracos flutuando sem rumo no fundo da minha mente. Procurei me convencer de que um remédio controlado, se tomado em doses erradas, também não me faria bem, mas que algumas vezes era necessário. Assim como, agora, eu necessitava de um pouco das artes do mal.

Artes do mal. Eu mal conseguia pensar, tão ansiosa e ávida que estava pelo poder que sabia que me dariam. Um pensamento repentino tomou conta de mim — eu podia morrer se não tomasse um pouco daquela bebida, de tão forte que era a minha necessidade. Eu faria qualquer coisa por ela. Precisava me sentir daquele jeito de novo. Indestrutível. Intocável.

Antes que me desse conta, peguei uma garrafa. Em minhas mãos, ela passava uma sensação tranquilizadora e reconfortante. Ainda não tinha nem tomado um gole, e minha mente já estava clareando. Nada mais de vertigem e, em pouco tempo, nada mais de desejos descontrolados.

A garrafa se encaixava perfeitamente em minha mão, como se devesse ficar ali o tempo todo. Dante queria mesmo que eu ficasse com aquela garrafa. Afinal de contas, quantas vezes tentara me convencer a beber as artes do mal? E ele não tinha dito que minha próxima dose seria por conta da casa?

Eu levaria uma garrafa e seria o suficiente. Sentiria o afluxo de poder mais uma vez e ficaria satisfeita.

Só mais uma vez.

CAPÍTULO 18

Meus olhos se abriram quando ouvi uma batida repentina na porta. Sentei-me, desorientada. A luz do sol entrava pela janela do quarto, indicando que não era mais tão cedo. Minha pele estava fria e úmida de suor, os lençóis embolados em volta das minhas pernas. Na mesinha de cabeceira, uma garrafa vazia caída de lado.

A lembrança do que havia acontecido me invadiu de repente.

Eu mal tinha chegado ao quarto quando girei a tampa, atirei-a depressa para o lado e tomei em segundos a bebida das artes do mal. Engasguei e tive ânsia de vômito, como se fosse sufocar, enquanto o líquido obstruía minha garganta, mas sabia que quanto mais rápido bebesse, mais rápido aquilo acabaria. Uma onda de adrenalina diferente de qualquer outra tomou conta de mim, levando meus sentidos a um estado eletrizante. Meu impulso foi o de correr lá fora e testar meu corpo ao limite, correndo, saltando e desviando de tudo no caminho. Como voar. Só que melhor.

E então, tão rápido quanto aquele impulso cresceu dentro de mim, eu desabei. Não me lembro nem de ter caído na cama.

— Hora de acordar, dorminhoca! — gritou minha mãe atrás da porta. — Sei que estamos no fim de semana, mas também não precisa passar o dia todo dormindo. Já são mais de 11 horas.

Onze? Fiquei apagada por *quatro* horas?

— Desço em um segundo — respondi, o corpo todo tremendo, o que devia ser efeito das artes do mal.

Eu tinha consumido uma quantidade grande de bebida depressa demais. Isso explicava o fato de eu ter saído do ar por horas e a agitação diferente que pulsava dentro de mim.

Não podia acreditar que tinha roubado a bebida de Dante. Pior: não podia acreditar que tinha bebido. Estava envergonhada. Tinha de encontrar uma maneira de corrigir aquilo, mas não sabia por

onde começar. Como poderia contar a Dante? Ele já me achava tão fraca quanto um humano, e não conseguir controlar meus próprios desejos só provava que estava certo.

Eu deveria ter pedido a ele a bebida. Mas, desconcertada, percebi que tinha *gostado* de roubar. Sentira certa adrenalina em fazer algo errado e conseguir escapar. Como também tinha sido emocionante abusar das artes do mal, tomar tudo de uma só vez, recusar-me a racionar a bebida.

Como eu podia ter esses pensamentos horríveis? Como me permiti agir por impulso? Essa não era eu.

Jurei a mim mesma que aquela tinha sido a última vez que eu usaria as artes do mal, coloquei a garrafa no fundo da cesta de lixo e tentei tirar da cabeça o incidente.

Achei que, àquela hora, eu tomaria o café da manhã sozinha, mas encontrei Marcie na mesa da cozinha, riscando uma lista de telefones.

— Passei a manhã toda convidando pessoas para a festa de Halloween — explicou. — Fique à vontade para ajudar quando quiser.

— Achei que você fosse enviar convites.

— Não ia dar tempo. A festa é na quinta.

— Na véspera de um dia de aula? O que há de errado com a sexta-feira?

— Futebol americano. — Meu rosto deve ter demonstrado confusão, porque ela explicou melhor. — Todos os meus amigos vão estar jogando ou torcendo. Além disso, é um jogo fora, então não podemos chamá-los para vir para cá depois.

— E no sábado? — perguntei, sem conseguir acreditar que daríamos uma festa durante a semana.

Minha mãe nunca concordaria com isso. Mas, por outro lado, ultimamente Marcie dava seu jeito de conseguir convencê-la a fazer quase qualquer coisa.

— Sábado era aniversário de casamento dos meus pais. Não vamos fazer no sábado — disse ela em tom decidido e empurrou a

lista de telefones em minha direção. — Estou fazendo todo o trabalho e isso já está começando a me irritar.

— Não quero ter nada a ver com essa festa — lembrei a ela.

— Você só está zangada porque não tem um par.

Ela estava certa. Eu não tinha um par. Tinha falado de levar Patch, mas, para isso, precisaria primeiro perdoá-lo por ter ido se encontrar com Blakely na noite anterior. A lembrança do que tinha acontecido voltou de repente. Entre dormir, treinar com Dante naquela manhã e ficar inconsciente por muitas horas, eu tinha me esquecido completamente de checar o celular para ver se havia alguma mensagem.

A campainha tocou e Marcie deu um pulo.

— Eu atendo.

Queria gritar “Pare de agir como se morasse aqui!”, mas em vez disso passei direto por ela e subi os degraus da escada de dois em dois até o meu quarto. Minha bolsa estava pendurada na porta do armário e eu a revirei até encontrar meu celular.

Respirei fundo. Nenhuma mensagem. Não sabia o que isso significava, nem se deveria me preocupar. E se Blakely tivesse armado uma emboscada para Patch? Ou será que o silêncio dele era somente porque tínhamos acabado a noite passada brigados? Quando eu fico irritada, preciso de espaço, e Patch sabe disso.

Mandei uma mensagem rápida para ele. PODEMOS CONVERSAR?

Lá embaixo, ouvi Marcie em meio a uma discussão inflamada.

— Já disse que *eu vou* chamá-la. Você tem que esperar aqui. Ei! Você não pode entrar assim desse jeito sem ser convidada!

— Olha quem fala! — devolveu Vee, e a escutei subindo depressa a escada.

Eu as encontrei no corredor em frente ao meu quarto.

— O que está acontecendo?

— Sua amiga gorda me empurrou para entrar sem ser convidada — reclamou Marcie.

— Essa vaca magrela está agindo como se fosse a dona da casa — falou-me Vee. — O que ela está fazendo aqui?

— Eu moro aqui agora — disse Marcie.

Vee deu uma risada.

— Você é sempre tão engraçada... — disse ela, sacudindo o dedo na cara de Marcie.

Marcie projetou o queixo para a frente.

— Moro mesmo. Vá em frente. Pergunte a Nora.

Minha amiga me olhou e eu suspirei.

— É temporário.

Vee cambaleou para trás como se tivesse sido atingida por um soco invisível.

— Marcie? Morando aqui? Só eu estou percebendo que isso não tem lógica?

— Foi ideia da minha mãe — expliquei.

— Foi ideia minha e da *minha* mãe, mas a Sra. Grey concordou e foi melhor assim — corrigiu Marcie.

Antes que Vee pudesse fazer mais perguntas, agarrei-a pelo cotovelo e puxei-a para o quarto. Marcie se aproximou, mas bati a porta na cara dela. Estava tentando ao máximo ser civilizada, mas deixá-la entrar e participar de uma conversa particular com Vee era levar a ideia de cortesia longe demais.

— Agora, fala sério, o que ela está fazendo aqui mesmo? — perguntou Vee, sem se importar em baixar a voz.

— É uma longa história. Mas, resumindo... eu não sei.

Resposta evasiva, sim, mas também sincera. Eu não tinha a menor ideia do que Marcie estava fazendo ali. Minha mãe foi amante de Hank e eu era a filha bastarda, e o lógico seria que Marcie não quisesse nada com a gente.

— Ah, tá, agora faz sentido... — disse Vee.

Hora de distraí-la.

— Marcie vai dar uma festa de Halloween aqui em casa. As pessoas têm que vir acompanhadas e fantasiadas. O tema é casais históricos famosos.

— E? — disse Vee, sem se animar nem um pouco.

— Marcie deve ir com Scott.

Vee estreitou os olhos.

— Uma ova que ela vai.

— Marcie já o convidou, mas ele não me pareceu muito decidido... — falei, querendo ajudar.

Vee estalou os nós dos dedos.

— É hora de fazer minha mágica, antes que seja tarde demais.

Meu celular tocou com uma mensagem. CONSEGUI O ANTÍDOTO. TEMOS QUE NOS ENCONTRAR, dizia Patch.

Ele estava bem. Senti meus ombros relaxarem.

Discretamente, coloquei o telefone no bolso e disse a Vee:

— Minha mãe quer que eu busque a roupa que deixamos para lavar a seco e devolva alguns livros à biblioteca. Mas posso passar na sua casa mais tarde.

— E então podemos planejar como vou fazer para roubar Scott daquela vadia — disse Vee.

Depois que Vee já tinha saído havia uns cinco minutos, dei a ré para tirar o Volkswagen da calçada.

SAINDO DE CASA AGORA, escrevi para Patch. ONDE VOCÊ ESTÁ?

SEGUINDO PARA A MINHA CASA, respondeu ele.

ENCONTRO VOCÊ LÁ.

Dirigi até Casco Bay, tão ocupada pensando no que eu diria a Patch que nem observava o estonteante cenário de outono. Só percebia vagamente o azul-vivo da água brilhando sob o sol e as ondas que se esparramavam em espumas ao quebrar nos penhascos escarpados. Estacionei em frente à casa de Patch e entrei. Cheguei primeiro e saí na varanda para reorganizar meus pensamentos uma última vez.

O ar estava frio e carregado de maresia, a brisa na medida exata de um arrepio, e eu esperava que isso esfriasse minha raiva e aquela dor insistente da traição. Ficava feliz por Patch sempre pensar em minha segurança, a preocupação dele me tocava, então não queria parecer ingrata por ter um namorado disposto a fazer tudo por mim, mas trato é trato.

Ouvi a porta da garagem se abrir e, em seguida, a moto de Patch entrar. Um instante depois ele apareceu na sala. Manteve-se afastado, mas seus olhos não desgrudaram de mim. O cabelo estava bagunçado pelo vento e os pelos escuros da barba por fazer cobriam seu maxilar. Ele estava com as mesmas roupas de nosso último encontro, então vi que tinha ficado fora a noite toda.

— A noite foi agitada? — perguntei.

— Eu estava de cabeça cheia.

— Como está Blakely? — perguntei com indignação suficiente para Patch saber que eu não tinha perdoado nem esquecido nada.

— Ele jurou não falar nada sobre nosso relacionamento. — Uma pausa. — E me deu o antídoto.

— Foi o que sua mensagem disse.

Patch suspirou e passou a mão pelo cabelo.

— Então é assim que vai ser? Entendo que esteja irritada, mas não pode dar um tempo e tentar ver as coisas pelo meu lado? Blakely me disse para ir sozinho, e eu não tinha como saber qual seria a reação dele se aparecesse com você. Não me oponho a correr riscos, mas não vou fazer isso quando as probabilidades estão claramente contra mim. Ele tinha a melhor cartada... dessa vez.

— Você disse que éramos um time.

— Também jurei fazer tudo que estivesse ao meu alcance para protegê-la. Quero o que é melhor para você. É só isso, Anjo.

— Você não pode controlar tudo sempre, dizendo que é para minha segurança.

— Cuidar para que você fique segura é mais importante para mim do que sua boa vontade comigo. Não quero brigar, mas, se está decidida a me ver como o vilão da história, tudo bem. Antes isso do que perder você. — Ele deu de ombros.

Bufei, irritada com a arrogância dele, e estreitei os olhos.

— É isso mesmo que você pensa?

— Você já me viu mentir, principalmente quando se trata do que sinto por você?

Peguei minha bolsa no sofá.

— Deixe para lá. Estou indo embora.

— Fique à vontade. Mas você não vai colocar o pé lá fora antes de tomar o antídoto.

E, como se quisesse mostrar que estava falando a sério, ele encostou na porta e cruzou os braços no peito.

— Pelo que sabemos, o antídoto pode ser um veneno — disse, fuzilando-o com o olhar.

Ele balançou a cabeça.

— Dabria o analisou. Está limpo.

Cerrei os dentes. Manter a calma estava completamente fora de questão.

— Você levou Dabria, não foi? Acho que isso significa, então, que vocês dois são um time agora — disparei.

— Ela ficou afastada de Blakely, para não chamar atenção, perto apenas o suficiente para ler um pouco do futuro dele. Não havia nada que indicasse má-fé com relação ao antídoto. Ele fez uma troca honesta. O antídoto é verdadeiro.

— Por que não tenta ver as coisas pelo meu lado? — Eu estava fervendo por dentro. — Tenho que aguentar meu namorado preferindo agir com a ex, que ainda é apaixonada por ele, como você bem sabe!

Patch manteve o olhar firme, grudado em mim.

— E eu sou apaixonado por você. Mesmo quando é irracional, ciumenta e cheia de vontades. Dabria tem muito mais prática em truques da mente, combate e lutas contra nefilins em geral. Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que começar a confiar em mim. Não temos muitos aliados e precisamos de toda ajuda que conseguirmos. Enquanto Dabria estiver ajudando, pretendo mantê-la a bordo.

Meus punhos estavam fechados com tanta força que eu podia sentir as unhas quase cortando a pele.

— Em outras palavras, não sou boa o bastante para ser sua companheira de equipe. Diferentemente de Dabria, não tenho

poderes especiais!

— Não é só isso. Já falamos sobre esse assunto. Se alguma coisa acontecer a ela, eu não vou considerar uma grande tristeza. Mas se for com você, por outro lado...

— É, bem, suas ações falam por si. — Eu estava ferida, irritada e determinada a mostrar a Patch que ele estava me subestimando; tudo isso levou à declaração estarrecedora que fiz em seguida: — Vou liderar os nefilins na guerra contra os anjos caídos. É a coisa certa a fazer. Depois eu me preocupo com os arcanjos. Posso viver com medo deles, ou superar isso e fazer o que sei que é melhor para os nefilins. Não quero que outro nefilim jure lealdade... nunca mais. Já tomei minha decisão, então nem se dê o trabalho de tentar me convencer do contrário — declarei diretamente.

Os olhos negros de Patch me observavam, mas ele não disse nada.

— Já estou me sentindo assim há algum tempo — falei, desconfortável com o silêncio dele e ansiosa para provar meu ponto de vista. — Não vou deixar que os anjos caídos continuem a intimidar os nefilins.

— Está falando de anjos caídos e nefilins, ou de você e eu? — perguntou Patch, por fim, em voz baixa.

— Estou cansada de ficar só tentando me defender. Ontem um grupo de anjos caídos veio atrás de mim. Isso foi a gota d'água. Precisam saber que estamos cansados dessa interferência em nossas vidas. Eles já nos atormentaram por tempo demais. E os arcanjos? Não acredito que se importem. Se se importassem, a esta altura já teriam intervindo e dado um fim às artes do mal. Só posso acreditar que eles sabem e fingem não ver.

— Dante teve alguma coisa a ver com sua decisão? — perguntou Patch, a postura aparentemente inabalável.

A pergunta me irritou.

— Sou líder do exército nefilim. Sou eu que decido.

Esperava que a pergunta seguinte fosse "E como nós ficamos?", mas suas palavras me pegaram de surpresa:

— Quero você ao meu lado, Nora. Ficar com você é minha prioridade número um. Estou em guerra contra os nefilins há muito tempo. Isso me afetou, e há coisas em mim que eu gostaria de mudar. A mentira, os truques baratos, até mesmo a força bruta. Há dias em que eu gostaria de poder voltar atrás e tomar um caminho diferente. Não quero que você se arrependa das mesmas coisas. Preciso saber se é forte o bastante fisicamente, mas também preciso saber que está preparada bem aqui. — Ele tocou minha testa delicadamente. Depois fez um carinho em minha bochecha, a palma da mão em meu rosto. — Entende mesmo no que está se metendo?

Eu me afastei, mas não da forma ríspida como pretendia.

— Se parasse de se preocupar comigo, veria que estou preparada.

Pensei em todo o meu treinamento com Dante. Pensei no quanto ele me achava talentosa com truques da mente. Patch não fazia ideia do que eu tinha conseguido alcançar. Estava mais forte, mais rápida e mais poderosa do que pensei que fosse possível. Também tinha passado por muita coisa ao longo dos últimos meses para ter certeza de que agora estava firme em seu mundo. *Nosso* mundo. Sabia no que estava me metendo, gostasse ele ou não.

— Você pode ter me impedido de encontrar com Blakely, mas não pode impedir a guerra — salientei.

Estávamos às vésperas de um conflito perigoso e mortal. Eu não ia ficar suavizando as coisas, nem ignorar o que estava acontecendo. Estava pronta para lutar. Pela liberdade dos nefilins. E pela minha.

— Uma coisa é achar que está pronta — disse Patch, baixinho. — Partir para a guerra e vivenciar isso é um cenário completamente diferente. Admiro sua coragem, Anjo, mas estou sendo sincero quando digo que acho que você está se precipitando sem pesar bem as consequências.

— Você acha que ainda não pensei bem sobre isso? Sou *eu* quem vai liderar o exército de Hank. Já passei muitas noites sem dormir pensando nisso.

— Liderar o exército, sim. Mas ninguém nunca falou em lutar. Você pode cumprir o juramento e ficar longe do perigo. Delegar as tarefas mais arriscadas. Seu exército está aí para isso. *Eu* estou aqui para isso.

A discussão já estava me tirando do sério.

— Você não pode me proteger o tempo todo, Patch. Agradeço a boa intenção, mas sou uma nefilim agora. Sou imortal e não preciso tanto da sua proteção. Me tornei um alvo para os anjos caídos, os arcanjos e outros nefilins, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. A não ser aprender a me defender.

O olhar dele era inexpressivo; o tom, equilibrado, mas senti certa tristeza por trás de sua tranquilidade.

— Você é uma garota forte, e é minha. Mas força nem sempre significa brutalidade. Você não precisa sair batendo nos outros para ser uma guerreira. Violência não é força. Lidere seu exército pelo exemplo. Há uma solução melhor para isso tudo. A guerra não vai resolver nada, mas vai separar nossos dois mundos, e haverá baixas, incluindo humanos. Não há nada de heroico nessa guerra. Ela levará a uma destruição diferente de tudo que você ou eu já vimos.

Engoli em seco. Por que Patch sempre tinha que agir assim? Dizer coisas que só me deixavam ainda mais em conflito. Ele estava dizendo aquilo tudo porque realmente acreditava ou só estava tentando me tirar do campo de batalha? Queria confiar nas intenções dele. A violência nem sempre era o caminho. Na verdade, na maioria das vezes não era mesmo. Eu sabia disso. Mas também entendia o ponto de vista de Dante. Eu *tinha* que me defender. Se me achassem fraca, isso só faria de mim um alvo ainda melhor. Precisava mostrar que era durona e que daria o troco. Em um futuro próximo, a força física seria mais importante que a força de caráter.

Apertei as têmporas, tentando me livrar da preocupação que ecoava como uma dor incômoda.

— Não quero falar sobre isso agora. Só preciso... ficar um tempo sozinha, o.k.? Tive uma manhã difícil e vou pensar nisso quando estiver me sentindo melhor.

Patch não pareceu convencido, mas parou de discutir.

— Ligo para você depois — falei, cansada.

Ele pegou do bolso um frasco de líquido esbranquiçado e me entregou.

— O antídoto.

Eu tinha ficado tão envolvida em nossa discussão que me esquecera completamente. Examinei o vidro, desconfiada.

— Consegui fazer Blakely confessar que a faca que a atingiu é o protótipo mais poderoso que ele já desenvolveu. Faz com que você absorva uma quantidade vinte vezes maior de artes do mal do que a bebida que Dante lhe deu. É por isso que você precisa do antídoto. Sem ele, vai ficar irremediavelmente viciada nas artes do mal. Em doses muito altas, alguns protótipos das artes do mal podem fazer você se decompor de dentro para fora. Podem confundir seu cérebro, assim como qualquer droga mortal.

As palavras de Patch me pegaram desprevenida. Eu tinha acordado naquela manhã com um apetite insaciável pelas artes do mal porque Blakely me fizera desejar aquilo mais do que comida, bebida ou até mesmo ar?

Fiquei profundamente envergonhada só de pensar em acordar todas as manhãs movida por aquela avidez. Não tinha entendido que aquilo tudo poderia ser tão arriscado. Senti uma gratidão inesperada por Patch ter conseguido o antídoto. Eu faria qualquer coisa para nunca mais ter de sentir aquela necessidade indomável.

Abri o frasco.

— Devo saber alguma coisa antes de tomar isso? — Passei o recipiente com o líquido sob o nariz. Não tinha cheiro.

— Não funciona se você tiver absorvido as artes do mal em seu sistema nas últimas 24 horas, mas isso não vai ser problema. Já faz mais de um dia que Blakely a esfaqueou — disse Patch.

Eu estava com o frasco a poucos centímetros dos lábios quando parei. Bem naquela manhã tinha consumido uma garrafa inteira de artes do mal. Se tomasse o antídoto agora, não ia funcionar. Eu continuaria viciada.

— Tampe o nariz e tome tudo. Não pode ter um gosto tão ruim quanto o das artes do mal — disse Patch.

Queria contar a Patch sobre a garrafa que eu roubara de Dante. Queria me explicar. Ele não me culparia. Era culpa de Blakely. Eram as artes do mal. Eu tinha bebido avidamente uma garrafa inteira e praticamente não tivera escolha, de tão cega que estava pelo desejo.

Abri minha boca para confessar tudo, mas algo me deteve. Uma voz estranha e sombria que vinha de dentro de mim murmurou que eu não queria me ver livre das artes do mal. Ainda não. Não podia me privar do poder e da força que elas me davam — não se estávamos à beira de uma guerra. Tinha que manter aqueles poderes à mão, caso precisasse. Aquilo não se tratava apenas das artes do mal. Era a minha proteção.

Então comecei a sentir aquela avidez consumindo minha pele, dando água na boca e me fazendo estremecer de desejo. Coloquei essas sensações de lado, orgulhosa de mim mesma por conseguir fazer isso. Eu não ia me entregar como tinha feito naquela manhã. Só ia roubar e tomar a bebida preparada com as artes do mal quando fosse absolutamente necessário. E sempre carregaria o antídoto comigo, assim poderia deter o vício quando quisesse. Faria isso nos meus termos. Eu podia escolher. Estava no controle.

Então fiz algo que nunca imaginei conseguir. O impulso tomou conta do meu ser e agi sem pensar. Olhei nos olhos de Patch por um breve instante, invoquei toda a minha energia mental, sentindo-a se movimentar dentro de mim como se desencadeasse um poder forte e natural, e lancei um truque da mente, convencendo-o de que havia tomado o antídoto.

Nora bebeu o antídoto, sussurrei em sua cabeça para ludibriá-lo, plantando lá uma imagem que confirmava minha mentira. *Até a última gota.*

Então coloquei o frasco no bolso. Tudo acabou em segundos.

CAPÍTULO 19

Saí da casa de Patch pensando em voltar para a minha, o tempo todo combatendo uma dor lancinante no estômago que parecia em parte culpa, em parte mal-estar. Não conseguia me lembrar de ter me sentido mais envergonhada uma única vez em minha vida.

Ou mais voraz.

Meu estômago se contraiu, doendo de fome. A dor era tão aguda que me curvei sobre o volante. Era como se eu tivesse engolido pregos, e eles estivessem me esfolando por dentro, deixando tudo em carne-viva. Senti algo muito estranho, como se meus órgãos estivessem encolhendo. Depois fiquei me perguntando, assustada, se meu corpo devoraria a si próprio na busca por alimento.

Mas não era de comida que eu precisava.

Parei o carro e liguei para Scott.

— Preciso do endereço do Dante.

— Você nunca foi à casa dele? Não estão namorando?

Fiquei irritada por ele não ir direto ao ponto. Precisava do endereço, não tinha tempo para conversa fiada.

— Você sabe o endereço ou não?

— Vou mandar uma mensagem explicando como chegar lá. Algum problema? Você parece nervosa. Está assim ultimamente.

— Estou bem — respondi, então desliguei e afundei no banco.

O suor gotejava do meu lábio superior. Agarrei o volante tentando combater aquele desejo que parecia me agarrar pelo pescoço e me sacudir. Não conseguia pensar em outra coisa que não fossem as artes do mal. Tentei afastar a tentação. Tinha tomado a bebida ainda naquela manhã. Uma garrafa *inteira*. Podia combater essa vontade. Eu decidiria quando ingerir mais artes do mal. Quando e quanto.

Sentia aquele suor irritante se espalhar pelas minhas costas, pequenos rios escorrendo por baixo da blusa. A parte de baixo das

minhas coxas, quente e úmida, parecia grudar no estofado do assento. Era outubro, e mesmo assim coloquei o ar-condicionado no máximo.

Voltei para a estrada, mas o barulho de uma buzina me fez parar abruptamente. Uma van branca passou a toda, o motorista fazendo um gesto obsceno pela janela.

Controle-se, disse a mim mesma. *Preste atenção.*

Depois de respirar fundo algumas vezes para clarear os pensamentos, abri a mensagem de Scott com o endereço de Dante no celular. Estudei o mapa, dei uma risadinha irônica e virei 180 graus. Dante, ao que parecia, morava a menos de oito quilômetros da casa de Patch.

Dez minutos depois eu tinha passado sob um arco exuberante de árvores que cobria a estrada, atravessado uma ponte de pedras e estacionado o Volkswagen em uma rua arborizada, curva e peculiar. As casas eram predominantemente brancas e vitorianas, de estilo *gingerbread* e com tetos inclinados. Tudo era extravagante e exagerado. Identifiquei a casa de Dante — ao estilo Rainha Ana, na Shore Drive número 12 —, cheia de detalhes, torres e cumeeiras. A porta era pintada de vermelho, com uma grande aldrava de latão. Ignorei a aldrava e fui direto para a campainha, apertando-a repetidamente. *Se ele não atender logo...*

Dante abriu a porta, o rosto registrando surpresa.

— Como você achou este lugar?

— Scott?

Ele franziu a sobrancelha.

— Não gosto que as pessoas apareçam na minha porta sem avisar. Receber muita gente parece suspeito. Tenho vizinhos intrometidos.

— É importante.

Ele acenou com o queixo na direção da estrada.

— Aquela lata velha que você dirige chega a machucar os olhos.

Não estava com disposição para trocar insultos inteligentes. Se não tomasse logo a bebida preparada com as artes do mal — pelo

menos um pouco —, meu coração pularia do peito. Minha pulsação estava acelerada e eu respirava com dificuldade. Estava tão sem fôlego que parecia ter passado a última hora subindo uma colina escarpada.

— Mudei de ideia. Quero a bebida. Como um reforço — acrescentei rapidamente —, caso eu me encontre em uma situação em que esteja em menor número e precise dela.

Eu não conseguia focar por muito tempo para ver se minha explicação parecia ruim. Eu estava enxergando pontinhos vermelhos. Quis desesperadamente limpar a testa, mas não pretendia chamar atenção demais para o fato de estar suando tanto.

Dante me lançou um olhar indagador que eu não consegui interpretar direito, depois me levou para dentro. Fiquei no hall correndo os olhos pelas paredes brancas muito limpas e pelos suntuosos tapetes orientais. Um corredor levava até a cozinha. Havia uma sala de estar formal à esquerda, e uma sala de jantar, pintada com o mesmo vermelho-vivo dos pontos que piscavam em meus olhos, à direita. Até onde eu podia ver, toda a mobília era antiga. Um lustre com cristais em forma de gota pendia do teto.

— Muito bonito — consegui dizer, com a pulsação disparada e os pés e as mãos formigando.

— A casa pertencia a uns amigos. Eles a deixaram para mim em testamento.

— Sinto muito que tenham falecido.

Ele entrou na sala de jantar e afastou para o lado uma pintura em que se via um monte de feno, revelando um daqueles tradicionais cofres de parede. Digitou a senha e abriu o cofre.

— Aqui está. É um novo protótipo. Incrivelmente concentrado, então beba em pequenas doses — alertou ele. — Duas garrafas. Se decidir começar a tomar logo, devem durar uma semana.

Assenti, tentando disfarçar a água na boca quando peguei as duas garrafas de brilho azulado.

— Preciso lhe contar uma coisa, Dante. Vou levar os nefilins à guerra. Então, se tiver como me dar mais do que duas garrafas, posso vir a usá-las. — Eu pretendia mesmo dizer a Dante sobre

minha decisão de entrar na batalha, mas não tinha pensado em usar isso para conseguir mais das artes do mal. Pareceu uma manobra sorrateira, mas eu estava sedenta demais para sentir algo além de uma leve pontada de culpa.

— Guerra? — repetiu Dante, parecendo surpreso. — Tem certeza?

— Pode dizer aos nefilins superiores que estou elaborando planos para lutarmos contra os anjos caídos.

— Isso é... uma ótima notícia — disse Dante, aparentemente em estado de choque, enquanto entregava em minhas mãos mais uma garrafa da bebida. — O que a fez mudar de ideia?

— Meus sentimentos mudaram — falei, porque achei que soava bem. — Não estou só liderando os nefilins. Eu *sou* uma de vocês.

Dante me acompanhou até o lado de fora e precisei de todo o meu autocontrole para caminhar tranquilamente até o Volkswagen. Eu me despedi depressa, dirigi até depois da esquina, parei logo o carro e girei a tampa de uma das garrafas. Estava para beber quando o som do toque de chamada do Patch me fez pular, esparramando no meu colo o líquido azul, que se evaporou imediatamente, subindo no ar como a fumaça de um fósforo apagado. Xinguei baixinho, furiosa por ter desperdiçado aquelas gotas preciosas.

— Alô? — atendi a ligação. Os pontos vermelhos borravam minha visão.

— Não gosto de achar você na casa de outro homem, Anjo.

Na mesma hora olhei para os dois lados pela janela. Joguei a bebida embaixo do banco.

— Onde você está?

— Três carros atrás.

Meus olhos correram para o espelho retrovisor. Patch manobrou a moto e seguiu em minha direção, o telefone grudado à orelha. Limpei o rosto com a gola da camisa.

Abaixei a janela.

— Está me seguindo?

— O dispositivo rastreador.

Eu estava começando a odiar aquele negócio.

Patch apoiou o braço no teto do meu carro, curvando-se para perto.

— Quem mora na Shore Drive?

— Esse dispositivo rastreador é bem específico.

— Só compro o que há de melhor.

— Dante mora na Shore Drive, 12. — Não adiantava mentir, uma vez que ele já tinha feito sua pesquisa.

— Não gosto de achar você na casa de outro homem, mas odeio que seja na casa dele. — A fisionomia de Patch parecia bastante calma, mas percebi que ele queria uma explicação.

— Precisava confirmar a hora do nosso treino amanhã de manhã. Estava por perto e achei que era melhor dar uma passada lá. — A mentira saiu fácil, fácil.

Só conseguia pensar em me livrar de Patch. Minha garganta se encheu com o gosto das artes do mal. Engoli com impaciência.

Patch empurrou com cuidado meus óculos escuros, mais para cima no nariz, então passou a cabeça pela janela e me beijou.

— Estou saindo para pesquisar mais algumas pistas sobre o chantageador de Pepper. Precisa de alguma coisa antes que eu vá?

Balancei a cabeça negativamente.

— Se quiser conversar, sabe que estou aqui para isso — acrescentou com carinho.

— Conversar sobre o quê? — perguntei, quase na defensiva.

Será que ele sabia sobre as artes do mal? Não. Não, não tinha como.

Ele me observou por um instante.

— Qualquer coisa.

Esperei até que Patch saísse para, então, beber um gole ávido de cada vez até ficar satisfeita.

C A P Í T U L O
20

A noite de quinta chegou e, com ela, a completa transformação da nossa casa de fazenda. Guirlandas de folhas de outono em vermelho, dourado e castanho pendiam dos beirais. Espigas de milho secas emolduravam a porta. Marcie tinha comprado aparentemente toda abóbora e cabaça do Maine, e as enfileirara ao longo da calçada, da entrada e de cada centímetro quadrado da varanda. Algumas tinham sido esculpidas como lanternas, com a luz da vela tremeluzindo em suas expressões fantasmagóricas. Uma parte vingativa de mim queria lhe dizer que parecia que uma loja de artesanato e decoração tinha vomitado em nosso gramado, mas a verdade é que ela havia feito um bom trabalho.

Lá dentro, uma música assombrosa tocava no rádio. Caveiras, morcegos, teias de aranha e fantasmas se misturavam à mobília. Marcie tinha alugado uma máquina de gelo seco — como se já não tivéssemos neblina autêntica o suficiente no quintal.

Eu trazia em meus braços duas sacolas de papel cheias com as coisas que lembramos na última hora, e as levei até a cozinha.

— Estou de volta! — gritei. — Copos de plástico, um saco de anéis de aranha, dois sacos de gelo e mais confete de esqueleto, tudo o que você pediu. Os refrigerantes ainda estão na mala. Algum voluntário para me ajudar a trazê-los aqui para dentro?

Marcie apareceu na sala e meu queixo caiu. Ela usava um sutiã preto de vinil e uma calça legging combinando. Nada mais. As costelas se destacavam em sua pele, e as pernas pareciam palitos de picolé.

— Coloque o refrigerante na geladeira, o gelo no freezer, e espalhe o confete de esqueleto na mesa da sala de jantar, mas não deixe cair nada na comida. Por agora é só. Fique por perto, caso eu precise de algo mais. Preciso terminar minha fantasia.

— Nossa, que alívio. Por um minuto pensei que isso era tudo que você planejava vestir — falei, mostrando o traje provocativo de vinil.

Marcie deu uma olhada.

— E é só isso. Sou a Mulher-Gato. Preciso apenas colar orelhas de feltro em meu arco.

— Você vai aparecer de sutiã na festa? Só de sutiã?

— É um *top*.

Ah, isso ia ser bom. Mal podia esperar pelos comentários de Vee.

— Quem é o Batman?

— Robert Boxler.

— Isso quer dizer que Scott desistiu? — Era mais uma pergunta retórica. Só para provocar um pouco.

Marcie deu de ombros de um jeito afetado.

— Que Scott? — disse ela, e subiu a escada.

— Ele escolheu Vee, e não você! — gritei triunfante para ela.

— Não ligo — cantarolou ela de volta. — Você provavelmente o obrigou a fazer isso. Não é segredo nenhum que ele faz tudo o que você diz. Coloque o refrigerante na geladeira antes da virada do século.

Mostrei a língua para Marcie, mesmo sabendo que ela não podia ver.

— Também preciso me arrumar, sabia?

***

Às sete, os primeiros convidados chegaram. Romeu e Julieta, Cleópatra e Marco Antônio, Elvis e Priscilla. Até mesmo um pote de ketchup e um de mostarda passaram pela porta da frente. Deixei Marcie bancar a anfitriã e escapei para a cozinha, enchendo meu prato de ovos recheados, salsichas e milho doce. Eu tinha estado ocupada demais cuidando de todos os preparativos para a festa que Marcie me pedira e não tive tempo de comer. Além disso, a nova

fórmula das artes do mal que Dante me dera parecia diminuir meu apetite depois que a tomava.

Eu tinha conseguido racionar bem a bebida e ainda havia o suficiente para mais alguns dias. Os suores noturnos, as dores de cabeça, a estranha sensação de formigamento que me afetavam nos piores momentos quando comecei a tomar a nova fórmula tinham desaparecido. Tinha certeza de que isso significava que o perigo do vício havia passado e que eu tinha aprendido a usar as artes do mal de forma segura. Moderação era a chave. Blakely podia ter tentado me deixar presa às artes do mal, mas eu era forte o bastante para estabelecer meus próprios limites.

Os efeitos das artes do mal eram inacreditáveis. Nunca tinha me sentido tão física e mentalmente superior antes. Sabia que uma hora precisaria deixar de tomar a bebida, mas com o estresse e o perigo do Cheshvan e da guerra que se aproximava, estava feliz em ser precavida. Se algum dos meus outros soldados nefilins suspeitos me atacasse, eu estaria pronta.

Depois de pegar aperitivos e Sprite servido em um caldeirão preto, fui tentando passar entre as pessoas para chegar à sala de estar e ver se Vee e Scott já tinham chegado. As luzes estavam fracas, todos estavam fantasiados, e eu penava para identificar os rostos na multidão. Além disso, eu dera uma olhada na lista de convidados, e a maioria era de amigos de Marcie.

— Adorei a fantasia, Nora. Mas você é tudo menos um diabo.

Olhei de lado e vi Morticia Addams. Estreitei os olhos, confusa, depois sorri.

— Ah, oi, Bailey. Quase não a reconheci de cabelo preto. — Bailey se sentava ao meu lado na aula de matemática, e já éramos amigas havia muitos anos. Levantei meu rabo de diabo, com a pequena seta vermelha na ponta, para salvá-lo do cara atrás de mim, que ficava acidentalmente pisando nele, e disse: — Obrigada por ter vindo.

— Você terminou o dever de matemática? Não entendi nada que o Sr. Huron tentou nos ensinar hoje. Toda vez que começava a

resolver um problema no quadro, ele parava na metade, apagava e começava de novo. Acho que nem *ele* sabe o que está fazendo.

— É, acho que vou passar horas cuidando disso amanhã.

Os olhos dela se iluminaram.

— A gente podia se encontrar na biblioteca e fazer juntas.

— Prometi à minha mãe que limparia o porão depois da aula — falei, arrumando uma desculpa. Verdade seja dita, o dever de casa tinha caído alguns pontos em minha lista de prioridades ultimamente. Era difícil me preocupar com a escola quando temia que o estranho cessar-fogo entre anjos caídos e nefilins fosse terminar. Os anjos caídos estavam tramando alguma coisa. E eu daria qualquer coisa para descobrir o quê.

— Ah, talvez uma próxima vez — disse Bailey, parecendo desapontada.

— Você viu a Vee?

— Ainda não. Qual é a fantasia dela?

— Babá. Ela virá acompanhada de Michael Myers, de *Halloween* — expliquei. — Se a vir, diga que estou procurando por ela.

Quando atravessei a sala de estar, esbarrei em Marcie e seu par, Robert Boxler.

— Como está a comida? — perguntou Marcie de maneira autoritária.

— Mamãe está cuidando disso.

— Música?

— Derrick Coleman é o DJ.

— Você já deu uma olhada nas pessoas? Estão todos se divertindo?

— Acabei de dar uma volta. — Mais ou menos.

Marcie me lançou um olhar de crítica.

— Onde está seu acompanhante?

— E isso importa?

— Ouvi falar que está namorando um cara novo. Disseram que ele não frequenta a escola. Quem é ele?

— De quem você ouviu isso? — Acho que os boatos sobre mim e Dante estavam se espalhando, afinal.

— E isso importa? — ecoou ela ironicamente. Então torceu o nariz em desaprovação. — De que está vestida?

— Ela é um diabo — disse Robert. — Tridente, chifres, vestido vermelho sexy.

— Não se esqueça dos coturnos pretos — falei, exibindo-os. Tinha que agradecer a Vee por eles, assim como pelos cadarços com *glitter*.

— Estou vendo — disse Marcie. — Mas o tema da festa é casais famosos. Um diabo não faz par com nada.

Bem nessa hora, Patch entrou lentamente pela porta. Tive que olhar com atenção para ver se era ele mesmo. Não esperava que fosse aparecer. Não tínhamos chegado a resolver nossa briga, e eu, cheia de orgulho, havia me recusado a dar o primeiro passo, forçando-me a guardar o celular em uma gaveta toda vez que me sentia tentada a ligar para ele e pedir desculpas, apesar da agonia crescente de achar que ele podia não ligar nunca mais também. Meu orgulho logo se transformou em alívio quando o vi. Detestava brigar. Detestava não tê-lo por perto. Se ele estava disposto a consertar as coisas, eu também.

Um sorriso iluminou meu rosto quando vi a fantasia dele: jeans preto, camisa preta, máscara preta cobrindo todo o rosto, menos seu olhar tranquilo e atento.

— Ali está meu par — falei. — Elegantemente atrasado.

Marcie e Robert se viraram. Patch acenou para mim e entregou a jaqueta de couro para uma pobre caloura que Marcie tinha encarregado de cuidar dos casacos. O preço que algumas garotas pagavam para ir a uma festa de veteranos era quase vergonhoso.

— Não é justo — disse Robert, tirando a máscara de Batman. — O cara não se fantasiou.

— Faça o que fizer, não o chame de cara — eu disse a Robert, sorrindo para Patch enquanto ele se aproximava.

— Eu o conheço? — perguntou Marcie. — Quem ele deveria ser?

— Ele é um anjo — respondi. — Um anjo caído.

— Um anjo caído não é assim! — protestou Marcie.

Mostre o quanto você sabe, pensei, bem quando Patch passou o braço pelo meu pescoço e me puxou para um beijo suave.

Senti sua falta, falou ele em meus pensamentos.

Eu também. Não vamos mais brigar. Podemos deixar isso para trás?

Considere feito. Como está a festa?, perguntou ele.

Ainda não quis me atirar do telhado.

Que bom.

— Olá — Marcie cumprimentou Patch em um tom de flerte mais descarado do que pensei que ela fosse capaz, com seu par a poucos centímetros de distância.

— Oi — respondeu Patch, dando um rápido aceno de cabeça.

— Eu conheço você? — perguntou ela, virando a cabeça de lado, curiosa. — Você frequenta a CHS?

— Não — disse ele sem explicar mais nada.

— Então como conhece Nora?

— Quem não conhece Nora? — rebateu ele carinhosamente.

— Esse é meu par, Robert Boxler — disse Marcie com um ar de superioridade. — Ele é *quarterback* do time de futebol americano.

— Legal — respondeu Patch, a voz educada o suficiente para parecer interessada. — Como está indo a temporada, Robert?

— Tivemos alguns jogos difíceis, mas nada de que não possamos nos recuperar — interrompeu Marcie, dando um tapinha consolador no peito de Robert.

— Que academia você frequenta? — Robert perguntou a Patch, observando seu físico com franca admiração. E inveja.

— Não tenho tido muito tempo de ir à academia.

— Bem, você está ótimo. Se algum dia quiser companhia para levantar peso, me fale.

— Boa sorte no restante da temporada — Patch disse a Robert, trocando com ele um desses cumprimentos complicados que todos os caras parecem saber instintivamente.

Patch e eu fomos mais para o interior da casa, passando por corredores e cômodos para achar um canto mais isolado. Por fim, ele me puxou para o lavabo, bateu a porta e a trancou. Me apoiou contra a parede e tocou uma de minhas orelhas vermelhas de diabo, os olhos profundamente escuros de desejo.

— Bonita fantasia — disse ele.

— Idem. Vejo que pensou muito na sua.

Seus lábios se curvaram, achando graça.

— Se você não gosta, posso tirá-la.

Bati um dedo no queixo, pensativamente.

— Essa deve ser a melhor proposta que recebi a noite toda.

— Minhas propostas são sempre as melhores, Anjo.

— Antes de a festa começar, Marcie me pediu para amarrar a parte de trás de sua calça de Mulher-Gato. — Levantei e abaixei as mãos, como se estivesse pesando as duas coisas. — É difícil decidir entre as duas.

Patch tirou a máscara e riu baixinho contra o meu pescoço, tirando o cabelo de meus ombros. O cheiro dele era incrível. Seu corpo era quente, sólido, e estava tão perto. Meu coração acelerou, comprimindo-se de culpa. Eu tinha mentido para Patch. Não conseguia esquecer. Fechei os olhos, deixando sua boca explorar a minha, tentando aproveitar o momento. O tempo todo a mentira martelava, martelava, martelava em minha cabeça. Eu tinha tomado a bebida preparada com as artes do mal, e o enganara com um truque da mente. Ainda estava tomando a bebida.

— O problema com a sua fantasia é que não disfarça muito bem sua identidade — falei, me afastando. — E não devemos ser vistos juntos em público, lembra?

— Só dei uma passadinha. Não podia perder a festa da minha namorada — murmurou ele. E abaixou a cabeça para me beijar novamente.

— Vee ainda não chegou — disse, querendo me esquivar. — Tentei ligar para o celular dela. E para o de Scott. Mas as duas ligações caíram na caixa postal. Será que devo me preocupar?

— Talvez eles não queiram ser incomodados — falou ele em meu ouvido, a voz grave e rouca.

Patch suspendeu meu vestido até minha perna, acariciando minha coxa nua com o polegar. O calor de sua carícia foi mais forte que minha consciência pesada. Senti um arrepio percorrer meu corpo. Fechei os olhos de novo, dessa vez involuntariamente. Então me senti relaxar. Minha respiração se acelerou um pouco. Ele sabia exatamente como me tocar.

Patch me ergueu para cima da pia, as mãos em meus quadris. Me senti quente e zonza e, quando ele colocou a boca na minha, podia jurar que saíram faíscas. O toque dele me fez arder de paixão. Nunca me acostumava ao calor líquido vibrante e inebriante de estar perto dele, não importava quantas vezes nos tocássemos, namorássemos ou nos beijássemos. Na verdade, aquela eletricidade se intensificava. Eu queria Patch, e não confiava em mim quando isso acontecia.

Não sei por quanto tempo a porta do banheiro ficou aberta antes que eu percebesse. Me afastei depressa de Patch, assustada. Minha mãe estava parada na entrada escura, falando que a tranca nunca tinha funcionado direito, e ela pensava em consertá-la havia anos, quando os olhos dela devem ter se ajustado à falta de luz, porque se interrompeu no meio do pedido de desculpa.

Sua boca se fechou de repente. Seu rosto perdeu a cor... depois ficou muito vermelho de raiva. Eu nunca a tinha visto tão irritada.

— *Fora!* — Ela apontou o dedo em direção à saída. — Fora da minha casa neste instante, e nem pense em voltar ou em tocar minha filha de novo! — ela sibilou para Patch, lívida.

Pulei da pia.

— Mãe...

Ela se virou para mim.

— Não quero ouvir nem uma palavra de você! — disparou ela. — Você disse que tinha terminado com ele. Disse que... essa coisa... entre vocês dois tinha acabado. Você mentiu para mim!

— Posso explicar — comecei, mas ela já havia se virado de volta para Patch.

— É isso que você faz? Seduz jovens em suas casas, com as mães delas a apenas poucos metros de distância? Você devia se envergonhar!

Patch entrelaçou sua mão na minha, segurando-a com força.

— Muito pelo contrário, Blythe. Sua filha é tudo para mim. Absolutamente tudo. Eu a amo, é simples desse modo. — Ele falava com tranquila segurança, mas seu maxilar estava tão rígido quanto se fosse feito de pedra.

— Você destruiu a vida dela! Desde o momento em que ela o conheceu, tudo desmoronou. Você pode negar o quanto quiser, mas sei que esteve envolvido no sequestro dela. Saia da minha casa — disse ela, furiosa.

Eu me agarrei à mão de Patch com força, murmurando *Sinto muito, sinto muito* repetidamente através do pensamento. Eu tinha passado o verão presa contra minha vontade em uma cabana afastada, levando meus amigos e família a acreditar que havia sido sequestrada. Hank Millar tinha sido o responsável pelo meu aprisionamento, mas minha mãe não sabia disso. A mente dela tinha erguido uma muralha em volta de sua memória, guardando tudo o que havia de bom e deixando de fora o resto. Para mim, isso tudo era culpa de Hank e das artes do mal. Ela concluíra em sua mente que Patch tinha sido responsável pelo meu sequestro, e isso era uma verdade tão certa para ela quanto o sol se levantar a cada manhã.

— É melhor eu ir — Patch falou comigo, apertando minha mão de forma tranquilizadora. *Ligo para você depois*, acrescentou secretamente em meus pensamentos.

— Acho bom! — disparou minha mãe, os ombros subindo pelo esforço de respirar pesadamente.

Ela chegou para o lado, deixando Patch sair, mas fechou a passagem antes que eu pudesse escapar.

— Você está de castigo — disse ela com voz fria. — Aproveite a festa enquanto ela durar, porque será seu último evento social por muito, muito tempo.

— Você não quer nem me ouvir? — rebati, furiosa pela forma como ela tratara Patch.

— Preciso de um tempo para me acalmar. É melhor para você me dar algum espaço. Posso estar disposta a falar amanhã, mas é a última coisa que quero fazer agora. Você mentiu para mim. Agiu pelas minhas costas. Pior, encontrei você tirando a roupa com ele em nosso banheiro. Nosso *banheiro!* Ele quer uma coisa de você, Nora, e vai atrás disso onde der. Não há nada de especial em perder a virgindade em um banheiro.

— Eu não estava... nós não estávamos... minha *virgindade*? — Balancei a cabeça e fiz um gesto de nojo. — Esqueça. Você está certa... não está querendo ouvir. Nunca quer. Não quando se trata de Patch.

— Está tudo bem aqui?

Minha mãe e eu nos viramos e encontramos Marcie parada do lado de fora da porta. Estava com um caldeirão vazio nos braços, e ergueu os ombros, desculpando-se.

— Desculpe interromper, mas ficamos sem olhos de monstros, também conhecidos como uvas descascadas.

Minha mãe tirou o cabelo do rosto, tentado se recompor.

— Nora e eu já estávamos acabando. Posso dar uma passada rápida na mercearia para comprar uvas. Mais alguma coisa está acabando?

— Molho de queijo para nachos — disse Marcie com voz tímida, como se detestasse abusar da bondade de minha mãe. — Mas não é nada demais. É só molho de nacho. Não haverá nada para acompanhar os nachos, é claro, e esse é o meu molho preferido, mas, sério mesmo, não é nada demais. — Ela deixou escapar um breve suspiro.

— Está certo. Uvas e molho de nacho. Mais alguma coisa? — perguntou minha mãe.

Marcie abraçou o caldeirão e sorriu, alegre.

— Não. É só isso.

Minha mãe pegou suas chaves no bolso e saiu, cada movimento duro e rígido. Marcie, no entanto, ficou parada.

— Você poderia tentar um truque da mente com ela. Fazê-la pensar que Patch nunca esteve aqui.

Dirigi um olhar frio para Marcie.

— O que você ouviu?

— O suficiente para saber que você está em uma grande enrascada.

— Não vou fazer um truque da mente em minha mãe.

— Se você quiser, posso falar com ela.

Dei uma risada.

— Você? Minha mãe não liga para o que você pensa, Marcie. Ela a acolheu aqui em casa por causa de uma noção equivocada de hospitalidade. E provavelmente para provar alguma coisa a sua mãe. A única razão para você estar morando sob este teto é para minha mãe poder jogar na cara da sua que ela foi a melhor amante e agora é a melhor mãe. — Foi uma coisa horrível de se dizer. Tinha soado melhor na minha cabeça, mas Marcie não me deu tempo de consertar.

— Você está tentando fazer com que eu me sinta mal, mas não vai funcionar. Não vai estragar minha festa. — Mas tive a impressão de ver o lábio dela tremer. Ela respirou fundo e pareceu se recompor.

De repente, como se nada tivesse acontecido, Marcie disse em uma voz estranhamente alegre:

— Acho que está na hora de jogarmos Pesque um Encontro.

— Pesque o quê?

— É como pescar maçãs com a boca, só que cada maçã tem o nome de alguém da festa. Quem você tirar, será seu próximo par para um encontro. Jogamos isso todo ano na minha festa de Halloween.

Franzi o cenho. Não tínhamos falado sobre essa ideia antes.

— Parece de mau gosto.

— É só um encontro às cegas, Nora. E como você está de castigo por toda a eternidade, o que tem a perder? — Ela me empurrou para a cozinha, em direção ao grande barril de água com

maçãs vermelhas e verdes flutuando. — Ei, todos prestem atenção! — gritou Marcie, para se fazer ouvir sobre o som da música. — Hora de jogar Pesque um Encontro. Nora Grey vai começar.

Aplausos ecoaram pela cozinha, junto com alguns gritos e assobios de encorajamento. Fiquei lá parada, mexendo a boca sem emitir palavras, amaldiçoando Marcie em minha mente.

— Acho que não sou a melhor pessoa para isso — gritei para ela em meio ao barulho. — Posso passar?

— Sem chance. — Ela me deu o que pareceu ser um empurrão de brincadeira, mas que foi forte o suficiente para me mandar aos tropeções até o barril de maçãs.

Fuzilei-a com um olhar de pura indignação. *Vou fazê-la pagar por isso*, disse a ela.

— Coloque seu cabelo para trás. Ninguém quer encontrar fios perdidos boiando na água — instruiu Marcie.

De acordo, as pessoas reunidas gritaram um *Buu* coletivo.

— As maçãs vermelhas estão com nomes de meninos — acrescentou Marcie. — As verdes, de meninas.

Está ótimo! Que seja! Vamos acabar logo com isso, disse a mim mesma. Eu não tinha nada a perder. A partir de amanhã, estava de castigo. Não haveria nenhum encontro às cegas no meu futuro, como parte de um jogo ou não.

Mergulhei meu rosto na água fria. Meu nariz esbarrava em uma maçã atrás da outra, mas eu não conseguia cravar meus dentes em nenhuma delas. Levantei a cabeça para respirar, e em meus ouvidos soaram vaias e gritinhos de deboche.

— Me deem um tempo! — falei. — Não faço isso desde os cinco anos. O que diz bastante coisa a respeito deste jogo! — acrescentei.

— Nora não tem um encontro às cegas desde os cinco anos — disse Marcie, tirando conclusões erradas do que eu quis dizer e acrescentando seu próprio comentário.

— Você vai ser a próxima — falei para Marcie, olhando furiosa para ela.

— Se houver uma próxima. Estou achando que você vai ficar aí beijando maçãs a noite toda — rebateu ela de forma doce, e a multidão caiu na gargalhada.

Mergulhei a cabeça no barril, batendo os dentes perto das maçãs. Um pouco de água espirrou sobre a borda, molhando a parte da frente da minha fantasia vermelha de diabo. Cheguei *bem* perto de pegar uma maçã com a mão e empurrá-la para minha boca, mas imaginei que Marcie iria desqualificar a jogada. E não estava com humor para ter de repetir. Bem quando eu já estava para tirar a cabeça para respirar de novo, cravei meus dentes em uma maçã bem vermelha.

Levantei o rosto, sacudindo água dos meus cabelos ao som de gritos de comemoração e aplausos. Atirei a maçã para Marcie e peguei uma toalha, passando no rosto para secá-lo.

— E o cara de sorte que ganhou um encontro às cegas com nossa rata afogada é... — Marcie puxou um tubinho selado do meio da maçã. Desenrolou o papel que estava no tubo e franziu o nariz. — Baruch? Só Baruch? — Ela pronunciou como *Bar-ooch*. — Estou falando direito? — perguntou para as pessoas em volta.

Ninguém respondeu. Alguns já estavam saindo agora que a diversão tinha terminado. Fiquei feliz de ver que *Bar-ooch*, quem quer que fosse, aparentemente era um nome falso. Ou isso, ou ele estava muito envergonhado de admitir que teria um encontro comigo.

Marcie ficou me encarando, como se esperasse que eu confessasse que conhecia o cara.

— Ele não é um dos seus amigos? — perguntei a ela, enquanto secava as pontas do meu cabelo na toalha.

— Não. Achei que fosse um dos seus.

Estava começando a achar que aquele era mais um dos joguinhos bizarros dela, quando as luzes da casa piscaram. Uma, duas vezes, então se apagaram completamente. A música foi diminuindo até restar um silêncio assustador. Houve um momento de confusão e espanto, e então a gritaria começou — perplexa e desnorteada a princípio, elevando-se até um tom horripilante de

pavor. Os gritos precederam o inconfundível ruído surdo de corpos sendo jogados contra as paredes da sala de estar.

— Nora! — gritou Marcie. — O que está acontecendo?

Não tive chance de responder. Uma força invisível pareceu me forçar a recuar um passo, deixando-me paralisada. Uma energia viva e fria fez meu corpo se curvar. O ar crepitava e se movimentava com a força de vários anjos caídos. A aparição repentina deles na casa de fazenda era tão tangível quanto uma rajada de vento ártico. Eu não sabia quantos eram, ou o que queriam, mas podia senti-los entrando mais para o interior da casa, espalhando-se para ocuparem todos os cômodos.

— Nora, Nora. Saia e venha brincar — cantarolou uma voz masculina desconhecida, em um falsete assustador.

Inspirei brevemente duas vezes. Pelo menos agora eu sabia o que estavam procurando.

— Vou encontrá-la, meu amor, meu docinho — continuou ele a cantar em um tom arrepiante.

Ele estava perto, tão perto. Engatinhei para trás do sofá da sala, mas alguém tinha chegado primeiro àquele esconderijo.

— Nora? É você? O que está acontecendo? — Andy Smith me perguntou. Ele sentava duas cadeiras atrás de mim na aula de matemática e era namorado de Addyson, amiga de Marcie. Eu podia sentir o calor do suor que saía dele.

— Quieto — instruí delicadamente.

— Se você não vier até mim, vou atrás de você — cantava alto o anjo caído.

Com seu poder mental, ele conseguiu penetrar em meus pensamentos como se me abrisse com uma faca quente. Arfei quando ele se estabeleceu na minha mente, sondando em todas as direções, analisando o que eu pensava para descobrir onde estava escondida. Ergui rapidamente uma parede após outra para detê-lo, mas ele avançou por elas como se eu as tivesse construído com pó. Tentei me lembrar de todos os mecanismos de defesa que Dante me ensinara contra a invasão da mente, mas o anjo caído se movia rápido demais. Ele estava sempre dois passos — perigosos — à

frente. Nunca tinha visto um anjo caído causar esse impacto sobre mim antes. Só havia um jeito de descrever isso. Parecia que ele direcionava toda a sua energia mental para mim através de uma lente de aumento, ampliando o efeito.

Sem aviso, um brilho laranja flamejou em minha mente. Uma grande fornalha de energia soprou pela minha pele. Senti o calor derreter minhas roupas. Chamas consumiam o tecido, varrendo minha pele com um sofrimento abrasador. Em uma agonia inimaginável, me encolhi como uma bola. Enfiei a cabeça entre os joelhos, rangendo os dentes para evitar gritar. O fogo não era real. Tinha de ser um truque da mente. Mas eu não conseguia acreditar nisso. O calor era tão avassalador que eu tinha certeza de que ele havia mesmo ateado fogo em mim.

— Pare! — gritei por fim, saindo do esconderijo e me contorcendo no chão, qualquer coisa para abafar as chamas que consumiam minha pele.

Naquele mesmo instante, o calor flamejante acabou, embora eu não tivesse sentido a água que com certeza o apagara. Deitei-me de costas, o rosto banhado em suor. Era difícil respirar.

— Todo mundo *para fora* — ordenou o anjo caído.

Eu tinha quase esquecido que havia outras pessoas na sala. Elas nunca esqueceriam isso. Como poderiam? Será que entendiam o que estava acontecendo? Será que sabiam que não tinha sido encenação para a festa? Rezei para que aparecesse alguém para ajudar. Mas a casa de fazenda era tão afastada. Levaria tempo para trazerem ajuda.

A única pessoa que podia ajudar era Patch, e eu não tinha como entrar em contato com ele.

Pernas e pés se arrastavam pelo chão, lançando-se em direção à saída. Andy Smith saiu furtivamente detrás do sofá e disparou para fora.

Levantei a cabeça apenas o suficiente para ver o anjo caído. Estava escuro, mas vi uma silhueta seminua muito alta e esquelética. E olhos selvagens e brilhantes.

O anjo caído de peito nu da Bolsa do Diabo e do bosque me observava. Seus hieróglifos desfigurantes pareciam se contorcer e se agitar na pele, como se presos a fios invisíveis. Na realidade, tinha certeza de que eles se moviam para cima e para baixo com a respiração dele. Não conseguia afastar meus olhos da pequena ferida em carne-viva em seu peito. Imagens estranhas e inexplicáveis de figuras em túnicas negras passaram muito rápido em minha mente.

— Meu nome é Baruch.

Corri para o canto da sala, tremendo de dor.

— O Cheshvan começou, e não tenho um vassalo nefilim — disse ele. Manteve o tom coloquial, mas não havia luz em seus olhos. Nenhuma luz, e nenhum calor.

O excesso de adrenalina deixou minhas pernas inquietas e pesadas. Eu não tinha muitas opções. Não era forte o suficiente para passar correndo por ele. Não podia lutar contra ele — se tentasse, bastaria que ele chamasse os amigos para me superar em número rapidamente. Resmunguei de raiva por minha mãe ter expulsado Patch. Eu precisava dele. Não podia fazer aquilo sozinha. Se Patch estivesse ali, saberia o que fazer.

Baruch passou a língua pela parte interna do lábio.

— A líder do exército do Mão Negra, e o que devo fazer com ela?

Ele mergulhou em minha mente. Pude senti-lo fazer isso, mas não tinha forças para impedir. Estava exausta demais para lutar. Quando dei por mim, havia me arrastado obedientemente e me deitado aos pés dele como um cão. Ele chutou minhas costas, olhando para mim com ar de predador. Quis barganhar com ele, mas meus dentes estavam fechados com tanta força que era como se meu maxilar tivesse sido costurado.

Você não pode argumentar comigo, sussurrou ele hipnoticamente em minha cabeça. *Não pode se recusar. O que eu ordenar, você deve fazer.*

Tentei em vão me desligar da voz dele. Se eu pudesse romper aquele controle, poderia me defender. Era minha única chance.

— Como é se sentir uma nefilim novinha em folha? — murmurou ele em uma voz fria e debochada. — O mundo não é lugar para um nefilim sem um senhor. Protegerei você dos outros anjos caídos, Nora. De agora em diante, você pertence a mim.

— Não pertenço a ninguém — disparei, as palavras saindo com um esforço exaustivo.

Ele expirou, lenta e deliberadamente. Parecia um assobio açoitando por entre seus dentes.

— Vou dobrar você, meu docinho. Vamos ver se não — sussurrou ele.

Olhei para ele decididamente.

— Você cometeu um grande erro vindo aqui esta noite, Baruch. Cometeu um grande erro vindo atrás de mim.

Ele sorriu, e vi seus dentes brancos e afiados.

— Vou gostar disso.

Então se aproximou, o poder emanando dele. Ele era quase tão forte quanto Patch, mas havia algo de sanguinário em seu poder que eu nunca sentira em Patch. Eu não sabia quanto tempo antes Baruch tinha caído do céu, mas sentia, com toda certeza, que ele se entregara completamente à maldade.

— Jure lealdade, Nora Grey — ordenou ele.

C A P Í T U L O
21

Eu não ia fazer o juramento. E não permitiria que ele arrancasse as palavras de mim. Não importava quanta dor ele me faria sentir, eu tinha que me manter forte. Mas uma defesa persistente não seria o bastante para suportar isso. Eu precisava atacar, e rápido.

Combata os truques da mente dele com alguns dos seus, ordenei a mim mesma. Dante tinha dito que os truques da mente eram minha melhor arma. Ele dissera que eu era melhor nisso do que quase todos os nefilins que conhecia. Eu tinha enganado Patch. E enganaria Baruch agora. Criaria minha própria realidade e o atiraria com tanta força para dentro dela que ele não saberia o que o havia atingido.

Fechei bem os olhos para ignorar o canto insidioso de Baruch tentando me convencer a fazer o juramento e me catapultei para a mente dele. Minha maior esperança estava no fato de que mais cedo eu havia tomado a bebida com as artes do mal. Não confiava em minha força, mas as artes do mal faziam com que eu me tornasse uma versão mais poderosa de mim mesma. Elas intensificavam meus talentos naturais, incluindo minha aptidão para os truques da mente.

Percorri depressa os corredores tortuosos da mente de Baruch, criando uma explosão atrás da outra. Agi o mais rápido que pude, ciente de que, se cometesse algum erro, se lhe desse qualquer motivo para achar que eu estava reconstruindo seus pensamentos, se deixasse qualquer evidência de minha presença...

Escolhi a única coisa que eu sabia que assustaria Baruch. Nefilins.

O exército do Mão Negra!, criei explosivamente esse pensamento em sua mente. Assaltei seus pensamentos com uma imagem de Dante irrompendo pela sala seguido por vinte, trinta, não... *quarenta*

nefilins. Elaborei imagens de seus olhos furiosos e punhos rígidos no subconsciente dele. Para tornar a visão ainda mais convincente, fiz Baruch achar que estava vendo seus próprios homens sendo levados dali como prisioneiros pelos nefilins.

Apesar de tudo isso, sentia sua resistência. Ele ficou pregado no lugar, sem reagir, como alguém que está sendo cercado por nefilins. Temi que ele suspeitasse de que havia algo errado e continuei a atacar.

— Quem mexe com nossa líder está mexendo conosco... com *todos* nós. — Lancei as palavras ameaçadoras de Dante na mente de Baruch. — Nora não vai jurar lealdade. Nem agora, nem nunca.

Criei uma imagem de Dante pegando o atiçador da lareira e enterrando-o nas cicatrizes das asas de Baruch. Forcei a vívida imagem bem no fundo de seu cérebro.

Ouvi Baruch cair de joelhos antes de abrir meus olhos. Ele estava de quatro, os ombros curvados. Sua fisionomia tinha sido tomada por uma expressão de puro choque. Os olhos estavam vidrados e havia saliva nos cantos da boca. Levou as mãos às costas, arfando. Estava tentando retirar o atiçador.

Expirei exausta e aliviada. Ele tinha acreditado. Tinha caído no truque da mente.

Uma figura se moveu perto da entrada.

Fiquei de pé em um pulo e peguei o verdadeiro atiçador na lareira. Levantei-o acima do meu ombro, preparando-me para girar o braço, quando Dabria apareceu. Na penumbra, o cabelo dela emitia um brilho de um branco glacial. Sua boca era uma linha amarga.

— Você o enganou com um truque da mente? — adivinhou ela. — Ótimo. Mas temos que sair daqui agora.

Quase ri, impassível e incrédula.

— O que você está fazendo aqui?

Ela passou por cima do corpo imóvel de Baruch.

— Patch me pediu para levá-la a um lugar seguro.

Balancei a cabeça.

— Você está mentindo. Patch não a mandou. Ele sabe que você é a última pessoa com quem eu iria.

Segurei o atiçador com mais força. Se ela desse mais um passo, eu enfiaria aquilo nas cicatrizes das asas dela com prazer. E, assim como Baruch, ela ficaria quase em estado de coma até conseguir retirá-lo.

— Ele não tinha muita escolha. Entre perseguir os outros anjos caídos que invadiram sua festa e apagar as lembranças de seus amigos em pânico, que estão correndo pela rua enquanto conversamos, eu diria que ele está um pouco ocupado. Vocês dois não têm uma senha secreta para situações como esta? — perguntou Dabria, sem abalar nem um pouco sua serenidade. — Quando eu estava com Patch, tínhamos uma. Eu confiaria em qualquer um a quem Patch dissesse a senha.

Não tirei os olhos dela. Senha secreta? Minha nossa, ela era boa mesmo em se insinuar ardilosamente e me tirar do sério.

— Na verdade, temos mesmo uma senha secreta. É “Dabria é uma sanguessuga patética que não sabe quando seguir em frente”. — Cobri minha boca. — Ah, acabei de perceber por que Patch provavelmente não lhe contou nossa *senha secreta* — disse, o escárnio escorrendo de minhas palavras.

Ela esticou os lábios em uma linha ainda mais fina.

— Ou você me diz para que realmente veio ou vou enfiar esse negócio tão fundo em suas cicatrizes, que se tornará um apêndice permanente — disse a ela.

— Não tenho que aturar isso — disse Dabria, virando-se.

Eu a segui pela casa vazia até o lado de fora.

— Sei que você está chantageando Pepper Friberg — falei. Se eu a peguei de surpresa, ela não demonstrou. Seus passos nem vacilaram. — Ele acha que Patch o está chantageando e tem feito de tudo para colocá-lo no trem mais rápido para o inferno. E o crédito é todo seu, Dabria. Você diz que ainda ama Patch, mas tem um jeito engraçado de demonstrar isso. Por sua causa, ele corre o risco de ser exilado. Seu plano é esse? Se você não pode ficar com ele, ninguém mais pode?

Dabria acionou o bipe em seu chaveiro, e as lanternas traseiras do carro esportivo mais exótico que eu já vira piscaram.

— O que é *isso*? — perguntei.

Ela me lançou um olhar superior.

— Meu Bugatti.

Um Bugatti. Chamativo, sofisticado e de uma categoria única. Assim como Dabria. Ela se sentou atrás do volante.

— Melhor tirar aquele anjo caído de sua sala de estar antes que sua mãe volte. — Ela fez uma pausa. — E talvez seja melhor também checar a veracidade de suas acusações.

Ela começou a fechar a porta, mas eu a abri com força.

— Você nega que esteja chantageando Pepper? — perguntei, irritada. — Vi vocês dois discutindo atrás da Bolsa do Diabo.

Dabria prendeu um lenço de seda em volta da cabeça, deixando as pontas soltas sobre os ombros.

— Você não devia ficar escondida ouvindo a conversa dos outros, Nora. E Pepper é um arcanjo de quem você deveria se afastar. Ele não joga limpo.

— Nem eu.

Ela me encarou.

— Não que isso seja da sua conta, mas Pepper me procurou aquela noite porque sabe que tenho uma ligação com Patch. Ele está procurando por Patch, e se equivocou ao achar que eu o ajudaria.

Ela ligou o carro, pisando fundo no acelerador para abafar minha resposta.

Fuzilei Dabria com o olhar, sem acreditar que a interação dela com Pepper fora tão inocente. Dabria tinha um histórico sólido de mentiras. Além disso, nós duas éramos grandes rivais. Ela era um lembrete terrível de que Patch tivera alguém antes de mim. Não seria tão ruim se ela ficasse no passado dele, que era o lugar dela. Em vez disso, continuava aparecendo inesperadamente, como o vilão com várias vidas de um desses filmes trash de terror.

— Você avalia mal o caráter das pessoas — disse ela, engrenando o carro.

Pulei para o para-choque dianteiro e espalmei minhas mãos no capô. Ainda não tinha terminado de falar o que queria.

— Quando se trata de você, não estou errada — gritei mais alto que o barulho do motor. — Você é uma narcisista conivente, traiçoeira, egoísta e egocêntrica.

Dabria cerrou visivelmente o maxilar. Ela afastou do rosto alguns fios de cabelo soltos, saiu do carro e veio em minha direção com ar arrogante. De salto alto ela ficava da minha altura.

— Também quero limpar o nome de Patch — disse ela com sua voz fria de bruxa.

— Essa merece o Oscar.

Ela me encarou.

— Falei para Patch que você era imatura e impulsiva demais para que isto desse certo, que não conseguiria superar o ciúme que sente do que ele e eu tivemos há muito tempo.

Meu rosto ficou vermelho, e agarrei seu braço antes que ela pudesse me evitar.

— Não fale com Patch sobre mim novamente. Melhor ainda, não fale com ele e ponto final.

— Patch confia em mim. Isso deveria ser o suficiente para você.

— Patch não confia em você. Só a está usando. Ele vai deixar que o ajude, mas você é dispensável. No minuto em que não for mais útil, acabou.

A boca de Dabria se comprimiu de maneira estranha.

— Já que estamos dando conselhos uma para outra, eis o meu: me deixe em paz.

Ela me encarou, como se quisesse me passar uma mensagem.

Estava me ameaçando.

Tinha algo a esconder.

Eu ia descobrir o segredo e acabar com ela.

CAPÍTULO 22

Virei as costas para a poeira que os pneus de Dabria levantaram da estrada e corri para casa. Minha mãe estaria de volta a qualquer minuto, e eu não só teria que dar sérias explicações sobre o final repentino da festa, mas também precisava me livrar do corpo de Baruch. Se ele realmente acreditava que eu tinha cravado um atiçador em suas cicatrizes, seu corpo ficaria praticamente em estado de coma por mais muitas horas, tornando consideravelmente mais fácil movê-lo dali. Por fim, um golpe de sorte.

Encontrei Patch na sala de estar, agachado sobre o corpo de Baruch. O alívio tomou conta de mim quando o vi.

— Patch! — gritei, correndo.

— Anjo.

Seu rosto estava cheio de angústia. Ele ficou de pé, abrindo os braços enquanto eu me atirava neles, e me apertou com força.

Balancei a cabeça para aliviar qualquer preocupação que ele pudesse ter com meu bem-estar e engoli o bolo na garganta.

— Estou bem. Não estou ferida. Fiz um truque da mente para convencê-lo de que havia um ataque nefilim. E o fiz acreditar que eu tinha enterrado um atiçador em suas cicatrizes, por precaução. — Deixei escapar um suspiro trêmulo. — Como você soube que anjos caídos invadiram a festa?

— Sua mãe me expulsou, mas não ia deixar você desprotegida. Fiquei vigiando no final da rua. Havia muito tráfego em direção a sua casa, mas imaginei que fosse por causa da festa. Quando vi pessoas correndo pela porta da frente, como se tivessem visto algum monstro, vim o mais rápido que pude. Havia um anjo caído montando guarda do lado de fora que achou que eu fosse roubar seus espólios de guerra. Nem preciso dizer que tive de apunhalá-lo, e também alguns outros, em suas cicatrizes. Espero que sua mãe

não note que arranquei alguns galhos da árvore lá fora. Deram excelentes estacas. — Sua boca se retorceu de maneira travessa.

— Ela vai chegar a qualquer minuto.

Patch assentiu.

— Eu cuido do corpo. Você consegue religar a eletricidade? O quadro elétrico fica na garagem. Veja se algum dos disjuntores está desarmado. Se eles cortaram os fios que vão até a casa, aí vamos ter muito mais trabalho.

— Deixe comigo. — Parei a meio caminho da garagem e voltei. — Dabria apareceu. Ela veio com a história improvável de que você tinha lhe pedido para me tirar daqui. Você acha que ela podia estar ajudando esses caras?

Para meu espanto, ele respondeu:

— Eu a chamei. Ela estava por perto. Fui atrás dos anjos caídos e pedi a ela para tirar você daqui.

Eu estava sem fala, tanto por não conseguir acreditar, quanto pela irritação. Não sabia se estava mais chateada por Dabria ter dito a verdade ou por ela estar claramente seguindo Patch, uma vez que "por perto" era meio difícil de acreditar quando se leva em consideração que minha rua tem quase dois quilômetros, dá para um bosque, e nossa casa é a única em toda a sua extensão. Ela devia ter colocado um dispositivo rastreador nele. Quando ele ligou, ela provavelmente estava com o carro parado a trinta metros, segurando um par de binóculos.

Eu não duvidava que Patch me fosse fiel. Da mesma forma, não duvidava de que Dabria esperasse mudar isso.

Imaginei que aquela não fosse a melhor hora para discutir aquilo e falei:

— O que vamos dizer a minha mãe?

— Deixe... deixe isso comigo.

Patch e eu nos viramos em direção ao que parecia um guinchar de rato vindo da porta. Marcie estava ali parada, esfregando as mãos. Como se percebesse que isso a fazia parecer fraca, ela as soltou. Tirou o cabelo dos ombros, ergueu o queixo e disse com mais convicção:

— Eu tive a ideia da festa, o que torna esta confusão tanto minha quanto sua. Vou dizer a sua mãe que alguns otários apareceram de penetra e começaram a destruir os móveis. Então tomamos a única atitude responsável possível: cancelamos.

Parecia que Marcie estava fazendo um grande esforço para evitar olhar para o corpo de Baruch, deitado de bruços no tapete. Se ela não visse, não podia ser real.

— Obrigada, Marcie — falei com sinceridade.

— Não pareça tão surpresa. Estou nesta também, você sabe. Eu não sou, quer dizer, eu *sou* não... — Ela respirou fundo. — Eu *sou* uma de... vocês. — Ela abriu a boca para dizer mais, mas a fechou de repente. Não a culpava. “Não humano” era algo difícil de se pensar, quanto mais de se dizer em voz alta.

Marcie e eu demos um pulo ao ouvirmos uma batida na porta. Trocamos um rápido olhar de dúvida antes de Patch falar.

— Finjam que nunca estivemos aqui — disse ele, colocando Baruch nos ombros e levando-o em direção à porta dos fundos. *E Anjo?*, acrescentou em meu pensamento. *Apague a lembrança de Marcie de ter me visto aqui hoje. Precisamos manter nosso segredo.*

Considere feito, respondi.

Marcie e eu fomos abrir a porta. Eu tinha acabado de virar a maçaneta quando Vee entrou toda prosa, trazendo Scott junto, os dedos dos dois entrelaçados.

— Desculpe o atraso — disse Vee. — Nós acabamos, hã...

Ela trocou um olhar cúmplice com Scott, e os dois caíram na gargalhada.

— Nos distraindo — completou Scott, sorrindo.

Vee se abanou.

— Pode dizer isso de novo?

Quando Marcie e eu simplesmente ficamos olhando para eles em um silêncio sombrio, Vee deu uma olhada em volta, percebendo pela primeira vez a casa sem convidados e várias coisas quebradas.

— Espere um pouco. Onde está todo mundo? A festa não pode ter acabado ainda.

— Uns penetras invadiram a casa — disse Marcie.

— Estavam usando máscaras de Halloween — expliquei. — Então pode ter sido qualquer um.

— Começaram a destruir os móveis.

— Mandamos todos embora — acrescentei.

Vee examinou os estragos, chocada e sem conseguir dizer nada.

Penetras?, perguntou Scott em meus pensamentos, obviamente sem cair na minha encenação, e percebendo que havia mais coisa naquela história.

Anjos caídos, respondi. *Um deles em particular tentou de tudo para me fazer jurar lealdade. Está tudo bem*, acrescentei rapidamente quando vi seu rosto se contorcer de ansiedade. *Ele não conseguiu. O nome Baruch lhe soa familiar?*

Não, mas vou investigar, pode ter certeza.

Preciso que tire Vee daqui. Se ela ficar, vai começar a fazer perguntas que não tenho como responder. E preciso limpar tudo antes que minha mãe volte.

Quando você vai contar para ela?

Eu me encolhi. A pergunta direta de Scott me pegou desprevenida. *Não posso contar a Vee. Não se quiser que ela fique segura. E estou pedindo que compreenda e atenda meu pedido. Ela é minha melhor amiga, Scott. Não posso deixar que nada aconteça a ela.*

Ela merece a verdade.

Ela merece muito mais que isso, mas agora sua segurança é o mais importante para mim.

E o que você acha que é o mais importante para ela?, indagou Scott. *Ela se importa com você, confia em você. Trate-a com o mesmo respeito.*

Eu não tinha tempo para discutir. *Por favor, Scott*, implorei.

Ele me olhou demoradamente, pensando a respeito. Eu vi que não estava satisfeito, mas também que ia me deixar vencer aquela batalha... por enquanto.

— Que tal eu compensá-la? — disse ele a Vee. — Vamos ver um filme. Você escolhe. Não quero influenciar sua decisão, mas está passando um novo filme de super-herói. A crítica tem falado mal, o que é sempre sinal de que o filme deve ser ótimo.

— Devíamos ficar e ajudar Nora a arrumar esta bagunça — respondeu Vee. — Vou descobrir quem fez isso e ensinar algumas boas maneiras aos canalhas. Talvez um peixe morto vá parar em seu armário. E é melhor ficarem de olho nos pneus, porque tenho uma faca que está doidinha para furar borracha.

— Tire a noite para se divertir — falei para Vee. — Marcie vai me ajudar com a limpeza, não vai, Marcie?

Passei o braço pelo ombro dela e disse isso da maneira mais doce, mas havia um tom de atrevimento ressaltando minhas palavras. Vee captou meu olhar e entendeu o que eu queria dizer.

— Você está sendo muito generosa — disse Vee a Marcie. — A pá fica embaixo da pia da cozinha. Os sacos de lixo também. — Ela socou de leve o ombro de Marcie. — Divirta-se, e não quebre muitas unhas.

Depois que a porta se fechou atrás de nós, Marcie e eu desmoronamos encostadas à parede. E suspiramos, ao mesmo tempo, aliviadas.

Marcie sorriu primeiro.

— Que azar.

Limpei a garganta.

— Obrigada por sua ajuda esta noite — falei, sendo absolutamente sincera. Pela primeira vez na vida, Marcie tinha sido...

Prestativa, percebi espantada. E eu ia retribuir apagando algumas de suas lembranças.

Ela se levantou, limpando as mãos.

— A noite ainda não terminou. Então, a pá está embaixo da pia?

CAPÍTULO
23

O dia seguinte começou cedo. A batida na janela do meu quarto funcionava como um alarme. Virei-me e vi Dante atrás do vidro, agachado em um galho, chamando-me para sair. Levantei cinco dedos, para explicar em quantos minutos estaria lá fora.

Tecnicamente, eu estava de castigo. Mas não achei que a desculpa faria Dante mudar de ideia.

Do lado de fora, o ar da manhã escura trazia o perfume revigorante do outono, e esfreguei as mãos depressa para aquecê-las. Um pedaço de lua ainda pairava no céu. Longe dali, uma coruja piava melancólica.

— Um carro sem identificação e com equipamento de radar passou várias vezes por sua casa esta manhã — falou Dante, assoprando as mãos. — Tenho quase certeza de que era um policial. Cabelo escuro e alguns anos mais velho do que eu, pelo que pude ver. Ideia de quem seja?

Detetive Basso. O que eu tinha feito para ele ficar de olho em mim dessa vez?

— Não — respondi, achando que não era a melhor hora para revelar meu passado sórdido com a força policial local. — Provavelmente estava no final do serviço, procurando como matar o tempo. Ele não vai pegar ninguém ultrapassando o limite de velocidade por aqui, isso eu lhe garanto.

Um sorriso irônico curvou os lábios de Dante.

— Não em carros, pelo menos, não é, corredora? Está pronta?

— Não. Isso conta?

Ele se abaixou e amarrou um cadarço que, pelo visto, eu não tinha percebido.

— Hora do aquecimento. Você sabe o que fazer.

Eu sabia o que fazer, o.k. O que Dante não sabia era que meu aquecimento também consistia em fantasiar que eu atirava facas, dardos e granadas nas suas costas enquanto corria pelo terreno do bosque, seguindo-o até nossa área isolada de treinamento. O que fosse preciso para entrar no clima, certo?

Quando eu estava completamente banhada de suor, Dante me orientou em uma sequência de alongamentos para ficar mais flexível. Eu já tinha visto Marcie fazendo alguns dos mesmos alongamentos em seu quarto. Ela não estava mais na equipe de líderes de torcida, mas aparentemente manter a habilidade com a abertura de pernas era importante para ela.

— Qual é o plano para hoje? — perguntei, sentada no chão com as pernas abertas em um amplo V. Meu corpo estava dobrado na altura da cintura, e eu apoiava a testa no joelho, sentindo o tendão da perna estender.

— Possessão.

— Possessão? — repeti, surpresa.

— Se os anjos caídos podem nos possuir, é simplesmente justo que a gente aprenda a possuí-los. O que pode ser melhor do que aprender a controlar a mente e o corpo do inimigo? — continuou Dante.

— Eu nem sabia que possuir anjos caídos era uma opção.

— É agora... agora que temos as artes do mal. Nunca tínhamos sido tão fortes. Venho treinando em segredo há meses alguns nefilins selecionados, incluindo eu mesmo, no processo da possessão. Dominar essa habilidade vai ser o ponto decisivo da guerra, Nora. Se pudermos fazer isso de maneira bem-sucedida, temos uma chance.

— Vocês vêm treinando? Como?

A possessão só era possível durante o Cheshvan. Como ele podia estar praticando a técnica havia meses?

— Temos treinado com anjos caídos. — Um sorriso perverso brilhou em seus olhos. — Eu lhe disse: Estamos mais fortes do que nunca. Um anjo caído andando por aí sozinho não consegue resistir

a um grupo nosso. Nós os pegamos nas ruas à noite e os levamos para o centro de treinamento que Hank organizou.

— *Hank* esteve envolvido nisso?

Parecia que haveria sempre segredos dele a serem revelados.

— Escolhemos os solitários, os introvertidos, aqueles de que ninguém dará falta. Damos a eles um protótipo especial das artes do mal que possibilita a possessão por períodos curtos, mesmo quando não estamos no Cheshvan. E então praticamos com eles.

— Onde eles estão agora?

— Detidos no centro de treinamento. Mantemos um vergalhão metálico enfeitiçado com as artes do mal cravado em suas cicatrizes de asas quando não estamos praticando com eles. Isso os mantém completamente imobilizados. Como ratos de laboratório à nossa disposição.

Eu tinha certeza de que Patch não sabia nada sobre isso. Ele teria mencionado se soubesse.

— Quantos anjos caídos você tem detidos? E onde é o centro de treinamento?

— Não posso lhe dizer onde fica. Quando criamos o centro, Hank, Blakely e eu decidimos que seria mais seguro manter sigilo absoluto sobre ele. Como Hank se foi, Blakely e eu somos os únicos nefilins que sabemos onde fica. É melhor assim. Se não formos rígidos com as regras, acabam surgindo traidores. Pessoas que fariam qualquer coisa pelo lucro, até mesmo trair a própria raça. É da natureza dos nefilins, assim como dos humanos. Estamos eliminando a tentação.

— Você vai me levar ao centro de treinamento para praticar? — Tinha certeza de que haveria um protocolo para isso também. Ou eu seria vendada, ou teria minha memória sobre o trajeto apagada. Mas talvez eu conseguisse descobrir um jeito de driblar isso. Talvez Patch e eu pudéssemos refazer o caminho até o centro de treinamento juntos...

— Não será preciso. Trouxe uma das cobaias comigo.

Meus olhos correram pelas árvores.

— Onde?

— Não se preocupe. As artes do mal combinadas com um vergalhão nas cicatrizes a fazem colaborar.

Dante desapareceu atrás de uma pedra, mas voltou trazendo um anjo caído do sexo feminino que não parecia ter mais de 13 anos em idade humana. As pernas dela, dois palitos de dente saindo de um short branco de ginástica, não podiam ser muito mais grossas que meus braços.

Dante a jogou no chão, e seu corpo sem energia caiu na terra como um saco de lixo. Virei o rosto para não ver o vergalhão que se projetava de suas cicatrizes. Sabia que ela não podia sentir nada, mas mesmo assim aquela imagem fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Precisava me lembrar de que ela era o inimigo. Eu tinha um interesse pessoal na guerra agora: recusava-me a jurar lealdade para qualquer anjo caído. Eles eram todos perigosos. Todos tinham que ser detidos.

— Assim que eu tirar o vergalhão, você só terá alguns segundos antes que ela comece a lutar. Esse tipo particular de artes do mal tem meia-vida curta e não durará por muito tempo no corpo dela. Em outras palavras, não abaixe a guarda.

— Ela vai saber que eu a estou possuindo?

— Ah, vai saber sim. Ela já passou por este exercício centenas de vezes. Quero que você a possua e comande as ações dela por alguns minutos para se habituar à sensação de manipular o corpo. Me avise quando estiver pronta para sair do corpo dela. Vou deixar o vergalhão preparado.

— Como eu entro no corpo dela? — perguntei, arrepios percorrendo meus braços.

Eu estava gelada, mas não apenas por causa do ar frio. Eu não queria possuir o anjo caído, mas, ao mesmo tempo, precisava dar a Patch o máximo de informação possível sobre como o processo funcionava. Não podíamos solucionar um problema que não entendíamos.

— Ela vai estar fraca por causa das artes do mal, isso vai ajudar. E entramos no Cheshvan, o que significa que os canais para

possessão estão bem abertos. Tudo o que precisa fazer é ludibriá-la com um truque da mente. Assuma o controle dos pensamentos dela. Faça com que pense que quer que você a possua. Quando ela abaixar a guarda, ficará tudo muito fácil. Você vai gravitar em direção a ela naturalmente. Será sugada para o corpo dela tão rápido que mal perceberá a transição. Quando menos notar, estará no controle.

— Ela é tão jovem.

— Não se deixe enganar. Ela é tão esperta e perigosa quanto o restante deles. Aqui, trouxe uma dose especial das artes do mal para você que facilitará as coisas nessa sua primeira vez.

Não estendi logo a mão para pegar o frasco. Meus dedos formigavam de desejo, mas mantive a mão abaixada. Já havia ingerido tanto das artes do mal. Tinha prometido a mim mesma que iria parar e que contaria tudo para Patch. Até então, não tinha feito nenhuma das duas coisas.

Olhei para o frasco com o líquido azul-brilhante, e um desejo voraz parecia roer meu estômago. Eu não queria as artes do mal e, ao mesmo tempo, precisava desesperadamente delas. Minha cabeça girava, ficando cada vez mais zonza sem a bebida. Tomar um pouco mais não poderia ser tão prejudicial. Antes que eu pudesse me deter, estendi a mão e aceitei o frasco. Minha boca já salivava.

— Devo beber tudo?

— Sim.

Virei o frasco, as artes do mal queimando como veneno pela minha garganta. Engasguei e tossi, desejando que Blakely descobrisse um jeito de fazer aquilo ter um gosto melhor. Seria igualmente útil se ele pudesse minimizar os efeitos colaterais. Logo após tomar aquela dose, senti pontadas de uma dor de cabeça forte. A experiência me ensinara que aquilo só iria piorar ao longo do dia.

— Pronta? — perguntou Dante.

Não confirmei logo. Dizer que eu não estava muito a fim de possuir a garota era pouco. Eu já tinha sido possuída uma vez —

por Patch, em uma jogada desesperada para me salvar de ser morta por Chauncey Langeais, um parente havia muito perdido que não tinha nenhuma afeição familiar por mim. Apesar de ficar feliz por Patch ter tentado me proteger, a violação que sentira enquanto estava sendo possuída não era algo que eu quisesse experimentar de novo. Ou fazer alguém passar por isso.

Observei a garota. Ela já tinha sofrido aquilo centenas de vezes antes. E ali estava eu, prestes a fazê-la passar por tudo de novo.

— Pronta — disse, decidida por fim.

Dante arrancou o vergalhão da cicatriz da garota, com o cuidado de manter as mãos afastadas do brilho azul da parte de baixo.

— A qualquer instante agora — murmurou ele em alerta. — Fique pronta. Os pensamentos dela vão emitir impulsos magnéticos. Assim que você perceber alguma atividade mental, entre na cabeça dela. Não demore a convencê-la de que ela quer que você a possua.

O silêncio pairava no bosque, pesado e tenso. Eu me aproximei da garota, esforçando-me para captar qualquer reação mental. Os joelhos de Dante estavam curvados, como se ele esperasse ter que partir para a ação a qualquer momento. O grasnar agudo de um corvo atravessou a escuridão acima. Um ruído fraco de energia entrou em meu radar e foi todo o aviso que recebi antes que a garota se atirasse em mim, mostrando os dentes e as unhas como um animal.

Caímos na terra juntas. Meus reflexos eram mais aguçados, e rolei para cima dela. Tentei pegar seus pulsos, pensando em prendê-los acima de sua cabeça, mas ela se livrou de mim com um movimento brusco. Derrapei pela terra, ouvindo-a aterrissar agilmente alguns metros adiante. Olhei para cima bem a tempo de vê-la saltar no ar, lançando-se em minha direção.

Encolhendo-me como uma bola, rolei para longe do alcance dela.

— Agora! — berrou Dante.

Pelo canto do olho, pude vê-lo segurando o vergalhão, preparando-se para atacar a garota, caso eu falhasse.

Fechei os olhos, concentrando-me nos pensamentos dela. Podia senti-los zumbindo para um lado e para o outro, como insetos agitados. Mergulhei em sua mente, retalhando tudo o que encontrava. Juntei seus pensamentos em um emaranhado gigante e sussurrei de forma hipnótica: *Me deixe entrar, me deixe entrar agora.*

Mais rápido do que eu pensava, as defesas da garota sucumbiram. Bem como Dante havia predito, senti que eu deslizava na direção dela, como se minha alma estivesse sendo puxada por um campo de força poderoso para uma bobina. Ela não ofereceu qualquer resistência. Aquilo tudo parecia um sonho: confuso, fugidio e desfocado nos cantos. Não houve um momento específico em que senti a mudança. Apenas pisquei e me vi olhando o mundo por um ângulo diferente.

Estava dentro dela, corpo, mente e alma, possuindo-a.

— Nora? — perguntou Dante, estreitando os olhos de maneira cética.

— Estou dentro.

Minha voz me assustou. Eu tinha comandado a resposta, mas as palavras saíram com a voz dela. Mais aguda e mais doce do que eu teria esperado de um anjo caído. Por outro lado, ela era tão jovem...

— Está sentindo alguma resistência? Alguma reação por parte dela? — perguntou Dante.

Dessa vez, balancei a cabeça negativamente. Não estava preparada para me ouvir falar com a voz dela de novo. Tanto quanto Dante queria me ver comandar o corpo dela, eu queria sair dali.

Terminei depressa uma pequena lista de exercícios: ordenei que o corpo dela corresse uma pequena distância, saltasse um galho caído de árvore com tranquilidade e desamarrasse e amarrasse novamente os sapatos. Dante estava certo, eu tinha controle absoluto. E eu sabia, em algum lugar dentro de mim, que eu a obrigava a fazer aqueles movimentos contra sua vontade. Podia ter ordenado que ela apunhalasse sua própria cicatriz, e ela não teria tido escolha se não obedecer.

Terminei, falei para Dante em pensamento. *Vou sair.*

— Um pouco mais — argumentou ele. — Você precisa praticar mais. Quero que isso seja quase instintivo para você. Faça os exercícios de novo.

Ignorei o pedido e ordenei ao corpo dela que expelisse o meu e, de novo, a transição foi fácil e abrupta.

Resmungando baixinho, Dante enfiou o vergalhão de volta na cicatriz do anjo caído. O corpo dela desmontou, como se estivesse morta, braços e pernas atingindo o chão em ângulos estranhos. Queria desviar o olhar, mas não consegui. Ficava me perguntando como teria sido sua existência na Terra antes. Se alguém sentia sua falta. Se algum dia ela voltaria a ser livre. E quão sombria sua perspectiva devia ser.

— Você não treinou o bastante — falou Dante, claramente irritado. — Não me ouviu dizer para praticar os exercícios de novo? Sei que é um pouco desconfortável a princípio...

— Como isso funciona? — perguntei. — Dois objetos não podem ocupar simultaneamente o mesmo lugar no espaço. Então como a possessão funciona?

— Tudo se resume à esfera quântica, à função de onda e à dualidade onda-partícula.

— Ainda não estudei teoria quântica — falei com uma pontada de hostilidade. — Explique de forma que eu possa entender.

— Pelo que sei dizer, tudo acontece em um nível subatômico. Dois objetos *podem* ocupar simultaneamente o mesmo lugar no espaço. Não tenho certeza de que alguém saiba exatamente como isso funciona. Simplesmente é.

— E é só isso que você sabe me explicar?

— Tenha um pouco de fé, Grey.

— Ótimo. Vou ter fé. Mas quero alguma coisa em troca — falei, observando Dante com astúcia. — Você é bom em vigiar, certo? Tem um arcanjo tratante andando por aí chamado Pepper Friberg. Ele diz que está sendo chantageado por um anjo caído, e tenho quase certeza de que sei qual é. Quero que consiga as provas para que eu possa acabar com ela.

— Ela?

— As mulheres também podem ser astuciosas.

— O que isso tem a ver com liderar os nefilins?

— Isso é pessoal.

— Está bem — disse Dante devagar. — Conte o que preciso saber.

— Patch me disse que vários anjos caídos por aí poderiam estar chantageando Pepper Friberg por diversas razões: páginas do *Livro de Enoque*, visões do futuro, perdão total por um crime do passado, informação considerada tanto sagrada quanto secreta, ou até para serem elevados ao status de anjo da guarda. A lista das coisas que um arcanjo pode prover é infinita, eu acho.

— O que mais Patch disse?

— Não muito. Ele também quer descobrir o chantageador. Sei que ele anda seguindo pistas e vigiando pelo menos um suspeito. Mas tenho quase certeza de que está procurando no lugar errado. Outra noite vi a ex dele conversando com Pepper atrás da Bolsa do Diabo. Não consegui ouvir o que diziam, mas ela parecia confiante. E Pepper, furioso. O nome dela é Dabria.

Fiquei surpresa ao ver que sua fisionomia se perturbou ao ouvir aquele nome. Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Dabria?

Gemi.

— Não me diga que também a conhece. Juro, ela está *em todos os lugares.* Se me disser que a acha bonita, vou arremessá-lo da beira da ravina e fazer essa pedra rolar atrás de você.

— Não é isso. — Dante balançou a cabeça, um ar de pena tomando conta de seu semblante. — Não queria ser eu a lhe contar.

— Me contar o quê?

— Conheço Dabria. Não pessoalmente, mas...

A compaixão se intensificou em seu rosto. Ele olhava para mim como se estivesse para me dar uma notícia terrível.

Eu tinha me sentado em um pedaço de tronco para contar minha história, mas fiquei de pé.

— Fale logo, Dante.

— Tenho espiões trabalhando para mim. Pessoas que eu contrato para ficarem de olho em anjos caídos influentes — confessou Dante, soando quase culpado. — Não é segredo que Patch é altamente respeitado na comunidade dos anjos caídos. Ele é esperto, inteligente e criativo. É um bom líder. Anos como mercenário lhe deram mais experiência em batalha do que tem a maioria dos meus homens juntos.

— Você vem espionando Patch — falei, entendendo. — Por que não me contou?

— Confio em você, mas não descarto a possibilidade de que ele a influencie de algum jeito.

— Me influenciar? Patch nunca decidiu nada por mim. Sou capaz de tomar minhas próprias decisões. Estou no comando desta operação. Se quisesse mandar espiões por aí, eu mesma teria feito isso — falei, minha irritação evidente.

— Entendido.

Andei até a árvore mais próxima, de costas para Dante.

— Você vai me contar por que está revelando isso tudo, para começar?

Ele suspirou, relutante.

— Enquanto espionávamos Patch, vimos Dabria mais de uma vez.

Fechei os olhos, desejando lhe pedir para parar por aí. Não queria ouvir mais. Dabria seguia Patch para todo lugar... Eu sabia. Mas o tom de voz de Dante sugeria que ele tinha notícias muito mais devastadoras do que simplesmente me contar que alguém perseguia Patch e que, por acaso, essa pessoa era a ex-namorada linda dele.

— Algumas noites atrás eles estavam juntos. Tenho provas. Várias fotos.

Cerrei o maxilar e me virei.

— Quero vê-las.

— Nora...

— Eu posso aguentar — disparei. — Quero ver essas supostas evidências que seus homens, ou melhor, *meus* homens, conseguiram. — Patch com Dabria. Revirei a memória, tentando identificar que noite poderia ter sido. Estava furiosa, instável e com ciúmes. Patch não tinha feito isso. Havia alguma explicação. Eu lhe devia o benefício da dúvida. Tínhamos passado por muita coisa para que eu tirasse conclusões precipitadas.

Precisava ficar calma. Seria uma boba se julgasse assim tão rápido. Dante não tinha fotos? Ótimo? Eu mesma iria avaliá-las.

Dante apertou os lábios, então assentiu.

— Vou mandar entregarem as fotos em sua casa mais tarde.

CAPÍTULO 24

Eu me aprontava para sair, mas meus movimentos pareciam mecânicos. Não conseguia tirar da cabeça a imagem de Patch e Dabria juntos. Na hora, não pensei em pedir detalhes a Dante, e agora minhas perguntas não respondidas torturavam meu cérebro. Eles estavam juntos. Tenho várias fotos.

O que aquilo significava? Juntos *como*? Será que eu era ingênua de perguntar? Não. Eu confiava em Patch. Fiquei tentada a ligar para ele, mas é claro que não liguei. Era melhor esperar até ver as fotos. Se elas o incriminavam ou não... eu saberia de imediato.

Marcie entrou na cozinha e se apoiou na beirada da mesa.

— Preciso de alguém para me acompanhar em umas comprinhas hoje depois da aula.

Afastei minha tigela de cereal empapado. Tinha ficado tanto tempo perdida em pensamentos que qualquer chance de salvá-lo já era.

— Sempre faço compras nas tardes de sexta — disse Marcie. — É tipo um ritual.

— Você quer dizer uma tradição — corrigi.

— Preciso de um casaco novo. Que seja quentinho e de lã, mas ainda assim chique — disse ela, franzindo as sobrancelhas enquanto pensava.

— Obrigada pela oferta, mas tenho uns exercícios de trigonometria bem difíceis para pôr em dia.

— Ah, vamos lá. Você não fez o dever de casa a semana toda, por que começar agora? E preciso mesmo de uma segunda opinião. É uma compra importante. E bem quando estamos começando a interagir normalmente — murmurou ela.

Afastei minha cadeira e levei a tigela até a pia.

— A bajulação sempre me convence.

— Ah, dá um tempo, Nora, não estou a fim de brigar — reclamou ela. — Só quero que vá fazer compras comigo.

— E eu quero passar em trigonometria. Além disso, estou de castigo.

— Não se preocupe, falei com sua mãe. Ela já teve tempo para se acalmar e pensar melhor. Você não está mais de castigo. Vou fazer hora por uns trinta minutos depois da aula. Isso deve lhe dar tempo suficiente para terminar aqueles exercícios de trigonometria.

Estreitei os olhos em direção a ela, curiosa.

— Você anda fazendo truques da mente com minha mãe?

— Sabe o que acho? Você está com ciúme porque ela e eu ficamos amigas.

Ugh.

— Não é só matemática, Marcie. Também preciso pensar. Sobre o que aconteceu ontem à noite e como evitar que aquilo se repita. Não vou jurar lealdade — falei, decidida. — E não quero que nenhum outro nefilim jure também.

Marcie fez um som de irritação.

— Você é exatamente como meu pai. Pelo menos uma vez, deixe de ser tão...

— Nefilim? — completei. — Híbrida, esquisita, acidente da natureza? *Alvo?*

Marcie cerrou os punhos com tanta força que ficaram rosados por causa do sangue. Por fim, ela ergueu o queixo. Desafio e orgulho brilharam em seus olhos.

— Sim. Uma mutante, um monstro, um fenômeno. Assim como eu.

Ergui as sobrancelhas.

— Então é isso? Você finalmente vai aceitar o que é?

Ela abriu um sorriso quase tímido.

— Ah, mas que droga, vou sim.

— Gosto mais dessa sua versão — falei.

— Gosto mais dessa *sua* versão. — Marcie se levantou, pegando a bolsa na bancada. — Afinal, vamos ou não fazer compras?

***

Menos de duas horas depois do sinal da saída, Marcie tinha gastado quase quatrocentos dólares em um casaco de lã, uma calça jeans e alguns acessórios. Eu não tinha gastado quatrocentos dólares em todas as roupas que comprara naquele ano. Então me ocorreu que, se eu tivesse crescido na casa de Hank, também não pensaria duas vezes antes de gastar horrores no cartão de crédito a tarde inteira. Na verdade, eu teria um cartão de crédito.

Ela estava dirigindo, já que não queria ser vista usando meu carro, e, embora eu não a culpasse por isso, o recado tinha sido dado. Marcie tinha dinheiro, eu não. Hank havia deixado sua porcaria de exército para mim e a herança para ela. Injusto era pouco.

— Podemos fazer uma parada rápida? — perguntei a Marcie. — É meio fora do caminho, mas preciso pegar uma coisa com meu amigo Dante.

Eu me sentia enjoada só de pensar em ver fotos de Patch e Dabria, mas queria acabar logo com aquela dúvida. Não tinha paciência para esperar Dante entregá-las. E, como não dava para eu saber se ele já tinha feito isso, decidi ser proativa.

— Dante? Eu o conheço?

— Não. Ele não frequenta a escola. Pegue a próxima à direita, ele mora perto de Casco Bay — falei.

A ironia daquele momento não me passou despercebida. Durante o verão, eu acusara Patch de ter se envolvido com Marcie. Agora, apenas alguns meses depois, eu estava sentada ao lado dela, no carro dela, indo investigar a mesma história — só que com uma garota diferente.

Massageei o espaço entre os meus olhos com a base da mão. Talvez devesse deixar para lá. Talvez isso apenas mostrasse que eu era insegura e deveria confiar em Patch de maneira incondicional. O ponto era: eu *realmente* confiava nele.

Mas havia Dabria.

Além disso, se Patch fosse inocente, e eu esperava com todas as minhas forças que sim, não havia nenhum mal em olhar as fotos.

Marcie seguiu minhas instruções até a casa de Dante e fez um som de aprovação assim que viu a arquitetura.

— Esse seu amigo Dante tem estilo — disse ela, observando com atenção a casa ao estilo Rainha Ana atrás de uma grande área gramada.

— Alguns amigos deixaram para ele em testamento — expliquei. — Não precisa sair, só vou dar uma corrida até a porta e pegar o que preciso.

— Sem chance. Preciso ver o interior da casa — disse Marcie, descendo antes que eu pudesse impedi-la. — Dante tem namorada?

Ela empurrou os óculos escuros para o alto da cabeça, admirando ostensivamente a propriedade luxuosa de Dante.

Tem, *eu*, pensei. E obviamente eu estava fazendo um excelente trabalho em manter a farsa. Nem minha meia-irmã, que dormia no final do corredor da minha casa, sabia sobre meu "namorado".

Subimos até a varanda e toquei a campainha. Esperei, então toquei de novo. Coloquei as mãos em volta dos olhos e dei uma espiada pela janela da sala de estar na escuridão sombria. Que sorte a minha passar bem quando ele não estava em casa.

— Iu-hu! Vocês estão procurando pelo rapaz que morava aqui?

Marcie e eu nos viramos e vimos uma senhora idosa em pé na calçada. Ela usava pantufas e bobes cor-de-rosa no cabelo e trazia um cãozinho preto em uma correia.

— Estamos procurando por Dante — falei. — Você é vizinha dele?

— Vim morar com minha filha e o marido no começo do verão. No fim da rua — disse ela, fazendo um gesto para trás. — Meu marido, John, se foi, que Deus o tenha, e minha opção era ir para uma casa de repouso ou para a casa do meu genro. Ele nunca abaixa a tampa da privada.

O que ela está tagarelando?, perguntou Marcie por telepatia. *E nossa, esse cachorro precisa de um banho. Dá para sentir o cheiro*

dele daqui.

Forcei um sorriso gentil e desci os degraus da varanda.

— Meu nome é Nora Grey. Sou amiga do rapaz que mora aqui, Dante Matterazzi.

— Matterazzi? Eu sabia! Sabia que ele era italiano. Esse nome com certeza é italiano. Eles estão invadindo nossa costa — disse a mulher. — Quando menos esperar, estarei dividindo o muro do jardim com o próprio Mussolini.

Como se quisesse mostrar seu apoio, o cachorro deu um latido irritado de aprovação.

Marcie e eu trocamos um olhar, e ela fez um ar de enfado.

— Você viu Dante hoje? — perguntei à mulher.

— Hoje? Por que eu o veria hoje? Acabei de lhe dizer que ele se mudou. Faz dois dias. Foi no meio da noite, do jeito que um italiano faria. Furtivo e esperto como um mafioso siciliano. Aposto que está aprontando.

— Você deve estar enganada. Dante ainda mora aqui — falei, tentando manter um tom agradável.

— Ah! Aquele garoto é um caso perdido. Sempre foi muito reservado e era o menos sociável possível. Desde o dia em que se mudou. Sequer dizia olá. Um rapaz sorrateiro como aquele nesta vizinhança boa e respeitável. Não estava certo. Só passou um mês aqui, e não posso dizer que fiquei triste porque foi embora. Deviam ser proibidos inquilinos nesta vizinhança. Desvalorizam muito as casas.

— Dante não estava alugando. Ele é o dono da casa. Alguns amigos deixaram para ele em testamento.

— Foi o que ele lhe contou? — Ela balançou a cabeça, encarando-me com olhos azuis afiados como se eu fosse a maior idiota que o mundo já viu. — Meu genro é o dono desta casa. É da família dele há anos. Alugavam para temporada durante o verão, antes de a economia sofrer um colapso. Na época em que se podia faturar uma grana com turismo. Agora temos que alugar para mafiosos italianos.

— Você deve estar enganada... — comecei uma segunda vez.

— Dê uma olhada nos registros de propriedade! Eles não mentem. Não posso dizer o mesmo de italianos suspeitos.

O cachorro andava em círculos em volta das pernas da mulher, prendendo-a na correia. De vez em quando ele parava para soltar um rosnado gutural de alerta para mim e para Marcie. Então voltava a fungar e correr em círculos. A mulher se soltou e seguiu arrastando os pés pela calçada.

Observei-a se afastar. Dante era o dono daquela casa. Não estava alugando.

Uma sensação terrível tomou conta do meu peito. Se Dante tinha ido embora, como eu conseguiria mais da bebida preparada com as artes do mal? A minha estava quase acabando. Tinha o suficiente para um dia; dois, se economizasse.

— Bem, alguém está mentindo — disse Marcie. — Acho que é ela. Nunca confio em senhoras de idade. Principalmente as mal-humoradas.

Eu mal a ouvia. Tentei o celular de Dante, torcendo para ele atender, mas nada. Nem a caixa postal.

***

Ajudei Marcie a carregar suas sacolas de compras para dentro, e minha mãe desceu para nos encontrar.

— Um de seus amigos deixou isto aqui — disse ela, estendendo um envelope de papel pardo. — O nome dele era Dante, eu acho. Eu o conheço? — incitou ela.

Tentei não parecer tão ansiosa quando peguei o envelope.

— Ele é amigo de Scott — expliquei.

Minha mãe e Marcie ficaram de olho no envelope, observando-me, em expectativa.

— Provavelmente é só alguma coisa que ele quer que eu entregue a Scott — menti, sem querer atrair muita atenção para o caso.

— Ele parece mais velho do que os seus amigos. Não fico muito à vontade com a ideia de você sair com caras mais velhos — disse minha mãe, desconfiada.

— Como eu disse, ele é amigo de Scott — respondi evasivamente.

Em meu quarto, respirei fundo e rasguei o lacre do envelope. Peguei várias fotos ampliadas. Todas em preto e branco.

As primeiras fotos tinham sido tiradas à noite. Patch andando por uma rua deserta. Patch aparentemente de vigia em sua moto. Patch falando em um orelhão. Nada de novo ali, já que eu sabia que ele estava trabalhando dia e noite para descobrir quem chantageava Pepper.

A foto seguinte era de Patch e Dabria.

Estavam na nova picape preta Ford F-150 de Patch. Pequenos pingos de chuva brilhavam à luz do poste acima deles. Dabria estava com os braços em volta do pescoço de Patch, um sorriso tímido dançando em seus lábios. Estavam presos em um abraço, e Patch não parecia oferecer resistência.

Passei as últimas três fotos rapidamente. Meu estômago ficou embrulhado, e eu sabia que ia passar mal. *Um beijo.*

Dabria beijando Patch. Bem ali nas fotos.

C A P Í T U L O
25

Eu estava sentada no chão do banheiro, as costas apoiadas na porta do boxe, os joelhos erguidos. Mesmo com o aquecedor ligado, eu me sentia fria e úmida. Havia uma garrafa vazia da bebida preparada com as artes do mal caída ao meu lado. Era a última do meu suprimento. Mal me lembrava de tê-la bebido. Tinha tomado uma garrafa inteira, e ela não havia feito nada por mim. Nem ela conseguia me deixar imune ao desespero desalentador.

Eu confiava em Patch. Eu o amava demais para acreditar que ele me magoaria daquele jeito. Tinha que haver uma razão, uma explicação.

Uma explicação. A palavra ecoou na minha cabeça, vazia e provocadora.

Alguém bateu na porta.

— Temos que dividir isso aí, está lembrada? E minha bexiga é do tamanho da de um esquilo — disse Marcie.

Fiquei de pé lentamente. De todas as coisas absurdas com que me preocupar, me perguntei se Dabria beijava melhor. Se Patch desejava que eu fosse mais como ela. Esperta, fria, sofisticada. Fiquei pensando qual teria sido o exato momento em que ele voltou para ela. Me perguntei se ele não tinha terminado comigo ainda porque sabia como eu ficaria arrasada.

Ainda.

Um sentimento pesado de incerteza me oprimia.

Abri a porta e passei esbarrando em Marcie. Tinha dado cinco passos no corredor quando senti o olhar dela nas minhas costas.

— Você está bem? — perguntou.

— Não quero falar sobre isso.

— Ei, espere. Nora? Você está chorando?

Passei os dedos por baixo dos olhos, surpresa por descobrir que estivera chorando. Todo o momento pareceu estático e distante. Como se estivesse acontecendo muito longe, em um sonho.

— Vou sair — disse, sem me virar. — Você pode inventar uma desculpa para minha mãe? Posso não chegar cedo.

***

Parei uma vez a caminho da casa de Patch. Virei o Volkswagen repentinamente para a beira da estrada e entrei no acostamento. Estava completamente escuro e tão frio que desejei ter levado meu casaco. Não sabia o que diria quando o visse. Não queria ter um acesso de fúria. Também não queria me diminuir gritando.

Tinha levado as fotos comigo e, no fim, decidi que elas poderiam falar por si. Eu entregaria o pacote a ele e limitaria minhas perguntas a um sucinto “Por quê?”.

A fria indiferença que se depositara em mim como gelo se derreteu no instante em que vi o Bugatti de Dabria estacionado do lado de fora do condomínio de Patch. Parei o carro a meio quarteirão de distância, engolindo em seco. A raiva formou um bolo em minha garganta, e saí decidida do carro.

Coloquei minha chave na fechadura da casa e entrei. A única luz vinha de um abajur em uma mesinha de canto na sala de estar. Dabria estava andando perto da janela da varanda, mas parou quando me viu.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, visivelmente surpresa.

Balancei a cabeça com raiva.

— Não. Essa fala é minha. Esta é a casa do meu namorado, o que torna essa fala exclusivamente minha. Onde ele está? — perguntei, caminhando depressa para o corredor que levava ao quarto principal.

— Nem se dê o trabalho. Ele não está.

Virei-me de volta. Lancei para Dabria um olhar que era de incredulidade, repulsa e ameaça, tudo ao mesmo tempo.

— Então. O. Que. Você. Está. Fazendo. Aqui? — pronunciei cada palavra destacadamente.

Podia sentir a raiva fervendo dentro de mim, e não tentei abrandá-la. Dabria tinha pedido por isso.

— Estou em apuros, Nora. — O lábio dela tremeu.

— Eu não poderia ter dito isso melhor. — Atirei o envelope com as fotos, que caiu aos pés dela. — Como você se sente sabendo que é uma ladra de namorado? Isso faz você se sentir bem, Dabria? Tomar o que não lhe pertence? Ou você gosta mesmo é de destruir coisas boas?

Dabria se abaixou para pegar o envelope, mas manteve os olhos nos meus o tempo todo. Franziu o cenho com uma incerteza comedida. Não podia acreditar que ela tinha a audácia de agir como se não soubesse de nada.

— A picape de Patch — falei, furiosa. — Você e ele, algumas noites atrás nesta semana, juntos na picape dele. Você o *beijou*!

Ela desviou o olhar por tempo suficiente apenas para dar uma olhada dentro do envelope. Então o colocou sobre uma almofada do sofá.

— Você não entende...

— Ah, acho que entendo sim. Você não é tão difícil assim de decifrar. Você não tem nenhum senso de respeito ou dignidade. Toma o que quer, não pensa em ninguém. Queria Patch, e parece que conseguiu.

Minha voz falhou e meus olhos ardiam. Tentei controlar as lágrimas, mas elas vinham muito rápido.

— Estou em apuros porque cometi um erro enquanto fazia um favor para Patch — disse Dabria em uma voz suave e preocupada, claramente alheia a minhas acusações. — Patch me contou que Blakely está produzindo artes do mal para Dante, e que o laboratório precisa ser destruído. Disse que, se algum dia eu descobrisse informações que pudessem levá-lo a Blakely, ou ao laboratório, eu deveria imediatamente contar para ele.

“Algumas noites atrás, bem tarde, um grupo de nefilins me procurou, querendo que eu visse o futuro deles. Rapidamente descobri que trabalhavam como guarda-costas no exército do Mão Negra. Até aquela noite, eles tinham servido como seguranças para um nefilim muito poderoso e importante chamado Blakely. Com isso, eles ganharam minha atenção. Me contaram que seu trabalho era tedioso e monótono, e as horas, longas. Mais cedo naquela noite, eles tinham combinado de jogar pôquer para passar o tempo, muito embora jogos ou distrações de qualquer tipo fossem proibidos.

“Um dos homens deixou seu posto para comprar um baralho. Eles jogaram por apenas alguns minutos quando foram descobertos pelo comandante. Ele imediatamente os despediu e os dispensou desonrosamente do exército. O líder dos soldados demitidos, Hanoth, estava desesperado para conseguir o emprego de volta. Tinha família aqui e se preocupava com o sustento e a segurança deles, se fossem punidos ou banidos pelos crimes que cometera. Ele me procurou, esperando que eu pudesse lhe dizer se havia uma chance de ele conseguir o emprego de volta.

“Primeiro vi a sorte dele. Senti um impulso grande de dizer a verdade a Hanoth: que seu antigo comandante tinha mandado que ele fosse preso e torturado, e que ele deveria deixar a cidade com sua família imediatamente. Mas também sabia que, se fizesse isso, colocaria a perder a chance de encontrar Blakely. Então menti. Menti por Patch.

“Disse a Hanoth que ele deveria tratar de seu problema direto com Blakely. Falei que, se ele implorasse por clemência, Blakely o perdoaria. Sabia que, se Hanoth acreditasse em minha profecia, ele me levaria a Blakely. Queria fazer isso por Patch. Depois de tudo o que ele fez por mim, me dando uma segunda chance quando ninguém mais daria. — Seus olhos cheios de lágrimas piscaram em minha direção. — Era o mínimo que eu podia fazer. Eu o amo — declarou simplesmente, encontrando meu olhar duro, sem hesitar. — Sempre vou amar. Ele foi meu primeiro amor, e nunca vou esquecê-lo. Mas ele a ama agora. — Ela deu um suspiro

desanimado. — Talvez chegue um dia em que vocês dois não estejam mais tão envolvidos, e eu estarei esperando.

— Não conte com isso — rebati. — Continue falando. Chegue à parte em que você me explica essas fotos.

Dei uma olhada no envelope no sofá. Parecia ocupar um espaço muito grande da sala. Queria rasgar as fotos e jogar os pedacinhos na lareira.

— Hanoth parecia ter acreditado na minha mentira. Saiu com os homens dele, e eu os segui. Tomei todo tipo de cuidado para não ser notada. Eles estavam em maior número e, se me pegassem, eu sabia que estaria em grande perigo. Deixaram Coldwater, indo para noroeste. Eu os segui por mais de uma hora. Achei que devia estar chegando perto de Blakely. Estávamos nos afastando da cidade e já bem dentro do campo. Os nefilins pegaram uma estrada estreita, e eu os segui.

“Logo soube que havia algo errado. Eles pararam no meio da estrada. Quatro dos cinco desceram do carro. Senti que eles se espalharam a minha volta, pelos lados e por trás, criando uma rede na escuridão para me cercar. Não sei como perceberam que eu os seguira. Dirigi o tempo todo com os faróis desligados e fiquei tão para trás que quase os perdi de vista várias vezes. Temi que fosse tarde demais, mas fiz a única coisa que podia. Corri a pé em direção ao rio.

“Liguei para Patch e deixei uma mensagem, contando tudo para ele. Então nadei a favor da corrente do rio, esperando que a turbulência da água atrapalhasse a habilidade deles de me ouvir e me sentir. Eles se aproximaram várias vezes. Tive de sair do rio e correr pelo bosque. Não sabia dizer em que direção estava correndo. Mas, mesmo se eu conseguisse chegar a uma cidade, não estaria segura. Se alguém testemunhasse Hanoth e seus homens me atacando, os nefilins iriam simplesmente apagar a memória da pessoa. Então, corri o mais rápido e para o mais longe que pude.

“Quando Patch finalmente me ligou de volta, eu estava escondida em uma serraria abandonada. Não sabia por mais quanto tempo

poderia ter continuado a correr. Não muito. — Lágrimas brilhavam nos olhos dela. — Ele foi me ajudar. E me tirou de lá. Mesmo eu não tendo conseguido encontrar Blakely. — Ela ajeitou o cabelo atrás das orelhas e fungou. — Ele me levou de carro para Portland e arrumou um lugar seguro para eu ficar. Antes de sair da picape dele, eu o beijei. — Os olhos dela encontraram os meus. Não sabia dizer se eles brilhavam em desafio ou pedindo desculpa. — Fui eu que comecei, e ele logo se afastou. Sei o que parece ao olhar as fotos, mas foi minha maneira de agradecer. Tinha acabado antes mesmo de começar. Ele deixou isso bem claro.

Dabria fez um movimento brusco de repente, como se tivesse sido puxada por uma mão invisível. Seus olhos reviraram, deixando as partes brancas à mostra, depois voltaram ao azul ártico de costume.

— Se não acredita em mim, pergunte a Patch. Ele vai chegar em menos de um minuto.

CAPÍTULO 26

Nunca acreditei que Dabria tivesse mesmo o dom da presciência — pelo menos não depois de ter caído —, mas, recentemente, ela vinha sendo bem-sucedida em me convencer a mudar de opinião. Menos de um minuto depois, a porta da garagem de Patch se abriu com um zumbido baixo e ele surgiu no alto da escada. Parecia exausto — com linhas de cansaço marcando o rosto e o olhar embotado —, e ver Dabria e eu em confronto direto na sala de estar não melhorou seu ânimo.

Ele nos fitou com seus olhos escuros e observadores.

— Isso não me parece nada bom.

— Eu começo — disse Dabria, respirando fundo, irritada.

— Nem se atreva — rebati. Encarei Patch, deixando Dabria de fora da conversa. — Ela beijou você! E o Dante, que tem seguido você, a propósito, tirou fotos de tudo. Imagine minha surpresa quando dei de cara com *isso* mais cedo esta noite. Você por acaso chegou a pensar em me contar?

— Falei para ela que *eu* dei o beijo, e que você me afastou — protestou Dabria, a voz estridente.

— O que é que você ainda está fazendo aqui? — explodi com Dabria. — Isso é entre mim e Patch. Quer fazer o favor de ir embora logo?

— O que *você* está fazendo aqui? — Patch reiterou para Dabria, o tom mais duro.

— Eu... invadi — disparou ela. — Estava assustada. Não conseguia dormir. Não consigo parar de pensar em Hanoth e nos outros nefilins.

— Você *só pode* estar brincando — falei.

Olhei para Patch em busca de apoio, esperando que ele não fosse cair naquela farsa de “donzela em perigo”. Dabria tinha ido ali

naquela noite em busca de um tipo de conforto bem particular, e eu não aceitava isso. Nem um pouco.

— Volte para o esconderijo — Patch lhe ordenou. — Se ficasse lá, estaria segura. — Apesar do cansaço, as palavras dele foram ásperas. — Essa é a última vez que vou falar para você ficar escondida e se manter longe de encrencas.

— Por quanto tempo? — Dabria praticamente choramingou. — Fico muito sozinha lá. Todos os outros naquela casa são humanos. Eles me olham de um jeito estranho. — Então o encarou com ar suplicante. — Posso ajudá-lo. Dessa vez não vou cometer nenhum erro. Se me deixar ficar aqui...

— Vá logo — ordenou Patch rispidamente. — Você já arrumou bastante problema. Com Nora e com os nefilins que seguiu. Não dá para termos certeza de que conclusões eles tiraram, mas uma coisa é garantida: sabem que você está atrás de Blakely. E, se têm algum cérebro, também perceberam que você sabe por que Blakely é vital para a operação deles e o que ele anda fazendo no laboratório secreto, seja lá onde for. Não vou me surpreender se tiverem transferido toda a operação para outro lugar. E aí voltamos à estaca zero, nem um pouco mais perto de encontrar Blakely e acabar com as artes do mal — acrescentou, frustrado.

— Só estava tentando ajudar — sussurrou Dabria, os lábios tremendo.

Com um último olhar para Patch, que parecia o de uma cachorrinha que levou bronca, ela saiu.

Então ficamos sozinhos. Patch atravessou a sala sem hesitar, muito embora eu soubesse que minha fisionomia não era nada receptiva. Apoiou a testa na minha e fechou os olhos. Expirou, longa e demoradamente, como se estivesse sob o peso de uma força invisível.

— Sinto muito — disse ele em voz baixa, sinceramente arrependido.

As palavras amargas “Sente muito pelo beijo ou só por eu ter visto as fotos?” estavam na ponta da minha língua, prontas para

sair, mas eu as segurei. Estava cansada de também arrastar por aí meu próprio peso invisível — carregado de dúvida e ciúmes.

De tão intensa, a tristeza de Patch era quase tangível. Por mais que eu não gostasse de Dabria e não confiasse nela, não podia culpá-lo por salvá-la. Ele era melhor do que pensava. Eu suspeitava de que, tempos atrás, um Patch bem diferente teria reagido à situação de outra forma. Ele estava dando uma segunda chance a Dabria — algo pelo qual ele também lutava diariamente.

— Sinto muito também — murmurei no peito de Patch. Ele me envolveu com seus braços fortes. — Vi as fotos e nunca fiquei tão transtornada ou assustada. Pensar em perder você foi... inimaginável. Fiquei com tanta raiva dela! Ainda estou. Ela beijou você, e sabia que não devia. E tenho certeza de que vai tentar de novo.

— Ela não vai, porque vou deixar bem claro como devem ser as coisas entre nós a partir de agora. Dabria passou dos limites, e vou fazer com que ela pense duas vezes da próxima vez — disse Patch, decidido. Ele ergueu meu queixo e me beijou, deixando os lábios se demorarem nos meus. — Não esperava encontrar você em casa, mas, agora que está aqui, não tenho a menor intenção de deixá-la sair.

Uma onda quente e dolorosa de culpa se abateu sobre mim. Não podia ficar perto de Patch sem sentir minhas mentiras pairando entre nós. Eu tinha mentido para ele sobre as artes do mal. Ainda estava mentindo. Como pude fazer isso? Sentia o desprezo por mim mesma ferver em meu peito, com vergonha e repulsa. Queria confessar tudo, mas por onde começar? Eu tinha sido negligente demais, deixando as mentiras saírem de controle.

Abri a boca para lhe contar a verdade, mas tive a impressão de que mãos geladas deslizavam por meu pescoço e começavam a apertá-lo. Eu não conseguia falar. Mal podia respirar. Minha garganta se encheu de uma substância espessa, como da primeira vez que eu havia tomado as artes do mal. Uma voz estranha entrou em minha mente e tentou me persuadir.

Se eu contasse a Patch, ele nunca mais confiaria em mim. Nunca iria me perdoar. Eu só iria fazê-lo sofrer ainda mais se falasse. Precisava apenas esperar o Cheshvan passar, e então pararia de tomar a bebida azul. Só mais um pouco. Só mais algumas mentiras.

As mãos frias relaxaram. Inspirei o ar com dificuldade.

— Noite difícil? — perguntei a Patch na intenção de continuar a conversa, qualquer coisa a fim de esquecer minhas mentiras.

Ele suspirou.

— E nem um pouco mais perto de descobrir alguma informação sobre o chantageador de Pepper. Fico achando que só pode ser uma das pessoas que já investiguei, mas talvez esteja errado. Talvez seja outro. Alguém em quem eu não tenha pensado. Segui todas as pistas, até as que não pareciam muito prováveis. Pelo que descobri, todos que eu investiguei estão limpos.

— Existe alguma chance de Pepper ter inventado isso? Talvez ele não esteja sendo chantageado.

Era a primeira vez que eu pensava nisso. O tempo todo, tinha acreditado na história de Pepper, embora ele tivesse se provado tudo menos confiável.

Patch franziu o cenho.

— É possível, mas acho que não. Por que ele se daria o trabalho de inventar uma história tão elaborada?

— Porque precisa de uma desculpa para acorrentá-lo no inferno — sugeri baixinho, só então concluindo isso. — E se os arcanjos o encarregaram da tarefa? Ele falou que está aqui na Terra a mando deles, em uma missão. Não acreditei a princípio, mas e se for verdade? E se os arcanjos lhe deram a tarefa de acorrentar você no inferno? Não é segredo que é isso o que eles querem.

— Oficialmente, precisariam de um motivo para me acorrentar no inferno. — Patch passou a mão no queixo, pensativo. — A não ser que já tenham ido tão longe que não se importem mais em cumprir as leis. Acho mesmo que existem algumas maçãs podres no cesto, mas não acredito que todos os arcanjos tenham se corrompido.

— Se Pepper estiver encarregado de uma missão para uma pequena facção de arcanjos, e os outros descobrirem ou

desconfiarem de que há algo errado, quem o recrutou tem a desculpa perfeita: pode dizer que ele foi desonesto. Arrancariam as asas de Pepper antes que ele pudesse testemunhar e se livrariam do problema. Não me parece tão absurdo. Na verdade, parece o crime perfeito.

Patch ficou me olhando. A plausibilidade da minha teoria pareceu cair sobre nós como uma neblina fria.

— Você acha que um grupo de arcanjos mentirosos encarregou Pepper da missão de se livrar de mim para sempre — disse ele por fim, lentamente.

— Você conhecia Pepper antes de cair? Como ele era?

Patch balançou a cabeça.

— Conhecia, mas não muito bem. O mais certo é dizer que eu já tinha ouvido falar dele. Ele tinha fama de ser um liberal ferrenho, pouco rígido principalmente com as questões sociais. Não fico surpreso que tenha se deixado levar por apostas e jogatina, mas, se lembro bem, ele esteve envolvido em meu julgamento. Deve ter votado a favor de que eu fosse banido, o que é estranho, já que isso não bate com sua reputação.

— Acha que podemos fazer Pepper se voltar contra os arcanjos? A vida dupla pode ser parte do disfarce... mas, por outro lado, ele parece estar gostando um pouco demais dessa estada aqui embaixo. Se o pressionarmos direito, talvez ele fale. E se ele confessar que uma facção secreta de arcanjos o enviou aqui para acorrentar você no inferno, pelo menos vamos saber com o que estamos lidando.

Os lábios de Patch se comprimiram em um sorriso perigoso.

— Acho que está na hora de falar com Pepper.

Fiz que sim, concordando.

— Está certo. Mas dessa vez você vai ficar de fora. Não quero que chegue perto de Pepper de jeito nenhum. Por enquanto, temos de presumir que ele faria qualquer coisa para acorrentá-lo no inferno.

Patch franziu as sobrancelhas.

— O que você está propondo, Anjo?

— Vou me encontrar com Pepper. E Scott vai comigo. Nem pense em discutir — falei logo, antes que ele pudesse vetar a ideia. — Você tem levado Dabria como reforço em mais ocasiões do que eu gostaria. E sempre jura para mim que é uma manobra tática e nada mais. Bem, agora é minha vez. Vou levar Scott, e está decidido. Pelo que sei, Pepper não tem nenhum bilhete só de ida para o inferno com o nome do Scott.

A boca de Patch se estreitou e seus olhos escureceram, eu podia praticamente sentir a objeção irradiando dele. Patch não gostava nada de Scott, mas sabia que não poderia insistir, ou estaria sendo hipócrita.

— Você vai precisar de um plano perfeito — disse ele, por fim. — Não vou deixar que saia da minha vista se houver alguma chance de as coisas darem errado.

Sempre havia uma chance de tudo dar errado. Se eu tinha aprendido algo durante meu tempo com Patch era isso. Patch também aprendeu, e pensei se o argumento não seria parte de seu plano para me impedir de ir. De repente, me senti como a Cinderela, que ia perder o baile por causa de um detalhe técnico.

— Scott é mais forte do que você pensa — argumentei. — Ele vai cuidar para que nada me aconteça. Vou deixar claro que ele não pode contar a ninguém que você e eu ainda estamos juntos.

Os olhos de Patch pareciam ferver.

— E eu vou deixar claro que, se acontecer alguma coisa com um fio de cabelo seu, ele vai se ver comigo. Se ele tiver algum juízo, vai levar minhas palavras a sério.

Sorri, meio tensa.

— Então está decidido. Agora só precisamos de um plano.

***

A noite seguinte era um sábado. Depois de dizer à minha mãe que ia dormir na casa da Vee e que passaria o fim de semana lá, fui com Scott até a Bolsa do Diabo. Não estávamos interessados em música

ou bebidas, mas, sim, no porão. Já tinha ouvido boatos sobre aquele lugar, um paraíso florescente de jogos de azar, mas nunca entrara lá de verdade. Pelo que eu ouvia por aí, Pepper não podia dizer o mesmo. Patch tinha nos dado uma lista com os lugares que Pepper frequentava, e eu esperava que Scott e eu tivéssemos sorte na primeira tentativa.

Segui Scott até o bar, tentando parecer sofisticada e confiante. Ele mascava um chiclete, e, pelo que eu podia ver, estava relaxado e seguro como sempre. Eu, por outro lado, suava tanto que achei que precisasse de outro banho.

Eu tinha passado prancha no meu cabelo para ficar com um visual mais maduro. Acrescente a isso delineador líquido, batom, salto de dez centímetros e uma bolsa chique que peguei emprestada com Marcie, e eu parecia cinco anos mais velha. Não achava que Scott, com seu físico desenvolvido e intimidador, fosse ter alguma dificuldade para entrar. Ele usava pequenas argolas prateadas nas orelhas e, embora o cabelo castanho estivesse cortado bem curto, conseguia parecer ao mesmo tempo durão *e* bonito. Scott e eu éramos apenas amigos, mas eu via claramente o que tinha chamado a atenção de Vee. Dei o braço a ele, fingindo ser sua namorada, quando ele chamou o barman para conversar.

— Estamos procurando pelo Storky — Scott disse ao homem, chegando perto para manter a voz baixa.

O barman, que eu nunca tinha visto, virou para nós com um ar de quem não se deixa enganar. Olhei nos olhos dele, tentando me manter impassível. *Não pareça nervosa*, disse a mim mesma. *E o que quer que faça, não deixe transparecer que você tem algo a esconder.*

— Quem está procurando? — perguntou ele, por fim, rispidamente.

— Ouvimos falar que hoje é dia de apostas altas — disse Scott, mostrando um bolo de notas de cem bem-arrumadas dentro da carteira.

O barman deu de ombros e voltou a limpar o balcão.

— Não sei do que está falando.

Scott colocou uma das notas no bar, cobrindo-a com a mão. Então a deslizou para perto do barman.

— Que pena. Tem certeza de que a gente não pode convencê-lo a pensar melhor?

O barman deu uma olhada na nota de cem dólares.

— Já vi você por aí?

— Toco baixo na Serpentine. Também já joguei pôquer de Portland a Concord e Boston, e em todos os lugares entre um canto e outro.

O barman assentiu, como se o reconhecesse.

— É isso. Eu trabalhava à noite no Z Pool Hall em Springvale.

— Tenho boas lembranças de lá — disse Scott sem pestanejar. — Ganhei muito dinheiro. Perdi ainda mais. — Ele riu, como se compartilhasse uma piada com o barman.

Depois de olhar em volta para ter certeza de que não estava sendo vigiado, o barman deslizou a mão para perto da de Scott e pegou a nota.

— Preciso revistá-lo primeiro — disse ele. — Não é permitido levar armas lá para baixo.

— Sem problemas — respondeu Scott tranquilamente.

Comecei a suar ainda mais. Patch tinha nos avisado que procurariam por armas, facas e qualquer outro objeto afiado que pudesse ser usado para ferir alguém. Então tivemos de ser criativos. O cinto que prendia a calça de Scott, e estava escondido sob a blusa, era na verdade um chicote encantado com as artes do mal. Scott jurou de todas as formas que não estava ingerindo artes do mal e que nunca tinha ouvido falar da superbebida, mas achei que a gente podia usar o chicote encantado que ele pegara do carro de Dante, por um capricho. O chicote brilhava com aquele denunciador tom iridescente de azul, mas, desde que o barman não levantasse a blusa de Scott, estaríamos seguros.

O barman nos chamou, e então Scott e eu demos a volta no bar, fomos para trás de um biombo e levantamos os braços. Eu fui primeiro, e passei por uma revista rápida e superficial. Em seguida, o barman revistou Scott, passando a mão pela parte interna das

pernas da calça dele, embaixo dos braços e nas costas. A iluminação era fraca ali atrás, mas, apesar da blusa grossa de algodão de Scott, achei ter visto um brilho fraco do chicote através dela. O barman também pareceu ter visto. Ele franziu o cenho e estendeu a mão em direção à camisa de Scott.

Derrubei minha bolsa aos pés dele. Várias notas de cem dólares se espalharam. E, então, a atenção do barman se voltou para o dinheiro.

— Opa — falei, com um sorriso de flerte nos lábios enquanto guardava as notas. — Esse dinheiro está querendo fugir. Pronto para jogar, gato?

Gato?, ecoou Scott em meus pensamentos. *Que maravilha!* Ele sorriu e se inclinou para me beijar, com força, na boca. Fiquei tão surpresa que congelei.

Relaxe, falou ele na minha mente. *Estamos quase lá*.

Assenti de maneira imperceptível.

— Você vai ganhar muito dinheiro esta noite, amor, eu sinto isso — falei com voz melodiosa.

O barman abriu uma grande porta de aço e, pegando a mão de Scott, desci atrás dele por uma escadaria nada convidativa, que cheirava a mofo e a água parada. No final, seguimos por um corredor com várias curvas, até sairmos em um espaço aberto, decorado com escassas mesas de pôquer. Um pote de conserva transformado em lustre pendia sobre cada mesa, irradiando uma luz mínima. Nada de música, bebida, nem qualquer recepção calorosa e cordial.

Uma mesa estava sendo usada — quatro jogadores — e logo vi Pepper. Ele estava de costas e não se virou quando nos aproximamos. Não era de estranhar. Nenhum dos outros jogadores nos olhou também. Estavam todos concentrados nas cartas que tinham nas mãos. No meio da mesa, havia pilhas bem-arrumadas de fichas de pôquer. Não fazia ideia de quanto dinheiro estava em jogo, mas apostava que aqueles que perdessem iriam sentir profundamente.

— Estamos procurando Pepper Friberg — anunciou Scott.

Ele manteve o tom despreocupado, mas a maneira como seus músculos saltaram quando cruzou os braços passavam uma mensagem diferente.

— Lamento, meu bem, mas já estou comprometido para todas as danças desta noite — rebateu Pepper cinicamente, concentrado na mão que tinha recebido.

Observei-o com atenção, pensando que ele estava envolvido demais no jogo para aquilo ser só um disfarce. Na verdade, estava tão absorto que aparentemente não tinha se dado conta de que era eu ao lado de Scott.

Scott pegou uma cadeira de uma mesa próxima e colocou-a ao lado de Pepper.

— Bom, eu não danço muito bem mesmo. Seria melhor que você dançasse com... Nora Grey.

Então Pepper reagiu. Pousou as cartas viradas para baixo, girando o corpo atarracado para me ver com os próprios olhos.

— Oi, Pepper. Já faz algum tempo — falei. — Na última vez em que nos vimos, você tentou me sequestrar, não é mesmo?

— Sequestro é crime federal para nós, habitantes da Terra — disse Scott, antes que Pepper pudesse responder. — E algo me diz que também não é visto com bons olhos no céu.

— Fale baixo — rosnou Pepper, olhando assustado para os outros jogadores.

Ergui as sobrancelhas e falei com ele através dos pensamentos. *Você não contou aos seus amigos humanos o que realmente é? Se bem que não acredito que eles ficariam muito felizes em saber que seu talento no pôquer tem muito mais a ver com compulsão da mente do que sorte ou habilidade.*

— Vamos cuidar disso lá fora — Pepper falou comigo, saindo do jogo.

— Vamos lá — disse Scott, levando-o pelo cotovelo.

No beco atrás da Bolsa do Diabo, eu falei primeiro.

— Vamos simplificar as coisas para você, Pepper. Por mais divertido que tenha sido você tentar me usar para chegar a Patch,

para mim, chega. Pelo que entendi, a única maneira de acabar com isso é descobrindo quem realmente está chantageando você — falei, testando-o.

Queria lhe contar minha teoria de que ele estava bancando o garoto de recados para um grupo secreto de arcanjos e precisava de uma desculpa razoavelmente decente para mandar Patch para o inferno. Mas achei melhor não arriscar, então decidi me controlar e ver como ele reagiria.

Pepper estreitou os olhos, parecendo contrariado, mas também cético.

— Do que se trata?

— É aí que queremos chegar — respondeu Scott. — Estamos interessados em encontrar seu chantageador.

Pepper apertou ainda mais os olhos em direção a Scott.

— Quem é você?

— Pense em mim como a bomba-relógio embaixo do seu assento. Se não aceitar os termos de Nora, vou decidir isso por você. — Scott começou a enrolar as mangas da camisa.

— Está me ameaçando? — perguntou Pepper, incrédulo.

— Eis os meus termos — falei. — Vamos encontrar o chantageador e entregá-lo a você. O que queremos em troca é simples. Jure deixar Patch em paz. — Coloquei o cabo de uma faca na mão gorda de Pepper. — Um pouco de sangue e algumas palavras sinceras devem bastar.

Se eu conseguisse fazê-lo jurar, ele teria de voltar com o rabo entre as pernas até os arcanjos e confessar seu fracasso. Se ele se recusasse, isso só confirmaria minha teoria.

— Arcanjos não fazem juramentos de sangue — zombou Pepper.

Estou chegando perto, pensei.

— Mas atiram anjos caídos de quem não gostam no inferno? — perguntou Scott.

Pepper nos olhou como se fôssemos loucos.

— Do que vocês estão falando?

— Como se sente sendo um joguete dos arcanjos? — perguntei.

— O que eles ofereceram em troca? — indagou Scott.

— Os arcanjos não estão por aqui — falei. — Você não tem ninguém para ajudá-lo. Quer mesmo enfrentar Patch sozinho? — *Vamos lá, Pepper*, pensei. *Me diga o que eu quero ouvir. Que essa história inventada de chantagem é uma desculpa para se livrar de Patch a mando de um grupo de arcanjos desonestos.*

Pepper parecia cada vez mais espantado, e aproveitei-me de seu silêncio para atacar.

— Você vai fazer esse juramento agora mesmo, Pepper.

Scott e eu nos aproximamos ainda mais dele.

— Nada de juramento! — chiou Pepper. — Mas vou deixar Patch em paz, eu prometo!

— Se eu pudesse acreditar que você vai manter sua palavra — rebati. — O problema é que não acho que você seja um cara muito honesto. Na verdade, para mim toda essa história de chantagem é uma farsa.

Os olhos de Pepper se arregalaram quando ele entendeu. E parecia não conseguir acreditar, o rosto vermelho.

— Deixe-me ver se entendi. Vocês pensam que estou atrás de Patch porque acho que ele está me chantageando? — perguntou ele, por fim.

— É — respondeu Scott. — Isso mesmo.

— É por isso que ele se recusa a se encontrar comigo? Porque acha que quero acorrentá-lo no inferno? Eu não estava ameaçando Patch! — gritou Pepper, o rosto redondo ficando ainda mais vermelho. — Queria prestar um serviço a ele! É o que venho tentando dizer o tempo todo!

Scott e eu falamos ao mesmo tempo:

— Um serviço!

Trocamos rapidamente um olhar incrédulo.

— Você está falando a verdade? — perguntei a Pepper. — Tem realmente um serviço para Patch, e isso é tudo?

— É, sim, é só um serviço — resmungou Pepper. — O que você achou? Caramba, que confusão! Nada aconteceu como deveria.

— Qual é o serviço? — perguntei.

— Como se eu fosse lhe contar! Se você tivesse me ajudado a falar com Patch a tempo, eu não estaria nessa enrascada. Isso é tudo culpa sua. Minha oferta é para Patch, e só vou dizer a ele!

— Deixe-me ver se entendi direito — falei. — Não acha que Patch está chantageando você?

— Por que eu acharia isso se já sei quem está me chantageando? — rebateu ele, exasperado.

— Você sabe quem é o chantageador? — repetiu Scott.

Pepper me olhou com indignação.

— Tire esse nefilim da minha frente. Se eu sei quem anda me chantageando? — indagou impacientemente. — Claro! Vou me encontrar com ele esta noite. E você nunca adivinharia quem é.

— Quem? — perguntei.

— Há! Seria ótimo se eu pudesse lhe contar, não seria? O problema é que essa pessoa me fez jurar que não revelaria sua identidade. Não precisa nem tentar me fazer dizer alguma coisa. Meus lábios estão selados. Ele ficou de ligar para dizer o local do encontro vinte minutos antes do horário em que devo estar lá. Se eu não resolver essa bagunça logo, os arcanjos vão descobrir — acrescentou ele, torcendo as mãos.

Notei nele uma rápida mudança de comportamento: seu tom era de medo quando mencionou os outros arcanjos.

Tentei não me abalar. Aquele não era o movimento que eu esperava dele. Me perguntei se não seria uma tática para nos despistar ou nos atrair para uma armadilha. Mas o suor que pingava da testa dele e seu olhar desesperado pareciam verdadeiros. Ele queria acabar com aquilo tanto quanto nós.

— Meu chantageador quer que eu encante objetos usando os poderes celestes que todos os arcanjos possuem. — Pepper limpou a testa rosada com um lenço. — É por isso que está me chantageando.

— Que objetos? — perguntei.

Pepper balançou a cabeça.

— Ele vai levá-los para o encontro. Disse que se eu os encantar de acordo com as instruções dele, vai me deixar em paz. Ele não entende. Mesmo que eu encante os objetos, os poderes celestes só podem ser usados para o bem. Não importa que planos malignos ele tenha em mente, não vão dar certo.

— Mas você está pensando mesmo em fazer o que pediram? — perguntei, de forma reprovadora.

— Preciso que ele me deixe em paz! Os arcanjos não podem saber o que tenho feito. Serei banido. Vão arrancar minhas asas e será o fim. Vou ficar preso aqui para sempre.

— Precisamos de um plano — disse Scott. — Vinte minutos entre a ligação e o encontro não nos dão muita margem de manobra.

— Quando seu chantageador ligar, aceite se encontrar com ele — orientei Pepper. — Se ele lhe disser para ir sozinho, confirme. Pareça o mais obediente e disposto a cooperar possível, sem exagerar.

— E então o quê? — perguntou Pepper, movimentando os ombros e os braços como se quisesse arejar as axilas.

Tentei não ficar olhando. Nunca poderia imaginar que o primeiro arcanjo que eu viria a conhecer seria tão medroso e covarde. Completamente diferente dos arcanjos dos meus sonhos — poderosos, implacáveis, oniscientes e, talvez o mais importante, de comportamento exemplar.

Fixei meu olhar no de Pepper.

— E então Scott e eu iremos no seu lugar, pegaremos o chantageador e o entregaremos a você.

C A P Í T U L O
27

— O quê? Vocês não podem fazer isso! — disparou Pepper veementemente. — Ele não vai gostar e vai se recusar a resolver qualquer coisa comigo. Pior, pode ir direto até os arcanjos!

— Seu chantageador não vai resolver mais nada com você. De agora em diante, vai lidar diretamente conosco — falei. — Scott e eu vamos pegar os objetos que ele quer que sejam encantados, e podemos precisar de sua ajuda para avaliá-los. Se souber dizer para que acha que os usaria, a informação poderá ser valiosa.

— E como vou saber se posso confiar em vocês? — disse Pepper, protestando com voz aguda.

— Você ainda tem a chance de fazer um juramento de sangue... — Deixei que ele refletisse sobre a ideia. — Faço um juramento sobre minhas intenções, e você jura ficar longe de Patch. A menos, é claro, que ainda se ache bom demais para um juramento.

— Isso é terrível — disse Pepper, puxando a gola como se o sufocasse. — Que coisa enrolada...

— Scott e eu teremos uma equipe à espera no local. Nada vai dar errado — reassegurei a Pepper, então acrescentei uma rápida instrução para Scott em pensamento: *Mantenha-o calmo enquanto ligo para Patch, tudo bem?*

Caminhei até o fim do beco antes de fazer a ligação. Folhas secas passavam farfalhando pelos meus pés, e fechei mais o casaco na tentativa de me aquecer. Entre todas as noites possíveis para sair, eu tinha de escolher a mais fria. A geada cortava minha pele e fazia meu nariz escorrer.

— Sou eu. Estamos com Pepper.

Ouvi Patch suspirar aliviado.

— Não acho que a vida dupla seja uma farsa — prossegui. — Ele tem mesmo um problema com apostas. Também não acho que

esteja em uma missão dos arcanjos para acorrentá-lo no inferno. A princípio, ele podia estar aqui em uma missão, mas acabou deixando isso de lado para se entregar aos prazeres da vida humana. Agora a novidade: ele sabe que não é você quem o está chantageando. Esse tempo todo, Pepper estava tentando lhe propor um serviço.

— Que serviço?

— Ele não disse. Acho que desistiu. Tem problemas maiores com que se preocupar no momento. Ele tem um encontro marcado com o chantageador esta noite. — Não falei o restante, mas não deixei de pensar a respeito daquilo: eu tinha tanta certeza de que Dabria estava por trás daquilo, que podia apostar minha própria vida. — Ainda não sabemos o local e a hora em que vai acontecer o encontro. Quando o chantageador ligar para Pepper, teremos vinte minutos para agir. Vamos precisar ser rápidos.

— Acha que é uma armadilha?

— Acho que Pepper é um covarde e está feliz por irmos no lugar dele.

— Estou pronto — disse Patch severamente. — Assim que souber para onde estamos indo, encontro vocês lá. Me faça só mais um favor, Anjo.

— Pode falar.

— Quero você sã e salva quando isto tudo acabar.

***

O chantageador ligou cerca de dez minutos antes da meia-noite. Pepper não podia ter dado respostas melhores nem se tivesse ensaiado.

— Sim, eu vou sozinho. Sim, vou encantar os objetos. Sim, consigo chegar ao cemitério em vinte minutos.

No instante em que desligou, falei.

— Que cemitério? O de Coldwater?

Ele assentiu.

— No mausoléu. Devo esperar lá dentro por outras instruções.

Virei-me para Scott.

— Só há um mausoléu no cemitério da cidade. Fica perto do túmulo de meu pai. Nem nós poderíamos ter escolhido um lugar melhor. Há árvores e lápides por toda parte, e vai estar escuro. O chantageador não vai conseguir ver que é você no mausoléu, e não Pepper, até ser tarde demais.

Scott colocou o agasalho que vinha carregando a noite toda e puxou o capuz para cobrir a cabeça.

— Sou bem mais alto do que Pepper — disse ele, duvidando.

— Ande encurvado. Seu casaco é largo o suficiente para que ele não note a diferença a distância. — Olhei para Pepper. — Me dê o número de seu telefone. Deixe a linha desocupada. Vou ligar para você assim que pegarmos seu chantageador.

— Estou com um mau pressentimento — disse Pepper, limpando a palma das mãos na calça.

Scott levantou a beirada do agasalho para mostrar a Pepper seu cinto singular, que irradiava um brilho azul sobrenatural.

— Não vamos despreparados.

Pepper comprimiu os lábios, mas antes deixou escapar um gemido de reprovação.

— Artes do mal. Os arcanjos nunca podem saber que estive envolvido nisso.

— Assim que Scott imobilizar seu chantageador, Patch e eu entramos. Mais simples impossível — expliquei a Pepper.

— Como pode saber se ele também não vai levar reforços? — perguntou ele, em tom de desafio.

Uma imagem de Dabria passou pela minha mente. Ela só tinha um amigo, e isso eu dizia já sendo gentil. Que pena que esse amigo iria ajudar a derrubá-la esta noite. Mal podia esperar para ver o olhar no rosto dela quando Patch atirasse um objeto afiado e, com sorte, enferrujado, em suas cicatrizes de asas.

— Se vamos mesmo fazer isso, precisamos ir — disse Scott, dando uma olhada no relógio. — Contagem regressiva de quinze

minutos.

Agarrei a manga de Pepper antes que ele pudesse escapar.

— Não se esqueça da sua parte no acordo, Pepper. Quando pegarmos seu chantageador, você vai ficar longe de Patch.

Ele fez que sim seriamente.

— Deixarei Patch em paz. Você tem minha palavra. — Não gostei do brilho travesso que reluziu por um momento em seus olhos. — Mas não posso evitar que ele venha me procurar — acrescentou ele enigmaticamente.

C A P Í T U L O
28

Scott dirigiu o Barracuda pela cidade comigo a seu lado. O som do rádio estava baixo, tocando Radiohead. Eu via sua fisionomia séria e compenetrada aparecer e sumir à medida que ultrapassávamos os cones formados pela luz dos postes na rua. Ele dirigia com as duas mãos no volante, uma de cada lado.

— Nervoso? — perguntei.

— Não me insulte, Grey. — Ele sorriu, mas não foi um sorriso relaxado.

— Então. O que há entre você e Vee? — perguntei, tentando afastar nossos pensamentos do que estava por vir.

Não havia necessidade de pensar demais ou de ficar imaginando os piores cenário possíveis. Éramos Patch, Scott e eu contra Dabria. O embate não duraria mais do que alguns segundos.

— Não me venha com esse papo de mulherzinha.

— É uma pergunta válida.

Scott aumentou um pouco o volume do rádio.

— Não sou do tipo que beija e sai por aí contando.

— Então vocês *se beijaram*! — Ergui as sobrancelhas. — Mais alguma coisa que eu deva saber?

Ele quase sorriu.

— Absolutamente nada.

Na curva seguinte avistamos o cemitério, e ele falou, sinalizando com a cabeça naquela direção:

— Onde quer que eu estacione?

— Aqui. Vamos fazer o restante do caminho a pé.

Scott assentiu.

— Várias árvores. É fácil arrumar um lugar para se esconder. Você vai estar no estacionamento de cima? — perguntou ele.

— Assim tenho uma visão panorâmica. Patch vai ficar no portão sul. Não vamos perder você de vista.

— *Você* não vai.

Não fiz nenhum comentário sobre a rivalidade entre Patch e Scott. Patch tinha por Scott a mesma consideração que teria por uma cobra que podia esmagar com os pés, mas se tinha dito que estaria lá, era porque faria isso mesmo.

Saímos do Barracuda. Scott puxou o capuz para cobrir o rosto e curvou os ombros.

— Como estou?

— É o irmão gêmeo perdido de Pepper. Lembre-se: no minuto em que o chantageador entrar no mausoléu, algeme-o com o chicote. Vou esperar sua ligação.

Scott me cumprimentou batendo o punho dele no meu — para desejar boa sorte, imaginei —, então saiu a passos firmes em direção aos portões do cemitério. Vi quando ele os atravessou tranquilamente e desapareceu na escuridão.

Liguei para Patch. Depois de vários toques, a ligação caiu na caixa postal. Impacientemente, deixei uma mensagem.

— Scott já entrou. Estou seguindo para o meu posto. Ligue para mim assim que receber a mensagem. Preciso saber se você está a postos.

Desliguei, tremendo com as rajadas de vento gelado que agitavam os galhos desfolhados pelo outono e produziam um farfalhar sombrio. Escondi as mãos embaixo dos braços para aquecê-las. Algo não parecia certo. Patch não costumava ignorar ligações, principalmente as minhas, em situações de urgência. Queria falar desse imprevisto com Scott, mas ele já não estava mais à vista. Se eu fosse atrás dele, poderia colocar em risco a operação. Então subi depressa até o estacionamento, que ficava em uma colina diante do cemitério.

Uma vez em posição, lá no alto, olhei para as fileiras tortas de lápides que se erguiam do gramado tão escuro que parecia preto. Anjos de pedra com asas lascadas pareciam flutuar um pouco acima do chão. As nuvens tampavam a lua e duas das cinco

lâmpadas do estacionamento estavam apagadas. Lá embaixo, o mausoléu branco irradiava uma luminescência fraca e fantasmagórica.

Scott!, gritei em pensamento usando toda a minha energia mental. A única resposta foi o assobio do vento nas colinas, e presumi que ele estivesse fora de alcance. Não sabia o limite de distância em que eu podia me comunicar por pensamento, mas tudo indicava que Scott estava longe demais.

Um muro de pedra cercava o estacionamento e me agachei atrás dele, os olhos cravados no mausoléu. Um cachorro preto, grande e magro, pulou de repente por cima do muro e quase me fez cair para trás de susto. O animal esquálido virou a cabeça estreita e fixou os olhos ferozes em mim. Caminhou junto ao muro, parou para rosnar para mim, marcando território, e deu um salto, saindo do meu campo de visão. *Graças a Deus.*

Eu tinha uma visão mais apurada do que quando era humana, mas estava a uma distância do mausoléu que não me permitia identificar os detalhes como gostaria. A porta parecia estar fechada, mas isso fazia sentido. Scott devia ter fechado ao entrar.

Estava ansiosa esperando que Scott saísse arrastando Dabria, presa e indefesa. Os minutos se passavam. Mexi os quadris, tentando mudar o ponto de apoio e fazer o sangue circular em minhas pernas. Dei uma olhada no celular. Nenhuma ligação perdida. Só podia presumir que Patch estava cumprindo o plano e patrulhava o portão na parte sul do cemitério.

Um pensamento horrível me ocorreu. E se Dabria percebesse o disfarce de Scott? E se suspeitasse de que ele trouxera reforços? Senti meu estômago embrulhar. E se ela tivesse ligado para Pepper propondo um novo lugar para o encontro depois que Scott e eu saímos da Bolsa do Diabo? De um jeito ou de outro, Pepper poderia ter me ligado. Tínhamos trocado números de telefone.

Estava ocupada com esses pensamentos perturbadores quando o cão negro voltou, rosnando para mim de maneira assustadora, o som vindo da sombra do muro. Ele abaixou as orelhas e arqueou as costas ameaçadoramente.

— *Xô!* — falei, fazendo um gesto com a mão, tentando espantá-lo.

Dessa vez, ele arreganhou os dentes brancos e afiados, arrastando a pata na terra, feroz. Eu ia me afastar beirando o muro, até uma distância segura, quando...

Um fio quente chegou por trás de mim e se enrolou em minha garganta, impedindo-me de respirar. Agarrei-o, sentindo-o apertar cada vez mais. Eu tinha caído de costas, sacudindo as pernas. Pela visão periférica, notei uma estranha luz azul emanando do fio, que parecia queimar minha pele como se tivesse sido mergulhado em ácido. Bolhas surgiam nos meus dedos quando eles encostavam no fio, era uma tortura tocá-lo.

Meu agressor puxava o fio com mais força. Pontos de luz espocavam em meu campo de visão. *Uma emboscada.*

O cachorro preto continuava a latir e a saltar em círculos, furioso, mas a imagem começava a sumir rapidamente. Eu estava perdendo a consciência. Reuni todo o restante da minha energia e me concentrei no cachorro, incitando-o com o pensamento. *Vamos, morda! Morda quem está me atacando!*

Estava fraca demais para tentar um truque da mente em meu agressor, ele ia sentir que eu vasculhava desajeitadamente seus pensamentos. Embora eu nunca tivesse tentado fazer um truque da mente em um animal, o cachorro era menor que um nefilim ou um anjo caído, e, se era possível instigá-los a fazer algo, me parecia razoável que um animal um pouco menor exigisse menos esforço...

Ataque!, ordenei novamente ao cachorro em pensamento, sentindo minha mente deslizar para um túnel escuro e letárgico.

Para minha surpresa e espanto, o cachorro avançou depressa e cravou os dentes na perna do meu agressor. Ouvi o barulho agudo dos dentes encontrando o osso e o som gutural de uma voz masculina berrando um palavrão. A familiaridade da voz me assustou. Eu *conhecia* aquela voz. Eu *confiava* naquela voz.

Impelida pela traição e pela raiva, tomei uma atitude. A mordida do cachorro fora distração suficiente para o agressor afrouxar a pressão em meu pescoço. Segurei o fio com as duas mãos,

ignorando a ardência da queimadura, até conseguir arrancá-lo do pescoço e atirá-lo para o lado. O fio em forma de serpente caiu no cascalho e eu o reconheci no mesmo instante.

O chicote de Scott.

CAPÍTULO 29

Mas não era Scott quem estava me atacando.

Engasgada e ofegante enquanto o ar voltava aos pulmões, vi Dante se mover para me atacar e imediatamente me virei e golpeei-lhe a barriga com o pé. Ele foi lançado para trás e caiu no chão, surpreso.

Seu olhar no mesmo instante endureceu. O meu também. Parti para cima dele, prendendo-o no chão com meu peso, e, sem piedade, bati sua cabeça diversas vezes no chão. Não o bastante para fazê-lo desmaiar. Queria que ele ficasse atordoado, mas que ainda fosse capaz de falar. Eu tinha várias perguntas e queria as respostas *imediatamente*.

Traga o chicote, ordenei ao cachorro, transmitindo mentalmente uma imagem do objeto, para que entendesse a ordem.

O cão correu, obediente, até onde eu estava trazendo o chicote entre os dentes, e, ao que parecia, imune aos efeitos das artes do mal. Seria possível que aquele protótipo não pudesse feri-lo? De qualquer forma, eu mal podia acreditar. Conseguia *falar por pensamento* com os animais. Ou pelo menos com aquele.

Virei Dante de bruços e usei o chicote para algemá-lo. Ele gemeu em protesto.

Fiquei de pé e chutei as costelas dele para despertá-lo.

— É melhor que as primeiras palavras que saiam da sua boca sejam uma explicação — falei.

Com uma bochecha apertada contra o cascalho, os lábios dele se curvaram em um sorriso provocador.

— Não sabia que era você — disse ele, com tom inocente, debochando de mim.

Agachei-me e olhei bem em seus olhos.

— Se não quiser falar comigo, vou entregá-lo a Patch. Nós dois sabemos que isso seria bem mais desagradável.

— Patch. — Dante deu uma risada. — Ligue para ele. Vá em frente. Veja se ele atende.

Um medo congelante se agitou em meu peito.

— O que quer dizer com isso?

— Solte minhas mãos e talvez eu conte, com riqueza de detalhes, o que fiz com ele.

Dei-lhe um tapa na cara com tanta força que minha mão doeu.

— Onde está Patch? — perguntei de novo, tentando evitar que o pânico tomasse conta da minha voz; isso só serviria para divertir Dante.

— Quer saber o que fiz com Patch... ou com Patch *e* Scott?

Perdi o chão. Tinha sido uma emboscada. Dante tirara Patch e Scott de cena, e depois fora atrás de mim. Mas *por quê*?

Eu mesma montei o quebra-cabeças.

— Você está chantageando Pepper Friberg. É isso o que veio fazer aqui no cemitério, não é? Nem precisa responder. É a única explicação que faz sentido.

E eu achava que fosse Dabria. Se não tivesse ficado tão focada nisso, poderia ter enxergado melhor a situação, estaria aberta a outras hipóteses, talvez tivesse percebido os sinais de alerta...

Dante deu um suspiro longo e evasivo.

— Vou falar depois que você soltar minhas mãos. Nessa ordem.

Estava tão consumida pela raiva que fiquei surpresa ao sentir as lágrimas arderem em meus olhos. Tinha confiado em Dante. Tinha deixado que ele me treinasse e me aconselhasse. Tinha construído um relacionamento com ele. Passara a vê-lo como um dos meus aliados no mundo nefilim. Sem sua orientação, não teria alcançado nem a metade do que alcancei.

— Por que fez isso? Por que chantageou Pepper? *Por quê?* — gritei, enquanto Dante piscava para mim em um silêncio convencido.

Eu sequer tinha vontade de chutá-lo de novo. Mal conseguia ficar de pé, de tão devastada por aquela traição horrível e doída. Apoiei-

me no muro de pedra, respirando fundo para manter a cabeça no lugar. Meus joelhos bambearam. Senti um nó na garganta.

— Solte minhas mãos, Nora. Eu não ia machucar você, não de verdade. Precisava acalmá-la, só isso. Queria conversar e explicar o que estou fazendo e por quê. — Ele falava com confiança e tranquilidade, mas eu não ia cair em sua armadilha.

— Patch e Scott estão machucados? — perguntei.

Patch não sentia dor, mas isso não queria dizer que Dante não pudesse usar algum novo protótipo para lhe fazer mal.

— Não. Prendi os dois da mesma forma que você me prendeu. Estão irritados como eu jamais vi, mas não correm perigo imediato. As artes do mal não fazem bem a eles, mas podem resistir por mais algum tempo sem efeitos colaterais.

— Então você tem três minutos exatos para responder às minhas perguntas antes que eu vá atrás deles. Se não responder satisfatoriamente a todas elas, vou chamar os coiotes. Eles têm causado um grande transtorno por aqui, devorando gatos e cachorrinhos de estimação, principalmente com o inverno chegando e a comida escassa. Mas tenho certeza de que você assiste aos jornais.

Dante bufou.

— Do que você está falando?

— Posso falar com os animais em pensamento, Dante. Por isso o cachorro atacou exatamente quando precisei. Tenho certeza de que os coiotes não vão se importar de fazer um lanchinho. Não posso matar você, mas posso fazer com que se arrependa de ter mexido comigo. Primeira pergunta: Por que está chantageando Pepper Friberg? Nefilins não se metem com arcanjos.

Dante se encolheu de dor ao tentar se virar de costas.

— Pode soltar o chicote para termos uma conversa civilizada?

— Você atirou as boas maneiras pela janela no minuto em que tentou me estrangular.

— Preciso de bem mais do que três minutos para lhe contar o que está acontecendo — rebateu Dante, sem parecer nem um pouco preocupado com minha resposta ameaçadora.

Achei, então, que era hora de mostrar que eu estava falando a sério.

Comida, falei para o cachorro preto, que tinha ficado por perto e observava o desenrolar dos acontecimentos com interesse. Seu pelo não estava mais eriçado e pude ver que ele estava magro e faminto — e se eu precisasse de mais alguma evidência de sua fome, o caminhar ansioso e o constante lamber de lábios seriam suficientes. Para esclarecer minha ordem enviei mentalmente uma imagem de Dante, depois recuei, cedendo o direito sobre a presa. O cachorro trotou a passos largos e cravou os dentes na parte de trás do braço dele.

Dante xingou e tentou se soltar.

— Não podia deixar que Pepper estragasse meus planos! — despejou, finalmente. — Chame o cachorro!

— Que planos?

Dante se contorceu, encolhendo o ombro para se defender do animal.

— Pepper foi enviado à Terra pelos arcanjos para conduzir uma investigação completa sobre mim e Blakely.

Pensei no que ele me disse, depois assenti.

— Porque os arcanjos suspeitam de que as artes do mal não desapareceram com o Hank e de que vocês ainda as utilizam, mas querem ter certeza antes de tomar uma atitude. Faz sentido. Continue falando.

— Então eu precisava de algo para distrair Pepper, certo? Tire seu cachorro de cima de mim!

— Ainda não me contou por que está chantageando ele.

Dante se contorceu mais uma vez para tentar fugir das mordidas do meu mais novo cachorro preferido.

— Pode mandar esse bicho me largar?

— Quanto mais rápido você falar, mais cedo eu darei ao meu novo melhor amigo aqui alguma outra coisa para petiscar.

— Os anjos caídos precisam de Pepper para encantar uma série de objetos usando os poderes celestes. Eles sabem sobre as artes

do mal, e sabem que Blakely e eu as controlamos, então querem explorar os poderes celestes. Querem ter certeza de que os nefilins não terão nenhuma chance de vencer a guerra. *Eles* estão chantageando Pepper.

O.k. Isso também parecia plausível. Só havia mais uma coisa que não fazia sentido.

— Como você está metido nisso?

— Trabalho para os anjos caídos — disse ele, tão baixo que eu podia jurar que tinha ouvido errado.

Então me aproximei.

— Pode repetir isso?

— Sou um vendido, está bem? Os nefilins não vão vencer esta guerra — acrescentou de maneira defensiva. — De qualquer ângulo que você veja as coisas, no final os anjos caídos vão sair disso tudo por cima. E não só porque pretendem usar os poderes celestes. Os arcanjos são solidários aos anjos caídos. Os antigos laços prevalecem. Mas conosco é diferente. Os arcanjos consideram nossa raça uma abominação, sempre foi assim. Querem que a gente desapareça e, se for preciso ficar temporariamente ao lado dos anjos caídos para conseguirem isso, é o que vão fazer. Somente aqueles de nós que se aliaram aos anjos caídos desde o início terão alguma chance.

Eu o encarei, incapaz de digerir suas palavras. Dante Matterazzi, dormindo com o inimigo. O mesmo Dante que ficara ao lado do Mão Negra. O mesmo Dante que me treinara de maneira tão dedicada. Eu não conseguia entender.

— E quanto ao nosso exército nefilim? — falei, inflamada de raiva.

— Está condenado. Lá no fundo, você sabe disso. Não resta muito tempo, os anjos caídos vão agir e seremos lançados à guerra. Concordei em entregar a eles as artes do mal. Os anjos caídos terão os poderes celestes *e* do inferno, além do apoio dos arcanjos. A coisa toda não vai levar um dia. Se me ajudar a fazer com que Pepper encante os objetos, vou interceder por você. Vou cuidar para

que alguns dos anjos caídos mais influentes saibam que me ajudou e que é leal à causa.

Dei um passo atrás, enxergando Dante com outros olhos. Não sabia mais quem ele era. Para mim, naquele momento, não passava de um completo estranho.

— Eu não... Essa revolução toda... É tudo mentira? — finalmente consegui desabafar.

— É questão de sobrevivência — disse ele. — Fiz isso para me salvar.

— E o restante da raça nefilim? — bradei.

O silêncio de Dante me mostrou o quanto ele estava preocupado com o bem-estar da raça. Um dar de ombros indiferente não teria sido mais significativo. Dante estava naquilo por interesse próprio, fim de papo.

— Eles acreditam em você — falei, uma sensação horrível crescendo em meu peito. — Estão contando com você.

— Estão contando com *você*.

Eu me encolhi. O impacto da responsabilidade que pesava em meus ombros pareceu me esmagar naquele momento. Eu era a líder. Era o rosto daquela campanha. E agora meu assessor mais confiável estava desertando. Se antes o exército se apoiava em pernas frágeis, agora não podia mais confiar em um dos joelhos.

— Não pode fazer isso comigo — falei de maneira ameaçadora. — Vou entregá-lo. Vou contar para todo mundo o que você quer realmente fazer. Não sei tudo sobre a lei dos nefilins, mas tenho certeza de que eles têm suas diretrizes para tratar traidores e duvido que elas sejam imparciais!

— E quem vai acreditar em você? — argumentou Dante, simplesmente. — Se eu disser que a verdadeira traidora é você, em quem acha que eles vão acreditar?

Ele estava certo. Em quem os nefilins acreditariam? Na jovem e inexperiente impostora, alçada ao poder por seu falecido pai, ou no homem forte, capaz e carismático que tinha não só a aparência, como também as habilidades de um deus romano?

— Tenho fotos — disse Dante. — De você com Patch. De você com Pepper. Até algumas de você parecendo amiga da Dabria. Vou usar isso, Nora. Você é solidária à causa dos anjos caídos. É essa a história que vou contar. E eles vão acabar com você.

— Não pode fazer isso — falei, o ódio ardendo em meu peito.

— Você está entrando em um beco sem saída. Essa é sua última chance de voltar. Venha comigo. Você é mais forte do que pensa. Formaremos uma equipe imbatível. Eu poderia usar você...

Dei uma risada ríspida.

— Ah, já estou cansada de ser usada por você!

Tirei do muro uma pedra grande, para esmagá-la na cabeça dele, deixá-lo inconsciente e pedir a ajuda de Patch para decidir o que fazer em seguida, quando um sorriso cruel e ardiloso transformou as feições morenas de Dante, deixando-o, decididamente, mais parecido com um demônio do que com um mitológico deus romano.

— Que desperdício de talento — murmurou ele, em tom de censura.

Parecia muito senhor de si, principalmente considerando que era *eu* que o mantinha preso, e foi então que uma suspeita terrível começou a se formar em minha mente. O chicote que atava os pulsos dele não formava bolhas em sua pele, como tinha acontecido comigo. Na verdade, fora estar com a cara enfiada no cascalho, ele não parecia desconfortável.

O chicote se soltou, e em um instante Dante estava de pé.

— Acha mesmo que eu deixaria Blakely criar uma arma que pudesse ser usada contra mim? — zombou ele, o lábio superior se curvando sobre os dentes. Então estalou o chicote na minha direção. Um calor abrasador atingiu meu corpo e me lançou para o alto. Caí no chão com força, sem ar. Tonta por causa do impacto, recuei um pouco, tentando focalizar a visão em Dante.

— Talvez seja de seu interesse saber que pretendo assumir seu cargo como comandante do exército nefilim — disse ele, de maneira sarcástica. — Tenho o apoio de toda a raça dos anjos caídos. Planejo levar os nefilins direto para as mãos deles. E os nefilins não vão saber o que eu fiz até ser tarde demais.

A única razão de Dante me contar tudo aquilo era porque achava sinceramente que eu não tinha a menor chance de impedi-lo. Mas eu não ia jogar a toalha nem naquela hora, nem nunca.

— Você jurou a Hank que ia me ajudar a liderar esse exército em busca da liberdade, seu idiota arrogante! Se tentar roubar meu posto, nós dois sofreremos as consequências de quebrar nossos juramentos. Morte, Dante. E isso não é bem um problema insignificante — lembrei a ele cinicamente.

Dante riu de maneira debochada.

— Esse juramento não passou de uma grande e completa mentira. Quando falei aquilo, achei que poderia convencê-la a acreditar em mim. Não que eu precisasse me dar o trabalho. Os protótipos de artes do mal que lhe dei para ganhar sua confiança funcionaram perfeitamente.

Não havia tempo para eu assimilar o peso daquela decepção. O chicote voltou a me açoitar, queimando. Impelida unicamente pelo instinto de sobrevivência, escalei o muro, ouvindo o cachorro atrás de mim latir e atacar, e me joguei do outro lado. A colina escarpada, escorregadia com o orvalho, fez eu rolar e derrapar em direção às lápides lá embaixo.

CAPÍTULO 30

Na base da colina, olhei para o alto, mas não vi. O cachorro preto tinha saltado atrás de mim e me rodeava de um jeito que quase parecia preocupado. Consegui me sentar. Nuvens densas cobriam a lua, e eu tremia violentamente, sentindo na pele o frio cortante. De repente, me dei conta de onde estava e me levantei com um salto, corri pelo labirinto de túmulos em direção ao mausoléu. Para minha surpresa, o cachorro corria à frente, olhando para trás de vez em quando, como se quisesse ter certeza de que eu ainda o seguia.

— Scott! — gritei, abrindo com força a porta do mausoléu e disparando para dentro.

Não havia janelas. Eu não conseguia enxergar. Impaciente, estendi as mãos, tentando sentir o que havia em volta. Tropecei em um pequeno objeto e o ouvi rolar para longe. Fui tateando o chão frio de pedra e achei a lanterna que Scott tinha levado e obviamente deixara cair. Liguei-a.

Ali. No canto. Scott estava deitado de barriga para cima e olhos abertos, mas atordoado. Engatinhei até lá e mexi no chicote de brilho azulado até conseguir desprendê-lo. Scott gemeu de dor.

— Acho que Dante foi embora, mas continue atento — falei. — Tem um cachorro vigiando a porta. Está do nosso lado. Fique aqui até eu voltar. Preciso encontrar Patch.

Scott gemeu de novo, dessa vez xingando Dante.

— Eu não imaginava... — murmurou ele.

Então éramos dois.

Saí em disparada pelo cemitério, que já estava quase na mais completa escuridão. Abri caminho através de uma cerca-viva, criando meu próprio atalho até o estacionamento. Pulei a grade de ferro e corri direto para a picape preta parada e solitária no estacionamento.

Mesmo a vários metros de distância, já via a sinistra luz azulada brilhando através das janelas. Arrombei a porta e tirei Patch de lá, deitando-o no chão. Então comecei o trabalhoso processo de soltar o chicote que enrolava todo o peito dele, prendendo seus braços junto do corpo como um colete torturante. Seus olhos estavam fechados, e da pele emanava um fraco brilho azul. Finalmente consegui arrancar o chicote e jogá-lo para o lado, alheia às queimaduras em meus dedos.

— Patch — falei, sacudindo-o. Meus olhos se encheram de lágrimas e toda aquela emoção me deixou com um nó na garganta. — Acorde, Patch. — Eu o sacudi com mais força. — Você vai ficar bem. Dante foi embora e eu soltei o chicote. Por favor, acorde. — Falei, então, com firmeza: — Você vai ficar bem. Estamos juntos agora. Preciso que abra os olhos. Preciso saber se consegue me ouvir.

O corpo dele parecia febril. Senti o calor através das roupas e abri sua camisa. Fiquei sem ar ao ver as bolhas na pele onde o chicote estivera enrolado. As piores feridas tinham as bordas enroscadas e escurecidas, como papel chamuscado. Um maçarico teria produzido o mesmo estrago.

Eu sabia que ele não sentia nada daquilo, mas *eu* sentia. Trinquei os dentes, odiando Dante profundamente, enquanto as lágrimas desciam pelo meu rosto. Dante tinha cometido um erro enorme e imperdoável. Patch era tudo para mim, e se as artes do mal deixassem nele qualquer dano permanente, eu cuidaria para que Dante se arrependesse daquilo pelo resto da vida, o que, dependendo de mim, não seria muito tempo. Mas minha raiva crescente foi colocada de lado pela forte angústia que sentia por causa de Patch. A tristeza, a culpa e uma preocupação enorme tomaram conta de mim.

— Por favor — sussurrei, a voz falhando. — Por favor, Patch, acorde — implorei, beijando a boca dele e desejando que isso pudesse despertá-lo como em um milagre.

Sacudi a cabeça com força para afastar os pensamentos ruins. Não ia deixar que ganhassem forma. Patch era um anjo caído. Não

podia se ferir. Não daquele jeito. Não importava quão poderosas fossem as artes do mal — elas não podiam causar nenhum dano permanente em Patch.

Senti os dedos dele apertarem os meus um pouco antes de sua voz grave vibrar bem fraca em minha mente. *Anjo*.

Ao ouvir essa única palavra, meu coração saltou de alegria. *Estou aqui! Estou aqui! Amo você, Patch. Amo tanto!*, falei, soluçando. Antes que eu pudesse me conter, colei minha boca à dele de novo. Eu estava montada em seus quadris, os cotovelos apoiados de cada lado de sua cabeça. Não queria machucá-lo ainda mais, mas fui incapaz de me conter e o abracei. Então, inesperadamente, Patch me envolveu em seus braços com tanta força que desabei em cima dele.

— Vou machucar você! — gritei, tentando sair de cima dele. — As artes do mal... Sua pele...

— Você é exatamente o que preciso para me sentir melhor, Anjo — murmurou ele, encontrando minha boca e interrompendo de vez meu protesto.

Seus olhos estavam fechados, linhas de exaustão e estresse contraíam suas feições, e ainda assim ele me beijou de um jeito que conseguiu afastar todas as minhas preocupações. Relaxei e me deixei cair sobre seu corpo comprido e esguio. A mão quente e firme correu por minhas costas, levantando a blusa, enquanto ele me abraçava bem apertado.

— Estava apavorada, com medo do que podia ter acontecido com você — desabafei.

— Eu também estava assustado e pensando a mesma coisa sobre *você*.

— As artes do mal... — comecei.

Patch expirou embaixo de mim e meu corpo afundou com o dele. Sua respiração transmitia alívio e emoção à flor da pele. Seus olhos, profundamente sinceros, encontraram os meus.

— Minha pele pode ser substituída. Mas você não, Anjo. Quando Dante saiu, achei que fosse o fim. Achei que tivesse falhado com você. Nunca na vida rezei tanto.

Pisquei para tentar conter as lágrimas que cintilavam em meus cílios.

— Se ele tivesse tirado você de mim...

Eu estava engasgada demais para concluir o pensamento.

— Dante tentou tirar você de mim, e isso é motivo suficiente para eu querer ele morto. Ele não vai escapar dessa. Eu o perdoei por vários pequenos erros, tentando ser civilizado e compreensivo por causa do papel que você tem como líder do exército do predecessor dele, mas esta noite ele quebrou as velhas regras. Usou as artes do mal em mim. Não lhe devo mais nenhuma gentileza. Na próxima vez que nos encontrarmos, vamos jogar pelas minhas regras.

Apesar do cansaço evidente em cada nó de tensão do corpo de Patch, a determinação em sua voz não tinha nenhuma hesitação ou compaixão.

— Ele está trabalhando para os anjos caídos, Patch. Estão com ele na palma da mão.

Nunca tinha visto Patch parecer tão surpreso quanto naquele momento. Seus olhos negros dilataram enquanto ele tentava absorver a novidade.

— Ele disse isso?

Assenti, séria.

— Falou que não há como os nefilins saírem da guerra por cima. Apesar de todas as palavras convincentes, contraditórias e cheias de esperança que vem pregando para os nefilins... — acrescentei amargamente.

— Dante disse o nome dos anjos caídos envolvidos?

— Não. Ele está nessa para salvar a própria pele, Patch. Falou que quando chegar a hora da verdade os arcanjos ficarão do lado dos anjos caídos. Afinal, o passado que têm em comum vai falar mais alto. É difícil virar as costas para quem tem seu sangue, mesmo que seja um sangue ruim. E tem mais... — Respirei fundo. — A próxima jogada de Dante é roubar meu posto de líder do exército do Mão Negra e levar os nefilins direto para as mãos dos anjos caídos.

Patch estava estarrecido e em silêncio, mas eu podia perceber os pensamentos a mil por trás dos seus olhos negros, que demonstravam certa tensão. Ele sabia, como eu, que se Dante conseguisse me tirar do poder, meu juramento para Hank seria quebrado. E isso representaria para mim apenas uma coisa: morte.

— É Dante também que está chantageando Pepper — falei.

Patch assentiu brevemente.

— Imaginei isso quando caí na emboscada. Como Scott se saiu?

— Ele está no mausoléu, com um cachorro de rua incrivelmente esperto tomando conta dele.

Patch ergueu as sobrancelhas.

— Devo perguntar?

— Acho que o cachorro está disputando sua vaga como meu anjo da guarda. Ele conseguiu espantar Dante e é a única razão de eu ter escapado.

Patch passou o dedo pela minha maçã do rosto.

— Vou ter que agradecer a ele por salvar minha garota.

Apesar das circunstâncias, eu sorri.

— Você vai adorá-lo. Vocês dois têm o mesmo senso de moda.

***

Duas horas depois, estacionei a picape na garagem de Patch. Ele estava no banco do carona, curvado, abatido, o mesmo tom de azul ainda irradiando de sua pele. Patch abria seu sorriso preguiçoso quando falava, mas eu podia ver que isso exigia esforço. Era só para me deixar tranquila. As artes do mal o tinham enfraquecido, mas ninguém sabia por quanto tempo. Fiquei feliz por Dante ter ido embora naquela hora. Acho que tinha que agradecer ao meu mais novo amigo canino por isso. Se Dante tivesse ficado por ali para acabar o que havia começado, todos teríamos corrido um perigo maior do que acho que poderíamos ter enfrentado, e não sei se escaparíamos. Mais uma vez, era grata àquele cachorro preto.

Corajoso e assustadoramente inteligente, e leal ao ponto de até quase se colocar em risco.

Patch e eu tínhamos ficado no cemitério com Scott até ele se recuperar o suficiente para dirigir até em casa. Quanto ao cachorro preto, apesar de várias tentativas de nos livrarmos dele, incluindo tirá-lo a força da traseira da picape de Patch, ele continuou pulando para dentro. Acabamos desistindo, e o levamos conosco. Ia deixá-lo no abrigo de animais *depois* de dormir o bastante para voltar a pensar com clareza.

Por mais que eu quisesse desabar sobre Patch no momento em que entramos em casa, tínhamos trabalho a fazer. Dante ainda estava dois passos a nossa frente. Se descansássemos antes de tentarmos nos defender, seria melhor levantar logo uma bandeira branca e nos rendermos.

Eu andava de um lado para outro na cozinha de Patch, as mãos entrelaçadas na nuca como se, com esse gesto, pudesse extrair da mente o próximo passo brilhante que deveríamos dar. O que Dante estaria pensando naquele momento? Qual seria o próximo passo *dele*? Tinha ameaçado acabar comigo se eu o acusasse de traição, então no mínimo considerava que eu poderia tentar. Isso significava que ele provavelmente estava fazendo uma coisa ou outra: inventando o álibi perfeito ou, o que era mais preocupante, adiantando-se e começando a espalhar a notícia de que *eu* era a traidora. Congelei no momento em que pensei nisso.

— Comece do começo — disse Patch, do sofá. Sua voz estava baixa por causa do cansaço, mas os olhos ardiam de raiva. Colocou um travesseiro sob a cabeça e dirigiu toda a sua atenção a mim. — Conte exatamente o que aconteceu.

— Quando Dante me contou que estava trabalhando para os anjos caídos, ameacei denunciá-lo, mas ele apenas riu, dizendo que ninguém acreditaria em mim.

— Não mesmo — concordou Patch francamente.

Apoiei a cabeça na parede, suspirando frustrada.

— Depois ele me disse que planeja assumir como novo líder. Os nefilins o adoram. E queriam que ele fosse o líder. Vejo isso em

seus olhos. Não vai importar quão veementemente eu tente avisá-los. Vão recebê-lo de braços abertos como novo líder. Não vejo solução. Ele nos venceu.

Patch não respondeu imediatamente. Depois disse, em voz baixa:

— Se atacar Dante publicamente, dará aos nefilins uma desculpa para se voltarem contra você, é verdade. A tensão é grande, e eles estão em busca de uma válvula de escape para tanta incerteza. E é por isso que nossa jogada não será denunciar Dante.

— Então o que vamos fazer? — perguntei, virando-me para olhá-lo.

Estava óbvio que Patch tinha uma ideia, mas eu não conseguia imaginar qual era.

— Vamos deixar que Pepper cuide de Dante para nós.

Examinei com cuidado a lógica de Patch.

— E Pepper fará isso porque não pode correr o risco de Dante denunciá-lo aos arcanjos? Mas então por que Pepper já não deu um sumiço em Dante?

— Ele não vai sujar as próprias mãos. Não quer deixar um rastro que leve os arcanjos até ele. — Patch fechou a cara, franzindo as sobrancelhas. — Estou começando a ter uma ideia do que Pepper queria de mim.

— Acha que Pepper esperava que você pudesse fazer Dante desaparecer para ele? Era esse o tal serviço de que ele tanto falava?

Os olhos pretos de Patch olharam bem fundo nos meus.

— Só há um modo de descobrir.

— Eu tenho o número de Pepper. Vou marcar um encontro agora mesmo — falei, com repulsa.

E eu achava que Pepper não pudesse se rebaixar ainda mais. Em vez de cuidar de seus próprios problemas, o covarde tinha tentado jogar o perigo para cima de Patch.

— Você sabe, Anjo, que ele tem algo que pode ser útil para nós — acrescentou Patch, ponderando. — Algo que podemos convencê-

lo a roubar do céu, se jogarmos direito. Tenho tentado evitar a guerra, mas talvez esteja na hora de lutar. Vamos acabar com isso. Se derrotar os anjos caídos, seu juramento estará cumprido. — O olhar dele encontrou o meu. — E estaremos livres. Juntos. Nada mais de guerra, nada mais de Cheshvan.

Comecei a me perguntar no que ele estava pensando, quando a resposta óbvia me veio à cabeça. Era inacreditável que eu não tivesse pensado naquilo antes. Pepper tinha mesmo acesso a algo que nos daria poder de barganha com os anjos caídos — e que faria os nefilins acreditarem em mim. Mas, por outro lado, queríamos mesmo seguir por aquele caminho? Era nosso direito colocar toda a população de anjos caídos em tamanho risco?

— Não sei não, Patch...

Ele se levantou e pegou a jaqueta de couro.

— Ligue para Pepper. Vamos nos encontrar com ele agora.

***

O estacionamento atrás do posto de gasolina estava vazio. O céu estava escuro, assim como as janelas engorduradas da loja. Patch parou a moto e nós descemos. Uma figura pequena e gorducha saiu das sombras com um andar gingado de pato e, depois de olhar ao redor, apreensivo, correu em nossa direção.

Pepper lançou um olhar de superioridade para Patch.

— Está bem acabado, meu amigo. Parece que a vida na Terra não tem sido muito boa para você.

Patch ignorou o insulto.

— Sabemos que é Dante quem chantageia você.

— Sim, sim, Dante. Aquele porco imundo. Diga algo que eu não saiba.

— Quero ouvir sobre o serviço que você quer me propor.

Pepper tamborilou as pontas dos dedos, o olhar astuto fixo nos olhos de Patch.

— Sei que você e sua namorada aqui mataram Hank Millar. Preciso de alguém assim, implacável.

— Tivemos ajuda. Os arcanjos — lembrou-lhe Patch.

— Sou um arcanjo — retrucou Pepper, irritado. — Quero Dante morto, e vou lhe dar as ferramentas para isso.

Patch assentiu.

— Claro. Pelo preço justo.

Pepper piscou, surpreso. Achei que ele não esperava chegar a um acordo tão facilmente. Ele pigarreou.

— O que tem em mente?

Patch olhou para mim, e eu inclinei a cabeça. Estava na hora de tirar o tradicional ás da manga. Com pouco tempo para pensar, Patch e eu decidimos que era uma carta que não podíamos deixar de jogar.

— Queremos acesso às penas de todos os anjos caídos que estão guardadas no céu — anunciei.

O sorriso afetado e pomposo sumiu do rosto de Pepper, e ele deu uma fria e estrondosa gargalhada.

— Vocês ficaram malucos? Não posso lhes dar isso. Seria necessário todo um conselho para liberar aquelas penas. E o que estão planejando fazer? Queimá-las? Mandariam todos os anjos caídos da Terra para o inferno!

— Você ficaria assim, tão desapontado? — perguntei a ele em tom sério.

— E quem liga para o que eu acho? — resmungou ele. — Existem regras. Procedimentos. Somente os anjos caídos que cometem um crime grave ou alguma violação contra a humanidade são mandados para o inferno.

— Você não tem opção — declarou Patch friamente. — Nós dois sabemos que pode pegar as penas. Sabe onde ficam guardadas e o procedimento para liberá-las. Você tem tudo o que é necessário. Invente um plano e o ponha em prática. É isso ou tentar a sorte contra Dante.

— Uma pena, talvez, mas milhares? Nunca vou conseguir! — protestou Pepper, a voz estridente.

Patch caminhou até ele, e Pepper se encolheu de medo e ergueu os braços para proteger o rosto.

— Olhe em volta — disse Patch com a voz baixa e ameaçadora. — Este não é o lugar que você gostaria de chamar de lar, é? Você será o anjo caído mais novo, e eles farão com que se lembre disso. Você não vai aguentar uma semana de iniciação.

— I-i-iniciação?

O olhar negro de Patch me causou calafrios.

— O-o-o que eu faço? — choramingou Pepper, baixinho. — Não posso passar por uma iniciação. Não posso viver na Terra em tempo integral. Preciso poder voltar para o céu quando quiser.

— Consiga as penas.

— Não p-p-posso fazer isso — disse Pepper aos soluços.

— Você não tem escolha. Vai conseguir as penas e eu vou matar Dante. Você já planejou essa parte?

Pepper assentiu, deprimido:

— Vou lhe trazer uma adaga especial, que vai matar Dante. Se os arcanjos forem atrás de você, e você tentar me dedurar, a adaga o fará cortar a própria língua. Eu a encantei. A arma não o deixará me trair.

— É justo.

— Se levarmos isto adiante, você não poderá entrar em contato comigo. Não enquanto eu estiver no céu. Todo tipo de comunicação fica proibido até que eu termine. Se eu conseguir terminar... — resmungou, arrasado. — Avisarei a vocês quando estiver com as penas.

— Precisamos delas até amanhã — falei para Pepper.

— Amanhã? — protestou ele. — Tem noção do que está pedindo?

— Segunda-feira, no máximo — disse Patch, sem deixar espaço para concessões.

Pepper fez que sim, incomodado.

— Vou pegar todas que conseguir.

— Você precisa esvaziar o estoque — falei para ele. — Esse é o nosso acordo.

Pepper engoliu em seco.

— Todas elas, até não restar nada?

Sim, era a ideia. Se Pepper conseguisse pegar as penas, os nefilins teriam uma chance de vencer toda a guerra com uma única cajadada. Como não podíamos acorrentar pessoalmente os anjos caídos no inferno, deixaríamos que o calcanhar de aquiles deles — suas antigas penas angelicais — fizesse isso por nós. Cada anjo caído poderia fazer sua escolha: liberar seu vassalo nefilim do juramento e fazer uma promessa de paz, ou encontrar um novo lar em um lugar muito mais quente do que Coldwater, no Maine.

Se nosso plano desse certo, não haveria problema se Dante me acusasse de traição. Vencida a guerra, nada mais importaria para os nefilins. E, apesar da falta de confiança que eles tinham em mim, eu *queria* vencer essa guerra por eles. Era a coisa certa a fazer.

Encarei o olhar de Pepper da forma mais dura que pude.

— Todas elas.

CAPÍTULO
31

Scott me ligou assim que voltamos à casa de Patch. Já era domingo, pouco depois das três da manhã. Patch fechou a porta da frente quando entramos, e eu coloquei o telefone no viva-voz.

— Acho que temos um problema — disse Scott. — Vários amigos me mandaram mensagens de texto dizendo que Dante vai fazer um pronunciamento público para os nefilins hoje à noite, no Delphic, depois que fechar. Parece que... acabei de receber mais uma. Após o que aconteceu esta madrugada, mais alguém acha isso estranho?

Patch xingou.

Tentei permanecer calma, mas minha visão estava turva.

— Todos estão especulando e há várias teorias — continuou Scott. — Você tem alguma ideia do que se trata? Aquele idiota fingia ser seu namorado e, de repente, esta madrugada, *bum*. E agora isso.

Coloquei a mão na parede em busca de apoio. Minha cabeça girava e os joelhos tremiam. Patch pegou o telefone de minha mão.

— Ela liga para você depois, Scott. Se ouvir mais alguma coisa, avise.

Afundei no sofá de Patch. Coloquei a cabeça entre os joelhos e respirei rápido várias vezes.

— Ele vai me acusar publicamente de traição. Hoje à noite.

— Vai — concordou Patch.

— Vão me mandar para a prisão. Vão me torturar para que eu confesse.

Patch se ajoelhou à minha frente e colocou as mãos nos meus quadris de maneira protetora.

— Olhe para mim, Anjo.

Meu cérebro foi automaticamente acionado.

— Precisamos falar com Pepper. Vamos precisar da adaga mais cedo do que pensávamos. Temos que matar Dante antes do anoitecer. — Um soluço sacudiu meu peito. — E se não conseguirmos a adaga a tempo?

Patch apoiou minha cabeça em seu peito, massageando suavemente minha nuca, tão contraída que parecia que os músculos iam arrebentar.

— Você acha que vou deixar encostarem um único dedo em você? — disse ele com a mesma voz suave.

— Ah, Patch! — Lancei meus braços em volta de seu pescoço, as lágrimas esquentando minha face. — O que vamos fazer?

Patch virou meu rosto para que eu olhasse para ele. Passou os polegares embaixo dos meus olhos, secando as lágrimas.

— Pepper vai conseguir. Ele vai me trazer a adaga e eu vou matar Dante. Você vai pegar as penas e vencer a guerra. E então vou levá-la embora daqui. Para algum lugar onde nunca mais ouviremos as palavras Cheshvan ou guerra.

Parecia que ele queria acreditar naquilo, mas sua voz vacilava um pouco.

— Pepper prometeu nos entregar a adaga e as penas na segunda, à meia-noite. Mas e quanto ao pronunciamento de Dante esta noite? Não podemos detê-lo. Pepper tem que trazer a adaga antes. Precisamos arrumar uma forma de entrar em contato com ele. Temos que arriscar.

Patch ficou em silêncio, passando os dedos pela boca de maneira pensativa. Por fim, disse:

— Pepper não pode resolver o problema desta noite. Vamos ter que fazer isso sozinhos. — Patch ergueu os olhos, inflexíveis e determinados, até os meus. — Você vai convocar uma reunião urgente e obrigatória com os nefilins mais proeminentes. Marque-a para hoje à noite e vai abafar o burburinho causado por Dante. Todos estão esperando que você dê início a uma ofensiva, que nos lance à guerra, e vão achar que é isso mesmo: seu primeiro ato militar. Seu pronunciamento vai suplantar o de Dante. Os nefilins vão comparecer e ele também, por curiosidade.

“Diante de todos, você vai deixar bem claro que sabe da existência de facções a favor de colocar Dante no poder. Então vai lhes dizer que irá pôr fim a todas as dúvidas deles, de uma vez por todas. Convença-os de que quer liderá-los e de que sabe que é capaz de fazer um trabalho melhor do que o de Dante. E então o desafie para um duelo pelo poder.

Encarei Patch, confusa e hesitante.

— Um duelo? Com Dante? Não posso lutar contra ele... Dante vai vencer.

— Se conseguirmos adiar o duelo até Pepper voltar, terá sido só um recurso para manter Dante quieto e nos garantir mais tempo.

— E se não conseguirmos adiar?

Patch me dirigiu um olhar penetrante, mas não respondeu à pergunta.

— Precisamos agir agora. Se Dante descobrir que você também tem algo a dizer, vai adiar os planos dele até saber o que você está tramando. Ele não tem nada a perder. Sabe que se você denunciá-lo publicamente no Delphic tudo o que ele precisará fazer será acusá-la de volta. Confie em mim: quando ele descobrir que será desafiado para um duelo, vai abrir um champanhe. Dante é convencido, Nora. E egocêntrico. Nunca vai passar pela cabeça dele que você possa vencer. Ele vai aceitar o duelo achando que você está entregando a vitória de bandeja. Um pronunciamento público complicado sobre sua traição e um longo julgamento... ou roubar seu poder com um único disparo de pistola? Ele vai se odiar por não ter pensado nisso antes.”

Minhas juntas pareciam ter sido substituídas por borracha.

— Se o duelo for mesmo acontecer, vamos lutar com armas?

— Ou espadas. Você escolhe, mas eu sugiro pistolas. Vai ser mais fácil você aprender a atirar do que a lutar com espadas — disse Patch com tranquilidade, obviamente sem notar o desespero em minha voz.

Fiquei com ânsia de vômito.

— Dante vai aceitar o duelo porque sabe que pode me derrotar. Ele é mais forte que eu, Patch. Quem sabe quanto das artes do mal

ele já ingeriu? Não vai ser uma luta justa.

Patch pegou minhas mãos trêmulas e beijou suavemente meus dedos, para me tranquilizar.

— Os duelos saíram de moda da cultura humana há centenas de anos, mas ainda são socialmente aceitos entre os nefilins. Aos olhos deles, são a maneira mais rápida e óbvia de resolver um problema. Dante quer ser o líder do exército, e você vai fazer com que ele e todos os outros nefilins acreditem que você também quer muito isso.

— Por que simplesmente não contamos aos nefilins proeminentes sobre as penas na reunião? — Meu coração se encheu de esperança. — Eles não vão ligar para mais nada quando souberem que eu posso assegurar nossa vitória na guerra e a restauração da paz.

— Se Pepper falhar, eles verão isso como uma falha sua. Chegar perto de conseguir não conta em nada. Ou eles vão aclamá-la como salvadora por ter conseguido as penas ou vão crucificá-la por ter fracassado. Até termos certeza de que Pepper foi bem-sucedido, não podemos falar sobre isso.

Passei as mãos pelo cabelo.

— Não vou conseguir.

— Se Dante está trabalhando para os anjos caídos, e se ele conquistar o poder, a raça nefilim estará mais presa do que nunca à obrigação de servir aos anjos caídos. Tenho medo de que eles resolvam usar as artes do mal para fazer com que os nefilins continuem escravizados mesmo depois do Cheshvan.

Balancei a cabeça, desnorteada.

— Há muita coisa em risco. E se eu falhar? — E com certeza eu falharia.

— Há mais que isso, Nora. Seu juramento para Hank.

O medo me dava a sensação de ter blocos de gelo no fundo do meu estômago. Mais uma vez me lembrei de cada palavra que dissera a Hank Millar na noite em que ele me pressionou a assumir as rédeas de seu levante condenado. *Serei a nova comandante de seu exército. Se eu quebrar essa promessa, minha mãe e eu morreremos.* Isso não me deixava muita escolha, não é? Se

quisesse ficar na Terra com Patch e preservar a vida da minha mãe, tinha que manter o posto de líder do exército nefilim. Não podia deixar que Dante o tomasse de mim.

— Um duelo é um show raro. Acrescente a isso dois nefilins importantes, como você e Dante, e esse será um evento imperdível — disse Patch. — Torço para que o melhor aconteça, que a gente consiga adiar o duelo e que Pepper não falhe, mas acho que temos que nos preparar para o pior. O duelo poderá ser sua única saída.

— E qual seria o tamanho da plateia?

O olhar de Patch ao encontrar o meu era calmo e confiante. Mas, por um momento, notei um brilho de compaixão.

— Centenas de nefilins.

Engoli com dificuldade.

— Não vou conseguir.

— Vou treinar você, Anjo. Estarei ao seu lado a cada passo. Você está muito mais forte do que era há duas semanas, e tudo isso depois de poucas horas de exercício com um treinador que só estava fazendo o suficiente para você achar que ele estava empenhado. Dante queria que você achasse que ele a estava treinando, mas duvido que estivesse fazendo muito mais do que exigir um esforço mínimo dos seus músculos. Acho que você não percebe o quanto é poderosa. Se treinar para valer, pode derrotá-lo.

Patch envolveu meu pescoço, juntando nossos rostos. Olhou para mim com tanta fé e confiança que quase dilacerou meu coração. *Você consegue. É uma tarefa que ninguém invejaria, e admiro você ainda mais por tentar fazer isso*, falou ele em minha mente.

— Tem algum outro jeito? — indaguei.

Mas eu tinha passado muito tempo analisando freneticamente as circunstâncias de todos os ângulos possíveis. Considerando as chances remotas de Pepper ter sucesso, combinadas ao juramento que eu tinha feito a Hank e à situação precária de toda a raça nefilim, não havia outro jeito. Eu tinha de seguir com aquele plano.

— Patch, estou com medo — sussurrei.

Ele me puxou para os seus braços. Beijou o alto da minha cabeça e passou a mão por meu cabelo. Não precisei ouvir nenhuma palavra para perceber que ele também estava com medo.

— Não vou deixar que perca esse duelo, Anjo. Não vou deixar que enfrente Dante antes de me certificar de que posso controlar o resultado. O duelo vai parecer justo, mas não será. Dante selou seu destino no momento em que atacou você. Não vou deixá-lo se livrar disso assim, fácil. — As palavras sussurradas ficavam mais duras. — Ele não vai sair dessa vivo.

— Você pode manipular o duelo?

A vingança que ardia no olhar de Patch disse tudo o que eu precisava saber.

— Se alguém descobrir... — comecei.

Patch me beijou, com força, mas com um brilho de satisfação nos olhos.

— Se eu for pego, não poderei mais beijá-la. Acha mesmo que eu arriscaria isso? — O rosto dele ficou sério. — Sei que não posso sentir seu toque, mas sinto seu amor, Nora. Lá no fundo. Isso significa tudo para mim. Eu queria poder sentir você da mesma forma que você me sente, mas tenho seu amor. Nada nunca vai ser mais forte que isso. Algumas pessoas passam a vida inteira sem experimentar os sentimentos que você despertou em mim. Não posso reclamar.

Meu queixo tremeu.

— Tenho medo de perder você. Tenho medo de falhar e do que irá acontecer conosco. Não quero fazer isso — protestei, mesmo sabendo que não havia nenhum alçapão mágico por onde fugir. Não podia correr, não podia me esconder. O juramento que eu tinha feito a Hank me encontraria, não importa o quanto eu tentasse sumir. Eu *tinha* que continuar no poder. Enquanto o exército existisse, eu precisava levar o plano adiante. Apertei as mãos de Patch. — Prometa que estará comigo o tempo todo. Prometa que não vai me fazer passar por isso sozinha.

Patch ergueu meu queixo.

— Se eu pudesse fazer tudo isso deixar de existir, eu faria. Se pudesse me colocar no seu lugar, não pensaria duas vezes. Mas tem uma coisa que eu posso fazer, que é ficar ao seu lado até o fim. Não vou ceder, Anjo, eu prometo. — Ele passou as mãos pelos meus braços, alheio ao fato de que sua promessa me aqueceu mais do que aquele gesto. E quase me fez chorar. — Vou espalhar por aí que você solicitou uma reunião urgente para esta noite. Mas primeiro vou ligar para Scott e dizer a ele que convoque a reunião. Não vai demorar muito para a notícia correr. Em menos de uma hora Dante vai saber sobre seu pronunciamento.

Meu estômago se revirou de maneira nauseante. Mordi a parte de dentro da bochecha e me forcei a assentir. Era melhor aceitar logo o inevitável. Quanto antes eu encarasse o que estava por vir, mais rápido poderia formular um plano para vencer o medo.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntei.

Patch me observou, franzindo ligeiramente as sobrancelhas. Passou o polegar por meu lábio, depois pela minha bochecha.

— Você está gelada, Anjo. — Ele indicou com a cabeça o corredor da casa. — Acho melhor levá-la para cama. Vou acender a lareira. Você agora precisa se aquecer e descansar. Vou preparar um banho quente também.

De fato, fortes calafrios percorriam meu corpo. Era como se, em um instante, todo o calor tivesse sido arrancado de mim. Achei que ia entrar em choque. Meus dentes batiam e as pontas dos dedos tremiam estranha e involuntariamente.

Patch me pegou no colo e me levou para o quarto. Abriu a porta com o ombro, afastou o edredom e me colocou suavemente na cama.

— Quer tomar alguma coisa? — perguntou ele. — Um chá? Uma sopa?

Olhando o rosto dele, tão sério e ansioso, fui tomada pela culpa. Percebi naquele momento que Patch faria tudo por mim. A promessa de ficar ao meu lado tinha para ele o valor de um juramento. Ele era parte de mim, e eu era parte dele. Patch faria

qualquer coisa — *qualquer coisa* — que fosse necessária para me manter ali, ao seu lado.

Forcei-me a abrir a boca antes que perdesse a coragem.

— Preciso lhe contar uma coisa — falei em um fio de voz.

Não planejava chorar, mas as lágrimas brotaram em meus olhos. Estava morta de vergonha.

— Anjo? — disse Patch, em tom indagador.

Eu tinha dado o primeiro passo, mas então congelei. Ouvia uma voz em minha mente me dizendo que eu não tinha o direito de despejar aquilo em cima de Patch. Não no estado em que ele estava, tão enfraquecido. Se me importava com ele, devia ficar de boca fechada. Sua recuperação era mais importante que tirar do meu peito o peso de algumas mentiras bobas. Comecei a sentir aquelas mãos geladas deslizarem até minha garganta

— Eu... não é nada — corrigi. — Só preciso dormir um pouco. E você precisa ligar para Scott. — Virei o rosto para o travesseiro para que Patch não me visse chorar. As mãos pareciam bem reais, prontas para se fechar em meu pescoço se eu falasse demais, se contasse meu segredo.

— Preciso ligar para ele, é verdade. Mas antes quero que me conte o que está acontecendo — disse Patch, em tom preocupado o bastante para eu perceber que não adiantaria tentar escapar desviando sua atenção.

As mãos geladas envolveram minha garganta. Eu estava muito assustada para falar. Com medo das mãos e do que fariam comigo.

Patch acendeu um abajur ao lado da cama e puxou gentilmente meu ombro, para ver meu rosto, mas eu só me escondi ainda mais.

— Amo você — desabafei.

A vergonha aumentava dentro de mim. Como eu podia dizer aquelas palavras e mentir para ele?

— Eu sei. Assim como sei que está me escondendo alguma coisa. Não é hora de guardar segredos. Chegamos longe demais para agora tomarmos esse caminho — Patch me lembrou.

Fiz que sim, sentindo as lágrimas caírem na fronha. Ele estava certo. Eu sabia, mas isso não tornava mais fácil falar a verdade. E eu não tinha certeza se ia conseguir. Aquelas mãos gélidas, minha garganta se fechando, minha voz...

Patch se deitou ao meu lado e me puxou para junto de si. Senti sua respiração em minha nuca, o calor de sua pele tocando a minha. O joelho dele se encaixava perfeitamente na curva do meu. Ele beijou meu ombro, seu cabelo preto caindo em minha orelha.

Eu... menti... para... você, confessei para ele em pensamento, e foi como se eu tivesse de forçar as palavras através de uma parede de tijolos. Fiquei tensa, esperando que as mãos frias me agarrassem, mas, para minha surpresa, a pressão pareceu afrouxar quando confessei. Senti o toque gelado escapulir, vacilar. Incentivada por esse pequeno passo, segui em frente. *Menti para a pessoa cuja confiança significa mais do que qualquer outra coisa para mim. Menti para você, Patch, e não sei se consigo me perdoar.*

Em vez de exigir uma explicação, Patch continuou a deixar um rastro de beijos serenos e demorados em meu braço. E só depois de beijar a parte de baixo do pulso foi que ele falou.

— Obrigado por me contar — disse baixinho.

Virei-me de barriga para cima e pisquei, surpresa.

— Não quer saber sobre o que eu menti?

— Quero saber o que posso fazer para ajudar você a se sentir melhor. — Ele esfregou meus ombros em círculos carinhosos, para me tranquilizar.

Não ia me sentir melhor até confessar tudo. Não cabia a Patch aliviar o meu fardo — cabia a mim, e a última pontada de culpa me atingiu como uma lâmina de ferro.

— Tenho tomado... a bebida preparada com as artes do mal. — Não tinha pensado que minha vergonha pudesse aumentar, mas ela pareceu triplicar dentro de mim. — Venho bebendo esse tempo todo. Nunca tomei o antídoto que você conseguiu com Blakely. Eu o guardei, dizendo a mim mesma que tomaria mais tarde, depois do Cheshvan, quando não precisasse mais ter poderes sobre-humanos, mas era só uma desculpa. Nunca pretendi tomá-lo. Esse

tempo todo venho contando com as artes do mal. Tenho pavor de não ser forte o suficiente sem elas. Sei que preciso parar e sei que é errado. Mas elas me dão habilidades que não tenho sozinha. Fiz um truque da mente para você acreditar que eu tinha tomado o antídoto e... nunca estive mais arrependida em toda a minha vida!

Baixei os olhos, incapaz de suportar a decepção e o desgosto que com certeza surgiriam no rosto de Patch. Já era horrível o bastante saber a verdade, mas me ouvir dizer aquilo tudo em voz alta me atingiu bem no fundo. Quem eu era? Já não me reconhecia mais, e essa era a pior sensação que eu já experimentara. Eu me perdera em algum lugar do caminho. E por mais fácil que fosse culpar as artes do mal, *eu* tinha decidido roubar de Dante a primeira garrafa.

Por fim, Patch falou. Sua voz era tão firme, tão cheia de uma tranquila admiração, que me fez imaginar se o tempo todo ele já não sabia desse segredo.

— Sabia que, na primeira vez que olhei você, o que eu pensei foi: nunca na vida vi nada mais lindo e cativante?

— Por que está me dizendo isso? — perguntei, arrasada.

— Eu vi você, e queria estar perto de você. Queria que deixasse eu me aproximar. Queria conhecer você melhor do que todo mundo. Queria você, por inteiro. E todo esse desejo quase me deixou maluco. — Patch fez uma pausa, inspirando suavemente, como se me absorvesse. — E agora que tenho você, a única coisa que me assusta é voltar a não tê-la. Ter de querer você outra vez, sem nenhuma esperança de que meu desejo seja atendido. Você é minha, Anjo. Cada pedacinho de você. Não vou deixar que nada mude isso.

Eu me apoiei no cotovelo, olhando para ele.

— Não mereço você, Patch. Não me importa o que diga. É a verdade.

— Concordo — disse ele. — Você merece alguém melhor. Mas está presa a mim e é bom se acostumar com isso. — Com um movimento ágil, ele me puxou para junto de si e rolou para cima de mim, os olhos negros bem sedutores. — Só para que não esqueça,

não tenho nenhuma intenção de deixar você escapar facilmente. Não vou ligar se outro homem, sua mãe ou os poderes do inferno tentarem nos separar, não vou facilitar as coisas e não vou dizer adeus.

Pisquei meus cílios molhados e disse:

— Também não vou deixar que nada se coloque entre a gente. Principalmente as artes do mal. Estou com o antídoto na bolsa. Vou tomar agora mesmo. E, Patch? — acrescentei, emocionada. — Obrigada... por tudo. Não sei o que faria sem você.

— Que bom — murmurou ele. — Porque não vou deixar você escapar.

Afundei de volta na cama dele, feliz em obedecer.

CAPÍTULO 32

De fato, a notícia que eu havia solicitado uma reunião com o comando nefilim se espalhou. Na tarde de domingo, os nefilins estavam agitados com a especulação e a expectativa. Só se falava disso, e a história do pronunciamento de Dante acabou sendo esquecida. Eu havia mesmo roubado a cena, e Dante não protestara. Não havia dúvidas de que Patch estava certo: Dante ia adiar seus planos até ver qual seria minha próxima jogada.

Scott ligava a cada hora para contar as novidades, que geralmente eram as últimas teorias dos nefilins sobre meu primeiro ato efetivo de guerra contra os anjos caídos. Emboscada, destruir as linhas de comunicação, enviar espiões e sequestrar comandantes inimigos, tudo isso fazia parte da esplêndida lista. Como Patch havia previsto, os nefilins rapidamente concluíram que a guerra era o único motivo pelo qual eu convocaria uma reunião. Eu me perguntava se Dante também. Queria acreditar que sim, que Dante se deixara enganar complacentemente, mas a experiência me dizia que ele era esperto o bastante para desconfiar de que havia algo errado — ele sabia que eu estava tramando alguma coisa.

— Novidades — disse Scott pelo telefone. — Os mandachuvas... os todo-poderosos nefilins... aceitaram seu pedido. Escolheram o local e estão receptivos. Como era de se esperar, é uma festa só para convidados. Vinte nefilins no máximo. Nenhum penetra, vários guardas. Todos os participantes serão revistados antes de entrar. A boa notícia é que estou na lista de convidados. Foi preciso um pouco de papo, mas estarei lá com você.

— Então me diga logo o lugar — falei, tentando não parecer nauseada.

— Querem que o encontro seja na antiga casa de Hank Millar.

Minhas costas formigaram. Eu nunca conseguiria esquecer aqueles olhos frios azul-claros que o nome dele trazia a minha mente.

Afastei esse fantasma e procurei focar. Uma casa em estilo colonial georgiano, em um bairro elegante? Não parecia sombrio o bastante para uma reunião secreta de nefilins.

— Por que lá?

— Os superiores acham que isso mostra respeito ao Mão Negra. É uma boa, eu acho. Ele começou toda essa confusão — acrescentou Scott ironicamente.

— Continue falando assim e vão tirar você da lista de convidados.

— A reunião foi marcada para as dez da noite. Deixe o celular por perto, para o caso de eu descobrir mais alguma coisa. Não se esqueça de parecer surpresa quando eles ligarem para dar os detalhes. Não podemos deixar que pensem que está havendo espionagem. Mais uma coisa: sinto muito sobre Dante. Eu me sinto responsável. Eu o apresentei a você. Se pudesse, eu mesmo arrancaria seus membros. Então prenderia um tijolo em cada um e depois os jogaria no mar. Anime-se. Vou lhe dar cobertura.

Desliguei e virei para Patch, que estava encostado na parede e me observava atentamente durante a conversa.

— A reunião é hoje à noite — falei. — Na antiga casa dos Millar.

Não tive forças para concluir o pensamento que invadia minha mente. Uma casa? Revista? Guardas? Como Patch conseguiria entrar? Para meu desânimo, parecia que eu iria sozinha naquela noite.

— Tudo bem — disse Patch tranquilamente. — Estarei lá.

Eu admirava sua confiança, mas não via como ele poderia se infiltrar sem ser notado.

— A casa estará fortemente vigiada. No minuto em que você colocar os pés no quarteirão, eles vão saber. Talvez, se tivessem escolhido um museu ou um tribunal, tivéssemos alguma chance. A casa dos Millar é grande, mas nem tanto. Vão vigiar cada centímetro quadrado.

— O que é exatamente o que planejei. Já pensei nos detalhes. Scott vai me deixar entrar.

— Não vai funcionar. Estarão à caça de espiões e, mesmo que Scott consiga abrir uma janela para você, eles vão prever isso. Não só vão capturá-lo, como saberão que Scott é um traidor...

— Vou possuir o corpo de Scott.

Eu me encolhi. Lentamente, comecei a entender a solução dele. É claro. Estávamos no Cheshvan. Patch não teria dificuldade de assumir o controle do corpo de Scott. E pela perspectiva de alguém de fora, não haveria como notar a diferença entre os dois. Receberiam Patch na reunião sem pestanejar. Era o disfarce perfeito. Só havia um pequeno problema.

— Scott nunca vai concordar com isso.

— Ele já concordou.

Encarei-o de volta, incrédula.

— Concordou?

— Está fazendo isso por você.

Minha garganta de repente se fechou. Não havia nada no mundo que Scott combatesse mais do que a hipótese de ter seu corpo possuído por anjos caídos. Percebi naquele momento o quanto minha amizade devia significar para ele. Para aceitar fazer aquilo — a coisa que ele mais abominava... Eu não sabia nem o que dizer. Só podia sentir uma gratidão imensa e profunda por Scott, e encarar a situação, determinada a não desapontá-lo.

— Esta noite, preciso que você tome cuidado — falei.

— Vou tomar. E não vou me demorar por lá mais do que o necessário. No minuto em que você sair da reunião em segurança e eu já tiver ficado tempo o bastante para descobrir tudo o que preciso saber, Scott terá o corpo dele de volta. Vou cuidar para que nada aconteça a ele.

Abracei Patch com força.

— Obrigada — sussurrei.

Mais tarde naquela noite, faltando uma hora para as dez, deixei a casa de Patch. Saí sozinha dirigindo um carro alugado, a pedido de

meus anfitriões nefilins. Eles tinham tomado todos os cuidados necessários e não queriam correr o risco de que eu fosse seguida por nefilins intrometidos ou, pior, por algum anjo caído que pudesse ter sabido da reunião ultrassecreta.

As ruas, cobertas pela neblina, estavam escuras e escorregadias. Os faróis corriam a faixa preta de estrada que seguia por colinas e curvas. Eu tinha ligado o aquecedor no máximo, mas não conseguia acabar com o frio que congelava meus ossos. Não sabia o que esperar daquela noite, e isso tornava difícil fazer algum plano. Eu teria de improvisar de acordo com a situação, o que menos gostava de fazer. Queria entrar na casa dos Millar com algo com que pudesse contar além do instinto, mas isso era tudo o que eu tinha. Por fim, parei em frente à antiga casa de Marcie.

Fiquei sentada no carro por um tempo, olhando as colunas brancas e venezianas pretas. Mal dava para ver o gramado em meio às folhas secas. Galhos amarronzados, que antes eram hortênsias, saíam de dois vasos iguais de terracota que ficavam na varanda, cada um de um lado. Jornais em vários estágios de deterioração sujavam a calçada. A casa estava vazia desde a morte de Hank e não parecia mais tão bonita e elegante quanto eu lembrava. A mãe de Marcie tinha se mudado para um condomínio perto do rio, e Marcie, bem, Marcie tinha levado ao pé da letra a frase *mi casa es su casa*.

Luzes fracas brilhavam por trás das cortinas das janelas e, mesmo que não revelassem silhuetas, eu sabia que vários dos líderes mais influentes e poderosos do mundo nefilim estavam logo atrás da porta da frente, prontos para emitir sua opinião sobre as novidades que eu ia contar. Também sabia que Patch estaria lá, para garantir que eu não corresse nenhum perigo.

Procurei me ater a esse pensamento e, com a respiração irregular, caminhei até a porta da frente.

Bati.

A porta se abriu e fui levada para dentro por uma mulher alta, cujos olhos se prenderam a mim só o suficiente para confirmar minha identidade. O cabelo dela estava preso para trás em uma

trança bem firme e não havia nada de extraordinário ou marcante em seu rosto.

— Olá — murmurou de maneira educada, mas reservada, e então, com um gesto firme, indicou que eu devia me dirigir para dentro da casa.

O som dos meus passos ecoava pelo corredor pouco iluminado. Passei por retratos da família Millar, que sorria por trás dos vidros empoeirados. Havia um vaso de lírios mortos na mesa da entrada. A casa toda cheirava a coisas guardadas. Segui a trilha de luzes acesas até a sala de jantar.

Assim que passei pelas portas duplas e envidraçadas, a conversa abafada cessou. Havia seis homens e cinco mulheres sentados dos dois lados de uma mesa de mogno comprida e lustrosa. Alguns outros nefilins estavam de pé em volta da mesa, parecendo inquietos e apreensivos. Quase tive de olhar de novo quando avistei a mãe de Marcie. Sabia que Susanna Millar era uma nefilim, mas isso sempre pareceu um pensamento intangível perdido no fundo de minha mente. Vê-la ali, naquela noite, convocada para uma reunião secreta de imortais, fez com que de repente ela parecesse... ameaçadora. Marcie não estava ali. Talvez porque não quisesse ter ido, mas a explicação mais razoável é que não tivesse sido convidada. Susanna parecia o tipo de mãe que fazia o possível para manter a vida da filha livre de qualquer complicação, por menor que fosse.

Encontrei o rosto de Scott em meio aos outros. Como sabia que Patch estava possuindo seu corpo, por um momento senti um alívio na dor aguda em meu estômago. Nossos olhares se cruzaram e ele inclinou ligeiramente a cabeça, em um aceno secreto para me encorajar. Uma sensação profunda de confiança e segurança tomou conta de mim. Não estava sozinha. Patch estava ali para me apoiar. Eu devia saber que ele encontraria uma forma de estar ali comigo, não importava a que custo.

E então eu vi Dante, sentado na cabeceira da mesa, com uma blusa de gola rulê de *cashmere* e seu enfadonho cenho franzido. Estava com as mãos postadas na frente da boca e, quando olhou

para mim, seus lábios se curvaram sarcasticamente. Ele ergueu as sobrancelhas em um discreto, mas inconfundível gesto de desafio. Eu desviei o olhar.

Voltei minha atenção para a mulher mais velha, usando um vestido roxo elegante e diamantes, sentada no extremo oposto da longa mesa. Lisa Martin. Depois de Hank, era a nefilim mais influente e respeitada que eu havia conhecido. Eu não gostava de Lisa, nem confiava nela — sentimentos que precisaria reprimir pelos próximos minutos, se quisesse levar o plano adiante.

— Estamos muito felizes que tenha solicitado esta reunião, Nora.

A voz dela, calorosa, majestosa e acolhedora, deslizou como mel por meus ouvidos. Meu coração disparado se acalmou. Se eu conseguisse levá-la para o meu lado, seria meio caminho andado.

— Obrigada — consegui dizer, por fim.

Ela indicou um assento vazio a seu lado, convidando-me a sentar.

Caminhei até a cadeira, mas não me sentei. Tinha medo de perder o controle se fizesse isso. Pousei as mãos na mesa procurando apoio, pulei a troca de gentilezas e fui direto ao verdadeiro motivo da minha visita:

— Sei que nem todos aqui nesta sala acham que eu sou a melhor pessoa para liderar o exército de meu pai — declarei com franqueza.

A palavra “pai” parecia bile em minha boca, mas me lembrei da recomendação de Patch de que eu ligasse meu nome ao de Hank de todas as maneiras que conseguisse. Os nefilins o veneravam e, se eu pudesse usar seu endosso, mesmo que forçado, deveria fazê-lo.

Fiz contato visual com todos na mesa e com alguns dos que estavam de pé, atrás. Precisava mostrar a eles que tinha firmeza e coragem, e principalmente que estava insatisfeita com sua falta de apoio.

— Sei que alguns de vocês têm uma lista de homens e mulheres mais preparados para a tarefa. — Fiz outra pausa, dirigindo todo o peso do meu olhar para Dante. Ele não se desviou, mas vi o ódio

ferver por trás de seus olhos castanhos. — E sei que Dante Matterazzi está no topo dela.

Um murmúrio correu a sala. Mas ninguém contestou minha afirmação.

— Não chamei vocês aqui esta noite para discutir meu primeiro ato efetivo de guerra contra os anjos caídos. Chamei porque sem um líder forte e aprovado por vocês não haverá guerra. Os anjos caídos vão nos destruir. Precisamos de união e solidariedade — falei, instigando-os com convicção. — Sei que sou a melhor líder, e meu pai também pensava assim. Obviamente ainda não os convenci. E é por isso que, nesta noite, estou desafiando Dante Matterazzi para um duelo. O vencedor vai liderar este exército definitivamente.

Dante ficou de pé em um pulo.

— Mas somos namorados! — A expressão dele era um retrato perfeito de alguém em choque e com o orgulho ferido. — Como pode sugerir duelar comigo? — indagou, a voz carregada de humilhação.

Eu não esperava que ele fosse recorrer ao nosso falso namoro, que se apoiava na base fraca do meu consentimento verbal e nunca fora adiante — um relacionamento que eu tinha esquecido completamente e que agora me incomodava mais do que nunca. Mas isso não me surpreendeu a ponto de me deixar sem fala.

— Estou disposta a vencer qualquer um: é isso o que liderar os nefilins significa para mim. Então venho aqui oficialmente desafiá-lo para um duelo, Dante — falei, tranquila.

Nenhum nefilim se pronunciou. Pude ver a surpresa em seus rostos, rapidamente seguida pela satisfação. Um duelo. O vencedor leva tudo. Patch tinha razão... Os nefilins ainda estavam completamente arraigados a um mundo arcaico, de princípios darwinianos. Ficaram felizes com aquela reviravolta e, pelos olhares de admiração que lançavam a Dante, estava claro como água que nenhum nefilim naquela sala tinha dúvidas de quem seria o vencedor.

Dante tentou manter o rosto impassivo, mas percebi quando ele riu discretamente da minha insensatez e da própria sorte. Eu estava cometendo um erro estúpido, pensou. Tudo bem. Mas seus olhos logo se estreitaram com desconfiança. Aparentemente, ele não ia morder a isca assim tão fácil.

— Não posso fazer isso — disse ele. — Seria traição. — Seus olhos correram a sala, como que para medir se aquelas palavras tinham lhe garantido mais alguma aprovação. — Declarei lealdade a Nora, e não posso pensar em fazer nada que vá contrariar isso.

— Como sua comandante, estou ordenando que duele — rebati, decidida. Eu ainda era a líder daquele exército, droga, e não ia deixar que ele minasse minha resolução com sua fala mansa e seus elogios. — Se você realmente for o melhor líder, eu me retiro. Quero o que for melhor para o meu povo.

Eu tinha ensaiado aquelas palavras uma centena de vezes e, embora estivesse fazendo um discurso que já sabia de cor, dizia tudo com a mais absoluta sinceridade. Pensei em Scott, em Marcie, nos milhares de nefilins que nunca conheci mas com os quais me preocupava, porque sabia que eram homens e mulheres de bem, que não mereciam ser escravizados todo ano pelos anjos caídos. Eles mereciam uma luta justa. E eu daria o melhor de mim para que tivessem isso.

Eu errara antes — errara vergonhosamente. Tinha evitado lutar pelos nefilins por medo dos arcanjos. E, ainda pior, tinha usado a guerra como desculpa para conseguir mais das artes do mal. Todo esse tempo, eu estivera mais preocupada comigo do que com as pessoas que fora encarregada de liderar. Isso acabava ali. Hank tinha me confiado esse papel, mas eu não estava fazendo aquilo por ele. Estava fazendo porque era a coisa certa a fazer.

— Acho que Nora levantou um ponto importante — disse Lisa Martin. — Não há nada menos inspirador do que a liderança passada a um filho. Talvez o Mão Negra estivesse certo sobre ela. — Deu de ombros. — Talvez ele tenha cometido um erro. Vamos resolver esse assunto e decidir de uma vez por todas. Então

poderemos ir à guerra contra nossos inimigos, unidos por um grande líder.

Assenti para ela, concordando com suas palavras. Se a tivesse do meu lado, os outros a seguiriam.

— Eu concordo — disse um nefilim do outro lado da sala.

— Eu também.

Mais murmúrios de aprovação se ouviram pelo cômodo.

— Todos a favor levantem a mão — disse Lisa.

Uma a uma, várias mãos se ergueram. Patch me olhou nos olhos, então levantou a dele. Sabia que aquilo era muito difícil para ele, mas não tínhamos alternativas. Se Dante me tirasse do poder, eu morreria. Minha única chance era lutar e fazer o máximo para vencer.

— Temos a maioria — disse Lisa. — O duelo irá acontecer ao nascer do sol de amanhã, segunda-feira. Aviso qual será o local depois, quando for escolhido.

— Dois dias — interrompeu Patch imediatamente, falando com a voz de Scott. — Nora nunca disparou uma pistola. Vai precisar de tempo para treinar.

E também precisava dar tempo a Pepper para voltar do céu com a adaga encantada, o que, se tudo desse certo, tornaria o duelo irrelevante.

Lisa balançou a cabeça.

— Muito tempo. Os anjos caídos podem nos atacar a qualquer hora. Não fazemos ideia de por que têm esperado, mas nossa sorte pode não durar muito.

— E nunca falei nada sobre pistolas — disse Dante, observando Patch e a mim astutamente, como se tentasse adivinhar o que estávamos tramando. Ele avaliou meu rosto, procurando algum sinal de emoção. — Prefiro sabres.

— A escolha cabe a Dante — declarou Lisa. — O duelo não foi ideia dele. Então tem o direito de escolher a arma. Está decidido de que devem ser sabres?

— São mais elegantes — explicou Dante, conquistando total aprovação dos colegas nefilins.

Fiquei paralisada, resistindo ao impulso de mandar a Patch um pedido de ajuda.

— Nora nunca tocou em uma espada na vida — argumentou Patch, de novo falando com a voz de Scott. — Não será uma luta justa se ela não puder treinar. Deem a ela até terça de manhã.

Ninguém apoiou prontamente o pedido de Patch. A indiferença na sala era tão sólida que, se eu estendesse a mão, poderia tocá-la. Meu treinamento era a menor preocupação deles. Na verdade, a atitude impassível de todos dizia que quanto antes Dante estivesse no poder, melhor.

— Você vai assumir a responsabilidade de treiná-la, Scott? — perguntou Lisa a Patch.

— Ao contrário de vocês, não esqueci que ela ainda é nossa líder — respondeu Patch, com frieza na voz.

Lisa inclinou a cabeça para a frente como se dissesse “muito bem”.

— Então, está decidido. Daqui a duas manhãs. Até lá, desejo boa sorte aos dois.

Não fiquei por ali. Com o duelo já decidido, e minha parte naquele perigoso plano confirmada, fui embora. Sabia que Patch teria de ficar um pouco mais, para avaliar a reação de todos na sala e talvez ouvir alguma informação vital, mas esperava que ele não demorasse.

Não queria passar aquela noite sozinha.

CAPÍTULO 33

Como eu sabia que Patch estaria ocupado até que o último nefilim deixasse a antiga residência dos Millar, dirigi até a casa de Vee. Estava usando minha jaqueta jeans com o dispositivo rastreador, então Patch conseguiria me achar se precisasse. Nesse meio tempo, eu precisava tirar uma coisa do meu peito.

Não podia mais fazer aquilo sozinha. Vinha tentando manter Vee a salvo, mas precisava da minha melhor amiga.

Tinha que contar tudo a ela.

Concluindo que a porta da frente não seria o melhor caminho para chegar até Vee àquela hora da noite, andei com cuidado pelo jardim, pulei a cerca de arame e bati na janela do quarto dela.

Um instante depois as cortinas foram abertas e o rosto de Vee apareceu atrás do vidro. Apesar de já ser quase meia-noite, ela ainda não estava de pijama, e levantou a janela alguns centímetros.

— Puxa, você escolheu uma péssima hora para aparecer. Achei que fosse Scott. Ele está vindo para cá.

Quando falei, minha voz soou rouca e trêmula.

— Precisamos conversar.

Vee nem hesitou.

— Vou ligar para Scott e cancelar. — Ela abriu completamente a janela para que eu entrasse. — Conte o que deixou você assim, baby.

***

Tenho que admitir que Vee me surpreendeu: não gritou, não soluçou histericamente nem saiu correndo do quarto quando terminei de lhe contar os fantásticos segredos que eu tinha guardado nos últimos

seis meses. Ela só se encolheu uma vez, quando expliquei que os nefilins eram a prole de humanos e anjos caídos, mas, fora isso, seu rosto não demonstrava nenhum horror ou incredulidade. Fui ouvida atentamente enquanto descrevia as duas raças de imortais inimigas, o papel de Hank Millar naquilo tudo e como ele tinha largado sua herança no meu colo. Ela até conseguiu sorrir um pouco quando revelei as verdadeiras identidades de Patch e Scott.

Quando terminei, minha amiga simplesmente inclinou a cabeça, me observando. Depois de um instante, disse:

— Bem, isso explica *muita coisa*.

Então foi minha vez de ficar sem entender.

— Sério? É só isso que você tem a dizer? Você não está, sei lá... surpresa? Confusa? Perplexa? *Histérica?*

Vee pôs o dedo no queixo, contemplativa.

— Sabia que Patch era muito *hardcore* para ser humano.

Eu já começava a me perguntar se ela por acaso tinha me ouvido dizer que *eu* não era humana.

— E quanto a mim? Você está totalmente à vontade com a ideia de que eu não só sou uma nefilim, como também tenho que liderar todos os outros nefilins lá fora — falei, indicando a janela com o dedo — em uma guerra contra os anjos caídos? *Anjos caídos*, Vee. Como na Bíblia. Malfeitores banidos do céu.

— Na verdade, acho tudo isso muito incrível.

Cocei a sobrancelha.

— Não consigo acreditar que esteja tão calma com relação a tudo isso. Esperava algum tipo de reação. Esperava uma explosão. Com base em experiências passadas, imaginava que você fosse gesticular e soltar uma boa dose de palavrões, no mínimo. Mas parece que estou contando tudo isso a uma parede.

— Baby, assim você me faz parecer uma diva.

— Isso é você quem está dizendo. — Não pude resistir a uma piadinha.

— Só acho muito estranho você ter dito que a maneira mais fácil de identificar um nefilim é pela altura. Você, minha amiga, não é tão

alta assim — disse Vee. — Olhe para mim, por exemplo. *Eu* sou alta.

— Tenho uma altura normal porque Hank...

— Eu entendi. Você já explicou essa parte de ter feito o juramento para se tornar nefilim enquanto era humana, daí esse seu porte mediano, mas, ainda assim, é uma droga, não é? Quer dizer, e se o Voto de Conversão tivesse feito você ficar alta? Tão alta quanto *eu*?

Não sabia aonde Vee queria chegar, mas achava que ela estava fugindo um pouco da pergunta. Aquilo não tinha nada a ver com minha altura. O que eu queria era abrir a mente dela para um mundo imortal que não devia existir — eu tinha acabado de arrebentar a bolhinha segura em que ela vivia.

— Seu corpo cicatriza depressa agora que é uma nefilim? — continuou Vee. — Porque se você não ganhou essa vantagem, então foi passada para trás.

Enrijeci.

— Vee, eu não falei dessa nossa capacidade de cicatrização acelerada.

— Hã, acho que não.

— Como pode saber sobre isso então? — Encarei Vee, tentando me lembrar de cada palavra de nossa conversa. Com certeza eu não tinha falado nada. Meu cérebro parecia estar em câmera lenta. E então, de repente, entendi tudo rápido demais para digerir. Cobri minha boca com a mão. — Você...

Vee deu um sorrisinho.

— Eu disse que também guardava segredos.

— Mas... Não pode ser... Não é...

— Possível? É, foi o que eu pensei a princípio, também. Achei que estivesse passando por algum tipo bizarro de segunda menstruação. Nessas últimas semanas, tenho andado cansada e com cólica e completamente irritada com o mundo. Então, há uma semana, cortei meu dedo enquanto fatiava uma maçã. Cicatrizou tão rápido que quase achei que tinha imaginado o sangue. E mais coisas estranhas aconteceram depois disso. Na aula de educação

física, joguei a bola de vôlei com tanta força que ela acertou a parede do outro lado da quadra. Nos exercícios, não tive dificuldade para levantar os mesmos pesos que os maiores caras da sala. Escondi isso, é claro, porque não queria chamar atenção até entender o que estava acontecendo com meu corpo. Acredite, Nora. Sou cem por cento nefilim. Scott percebeu isso de cara. Ele tem me ensinado as coisas e me ajudado a lidar com a ideia de que, há dezessete anos, minha mãe transou com um anjo caído. Ajuda saber que Scott passou por uma mudança física parecida e por essa descoberta com relação aos pais. Nós dois não acreditamos que você tenha levado tanto tempo para descobrir. — Ela socou de leve meu braço.

Percebi que estava boquiaberta e completamente pasma.

— Você. Você é... realmente uma nefilim.

Como pude não ver isso? Eu devia ter notado em um instante... E teria, se fosse qualquer outro nefilim, ou anjo caído, aliás. Será que por Vee ser minha melhor amiga havia tanto tempo eu não conseguia enxergá-la de nenhum outro jeito?

— O que Scott lhe disse sobre a guerra? — perguntei, por fim.

— É por isso que ele vinha aqui esta noite, para me contar o que está acontecendo. Parece que você é muito importante, Senhorita Abelha Rainha. Líder do exército do Mão Negra? — Vee soltou um assovio elogioso. — Caramba, garota. Não se esqueça de colocar isso no seu currículo.

CAPÍTULO 34

Eu estava usando apenas tênis, short e camiseta quando me encontrei com Patch bem cedo na manhã seguinte, em um trecho rochoso à beira-mar. Era segunda-feira, fim do prazo de Pepper. Também era dia de aula. Mas eu não podia me preocupar com nada disso. Treino primeiro, estresse depois.

Tinha enrolado minha mão com ataduras, prevendo que a versão de treinamento de Patch colocaria a de Dante no chinelo. Meu cabelo estava preso em uma trança embutida bem justa e meu estômago estava vazio, exceto por um copo d'água. Eu não tomava a bebida com as artes do mal desde a sexta-feira anterior, e sentia as consequências. Estava com uma enxaqueca do tamanho do Nebrasca e minha visão perdia o foco quando eu mexia a cabeça muito depressa. Uma fome aguda me consumia por dentro. A dor era tão violenta que me deixava meio sem fôlego.

Eu tinha mantido a promessa que fizera a Patch e tomara o antídoto no sábado à noite, logo após confessar meu vício, mas aparentemente a medicação demorava algum tempo para fazer efeito. Provavelmente, não ajudava o fato de eu ter ingerido uma quantidade enorme das artes do mal na última semana.

Patch estava de preto, jeans e uma camisa que realçava seu corpo. Ele apoiou as mãos nos meus ombros, me encarando.

— Pronta?

Apesar do meu péssimo estado de ânimo, sorri e estalei os nós dos dedos.

— Se estou pronta para lutar com meu namorado gato? Ah, eu diria que sim.

A brincadeira suavizou seu olhar.

— Vou tentar controlar onde coloco minhas mãos, mas, no calor do momento, quem sabe o que pode acontecer? — acrescentei.

Patch sorriu.

— Parece promissor...

— Está certo, treinador. Vamos logo com isso.

Assim que acabei de falar, a expressão de Patch se tornou compenetrada e profissional.

— Você não foi treinada na arte da esgrima, e acredito que Dante a tenha praticado mais do que o suficiente nos últimos anos. Ele é da época de Napoleão, e provavelmente já saiu da barriga da mãe brandindo uma espada de couraceiro. Sua melhor chance é tirar logo a espada das mãos dele e partir para o corpo a corpo.

— E como vou fazer isso?

Patch pegou dois galhos próximos a seus pés, que ele havia cortado mais ou menos do tamanho de uma espada comum. Ele me atirou um, e eu o peguei.

— Saque sua espada antes de começar a lutar. Leva mais tempo para você desembainhar uma espada do que para ser atingida.

Fingi pegar minha espada de uma bainha imaginária na cintura e a segurei em posição de combate.

— Mantenha sempre os pés separados, alinhados aos ombros — instruiu Patch, me mostrando os movimentos lenta e tranquilamente. — Você não quer perder o equilíbrio nem tropeçar. Nunca deixe os pés muito juntos e sempre mantenha a lâmina perto do corpo. Quanto mais você se curvar ou se esticar, mais fácil será para Dante acertá-la.

Praticamos a movimentação dos pés e o equilíbrio por vários minutos, o choque abafado de nossas espadas improvisadas ressoando mais alto que a maré.

— Fique atenta aos movimentos de Dante — disse Patch. — Ele logo irá estabelecer um padrão e você vai começar a saber quando ele irá atacar. Quando perceber isso, ataque para se defender.

— Certo. Vou precisar de uma dramatização para entender melhor.

Patch deslizou os pés para a frente rapidamente, batendo a espada dele contra a minha com tanta força que o galho vibrou em

minhas mãos. Antes que eu pudesse me recuperar, ele atacou mais uma vez, tirando a espada das minhas mãos e lançando-a pelos ares.

Peguei minha espada, limpei a testa e disse:

— Não sou tão forte. Acho que nunca vou conseguir fazer isso com Dante.

— Você vai, assim que deixá-lo mais vulnerável. O duelo está marcado para o nascer do sol, amanhã. Segundo a tradição, será em uma área aberta, em algum lugar afastado. Você vai encurralar Dante em uma posição em que o sol ofusque os olhos dele. Mesmo que ele tente mudar de lugar, é alto o bastante para encobrir os raios de sol, e isso vai garantir que você enxergue. Use a altura dele a seu favor. Ser mais alto deixará as pernas dele mais expostas. Um golpe forte em qualquer joelho vai desequilibrá-lo. Assim que conseguir desfazer a postura dele, ataque.

Dessa vez, reencenei o movimento que Patch fizera antes e o fiz perder o equilíbrio atingindo sua patela. Logo depois o ataquei com uma rápida sucessão de golpes. Não consegui derrubar sua espada, mas acertei com a ponta do meu galho uma parte desprotegida do seu abdômen. Se eu conseguisse fazer o mesmo com Dante, esse poderia ser o momento da virada no duelo.

— Muito bom — disse Patch. — O duelo todo provavelmente durará menos de trinta segundos. Todo movimento conta. Procure ser prudente e cuidadosa. Não deixe Dante induzi-la a agir de maneira precipitada e cometer um erro. Desviar e se esquivar serão suas maiores defesas, principalmente em um descampado. Você terá bastante espaço para fugir da espada de Dante movendo-se rapidamente para longe dele.

— Dante sabe que é, tipo, um zilhão de vezes melhor do que eu. — Arqueei as sobrancelhas. — Algum sábio conselho para lidar com minha total e completa falta de autoconfiança?

— Deixe o medo ser sua estratégia. Finja estar mais assustada do que realmente está e faça-o acreditar em uma falsa superioridade. A arrogância pode ser fatal. — Os cantos da boca de Patch se curvaram. — Mas você não me ouviu dizer isso.

Apoiei a espada falsa no ombro como se fosse um bastão de beisebol.

— Então, basicamente o plano é tirar a espada dele, atingi-lo com um golpe fatal e exigir minha posição de direito como líder dos nefilins.

Ele fez que sim:

— Simples e fácil. Mais dez horas disso e você será uma profissional.

— Se vamos treinar por dez horas, preciso de um pequeno incentivo para me manter motivada.

Patch passou o braço em volta do meu pescoço e me puxou para um beijo.

— Cada vez que você conseguir derrubar minha espada, eu lhe dou um beijo. Que tal?

Mordi o lábio para conter um sorriso.

— Não acho justo. Você está jogando sujo.

Patch ergueu as sobrancelhas.

— Veja bem quem está jogando sujo... *Dois* beijos por cada vez que derrubar minha espada. Alguma objeção?

Olhei com ar inocente.

— Absolutamente nenhuma.

***

Patch e eu não paramos de duelar até o sol se pôr. Destruímos cinco pares de espadas e paramos apenas para almoçar e para eu ganhar os beijos que conquistei — alguns dos quais duraram tempo suficiente para chamar a atenção de alguns catadores na praia e de corredores. Tenho certeza de que parecíamos loucos, zanzando no alto das rochas escarpadas enquanto acertávamos nossas espadas de madeira um no outro com força o bastante para deixar marcas e, muito provavelmente, causar hemorragia interna. Por sorte, com minha cicatrização acelerada, nem os piores ferimentos interferiram no treinamento.

Ao anoitecer estávamos cobertos de suor, e eu, completamente exausta. Em pouco mais de doze horas duelaria para valer com Dante. Nada de espadas improvisadas, mas, sim, lâminas de aço afiadas o bastante para decepar um membro. Tudo isso era muito assustador e, só de pensar, eu sentia arrepios.

— Bem, você conseguiu — disse a Patch, dando-lhe os parabéns. — Treinei o máximo possível. Sou uma máquina de lutar com espada, esguia e malvada. Eu devia ter feito você ser meu treinador desde o início.

Um sorriso cafajeste se formou em seu rosto, lento e travesso.

— Ninguém é páreo para o Patch.

— Humm — concordei, olhando para ele com ar tímido.

— Por que você não volta para minha casa e toma um banho, e eu busco alguma coisa para a gente comer lá no Borderline? — sugeriu ele, enquanto seguíamos com dificuldade pelo aterro rochoso em direção ao estacionamento.

Disse aquilo de forma bem casual, mas as palavras fizeram com que meu olhar procurasse o dele. Patch trabalhava como ajudante de garçom no Borderline quando nos conhecemos. Eu não podia mais passar pelo restaurante sem pensar nele. Fiquei emocionada por ele se lembrar, e por saber que o restaurante também lhe trazia lembranças especiais. Fiz força para tirar da mente todos os pensamentos com relação ao duelo do dia seguinte e à pequena chance de sucesso de Pepper. Naquela noite, eu queria aproveitar a companhia de Patch sem me preocupar com o que aconteceria comigo — *conosco* — se eu tivesse que duelar e Dante vencesse.

— Posso pedir tacos também? — perguntei baixinho, lembrando a primeira vez que Patch havia me ensinado a prepará-los.

— Você leu minha mente, Anjo.

***

Entrei na casa de Patch. No banheiro, tirei a roupa e desfiz minha trança. O banheiro de Patch era magnífico. Ladrilhos azul-escuros e

toalhas pretas. Uma banheira em que cabiam facilmente duas pessoas. Sabonete com cheiro de baunilha e canela.

Entrei no chuveiro e deixei a água escorrer pelo corpo. Pensei em Patch ali, naquele mesmo chuveiro, os braços apoiados na parede enquanto a água caía em seus ombros. Pensei nas gotas d'água aparadas em sua pele. Pensei nele usando as mesmas toalhas que eu estava prestes a enrolar ao meu redor. Pensei na cama dele, a apenas alguns metros de distância. Em como os lençóis deviam ter seu cheiro...

Então vi uma sombra passar pelo espelho do banheiro.

A porta do banheiro estava aberta, a luz do quarto invadindo o ambiente. Prendi a respiração, esperando por outra sombra ou esperando que o tempo me dissesse que eu estava imaginando coisas. Eu estava na casa de Patch. Ninguém sabia daquele lugar. Nem Dante, nem Pepper. Eu tinha tomado cuidado... ninguém tinha me seguido naquela noite.

Outra nuvem escura passou pelo espelho. O ar estalava com energia sobrenatural.

Desliguei a água e me enrolei na toalha. Procurei uma arma: eu podia escolher entre um rolo de papel higiênico e uma embalagem de sabonete.

Com a boca fechada, fiquei murmurando uma música. Não havia motivo para deixar o invasor saber que eu tinha percebido sua presença.

O invasor se aproximou da porta do banheiro. Seu poder sobrecarregou de eletricidade os meus sentidos e os pelos dos meus braços se arrepiaram como se fossem bandeiras hasteadas. Continuei a cantarolar. Pelo canto do olho vi quando a maçaneta girou, e então me cansei de esperar.

Chutei a porta com violência com meu pé descalço, com tanta força que gemi. A porta rachou, soltou-se da dobradiça e foi arremessada, derrubando quem quer que estivesse atrás. Corri até o batente, os punhos erguidos, pronta para atacar.

O homem se curvou como uma bola para se proteger.

— Pare — gemeu. — Não me machuque!

Lentamente abaixei os punhos e inclinei a cabeça de lado, para ver melhor.

— Blakely?

C A P Í T U L O
35

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, prendendo bem a toalha de banho que me cobria. — Como achou este lugar?

Arma. Eu precisava de uma. Meus olhos percorreram o quarto meticulosamente arrumado de Patch. Blakely podia parecer em dificuldade agora, mas vinha manipulando as artes do mal havia meses. Não acreditava que ele não tivesse algo afiado e perigoso — e azul — escondido no agasalho de chuva.

— Preciso de sua ajuda — disse ele, erguendo as palmas das mãos enquanto se esforçava para se levantar.

— Não se mexa — disparei. — De joelhos. Mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

— Dante tentou me matar.

— Você é imortal, Blakely. E trabalha com Dante.

— Não trabalho mais. Agora que já desenvolvi protótipos suficientes das artes do mal, ele quer acabar comigo. Dante quer ter o controle exclusivo sobre as artes do mal. Ele pegou uma espada que encantei especificamente para matar você e tentou usá-la contra mim. Escapei por pouco.

— Dante mandou você fazer uma espada para me matar?

— Para o duelo.

Eu não entendia bem qual era a estratégia de Blakely, mas podia apostar na capacidade de Dante de usar métodos ilícitos — e letais — para vencer o duelo.

— E essa espada funciona mesmo? Ela me mataria?

Blakely me fitou diretamente nos olhos.

— Sim.

Tentei processar a informação com tranquilidade. Eu precisava impedir que Dante usasse sua espada. Mas primeiro o mais importante.

— Conte mais.

— Acho que Dante está trabalhando para os anjos caídos.

Nem pisquei.

— Por quê?

— Em todos esses meses de trabalho, ele nunca me deixou criar uma arma que matasse anjos caídos. Em vez disso, desenvolvi vários protótipos para supostamente matar você. E, se eles podem matar você, também podem matar qualquer nefilim. Se os anjos caídos são os inimigos, por que venho desenvolvendo armas que podem ferir os nefilins?

Lembrei-me de minha conversa com Dante na Rollerland mais de uma semana antes.

— Dante me contou que, depois de algum tempo, você conseguiria desenvolver um protótipo forte o bastante para matar um anjo caído.

— Não sei dizer. Ele nunca me deixou tentar.

Em uma jogada arriscada, decidi abrir o jogo com Blakely. Ainda não confiava nele, mas, se contasse alguma coisa, talvez pudesse descobrir mais. E, no momento, eu precisava descobrir tudo que ele sabia.

— Você tem razão. Dante está trabalhando para os anjos caídos. Tenho certeza disso.

Por um momento ele fechou os olhos, assimilando a verdade com custo.

— Nunca confiei em Dante, desde o início. Trazê-lo para o grupo foi ideia do seu pai. Não consegui convencer Hank a não fazer isso na época, mas posso vingar o nome dele agora. Se Dante é um traidor, acabar com ele é uma dívida a seu pai.

No mínimo eu tinha que dar crédito a Hank pela lealdade que inspirava.

— Conte mais sobre a superbebida preparada com as artes do mal. Se Dante está trabalhando para os anjos caídos, por que iria querer que você desenvolvesse algo para ajudar nossa raça?

— Ele nunca distribuiu a bebida para outros nefilins, ao contrário do que disse que faria. Está usando para fortalecer apenas a si próprio. E agora está com todos os protótipos. E com o antídoto também. — Blakely apertou a região entre os olhos. — Todo o meu trabalho... ele roubou.

Meu cabelo molhado grudou na pele, a água gelada escorrendo pelas costas. Senti um arrepio, causado tanto pelo frio quanto pelas palavras de Blakely.

— Patch vai chegar em um minuto. Como pelo visto você foi inteligente o bastante para encontrar a casa, imagino que esteja atrás dele.

— Quero acabar com Dante. — Sua voz vibrou de convicção.

— Quer dizer, seu desejo é que Patch acabe com ele por você. — Por que os caras maus ficavam tentando contratar meu namorado como mercenário? Tudo bem que ele tivesse feito esse tipo de trabalho no passado, mas aquilo estava começando a ficar ridículo... e irritante. Por que cada um não cuidava de seus próprios problemas? — O que o faz pensar que ele vai aceitar?

— Quero que Dante sofra até o final da vida. Isolado do mundo, torturado até não aguentar mais. Só confio em Patch para isso. O preço não é problema.

— Patch não precisa de dinheiro... — Eu me interrompi, pensativa. Tinha acabado de ter uma ideia tortuosa e manipuladora. Não queria me aproveitar de Blakely, mas, por outro lado, ele não tinha sido nada gentil comigo no passado. Lembrei-me da situação crítica pela qual tínhamos passado e que ele cravara em mim uma faca preparada com as artes do mal, levando-me ao vício. — Patch não precisa de seu dinheiro, mas precisa de seu testemunho. Se você concordar em confessar os crimes de Dante no duelo amanhã, diante de Lisa Martin e dos outros nefilins influentes, Patch pode matar Dante para você. — Patch já tinha prometido para Pepper que mataria Dante, mas isso não significava que não poderíamos tirar vantagem das circunstâncias e ganhar alguma coisa também de Blakely. A expressão “matar dois coelhos com uma só cajadada” não tinha surgido do nada, afinal de contas.

— Dante não pode ser morto. Aprisionado eternamente, sim, mas não morto. Nenhum dos protótipos funciona contra ele. Ele é imune porque o corpo dele...

— Patch pode cuidar disso — rebati sucintamente. — Se você quiser Dante morto, considere isso feito. Você tem seus contatos, Patch tem os dele.

Blakely me estudou com um ar pensativo e perspicaz.

— Ele conhece um arcanjo? — adivinhou ele, por fim.

— Nunca disse isso. Mais uma coisa, Blakely. É importante. Você tem influência suficiente sobre Lisa Martin e outros nefilins poderosos para fazê-los se voltar contra Dante? Porque se não tiver, nós dois seremos derrotados amanhã.

Ele só ponderou por um minuto.

— No início Dante encantou seu pai, Lisa Martin e vários outros nefilins, mas ele não compartilha o passado que tenho com eles. Se eu disser que ele é um traidor, eles vão me ouvir. — Blakely colocou a mão no bolso e depois me entregou um cartão pequeno. — Preciso passar em casa e pegar algumas coisas importantes antes de ir para meu esconderijo. Esse é meu novo endereço. Espere um pouco, depois vá até lá com Patch. Vamos acertar os detalhes esta noite.

***

Patch chegou minutos depois que Blakely tinha ido embora. As primeiras palavras que saíram da minha boca foram:

— Você não adivinha quem esteve aqui.

Com esse gancho fascinante, comecei a contar a história, repetindo para Patch cada palavra de minha conversa com Blakely.

— O que você acha de tudo isso? — perguntou Patch quando terminei.

— Acho que Blakely é nossa última esperança.

— Você confia nele?

— Não. Mas o inimigo de seu inimigo...

— Você o fez jurar que testemunharia amanhã?

Senti o coração afundar. Não havia pensado nisso. Tinha sido um erro inocente, mas que me fez questionar se algum dia eu seria uma boa líder. Sabia que Patch não esperava que eu fosse perfeita, mas ainda assim queria impressioná-lo. Uma voz estúpida dentro de mim questionou se Dabria cometeria o mesmo erro. Dificilmente.

— Será a primeira coisa que farei quando nos encontrarmos com ele esta noite.

— Faz sentido que Dante queira ter o controle exclusivo das artes do mal — ponderou Patch. — E se Dante achou que Blakely suspeitava de que ele estivesse trabalhando para os anjos caídos, com certeza o mataria para manter o segredo.

— Você acha que Dante me falou sobre as artes do mal naquele dia na Rollerland porque presumiu que eu contaria tudo para você, e você iria atrás de Blakely? Sempre me perguntei por que ele havia me contado aquilo. Pensando melhor, quase parece que ele tinha uma estratégia: você pegaria Blakely e o prenderia em algum lugar sem ver a luz do dia, e assim Dante poderia controlar sozinho as artes do mal.

— Esse era exatamente o meu plano. Até Marcie nos atrapalhar.

— Dante vem minando meu poder desde o início — constatei.

— Agora não mais. Temos o depoimento de Blakely.

— Isso significa que vamos nos encontrar com ele?

Fazia menos de cinco minutos que Patch deixara as chaves da moto no balcão da cozinha. Ele foi até lá e as pegou de novo.

— E a diversão nunca acaba, Anjo.

***

O endereço que Blakely havia me dado nos levou a uma casa térrea, com tijolos vermelhos aparentes, em um bairro antigo. Havia duas janelas abrigadas da luz de cada lado da porta. A vasta propriedade parecia engolir a pequena casa. Patch deu duas voltas

no quarteirão, com os olhos atentos, depois estacionou no fim da rua, longe do alcance da luz dos postes.

Ele deu três batidas firmes na porta. Uma luz ardia atrás da janela da sala de estar, mas parecia que não havia ninguém em casa.

— Fique aqui — pediu-me Patch. — Vou lá nos fundos.

Esperei na varanda, olhando para a rua atrás de mim. Estava frio demais para que algum vizinho estivesse levando o cachorro para passear, e também nenhum carro passou por ali.

A fechadura da porta da frente caiu, e Patch abriu a porta por dentro.

— A porta dos fundos estava escancarada. Estou com um mau pressentimento — falou ele.

Entrei na casa e fechei a porta.

— Blakely? — chamei em voz baixa. A casa era pequena e não havia necessidade de falar mais alto.

— Ele não está neste andar — disse Patch. — Mas vi uma escada que leva para o porão.

Ele desceu e entrou em um cômodo iluminado. Perdi o fôlego quando meus olhos focaram o rastro vermelho que manchava o carpete. Marcas vermelhas de mão tingiam as paredes e levavam na mesma direção... para um quarto escuro mais à frente. Nas sombras difusas, só pude distinguir o contorno de uma cama... e o corpo de Blakely caído ao lado.

Patch logo estendeu o braço, bloqueando minha passagem.

— Vá lá para cima — ordenou.

Sem pensar, passei por baixo do braço de Patch e corri em direção a Blakely.

— Ele está ferido!

A parte branca dos olhos de Blakely emitia um tom etéreo de azul. Sangue escorria de sua boca e ele gorgolejava ao tentar, em vão, falar.

— Dante fez isso? — perguntou Patch, chegando logo depois de mim.

Agachei e chequei os sinais vitais de Blakely. Seus batimentos cardíacos estavam fracos e erráticos. Senti meus olhos arderem de lágrimas. Não sabia se estava chorando por Blakely, ou pelas consequências de sua morte para mim, mas eu suspeitava, de forma egoísta, que era a segunda opção.

Blakely se engasgava com o sangue e disse em um fio de voz:

— Dante sabe... penas dos anjos caídos.

Apertei a mão de Patch com força. *Como Dante pode saber das penas? Pepper não lhe diria. E somos os únicos que sabemos além dele.*

Se Dante sabe das penas, vai tentar interceptar Pepper em seu caminho de volta para a Terra, respondeu Patch, tenso. *Não podemos deixá-lo pegar as penas.*

— Lisa Martin... aqui... logo — disse Blakely com a voz áspera, pronunciando cada palavra com dificuldade.

— Onde fica o laboratório? — perguntei a Blakely. — Como podemos destruir o suprimento de artes do mal de Dante?

Ele balançou a cabeça com força, como se eu tivesse feito a pergunta errada.

— A espada dele... *ele*... não sabe. Menti. Pode... matá-lo... também — conseguiu dizer com voz rouca. Mais sangue, que então tinha passado de vermelho para azul-flamejante, escorria por seus lábios.

— O.k., entendi — falei, batendo em seu ombro para confortá-lo. — A espada que ele vai usar no duelo de amanhã também pode matá-lo, só que ele não sabe disso. Isso é bom, Blakely. Agora me diga onde fica o laboratório.

— Tentei... contar... você — disse ele em voz baixa e áspera.

Balancei os ombros de Blakely.

— Você não me contou. Onde fica o laboratório?

Eu não achava que destruir o laboratório mudaria o resultado do duelo do dia seguinte. Dante ainda teria no corpo grande quantidade das artes do mal quando lutássemos, mas, independentemente do que acontecesse comigo, se Patch pudesse destruir o laboratório,

as artes do mal desapareceriam de uma vez por todas. Eu me sentia pessoalmente responsável por mandar os poderes do inferno de volta, bem, *para o inferno*.

Precisamos ir, Anjo, falou Patch em meus pensamentos. *Lisa não pode nos ver. Isso não parece nada bom.*

Sacudi Blakely com mais força.

— Onde fica o laboratório?

Suas mãos curvadas relaxaram. Seus olhos, vidrados com aquele tom sombrio de azul, estavam fixos em mim, completamente vazios.

— Não podemos perder mais nenhum segundo aqui — disse Patch. — Dante deve ir atrás de Pepper e das penas.

Sequei os olhos com a palma das mãos.

— E vamos simplesmente deixar Blakely aqui?

Ouvimos o som de um carro parando na rua.

— Lisa — disse Patch. Ele abriu a janela do quarto, ergueu-me até ela e pulou atrás de mim. — Qualquer última homenagem ao morto tem que ser feita agora.

Lancei um olhar pesaroso para Blakely e disse apenas:

— Boa sorte na próxima vida.

Tinha a sensação de que ele iria precisar.

***

Saímos em disparada na moto de Patch pelas estradinhas ladeadas por bosques. A lua nova do Cheshvan tinha começado havia quase duas semanas e pairava como um globo espectral lá no alto, um olho grande e vigilante do qual não podíamos escapar. Estremeci e segurei mais firme em Patch. Ele seguia tão rápido pelas curvas estreitas que os galhos das árvores começavam a desfocar, parecendo dedos esqueléticos que tentavam me agarrar à medida que passávamos.

Como gritar mais alto que o rugido do vento era impraticável, decidi falar por telepatia.

Quem poderia ter contado a Dante sobre as penas?, perguntei a Patch.

Pepper não se arriscaria.

Nem nós.

Se Dante sabe, devemos presumir que os anjos caídos também conhecem nosso plano. Eles vão fazer o que for possível para nos impedir de pegar aquelas penas, Anjo. Serão capazes de qualquer coisa.

Entendi bem o recado: não estávamos seguros.

Precisamos avisar Pepper, falei.

Se ligarmos para ele e os arcanjos interceptarem, nunca conseguiremos as penas.

Vi a hora pelo celular. Onze. *Demos a ele até meia-noite. O tempo de Pepper já está quase acabando.*

Se ele não ligar logo, Anjo, vamos ter que acreditar que o pior aconteceu e pensar em um novo plano.

Ele deslizou a mão até minha perna e a apertou. Sabia que estávamos pensando a mesma coisa. Já tínhamos esgotado todos os planos possíveis. Não havia mais tempo. Ou conseguíamos as penas...

Ou a raça nefilim iria perder mais do que a guerra. Iria servir os anjos caídos por toda a eternidade.

C A P Í T U L O
36

Um toque baixo veio do meu bolso. Patch imadiatamente levou a moto para o acostamento e eu atendi a ligação, rezando por boas notícias.

— Estou com as p-p-penas — disse Pepper, a voz aguda e trêmula.

Suspirei aliviada e levantei a mão para bater na de Patch, entrelaçando meus dedos nos dele e prendendo nossas mãos juntas. Estávamos com as penas. Tínhamos a adaga. O duelo da manhã seguinte já não seria mais necessário — inimigos mortos não empunham espadas, encantadas ou não.

— Bom trabalho, Pepper — falei. — Falta pouco. Precisamos que nos entregue as penas e a adaga, e então poderá esquecer tudo isso. Mas saiba que Dante também está atrás das penas. — Não havia tempo para contar a novidade de maneira gentil. — Ele quer essas penas tanto quanto nós. E está procurando você, então não baixe a guarda. Não deixe que ele as apanhe, ou que apanhe a adaga.

Pepper fungou.

— Estou a-a-assustado. Como sei que Dante não vai me encontrar? E se os arcanjos notarem que as penas desapareceram? — O tom de voz dele ficou ainda mais alto e agudo. — E se descobrirem que fui *eu*?

— Acalme-se. Tudo vai ficar bem. Você vai nos entregar tudo no parque de diversões Delphic. Podemos encontrá-lo lá daqui a uns 45 minutos...

— Isso é quase uma hora! Não posso ficar com as penas por tanto tempo! Preciso me livrar delas. Esse foi o acordo. Você nunca disse nada sobre eu ter de tomar conta delas. E quanto a mim? Dante está me procurando. Se quer que eu lhe entregue isso, então

quero que Patch vá atrás de Dante e cuide para que ele não seja uma ameaça para mim!

— Já expliquei isso — falei, impaciente. — Patch vai matar Dante assim que tivermos a adaga.

— E de que isso me adianta se Dante me encontrar primeiro? Quero que Patch vá atrás de Dante neste minuto. Na verdade, não vou lhe dar a adaga até ter provas de que Patch o pegou!

Tirei o telefone do ouvido para poupar meus tímpanos dos gritos agudos de Pepper.

— Ele está desesperado — falei para Patch, preocupada.

Patch pegou o telefone da minha mão.

— Ouça, Pepper. Leve as penas e a adaga ao parque de diversões Delphic. Vou pedir a dois anjos caídos para encontrarem você no portão. Eles vão cuidar para que chegue em segurança ao meu estúdio. Só não lhes conte o que está carregando.

Ouvi o som agudo da resposta de Pepper pelo telefone.

— Coloque as penas no meu estúdio — disse Patch. — E fique quieto lá até a gente chegar.

Um gemido alto.

— Você não vai deixar as penas desprotegidas — argumentou Patch, dizendo cada palavra como se quisesse matar alguém. — Você vai ficar sentado no meu sofá e cuidar para que elas ainda estejam lá quando nós chegarmos.

Mais guinchos histéricos.

— Pare de choramingar. Eu vou atrás de Dante agora, se é isso o que você quer, e depois volto para pegar a adaga, que você vai ficar vigiando até que eu chegue ao estúdio. Vá para o Delphic e faça exatamente o que eu disse. E mais uma coisa: pare de chorar. Assim você acaba com a reputação dos arcanjos.

Patch desligou e me entregou o telefone.

— Mantenha os dedos cruzados para isso dar certo.

— Acha que Pepper vai ficar lá com as penas?

Ele passou a mão pelo rosto, deixando escapar da garganta um som que foi meio uma risada áspera, meio um gemido.

— Vamos ter que nos separar, Anjo. Se formos atrás de Dante juntos, arriscaremos deixar as penas desprotegidas.

— Vá encontrar Dante. Eu cuido de Pepper e das penas.

Patch me estudou.

— Sei que cuida. Mas ainda não gosto da ideia de deixar você sozinha.

— Vou ficar bem. Tomo conta das penas e ligo para Lisa Martin imediatamente. Direi a Lisa o que tenho, e ela vai me ajudar a colocar nosso plano em ação. Vamos pôr fim à guerra e libertar os nefilins. — Apertei a mão de Patch de maneira tranquilizadora. — É isso. O final está próximo.

Patch coçou o queixo, claramente insatisfeito e concentrado nos próprios pensamentos.

— Para me deixar mais tranquilo, leve Scott com você.

Um sorriso irônico se abriu em meu rosto.

— Você confia no Scott?

— Confio em você — respondeu ele, com uma voz rouca que me fez sentir quente e me desmanchou por dentro.

Patch me encostou em uma árvore e me beijou com força.

Recuperei o fôlego.

— Garotos de todos os cantos, prestem atenção: *isso* foi um beijo.

Patch não sorriu. Seus olhos ficaram sombrios de um jeito que eu não sabia dizer direito o que era, mas que me fez sentir um peso no estômago. Ele cerrou o maxilar e os músculos em seus braços se contraíram visivelmente.

— Vamos ficar juntos no final disso tudo.

Uma nuvem de preocupação passou por seu rosto.

— No que depender de mim, vamos.

— Não importa o que aconteça esta noite, eu amo você.

— Não fale assim, Patch — sussurrei, a emoção dominando minha voz. — Você está me assustando. Nós vamos ficar juntos. Vá atrás de Dante, depois me encontre no estúdio, e lá daremos fim a essa guerra juntos. Não tem nada mais simples.

Ele me beijou de novo, delicadamente, em cada pálpebra, depois em cada bochecha e, por fim, nos lábios, de maneira suave.

— Eu nunca mais serei o mesmo — disse ele em tom grave. — Você me transformou.

Passei meus braços por seu pescoço e apertei meu corpo contra o dele com força. Fiquei agarrada a ele, tentando acabar com o frio que sentia em meus ossos.

— Quero que me beije de um jeito que eu nunca vá esquecer. — Busquei seus olhos. — Um beijo que fique comigo até eu voltar a vê-lo. — *Porque nos veremos de novo, daqui a pouco.*

Os olhos de Patch me acariciaram com um calor silencioso. Meu reflexo se espiralava dentro deles, cabelo vermelho e lábios em chamas. Eu estava ligada a ele por uma força que não podia controlar, uma pequena linha que unia nossas almas. Com a lua às suas costas, as sombras escureciam os discretos contornos embaixo de seus olhos e das maçãs do rosto, fazendo-o parecer incrivelmente bonito e igualmente diabólico.

Suas mãos seguraram meu rosto, mantendo-me imóvel diante dele. O vento enrolou meu cabelo em seus pulsos, enlaçando-nos. Patch passou os polegares pelo meu rosto, uma carícia lenta e íntima. Apesar do frio, um fogo constante ardia dentro de mim, vulnerável ao seu toque. Seus dedos corriam mais e mais para baixo, deixando para trás uma espécie de dor quente e deliciosa. Fechei os olhos, minhas juntas amolecendo. Ele me acendia como uma chama, luz e calor queimando de um jeito que eu jamais iria entender.

Patch acariciou meu lábio com o polegar, provocando-me de um jeito suave e sedutor. Suspirei de prazer.

Beijo você agora?, perguntou ele.

Eu não conseguia falar, então assenti, sem forças, em resposta.

A boca, quente e atrevida, encontrou a minha. Então ele deixou toda a brincadeira de lado e me beijou com seu próprio fogo negro, intenso e possessivo, consumindo meu corpo, minha alma, e tornando obsoleta qualquer noção anterior do que significava ser beijada.

C A P Í T U L O
37

Ouvi o ronco do Barracuda de Scott vindo pela estrada muito antes de os faróis brilharem na escuridão. Fiz sinal para ele parar e me sentei no banco do carona.

— Obrigada por vir.

Ele engatou a ré e saiu dali depressa do mesmo jeito que tinha se aproximado.

— Você não me contou muito pelo telefone. Diga o que preciso saber.

Expliquei a situação da forma mais rápida, e ao mesmo tempo esclarecedora, possível. Quando terminei Scott assobiou baixinho, espantado.

— Pepper conseguiu todas as penas de anjos caídos *de todos os tempos*?

— Surreal, não é? Ele ficou de nos encontrar no estúdio de Patch. E é melhor que não deixe essas penas desprotegidas — murmurei, mais para mim mesma.

— Posso levá-la em segurança pelo subterrâneo do Delphic. Os portões do parque estão fechados, vamos entrar nos túneis usando os elevadores de carga. Depois teremos que usar meu mapa. Nunca fui ao estúdio de Patch.

Os “túneis” eram uma rede subterrânea de passagens labirínticas e intrincadas que funcionavam como ruas e bairros embaixo do Delphic. Eu não fazia ideia de que existiam até conhecer Patch. Serviam como principal residência dos anjos caídos que viviam no Maine, e até recentemente Patch morava com eles.

Scott dirigiu o Barracuda por uma rua secundária, e não pela entrada principal do parque. O caminho dava em uma plataforma de carga com rampas para caminhão e um depósito. Entramos no depósito por uma porta lateral, cruzamos uma área repleta de

caixas, de ponta a ponta, e, por fim, chegamos aos elevadores de carga. Lá dentro, Scott ignorou os botões normais que indicavam os andares um, dois e três e apertou um pequeno botão amarelo sem nenhuma identificação na parte inferior do painel. Eu sabia que havia entradas para os túneis por todo o Delphic, mas era a primeira vez que usava essa passagem específica.

O elevador, quase tão grande quanto meu quarto, seguiu retinindo mais e mais para baixo até finalmente parar, rangendo. A pesada porta de aço se ergueu, e Scott e eu saímos em um pequeno espaço de descarga. O chão e as paredes estavam sujos, e a única luz vinha de uma lâmpada que balançava como um pêndulo sobre nossas cabeças.

— Para que lado? — perguntei, dando uma olhada no túnel à frente.

***

Eu estava feliz por ter Scott como guia nos subterrâneos do parque. Logo ficou claro que ele cruzava aqueles túneis regularmente. Seguia a passos ligeiros, avançando depressa pelos corredores úmidos como se já soubesse aqueles caminhos de cor havia muito tempo. Consultamos o mapa para avançar sob o Arcanjo, a mais nova montanha-russa do Delphic. A partir daí tomei a dianteira, olhando aqui e ali pelos corredores até que, por fim, chegamos ao que reconheci como a entrada da antiga moradia de Patch.

A porta estava fechada por dentro.

Então, bati.

— Pepper, sou eu, Nora Grey. Abra a porta. — Esperei alguns instantes, depois tentei de novo. — Se você não está abrindo porque sentiu a presença de outra pessoa, estou com Scott. Ele não vai atacar você. Agora abra a porta.

— Ele está sozinho? — perguntou Scott em voz baixa.

Fiz que sim.

— Devia estar.

— Não estou sentindo ninguém — disse Scott com ceticismo, encostando a orelha na porta.

— Ande logo, Pepper! — gritei.

Ainda nenhuma resposta.

— Vamos ter que arrombar a porta — falei para Scott. — Juntos, no três. Um, dois... três.

Scott e eu chutamos a porta com força.

— De novo — gemi.

Continuamos a golpear a madeira com a sola dos calçados até que rachasse, e a porta se abriu com um estrondo. Atravessei o hall e entrei na sala de estar, procurando Pepper.

O sofá tinha sido apunhalado várias vezes, pedaços do estofamento escapavam pelos cortes. As molduras dos quadros que decoravam as paredes agora estavam despedaçadas no chão. A mesa de centro de vidro estava caída de lado, com uma rachadura sinistra no meio. As roupas do armário de Patch tinham sido arrancadas de lá e espalhadas como confete. Não sabia se tudo aquilo eram evidências de uma luta recente ou resultado da fuga apressada de Patch havia quase duas semanas, quando Pepper tinha contratado uns brutamontes para destruir o lugar.

— Você tem como ligar para Pepper? — sugeriu Scott. — Tem o número dele?

Teclei o número de Pepper no meu telefone, mas ele não atendeu.

— Onde ele está? — perguntei, irritada, para ninguém especificamente. Tudo dependia do lado dele do acordo. Eu precisava daquelas penas, e precisava delas imediatamente. — E que cheiro é esse? — perguntei, franzindo o nariz.

Avancei pela sala de estar. Estava sentindo um cheiro acre muito ruim no ar. Um cheiro pútrido. Lembrava piche quente, mas não era exatamente isso.

Alguma coisa estava queimando.

Corri de cômodo em cômodo, tentando encontrar as penas. Não estavam ali. Arrombei a porta do antigo quarto de Patch e senti que

o cheiro de material orgânico queimado havia tomado conta do espaço.

Sem parar para pensar, corri até a parede mais distante do quarto — a que deslizava para revelar uma passagem secreta. Quando abri a porta de correr, uma nuvem escura de fumaça se espalhou pelo cômodo. O forte odor de algo gorduroso e carbonizado era insuportável.

Protegi o nariz e a boca com a gola da blusa e gritei para Scott:

— Vou entrar!

Ele vinha logo atrás de mim, tentando afastar a fumaça com a mão.

Eu já tinha estado naquela passagem antes, quando Patch conseguira deter Hank Millar, antes de eu matá-lo, e tentei me lembrar do caminho. Fiquei de joelhos para fugir da parte mais enfumaçada, tossindo e engasgando toda vez que respirava. Por fim, minhas mãos encontraram uma porta. Tateei em busca de um puxador, e o encontrei. A porta se abriu lentamente, deixando escapar uma nova onda de fumaça pelo corredor.

A claridade do fogo ardente brilhou através da fumaça, as chamas ondulando e dançando como em um incrível show de mágica: tons de bronze, dourado e laranja fundido e grandes nuvens negras. Estalos terríveis crepitavam em meus ouvidos à medida que as chamas devoravam uma grande montanha de material combustível. Scott abraçou meus ombros de maneira protetora e colocou o corpo na frente do meu, como um escudo. O calor do fogo ardeu em nossos rostos.

Levei apenas um instante para gemer de pavor.

CAPÍTULO 38

Fiquei de pé primeiro. Alheia ao calor, corri na direção do fogo enquanto as fagulhas choviam como fogos de artifício. Comecei a revirar a enorme montanha de penas, gritando em pânico. Somente duas penas de Patch tinham restado da época em que ele era arcanjo. Uma nós guardávamos por segurança. A outra fora cuidadosamente armazenada pelos arcanjos quando Patch foi banido do paraíso. E essa pena estava em algum lugar da pilha à minha frente.

Em qualquer lugar. Talvez já tivesse sido queimada. Havia tantas. E tantas mais eram as cinzas que flutuavam como pedaços de papel queimado em volta do fogo.

— Scott, me ajude a encontrar a pena de Patch! — Pensar. Eu tinha que pensar. A pena de Patch. Eu já a tinha visto antes. — Preta, completamente preta — expliquei. — Comece a procurar... Vou pegar cobertores para abafar o fogo!

Corri de volta ao estúdio, a fumaça atrapalhando minha visão. De repente parei, detectando outro vulto no túnel, pois um pouco mais à frente. Pisquei, pois a fumaça castigava meus olhos.

— É tarde demais — disse Marcie. O rosto dela estava inchado de tanto chorar, a ponta do nariz, vermelha. — Você não pode apagar o fogo.

— O que você fez? — gritei com ela.

— Sou a herdeira legítima do meu pai. Eu é que deveria estar liderando os nefilins.

— Herdeira legítima? Você consegue ouvir o que está falando? Você quer esse posto? Eu não... foi seu pai quem me forçou a assumi-lo!

Os lábios dela tremiam.

— Ele me amava mais. E ia me escolher. Você roubou isso de mim.

— Você não quer esse posto, Marcie. Quem colocou essas ideias na sua cabeça?

As lágrimas escorriam pelas bochechas dela e sua respiração era irregular.

— Foi minha mãe quem deu a ideia de eu me mudar para sua casa. Ela e os amigos nefilins queriam que eu ficasse de olho em você. Concordei porque achei que você soubesse alguma coisa sobre a morte do meu pai que não havia me contado. Se eu me aproximasse, achei que talvez...

Foi então que notei a adaga perolada nas mãos dela, brilhando em um tom resplandecente de branco, como se os raios mais puros do sol tivessem sido capturados sob a sua superfície. Só podia ser a adaga encantada de Pepper. O imbecil não tinha sido cuidadoso o bastante e acabara deixando Marcie segui-lo até ali. Depois, tinha largado as penas e a adaga e fugido, deixando que caíssem nas mãos dela.

Estendi a mão.

— Marcie...

— Não me toque! — gritou ela. — Dante me contou que você matou meu pai. Como pôde fazer isso? Como pôde? Eu tinha certeza de que havia sido Patch, mas o tempo todo foi *você*! — guinchou histericamente.

Apesar do calor, um calafrio de medo percorreu minha espinha.

— Eu... posso explicar. — Mas não achei que pudesse. A expressão inquieta e alucinada no rosto de Marcie me dizia que ela estava entrando em choque. Duvido que fizesse diferença para ela saber que o pai tinha me levado àquilo quando tentara mandar Patch para o inferno. — Entregue a adaga.

— Fique longe de mim! — Ela se arrastou para fora do meu alcance. — Dante e eu vamos contar para todo mundo. O que os nefilins vão fazer com você quando souberem que matou o Mão Negra?

Eu a observei com atenção. Dante devia ter acabado de descobrir que eu havia matado Hank. Senão, teria contado isso aos nefilins há muito tempo. Patch não entregaria meu segredo, então sobrava Pepper. De alguma forma, Dante conseguira pegá-lo.

— Dante estava certo — disparou Marcie, raiva e frieza emanando de sua voz. — Você roubou o título de mim. Devia ser meu. E agora fiz o que você não conseguiu... Libertei os nefilins. Quando o fogo apagar, todos os anjos caídos na Terra serão acorrentados no inferno.

— Dante trabalha para os anjos caídos — falei, a frustração tornando minha voz mais aguda.

— Não — disse Marcie. — É você que trabalha.

Ela avançou na minha direção com a lâmina de Pepper e pulei para trás, tropeçando. A fumaça se avolumava, obscurecendo completamente minha visão.

— Dante sabe que você queimou as penas? — gritei para Marcie, mas ela não respondeu.

Tinha sumido.

Será que Dante havia mudado de estratégia? Depois da sorte inesperada de conseguir as penas de todos os anjos caídos e, consequentemente, a vitória certa para os nefilins, será que tinha decidido ficar ao lado de sua raça, afinal?

Não havia tempo para pensar no assunto. Já tinha perdido alguns minutos preciosos. Precisava ajudar Scott a encontrar a pena de Patch. Voltei correndo para a câmara em chamas, tossindo e com ânsia de vômito, em busca do caminho até a entrada.

— Todas estão ficando pretas por causa das cinzas — berrou Scott por cima do ombro. — Todas elas parecem iguais. — O rosto brilhava em um tom escarlate por causa do calor. As brasas rodopiavam à sua volta, quase ateando fogo em seu cabelo, já preto de fuligem. — Precisamos sair daqui. Se demorarmos mais, vamos acabar queimados.

Fui depressa em direção a ele, agachada, tentando fugir do calor que soprava implacavelmente.

— Primeiro vamos achar a pena de Patch. — Atirei uma pilha de penas em chamas para trás, cavando mais fundo. Scott estava certo. Elas estavam sujas com uma fuligem preta e oleosa. Gritei de desespero. — Se não conseguirmos achar, ele vai para o inferno!

Eu espalhava grandes punhados de penas, rezando para reconhecer a de Patch se a visse. Rezando para que ainda não tivesse sido queimada. Não ia me permitir pensar o pior. Ignorei a fumaça que irritava meus olhos e pulmões e comecei a separar as penas com mais urgência. Não podia perder Patch. Não *ia* perder Patch. Não assim. Não se cabia a mim protegê-lo.

Meus olhos se encheram de lágrimas, que começaram a escorrer pelo rosto. Eu não conseguia enxergar direito. O ar estava quente demais para respirar. A pele do meu rosto parecia derreter e eu sentia como se meu couro cabeludo estivesse pegando fogo. Mergulhei as mãos na montanha de penas, desesperada por encontrar uma completamente preta.

— Não vou deixar você se queimar — gritou Scott, mais alto que o som crepitante das chamas.

Ele chegou para trás, de joelhos, me arrastando junto. Eu me debatia impiedosamente em suas mãos. *Não sem a pena de Patch.*

O fogo clamava em meus ouvidos e a falta de oxigênio estava prejudicando minha concentração. Passei as costas da mão nos olhos e acabei esfregando neles ainda mais fuligem. Eu tentava pegar as penas; meus braços pareciam estar presos a pesos de cinquenta quilos. Minha visão falhava. Mas eu me recusava a desmaiar antes de achar a pena de Patch.

— Patch — murmurei, bem quando uma brasa caiu na manga da minha blusa, ateando fogo ao tecido.

Antes que eu pudesse erguer uma das mãos para apagá-la, a chama chegou ao cotovelo. O calor queimou a pele de maneira tão forte e torturante que gritei e me joguei de lado. Foi então que vi meus jeans também em chamas.

Scott berrava ordens atrás de mim. Algo sobre sair da câmara. Ele queria fechar a porta e prender o fogo lá dentro.

Não podia deixar que fizesse isso. Eu tinha que salvar a pena de Patch.

Perdi o senso de direção, tropeçando às cegas para a frente. As chamas brilhantes que lambiam tudo que estava por perto obscureceram minha visão.

A voz de Scott, tão imperativa, se dissipou no nada.

***

Mesmo antes de abrir os olhos, eu sabia que estava em um carro em movimento. Senti o baque irregular dos pneus passando nos buracos e o barulho do motor roncou em meus ouvidos. Eu estava encostada na porta do carro, a cabeça escorada na janela. Havia duas mãos desconhecidas no meu colo, e me assustei quando elas se moveram ao meu comando. Eu as girei lentamente no ar, olhando o estranho papel preto colado nelas.

Carne enegrecida.

Senti quando alguém apertou meu braço para me consolar.

— Está tudo bem — disse Scott, do banco do motorista do Barracuda. — Suas mãos vão ficar boas.

Balancei a cabeça, achando que ele tinha entendido errado. Passei a língua pelos lábios ressecados.

— Precisamos voltar. Dê a volta. Temos que salvar Patch.

Scott não disse nada, só me olhou de lado, em dúvida.

Não.

Era mentira. Um medo inimaginável e profundo me consumiu. Minha garganta parecia apertada, sensível e quente. Era mentira.

— Sei que gostava dele — disse Scott em voz baixa.

Eu amo Patch! Sempre vou amá-lo! Prometi a ele que ficaríamos juntos!, gritei dentro da minha cabeça, porque as palavras eram duras demais para serem ditas. Elas arranhavam minha garganta como se fossem unhas.

Voltei minha atenção para o lado de fora da janela. Olhei para a noite, para o borrão de árvores, campos e cercas, que em um

instante estavam ali, no outro desapareciam. As palavras na minha garganta se juntaram em um grito cheio de pontas afiadas, frio e doloroso. O grito ficou ali, crescendo e me ferindo, enquanto meu mundo se desfazia e saía de órbita.

Um monte de metal retorcido bloqueava a estrada à frente.

Scott desviou, diminuindo a velocidade enquanto passávamos. Não esperei que o carro parasse; me atirei para fora e corri. A moto de Patch. Amassada e destruída. Olhei, assustada, piscando repetidas vezes, querendo enxergar outra coisa. O metal arruinado, retorcido, dava a impressão de que o motorista acelerara até a velocidade máxima e então saltara por um círculo de vento.

Esfreguei os olhos, esperando que aquela imagem terrível sumisse. Procurei pela estrada, achando que ele pudesse ter batido. Com o impacto, podia ter sido atirado longe. Corri adiante, um pouco mais, procurei na vala, no mato, nas sombras das árvores. Ele podia estar logo à frente. Chamei por ele, andei para cima e para baixo na beira da estrada, as mãos tremendo quando eu as passava pelo cabelo.

Não ouvi Scott chegar atrás de mim. Mal senti seus braços em volta dos meus ombros. A tristeza e a angústia me atordoavam, como uma presença viva, real e assustadora demais. Eu sentia tanto frio que doía respirar.

— Sinto muito — disse ele, a voz rouca.

— Não me diga que ele se foi — disparei. — Ele bateu a moto e continuou a pé. Ele tinha dito que me encontraria no estúdio. Patch não quebraria uma promessa. — Falei essas palavras porque precisava ouvi-las.

— Você está tremendo. Deixe-me levá-la para a minha casa, ou a sua, ou a casa dele, aonde você quiser.

— *Não!* — gritei. — Vamos voltar ao estúdio. Ele está lá. Você vai ver. — Empurrei-o para me soltar de seu abraço, mas de repente não me senti firme. Minhas pernas se embaralharam, um passo entorpecido atrás do outro. Um pensamento assustador e imperdoável tomou conta de mim. *E se Patch se foi?*

Meus pés se arrastaram de volta até a moto.

— Patch! — gritei, caindo de joelhos.

Debrucei-me sobre a moto dele, soluçando de um jeito estranho, forte, que vinha do fundo do meu peito. Eu estava caindo, deslizando para dentro da mentira.

Patch.

Pensei no nome dele, esperando, esperando. Solucei seu nome, ouvindo meus ruídos incontroláveis de angústia e desespero.

As lágrimas rolavam pelo meu rosto. Meu coração estava por um fio. A esperança a que eu me prendia se soltou, vagando à deriva, fora de alcance. Senti minha alma se estilhaçar, pedaços irreparáveis de mim voando para longe.

A pouca luz que ainda restava dentro de mim se apagou.

C A P Í T U L O
39

Cedi ao sono. Os sonhos eram o único lugar em que podia encontrar Patch. Agarrar-me a uma lembrança irreal era melhor do que viver sem ele. Deitada encolhida em sua cama, cercada por seu cheiro inconfundível, evoquei as lembranças dele para me assombrar.

Nunca podia ter confiado em Pepper para pegar as penas. Eu devia saber que ele estragaria tudo. E não podia ter subestimado Dante. Sabia que Patch negaria minha culpa imediatamente, mas me sentia responsável pelo que havia acontecido com ele. Se eu tivesse chegado ao estúdio dez minutos antes. Se tivesse impedido Marcie de acender o fósforo...

— Acorde, Nora.

Vee se inclinou sobre mim, a voz urgente e preocupada.

— Você precisa se preparar para o duelo. Scott me contou tudo. Um dos mensageiros de Lisa Martin esteve aqui enquanto você dormia. O duelo será ao nascer do sol, no cemitério. Precisa ir lá chutar o traseiro de Dante e mandá-lo para Júpiter. Ele matou Patch, e agora quer acabar com você. Vou lhe dizer o que eu acho disso: ele não vai conseguir *mesmo*. Não se pudermos fazer alguma coisa.

Duelo? A ideia me pareceu quase ridícula. Dante não precisa me enfrentar com uma espada para roubar meu título. Ele tinha munição mais do que suficiente para acabar com minha reputação e credibilidade. Todos os anjos caídos tinham sido acorrentados no inferno. Os nefilins venceram a guerra. Dante e Marcie levariam o crédito, explicando como tinham intimidado um arcanjo para que lhes entregasse as penas, e como tinham saboreado cada momento enquanto as viam queimar.

Ao pensar em Patch aprisionado no inferno senti uma nova onda de dor me cortando. Não sabia como ia manter minhas emoções sob controle enquanto os nefilins comemoravam freneticamente seu

triunfo. Eles nunca saberiam que, até o último momento, Dante tinha ajudado os anjos caídos. E o colocariam no poder. Eu não sabia ainda o que isso representaria para mim. Se o exército fosse abolido, teria importância eu ter perdido a liderança? Pensando bem, meu juramento era bem vago. Eu não tinha planejado isso.

Mas imaginava que Dante tivesse planos para mim. Ele também sabia que, no momento em que eu falhasse em liderar o exército, minha vida estaria acabada. Mas, por garantia, provavelmente iria me prender pelo assassinato do Mão Negra. Antes do fim do dia eu seria executada por traição ou, na melhor das hipóteses, estaria presa.

Eu apostava na execução.

— Está quase na hora de o sol nascer. Levante-se — disse Vee. — Você não pode deixar que Dante escape assim.

Abracei o travesseiro de Patch, sentindo o cheiro que continuava ali antes que sumisse para sempre. Memorizei os contornos da cama e me aconcheguei na marca de seu corpo. Fechei os olhos e imaginei que ele estava ali. Ao meu lado. Me tocando. Imaginei seus olhos negros se suavizando ao acariciar meu rosto, as mãos dele, quentes, fortes, reais.

— *Nora* — alertou Vee.

Ignorei-a, escolhendo ficar com Patch. O colchão afundou quando ele chegou mais perto. Ele sorriu e passou as mãos por baixo de mim, puxando-me para cima dele. *Está gelada, Anjo. Deixe-me esquentar você.*

Achei que tivesse perdido você, Patch.

Estou bem aqui. Prometi que ficaríamos juntos, não foi?

Mas, sua pena...

Shh, ele me tranquilizou. Seu dedo selou meus lábios. *Quero ficar com você, Anjo. Fique aqui comigo. Esqueça Dante e o duelo. Não vou deixar que ele machuque você. Vou mantê-la em segurança.*

As lágrimas arderam em meus olhos. *Me leve daqui. Como você prometeu. Me leve para bem longe, só você e eu.*

— Patch detestaria vê-la desse jeito — Vee repreendeu-me, claramente tentando apelar para minha consciência.

Puxei as cobertas, formando um abrigo secreto sobre nós dois, e ri no ouvido dele. *Ela não sabe que você está aqui.*

Nosso segredo, concordou ele.

Não vou deixar você, Patch.

Não vou permitir. Em um rápido movimento, ele inverteu nossas posições, me prendendo ao colchão. Patch se curvou sobre mim. *Tente escapar agora.*

Franzi as sobrancelhas quando vislumbrei um brilho azul-claro que parecia se esconder sob a superfície de seus olhos. Pisquei para limpar a visão, mas, quando meus olhos entraram em foco, eu tinha certeza de que via o azul crepitante que contornava suas íris.

Engoli em seco. *Preciso pegar um pouco de água*, falei.

Vou buscar para você, insistiu Patch. *Não se mexa. Fique na cama.*

Só vai levar um segundo, argumentei, tentando me soltar e sair debaixo dele.

Patch agarrou meus pulsos. *Você disse que não ia me deixar.*

Só vou pegar algo para beber, objetei.

Não vou deixar você ir, Nora. As palavras pareceram um rosnado. As feições dele se contorceram, retorcidas, modificando-se, até eu começar a ver flashes de outro homem. A pele morena de Dante, a covinha no queixo, aqueles olhos encapsulados que um dia cheguei a acreditar que eram bonitos, surgiram diante de mim.

Acabou. Desista. Eu venci.

— Afaste-se de mim — sibilei.

O toque dele se desfez, o rosto pairando sobre o meu como um nevoeiro azul desapareceu.

Senti a água gelada atingir meu rosto e me levantei em um pulo, engasgada. O sonho se estilhaçou. Vee estava a distância de um braço, segurando uma jarra vazia.

— Hora de ir — disse ela, agarrando o vaso como se estivesse se preparando para usá-lo como arma caso precisasse.

— Eu não quero — resmunguei, infeliz demais para ficar irritada por causa da água.

Senti um aperto na garganta e achei que fosse começar a chorar. Só queria uma coisa, e ela se fora. Patch não ia voltar. Nada que eu fizesse poderia mudar isso. As coisas pelas quais achei que valesse a pena lutar, as coisas que ardiam e me inflamavam por dentro, até mesmo derrotar Dante e acabar com as artes do mal, tinham perdido o sentido sem ele.

— E Patch? — indagou Vee. — Você desistiu de si mesma, mas desistiu dele também?

— Patch se foi. — Apertei os dedos em meus olhos até conseguir controlar a vontade de chorar.

— Ele foi embora, mas não está morto.

— Não posso fazer isso sem Patch — falei, sem fôlego.

— Então encontre um jeito de trazê-lo de volta.

— Ele está no inferno — disparei.

— Antes isso do que em um túmulo.

Levantei os joelhos e apoiei a cabeça neles.

— Eu matei Hank Millar, Vee. Patch e eu fizemos isso juntos. Dante sabe, e ele vai me prender no duelo. Vai me executar por traição.

Minha mente criou uma imagem bem real. Dante me humilharia da forma mais pública possível. Quando seus guardas me arrastassem do duelo, cuspiriam em mim e me chamariam de vários nomes hediondos. Quanto à execução, pensando em como ele iria acabar com a minha vida...

Ele usaria a espada. Aquela que Blakely tinha encantado para me matar.

— É por isso que não posso ir ao duelo — terminei.

O silêncio de Vee se estendeu.

— É a palavra de Dante contra a sua — disse ela, por fim.

— É isso o que me preocupa.

— Você ainda é a líder dos nefilins. Deve ter algum crédito. Se ele tentar prender você, desafie-o. — A convicção brilhou nos olhos

dela. — Lute com ele até o fim. Você pode facilitar as coisas ou pode fincar o pé e fazer com que ele tenha de se esforçar para ter o que quer.

Funguei, limpando o nariz com as costas da mão.

— Estou com medo, Vee. Com tanto medo...

— Eu sei, baby. Mas também sei que, se alguém é capaz de fazer isso, essa pessoa é você. Não digo isso com frequência, e talvez nunca tenha lhe dito, mas, quando crescer, quero ser igual a você. Agora, pela última vez, saia da cama antes que eu lhe dê outro banho. Você vai ao cemitério. E vai dar a Dante a luta da vida dele.

***

Minhas queimaduras mais graves já tinham cicatrizado, mas eu ainda me sentia esgotada e enfraquecida. Não era uma nefilim há tempo suficiente para entender a mecânica da cicatrização rápida, mas eu imaginava que, mesmo involuntariamente, gastava muita energia no processo. Não tinha olhado no espelho antes de sair da casa de Patch, mas fazia uma boa ideia de como minha aparência devia estar horrível e arrasada. Só de olhar para mim, Dante já se consideraria vitorioso.

Quando Vee e eu paramos no estacionamento de cascalho em frente ao cemitério, recapitulei meu plano. Depois que Dante anunciasse que tinha banido os anjos caídos para o inferno e vencido a guerra, era mais provável que ele me acusasse de ter assassinado Hank e proclamasse que deveria assumir meu lugar. Àquela altura, eu não ia me retirar e abrir mão do meu posto. Vee estava certa. Eu tinha que lutar. Contra todas as expectativas, eu ia *lutar*. Dante só lideraria os nefilins por cima do meu cadáver... literalmente.

Vee fechou a mão sobre a minha.

— Vá garantir sua posição. A gente pensa no resto depois.

Engoli uma risada cética. Depois? Eu não ligava para o que ia acontecer depois. Sentia uma fria indiferença em relação ao meu futuro. Não queria pensar no que viria dali a uma hora. Não queria pensar no que viria no dia seguinte. A cada momento que passava, minha vida se desviava ainda mais do caminho que Patch e eu havíamos trilhado juntos. Não queria seguir adiante. Queria poder *voltar*. Para um lugar onde eu pudesse estar com Patch de novo.

— Scott e eu estaremos bem ali, entre as pessoas — disse Vee com firmeza. — Apenas... tome cuidado, Nora.

Lágrimas brotaram em meus olhos. Patch costumava me dizer as mesmas palavras. Eu precisava dele ali, naquele momento, garantindo que eu seria capaz de fazer aquilo.

O céu ainda estava escuro, a lua derramava sua luz branca pela paisagem fantasmagórica. Uma forte geada fazia com que a grama estalasse sob meus pés enquanto eu descia lentamente até o cemitério, deixando Vee ir na frente. As cruzes brancas de pedra e os obeliscos estreitos pareciam flutuar na neblina. Um anjo com asas lascadas estendia os braços quebrados em minha direção. Senti um soluço em minha garganta. Fechei os olhos, imaginando as feições bonitas e fortes de Patch. Doía pensar nele, sabendo que nunca mais iria vê-lo. *Nem ouse chorar agora*, eu me repreendi. Desviei o olhar, com medo de não conseguir seguir em frente se me deixasse levar por qualquer outra emoção que não a frieza e a determinação.

Centenas de nefilins estavam reunidos no cemitério. Ao ver a quantidade deles, parei. Uma vez que os nefilins paravam de envelhecer quando juravam lealdade, a maioria era jovem, no máximo uns dez anos a mais que eu, mas vi alguns mais velhos. Os rostos estavam radiantes de expectativa. Crianças corriam em círculos em volta das pernas dos pais, brincando de pega-pega, antes de serem agarradas pelos ombros e obrigadas a ficar quietas. Crianças. Como se o evento daquela manhã fosse um programa familiar: um circo ou algum jogo.

À medida que me aproximava, notei que doze nefilins estavam cobertos até os tornozelos por túnicas pretas com capuz. Deviam

ser os mesmos seres poderosos que eu encontrara na manhã seguinte à morte de Hank. Na posição de líder dos nefilins, eu tinha de saber o que aquelas túnicas significavam. Lisa Martin e sua coorte deveriam ter me contado. Mas nunca fui bem-vinda naquele círculo. Nunca me quiseram, para início de conversa. Eu estava certa de que os trajes denotavam status e poder, mas precisei chegar a essa conclusão sozinha.

Um dos nefilins levantou o capuz. Lisa Martin. Sua expressão era solene, e o olhar tenso com a expectativa. Ela me entregou uma túnica negra, mais como um dever que como um sinal de aceitação. A roupa era mais pesada do que eu esperava, feita de um veludo grosso, que deslizou em minhas mãos.

— Você viu Dante? — perguntou ela em voz baixa.

Coloquei a túnica sobre os ombros, mas não respondi.

Meus olhos pousaram em Scott e Vee, e senti um alívio em meu peito. Respirei fundo pela primeira vez desde que saíra do condomínio de Patch. Então vi que eles estavam de mãos dadas, e uma estranha solidão me invadiu. Minha mão vazia formigou com a brisa. Fechei o punho para impedir que ela tremesse. Patch não ia aparecer. Nunca mais ele iria entrelaçar seus dedos nos meus, e um gemido baixo escapou da minha garganta quando me dei conta disso.

O nascer do sol.

Uma faixa dourada iluminou o horizonte cinzento. Em alguns minutos, luz passaria pelas árvores e afastaria a neblina. Dante viria, e os nefilins saberiam da vitória. O medo de jurar lealdade e a ameaça do Cheshvan ficariam registrados somente na história. Ficariam exultantes, comemorando como loucos e saudando Dante como seu salvador. Iriam carregá-lo nos ombros e o louvariam. E então, quando ele tivesse aprovação unânime, me convocaria da multidão...

Lisa andou até a multidão. E elevou a voz para dizer:

— Tenho certeza de que Dante chegará logo. Ele sabe que o duelo está marcado rigorosamente para o nascer do sol. Ele não

costuma se atrasar, mas, em todo caso, talvez tenhamos de adiar alguns...

O pronunciamento foi interrompido por um estrondo que pareceu reverberar no chão. Senti a vibração na sola dos meus pés, cada vez mais forte. Uma inquietação instantânea me atingiu como um soco no estômago. Alguém estava chegando. E não apenas *uma pessoa*, mas várias.

— Anjos caídos — sussurrou uma nefilim, o medo permeando sua voz.

Ela estava certa. O poder deles, palpável mesmo a distância, fazia cada terminação nervosa do meu corpo formigar. Eu me arrepiei, rígida de repulsa. Pareciam ser centenas. Mas, como? Marcie tinha queimado as penas deles... Eu vi.

— Como nos encontraram? — indagou outra nefilim, sua voz cheia de pavor.

Olhei imediatamente para o lado e vi os lábios de Susanna Millar se franzirem de espanto sob as dobras do capuz.

— Então, finalmente, eles vieram — sibilou Lisa, a sede de sangue brilhando em seus olhos. — Rápido! Escondam as crianças e peguem as armas. Vamos lutar, com ou sem Dante. A batalha final termina aqui.

O comando dela se espalhou pela multidão, seguido de gritos de ordem. Nefilins se alinharam, aos tropeços e empurrões, desorganizados. Alguns estavam com facas, e aqueles que não tinham nada pegavam pedras, garrafas quebradas ou qualquer outra coisa que achassem para se proteger. Corri em direção a Vee e Scott. Sem perder o fôlego, dirigi minhas primeiras palavras a Scott.

— Tire Vee daqui. Procurem um lugar seguro. Vou encontrar vocês dois quando isso terminar.

— Você está louca se acha que vamos sair sem você — declarou Vee com firmeza. — Diga a ela, Scott. Pegue-a nos braços e leve-a à força se for preciso.

— Como pode ter anjos caídos aqui? — perguntou Scott, procurando por uma explicação em meu rosto.

Nós dois vimos as penas queimarem.

— Não sei. Mas pretendo descobrir.

— Acha que Patch está por aí. É isso, não é? — disse Vee, olhando na direção do ribombar distante que fazia o chão tremer sob nós.

Olhei nos olhos dela.

— Nós vimos Marcie queimar as penas. Ou fomos enganados, ou alguém abriu os portões do inferno. O instinto me diz que a última opção é mais provável. Se os anjos caídos estão escapando do inferno, tenho que fazer com que Patch também saia. E depois preciso fechar as portas antes que seja tarde demais. Se eu não acabar com isso agora, não haverá outra chance. Hoje é o último dia em que os anjos caídos podem possuir o corpo dos nefilins, mas acho que isso já não tem importância nenhuma para eles. — Pensei nas artes do mal. Em todo o seu poder. — Acho que eles têm meios para nos escravizar para sempre... Isto é, se não nos matarem primeiro.

Vee assentiu lentamente, digerindo o peso das minhas palavras.

— Então vamos ajudá-la. Estamos nisso juntos. Essa luta é tão sua quanto é minha e de Scott.

— Vee... — comecei, querendo preveni-la.

— Se essa é mesmo a luta da minha vida, você sabe que não vou perdê-la. Não importa o que diga. Não deixei de comer meus últimos donuts para chegar aqui a tempo só para virar as costas e ir embora — disse Vee, e havia algo quase terno em sua voz.

Ela estava sendo totalmente sincera. Estávamos juntas naquilo.

Minha voz estava embargada demais para eu falar.

— Está certo — falei por fim. — Vamos trancar os portões do inferno de uma vez por todas.

CAPÍTULO 40

O sol se erguia no horizonte, iluminando por trás a silhueta aparentemente interminável dos anjos caídos que vinham em disparada em direção ao cemitério. Na luz oblíqua do início da manhã, as sombras emitiam um tom iridescente de azul, como uma onda arrebentando na praia. Um homem — um nefilim — corria à frente do exército, brandindo uma espada de brilho azulado. Uma espada feita para me matar. Mesmo a distância, os olhos de Dante pareciam evitar qualquer distração, me caçando.

Antes eu havia me perguntado como os portões do inferno tinham sido abertos, e agora sabia a reposta. O halo azul dos anjos caídos me dizia que Dante usara as artes do mal. No entanto, por que ele tinha permitido que Marcie queimasse as penas para depois libertar os anjos caídos... isso eu não sabia.

— Preciso me aproximar de Dante sozinha — falei. — Ele também está atrás de mim. Se conseguirem, atraiam-no até o estacionamento no alto do cemitério.

— Você não tem arma — disse Scott.

Apontei para a frente, para o exército que chegava. Todos os anjos caídos carregavam uma espada que se erguia como uma chama azul e brilhante.

— Não, mas eles têm. Só preciso convencer um deles a me fazer uma doação.

— Eles estão se espalhando — disse Scott. — Vão matar todos os nefilins aqui do cemitério e depois invadir Coldwater.

Segurei as mãos dele, depois as de Vee. Por um momento formamos um círculo indestrutível, e isso me deu forças. Eu enfrentaria Dante sozinha, mas Vee e Scott não estariam longe... Ia tentar me lembrar disso.

— Aconteça o que acontecer, nunca me esquecerei da nossa amizade.

Scott puxou minha cabeça contra o peito, abraçando-me fervorosamente, depois beijou minha testa com ternura. Vee se atirou para cima de mim e me deu um longo abraço, que me fez temer derramar ainda mais lágrimas.

Eu me afastei e corri.

O terreno do cemitério tinha vários esconderijos, e subi rapidamente nos galhos de um pinheiro da colina que levava ao estacionamento. De lá, tinha uma vista livre, e pude observar os homens e mulheres nefilins desarmados correndo em direção à parede de anjos caídos; eram quase vinte anjos para cada nefilim. Em questão de segundos os anjos caídos desceram sobre eles como uma nuvem, ceifando-os com suas espadas como se não fossem mais do que ervas daninhas.

No sopé da colina, Susanna Millar lutava com um anjo caído mulher cujo cabelo louro-claro açoitava seus ombros enquanto as duas se engalfinhavam. Susanna pegou uma faca escondida nas dobras de sua túnica e fincou-a no esterno de Dabria. Com um rosnado alto de raiva, Dabria segurou sua espada com as duas mãos, derrapando pela grama molhada, enquanto girava para contra-atacar. A luta das duas as levou para trás do labirinto de lápides e eu as perdi de vista.

Mais longe, Scott e Vee lutavam, de costas um para o outro, usando galhos de árvores para se defender de quatro anjos caídos que os tinham cercado. Apesar de estarem em maior número, os inimigos fugiam de Scott, em vantagem por sua força e seu tamanho. Ele os derrubou com o galho de árvore, que depois usou como uma marreta para deixá-los desacordados.

Percorri o cemitério com os olhos procurando por Marcie. Se ela estava lá, eu não conseguia ver. Podia apostar que havia evitado deliberadamente a batalha, preferindo a segurança à própria honra. O sangue tingia a grama do cemitério. Tanto nefilins quanto anjos caídos escorregavam — o líquido vermelho tinha manchas azuis por causa das artes do mal.

Lisa Martin e seus amigos de túnica percorriam o perímetro do cemitério, uma fumaça negra ondulava das tochas que carregavam. A passos apressados, eles se moviam entre árvores e arbustos, ateando fogo neles. As chamas subiam, consumindo a folhagem e diminuindo o campo de batalha, formando uma barreira em volta dos anjos caídos. A fumaça, espessa e nebulosa, se estendia pelo cemitério como a sombra do anoitecer. Lisa não conseguiria matar os anjos caídos com o fogo, mas estava dando cobertura extra para os nefilins.

Um anjo caído emergiu da fumaça, subindo com dificuldade a colina, os olhos alertas. Imaginei que sentira minha presença. Sua espada irradiava fogo azul, mas a maneira como ele a empunhava escondia seu rosto. Ainda assim, eu podia ver claramente que era meio desengonçado, um alvo fácil.

Ele rastejou em direção à arvore, observando cuidadosamente os espaços escuros entre os galhos. Em cinco segundos, estaria bem embaixo de mim.

Quatro, três, dois...

Atirei-me da árvore. Acertei-o por trás e o peso do meu impacto lançou-o para a frente. A espada caiu de sua mão antes que eu pudesse roubá-la. Rolamos vários metros, mas eu tinha a vantagem da surpresa. Engatinhei e me levantei rapidamente, fiquei de pé junto a ele, atingindo-o várias vezes de forma violenta nas cicatrizes das asas antes que ele acertasse minhas pernas e me derrubasse. Rolei para longe, evitando o golpe de uma faca que ele tinha sacado da bota.

— Rixon? — falei, chocada, ao reconhecer o rosto pálido e as feições aquilinas do antigo melhor amigo de Patch, que me fuzilava com o olhar. Patch tinha pessoalmente acorrentado Rixon no inferno depois que ele tentara me sacrificar para conseguir um corpo humano.

— Você — disse ele.

Nós nos encaramos, joelhos flexionados, prontos para atacar.

— Onde está Patch? — ousei perguntar.

Seus olhos pequenos e brilhantes olharam nos meus, semicerrados e frios.

— Esse nome não me diz nada. O cara está morto para mim.

Como ele não me atacou, eu me arrisquei a fazer outras perguntas.

— Por que os anjos caídos estão deixando Dante liderá-los?

— Dante nos forçou a fazer um juramente de lealdade — disse Rixon, estreitando os olhos em fendas iguais. — Era isso ou ficar no inferno. Restaram poucos por lá.

Patch não ficaria para trás. Não se houvesse uma chance de voltar para mim. Ele faria o juramento para Dante, mesmo preferindo arrancar o pescoço do nefilim e depois repetir o procedimento em cada centímetro quadrado de seu corpo.

— Vou atrás de Dante — falei para Rixon.

Ele riu, sibilando por entre os dentes.

— Eu ganho um prêmio para cada corpo de nefilim que levar para Dante. Falhei em matá-la antes, mas agora farei isso direito.

Mergulhamos ao mesmo tempo na direção da espada, a vários metros de distância. Rixon a alcançou primeiro, rolando de joelhos com agilidade e desferindo um golpe transversal. Abaixei-me, atirando-me contra sua barriga antes que ele pudesse girar novamente a espada. Joguei-o de costas no chão, em cima das cicatrizes de suas asas. Aproveitei que ele ficou imóvel por um instante e o desarmei. Puxei a espada de sua mão esquerda e a faca da direita.

Depois chutei-o, virando-o de bruços, e enfiei a faca bem fundo nas cicatrizes.

— Você matou meu pai — falei para ele. — Eu não me esqueci disso.

Apressei-me em direção ao estacionamento no alto da colina, olhando para trás para ter certeza de que não estava sendo seguida. Eu tinha uma espada, mas precisava de outra, melhor. Relembrei o treinamento de Patch e repeti cada manobra para desarmar o oponente que havíamos praticado juntos. Quando Dante

fosse ao meu encontro no estacionamento, eu tomaria a espada dele. E o mataria com ela.

Contornei a colina e Dante estava me esperando. Ele me observava, deslizando o dedo indolentemente para frente e para trás na ponta da espada.

— Bela espada — falei. — Ouvi dizer que foi feita especialmente para mim.

O lábio inferior dele se curvou ligeiramente.

— Para você, só o que há de melhor.

— Você matou Blakely. Uma maneira bem fria de agradecer pelo que ele fez.

— E você matou Hank. Carne da sua carne, sangue do seu sangue. Quem tem telhado de vidro não deve tacar pedra no do vizinho, não é mesmo? — gracejou ele. — Passei meses me infiltrando na sociedade secreta de Hank e conquistando a confiança dele. Devo lhe dizer que fiz um brinde à minha boa sorte no dia em que ele morreu. Seria muito mais difícil destronar Hank do que você.

Dei de ombros.

— Já me acostumei a ser subestimada.

— Eu treinei você. Sei exatamente do que é capaz.

— Por que você libertou os anjos caídos? — perguntei diretamente, uma vez que ele parecia disposto a compartilhar segredos. — Você já tinha conseguido prendê-los no inferno. Podia ter desertado e governado os nefilins. Eles nunca iriam saber que você vive trocando de lado.

Dante sorriu, os dentes brancos e afiados. Parecia mais animal do que gente, uma fera trigueira e selvagem.

— Ascendi sobre as duas raças — disse ele em uma voz tão tranquila que era difícil achar que não acreditasse realmente naquilo. — Darei aos nefilins que sobreviverem ao ataque desta manhã uma escolha parecida com a que dei aos anjos caídos: jurar lealdade a mim ou morrer. Um soberano. Indivisível. Com poder e direito de decisão sobre todos. Queria ter pensando nisso primeiro?

Eu segurava a espada de Rixon bem junto ao corpo, jogando meu peso de um pé para o outro.

— Ah, tem várias coisas que eu queria agora, mas essa não é uma delas. Por que os anjos caídos não possuíram os nefilins neste Cheshvan? Acho que você sabe, e não encare isso como um elogio.

— Ordenei que não fizessem isso. Eu ainda não tinha matado Blakely, e não queria que ele passasse por cima das minhas ordens e distribuísse para os nefilins a superbebida feita com as artes do mal. Ele faria isso se os anjos caídos atacassem os nefilins. — De novo, Dante falava de maneira bem prática.

Tão superior! Ele não temia nada.

— Onde está Patch?

— No inferno. Cuidei para que o rosto dele não passasse pelos portões. Ele vai ficar lá. E só terá visita quando eu estiver com vontade de atacar e atormentar alguém brutalmente.

Lancei-me na direção dele, brandindo minha espada para acertar sua cabeça num golpe fatal. Ele se esquivou, contra-atacando com vários golpes violentos. A cada movimento defensivo, minha espada vibrava até os ombros. Cerrei os dentes para conter a dor. Ele era forte demais. Eu não podia me defender para sempre de um ataque tão potente. Tinha de encontrar um jeito de tomar sua espada e acertar seu coração.

— Quando foi a última vez que você ingeriu as artes do mal? — perguntou Dante, movendo a espada como um facão para me atacar.

— Já parei com isso.

Bloqueei os golpes dele, mas, se eu não parasse logo de ficar só me defendendo, ele acabaria me encurralando contra a cerca. Em uma atitude ousada, lancei-me para a frente no intuito de acertar sua coxa. Ele se desviou, minha espada acertou o vazio e eu quase perdi o equilíbrio.

Quanto mais você se curvar ou se esticar, mais fácil será para Dante acertar você. O alerta de Patch soou em minha cabeça tão claro como quando ele havia falado comigo, no dia anterior. Assenti para mim mesma. É isso, Patch. Continue falando.

— Dá para ver — disse Dante. — Esperava que você tivesse tomado o protótipo tóxico que eu lhe dei em quantidade suficiente para destruir seu cérebro.

Então esse era o plano: me fazer ficar viciada nas artes do mal e deixar que elas me matassem lentamente.

— Onde você está guardando o restante dos protótipos?

— Em um lugar onde posso usufruir de seu poder sempre que tenho vontade — devolveu ele de maneira convencida.

— Espero que tenha escondido bem, porque se existe uma coisa que eu vou fazer antes de morrer é destruir seu laboratório.

— O novo laboratório fica dentro de mim. Os protótipos estão lá, Nora, se replicando incessantemente. *Eu* sou as artes do mal. Você tem alguma ideia de como é se sentir o homem mais poderoso do planeta?

Abaixei-me bem a tempo de desviar de um golpe no pescoço. Apressei meus passos e, arremetendo a espada para a frente, mirei em seu estômago, mas ele se moveu para o lado de novo e a lâmina só fez um corte superficial acima de seu quadril. Um líquido azul escorreu da ferida, atravessando a camisa branca.

Com um gemido gutural, Dante veio para cima de mim. Corri e pulei o muro de pedra que cercava o estacionamento.

A grama estava coberta de orvalho, o que me fez perder o equilíbrio. Escorreguei e deslizei colina abaixo. Bem a tempo, me arrastei para trás de uma lápide. A espada de Dante acertou o gramado onde eu havia caído. Ele me caçava por entre as lápides, brandindo a espada sem parar, o aço retinindo contra o mármore e a pedra.

Corri para trás da primeira árvore que vi, colocando-a entre nós. Estava pegando fogo, estalando e crepitando enquanto as chamas a devoravam. Ignorei o calor que soprava em meu rosto e fingi ir para a esquerda, mas Dante não estava com humor para brincadeiras. Ele deu a volta na árvore, segurando a espada no alto da cabeça como se quisesse me cortar ao meio, de cima abaixo. Fugi de novo, ouvindo Patch em minha mente.

Use a altura dele a seu favor. Deixe as pernas dele expostas. Um golpe forte em qualquer joelho, e então roube a espada.

Abaixei-me atrás do mausoléu, bem colada à parede. Quando Dante entrou na minha linha de visão, saí do esconderijo, investindo a espada contra sua coxa. O sangue azul-claro esguichou da ferida. Ele tinha consumido tanto das artes do mal que elas literalmente corriam em suas veias.

Antes que eu pudesse puxar de volta a espada, Dante atacou. Consegui desviar do golpe, mas, ao fazer isso, tive de deixar minha espada enterrada em sua perna. O vazio em minhas mãos de repente me pareceu real demais, e engoli em pânico.

— Esqueceu alguma coisa? — zombou Dante, trincando os dentes, enquanto arrancava a lâmina da perna.

Ele atirou minha espada no telhado do mausoléu.

Saí correndo, sabendo que a perna iria atrasá-lo... até que cicatrizasse. Não tinha ido muito longe quando um calor agonizante rasgou meu ombro esquerdo e se espalhou pelo braço. Caí de joelhos, gritando. Olhei para trás e consegui ver a adaga branco-perolada de Pepper alojada profundamente em meu ombro. Marcie devia tê-la dado a ele na noite anterior. Dante veio mancando em minha direção.

O branco de seus olhos brilhava com o tom azulado das artes do mal. Suor azul brotava de sua testa. As artes do mal gotejavam de sua ferida. Os protótipos que roubara de Blakely estavam dentro dele. Dante tinha consumido tudo e, de alguma forma, transformara o próprio corpo em uma fábrica de artes do mal. Um plano brilhante, exceto por um pequeno detalhe. Se eu conseguisse matá-lo, cada protótipo que havia na Terra iria embora com ele.

Se eu conseguisse matá-lo.

— Seu amigo arcanjo gordo confessou que encantou essa adaga especificamente para me matar — disse ele. — Ele falhou, e Patch também. — Seus lábios se curvaram em um sorriso sórdido.

Arranquei da terra uma lápide de mármore e a atirei na direção de Dante, mas ele a rebateu para longe como se eu tivesse lançado uma bola de beisebol.

Recuei lentamente, contando com o braço bom. *Devagar demais.*

Tentei um apressado truque da mente. *Largue a espada e fique parado!*, gritei para o subconsciente de Dante.

Então uma dor se espalhou por minha maçã do rosto. A ponta áspera da espada dele tinha me atingido com tanta força que eu sentia o gosto do sangue.

— Como ousa tentar fazer um truque da mente em mim?

Antes que eu pudesse recuar, ele me levantou pela nuca e me atirou violentamente contra uma árvore. O impacto turvou minha visão e me deixou sem ar. Tentei me equilibrar de joelhos, mas o chão trepidou.

— Deixe ela em paz!

A voz de Scott. O que ele estava fazendo ali? Minha apreensão e espanto duraram apenas um instante. Vi a espada nas mãos dele, e a ansiedade tomou conta do meu corpo.

— Scott — gritei para alertá-lo. — Saia daqui *agora.*

Suas mãos firmes envolviam o punho da espada.

— Jurei para o seu pai que iria protegê-la — disse ele, atento, sem tirar os olhos de Dante.

Dante inclinou a cabeça para trás, rindo.

— Um juramento a um cadáver? Como isso funciona?

— Se tocar em Nora novamente, você é um homem morto. Posso lhe jurar isso.

— Afaste-se, Scott! — gritou Dante. — Isso não tem nada a ver com você.

— É aí que você se engana.

Scott disparou em direção a Dante, os dois lutando em um borrão de golpes rápidos. Scott relaxou os ombros, confiando em seu porte físico e no estilo atlético para compensar a experiência e as habilidades de Dante, potencializadas pelas artes do mal. Scott atacou, e Dante desviou com agilidade para o lado. Uma curva brutal da espada de Scott decepou o antebraço esquerdo de Dante. Scott cravou sua espada no membro e o ergueu.

— Em quantas partes forem necessárias!

Dante xingou, brandindo negligentemente a espada para cima de Scott com o braço que não estava ferido. A colisão das lâminas retiniu no ar da manhã e pareceu ensurdecedora. Dante forçou Scott a recuar até uma grande cruz de pedra e eu gritei meu alerta através dos pensamentos.

Uma lápide, atrás de você!

Scott desviou para o lado, evitando tranquilamente a queda, e ao mesmo tempo bloqueou um ataque. Os poros de Dante transpiravam suor azul, mas, se ele notava, não demonstrou. Sacudiu o cabelo úmido, tirando-o dos olhos, e continuou a desferir golpes, o braço bom ficando visivelmente cansado. Seus golpes aleatórios se tornaram desesperados. Vi minha chance de chegar por trás de Dante e encurralá-lo entre mim e Scott, então um de nós acabaria com ele.

Um grunhido de dor me fez congelar. Eu me virei bem quando Scott caía na grama molhada, apoiando-se em um joelho. Suas pernas se estenderam de uma forma estranha enquanto ele tentava recuperar a postura. Scott rolou e escapou de uma investida, mas não teve tempo de ficar de pé antes que Dante atacasse de novo, desta vez cravando a espada bem fundo em seu peito.

As mãos de Scott se curvaram sem força em volta da espada de Dante, cravada em seu coração, tentando em vão retirá-la. As artes do mal entraram em seu corpo através da espada, e sua pele escureceu em um tom assustador de azul. Ele chamou meu nome em um fio de voz em meus pensamentos. *Nora?*

Gritei. Paralisada pelo choque e pela dor, vi Dante finalizar seu ataque, girando a lâmina, que perfurava o coração de Scott.

Voltei toda a minha atenção para Dante, tremendo com um ódio que nunca sentira antes. Uma onda de violenta abominação se agitou dentro de mim. O veneno preenchia minhas veias. Minhas mãos se fecharam em punhos de pedra, e uma voz de fúria e vingança gritou em minha cabeça.

Impelida pela raiva contínua e profunda, busquei minha força interior. Não de maneira indiferente, apressada ou pouco confiante. Evoquei cada gota de coragem e determinação que possuía e lancei

toda aquela fúria para cima dele. Eu *não* ia deixar que ele vencesse. Não daquele jeito. Não usando as artes do mal. Não matando Scott.

Com toda a força da minha convicção mental, invadi a mente dele e fragmentei os impulsos que entravam e saíam de seu cérebro. Igualmente rápido, conectei uma ordem inflexível: *Largue a espada. Largue a espada, seu ser ardiloso e desprezível.*

Ouvi o tinir do aço no mármore.

Fuzilei Dante com o olhar. Ele encarava o espaço distante com uma expressão de torpor, como se estivesse procurando por algo perdido.

— Irônico, não é, que tenha sido você a descobrir meu ponto mais forte? — falei, a repulsa escorrendo de cada palavra.

Eu tinha jurado que nunca voltaria a usar as artes do mal, mas aquela era uma circunstância em que eu contrariaria as regras tranquilamente. Se eu matasse Dante, as artes do mal também desapareceriam.

A tentação de roubar as artes do mal para mim passou pela minha mente, mas consegui me livrar daquela ideia. Eu era mais forte do que Hank, mais forte do que Dante. Mais forte, até, do que as artes do mal. Eu as mandaria de volta para o inferno por Scott, que tinha dado sua vida para salvar a minha. Eu tinha acabado de pegar a espada de Dante quando a perna dele corcoveou, chutando-a para longe das minhas mãos.

Dante se catapultou para cima de mim, suas mãos apertando meu pescoço. Arranhei seus olhos, seu rosto.

Abri a boca. Estava sem ar.

Seu olhar frio brilhava de triunfo.

Minha mandíbula se abria e fechava em vão. O rosto implacável de Dante começou a se granular, como a imagem de uma TV antiga. Sobre seu ombro, um anjo de pedra me observava com interesse.

Quis rir. Quis chorar. Então era isso que significava morrer. Entregar-se.

Eu não queria me entregar.

Dante comprimia minha passagem de ar com o joelho, esticando-se para o lado para pegar a espada. Encostou a ponta sobre meu coração.

Possua-o. O anjo de pedra parecia ordenar tranquilamente. *Possua-o e o mate.*

Patch?, me perguntei de maneira quase sonhadora.

Agarrei-me à força que senti por acreditar que Patch estava por perto, me observando, e parei de resistir. Abaixei meus dedos que arranhavam Dante e relaxei as pernas. Sucumbi a ele, mesmo que isso parecesse uma coisa covarde, como se reconhecesse a derrota. E foquei meus pensamentos em gravitar em sua direção.

Uma estranha sensação de frio ondulou pelo meu corpo.

Pisquei, vendo o mundo através dos olhos de Dante. Olhei para baixo. A espada dele estava nas minhas mãos. Em algum lugar bem fundo dentro de mim, sabia que Dante estava rangendo os dentes, proferindo sons de gelar o sangue, uivando como um animal infeliz.

Virei a espada na minha direção. Apontei-a para o meu coração. E então fiz uma coisa surpreendente.

Caí sobre a lâmina.

CAPÍTULO 41

O corpo de Dante expeliu o meu tão depressa que eu parecia estar sendo atirada de um carro em movimento. Minhas mãos tentavam agarrar a grama, em busca de alguma coisa sólida em um mundo que girava, inclinando-se e revolvendo-se sobre si mesmo. À medida que a tontura passava, olhei em volta à procura de Dante. Senti seu cheiro antes de vê-lo.

Sua pele tinha escurecido para o tom de uma contusão, e o corpo começava a inchar, purgando os fluidos. Seu sangue misturado às artes do mal se infiltrava na terra como se estivesse vivo, tentando se esconder da luz do sol. A carne dele estava se decompondo, deteriorando-se em pó. Após apenas alguns segundos, tudo o que restava de Dante eram ossos completamente secos.

Ele estava morto. As artes do mal tinham desaparecido para sempre.

Consegui me levantar devagar. Minha calça jeans estava rasgada e manchada, e havia grama grudada nos joelhos. Passei a língua em meus lábios ressecados, sentindo gosto de sangue e o amargor do suor salgado. Caminhei até Scott, cada passo pesado, lágrimas quentes em meu rosto, minhas mãos pairando inutilmente sobre seu corpo, que se deteriorava rapidamente. Fechei os olhos, forçando-me a pensar em seu sorriso torto, não em seu olhar vazio. Em minha mente, revivi sua risada provocadora. Não os sons gorgolejantes, em busca de ar, emitidos pouco antes de morrer. Lembrei-me do calor de sua pele quando nos tocávamos casualmente ou quando ele me dava socos de brincadeira no braço, sabendo que seu corpo estava se decompondo mesmo enquanto eu me agarrava àquelas lembranças.

— Obrigada — falei com dificuldade, dizendo a mim mesma que em algum lugar ali perto ele ainda podia ouvir minha voz. — Você

salvou minha vida. Adeus, Scott. Nunca vou esquecê-lo, juro isso a você. *Nunca* — prometi.

A névoa que pairava sobre o cemitério ardia em tons de dourado e cinza, enquanto os raios de sol atravessavam-na. Ignorei o fogo que queimou meu ombro ao arrancar a adaga de Pepper e me afastei de um grupo de lápides cambaleando em direção a uma parte aberta do cemitério.

Estranhas massas informes cobriam o gramado e, ao me aproximar, vi o que realmente eram: corpos. Anjos caídos, pelo que pude perceber do que havia restado deles. Assim como Dante, a carne deles se decompunha em segundos. Fluido azul vertia de suas carcaças e era imediatamente sugado pela terra.

— Você conseguiu.

Eu me virei, instintivamente apertando a adaga com mais força. O detetive Basso enfiou as mãos nos bolsos, um sorriso cruel brincando em seus lábios. O cachorro de rua sarnento que tinha salvado minha vida alguns dias antes estava sentado fielmente ao lado dele. Os olhos amarelos e selvagens do cão me contemplavam. Basso se abaixou, acariciando o pelo sujo entre suas orelhas.

— Ele é um bom cão — disse Basso. — Quando eu for embora, vai precisar de um lar.

Dei um passo cauteloso para trás.

— O que está acontecendo aqui?

— Você conseguiu — repetiu ele. — As artes do mal foram erradicadas.

— Diga que estou sonhando.

— Sou um arcanjo.

Os cantos de sua boca se curvaram de maneira quase constrangida, mas não exatamente.

— Não sei o que dizer.

— Estou trabalhando disfarçado na Terra há alguns meses. Suspeitávamos de que Chances Langais e Hank Millar estivessem

evocando as artes do mal, e era meu trabalho ficar de olho em Hank, em seus negócios e sua família... incluindo você.

Basso. Um arcanjo. Trabalhando disfarçado. Balancei a cabeça.

— Ainda não entendi direito o que está acontecendo aqui.

— Você fez o que eu vinha tentando cumprir. Acabar com as artes do mal.

Digeri aquilo em silêncio. Depois do que eu vira nas últimas semanas, nada me surpreenderia facilmente. Mas aquilo com certeza tinha conseguido. Era bom saber que eu ainda não estava completamente insensível.

— Os anjos caídos se foram. Não vai durar para sempre, mas aproveite enquanto pode, o.k.? — resmungou ele. — Estou fechando esse caso e voltando para casa. Parabéns.

Meu cérebro mal o ouvia. Os anjos caídos, eles se foram. *Eles se foram.* Aquelas palavras pareciam abrir em mim um buraco sem fundo.

— Bom trabalho, Nora. Ah, e você vai gostar de saber que Pepper está sob nossa custódia e que estamos cuidando dele. Ele alega que foi você quem o fez roubar as penas, mas vou fingir que não o ouvi. Uma última coisa. Considere isso uma espécie de agradecimento: faça um corte bem no meio da marca em seu pulso — disse ele, gesticulando com a lateral da mão como se serrasse o próprio pulso.

— O quê?

Ele abriu um sorriso de sabedoria.

— Pelo menos uma vez, apenas confie em mim.

E desapareceu.

Recostei-me em uma árvore, tentando desacelerar o mundo o bastante para absorver tudo aquilo. Dante, morto. As artes do mal, destruídas. A guerra, inexistente. Meu juramento, cumprido. E Scott. Ah, Scott. Como eu contaria a Vee? Como poderia ajudá-la a superar a perda, a tristeza, o desespero? E depois, como a encorajaria a seguir em frente, quando nem eu mesma planejava fazer isso? Tentar substituir Patch — até mesmo tentar encontrar a felicidade, ainda que pequena, com qualquer outra pessoa — seria

uma mentira. Agora eu era uma nefilim, abençoada com a vida eterna e condenada a passá-la sem Patch.

Ouvi passos farfalhando à frente, cortando caminho pela grama, um som familiar. Eu me firmei, pronta para atacar, quando uma silhueta escura emergiu da neblina. Os olhos da figura varriam o chão, claramente à procura de alguma coisa. Ele se agachava perto de cada corpo, examinando-o com fervor apressado, depois o jogava de lado, xingando impaciente.

— Patch?

Arqueado sobre um corpo em decomposição, ele congelou. Ergueu a cabeça de repente, estreitando os olhos, como se não acreditasse no que tinha ouvido. Seu olhar encontrou o meu, e alguma coisa indecifrável surgiu em seus olhos negros. Alívio? Conforto? Entrega.

Corri freneticamente os vários metros que nos separavam e me atirei em seus braços, enfiando os dedos por dentro da camisa dele e enterrando meu rosto em seu pescoço.

— Que isso seja real. Que seja você. Não me abandone. Nunca mais me abandone. — Comecei a chorar incontrolavelmente. — Lutei contra Dante. Eu o matei. Mas não consegui salvar Scott. Ele está morto. As artes do mal desapareceram, mas falhei com Scott.

Patch murmurou sons suaves em meu ouvido, mas suas mãos tremiam em meu corpo. Sem me soltar, ele me conduziu até um banco de pedra para nos sentarmos, segurando-me como se tivesse medo de que eu fosse escorrer como areia por entre seus dedos. Seus olhos, vermelhos e cansados, mostravam que ele estava chorando.

Continue falando, disse a mim mesma. *Não deixe o sonho acabar. Tudo para manter Patch aqui.*

— Eu vi Rixon.

— Ele está morto — disse Patch sem rodeios. — E todos os outros. Dante nos libertou do inferno, mas antes nos fez jurar lealdade e nos injetou um protótipo das artes do mal. Era a única forma de sair. Deixamos o inferno com isso nadando em nossas

veias, em nossa força vital. Quando você destruiu as artes do mal, cada anjo caído que era mantido com elas morreu.

Não pode ser um sonho. Deve ser e, ao mesmo tempo, parece tão real. Seu toque, tão familiar, fazia meu coração disparar e meu sangue derreter — eu não podia fabricar uma reação tão forte em um sonho.

— Como você sobreviveu?

— Não fiz um juramento a Dante e não o deixei injetar as artes do mal em mim. Possuí Rixon apenas pelo tempo suficiente para escapar do inferno. Não confiava em Dante ou nas artes do mal. Confiava em *você* para acabar com os dois.

— Ah, Patch — falei com a voz tremendo. — Você foi embora. Vi sua moto. Você não voltou. Pensei... — Meu coração contorceu-se, e uma dor profunda se expandiu e tomou meu peito. — Não salvei sua pena... — A perda e a devastação tomaram conta de meu corpo por dentro como o frio rigoroso do inverno, implacável e entorpecedor. Aconcheguei-me mais ainda em Patch, com medo de que ele pudesse sumir de repente. Subi no colo dele, soluçando em seu peito.

Patch me aninhou nos braços, embalando-me. *Anjo*, murmurou ele em minha mente. *Estou bem aqui. Estamos juntos. Acabou, e temos um ao outro.*

Um ao outro. Juntos. Ele tinha voltado para mim. Tudo o que importava estava bem ali. Patch estava bem ali.

Sequei os olhos com as mangas da camisa e envolvi seu quadril com as pernas. Passei os dedos por seu cabelo, prendendo seus cachos e puxando Patch para perto.

— Eu quero estar com você — falei. — Preciso de você junto de mim, Patch. Preciso de você por inteiro.

Eu o beijei, atrevida e intensamente, minha boca comprimindo a dele. Apertei com mais força, afogando-me em seu sabor. Suas mãos firmes em minhas costas me puxavam para mais perto. Passei as mãos contornando-lhe ombros, braços, coxas, sentindo seus músculos tensionarem, tão reais e fortes e vivos. Sua boca pressionava a minha com força e necessidade.

— Quero acordar com você todas as manhãs e adormecer a seu lado todas as noites — disse-me Patch em tom sério. — Quero protegê-la, amá-la e cuidar de você de um jeito que nenhum outro homem jamais poderia. Quero mimá-la... cada beijo, cada toque, cada pensamento meu, tudo isso lhe pertence. Vou fazê-la feliz. Todos os dias. — O anel muito antigo que ele segurava entre os dedos captou a luz do sol, refletindo um brilho prateado. — Encontrei este anel pouco depois de ser banido do paraíso. Eu o guardei para me lembrar de que minha sentença era infinita, de que uma pequena escolha pode ser eterna. Guardei-o por muito tempo. E agora quero que fique com ele. Você pôs fim ao meu sofrimento. E me deu uma nova eternidade. Seja minha, Nora. Seja meu tudo.

Mordi o lábio para conter um sorriso que ameaçava se abrir em meu rosto. Olhei para o chão, para ter certeza de que não estava flutuando.

— Patch?

Ele raspou uma beirada áspera do anel na palma da mão, e um fino rastro de sangue surgiu.

— Juro, Nora Grey, neste dia, e de agora em diante, me doar a você. Eu sou seu. Meu amor, meu corpo, minha alma... eu os entrego a você e os dedico à sua proteção. — Ele estendeu o anel, uma oferta única, uma promessa irrevogável.

— Patch — sussurrei.

— Se eu falhar, meu próprio sofrimento e pesar serão meu castigo eterno. — Seus olhos se prenderam aos meus, com franca sinceridade. *Mas não vou falhar, Anjo. Não vou decepcioná-la.*

Aceitei o anel, pronta para talhar a palma de minha mão tal como Patch fizera. E então me lembrei do conselho enigmático de Basso. Deslizei o anel e fiz um corte na marca de nascença em forma de lápis na parte interna de meu pulso — uma marca de minha herança nefilim. O sangue vermelho-vivo manchou minha pele. Encostei firmemente a incisão em meu pulso contra a mão de Patch, sentindo um formigamento quente na região em que nosso sangue se misturou.

— Juro a você, Patch, aceitar seu amor e cuidar dele. E, em troca, dar-lhe meu corpo e meu coração... tudo o que possuo, entrego a você. Eu sou sua. Completa e totalmente. Me ame. Me proteja. Me complete. E prometo fazer o mesmo.

Ele colocou o anel em meu dedo.

Patch, então, fez um movimento inesperado, como se seu corpo tivesse recebido uma carga de alta tensão.

— Minha mão — disse ele, em voz baixa. — Minha mão está... — Ele fitou meus olhos, a confusão ficando cada vez mais evidente em seu rosto. — Está formigando na região em que nosso sangue se misturou.

— Você está sentindo — falei, espantada demais para acreditar que podia ser verdade. Com medo de elevar minhas expectativas. Apavorada com a ideia de que aquilo fosse acabar, e o corpo dele de novo deixasse de sentir o meu.

Não. Aquele era o presente que Basso havia me dado.

Patch, um anjo caído, podia ter sensações. Sentir todos os meus beijos, cada toque. Meu calor, a intensidade de minhas reações ao corpo dele.

Ele fez um som que era uma mistura de risada e gemido. Seus olhos se iluminaram com admiração.

— Eu posso sentir você.

Suas mãos percorreram meus braços, explorando apressadamente minha pele, segurando meu rosto. Ele me beijou com força e estremeceu de prazer. Então me pegou nos braços, e eu gritei de alegria.

— Vamos dar o fora daqui — murmurou ele, os olhos ardendo de desejo.

Passei os braços em volta de seu pescoço e aninhei minha cabeça em seu ombro. O corpo dele era uma certeza sólida, um contraponto quente. E agora ele podia me sentir também. O calor da expectativa abrasou minha pele.

Então era isso. Juntos. Para sempre. Ao deixarmos tudo para trás, o sol aquecia minhas costas, iluminando o caminho à nossa frente.

Não havia presságio melhor do que aquele.

E P Í L O G O



TRÊS ANOS DEPOIS
HODDER VALLEY, LANCASHIRE, INGLATERRA

— O.k., você venceu — murmurei, levantando-me da cadeira e observando Vee com admiração enquanto ela entrava na sacristia da igreja segurando a barra do vestido comprido de seda prateado. A luz que atravessava o vitral fazia o tecido irradiar um intenso brilho metálico. — Sei que lhe disse para usar o branco tradicional, mas eu estava errada. Vee, você está estonteante.

Ela girou, exibindo os coturnos que eu não via desde o colégio.

— Uma coisa antiga — disse Vee.

Mordi o lábio.

— Acho que vou chorar.

— Você vai pegar meu buquê, certo? E depois me devolver quando ninguém estiver vendo, para que eu possa mandar secá-lo e emoldurá-lo, e então você poderá debochar de mim o resto da vida por ser tão boba?

— Sou nefilim. Vou pegar essas flores antes que o cérebro de suas outras amigas tenha registrado que você jogou o buquê.

Vee suspirou de alegria.

— *Baby*, estou tão feliz que você tenha vindo.

— Ia ser preciso bem mais do que cinco mil quilômetros de distância para me impedir de assistir ao casamento da minha melhor amiga. — Abri um sorriso de insinuação. — Onde vai passar a lua de mel?

— Gavin não quer dizer. É seu grande segredo. Ele planejou tudo. Eu avisei que só tinha uma exigência: um hotel com donuts no menu do serviço de quarto. Viajaremos dez dias. Depois da volta, vamos começar a procurar emprego.

— Você algum dia já pensou em voltar?

— Para Coldwater? Mas que diabos, não. Gosto da Inglaterra. Esses britânicos adoram meu sotaque. A primeira vez que Gavin me chamou para sair foi só para me ouvir falar. Para a sorte dele, é uma das minhas melhores habilidades. — Toda a brincadeira deixou seus olhos. — Coldwater me traz muitas lembranças. Não posso dirigir sem achar que vi Scott na multidão. Você acredita em vida após a morte? Acha que ele está feliz?

Senti um nó na garganta, e não consegui falar nada. Não havia nem um dia desde a morte de Scott em que eu não ficasse em silêncio por alguns instantes para agradecer por seu sacrifício.

— Ele devia estar aqui. Eu queria muito que ele estivesse aqui — disse Vee, abaixando a cabeça e roendo as unhas recém-pintadas.

— Eu também. — Apertei as mãos dela.

— Sua mãe me contou que Marcie morreu há alguns meses.

— Ela viveu mais do que todos esperavam.

— Uma maçã podre até o fim?

— Minha mãe foi ao funeral dela. Cinco pessoas no total, incluindo a própria mãe.

Vee deu de ombros, insensível.

— É o carma, pura e simplesmente.

A porta de carvalho em arco do outro lado da sala se abriu, e minha mãe colocou a cabeça para dentro. Ela havia viajado para lá uma semana antes, a fim de ajudar a mãe de Vee a organizar o casamento, e acho que, secretamente, estava adorando o trabalho. Finalmente aceitara que Patch e eu — uma relação com a qual ela aos poucos foi se animando — tínhamos feito nossos votos sob o céu, selados com sangue, e nunca daríamos uma grande festa de casamento, e que aquela era sua única chance. A grande ironia daquilo tudo era: quem imaginaria que Vee seguiria um caminho mais tradicional do que eu?

Minha mãe sorriu para nós.

— Sequem esses olhos, minhas queridas, está quase na hora.

Mexi no coque de Vee, soltando mais alguns fios para emoldurar seu rosto, e prendi alguns jasmins perfumados na grinalda. Quando terminei, Vee atirou os braços em volta de mim, balançando-me para a frente e para trás em um abraço animado, e então nós duas ouvimos uma costura se abrir.

— MALDIÇÃO — disse Vee, contorcendo-se para examinar o vestido descosturado. — Encomendei um tamanho menor, planejando perder quatro quilos até o casamento. Eu não diria que estou gorda, mas acho que podia perder um pouco desse volume nefilim. O problema é que nunca faltavam bolinhos no meu armário.

Não consegui evitar ter um ataque de riso.

— Entendo. Vou ter que entrar com minha calcinha aparecendo na frente de todas essas pessoas, e você nem liga — disse Vee, ao mesmo tempo rindo. Ela pegou um Band-aid na bolsa e o colou no tecido rasgado.

Rimos tanto que ficamos sem ar e com o rosto vermelho.

A porta se abriu uma segunda vez.

— Aos seus lugares! Depressa! — disse minha mãe, espantando-me dali. Uma música de órgão entrou pela capela. Fui depressa para o final da fila das damas de honra, todas usando vestidos sereia de tafetá amarelo idênticos, e peguei meu buquê de lírios brancos com o irmão de Vee, Mike. Vee foi para seu lugar ao meu lado e respirou fundo.

— Pronta? — perguntei.

Ela piscou.

— E animada.

Duas pessoas paradas de cada lado da entrada abriram a imensa porta dupla entalhada. De braços dados, Vee e eu entramos na capela.

***

Depois do casamento, tiramos fotos na área externa. Um sol vespertino brilhante derramava luz na grama verde, e ovelhas pitorescas pastavam ao longe. Em meio a isso tudo, Vee brilhava, parecendo mais serena e radiante do que eu jamais a vira. Gavin segurou sua mão, fez carinho no rosto, sussurrou no ouvido. Vee não tinha me contado que ele era humano, mas soube de cara. Como Vee não tinha jurado lealdade, eles envelheceriam juntos. Não sabia como seria o envelhecimento dela, ou o meu, aliás, uma vez que até então ninguém nunca ouvira falar de um nefilim que tivesse vivido sem ser obrigado a jurar lealdade. Em todo caso, ela era imortal. Algum dia Gavin morreria, sem nunca saber que sua esposa não o seguiria na outra vida. Não me ressentia das omissões de Vee. Eu a admirava por conseguir conquistar suas lembranças felizes, ponto. Eu não conhecia Gavin até aquele dia, mas sua adoração e amor por ela eram óbvios, e sério, o que mais eu podia querer?

A recepção também foi ao ar livre, sob uma grande tenda branca. Com os flashes da câmera ainda piscando em meus olhos, segui até o bar e pedi uma água com gás. Casais dançavam ao som da orquestra ao vivo, mas eu mal os notei. Meu foco se voltou somente para Patch.

Ele tinha se arrumado todo para o casamento, com um smoking preto feito sob medida e seu melhor sorriso cafajeste. O smoking emoldurava seu corpo atlético, e o sorriso fazia meu coração disparar. Ele também me viu, seus olhos negros se iluminando de carinho e desejo. Senti o calor da expectativa arder dentro de mim. Tinha ficado longe dele a maior parte do dia, e agora eu o queria. Muito.

Patch se aproximou, bebendo de uma taça de vinho. O paletó do smoking estava pendurado em seu ombro, o cabelo enrolando, bagunçado pela umidade.

— Tem uma pousada um pouco mais adiante na estrada. E um celeiro atrás daquelas árvores ali, se quiser aprontar — disse ele, sabendo bem no que eu estava pensando.

— Você disse “aprontar”?

Patch colocou as mãos em meu quadril, puxando-me para perto.

— Disse. Precisa de uma demonstração? — Ele me beijou uma vez. Depois outra, demorando-se com a língua de maneira criativa. — Amo você.

— Nunca vou me cansar de ouvir isso.

Ele afastou alguns cachos do meu rosto.

— Nunca imaginei minha vida tão completa. Nunca pensei que eu teria tudo que quero. Você é tudo para mim, Anjo.

As palavras dele fizeram meu coração transbordar. Eu o amava de um jeito que nunca seria capaz de exprimir com palavras. Ele era parte de mim. E eu era parte dele. Ligados um ao outro por toda a eternidade. Inclinei-me e o beijei.

— Acho que vou pensar em sua oferta. Uma pousada no campo, você disse?

O Cadillac está estacionado lá na frente, e eu também tenho uma moto parada lá atrás, disse Patch em meus pensamentos. *Despedida tradicional ou fuga?*

Pessoalmente, eu já tinha tido tradição mais do que suficiente por um dia. *Fuga.*

Patch me pegou nos braços, e eu soltei um grito de alegria enquanto ele me carregava até os fundos da igreja. Subimos na moto e saímos a toda velocidade pela estrada, disparando pelas colinas verdes em direção à pousada.

Dentro de nosso quarto particular e aconchegante, puxei a gravata dele, desfazendo o nó.

— Você veste essas roupas para impressionar — falei, em tom de aprovação.

— Não, Anjo. — Ele se inclinou e mordeu de leve minha orelha. — Eu *tiro* a roupa para impressionar.

AGRADECIMENTOS



Agradeço de todo coração às pessoas que tornaram possível a série Hush, Hush. Em primeiro lugar, obrigada à minha família pelo apoio incansável. Todos os dias me impressiono por viver cercada de pessoas que me amam tão incondicionalmente.

Muito obrigada à minha agente, Catherine Drayton, pelo voto de confiança.

Considero-me sortuda por trabalhar com alguns dos melhores do ramo: Courtney Bongiolotti, Julia Maguire, Zareen Jaffery, Justin Chanda, Anne Zafian, Jenica Nasworthy, Lucille Rettino, Elke Villa, Chrissy Noh, Jon Anderson e Valerie Shea.

Meus agradecimentos a Anna McKean e Paul Crichton por muitas e muitas horas de trabalho nos bastidores — e por cuidar tão bem de mim enquanto estou na estrada.

Sou muito grata pelas amizades que fiz durante esta jornada, em particular com Jenn Martin e Rebecca Sutton, as brilhantes irmãs por trás do FallenArchangel.com. Keep calm e chame Patch!

Lyndsey Blessing, Charlie Olsen e o restante da equipe da InkWell Management — obrigada por cuidarem de mim.

Adoro as capas dos meus livros, e aplaudo James Porto e Lucy Ruth Cummins pela arte e criatividade.

Obrigada a Lisa Martin, fã extraordinária, que fez seu lance em benefício da Kids Need to Read e batizou uma personagem — apreciamos sua generosidade, e agora você está imortalizada neste livro!

Aos muitos livreiros e bibliotecários que trabalham nas linhas de frente: se você já compartilhou *Hush, Hush* com um leitor, meus

cumprimentos. Considere este agradecimento só para você.

Desde que *Sussurro* foi publicado, eu tive a oportunidade de viajar para o exterior e conhecer leitores ao redor do mundo. Nada disso teria sido possível sem meus editores internacionais. Meus agradecimentos especiais aos amigos da Simon & Schuster UK, Simon & Schuster Austrália, Simon & Schuster Canadá, Piemme Freeway e Lattès.

Por fim, um recado para meus leitores. Esses três anos foram incríveis! Obrigada por serem um público tão divertido para quem escrever. Obrigada pelas cartas de apoio, por comparecerem aos eventos e por se apaixonarem por Patch, Nora, Vee e Scott. Não vejo a hora de escrever para vocês novamente no futuro.

Sobre a autora



Becca Fitzpatrick cresceu lendo romances de espionagem à luz de uma lanterna, embaixo dos cobertores. Em certo momento, começou a sonhar em ser uma espiã sexy e perigosa. Com formação na área da saúde, logo abandonou tudo para se dedicar a escrever – atividade que pode ser tão sexy e perigosa quanto sua imaginação permitir. Se ela não estiver entre livros, provavelmente estará praticando corrida, garimpando sapatos nas prateleiras de liquidação ou assistindo a séries de investigação na tevê. Becca mora no Colorado, Estados Unidos. Seus três primeiros romances, *Sussurro, Crescendo* e *Silêncio*, figuraram na lista de mais vendidos do The New York Times e nas principais listas brasileiras.